OBRAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE DOS POETAS HEROYCOS,
& Lyricos de Hespanha,

NOVAMENTE DADAS A LUZ COM OS SEUS LUSIADAS
COMMENTADOS PELO LECENCIADO

MANOEL CORREA EXAMINADOR SINODAL
do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastiaõ da Mouraria,
& natural da Cidade de Elvas,

COM OS ARGUMENTOS DO LECENCIADO

JOAM FRANCO BARRETO,

E agora nesta ultima Impressaõ correcta, & accrescentada com a sua Vida escrita

Por MANOEL DE FARIA SEVERIM,

OFFERECIDO AO SENHOR

ANTONIO DE BASTO PEREYRA,

DO CONCELHO DE EL-REY NOSSO SENHOR, E DO DE SUA Real Fazenda, seu Secretario, & Juiz da Inconfidencia, & das Justificações, & Secretario da Augustissima Raynha Nossa Senhora, Vedor de sua Fazenda, & Estado, Chanceler mòr de sua Caza, & da da Supplicaçaõ, Prezidente do Concelho da dita Senhora, & dignissimo Regedor das Justiças, &c.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de JOSEPH LOPES FERREYRA, Impressor da Sereníssima Raynha Nossa Senhora, & à sua custa.

M.DCC.XX.

Com todas as licenças necessarias.

AO SENHOR
ANTONIO DE BASTO PEREYRA,

Do Concelho de El-Rey Nosso Senhor, & do de sua Real Fazẽda, seu Secretario, & Juiz da Inconfidencia, & das Justificações, & Secretario da Augustissima Raynha Nossa Senhora, Vedor de sua Fazenda, & Estado, Chanceler mòr de sua Caza, & do da Supplicação, Prezidẽte do Cõcelho da dita Senhora, & dignissimo Regedor das Justiças, &c.

BUSCA esta nova Estampa das Lusiadas, que escreveo o Virgilio Portuguez, o Grãde Luis de Camões Principe dos Poetas de Hespanha, (já sem a notta do Escuro pois vão cõmentados por seu amigo, & com temporaneo o Lecenciado Manoel Correa) o amparo de V. Senhoria não como azilo de defeza, mas como Oraculo vivo da Justiça; porque se esta faltou antigamente em remunerar aquelle grande espirito, que unindo hum, & outro ministerio de Palas foy terror em Africa, assombro em Europa, & admiração na Asia; protegidas agora suas obras por hum Illustrissimo Mecenas Regedor das Justiças, conhecerá o mundo satisfeyta a queyxa de quando consagrados pelo seu Autor ao Serenissimo Rey D. Sebastião forão menos estimados pelos que assistião àquelle Principe, vendo jà na protecçaõ de V. Senhoria emendada a injuria tão indisculpavel (qual a de Ajax morto na restituição das armas de Achilles) pelo primeyro

Moreri in Dictionar.

Miniſtro, que rege as Juſtiças, & que ao lado do mais perfeyto, & Soberano Monarcha eſtima os bons Engenhos, & favorece as boas Letras, porque em a Eſcola de Minerva com tantos eſtudos as adquirio V. Senhoria, & com tanta comprehenção as profeſſou, que admirão em V. Senhoria todos o q̃ de Hercules fabulou a antiga Grecia acõpanhando a melodia das Muzas com a valentia da Maſſa; pois qual outro Hercules na fortaleza da Juſtiça, deſpedaça V. Senhoria com o baſtaõ os delictos quando mais ferozes, que o Dragaõ de Lerna, infeſtaõ a armonia da Republica, vinculando o temor com a docelidade, & o reſpeyto com o amor, virtudes taõ admiraveis em V. Senhoria como proprias de ſeo emprego, & do ſeo naſcimento; pois naõ ſó he V. Senhoria vigilantiſſimo Secretario de ambas as Auguſtiſſimas Mageſtades, & Miniſtro de Graduaçaõ taõ altiſſima, que como Athalante ſuſtenta na Juſtiça, & Concelho todo o Luzitano globo, mas tambẽ he V. Senhoria eſclarecido tronco das Illuſtriſſimas Familias dos Baſtos, Pereyras, Preſtellos, Rãgeis, & Melios, *enlaçadas todas na antiga, & elevada Arvore da aſcendẽcia de V. Senhoria, qualidades q̃ vencendo os mayores Elogios ao meſmo tempo, que tornaõ problematico o que eſcreveo S. Joaõ Chriſologo.* Major eſt innata gloria quam quæſita, *fazem certo o que por V. Senhoria diſſe Caſſiodoro* Cum multa trahas ab antiquis, meruiſti placere de propriis. *Mereça pois a aceytaçaõ de V. Senhoria huma obra, que por tantos titulos lhe he devida, como tambem a larga vontade com que ſou obrigado a dezejar continue o Ceo a V. Senhoria vida, & Succeſſaõ taõ dilatada como ſeus mais afectuozos criados deprecamos*

Chriſolog. Serm 89.

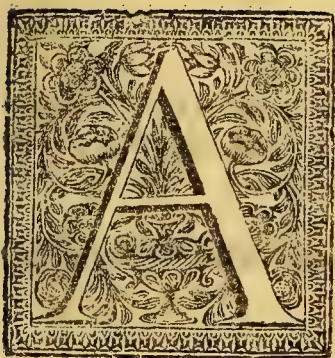
Caſſiod. lb. 3. Epiſt. 5.

DE VOSSA SENHORIA

O mais obzequiozo, & obrigado

MANOEL LOPES FERREYRA.

PRO-

PROLOGO
AO LEYTOR.

AMIGO ou inimigo Leytor quem quer que fores, que para esta Obra te escuzo inclinado saberàs, que vendo o muyto cuydado com que todos procuravaõ as Obras do nosso Grande Portuguez Luis de Camões, & a falta que havia dellas; determiney (por fazer serviço à Patria, & aos amigos, que com grande ancia me pediaõ publicasse novamente as suas Obras) de as mandar ajuntar todas quantas o nosso Insigne Poeta compoz, & dalas à estampa: pondo-as na fórma que veràs, & os Luziadas Commentados pelo Lecenciado Manoel Correa o mais fiel, & verdadeyro Commentador dellas, pois era muyto amigo, & comtemporaneo deste nosso Principe da Poezia, & com quem continuamente conversava, & me certificàraõ, que por ser taõ verdadeyro fora muyto estimado o dito Commento.

Tambem entre tantos Escriptores, que o fizeraõ da Vida do nosso Poeta, se estimou por unica naõ só no estillo douta, mas verdadeyra na Historia a que compoz Manoel de Faria Severim, & esta achey ser de mais agrado para os curiozos, como o de fazer aos mesmos, o gosto de que estas Obras se imprimissem de folio naõ reparando no custo da Imprensa, só para que elles como me diziaõ acreditarem as suas Livrarias pondo nellas este taõ superior Volume, o qual leva no principio deste Livro o seu Retrato verdadeyro, feyto ao natural, & de corpo inteyro atè agora não visto em Livro algum: & assim te offereço esta Obra, não temendo, como disse às tuas Censuras se fores inimigo, porque a tua mordacidade não pòde entrar, nem subsistir à vista de tantos Varões Sabios, que o aplaudem naõ só Naturaes, mas Estrangeyros; pois para estes terem tambem a gloria de as lograrem as verterão nos seus proprios Idiomas, em que mostraõ o grande apreço, que fazem de taes Obras, & o quanto as acreditão, & assim ficaràs com a tua malevolencia reprehendido, com a nota de ingrato pelo que desprezas, & com a de ignorante pelo que calumnias; & se fores amigo, jà sey que es douto, & que me hades rogar muytos bens por te fazer patente o que hà tanto apetecias, & hà tanto dezejavas.

Vale.

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se tornar a imprimir os Lusiadas de Camões de que trata esta petiçaõ, & impressas tornaràõ (pelo Mestre Frey Pedro Monteyro Qualificador, conferidas) para se lhe dar licenca, que corrão, & sem ella nao correràõ. Lisboa 21. de Mayo de 1715.

Hasse. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Barreto. Fr. Lencastre.

DO ORDINARIO.

COnfirmamos a licença concedida para a impressaõ do Livro de que se tratta, & tornarà, para se dar licença que corra sem a qual nao correrà. Lisboa Occidental 30. de Julho de 1720.

D. J. A. L.

DO PAC,O.

QUe se possa tornar a imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornem à Menza para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrà. Lisboa 21. de Agosto de 1715.

Costa. Andrade. Botelho. Galvaõ. Noronha.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia conferi as Lusiadas de Camões cõmentadas pelo Licenciado Manoel Corea, & as mais Obras de Camões unidas neste Tomo, & estaõ confórmes com o seu original. S. Domingos de Lisboa Occidental 19. de Agosto de 1720.

Fr. Pedro Monteyro.

VIsto estar confórme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 27. de Agosto de 1720.

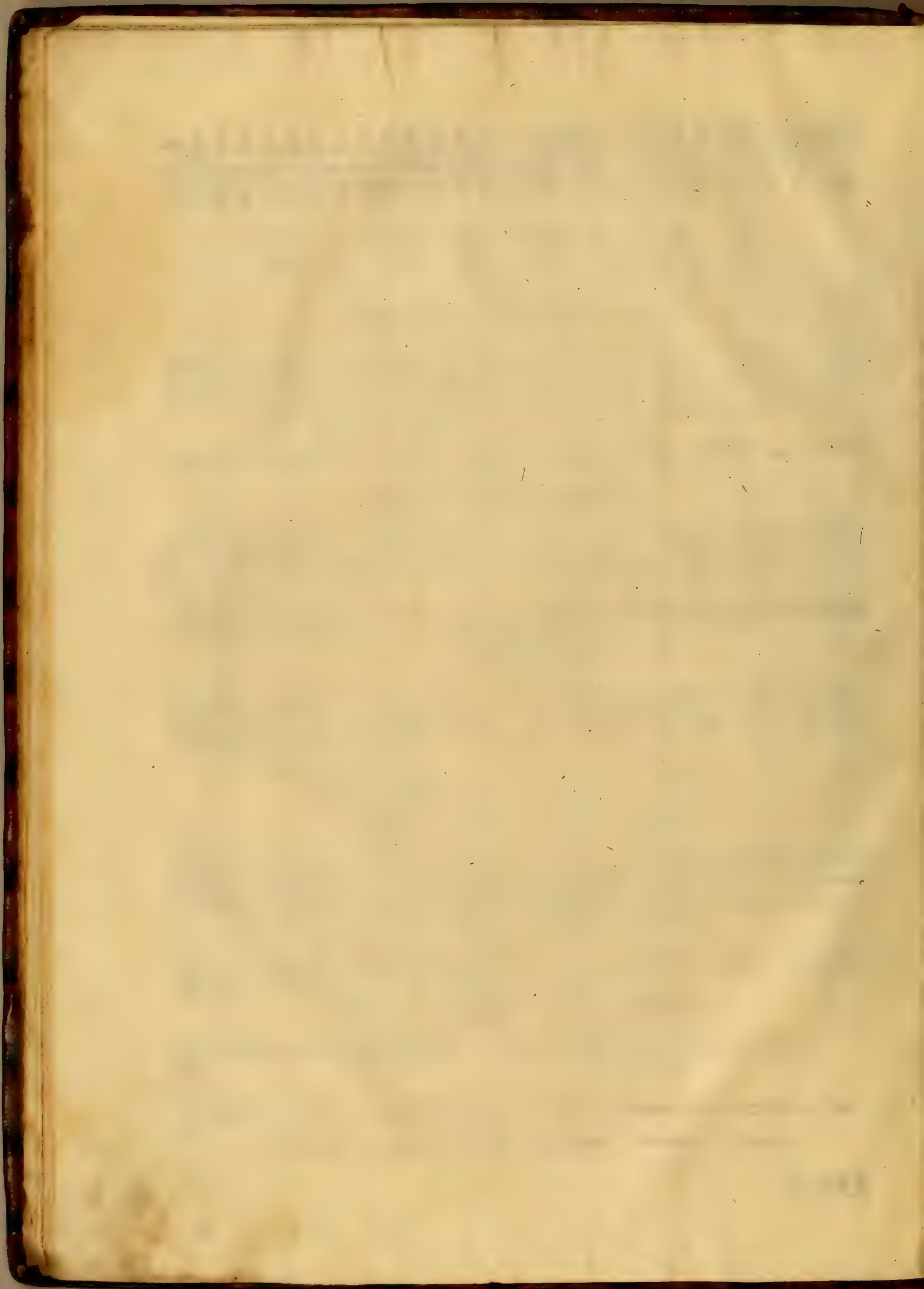
Rocha. Fr. Lencastre. Cunha. Teyxeyra.

VIsto estar confórme, pòde correr. Lisboa Occidental 29. de Agosto de 1720.

D. J. A. L.

TAxaõ este Livro em dezoyto tostoens. Lisboa Occidental 29. de Agosto de 1720.

Botelho. Pereyra. Galvaõ. Oliveyra. Noronha. Teyxeyra.

VIDA

VIDA
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES
PRINCIPE DOS POETAS DE HESPANHA.

IULGAVA Plinio por a mayor felicidade da vida fazer hum homem taes Obras, que todos dezejaſſem ſaber qual foſſe o Autor dellas: *Ut equidem arbitror* (diz elle) *nullum eſt felicitatis ſpecimen, quam ſemper omnes ſcire cupere qualis fuerit aliquis.* Naſce eſte dezejo da condiçaõ do entendimento humano, o qual como ſeu fim ſeja o conhecimento da verdade, não ſe ſatisfaz, como diz o Filoſofo, atè naõ alcançar a cauza verdadeyra das couzas. Daqui tiverão ſeu fundamento todas as diſputas, & queſtões das Sciencias, querendo moſtrar cada qual, que a ſua noticia eſtà mais ajuſtada com a razaõ natural de cada couza. Daqui naſceo eſcreverem-ſe ſobre huma materia tantos livros. Daqui tambem comporem-ſe tantas hiſtorias da vida de hum meſmo Principe, ou Varaõ illuſtre, nas quaes o que ultimamente a refere, procura apurar a verdade com mais particulares circunſtancias, contando não ſómente os cazos, & ſucceſſos das couzas, mas os concelhos, & razões com que foraõ feytas. Pelo que por ſatisfazer a eſte taõ divido dezejo, nos pareceo, deviamos tambem eſcrever a Vida do noſſo Poeta Luis de Camões Principe dos Heroicos de Heſpanha, por quanto o que delle anda impreſſo he taõ pouco, & diminuto, que não ſatisfaz em muyta parte com o que todos pretendem ſaber de ſemelhantes Varões; como he a qualidade, vida, coſtumes, engenho, feyções, & outras particularidades ſem as quaes fica muyto imperfeyta a noticia que ſe requere na hiſtoria de hum homem inſigne. De todas eſtas couzas vay acreſcentada eſta Relação quanto foy poſſivel à boa diligencia que ſobre iſſo ſe fez, aproveytando-nos principalmente do que o meſmo Luis de Camões de ſi refere em ſeus verſos, onde ordinariamente os Poetas deyxão eſcritas ſuas vidas; porque he natural aos homens deleytarſe de contar os trabalhos, que padecerão, depois de eſcaparem delles. E como Luis de Camões paſſou a mayor parte da vida em peregrinações, & ſucceſſos varios, não he muyto que os deyxaſſe pôſtos em memoria; & porque a pobreza com que viveo tinha eſcurecido em parte a clareza de ſeus antepaſſados começaremos eſta Relação de ſua Vida, dando-a hum pouco mais larga de ſua familia, paraque ſobre

Plin. liv. 35. cap. 2.

bre eſte illuſtre fundamento fique mais eſtimado ſeu engenho.

Familia dos Camões.

A familia dos Camões, he natural do Reyno de Galiza; ſeu appellido dizem alguns, que he alcunha tomada do paſſaro Camão, a quem os antigos chamàrão *Porphyrio*, celebrado de muytos Autores pela admiravel propriedade de morrer vendo commetter adulterio contra o ſenhor da caſa. Alciato o traz no Emblema 47. por ſimbolo da vergonha, & honeſtidade, com eſtes verſos.

Prophyrio, Domini ſi inceſtit in ædibus uxor,
Deſpondetque animum, præque dolore perit.
Abdita in arcanis naturæ eſt cauſa: ſit index
Sincera hæc volucris certa pudicitiæ.

O meſmo refere Camões n'huma carta em verſo, que anda nas ſuas Rimas terceyra parte dizendo:

Exprimentouſe algum hora, &c.

Porèm o mais certo he nam ſer eſte ſobrenome alcunha, ſe nam appellido, tomado do Caſtello de Camões, tam antigo no Reyno de Galiza, q̃ jà ſe faz delle mençam na Chronica de S. Maximo, ſituando-o junto do promontorio Nereo, que agora ſe chama Cabo de Finis terra. Deſte territorio hà noticia, que tomàram nome os Peros chamados Camoeſes, tam conhecidos em toda Heſpanha, & que daqui ſe levàram para as outras Provincias della, onde hoje ſe vem em grande copia, & o que mais he:

Melhor tornados no terreno alheyo.

Principalmente neſte Reyno, porque ſam os noſſos muyto aventajados no ſabor, & ſuavidade aos de Galiza, & por iſſo muyto mais prezados. O primeyro da familia de Camões, que paſſou a Portugal foy Vaſco Pires de Camões em tempo d'El-Rey Dom Fernando, por ter ſeguido ſuas partes contra El-Rey Dom Henrique de Caſtella o baſtardo. Deu El-Rey Dom Fernando neſte Reyno a eſte Fidalgo em lugar do que deyxàra em Galiza, as Villas do Sardoal, Punhete, Marão, & Amendoa, com o Concelho de Geſtacò, & as herdades, & terras, que foram em Eſtremos, & Avis da Infante Dona Beatriz; & o fez Alcayde mòr de Portalegre, & Alemquer, & hum dos principaes Fidalgos de ſeu Conſelho. Obrigado Vaſco Pires deſtas mercès ſeguio depois as partes das Raynhas Dona Leonor, & Dona Beatriz contra El-Rey Dom Joam o I. de Portugal, como largamente ſe contem tudo nas Chronicas do meſmo Rey. Pelo que ſendo prezo na batalha de Aljubarrota perdeo todos os Vaſſallos, & fortalezas, que tinha no Reyno, & ſòmente lhe deyxou a benignidade Real as terras, & herdades de Eſtremos, & Aviz, & outros bens particulares, que tinha em Alēquer, & Lisboa de que ſeus deſcendentes inſtituiram depois morgados rendozos, principalmente em Aviz, & na Cidade de Evora, onde poſſuem algumas herdades, às quaes pelo appellido dos poſſuidores deu o povo nome de Camoeyras.

Chronic. d'El-Rey D. Joaõ o I. p. 1. c. 30. & 160 & 168. 179. & p. 2. c. 39. 46. 62. & Regiſtos d'El-Rey D. Fernando.

Foy cazado Vaſco Pires de Camões com huma filha de Gonçallo Tinreyro, a quem El-Rey Dom Fernando fez Capitam mòr das Armadas de Portugal, & El-Rey Dom Joam o I. ſendo ainda defenſor do Reyno lhe deu a Capitania de Lisboa. E depois ſeguindo as partes da Raynha Dona Beatris ſe intitulou Meſtre de Chriſto. Deſte matrimonio teve Vaſco Pires a Gonçallo Vaz de Camões, Joaõ Vaz de Camões, & Conſtança Pires de Camões mulher de Pero Severim Fidalgo Francez, de quem ſe faz mençam na tomada de Ceuta. Gonçallo Vaz, que foy o filho mais velho cazou com Conſtança da Fonſeca, filha de Afonſo Vaſques da Fonſeca, Alcayde mòr de Moreyra, & Marialva (filho de Vaſco Fernandes Coutinho Meyrinho mòr, & ſenhor de Liomil, progenitor dos Condes de Marialva) da qual teve Antonio Vaz de Camões, o qual foy pay de Lopo Vaz de Camões, & de Dona Aldonça Annes de Camoes molher de Ruy Caſco Alcayde mòr d'Avis.

Chronic. d'El-Rey D. Joaõ o I. p. 2. c. 62. & Regiſtos d'El-Rey D. Fernãdo, & D. Joaõ o I.

Lopo Vaz de Camões caſou com Ignes Dias da Camera, filha de Diogo Afõſo de Aguiar da Ilha da Madeyra, & de ſua primeyra mulher Izabel Gonçalves da Camera,

mera, filha de Joaõ Gonçalves da Camera primeyro Capitão do Funchal, & progenitor dos Condes da Calheta, da qual teve Antonio Vaz de Camões, Simao de Camões, & Duarte de Camões.

Antonio Vaz de Camões casou com Dona Isabel de Castro filha de Dom João de Castro (irmão de Dom Fernando de Castro, que foy Avò do primeyro Conde de Basto) & de Dona Francisca de Brito filha de Fernaõ Brandaõ o Velho de Evora, da qual teve a Lopo Vaz de Camões, & Luis Gonçalves de Camões que fez hum morgado em Aviz chamado da Torre, que hoje possue Simaõ de Camões filho de Duarte de Camões, teve mais a Dona Francisca de Castro molher de Dom Martinho de Souza.

Lopo Vaz de Camões casou cõ Dona Maria da Fonceca filha de Gaspar Rodrigues Preto, filho de Jorge Rodrigues Preto Estribeyro mòr da Emperatris Dona Isabel, da qual teve a Antonio Vaz de Camões, & Dona Anna de Castro mulher de Diogo Lopes de Carvalho, Senhor dos Coutos de Negrellos, & Abadim.

Antonio Vas de Camões casou com Dona Francisca da Silveyra, filha de Dom Alvaro da Silveyra, filho de Dom Diogo da Silveyra, Conde de Sortelha, & Guarda mòr d'El-Rey Dõ Joaõ o III. da qual teve a Lopo Vaz de Camões, & outtos filhos que hoje vivem.

Ascendecia de Luis de Camões.

Joao Vaz de Comões filho segundo do primeyro Vasco Pires de Camões, foy vassallo d'El-Rey Dom Afõso o V. (titolo muyto principal naquelle tẽpo) & servio ao mesmo Rey nas guerras de Africa, & Castela. Viveo na Cidade de Coimbra da qual foy benemerito Cidadaõ, indo por seu Procurador às Cortes daquelles trabalhosos tempos da criação d'El-Rey Dom Afonso, teve o cargo de Corregedor daquella Comarca: officio em tam de grande jurisdiçam; porque naõ havia mais de seis no Reyno, & ordinariamente erão fidalgos muyto honrados, & não professavão letras; como ainda agora se usa em algumas partes de Hespanha. Tudo isto consta do Epitafio de sua sepultura, que està em huma Capella da Crasta da Sè de Coimbra, que o mesmo Joaõ Vaz de Camões mandou fazer, onde à parte do Evangelho se vè hum tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meyo relevo, & nos cantos duas mayores com escudos das suas armas nas mãos, & em cima do tumulo està a figura do mesmo João Vaz armado ao modo antigo com huma espada na mão, & aos pes hum rafeyro deytado. Esta Capella tem agora o arco quasi tapado de huma parede de tijolo, porque como faltàrão os descendentes do instituidor, ficou devoluta, & sem aver quem a ornasse, & tivesse cuydado della.

Casou Joao Vaz de Camões com Ignes Gomes da Silva, filha bastarda de Jorge da Silva, o qual era filho de Gonçallo Gomes da Silva, & neto de Diogo Gomes da Silva, irmão de João Gomes da Silva, Alferes mòr d'El-Rey Dõ João o I. & senhor de muytas terras. Della teve a Antaõ Vaz de Camões, o qual casou com Guimar Vaz da Gama (dos Gamas do Algarve q̃ trazẽ sua origem dos de Alentejo) & della houve Simão Vaz de Camões, que indo por Capitão de huma nao à India segundo Pero de Maris, se perdeo na Costa de terra firme de Goa, & escapando do naufragio morreo pouco depois na mesma Cidade. Foy casado Simaõ Vaz com Anna de Macedo (dos Macedos de Santarem) & della teve o nosso Poeta Luis de Camões. Estes forão seus progenitores, pelos quaes se mostra que naõ foy menos illustre no sangue, que no engenho; & ainda que a falta dos bens da fortuna em que se criou (como quem perdeo o pay de taõ pouca idade,) lhe tirasse em parte os ornamentos exteriores, com que se faz estimar a nobreza, naõ lhe pòde nunca tirar a grandeza de pensamentos, que de seus antepassados herdàra.

Patria de Luis de Camões.

Nasceo Luis de Camões Reynando El-Rey Dom Manoel, pelos annos de 1517. na Cidade de Lisboa, como o testifica Manoel Correa seu Comentador, que, o conheceo, & foy seu famaliar amigo, & naõ em Coimbra como alguns cuydàraõ, pela vivenda antiga que seus Avòs ali tiverão. Por esta rezão chama tantas vezes

 ao

ao Tejo, patrio, & invoca no principio dos ſeus Luſiadas as Ninfas do meſmo rio, dizendo:

E vòs Tagides minhas,pois criado, &c.

E no Canto 3.eſtanc.2. quando pede favor a Caliope:

Poem tu Nympha em effeyto meu deſejo,&c.

Porèm naõ foy ſò Coimbra à que contendeo ſobre ter por ſeu filho taõ excellente engenho;pois antigamente as ſete Cidades Gregas pertenderão com não menores invejas o naſcimento de Homero,querendo cada qual,ſer ſua patria. Sendo moço foy eſtudar a Coimbra, q̃ então começava a florecer em todas as Sciēcias por beneficio de El-Rey Dom Joaõ o III. conduſindo eſte excellente Principe para meſtres dellas,Varões inſignes,& dos mais peritos que então avia em Europa,dos quaes elle aprendeo a lingoa Latina, & Filoſofia, & mais letras humanas com tanta perfeyção, como moſtrão ſeus eſcritos , & adiante diremos. Deſta eſtada em Coimbra face mençāo em alguns dos ſeus verſos, & em particular na Canção q̃ na ſegunda parte das ſuas Rimas he a 2. & começa:

Plut. in vit. Homer.

Vaõ as ſerenas agoas,&c.

O meſmo ſe ve no Soneto 139. da primeyra parte das Rimas que diz:

Doces,& claras agoas do Mondego,&c.

Deſtes, & outros verſos que fazia naquelle tempo ſe vè bem quam cedo começou a exercitar a Poeſia, & com quanta perfeyção; & como eſta arte ſeja às vezes mais eſtimada nas Cortes dos Principes, que nas eſcolas, parece que eſta o trouxe outra vez a Lisboa, onde continuou algum tempo, até que huns amores, que(ſegundo dizem)tomou no Paço o fizerão deſterrar da Corte.Deſta auſencia parece ſe queyxa naquella ſua Elegia que começa:

He deſterrado da Corte.

O ſulmonenſe Ovidio deſterrado,&c.

Onde depois de deſcrever o ſentimento que Ovidio tinha no deſterro , diz aſſi:

Deſta arte me afigura a phantaſia,&c.

E mais abayxo:

Ali me repreſenta eſta lembrança,&c.

E porque naõ cuydemos que falla de alguma das ſuas peregrinações fòra do Reyno diz logo abayxo as couſas que via do lugar onde eſtava degradado:

Vejo o puro ſuave,& brando Tejo,&c.

Neſte comenos devia de paſſar a Ceuta, onde eſteve algum tempo, como ſe vè da ſua Elegia,que começa:

Aſſiſte em Africa.

Aquella que de Amor deſcomedido,&c.

Onde abayxo dis:

Ando gaſtando a vida trabalhoſa,&c.

E logo:

E com iſto afiguro na lembrança,&c.

Aqui parece teve ſua primeyra milicia , E que n'algum recontro com os Mouros, foy ferido de hum pelouro no olho direyto, com que o perdeo, como elle toca na Cançam que começa:

Vinde qua meu tam certo ſecretario.

Onde depois de cantar os ſentimentos de ſua afeyção,diz aſſi:

Deſta arte a vida noutra fuy trocando,&c.

Que lhe aconteceſſe iſto em Africa, & naõ na India, ſe moſtra pela carta primeyra que eſcreveo da India a hum amigo. Ao qual, dando novas de hum Manoel Sartão; diz Que *ſicut, & nos,manqueja de hum olho*, como couza jà antiga, & notoria nelle em Portugal. Eſta ferida lhe afiou notavelmente o roſto, por onde era chamado das Damas, Diabo, & Cara ſem olhos, a que elle reſpondeo muytas vezes corteſam,& graciofamente como ſe vè de ſeus verſos. Porèm ainda que a falta da viſta lhe tirou a gentileza exterior com as Damas,não a perdeo no conceyto dos que o vião aſſinalado

lado no rosto da mão dos infieis; porque semelhantes sinaes de Marte fazem as faces mais fermosas, que os de Venus. E assi se na Poesia o podemos comparar a Homero (que tambem, segundo alguns, careceo da vista) nas armas naõ irà menos ufano, que Felipe, Antiocho, Annibal, & Sertorio, que de perderem huma vista na guerra se nao gloriàrao pouco. Tornado ao Reyno, ou por causa dos amores da Corte, ou por ver que as flores de sua poesia lhe naõ davão fruyto (como costumão) ou por os respeytos que na primeyra carta que anda nas suas Rimas aponta, determinou de se passar à India, por ser esta (segundo elle diz) sepultura de todo o pobre honrado, & sem duvida que elle levava pensamento de a escolher por sua, porque àlem de se embarcar dizendo aquellas palavras de Sipiaõ: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea*, como refere na sua Carta, não se veyo da India acabados os annos da milicia ordinaria mas depois de 16. de assistencia como veremos adiãte. Não achey em seus versos, nem em memoria alguma o anno em que se embarcou; sòmente escreve que tãto que chegou a Goa sahio o Viso-Rey cõ huma grande Armada sobre El-Rey da Pimenta. Foy esta empresa segundo refere as historias da India no fim do anno de 1553. Pelo que consta que partio de Lisboa no Março de 1553. com Fernando Alvres Cabral, que indo por Capitão mór de quatro naos, sò elle chegou á India nos primeyros de Setembro do mesmo anno. Era entaõ Viso-Rey, daquelle Estado Dõ Afonso de Noronha, com o qual logo no Novembro seguinte Luis de Camões se embarcou em hũa grossa Armada, em que o Viso-Rey foy ao Malavar, para favorecer El-Rey de Cochim, & o de Porcà, & outros amigos do Estado, a quẽ El-Rey da Pimenta (que por outro nome Chamão de Chembè) tinha apertado, & tomado algumas Ilhas. Tanto que o Viso-Rey surgio no porto mandou sair a gente nas Ilhas. & com morte de muytos Malavares forão destruidas, & queymadas pelos nossos o que obrigou a pedir pazes ao Rey da Pimenta, como largamente se conta na Chronica d'El-Rey Dom João o III. & na Sexta Decada de Diogo de Couto. Esta primeyra jornada descreve Luis de Camões breve, & elegantemente na Elegia da sua viagem, que começa:

Chronic. d'El-Rey D. Joaõ o III. 4. p. c. 103.

O Poeta Simonidis fallando, &c.

Onde depois de contar como partira de Lisboa, & passàra o cabo de Boa Esperança, diz assi:

Desta arte me chegou minha ventura, &c.

Chronic. d'El-Rey D. Joaõ o III. p. 4. ubi sup. Couto Decad. 6. liv. 10. c. 16. & 17.

Provase tambem passar neste anno à India, porque no mesmo tempo succedeo em Ceuta a perda de Dom Pedro de Menefes, a quem El-Rey Dom Joao o III. mandàra por Capitão daquella Cidade no anno de 1549. em lugar de Dom Afonso de Noronha quando foy para Viso-Rey da India, & entre outros fidalgos, aquem os Mouros matàrão naquelle recontro, foy Dom Antonio de Noronha sobrinho do mesmo Capitão, filho do Conde de Linhares Dom Francisco de Noronha, o qual tinha sido particular amigo de Luis de Camões no Reyno. Chegàrão estas novas à India, juntamente com as do falecimento do Principe Dom Joaõ que foy em Janeyro de 1554. no Setembro do mesmo anno, & dèraõ ocasião a Luis de Camões compor a Egloga de Umbrano, & Frõdelio que anda nas suas Rimas, como elle mesmo diz na sua primeyra carta que escreveo da India no Janeyro de 1555. em que lamenta estas duas mortes. Neste mesmo anno de 1555. mandou o Viso-Rey Dom Pedro Mascarenhas (que jà succedera a Dom Afonso de Noronha) huma Armada ao Estreyto de Meca, de que deu a Capitania mòr a Manoel de Vasconcelos, o qual partio de Goa em Fevereyro, & levou ordem do Viso-Rey que se fosse pòr nas portas do Estreyto, junto do Monte Felix, a esperar as naos dos Mouros. Esteve neste porto Manoel de Vasconcellos atè se lhe gastar a monção, & depois se foy invernar a Ormus, donde dando guarda à frota, tornou a entrar em Goa nos primeyros de Outubro. Nesta Armada, parece foy Luis de Camões, & que na estancia do monte Felix compòs aquella sua Cansaõ em que descreve particularmente aquelle monte, & paragem,

Chronic. d'El-Rey D. Joaõ o III. p. 4. c. 69.

Couto Decad. 7. liv. 1. c. 3.

como

como ſe della vè,que diz aſſi:

Junto de hum ſeco,fero,& eſteril monte,&c.

Chegado a Goa, diz Pero de Maris que o mandou o Viſo-Rey por Provedor mòr dos defuntos da China,o que parece naõ pòde ſer; porque o Viſo-Rey Dom Pedro Maſcarenhas,falleceo emGoa,aos dezaſeis de Junho deſte anno de 1555.& a Armada do monte Felix tornou âquella Cidade no Outubro ſeguinte do meſmo anno em que jà governava havia quaſi quatro mezes Franciſco Barreto;pelo que mais certo parece o que outros affirmão, & he que chegando Luis de Camões a Goa fez aquella Satira , que anda na terceyra parte das ſuas Rimas , contra alguns moradores daquella Cidade , com titulo , de feſtas que ſe fizerão à ſucceſſaõ do Governador, do que ſentindoſe Franciſco Barreto, ou por zello da juſtiça,ou por queyxas dos motejados, o mandou prender, & deſterrou para a China, no anno ſeguinte de 1556. em que deſpachou alguns Capitães para o Sul. A iſto favorecem os verſos do meſmo Poeta, o qual ſe queyxa deſte deſterro, & priſaõ mandada fazer pelo Governador, & de hum terribel naufragio que padeceo na coſta de Camboja, junto do rio Mecom,como diz na eſtanc.128. do Cant.10.

Couto Decad.7. liv.4.c.3.

Eſte receber à placido,& brando,&c.

E no Canto 7.eſtanc.81.onde pede favor às Nymfas do Tejo para cantar os Varões Illuſtres que finge levava Dom Vaſco da Gama pintados nos toldos, & bandeyras, & moſtrava ao Catual,ſeu irmaõ Paulo da Gama. Entre outras queyxas que da dos poucos premios que recebia de ſeus verſos diz aſſi:

E ainda Nymphas minhas naõ baſtava,&c.

Ena Canção 15.da ſegunda parte das Rimas:

Em fim não ouve tranſe de Fortuna.

De maneyra que eſta jornada nam foy por deſpacho ſe naõ por pena, & degredo, pois dis que a fez quando foy contra elle o injuſto mando executado. Neſte tempo em que andou pelas partes do Sul eſteve nas Ilhas de Moluco , & particularmente na de Ternate,de quem,& do ſeu Vulcão que eſtà no ſimo do monte faz particular mençam na ſua Cançaõ 14.que diz:

Com força deſuſada,&c.

Aſſiſte em Macào.

A aſſiſtencia de Macáo parece que foy a ultima do tempo que andou no Sul , pois vindo de là padeceo o naufragio , que foy o derradeyro trabalho antes de chegar a Goa. Em Macào teve o officio de Provedor mòr dos defuntos, & com a comodidade do lugar devia de compor aqui alguma boa parte dos ſeus Luſiadas, pois de là os trouxe conſigo. Acabado o ſeu tempo ſe embarcou para Goa com eſperanças de lograr algum deſcanço nella;porque vinha rico do que houvera do cargo,& dos amigos; porèm ſuccedeolhe ao cōtrario, como acontece às mais das eſperanças do mundo. Porque navegando pela Coſta de Camboja ſe perdeo na paragem da Foz do Mecon, Rio que naſcendo na China, corre por muyta diſtancia de terras, & dividindo pelo meyo a Camboja , creſcido com as grandes correntes de outros rios que recebe, vem ſair ao mar em hum lago de mais de ſeſſenta legoas de Comprido. Aqui deu a ſua nao em huns bayxos onde ſe fez em pedaços padecendo todos hum miſeravel naufragio: Luis de Camões ſe ſalvou em huma taboa, & em taõ apertado, & manifeſto perigo ſò teve lembrança dos Cantos dos ſeus Luſiadas para os levar conſigo, eſquecendo-ſe de tudo o mais que traſia, no que naõ merece menor louvor,que o que ſe dà a Ceſar,quando eſcapou no porto de Alexandria nadando com huma maõ , & levando os ſeus Cōmentarios na outra. Deſte naufragio ſe queyxa Luis de Camões muytas vezes,& em particular no Canto 7. eſtanc. 80. referindo-o entre outros trabalhos ſeus:

Agora com pobreza aborrecida,&c.

E na Cançaõ 15.das Rimas:

A piedade humana me faltava,&c.

No

No porto deste Rio esteve Luis de Camões algum tempo reparando-se da perda do naufragio, & com esta occasiam, dizem que compoz aqui aquella sua traduçam do Psalmo: *Super flumina Babylonis*, que começa:

Sobolos rios que vaõ, &c.

Na qual acomodando a si aquelles trabalhos, & sentimento de que trata o Psalmo, mostra bem o que padeceo, & como recorreo logo a Deos por remedio de seu mal, conformando-se Christãmente neste, & nos outros infortunios da vida, com o que delle despunha a Divina Providencia, como se vè da sua Cançam jà referida onde diz:

Já de mal que me venha naõ me arredo, &c.

Reformado deste naufragio se veyo a Malaca, & dahi a Goa, onde chegou Governando o Viso-Rey Dom Constantino, & nam Francisco Barreto, como diz Pero de Mariz. O que àlem de constar pelo seu Comentador Manoel Correa, se prova tambem pela rezaõ dos tempos. Porque vindo Luis de Camões da Armada do monte Felix em Outubro de 1555. não podia partir para o Sul se naõ jà no anno de 1556. em que o Governador Francisco Barreto despachou os Capitaes das viages para aquellas partes, como temos dito. E acabando o governo de Francisco Barreto a 3. de Setembro de 1558. em que chegou o Viso-Rey Dom Constantino a Goa, não podia ser, que em espaço de dous annos sòmente fosse a Malaca, estivesse em Maluco, & voltasse à China, & exercitasse là o cargo de Provedor mòr, & tornasse a Goa. Por onde o certo parece, que veyo a Goa depois que o Viso-Rey Dom Constantino entrou no governo daquelle Estado. Ajudam tambem a estas conjecturas as oytavas que fez ao mesmo Viso-Rey estando jà em Goa, que começam:

Couto Decad.7. liv.5.c.8. o Com. de Cor. Cant.7. estãc.81. & no Cãt. 10. estãc. 128.

Como nos vossos hombros tam constantes, &c.

Nas quaes Oytavas se trata jà da tomada de Damaõ, & jornada de Jafanapatam, feytas pelo Viso-Rey. Pelo que segundo isto chegou Luis de Camões a Goa depois do anno de 1560. em que o Viso-Rey Dom Constantino tinha jà acabadas estas emprezas. Pouco mais durou o governo ao Viso-Rey, em cujo tempo nam parece, que Luis de Camões teve prizam alguma, pelo officio que administrou na China, antes mostra nas Oytavas referidas, estar favorecido delle, & parece que devia ser seu antigo Mecenas, como tambem o tinha sido antes no Reyno o Duque Dom Theodosio seu irmão. A'lem disto consta que neste tempo foy o seu graciozo banquete, para o qual convidou a Dom Francisco de Almeyda, Dom Vasco de Ataide, Eytor da Silveyra, Joaõ Lopes Leytão, & Francisco de Mello, & depois de os receber em huma casa bemadereçada, & os sentar à meza, que tinha muyto composta, descobrindo-se os pratos achàraõ nelles versos escritos, em lugar de iguarias, como se vè na terceyra parte das suas Rimas; com o que o banquete ficou assaz festejado, & celebrado entaõ, & depois em toda a parte. Todos estes Fidalgos andavam em Goa no ultimo anno do Viso-Rey Dom Constãtino, & na setima Decada de Diogo do Couto, se faz entaõ menção delles. Deste tempo saõ tambem as Oytavas que fez do desconcerto do mundo a Dom Antonio de Noronha, q́ depois governou aquelle Estado, & outros muytos versos a varios fidalgos, que estaõ nas suas Rimas; dos quaes se vè bem quaõ estimado andava o nosso Poeta de toda a fidalguia da India, & naõ com novas molestias. Aqui gastou liberalmente o que trouxe do Sul, & lhe dèraõ seus amigos, & foy nisto tam largo que em breve tempo tornou à pobreza com que começàra; o que lhe aconteceo por vezes, com alguma nota dos que por isto o tinham em conta de mal considerado, nam atentando que os generozos espiritos padeceram muytas vezes esta falta, porque nam lhe sofre a grandeza do animo aplicarse às couzas inferiores, & de interesse; assi lemos de Homero, Socrates, Crates, Marcial, Valerio Flaco, & outros sublimes engenhos, que nunca curàram de ser ricos, mas de enriqueçer a todos com suas obras.

Autores varios em suas vidas.

Em Setembro de 1561. teve successor no cargo o Viso-Rey Dom Constantino,

E diz Diogo do Couto, que atè ſeu tempo durou naquelle Eſtado a primitiva India, em que os homens pretendiam ſòmente ſer valerozos, & honrados, & deſprezavam o intereſſe; & que dalli por diante começou a ſer idolatrada a avareza, ao qual vicio chama a Sabedoria Divina, Raiz de todos os males, & como eſte ſe foy apoderando daquelle Eſtado, tem introduzido nelle tantos, que parece jà agora irremidiavel ſua cura, ſe Deos milagrozamente lhe nam acode.

Começou logo Luis de Camões a ſentir eſta declinaçam, porque nam lhe valeo o favor que o Conde do Redondo novo Viſo-Rey lhe fez (como ſe vè dos verſos, que lhe compòs) para deyxar de ſer em ſeu tempo prezo: & ſegundo parece pelas culpas de que foy acuſado na adminiſtraçam do officio da China. E nam baſtou livrarſe deſta acuſaçam para ſair do carcere, onde eſteve algum tempo, porque Miguel Rodrigues Coutinho fios ſecos, peſſoa nobre, & rica o embargou na prizaõ por certo dinheyro que lhe tinha empreſtado. De maneyra, que lhe foy neceſſario a Luis de Camões ſoccorrerſe de novo ao Conde Viſo-Rey, como ſe vè daquellas Redondilhas que andaõ na terceyra parte das Rimas, & começão:

Que Diabo hà tão danado, &c.

Livre deſta prizam continuou depois alguns annos em Goa invernando em terra, & embarcando-ſe os verões nas Armadas onde compoz as mais de ſuas Odes, & Canções como ſe dellas vè, que todas falaõ com Neptuno com as Nereidas, & outras Nymphas, a quem a Gentilidade venerava por Deidades maritimas. Nos ſucceſſos de guerra em que eſtas Armadas ſe achàraõ, ſe moſtrou ſempre valerozo Soldado, como quem nam ſabia voltar as coſtas aos inimigos. Nem lhe empatàram as letras a lança antes lhe accreſcentàram o valor, porq por iſſo fingiam os Antigos, q a meſma Palas era Deoſa das Sciencias, & das Armas; & Luis de Camões ſervio neſtas occaſiões de maneyra que ſempre ſe louvou diſſo, como ſe vè no Canto 10. eſtanc. penult. falando com El-Rey Dom Sebaſtiaõ onde diz:

Para ſervirvos braço às armas feyto, &c.

E no Canto 7. eſtanc. 79.

Agora o Mar, agora experimentando, &c.

He eſta abonaçam que Luis de Camões dà de ſeu esforço de grande credito, pelas muytas teſtemunhas vivas que tinha naquelle tempo, & os Portugueſes ſão taõ rigurosos cenſores da verdade, que não conſentem, a ſeus viſinhos gabarſe do que não tem, mas ainda às veſes lhe confeſſaõ diffilcultoſamente o que na verdade poſſuem. Tinha jà neſte tempo compoſto o ſeu Poema Heroico dos Luſiadas, & como elle conhecia o grande preço deſta obra, determinou de ſe embarcar para o Reyno a oferecela a El-Rey Dom Sebaſtiam (ainda que então por ſer de pouca idade naõ governava.) Porèm Pero Barreto o tirou deſte penſamento, por o levar conſigo a Moçambique, onde hia entrar por Capitam de Sofalla. Foyſe com elle Luis de Camões movido de ſuas promeſſas, mas em breve tempo ſe vio deſenganado dellas. Pelo que chegando àquella Ilha a nao Santa Fè, que vinha para o Reyno ſe quiz nella embarcar. Acodio a lho impedir Pero Barreto, & ou movido do deſejo de o ter conſigo, ou por qualquer outros reſpeytos lhe pedio duzentos cruzados que gaſtàra com elle na matalotagem de Goa atè Moçambique. Vinham naquella nao muytos fidalgos amigos de Luis de Camões, em que entravam Eytor da Silveyra, Antonio Cabral, Luis da Veyga, Duarte de Abreu, & Antonio Sarraõ, aos quaes deu noticia do que paſſava, & elles fintando-ſe entre ſi, pagàraõ eſta quãtia, & o trouxeraõ à ſua conta atè o Reyno. Vinha tambem neſta nao Diogo do Couto, que depois foy Chroniſta, & primeyro Guarda mòr do Tombo do Eſtado da India, o qual diz em huma carta, que no anno de mil & ſeiſcentos & onze eſcreveo a hum amigo ſeu deſte Reyno, que por o ſer grande de Luis de Camões lhe comunicou elle a obra dos ſeus Luſiadas, & que lhe pedio os quiſeſſe comentar, o que Diogo do Couto fez depois em parte, como em ſua vida ſe verà.

Chegou

Chegou Luis de Camões a Lisboa na mayor força da peste, que chamão grande correndo o anno de mil & quinhentos sessenta & nove, & assi lhe foy neccessario esperar que acabasse aquelle mal para poder pôr suas cousas em ordem, & imprimir o seu Poema; em que se passaram, quasi dous annos, porque no de mil & quinhentos setenta & dous sahio a lus com esta admiravel obra; & porque de sua milicia, & peregrinaçoes està bastantemente dito, falaremos agora da excellencia de seu engenho, & doutrina, que nos varios doutos he o que principalmente se considera.

Para poder explicar as perfeyções deste Poema saõ necessarios mais livros que os que gastou Macrobio em apontar as das Eneadas. Porque este genero de poema, assi como tem o principal lugar na poesia, assi he tão difficultoso na composição, se se houverem de guardar perfeytamẽte todos os preceytos da arte, que desde o principio do mundo atè o tempo do nosso Poeta não houve mais que quatro a quem se pudesse dar este louvor. Estes forão Homero entre os Gregos, Virgilio nos Latinos, Torquato Tasso entre os Italianos, & o nosso Poeta em Hespanha. Com tudo entre estes, merece Luis de Camões particular louvor, porque ainda que naõ exceдеo em tudo a todos, ao menos se aventejou a cada hum em alguma parte, como logo veremos.

Macrob. à liv. 3. Satur. usq. ad totum sextum.

Scaligerus Poetices. lib. 1. c. 13.

O Poema heroyco, a que os Gregos chamão Epico, tem cinco partes essenciaes (a q̃ parece se redusem todas as mais) que saõ: ser Imitação de huma acção heroyca, honesta, util, & deleytosa. O ser huma sò acção he cousa taõ importante, que no poema Epico se tem por sua sustancia, como se vè de toda a Arte poetica de Aristoteles, & fundase este preceyto na razão natural da imitação, & pintura, que mostra não se poderem imitar duas acções juntamente, & esta he a diferença que ha entre o Poeta Heroico, & Historiador, porque o Historiador escreve a narração das cousas como acontecerão successivamente, mas o Poeta escolhe huma sò acção de hum Heroe, & esta refere, não pontualmente como foy, mas como convinha ser, ornando a narração com varios Episodios, que são digressões de fabulas, acontecimentos, & enredos, com que com suavidade presuada aos que o lerem, & ouvirem: *Oportet igitur*, diz Aristoteles, *quem admodum in alijs imitatricibus, una imitatio unius est, sic, & fabulam, quia actionis imitatio est, uniusque esse, & hujus totius.* E noutra parte: *Fabula quidem est una, non quemadmodum nonnulli arbitrantur, si circa unum fuerit; multa enim, & infinita genere contingunt, ex quibus nonnullis nihil est unum: sic autem, & actiones unius multæ sunt, ex quibus una multa fit actio: quare omnes videntur peccare quicumque poetarum Heraclidem, & Theseidem, & hujusce modi poemata fecerunt, putant enim, quia unus erat Hercules, unam, & fabulam esse oportere. Homerus autem quemadmodum, & cæteris rebus antecellit, & hoc videtur pulcher vidisse, sive propter artem, sive propter naturam, Odyseam enim faciens non complexus est carmine illo omnia quæcumque illi contigere, &c. Verum circa unam actionem, qualem dicimus Odysseam mansit, eodem pacto, & illiadem.* O mesmo resolve Horacio na sua Poetica dizendo:

Partes do Poema Heroico.

Aristoteles in Poet.

Denique, sit quodvis simplex duntaxat, & unum.

Por faltarem neste essencial fndamento de huma sò acção Ovidio, Silo Italico, & Lucano, senam tem por Poetas heroicos; & entre os Modernos cahio tambem neste defeyto Ludovico Ariosto, que no seu Orlando seguio, & propoz taõ multiplicadas acções; cousa tanto contra os preceytos da Arte, o que verdadeyramente he muyto de sentir em tão florido, & ornado Poema, como o de Ariosto, hum dos mais engenhosos, & abundantes entendimentos que atè seu tempo houve, porque por errar esta acção, naõ tomou a palma a muytos dos antigos, & modernos, & se propusera, & seguira perfeytamente o furor de Orlando, que elle fez acção secundaria, ainda tivera desculpa, mas propondo tantas acções, como saõ:

Erro de Lucano, Silo Ovidio, & Ariosto na multiplicaçam das acções.

Le done, i caualier, l'arme, gli amori,
Le cortesie, l'audaci imprese io canto, &c.

Errou

Errou muyto, assi em as multiplicar, como em as propor primeyras. E se o que disse por acção secundaria de Orlando.

> *Dirò de Orlando en un medesmo tratto*
> *Cosa no detta in prosa, mai ne in rima,*
> *Che per Amor veñe in furore, & matto*
> *Huomo che si saggio era stimato prima, &c.*

O propusera por primeyra, pudera defenderse, & forão então menos, & mais curtos os episodios, que por razão, das acções multiplicadas accumulou, com que o poema ficàra mais proporcionado, & fermoso: ainda que sempre lhe faltàra o principal, que he a qualidade da acção, pois por ser Furia nascida de causa tam indigna, como os amores de Angelica, não, deve ser imitada. Tanto perdem ainda os grandes engenhos faltos de Arte avendo, como disse Horacio de sogeytar a fertilidade do engenho aos preceytos della.

Horat. de Arte poetica.

> — *Ego nec studium sine divite vena,*
> *Nec rude quid prosit video ingenium: alterius*
> *Altera poscit opem res, & coniurat amicè, &c.*

Acçam dos Lusiadas.

Este preceyto de seguir huma sò acçam guardou excellentemente o nosso Poeta propondo o descobrimento da India, o qual fez Dom Vasco da Gama com seus soldados, como se vè do discurso do poema, que começa navegando Vasco da Gama junto a Moçambique: & acaba, quando o Capitam entrou em Lisboa. Porèm na proposiçam, & titulo (como esta obra era de outros segundos Argonautas) seguio a Appollonio Rhodio a quem se dà o primeyro lugar entre os Gregos depois de Homero, o qual intitulou o seu poema, dos Argonautas, & na proposiçam nam nomeou a Jasaõ Capitam da jornada, se nam a todos os que commetteram aquella empreza, & assi começa:

Apollon. Rhod. liv. 1. Argonaut.

> *A te principium ò Phæbe, priscorum laudes virorum*
> *Memorabo, qui Ponti per os, & petras*
> *Cyaneas regis mandato Peliæ,*
> *Aureum ad vellus probè instructam transtris inpulerunt Argo.*

Depois desta primeyra acçam tocou tambem Luis de Camões alguns dos principaes episodios do Poema, o que por ser depois da principal acçam proposta, nam he defeyto, segundo se vè em Homero, & Virgilio, que tambem propuseram estas acções secundarias como julgarà facilmente quem os bem considerar.

Acçam heroica honesta.

A segunda condiçam do Poema heroico, he ser acçam honesta, & digna de se imitar, por quanto o fim da poesia, & principalmente heroica, he ensinar, incitar, & mover deleytando. Nesta parte excedeo muyto Luis de Camões a Estacio na sua Thebaida, & a Claudiano no seu Rapto de Proserpina, porque ainda que estes Poetas acertàram mais que os outros em escolher huma sò acçam com tudo faltàram na qualidade della; porque as suas acções nam sam verdadeyramente dignas de se imitar, que he o fim, & intento de toda a poesia, pois o Argumento de Estacio foy o odio dos dous irmãos Etheocles, & Polynices, acçam indigna de ser sabida, quanto mais imitada; & a de Claudiano he o roubo de Proserpina, tanto mais aborrecivel, quanto mayor foy o roubador delle. O argumento do poema heroico ha de ser honesto para se imitar, & admiravel para mover, & deleytar, no que Homero he digno de louvor em quanto conta os trabalhos que Olysses padeceo atè tornar à sua patria, mas não na conclusam do Poema, com as mortes que deu privadamente aos pretensores de Penelope desarmados. A esta materia se avantaja pouco a chegada de Eneas a Italia, & guerras sobre o Cervo, que andando à cassa ferio Ascanio, acções em que hà pouco do grande, & admiravel. E assi fica muy superior a todas ellas o argumento do nosso Poeta, que trata do descobrimento da India, em que Vasco da Gama rodeou a mayor parte da terra, vencendo com singular valor as forças dos elementos, as treyções, & armas dos inimigos, fomes, sedes, estranhesa de

Erro de Estac. & Claudiano na qualidade da Acçam.

climas,

climas, injurias dos tempos, & moſtrou ao mundo o verdadeyro conhecimento de ſi meſmo, em que deſde ſeu principio atè entam eſtivera ignorante achando novas eſtrellas,& novos mares, communicando o Oriente com o Occidente, de que ſe ſeguio dar aos povos de Europa a noticia de tantas drogas, fruytos, & pedras em que a natureza ſe moſtrou maravilhoza, & benigna para com os mortaes, & aos moradores de Aſia o conhecimento das Artes, policia,Sciencias de Europa, & ſobre tudo do verdadeyro Deos,de que os mais delles eſtavam totalmente ignorantes. Por onde na qualidade da acçam heroica fica o noſſo Poema ſuperior a todos os Antigos,& modernos.

Nem obſta contra iſto, dizerem alguns, que profanou o Poeta eſta honeſtidade, & grandeza da acçam com nam guardar à Religiam o decoro devido, invocando Muſas, & fingindo Concilios de Deoſes, indecentes a Poeta Catholico, & que como tal devia antes invocar os Santos,& uſar nas ficções de milagres, & aparecimentos de Anjos,como alguns modernos fizeram. Porque a iſto ſe reſponde; que notorio he, nam ſer a poeſia outra couſa ſe nam huma imitaçam, ou fabula, a qual traz ſempre conſigo, como parte eſſencial a invocaçam das Muſas do Parnaſo, ſegundo a diviſam dos poemas, em que a Caliope coube o Heroico, & por iſſo he invocada nos poemas epicos, & eſta fabula pertence ſòmente à poeſia, & ſò pelos Poetas foy inventada. De maneyra,que atè os Antigos que adoravam aos outros Deoſes Gentilicos por verdadeyros, tinham as Muſas por fingidas, porque bem ſabiam, que nunca no Parnaſo houvera taes Deoſas, nem por eſſas eram tidas, nem adoradas das Republicas; ſendo pois iſto aſſi,claro fica, que nam uſou Luis de Camões de termo algum ſuperſticioſo pedindo ajuda a divindades gentilicas (pois eſtas foram ſempre conhecidas de todos por fabuloſas) mas que guardou o eſtillo do Poema heroico ſegundo os Latinos,que he invocar as Muſas depois de propor a acçam, & aſſi continuou a poeſia com os termos até entam coſtumados de poetas Catholicos, & graviſſimos, como foram Senaſaro no poema de *Partu Virginis* o Biſpo Hieronimo Vide em quaſi todas as poeſias mayores, Bautiſta Mantuano Religioſo Carmelita nas ſuas vidas dos Santos, Juviano Pontano, Angelo Policiano, Miguel Marulo, & outros que ſeria largo referir. Porèm em nam introduſir Luis de Camões Anjos, & Santos nas fabulas que fingio, mais parece digno de louvor que de reprehenſam, porque he indecencia grandiſſima uſar dos nomes dos Santos para fabulas profanas, com a meſma facilidade com que os Gentios o faziam, & aſſi he muyto de calumniar,que nos poemas de Torcato, & Arioſto andem os Anjos,& Santos fallando com os Cavalleyros andantes,traſendolhes recado do Ceo, & que Sam Joam Evangeliſta leve a Aſtolfo ſobre o globo da Lua,a moſtrarlhe o ſiſo de Roldam, que eſtava metido em huma redoma de vidro. Não ſe ham os Santos de tomar na boca, nem na hiſtoria para materia de entretenimento,mas ha de ſe eſcrever delles com toda a reverencia,& decencia devida,que nam ſe compadece miſturar as couſas Sagradas, com as profanas. A'lem de ſer inconveniente grande em hum livro que trata de argumento verdadeyro, & em que ſe haõ de referir verdadeyros milagres, eſcreveremſe milagres fabuloſos,ſem ſe diferencearem huns dos outros,com que os leytores ignorantes,pòdem cair em erro de nam conhecerem quaes devem de ſer cridos. Por tanto querendo o Poeta evitar tam grandes inconvenientes, uſou dos nomes dos Deoſes gentilicos por materia commua, & notoria de fingimentos poeticos, com que ninguem ſe podia enganar,mas nas couzas verdadeyras,guardando inteyramente o decoro à Religiam, introduzio ſempre a Vaſco da Gama, fallando com toda a piedade Catholica; de maneyra que os milagres verdadeyros, & couſas ſantas, as trata com a decencia, & gravidade divida, & as ficções ficam conhecidas de todos vendoſe que ſam fabulas notorias. Eſte meſmo eſtilo guardàram os mais dos Poetas acima nomeados, a quem podemos acreſcentar Claudiano,que ſegundo a melhor opiniaõ, & mais univerſal foy Catholico, & uſou deſtas invocações, &

 con-

concilios de Deoses com mayor liberdade do que vemos nos Lusiadas. Quanto mais que Luis de Camões naõ fez estas ficções dos Deoses a caso, senam com muyta consideração, introdusindo debayxo destas fabullas huma excellente Alegoria, (a que os Poetas chamão a alma da fabula) & assi entendeo debayxo do nome de Jupiter, & Deoses, a Divina Providencia, & os espiritos Angelicos, porque governa o mundo, dos quaes os bons nos ajudam, & os maos nos empecem. E he tam antigo este pensamento, que atè alguns dos primeyros Filosofos, que estas deydades inventàrao, naõ quizerao entender outra couza nellas, como se vè largamente de Santo Agostinho na sua Cidade de Deos, & ainda da Canonica de S.Pedro que por razão do tal intento (segundo S.Hieronimo alegado neste lugar por o Padre Justiniano) chama a estas fabricas doutas; porèm como estes Filosofos pela falta do lume da Fè cairão em muytos erros, & derão com estas fabulas causa à Idolatria, forao condenadas do Apostolo no dito lugar dizendo: *Non doctas fabulas secuti notam fecimus vobis Domini nostri Jesu Christi virtutem, & presentiam &c.* mas hoje que não hà este perigo, com os exemplos, & razões jà alegadas tem lugar a Alegoria que o Poeta nellas entẽdeo como imitando Virgilio no fim do sexto da Eneida, explicou nestas Oytavas em que introduz a Tetis declarado a Esphera a Dom Vasco da Gama, onde fallando do Ceo Impirio, diz assi:

Just.in cap.1. Epist.2. Petr. vers.15. n.36.

Aqui sò verdadeyros gloriosos, &c.

Por tanto assi pelas razões, como pelos exemplos fica Luis de Camões nesta parte livre de toda a calumnia.

Com tudo outra nos resta ainda neste ponto a que responder, & he dizerse tambem que foy o nosso Poeta pouco honesto nos episodios de tam honesto poema, o que tem facil reposta, porque como o argumento dos Lusiadas era tão grave foy necessario varialo com alguns episodios alegres para entreter os leytores, & para isto fingio a deleytosa Ilha de Santa Elena, & os esposorios que nella celebràrão Vasco da Gama, & seus, soldados com as Ninfas do Oceano, imitando os Poetas antigos, & modernos, que todos meterão nos seus poemas estes Episodios amatorios, como se vè em Homero nos amores de Calipso, & de Venus, & Marte, em Virgilio nos da Raynha Dido, & em Appollonio Rhodio, & Valerio Flaco nas Damas de Lemnos com os Argonautas, & finalmente nos mais de Trocato Tasso do seu poema Heroico. Mas nesta parte levou ainda Luis de Camões grande ventagem aos referidos, por quanto elles naõ pertendèrao declarar algumas Alegorias debayxo destas fabulas (que como dissemos he a alma do poema) antes se vè que naõ tiverão nellas outra tenção, senão deleytarem aos leytores (posto que a fabula de Calipso sofra mais Alegoria que as outras) & o nosso Poeta debayxo dos nomes daquellas Ninfas quis entender a gloria, fama, memoria, honra, maravilha, & todas as mais preheminencias, que participão os Varões illustres, & esforçados por premio de suas obras com os quaes seus nomes ficão perpetuamente unidos na lembrança dos homens, como se vè nestes versos canto 9. estanc. 89.

Que as Nynfas do Oceano taõ fermosas, &c.

Como com estas palavras ficava a alegria taõ clara, não se podem imputar por indecencia ao Poeta os termos dos esposorios com que a trata, porque esta participação da imortalidade da fama significàrão sempre os antigos por casamentos com que fingião todos os Heroes ou casados, ou aparentados com as Deosas.

A utilidade que deste poema se alcança não se pòde explicar em poucas palavras, porque naõ hà ninguem que o lea, que não fique inflamado de hum admiravel desejo de gloria, & de empregar a vida em feytos illustres, aventurandoa pela Fè pelo Rey, & pela patria. Aqui se vem as partes, & experiencia que haõ de ter os conselheyros, o zello com que os Ministros supriores devem entender no bem publico, & o premio que se deve dar aos que bem trabalhão. Na Pessoa de Vasco da Gama se representa hum excellente modello de prudente, & heroico Capitaõ,

&

& nas dos Reys de Portugal, o exemplo de hum perfeyto Principe. E se não deu este louvor a todos os que reynarão neste Reyno, foy porque o poema heroico quando se funda em historia verdadeyra, que he mais perfeyto, ainda que pòde accrescentar a verdade do que passou, nam pòde contrariar ao que passou na verdade, de maneyra, que nem Virgilio pudèra dizer que Achiles fora morto por Heytor, nem Homero, q̃ Achiles matàra a Pariz, & assi referem ambos estes Poetas muytos vicios dos seus Principes, & Rainhas, por nam ser licito à poesia encõtrar nesta parte a verdade da historia, da qual guarda este, & outros muytos preceytos. Pelo que deste poema se pòdem tirar excellentes regras para a vida politica, & moral.

O estillo deleytoso com que estes preceytos vam acompanhados não reconhece em toda a antiguidade superior, & difficultosamente lhe poderemos dar semelhante, porque deyxando a dissonancia que os antigos achavam nos versos de Homero, como refere Josefo liv. 1. contra Apianum, & os muytos, que deyxou Virgilio por acabar na sua Eneida, a facilidade, & consonancia deste nosso poema he tal, que naõ parecem os versos compostos por artificio mas ditados da mesma natureza. E naquelles lugares que em a Poetica de Aristoteles se chamam, Pateticos, ou Alteradores do animo, move os affectos com palavras tam proprias, & vehementes, que com summa efficacia faz força a quem os lê, de maneyra que fica participante das payxões q̃ se cõtèm encubertas debayxo daquellas palavras: imprimindo hũ generoso alvoroço quãdo tratta da guerra, alegria nas festas, gravidade nas acções dos Principes, compayxam na adversa fortuna, & finalmente huma admiravel suavidade em todas as partes do poema. Porèm nas comparações, & descripções se aventaja tanto, que em certo modo se vence assi mesmo, porque com tanta vivesa as pinta, & exprime que parece se representão à vista, & não ao sentido interior.

He tambem a erudição parte do estilo deleytoso, & a muyta de que o nosso Poeta illustrou o seu poema he assàs notoria, não havendo nelle Estança que não tenha particular conceyto, doutrina, ou pensamento peregrino, de maneyra, que não se acharà poema nenhum onde em tão breve escritura se tocassem tantos, & tão doutos passos de lição varia, como nos seus Lusiadas, porque quasi não hà nas letras humanas lugar insigne de fabula, antiguidade, historia, Mathematica, & qualquer outra Sciẽcia que nelle se naõ achem, & quanto isto he mais ordinario neste poema, tãto he mais de ademirar nelle sendo esta parte da Poesia a mais dificultosa de todas. Porque como o principal intento nella seja mover affectos do animo, não se pòde alcançar este effeyto ornado com elocução, & erudição estes lugares, como jà o notou excelentemente Aristoteles nesta sentença: *Oportet laborare in ignavis partibus, & neque moratis, neque sententiarum acumine ornatis; occulit enim valde splendida locutio mores, & sententias.* Isto tem acontecido a muytos em Hespanha, que se fizerão duros, & asperos incobrindo a força dos pensamentos com os ornamentos das palavras, de que he bom exemplo Francisco de Herrera. Porem Luis de Camões soube tomar tal meyo nesta dificuldade, que não hà versos que mais movão o sentimento que os seus, nem onde juntamente se veja a Oração mais erudita, & composta. Fazem assi mesmo por esta parte a novidade, & excellencia dos episodios, nos quaes quasi nenhum outro Poeta se lhe pòde igualar; porque os mais de Virgilio saõ imitados de Homero, como o banquete de Dido, a Relação que ali fez Eneas da perda de Troya, seus trabalhos, & viagem os jogos de Sicilia, a jornada do Inferno; & assi teve nelles pouco louvor. E Troquato Tasso não se melhorou com as fabulas dos seus encantamentos, & cavaleyros andantes: porque ainda que elegeo fabulas possiveis tem muyto do improvavel; o que he contra os preceytos de Aristoteles, que diz que nos episodios devemos escolher antes os impossiveis provaveis, que não os improvaveis possiveis: *Eligere impossibilia, & verisimilia potius quã possibilia, & nullò modo probabilia.* Este preceyto guardou Luis de Camões excelentemẽte, porq̃ depois de imitar a Virgilio em fazer a acção cõposta, & não simples,

plés,com referir Dom Vasco da Gama sua viagem a El-Rey de Milinde, introdus o Episodio da descripção de Europa, & historia de Portugal,com as professias do velho,& Adamastor,admiravelmente; depois na figura de Mmonçaide conta os ritos do Oriente,fez hum novo conselho dos deoses maritimos,& a discripção do Reyno de Cupido no monte Idalio.Não he menos excellente a pintura da Ilha de Sata Elena,o banquete q nella deu Thetis a Dom Vasco da Gama, & seus companheyros,à musica da Serea, que cantou os Capitães illustres Portuguefes que depois havião de conquistar a India, & finalmente a descripção dos Globos celestes, & geografia das Provincias novamente descubertas. Quasi todos estes episodios forão pensamentos novos, & peregrinos, & tratados com tanta graça, & artefício que juntamente ensinaõ, admiraõ, & deleytaõ, porque não hà na Arte do bom dizer tropos nem figuras que aqui se naõ vejaõ exercitadas:variando o estillo, hora grave, grandiloco,& vehemente, hora florido, brando, & ainda jocoso; porque como o poema heroico he hum meyo entre o Tragico,& Comico,assi participa segundo Aristoteles da gravidade da Tragedia, como da graça da Comedia. Por onde Homero, em muytas partes da Odyssea, & Illiada introdus, historias jocosas, como foy a da prisaõ de Venus,& Marte na rede de Vulcano, & outro caso quasi semelhante de Jupiter, & Juno; a peleja do pobre Hiro com seu competidor em casa de Penelope, & outros muytos em que o mesmo Poeta refere o riso a que com ellas se moverão atè os mesmos seus Deoses, & Virgilio tambem no seu 5. liv. descrevendo os jogos que Eneas fez a seu Pay Anchises, segue no estilo jocoso as regras que neste particular se devem guardar na poesia heroica. De maneyra que Luis de Camões assi nesta parte como nas mais se mostrou excellente Poeta, & com esta sua obra ficou enrequecida grandemente a lingoa Portuguesa; porque lhe deu muytos termos novos, & palavras bem achadas, que depois ficàrão perfeytamente introdusidas. Posto que nesta parte não deyxàrão alguns escropulosos de o condenar, julgandolhe por defeyto as palavras alatinadas que usou no seu poema. Porèm desta censura o absolverà com facilidade quem tiver noticia das leis da poesia, & da licença que he concedida aos Poetas para fingir, & derivar novas palavras, porque como tem obrigação de falar ornadamente, não pòdem deyxar de enriquecer seus versos com palavras, ou desusadas, ou novas, ou transferidas, que saõ as condições que ensinaõ os Retoricos para a Oração ficar cõ Magestade,& fòra do estilo humilde,&vulgar. Assi o aconselha Aristoteles na sua Poetica,dizendo: *Locutionem apertam, & non humilem esse: apertissima quidem igitur est ea, quæ expropriis nominibus, sed humilis: exemplum autem Cleophontis poesis,& Steneli. Grandis autem, & immutans vulgarem rationem, quæ perigrinorum speciem habentibus utitur. Peregrinorum autem, similia dico, linguam, & translationem, & productionem,& omne quod præter proprium,&c.* Neste lugar discorre Aristitoles largamente sobre esta materia, & defende a novidade dos termos que usou Homero contra os que por esta razão o calumniavão. O mesmo afirma Isocrates pay da Eloquencia Grega dizendo na vida de Evagoras: *Poetis multa dantur quibus ornare suum Carmen possunt. His enim, & Deorum cum hominibus congressus, tum disceptationes, & certamina quibus, cum volunt, fingire licet, & cum hæc narrare voluerint, non eadem verborum lege, qua Oratores astringuntur. Itaque non solum verbis usitatis, verum etiam novis, translatis, & perigrinis, & omni denique dicendi genere, suam poesim ornare possunt. Oratoribus autem nihil tale concessum est, &c.* Esta licença concede mais largamente Horacio aos Poetas Latinos, porque não sò lhe permite, que usem dos vocabulos antigos que jà naõ estaõ em costume, mas que finjão de novo os que quiserem com tanto que se derivem da lingua Grega, diz elle:

Et nova, ficta que nuper habebunt verba fidem si
Græco fonte cadũt, parte de torta; quid autem
Cæcilio, Plauto que dabit Romanus, ademptum

Principe dos Poetas de Hespanha

Virgilio Varioque? Ego,cur,acquirere pauca
Si possum,invideor; Quam lingua Catonis,& Enni
Sermonem patrium ditaverit:& nova rerum
Nomina protulerit? Licuit semper que licebit
Signatum præsente nota,producere nomen,&c.

Tambem Tullio Principe dos Oradores confirma este privilegio aos Poetas dizendo no seu Orador: *In utroque frequentiores sunt,& liberiores Poetæ, nam & transferunt verba cum crebrius,tum etiam audacius; & priscis libentius utuntur, & liberius novis.*

Deste privilegio usou tanto Virgilio,que àlem de declinar muytos nomes latinos pelas terminaçōes Gregas, & falar pelas frases daquella lingoa , escreveo por palavras taõ fòra do uso ordinario que Macrobio gasta não pouca leytura em mostrar os fundamentos que para isto Virgilio teve , dizendo que todas aquellas palavras trasiáo sua origem da antiguidade Latina, & foram em seus principios usadas. Do mesmo modo falou Torcato, & tanto se valeo do antigo Toscano , & da lingua latina,que destas palavras novas lhe notarão hum particular vocabulario. Com estes exemplos fica bem livre o nosso Poeta da calumnia que lhe impoem das palavras alatinadas , as quais saõ tam proprias , & naturais à nossa lingua,que se escusão os Vocabularios de Torcato, & Virgilio , & se entendem de todos igualmente com o romance Portugues.

Cae assi mesmo debayxo do estillo deleytoso a boa proporção do mesmo poema, o qual para ser perfeyto hà de ser fundado sobre historia verdadeyra , & admiravel de algum varão insigne em virtude,& valor,& a historia não hà de ser larga,porque avendoselhe de acrescentar os episodios, serà o volume demasiado, & naõ tendo episodios ficarà o poema seco, & sem ornamentos que deleytem. Nem menos serà de cousas tam antigas que jà naõ estejão na memoria dos homens, nem tão modernas que sejão vivos os de quem se escreve(o que todavia se entende, na acção principal,& naõ nos episodios, onde se introdusem profecias que falaõ dos presentes.) Nem se hà de contar a historia successivamente, mas começando no meyo dos successos , alcançarsehà depois a noticia do precedente com subito conhecimento. Estes, & os mais preceytos da arte se vem taõ bem guardados neste poema como a quemquer que o lè he notorio. Pelo que pudera bem ser , que se Aristoteles o alcançara não gastara tantas palavras em louvar os de Homero.

Mas se por veneração da antiguidade se não conceder a palma a este nosso poema entre todos os heroicos,ao menos seguramente se pode julgar por igual ao milhor delles. Deste taõ alto merecimento, & grande beneficio que a patria recebeo com tal obra, ficando taõ illustrada por seu meyo, naõ teve Luis de Camões galardaõ algum; porque a merce que lhe fez El-Rey Dom Sebastiam de huma pequena tensa he tal que em sua comparação justamente lhe podemos chamar nenhuma. E ainda que muytos atribuão isto a desgraça do Poeta , eu lho julgo por huma grande felicidade;porque não a pòde haver mayor para hum varão insigne que achar occasião de exercitar alguma excelente virtude, & neste caso se mostrou bem a grande generosidade de Luis de Camões pois sò por amor da patria, occupou seu engenho em illustrar com suas obras este Reyno, & immortalizar seus naturaes; & foy tão inteyro na verdade , & alheo de lisonja, que podendo receber premios de muyta consideração por referir nesta obra pessoas particulares , sò tratou nella daquelles varões illustres,que de todos saõ universalmente conhecidos por taes: como o testefica claramente na estanc. 10. do primeyro Canto em que diz a El-Rey Dom Sebastiam:

Vereis amor da patria naõ movido, &c.

E no canto 7. estanc. 83. pedindo favor ás Nynfas do Tejo:

Daymo vòs sòs que eu tenho jà jurado,&c.

Desta

Desta tal inteyresa, & verdade esteve muyto alheyo Homero, do qual refere Diam Chrisostomo Orat. 11. de excidio Illij que andando mendigando pelas Cidades de Grecia, vendeo por dinheyro os louvores, que na sua Illiada da indignamente a muytos homens particulares, & a Virgilio deu Octavia irmã de Augusto cem mil reis por cada verso, dos vinte hum que escreveo de Marcello seu filho; & do que lhe derão os amigos deyxou depois por herdeyro a Augusto em duzentos & cincoenta mil crusados, como aponta Budeo, seguindo a Servio, & a Donato; pello que não he muyto que elle dedusisse a familia dos Julios de Julo, a dos Memios de Mnesteo, a Sergia de Sergesto, & de Cloanto a Cluenta, cousas todas fabulosas, & inventadas delle mesmo, sò para linsongear os poderosos daquelle tempo como o nota doutamẽte Scipião Amirato. Quao longe esteve deste vicio Luis de Camões se ve claro no que escreveo, pois nem ainda o Conde que então era da Vidigueyra lhe fez favor algum em remuneração de quanto diz naquelle poema do grande Dom Vasco da Gama, como elle o testefica dizendo no Cant. 5. estanc. 99.

Bud. de Asse liv. 3. Aenea. liv. 5. Famil. Napolitan. de Scipione Amirato. Disc. 1.

As musas agradeça o Nosso Gama, &c.

Este foy Luis de Camões na composição dos seus Lusiadas. Porèm nas outras partes da poesia não merece menor louvor, por guardar nellas os preceytos da Arte perfeytamente. Nos versos piquenos se houve com tanta eloquencia, & graça, que Lopo da Veyga no prologo do seu Santo Isidoro lhe dà o primeyro lugar; & verdadeyramente foy tão abundante de conceytos, & tão facil em os por em verso, q̃ naõ sey de qual destas cousas nos possamos mais admirar, porque sendo muytas vezes os motes sequissimos, & incapases de bom pensamento, he tanto o que acha que dizer em qualquer materia, que parece increivel, ainda depois de visto, & a suavidade do verso sempre tão corrente, & facil que parece senaõ podia dizer aquillo por outro melhor, nem mais gracioso modo. Nas Odes, & Canções seguio o estilo grandiloco, & assi participão da Magestade dos seus Lusiadas.

Cuydaõ alguns, que esta frase grandiloca, que se vè em parte das suas Eglogas, lhe fez exceder o decoro que se deve guardar ao sogeyto pastoril, naõ se lembrando de Virgilio que nas suas Bucolicas introduz argumentos muyto superiores âquelle sogeyto, como he o da quarta Egloga que trata sò da profecia da Sibilla Cumea, & o da sexta, em que Sileno discorre pela fabrica do mundo, & historias mais notaveis delle, o que tudo excede grandemente o modo pastoril. Pelo que pois Virgilio a juizo de todos os Criticos não merece censura em exceder o decoro nestes argumentos muyto menos a merece Luis de Camões por exceder só nas palavras guardando o devido decoro nos argumentos, assi das Eglogas Pastoris, como das Piscatorias. Antes he digno de muyto louvor neste genero de poesia, por ser o primeyro que destas duas especies fez hum mixto, compondo as Eglogas de Pescadores, & Pastores juntamente, por pessoas de dialogo, como se vé na que dedicou ao Duque de Aveyro que começa:

A rustica contenda desusada, &c.

Onde mais abayxo diz:

Vereis (Duque sereno) o estillo vario, &c.

Nas comedias seguio a fòrma que então se praticava, & ainda assi introdusio jà algumas prosas imitando os ingenhos Italianos, & ao nosso Francisco de Sà, que deyxàraõ os versos em que os Gregos, & Latinos as escreverão; porque como tinhão muyta diversidade delles, escolherão os que mais se chegavão ao falar solto, o que entre nòs não pòde bem ser pela obrigação dos consoantes, mas ainda assi tradusio excelentemente a dos *Amphitriões* de Plauto. Outras traduções fez tambem em verso em que se não mostrou menos elegante como foy a Elegia da payxão de Sanasaro, o Psalmo: *Super flumina Babylonis*, a fabula *de Biblis, & a de Narciso*, & outros. Tambem se achão algumas obras suas em prosa solta, as mais dellas de materia jocosa, & estillo metaforico, que era o que então se presava muyto na

Corte

Corte; por o ter introdusido Fernão Cardoso, que foy nelle eminente, ainda que Luis de Camões o usou com mais policia,& facilidade.

De todas estas obras se pòde bem conhecer a grandeza do engenho de seu Autor,& a universal noticia que teve das Sciecias,& letras humanas; porque quem cõsiderar seus escritos, acharà que teve conhecimento da lingua Grega,da Filosofia, Theologia, Mathematicas, Historias humanas,& que foy taõ gèral em toda a materia, que em qual quer faculdade que trata parece porfessor della. Pelo que se em alguas de suas obras se achar acaso couza que desdiga do que se espera de tal Autor não se deve imputar o defeyto a elle, senaõ ao tempo, & aos copiadores, porque como seus versos andàrão tantos annos, antes de se imprimirem tresladados de varias mãos, com facilidade se poderião corromper como vemos acõteceo às melhores obras da Antiguidade;& em particular a esta causa se atribuirão(como jà disse) as dissonancias dos versos de Homero em tempo de Vespasiano. Quanto mais que como Luis de Camões não fazia estas Rimas para as imprimir, mas conforme a occasião, & tempo lhe davaõ lugar, não hiaõ muytas dellas com aquella perfeyçaõ com que as acabàra, se gastàra nisso o tempo que gastava Virgilio, o qual dizia, que aperfeyçoava os seus versos como o parto da Ursa:

Por todas estas partes foy Luis de Camões taõ louvado,& conhecido no mundo que Fernando de Herrera chamado de muytos o Divino, sò a elle dava ventagem, & o excellente Torquato Tasso confessava, que sò a elle temia, & se admirou tanto de vèr os seus Lusiadas, que inflamado nos louvores do Autor publicou o que delle sentia neste soneto, que naõ ficou para elle menos honroso que para quem o compos:

R himẽ di Tasso p. 3. in Vene. anno 1608. fol. 151.

Vasco le cui felice, ardite antene
In contro al Sol, che ne riporta il giorno
Spiegar le vele,& fer colà ritorno,
Ne egli par che di cadere, accenne.
Non piu di te per aspero mar sostene
Quel che fece al Cicople oltraggio,& scorno
Ne chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno,
Ne diè pui bel subietto a colte penne.
Et hor quella del colto, i boun luigi,
Tanto oltre stende il glorioso volo,
Che i tuoi spalmati legni andar men lunge,
Onde à quelli a cui s'alza il nostro Polo,
E achi ferma incontra i suoi vestigi.
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

O grande conceyto que Lopo da Veyga celeberrimo Poeta de nossos tempos faz do nosso Luis de Camões, se vè bem em seus escritos, dandolhe sempre o epiteto de excellente. E o Mestre Francisco Sanches Brocense, assaz conhecido em toda Hespanha por sua rara erudição, lhe naõ dà menores titulos, tratando do respeyto que se deve ter aos escritos de Virgilio, & doutros semelhantes Poetas, como se vè destas palavras: *Digo esto por la veneracion en que haviamos de tener a los Poetas, siendo tales que verdaderamente merescan este nombre. Tal me parece a mi Luis de Camões Lusitano, cuyo subtil ingenio, doctrina entera, cognicion de lenguas, delicada vena muestran claramente no faltar le nada para la perfeccion de tan alto nombre, &c.* O Padre, Christovão Del rio,& Dom Fernando Alvia de Castro, o poem entre os melhores do mundo; Christovaõ Soares de Figueyroa varão insigne nas letras humanas, na vida do Marquez de Canhete, o iguala com Homero,& o aplauso universal de todos lhe dà o Titulo de Princepe dos Poetas; o que na verdade parece se lhe deve justamente; porque se muytos homens doutos de Europa, reconhecerão à Naçao Portuguesa huma certa superioridade na Poesia, como entre outros

Del Rius in Trage. Senec. Castro na Dedicatoria dos Atorismos. Ciguẽça de S. Hier 3. p. l. 2. c. 42. Tom. 2. tit. Poeta sacri.

o confessa o Autor da Bibliotheca Hispana dizendo *Lusitani in poetica, ut, & in Musica regnare feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti, &c.* Com razam se póde dar o nome de Principe dos Poetas a Luis de Camões, pois elle tem o principado entre todos os Portuguezes.

Porém se na estimaçam de tantos autores graves está igual a Virgilio, & Homero, tambem parece que lhe nao ficou inferior nos prodigios que se delles em suas vidas contam; porque foy seu engenho tam singular, que nam faltam curiosos, que digam, que muytos seculos antes foy prognosticado ao mundo o seu Poema pela Sibila Cumea, porque assi como qualquer grande perfeyçam em huma Sciencia, ou Arte, nam se póde alcançar sem particular concurso do Ceo, assi parece que ordena algumas vezes seja isto prognosticado aos homens muytos tempos antes, que aconteça. Vesse esta profecia na quarta Egloga de Virgilio, a qual foy toda tirada dos versos da Sibila, em que profetizou a felicidade que havia de haver no mundo depois do Nascimento de Christo nosso Senhor onde diz que o Poeta que havia de cantar a historia dos segundos Argonautas venceria na poesia a todos os passados; & desejando Virgilio ser este que a Sibila prognosticava, diz ao filho de Polliao (a quē elle erradamente aplicou esta profecia) que se lhe a elle caisse a sórte de ser este Poeta, estava certo, que havia de vencer na poesia atè os mesmos Deoses, & inventores dos Versos:

O mihi tam longe maneat pars ultima vitæ
Spiritus, & quantum sat erit tua dicere facta,
Non me carminibus vincet nec Tracius Orpheus,
Nec Linus, huic mater quanvis atque huic pater adsit
Orphei Caliopea, Lino formosus Apollo.
Pan etiam Arcadia mecum si judice certet
Pan etiam Arcadia dicet se judice victum.

E certamente que este pensamento està fundado em boa razaõ, porque se a gloria que os Antigos Argonautas, & Achiles alcançàram, foy mais pelos excellentes versos em que foram cantados, que pela grandesa das façanhas que obràram, como afirmava Alexandre, com quanta mais razam parece que nam deviam ficar inferiores nesta parte aos primeyros Argonautas os nossos segundos Argonautas Lusitanos, de quem, segundo Bozio, & muytos outros, alli falla a Sibila à letra, pois a nossa navegaçam, & os heroicos feytos que os Capitaes Portuguezes fizeram na India, excederam tanto aos dos Argonautas, & Achiles, que nam sofrem comparaçam alguma. E nam sómente podemos aplicar a Luis de Camões os versos referidos da Sibila, mas tambem darlhe aquelle lugar que em Roma na coroaçam de Patriarca deyxou desocupado entre Apollo, & as Musas, no monte Parnaso, aquelle grande Astrologo Barbante Senes, por cujo discurso aquella rica historia se pintou: dizendo que o mereceria hum Poeta Occidental de lingoa barbara (assi chamavam entam os Italianos às de Hespanha) que andando os tempos havia de vir ao mundo. Concluamos logo que se o nosso Poeta nam cedeo no engenho a Virgilio, & Homero, tam pouco lhe cedeo nas maravilhas do nascimento; & com mais razam nos podemos persuadir que as houvesse em hum Poeta Catholico, que nos Gentios.

Cic. pro Archia. Plutar. in vita Alex. Boz. de sign. Eccles. Ortel. Ariost cant. 15. Torcat. cant. 15.

Nam foy menor a opiniam que Luis de Camões alcançou na patria que a em que o tiveram os estrangeyros: porque ainda que lhe faltàram com os premios devidos a seus merecimentos, foy tido em grande estima dos maiores senhores, & mais prezados daquelle tempo, como foraõ o Duque de Bragança Dom Theodozio, & o Duque de Aveyro Dom Jorge, o Conde que depois foy do Vimioso Dom Francisco de Portugal, Dom Manoel de Portugal seu tio, o Viso-Rey Dom Constantino, o Conde de Atouguia Dom Luis de Ataide, o Conde do Redondo, & outros que fora largo contar. Nem era de menor valor a merce que recebeo das Senhoras Dona Francisca de Aragam, Dona Guiomar Blasfè, & da Senhora Infante Dona Maria, como

como se vè em suas obras. Tambem referem muytos Fidalgos daquelle tempo, que quando succedeo neste Reyno El-Rey Dom Felipe o Prudente, depois de chegar a Lisboa mandou fazer diligencia por Luis de Camões, & sabendo, que era fallecido mostrara disso sentimento, porque desejava de o ver por sua fama, & fazerlhe merce. De maneyra, que a pobreza em que viveo, nam lhe abateo entre os Principes a grande opiniam que à suas obras se devia, & se as riquezas fugirão delle, ou foy pelas razões, que o Plutaõ de Luciano dava contra Timon, ou por elle fazer pouco pelas adquerir, ou por seus merecimentos serem muyto grandes: pois he certa a sentença de Tacito, que os beneficios saõ agradaveis em quanto se pòdem recompensar, mas que passando deste termo tem o desagradecimento em lugar de premio.

Tacit. liv. 4. histor.

Desta gèral reputação que os naturaes, & estrangeyros tinhão delle, não he muyto lhe nascesse a estima grande que de si tinha, louvando, & abonando seu engenho em muytas partes dos seus Lusiadas, & mais Obras: o que alguns lhe atribuirão a vicio, nao atentando que he impossivel não se conhecer hum bom entendimento a si proprio, & ter verdadeyra opinião de suas cousas. Aristoteles diz, que o varão grande, se se nao tiver por tal, não o serà: *Esse sanè magnanimus is videtur, qui cum magnis sit dignus, magnis quoque semet dignum existimat: nam quis non pro dignitate id facit, stolidus est; at virtute præditus neque stolidus, neque stultus est quispiam, &c.* E noutro lugar: *Magni enim viri, honore se ipsos dignos maxime existimant, ac pro dignitate illi quidem.* E o mesmo afirma Balthezar Castilone no seu Perfeyto Cortezam, & lhe permite louvarse em seu tempo, & lugar conveniente, dizendo na pessoa de Gaspar Palavicino: *Ho conosciuti poc hi huomini eccelenti, in qual si voglia coza, chi non laudino se stessi; & par me che molto bem comportare lor si possa. Per che chi si sente valere, quando si vede non esser per le opere conosciuto, si sdegna che il valor suo sia sepolto. Et forza è che a qual che modo lo scopra, per non essere de fraudato de le honore, che è il vero premio de le virtuose fatiche: Pero tragli antichi scrittori chi molto vale, rare volte si astien di laudarse stesso, &c.* E Tullio na sua primeyra Tusculana resolve, que aquelle celebre Oraculo *Nosce te ipsun,* naõ foy dito, para sabermos as miserias do corpo, mas para cada hum conhecer as excellencias de seu proprio animo, & entendimento. Porèm ainda que naõ houvera as authoridades de taõ doutos Varões, bastantemente ficava o nosso Poeta desculpado, com ser este o uso comum de todos os Poetas, como diz o mesmo Tullio Tusculanarum quæst. liv. 5. *Adhuc neminem cognovi Poetam, qui sibi non optimus viderètur.* E ad Atticũ epist. 22. *Nemo umquam, neque Poeta, neque Orator fuit, qui quemquam, meliorem quam se arbitraretur.* Bom exemplo he desta opinião Homero na pessoa de Demodoco, Virgilio em muytos lugares, & Horacio liv. 1. Ode 1. em que se finge coroado entre os Deoses dizendo:

liv. 4. Etic. 3.

El Cortesan. liv. 1.

Me doctarum ederæ præmia fontium
Dijs miscent superis

E no liv. 2. Car. escreve toda, a Ode 20. em seu louvor, que começa:

Non usitata nec tenui ferar
Penna, biformis per liquidum æthera Vates, &c.

E no Terceyro Ode 30.

Exegi monumentum ære perennius,
Regalique si tu pyramidum altius:
Quod non imber edax, non Aquilo impotens
Possit eruere, aut innumerabilis
Annorum series, & fuga temporum, &c.

O mesmo faz Ovidio em muytos lugares, & em particular no liv. 4. De Tristibus Eleg. 10. dizendo assi.

Tu mihi (quod rarum est vivo) sublime dedisti
Nomen, ab exequiis quod dare fama solet.

Nec qui detractat præsentia livor, iniquo
Ullum de nostris dente momordit opus.
Nam tulerint magnos cum sæcula nostra Poetas,
Non fuit ingenio fama maligna meo.
Cumque ego præponam multos mihi, non minor illis
Dicor, & in toto plurimus orbe legor.
Siquid habent igitur vatum præsagia veri,
Protinus ut moriar non ero terra tuus, &c.

Estacio liv. 12. da sua Thebayda:

O mihi bissenos multum vigilata per annos
Thebay jam certè præsens tibi fama beginum
Stravit iter, cæpitque novam monstrare futuris.
Jam te magnanimus dignatur noscere Cæsar,
Itala cum studio discit, memoratque juventus.
Vivè precor, nec tu divinam Æneyda tenta,
Sed longe sequere, & vestigia semper adora.
Mox tibi siquis adhuc prætendit nubila livor
Occidet, & meriti post me referentur honores.

E Sanasaro na sua 4. Piscatoria naõ quis deyxar de lembrar que elle fora o primeyro que trouxera as Eglogas atè entaõ Pastoris aos Pescadores:

— Nunc litoream nec despice Musam,
Quam tibi post sylvas, post horrida lustra licæi,
(Siquid id est) salsas deduxi primus ad undas,
Ausus inexperta tentare pericula cymbac.

Dos outros vulgares não hà que referir mais exemplos, pois todos os trasem nas mãos. Pelo que bem se vê a pouca razão com que nesta parte pòde ser o nosso Poeta notado.

Depois que Luis de Camões imprimio os seus Lusiadas passou o restante da vida em Lisboa, no conhecimento de muytos, & conversação de poucos; porque tendo jà passado por elle as primeyras verduras da mocidade, tinha entrado na idade madura, & sò continuava cõ alguns homens doutos seus amigos, principalmente no Convento de Sam Domingos de Lisboa, onde tinha particular familiaridade com alguns Religiosos daquella Santa Casa. Neste tẽpo lhe sobreveyo huma larga enfermidade, que lhe servio de se aparelhar para a morte, a qual elle trazia taõ presente, que atè nas cartas jocosas falava muyto de siso nella, como se vè bem das que andaõ impressas nas suas Rimas. Acrescentouselhe este mal com o sentimento da morte d'El-Rey Dom Sebastiam, a quem tinha intentado celebrar em outro heroico poema, se a ambos durara a vida, & melhor fortuna.

Com esta, & outras molestias se lhe foy aggravando a enfermidade atè o anno de 1579. no qual faleceo. Estava neste tempo em tanta pobreza, que de casa de Dom Francisco de Portugal lhe mandàraõ o lançol em que o amortalhàrão, & assi foy sepultado na Igreja de Santa Anna (aonde se acha hoje o Coro das Religiosas) sem letreyro, ou campa alguma, que mostrase o lugar de sua seplutura.

Era quando morreo de pouco mais de cincoenta annos, porque quando compunha os seus Lusiadas, diz elle no canto 10. estanc. 9. que tinha jà pouco que passar da idade do Estio para o Outono, o qual começa dos cincoenta por diante:

Vaõ os annos descendo, & jà do Estio, &c.

E fallecendo elle sete annos depois de sua impressaõ (a qual foy no de 1572.) parece que não passou dos cincoenta & cinco. Foy Luis de Camões de meã estatura, grosso, & cheyo do rosto, & algum tãto carregado da fronte, tinha o nariz comprido levantado no meyo, & grosso na ponta; afeavao notavelmente a falta do olho direyto, sendo mancebo, teve o cabello tão louro, q̃ tirava a açafroado; ainda q̃ naõ era

Partes pessoaes de Camões.

graciosо

gracioso na aparencia, era na conversação muyto facil, alegre, & dezidor, como se vè em seus motes, & esparsas, posto que jà sobre a idade deu algum tanto em malencolico. Nunca casou, nem deyxou geração. Viveo, & morreo em tanta estreyteza do necessario para a vida, que se aquelles tempos naõ foraõ taõ calamitosos para o Reyno, com as cousas de Africa, pudèra redundar em afronta dos naturaes, & causar admiração. Ainda que os que tem noticia das historias humanas entenderaõ bem, que este he o estillo ordinario do mundo, no qual os mais dos homens eminentes saõ perseguidos, & desprezados em vida. Do grande Homero sabemos que se sustentava pedindo esmola por Grecia. A Socrates faltava muytas vezes huma capa com que se cobrir, & em fim veyo a morrer condenado pelos Athenienses, & Aristoteles, & Demosthenes, porque o naõ fossem fugirão da mesma Cidade. Scipião morreo despojado da fazenda, & desterrado da patria. A Tullio degollàraõ, & por mais o afrontarem, lhe cortàraõ aquella lingoa, em q̃ por tantas vezes cõsistio a liberdade da Republica, & o grande Epicteto viveo em Roma com tanta miseria, que naõ tinha mais de seu, que hum candieyro de barro, com que se alumiava. Acabando porèm com a vida as armas da inveja, com que os grandes engenhos saõ sempre combatidos, nascem elles de novo depois da morte, & vestidos das azas da fama, alcanção a gloria, que suas obras merecerão; porque os homens não pòdem fazer guerra, senaõ aos corpos, os quaes, como compostos de materia fragil, & caduca, saõ vencidos de mayor potencia. Mas as obras do engenho, como representaõ o animo, que he eterno, duraõ igualmẽte com o tempo, & com elle adquirem o premio igual a seus merecimentos. Daqui veyo chegarem depois os Gregos a venerar, como cousas Divinas, aos mesmos Homero, Socrates, Demosthenes, & Aristoteles, a quem em vida perseguirão, & em Roma a confessarem os Cidadãos, que naõ podia ser castigada aquella Cidade com mayor pena, que privala Scipiaõ do thesouro de sua sepultura, & a dizerem contra os matadores de Tulio, que por se livrarem de sua eloquente lingua, fizerão fallar contra si as de toda a Republica; & foy taõ estimado o nome de Epicteto, que o seu candieyro de barro, por ser possuido de tal dono, se comprou na praça de Roma por trezentos crusados.

Deste mesmo modo vay succedendo a Luis de Camões, o qual, sendo perseguido em vida de perpetuos infortunios; depois de morto tem alcançado gloriosissimos premios de seus trabalhos, porque pouco depois de seu fallecimento, movido Dom Gonçallo Coutinho do zelo da patria, a quem o Poeta tinha tanto merecido, lhe mandou cobrir o lugar da Sepultura com huma campa de marmore com este honroso Epitafio:

Aqui jaz Luis de Camões, Princepe dos Poetas de seu tempo: viveo pobre, & miseravelmente, & assim morreo o anno de 1579.

Esta campa lhe mandou aqui por Dom Gonsalo Coutinho, na qual se naõ enterrarà pessoa alguma.

A este Epitafio acrescentou depois outro mayor (cõ gosto do mesmo Dom Gonçallo) Martim Gonçalves da Camera, Presidente, que foy da mesa do Paço, & escrivão da puridade d'El-Rey Dom Sebastiam grande valido seu, & estimado de todos os Reys deste Reyno, varão de summa inteyresa, virtude, & temperança, compos este Epitafio à sua instancia o Reverendo Padre Matheus Cardoso Religioso da Companhia de Jesus Lente que foy da primeyra cadeyra da humanidade da Universidade de Evora, que depois deyxando os Estudos humanos, se dedicou sò aos Divinos, & à pregaçao do Evangelho nas barbaras Regiões de Angola, onde ao presente anda, & o pitafio diz assi:

Naso

Naso eligis, Flacus Lyricis, epigrāmate Marcus
Hìc jacet, Heroo carmine, Virgilius.
Ense simul, calamoque auxit tibi Lysia famam,
Unam nobilitant Mars, & Appollo manum.
Castalium fontem traxit modulamine, at Indo
Et Gangi, telis obstupefecit aquas.
India mirata est, quando aurea carmina lucrum
Ingenii, haud gazas, ex Oriente tulit;
Sic bene de patria meruit, dum fulminat ense,
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertère Poetam
Quælibet hunc vellet terra vocare suum
Vertere fas, æquare nefas æquabilis uni,
Est sibi, par nemo, nemo secundus erit.

Não he pequeno louvor alcançar Luis de Camões depois de morto estas gloriosas memorias por Obra de Varões taõ Illustres, quando até os mayores Principes do Mundo, & os parentes mais chegados com a morte se sepultão juntamente no esquecimento dos vivos. Porèm não he menos honra a que adquirio nos bons engenhos, que se dedicarão a tradusir o seu poema heroico, o qual anda convertido nas melhores Lingoas de Europa querēdo cada qual fazello proprio por ornamento da sua propria, & para enriquecer seus naturaes com taõ precioso thesouro. E ultimamente o Reverendissimo Bispo de Targa Dom Frey Thomè de Faria o traduzio com grande elegancia em verso Heroico Latino, tendo justamente tal occupação por digna de sua profissaõ, & dignidade, como outros muytos Prelados tem feyto em semelhantes sogeytos, por ser Obra em que se mostra muyta erudição, & engenho. Neste Reyno se tem tambem empregado naõ poucos em comentarem, & louvarem o mesmo Poeta Luis de Camões; alguns sairão a luz, & outros se conservão manuscriptos, mais dignos, pòde ser, da Impressaõ, que os que tiveraõ esta fortuna, qual he o que hà muytos annos tem composto Luis da Silva de Brito Prior do Santo Milagre de Santarem, pessoa assaz conhecida neste Reyno pella muyta Doutrina, & qualidades que nele concorrem. Dos versos que se tem composto em seu louvor, por serem muytos, refirirey sô dous Epigramas que se imprimiraõ com as suas Rimas no anno de mil & quinhentos & noventa & oyto: o primeyro Latino feyto por Manoel de Sousa Coutinho, taõ Illustre no sangue, como nas Letras humanas, o qual deyxando o seculo, & nome, entrou na Sagrada Religiaõ dos Prègadores, onde se chamou Frey Luis de Sousa, & tem dado com suas Obras outra nova esperança â nossa patria. Pelo que por ser o Epigrama de tal sogeyto, he para Luis de Camoes de grande reputação.

Quod Maro sublimi, quod suavi Pindarus, alto
Quod Sophocles, tristi naso, quod ore canit.
Mæstitiam, casus, horrentia prælia, amores,
Juncta simul cantu, sed graviore damus.
Quisnam Auctor? Camonius. Unde hic? Protulit illum
Lysia in Eoas imperiosa plagas.
Unus tànta dedit? Dedit, & mayora daturus,
Ni cæliri fato corriperetur, erat.
Ultimus hic choreis Musarum præfuit: illo
Plenior Aonidum est, nobiliorque chorus.
Flos veteris, virtusque novæ fuit ille camænæ,
Debita jure sibi sceptra poesis habet.
In Lusitanos Heliconis culmina tractus
Transtulit antra, lyras, serta fluenta, Deas.

Currere

Principe dos Poetas de Hespanha.

Currere Castalios nostra de rupe liquores
Jussit,ab invito prata virere solo.
Cerne per incultos,Tempe meliora recessus,
Cerne satas,sterili sespite,veris opes.
Omnibus Occidui rident tibi floribus horti,
Non ego Jam Lisios,credo,sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes
Traxit,& ab stygio squalida monstra foro
Thessalicos Lodoice,sacro cum flumine montes
Pieridumque trahis cælituum quæ choros
Sunt maiora tuæ Orphæis miracula vocis,
Attica quid faceres,si tibi lingua foret?

O outro he hum Soneto Portugues do nosso Poeta Diogo Bernardes, que no estillo pastoril naõ reconhece superior, o qual por ser taõ qualificado voto he digno de muyta consideraçaõ:

Quem louvarà Camões que elle naõ seja
Quem naõ vè que em vaõ cança engenho,& arte
Elle asi sò se louva em toda a parte,
E toda a parte elle sõ enche de inveja.
Quem juntos num espirito ver deseja
Quantos doens entre mil Phebo reparte
(Quer elle de Amor cante,quer de Marte)
Por mais naõ desejar elle sõ veja.
Honrou a patria em tudo,imiga sorte
A fez com elle sò ser encolhida,
Em premio de estender della a memoria.
Mas se lhe foy fortuna escasa em vida
Naõ lhe pode tirar depois da morte
Hum rico emparo de sua fama,& gloria.

Destes testemunhos poderamos traser muytos, mas baste hum universal, que he a grande estima que neste Reyno se tem feyto de suas obras,das quaes se tem impresso, & gastado mais de vinte mil volumes; & taõ geral he hoje o conhecimento do muyto, que mereceo à patria, que se durarà ainda agora entre nòs o costume dos Romanos, que aos Cidadãos benemeritos levantavam estatuas nas praças, nam duvido, que do publico se lhe dedicara huma muy sumptuosa mas por nam carecer deste premio,no modo em que se permite a hum particular lhe mandou Gaspar de Faria Severim,meu sobrinho (em o livro,que imprimio de varios discursos, em que tambem hia esta sua vida) esculpir em brõze de meyo corpo o seu natural retrato, cõ sua inscripçam, & para em toda a parte o poder acompanhar com o dito retrato fez a breve noticia de sua vida, & lhe ajuntou hum Elogio Latino, que vertido no nosso Idioma he o seguinte.

ELO-

ELOGIO.

Camões he Lusitano, este que vos parece Homero, na semelhança do rosto, nos mesmos partos do entendimento, & na igualdade da vida. Homero foy falto de ambas as vistas, Camões de huma dellas: aquelle possuhio poucas riquezas, este viveo em perpetua pobreza: cantou aquelle Ulysses, este os Ulysses, mas sendo a Homero igual no canto, no mais foy superior, porque concebendo em seu animo hum soberano Poema, em que havia de pintar a braveza das tormentas de Neptuno, & o furor de Marte a ferro, & fogo, navegou, & passou à India, ouvio os sabios della, peleyjou valerosamente com os inimigos (como testeficam as fermosas feridas recebidas no rosto,) & sendo outro Platam nas peregrinações, imitou no naufragio a Cesar, contentando-se de livrar sò das ondas seus Poemas. Tornado à patria, experimentou sua ingratidam, depois de a ter singularmente ennobrecido, & sem receber premios, nem honras da Poesia, acabou a vida como desterrado entre seus proprios Cidadãos. Chegou porèm 43. annos depois de morto o bem merecido galardam à suas Obras procurando o agradecimento livralo da adversidade da fortuna, & esquecimento da morte com este novo genero de Estatua, que Gaspar de Faria Sever imprimeyro lhe levantou, em quanto outros de marmore, & de ouro lhas preparam. Anno 1622.

Deste modo ficarà a Imagem do nosso Poeta ornando as Livrarias, & Casas das Sciencias, com grande gosto dos Doutos, & curiosos, os quaes jà em tempo de Plinio costumavam ter ornados os rostos daquelles cujos animos conservavam retratados no mesmo lugar em suas Obras. E era este costume tam usado em Roma, que atè os Retratos que nam havia, se fingiam, como aconteceo ao de Homero. *Ex auro, argento, aut certe ex ære* (diz elle) *in Bibliothecis dicantur illi, quorum immortales animæ in iisdem locis, ibi loquuntur, qui nimò etiamqui non sunt, finguntur, pariuntque desideria non traditi vultus, sicut in Homero evenit, &c.*

Plin. liv. 35. c. 2.

No Retrato ficou Luis de Camões aventejado a qualquer grande Estatua por maravilhosa, que fosse, porque as Estatuas nam occupam mais que hum sò lugar, & padecem tambem as injurias do tempo, com as quaes se acabaram atè aquelles monstruosos Colossos, com que os Antigos quiseram eternizar sua memoria, porèm as Estampas tem aquella propriedade da pintura com a qual diz o mesmo Plinio, que os homens se fizeram iguaes aos Deoses, podendo estar juntamente presentes em toda a parte, & por benificio da Impressam ficam izentos dos poderes do tempo. Estes excellentes premios, que as Obras de Luis de Camões tem alcançado, parece antevio elle muytos annos antes, quando considerando o pouco fruyto, que entam lhe rendiam seus versos disse na Estanc. 100. do Canto 5. de seus Lusiadas.

Porèm naõ deyxe em fim de ter disposto, &c.

Pello que tem nelle todos os professores das Sciencias hum grande exemplo, para nam deyxarem de occupar seus talentos em beneficio publico, por falta de favor, porque quanto mais este lhe falecer de presente, tanto mayores premios pòdem esperar de futuro.

Com razam logo nos podemos consolar da contraria fortuna, que o nosso Poeta padeceo em vida, pois àlem de ter nella por companheyros aos mais Illustres Varões da Antiguidade, não lhe vay ficando depois da morte inferior nas honras da Sepultura, na authoridade da Estatua, na dilataçam da Fama, com a qual he celebrado por todo o mundo, em tantas lingoas, dos melhores Poetas, Historicos, & Oradores, de maneyra, que sua gloriosa memoria durarà igualmente com os Seculos vindouros.

OS

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Fazem concilio os Deoses na alta Corte,
Oppoemse Bacco à Lusitana gente,
Favorece-a Venus, & Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui mostrar seu braço forte,
Destruindo, & matando juntamente,
Torna as partes buscar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça surge fóra.

CANTO PRIMEYRO.

Neste Canto primeyro se conta o que aconteceo ao Capitaõ Môr Vasco da Gama, depois que partio de Lisboa a descobrir as partes da India por mandado d'El-Rey D. Manoel, té chegar a Mombaça na Costa de Melinde.

1

AS armas, & os Varões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passàraõ inda alèm da Taprobana:
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana:
E entre gente remota edificàraõ
Novo Reyno, que tanto sublimáraõ.

A*S armas.* Costumaõ, os que declaraõ obras alheas, antes que entrem na declaraçaõ dellas, tratar algũas cousas, assim do Autor da obra, titulo della, como da qualidade do verso, & intençaõ do Autor. O Autor deste Livro foy Luis de Camões, Portuguez de naçaõ, nascido, & creado na Cidade de Lisboa, de Pays nobres, & conhecidos: á qual, depois de haver estado muytos annos nas partes da India, se recolheo, & nella morreo, & está sepultado no Mosteyro de Santa Anna. Pelas Armas foy na India muyto conhecido, & estimado, como testemunhaõ muytas pessoas de qualidade, que o conhecéraõ naquellas partes, & hoje em dia vivem nestas. Quanto ás Letras, esta, & outras obras suas, que andaõ impressas, mostrão sua erudiçaõ, & engenho: & quam alta puzera a risca, se deyxados outros exercicios, se déra a ellas de todo. Intitula-se esta obra, *Os Lusiadas de Luis de Camões*, por tratar dos feytos dos Portuguezes, aos

quaes os Latinos chamaõ *Lusiadas*. Alguns querem, que os Portuguezes se chamem Lusiadas de Luso decimo septimo Rey de Espanha, que reynou nella trinta annos, de cuja origem não daõ razaõ alguma. O nosso André de Resende *lib. 1. antiq. Lus. in principio*, diz que de Luso filho de Baccho, & que se chamàraõ tambem Lysiadas de Lysa seu companheyro: & á terra Lusitania, ou Lysitania por este respeyto, o qual eu sigo. Hoje se chama Portugal, de cuja origem se veja, o que escrevemos no canto terceyro, Octava 20. A qualidade do verso, he Octava rima, verso heroico, como entre os Latinos, & Gregos, o Hexametro. Chama-se Octava rima, por ter cada estancia oyto versos. A tençaõ do Poeta he tratar do descobrimento, & conquista da India, & dos valerosos feytos em armas, que os Portuguezes nella fizeraõ. Guarda a ordem, que os Poetas heroicos costumão guardar no principio de suas obras. Propoem naquellas palavras: *As armas, & os varões assinalados.* Pede ajuda ás Nymphas do Tejo naquella Octava: *E vòs Tagides minhas.* Começa a narraçaõ naquelle verso: *Ia no largo Oceano navegavaõ.*

Da occidental praya Lusitana. Chama a Portugal, parte occidental, porq de todas as de Europa, nenhũa o he mais. *Occidental* quer dizer, aonde o Sol se poem, naõ porq se ponha, mas porq quãdo o dia se acaba neste nosso Emispherio, parece, q alli acaba, & fenece seu curso; pelo q vulgarmente se diz, q se poem, como se não ponha, mas ande em continuo movimẽto, dando luz ás terras por onde passa.

Por mares nunca d'antes navegados. Esta he a verdade, que atè o tempo de ElRey D. Manoel naõ foy descuberta a carreyra da India, nem se navegou, como hoje se navega. Nem me move, o que diz Damiaõ de Goes na historia do Principe Dom Joaõ, *lib. 1. cap* 67. pelo que leo em Plinio: que serà tal como o de Eudoxo, de que trata Estrabaõ *lib. 2 pag. libri mei* 72. & tem por fabuloso. E o nosso Poeta tinha voto nestas, & semelhantes materias. Leaõ os curiosos a Gaspar Barreyros em o cõmentario, que fez da regiaõ Ophyr, aonde trata esta materia com muyta claridade, & verdade.

Passaraõ inda alèm da Taprobana. Para encarecer a comprida navegaçaõ dos Portuguezes, usa desta palavra Taprobana, á imitaçaõ dos antigos, os quaes quando queriaõ encarecer huma cousa por muyto remota, diziaõ, serà na Taprobana. Hoje se chama Ceylaõ, & he sujeyta aos Reys de Portugal. Veja-se a nossa annotaçaõ no canto decimo Octava 51.

2.

E Tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reys, que foraõ dilatando
A Fè, o Imperio & as terras viciosas
D' Africa, & d' Asia andaram devastando.
E aquelles, que por obras valerosas
Se vaõ da ley da morte libertando;
Cantando espalharey por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, & arte.

E tambem as memorias gloriosas. Promette tratar tambem dos Reys de Portugal, os quaes estenderaõ a Fé de Christo nosso Senhor, tomando muytas terras aos Mouros, assim em Europa, como em Africa, & Asia. E porque aqui se faz mençaõ destas partes do Mundo, tratarey brevemente dellas, para se entenderem melhor algumas cousas, que no discurso deste livro se offerecem.

Os antigos dividiraõ o Mundo em tres partes, porque naõ tiveraõ noticia da outra novamente descuberta, á qual por este respeyto chamão novo Mundo. Todos os Geographos começaõ sua descripção de Europa, por ser (ainda que na grandeza menor que todas) na bondade, & fertilidade muyto mayor. A qual Plinio lib. 3. c. 1. chamou mãy do povo vencedor de todas as gentes, & a mais bella, & fermosa de todas as terras do Mundo. O que os antigos quizeraõ mostrar pelo nome de Europa, chamada no Grego Europi, que quer dizer fermosa vista: como he notorio, aos que desta lingua tem algum conhecimento, & se pôde ver no Thesouro da lingua Grega, no segundo tomo. E espantome, nenhum Autor antigo, nem moderno haver dado na verdadeyra etymologia desta palavra; crendo todos, que o nome de Europa lhe veyo de hũa mulher assim chamada, que Jupiter furtou, & levou a Candia, que commummente se tem por fabula. Tem Europa por termino, da parte do Norte, & Occidente, o grande mar Oceano: do Sul, o Mediterraneo: do Oriente, o Egeo, chamado hoje Archipelago: a lagoa Meotis chamada em Italiano mar delle Zabacche: o rio Tanais chamado Don, ou Taná. Divide-se em doze partes principaes: Espanha, França, Alemanha, Italia, Rhecia, Vindelicia, Grecia, Panonia, Esclavonia, Noruega, Sarmacia, & Escandia, com as Ilhas adjacentes. Alguns modernos esmiução mais estas partes, mas tudo o que trataõ se reduz a estas doze, como se verá no Canto terceyro, aonde o Poeta trata esta materia de proposito.

A segunda parte he Africa; deraõlhe os antigos este nome, que quer dizer Quentura, na lingua Grega, por ser pela mayor parte muyto quente. Divide-se em cinco partes: Berberia, Numidia, Libya, Ethiopia, & Egypto. Ainda que alguns daõ Egypto à Asia, outros a fazem parte per si. Tem Berberia cinco Reynos: Féz, Marrocos, Suz, aonde està Trudante, Tremessem, aonde cae Argel, & Tunez, que he a propria Africa, aonde esteve Carthago, grande inimiga do Povo Romano: a qual foy muyto perto do lugar, aonde agora està a Cidade de Tunez, de cujo nome todo o Reyno se chama assim. Este nome Berberia, dizem algũs, que lhe puzeraõ os Romanos, porque na conquista de Africa nenhuma gente achàraõ mais barbara, que a desta parte: a qual faz ventagem hoje em tudo

tudo a toda a outra terra de Africa,como sabemos os Portuguezes, pela muyta communicaçaõ que nestas partes temos. Outros lhe daõ outras erymologias, que se podem ver em Luis de Marmol na primeyra parte de sua Africa.

Numidia, se chama assim,porque a gente desta parte naõ vive de outra cousa, senaõ da cultivaçaõ das terras, & gado, que tem muyto. Aos desta Regiaõ chamão os Gregos Nomades,que quer dizer pastores: os Latinos Numidas,& a terra Numidia. Confina esta terra com humas serras grandes, que a dividem de Berberia, ás quaes os naturaes chamaõ Ayvacal,& os Latinos Atlâte mayor, à differença de outras, a que chamão Atlante menor: & os Africanos Errif, que estaõ ao longo da costa do mar Mediterraneo. Hoje se chamaõ vulgarmente Montes Claros. Tem Numidia tres Provincias: Drá, Todegà, & Tophilete. Drà se chama assim, de hum rio do mesmo nome,que desce dos Montes Claros, & a rega por espaço de sessenta legoas: nas quaes todas ao comprido, & huma de largo, de huma, & outra banda do rio he chea de palmares,de que tem o Xarife grande tributo. No fim desta Provincia està huma Cidade chamada Quitauga, na entrada do deserto, aonde levaõ o ouro da grande Tumbuquutu. He a mais povoada terra do mundo, porque no dito espaço de sessenta legoas, tem mais de trezentas villas,& lugares de casas grandes, & sobradadas, mas fracas, por serem feytas de area, & paos de palma,por naõ haver na terra pedra, nem outra madeyra:& valelhe chover poucas vezes naquellas partes, porque se acerta de chover dous, ou tres dias, dâ com todas as casas no chaõ. O rio Drá, ainda que he de muyta agua, não chega ao mar, porque o sorve a terra nos areaes de Libya. Mantemse a gente de Drá, & Taphilete, que confina com ella, de tamaras, & com os caroços dellas pisados se sustenta o gado. Entre os palmares se dá o anil, como o que vem da India, que serve para tingir azul, & preto. Taphilete tem este nome de huma Cidade principal da mesma Provincia. As casas saõ como as de Drà pelas mesmas razões. Tem algũas minas de sal, que levão em Camelos a Tumbuquutu,para dar a troco de ouro, donde trazem muyto, pelo q̃ esta terra he muyto rica delle. He esta grande Cidade de Tumbuquutu,na grãde provincia Jaloph, distante do rio Sanagá por espaço de tres legoas. He de grande concurso de mercadores de differentes partes, por respeyto do muyto ouro, que vem ter a ella da Provincia Mandinga. Taphilete, & Drá saõ de gente baça. Os de Todegá, que estaõ no meyo por espaço de sessenta legoas, pouco mais ou menos, saõ alvos como Framengos; mas gente bruta, & boçal. Vivem espalhados pelo Certaõ dentro, feytos pastores, & lavradores. Naõ ha nesta terra, senão algum trigo, & fruytas, de que se sustentaõ.

Libya, terceyra parte de Africa,chamada assim dos Gregos por sua secura, & esterilidade: a que os naturaes, pelo mesmo respeyto, chamão Saharà, he hũa faxa de terra, que começa do Oceano occidental, das comarcas do cabo Bojador, atè chegar á nossa fortaleza de Arguim: & vay em largura de sessenta, oytenta, & cem legoas, & mais em partes, atè dar nas correntes do rio Nilo. He terra deserta, esteril,& triste,por ser de muyto grandes areaes; pelo que he falta do necessario para a vida. E assim não vivem nella, senaõ alarves, mais brutos que os animaes, que lhe não faltaõ. Donde se deo lugar áquella fabula, de que Ovidio faz menção nas suas Metamorphoses, lib. 4. Que quando Perseo matou a Medusa, passando com sua cabeça pelo ar em cima do cavallo Pegaso, do sangue, que da cabeça cahio naquellas partes, ficou chea de cobras, & bichos, de que tem abundancia.

Ethiopia, quarta parte de Africa, he terra larga, & quasi toda sujeyta ao Preste Joaõ, Senhor daquellas partes. E segundo o que sabemos por relações, & escritos de nossos naturaes,jaz o estado deste Principe entre as correntes de tres muy famosos rios: Astaborá, Nilo, & Astapo, de que Ptolomeo faz menção na quarta taboa de Africa. Chama-se Ethiopia, por os moradores daquellas partes serem negros, que isto significa a palavra na lingua Grega. Do nome do Preste Joaõ, & da grandeza de seu Reyno trata Joaõ de Barros largamente na terceyra decada, Os Reys de Portugal tem tambem muyta parte na Ethiopia, como saõ os Reynos de Sanagá,Gambea, Guinè, Manicongo, Jaloph, Cantor, Mandinga: as Ilhas do Cabo verde, Saõ Thomè, & Principe, a grande ilha de Saõ Lourenço, Quilôa, Mombaça,Melinde, & outras naquella costa. Egypto, quinta, & ultima parte de Africa, que muytos (como fica dito) assinaõ a Asia, foy primeyro chamada Aeria, por ser isenta das alterações, & tempestades, que succede haver em outras partes; por ter sempre nella o ar claro, & limpo de nevoas, & nuvens, & por ser terra muyto temperada. Pelo que nem os frios do inverno, nem as calmas do verão saõ taes, que offendão, & tratem mal a gente. Agora se chama Egypto, de hũ filho de Bello Rey de Babylonia, assim chamado, que foy Rey desta Provincia sessenta & oyto annos. Tem da parte do Occidente os desertos de Libya, Marmarica, & Barca: do Oriente Asia, do Norte o mar Mediterraneo, do Sul o Reyno de Nobia. Tem muyto grandes Cidades, Villas, & lugares, de que he muyto povoada. He fertil, & abundante de todas as cousas necessarias para a vida, como diz Plinio lib 21.c.15. pelo que os antigos lhe chamárão *Publicum orbis horreum*, celleyro publico do mundo. E, porque ao diante me ha de ser necessario tratar algũas cousas desta Provincia, & de alguns lugares seus, do nascimento do rio Nilo, & causas do seu crecimento, & outras cousas dignas de se saber, o não faço aqui.

Asia, terceyra parte do Mundo, he só per si muy-

to mayor que Europa, & Africa. Dizem alguns, que se chamou assim, de Asio filho de Maneio Lydio; outros de Asia filha de Prometheo: & outros lhe daõ outras derivações, & origens, como lhe dá gosto. Outros, querendo-se conformar com o Grego, dizem que se disse assim de asis, que quer dizer lodo, ou lama: por serem algũas partes della sujeytas a grandes enchentes de muytos, & grandes rios, que a regaõ. Mas outro lodo, & lama lhe acho eu mayor, que saõ as grandes superstições, gentilidades, & abominações, que a mayor parte destas terras, & Reynos teve, & tem, como he notorio ao Mundo. Porque hũs adorão o Sol, outros a Lua, outros o Boy, outros, differentes animaes: & tem outras torpezas indignas de se escreverem, & hoje saõ sabidas pelo muyto, que os nossos Portuguezes tem tratado, & trataõ em algũas destas partes. Pelo que se póde dizer, ser sua verdadeyra etymologia tirada do Grego asios, q̃ quer dizer, sem Deos: por os moradores destas partes serem dissolutos, & desenfreados em seu modo de viver, & por este respeyto gente sem Deos, perdida, & errada no conhecimento da verdade. Nem he inconveniente, que houvesse sempre em Asia muyta Christandade, & que hoje em dia a haja: antes he de crer que aquelles santos, & doutissimos Varões lhe puzeraõ este nome, vendo o grande desatino, & desvario desta gente. E ja Sallustio, & Tito Livio em seus tempos se queyxavão do grande dano, que os Romanos recebião com a communicaçaõ da gente da Asia, por ser molle, & afeminada, & entregue a todo genero de vicio: o que se apegava aos Romanos, que aportavão áquellas partes. E assim lhe chama o Poeta terras viciosas, por os moradores dellas serem dados a todo genero de vicios. Estes saõ hoje os moradores, em grandes Reynos, & Provincias. E os que escapaõ desta torpeza, & lodo gentilico, daõ em outro, que he a maldita seyta de Mafamede. Bem he verdade que nas partes da India té os nossos Portuguezes feyto grãdes proveytos nas cousas da Fé: & que ha nella muytos, & muy firmes Christãos: & cada dia a Bandeyra de Christo se desenrola em novos Reynos, aonde muytos Religiosos com zelo santo, & caridade grãdissima, se poem em muy certo perigo de perder a vida, por ganhar almas a Deos, arrancando idolatrias dos corações dos gentios, desfazendo idolos, & dando os Templos a quem saõ devidos. Tem Asia por termino da parte do Oriente, Norte, & Sul, o grande mar Oceano: do Occidente, o rio Tanais, que a divide, & aparta da Europa, juntamente com a lagoa Meotis, & mar Egeo. Da Africa a divide o mar roxo, & hũa linha, que passa do dito mar ao Mediterraneo, que está notada de negro na carta Geographica de Gaspar Vopellio, a graos 64. de longura. Os antigos, & modernos varião na divisaõ da Asia. Hoje se póde dividir em cinco partes, respeytando os Principes, q̃ a governaõ, & senhoreaõ. A primeyra, & mais vizinha á nossa Europa he a da casa Ottomana, & Imperio do Turco, que começa em Constantinopla, & he senhor de muytas Provincias na Asia mayor, & menor. A segunda, he aquella parte, q̃ cae ao Septentriaõ, sujeyta ao graõ Duque de Moscovia. A terceyra, & mais Oriental, chamada Tartaria do graõ Cão, que assim se intitula o Emperador dos Tartaros: porque naquella lingua, *Vlum Cam*, quer dizer, Grãde senhor. A quarta he a terra do senhor da Persia, chamado entre elles Sophi: palavra entre os mesmos de preeminencia, & imperio, como entre nós Emperador: o qual he senhor de todo o Meridional da Asia. A quinta, & ultima parte comprehende a India, & China, aonde ha differentes nações. Aqui tem os Portuguezes muyta parte.

A quarta parte do Mundo, de que os antigos naõ tiveraõ conhecimento, se chama America, do nome de seu descubridor Vespucio Americo, Florentino. Chama-se tambem novo Mundo, assim por sua grandeza, como por ser novamẽte descuberta. Os que lhe chamão Indias, ainda q̃ daõ alguma sahida a este nome, usaõ do vocabulo impropriamẽte: porque Indias sómente se entendem as Orientaes, ditas assim por razaõ do rio Indo que as rega. O principio do descubrimento deste novo Mundo continuou hum Christovaõ Colombo, Genovez de nação, por mandado dos Reys Catholicos Dom Fernando, & Dona Isabel, no anno de 1492. Hoje he descuberta toda esta America, ou novo Mundo, salvo no que toca ao Norte, dõde se estende para o Sul, a modo de duas peninsulas, as quaes aparta huma pequena terra. A peninsula Septentrional comprehende a nova Espanha, Mexico, Florida, & Terra nova. A Meridional (a quem os Espanhoes chamão Terra firme) abraça o Perû, & Brasil.

3.

Cessem do sabio Grego, & do Troyano
As navegações grandes, que fizerão:
Calese de Alexandro, & de Trajano,
A fama das vitorias, que tiverão.
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecérão:
Cesse tudo, o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Cessem do sabio Grego. Por sabio Grego, entende Ulysses senhor de Itaca ilha do mar Jonio, chamada hoje Valle de Compáre: & primeyro fundador de Lisboa. Se he verdade o que alguns dizem, & o nosso Poeta refere no canto oytavo, Octava 5. Foy este Ulysses taõ avisado, & taõ astuto, & sagaz em sua vida, & modo de proceder, que lhe ficou por appellido o Sabio. Suas cousas cõta Homero na Odyssea, que toda gasta em tratar dellas, pelo que a intitulou do seu nome.

E do Troyano. Este foy Eneas filho de Anchises, &

& Venus; o qual depois de deſtruida, & queymada Troya ſua patria, fugindo da furia dos Gregos vencedores, paſſou grandes trabalhos no mar até chegar a Italia; os quaes conta Virgilio na ſua Eneida: o que pudera bem fazer ſem tocar na honra de Eliſa Dido, que Eneas nunca vio, nem conheceo. Lembro ao Leytor, que tudo, o q̃ Virgilio eſcreve dos ſucceſſos de Eneas: Homero dos trabalhos de Ulyſſes,& Valerio Flaco da jornada dos Argonautas, em comparação dos Portuguezes he quaſi nada. Porque a navegaçaõ dos Argonautas foy muyto breve,como he de Grecia ao rio Faſo de Colcos, regiaõ da Aſia, ſempre á viſta de terra:ſahindo a cada paſſo nella, jantando em hum porto,& ceando em outro.O caminho,q̃ Ulyſſes,& Eneas fizerão,foytambẽ muyto breve, porque nunca ſahiraõ do mar mediterraneo.Pelo que tudo, o que delles ſe eſcreve, ſaõ fabulas, & encarecimentos de Poetas, que naõ tendo outra materia,de que lançar maõ,quizeraõ moſtrar ſeus engenhos neſtas mentiras, & patranhas.Os noſſos Portuguezes correraõ, & deſcobriraõ tantos mares, virão tantas Ilhas, conquiſtáraõ tantas, & taõ varias nações, & terras; que para ſeus feytos ſerem como ſaõ, differentes de todos os do mundo, naõ lhes faltou, ſenaõ quem os eſcreveſſe,& celebraſſe como elles merecem. E trazer o noſſo Poeta a terreyro Ulyſſes, & Eneas, he, pelo que delles fabuloſa, & poeticamente ſe diz; & naõ, porque ſejaõ ſuas navegações, & trabalhos dignos de ſe comparar com os dos Portuguezes.

Caleſe de Alexandro, & de Trajano. Alexandro chamado, o Magno,por ſua cavallaria, & esforço, foy filho de Philippo Rey de Macedonia, & antes do Naſcimento de Noſſo Redemptor,& Salvador Jeſu Chriſto, trezentos, & vinte & quatro annos: & natural da noſſa Europa. Conquiſtou Aſia, paſſou à India,atraveſſando Perſia,& Armenia, & outras muytas Provincias, & Regiões, nas quaes houve grandes vitorias. Eſte grande Emperador, & Capitaõ, ſujeytando o mundo, & vencendo varias nações, não ſe ſoube vencer a ſi meſmo: porque foy muyto ſolto no beber; pelo que diz Solino no ſeu Polihiſt. cap. 14. que morreo de vinho. Outros querem q̃ morreſſe com peçonha, & que ſeu meſtre Ariſtoteles foſſe em ajuda de ſua morte. Trajano Emperador dos Romanos, foy Eſpanhol de naçaõ, natural de hum lugar chamado antiguamente Italica,cinco legoas de Sevilha: do qual hoje naõ ha memoria; porque o tempo fez ſeu officio nelle, como em outros muytos; pelo que os Eſcritores o fazem natural de Sevilha. Foy eſte Emperador, o melhor (ſegundo ſe delle eſcreve) de todos os Emperadores gẽtios; em tanto que quando ſe creava algum novo Emperador, dizião em voz alta: *Sis felicior Auguſto, & Trajano melior.* Sejas mais felice que Auguſto, & melhor que Trajano: como refere a Chronica do mundo, *pag.* 109. *in ſexta ætate mundi.* Sujeytou Trajano todos os Reynos, que eſtaõ de huma, & outra banda dos rios Tigris, & Eufrates: como Suria, Babylonia, Chaldea, & outras Provincias: entrou pelo rio Tigris ao mar da Perſia, donde determinou paſſar á India, & conquiſtalla; mas a idade (por ſer ja muyto velho) naõ lho conſentio; pelo que dalli tornou a Roma.

A quem Neptuno, & Marte obedeceraõ. Os antigos, cegos no conhecimento de Deos, adoravam por deoſes a Neptuno do mar,& a Marte da guerra: ſendo aſſim eſtes, como Jupiter,& outros que elles tinhão na meſma conta, homens,& não bõs, antes diſſolutos, & tyrannos. Mas como elles erravaõ no principal, tinhaõ por deoſes homens peccadores, & de maos coſtumes, para darem deſculpa a ſeus proprios vicios. Pelo que aviſo ao Leytor, que offerecendo-ſe fallar neſtes, ou em outros alguns deoſes dos gentios,entenda que ſaõ fabulas, & fingimentos, & que he neceſſario tratar delles algũas vezes, para declaraçaõ dos Poetas, como neſte lugar. Onde por eſtas palavras: *a quem Neptuno,& Marte obedeceraõ*: quer moſtrar o esforço, com que os Portuguezes ſe offereceraõ aos trabalhos,& perigos: & como navegando mares incognitos, parecia,que as proprias aguas lhes obedeciaõ. E nas guerras,recontros, & batalhas ſe haviaõ taõ valeroſamente, que á cuſta de muyto ſangue de ſeus inimigos, ſahiaõ com a vitoria, & pareciaõ ſenhores da meſma guerra, & que era mandada por elles.

Ceſſa tudo, o que a Muſa antigua canta. Tudo o q̃ os antigos Poetas,& Hiſtoriadores eſcreveraõ de feytos excellentes de Varões illuſtres, diz o Poeta, que ſe póde pòr â parte,em comparaçaõ do que elle ha de tratar dos Portuguezes. No que parece alludir áquelle diſticho taõ celebrado, feyto em louvor de Virgilio:

> *Cedite Romani Scriptores, cedite Graij,*
> *Neſcio quid maius naſcitur Iliade.*

Eſtem de parte os Eſcritores Latinos, & Gregos, que agora novamente ſae a luz, hum naõ ſey que, mayor que a Iliada de Homero.

4.

> E *Vòs Tagides minhas, pois criado*
> *Tẽdes em mim hũ novo engenho ardẽte,*
> *Se ſempre, em verſo humilde, celebrado*
> *Foy de mim voſſo rio alegremente:*
> *Dayme agora hum ſom alto, & ſublimado,*
> *Hum eſtylo grandiloquo, & corrente,*
> *Porque de voßas aguas Phebo ordene,*
> *Que não tenhão inveja às de Hippocrene.*

E vòs Tagides minhas. Até eſta Octava propòz o Poeta, o que havia de tratar neſte ſeu Livro. Pede agora ajuda, & favor ás Nymphas do Tejo,por eſcrever couſas de Portugal, por onde o rio Tejo paſſa, & por honrar ſua Patria, attribuindolhe Nymphas. E chamalhe Tagides, por eſte Rio em latim ſe chamar *Tagus.* As Nymphas fingiaõ os antigos

tigos ser deosas q̃ viviaõ ao lõgo dos rios, & fontes, & em lugares frescos, & apartados do commercio, & trato da gente. Davaõlhe este nome de Nymphas, porque alguns na lingua Grega chamaõ ás aguas nymphi. E porque os lugares mais accommodados a gente estudiosa,& dada ao exercicio das letras, principalmente á Poesia, saõ os deleytosos á vista, acompanhados de fontes, & rios, em que fingiaõ os antigos que as Nymphas residiaõ, costumáraõ os Poetas invocallas, como Protectoras suas, como faz o nosso Luis de Camões. Alguns querem, que Nymphas, & Musas sejaõ a mesma cousa. Das Musas se veja o que escrevemos no Canto 3. Octava 1.

Tendes em mim hum novo engenho ardente. Com muyta razaõ o nosso Poeta chama aqui ao seu engenho, novo, & ardente. Porque não sómente em Portugal, mas ainda em toda Espanha, até seu tempo,nunca nasceo nelle outro algum engenho, que se mostrasse taõ digno do nome de verdadeyro Poeta, como foy o nosso Luis de Camões, por mais que as historias de Espanha engrandeçaõ aos seus Espanhoes, Seneca, Lucano, Marcial, Boscan, & Gracilasso, & outros famosos Poetas; como das obras de cada hum delles consta claramente. Pois com tanto artificio soube o nosso Camões ordenar os Lusiadas, que aqui vamos explicando, que quem ler a mayor parte da Poesia delles, a cada passo lhe parecerá que encontra com Virgilio, & com Homero, Principes da Poesia Heroica, Latina, & Grega, ainda que com tanta mayor ventagem, como ha do vivo ao pintado. Pois o espirito heroico que ambos mostráraõ em as historias fabulosas que fingirão, se está vendo o nosso Camões em tam verdadeyra historia, como saõ as nossas conquistas: & isto com espirito taõ levantado, & taõ heroico, sublime, & verdadeyramente Poetico, que igualou na relaçaõ destas verdades, com o encarecimento das ficções fabulosas dos mais famosos Poetas. Sendo verdade, que nem os antigos,nem modernos, que algũa historia verdadeyra compuzeraõ em verso, o podéraõ fazer sem introduzirem nelles novas pessoas, ja mais nomeadas,nem fingidas na Poesia antigua; da qual os preceytos rhetoricos mandaõ tirar o ornamento Poetico. E o nosso Camões de tal maneyra soube accõmodar os passos da historia verdadeyra, com tantos milhares de fabulas, como aqui refere; que até as imitações, que como verdadeyro Poeta aqui faz, parecem puras verdades; de tal maneyra encadeadas, & introduzidas, que com ellas se naõ diminue hum ponto do credito que á historia verdadeyra se deve. Ficando ellas, álem do ornamento Poetico, para que saõ principalmente inventadas, abrindo caminho aos entendimentos allegoricos, para muytas, & muy doutas moralidades, proveytosas ao governo, & aos costumes das Respublicas,para que principalmente as Poesias se inventáraõ. E por este calor intrinseco, que para estas allegorias Poeticas he tam necessario, diz o nosso Poeta, que sua Patria criou nelle hum engenho ardente.

Se sempre em verso humilde. Poemlhe diante a obrigaçaõ, que tem de o favorecer, pois toda sua vida gastou em seu serviço, cantando, & louvando os Portuguezes,& cousas de Portugal,as quaes pelo rio Tejo entende. Verso humilde, chama Eclogas, Elegias,& outras cousas, que compôz: ás quaes, por naõ serem em verso heroico, nem de cousas heroicas, lhe poem nome de humildes,como os Poetas costumaõ.

Alegremente. O que he de agradecer, & por este respeyto merece o favor que pede.Porque as cousas feytas devagar,ou alcançadas com importunaçaõ, merecem pouco agradecimento. Donde dizẽ os Latinos: *Carè constat quod precibus impetratur.* Caro custa, o que por rogos se alcança. E os Gregos: A graça feyta devagar, he graça semgraça.

Que não tenhão enveja ás de Hippocrene. Pede ajuda ás Nymphas do Tejo, para que desta maneyra fiquem as aguas deste Rio conhecidas, & nomeadas, como as da fonte Hippocrene. Contaõ desta fonte as fabulas, que todos os que bebiaõ della, ficavaõ Poetas. Chama-se Hippocrene de duas palavras Gregas *Hippos*, *& crini*, que juntas querem dizer, Fonte do cavallo. Porque fingem os Poetas,que quando Perseo filho de Jupiter matou a Medusa, do sangue que lhe cahio da cabeça, se gerou hum cavallo com azas, a que os Poetas chamão Pegaso, dandolhe o nome do lugar em que nasceo. No qual cavallo subio Perseo, & foy nelle a Boecia, & pousando no monte Helicon, abrio no lugar aonde se póz, huma fonte com as mãos; que por este respeyto foy chamada Hippocrene, que (como fica dito) quer dizer fonte do cavallo. Querem alguns se desse occasiaõ a esta fabula do que se conta de Cadmo, que buscando por Boecia lugar para edificar Cidades, andando de huma parte para outra a cavallo, foy dar nesta fonte. E porque elle era homem que sabia, & inventou algũas letras do alphabeto, daqui se disse, q̃ esta fonte era dedicada ás Musas. De Medusa se veja a nossa annotaçaõ no terceyro Canto, Oct. 76.

5.

Dayme hũa furia grande, & sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora, & bellicosa,
Que o peyto accende, & a cor ao gesto muda.
Dayme igual canto aos feytos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda:
Que se espalhe, & se cante no universo,
Se tam sublime preço cabe em verso.

Dayme hũa furia grande. Ordinario he entre Latinos, & Gregos chamaremse os Poetas furiosos. Donde disse Plataõ, *in Ione, vel de furore Poetico: Neque enim Poeta prius canere potest, quàm Deo plenus, extra se positus, ac mente alienatus sit.* O Poeta, diz Plataõ, naõ póde escrever seus versos, senão está-do

do cheyo de Deos, & arrebatado. E no mesmo lugar: *Omnes Poetæ insignes non arte, sed divino afflatu, poemata canunt.* Os Poetas insignes não fazem suas obras por arte, mas com espirito, & ajuda divina. E Cicero *lib. 2. de Oratore: Poetam bonum neminem (id quod à Democrito, & Platone in scriptis relictum esse dicunt) sine inflammatione animorum existere posse, & sine quodam afflatu quasi furoris.* Diz Cicero referindo a Plataõ, & a Democrito, que nenhum Poeta póde ser grande sem furia. Pelo que nem a todos os que fazem versos, havemos logo de chamar Poetas. He este hum nome muy alto, & que se naõ deve, senão a quem for excellente, & insigne na Poesia.

E naõ de agreste avena, ou frauta ruda. Pede ás Nymphas, lhe dem huma furia grande, & hum espirito Poetico, sublime, & excellente, qual se requere para escrever os heroicos, & excellentes feytos dos Portuguezes: o que declara por estas palavras: *& naõ de agreste avena, ou frauta ruda*: pelas quaes se entende o estylo bayxo, & pastoril. Porque huma certa frauta dos pastores, se chama avena em latim: do nome de hũa herva, a que nós em vulgar chamamos avéa, da qual os pastores antiguamente costumavão fazer frautas, com que tangiaõ. E ha differença entre avena, & tibia, q̃ avena se fazia desta herva: & tibia, & fistula se fazia de pao, ou de cana. Ainda que os Latinos cõfundem as palavras, & chamaõ avena qualquer frauta: sendo propriamente a que digo, & a que aqui o Poeta entendeo: porque de outra maneyra naõ fizera repetição. Pelo que entre os Poetas o estylo bayxo, & pastoril, se chama agreste avena, como aqui lhe chama o nosso Poeta.

Mas de tuba canora, & bellicosa. Por tuba, que he a trombeta, entende o estylo heroico, no qual se trataõ as cousas da guerra, de que a trombeta he pregoeyra.

Que o peyto accende, & a cor ao gesto muda. Mostra os effeytos da trombeta em tempo de guerra, que he em se tocando alvoroçar os animos dos que haõ de entrar na batalha, mudarlhes a cor, & fazer que se enfiem, que he final, de quem se determina para algum feyto de perigo.

Daymé igual canto. Pede ajuda, que correspon-da á materia de que ha de tratar, que saõ os effeytos dos Portuguezes: para que a fama se espalhe pelo mundo, & sejaõ divulgados de todos, & a todos.

Se taõ sublime preço cabe em verso. Se he possivel poderemse tratar em verso cousas desta qualidade: que he hum grande encarecimento.

6.

E Vós, ô bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade;
E não menos certissima esperança
Do augmento da pequena Christandade.
Vós, ò novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade:
Dado ao mundo por Deos, q̃ todo o mande
Para do mundo a Deos dar parte grande.

E vós, ô bem nascida segurança. Invoca a ElRey Dom Sebastiaõ desde este lugar até a Octava, que começa: *Mas em quanto este tempo passa lento*: mostra a felicidade deste Reyno, assim por seu nascimento taõ desejado, & segundo a commum opinião necessario para segurança, & bem delle; como tambem pelas esperanças, que se tinhaõ do augmento da Christandade, procedendo com as cousas da India, & Africa. Captalhe a benevolencia com muyto artificio de Rhetorica, como pelas Octavas se mostra. Este costume de invocar os Principes, & Senhores, foy muyto usado entre os grandes Poetas: assim o fez Lucano na sua Pharsalia, Virgilio nas Georgicas, Horacio em todos os seus livros, & outros muytos.

Maravilha fatal da nossa idade. Chamalhe maravilha fatal, assim pelas grandes cousas, que delle se esperavão; como porque foy dado a este Reyno, por lagrimas, romarias, & procissões, & quasi alcançado por importunações: o que, parece, declara naquellas palavras: *dado ao mundo por Deos.* Do que toca ao fado, se veja a nossa annotaçaõ neste mesmo Canto, Octava 24.

7.

V Os tenro, & novo ramo florescente
de hũa arvore de Christo mais amada,
Que nenhũa nacida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vede-o no vosso Escudo que presente
Vos amostra a vitoria ja passada,
Na qual vos deu por Armas, & deyxou,
As que elle para si na Cruz tomou.

De huma arvore de Christo mais amada. Entende o felicissimo Rey Dom Affonso Henriques, primeyro de Portugal: ao qual Christo nosso Senhor appareceo hum dia de Sanctiago, anno de mil cẽto trinta & nove, estando no campo de Ourique para dar batalha a cinco Reys Mouros: aonde foy levantado por Rey, & venceo aos cinco Reys com grande estrago, & destruição dos Mouros, & muyto pouca perda dos seus.

Cesarea, ou Christianissima chamada. Por arvore Cesarea, entende os Emperadores, & Senhores de Europa, à imitação dos Emperadores de Roma, aonde elles se coroão. Por Christianissima, os Reys de França, por ser este titulo seu hereditario, como notamos adiante Octava 13. E diz aqui o Poeta, que esta arvore, & tronco, donde os Reys de Portugal procedem, foy mais amada de Christo: porque se não lé, que Deos nosso Senhor fizesse taõ claramente por Emperador, ou Rey, o que fez por este felicissimo Rey D. Affonso Henriques.

Vede

Vede-o no vosso escudo. O Conde Dom Henrique deyxou por sua morte a seu filho Dom Affonso Henriques hum Escudo em branco, no qual neste dia, que foy levantado por Rey, em memoria do apparecimento de Christo nosso Senhor, & de huma taõ sinalada vitoria, que houve dos cinco Reys Mouros, & à honra das cinco Chagas de Christo nosso Senhor, lhe póz huma Cruz azul partida em cinco escudos com outras particularidades, que no Canto terceyro Octava 54. se trataõ.

Na qual vos deo por armas, & deyxou, as que elle para si na Cruz tomou. Mostra o Poeta como Christo nosso Senhor foy autor das Armas de Portugal, & que elle proprio deo aos Reys delle as insignias, que agora tem. Veja-se a nossa annotação no Canto terceyro, como acima.

8.

Vos, poderoso Rey, cujo alto Imperio,
O Sol, logo em nascendo, ve primeyro:
Ve o tambem no meyo do Emispherio,
E quando desce, o deyxa derradeyro.
Vòs, que esperamos jugo, & vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleyro,
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo rio.

O Sol logo em nascendo. Nesta Octava aponta o Poeta as partes, aonde os Reys de Portugal tem dominio. Para cujo entendimento se ha de notar, que o Sol toca cada dia no seu curso ordinario tres pontos: Oriente, Ponente, & Meridiano. Dos quaes os dous, Oriente, & Ponente, saõ termo, & balizas do Orizonte: & o Meridiano, he como àmago, & centro delles. O Oriente abraça as partes da India: o Ponente as Ilhas dos Açores, & Brasil: o Meridiano comprehende Portugal, Algarves, Cabo Verde, S Thomé, a Ilha da Madeyra, & tudo o mais, que pertence a este Reyno, discorrendo pela costa de Africa, & mar Atlantico.

Ve-o tambem no meyo do Emispherio. Emispherio he palavra Grega, quer dizer meyo mundo. Toma-se aqui pela linha Meridiana, pela qual se entende o nosso Portugal, posto no meyo dos dous pontos, Oriente, & Ponente, como cabeça, & centro delles: & pelo conseguinte senhor de todas as partes sujeytas à Coroa destes Reynos de Portugal. Que seja Emispherio, se veja, o que escrevemos no Canto quinto Oct.14.

Torpe Ismaelita. Os Mouros se chamão Ismaelitas de Ismael filho de Agar, escrava de Abraham. Conta-se no Genesis c.21. que vendo Sara mulher de Abraham, que Ismael filho de Agar sua escrava, folgava com seu filho Isac, (a que S. Paulo escrevendo aos de Galacia c.4. chama perseguiçaõ) procurou lançallo logo de sua casa juntamente cõ sua mãy Agar. A qual (como se conta no lugar allegado) foy ter a Egypto, aonde o filho andando o tempo veyo a casar, & a ser Rey, & houve doze filhos, como se conta no Genesis, c. 25. & refere Josepho no livro primeyro c. 21. de suas antiguidades. Os quaes espalhados por differentes partes de Africa, vieraõ a ser senhores, & Reys della, & do nome de Ismael se chamaõ os moradores daquellas partes Ismaelitas: & Agarenos do nome de sua mãy Agar. Chamaõ-se estes povos hoje Mouros, de Mauron, palavra Grega, que significa cousa negra, por elles serem pela mayor parte negros. Chamão-se tambem Saracenos, & prezaõ-se muyto deste nome, dizendo que lhe vem de Sara mulher de Abraham. Mas o mais provavel he, que o tem de hum lugar chamado Saraco na Arabia Petrea. Porque quando se leavntou a maldita seita de Mafamede, que foy no anno de seiscentos & vinte & nove de nossa salvaçaõ, os deste lugar forão os primeyros que a seguirão. Veja-se a nossa annotaçaõ neste Canto, Octava 53. & no septimo, Oct. 17.

Do Turco Oriental. O Turco he senhor de muyta parte da Asia mayor, & menor, & Egypto, & tem grande pé no Oriente, pelo que o Poeta lhe chama aqui Turco Oriental. E porque nestas partes confina com os nossos, diz que espera de vir tempo, em que o ponha debayxo do seu jugo.

E do Gentio, que ainda bebe o licor do santo rio. Por rio santo, entende o Ganges, que atravessa o Reyno de Bengála na India, & de hũa, & outra parte he muyto povoado de Gentios idolatras. Chama-lhe o Poeta santo, porque he hum dos quatro rios, que sahem do Paraiso terreal: ao qual chama a Escritura sagrada cap.2. Genes. Philon, segundo Eusebio, & o B. S. Hieronymo nas questões Hebraicas. Os Gregos lhe chamaõ Geta, como diz Josepho nas antiguidades, lib.1. cap. 2. Os Gentios errados lhe chamaõ Santo, porque cuydão, q̃ lavando-se nelle vaõ direytos ao Ceo, & que não tem necessidade de outro remedio para sua salvação. E estão nisto taõ pertinazes, que levão a este rio os que estão para morrer, & os lançaõ nelle, aonde acabão afogados, tendo para si ser este o mayor bem, & felicidade que na vida podem alcançar. Erronea he esta já velha, & de muytos tẽpos atraz: porq̃ assim lemos, que o faziaõ os antigos idolatras, não sómente no Ganges, mas em qualquer outro rio, como se póde ver em Macrobio nos Saturnaes lib.3. cap. 1. ao que tambem allude Persio na segunda Satyra:

Hæc sanctè ut poscas, Tyberino in gurgite mergis,
Manè caput bis, terque, & noctem flumine purgas.

Para pedirdes estas cousas santamente, lavais pela manhãa duas, & tres vezes a cabeça no rio Tybre, & alimpais no rio peccados, q́ cõmetteſtes de noyte.

9.

INclinay por hum pouco a Magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo:
Que ja se mostra, qual na inteyra idade,

Quan-

Quando subindo ireis ao eterno Templo.
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
Do amor dos patrios feytos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

Inclinay por hum pouco a Mageſtade. Neſta Octava lhe capta a benevolencia *ab indole*, como dizem os Rhetoricos: que he da grande moſtra que em ſua puericia dava de vir a ſer hum grande Rey. E que ja na tenra idade parecia de muytos annos, pelo ſiſo, ſaber, & gravidade que moſtrava.

Quando ſubindo ireis ao eterno templo. Quando ja velho ireis caminhando para o Ceo.

Os olhos da real benignidade ponde no chão. Por chaõ entende o Poeta aqui os ſeus verſos, dos quaes falla por eſte termo taõ humilde, porque naõ pareça cahir em vicio de arrogancia. Realça tambem a Mageſtade Real, em dizer, que ponha os olhos no chaõ, dando a entender, eſtar occupada em outras couſas de muyta importancia, & peſo.

Vereis hum novo exemplo. Novo aqui quer dizer excellente, à imitaçaõ de Virgilio nas Eclogas, Ecloga 3. *Pollio, & ipſe facit nova carmina.* Pollio tambem faz novos verſos, como ſe diſſera: Verſos excellentes, & aſſim o uſaõ os mais Poetas.

10.

VEreis amor de Patria não movido
De premio vil, mas alto, & quaſi eterno,
Que não he premio vil, ſer conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem ſois Senhor ſupremo;
E julgareis qual he mais excellente,
Se ſer do Mundo Rey, ſe de tal gente.

Vereis amor da Patria. Moſtra a natural inclinaçaõ dos Portuguezes, aos quaes ſó o deſejo de alcançar nome, & ſer conhecidos, & honrados na ſua patria (que aqui chama ninho paterno) faz offerecer a todos os contraſtes, & perigos. Chama ao intereſſe premio vil: porque a gente bayxa nenhuma outra couſa reſpeyta. Donde diſſe Ovidio *lib. 2. de Ponto*: *Vulgus amicitias utilitate probat.* A gente bayxa naõ tem olho, ſenão ao intereſſe. Premio grande chama o nome, & fama que ſe alcança, ſendo celebrados, & conhecidos dos ſeus naturaes, pelos feytos excellentes que fizerem.

Por hum pregaõ do ninho meu paterno. Eſtas palavras ſe haõ de entender geralmente ſer qualquer conhecido pelo pregão de ſeus naturaes. E não q̃ diga Luis de Camões iſto por ſi, como o declarão, & trasladão em outra lingua: porque elle naõ pertende abonarſe a ſi, mas louvar os Portuguezes, cujos feytos eſcreve, como mandão as regras da Rhetorica, as quaes elle em tudo ſegue.

11.

OUvi, que não vereis com vãs façanhas,
Fantaſticas, fingidas, mentiroſas,
Louvar os voſſos, como nas eſtranhas
Muſas, de engrandecerſe deſejoſas.
As verdadeyras voſſas ſaõ tamanhas,
Que excedem as ſonhadas fabuloſas:
Que excedẽ Rodamonte, & o vão Rugeyro,
E Orlando, ainda que fora verdadeyro.

Ouvi que não vereis. Pede neſta Octava attenção a ElRey Dom Sebaſtião, louvando a materia deſta obra, que não ſerá contar fabulas nem mentiras, de que os antigos foraõ muyto curioſos, mas verdades como acontecéraõ.

Que excedẽ Rodamonte, & o vão Rugeyro. Ha dous livros, como todos ſabemos, em octava rima, hum que compóz Mattheo Maria Boyardo, que ſe chama Orlando namorado, & outro que fez Ludovico Arioſto, que ſe chama Orlando furioſo. Nos quaes ſe contaõ muytas fabulas de Rodamonte, Rugeyro, & Orlando. As quaes póde nelles ler, quem dellas for curioſo.

12.

POr eſtes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rey, & ao Reyno tal ſerviço:
Hũ Egas, & hum dos Fuas, q̃ de Homero
A Cithara para elles ſó cobiço.
Pois pelos doze Pares, darvos quero
Os doze de Inglaterra, & o ſeu Magriço,
Douvos tambem aquelle illuſtre Gama,
Que para ſi de Eneas toma a fama.

Hum Nuno fero. Eſte he Dom Nuno Alvarez Pereyra Condeſtable deſtes Reynos de Portugal, aſſaz conhecido pelas guerras que ElRey Dom Joaõ o primeyro teve com Caſtella, aonde fez maravilhas ajudando a ſeu Rey, & defendendo ſua patria, como nas Chronicas ſe póde ver, & conta o noſſo Poeta no Canto quarto, Oct. 37.

Hum Egas. Egas Moniz Ayo de ElRey Dom Affonſo Henriquez, do qual ſe trata no Canto terceyro.

Hum Dom Fuas. Dom Fuas Roupinho muyto esforçado cavalleyro. Trata-ſe delle no Canto octavo, Oct. 16.

Que de Homero a Cithara. Pela Cithara de Homero entende o engenho, & excellente eſtylo de eſcrever do grande Poeta Homero, para deſta maneyra poder dignamente eſcrever os feytos, & cavallarias dos Portuguezes. Ao que já antiguamente Alexandre Magno teve enveja, quando não havia por tão venturoſo a Achilles pelos feytos que fizera em armas, como por alcançar hum tão excellente pregoeyro delles, como foy o Poeta Homero. Uſa deſta palavra cithara, inſtru-

mento musico, pela grande conformidade q̃ nestas artes ha; daqui os Versos se chamaõ *carmina*, que quer dizer cantigas, & escrevellos, *canere*, que significa cantar; porque para este fim se fazem os versos. E por esta razão se chamaõ alguns Lyricos de Lyra, que he a viola, porque se cantaõ a ella.

Pois pelos doze Pares. Depois que Carlos Magno Rey de França, do qual havemos de tratar na Octava seguinte, prendeo a Desiderio Rey de Lombardia, a petiçaõ de Adriano Papa, por lhe fazer muytos aggravos, & lhe ter usurpado muytos lugares da Igreja; & assim mesmo fez que os Saxones seus subditos, os quaes se lhe haviaõ rebellado, se quietassem, & vivessem Christãa, & religiosamente; finalou doze homens dos principaes de França, a modo de Coadjutores, & Conselheyros, para tudo o que fosse necessario para o bom governo, & conservaçaõ do Reyno. Estes foraõ seis Bispos, tres Duques, & tres Condes, como se refere na Chronica de Espanha, aonde estaõ os seus nomes postos, & se trata delles mais largamente. Pozlhe nome Peres, que na lingua Franceza quer dizer Padres, ou Senadores, porque havião de ser Pays, & Governadores daquella Republica, & corrompida a palavra Peres, lhe chamárão Pares. Estes saõ os doze Pares de França; & não Orlando, Oliveyros, & outros de que fabulosamente trata Ariosto. Os quaes não forão mais que cavalleyros esforçados da companhia de ElRey Carlos. Ha tanta mentira escrita sobre estes doze Pares, que me pareceo necessario pór aqui a verdade.

Os doze de Inglaterra. Diz o Poeta que pelos doze Pares, de que Ariosto fabulosamente trata, lhe dará os doze Portuguezes, que foraõ a Inglaterra, pedidos a ElRey Dom Joaõ o primeyro, que então reynava, por hũas Damas Ingrezas contra huns naturaes seus, que soltárão palavras contra ellas. Esta historia trata o nosso Poeta no Canto sexto.

Aquelle illustre Gama, que para si de Eneas toma a fama. Este foy Dom Vasco da Gama, primeyro descubridor da India. Diz que toma para si a fama de Eneas, pelas grandes proezas, & maravilhas que delle conta Virgilio na sua Eneida.

13.

Pois se a troco de Carlos Rey de França
Ou de Cesar quereis igual memoria,
Vede o primeyro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria;
E aquelle, que a seu Reyno a segurança
Deyxou com a grande & prospera vitoria:
Outro Joanne invicto cavalleyro,
O quarto & quinto Affonsos, & o terceyro.

Pois se a troco de Carlos Rey de França. Foy este Carlos filho de Pipino Rey de França, & de Berta filha de Eraclio Emperador de Constantinopla. Succedeo no Reyno depois da morte do Pay. Foy tam grãde inimigo, & perseguidor dos maos Christãos, & tam affeyçoado, & amigo dos bons, que mereceo o nome de Christianissimo: de donde este nome ficou como hereditario de França. Foy chamado o Magno, por seu grande esforço, & cavallaria. Restituhio a Roma o Papa Leaõ, q̃ fora lançado della, pelo que foy coroado por Emperador. Viveo 72. annos, dos quaes foy Rey 47. & Emperador 14. Prendeo & desapossou do Reyno de Lombardia a Desiderio seu Rey, por ter usurpados alguns lugares da Igreja. Entre estas & outras muytas verdades, que ha deste grande Rey, se escrevem muytas mentiras de seus feytos, & dos doze Pares: como tambem de ElRey Artur de Inglaterra, & dos seus Cavalleyros de Taboa redonda. As quaes foraõ causa de se desacreditarem as verdades, que destes dous taõ esforçados Principes se sabem, que saõ muytas, & dignas de memoria perpetua. A verdade he, que Carlos foy hum dos esforçados & valerosos Principes do mundo, & que nesta conta se póde ter Artur. A troco deste Carlos, diz o Poeta, que dá ElRey Dom Affonso Henriquez primeyro de Portugal, que foy grandissimo cavalleyro, amicissimo dos Christãos, & inimigo capital dos infieis.

Ou de Cesar quereis igual memoria. Cayo Julio Cesar foy de sangue muyto nobre, & conhecido: porque por parte de seu pay procedia de Julio Ascanio, filho de Eneas Troyano, & neto de Venus; & por parte da mãy, de Ancio Marcio quarto Rey dos Romanos. Foy pobre de patrimonio, mas rico de animo & condição; as quaes partes o subirão a grande estado, porque veyo a ser Dictador perpetuo, que era ser Senhor de tudo, & assim era quasi universal Monarcha do mundo. O qual sujeytára de todo (como diz Plutarcho) se a morte lho não estorvára, porque naturalmente era inclinado a cousas grandes. Pelo que se escreve delle, que vendo acaso em Cadiz huma estatua de Alexandro, postos os olhos nella chorou: perguntada a causa daquelle choro, respondeo, que era porque Alexandro fizera cousas grandes em idade, q̃ elle não tinha feyto algũa digna de memoria. Nas armas foy muyto valeroso, porque sujeytou varias & innumeraveis nações ao Povo Romano; & nas letras tam engenhoso & habil, que se não deyxára o estudo, fora o primeyro do mundo. Este excellentissimo varaõ, & o primeyro Emperador dos Romanos, houve por derradeyro o fim, que outros grandes Capitães haõ no mundo, porque foy publicamẽte morto no Senado por Bruto & Cassio, & outros que contra elle se conjuráraõ, tendolhe elle feyto muytas mercès.

E aquelle que a seu Reyno a segurança. Entende ElRey Dom Joaõ de boa memoria, o primeyro deste nome, & decimo dos Reys de Portugal, filho bastardo delRey Dom Pedro Crù, q̃ teve grandes vitorias contra Castelhanos; principalmente aquella

aquella tam nomeada de Algibarrota, que houve vespera de Nossa Senhora de Agosto de mil trezentos oytenta & cinco, donde lhe ficou nome de Boa memoria, por seus feytos serem merecedores della, ainda que as Chronicas daõ outra razão, q̃ a mim me não satisfaz tanto.

Outro Ioanne invicto Cavalleyro. Este he o grande Dom Joaõ o segundo, & terciodecimo Rey de Portugal, filho delRey Dom Affonso o Quinto.

O quarto & quinto Affonso, & o terceyro. O quarto Affonso he ElRey D. Affonso, chamado por cognomento o Bravo, septimo Rey de Portugal. O quinto foy pay delRey Dom Joaõ o Grande, & segundo deste nome. O terceyro, filho delRey Dom Affonso o segundo, & irmão do descuydado, & inutil Dom Sancho Capello, que faleceo em Toledo, & ahi jaz sepultado. Destes Reys de Portugal trata o nosso Poeta no Canto terceyro & quarto.

14.

NEm deyxaràõ meus versos esquecidos
Aquelles, que nos Reynos lá da Aurora
Se fizeraõ por armas tão subidos,
Vossa bandeyra sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeydas, porquem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terrivel, Castro forte,
E outros, em quē poder não teve a morte.

Aquelles que nos Reynos lá da Aurora. Aurora he propriamente aquella claridade, que no Ceo apparece antes que o Sol saya: a qual dura todo aquelle tempo, que gasta o Sol estando dezoyto graos debayxo do Horizonte na parte Oriental, atè tocar nelle, & nascer neste hemisferio superior. Como tambem Crepusculo he o tempo antes da noyte, que o Sol gasta desde que se poem, até estar dezoyto graos debayxo do Horizonte. Por Reynos da Aurora, se entendem aqui os da India, por estarem no Oriente.

Hum Pacheco fortissimo. Duarte Pacheco Pereyra, que venceo o Emperador do Malavar, chamado entre elles Samory, que he como entre nós Emperador, & o destruhio, & desbaratou sete vezes, vindo de todas com grande poder, como se conta no Canto decimo.

E os temidos Almeydas. Dom Francisco de Almeyda, primeyro VisoRey da India, & Dom Lourenço de Almeyda seu filho, dos quaes se trata no Canto decimo.

Por quem sempre o Tejo chora. Isto diz para encarecimento de sua cavallaria, & boas partes, que sempre os seus naturaes suspiraõ por elles. Ou tambem porque nenhum delles tornou a Portugal: porque o filho foy morto em huma batalha naval, que teve com huma armada delRey de Cambaya, Capitaõ mór Meliqueaz; & outra do Soldaõ do Egypto, Capitaõ mór Mirhocem: o q̃ succedeo em Chaul. A qual morte depois o pay vingou. E vindo pora Portugal foy morto pelos Cafres na aguada de Saldanha, que está do Cabo de Boa Esperança para Portugal. No Canto decimo se trataõ estas cousas todas.

Albuquerque terrivel. O grande Affonso de Albuquerque, que succedeo a Dom Francisco de Almeyda na governança da India: que para tratar da seus merecimentos & vitorias, que na India alcançou, era necessario muyto tempo, & muyto papel. Quem quizer saber suas cousas maravilhosas, lea os Commentarios, que seu filho Affonso de Albuquerque fez, & o nosso Poeta no Canto decimo.

Castro forte. Dom Joaõ de Castro, a quem ElRey Dom Joaõ terceyro mandou por Governador à India, o anno de mil quinhentos & quarenta & cinco. E porque houve vitoria contra ElRey de Cambaya, & contra o Hydalcaõ Senhor da terra firme defronte de Goa, & fez outras cousas dignas de memoria: ElRey, antes que acabasse o tempo de sua governança, lhe mandou titulo de VisoRey, para ficar na India outros tres annos. O que não teve effeyto, porque naõ viveo depois de ter a carta mais de dous mezes.

15.

EEm quãto eu estes cãto, & a vós não posso,
Sublime Rey, que naõ me atrevo a tãto,
Tomay as redeas vòs do Reyno vosso,
Dareis materia a nunca ouvido Canto.
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, & feytos singulares,
De Africa as terras, & do Oriēte os mares.

Tomay as redeas vòs do Reyno vosso. Continuando com a invocação delRey Dom Sebastiaõ, & promettendolhe tratar os feytos de seus vassallos, escusa-se tratar delle, por senão atrever a cousa, tam alta, como he celebrar, & cantar hum tam sublime, & poderoso Rey. Aconselha-lhe tome o governo de seu Reyno, & comece a correr cō sua obrigação, que he perseguir os Africanos seus vizinhos, & continuar com a conquista do Oriēte: & desta maneyra dará materia aos Escritores, para que escrevaõ cousas nunca vistas, nem ouvidas. Tomar as redeas do Reyno, he dizerse ao governo delle, tomada a metaphora do cavallo, que se rege, & governa com as redeas. He modo de fallar muyto usado entre Latinos.

E do Oriente os mares. Entende os mares da India, nas quaes partes os Portuguezes tem feyto, o que a todo o mundo he notorio, & se póde ver no que delles escrevéraõ os Historiadores.

16.

EM vôs os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vé seu exicio affigurado,
Sò com vos ver, o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo jà inclinado.
Tethys, todo o Ceruleo senhorio,
Tem para vôs por dote apparelhado:
Que affeyçoada ao gesto bello & tenro,
Deseja de comprarvos para genro.

Em vôs os olhos tem o Mouro frio. Chama ao Mouro frio pelo effeyto que o medo faz nos homens, que he deyxallos frios. A razão he; porque quãdo o homem se teme de alguma cousa, recolhe-se o sangue ao coraçaõ para o acompanhar, & favorecer: & desemparados delle os mais membros ficão frios. A causa do medo em os Mouros, he a vizinhança que tem com os Portuguezes, dos quaes por muytas vezes foraõ vencidos. *Exicio* quer dizer destruiçaõ, & morte.

Tethys, todo o Ceruleo senhorio. Nestas palavras, & em todas as mais desta invocação delRey D. Sebastiaõ, imita o Poeta a Virgilio no principio do livro primeyro das Georgicas. E Virgilio fallou conforme ao costume antigo dos Romanos: que era os pays das esposadas comprarem os genros com os dotes que davaõ a suas filhas. E este costume pareceo mal a Lycurgo Rey dos Lacedemonios, como diz Justino lib. 3. Pelo que fez hũa ley, que os homens escolhessem as mulheres cõ q̃ ouvessem de casar, & seus pays lhes naõ dessem dote: para que desta maneyra fossem senhores de suas mulheres, & as pudessem melhor sujeytar. Quanto à Tethys de que o Poeta aqui falla, foy filha de Titano irmão de Saturno, & mulher de Oceano, como diz Ovidio nos Fastos lib. 3. Outros a fazem filha de Celo, & Vesta. A esta Tethys chamaõ algũs a Grãde, a differença de outra Thetys filha de Nereo, & casada com Peleo Rey de Thessalia, do qual houve Achilles, hum cavalleyro entre os Hereges de grande nome. Tem differente orthographia, & quantidade entre os Poetas: porque a mulher de Oceano se escreve desta maneyra: Tethys, & a filha de Nereo casada com Peleo se escreve assim, Thetis. Na primeyra o Te, he longo, porque no Grego se escreve com H, q̃ se converte cõ è longo: na segunda breve porque se escreve com E, vogal sempre breve naquella lingua. Ainda que algumas vezes se confunde a differença, & se poem huma por outra.

Todo o Ceruleo senhorio. Por senhorio Ceruleo entende o mar, o qual se chama assim, por causa da cor que parece ter: a que os Latinos chamaõ Cerulea, de *Cælum*, que he o Ceo por parecer azul, qual parece a cor do Ceo, como na realidade o Ceo naõ tenha cor alguma, & a que nos parece a nós seja mais huma representaçaõ de cor, que a distãcia, & apartamento do lugar causa em nossa vista: o que no mar he o mesmo, que a profundidade da agua nos faz parecer a agua de cores differentes, sendo branquissima. O que o Poeta mostra nesta Octava he, que Tethys quer fazer a ElRey Dom Sebastiaõ Senhor do mar.

17.

EM vôs se vem da Olympica morada,
Dos dous avôs as almas ca famosas,
Hũa na Paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas.
Em vôs esperão verse renovada
Sua memoria, & obras valerosas,
E là vos tem lugar no fim da idade
No templo da suprema eternidade.

Olympica morada. He o Ceo, o qual chama assim de Olympo monte de Thessalia altissimo; por este respeyto se toma pelo Ceo. Veja-se a nossa annotaçaõ neste mesmo Canto, Octava 20.

Dos dous avôs as almas ca famosas. Hum destes foy o Emperador Dom Carlos, por parte de sua mãy, pay de ElRey Dom Philippe nosso Senhor, primeyro deste nome em Portugal. Outro ElRey Dom Joaõ terceyro, muyto amigo da paz, & muyto zeloso da Fé de Christo, que foy seu avô por parte de seu pay, & hoje ha muytos vivos que os conhecéraõ, & tratáraõ.

18.

MAs em quanto este tempo passa lento
De regerdes os Povos que o desejão,
Day vôs favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejão.
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejão,
Que saõ vistos de vós no mar irado,
E costumayvos ja a ser invocado.

Tempo lento. Tempo vagaroso. Dá este nome ao tempo da idade tenra de ElRey D. Sebastiaõ, que era causa delle naõ reger, nem governar os seus: aos quaes cada dia parecia cem mil annos.

Salso argento. Propriamente quer dizer prata salgada. Usou deste modo de fallar à imitaçaõ de Homero, o qual chama muytas vezes ao mar prata. E por este respeyto parece a alguns este termo de fallar duro, & outros semelhantes, que por serem à imitaçaõ Latina, parecem asperos, mas fazendo-se os Leytores a elles, perderáõ a aspereza, pois outros temos de differente lingua, & differentes da Latina, de que usamos como nossos, tendo muyto pouco de nós. Veja-se o que notamos neste mesmo Canto, Octava 67.

Os vossos Argonautas. Argonautas foraõ hũs cavalleyros Gregos, que na nao Argos (a qual dizem foy a primeyra que houve no mundo) foraõ à cõquista do vello de ouro de Colcos regiaõ de Asia.

Daqui

Daqui os nossos Portuguezes, porque foraõ os primeyros que navegáraõ mares naõ conhecidos, nem navegados de outras naçóes, & por serem muyto destros na arte de navegar, saõ chamados Argonautas.

E costumayvos já a ser invocado. Nestas palavras conclue a invocaçaõ de ElRey Dom Sebastiaõ à imitaçaõ de Virgilio nas Georgicas: *Votisque assuesce vocari,* como fica dito.

19.

JA no largo Oceano navegavão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravão
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravão
Cubertos, aonde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Protheo saõ cortadas.

Ia no largo Oceano navegavaõ. Depois que propóz, o que havia de tratar nesta sua obra, & invocou as Nymphas do Tejo, & a ElRey Dom Sebastiaõ: começa a narraçaõ nesta Octava. O mar q̃ rodea toda a terra chama-se Oceano, de huma palavra Grega, que quer dizer ligeyro, pelas grandes revoltas, & tempestades, que de subito se levantaõ nelle, como diz Solino, cap. 36. Mela, cap. 1. lib. 3. & outros. E posto que este seja o seu nome em gèral, em particular tem outros muytos, conforme aos lugares por onde passa, como Atlãtico, Caspio, Indico, Rubro, Ligustico, & outros.

Do gado de Protheo. O gado de Protheo saõ os peyxes do mar, dos quaes Protheo tem cuydado por mãdado de Neptuno Senhor do mesmo mar, como fingem os Poetas. Deste Protheo trata largamente Virgilio nas Georgicas, aonde diz que se costumava mudar em differentes figuras, porq̃ se convertia em gato, caõ, fogo, rio, & em tudo o mais que queria: de donde nasceo o Proverbio: *Protheo mutabilior,* mais mudavel que Protheo; o qual se diz de hum homem inconstante, & mudavel. O que Diodoro conta, *lib. 2. lib. mei* 182. & donde se crè ter origem esta fabula he, que Protheo foy Rey de Egypto em tempo que Priamo o era de Troya: o qual Reyno dizem que alcançou, naõ por lhe pertencer por geraçaõ; senaõ porque faltando Rey em Egypto, de commum conselho o elegèraõ a elle, por ser homem de graõ prudencia & conselho. E daqui se veyo a dizer, que se convertia, & trãsformava em differentes figuras: porque se sabia accommodar a todos, & viver com elles. Donde o proverbio, *Protheo mutabilior,* se accommoda entre muytos, mormente entre os Gregos, a hum homem sagaz, & avisado.

As maritimas aguas consagradas. Aguas maritimas saõ as aguas do mar. Veja-se o que escrevemos no Canto segundo, Octava 24. Chamalhe consagradas, porque os Poetas a todas as cousas attribuhiaõ seus Deoses: & nas aguas diziaõ, que havia Nymphas, ás quaes os rios, fontes, & mares eraõ consagrados. Alem disto fingiaõ nas aguas do mar certa divindade, pelo que as tinhaõ por santas, & sagradas: & diziaõ naõ ser licito entrar nellas homem que tivesse commettido algum delito, por ser lugar sagrado, segundo elles: & que costumava castigar homens dissolutos, & de pouca fé. Por esta razaõ queyxãdo-se Dido de Eneas por se atrever a entrar no mar, tendolhe quebrado a palavra que lhe tinha dado de casar com ella, diz:

> *Nec violasse fidem tentantibus æquora prodest,*
> *Perfidiæ pœnas exigit ille locus.*

Faz muyto mal aos que navegaõ, quebrar a palàvra, porque o mar castiga aos homens de pouca fé. Isto he Ironia. A verdade he, que hum só Deos, & Senhor governa tudo, & que a elle saõ todas as cousas sujeytas, como he Fé Catholica. O nosso Camões falla como Poeta, para ornar, & fazer elegantes suas obras.

20.

QVando os Deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo està da humana gente,
Se ajuntaõ em Concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente,
Pisando o crystallino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Quando os Deoses no Olympo luminoso. Finge o Poeta nesta Octava chamar Jupiter a Concilio os outros Deoses, para tratar com elles sobre a navegaçaõ dos Portuguezes, que faziaõ para o Oriente. Olympo luminoso he o Ceo, como fica dito, Octava 17. Doze montes acho em os Autores chamados deste nome *Olympo,* em differentes partes do mundo. Este de que o Poeta falla, he em Thessalia Provincia de Grecia. O qual dizem ser de tanta altura, que passa a regiaõ do ar, em que se causaõ as nuvens, chuvas, trovões, & relampagos. Donde diz Lucano na Pharsalia, lib. 2. *Nubes excedit Olympus.* O monte Olympo passa pelas nuvens. Solino cap. 13. Polyhist. acrescenta, que no alto deste monte havia hum altar, em que os antigos faziaõ seus sacrificios cada anno a Jupiter: & que acontecia deyxarem algũas letras escritas sobre a cinza dos animaes, q̃ alli queymavaõ para os sacrificios: & estas cinzas que alli deyxavaõ, quãdo o anno seguinte tornavaõ àquelle lugar, achavaõ da mesma maneyra que as haviaõ deyxado: o que he final de estarem por bayxo do cume, & cabeça deste monte todas as alterações que no ar se geraõ, como dizem todos os que delle trataõ. Chama-se Olympo, de duas palavras Gregas, que querem

rem dizer todo resplandecente, por naõ ter sobre si nuvem alguma, nem escuridade, antes estar sempre claro com os rayos do Sol.

Vem pela via lactea. Descreve-se o caminho por onde os Deoses foraõ aos Paços de Jupiter, sua chegada, & determinaçaõ. Chama a este caminho *Via lactea*, caminho de leyte: ao qual os Gregos pela mesma razaõ chamaõ Galaxia, por ser branco como leyte. Alguns lhe chamaõ, caminho de Sanctiago, enganados pelo vocabulo, porque como no Grego se chama Galaxia, cuidaõ que quer dizer Galiza: & como o Bemaventurado Sanctiago Padroeyro dos Espanhoes está em Galiza, cuja casa he frequentada de muyta gente, que o vay visitar em romaria, dizem, que quiz Deos sinalar no Ceo aquelle caminho, por onde os peregrinos se regessem, para ir à sua Casa. Entre os Philosophos houve varios pareceres, & opiniões sobre esta Via lactea. A verdade he, que a multidaõ, & ajuntamento de muytas Estrellas da octava Esphera, as quaes naõ podemos alcançar com a vista, por estarem muyto distantes, & desviadas de nós, se misturaõ entre si, entretecem, & confundem os seus rayos de maneyra, que parece aquelle lugar banhado em leyte, pelo resplandor daquellas estrellas. Pelo que lhe chamaõ *Circulo lacteo*, ou *Via lactea*. Donde Ovidio nas Metam. lib. 1.

Est via sublimis Cælo manifesta sereno,
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.

Ao qual o nosso Camões segue neste ajuntamento, & Concilio dos Deoses.

Pelo Neto gentil do velho Atlante. Entende Mercurio filho de Jupiter, & de Maya filha de Atlas Rey de Africa. Cinco Mercurios escreve Cicero nos livros de *Natura Deorum*, que houve, cuja genealogia trata. O mais celebrado dos Poetas, he este de que o Poeta aqui falla: o qual fingem ser interprete, & mensageyro de seu pay Jupiter, & de todos os mais Deoses: inventor da viola, & da eloquencia: padroeyro dos mercadores, & de outros officios, & exercicios, que conta Luciano no Dialogo Tyranno lib. 1. & Lactancio nas instituições divinas, cap. 10. E porque lhe daõ officio de Embayxador, o pintaõ com azas nos pés, & na cabeça: porque quem ha de ter semelhante cargo, nem ha de ter preguiça nos pés, nem chumbo no entendimento. Tambem o pintaõ com huma vara na maõ, posta entre duas cobras, porque com a eloquencia se vencem todos os monstros, & peçonhas do mundo: & naõ ha cousa por difficultosa que seja, que com prudencia se naõ acabe. Esta he tambem a razaõ porque os Poetas fingem Hercules grande domador de monstros, & que Orpheo attrahia a si as cousas insensiveis: & Arion os peyxes: porque foraõ homens avisados, & que viviaõ de maneyra que persuadiaõ à gente, com que tratavaõ, tudo o que queriaõ.

21.

DEyxaõ dos sete Ceos o regimento,
Que do Poder mais alto lhes foy dado:
Alto poder, que só co pensamento
Governa o Ceo, a Terra, & o Mar irado.
Alli se acháraõ juntos num momento,
Os que habitaõ o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Deyxaõ dos sete Ceos o regimento. Trata dos mais principaes que concorréraõ àquelle ajuntamento, q̃ foraõ os sete Planetas, Saturno, Jupiter, Marte, Sol, Venus, Mercurio, & a Lua: os quaes por ordem do Altissimo Deos, & Senhor nosso, como diz aqui o Poeta, estaõ em aquelles lugares, como Reytores, & Governadores delles.

Os que habitaõ o Arcturo congelado. Diz mais, que concorreraõ de todas as partes do mundo, Norte, Sul, Oriente, & Occidente. As partes do Norte entende por esta palavra Arcturo, que he huma Estrella da primeyra grandeza na constellaçaõ Boote, a que os Gregos chamaõ Arctophylax, q̃ quer dizer, guarda da Ursa mayor, chamada Helice, na parte Septentrional, que he o Norte. Chama ao Arcturo congelado, por estar esta Estrella em paragem fria, qual he a do Norte.

Os que o Austro tem. Saõ os moradores das partes do Sul. Chamaõ-se assim do vento Austro, q̃ venta daquellas partes; & em vulgar lhe chamamos Sul, ou Vendaval.

E as partes onde a Aurora nasce. As partes onde nasce a Aurora, saõ as do Oriente, como atraz fica dito, Octava 14. As partes onde se esconde o Sol saõ as do Ponente, quaes saõ estas do nosso Portugal. Veja-se a nossa annotaçaõ neste mesmo Canto, Octava 14.

22.

EStava o Padre alli sublime, & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de Estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo, & soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornára hum corpo humano:
Com hũa coroa, & sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Estava o Padre alli sublime, & dino. Depois que o Poeta tratou da gente que concorreo aos Paços de Jupiter, trata nesta Octava de sua authoridade, & preeminencia. O Padre sublime, que vibra os rayos de Vulcano, he Jupiter. De differentes Vulcanos trataõ os Autores, mas o mais nomeado entre elles, he este de q̃ falla aqui Luis de Camões. Fingem os Poetas que este foy filho de Jupiter, & Juno. Alguns o fazem filho de Juno sem pay,

pay: & dizem que o lançou Jupiter do Ceo por ser muyto feyo. Angelo Policiano nas suas Miscellaneas, cap.89. dá outra razaõ. Depois de lançado do Ceo, fez seu assento na ilha Lemnos do mar Egeo chamada hoje Sidro, como diz Olivario sobre Mella. Nesta Ilha dizem os Poetas que tinha sua tenda com todos os instrumentos necessarios para fazer os rayos a seu pay Jupiter, & cõ que fez as armas de Eneas, & Achilles, como dizemos no Canto sexto, Octava 78.

23.

EM luzentes assentos marchetados
De ouro, & de perlas mais abayxo estavão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a razão, & a ordem concertavaõ.
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abayxo os menores se assentavaõ,
Quando Jupiter alto assim dizendo,
Com tom de voz começa grave, & horrẽdo.

24.

ETernos moradores do luzente
Estellifero Polo, & claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento:
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueção os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, & Romanos.

Estellifero Polo. Nesta machina do Ceo que vemos, ao qual os Gregos por sua fermosura chamaõ Cosmos, & os Latinos *Cælum*, ou *Mundus*, por ser purissimo, & apartado de todas as fezes da terra, como diz Plinio: como seja redondo, & ande em continuo movimento, fingiraõ os Astrologos dous pontos, hum de fronte do outro, com huma linha, que imagináraõ passar pelo meyo da terra, de hum a outro. A linha puzeraõ nome Eyxo do mundo, & aos pontos, Pólos do verbo Grego, q̃ quer dizer volver: porque sobre elles se volve o Ceo, como hum carro sobre o eyxo. Estes dous Pólos saõ os que commũmente chamamos Norte, & Sul; junto aos quaes estaõ aquellas tam nomeadas Estrellas ditas do nome delles, pelas quaes os marinheyros se governaõ. Huma he a Estrella do Norte, a outra a do Sul. Daqui Pólo, se toma pelo Ceo: figura muyto usada entre os Poetas: tomarse a parte pelo todo, & o todo pela parte.

Como he dos fados grandes certo intento. Entre os antiguos houve grande alteraçaõ, que cousa era fado, & o poder que tinha. Cicero, *lib.3. de natura Deorum*, Aulo Gellio, lib.6.cap.2.& todos os Poetas concordaõ, que Fados, & Parcas saõ hũa mesma cousa, & que saõ tres, Cloto, Lachesis, & Atropos: & que se chamaõ Parcas *a partu*, do parto; porque desde o nascimento de hũa creatura dispoem de sua vida, como lhe parece. Acrescentaõ, que estas Parcas fiaõ a vida do homem, pelo que pintaõ Cloto com roca, Lachesis fiando, Atropos cortando o fio. E que quando querem perseguir alguem, lhe fiaõ sua vida com fiado negro: o que quiz dizer Marcial:

Si mihi lanificæ ducunt non pulla sorores
Stamina, nec surdos vox habet ista Deos.

Se as irmãs fiandeyras me não fiaõ a vida com fiado negro: como se dissera: se os fados me favorecem, & ajudaõ. Isto saõ fabulas, & fingimentos Poeticos, & Gentilicos. Tomando fado como se deve tomar por huma ordem, & curso das cousas, encaminhado por divina Providencia; pode-se admittir fallar em fado, & negallo neste sentido, seria negar a divina Providencia, como diz o B.S. Thomás 1.p. q.116.art.1 & 3. E assim avemos de dizer, que o entendeo o Poeta, como se póde ver no Canto decimo, Octava 38.

De Assyrios, Persas, Gregos, & Romanos. No tratar das Monarchias varião os Autores: pelo que sómente direy o necessario para entendimento, & declaraçaõ deste lugar. Contaõ que houve sete mais notaveis. A primeyra foy dos Assyrios, cujo primeyro instituidor, dizem, que foy Nemrot, filho de Cham, neto de Noé, do qual se trata no Genesis cap. 10. Esta Monarchia começou antes do Nascimento de Christo 2183. annos: teve trinta & oyto Reys, o ultimo dos quaes foy Sardanapalo. Durou 1357. annos. A segunda foy dividida entre dous Capitães de Sardanapalo, os quaes o mataraõ, por ser homem molle, & affeminado. Arbaces ficou com o Imperio dos Medos, & Beloco com o dos Chaldeos. Teve o dos Medos nove Emperadores, & durou 292. annos. O dos Chaldeos 13. & durou 293. Cyro Rey dos Persas venceo, & matou Astyages, & Balthazar, ultimos possuidores da Monarchia dos Assyrios, & nelle começou a terceyra 531. annos antes do Nascimento de Christo, chamada dos Persas. Teve 14. Reys, & durou 202. annos, sendo o ultimo della Dario. A este venceo Alexandro Magno Rey dos Macedonios, & passou a Monarchia a Europa, & assim se chamou, & chama esta quarta Monarquia dos Gregos, ou dos Macedonios. Durou 302. annos, o ultimo Senhor da qual foy a Rainha Cleopatra, porque depois da morte de Alexandro Magno se repartio seu Imperio por differentes, até que finalmente veyo parar em Egypto, onde acabou sendo Rainha Cleopatra. A quinta começou em Octaviano, que venceo a Cleopatra, vinte & sete annos antes do Nascimento de Christo. Durou 285. annos, & acabou em Constantino Magno, que mudou o Estado imperial de Roma para Constãtinopla, no anno 312. depois do Nascimento de Christo. Este foy o primeyro Emperador Christaõ, que mandou se baptizassem todos, & que largou a Cidade de Roma ao Papa. A sexta Monarchia foy dos Constantinopolitanos, & começou neste Constantino Magno, & teve fim

fim em Constantino sexto, 782. annos depois do Nascimento de Christo. Teve 32. Emperadores, & durou 470. annos. A setima começou em Alemanha, em Carlos Magno, 800. annos depois do Nascimento de Christo, por o Papa Leaõ dividir a Monarchia de Constantinopla em Oriental, & Occidental; fazendo Emperador de Alemanha a Carlos Magno, como fica dito, Octava 13. por defender as terras da Igreja contra os Longobardos, que as destruhiaõ, ao qual dano naõ acudiaõ os Emperadores de Constantinopla. Teve 45. Emperadores, o ultimo dos quaes foy Rodulpho, anno do Senhor de 1291. depois que o Papa Leaõ terceyro fez a divisaõ do Imperio, que acima dissemos, traspassando o de Roma, & Constantinopla em Alemanha. Os Emperadores de Constatinopla, que succedéraõ a Constantino sexto, foraõ 47. o ultimo dos quaes foy Constantino Paleogolo, ao qual matou, & tomou a Cidade o Graõ Turco, aos 29. de Mayo de 1453. O que o Poeta aqui mostra, he que naõ merecem os feytos destes Monarchas, & Emperadores do mundo, ser comparados com os dos Portuguezes.

25.

JA lhe foy (bem o vistes) concedido,
Com poder taõ singelo, & taõ pequeno,
Tomar ao Mouro forte, & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno.
Pois contra o Castelhano taõ temido,
Sempre alcançou favor do Ceo sereno.
Assim q̃ sempre em fim cõ fama, & gloria,
Teve os tropheos pendentes da vitoria.

Ia lhe foy (bem o vistes) concedido. Isto diz pelo felicissimo Rey Dom Affonso Henriquez primeyro de Portugal, do qual se trata em muytas partes deste livro. Este bem afortunado Rey venceo muytas batalhas campaes, & muyto arriscadas, com muyto pouca gente. Desbaratou no campo de Ourique cinco Reys Mouros com muyto grãdes exercitos juntos. Junto a Palmela a ElRey de Badajoz; em Santarem a ElRey de Sevilha: venceo tambem a ElRey de Marrocos intitulado Emperador, com outros treze Reys. Tomou aos Mouros Santarem, Lisboa, & tudo o q̃ ha della atè Coimbra; em AlémTejo, Cezimbra, Palmela, Alcacer, Evora, Elvas, Moura, Serpa, Beja, & outros lugares, & fortalezas.

Pois contra o Castelhano. Veja-se o Canto quarto.

Teve os tropheos pendentes. Tropheo vem de tropi, palavra Grega, que quer dizer fugida. Era hum padraõ, ou coluna que se levantava no tempo da vitoria em o lugar, onde os inimigos fugiaõ, & nelles punhaõ todos os despojos, & armas que naquella batalha alcançavaõ, como diz Virgilio na Eneida lib. 11.

26.

DEyxo Deoses atraz a fama antiga,
Que com a gente de Romulo alcãçarão,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamàrão.
Tambem deyxo a memoria que os obriga
A grande nome, quando alevantàrão
Hum por seu Capitaõ, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

Quando com Viriato. Veja-se a nossa annotaçaõ no Canto terceyro, Octava 22. Foy Viriato em principio de sua vida pastor, como conta Floro, depois salteador de caminhos, pelo que veyo a ser muyto rico, & levantarse cõ a Lusitania no anno de 608. da edificaçaõ de Roma, sendo Consules Cneo Cornelio Lentulo, & Lucio Mumio, como escreve o nosso Resende em hum tratado que fez da Cidade de Evora cap. 2. o que foy cento & quarenta annos antes do Nascimento de Christo nosso Redemptor, & Salvador. Tratando Justino lib. 43. da Lusitania, diz que Viriato naõ se levantou com ella, mas que os Lusitanos o tomàraõ por seu Capitaõ, por verem nelle partes para os poder reger, & governar, por ser homem de grande prudencia, & conselho. Veja-se a nossa annotaçaõ no Canto terceyro, Octava 22.

A gente de Romulo. Entende os Romanos, porque Romulo foy fundador de Roma, & o primeyro Rey della, como conta Tito Livio, & outros.

Hum por seu Capitaõ. Este foy Quinto Sertorio natural da Cidade de Nursia nos Sabinos, q̃ hoje se chama Norza: o qual nas guerras crueis entre Mario, & Scylla seguio as partes de Mario. Vendo Scylla vencedor, & entrar a Cidade de Roma, & fazerse Senhor della, recolheose a Espanha, onde sendo Capitaõ fez cousas sinaladas contra os Romanos por espaço de dez annos; & tanto, que conta Veleio Paterculo, que havia duvida qual permaneceria, se Roma, se Espanha. Foy Sertorio tam prudente, & ardiloso, que diz delle Appiano, que era tido pelo mais valeroso Capitaõ do mundo; pelo que os Espanhoes lhe chamavaõ Annibal, por se parecerem suas cousas com as daquelle grandissimo Capitaõ, do qual tinhaõ muyta noticia do tempo que andára naquellas partes. Entre outros teve hum ardil avisadissimo, que fez crer aos seus que hũa Cerva branca, que hum Portuguez lhe déra em presente, era Diana, que os antiguos tinhaõ por Deosa da caça, que andava transformada naquella Cerva, & lhe aconselhava tudo o que havia de fazer. E como as cousas lhe succediaõ bem, tinhaõ os seus isto por verdade, & assim o tinhaõ em grande reputaçaõ.

Agora

27.

AGora vedes bem, que cõmettendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, & Noto a força, a mais se atreve.
Que avendo tanto jà que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breve,
Inclinaõ seu proposito, & porfia
A ver os berços onde nasce o dia.

Duvidoso mar. Chama ao mar duvidoso, porque nelle tudo saõ duvidas, & inconstancias. Assim lhe chamou Horacio no fim da Oda nona: *aut fertur incerto mari*, ou caminha pelo mar duvidoso.

Num lenho leve. Poem a materia, que he o pao, pelo que della se faz que he a nao, figura muyto usada entre os Poetas.

De Africo, & Noto a força. Ainda que o Poeta nomee aqui sós dous ventos Africo, & Noto, entende todos. He Africo hum vento que sopra do Occidente, a que os Gregos chamaõ Lybs, como diz Plinio lib.2. cap.47. & os Marinheyros, Oessudueste. Noto sopra do meyo dia, chamaõlhe os Latinos Austro, & os Marinheyros Sul, ou Vendaval.

Onde o dia he comprido, & onde breve. Entende as partes da Europa, aonde està a nossa Espanha, na qual os dias se regulaõ pelo Sol: & assim no discurso do anno ha desigualdade entre elles. Tambem se póde entender este lugar das partes por onde andavaõ fazendo outros descubrimentos, & conquistas, antes que tentassem esta da India.

A ver os berços onde nasce o dia. Entende as partes do Oriente. Usa desta palavra berço, a que os Latinos chamaõ *cunæ*, ou *cunabulum*, querendo mostrar a origem do Sol, que em nosso respeyto he nas partes da India, como na realidade o Sol naõ nasça, mas ande continuamente. Desta mesma palavra usou Virgilio na Eneida lib. 3. *Mons Idæus ubi gentis cunabula nostræ.* O monte Ida, aonde estaõ os berços da nossa gente, como se dissera: donde trazemos principio, & origem.

28.

PRomettido lhe està do Fado eterno,
Cuja alta Ley naõ póde ser quebrada,
Que tenhaõ longos tempos o governo
Do mar, que vè do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida, & trabalhada:
Jà parece bem feyto, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja.

Do eterno Fado. Dos Fados se veja a nossa annotaçaõ neste mesmo Canto, Octava 24.

Do mar que vè do Sol a roxa entrada. Entende o mar da India, o qual em nosso respeyto, como fica dito, vè primeyro o nascimento do Sol, com aquella cor roxa, com que parece.

29.

E Porque, como vistes, tem passados
Na viagem tam asperos perigos,
Tantos climas, & Ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que sejaõ, determino, agazalhados
Nesta costa Africana, como amigos:
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornaràõ a seguir sua longa rota.

Tantos climas, & Ceos exprimentados. Clima he palavra Grega, & significa propriamente hum espaço grande de Ceo ou terra. Isto he quanto à propriedade da palavra. Quanto à significaçaõ, que hoje tẽ entre os Cosmographos, se ha de notar; que para os antiguos poderem mais clara, & distintamente tratar das terras, de que tinhaõ conhecimento, & que se podiaõ habitar, as dividiraõ em partes, a que puzeraõ nome Climas: entendendo por Clima hum espaço de terra, na qual houvesse differença de meya hora de tempo no mayor dia do anno. Quero dizer, se em hum lugar o mayor dia era de doze horas, & em outro de doze, & meya: aquelle espaço de terra que havia entre estes dous lugares, se chamava Clima. E porque os Antiguos tiveraõ noticia de pouca terra, & desta pouca que souberaõ lhe pareceo ser algũa deshabitada: assim debayxo da Equinocial pela grande quentura, como debayxo dos Pólos do mundo, pela frialdade, respeytando sómente a terra que lhe pareceo habitavel, a dividiraõ em sete Climas, conformando-se com o numero dos Planetas, & nomeando-os de seu nome. E para conhecerem o sitio dos Climas, lhe puzeraõ nomes, & balizas dos mais principaes, & sinalados lugares que no meyo daquella paragẽ estivessem. O primeyro chamàraõ diameroes, que quer dizer, por Meroe, a qual Meroe he hũa Ilha muyto nomeada, & conhecida, situada no rio Nilo. Os mais Climas se podem ver em Sacrobosco na sua Esphera, & Ptholomeo lib. 2. Geog. C. 1. E em nossos tempos he tanta terra descuberta, que os modernos tem feyto 23. Climas: como se póde ver em Hieronymo Girava Tarragonez, lib. 1. & Joaõ Perez de Moya na sua Astronomia lib. 2. c. 5. ar.17. aonde acrescenta outro Clima.

E Ceos exprimentados. Chamaõ os Latinos ao Ceo *Cælum*, de hum verbo *Cælo*, escrito com diphtongo, que quer dizer, esculpir, por ser esculpido, & esmaltado com tanta diversidade de Estrellas, como diz Plinio lib.2. cap.38. Outros o derivaõ de *Celo*, que quer dizer, cobrir, por ser manto, & cobertura de todo o creado. E estes o escrevem sem diphtongo. Usaõ tambem os Latinos desta palavra *Cælum*, pela Regiaõ do ar, & por este res-

peyto por Regiaõ, ou Parte do mundo, como diz o mesmo Plinio, & o nosso Poeta neste lugar, o qual encarecendo aqui a navegaçaõ dos Portuguezes, diz, que tinhaõ experimẽtado tantos Climas, & Ceos: como se dissera que tinhaõ corrido tantas partes do mundo.

30.

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os Deoses por ordem respõdẽdo
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando, & recebendo.
O Padre Baccho alli naõ consentia
No que Jupiter disse: conhecendo
Que esqueceraõ seus feytos no Oriente,
Se là passar a Lusitana gente.

O Padre Baccho alli naõ consentia. Baccho foy filho de Jupiter, & Semele, como dizem os Poetas, Solino cap.65. Mella lib.3. cap.7. & outros dizem que nasceo em Nisa Cidade da India. Veja-se a nossa annotaçaõ no Canto 7. Octava 52. E porque tinha naquellas partes alcançado muyta honra, temia que indo lá os Portuguezes a perdesse; pelo que naõ consentia no que Jupiter dizia, & se mostrava inimigo dos Portuguezes. Chamalhe Padre, que he nome de dignidade, & termo, de que se usa a este proposito ordinariamente, assim em Poetas, como em todo o genero de escritura. De Baccho se veja o que escrevemos nesteCanto, Octava 49. & 73.

31.

Ouvido tinha aos fados, que viria
Hũa gente fortissima de Espanha,
Pelo mar alto, o qual sujeytaria
Da India tudo, quanto Doris banha:
E com novas vitorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

Ouvido tinha os fados. O que Baccho receava, como fica dito, he que suas cousas se escurecessem na India, com as dos Portuguezes, & que se havia de cumprir isto, pois estava determinado por Deos.

Tudo quanto Doris banha. Doris, como dizem os Poetas, foy filha de Oceano, & Tethys, & mulher de Nereo: & como foy Senhora do mar, toma-se pelo mesmo mar.

Ou sua, ou fosse estranha. Ou a honra que elle tinha alcançado, ou outros, como Alexandro, & Trajano, que naquellas partes fizeraõ cousas dignas de memoria.

De que Nisa celebra inda a memoria. Nesta Cidade de Nisa, como apontamos atraz, Octava 30. & escrevemos mais largamente adiante no Canto setimo Octava 73. nasceo Baccho. E por isto ella celebrava a memoria dos feytos, & cavallarias de Baccho.

32.

Ve, que jà teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou Caso,
Por vencedor da India, ser cantado,
De quantos bebem a agua de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se là chegaõ
Os fortes Portuguezes que navegaõ.

Ve, que teve jà o Indo sobjugado. O Indo he hum dos mayores rios do mundo, que rega, & dá o nome à India. Veja-se a nossa annotaçaõ no Canto setimo, Octava 18.

De quantos bebem a agua de Parnaso. A agua de Parnaso he a da fonte Castalia, que está ao pé do monte Parnaso, da regiaõ Phocis de Grecia. Os que bebiaõ da agua desta fonte, ou da fonte Hippocrene do monte Helicon de Beocia, contaõ as fabulas, que ficavaõ Poetas, como diz aqui o nosso Camões, que pelos que bebem a agua de Parnaso entende os Poetas, & he linguagem muyto ordinaria entre elles.

Da agua do esquecimento. Fingem os Poetas que ha no inferno quatro Rios, Letho, Cocytho, Phlegetonte, & Acheronte, & a lagoa Estygia. O rio Letho se chama assim de lithi, que he na lingua Grega o esquecimento, porque os que vaõ àquellas partes, esquecemse lá. Estas saõ as aguas do esquecimento, de que o Poeta falla. Os mais rios tomaõ seus nomes da tristeza, & fogo que naquellas partes naõ falta, dos quaes trataremos aonde se offerecer, dandolhe suas etymologias.

33.

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeyçoada à gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga taõ amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande Estrella,
Que mostràrão na terra Tingitana,
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção, crè que he a Latina.

Venus bella. Venus diziaõ os Poetas ser Deosa dos amores. Tem differentes nomes, conforme aos lugares onde era venerada. Paphia, Idalia, Citherea, Acidalia, Aphrodisea, Dione, & outros que declararey aonde se offerecer. Ouve esta Venus de Anchises Troyano hum filho por nome Eneas, donde procedéraõ os Romanos. E por isto diz aqui Luis de Camões, que era Venus affeyçoada aos Portuguezes, porque via nelles partes, em que se pareciaõ com os Romanos: assim nas cou-

fas

ſas da milicia, como na lingua, a qual ſe parece muyto com a Latina. E os que entendem o Latim, vem iſto claramente; porque de todas as linguas de Europa, tirada a Toſcana, (ainda que tambem anda muyto corrupta) a Portugueza tira mais ao Latim. E mais pura fora, ſe os Mouros naõ entráraõ em Portugal. Aſſim o tem Franciſco Tamara no livro primeyro dos coſtumes de todas as gentes cap. 7. E Pedro de Magalhães em hum dialogo que fez em defenſaõ, & louvor da lingua Portugueza, o qual eſtá no fim de ſua Ortographia, & Joaõ de Barros na ſua Grammatica Portugueza, em hum Dialogo que fez em louvor da meſma lingua.

Terra Tingitana. Quer dizer terra de Berberia, de *Tingi*, lugar da meſma Provincia, que hoje chamamos Tangere, ſujeito aos Reys de Portugal. Toma-ſe a qui terra Tingitana géralmente por terra de Africa.

34.

Eſtas couſas moviaõ Cithereá,
E mais, porque das Parcas claro entẽde,
Que ha de ſer celebrada a clara Dea,
Onde a gente belligera ſe eſtende.
Aſſim que hum pela infamia, que arrecea,
E outro pelas honras que pertende,
Debatem, & na porfia permanecem:
A qualquer ſeus amigos favorecem.

Citherea. He Citherea hum dos nomes de Venus, como fica dito. Chama-ſe aſſim de Cithera, Cidade em Chipre, aonde era venerada, que hoje he huma pequena Aldea chamada Conucha, como diz Ortelio no ſeu Theſauro Geographico. Outros querem que ſe chame aſſim da Ilha Cythera no Pelo ponneſo chamada hoje Cerigo. Das Parcas ſe veja o que eſcrevemos neſte meſmo Cãto, Octava 24.

Clara Dea. He Venus; & diz que ha de ſer celebrada pelos Portuguezes na materia dos amores, de que Venus entre os antiguos era tida por Deoſa.

Aſſim que hum pela infamia que recea. Eſte era Baccho, o qual temia ſe eſqueceſſem, & perdeſſem da memoria dos homens, as couſas que tinha feyto na India, ſe os Portuguezes lá chegaſſem.

E outro pelas honras que pertende. Eſta era Venus, que favorecia os Portuguezes pelas razões acima ditas.

35.

Qual Auſtro fero, ou Boreas na eſpeſſura
De ſylveſtre arvoredo abaſtecida,
Rompendo os ramos vaõ da mata eſcura,
Com impeto, & braveza deſmedida.
Brama toda a montanha, o ſom murmura:
Rompemſe as folhas, ferve a ſerra erguida,
Tal andava o tumulto levantado
Entre os Deoſes no Olympo conſagrado.

Qual Auſtro fero. Neſta comparaçaõ imita o Poeta a Virgilio, quando trata das importunações de Eliſa Dido com Eneas, trabalhando entretello em Carthago. *Auſtro* he o vento Sul. *Boreas* he o vento que chamamos communmente Nornordeſte. Chamaõlhe aſſim os Gregos, por ſer impetuoſo, & rijo no ſeu ſopro, pela qual razaõ lhe chamaõ os Latinos *Aquilo*: no eſtio ſe chama Eteſias, q̃ em Grego ſignifica o anno, porq̃ neſte tempo do eſtio muda ſua furia, & ſopra mais brandamente, como diz Plinio lib. 18. c. 34.

36.

Mas Marte que da Deoſa ſuſtentava,
Entre todos, as partes em porfia:
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia:
De entre os Deoſes em pè ſe levantava,
Menencorio no geſto parecia,
O forte eſcudo ao collo pendurado,
Deytanao para traz medonho, & irado.

Mas Marte. Marte ſuſtentava a parte de Venus em favorecer os Portuguezes, ou pela grande amizade, que já tivera com ella, como conta Ovidio lib. 1. de arte, ou porque os Portuguezes lhe mereciaõ eſte favor, por ſeu esforço, & cavallaria. Eſte Marte, fingem os Poetas, que foy filho de Juno ſem pay. A fabula de ſeu naſcimento ſe veja nos faſtos de Ovidio lib. 3. Chamouſe Marte de *Mas*, palavra Latina, que he o homem macho: porque nem mulheres, nem homens affeminados ſervem para a guerra. Chamaõlhe os Poetas *Mavorte*, de duas palavras Latinas, *Magnus*, que he grande, & *Verto*, revolver, & traſtornar; porque a guerra confunde, & traſtorna tudo. Dõde diſſe Salluſtio: *Concordia parvæ res creſcunt: diſcordia maximè dilabuntur.* Com a paz as couſas pequenas creſcem, & com a guerra as grandes ſe deſtruem. Chamaõlhe tambem Gradivo de *gradior*, verbo Latino, que quer dizer, ir por degraos: porque nas couſas da milicia he neceſſaria ordem, & conſelho.

37.

A Viſeyra do elmo de diamante,
Alevantando hum pouco muy ſeguro,
Por dar ſeu parecer ſe poz diante
De Jupiter, armado, forte, & duro:
E dando huma pancada penetrante,
Co conto do baſtão, no ſolio puro,
O Ceo tremeo, & Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo como infiado.

A viſeyra do elmo. Reconta como ſe poz Marte diante de Jupiter em favor dos Portuguezes.

Solio puro. Cadeyra resplandecente. *Solio* he palavra Latina, da qual entre outras significações, huma he, assento real, na qual usa aqui della Luis de Camões.

Apollo de torvado. Para encarecimento da valentia de Marte, usa deste termo de fallar: no que guardou as regras da Poesia, como aconselha Horacio na arte Poetica.

38.

E Disse assim: O' Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que criaste:
Se esta gente, que busca outro Hemispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste,
Naõ queres que padeção vituperio:
Como haja tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es Juiz direyto,
Razões de quem parece, que he suspeyto.

Outro Hemispherio. Outro mundo, outras partes & regiões differentes das suas, em que atégora habitáraõ. Que seja *Hemispherio* fica dito nesteCãto, Octava 8.

Razões de quem parece, que he suspeyto. Baccho era suspeyto aos Portuguezes, pelas razões que demos atraz.

39.

QVe se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bom fora, que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu taõ privado.
Mas esta tenção sua, agora passe,
Porque em fim vem d'estamago danado:
Que nunca tirará alhea inveja
O bem que outrem merece, & o Ceo deseja.

Que se aqui a razaõ se naõ mostrasse vencida do temor. Onde entra payxaõ, naõ ha prudencia, nem ordem: antes tudo saõ erros, & desatinos. Porque he impossivel haver razaõ, onde ha colera: & faltando ella, tudo vay perdido. Como aqui succedeo, que fazia tanta impressaõ a ira em Baccho, que o obrigava a ser contra os Portuguezes, gente tanto sua, pois procediaõ do seu grande privado Luso: ou por melhor dizer, filho, como fica dito Octava 1. Pelo que aconselha aquelle grande Philosopho Epicteto: que quando succeder sernos necessario fazer algum acometimento, pezemos primeyro muyto bem o que imos fazer, & consideremos muyto devagar, o que havemos de fallar: porque de outra maneyra está à porta o arrependimento, & o dano muyto certo.

Que nunca tirará alhea inveja. Enveja, he huma chaga da alma, que trata principalmente mal a quem a tem: segundariamente a gente de nome, & que presta para alguma cousa, como diz Plataõ *lib. 9. de Legibus*: porque o envejoso naõ cura da gente inutil, & que val pouco: o seu veneno não pega senaõ em cousas altas, & excellentes, como diz Horacio, lib. 2. epist. *Urit enim fulgore suo, qui prægravat artes infra se positas.* O envejoso aborrece a gente, que vê melhorada, ou em virtude, ou em algũa arte: naõ se toma a enveja, senaõ com gente de valia. E isto quiz aqui dizer o nosso Poeta. A enveja pinta elegantemente Ovidio nas Metamorphoses, lib. 2.

40.

E Tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinaçaõ que tens tomada,
Naõ tornes para traz, pois he fraqueza,
Desistirse da cousa começada:
Mercurio, pois excede em ligeyreza
Ao vento leve, & à setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, aonde se informe
Da India, & aonde a gente se reforme.

Pois he fraqueza desistir da cousa começada. Muytas vezes he isto esforço, & cavallaria: mormente quando, ou movidos por rogos de alguma pessoa de entendimento, ou por assim nos parecer melhor, o fazemos. He materia esta em que se não póde dar regra certa; pelo que a execuçaõ della se deyxa a juizo, & parecer da gente que se entende. De Mercurio se veja o que fica dito atraz Octava 20.

41.

COmo isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando consentio,
No que disse Mavorte valeroso,
E Nectar sobre todos espargio.
Pelo caminho lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

No que disse Mavorte. De Marte, & Mavorte se veja a nossa annotaçaõ neste mesmo Canto Octava 36.

Nectar sobre todos espargio. Nectar dizem os Poetas que he o beber, & Ambrosia o comer dos falsos Deoses. Hum, & outro vem do Grego, & significa immortalidade, porque era mantimento de gente do Ceo. Esta differença se confunde segundo tenho notado nos Autores: & Ambrosia se toma pelo Nectar, & Nectar pela Ambrosia: como notou Celio Rodigino nas lições antiguas, lib. 4. cap. 13. no fim. Costumaõ tambem os Poetas dar com estes nomes epithetos a outros, para mostrar sua excellencia, & suavidade: & daqui ao vinho muyto bom chamaõ, *vinum nectareum*, & à agua tambem Nectarea, & às iguarias Nectareas. Ao mel por sua doçura chamaõ tambem os Poetas Nectar, como lhe chamou Estacio Sylva 3. & Virgilio

Virgilio in Culice. Por esta mesma razaõ usa aqui o nosso Poeta deNectar por huma agua muyto cheyrosa:no qual sentido usou Virgilio da Ambrosia na Eneida lib. 2. Do caminho lacteo se veja o que fica dito neste Canto Octava 20.

42.

EM quanto isto se passa, na fermosa
Casa Etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa,
lá lá da banda do Austro, & do Oriente.
Entre a Costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de S. Lourenço, & o Sol ardente
Queymava entaõ aquelles, que Typheo
Com temor grande em peyxes converteo.

Casa Etherea do Olympo omnipotente. Olympo omnipotente aqui se toma por Jupiter, como usou delle Virgilio na Eneida, lib. 10. *Panditur interea domus Omnipotentis Olympi.* O qual verso alguns quizeraõ emendar, & em lugar de *Omnipotentis*, puzeraõ, *omnipatentis*; epitheto mais conveniente a Olympo, se quizera alli dizer o Ceo, como os Poetas ordinariamente usaõ delle, & nòs notámos em outra parte. Vejaõ os curiosos Celio Rodigino nas lições antiguas, Centur. 1. epist. lib. 20. cap. 13.

Ilha de S. Lourenço. Descreve o Poeta aqui a paragem em que hiaõ os Portuguezes, que andavaõ buscando as partes da India, ao tempo que Jupiter com os mais fallos Deoses estava em Concilio sobre suas cousas. A costa Ethiopica, de q̃ aqui falla, he a que chamamos costa de Moçambique. Está da Ilha de S. Lourenço, como sessenta legoas de travessa. Desta costa, & lugares della havemos de tratar no Canto decimo. Quanto à Ilha de Saõ Lourenço, chamalhe famosa, por ser muyto grande, & por este respeyto muyto nomeada, a qual tem de costa mais de trezentas legoas. Os da terra lhe chamaõ Madagascar. Pelo sertaõ dentro he habitada de gentios: nos portos de mar tem algũas Villas, & Lugares de Mouros. Tem differentes Reys, huns Mouros, & outros Gentios. Pelo que andaõ muytas vezes em guerras. He abundante de carnes, arroz, milho, laranjas, limões, gingibre. Andaõ nús, sómente cobrem as partes vergonhosas. Trataõ com os Mouros Arabios da Costa de Melinde sómente. Tem lingua sobre si: saõ baços. As armas de que usaõ saõ Azagayas com ferros muyto bem obrados: das quaes trazem muytas, & ferem de remeço. O principal mantimento de que usaõ, he inhame, pescado, & figos, de que fazem paõ como de castanhas. A terra he muyto fermosa, & aprazivel, na qual ha muytos rios, & muyto grandes. Naõ he possuida dos Reys de Portugal, por elles a naõ quererem. Estas cousas desta Ilha soube por informaçaõ de pessoa que nella esteve.

Queymava entao aquelles que Typheo com temor grande em peyxes converteo. Typheo fingem os Poetas ser filho de Titano, & da Terra: este foy inimigo capital de Jupiter, & dos mais falsos Deoses, pelo que determinou destruillos. Moveo guerra contra elles, levando comsigo outros Gigantes seus irmãos. Jupiter naõ se atrevendo esperalo, fugio na volta do Egypto com seus companheyros: & naõ se tendo alli por seguro, por Typheo lhe ir no alcance, se convertéraõ em differentes animaes, por escapar de sua furia, como finge Ovidio lib. 5. Met. o qual diz que só Venus se converteo em peyxe. Outros contaõ a fabula de outra maneyra: & dizem que tambem Paõ, & outros se convertéraõ em peyxes. E porque os peyxes, vendo Venus feyta peyxe, lhe fizeraõ muyto gasalhado nas suas aguas, & a tiveraõ comsigo: lembrada ella, & agradecida deste beneficio, pedio a seu pay Jupiter lhes fizesse por isto algũa mercè. Jupiter os póz no Ceo feytos estrellas, & delles fez hum dos doze signos do Zodiaco, ao qual os Astrologos chamaõ *Pisces*, ou peyxes. Neste signo entra o Sol no mez de Fevereyro. O que o nosso Poeta nesta Octava quiz mostrar he, que quando os Portuguezes hiaõ entre a costa de Moçambique, & Ilha de Saõ Lourenço, era no mez de Fevereyro: & naõ he necessario apontar particularmẽte o dia, em que os Portuguezes hiaõ nesta paragem, para nos conformarmos com o dia, em que o Sol entra no signo Pisces: que he aos dezanove. Basta que era no mez de Fevereyro, & que isto quiz o Poeta aqui dizer.

43.

TAm brandamente os ventos os levavão
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, & os tempos se mostravão
Sem nuvens, sem receyo de perigo:
O promontorio Prasso jà passavaõ
Na costa de Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar descubrindo, lhe mostrava
Novas Ilhas, que em torno cerca, & lava.

O Promontorio Prasso. He o que commummente chamamos Cabo das correntes. Chama-se assim de Prasios, palavra Grega, que significa verde, por ser toda aquella costa cuberta de hum arvoredo parrado, à maneyra de balças, que daõ pouca serventia por bayxo. Todos o escrevem com dous ss. naõ devendo ser mais que hum, conforme a sua origem.

Na costa de Ethiopia. De Ethiopia, & origem deste nome tratey atraz na descripçaõ de Africa, cuja parte ella he: da costa havemos de tratar no Canto decimo, como notey na Octava passada.

44.

VAsco da Gama, o forte Capitaõ,
Que a tamanhas empresas se offerece,

De soberbo, & de altivo coração,
A quem a fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter, não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava,
Mas não lhe succedeo, como cuydava.

A quem a fortuna sempre favorece. Os Antigos Gentios, como tinhaõ depravado o entendimento, & naõ atinavaõ no conhecimento de seu verdadeyro Deos, & Creador, faziaõ quantos Deoses lhes vinha à vontade. Em tanto, que diz Plinio lib.2. cap.7. que eraõ já os Deoses mais que os homens. E Hesiodo, que tinhaõ os antigos mais de trinta mil Deoses, como refere Eusebio Bispo de Cesarea no livro segundo da preparaçaõ Euangelica cap.15. Entre outros fizeraõ tambem a Fortuna, à qual attribuhiaõ o governo do mundo, & a repartiçaõ de seus bens, dando a huns, & tirando a outros, como a ella lhe parecia. A esta faziaõ grandes templos, & sacrificios, como lemos em Plinio, Tito Livio, Dionysio, Virgilio, Ovidio, & todos os mais Poetas, & Historiadores antigos. Tambem a pintavaõ cega, & com os pés em hũa bola: dando a entender sua inconstancia, & cegueyra; porque viaõ muytos postos em grandes dignidades, & estados sem o merecer; & outros pobres, & abatidos, tendo grandes merecimentos. Donde inferiaõ ser isto obra da fortuna, negando a Providencia divina: naõ considerando procederem todas estas cousas da maõ de Deos, & que elle por seus occultos juizos as permitte: como trata excellentemente o B. Santo Augustinho em muytos lugares, principalmente nos livros da Cidade de Deos, lib. 2. 4 & 7. & o Doutissimo S. Hieronymo em huma epistola a Terencia; & Lactancio nos livros *de Falsa sapientia*, lib. 3. cap. 29. Muytos dos mesmos Gentios o entenderaõ assim: donde disse Juvenal nos ultimos versos da Satyra decima:

Nullum numen habes, si sit prudentia: sed te
Nos facimus, Fortuna, Deam, cæloque locamus.

Naõ tiveras tu Fortuna o nome de Deosa que tens, se os homens nos entenderamos: mas como somos de fraco juizo, & entendimento, fazemoste Deosa, & pomos-te no Ceo. Quanto a mim nenhum Christaõ devia tomar na boca tam infame nome, mormente sendo hum erro gentilico, & delatino grandissimo. E assim o B. S. Augustinho nas suas retractações se retratou, & desdisse de ter louvado hum homem nobre, de bem afortunado. Entre os antigos houve muytos, que governados sómente com o lume natural, zombavaõ das meninices, & pouco saber dos Gentios na variedade, & multidaõ de seus idolos: aos quaes sendo paos, pedras, & metal attribuhiaõ divindade: ou sendo imagens de homens, & mulheres desenfreados, & dissolutos em vicios, & peccados, como Jupiter, Venus, Mercurio, & Baccho com outros desta mesma laya. Mas não se atreviaõ a declarar de todo, nem ir à maõ ao povo enganado, temendo que lhe fizessem o que faziaõ a outros: aos quaes castigavaõ muyto asperamente, dizendo serem quebrantadores de sua Religiaõ: como punhaõ a Socrates, Anaxagoras, & a outros muytos. E assim Plataõ, Aristoteles, & outros Philosophos entendendo a verdade davaõ a entender o contrario, por comprazer ao povo, como diz o Apostolo escrevendo aos Romanos Epist. 1. E que estes Philosophos entendessem a verdade, se collige claramente de seus escritos. Trataõ esta materia claramente os Santos, & doutissimos Theologos. Joaõ Damasceno *lib. 1. Fidei orthodoxæ cap. 3.* & Santo Thomás *1. p. q. 11. art. 3. in corpore articuli, & 1. contra gentes, cap. 42.* O nosso Camões falla como Poeta.

45.

EIs apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, & de alegria
Naõ sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta, em si diziaõ,
Que costumes, que ley, que Rey teriaõ.

Eis apparecem logo em companhia. Esta Ilha donde sahiraõ estes bateis a reconhecer a nossa armada, he Moçambique, assaz conhecida hoje, por ser escala dos nossos Portuguezes na sua navegaçaõ da India. Assim desta, como das mais situadas naquella costa, havemos de tratar ao diante.

46.

AS embarcações erão na maneyra
Muy velozes, estreytas, & compridas;
As velas, com que vem, erão de esteyra,
De hũas folhas de palma bem tecidas.
A gente da cor era verdadeyra,
Que Phaeton nas terras acendidas
Ao mundo deo, de ousado, & não prudente:
O Pado o sabe, o Lampetusa o sente.

As embarcações. Estas embarcações de que aqui falla o Poeta, chamaõ os naturaes da terra pangayos, & nós almadias, de que ainda hoje usaõ. Traziaõ as velas de folhas de palma, por não terem o pano que agora tem. E naõ sómente usavaõ destas velas de esteyra nestas embarcações pequenas, mas em grandes tambem, por navegarem assim melhor. E estas embarcações, assim pequenas como grandes, naõ saõ de pregadura, mas de tornos de paos, & costuras de couro.

A gente da cor era verdadeyra. Phaeton (como contaõ os Poetas) foy filho de huma mulher chamada Clymene, & do Sol. Andando hũ dia Phaeton brincando com hum rapaz chamado Epapho filho

filho de Jupiter, vieraõ a pelejar, como he costume de rapazes, & Papho deshonrou a Phaeton dizendolhe, que naõ era filho do Sol, mas filho de huma mà mulher, a qual o enganava em lhe dizer, que era filho do Sol. Phaeton tomado destas palavras, foy logo dar conta a sua mãy Clymene, a qual depois de feytas exclamações o mandou caminho do Oriente a casa de seu pay o Sol, do qual alcançou licença para governar hũ dia os carros, em que dava luz ao mundo, para desta maneyra ser conhecido por seu filho. Deo-se tam mal no regimento dos cavallos aquelle pedaço de dia que os governou, que houvera de queymar o mundo todo, se Jupiter não acudira, & o derribàra com hum rayo. Com tudo arderaõ montes, secàraõ-se rios: & daqui se diz, que os moradores de Ethiopia ficàraõ negros. A razaõ porque esta gente tem esta cor, naõ he sabida. Veja-se a nossa annotaçaõ no Canto segundo, Octava 105. A fabula conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 2.

De ousado, & naõ prudente. Este mesmo epitheto de ousado, lhe puzeraõ as Nymphas de Italia na sua sepultura, como diz Ovidio no lugar allegado.

Hic situs est Phaeton, currus auriga paterni,
Quem si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.

Aqui jaz Phaeton governador do carro de seu pay o Sol, do qual ainda que cahio, todavia mereceo louvor do atrevimento que teve. Neste epitaphio lhe louvaõ as Nymphas o atrevimento em huma cousa taõ difficultosa, como era governar os carros do Sol: porque em cousas grandes o atrevimento he cousa grande. Donde Ovidio tratando dos feytos excellentes de Theseo na carta de Phylis a Demophoonte, entre outros feytos seus, que poem dignos de memoria, ajunta hum de que elle sahio muyto mal, que foy ir ao inferno com seu amigo Pirithoo a furtar Proserpina mulher de Plutaõ: porque Pirithoo foy morto logo à entrada do inferno, & Theseu preso: & todavia se lhe attribue a louvor atreverse a commetter o inferno, com tençaõ de furtar a mulher do Rey delle.

O Pado o sabe. O rio Pado, a que os Gregos chamaõ Eridano, he em Italia, a qual elle rega. Chama-se vulgarmente Pó: he muyto celebrado entre os Poetas, & Historiadores. Nasce em hum esgalho dos Alpes chamado Veso, ou Vesulo: que de huma, & de outra maneyra o nomeaõ os Autores. He o mayor rio de toda Europa, tirado o Danubio, porque recolhe em si mais de trinta rios grandes, com os quaes feyto hum corpo entra no mar Adriatico por duas bocas: huma se chama Padusa dos moradores; & outra Volana, que he o melhor porto, & mais seguro de toda aquella costa. Diz o Poeta, que o Pado o sabe, porq quando Phaeton foy derribado com o rayo, cahio neste rio.

Lampetusa o sente. Isto diz, porque Phaetusa, Lampecia, Lampetusa, irmãs de Phaeton, fizeraõ tam grande pranto sobre elle, & mostràraõ tanto sentimento, que fingem os Poetas, que foraõ convertidas em arvores, como refere Ovidio nas Metamorphoses lib. 2.

47.

DE panos de algodão vinhão vestidos,
De varias cores, brancos, & listrados,
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos,
Por armas tem adagas, & terçados,
Com toucas na cabeça, & navegando,
Anafins sonorosos vão tocando.

Outros em modo ayroso sobraçados. Do modo, que vinhaõ estes homens nas suas embarcações, lea-se Castanheda lib. 1. cap. 5. o qual conta a festa, & alvoroço que levavaõ, como dos vestidos se collige que eraõ certos panos soltos que levavaõ sobraçados: trajo que lhes serve de capas a todos em géral: & ha panos destes tecidos de ouro que valem muyto dinheyro.

Anafins sonorosos vaõ tocando. Anafins saõ huns instrumentos como frautas retorcidas, de que os Mouros usaõ.

48.

COs panos, & cos braços acenavão
A's gentes Lusitanas que esperassem:
Mas jà as proas ligeyras se inclinavão,
Para que junto às Ilhas amainassem.
A gente & marinheyros trabalhavão,
Como se aqui os trabalhos acabassem.
Tomaõ velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido, em cima salta.

Cos panos, & cos braços acenavaõ. Isto diz, porque estes homens da Ilha de Moçambique, que hiaõ nos barcos, capeavaõ, & acenavaõ à nossa gente, que naõ passasse adiante.

49.

NÃo erão ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas jà subia:
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pór em continente,
Do licor, que Lyèo prantado havia:
Enchem vasos de vidro, & do que deytão,
Os de Phaeton queymados nada engeytão.

Do licor, que Lyèo prantado havia. No livro quarto das metamorphoses, logo no principio poem Ovidio muytos nomes que os Poetas daõ a Baccho, o qual os antigos enganados tinhaõ por inventor do vinho, & por este respeyto o honravaõ, & chamavaõ Deos do mesmo vinho, sendo hum homem

nem desenfreado em todo genero de vicios, como foraõ todos os outros, que elles nesta conta tinhaõ. Entre outros que lhe dà hum delles he Lyéo, de que o Poeta aqui usa, & chama-se assim de Lyéo, verbo Grego, que significa desatar, ou livrar, por serem os homens dados ao vinho dissolutos, & livres em todas suas cousas: sem segredo, honra, nem vergonha: & pela mesma razaõ lhe chamaõ tambem os Poetas Liber, pela liberdade, & soltura que tem, naõ se lembrando de cuydado, payxaõ, ou enfadamento. De Baccho trato algumas cousas neste mesmo Canto, Octava 73. & no Canto segundo, Octava 10.

Os de Phaeton queymados. Entende os negros, como fica tratado neste mesmo Canto, Oct. 46.

50.

COmendo alegremente perguntavão
Pela Arabica lingua, donde vinhão,
Quem eraõ, de que terra, que buscavão,
Ou que partes do mar corrido tinhão.
Os fortes Lusitanos lhe tornavão
As discretas repostas, que convinhão:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as partes do Oriente.

Pela Arabica lingua. Arabica he a lingua dos Arabes, os quaes entrando em Africa, & espalhandose por ella, como era gente de mais policia, & entendimento, que os Africanos, começouse a fallar a sua lingua por toda Africa: a qual lingua hoje se chama Arabigo, destes Arabes chamados Alarves corruptamente, & naõ sómente em Africa, mas em Persia, & outras muytas partes de Asia se falla esta lingua como he notorio.

51.

DO mar temos corrido, & navegado
Toda a parte do Antarctico, & Calysto,
Toda a Costa Africana rodeado,
Diversos Ceos, & Terras temos visto.
De hum Rey potente somos tam amado,
Tam querido de todos, & bemquisto,
Que não no largo mar com leda fronte,
Mas no Lago entraremos de Acheronte.

Toda a parte do Antarctico, & Calysto. Entende Norte, & Sul. Veja-se o que escrevemos no Canto quinto.

Mas no Lago entraremos de Acheronte. Usa deste termo de fallar, para encarecimento da lealdade dos Portuguezes: os quaes, diz, que naõ sómente no mar, mas no lago de Acheronte entraráõ por amor de seu Rey. He Acheronte, segundo fingem os Poetas, hum rio do inferno. Chama-se Acheronte de duas palavras Gregas, que querem dizer *sem prazer*, por naquelle lugar haver muyto pouco, antes tudo ser tristeza, & miseria.

52.

E Por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos Focas se navega.
Mas já razão parece, que saybamos,
(Se entre vós a verdade não se nega)
Quem sois, que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India alguns sinaes?

A terra Oriental que o Indo rega. Do rio Indo, & seu nascimento tratamos atraz, Octava 32.

Que só dos feos Focas se navega. Focas saõ lobos marinhos, & diz que se navega este mar só dos peyxes, porque antes dos Portuguezes naõ era trilhado, nem cursado de gente, & dos peyxes só era conhecido, & navegado.

53.

SOmos, hum dos da Ilha lhe tornou,
Estrangeyros na terra, Ley, & naçaõ;
Que os proprios saõ aquelles que criou
Natureza sem Ley, & sem razaõ.
Nôs temos a ley certa que ensinou
O claro descendente de Abraham,
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãy Hebrea teve, & o pay gentio.

Somos, hum dos da Ilha lhe tornou. Respondeo hũ daquelles que vinhaõ da Ilha, que elles eraõ Mouros, da seyta de Mafamede: & que naõ eraõ naturaes da terra, porque os naturaes della eraõ Gentios, gente sem ley, sem juizo, & entendimento, que viviaõ barbaramente, soltos, & desapegados de toda a obrigaçaõ: adorando hoje hum pao, à manhãa huma pedra: naõ se firmando em ley certa, ou regra algũa, saõ palavras do Mouro.

O claro descendente de Abraham. Entende Mafamede, porque os Mouros dizem, que procedem de Abraham, & de Agar sua escrava, da qual houve hum filho, que se chamou Ismael, donde os Mouros se chamaõ Agarenos, ou Ismaelitas, como fica dito, Octava 8.

A mãy Hebrea teve, & pay Gentio. O pay deste Mafoma, dizem foy Gentio de naçaõ, por nome Abdelá, & sua mãy Hebrea chamada Emina, & que nasceo em hũ lugar pequeno de Arabia chamado Itarip. Veja-se a nossa annotaçaõ no Canto 7. Octava 17.

54.

ESta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala.

E por

E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra de habitala;
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

Chama-se a pequena Ilha Moçambique. Entre outros lugares q̃ ha na costa de Ethiopia, ha estes de que o nosso Poeta aqui faz mençaõ: Moçambique, Quiloa, & Mombaça, os quaes dous derradeyros saõ na costa de Melinde. Moçambique he huma pequena povoaçaõ, a qual está em altura de 14. graos & meyo, torneada de agua salgada, com que fica em Ilha. A terra he muyto bayxa, & alagadiça; pelo que he muyto doentia, tem muyto bom porto, & he abastada dos mantimentos da terra. He hoje a principal escala que as nossas naos tem na navegaçaõ da India, & assaz conhecida por este respeyto. Quiloa, he huma Cidade toda cercada de mar, que a faz Ilha, tem muytos palmares, muytas arvores de espinho, & ortaliças como as de Espanha. Ha gallinhas, pombas, rolas, & gado grosso, & miudo, & algũas aves, de que nestas partes naõ temos noticia. As aguas saõ ruins, por serem de poços, & estes de terra alagadiça. Tem boas casas de pedra, & cal, com seus eyrados, & quintaes, com muytas arvores de fruta, assim para ornato, como para proveyto. Mombaça está rodeada com outro esteyro de agua ao modo de Quiloa. Tem edificios como os de Quiloa, com muytas torres, com que fica fermosa à vista, & temerosa para os que a quizerem acometer. Tem Rey sobre si, & he de muyto trato, & abundante do necessario. Tem muyto boas aguas, todo o mato he de laranjaes. Neste lugar tiveraõ sempre os Portuguezes ruim gasalhado: hoje tem fortaleza feyta à força de armas, donde lançàraõ os Turcos, & naturaes da terra que ahi a tinhaõ feyta. Sofala, he hũa pequena povoaçaõ de Mouros, antes de chegar a Moçambique, posta ao longo de hum rio do mesmo nome. Está tres legoas da costa. Aqui tem os Reys de Portugal hũa fortaleza, & o Rey da terra à sua obediencia. Do Reyno de Sofala, costumes da gente, & do seu Rey, chamado Benomotapa, se veja a nossa annotaçaõ no Canto decimo, Octava. 93.

55.

E Já que de tam longe navegais,
Buscãdo o Indo Hydaspe, & terra ardẽte,
Piloto aqui tereis, porquem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem serà bem feyto, que tenhais
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

Buscando o Indo Hydaspe. He Hydaspe hum rio da India muyto grande, o qual se mete no Indo com outros quatro, como diz Plinio lib. 6. cap. 20. Chamalhe Lucano Nileo lib. 6. porque dizem, q̃ passa pela Cidade de Nisa patria de Baccho. O nosso Poeta lhe chama Indo, por ser na India. A palavra Indo aqui naõ se toma pelo rio Indo, de que muytas vezes tratamos neste livro, mas he nome adjectivo, epitheto para mostrar, que o rio Hydaspes he na India.

56.

ISto dizendo o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitaõ, & gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co carro de crystal, o claro dia,
Dando cargo a irmãa que alumiasse
O largo mundo em quanto repousasse.

Nisto Phebo nas àguas encerrou. Phebo he hum dos nomes do Sol. Chama-se Phebo pela luz, & resplandor que tem, & este fingem os Poetas, que depois de dar luz às terras neste hemisphério superior, se recolhe com Thetis Rainha do mar, onde gasta a noyte descançando com os cavallos do seu carro, do trabalho do dia. Claro he ser isto fabula: porque o Sol rodea o mundo, & lhe dá luz andando em continuo movimento. Os Poetas usaõ destes fingimentos, para ornato de suas fabulas. Esta he assaz sabida, & de que os Poetas trataõ em muytas partes, & eu por muytas vezes em estas annotações.

Dando carga à irmãa. A irmãa do Sol he a Lua: pelo que os Poetas dizem, que saõ filhos de Jupiter, & Latona nascidos ambos na Ilha Delos. Por esta razaõ tem ambos os mesmos nomes. O Sol se chama Cynthio, Delio, Titanio, Latonio, Phebo. A Lua Cynthia, Delia, Titania, Latonia, Phebe: & outros, que pelos Poetas se acharáõ: Veja-se a nossa annotaçaõ atraz, Octava 37.

57.

A Noyte se passou na lassa frota
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tam remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer entaõ comsigo cuyda, & nota.
Na gente, & na maneyra desusada,
E como os que na errada Seita créraõ,
Tanto por todo o mundo se estendéraõ.

E os que na errada seita criaõ. Entende os Mouros, que seguem a maldita seita de Mafamede, de cujo erro naõ póde haver prova mais evidente, que mandar no seu Alcoraõ, que sobpena de morte ninguem dispute, nem argumente sobre o que elle manda, mas que tudo se negocêe por armas. Do qual ardil usou, entendendo que ou cedo ha-

via de haver homens de juizo, aos quaes naõ haviaõ de parecer bem suas torpezas, & que as haviaõ de desterrar do mundo. E para que os brutos que as seguiaõ se sepultassem nellas, lhes póz este preceyto, que guardaõ com grande observancia. Veja-se o que escrevemos no Canto setimo Octava 17.

58.

DA Lua os claros rayos rutilavão
Pelas argenteas ondas Neptuninas,
As estrellas os Ceos acompanhavão,
Qual campo revestido de boninas.
Os furiosos ventos repousavaõ
Pelas covas escuras peregrinas,
Porem da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Pelas argenteas ondas Neptuninas. Ondas Neptuninas saõ as aguas do mar. Argenteas quer dizer brancas, por serem de cor de prata, a qual em Latim se chama *argentum.*

Pelas covas escuras peregrinas. Fingem os Poetas que Jupiter, ao qual os antiguos tinhaõ por principal de todos seus Deoses, entregou os ventos a seu filho Eolo, & lhos encerrou em hũa muyto escúra, & funda cova, pondolhe grandes montes emcima para os ter sujeytos, & amarrados, de modo q̃ naõ sahissem, senaõ quando elle quizesse, & com quem quizesse, como fez a Ulysses que lhos meteo em hum odre para soltar delles os que lhe servissem para sua navegaçaõ, como escreve Homero na Odyssea, lib.10. Chama o Poeta às covas onde os ventos residem peregrinas, porque sua morada, & lugar proprio he o ar.

59.

MAs assim como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hyperionio que acordou:
Começou a embandeyrarse toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, & alegria
O Regedor das Ilhas, que partia.

Mas assim como a Aurora marchetada. Que cousa seja Aurora fica dito, Octava 14. Esta fingem os Poetas ser porteyra do Sol, porque apparece primeyro que elle, como aqui aponta Luis de Camóes.

Ao claro Hyperionio que acordou. Huns querem, q̃ Hyperionio seja filho de Titano, & da terra, & pay do Sol: outros o fazem irmaõ de Saturno, & filho do Ceo: outros dizem que he o mesmo Sol, como commummente se toma entre os Poetas. Donde diz Ovidio nos Fastos:

Placat equo Persis radiis Hyperiona cinctum,
Ne detur celeri victima tarda Deo.

Tratando dos sacrificios, que os antiguos idolatras faziaõ ao Sol, diz que os de Persia lhe sacrificavaõ cavallos, querendo-se conformar com sua natureza, que he ser apressado, & ligeyro. Hyperionio he palavra Grega, & quer dizer cousa que está sobre nossas cabeças, por este ser o officio do Sol, andar sobre as terras, & darlhes sua luz. Homero usa em muytos lugares deste nome Hyperionio por epitheto do Sol.

Que acordou. Diz aqui o Poeta, que acordou o Sol, pelo que se delle finge, que depois de ter dado luz neste hemispherio superior, se recolhe ao mar, casa de Thetis, senhora delle, onde passa a noyte, descançando elle, & seus cavallos do trabalho do dia.

60.

PArtia alegremente navegando,
A ver as naos ligeyras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuydando,
Que saõ aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieraõ: & por ordem do destino,
O Imperio tomàraõ a Constantino.

Partia alegremente navegando. O Soltaõ de Moçambique fez paz com os Portuguezes, cuydando serem Turcos: porque os vio brancos do rosto, como tinha por informaçaõ serem os Turcos: os quaes elle desejava muyto ver, & por este respeyto foy depressa às naos.

Que os aposentos Caspios habitando. Entende os Turcos. Estes (segundo os que melhor entendem, & sentem nesta materia) procedem da linhagem dos Scythas Asianos, que moravaõ nas ribeyras do rio Tanais, que divide Asia de Europa. Daqui se recolhéraõ muytos delles às traldas do mar Caspio na Asia, aonde viviaõ pelas serras metidos em choupanas, & covas, comendo do que achavaõ pela terra. Vendo-se muytos, começáraõ a fazer alguns insultos, & roubos aos vizinhos, movidos de cobiça, & malicia, que a semelhante gente nunca falta. Destes tam fracos principios vieraõ ao estado em que hoje estaõ.

O Imperio tomàraõ a Constantino. Constantino Magno edificou a Cidade de Constantinopla em hum pequeno lugar chamado antes Byzancio: & fella tam nobre, & excellente, que os que a viraõ, & conhecéraõ no tempo que florecia, diziaõ della, que era mais para casa de Deos, que de hum Emperador: & com ser tal, foy cercada, & tomada de differentes conquistadores. O ultimo q̃ a destruhio, foy Mahometo Otomano, Emperador dos Turcos, o qual lhe poz cerco, sendo Emperador Constantino Paleologo, a nove de Abril de 1453. & a entrou a vinte nove de Mayo da dita

era,

era, aonde se fizeraõ grandes crueldades, assim no Emperador, como na gente. Ao Emperador Mahometo cortar a cabeça, & arrastar pelas ruas da Cidade, em vituperio do nome Christaõ. Derribou todos os templos, salvo o de Santa Sophia, que ficou em pé. Quando se perdeo esta Cidade, havia mil cento noventa & hum annos, que o Emperador Constantino filho de Helena a começára a ennobrecer; & Constantino filho de outra Helena a perdeo: o qual estava já denunciado havia muyto tempo. Porque em huma coluna de bronze quadrada do templo de S. Demetrio estava escrito: *Constantinus me construxit, Constantinus destruet.* Constantino me fez, Cõstantino me desfará. O qual dizem fizera hum grande Philosopho daquelles tempos, cujo nome se naõ declara. O que tudo se cumprio assim. Porque o que a ennobreceo foy Constantino, & o outro do mesmo nome a perdeo. Da qual Cidade nunca os Turcos mais largáraõ mão, fazendo della cabeça de seu Imperio, como he notorio.

61.

REcebe o Capitaõ alegremente
O Mouro, & toda sua companhia:
Dalhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeyto já trazia.
Dalhe conserva doce, & dalhe o ardente
Naõ usado licor, que dá alegria:
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muyto mais contente come, & bebe.

Dalhe de ricas peças hum presente. Este presente, como conta Joaõ de Barros, lib.4. 2. D.cap.3. foraõ algumas conservas da Ilha da Madeyra para o Xeque, & ao Mensageyro hum Capillar de grã, & outras cousas, com que foy muyto contente.

Naõ usado licor que dá alegria. Entẽde o vinho de uvas, como nestas partes se usa, o qual naquelle tempo se naõ usava naquellas. Pelo que o Poeta lhe chama aqui licor naõ usado: ou porque aos Mouros lhe he defeso pelo seu Alcoraõ.

62.

EStá a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeyro modo, & uso,
E a linguagem tam barbara, & enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a cor, o trajo, & a forte armada,
E perguntando tudo lhe dizia,
Se por ventura vinhaõ de Turquia.

Está a gente maritima de Luso. Gente maritima saõ os Marinheyros, & mais gente do mar. Sobre esta palavra, & sua significaçaõ se veja o que escrevemos no segundo Canto, Octava 24.

63.

E Mais lhe diz tambem que ver deseja
Os livros de sua ley, preceyto, ou fe,
Para ver se conforme à sua seja,
Ou se saõ dos de Christo, como cré.
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitaõ pedia que lhe dè
Mostra das fortes armas de que usavaõ,
Quando cos inimigos pelejavaõ.

E mais lhe diz que ver deseja. Desejava muyto o Mouro saber se os nossos Portuguezes eraõ Turcos, como fica dito por muytas vezes. E porque lhe parecéraõ Christãos, pediolhes, que lhe mostrassem suas armas, determinando já o que ao diante se descubrio, que era destruillos a todos se pudesse.

64.

REsponde o valeroso Capitaõ,
Por hũ que a lingua escura bem sabia:
Dartehey, Senhor illustre, relaçaõ
De mim, da ley, das armas que trazia.
Naõ sou da terra, nem da geraçaõ
Das gentes enojosas de Turquia,
Mas sou da forte Europa bellicosa,
Busco as terras da India taõ famosa.

Por hum que a lingua escura bem sabia. Este era hum Fernaõ Martins lingua, que o Capitaõ mór Vasco da Gama levou comsigo deste Reyno para semelhantes casos, porque sabia algumas linguas, & principalmente o Arabigo. Chama ao Arabigo lingua escura, porque elles a naõ entendiaõ.

Mas sou da forte Europa bellicosa. Europa como fica dito Octava 2. he a principal parte do mundo, & nella está o nosso Portugal: pelo que diz aqui Vasco da Gama, que he da forte Europa. E chamarlhe o Poeta bellicosa, he pelo que se diz no lugar allegado.

65.

A Ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visivel, & invisivel:
Aquelle que criou todo o Hemispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensivel.
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insofrivel,
E que do Ceo à terra em fim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

A ley tenho. Depois que o Capitaõ mór Vasco da Gama deu ao Mouro conta de sua patria, tratalhe nesta Octava de sua ley, que he a nossa verdadeyra, & certa que professamos os Christãos.

Que criou todo o Hemispherio. No Canto quinto Octava 14. notamos, como Hemispherio, quer dizer meyo do mundo. Aqui se toma largamente por todo o creado, do qual Deos nosso Senhor foy Creador, como confessamos no primeyro Artigo da Fè, naquellas palavras: Creyo em Deos Padre todo poderoso, Creador do Ceo, & da terra. Nas quaes palavras Ceo, & Terra, se comprehende todo o Universo, com todas as cousas visiveis, & invisiveis, & todas as que sentem,& que naõ sentem: como Catholica, & piamente declara o Catecismo Romano no principio do Symbolo, na declaraçaõ daquellas palavras: Creador do Ceo, & da Terra.

66.

DEste Deos homem, alto, & infinito,
Os livros que tu pedes, naõ trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia:
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria,
Como amigo as verás, porque eu me obrigo,
Que nunca as queyras ver como inimigo.

67.

ISto dizendo manda os diligentes
Ministros, amostrar as armaduras:
Vem arnezes, & peytos reluzentes,
Malhas finas, & laminas seguras:
Escudos de pinturas differentes:
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos, & sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

Sagittiferas aljavas. Aljavas com settas, porque naquelle tempo se costumavaõ muyto, béstas. Esta palavra, sagittiferas, & outras deste modo saõ causa de algũas pessoas que naõ sabem Latim, soltarem algũas palavras contra o nosso Luis de Camões. Quanto a mim naõ tem razaõ, antes culpa: pois reprehendē fazerse a nossa lingua rica de palavras, & poderse usar das Latinas em modo que pareçaõ bem, como ha outras muytas, que já pelo muyto uso temos por nossas: o que succederá tambem nestas andando o tempo. Nem he bem, que todos saybaõ tudo, porque até nos vocabulos muyto nossos, vemos quanta variedade ha entre os mesmos Portuguezes, que huns fallaõ de hum modo, & outros de outro, & muytos se naõ entendem. He huma materia esta, que aos que tiverem bom animo para com o nosso Poeta, parecerá bem. Dos outros naõ curo, porque responderlhe aqui seria despropósito, & sahir muyto da ordem que levo de cõmentar este livro.

68.

AS bombas vem de fogo, & juntamente
As panelas sulphureas, tão danosas:
Porém aos de Vulcano não consente
Que dem fogo âs bombardas temerosas.
Porque o generoso animo, & valente,
Entre gentes tão poucas, & medrosas,
Não mostra quanto póde, & com razão:
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

Panelas sulphureas. Alcanzias, chamalhe panelas sulphureas, que quer dizer panelas de enxofre, porque delle, & de salitre se faz a polvora.

Porèm aos de Vulcano naõ consente. Os de Vulcano saõ os Bombardeyros, aos quaes chama assim, por serem ministros,& officiaes do fogo, dos quaes os antiguos idolatras faziaõ Deos a Vulcano; pelo que o mesmo Vulcano se toma muytas vezes entre os Poetas pelo fogo.

Que he fraqueza entre ovelhas ser leaõ. Attribue Homero na sua Iliada lib.22. a grande bayxeza o que os Gregos fizeraõ a Hector Troyano estando morrendo, que foy soltar muytas palavras, & fazerlhe muytas injurias. Ha hum Epigramma Grego do que Hector respondeo a estes valentes estando naquelle estado, o qual tresladado em Latim diz:

Iam post fata meum Danai jactate cadaver,
Defuncti lepores jactant sic membra leonis.

Depois de morto eu, fazey Gregos do meu corpo o que quizerdes: assim trataõ as lebres o Leaõ morto. Da nobreza, & clemencia do Leaõ estaõ escritas muytas cousas. Solino cap.4. o diz, que nunca os Leões fazem mal a gente fraca. Plinio lib.8. cap.16. trata de proposito das qualidades do Leaõ: entre outras cousas maravilhosas conta huma, que naõ pareceo justo dissimular, & he que elle ouvira a huma escrava Romana, que fugira para Getulia, Provincia de Africa, que em huns grandes matos achára huma grande companhia de leões, os quaes lhe naõ fizeraõ algum mal, por lhe ella dizer, que naõ era decente hũa fraca mulher ser maltratada do Rey dos animaes. Isto diz Plinio que ouvio à mesma mulher. Solino no lugar allegado o conta tambem, & dizem estes Autores que os leões entendem, quando a gente se lhe humilha, & roga. Acrescenta Plinio, que a nobreza do Leaõ se conhece principalmente nos perigos, & tempo que lhe he necessario ajudarse de suas forças, porque ainda neste em que lhe he necessario pelejar, o faz forçada, & constrangidamente.

69.

POrém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mà de pensamento.

Nas

Nas mostras, & no gesto o não mostrou,
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratallos brandamente determina,
Atè que mostrar possa o que imagina.

Porèm disto que o Mouro aqui notou. O que principalmente enfadou ao Mouro, foy ver que os nossos eraõ Christãos, gente a que elles saõ pouco affeyçoados: & pelo conseguinte, tendo-os por contrarios, ver suas armas, com que lhe podiaõ estorvar, o que elles determinavaõ, que era fazer que naõ passassem dalli, tomandolhes suas naos. O que naõ permittio nosso Senhor tivesse effeyto, porque de dous Pilotos falsos que o Mouro lhe deu, lho descubrio hum, sendo o outro em terra,

70.

PIlotos lhe pedia o Capitaõ,
Porquem pudesse à India ser levado:
Dizlhe que largo premio levarão
Do trabalho que nisso for tomado.
Promettelhos o Mouro, com tenção
De peyto venenoso, & taõ danado,
Que a morte, se podesse, neste dia
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Pilotos lhe pedia o Capitaõ. O Capitaõ mór Vasco da Gama, vendo-se em partes tam remotas, & de que nenhuma noticia tinha, desejando chegar à India, que era o alvo de sua navegaçaõ, & fim de suas esperanças, procurava por todos os meyos haver Pilotos que o levassem. E vendo os offerecimentos do Mouro, & os desejos que mostrava de o favorecer, occupou-o só nesta necessidade, a qual elle prometteo remediar cõ tençaõ de o destruir, porque pertendia que estes Mouros levassem a nossa armada a parte onde se perdesse.

71.

TAmanho foy o odio, & mà vontade
Que aos estrangeyros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o Filho de David nos ensinou,
Os segredos daquella eternidade,
A quem juizo algum naõ alcançou:
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de que fosse tanto amigo.

Sabendo ser sequazes da verdade. Sabendo serem Christãos.

Que o filho de David nos ensinou. Filho de David, chama o Poeta a Christo nosso Redemptor, como lhe chama a Escritura. E chama-se assim por ser da geraçaõ de David, que era o Tribu de Judá, do qual procediaõ os Reys de Israel. He phrasi, & termo de fallar Hebraico, como he notorio aos que sabem alguma cousa de Hebreo.

72.

PArtiose nisto em fim co a companhia,
Das Naos o falso Mouro despedido,
Com enganosa, & grande cortesia,
Com gesto ledo a todos, & fingido.
Cortàraõ os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno, & recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foy o Mouro ao cognito aposento.

Cortàraõ os bateis a curta via. Chamalhe curta via, porque era perto de Moçambique.

Aguas de Neptuno. Saõ aguas do mar.

Obsequente ajuntamento. Era a gente da terra, q̃ lhe obedecia, pelo que lhe chama obsequente, que quer dizer obediente, porque era Regedor della.

73.

DO claro assento ethereo, o graõ Thebano
Que da paternal coxa foy nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano,
Ao Mouro ser molesto, & aborrecido:
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido,
E quando isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

O graõ Thebano que da paternal coxa foy nascido. Thebano se chama Baccho, porque sua mãy Semele foy de Thebas. Contaõ as fabulas, que enfadada Juno de Semele, por ver os tratos em que andava com seu marido Jupiter, lhe appareceo em figura de hũa velha por nome Beroe ama sua: & lhe meteo em cabeça dissesse a Jupiter que naõ queria sua amizade, se lhe naõ fizesse todos os mimos, & favores, que fazia a sua mulher Juno. E que para ella entender ser isto assim, a havia de visitar com toda sua Magestade, & Sceptro com que estava no Ceo. Viose Jupiter tam importunado de Semele, que naõ pode al fazer, senaõ condescender com o que lhe pedia. Visitou-a de maneyra, que com sua claridade, & resplandor se ateou o fogo nella de modo, que se queymou toda. Vendo Jupiter o estado de Semele, & que juntamente com ella se queymava o filho que tinha no ventre, abrio-a, & tirou-o fóra; & o meteo em huma coxa sua: na qual andou até se cumprir o tempo do parto, como conta Ovidio lib.3. Metamorph. Esta he a razaõ porque os Poetas dizem que Baccho nasceo da coxa de seu pay. E por esta mesma razaõ lhe chamaõ filho de duas mãys, hũa Semele, & outra a coxa de Jupiter seu pay. Solino no seu Polyhistor. cap. 60. diz, que perto da Cidade Nisa da India aonde Baccho foy creado, ha hum monte chamado Meros, & porque Meros na lingua Grega quer dizer coxa, daqui

daqui levantáraõ esta fabula, que Baccho andára na coxa de seu pay. Veja-se o que escrevemos atraz.

74.

Estâ o fado jâ determinado,
Que tamanhas vitorias tão famosas,
Hajão os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas.
E eu sô filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hey de sofrer que o Fado favoreça
Outrem, porquem meu nome se escureça?

Està do fado jà determinado. Do fado se veja a nossa annotaçaõ atraz, Octava 23.

E eu sô filho do Padre sublimado. Chama Baccho a Jupiter seu pay sublimado, porque a este tinhaõ os antiguos errados, por principal de seus idolos.

75.

Jâ quizeraõ os Deoses, que tivesse
O Filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sômetesse
Debayxo de seu jugo o fero Marte.
Mas hase de sofrer, que o Fado desse
A taõ poucos tamanho esforço, & arte,
Que eu co graõ Macedonio, & co Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

Jà quizeraõ os Deoses. Já fica dito por muytas vezes, como este modo de fallar em deoses he fingimento poetico. Pelo filho de Philippo, se entende Alexandro Magno, o qual subjeytou grande parte da India. Pelo Romano, se entende Trajano Emperador, o qual tambem nas mesmas partes fez cousas dignas de memoria. Veja-se o que escrevemos atraz, Octava 3. O que Baccho sentia muyto era ver, que os Portuguezes com ser tam poucos, chegáraõ a partes, ás quaes os mayores Monarchas do mundo naõ poderaõ chegar.

76.

Nam serà assim, porq̃ antes q̃ chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe serà tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente;
Eu descerei à terra, & o indignado
Peyto revolverey da Maura gente;
Porque sempre por via irá direyta,
Quem do opportuno tempo se aproveyta.

Quem do opportuno tempo se aproveyta. Pintaõ os Poetas a occasiaõ em hum lugar alto, & de todas as partes descuberto, com azas nos pés, & hũa navalha na maõ direyta, & na parte dianteyra da cabeça huma gadelha de cabellos: para mostrar, que quem se naõ aproveyta della offerecendose-lhe, quando a quizer naõ a poderá alcançar. Assim a pinta Alciato nos Emblemas, Embl. 121. Na livraria das escolas de Salamanca está hũa estatua de pedra, que figura a Opportunidade: melhor, quanto a mim, que todas as dos antiguos, & que mais conforma com a letra do nosso Poeta. Está hum menino sentado em hum globo, com huma grande cabelleyra sobre os olhos, & huma navalha na mão direyta, que diz, queros: a qual palavra significa occasiaõ. Ao redor estaõ outras estatuas, hũa de Mercurio, & outra da Fortuna com a Cornucopia, que chamamos: pelos quaes rodeos se dá a entender ser a Occasiaõ riquissima, & ter poder para dar tudo, o que Mercurio, & a Fortuna podem. Mercurio tinhaõ os antiguos por Deos dos ganhos, & mercancias: a Fortuna por Senhora das riquezas, & q̃ ella as distribuhia por quem lhe dava gosto. Vejaõ os curiosos Alciato nos Emblemas, Embl. 98.

77.

Isto dizendo irado, & quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fôrma, & gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
De hũ Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

Isto dizendo irado, & quasi insano. Usa aqui o Poeta deste fingimento Poetico, que Baccho tomou na figura de hum velho conhecido na terra, & muyto valido com o Xeque, para desta maneyra danar o estomago ao Soltaõ de Moçambique, & azedallo contra os Portuguezes, para lhes fazer todo o mal que pudesse: & quando isto naõ fosse, ao menos fizesse que os naõ recolhesse nas suas terras. Assim finge Ovidio lib. 3. Metamor. a Juno convertida em figura de huma velha chamada Beroe, para fazer mal a Semele: & lib. 1. Metam. a Mercurio tomar figura de Pastor, para matar a Argos.

Para o Prasso sabido. Prasso sabido he o cabo de Moçambique, como fica dito Octava 47. Chama-lhe sabido, porque o sabia Baccho muyto bem. Xeque quer dizer Governador em lingua Arabiga.

78.

Entrãdo assim a fallarlhe a tẽpo, & horas
A' sua falsidade accommodadas,
Lhe diz, como eraõ gentes roubadoras,
Estas que hora de novo saõ chegadas.
Que das naçães na costa moradoras,
Correndo a fama veyo, que roubadas
Forão por estes homens que passavão,
Que com pactos de paz sempre ancoravão.

Quo

Que das nações na costa moradoras. Nesta Octava, & nas seguintes tres, que saõ clarissimas, continua o Poeta seu fingimento de Baccho em figura de hum velho natural da Ilha Moçambique, para persuadir ao Xeque destrua os Portuguezes, dizendolhe grandes males delles. E que assim como nos outros portos de mar, por onde passavaõ, destruhiaõ, & assolavaõ tudo, o mesmo fariaõ em Moçambique.

79.

E Sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos.
E trazem jà de longe engano urdido
Contra nòs, & que todos seus intentos
Saõ para nos matarem, & roubarem,
E mulheres, & filhos captivarem.

Christãos sanguinolentos. Todas estas cousas se tratavaõ em Moçambique entre os Mouros, tendo os Christãos por Piratas, & ladrões, & homẽs carniceyros, & que naõ perdoavaõ a cousa que encontravaõ.

80.

E Tambem sey, que tem determinado,
De vir por agua à terra muyto cedo,
O Capitão dos seus acompanhado:
Que da tenção danada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem cos teus armado,
Esperallo em cillada occulto, & quedo:
Porque saindo a gente descuydada,
Cahiràõ facilmente na cillada.

Que da tenção danada nasce o medo. Os homens maos vivem em hum continuo sobresalto, & medo, cuydando, que suas cousas saõ sabidas de todos. Daqui veyo aquelle proverbio tam usado entre os Latinos: *Ex conscientia metus.* O medo procede do que cada hum de si sabe. Estacio na Thebaida chama à maldade medrosa: *O cæca nocentum consilio, ô semper timidum scelus*, ò maldade sempre medrosa.

81.

E Se ainda não ficarem deste feyto
Destruidos, ou mortos totalmente;
Eu tenho imaginado no conceyto
Outra manha, & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geyto
Seja astuto no engano, & tão prudente,
Que os leve aonde sejão destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Mandalhe dar Piloto. Como tenho dito por muytas vezes, este modo de proceder neste discurso he fingido para ornar sua historia. A verdade he que o Soltaõ de Moçambique fez paz com os nossos, cuydando que eraõ Turcos, & lhes deu dous Pilotos: do que se arrependeo, depois que soube serem Christãos, & quebrou a paz, & palavra que tinha dado, & hum dos Pilotos lhe fugio para terra.

82.

T Anto que estas palavras acabou
O Mouro nos taes casos sabio, & velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muyto o tal conselho.
E logo nesse instante concertou,
Para a guerra o belligero apparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

Em roxo sangue a agua que buscasse. Quando Vasco da Gama fez paz com o Soltaõ de Moçambique, como se communicavaõ, & tratavaõ muyto, porque os Mouros cuydavaõ que os nossos eraõ Turcos, levoulhe o Soltaõ em pessoa huma vez que o foy visitar à armada os dous Pilotos, que lhe promettéra, aos quaes elle contentou com algũas peças, & dinheyro, para que o servissem de melhor vontade. E tratou com elles, que indo hum à terra, o outro ficaria na nao. Desta communicaçaõ que os Mouros tinhaõ com os nossos, os vieraõ a conhecer por Christãos: pelo que a sua amizade se converteo em odio, & desejo de destruir os nossos Portuguezes. O que o Soltaõ tratou logo com os seus, na qual cõsulta entràraõ tambem os Pilotos, porque soubéraõ do caso indo a terra. Este segredo durou pouco entre os Mouros, porque logo hum dos Pilotos o descobrio ao Capitaõ mór, que foy grande parte para os Mouros lhe naõ fazerem dano algum, assim no porto donde logo se sahio, como na aguada que fez: aonde lhe sahiraõ alguns Mouros em som de peleja para lha defenderem.

83.

E Busca mais para o cuydado engano,
Mouro, que por Piloto à nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano,
De quem fiar se possa hum feyto grande.
Dizlhe, que acompanhando o Lusitano,
Por taes costas, & mares com elle ande,
Que se daqui escapar, que là diante
Và cahir donde nunca se alevante.

E busca mais. A ordem que teve Vasco da Gama, para haver os Pilotos do Soltaõ, & como lhos deu

deu livremente, fica dito atraz. E assim mesmo como hum fugio para terra, & outro ficou na Armada. O que ficou na nao vendo como não pudéra fugir, determinou levar Vasco da Gama à Cidade Quiloa, que está na mesma costa, dizendo que nella havia Christãos; & como tivesse os Portuguezes no porto, mexericallos com ElRey, dizendo que eraõ Piratas, destruidores do mundo, que nenhum outro officio tinhaõ senaõ roubar, & assolar os portos aonde chegavaõ.

84.

JA o rayo Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando Gama cos seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pode suspeytarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

Iá o rayo Apollineo visitava. Descreve aqui o Poeta o tempo em q̃ Vasco da Gama foy fazer aguada, que foy sahido já o Sol: porque a noyte passada naõ pudéraõ descubrir agua, guiados pelo Piloto Mouro, que lhe dèra Soltaõ de Moçambique. O qual naõ deu com ella, ou por andar com o sentido occupado em ver se podia fugir: ou por naõ querer: ou por perder o tino do lugar aonde estava. E o mais certo parece, pois era pratico na terra, que andava entretendo os Portuguezes para ver se se podia por algum modo escapulir, & porse em salvo. *Rayo Apollineo*, rayo do Sol, chama-se assim, porque entre outros nomes que o Sol tem, hum he Apóllo. *Montes Nabatheos.* Saõ montes da India, chamados assim de Nabath Rey della, como lhe chamou Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

Que o coração presago nunca mente. Diz Aristoteles, *lib.3. de partibus inimic. cap.4.* que o coraçaõ do homem he fonte, & origem de quanto nelle ha bom. Outros Philosophos, como refere Cicero, *lib.1. de divinat.* quizeraõ que o coraçaõ fosse a alma. Outros punhaõ a sabedoria no coraçaõ: a cuja imitaçaõ os Latinos, ao homem avisado chamaõ *cordato*, de *cor*, que he o coraçaõ. E os Romanos chamavaõ aos prudentes *corculi*, como diz Plinio lib. 7. cap. 31. Daqui chamaõ os Poetas ao coraçaõ presago, de *presagio* verbo Latino, que he entender huma cousa agudamente antes que aconteça, como diz Cicero no lugar allegado. O que lhe vem de ser assento, & morada da sabedoria. O que havemos de entender ácerca do coraçaõ he, que nem he alma, nem assento principal della, nem tem primeyro alma, nem vive mais q̃ os mais membros. Porque a alma he creada por Deos em hum mesmo tempo toda de nada, dentro no corpo, que já está organizadamente apparelhado para a receber: & assim se lhe ajunta a todo, & a cada parte por si juntamente, como fórma substancial, & essencial. Da qual, & do corpo se faz o verdadeyro homem, como diz o B. Santo Thom. 1.p.q.90. art.2. c.4. Obra com tudo a alma no coraçaõ muytas cousas que ajudaõ muyto para a vida, o que naõ faz nas outras partes do corpo, como disse Mantuano tratando do coraçaõ da gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora na sua Parthenicie:

Cor prius, ex illo quoniam descendit in artus
Vitalis calor, á pleno seu flumina fonte,
Illic prima domus vitæ.

85.

E Mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo Piloto necessario:
E foylhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuydava muy contrario.
Por isto, & porque sabe quanto erra,
Quem se crè de seu perfido adversario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis sómente que trazia.

E mais tambem. Hum dos Pilotos, que o Soltaõ deu a Vasco da Gama, lhe descobrio a determinaçaõ dos Mouros, que era destruir os Portuguezes, depois que se certificasse serem Christãos. Pelo que Vasco da Gama se sahio logo do porto de Moçambique estando huma legoa desviado, onde os Mouros lhe naõ podiaõ fazer mal algum. Dalli tornando a Moçambique a pedir o Piloto, que lhe fugira da nao, lhe sahiraõ seis bateis de gente armada com arcos, & frechas, escudos, & lanças, os quaes Vasco da Gama fez fugir com artelharia q̃ levava. Isto conta Castanheda lib.1. cap.7. Joaõ de Barros cap.4. 1. Dec. diz, que vendo Vasco da Gama o mao proposito dos Mouros, mandou fazer sinal de paz, como que queria estar à falla com elles, & acodindo logo o Mouro dos recados, se começou Vasco da Gama a queyxar do que lhe era feyto, que elle naõ queria proceder como mereciaõ taes obras, que lhe mandasse entregar o Piloto, & hum negro que lhe fugiraõ: & com isto ficaria satisfeyto. A reposta do Xeque foy, que elle estava muyto escandalizado dos Portuguezes, pois lhe matáraõ, & feriraõ alguns dos seus, fazendolhe elles festa ao uso de sua terra, & que naõ sabia de Pilotos, que já lhos tinha dado, que se elle quizesse os buscasse pela terra, ou mandasse buscar. No fim destas palavras sem esperar reposta se recolheo para o Xeque, donde se levantou huma grita, & traz ella começáraõ a chover settas. Isto he o que o nosso Poeta aqui diz, que mandando pedir o Piloto, lhe foy respondido em som de guerra.

Quem se crè de seu perfido adversario. Ha hum dito do Philosopho Epicharmo muyto celebrado entre

entre os Gregos, vive muyto temperadamente, & não te fies de ninguem. Na qual sentença o Philosopho dá dous avisos aos homens, que pretendẽ viver politica, & honradamente. O primeyro, q̃ vivão temperadamente, & ponhão freyo a seus apetites. O segundo, que se naõ fiem de ninguem. Donde Cicero referindo a Epimarcho: *Quam ob rem Epimarchion illud teneto, nervos, atque artus sapientiæ, non temere credere:* a força do saber consiste em naõ crer temerariamente. Crer hum homem tudo, & a todos, he fraqueza de entendimento: & naõ se fiar de ninguem he má inclinação. E se os homens, que se entendem, nos ensinão, que nos não fiemos de ninguem: muyta culpa teria quem se fiasse de inimigos, & Mouros perfidos contrarios da nossa santa Fé Catholica, quaes estes eraõ: os quaes não trataõ mais q̃ de enganos,& mentiras.

86.

MAs os Mouros que andavão pela praya
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de seudo embraçado, & de azagaya,
Outro de arco encurvado,& setta hervada.
Esperaõ que a guerreyra gente saya,
Outros muytos já postos em cillada:
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

Poem huns poucos diante por negaça. Como os nossos tinhão necessidade de fazer aguada, & viraõ que a não podião achar de noyte, determináraõ fazela de dia. E logo Vasco da Gama mandou dous bateis com mão armada para a fazerem a pezar dos Mouros.Os quaes dérão mostra aos nossos em hum escampado, que estava entre a praya, & a povoação, como dous mil: mas logo se recolhérão detraz de hum reparo de madeyra, entulhado de terra, que fizeraõ para se defender dos nossos.

87.

ANdão pela ribeyra, alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & com a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando:
Naõ sofre muyto a gente generosa
Andarlhe os cães os dentes amostrando,
Qualquer em terra salta tam ligeyro,
Que nenhum dizer póde, que he primeyro.

Andaõ pela ribeyra. Vay o Poeta proseguindo o que os Mouros de Moçambique fazião contra os nossos Portuguezes, depois que quebráraõ as pazes. Assim esta oytava como as outras que se seguem saõ muyto claras, & não tem necessidade de exposiçaõ.

88.

QVal no corro sanguineo, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, & pondose diante,
Salta, corre, assovia, acena, & brada.
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Derriba, fere mata, & poem por terra.

Qual no corro sanguineo. O engenho do nosso Poeta, sua erudição, copia,& propriedade nas palavras, & sentenças: se vé assim nesta, como em outras comparações. E porque esta está clara para os que sabem Latim: para os que o não sabem declararey algũas palavras. Assovia he proprio de homens, que andaõ em corro de touro, os quaes lhe assovião, para que entenda nelles. Animal atroze he o touro, quer dizer animal cruel. Fronte cornigera, he fronte com cornos.

Os olhos serra. Isto he proprio do touro quando se chega perto da pessoa, para a levar; serrar os olhos. Pelo que os que tem experiencia disto, os esperaõ muyto confiadamente, sem lhe acontecer desastre algum.

89.

EIs nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, & dura artelharia,
A plumbea pela mata, o brado espanta,
Ferindo o ar retumba, & assovia.
O coração dos Mouros se quebranta,
O temor grande, o sangue lhes resfria,
Jà foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto aventuroso.

Eis nos bateis o fogo se levanta. Como Vasco da Gama vio andar os Mouros pela praya,& tão perto, que com as pedras que tiravão, chegavão aos bateis.Mandoulhe hum presente de pilouros com que não ficáraõ bem da escaramuça.

Plumbea pela. He o pilouro, chamado assim de plũbo, que he o chumbo de que se faz.

90.

NAõ se contenta a gente Portugueza,
Mas seguindo a vitoria estrue, & mata:
A povoação sem muro, & sem defeza
Esbombardea, accende, & desbarata.
Da cavalgada ao Mouro jà lhe pesa,
Que bem cuydou comprala mais barata.
Jà blasfema da guerra, & mal dezia
O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Naõ se contenta a gente Portugueza. Naõ se contentáraõ os Portuguezes, com o que fizeraõ aos Mouros, que andavaõ na praya: mas esbombardearaõlhe a povoaçam, & pozeraõlha por terra, por ser de casas palhaças sem muro, nem defeza, como aqui diz o Poeta.

O Velho inerte,& a mây q̃ o filho cria. Velho inerte quer dizer velho desazado, & sem arte: entende aqui o pay. Diz que os Mouros varejados dos Portuguezes diziaõ mal de seus pays,& mâys. Alguns declaraõ aqui, que o velho inerte, & a mây blasfemava da guerra: porque vendo os filhos fugidos a suas cazas, eraõ elles forçados a dizer estas palavras.

91.

FUgindo, a setta o Mouro vay tirando
Sem força, de covarde, & de apreßado:
A pedra, o pao, & o canto arremeßando,
Dalhe armas o furor desatinado,
Já a Ilha, & todo o mais desemparando
A terra firme foge amedrontado,
Passa, & corta do mar o estreyto braço,
Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Fugindo a setta o Mouro vay tirando. Como os Mouros viraõ os nossos determinados, puzeraõse em fugida, & lançáraõ-se em almadias, que alli tinhaõ, da outra banda da Ilha. Vasco da Gama se foy com os seus Capitães aos bateis, para ver se podia tomar alguns Mouros, para haver por elles hum negro, que fogira ao Piloto da sua nao, & huns Indios que estavaõ cativos em Moçambique. Paulo dà Gama irmaõ de Vasco da Gama tomou quatro em hũa almadia, que todas as outras varáraõ em terra,& se salvou a gente: as quaes os nossos saquearaõ do que levavaõ.

Dalhe armas o furor desatinado. A imitaçaõ de Virgilio na Eneida lib. 1. Æneid. *iamque faces, & saxa volant furor arma ministrat.* Tiram paos,& pedras, a furia lhe dá armas.

92.

HUns vão nas almadias carregadas
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem se afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar,& o deyta juntamente.
Arrombão as meudas bombardadas
Os pangayos subtis da bruta gente,
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

Huns vaõ nas almadias carregadas. Pinta o nosso Poeta aqui a pressa com que os Mouros fugiaõ, q̃ nem para se embarcar lhe dava tempo o medo.

Os pangayos subtis. Como fica dito, pangayos, & almadias he tudo huma mesma cousa,& porque o Poeta usa nesta Octava de ambos os nomes, naõ cuyde quem o ler que ha algũa differença: ainda que ha em os pangayos serem mayores, & terem velas: o que as almadias não tem, que saõ mais pequenas.

93.

TOrnão vitoriosos para a armada,
Co despojo da guerra, & rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antiguo mais que nunca accesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Sómente estriba no segundo engano.

Tornarão Vitoriosos. Depois que os nossos saquearaõ os pangayos dos Mouros,& lhe tomáraõ quãto acháraõ, recolheraõse para a armada, & ao outro dia fizeraõ aguada sem lho contrariar alguẽ.

94.

PAzes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a má tenção no peyto encerra,
Para os guiar â morte lhe mandava.
Como em sinal das pazes que tratava.

Pazes cõmetter manda arrependido. Vendose o Xeque tam apertado dos nossos, & que se perseverasse na sua contumacia, lhe queymariaõ os navios, & povoação: aconselhado do grande medo que tinha, mandou o seguinte dia pedir paz, & concerto a Vasco da Gama, dando desculpa do passado. E mandoulhe hum Piloto experimentado no caminho da India, em lugar dos outros q̃ antes lhe dera: hum dos quaes dizia ser lançado pelo sertaõ dentro com medo do castigo que lhe houvera de dar, se o colhéra à maõ, & o outro ser morto com a artelharia. E foy tal este Piloto, que se Deos milagrosamẽte não guardára os nossos, elle por muytas vezes os meteo em partes, onde tinham certa sua perdiçaõ, como conta largamente Joaõ de Barros lib. 4. 1. Decada cap. 5.

95.

O Capitão que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho costumado,
Que tempo concertado, & ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado:

Rece-

Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle Alegremente agazalhado.
E respondendo ao mensageyro attento
As velas manda dar ao largo vento.

O Capitaõ que já lhe entaõ convinha. Vendo Vasco da Gama, que o tempo não era para muytas replicas, & que mais lhe convinha o Piloto, que a emenda dos mouros, com palavras conformes ao caso, aceytou o Piloto: o qual mais foy hum capital inimigo, que Piloto: porque por muytas vezes os houvera de destruir, se Deos milagrosamente os naõ livrára.

96.

DEsta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitão que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia:
Delle muy largamente se informava,
Da India toda, & costas que passava.

As ondas de Amphitrite. Amphitrite, dizem os Poetas que foy filha de Oceano, & Doris, & molher de Neptuno Senhor do mar, pelo que se toma pelo mesmo mar, como o faz aqui o Poeta.

Das filhas de Nereo acompanhada. Nereo fingem tambem ser senhor do mar, filho de Oceano, & Tethys, ou segundo outros, de Oceano, & da terra. Este foy casado com hũa irmãa sua chamada Doris, da qual houve muytas filhas, a que os Poetas chamaõ Nereidas, que quer dizer filhas de Nereo, como lhe chama aqui a Poeta. Querem alguns que fossem cincoenta: de cujos nomes se veja Hinginio no principio de suas fabulas.

97.

MAs o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte, ou cativeyro novos danos,
Antes que à India chegue, lhe prepara.
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que avendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

Mas o Mouro. Como Conta Joaõ de Barros nas Decadas, este Piloto que o Xeque mandou a Vasco da Gama, procurou destruir a nossa armada, & diz o Poeta, que o fazia instruido por Baccho. Veja-se o que escrevemos atraz, Oytava 75.

Malevolo Baccho. Baccho inimigo, & que queria mal aos Portuguezes pelas razões ditas.

98.

E Dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synon aos Phrygios enganou,
Que perto está hũa Ilha cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão que a tudo estava atento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhes rogava,
Que o leve à terra, onde esta gente estava.

Com que Synon os Phrygios enganou. Estando os Gregos sem esperança alguma de tomar Troya, depois de dez annos de cerco: fingirão querelo levantar, & recolherse para Grecia. Fizeraõ por conselho de Ulysses hum cavallo de madeyra, o qual dizião offerecer a Pallas, por certo aggravo que lhe tinhaõ feyto, para lhes não ser adversaria. Meterão no cavallo a principal gente dos Gregos. E porque tinha huma porta em hum lado, por onde a gente havia de sair, fizeraõ fugidiço hum Grego por nome Synon, cõ ordem de abrir o cavallo a tempo sinalado. Synon entrou em Troya fingindo ir fugido dos Gregos, por o quererem matar por conselho de Ulysses, que lhe queria mal. Foy logo preso, & levado diante de ElRey Priamo, o qual não sómente não consentio se lhe fizesse aggravo algum: mas lhe prometteo muytas honras, & merces quietandose em suas terras. Como Synon levava outra determinaçaõ, vendo horas opportunas abrio o cavallo, sahiraõ os que estavaõ dentro, & dando final à armada, q̃ estava perto, a qual os Troyanos cuydavão ser ida de todo, entráraõ, & assoláraõ tudo a fogo, & a ferro, como conta Virgilio na Eneida lib. 2. O que diz aqui o Poeta he que o Piloto com palavras falsas, & mentirosas, determinou enganar os Portuguezes, como Synon enganou os Troyanos.

99.

O Mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe mãda, & pede,
Que a terra he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.
Aqui engano, & morte lhe imagina,
Porque em poder, & forças muyto excede
A Moçambique esta Ilha, que se chama
Quilóa, muy conhecida pela fama.

O mesmo o falso Mouro determina. Os mesmos desejos, ainda que com muy differente desenho, tinha Vasco da Gama, & o Mouro. Ambos desejavão ir a Quilóa, mas o Capitaõ mór puramente por ver os Christãos, que lhe dizião haver nella: & o Piloto para destruir os Portuguezes, o que podia fazer mais facilmente, que em Moçambique, por

 haver

haver em Quilóa muyto mais aparelho para isso, por ser terra de muyta gente. De Quilóa se veja atraz a Octava 54.

100.

P Ara lá se inclinava a leda frota,
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deyxava a certa rota,
Por ir buscar a morte naõ cuydada.
Naõ consente, que em terra tam remota,
Se perca gente della tanto amada,
E com ventos contrarios a desvia,
Donde o Piloto falso a leva, & guia.

Para lá se inclinava a leda frota. Naõ sofreo a maldade do Mouro, & o grande odio, que tinha aos nossos, dilatar sua má tençaõ, pelo que determinou destruillos antes que chegassem a Quilóa. E assim deu com a armada em humas Ilhas, affirmando ser terra firme, com proposito de a acabar, & consumir alli. Mas colhido pelos nossos no engano, & mentira que dissera, foy muyto bem açoutado. E por esta razão hoje em dia se chamão estas Ilhas do Açoutado: as quaes estão álem de Moçambique sessenta legoas. O Mouro, como sobre hum odio natural, se lhe acrescentou outro dos açoutes, determinou levar a armada a Quilóa, pelas razões acima ditas. Quiz nosso Senhor que desejando Vasco da Gama muyto ir a esta Cidade, cuydando ser verdade o que se dizia della, que era ter Christãos Abexins, & outros da India: não tiveraõ effeyto seus desejos, porque com as correntes grandes escorreo huma noyte o porto. O que vendo o Mouro, os meteo em outro perigo não pequeno, que foy dar com o navio S. Raphael em seco em huns bayxos, os quaes deste successo se chamaõ hoje os bayxos de S. Raphael: ainda que o Galeão se naõ perdeo desta vez neste perigo, mas perdeose à tornada alli.

Mas a Deosa em Cythere celebrada. Entende Venus, a qual os antigos errados tinhaõ por Deosa dos amores. Esta tinha hũ templo na Cidade Cythère de Chypre. Finge aqui o Poeta, que Venus favorecia os Portuguezes pelas razões, que elle mesmo dá atraz, & que ella desviára a nossa armada de Quilóa. He fingimento Poetico, para ornar sua historia.

101.

M As o malvado Mouro, naõ podendo
tal determinaçaõ levar avante,
Outra maldade iniqua cometendo,
Ainda em seu proposito constante:
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levarão por força por diante:
Que outra Ilha tem perto cuja gente
Eraõ Christãos com Mouros juntamente.

Mas o malvado Mouro naõ podendo. Vẽdo o Mouro que não podéra levar os nossos à Cidade de Quilóa, nem fazerlhe nojo nos bayxos de S. Raphael, determinou levalos à Cidade de Mombaça mesma costa com o mesmo intento de lhe fazer algum mal: dizendolhe que nella havia Christãos, como lhe tinha dito de Quilóa: o que tudo era falso, como o Poeta diz na Octava seguinte.

102.

T Ambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava:
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitaõ que em tudo o Mouro cria,
Virando as vellas a Ilha demandava,
Mas não querendo a Deosa guardadora,
Naõ entra pela barra, & surge fóra

Como por regimento em fim levava. Este regimento era do Xeque de Moçambique: o qual tinha dado por regimento, que ou em hum lugar, ou outro procurasse destruir os Portuguezes.

Naõ entra pela barra, & surge fóra. O Piloto quizera meter os navios dentro do Porto de Mombaça, o que Vasco da Gama lhe naõ consentio, porque o tinha em ruim conta, & desconfiava já delle. Inda que diz aqui o Poeta, que o Capitaõ o cria em tudo, o que faz para attribuir a Venus a guarda dos Portuguezes: pelo que mandou surgir fóra

103.

E Stava a Ilha à terra tam chegada,
Que hum estreyto pequeno a devidia,
Hũa Cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria,
Regida por hum Rey de antigua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade. Como os nossos houvéraõ vista de Mombaça, alegraraõ-se grandemente, parecendolhe, que entravaõ em algum porto de Espanha, por ser a Cidade muyto fermosa, com edificios de pedra, & cal, eyrados, & janelas, ao modo de Espanha, & defronte do mar. Mas os Portuguezes surgiraõ fóra, como fica dito, por senão fiarem do Piloto, ao qual davaõ pouco credito, por o terem colhido em outras. Da Cidade Mombaça se veja a nossa annotaçaõ atraz, Octava 54.

E sendo

104

E Sendo a ella o Capitaõ chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rey, que ja sabia a gente, que era,
Que Baccho muyto d'antes o avisara,
Na forma doutro Mouro, que tomára.

Que Baccho muyo d'antes. O mesmo ardil q̃ teve Baccho como o Xeque de Moçambique para o meter mal com os Portuguezes, usou com o de Mombaça, o que taõ pouco lhe aproveytou em huma parte, como em outra.

105

O Recado que trazem he de amigos,
Mas debayxo o veneno vem cuberto
Que os pensamentos eraõ de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes, & gravissimos perigos!
O caminho de vida nunca certo!
Que aondè a gente poem sua esperança,
Tenha a vida taõ pouca segurança.

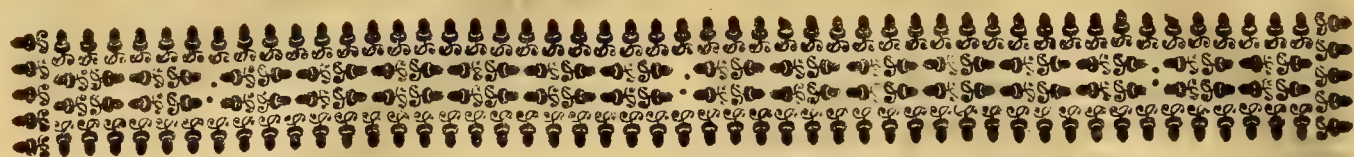
O recado que trazem he de amigos. Tanto que os da Cidade Mombaça houveraõ vista da nossa armada, mandáraõ logo a ella quatro homens dos principaes da terra, segundo pareciaõ, por irem muyto bem tratados. E chegando a bordo perguntàraõ que gente eraõ, & o que queriaõ. Vasco da Gama lhe respõdeo que eraõ Portuguezes, que hiaõ à India: & que tinhaõ necessidade de mantimentos, que isso os obrigava chegar alli. Mostràraõ os Mouros muyto prazer com sua chegada. E fizeraõ-lhe grandes offerecimentos, & promessas. E não tardáraõ muyto com outro recado d'ElRey, que folgava muyto com sua chegada, & que elle os proveria de todo o necessario, & lhe daria carga de especiaria, & lhe faria todo o gazalhado que fosse em sua maõ. Mas que era costume da terra, entrarem no porto as náos que vinhaõ de fóra: porque não o fazendo assim, se tinha ruim sospeyta dellas: por haver naquellas partes gente de ruim titulo.

106

NO mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida.
Onde pode acolherse hum fraco humano,
Onde será segura a curta vida,
Que não se arme, & se indine o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno.

Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno. Para encarecimento das miserias da vida humana, & pouca constancia della, usa deste termo de fallar: que atè o Ceo se indigna, & toma armas contra o homem, ao qual chama bicho pequeno, & com razaõ, pois de todos os animaes elle he o menor, assim na felicidade como nas mais cousas, como diz o Poeta Menandro.

Animalia cuncta felicissima sunt,
Et multo magis quam homines sapiunt.
Primum intueri licet asinum istum,
Qui indubie animal est miserum,
Nil tamen mali, è sua culpa nascitur.
Sed quæ natura ipsi dedit, ea habet.
Nos vero præter necessaria, mala,
Ipsa per nos alia nobis insuper adijcimus:
Dolemus siquis sternuerit, si male dixerit,
Irascimur, si quis viderit insomnium, valdè
Terremur, si noctua vlulaverit, metuimus:
Ærumnæ, opiniones, ambitiones, leges,
Ista omnia præter naturam, & ascita mala sunt.

Todos os animaes, diz o Poeta Menãdro, saõ felicissimos, & sabem muyto mais q̃ o homem. Ponde os olhos em qualquer animal, & vereis que os males que tem não lhe vem por sua culpa. O homem álem dos necessarios tem outros cem mil, que elle per si grangea, sem ter huma hora de gosto.

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMOES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Dar El-Rey de Mombaça o fim prepara
Ao Gama Illuſtre, com mortal engano,
Deſce Venus ao mar, a frota ampara,
E fallar ſobe ao Padre ſoberano:
Jove os caſos futuros lhe declara,
Apparece Mercurio ao Luſitano,
Chega a frota a Melinde, & o Rey potente
Em ſeu porto a recebe alegremente.

CANTO SEGUNDO.

Neſte Canto ſe relata o que aconteceo a Vaſco da Gama em Mombaça, & ſua chegada a Melinde.

1

JA' neſte tempo o Lucido Planeta,
Que as horas vay do dia diſtinguindo,
Chegava á deſejada,& lenta meta,
A luz celeſte âs gentes encobrindo:
E da caſa maritima ſecreta
Lhe eſtava o Deos Nocturno a porta abrindo
Quando as infidas gentes ſe chegârao
As naos, que pouco avia, que ancorârao.

Jà neſte tempo o Lucido Planeta. Deſcreve o Poeta o tempo em que os Portuguezes chegàraõ a Mombaça, que foy hum dia já poſto o Sol, a ſete de Abril de 1498. *Lucido Planeta* ſe chama o Sol, porque elle ſò tem luz, que he a razaõ porque ſe chama Sol, que quer dizer ſó. E a que tem os mais Planetas,& Eſtrellas,delle a recebem:como dizem os Philoſophos,que melhor ſentem.

Que as horas vay do dia diſtinguindo. Porque com ſeu curſo, & movimento nos faz o anno, mez,dia, & horas,como refere Ovidio nas Metamorphoſis lib.2.in principio.

Chegava à deſejada,& lenta Meta. Meta entre os Latinos era huma baliza feyta de pao, ou pedra em modo piramidal, que ſervia nos deſafios de cavallo por alvo, & fim da carreyra. Puſeraõ-lhe os antigos eſte nome de *Metior*, verbo Latino, que quer dizer medir, porque ſe punhaõ aquellas balizas medido certo eſpaſſo de terra, conveniente âquelle exercicio,& carreyra. D'aqui ſe toma pelo fim de qualquer couſa. Meta deſejada do Sol, he o tempo da tarde,no qual fingem os Poetas,que elle acaba ſeu curſo. Chamalhe o Poeta aqui lenta,que quer dizer vagaroſa: naõ porque o foſſe, ſenão, porque os deſejos que tinha de chegar á caſa de Thetis Senhora do mar, onde hia deſcançar dos trabalhos do dia, lha faziaõ parecer tal.

Lhe

Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo. Este se chama Erebo , o qual os Poetas fazem casado com a noyte, & Porteyro do Sol, quando se recolhe depois de feyto seu curso, em a casa de Thetis, que he o mar. Outros querem que seja hum rio do Inferno. Saõ cousas de Poetas.

2

DE entre elles hum, q̃ traz encomẽdado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o Reyno, & salsa via:
O Rey que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que naõ deseja mais, que agazalharte,
Verte, & do necessario reformarte.

De entre elles hum. Dos homens que sahiraõ de Mombaça fallar ao Capitaõ mór Vasco da Gama da parte do Rey da terra , hum lhe fez esta pratica que o Poeta vay recontando por algumas oytavas.

Engano mortifero. Engano mortal. *Salsa via.* Caminho salgado. Chama assim ao mar por ser de agua salgada. A razão se veja de Venegas, no livro natural, onde trata de *natura rerum.*

3

E Porque està em estremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso
Entres a barra, tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Traràs a gente debil, & cansada:
Diz, que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E porque està em estremo desejoso. Os desejos que os Mouros mostravaõ de favorecer os nossos com tantas promessas, & offerecimentos , como diz o Poeta na oytava seguinte, & nesta, era com intençaõ de os destruir , como ao diante se verá. *Debil,* fraca debilitada.

4

E Se buscando vàs mercadoria,
Que produz o aurifero levante,
Canela, Cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, & prestante.
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante,
Daqui levaràs tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

O rigido diamante. Chama-se o diamante rigido, porque não ha cousa que o quebre, ou abrande. Por esta razaõ lhe chamão os Gregos adamas, que quer dizer indomavel. Os autores tem introduzido huma cousa, que a experiencia tem mostrado ser falsa , que o diamante se abranda com sangue de Bode quente, & fresco. O contrario aconselha Solino cap. 65. & se guarda hoje , que he roçarse hum com outro, & d'outra maneyra he trabalhar de balde.

5

AO mensageyro o Capitão responde,
As palavras do Rey agradecendo!
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar, por onde
Và sem perigo a frota, não temendo,
Comprirà sem receyo seu mandado,
Que a mais por tal senhor està obrigado.

Ao mensageyro o Capitão responde. Como Vasco da Gama vinha persuadido do Piloto da sua Nao, que havia Christãos naquella Ilha, & os Mouros que o visitáraõ da parte do Rey della, concordàra com seu dito, determinou entrar no porto , como fizéra se Deos milagrosamente o não desviára, como adiante veremos. ¶ *Porque o Sol no mar se esconde.* Porque o Sol se poem, como fica declarado na primra oytava deste Canto.

6

PErgunta-lhe depois, se estão na terra
Christãos como o Piloto lhe dizia,
O mensageyro astuto, que não erra
Lhe diz, q̃ a mais da gẽte em Christo cria.
Desta sorte do peyto lhe desterra
Toda a suspeyta, & cauta fantezia
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel, & falsa gente.

7

E De alguns, que trazia condenados
Por culpas, & por feytos vergonhosos,
Porque pudessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos.
Manda dous mais sagazes, ensayados.
Porque notem dos Mouros enganosos
A Cidade, & poder: & porque vejaõ
Os Christãos que, só tanto ver desejão.

E de alguns que trazia condenados. Quando Vasco da Gama aceytou a jornada do descobrimento da India , por mandado del-Rey Dom Manoel: Pedio que se lhe dessem alguns homens , que estivessem

vessem presos por feytos graves, para se servir delles em casos de necessidade, ou deyxandoos em algumas partes , para saberem o que hia pela terra dentro, ou aventurando-os em alguns casos de perigo, qual era este de Mombaça: por ser mais justo, & conforme a razão aventuralos a elles , pois os tiravaõ das cadeas, onde estavaõ presos por casos, porque mereciaõ morte, ou infamia.

8

E Por estes ao Rey presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava
Tenha firme, segura, limpa, & branda.
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, & nefanda,
Das naos se despedia, & o mar cortava
Forão com gestos ledos, & fingidos
Os dous da frota em terra recebidos.

Por estes ao Rey presentes manda. Como El-Rey de Mombaça sabia o que Vasco da Gama fizera em Moçambique, & que os nossos eraõ Christãos, desejava de vingar a injuria feyta aos Mouros , & com este fundamento mandou dia de Ramos pela manham dous Mouros a bordo , homens alvos, & ensayados , os quaes dissessem serem Christãos. Vasco da Gama lhe fez muyto gazalhado , & lhe deu algumas peças, & assim mandou hum presente a El-Rey , agradecendo-lhe muyto os offerecimentos, que estes homens lhe fazião da sua parte, & dando mostras que estimava muyto o que lhe mandàra por elles, que era hum anel muyto fino, & alguns carneyros. Com estes homens mandou Vasco da Gama dous dos degradados , que levava para aventurar, onde fosse necessario, como fica dito: aos quaes encomendou muyto, vissem bem a terra, & notassem o trato da gente, & a armada que tinhão no porto. Os da terra, & El-Rey lhe fizeraõ grande gazalhado , mostrando com rosto alegre folgarem muyto com sua chegada.

9

E Despois que ao Rey apresentárão
Co recado os presentes, que trazião
A Cidade correrão, & notàraõ
Muyto menos daquillo que querião.
Que os Mouros cautelosos se guardavão
De lhe mostrarem tudo, o que pedião,
Que onde reyna malicia, està o receyo,
Que a faz imaginar no peyto alheyo.

Que onde reyna a malicia està o receyo. Cousa natural he, & assaz esperimentada, o homem máo, cuydar que todos saõ màos: & o bom pelo contrario, ter a todos por bons; daqui nasce, que quando o máo tece alguma maldade, teme, que o entendão, como diz aqui o Poeta, & he muyto sabido.

10

M As aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foy nacido
De duas mãys, que urdia a falsidade,
Por ver o navegante destruido.
Estava numa casa da Cidade.
Com rosto humano, & habito fingido,
Mostrando se Christaõ, & fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.

Mas aquelle que sempre a mocidade. Os Poetas fingem a Baccho , & Apollo mancebos sem barba, dando a entender, quanto ajuda á vida o bom tratamento do corpo. A Baccho tinhão os antigos por Deos do vinho, & Apollo da musica. De Baccho se veja o que escrevemos no Canto primeyro, oytava 73. onde dey a razaõ , porque se chama filho de duas mãys.

Com o rosto humano, & habito fingido. Esta ordem que o Poeta aqui leva em entremeter a Baccho nestas cousas, he fingimento muy elegante, como já disse atraz. A verdade he , que aquelles homens que Vasco da Gama mandou a Mombaça, para saber o que passava pela terra dentro , & se avia Christãos como lhe os Mouros tinhaõ dito , forão levados por outros da terra a casa de huns Indios mercadores, que deviaõ ser Christãos de Saõ Thomé: os quaes vendo, como os nossos erão Christãos, lhes fizerão muyta festa, & lhes mostràraõ a figura do Espirito Santo sobre a Virgem Nossa Senhora , & sobre os doze Apostolos , como diz o Poeta na oytava seguinte.

11

A Lli tinha em retrato afigurada,
Do alto, & Santo Espirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a unica Phenix Virgem pura,
A companhia santa està pintada,
Dos doze tão turvados na figura,
Como os que só das lingoas que cairão,
De fogo, varias lingoas referirão.

Sobre a unica Phenix Virgem pura. Chama Luis de Camões à gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora Ave Pheniz por ser esta Ave de que os Escritores dizem grandes maravilhas, assim em ser só no mundo, como em ser muyto fermosa, como della escreve Lactancio, em huns versos elegiacos, que compoz de seus louvores. E porque este lugar não he capaz de tratar dos louvores de huma tão grande Senhora , em conclusaõ , & remate digo, que tudo o que se della póde dizer , se soma em ser Mãy de Deos. Quanto â Ave Phenix diz Plinio lib. 10. cap. 2. que he huma sò no mundo, do tamanho

nho de huma Aguia, & que vive seiscentos & sessenta annos: & que em Arabia he consagrada ao Sol. Quando se lhe chega o tempo da morte, vayse de Arabia a Suria, onde faz hum ninho de paos cheyrosos, que ajunta, sobre o qual se deyta, & ali morre. E do seu tutano nasce hum bichinho, do qual se cria outra Ave Phenix, & em podendo voar se torna para Arabia. A cor diz o mesmo Plinio, que he vermelha toda, salvo no pescoço, o qual tem de cor douro, & o rabo roxo, & rosado. O mesmo conta Solino cap. 46. & Ovidio lib. 15. Metaph. Outros dizem que não ha no mundo esta Ave, & que tudo o que se conta della he fabula. O Patriarcha Dom Joaõ Bermudez em huma Relaçaõ, que fez a El-Rey Dom Joaõ o Terceyro de Portugal, sobre as cousas do Preste Joaõ, diz, que em huns desertos grandes junto ao Reyno de Damute se acha esta ave, & que os naturaes da terra lhe diziaõ que a viaõ, & conheciaõ, & que era muyto grande, & fermosa. Marco Polo Venezeano de naçaõ, que andou muytos annos nas partes da India, Ethiopia, & Tartaria, em hum livro que fez das cousas, que vio naquellas partes, faz mençaõ desta Ave, & diz, que a ha nos fins da India interior: & que os naturaes lhe chamaõ Semenda. Pus estas cousas aqui, paraque se entenda, que ha quem fale nesta Ave, & que pode ser verdade que a haja, porque no mundo ha outras cousas de mayor espanto: que os que não saihimos de nossas patrias, nem vimos mundo, não podemos crer, & nos parecem fora de toda a ordem, & razão. *Dos doze tão torvados na figura.* Estes eraõ os doze Apostolos, os quaes estavaõ pintados naquella carta, onde estava a Figura do Espiritu Santo: do modo que ficàraõ, quando deceo sobre elles no dia de Pentecostes, como se conta nos Actos dos Apostolos, Act. 2.

12

A *Qui os dous companheyros conduzidos,*
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os giolhos, & os sentidos
Naquelle Deos que o mundo governava:
Os cheyros excellentes produzidos
Na Panchaya odorifera queymava
O thioneu, & assi por derradeyro
O falso Deos adora o verdadeyro.

Na Panchaya odorifera. Panchaya he Arabia feliz, ou beata, que assim lhe chamão os Autores, á qual o Poeta chama odorifera, que quer dizer cheyrosa, por ter muyta abundancia de cheyros. *Queymava o Thyoneu.* Entende Baccho, ao qual os Poetas chamavão assim de *Thyo*, que quer dizer andar furiosa, & apressadamente, por serem desta qualidade os homens dados ao vinho. E daqui as molheres que lhe faziaõ suas festas se chamavaõ Thyades. Esta he a commum declaração desta palavra. Mas (segundo tenho notado na lição dos Poetas, mormente Gregos) Semele mãy de Baccho se chamava de alcunha Thyone, como refere o interprete de Apollonio; & daqui querem que se chame Baccho Thyoneu. *O falso Deos adora o verdadeyro.* Por falso Deos entende Baccho. Verdadeyro he o que nós adoramos, & professamos os Christãos, o qual aquelles Indios, que estavaõ em Mombaça, tinhão em huma carta pintado.

13

A *Qui foraõ de noyte agasalhados*
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo, que enganados
Os tinha o falso, & santo fingimento.
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol forão no mundo, & num momento
Apareceo no rubio Horizonte
Na moça de Titaõ a roxa fronte.

Apareceo no rubido Horizonte. Horizonte he nome Grego, & quer dizer fim de qualquer cousa, inda que propriamente he o termino, & baliza, do que alcançamos com a vista, olhando para qualquer parte; porque em qualquer lugar, que homem está, cuyda que vè hum fim do Ceo que he o Horizonte, como o Poeta entende neste lugar por rubido Horizonte aquella parte do Ceo, onde o Sol começava mostrar seus rayos. Isto he quanto à propriedade da palavra. Do Horizonte circulo da Esphera considerado mathematicamente, se veja a nossa annotaçaõ no canto oytavo, oyt. 44. *Na moça de Titão.* Por moça de Titaõ entende a Aurora filha de Titão, & da terra, & casada com Tithono irmão de Laomedonte Rey de Troya.

O falso, & santo fingimento. Chama-se falso, porque os da terra pretendiaõ enganar os nossos: chama-se santo, porque para este engano usaraõ de Imagens santas.

14

T *Ornão da terra os Mouros co recado*
Do Rey, para que entrassem: & consigo
Os dous que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rey mostrou sincero amigo.
E sendo o Portuguez certificado,
De não aver receyo de perigo,
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no salso rio entrar queria.

Salso rio. Entende o mar de Mombaça, ao qual por este respeyto chama rio salso, que quer dizer rio salgado.

15

D *Izemlhe os q̃ mandou q̃ em terra viraõ*
Sacras Aras, & Sacerdote santo,

Que alli se agazalharão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto.
E que no Rey, & gente não sentirão,
Senão contentamento, & gosto tanto
Que não podia certo aver suspeyta
Numa mostra tão clara, & tão perfeyta.

Em quanto a luz cubrio o escuro manto. Em quanto durou a noyte, chama o Poeta à noyte manto escuro, porque cobre a luz, ainda que falando propriamente, a noyte não he outra cousa, senão falta de luz; porque passando o Sol deste nosso Hemisferio superior a dar luz aos que morão no inferior, faltando-nos ficamos às escuras, & daqui se causa a noyte, a qual procede da ausencia do Sol.

16

COm isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiāo,
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciaõ.
A nao da gente perfida se enchia,
Deyxando a bordo os barquos, que traziaõ:
Alegres vinhaõ todos porque crem,
Que a presa desejada, certa tem.

A nao da gente perfida se enchia. Era tanta a familiaridade, & conversaçaõ que os Mouros tinhaõ com os nossos, que continuamente estavaõ a bordo barcos dos Mouros, que hiaõ á nossa armada; & fiavaõ-se tanto delles, que tinhão assentado entrar do rio para dentro, enganados com as mostras de amor. O que sem falta fizeraõ, senão succedera descair o navio de Vasco da Gama sobre huns bayxos, que tinha por proa, onde se houvera de perder, senão mandára surgir, como contão os nossos Historiadores. *Alegres vinhão todos.* O dia, que Vasco da Gama determinou entrar no porto de Mombaça, forão muytos Mouros em barcos com muytos tangeres, & musicas a seu modo, mostrando grande festa, & contentamento pela entrada dos nossos, porque lhe parecia, que os tinhaõ já debayxo da lança, para se vingar delles.

17

NA terra cautamente aparelhavão
Armas, & munições: que como vissem,
Que no rio os navios ancoravão,
Nelles ousadamente se subissem.
E com esta treyçaõ determinavaõ,
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem deste geyto
O mal, que em Moçambique tinhaõ feyto.

Que os de Luso de todo destruissem. Os de Luso saõ os Portuguefes, veja-se a nossa annotaçaõ no canto primeyro. Oyt. 1. *Que incautos pagassem.* Incautos, palavra Latina, quer dizer desapercebidos, & descuydados.

18

AS ancoras tenaces vam levando
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalisada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, & tam secreta,
Voa do Ceo ao mar como huma seta.

As aucoras tenaces. Tenaces he proprio Epitheto das ancoras, de teneo palavra Latina, que quer dizer ter, por ser proprio officio seu afferrar, & prender onde chegão. *Com a nautica grita.* Nauta entre os Latinos, quer dizer marinheyro, grita nautica he a grita que os marinheyros levantão no mar, quando trabalhaõ, a qual por outro nome se chama celeuma. *Mas a linda Erycina.* Entre outros nomes que tem Venus, hum he Erycina do monte Eryx de Sicilia, que hoje se chama em vulgar de Saõ Julião, onde antiguamente era venerada: de outros nomes que lhe os Poetas dão, se veja o que escrevemos no primeyro Canto Oyt. 33.

19

COnvoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado mar naceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondolhe a causa a que deceo,
Com todas juntamente se partia
Para estorvar, que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.

Convoca as alvas filhas de Nereo. Attribue como Poeta a Venus (a qual faz protetora dos Portuguezes) naõ entrar o navio de Vasco da Gama no porto de Mombaça, que parece foy milagre: porque não quis nosso Senhor que os Portuguezes acabassem em huma tão triste, & barbara terra, & se estrovasse huma viagem, que havia de redundar em tanto serviço seu. ¶ *Porque no salgado mar naceo.* Fingem os Poetas, que Venus naceo da escuma do mar, pelo que lhe chamão Aphroditis, ou Aphrodisia de aphros, que he a escuma, por esta razão as Nymphas do mar a ajudavão, & favoreciaõ em tudo como neste trabalho dos Portuguezes. Nereidas, saõ Nymphas do mar, das quaes fica trattado no Canto primeyro, oytava 96. chamalhe alvas, por sua estancia, & morada ser nas agoas.

Co-

Cerulea companhia. He a mais gente do mar, como Proteo, Tritão, & outros a qual se chama assim, de *ceruleus* palavra Latina, que quer dizer cousa de cor de Ceo, ou Mar.

20

JA' na agua erguendo vão cõ grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peyto corta, & atravessa
Com mais furor o mar do que costuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas
De temor das Nereidas apressadas.

De temor das Nereidas apressadas. O Poeta nomea aqui só tres filhas de Nereo, Cleto, Nise, & Nerine: sendo cincoenta como fica dito.

Argenteas caudas. Rabos brancos, porque as pintão cõ rostos de molheres, & rabos de peyxes.

21

NOs hombros de hũ Tritão cõ gesto acceso
Vay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leva o doce peso
De soberbo, com carga taõ fermosa.
Jà chegaõ perto, donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa,
Repartemse, & rodeaõ nesse instante
As naos ligeyras, que hiaõ por diante.

Nos hombros de hum Tritão. Tritão dizem os Poetas, que foy filho de Neptuno, & Salacia Senhores do mar, & que foy seu trombeta. Dione querem alguns, seja o nome da mãy de Venus, pelo que lhe chamaõ assim. Tem entre os Poetas differentes nomes, como fica tratado no Canto primeyro, oytava 33. Houve differentes Venus, mas quando entre os Poetas se nomea este nome, se entende a filha de Jupiter, & Dione, casada com Vulcano, que fazia os rayos a Jupiter seu pay. Outros a fazem nacida de escuma, como fica notado atrás, oytava 19. Esta foy huma molher publica na Ilha Chipre, a qual por este respeyto os antiguos idolatras, & ignorantes, tinhaõ por seu Idolo, & lhe levantavão grandes altares, & fazião grandes templos, que he bom final de seu pouco saber, pois tomavaõ por seus Deoses gente perdida, & dissoluta.

22

POemse a Deosa com outras em dereyto
Da proa capitayna, & alli fechando
O caminho da barra, estão de geyto
Que em vão assopra o vento a vella inchando.
Poem no madeyro duro o brando peyto.
Para detràs a forte Nao forçanao:
Outras em derredor levandoa estavão,
E da barra inimiga a desviavão.

Da proa capitayna. Isto diz o Poeta, porque querendo Vasco da Gama entrar para dentro de Mombaça, como lhe pedia o Rey da terra, levada a sua nao, nunqua quis fazer cabeça para entrar dentro, & hia sobre hum bayxo que tinha por proa: que foy causa de surgirem todas as naos, & não passarem avante. Milagre evidentissimo, que não quis nosso Senhor que hum intento tão santo dos Reys de Portugal acabasse aqui, pois de elles hirem por diante, se havia de augmentar tanto sua Fé santa, como vemos por experiencia.

23

QVaes para a cova as providas formigas
Levando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado.
Alli são seus trabalhos, & fadigas,
Alli mostrão vigor nunca esperado:
Taes andavão as Nymphas estorvando
A gente Portuguesa o fim nefando.

Quaes para a cova as providas formigas. Compara o Poeta a pressa, & diligencia de Venus, & das Nymphas, em desviar as naos do porto de Mombaça, com a das formigas no tempo do verão, quando ajuntaõ o necessario para o Inverno. He imitação de Virgilio na Æneida lib.4.

24

TOrna pera detràs a nao forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareão vellas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, & outro atravessando.
O Mestre astuto em vão da popa brada
Vendo como diante ameaçando
Os estava hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a nao lhe mete medo.

Torna para detràs a nao forçada. Indo com grande festa, & alegria, assim os Mouros, que hiaõ nas nossas naos, por lhe parecer, que tinhão a preza desejada nas mãos: como os nossos em cuydar (vendo tão luzida gente, & taõ boas novas da India) que era jâ acabada sua peregrinaçaõ, & trabalhos; estando áquella hora em perigo de perder as vidas, segundo a determinação dos Mouros: succedeo, que o navio de Vasco da Gama não quis fazer cabeça para tomar vento, & foy descaindo em hum bayxo, como temos dito: o que vendo o

meſtre começou a bradar da popa, ao que acodio o Capitão mór, & mandou ſoltar huma ancora. E porque iſto ſegundo coſtume dos que navegão, não ſe faz em taes tempos ſem grande revolta, & gritta: tanto que os Mouros viraõ o que paſſava, cuydando ſer deſcuberta a trayção que pretendião: huns por cima dos outros ſe lançáraõ nos barcos, & muytos no mar, querendo antes morrer afogados, que ás mãos dos noſſos, como o Poeta vay contando.

Penedo maritimo. Quer dizer penedo do mar; não faltão peſſoas, que calumniem a Luis de Camões, como já fica dito atrás, canto 1. oytava 19. uſar de palavras Latinas; & alguns que o não ſaõ muyto, lhe poem que uſou de algumas impropriamente, como homem não muyto Latino. Entre outras eſta deſte lugar he huma, chamar ao penedo do mar maritimo; no que não tem razão; porque Maritimus, a, um, na lingua Latina he couſa que eſtà ao longo do mar, ou dentro nelle. E Luis de Camões, ſoube para ſua profiſſaõ o que lhe baſtava; & neſte particular não tenho que trattar, que hoje vivem muytos homens deſtes que o conheceraõ, & trataraõ.

25

A Celeuma medonha ſe levanta
No rudo marinheyro, que trabalha,
O grande eſtrondo a Maura gente eſpanta,
Como ſe viſſem horrida batalha.
Não ſabem a razão de furia tanta,
Não ſabem neſta preſſa quem lhe valha,
Cuydão, que ſeus enganos ſão ſabidos,
E que hão de ſer por iſſo aqui punidos.

Celeuma, he palavra Grega, quer dizer a gritta, que os marinheyros levantão para todos a huma porem hombros, & força, no que tem entre mãos, & aſſim ſe ajudarem melhor. O Poeta lhe chamou atras oytava 18. gritta nautica, que he o meſmo.

26

E Ylos ſubitamente ſe lançavão
A ſeus bateis velozes, que trazião,
Outros encima o mar alevantando,
Saltando n'agua a nado ſe acolhião.
De hum bordo, & d'outro ſubito ſaltavão,
Que o medo os compellia, do que vião:
Que antes querem ao mar aventurarſe,
Que nas mãos inimigas entregarſe.

Que antes querem ao mar aventurarſe. Os Pilotos de Moçambique, & outros eſcravos, que hião na nao do Capitão mór, ſe lançáraõ ao mar: com a qual novidade entendeo Vaſco da Gama, & os mais Capitães a pouca ſegurança d'aquelles portos: & como Deos milagroſamente os livrára de hum tão grande perigo, pelo que logo ſe partiraõ dalli. E porque não tinhão Pilotos, determináraõ ir ao longo da coſta, que ſabião ſer muyto povoada, para ver ſe podiaõ aver alguns.

27

A Sſi como em Selvatica alagoa,
As rans no tempo antiguo Lycia gente,
Se ſentem por ventura vir peſſoa,
Eſtando fóra da agua incautamente.
Daqui, & dalli ſaltando, o charco ſoa,
Por fugir do perigo, que ſe ſente:
E acolhendoſe ao couto, que conhecem,
Sòs as cabeças n'agua lhe aparecem.

As rans no tempo antiguo Lycia gente. Contão os Poetas, que paſſando Latona mãy de Apollo per Lycia em tempo de grande calma, apertada da ſede, ſe chegou a beber a huma alagoa. Os ruſticos daquella terra lhe defenderão a agua, & por nenhum caſo, por mais laſtimas que lhe ouviraõ, a deyxáraõ beber. Sentida muyto Latona pedio a Jupiter a vingaſſe daquella gente, & quiſeſſe que viveſſem ſempre n'agua para ſe fartarem bem della. Jupiter os converteo em rans, as quaes tem por coſtume ſentindo alguma peſſoa recolherſe à agua, & moſtrar ſómente as cabeças, como aqui diz o Poeta, comparando os Mouros que ſe lançàraõ ao mar, ás rans, porque hindo nadando lhe apareciaõ ſómente as cabeças.

28

A Sſi fogem os Mouros. E o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiàra,
Crendo que ſeu engano eſtava noto,
Tambem foge ſaltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara,
A ancora ſolta logo a Capitayna,
Qualquer das outras junto della amayna.

Penedo immoto. Quer dizer penedo firme, & que ſe não move. Eſte penedo era o bayxo, em que diſſemos, que hia dar a nao de Vaſco da Gama, ſe lhe não acudiraõ depreſſa.

29

V Endo Gama, attentado, a eſtranheza
Dos Mouros, não cuydada, & juntaméte
O Piloto fugirlhe com preſteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo ſem contraſte, & ſem braveza
Dos ventos, ou das aguas ſem corrente,

Que

Que a nao passar avante não podia,
Avendoo por milagre assi dizia.

30

O Caso grãde, & estranho, & não cuydado!
O milagre clarissimo, & evidente!
O descuberto engano inopinado!
O perfida, inimiga, & falsa gente!
Quem pudera do mal aparelhado
Livrarse sem perigo sabiamente,
Se là de cima a guarda soberana
Não acudira a fraca força humana.

O caso grande. São estas exclamações para encarecimento deste milagre, que aos nossos aconteceo nesta barra de Mombaça. Bem se mostra que seus intentos erão santos: & que o caminho nestes principios era tomado puramente por amor de Deos, & por serviço do seu Rey, sem outro interesse algum: & assim tudo lhes succedia prosperamente.

Engano inopinado. He engano não cuydado, isto diz o Poeta, porque os nossos cuydavão que estavão já fòra de trabalho, sendo tanto ao contrario.

31

B Em nos mostra a Divina Providencia,
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na aparencia,
Que era enganada a nossa confiança.
Mas pois saber humano, nem prudencia,
Enganos tão fingidos não alcança,
O' tu Guarda Divina, tem cuydado
De quem sem ti não pôde ser guardado.

32.

E Se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que sô por tua altissima bondade,
Da gente as salvas, perfida, & maligna.
Nalgum porto seguro de verdade
Conduzirnos já agora determina,
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois sô por teu serviço navegamos.

Ou nos amostra a terra que buscamos. A terra que os Portuguezes buscavão, & por cujo respeyto se offerecião a tantos contrastes, & trabalhos, era a India.

33.

O Uviolhe estas palavras piadosas
A fermosa Dione, & commovida
D'entre as Nimphas se vay, que saudosas
Ficarão desta subita partida.
Já penetra as Estrellas luminosas,
Jà na terceyra Esphera recebida,
Avante passa, & là no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre se moveo.

Ià na terceyra Esphera recebida. Chamaõ-se os Ceos Orbes, ou Espheras, por terem a figura redonda, & circular, pela qual razão o mundo tambem se chama Esphera: porque a Esphera he hum corpo redondo, & solido, de huma sò superficie, como huma bola, ou pella, & assim os Astronomicos indifferentemente usaõ destes vocabulos: Orbe, Circulo, Esphera, tomando hum pelo outro. E diz, que foy recebida no terceyro Ceo, que he o seu lugar por ordem dos Planetas, porque a Lua tem o primeyro, Mercurio o segundo, Venus o terceyro, o Sol o quarto, Marte o quinto, Jupiter o sexto, Saturno o setimo: & que se moveo para o sexto Ceo, que he o lugar de Jupiter seu pay, ao qual hia fallar sobre as cousas dos Portuguezes. No canto decimo se trata mais largamente do Ceo, & Planetas.

34

E Como hia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas o Ceo, & o Ar vizinho
E tudo quanto avia namorava:
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que Polos gelados acendia,
E tornava do fogo a Esphera fria.

Dos olhos onde faz seu filho o ninho. O filho de Venus he Cupido, a que os antigos enganados chamavão Deos de Amor. Diz Luis de Camões, que o Amor faz seu ninho nos olhos; porque o primeyro encontro, & principio de affeyção se causa com a vista. Donde disse Propercio, *Si nescis, oculi sunt in amore duces.* Os olhos saõ guias no amor, & Virg. nas Eglog. *Ut vidi, ut perij,* a vista foy causa de minha perdição.

Com que os pôlos gelados acendia,
E tornava do fogo a Esphera fria. Pelos pólos se entende o Arctico, & Antarctico, que he Norte, & Sur, os quaes chama gelados, pela grande frialdade que naquellas partes ha, causada da ausencia do Sol; dos pólos tratey atraz no canto primeyro, oytava 24. Quanto à declaração deste lugar; quer o nosso Luis de Camões por estes rodeos mostrar a força, & poder do Amor, do qual todos os Poetas assim Gregos, como Latinos escreverão muytas cousas, os Gregos lhe chamão. *Pandamator,* domador de todas as cousas; pinta-se com hum ramo na mão direyta, & hum peyxe na esquerda, para mos-

moſtrar,que ſobre todas as couſas tem dominio; & eſta he a razão, porque diz o noſſo Poeta, que acendia os polos congelados, & esfriava a Eſphera do fogo, para moſtrar que não ha couſa que reſiſta a ſeu poder.

35

E Por mais namorar o ſoberano
Padre,de quem foy ſẽpre amada,& cara
Se lhe apreſenta aſſi, como ao Troyano,
Na ſelva Idéa já ſe apreſentára.
Se a vira o Caçador,que o vulto humano
Perdeo vendo a Diana na agua clara,
Nunqua os famintos galgos o matárão,
Que primeyro deſejos o acabárão.

Se lhe apreſenta aſſi, como ao Troyano. Contão as fabulas, que Hecuba molher de Priamo Rey de Troya ſonhou huma noyte andando de parto,que lhe ſahia do ventre huma chama de fogo, que queymava a Troya. Atemorizado Priamo diſto, perguntou aos ſabios de ſeu Reyno a declaração deſte ſonho: os quaes reſponderaõ, que havia ſua molher Hecuba de parir hum filho que havia de ſer cauſa da deſtruição de Troya. Sabido iſto tratou Priamo com ſua molher ſobre a morte do filho,para que em parindo ſe mandaſſe matar. Naõ ſómente não fez Hecuba, o que Priamo ſeu marido lhe encomendára, mas mandou a hum ſeu criado, de que ſe fiava, levaſſe o minino a alguma parte onde ſe criaſſe ſecretamente, & ſem ſer conhecido. Foy o minino criado no monte Ida perto de Troya, onde depois de ſer moço de quinze, ou dezaſeis annos, foy tido entre os moradores daquella terra em tal reputação por ſua habilidade,& engenho,que não havia em toda ella couſa de duvida, que elle não determinaſſe. Quanto ao nome, foylhe poſto Alexandro por mandado de ſua máy,& depois de conhecido por filho d'El-Rey Priamo,foy chamado Paris, que em lingoa Eolica quer dizer engeytado,como elle foy.E não ſe chamou Paris á paritate,que he igualdade(como todos os demais querem) por ſaber com igualdade tratar as couſas, como fez no negocio da maçam douro, de que abayxo trato. Succedeo, que ſendo convidado Jupiter, & todos os falſos Deoſes para as Bodas de Peleo Rey de Teſſalia com Thetis filha de Nereo, não foy chamada a Diſcordia, pelo que agravada, & tomada de não ſe fazer caſo della,lançou em cima da meſa onde eſtavão Juno, Pallas, & Venus,huma maçam d'ouro, com huma letra que dizia: *Pulchriori detur.* Déſe á mais fermoſa. Cada huma pretendendo ficar com a maçam, não tanto por ſua valia, quanto por levar a palma da fermoſura, quiſeraõ logo alli que Jupiter déra ſentença,mas eſcuſouſe,porque Juno era ſua molher, & irmã, Pallas, & Venus ſuas filhas, pelo que as remeteo a Alexandro, que era Paris de quem himos tratando, que morava no monte Ida. Ellas ſe foraõ a elle, & lhe fizerão grandes promeſſas cada huma por ſi, propondo-lhe o caſo,mas elle deu a maçam a Venus, por lhe parecer mais fermoſa, que era a parte porque ſe havia de alcançar. Eſta he a cauſa porque Venus favoreceo ſempre a Paris,& lhe deu ordem,com que furtaſſe Helena a ſeu marido Menelao, que foy cauſa de Troya ſer queymada pelos Gregos.

Se a vira o Caçador. Eſte Caçador foy Acteon filho de Ariſteo, & Autonoe. Contão os Poetas, que apertandoo hum dia a calma, & ſede, ſe recolheo a hum valle onde eſtava huma fonte, & chegando-ſe a beber acertou de ſe encontrar com Diana, que os antiguos tinhaõ por Deoſa da Caça, a qual ſe eſtava lavando com ſuas companheyras na meſma fonte. Tomou-ſe tanto Diana de Acteon a achar naquelle eſtado, que o converteo em cervo: o qual logo os ſeus meſmos cáes deſpedaçaraõ. Eſta Fabula conta Ovidio lib. 3. nas Metamorphoſis.

36

OS creſpos fios de ouro ſe eſparzião
Pelo collo que a neve eſcurecia:
Andando as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem amor brincava, & não ſe via.
Da alva petrina flamas lhe ſaião
Onde o menino as almas acendia,
Pellas lizas columnas lhe trepavão,
Deſejos, que como era ſe enrolavão.

Os creſpos fios d'ouro. Vay o Poeta por eſtas oytavas tratando como Venus appareceo a ſeu pay, não tem couſa de duvida.

37.

COm hum delgado ſendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo eſconde,nem deſcobre
O veo dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o deſejo acenda,& dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro,
Já ſe ſentem no Ceo por toda a parte,
Ciumes em Vulcano,amor em Marte.

Ciumes em Vulcano, amor em Marte. Não he para diſſimular a torpeza dos antiguos idolatras, que faziaõ ſeus Deoſes homens, & eſtes perdidos, & diſſolutos em todo o genero de vicios. O que faziaõ para encubrir ſuas maldades, & viverem á redea ſolta em ſuas torpezas, como tratey no primeyro canto. Vulcano era caſado com Venus,& Marte, dizem os Poetas, que cometia adulterio com ella, pelo que diz aqui o Poeta, que havia ciumes em Vulcano, & amor em Marte. Vul-

cano tinhaõ por Deos do fogo , & Marte da guerra.

38

E Mostrando no angelico semblante
Co' o riso huma tristeza misturada,
Como dama que foy do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada.
Que se queyxa,& se rinum mesmo instante,
E se mostra entre alegre magoada:
Desta arte a Deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa,que triste ao Padre falla.

39

S Empre eu cuydey,ô Padre poderozo,
Que para as cousas , q̃ eu do peyto amasse,
Te achasse brando,afabel,& amoroso,
Posto que a algum contrario lhe pesasse.
Mas pois que contra mim te vejo iroso,
Sem que to merecesse,nem te errasse,
Façase como Baccho determina
Assentarey em fim,que fuy mofina.

Sempre eu cuydey. Imita nestas oytavas a Virgilio , o qual na sua Æneida lib. 1. introduz a Venus fazendo outra fala semelhante a seu pay Jupiter, pedindo-lhe,favorecesse Eneas.

40

E Ste povo que he meu, por quem derramo
As lagrimas que em vão cahidas vejo,
Que assàz de mal lhe quero, pois o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro,& bramo
E contra minha dita em fim pelejo:
Ora pois porque o amo,he mal tratado,
Querolhe querer mal,serà guardado.

41

M As morra em fim nas mãos das brutas
q̃ pois eu fuy:& nisto de mimosa[gẽtes,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como cõ o orvalho fica afresca rosa.
Calada hum pouco,como se entre os dentes
Se lhe impedira a fala piadosa,
Torna a seguila,& indo por diante
Lhe atalha o poderoso,& gram tonante.

Que pois eu fuy. Usa aqui elegantemente de huma figura a que os Gregos chamão aposiopesis, & os Latinos oblicentia,ou reticentia, quando calamos , & deyxamos de pór na oração alguma palavra, com que fica a oração imperfeyta ; o que he muyto usado nos Poetas para mostrar algum effeyto de ira,ou indignação,o qual se mostra muyto na imperfeyçaõ da oração , como aqui : que pois eu fuy,entẽde-se mofina.E Virgilio na Æneida: *Quos ego.* Os quaes eu, entende-se castigarey. E em outros muytos lugares.

O gram Tonante. Tonante , chamavão os antigos a Jupiter , que tinhaõ por principal de seus idolos, de tono, as, palavra Latina, que quer dizer fazer trovões , por elle ser o autor destas cousas segundo sua opiniaõ errada.

42

E Destas brandas mostras commovido,
Que moverão de hum tigre o peyto duro:
Co vulto alegre,qual do Ceo subido
Torna sereno,& claro o ar escuro.
As lagrimas lhe alimpa,& acendido
Na face a beyja,& abraça o collo puro,
De modo que dalli, se so se achàra,
Outro novo Cupido se geràra.

Que moveraõ de hum tigre o peyto duro. He o tigre hum animal muyto cruel por natureza , peloque os Poetas usaõ delle para exemplo de crueldade, como o nosso Luis de Camões neste lugar. Differe do leaõ sómente na variedade da cor , porque tem por todo o corpo huns sinaes pretos grandes a modo de remendos compridos , que o fazem muyto fermoso. O rabo muyto longo , com os mesmos sinaes pretos, & assim a cabeça; a qual he redonda,as orelhas saõ pequenas,os dentes muyto agudos,o pescoço curto, & grosso: come este animal do que caça , & acomete , & mata todo o genero de animal por muyto brabo que seja. Marcial in spectac. Epigram. 18. escreve delle,que nos Espectaculos Romanos matou hum leaõ. He de espantosa ligeyreza , pela qual rezão os Poetas o fazem filho do vento Zephyro,& o nome,que tem o mostra;porque tygre em lingua Persia, India, & Armenia, he a setta, nas quaes partes lhe puseraõ este nome,& dellas veyo a nos.

43

E Com o seu apertando o rosto amado,
Que os saluços,& lagrimas augmenta,
Como minimo da ama castigado,
Que quem o afaga o choro lhe acrecenta.
Por lhe por em socego o peyto irado,
Muytos casos futuros lhe apresenta,
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneyra em fim lhe està dizendo.

Como minino da ama castigado. Humas das cousas em que o Poeta mostra seu engenho, & erudiçaõ,

ção, he nas comparações, as quaes são tão proprias que nenhuma ventagem lhe fazem os antigos.

Dos fados as entranhas revolvendo. Dos fados se veja a nossa annotação no primeyro canto oytava 24.

44

Fermosa filha minha não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que nimguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos.
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerem se Gregos, & Romanos
Pelos illustres feytos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Fermosa filha. Nesta reposta de Jupiter a Venus sua filha, lhe vay contando todas as cousas que haõ de acontecer aos Portuguezes na India, & costa de Africa, & como haõ de por estas partes debayxo do jugo dos Reys de Portugal.

45

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo,
E se antenor os seyos penetrou
Ilíricos, & a fonte de Timavo.
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla, & de Charybdis o mar bravo,
Os vossos mores cousas intentando
Noves mundos ao mundo irão mostrando.

Que se o facundo Ulysses. Facundo he palavra Latina, quer dizer eloquente, & copioso de palavras; tal dizem os Poetas, que foy Ulysses: & por esta rezão o faz Homero muyto mimoso, & favorecido de Pallas, que os antigos chamavão Deosa da Sciencia, & lhe dá por epitheto o Divino Ulysses: para encarecimento de seu aviso, & descrição. Este foy com outros Cavalleyros de Grecia á conquista de Troya, onde fez muytas cousas dignas de memoria. Depois de Troya destruida, caminhando para sua patria Ithaca, passou no mar muytos trabalhos, & perigos, dos quaes tratta largamente Homero na sua Odyssea, à qual poz este nome, por não trattar nella de outra cousa senão de Ulysses, o qual na lingua Grega se chama *Odysseus.* Entre outros trabalhos que conta Homero, hum he este de que o Poeta aqui faz menção, que aportando na Ilha Ogygia, que he no mar Jonio defronte do cabo Lacinio, foy agazalhado de Calypso, filha de Oceano, & Thetis, & senhora daquella Ilha, a qual por esta razão hoje em dia entre os Autores se chama Calypso: & de maneyra o agazalhou, que o não queria largar fazendo-lhe muytas promessas, onde ficára para sempre, se Jupiter a requerimento de Pallas o não estorvára, como conta Homero na Odissea, & que por ordem dos Latinos he o livro quinto.

Se Antenor os seyos penetrou. Antenor foy Troyano de nação (segundo acho escrito) vendeo sua patria aos Gregos. Este depois de ter destruida, & queymada Troya, se recolheo a Italia, & edificou huma Cidade no territorio de Veneza, á qual do seu nome chamou Antenoria, hoje se chama Padua. Estas palavras, que o Poeta aqui poem, saõ a imitação de Virgilio na sua Æneida, & porque trattão da chegada de Antenor a Italia, & como edificou Padua, & juntamente fazem menção do rio Timavo, & de modo que parecem mostrar que edificou Antenor a Cidade ao longo delle, não sédo assim. Entre Varões muy doutos ha sobre este rio grádes altercações, as quaes declararey aqui.

Antenor potuit medijs elapsus Achivis
Illyricos penetrare sinus, atque intima tutus
Regna Liburnorum, & fontem superare Timavi:
Unde per ora novem vasto cum murmure montis
It mare præruptum, & pelago premit arua sonanti
Hic tamen ille urbem Patavi, sedesque locavit
Teucrorum, & genti nomen dedit.

Queyxando-se Venus a Jupiter, & recontando-lhe os trabalhos que seu filho passava, diz desta maneyra: que pode Antenor hum tão máo homem escapar das mãos dos Gregos, passar o mar sem perigo, entrar por terra firme pela Esclavonia: & passar a fonte de Timavo, & edificar Cidade onde elle, & os seus fizessem assento. Estes versos dão em que cuydar a homens doutos, & curiosos das letras humanas, principalmente a cerca do rio Timavo, do qual o Poeta aqui tratta de proposito, sobre o qual rio ha grande contenda entre os homens que sabem. Este rio he nos confins de Aquilea Cidade da Senhoria de Veneza, que está pouco mais de tres legoas do mar. Desta Cidade á outra por nome Triest (a que os Autores chamaõ Tergeste) haverá sete legoas ao longo da costa. Junto a esta Cidade está huma Igreja do nome do Bemaventurado S. Joaõ, da qual se vem humas serras asperas, & pedregosas, de cujas quebradas, & quedas se faz hum valle, no qual se juntão muytas aguas que correm dos montes que tem ao derredor. E porque este valle he fundo, & cercado das serras que o cercaõ de maneyra, que as aguas que dellas decem, não tem por onde sair fóra: a natureza lhe busca remedio, & sorvendo-se alli da terra, arrebentão ao pé dos ditos montes por differentes partes, a modo de fontes, com tanto impeto, & estrondo, que espantaõ aos que o ouvem. Estas fontes, ou bocas por onde o Timavo sae, diz Estrabão Capadocio que saõ sete, & Marcial diz o mesmo.

Et tu Ledæo felix Aquilea Timavo?
Hic ubi septenas Cyllarus hausit aquas.

Ou

Ou demostra como passando Castor filho de Tyndaro,& Leda por aquellas partes, bebeo o seu cavalo Cyllaro sete aguas : dando a entender as aguas do Timavo , que nascem de sete fontes. Virgilio diz que saõ nove.

Unde per ora novem vasto cum murmure montis
It mare præruptum, & pelago premit arua sonanti.

Onde maravilhosamente descreve a sahida do Timavo,em dizer *vasto cum murmure*, pelo grande ruido, & estrondo das aguas , de que saõ causa os muytos penedos com que as aguas se encontraõ. O lugar por onde este rio entra no mar (que he junto a Cidade Triest , de que atraz falâmos) he pelos naturaes chamado mar , pelas muytas que leva:donde diz aqui Virgilio:*It mare præruptum,& pelago premit arua sonanti*:vay hum grande, & impetuoso mar , que parece querer assolar o mundo. Destes versos de Virgilio tomão alguns occasiaõ para dizerem , que o Timavo não he nesta paragem,mas que he hum rio que passa pela Cidade de Padua , a que os antigos chamavão Meduaco , & hoje pelos Paduanos he chamado Brenta , que faz muytas voltas pela Cidade, & por elle lhe vem em barcos a provisão necessaria dos lugares vizinhos. Para intelligencia dos quaes versos se ha de notar, que Virgilio não disse que Antenor edificâra Cidade neste lugar,onde o Timavo corre, mas falou geralmente que edificára , não determinando lugar , porque a palavra, *hic*, não he adverbio , que mostre lugar mas pronome relativo, que refere Antenor , & que se deve juntar com o *ille* que se segue:& assim ambos significão como se fora hum só. *Hic tamen ille urbem Patavi.* Este Antenor diz Virgilio edificou a Cidade de Padua.E deste modo de falar ajuntando o *hic* com *ille* , & significarem ambos huma mesma cousa usa muytas vezes Virgilio. *Hunc illum Fatis extrema à sede profectum* , diz no setimo , & no mesmo livro : *hunc illum proscere facta.* Assim que a verdade do rio Timavo he a que tenho dito.Quanto as suas fontes não se póde com certeza affirmar serem oyto,ou sete,ou nove,pela grande confusaõ, & revolta das aguas que ha naquelle lugar ao sahir,pelo que todos acertaõ.

E se o piadoso Eneas navegou, de Scylla, & de Charybdis o mar bravo. Eneas filho de Anchises, & Venus foy taõ pontual, & tão excellente Varão, que mereceo epitheto de piadoso entre os Poetas , como lhe chama aqui o nosso Luis de Camões , & Virgilio fez muytos livros em seu louvor , aos quaes de seu nome intitulou Eneida. Este Eneas depois que sahio de Troya sua patria, passou muytos trabalhos , & perigos no mar , como conta o mesmo Virgilio. Entre muytos hum muy arriscado foy o de Scylla , & Charybdis, cachopos do estreyto de Messina entre Italia , & Sicilia , que terá de largo mil & quinhentos passos: no qual espasso de mar tão pequeno fazem as aguas grande estrondo , & ruido , encontrando-se humas com outras com tanto impeto , & furia , que parecem peleyjar entre si,humas fogindo,& outras arremetendo, que causa grande medo nos que o vem , & espanto nos que o ouvem : donde se levantáraõ as fabulas de Scylla , & Charybdis , dizendo que naquella paragem ladravão cães , & havia outras monstruosidades , o que tudo he pela grande revolta , & furia das aguas, como conta Justino , & outros. Scilla he hum penedo chamado hoje pelos que navegão Scyllo. Charybdis he agua com grãdes voltas, & rodomuinhos, o qual lugar se chama Gallofaro. A fabula de Scylla conta Ovidio nas Metamorphoses,de Scylla,& de Charybdis largamente Virgilio na Eneida. Estas cousas de Antenor, & Eneas pós aqui o Poeta , por serem celebradas dos Poetas antiguos,as quaes saõ de muyto pouca importancia , em comparação das que os nossos Portuguezes fizerão nas partes da India.

46

Fortalezas Cidades, & altos muros
Por elles vereis filha edificados.
Os Turcos bellacissimos, & duros
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reys da India livres, & seguros
Vereis ao Rey potente sobjugados:
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leys melhores.

Fortalezas. O que os Portuguezes fizerão na India, & as terras que conquistáraõ, he assás notorio , & neste livro se tratão algumas , & logo nas oytavas seguintes : pelo que aqui se escusa tratar dellas,reservandoas para seus lugares proprios.

47

Vereis este,que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando:
O caso nunca visto, & milagroso!
Que ferva, & trema o mar em calma estando!
O' gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della haõ medo os elementos!

Vereis este,que agora pressuroso. Este he Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueyra,& Almirante mór do mar Indico, o qual El-Rey Dom Joaõ o Terceyro elegeo por Capitão mòr de huma armada que mandou á India no anno de 1524. com titulo de Visorrey : o qual indo demandar a costa de Cambaya (como por regimento levava) foy tão grande o tremor do mar , que fez descorçoar a toda a armada. O que vendo Dom Vasco da Gama levantou huma voz alta dizendo:amigos prazer,& alegria , que o mar treme com medo de noz: como

refere João de Barros na terceyra Decada lib. 9. c. 1. onde diz que muytos doentes da armada com aquelle tremor sàràraõ.

48

VEreis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hũ porto muy decẽte;
Em que vão descançar da longa via
As naos que navegarem do Occidente:
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia. Entende Moçambique, no qual lugar (como fica dito) lhe quizeraõ estorvar fazer aguada.

Que inda ha de ser hum porto muy decente. Hoje he Moçambique a principal escala que os nossos navios tem na navegação da India.

Lhe pagará os tributos. No anno de quinhentos & dous, em que Vasco da Gama tornou á India com titulo de Almirante mòr do mar, & com hũa frota de vinte velas, sojeytou toda a costa de Africa, & fez tributaria a El-Rey de Portugal a Cidade Quiloa.

49

E Vereis o mar roxo tão famoso
Tornarselhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reyno poderoso
Duas vezes tomado, & sojugado:
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado,
Que quem vay contra os vossos claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

E vereis o mar roxo. A cerca do mar roxo, porque nem Gregos, nem Latinos acertàraõ a causa desta cor, não tratarey do que elles disseraõ, & tambem por evitar proluxidade. A verdade, & certeza que hoje temos pela experiencia, exames, & diligencias que os nossos Portuguezes tem feyto he esta: naquelle mar por cima das aguas aparecem manchas vermelhas, brancas, & verdes, que fazem crer, aos que não sabem a verdade, ser aquella a verdadeyra cor daquellas aguas: O que não he assim, porque feyto como digo, exame nas aguas, tirando-as em baldes, se achou procederlhe aquella cor do fundo, porque a agua em si he tão clara como nas outras partes do mar, & assim de mergulho por ter partes muyto bayxas, se trazia do fundo huma materia vermelha de coral em ramos, & assim mesmo das outras cores que por cima das aguas aparecião, & não sómente se fez pelos nossos Portuguezes esta experiencia em partes bayxas, mas em outras de mais de vinte braças de altura, como conta João de Barros nas Decadas. Em conclusaõ a cor do mar roxo he do lastro, & fundo da terra, & tudo o que os Antiguos desta materia tratàraõ he falso, pois elles nem experimentàraõ, nem tratàraõ de raiz deste negocio, como os Portuguezes o sabemos por verdadeyras Relações, & informações de nossas armadas, que naquellas partes tem cursado, & cursaõ continuamente, os quaes com muyta curiosidade procuràrão tirar a limpo a verdade do caso.

Vereis de Ormuz o Reyno poderoso. A Cidade de Ormuz, de quem o Reyno toma sua denominação, está tres leguas de terra firme, situada em huma pequena Ilha chamada Gerum, que jaz quasi na garganta do mar Perseo, terá em roda pouco mais de tres leguas, toda muy esteril, sem ter de seu nem hum ramo, nem huma herva verde, nem agua, salvo de huns poços, ou cisternas: & se a querem melhor, a trazem da terra firme da Persea; donde tambem lhe vem ortaliça, verdura, fruyta, & outras muytas cousas em grande abundancia: que Ormuz não tem de sua colheyta mais que sal, & enxofre, em tanta quantidade, que do sal fazem lastro ás naos. Com ser esta Cidade em si taõ esteril, nos Edificios he magnifica, & grossa no trato, por ser escala onde concorrem do mundo todo, & com lhe vir a esta Cidade tudo de fóra, he muy abastada, & abundante: & tão fermosa em si, que dizem os naturaes, que o mundo he hum anel, & Ormuz a pedra. Esta Cidade tomou duas vezes aos Mouros Affonso de Albuquerque com grande mortandade, & destruição dos da terra, como conta Joao de Barros, o qual trata de huma cousa maravilhosa, de que o Poeta aqui faz menção. Que se acháraõ muytos Mouros mortos de frechas sem outra ferida alguma, não havendo na nossa armada pessoa que atirasse com arco, que parece que as frechas que elles atiravão, a elles mesmos se viràvaõ, & os matávaõ, & assim morrião com suas proprias armas, como diz aqui o Poeta.

50

VEreis a inexpugnavel Dio fórte,
Que dous cercos terà dos vossos sendo:
Alli se mostrarà seu preço, & sorte,
Feytos de armas grandissimos fazendo.
Envejoso vereis o graõ Mavorte:
Do peyto Lusitano fero, & horrendo,
Do Mouro alli veràõ, que a luz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasfema.

Vereis a expugnavel Dio fórte. He Dio huma Cidade maritima no Reyno de Cambaya, a qual álem de ser fortissima por natureza, & merecer o nome de inexpugnavel, tinha á entrada do porto huma cadea de ferro muyto grossa, que o impedia a todos, os que o querião tomar. He muyto fertil, & abundante do necessario para a vida, muyto

sadia,

sadia, & de muyto bons ares, & assim mesmo de grande trato. Entregou-a sem guerra o Soldaõ Badur Rey de Cambaya a Nuno da Cunha, porque o ajudou com alguns Portuguezes em huma guerra que tinha contra os Mogores, por cuja via foy restituido a seu estado, que os Mogores lhe tinhão tomado. Arrependeu-se depois, & quisera haver Dio à maõ, mas não foy poderoso para isso: antes foy esta sua determinação causa de sua morte, porque o mataraõ os Portuguezes. Quanto aos dous cercos que aqui trata o Poeta, o primeyro foy sendo Visorrey Dom Garcia de Noronha, & Capitão de Dio Antonio da Sylveyra anno de 1538. & o segundo Governador Dom João de Castro, o qual defendeo Dom João Mascarenhas anno de 1547.

51

GOa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, & sublimada
Com os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva, & exalçada
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freyo porà, & a toda a terra
Que cuydar de fazer aos vossos guerra.

Goa vereis aos Mouros ser tomada. Goa he a metropoli Episcopal da India, & o patrimonio dos Reys de Portugal naquellas partes. Està situada esta Cidade em huma Ilha chamada Teçuarij, que quer dizer trinta Aldeas, porque tantas teve antiguamente, & tantas pagavão tributo aos Senhores de Goa. He Cidade muyto nobre, de muyto excellentes Edificios, tem muyto boas aguas, he muyto fertil, & graciosa, & tem muyto bom porto. Chama-se Ilha, por ser rodeada de estreytos de agua salgada por entradas, que o mar faz na terra com ajuntamento de alguns rios de agua doce, que decem da serra de Gate. Foy esta Cidade duas vezes tomada aos Mouros: a segunda, & da qual ficou até hoje em poder dos Portuguezes, foy hum dia da Bemaventurada Santa Catherina, de mil & quinhentos & dez. O modo de sua tomada se trata no Canto decimo.

Ao Gentio que os idolos adora, duro freyo porà. Isto diz, porque de Goa saem as armadas contra todos os Mouros da India, que pela mayor parte saõ Gentios, & esta Cidade os enfreya, & não deyxa fazer cousa alguma contra os nossos Postuguezes, & terras que tem conquistadas, porque està sempre com mão armada para acudir a todas as partes.

52

VEreis a fortaleza sustentarse
De Cananor com pouca força, & gente:
E vereis Calecut desbaratarse,
Cidade populosa, & tão potente.
E vereis em Cochim assinalarse
Tanto hum peyto soberbo, & insolente,
Que Cythara já mais cantou vitoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Vereis a fortaleza sustentarse de Cananor. He Cananor na costa do Malavar, entre Goa, & Cochim: succedeo este cerco, de que o Poeta aqui fala, em Agosto de 1507. sendo Viso-Rey da India Dom Francisco d'Almeyda, & Capitão da fortaleza de Cananor, Lourenço de Brito. Passaraõ neste cerco os Portuguezes muytos trabalhos, fomes, & sedes, & sendo muyto poucos houveraõ grandes vitorias de El-Rey de Cananor, & do Samorim, que o ajudava.

E vereis Calecut desbaratarse. O Malavar he huma das Provincias da India, em cuja costa dissemos atraz estar Cananor. Começa esta Provincia no monte Dely, & acaba no cabo do Comori, entre os quaes dous terminos haverá oytenta leguas de comprimento. Dizem os Indios que esta terra do Malavar foy em outro tempo mar, o qual correo para as Ilhas de Maldiva, que eraõ naquelle tempo terra firme, & que desta maneyra a terra que agora chamão Malavar ficou firme, & as Ilhas de Maldiva alagadas. Nesta Provincia do Malavar ha muytas, & muyto ricas Cidades, das quaes Calecut he a principal, de que aqui o Poeta fala, por ser a principal escala, & mais rica de toda a India: porque nella se achaõ em abundancia todas as cousas que os homens buscão para suas mercancias, & tratos. Huma imperfeyção tem, que he serem todas as casas palhaças, salvo as dos Reys, & dos seus idolos, que saõ telhadas, & muyto ricamente guarnecidas. He Calecut muyto fermosa á vista, por estar situada na costa do mar ao longo de hum arrecife com muytas hortas, que tem muytas fruytas, ortaliça, & muyto boas aguas. Toda a terra do Malavar se chama Calecut do nome da Cidade, & o Senhor da terra Samori, que he como entre nós Emperador, por ser o mayor Senhor de toda aquella Provincia: & ao qual todos os mais antiguamente obedeciáo. Esta Cidade foy entrada dos nossos, queymada, & destruida no mez de Janeyro de 1509. o primeyro anno da governança de Affonso de Albuquerque, & des daquelle tempo ficàra sogeyta para sempre, se na entrada se não desmandàraõ os nossos.

E vereis em Cochim. He Cochim cabeça de hum Reyno chamado assim, està 30. leguas de Calecut na costa do Malavar. Com os Reys desta terra tiverão sempre os Portuguezes muyta amizade, & em toda a India nunca acharaõ lealdade, como neste Reyno. Aqui tem El-Rey de Portugal huma fortaleza muyto fermosa ao longo do mar, & a principal feytoria da India, por haver aqui grande carregação, principalmente de pimenta.

Assinalarse tanto hum peyto. Este de que aqui o Poeta trata foy Duarte Pacheco, que fez em Cochim maravilhas contra o Samori Senhor de Calecut,

lecut,em defensaõ d'El-Rey de Cochim: ao qual o Samori,& outros muytos Senhores do Malavar perseguiraõ,por ser amigo dos Portuguezes, como refere o nosso Poeta no canto decimo.

Que Cythara ja mais. Por Cythara entende a Poesia, pela grande conformidade que nestas Artes liberaes,Musica,& Poesia ha. O que o Poeta aqui diz para encarecimento da grande cavalleria de Duarte Pacheco: & que tudo o que os Poetas escreveraõ de feytos grandes, não se poderaõ comparar cõ os que fez Duarte Pacheco em Cochim.

53

Nunca com Marte instructo, & furioso,
Se vio ferver Leucate,quando Augusto
Nas civis Accias guerras animoso,
O Capitão venceo Romano injusto:
Que dos povos da Aurora,& do famoso
Nilo,& do Bactro Scythico,& robusto,
A victoria trazia,& preza rica,
Preso da Egypcia linda,& não pudica.

Nunca com Marte instructo, & furioso. No Epyro,que hoje se chama Albania,ha huma peninsula, a que Plinio chama Leucadia, onde diz haver duas povoações, huma por nome Leuca, outra Nerito: nesta Ilha está o cabo Leucate, & perto outro chamado Accio, que hoje se chama Cabo figalo: na qual paragem foy aquella batalha naval entre Augusto, & Marco Antonio, tão celebrada pelas historias: em a qual Marco Antonio, & Cleopatra Raynha de Egypto forão desbaratados. Diz o Poeta que fervia Leucate, não porque nelle fosse a guerra, pois era no mar, se naõ por ser muyto perto delle. Ou porque da peninsula Leucadia, que aqui entende por Leucate, vinhão algumas ajudas, & apercebimentos de guerra. Usa da phrase Virgiliana: Fervere Leucatê,&c. Æneid. lib.8.

O Capitão venceo Romano injusto. Este Capitão Romano injusto, he Marco Antonio,que em todas as partes onde esteve cometeo muytas injustiças, & fez muytos aggravos á gente que governava: como se póde ver em Plutarco na sua vida. Estando este Marco Antonio por Governador do Oriente, embaraçou se com Cleopatra Raynha do Egypto, & repudiou a oytava irmã de Octaviano Augusto, & roubou o povo Romano por enriquecer a Cleopatra, dando-lhe muytas Provincias,& Reynos. Octaviano sofrendo mal a injuria feyta a sua irmã,& os aggravos, & afrontas que fazia ao povo Romano,sahio de Roma com grande exercito em busca de Marco Antonio, & Cleopatra:os quaes tambem abalaraõ do Oriente com o mesmo desenho, & nesta paragem do cabo Figalo (de que atrás tratamos) a que os Latinos chamão *actio*, se encontraraõ, & tiverão huma cruel batalha; na qual foy vencido Marco Antonio, & Cleopatra. Depois do desbarate fugirão para o Egypto, & recolheraõ-se na Cidade Alexandria,na qual Marco Antonio se matou com suas proprias mãos, sendo de idade de cincoenta & seis annos, cuydando ser Cleopatra morta: o que ella fez fingir aos seus,como refere Plutarco,por certos desgostos que entre elles houve. Cleopatra se matou depois de entrada a Cidade. Velleo Paterculo, & outros querem, que com humas cobras chamadas aspides: inda que nisto não há outra certeza, salvo levar Octavio quando triumphou deste successo, hum retrato de Cleopatra com huma aspide em hum braço, & Propercio diz que o vio. A batalha naval entre Octaviano, & Marco Antonio descreve Virgilio na Æneida lib.8.

Que dos povos da Aurora,& do famoso Nilo. Convocou Marco Antonio para esta guerra muyta gente de Persia, Arabia, Armenia, & Scythia por onde o Rio Bactro passa: & do Ægypto, que entende pelo Nilo.

Preso da Egypcia linda, & não pudica. Entende Cleopatra Raynha do Ægypto, fermosa, mas pouco honesta.

54

Como vereis o mar fervendo aceso
Com os incendios dos vossos peleyjando
Levando o idolatra, & Mouro preso
De Nações differentes triumphando.
E sojeyta a rica aurea Chersoneso,
Atè o longinquo China navegando:
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser lhe hâ todo o Occeano obediente.

E sojeyta a rica aurea Chersoneso. He Chersoneso palavra Grega composta de Chersos, & Nisos; terra, & Ilha: donde Chersoneso he peninsula differente da Ilha. Porque a Ilha he toda cercada do mar:& a peninsula tem terra por onde se entra em terra firme: & porque Chersoneso he palavra geral a todas as peninsulas, para se especificar a de que se trata, se lhe dá sempre epitheto conveniente, como a Malaca aqui chamada aurea, que quer dizer de ouro, por razão do muyto que se trás de Moncabo,& Barros,que saõ duas Comarcas,donde se tira na Ilha Samatra, que he a propria, a que os Antigos chamáraõ Aurea Chersoneso,cuydando ser continua a outra terra firme, onde ora está situada Malaca. Esta Cidade he cabeça de todo o Reyno assim chamado: está em dous gráos & meyo da linha para a parte do Norte. Tem muyto bom porto, & frequentado de todas as Nações do mundo, porque de todas as cousas he muyto abundante. E para remate de tudo, o que della se póde dizer, basta o epitheto que tem d'ouro,assim per haver muyto nella,como por ser fermosissima, & cheya de todas as cousas boas do mundo. Esta ganhou aos Mouros o grande Affonso de Albuquerque dia de S. Lourenço, anno de 1511. tendolhe

dolhe já dado outro combate em dia de Santiago da mesma era, como se póde ver nos seus Comment. na 3. part. & João de Barros na 2. Dec. lib. 5. c. 5.

55

DE modo filha minha, que de geyto
Amostrârão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peyto
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao estreyto,
Que mostrou o agravado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de afrontados
Resuscitassem todos os passados.

Do Gangetico mar ao Gaditano. De Oriente a Poente, porque mar Gangetico he o mar da India Oriental, chamado assim do Rio Ganges, que a rega. O mar Gaditano he o mar Occidental dito assim de Gades, que he a Ilha Cadiz no Poente.

Nem das Boreaes ondas ao estreyto, que mostrou o aggravado Lusitano. Por estas palavras entende as outras partes do mundo, que saõ Norte, & Sur. Ondas Boreaes he o mar do Norte chamado assim de Boreas vento, que sopra daquella parte. Estreyto, que mostrou o aggravado Lusitano, he o estreyto de Magalhães que cae ao Sur. O que o Poeta quer dizer por estes termos de falar, com que Jupiter encarece a valentia dos Portuguezes he, que de Oriente ao Poente, & do Norte ao Sur, em que se comprende o mundo todo, nunca houve gente mais esforçada que os Portuguezes. Quanto ao Portuguez aggravado, de que nesta oytava faz menção, he Fernão de Magalhães, o qual aggravado d'El-Rey Dom Manoel, por lhe não querer acrecentar dous tostões de moradia por mez, sahio de Portugal, & se foy a Castella: & no anno de mil & quinhentos & dezanove, sahio do porto de Sevilha com cinco velas para as Ilhas de Maluco: o qual foy correndo a costa do Brazil até o Rio da prata, que era já descuberto por parte de Castella. E caminhando chegou a hum Rio, a que poz nome de S. Juliaõ que está em quarenta & nove graos, onde invernou na entrada de Setembro, no qual tempo começa o veraõ naquella terra, sahirão do Rio, & descubrirão o estreyto, a que puzeraõ nome de Magalhães, do nome de Fernão de Magalhães Capitão daquellas cinco velas, & daquella armada, o qual está em cincoenta & dous graos da banda do Sur.

56

COmo isto disse, manda o consagrado
Filho de Maya a terra, porque tenha
Hum pacifico porto, & sossegado,
Para onde sem receyo a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra onde quieto repousasse.

Por filho de Maya. Entende Mercurio filho de Jupiter, & Maya, filha de Atlas Rey de Africa. Este fazem os Poetas mensageyro dos falsos Deoses, como aqui diz o nosso Luis de Camões: fingindo que o mandára Jupiter seu pay com recado aos Portuguezes, avisando-os da trayção que lhe em Mombaça estava ordenada, & que logo désse á vela caminho de Melinde.

E para que em Mombaça aventurado. De Mõbaça se veja a nossa annotação no canto primeyro oytava 54.

57.

JA' pelo ar o Cylleneo voava
Com as asas nos pés á terra dece,
Sua vara fatal na mão levava
Com que os olhos cançados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, & o vento lhe obedece,
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Iá pelo ar o Cylleneo voava. Cylleneo he Mercurio, chamado assim de hum monte de Arcadia chãmado Cyllene, onde era venerado. Nesta oytava descreve as insignias que levava Mercurio, quando hia levar suas embaxadas. Tudo o que he necessario para declaração desta oytava, se póde ver no canto primeyro, oytava 20. De Melinde trato na oytava seguinte.

58

COnsigo a fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande, & raro,
Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado, & caro.
Desta arte vay, fazendo a gente amiga
C'o o rumor famozissimo, & preclaro,
Já Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Consigo a fama leva. Enojada a terra de Jupiter, & dos mais falsos Deoses por lhe destruirem os Gigantes seus filhos, criou novamente a fama para lhe descubrir seus vicios, & para fazer notorio ao mundo, quaõ perversos, & estragados homens forão, como diz Virgilio lib. 4. na sua Eneida. E porque o officio da fama he dizer tudo, a pinta aqui o Poeta em companhia de Mercurio, para declarar aos Melindanos o valor dos Portuguezes. Da fama se veja a nossa annotação no canto nono, oytava 44. 47. 88.

Que o nome illustre a hum certo amor obriga. Cousa natural he affeyçoaremse as pessoas á gente excel-

lente

lente em alguma arte, & quererlhe bem, & inda que as não conheção, senão de ouvida sómente: donde veyo aquelle dito tão celebrado, *Virtus gloriam, gloria amorem parit.* As boas partes fazem, que os homens sejão conhecidos por fama. Esta fama faz que a gente se lhe affeyçoe.

Lá Melinde em desejos arde todo. Melinde està na costa de Africa, a qual se chama hoje costa de Melinde, porque neste lugar foraõ os Portuguezes bem recebidos, como pelo contrario em Mombaça, & em Moçambique, que saõ na mesma costa. Està Melinde de Mombaça 18. leguas tres graos da banda do Sur. He Cidade grande, & bem arruada, de muyto fermosas casas de pedra, & cal, com muytas janelas, & eyrados: tem muytas hortas com muyta ortaliça, & fruyta, & muytos mantimentos. Naõ tem bom porto, por ser quasi costa brava, & estar dentro de hum arrecife, onde arrebenta o mar, mas tem hum campo ao longo do mar, que lhe dà muyta graça. O Rey de Melinde deu Piloto aos Portuguezes que os levasse a Calecut.

59

DAlli para Mombaça logo parte,
Aonde as nàos estavão temerosas,
Paraque à gente mande, que se aparte
Da barra inimiga, & terras sospeytosas:
Porque muy pouco val esforço, & arte
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, & siso,
Se là do Ceo não vem celeste aviso.

Se là do Ceo não vem celeste aviso. Dito he este de Varão Cavalleyro, & temente a Deos porque nas terras não há quem sayba: & pouco valem forças, & saber humano, onde Deos não entra.

60

MEyo caminho a noyte tinha andado,
E as estrellas no Ceo cõ a luz alheya
Tinhaõ o largo mundo alumiado,
E sò c'o o sono a gente se recrea.
O Capitaõ illustre ja cansado,
De vigiar a noyte que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava.

Meyo caminho a noyte tinha andado. Diz que a meya noyte avisou Mercurio ao Capitão mór Vasco da Gama, o que havia de fazer.

As estrellas no Ceo co a luz alhea. Chama a luz das estrellas alheya, porque todos os Planetas, & estrellas recebẽ a luz que tem do Sol. Veja-se a nossa annotação atrás neste mesmo canto oytava 1.

61

QVãdo Mercurio em sonhos lhe aparece
Dizendo: fuge, fuge Luzitano
Da cilada que o Rey malvado tece,
Por te trazer ao fim, & extremo dano:
Fuge, que o vento, & o Ceo te favorece,
Sereno o tempo tens, & o Oceano.
E outro Rey mais amigo n'outra parte,
Onde podes seguro agazalharte.

Outro Rey mais amigo n'outra parte. Este Rey, que Mercurio disse aos Portuguezes, que tinhão mais amigo n'outra parte, era o de Melinde que os agazalhou, & favoreceo muyto differente do que os receberaõ todos os outros desta costa de Africa, porque todos determinàraõ destruilos.

62

NAõ tens aqui senão aparelhado
O hospicio que o crù Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava:
As Aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolava,
Teràs certas aqui, se muyto esperas:
Fuge das gentes perfidas, & feras.

O hospicio que o crù Diomedes dava. Este Diomedes foy hum tyrano cruelissimo de Thracia, que sustentava os seus cavallos com a carne, & sangue dos hospedes que agazalhava. A este matou Hercules, & fez delle o que elle fazia dos outros.

As Aras de Busiris infamado. Busiris foy hum grande tyranno do Egypto: o qual sacrificava seus hospedes aos seus idolos, & querendo fazer o mesmo a Hercules, o matou a elle. Chamou-lhe aqui o Poeta infamado, a imitação de Virgilio Georg. 2. *Aut illaudati nescit Busiridis aras.* Ou não sabe os altares do infame Busiris.

63

VAyte ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharàs de mais verdade
Lá quasi junto, donde o Sol ardendo
Iguala o dia, & noyte em quantidade:
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rey com muytas obras de amizade,
Gazalhado seguro te daria,
E para a India certa, & sabia guia.

Lá quasi junto donde o Sol ardendo. A terra, para onde Mercurio encaminhava os nossos era Melinde, que està quatro graos da banda do Sur. Pelo que

que diz, lâ quasi junto donde o Sol ardendo iguala o dia, & noyte em quantidade; dando a entender que estava perto da linha, na qual paragem os dias, & as noytes saõ iguaes. Mas porque Melinde està quatro graos da banda do Sur, usou deste termo, quasi dando a entender, que estava perto da linha.

64

Isto Mercurio disse, & o sono leva
Ao Capitão, que com muy grande espanto
Acorda, & vé ferida a escura treva
De huma subita luz, & rayo santo.
E vendo claro, quanto lhe releva,
Não se deter na terra iniqua tanto.
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as velas desse ao vento, que asoprava.

E o sono leva ao Capitão. Levou lhe o sono com a sua vara, a qual entre outras propriedades, & virtudes, lhe atribuem os Poetas esta de tirar o sono, & adormecer, como diz Virgilio. *Dat somnos, adimitque, & lumina morte resignat.* Faz dormir, & acordar.

65

Day velas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, & Deos o mãda.
Que hum mensageyro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheyros de huma, & d'outra banda,
Levaõ gritando, as ancoras acima,
Mostrando a rude força que se estima.

66

Neste tempo, que as ancoras levavão,
Na sombra escura os Mouros escõdidos
Mansamente as amarras lhe cortavão
Por serem dando à costa, destruidos:
Mas com vista de Lynces vigiavão
Os Portuguezes sempre apercebidos,
Elles, como acordados, os sentirão,
Voando, & não remando lhe fugirão.

Mas com vista de Lynces vigiavão. O Lynce he animal que vè muyto, como diz Plinio lib 28. cap. 8. in fine, ao qual compàra aqui o Poeta os Portuguezes, pela grande vigilancia, & cuydado que tinhão na guarda das naos. A fabula de Lyncio convertido em Lynce conta Ovidio nas Metamorphosis, lib. 5.

67

Mas jà as agudas proas apartando
Hiaõ as vias humidas de argento,
Assopralhe Galerno o vento, & brando
Com suave, & seguro movimento:
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderaõ do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

As vias humidas de argento. Entende as aguas do mar, as quaes costuma o Poeta chamar argento, que quer dizer prata, pela conformidade, & semelhança que na qualidade da brancura as aguas tem com ella: como os Poetas, mórmente os Gregos usaõ. E daqui chama Homero em muytas partes a Thetis senhora do mar. *Pedes argenteos habens*, que tem pés de prata. Galerno he vento, a que chamão os marinheyros de todo pano, quando fazem viagem aquartelar, como elles falaõ, que he hir em bonança, melhor que com vento a popa. Porque então vay a nao, que parece, que senão move, fazendo prospera viagem.

68

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
Em outra começava, quando virão
Ao longe dous navios, brandamente
Com ventos navegando, que respiraõ:
Porque havião de ser da Maura gente,
Para elles arribando as velas virão,
Hum do temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente, a costa dava.

Tinha huma volta dado o Sol ardente. Depois que Vasco da Gama sahio de Mombaça, sendo jâ della oyto leguas, surgio huma noyte junto à terra, por lhe acalmar o vento: & em amanhecendo apareceirão dous Zambucos, que saõ navios pequenos, os quaes seguirão Vasco da Gama atè horas de vespera, dos quaes tomou hum só, porque o outro varou em terra, & a gente se pós em salvo, Isto fazia o Capitão mór Vasco da Gama, porque tinha necessidade de Piloto, que o levasse á India, & andava vendo se o podia achar de bom lanço naquellas partes. E por este respeyto trabalhava tanto por tomar os Zambucos. E isto he o que aqui diz o Poeta, Que o Sol tinha huma volta dado si. que era passado hum dia, depois que sahiraõ de Mombaça, & que ao outro dia seguinte pela manhã apparecerão os Zambucos.

69

Nam he o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano.
Que como fosse debil, & medroso
Da pouca gente o fraco peyto humano:

Naõ teve resistencia, & se a tivera,
Mais dano resistindo recebêra.

Sem o rigor de Marte furioso. Diz que tomarão aquelle navio sem contradição, *& sem a furia horrenda de Vulcano*: nem peleja alguma; o que mostra por estas palavras, Marte, & Vulcano, hum Deos da guerra, outro do fogo, como se diz por muytas vezes nestas nossas annotações. Vulcano se toma aqui pela artelharia, & espingardaria, como he ordinario nos Poetas Latinos.

70

E Como o Gama muyto desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuydou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas não lhe socedeo como cuydava.
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse,
A que parte dos Ceos a India estava,
Porèm dizemlhe todos, que temperto
Melinde, onde acharàõ Piloto certo.

Que nenhum delles ha. Estes Mouros que tomáraõ no Zambuco, erão daquella costa de Melinde, gente barbara, & boçal, pelo que nenhum soube dar razão da India.

71

L Ouvão do Rey os Mouros a bondade,
Condição liberal sincero peyto,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeyto:
O Capitão o assella por verdade,
Porque jà lho dissera deste geyto
O Cyllenéo em sonhos, & partia,
Para onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

O Cyllenèo. Atrás fica dito, como Jupiter mandâra Mercurio seu Embayxador, a avisar os Portuguezes, se desviassem de Mombaça, & que fizessem sua viagem: que adiante acharião porto, & gazalhado em hum lugar chamado Melinde: cujo Rey era homem de grande condição, & partes. E isto he o que aqui diz o Poeta.

72

E Ra no tempo alegre quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea:
Quando hum, & outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O presuroso Sol que o Ceo rodeya,
Em que aquelle, a quem tudo està sogeyto,
O sello pos a quanto tinha feyto.

Era no tempo alegre quando entrava. No roubador de Europa a luz Phebea. Descreve o tempo, & dia em que a nossa armada ouve vista de Melinde. O tempo diz, que era quando o Sol entra no Signo Tauro, que he no mez de Abril. Luz Phebea, he a luz do Sol. Chama-se luz Phebea, porque entre outros nomes que o Sol tem, hum he Phebo. O roubador de Europa he o Tauro, pelo que contão os Poetas, que Jupiter em figura de touro furtou a Europa filha de Agenor Rey de Phenicia, & a levou a Candia: & por este respeyto poz o touro no Ceo, & fez delle huma constellação, que he hum dos doze Signos do zodiaco. Chama a este tempo alegre, porque he o mais de todo o anno; pois a terra está como hum fermoso paynel, vestida de todo o genero de boninas, & flores. Como se entenda entrar o Sol em algum Signo, se lea o que escrevemos no canto quinto, oytava segunda.

Quando hum, & outro corno lhe aquentava. Isto diz, pelo que os Poetas dizem do Signo Tauro, que em memoria do furto que fez Jupiter, quando em figura de touro roubou a Europa, não apparece este Signo no Ceo à parte trazeyra: & assim as principaes estrellas tem no rosto, & pescoço.

E Flora derramava o de Amalthea. Para mayor declaração do tempo, de que acima falâmos, usa destas palavras, que Flora Deosa das flores, derramava boninas, & flores por toda a terra em grande abundancia: Pelo que se conta do Corno da Cabra Amalthea, que deu de mamar a Jupiter, que tudo, o que querião se achava nelle. De Flora se veja o que escrevemos no canto 9. oytava 61.

A memoria do dia renovava o pressuroso Sol que o Ceo rodeya. Depois que o Poeta tratou do tempo que a nossa armada vio Melinde, que foy no mez de Abril; tratta agora do dia, o qual diz, que foy aquelle em que Deos poz o sello a quanto tinha feyto. Este dia, como consta das Historias, foy dia de Pascoa da Resurreyção 15. de Abril de 1498. dia, ao qual com muyta rezão deu o Poeta este nome, que poz Deos o sello nelle, a quanto tinha feyto, pois nelle poz a ultima mão a todos os beneficios, & mercés, que desde a criação do mundo havia feyto aos homens; principalmente ao da sua Sacratissima Payxaõ, & Redempção do genero humano. E assim diz, a quanto tinha feyto, porque entende tudo o que tinha feyto desde a Criação, à qual se refere á Redempção, & a Redempção â Resurreyção, com a qual acabou, & poz sello a todas as mais obras que pelos homens tinha feyto. E assim o Bemaventurado S. Paulo ad Philippenses 3. trattãdo desta obra excellentissima da Omnipotencia Divina diz: Que a mayor consolação que tem os Christãos, & o mayor remedio para todos os trabalhos da vida, & para todos os successos que pode haver nella, he, a esperança da Resurreyção, pois com ella acabou o Redemptor nosso de vencer, & confundir ao demonio, & nos abrio as portas do Paraiso, que d'antes estavão cerradas. Chamou ao Sol pressuroso, que rodeya o Ceo, porque em espaço de vinte & quatro horas dá

dá volta ao Universo, levado com furia, & impeto do primeyro mobil, de Oriente para Occidente, como se tratta no canto decimo, oytava 85.

73

QVando chegava a frota àquella parte
Onde o Reyno Melinde ja se via,
De todos adornada, & leda de arte,
Que bem mostra estimar o santo dia:
Treme a bandeyra, voa o estandarte,
A cor purpurea ao longe aparecia,
Soaõ os atambores, & pandeyros:
E assi entravão ledos, & guerreyros.

Que bem mostra estimar o santo dia. Descreve a alegria com que a armada chegou a Melinde, & o dia, que foy dia de Pascoa da Resurreyção, como fica dito.

74

ENchese toda a praya Melindana
De gente, que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeyra, & mais humana,
Que toda a d'outra terra atrás deyxada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ancora pezada:
Mandão fóra hum dos Mouros que tomárão,
Por quem sua vinda ao Rey manifestàraõ.

Que toda a de outra terra atràs deyxada. Porque em todos os outros lugares daquella costa tiverão contradição, & ruim gazalhado, salvo em Melinde.

75

O Rey que jà sabia na nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima o merece.
E com verdadeyro animo, & pureza,
Que os peytos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muyto, que sahissem,
Para que de seus Reynos se servissem.

Que os peytos generosos ennobrece. Proprio da nobreza he, guardar verdade, & primor em tudo, donde disse o Philosopho Democrates: *Pecudum nobilitas in bono, validoque corporis habitu sita est; hominum autem in bonitate morum.* A nobreza dos animaes consiste nas boas feyções do corpo, & fortaleza, & a do homem na bondade dos costumes. Esta he a verdadeyra nobreza, segundo todos os sabios, & não a daquelles, que fiando-se da nobreza dos avós, vivem bayxa, & estragadamente. Donde Ulysses naquella contenda que teve com Aiax que Ovidio reconta: *Nam genus, & proavos, & quæ non fecimus ipsi, Vix ea nostra voco.* Geração, & bisavós, & as causas que não fizemos, apenas lhe chamo nossas.

76

SAõ offerecimentos verdadeyros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rey manda aos nobres cavalleyros,
Que tanto mar, & terras tem passadas.
Mandalhe mais lanigeros carneyros,
E Galinhas domesticas cevadas,
Com as fruytas, que então na terra havia,
E a vontade à dadiva excedia.

Lanigeros carneyros. Lanigeros he epitheto do carneyro, & ovelhas: & chama-se assim de *lana*, Lam, & *gero*, que quer dizer trazer, por serem cubertos de lam.

77

REcebe o Capitão alegremente
O mensageyro ledo, & seu recado;
E logo manda ao Rey outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & pezado:
Que debayxo das aguas mole crece,
E como he fóra dellas se endurece.

O ramoso coral. O coral nace debayxo d'agua, como lastro della, a modo de ramos de arvore com muytos esgalhos, como he assás notorio, & sabido: A transformação, & fabula do coral, & de que modo foy feyto, conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 4. O qual em quanto está debayxo d'agua, he molle, & em o tirando fóra, se faz duro, como diz o mesmo Poeta lib. 15.

Sic, & coralium, quo primum contigit auras
Tempore durescit, mollis fuit herba sub undis.

Assim o coral, diz Ovidio, em o tirando d'agua, & aparecendo ao ar, logo se faz duro, o qual debayxo d'agua era herva molle, & branda.

78

MAnda mais hum na pratica elegante,
Que cõ o Rey nobre as pazes cõcertasse,
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra, o desculpasse:
Partido assi o embayxador prestante,
Como na terra ao Rey se apresentasse,
Com estilo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes falando orava.

Com estilo que Pallas lhe ensinava. Pallas tinhaõ os antigos

antigos por Deosa da sciencia, & da guerra. Tem entre os Poetas differentes nomes: fingem, que naceo da cabeça de seu pay deste modo. Estando Jupiter com grande dor de cabeça, mandou chamar seu filho Vulcano, & disselhe que lhe fendesse a cabeça com hum machado, como fez, & logo sahio Pallas armada molher jâ casadoura, fermosa, & com huma lança nas mãos. Chamaõ-lhe Deosa da guerra, & da sciencia, porque estas duas artes juntas parecem bem, & ajudão muyto. E esta he a razão porque fazem a Pallas nacida da cabeça de Jupiter seu pay, por ser cabeça, & assento da sabedoria, a qual parte he muyto necessaria aos homens que tem esforço, & vivem da milicia. Donde aquelle grande Poeta Homero na sua Iliada faz companheyros a Ulysses, & Diomedes, porque Ulysses era muyto avisado, & Diomedes grande cavalleyro. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro, oytava noventa & seis.

79

SUblime Rey, a quem do Olympo puro
Foy da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado, que temido.
Como porto muy forte, & muy seguro
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, paraque achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

Não menos delle amado, que temido. O verdadeyro Rey, & que merece este nome nas terras, ha de ter estas duas partes: bondade, pela qual todos os bons o amem: gravidade, & inteyreza, com que seja temido dos maos. Donde Isocrates na vida de Evagoras, diz estas palavras: Governava a sua Republica tão piadosa, & humanamente, que os que o vião, não sómente a elle tinhão por bemaventurado, por assim trattar a sua gente: como aos seus, por assim serem trattados delle. Em conclusaõ assim passou sua vida, que nunca nella aggravou a ninguem, honrando aos bons, & castigando aos maos.

80

NAõ somos roubadores, que passando
Pelas fracas Cidades descuydadas,
A ferro, & fogo as gentes vão matando
Por roubarlhe as fazendas cobiçadas.
Mas da soberba Europa navegando
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica por mandado
De hum Rey, que temos, alto, & sublimado.

De hum Rey que temos alto, & sublimado. Este era El Rey Dom Manoel xiiij. de Portugal, o qual com muyta instancia procurava o descubrimento da India, como se tratta neste livro largamente em muytos lugares.

81

QVe geração taõ dura ha hi de gente,
Que barbaro costume, & usança fea,
Que nao vedem os portos tão sómente
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que mà tenção? que peyto em nôs se sente?
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem vernos destruidos?

Que geração taõ dura. Esta exclamação de que o Poeta aqui usa, he a imitação de Virgilio onde Ilioneu companheyro de Eneas, vendo-se livre de huma grande tormenta que no mar teve, posto diante de Elysa Dido Raynha de Carthago, lhe reconta o mao gazalhado que recebião da gente daquella costa, que nem na triste, & desemparada area lhe deyxàvaõ fazer assento.

Quod genus hoc hominũ? quæve hunc tam barbara morẽ
Permittit patria? hospicio prohibemur arenæ.

Que geração he esta de gente? que terra tão barbara permite este costume? eis aqui nem na area nos deyxão por pè.

82

MAs tu, em quem muy certo confiamos,
Acharse mais verdade, ó Rey benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguros navegamos
Conduzidos do interprete Divino:
Que pois a ti nos manda, està muy claro,
Que es de peyto sincero, humano, & raro.

Que teve o perdido Ithaco em Alcino. Alcino foy Rey de Corcyra Ilha, que hoje se chama Corfu, foy muyto curioso de jardins, & hortas: & dizem que nesta sua Ilha havia tanta abundancia de fruytas, que todo o anno as havia, de maneyra que huma acabada, outra começava, donde disse Estacio nas Sylvas.

Quid bifera Alcioni laudem pomaria? vosque
Qui nunquam vacui prodistis in æthera rami?

Paraque trattarey dos pomares de Alcinoo, que dão fruyto duas vezes no anno, & de voz ramos, que nunca estais no ar vazios. A esta Ilha aportou Ulysses (a que o Poeta aqui chama Ithaco, porque era Senhor de Ithaca), & foy recebido, & agazalhado de Alcinoo com todo o bom trattamento, como conta Homero na Odissea lib. 5. 6. & 7.

Conduzidos do interprete Divino. Interprete Divino he Mercurio, por que o fingem interprete, & mensageyro de Jupiter seu pay, & de todos os mais falsos Deoses, como fica dito cant. 1. oytav. 3.

83

E Não cuydes, ó Rey, que não sahisse
O nosso Capitaõ esclarecido
A verte, ou a servirte porque visse
Ou sospeytasse em ti peyto fingido:
Mas saberàs, que o fez, porque comprisse
O Regimento em tudo obedecido,
De seu Rey, que lhe manda, que não saya
Deyxando a frota em nenhum porto, ou praya.

E não cuydeis, ô Rey, que não sahisse. Não usa o Poeta desta linguagem sahisse, visse, & outras que pelo discurso do livro se acharaõ, por falta de palavras, mas por ser costume entre os Poetas, uzar de huns tempos por outros, como se verá neste canto muytas vezes: & os lidos em os Poetas, assim Latinos como Gregos, & das mais linguas, o entendem muyto bem.

84

E Porque he de vassallos o exercicio
Que os membros tem regidos da cabeça:
Não quereràs [pois tens de Rey o officio]
Que ninguem a seu Rey desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete, que conheça
Em tudo aquillo, que elle, & os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

Em quanto os rios para o mar correrem. Termo he de falar muyto usado entre os Poetas.

Dum juga montis aper, fluvios dum piscis amabit,
Dumque thymo pascentur apes, dum rore cycadæ,
Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

Em quanto o porco andar na serra, o peyxe no rio, em quanto as abelhas comerem o ouregão, & as cigarras o rocio, vivirà o vosso nome, vossa honra, & vossos louvores. Destes modos de encarecimentos estão os Poetas cheyos, & saõ muyto usados na pratica commum dos homens para dizer em quanto o mundo durar.

85

Assi dizia, & todos juntamente
Huns com outros em pratica falando,
Louvão muyto o estamago da gente,
Que tantos Ceos, & mares vay passando:
E o Rey illustre, o peyto obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, & muy sobido
O do Rey, que he tão longe obedecido.

Que tantos Ceos, & mares vay passando. Esta palavra Ceo, quer dizer propriamente esta maquina que vemos, onde estão as Estrellas, & planetas: Toma-se tambem pelo ar, & por este respeyto, por regiões, & partes do mundo, na qual significação o tomou aqui o Poeta, & nos o declarámos no canto primeyro.

86

E Com risonha vista, & ledo aspeyto
Respõde ao embayxador, q̃ tanto estima:
Toda a sospeyta mà tiray do peyto,
Nenhum frio temor em vós se imprima,
Que vosso preço, & obras saõ de geyto
Para vos ter o mundo em muyta estima,
E quem vos fez molesto trattamento,
Não pode ter subido pensamento.

Nenhum frio temor em voz se imprima. Epitheto muyto uzado em todos os Poetas he chamar ao medo, frio Ovidio lib. 1. Fastorum.

Extimui, sensique metu riguisse capillos,
Et gelidum subito pectore frigus erat.

Temi, & senti levantarseme os cabelos com o medo, & em meu peyto estava hum medo frio. Lucano lib. 5. Pharl. *Gelidos pavor occupat artus.* O medo occupa os membros frios, & n'outros muytos lugares.

87

De não sahir em terra toda a gente
Por observar a usada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muyto tenho a muyta obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirey, que a excellencia,
De peytos tão leaes em si desfaça
Só porque a meu desejo satisfaça.

Por observar a usada preminencia. Porque he costume não desembarcar o Capitão, & gente principal em terra de inimigos.

88

Porem, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, hà tantos dias.

E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento,& longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto munições,& mantimentos.

Porèm como a luz craſtina. Como amanhecer, porque craſtina na lingua Latina quer dizer cousa do dia ſeguinte.

Almadias. São barcos, de que ſe uſa naquellas partes.

89

ISto diſſe,& nas aguas ſe eſcondia
O filho de Latona,& o menſageyro
Com a embayxada alegre ſe partia
Para a frota no ſeu batel ligeyro.
Enchemſe os peytos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeyro
Para acharem a terra que buſcavão
E aſſi ledos a noyte feſtejavaõ.

O filho de Latona. Apollo filho de Jupiter, & Latona que he o Sol: & porque elle, & a Lua nacerão ambos de hum parto na Ilha Delos, tem os meſmos nomes entre os Poetas, de que nós trattàmos por muytas vezes neſte livro. Diz que ſe eſcondia nas aguas. Veja-ſe a noſſa annotação no canto primeyro, oytava 56.

90

NAõ faltão alli os rayos de artificio,
Os tremulos cometas imitando,
Fazem os bombardeyros ſeu officio
O Ceo a terra as ondas atroando:
Moſtraſe dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas,que de fogo eſtão queymando:
Outros com vozes,com que o Ceo feriaõ,
Inſtromentos altiſſonos tangião.

Naõ faltaõ alli os rayos de artificio. Deſcreve o Poeta a feſta, & alegria que houve na armada vendo que chegavão à terra que buſcavão, na qual houve muytos foguetes, aos quaes o Poeta chama rayos de artificio.

Os tremulos cometas imitando. Entre as Impreſſões ignitas de que os Philoſophos trattão, ſe conta tambem o cometa,o qual ſe gera das exhalações da terra levantadas ao alto do ar por huma influencia natural,& virtude do Sol,& dos mais Planetas, & Eſtrellas: nas quaes exhalações com a vezinhança do fogo, & movimento do ar ſe inflamão, & durão por algum tempo com novas ajudas, que lhe da terra vão d'outros vapores, & exhalações. Eſtes cometas tem differentes nomes entre os Philoſophos, conforme á figura que aquella materia inflamada lhe faz, como diz Ariſtoteles nos Meteoros. Plinio diz, que as razões que os Philoſophos daõ neſtas materias do Ceo, ſaõ mais ſubtileza de engenho, que verdade: & que a natureza proveo neſtas couſas por alguns reſpeytos occultos; o que ſe vé claramente por acontecerem poucas vezes,& em certos tempos: donde procede ſernos eſcondida a razão diſto.He dito aviſado,& tudo o mais ſaõ galantarias, o que todos os Philoſophos, & poetas dizem dos Cometas. E indaque elles o não differão, a experiencia no lo enſina, & he que pela mayor parte ſaõ ſinaes de males grandes, guerras, peſtes, fomes, morte de alguma peſſoa abalizada. Donde Lucano na ſua Pharſalia.

Ignota obſcuræ viderunt ſydera noctes,
Ardentemque polum flammis,cæloque volantes
Obliquas per inane faces,crinemque timendi
Syderis, & terris mutantem regna cometem.

As obſcuras noytes (diz o Poeta Lucano) veráõ Eſtrellas não conhecidas: grandes fogos no Ceo, & o cometa mudador dos Reynos.Chama o Poeta Lucano ao cometa mudador de Reynos, porque prognoſtica ſua deſtruição como fica dito.

Moſtraſe dos Cyclopas o exercicio. Fingem os Poetas que tinha Vulcano Ferreyro de Jupiter ſeu pay na Ilha Lipara, huma das Eolidas, as quaes eſtão entre Italia, & Sicilia, certos obreyros que o ajudavão a fazer os rayos para Jupiter ſeu pay. Eſtes erão tres, Brontes, Eſteropes, & Pyracmon filhos de Neptuno, & Amphytrite. Chamavão-ſe eſtes Cyclopas, como lhe chama aqui o Poeta, por terem hum ſó olho grande na teſta de cyclos, que he o circulo, & opſ. o olho, por terem hum ſó olho muyto grande.O que o Poeta quer moſtrar, he que neſte recebimento, & feſta dos Portuguezes, & Melindanos havia muytos foguetes, bombas, & rodas de fogo, & outras feſtas, que o Poeta reconta neſtas oytavas.

91

REſpondemlhe da terra juntamente
Com o rayo volteando, com Zonido:
Anda em gyros no ar a roda ardente,
Eſtoura o pò ſulphureo eſcondido:
A grita ſe levanta ao Ceo da gente,
O mar ſe via em fogos acendido,
E naõ menos a terra:& aſſi feſteja
Hum ao outro â maneyra de peleja.

Anda em gyros no ar a roda ardente. Anda ás voltas no ar a roda de fogo.

Eſtoura o pò ſulphureo. Pó ſulphureo he a polvora, a qual os Latinos chamão pulvis ſulphureus,pó de enxofre, porque ſe faz delle.

92

MAs já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho.
Hiaõ se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho:
Quando o Rey Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

Mas já o Ceo inquieto. Descreve o Poeta nos primeyros seis versos desta oytava o tempo da manhã. Por Ceo inquieto entende o primeyro mobil, o qual com curso, & movimento arrebatado faz, que todos os mais Ceos dem huma volta em 24. horas. Esta volta he causa do dia, & da noyte, como o Poeta aqui diz, & he notorio aos que entendem as primeyras letras da Astrologia. Chama ao primeyro mobil inquieto, porque seu curso he muy arrebatado. Veja-se o que escrevemos no canto decimo, oytava 85.

Hiaõ-se as lentas sombras desfazendo. Esta he a razão, porque de todo o tempo da noyte a manhã he mais fria, porque se recolhem, & ajuntão todas as humidades a hum lugar, fugindo da presença do Sol, que se chega. E apartadas de huma, & outra parte, se faz em orvalho, como o Poeta aqui diz.

Por mãy de Memnon entende a Aurora. Este Memnon foy Rey de Oriente, pelo que lhe daõ a Aurora por sua mãy. Da Aurora se veja o que trattámos em outro lugar, oytava 14. canto 1.

93

VIaõ se em derredor ferver as prayas
Da gente, que a ver só concorre leda:
Luzem da fina purpura as Cabayas:
Lustraõ os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreyras azagayas
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos da palmeyra,
Dos que vencem, coroa verdadeyra.

Trazem ramos de palmeyra. A palmeyra he final de vitoria, como diz Aulo Gelio nas suas noytes Atticas: onde allega Plutarcho, & Aristoteles. Tem esta arvore tal propriedade, que por mayor carga que lhe ponhão, sempre trabalha por se levantar, & por mais que a apertem, & maltratem, sempre resiste. Da natureza desta arvore, se veja o Autor dos Chiliadas no proverbio *Palmam ferre.*

94

HUm batel grande, & largo, que toldado
Vinha de sedas de diversas cores,
Traz o Rey de Melinde acompanhado
De nobres de seu Reyno, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado
Segundo seus costumes, & primores,
Na cabeça huma fota guarnecida,
De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Na cabeça huma fota. Huma fota, he huma toucá de varias cores, & feyta para se trazer na cabeça, o qual trajo costumão os Mouros, & usaõ delle, com o nós câ dos chapeos.

95

CAbaya de damasco rico, & dino,
Da Tyria cor entre elles estimada,
Hum collar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada:
Cum resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada:
Nas alparcas dos pès em fim de tudo
Cobrem ouro, & aljofar ao veludo.

Cabaya de damasco. He Cabaya huma vestidura muyto estreyta, & apertada com o corpo, como as trazem os Mouros hoje.

Da Tyria cor. Em Tyro, & Sydo, Cidades de Phenicia que hoje se chama Suria, se faz gram excellente, pelo que a esta cor chamão os Latinos cor Tyria, ou Sydonia.

Onde a materia da obra he superada. Encarecimento dos vestidos que levava; quer dizer, onde o feytio val mais, que o proprio, o que disse a imitaçaõ de Ovidio lib. 2. in principio, o qual gabando os paços do Sol, diz, *Materiam superabat opus*, o feytio valia mais que a materia, mais que ouro, prata, & marfim, de que erão fabricados.

96

COm hum redondo emparo alto de seda,
Numa alta, & dourada astea enxerido,
Hum ministro a solar quentura veda,
Que não offenda, & queyme o Rey subido.
Musica traz na proa estranha, & leda
De aspero som, horrisono ao ouvido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Com hum redondo amparo alto de seda. Entende o chapeo do Sol, que naquellas partes se usa muyto.

Som horrisono. Som espantoso, & que faz estrondo.

97

NAõ menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia

A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa, & honrada companhia;
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas franceʃa era a roupa que veʃtia
De ʃetim da Adriatica Veneza,
Carmeʃi, cor que a gente tanto preza.

Da Adriatica Veneza. Veneza he huma Cidade edificada no mar, rodeada, & entretecida com agua ʃalgada, a mais fermoʃa, & rica, & de mayor tratto, & negocio do mundo. Foy o principio de ʃua edificação no anno de noʃſa ʃalvação de 456. no mez de Março, em tempo que o cruel Atila (a que os Eʃcritores chamão açoute de Deos) deʃtruhia Italia, a ferro, & fogo: Tem de circuito duas leguas, & eʃtá da terra firme outras duas, pouco mais, ou menos, anda-ʃe toda por mar, & por terra, ʃalvo alguns bayrros, aos quaes ʃe não póde ir ʃenão por mar, por ʃerem partes tão desviadas da terra, que não ʃe pódem nellas fazer pontes. Para a paʃſagem do mar uʃaõ de humas barcas, a que chamão gondolas, das quaes tem a Cidade para eʃte miʃter, mais de onze mil, que eʃtão ʃempre preʃtes de dia, & de noyte, para o ʃerviço da paʃſagem de todo o genero de gente, & por muy pouco preço. E para a paʃſagem da terra tem quatrocentas & cincoenta pontes, a mayor parte dellas de pedra, & as outras de madeyra. Divide a eʃta fermoʃa Cidade em duas partes hum canal de agua do meʃmo mar, que a faz muyto mais fermoʃa, pelo qual navegão galés, caravelas, & naos. No meyo do canal tem huma ponte fermoʃiſſima, onde há muytas tendas de mercadores em que ʃe acha todo o genero de mercadoria, & curioʃidade do mundo em grande abundancia. Ha neʃta Cidade muytos brocados de todo o genero, & telas de ouro, & prata, perfumes, & cheyros excellentiſſimos, & muyta, & muy rica pedraria, & ʃedas de toda a ʃorte, pelo que diz aqui o Poeta, que hia veʃtido o Gama de cetim da Adriatica Veneza. Chama-ʃe Veneza Adriatica, & o mar Adriatico (como diz Polybio) de huma Cidade por nome Adria, que eʃteve entre as bocas do rio Pó, de que hora não hà raʃto, à qual foy Colonia dos Toʃcanos (como diz Plinio), & Eʃtrabão. Hermolao Barbaro nas ʃuas caʃtigações Plinianas quer que a Cidade ʃe chamaſſe Atria, pela qual razão o mar ʃe deve tambem chamar Atriarico. Não ʃe uʃa aſſim.

98

DE botões douro as mangas vê tomadas,
Onde o Sol reluzindo a viʃta cega,
As calças ʃoldadeʃcas recamadas
Do metal, que fortuna a tantos nega.
E com pontas do meʃmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta, & achega:
Ao Italico modo a aurea eʃpada,
Pluma na gorra hum pouco declinada.

Do metal que a fortuna a tantos nega. Entende o ouro, que á muyto honrada, & boa gente falta, como faltou ao noʃſo Poeta Luis de Camões: & pela mayor parte falta aos que ʃeguem o meʃmo exercicio. E parece que he natural aos Poetas ʃerem pobres. Donde o pay de Ovidio não podendo ʃofrer velo affeyçoado ao eʃtudo da Poeʃia, punhalhe diante o pouco proveyto que os homens tiravão della.

Sæpe pater dixit: ʃtudium quid inutile tentas
Mæonides nullas ipʃe reliquit opes.

Filho paraque te occupas em eʃtudo de tão pouco proveyto? olha Homero o mayor Poeta que houve no mundo, com ʃer eʃte, viveo, & morreo pobre, & miʃeravelmente, donde hum moderno diz:

Has artes magnis dura mercede Poetis
Concedit Phæbus, ʃemper ut indigeant.

Apollo ajuda aos Poetas, & lhe communica a furia, & vea que tem, com condição que ʃejão pobres.

99

NOs de ʃua companhia ʃe moʃtrava
Da tinta, que da o Murice excellente,
A varia cor que os olhos alegrava,
E a maneyra do trajo differente.
Tal o fermoʃo eʃmalte ʃe notava
Dos veʃtidos olhados juntamente,
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Taumante.

Da tinta que dá o Murice excellente. Entende a cor vermelha, a qual ʃe faz do peyxe Murice, que por outro nome ʃe chama Conchilium, o qual he como hum buzio. E eʃte cortado ao derredor com ferro, lança humas gotas, como lagrimas de cor vermelha, & por eʃta razão ʃe chama a gram, oʃtrum, por ʃe tirar deʃtes peyxes cubertos de conchas que geralmente ʃe chamão oʃtras. As veʃtiduras tintas com o Murice tinhão hum cheyro fartum, & que tirava a ʃedor. Donde Marcial eʃcrevendo a hum amigo (por nome Lyciano) ʃobre as couʃas de Heʃpanha, louvandolhe o conʃelho q̃ tomára em largar os tumultos, & revoltas de Roma, & recolherʃe a Heʃpanha, terra quieta, & fóra daquelles embaraços, entre outras couʃas lhe diz.

Lunata nuʃquam pellis, & nuʃquam togæ
Olidæ que veʃtes Murice.

Não vereis em Heʃpanha ʃenhor Lyciano, os faʃtos, & pompas de Roma, nem vereis os homens veʃtidos com o Murice fedorento. E o meʃmo Marcial zombando, de huma Philene, a qual nunca tirava do corpo huma veʃtidura vermelha

lha que tinha , que não havia quem lhe pudesse sofrer o fedor , diz.

Tinctis Murice vestibus,quod omni
Et nocte utitur,& die Philenis,
Non est ambitiosa,nec superba.
Delectatur odore,non colore.

Philene trás de dia & de noyte huma vestidura de gram , não o faz por soberba , nem por ambição,nem por se alegrar com a cor , senão porque lhe fede. Notandoa de suja: & a isto aludio Virgilio, trattando da felicidade, & abundancia de todas as cousas que havia de haver com o novo nacimento de Salonino, filho de Azinio Polio, com o qual diz que cheyraria a gram suavemente , & differente do que tinha de natureza.

Ipse sed in pratis aries jam suave rubenti
Murice,jam croceo mutabit vellera luto.

Os carneyros diz o Poeta naceraõ com vellos vermelhos , & que não tenhaõ necessidade da cor do Murice , ou de outra tinta. E quando nomeou o Murice acrecentou, *jam suave rubenti*: vermelho, mas não com o contrapeso que antes tinha de mao cheyro, mas com hum cheyro suave, & aprazivel.

Qual aparece o ar co rutilante, da bella Nimpha filha de Taumante. Diz que os soldados, & Capitães da armada Portugueza sahiraõ diante d'El-Rey de Melinde vestidos de differentes cores muyto galantes,& bem concertados, o que compàra com o Arco , que em tempo de chuva aparece no Ceo, a que chamamos commummente arco da velha. E os Poetas Iris de hum verbo Grego iro, que quer dizer Nuncio, levar recados, & embayxadas,por ser este seu officio,porque Iris filha de Taumante, & Electra era Embayxadora , & mensageyra dos Deoses,& principalmente de Juno,donde Ovidio nas Metamorphosis,na descripçaõ do diluvio lib.1.

Nuncia Iunonis varios induta colores
Concipit Iris aquas,alimentaque nubibus affert.

Iris mensageyra de Juno vestida de diversas cores recolhe as aguas, & reparte-as pelas nuvens , & Virg.lib.9.Æneid. *Irim de Cælo misit Saturnia Iuno.* Juno filha de Saturno mandou Iris do Ceo. Este arco cauza-se de differentes nuvens, de modo, que humas sejão mais denças, & outras mais raras,que se estam derretendo em orvalho , nas quaes ferindo os rayos do Sol fazem aquelle arco,que nos parece de varias cores. E quanto aos Poetas fazerem Iris mensageyra de Juno me parece a mim , que he por Juno irmã de Jupiter,& sua molher ser Senhora do ar,como diz Cicero lib.2.de nat.Deorũ, & porque este arco se faz na região do ar pelo modo dito,d'aqui fingem os Poetas,que Iris era mensageyra de Juno. Deste arco se tratta nos Genisis, onde Deos o deu a Noé, & a seus filhos depois do diluvio para final de paz entre elle , & os homens, paraque vendo este arco, & sinal posto por Deos, não temessem mais na terra diluvio de agua , & ainda que este arco he natural,havemos de entender que foy tambem dado por Deos para final daquelle pacto, que fez com os homens, como dizem os Expositores. Diz Heytor Pinto , que se chama arco da velha , pelo pacto que Deos fez com os da Ley velha como já fica dito.

100

Sonorosas trombetas incitavão
Os animos alegres resonando,
Dos Mouros os bateis o mar coalhavão,
Os toldos pelas aguas arrojando:
As bombardas horrisonas bramavão,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando.
Ameudamse os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos. Conta Joaõ de Barros lib. 1. Dec. 1.c.6. que depois de os nossos festejarem a vinda d'El-Rey de Melinde com instromentos de festa mandou Vasco da Gama que tirassem alguns berços, & espingardas, & no fim dellas se deu huma grande grita, a qual trovoada como era nova nas orelhas daquella gente, houve entre elles taõ grande espanto, que estiveraõ quasi apostados tornarse a terra.O que sentindo Vasco da Gama , se chegou ao Zambuco em que El-Rey vinha, onde foy recebido com tanta cortezia,como se fora o proprio Rey de Portugal.

101

JA' no batel entrou do Capitão
O Rey,que nos seus braços o levava:
Elle co a cortezia que a razão,
(Por ser Rey)requeria,lhe fallava:
Com as mostras de espanto,& admiração,
O Mouro o gesto, & o modo lhe notava:
Como quem em muy grande estima tinha
Gente,que de tão longe á India vinha.

O Mouro. Entende o Rey de Melinde que era Mouro , & seguia a maldita seyta de Mafamede , como seguem os mais daquella costa de Africa , o qual (como contão os nossos Historiadores) ficou atonito de ver o tratto , & modo dos nossos , mayormente do Capitão mór, cuja autoridade o espantou muyto , & assim lhe fez muyta cortezia , & gazalhado , levando nos braços , como aqui diz o nosso Poeta.

102

E Com grandes palavras lhe offerece
Tudo, o que de seus Reynos lhe comprisse;
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pedisse:
Dizlhe mais que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse:
Que jà ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua Ley tivesse guerra.

Com gente de sua Ley. Com Mouros da seyta de Mafamede, com os quaes os Portuguezes tiverão grandes guerras em Hespanha até os lançarem àlem mar, & inda lá os não deyxàraõ, nem deyxão estar quietos, como he notorio.

103

E Como por toda a Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feytos que fizerão,
Quando nella ganhàraõ a coroa
Do Reyno onde as Hesperidas viverão:
E com muytas palavras apregoa
O menos, que os de Luso merecerão:
E o mais que pela fama o Rey sabia,
Mas desta sorte o Gama respondia.

O Reyno onde as Hesperidas viveraõ. Entende o Reyno de Fez, & Marrocos, onde os nossos Portuguezes houverão dos Mouros grandes vitorias, & lhe tomáraõ muytos lugares, como Ceuta, Tangere, & outros que saõ chave daquellas partes. Chama-se Reyno onde viverão as Hesperidas, porque se conta que nestas partes reynou Hespeo Rey de Africa, irmão muyto rico de Athlas; o qual teve tres filhas, Egle, Arethusa, & Hesperausa, as quaes tinhão hum pomar, cujas arvores davão fruyto de ouro, guardado por hum dragão que nunca dormia. Veja-se a nossa annotação no canto quinto, oytava 8.

104

O Tu que sô tiveste piedade
Rey benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & adversidade
Dos mares exprimenta a furia insana:
Aquella alta, & Divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, & rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

A furia insana. Furia grande, & desenfreada, porque não ha no criado cousa mais furiosa nem mais para temer que o mar. Veja-se a nossa annotação neste mesmo canto, oytava 112.

105

T U sô de todos, quantos queyma Apollo,
Nos recebes em paz do mar profundo,
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom fido, & jucundo:
Em quanto apascentar o largo polo
As Estrellas, & o Sol der luz ao mundo.
Onde quer que eu viver, com fama, & gloria
Viveraõ teus louvores em memoria.

Tu sô de todos, quantos queyma Apollo. Tu sô de quantos morão nesta costa de Africa: segue aqui o Poeta neste termo de falar a opinião commum, dos que atribuem a cor negra dos homens daquella parte à quentura, & vizinhança do Sol: não sendo mayor nella que no estreyto de Magalhães, onde com tudo a gente he branca. Os Hespanhoes tambem, & Italianos estamos na mesma distancia da Equinocial, com os que morão no Cabo de boa esperança, elles da banda do Sur, & nós da banda do Norte, & somos na cor tão differentes como se vé. Os do Preste saõ pardos amulatados, & os que morão em Zeilà, & Malavar negros, morando todos num mesmo Paralelo, & ordem do Ceo. Outra cousa he mais para espantar, que em toda a America se não achão negros, se não huns poucos que morão em hum lugar chamado Quareca. Pelo que tenho por cousa milagrosa a variedade da gente do mundo. São segredos occultos da natureza, & obras daquelle Omnipotēte Deos, cujos Mysterios ninguem póde alcançar. Alguns querem que a causa efficiente desta cor seja a secura do ar, & terras daquellas partes, & huma propriedade não entendida, nem sabida dos homens, ou algum segredo da natureza, que naturalmente dá àquellas gentes aquella cor. Ou he isto, ou se ajuntão, & concorrem todas estas razões, a dar aquelle matiz, àquellas tantas, & tão varias Nações. Qualquer cousa que seja, o certo he não termos os homens certeza alguma. Pelo que a solução desta questão fica para os curiosos, que mais de proposito se quizerem por a este trabalho, que quanto a mim, assim sahirão com ella, como com os querer fazer brancos.

Em ti dos ventos horridos de Eolo. Os Poetas fingem hum Rey, & senhor dos ventos, a que chamaõ Eolo, o qual os tem presos, & a muyto bom recado em humas covas muyto grandes, donde os solta, quando lhe parece. Delle trattey atrás no primeyro canto oytava 18.

Em quanto apascentar o largo Polo. Encarecimento (como atrás fica dito oytava 84. deste Canto) para dizer, que em quanto a natureza tiver suas cousas com aquella ordem, & condição com que Deos as criou, terá elle lembrança dos beneficios recebidos, onde quer que viver, & estiver.

Isto

106

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja:
Vão as naos huma, & huma rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas para o Ceo Vulcano fozilando,
A frota co' as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangião.
Co' os anafins os Mouros respondião.

Mas para o Ceo Vulcano fozilando. Vulcano era entre os antiguos Deos do fogo, pelo que se toma pelo mesmo fogo, como o Poeta aqui neste lugar, & nós notamos atràs. Porque mandou Vasco da Gama por fazer festa ao Rey de Melinde desparar a artelharia, a qual a primeyra vez lhe fez tanto medo, que se quiseraõ recolher para terra, & passada esta vez depois que perdeo o medo se recreàraõ muyto de a ouvir, por ser cousa nova naquellas partes.

107

Mas depois de ser tudo jà notado
Do generoso Mouro, que pasmava
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava:
Mandava estar quieto, & ancorado
Na agua o batel ligeyro que os levava,
Por falar devagar c'o o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Ouvindo o instrumento inusitado. A artelharia que naquellas partes não se usava naquelle tempo.

108

Em praticas o Mouro differentes
Se deleytava perguntando agora
Pelas guerras famosas, & excellentes,
Co' o povo avidas, que a Mafoma adora.
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima onde mora:
Agora pelos povos seus vizinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

Co povo avidas que a Mafoma adora. Estes saõ os Mouros que seguem a torpe, & pestelencial seyta de Mafamede.

De toda a Hesperia ultima. Entende Hespanha, a qual tambem se chama Hespanha menor, à differença de Italia, que se chama Hesperia primeyra, & Hesperia mayor. Chamaõ-se estas partes deste nome de Hespero, Estrella Occidental, que he o Planeta Venus, a que commummente chamamos Luzeyro: & porque o Planeta que aparece nas partes Occidentaes he o primeyro, que se vé depois de posto o Sol nestas partes Occidentaes, daqui se chamão Hesperies de Hespero, & porque Hespanha he mais Occidental, se chama ultima, & menor, por ser menor em quantidade.

Pelos humidos caminhos. Pelos caminhos do mar, por sua navegação, & pelo que lhe tem acontecido no mar, desde que sahio de sua terra.

109

Mas antes valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dezia, diligente,
Da terra tua o clima, & região
Do mundo onde moraes distintamente.
E assim de vossa antigua geração,
E o principio do Reyno tão potente,
Cos successos das guerras do começo,
Que sem sabellas sey, que saõ de preço.

Que sem sabelas. Pelo que tinha ouvido, & via agora no gesto, & trato dos Portuguezes.

110

E Assi tambem nos conta dos rodeyos
Longos, em que te tràs o mar irado
Vendo os costumes barbaros, & alheyos,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta que agora vem cos aureos freyos
Os cavalos, que o carro marchetado
Do novo Sol da fria Aurora trazem,
O vento dorme, o mar, & as ondas jazem.

Conta que agora vem cos aureos freyos. Como atràs fica dito, fingem os Poetas que o Sol acabado seu curso neste Emilpherio não tem mais que caminhar, pelo que se recolhe a descançar com Thetis senhora do mar Occidental, & que dalli sahia pela manhã com seus cavallos folgados, isto he o que o Poeta aqui diz descrevendo o tempo da manhã, & nacimento do Sol, & hum tempo muyto sereno, & quieto; o que tudo està muyto claro na oytava. Chama à Aurora fria, porque no tempo da manhã com a vinda do Sol se ajunta, & aperta o frio em hum lugar, & assim he mayor, & os ventos, & as ondas do mar estão mais quietas neste tempo co a manhã, como fica dito atràs.

111

E Não menos co' o tempo se parece
O desejo de ouvirte o que contares,
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nôs o claro Sol, para julgares,

Que os Melindanos tem tão rudo peyto,
Que não estimem muyto hum grande feyto.

Não tanto desviado resplandece. De nôs o claro Sol. Não somos tão apartados da policia, & trato da gente, nem tão rudos, & barbaros. A imitação de Virgilio lib. 1. Æneid. *Nec tam aversus equos Tyrsa Sol jungit ab urbe.*

112

COmeterão soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro, & puro:
Tentou Perithoo, & Theseo de ignorantes,
O Reyno de Platão horrendo, & escuro:
Se ouve feytos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro,
Quanto foy cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nerèo.

Cometerão soberbos os Gigantes. Conta aqui o Poeta alguns acontecimentos grandes, os quaes inda que não tiverão effeyto, não deyxàraõ de ter seu premio: porque em cousas grandes o acometer, & mostrar ousadia, & atrevimento, he cousa grande. O primeyro foy dos Gigantes filhos da terra, os quaes determináraõ subir ao Ceo, & lançar a Jupiter delle, como conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

Tentou Perithoo, & Theseo. O segundo foy de Theseo, & Perithoo grandes amigos, os quaes se atreverão decer ao Inferno, para furtar a Proserpina molher de Platão. Posto que lhe não sahio bem do partido, porque Perithoo foy morto, & Theseo preso, onde ficára tambem para sempre, se Hercules o não livrára: todavia entre os feytos sinalados de Theseo se poem tambem este, como o pos Ovidio na carta de Phylis a Demophonte filho de Theseo. *Inter, & Ægidas media staturais in urbe. Magnificus titulis stet pater ante suis*, pela qual rezão as Nimphas de Italia achando a Phaeton filho do Sol morto, ainda que sua morte foy tão triste, & tão desestrada, porque se atreveo a governar os carros do Sol, cousa de tanta difficuldade lhe puserão este Epitaphio, como conta Ovidio nas Metamorphoses lib 1.

Hic situs est Phaeton currus auriga paterni,
Quem si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.

Aqui jaz Phaeton goverdador do carro de seu pay o Sol, o qual inda que não sahio bem do partido, & morreo na empreza, acabou como homem de grande animo, atrevendo-se a huma cousa tão grande, & por esta razão atribue El-Rey de Melinde a grande louvor os Portuguezes cometer as furias de Nereo, que he o mar, por ser huma cousa de tanto perigo, & trabalho, como excellentemente o pinta Horatio nas Odas, Od. 3. lib. 1.

113

QVeymou o sagrado Templo de Diana
Do subtil Tesiphonio fabricado
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado.
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome aventajado,
Mais razão he, que queyra eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria,

Herostrato. Este foy hum perdido, & desestimado de todos, por não prestar para nada: vendo-se neste estado, detreminou fazer algum feyto, por onde fosse conhecido, & ficasse memoria sua: pelo que pos fogo a hum Templo de Diana em Epheso, feyto pelo grande Tesiphonio, como diz Solino, no seu Polyhist. cap. 58. pelo que diz aqui o Poeta: se homens perdidos, & que para nenhuma cousa prestão, desejão fama, mais rezão he que a pretendaõ, & busquem, os que a merecem.

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

A populosa Europa se descreve,
De Egas Moniz o feyto sublimado,
Lusitania, que Reys, que guerras teve,
Christo a Affonso se expoem crucificado:
De Dona Inez de Castro a pura neve
Em purpura converte o povo irado,
Mostrase o vil descuydo de Fernando,
E o graõ poder de hum gesto suave, & brando.

CANTO TERCEYRO.

Neste Canto descreve o Poeta o sitio de sua patria, as guerras que os Reys della tiveraõ com os Mouros, & suas vittorias, o caso de Dona Ines de Castro, & a morte d'El-Rey Dom Eernando.

1

AGora tu Calliope me ensina,
O que contou ao Rey o illustre Gama:
Inspira immortal canto, & voz Divina
Neste peyto mortal, que tanto te ama:
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ô linda Dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

Agora tu Calliope. Fingem os Poetas novẽ Musas filhas de Jupiter, & da Memoria, padroeyras dos Poetas, & Musicos. Chamáraõlhe Musas de mostæ, que quer dizer inquirir, ou descubrir: por ellas serem as inventoras, & descubridoras das artes liberaes. Seus nomes saõ: Calliope, Clio, Erato, Thalia, Melpomene, Terpsichore, Euterpe, Polyhymnia, Urania. A principal destas, & a que os Poetas Heroicos invocão, he Calliope: pelo que o nosso Poeta aqui o faz, & com muyta razão, pois ha de trattar dos Heroicos feytos dos Portuguezes. Os nomes destas Musas, & o que cada huma inventou tratta Virgilio nos Opusculos em hum Epigrama que começa.

Clio gesta canens transactis tempora reddit, &c.

Assim o claro inventor da Medicina. Entende o Appolo, o qual os antigos tinhão por inventor da Medicina, & Padroeyro dos Medicos, como Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

Inventum medicina meum est, opifexque per orbem
Dicor, & herbarum subjecta potentia nobis.

A medicina he invenção minha, & pelo mundo sou chamado dador de remedios; & a natureza, & propriedade das hervas he sugeyta a mim. Este Apollo houve de Calliope a Orpheo, de quem os Poetas dizem grandes cousas acerca da Poesia, & Musica. Foy tambem affeyçoado a Daphne, Clicie, & Leucothoe, que aqui o Poeta nomea. Pede nesta oytava á Calliope o favoreça, & ajude nesta materia, que tem entre mãos, assim lhe tenha sempre amor, & affeyção Apollo, & em sua comparação faça pouco caso das mais Nymphas suas: linguagem ordinaria, & muyto usada dos que pedem. De Apollo, & d'outros nomes que lhe os Poetas dão trattamos no canto primeyro oytava 36.

2

Poem tu Nympha em effeyto meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja, & sayba o mundo, que do Tejo
O liquor de Aganippe corre, & mana.
Deyxa as flores de Pindo, que jà vejo
Banharme Apollo na agua soberana:
Se não direy, que tens algum receo.
Que se escureça o teu querido Orpheo.

Poem tu Nympha. Nympha entre os Gregos tem differentes significações, que naõ saõ deste lugar. E porque entre outros hum he tomarse pela agua, daqui usárão desta palavra por humas Deosas, que elles fingião viver nas aguas: & largando-se mais a accommodáraõ a outras Deosas, como das arvores, campos, lagos, tanques, mares, montes, prados, bosques, valles, & outras que a este som inventàrão. E porque as Musas padroeyras dos Poetas folgàvaõ com estes lugares, por serem frescos, & apartados da conversação, chamaram-lhe tambem Nymphas como Virgilio na Egloga 7. *Nymphæ noster amor libethrides.* Nymphas da fonte libethro nossa affeyção, & isto he entre os Poetas ordinario.

O liquor de Aganippe corre, & mana. Aganippe he huma fonte no monte Helicon de Boecia, da qual os que bebião ficavão Poetas. Chamou-se assim de agan, que significa muyto, & hippos, cavallo; porque foy feyta com as unhas do cavallo Pegaso, no qual Perseo filho de Jupiter aportou àquelle lugar. Chama-se por outro nome Heppocrine, cavallo, fonte, pela mesma razão. Alguns fazem estas fontes differentes, mas ambas em hum mesmo monte. Aganippe, dita assim de huma moça assim chamada, filha do rio Permesso, que corre ao longo do Monte Helicon, como diz Pausanias: & Hippocrene do successo do cavallo, de que acima trattámos. O que o Poeta pretende nesta oytava he mostrar que tambem nestas partes por onde o Tejo passa, hà Poetas, & que as aguas deste rio tem a propriedade das da fonte Aganippe, por se criarem aqui engenhos excellentes.

Deyxa as flores de pindo. Pindo he hum monte de Macedonia consagrado a Apollo, & às Musas chamado Mezovo, como diz Sophiano Donde disse Virgilio nas Eglogas.

Nam neque Parnasi nobis juga, nam neque Pindi
Ulla moram fecère, nec Aonia Aganippe.

Reprehendendo as Nymphas de descuydadas em não impedirem a Cornelio Gallo a mà ordem de vida, que trazia, gastando-a toda em seus apetites, & sensualidades, & que no mesmo estado deviaõ estar ellas; nem era possivel residir, ou no Monte Parnaso, ou no monte Pindo, ou na fonte Aganippe: sinalhando-lhe estes lugares como proprios seus, & onde ellas costumàvão residir, & darse ao exercicio das artes liberaes, de que ellas saõ padroeyras, & senhoras.

Banharme Apollo na agua soberana. Termo Poetico, & elegantissimo, em que mostra ajudalo Apollo, & favorecelo com furia poetica, banhandoo na agoa da fonte Aganippe: a qual chama soberana, por ter a qualidade, de que atrás trattámos. E porque està neste tão honroso estado como he trattar dos feytos Heroicos dos Portuguezes. Pede a Caliope o ajude nesta empreza: porque se o não fizer, crerá que lhe procede de enveja, por ver que faz ventagem a seu filho Orpheo.

3

Promptos estavão todos escuytando,
O que o sublime Gama contaria,
Quando depois de hum pouco estar cuydando,
Alevantando o rosto assi dizia.
Mandasme ó Rey, que conte declarando,
De minha gente a graõ genelogia;
Não me mandas contar estranha historia:
Mas mandasme louvar dos meus a gloria.

Mas mandasme louvar dos meus a gloria. Tem por cousa dura o Gama contar a gloria, & cavallaria dos Portuguezes seus naturaes: porque não he bem contado a gente de primor engrandecer, & gabar suas cousas.

4

Que outrem possa louvar esforço alheyo,
Cousa he, que se costuma, & se deseja:
Mas louvar os meus proprios, arreceyo,
Que louvor tão suspeyto mal me esteja:
E para dizer tudo, temo, & creyo,
Que qualquer longo tempo curto seja:

Mas

Mas pois o mandas, tudo se te deve,
Irey contra o que devo, & serey breve.

Que outrem possa louvar. Sempre o louvor proprio foy sospeyto, donde dizem os Latinos, *Laus in ore proprio vilescit*, o louvor na boca propria he reprovado. E não sómente louvarse huma pessoa a si, mas admittir louvores em seu rosto, & presença, nunca se costumou entre gente sesuda: porque os taes louvores saõ mais lisongeyros, que certos.

5

ALém disso, o q̃ a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser
Porque de feytos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer.
Mas porque nisto a ordem leve, & siga
Segundo o que desejas de saber:
Primeyro trattarey da larga terra,
Depois direy da sanguinosa guerra.

Primeyro trattarey. Para vir a trattar da guerra que neste Reyno os Portuguezes tiverão com os Mouros, descreve primeyro Europa, na qual está o nosso Portugal.

6

ENtre a Zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella que por fria se arreceya
Tanto, como a do meyo por ardente.
Jaz a soberba Europa a quem rodeya
Pela parte do Arcturo, & do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar mediterrano.

Entre a Zona que o Cancro senhorea. No canto primeyro, oytava 2. trattey brevemente da descripção do mundo, & o que se não podia escusar para entendimento deste livro, onde prometti largamente neste lugar em algumas cousas da Europa, como farey no que for necessario para entendimento da letra do Poeta. E porque elle descreve Europa por tal ordem, que não ha mais que desejar, sómente tocarey algumas cousas necessarias. Os Geographos dividem a terra em cinco partes, a que chamão Zonas, usando deste termo de fallar, para com mayor claridade poderem trattar della. Destas cinco Zonas, duas saõ frias, por estarem dentro dos circulos Arctico, & Antarctico, a que chamamos Norte, & Sur. Duas temperadas entre os ditos circulos, & os tropicos; & huma quente, que he a do meyo, onde cae a linha Equinocial; a qual tem nome de quente, ou torrida, por ser continuamente visitada do Sol, pela qual rezaõ cuydáraõ os antigos ser deshabitada, o que não he, como se sabe por experiencia: antes vemos ser pela mayor parte muyto habitada, sadia, & fresca, & alguma de ventagem destoutras partes, a que chamamos temperadas. E não sómente he isto certo pela experiencia que atègora temos, porque muytos dos antigos o tiverão assim contra a commum opinião em contrario, como Ptolomeo, Avicena, & alguns Theologos, como refere o B. S. Thomás 1. p. q. 102. art. 2. Os quaes affirmão estar o Paraiso da terra debayxo da Equinocial, por ser aquella parte muyto temperada, & sadia, como tem os muyto Reverendos, & Doutos Padres da Companhia de Jesus no Tratado de Cælo c. 14. q. 1. p. 318. E paraque os que nenhuma noticia tem das cousas da Esphera, entendão tambem este lugar, & outros semelhantes, ha se de notar, que no Ceo não ha circulos nem linhas, por ser purissimo, transparente, & solido sem repartimento algum: mas que lhe fingem estas cousas os Astronomos, & outras semelhantes para melhor poderem trattar de suas particularidades. Presuposto isto, digo que lhe assinão dez circulos, seis grandes, & quatro menores. Os grandes saõ Equator, Zodiaco, Meridiano, dous Coluros, & o Horizonte. Os menores saõ o tropico de Cancro, & o tropico de Capricornio, circulo Arctico, & Antarctico: & porque neste lugar não he possivel trattar estas cousas de raiz, pela brevidade que se requere, & por se não pretender aqui mais, que declarar este livro, para que se entenda: o qual por este respeyto he calumniado de alguns, não direy se não o que se não pode escusar. Tropico se diz de trepo, que quer dizer volver, & porque o Sol sempre anda em hum pedaço do Ceo, no qual tem balisas, & terminos que não passa: chamáraõ a estas balisas tropicos: porque entre ellas anda o Sol sem passar nenhuma dellas: nem o tropico de Cancro da banda do Norte, nem o de Capricornio da banda do Sur. E quando o Sol se chega a nós atè o primeyro grao de Cancro, que he o que mais póde subir, temos o Solsticio do Estio: & quando se aparta de nós dando sua volta contra o Sur em chegando ao primeyro grao de Capricornio, que he o que mais póde bayxar, se faz o Solsticio do Inverno. E chamaõ-se Solsticios, não porque o Sol se detenha em parte alguma, se não porque nem sobe mais alto, nem dece mais bayxo. E no Solsticio do Estio temos o mayor dia do anno, que he a 21. do mez de Junho: & no do Inverno o menor aos vinte & dous de Dezembro. Nesta oytava descreve o Poeta o sitio de Europa, & seus terminos, o qual diz, que jaz entre o circulo Arctico, & o tropico de Cancro, que he huma das Zonas temperadas. Chama ao tropico meta Septentrional do Sol luzente, porque nesta parte Septentrional, que he o Norte, não passa o Sol delle: diz que tem por terminos da parte do Arcturo, que he o Norte, & do Poente o mar Oceano, & da parte Austral, que he o Sur, o Mediterraneo. Do Arcturo se veja a nossa annotaçaõ canto 1. oytava 21.

7

DA parte donde o dia vem nacendo,
Com Asia se avezinha: mas o rio,
Que dos montes Rifeos vay correndo,
Na alagoa Meotis, curvo, & frio,
As divide, & o mar, que fero, & horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio:
Onde agora de Troya triumphante,
Não vê mais que a memoria o navegante.

Da parte donde o dia vem nacendo. Diz que da parte Oriental (que declara por estes termos da parte donde o dia vem nacendo) a divide da Asia o rio Tanais, chamado commummente Tanâ: começárão dos montes Ripheos, onde este rio tem sua origem, & fonte; & o mar Egeo, chamado Archipelago, onde os Gregos com aquelle tão celebrado, & sabido cerco de dez annos destruhiraõ aquella insigne Cidade de Troya, da qual não ficou pedra sobre pedra : & hoje em dia se vem as ruinas d'aquella grande Cidade; & dos navegantes Italianos saõ chamados aquelles campos *liddi Troyani*, prayas Troyanas. Dos montes Ripheos se tratta na oytava que se segue.

8

LA' onde mais debayxo està do Polo,
Os montes Hyperboreos aparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E c'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui taõ pouca força tem de Apolo
Os rayos que no mundo resplandecem,
Que a neve està contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Os montes Hyperboreos apparecem. Diz que Europa na sua parte Septentrional, que he da parte do Norte, tem os montes Hyperboreos, chamados assim de hyper, que significa encima, & Boreas, que he hum vento que sopra do Norte, por andar sempre o tal vento encima delles. Outros dizem que tem este nome por estarem estes montes ainda álem donde o vento Boreas sopra. Outros pelos homẽs d'aquellas partes viverem muyto mais, que todos os outros do mundo, por a terra ser sadia, & abundante de todo o necessario para a vida. Acrecentaõ alguns que enfadados os homens desta regiaõ de sua longa vida, escolhem hum genero de morte voluntaria, o qual he, que buscaõ hum alto rochedo ao longo do mar, do qual depois de grandes festas, & banquetes com cappellas nas cabeças se lanção para acabarem sua vida desta maneyra, tendo esta por grande felicidade, & a mais honrada sepultura, que poderão escolher. Estes povos tem seis mezes do anno continuos dia, & outros seis noyte, como diz Solino cap. 26. & Mela lib. 3. cap. 5. Olivario sobre Pomponio Mela naõ faz os Hyperboreos tão Septentrionaes como os ditos Autores: pelo que tem por falso isto que delles dizemos : & quanto a mim estes montes se chamaõ assim por serem muyto altos, & por esta rezaõ sogeytos ao vento, mayormente Norte por sua vizinhança, como diz Diodoro Siculo lib. 3. pag. 228. & Girava na sua Cosmographia lib. 2.

E aquelles donde sempre sopra Eolo. Eolo he o senhor dos ventos, como fica dito em muytos lugares. Neste lugar entende o Poeta os montes Rifeos, de que atrás fala, chamaõ-se assim de ripi, que quer dizer força de vento, por cursarem alli muyto. Nestas partes como conta Solino cap. 25. tudo saõ neves, giadas, caramelos, & frios: pelo que aquella regiaõ se chama entre os Gregos terophoros, que quer dizer cousa que trás asas, por andar continuamente o ar cuberto de nevoas, & neves que parecem voar pelo ar : & naõ conhecer a gente desta terra outra cousa senão Inverno, & frio, & tal que o rio, & mar se congelão.

E co nome dos sopros se ennobrecem. Pela rezaõ dita.

9

AQui dos Scythas, grande quantidade
Vivem, q̃ antiguamente grande guerra
Tiveraõ, sobre a humana antiguidade,
C'o os que tinhão então a Egypcia terra.
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Jà que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára.
Ao campo Damasceno o perguntàra.

Aqui dos Scythas grande quantidade. Esta região he habitada de Scythas chamados Sagas pelos povos vizinhos como diz Mela lib. 3. cap. 5. & Plinio lib. 6. cap. 17. donde tratta largamente da multidaõ, & variedade desta gente, hoje se chamão todos em geral Tartaros.

Que antiguamente grande guerra. Houve antiguamente grande contenda entre os povos Scythas, & Egypcios, sobre a antiguidade de suas patrias, & Nações: querendo cada hum com fallas, & fabulosas razões dar a entender que elles foraõ os primeyros homens do mundo, allegando para isto antiguidades de Cidades, & outras fabulas que inventávaõ: ás quaes davaõ credito por naõ saberem a verdade. Pelo que o Poeta os remete aqui ao campo Damasceno, onde Deos nosso Senhor criou o primeyro homem, & d'ahi o levou a hum lugar muyto fresco, & deleytoso chamado por este respeyto, horta de deleytes, a que commummente chamamos Parayso da terra.

70

AGora nestas partes se nomeya
A Lapia fria, a inculta Noroéga

Escan-

Escandinavia Ilha, que se arreya
Das vittorias que Italia não lhe nega;
Aqui em quanto as agoas não refreya
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.

Agora nestas partes. Tratta de algumas provincias da Europa Septentrional, como Lapia, & Noruega, a que chama frias, & incultas por ser o grande frio causa de viverem os moradores dellas em grande aperto. E inculta não quer dizer deshabitada, como o vocabulo soa, & parece mostrar: mas habitada com trabalho, como tambem a mesma palavra mostra por virtude da proposiçaõ, *in.* como he notorio aos que sabem a lingua Latina.

Escandinavia Ilha. Escandinavia não he Ilha como o nosso Poeta lhe chama seguindo os antigos: mas he peninsula, como os Modernos hoje escrevem, pela experiencia, & conhecimento que tem da terra. Foy tambem chamada Escandia, ou Escandavia, ou Basilia, dos quaes nomes todos, fazem mençaõ Plinio, Solino, Mela, & outros antigos, & modernos que della esereveraõ. Esta provincia he muyto grande, & (como diz Girava na sua Cosmographia) tem de comprimento mil leguas, & outras tantas de largo. He terra muyto fermosa, & abundante de todas as cousas, tem muyto bons portos, & escalas de mercancias, muytos Reynos, & provincias. Nesta está o Reyno de Suevia, Gottia, Liponia, ou Laponia, a que o Poeta chama Lapia, Gautlandia, Filandia, & Noruéga.

Que se arreya das vittorias, que Italia não lhe nega. Isto diz porque desta Escandinavia vieraõ os Godos, & outros barbaros a Italia, & sogeytàraõ muyta parte della, & moràraõ por muytos annos naquella parte de Italia, que hoje se chama Lombardia: como conta Paulo Diacono nas Historias de Lombardia, & Frey Leandro Alberti na sua Descripção de Italia, no titulo de Lombardia.

Aqui em quanto as aguas não refreya. Nestas partes (como escrevem os Autores) se vive com mayor trabalho pelo Verão, que pelo Inverno. No Veraõ tudo saõ aguas, & lamaçaes, porque se derretem as muytas neves, & caramelo: & no Inverno, como tudo está congelado, caminha-se melhor, mas não se navega no mar por estar coalhado: passado o Inverno se navega.

Hum braço do Sarmatico Oceano. Sarmatico chama aqui este mar, por ser na paragem de Sarmacia, a qual confina com Escandinavia.

Pelo Brusio Suecio, & frio Dano. Isto não saõ rios (como alguns commentaõ por suas cabeças, sem autoridade nem razão alguma) mas saõ nomes de Nações que vivem naquellas partes, & navegaõ no mar em tempo que o frio lhe dá lugar, como fica dito atrás. Brusios, ou Barusios saõ povos de Prusia provincia de Sarmacia. Suecios saõ de Suecia provincia de Escandinavia. Pelo frio Dano, entende os moradores de Dania, terra frigidissima, porque lhe chama Danos frios, & pelos naturaes hoje Denemarker: assim que Brusios, Suecios, & Danos navegão esta paragem, & todas suas partes, & outras muytas Nações, que naquellas partes saõ sem numero, como diz Plinio lib. 6. c. 17.

10

ENtre este mar, & o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Livonios
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinea os Marcomanos saõ Polonios.
Sogeytos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Boemios, & Panonios,
E outras varias Nações que o Reno frio
Lava, & o Danubio, Amasis, & Albis rio.

Entre este mar. Tratta das gentes que vivem entre o mar de Sarmacia, & o rio Tanais, chamado commummente Tanà, como fica dito oytava 7. Primeyramente diz que vivem os povos Ruthenos, chamados por outro nome Roxalanos, ou Rusios do Reyno de Polonia, & naõ Franceses como alguns aqui declarão: que he bom desproposito: pois o Poeta vay descrevendo outro mundo bem differente. Moscos saõ os povos do graõ Duque de Moscovia. E Livonios saõ de huma provincia de Sarmacia, que agora se chama Livonia, chamada antiguamente Sarmacia geralmente, como a mais terra. Sarmacia tem sete provincias, Polonia, Rusia, Prusia, Littuania, Livonia, Polonia, & Moscovia: das ~~quaes~~ se pódem ver muytas dignas de memoria, nas Relações de Joaõ de Butero, na sua Europa: & na fabrica del mondo, de Lourenço de Anania, & outros.

E na montanha Hercinea. Assim lhe chama Cesar lib. 1. de bello Gallico, dizem ser hum bosque muyto grande, & muyto espesso, que de comprido terá sessenta legoas, & de largo nove. Entre este bosque, & a terra de Sarmacia está Alemanha, começando do monte Sevo, como diz Solino c. 23. Aqui estaõ os Marcomanos, Boemios, Saxonios, Pannonios, que saõ hoje os do Ducado de Austria, & Reyno de Ungria: & outras varias, & innumeraveis Nações, sogeytas ao Imperio de Alemanha, pelas quaes passaõ estes quatro rios tão nomeados: Rheno, que nace nos Alpes, chamado vulgarmente Rein, ou por ser muyto claro em suas agoas: ou por correr com grande furia, & impeto, que huma & outra cousa significa a palavra na lingua Alemã. Danubio he o mayor, & mais celebrado rio de toda a Europa: nace no monte Arnoba em Alemanha, desde a sua fonte até a Cidade Axiopoli de Misia a bayxa, chamada hoje Colonamich, como diz Olivario sobre Pomponio Mela (indaque enganado pelas taboas de Ptolomeo erradas em lugar de Axiopoli, lé Axia) he chamado Danubio: & da Cidade Axiopoli atè o mar se chama Istro.

Amasis

Amaso corre entre o Rheno,& Albis,he rio grande,& navegavel, como diz Eitrabão lib.7. in princip.& Hermolao Barbaro sobre Plinio lib.4.c.14. Hoje se chama Eemps. Albis he hum rio de muyto nome entre os Escritores, chama-se em vulgar Elbi, nace em hum monte da Selva Hercynia na Boemia, chamado Risemberg, como diz Ortelio na sua synonimia na palavra Albis.

12

Entre o remoto Istro, & o claro estreyto
Adonde Helle deyxou co' nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peyto,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co o Hemo, o Rhódope sugeyto
Ao Otomano está que sometida
Bizancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino.

Entre o remoto Istro. Depois que trattou de algumas partes Septentrionaes da Europa, começa a Descripção de Grecia que antiguamente foy chamada Hellas, do nome de humas serras, que a partem pelo meyo, ou de Hellene filho de Deucalion como diz Mela. Desta Grecia escreveraõ os Antigos muytas cousas, porque foy Regiaõ de muyto nome, assim pela fertilidade da terra, como pelos excellentissimos varões que nella houve: assim em letras como em armas. Hoje está perdida, & desbaratada, nem ha nella cousa digna de memoria. Os Modernos a dividem em cinco partes, ou regiões, Thracia, Burinto, Macedonia, Achaya, & Morea, Thracia chamada vulgarmente Romania, que he a de que aqui o Poeta tratta, situa-se a entre o rio Istro, de que atrás fallàmos, & o Hellesponto. Terá o Hellespo̅nto de largo 800. passos, que (segundo os Gregos dizem) he o espaço que hum boy póde nadar, pelo que lhe chamaõ Bosphoro os da terra. Divide este estreyro Asia de Europa, & hoje em dia se vem de huma, & outra parte do mar as ruinas das Cidades Abidos, & Sestos, donde foraõ naturaes aquelles grandes amigos Leandro, & Hero, de que Ovidio faz mençaõ nas suas Epistolas.

Adonde Helle deyxou c'o o nome a vida. Contaõ as Fabulas que Athamante Rey de Thebas teve duas molheres, & que da primeyra por nome Nephele houve dous filhos, Phryxo, & Helle: casado segunda vez, morta a primeyra molher, com outra chamada Ino, tinha os dous filhos que lhe ficàraõ de Nephele comsigo, aos quaes a madrasta Ino tomou taõ grande aborrecimento que os não podia ver: pelo que determinou por todas as vias destruilos: & para este effeyto fez com encantamentos, & feyticerias, que os campos naõ déssem trigo, & acabou com os Agoureyros, & Sabios dissessem a El-Rey que todo aquelle mal lhe vinha por causa de seus filhos. Acodio Nephele, & deulhes hum carneyro com o vello de ouro, no qual passassem hum pedaço de mar, que divide Asia de Europa, & com condiçaõ que nenhum delles olhasse para trás. Helle olhando, cahio no mar, & afogou-se: pelo que de seu nome Helle, & do nome de aquelle estreyto que antes se chamava ponto, por esta occasiaõ, & morte de Helle se chamou Hellesponto, como se dissessemos ponto de Helle: hoje se chama o estreyto de Galipoli, ou braço de S. George. A Fabula de Helle contaõ Justino lib. 42. Ovidio lib.3. fastor. Pontano in Urania, & outros.

Do fero Marte, patria tão querida. Os moradores de Thracia saõ nomeados entre todos os Escrittores por gente fera, & no exercicio da guerra muyto destra, & exercitada. Esta he a razão, porque os Poetas fazem a Marte, que os Antigos tinhaõ por Deos da guerra, natural desta regiaõ, & lhe chamaõ casa de Marte, & que o nome que tem lhe ficou de hum filho seu por nome Thracio que nella reynou.

Onde co' o Hemo o Rodope sugeyto. Contaõ as Fabulas que Hemo foy Rey de Thracia casado com Rhodope, aos quaes Jupiter converteo em montes, por serem tão soberbos, & arrogantes, que Hemo dizia de si que era Jupiter, & Rhodope Juno, & mandávaõ que os adorassem, & servissem por taes, como cõta Ovidio nas Metamorphoses lib.6. Este monte Hemo parte Thracia pelo meyo, como diz Plinio lib.4.c.11. Estrabaõ, Polybeo, & Mela cuydáraõ, que do alto deste monte se via o mar Egeo, & Adriatico, o que naõ he possivel, pela grande distancia que ha. Outros acrecentáraõ que se viaõ tambem delle os Alpes, & o Danubio, como diz Tito Livio, lib.1. Dec.4. o qual tem todas estas cousas por Fabulas: & descrevendo o sitio do monte Hemo, diz que tem tanto arvoredo, que as arvores saõ taõ pegadas, & tecidas humas com as outras, que trabalhosamente se vé o Ceo, que he boa linguagem para os que querem dalli descubrir o mundo. Este monte se chama hoje cadeya do mundo: como diz Girava na sua Cosmographia lib. 2. Toda esta Thracia he hoje sugeyta ao Turco. Junto a este monte Hemo està Rhodope ambos ao longo do rio Istrimon. A Fabula de sua conversaõ em montes trata Ovidio no lugar allegado.

Que sometida Bizancio tem a seu serviço. Nesta Thracia na boca do Ponto Euxino, chamado vulgarmente Mar mayor, ou mar negro, està a fermosa Cidade Constantinopla, chamada em seus principios Bizancio, como diz Justino, & Plinio no lugar allegado. O primeyro que a ennobreceo, & fez cabeça de Imperio foy Constantino filho de Helena, que achou a Cruz em que Christo Nosso Senhor foy crucificado: & outro Constantino por alcunha Paleologo a perdeo no anno de mil & quatrocentos & cincoenta & tres, a vinte & nove de Mayo: pelo que diz aqui o Poeta, boa injuria do grande Constantino. Esta Cidade havia mil & cento & noventa & hum annos que era cabeça do Imperio Romano, que tantos houve entre

tre o Imperio de Constantino primeyro, que a ennobreceo, & de hum triste lugar a fez taõ nobre, & excellente, até o tempo de Constantino Paleologo que a perdeo. Da Cidade Constantinopla, & sua ultima ruina tratta a Chronica do mundo, na qual se descreve todo o successo da entrada da Cidade, & as crueldades que o Turco usou com os Christãos, Igrejas, & Imagens, & muytas torpezas que cõmeteo: na era não conforma com os demais Escrittores. Luis del Marmol Carvalhal tratta o mesmo na primeyra parte de sua Descripção de Africa lib. 2. pag. 224. com muyta diligencia, & verdade: o qual no tempo, conta, & ordem da expugnaçaõ, & prognostico, que sobre ella aconteceo, he conforme aos que bem sentem.

13

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria.
E vós tambem, ó terras excellentes,
Nos Costumes, engenhos, & ousadia.
Que cristes os peytos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia
Com que tu, clara Grecia, o Ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

Logo de Macedonia estão as gentes. Junto a Thracia está Macedonia, chamada hoje Turquesca: chamouse antiguamente assim, de hum Macedo neto de Deucalion, que a governou como o diz Solino na seu Polyhistor. cap. 14. & Plinio lib. 4. cap. 10.

A quem lava de Axio a agua fria. O rio Axio chamado hoje Brade, ou Varadi como diz Ortelio, atravessa Macedonia.

E vós tambem, ò terras excellentes. Nestas palavras comprende as outras tres Provincias de Grecia, Burinto chamada pelos Antigos Epyro, a qual tem quatro Provincias, Chaonia, Thesprota, Cassiopea, & Arcania. Achaya, que os Antigos chamáraõ Helada, que he a que propriamente chamamos Grecia, & he como peninsula. A ultima regiaõ de Grecia, he a Morea chamada antes Danaa, Apia, Pelasgia, & Peloponneso: tem Corinthia, Cariença, Messenia, Hellas, Arcadia, Lacedemonia, & Argia. Passou pela descripção destes lugares o Poeta, porque saõ hoje pela mayor parte do Turco, & todas as cousas de que os Antigos tanto celebráraõ Grecia, estaõ extinctas sem haver memoria dellas: & estes louvores que aqui o Poeta dá a Grecia, saõ pelo que antiguamente nella houve, assim nas letras como nas armas, & assim como os Antigos a tiveraõ pela principal Provincia do mundo por este respeyto, assim os Modernos a tem hoje pelo estado em que está, por muyto inferior.

14

Logo os Dalmatas vivem, & no seyo
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meyo
Das agoas, que tão baxa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheyo
De esforço, nações varias sogeytou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

Logo os Dalmatas vivem. O que agora se chama commummente Esclavonia, chamaraõ os Antigos Dalmacia, Illyris, ou Liburnia. E debayxo deste nome de Esclavonia se comprendem outros Reynos, & Provincias, Carinthia, Corvacia, o Condado de Tara, Liburnia, Dalmacia, com os povos Raguseos, & Catherinos. Dizem que tem a Esclavonia de comprimento cento & vinte legoas, & de largo trinta. He terra de grandes serras, mayormente na Carinthia. A lingoa dos Esclavões não sómente se usa em Esclavonia, mas he tambem natural a gente sugeyta ao Emperador de Alemanha, como saõ Boemios, Pollacos, Bulgaros, Moscovitas, & Bossinesses, & sós os Ungaros fallaõ linguagem muy differente. A Senhoria de Veneza governa a mayor parte das Cidades que estaõ no seu mar: as da terra tyranniza, & tratta mal o Turco. O Rey dos Romanos he senhor do que está entre Sena, & Trieste. Esta terra toda está quasi deshabitada, pelos grandes males que o Turco nella faz. De toda a Esclavonia, só o que possuem os Venezianos, val alguma cousa.

E no seyo aonde Antenor já muros levantou. Entende o seyo Adriatico, onde Antenor edificou a Cidade de Padua como trattey largamente atrás.

A soberba Veneza está no meyo das agoas, que tão bayxo começou. Depois que trattou da Esclavonia, entra na Descripção de Italia, da qual em muyto poucas palavras diz muyto. Os Modernos lhe daõ figura de perna de homem, começando da coxa atè o pè: o nosso Poeta de braço, por ser termo de falar mais proprio, & mais accommodado para seu intento, que he trattar da gente Italiana. Esta Italia entre os Autores tem muytos nomes Janicula, Camesana, Saturnia, Enotria, Apenina, Taurina, Vitulia, Hesperea, & ultimamente Italia. Estes, & outros nomes poem Ortelio na sua Synonimia Geographica lib. 2. pag. 102. da palavra Italia. De sua origem tratta Girava, & Frey Leandro Alberti na Descripçaõ de Italia logo no principio, os quaes saõ Modernos, & tem tudo o que os Antigos della escreveraõ. O Poeta tratta della em duas oytavas, na primeyra lhe dá a figura de braço, que acima disse, começando de Veneza: na segunda a pinta cercada de mar, a modo de Peninsula, como todos os Antigos a descreveraõ. E para que as oytavas se entendaõ claramente, as declararey aqui.

E no seyo onde Antenor. Este he o seyo Adriatico, na qual paragem Antenor Troyano edificou a insigne Cidade de Padua, aonde está sepultado o Corpo do Bemaventurado Santo Antonio Portuguez, & natural desta nossa Cidade de Lisboa, em hum Mosteyro do Bemaventurado S. Francisco logo á entrada da Igreja em hum sepulcro tal, qual hum taõ grande Santo merece: muy venerado, & frequentado da gente daquellas Comarcas, os quaes não lhe chamaõ Santo Antonio, senaõ sómente o Santo por excellencia, tão grande he o respeyto, & reverencia que toda a gente lhe tem.

A soberba Veneza está no meyo Das aguas que tão bayxa começou. Com este Antenor de que atrás falámos, primeyro fundador da Cidade de Padua vieraõ de Troya depois que foy destruida pelos Gregos, os Henetos povos de Lydia, os quaes foraõ em companhia de seu Rey Philimene em favor dos Troyanos, & vendo-se sem este seu Capitão, & Rey (porque foy morto no cerco) desgostosos, & enfadados se foraõ com Antenor a Italia, & fizeraõ seu assento junto ao lugar aonde agora he Veneza, a qual de seu nome foy assim chamada. Lançados dahi os Euganeos, que possuhiaõ aquellas partes como conta Estrabaõ lib.4. & 3. onde se não determina bem nesta opiniaõ, mas no livro 15. a refere por certa: & Plinio lib.3. c.19. Polybio, & Tito Livio no principio de sua Historia, onde com muytas palavras a confirma, pelo que se naõ póde seguir outra. Daqui se chamaõ os povos Venetos mudado o H. em V. de Henetos, Venetos, & cõmummente Venezeanos. Quanto a Cidade de Veneza he a mais bella, & fermosa, que hoje há no mundo, & está situada dentro do golfo Adriatico chamado hoje golfo de Veneza, cujo principio (como conta o Poeta) foy muyto bayxo. O que contaõ os Historiadores acerca do principio desta taõ excellente, & nomeada Cidade, he, que entrando por Italia com hum poderosissimo exercito aquelle soberbo Attila Rey dos Scythas, (que se intitulava Rey dos Hunos, Godos, Medos, & Danos, medo, & espanto do mundo, assoute, & castigo de Deos) destruindo todas as Cidades, & lugares por onde passava, & não perdoando a cousa que encontrasse, atravessando a terra de Veneza, pós tanto temor âs gentes daquella Provincia, que naõ se tendo por seguros na terra se recolheraõ a huns piquenos Ilheos que no mar estavaõ, aonde escapáraõ, & (tendo-se alli por seguros da ira de Attila) começâraõ a fundar casas para viver, & fortificarse alli o melhor que podiaõ, porque o exercito de Attila naõ entrava por mar, aonde tambem se recolheraõ alguns que escapáraõ da Cidade de Aquileya, & de outras gentes, q̃ fugiaõ do assoute de Attila. Destes que saõ assâs fracos principios, veyo à Cidade de Veneza ser o que agora he. Veja-se o que escrevemos no canto 2. oytava 97.

Da terra hum braço vem ao mar que cheyo. Este braço que aqui poem he a terra de Italia que faz o Poeta semelhante a hum braço de homem, como fica dito atrás, cercado por tres partes de mar, & por huma só de terra, pelo que lhe chamaõ outros Peninsula. Da parte do Oriente tem o mar Jonio, chamado hoje o golfo de Veneza, ou mar Ausonio, & Siciliano. Do meyo dia o mar Ligustico, que he o mar de Genova, & o mar Thyrreno, que he de Toscana: do Septentriaõ o mar Adriatico, chamado mar de Veneza, & os Alpes. Do Occidente os mesmos Alpes que a dividem de França, & Alemanha, começando do rio Varo, até o monte Adula, chamado hoje pelos moradores Tirel.

Braço forte de gente sublimada. Diz que esta Italia cria gente sublimada, & excellente, assim nas letras, como nas armas. Quanto ao tamanho de Italia, dizem que tem de comprido mil & vinte milhas, & de largo naõ lhe assignão certo espasso, porque conforme a disposição da terra em huma parte he larga, & em outra estreyta, de circuito lhe daõ duas mil & quinhentas & cincoenta.

15

Em torno o cerca o Reyno Neptunino
Co' os muros naturaes por outra parte;
Pelo meyo o divide o Apenino,
Que taõ illustre fez o patrio Marte.
Mas depois que o Porteyro tem divino,
Perdendo o esforço veyo, & bellica arte.
Pobre está já da antiga potestade,
Tanto Deos se contenta da humildade.

Em torno o cerca o Reyno Neptunino. Mostra o que fica dito atrás ser Italia rodeada de mar por tres partes, & pela outra de muros naturaes, que saõ os Alpes, & outras serras juntas a elles. Pelo Reyno Neptunino se entende o mar.

Pelo meyo o divide o Apenino. Apenino he hum esgalho dos Alpes, o qual começa da ribeyra de Genova na Cidade de Nisa, & parte Italia pelo meyo, como excellente, & meudamente o escreve Estrabaõ lib.5. & Polybio lib.3. Dizem que se chamou assim de Apino Rey de Italia, outros querem que tivesse este nome de Apis hum Capitão antigo, que a sogeytou, & triunfou della: pelo que entre outros nomes se chama tambem Apenina. Outros dizem que se chamou este monte Apenino por ser o passo por onde Annibal entrou em Italia contra os Romanos, o qual como fosse Carthaginense, & os Carthaginenses se chamão Penos, de aqui querem que lhe venha este nome. E porque Annibal passou por aqui diz o Poeta que o fez o proprio Marte illustre: porque com este adversario taõ grande, que tantos annos lhe durou se exercitáraõ os Italianos nas cousas da guerra, & fizeraõ maravilhas nella até destruir Annibal, & tomar sua patria Carthago, & assolalla de todo. Tambem se pode dizer, que estes montes fizeraõ sua patria illustre,

illustre, por serem estorvo, & impedimento aos que por elles queriaõ passar com exercito contra Italia, no qual lugar muytas vezes eraõ desbaratados, pelo que Plinio lib.3. c.4. lhe chama laude, & remedio do povo Romano.

Mas depois que o Porteyro tem divino. Depois que Italia foy assento, & morada do Porteyro divino, que he o Summo Pontifice Vigario de Christo, & Governador da Christandade, afroxou algum tanto nas cousas da guerra, entregue de todo a outro differente exercicio, qual he trattar da salvaçaõ das almas, vendo quanto Deos Nosso Senhor folga com gente dada à virtude, & humildade: & quaõ inimigo he da gente soberba, & bellicosa.

16

Gallia alli se verá, que nomeada
Co's Cesareos triunfos foy no mundo,
Que do Sequana, & do Rhodano he regada,
E do Garumna frio, & Rheno fundo:
Logo os montes da Ninfa sepultada
Pyrene, se levantão, que segundo
Antiguidades contaõ, quando arderão,
Rios de ouro, & da prata entaõ correraõ.

Gallia alli se verá. Tudo o que ha de terra entre o rio Rin, mar Oceano, montes, Pyrineos, mar Mediterraneo, & monte Apenino até Ancona Cidade da Regiaõ Piceno, (a que vulgarmente chamâmos Marca de Ancona) he entre os Latinos chamado Gallia, & vulgarmente França. Chama-se assim de gala, que he o leyte por serem os Francezes de cor muyto branca, & esta parece a verdadeyra origem da palavra Gallia. Ainda que Ptolomeo tem o contrario, dizendo que estes povos vieraõ de Assyria, & Armenia a estas partes, & que na lingua Assyria Galat quer dizer cousa tirada da agua: por elles principalmente se terem por escapados, & livres do diluvio na Arca, & assim se prezaõ desta antiguidade: como se diz no Ptolomeo novamente impresso, na terceyra taboa antigua da descripção de Gallia.

Que nomeada co'os Cesareos triumphos foy no mundo. Depois que Cesar acabou o Consulado, foy com grande exercito a França, na a qual dez annos continuos teve guerra com os Francezes, & sugeytou tudo o que ha desde os montes Pyrineos atè os Alpes, & todo o restante até o rio Rhin, & venceo outras gentes bellicosas, que seria largo contar, das que elle tratta nos seus Commentarios, que por seus mesmos inimigos foraõ approvados. E pelas muytas vittorias que houve em França, & triumphos que alcançou diz o Poeta que a Gallia foy nomeada no mundo com os Cesareos triumphos.

Que do Sequana, & Rhodano he regada. E do Garumna frio, & Rheno fundo. Saõ rios que passaõ por França. Sequana chamado Seyne, sahe de huns montes chamados Sequani, & Vegeso em Borgonha passa por terra dos Senones, que hoje se chamaõ Sens, donde parece tomar o nome: passa tambẽ pela Cidade de Paris. Rhodano chamado Rhosne, nace nos Alpes, & faz o Lago que dizem Losana, a cuja ribeyra està Genova. Garumna saye dos montes Pyreneos, passa por Tholosa, Viena, Bordeaux, & he muyto grande. Rheno he o rio Rhin de que trattey atràs neste canto, oytava 11.

Logo os montes, &c. Entende os montes Pyreneos, que dividem França de Hespanha, os quaes como dizem os Poetas foraõ chamados assim de huma donzella chamada Pyrene, que Hercules deshonrou, à qual mattàraõ humas bestas feras em humas montanhas onde elle a deyxou. E porque esta moça alli foy sepultada, se chamàraõ Pyreneos, como aqui diz o Poeta. Outros querem que se chamasse assim de huma fabula, que destas serras Diodoro Siculo, & outros contaõ, que no anno de 880. antes do Nascimento de Christo Nosso Senhor arderaõ em tal maneyra, que o fogo foy visto quasi de todas as partes de Hespanha, & de muyta parte de França: aonde acrecentaõ que a grande quentura do fogo penetrou as entranhas da terra, & derreteo as veas, & minas della de maneyra, que correraõ grandes rios de prata, & ouro, donde se fizeraõ ricas muytas nações: & que daqui de pyr, que em Grego quer dizer fogo, se chamaõ estes montes Pyreneos, como aqui tambem aponta o Poeta. Plinio lib.3. c.1. tem isto por fabula. Dos Pyreneos, & sua Descripçaõ tratta Garibay lib.5. c.15. pag.122. largamente, onde poem esta fabula.

17

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo senhorio, & gloria estranha
Muytas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà com força, ou manha
A fortuna inquieta porlhe nóda,
Que lha naõ tire o esforço, & ousadia
Dos bellicosos peytos, que em si cria.

Eis aqui, &c. Hespanha he Provincia de Europa, da qual os Geographos começão suas Descripções, por ser a principal de toda ella em todas as cousas como todos affirmaõ. Estrabão lhe dá figura de corno de vaca, ao qual seguem todos os Modernos. He rodeada de mar por todas as partes, salvo do Oriente, aonde os Pyreneos a dividem de França. Divide-se Hespanha toda em tres Provincias, Bethica, Lusitania, & Tarraconense. A Tarraconense (chamada assim de huma Cidade de Tarragona sua Metropoli) tem estes Reynos: Murcia, Valença, Aragão, Catalunha, Lião chamado Castella a velha, Toledo, Navarra, Galiza, Asturias, Biscaya, & Guipuscoa, Bethica (dita assim do rio Bethis que por ella passa, chamado vulgar-

mente Guadalquibir, a qual palavra he Arabiga, & quer na nossa lingua dizer rio grande) chama-se Andaluzia, o qual nome tomou dos Vandalos, que a senhoreârão, & chamando-se primeyro Vandalia, se veyo a chamar Andaluzia corrupto o vocabulo. Tem esta Provincia estes Reynos, Sevilha, Cordova, Granada, & Jaem. Lusitania [que agora chamamos Portugal] dizse assim de Luso, ou Lysa companheyros de Bacho, ou filhos como alguns o querem: os quaes aportando a esta terra, fizerão nella seu assento, & como a governárão, & forão senhores della, de seus nomes se chamou Lusitania Lysitania, hoje se chama Portugal, ainda que não tem todas as terras, que a antigua Lusitania tinha, tem outras muytas, que não erão da Lusitania: verdade he que tem hoje os Reys de Portugal o melhor da Lusitania antigua. Deyxadas as Descripções da antigua Lusitania, se póde o nosso Portugal partir em quatro Provincias: Transtagana, a que chamamos Alentejo, a qual parte comprende os campos de Ourique, & Algarves aquem mar. Estremadura, na qual está Lisboa, Santarem, Coimbra, Abrantes, & outros muytos lugares. Interamnis, chamada hoje Entre Douro, & Minho, terra muyto fresca, & abundante, na qual está a Cidade de Braga, Porto, & outros muytos lugares. Transmontana, Trás os montes, aonde esta a Cidade de Bragança, cabeça do Ducado de Bragança, & outros lugares: & este he o Reyno de Portugal, o qual sempre andou annexo a Hespanha, como parte sua, até que Dom Affonso o sexto Rey de Hespanha de alcunha o Bravo, que tomou Toledo aos Mouros, querendo satisfazer aos serviços, & ajudas, que o Conde Dom Henrique lhe tinha dado, casandoo com sua filha Dona Tareza, lhe deu em dote todas as terras, que naquelle tempo erão tomadas aos Mouros nesta parte de Lusitania, que agora he Reyno de Portugal, com todas as mais, que elle podesse conquistar. Da origem desta palavra Portugal se veja a nossa annotação neste canto, oytava 20.

Muytas voltas tem dado a fatal roda. Isto diz pelas grandes mudanças que houve nos Reynos de Hespanha por muytos annos: porque a sugeytárão Suevos, Alanos, Vandalos, Romanos, & Godos, havendo entre elles grandes guerras sobre ella: como contão as Historias de Hespanha, & se póde ver largamente em Garibai no seu Compendio Historial lib. 5. 6. & 7. Nas quaes voltas andou até que ultimamente por ordem, & conselho de Julião Conde de Ceuta, foy entrada, & destruhida quasi toda dos Mouros, no anno do Nascimento de Christo Nosso Senhor de 714. sendo Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godos. E não ficárão por sugeytar, se não alguns poucos Christãos, que se recolherão, fugindo desta praga para as terras das Asturias, & Biscaya: os quaes estando já para se entregar aos Mouros, forão estorvados por conselho de hum Fidalgo Biscainho chamado Pelayo de nação Hespanhol: ainda que alguns o fazem da familia, & casa dos Godos: o qual aquelles poucos Hespanhoes que por aquellas serras estavão, o levantârão por Rey no anno de 716. Este teve muytas vittorias dos Mouros, tomando-lhe muytos lugares, & desbaratandoos muytas vezes, que foy principio de serem lançados de Hespanha.

A fortuna inquieta porlhe noda. Elegantissimamente declarou a natureza da fortuna, chamandolhe inquieta, porque não sabe estar queda, & firme em hum lugar. Os Poetas a pintão em figura de molher sem olhos, sobre huma bola, para mostrar sua inconstancia, & inquietação, & quaõ cega, & desatinadamente se ha na repartição das cousas, dando sempre pela mayor parte tudo aos que não merecem nada: pelo que lhe chamou Seneca tragico, inimiga dos bons.

O fortuna viris invida fortibus,
Quam non æqua bonis præmia dividis?

O fortuna invejosa aos homens esforçados, quão mal repartes teus premios pelos bons. Disto, a que os homens chamão Fortuna estão cheyos os livros dos Philosophos, & Poetas, veja-se a nossa annotação no primeyro canto, oytava 44.

18

Com Tingitania entesta, & alli parece,
Que quer fechar o mar Mediterrano
Onde o sabido Estreyto se ennobrece
Com o extremo trabalho do Thebano:
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, & tal valor,
Que qualquer dellas cuyda, que he melhor,

Com Tingitania entesta. Mostra como defronte de Hespanha está a Provincia Tingitana, chamada assim de Tingi Cidade sugeyta aos Reys de Portugal por nome Tangere. Esta Provincia comprende os Reynos de Fez, & Marrocos: commummente se chama esta terra Berberia.

Alli parece que quer fechar o mar Mediterrano. Este mar aparta Europa de Africa. Tem entre os Autores outros muytos nomes, porque se chama *Mare magnum, Mare internum, Mare nostrum, Mare Thyrrenum, Mare Hesperium*; que quer dizer, Mar grande, Mar de dentro, Mar nosso, Mar Thoscano, & Mar de Italia. Chamaõ-lhe tambem os Hespanhoes Mar de Levante. Tem além destes outros nomes conforme aos lugares por onde passa.

Onde o sabido estreyto se ennobrece Com o extremo trabalho do Thebano. O sabido estreyto he o de Gibaltar assás conhecido, a que chamão os Latinos *fretum Gaditanum*, *& fretum Herculeum*, estreyto de Cadix pela Cidade Cadix que nelle está: & estreyto de Hercules, porque dizem as fabulas, que depois de Hercules haver peregrinado pelo mundo,

alme-

alimpandoo de varios monstros que nella havia, aportou aonde agora he Gibaltar, & estando alli huma serra muyto grande, a partio pelo meyo, & fez, que o mar fizesse seu curso pelo meyo della, como hoje faz dividida a serra em duas partes, huma chamada Calpe, & outra Abyla, a qual os Autores chamão Alyba, que quer dizer columna, porque Hercules poz em cada huma destas serras huma columna, como termino, & fim de seus trabalhos: as quaes columnas andão hoje nas armas dos Reys de Castella. Na serra Calpe està hoje Gibaltar, & na Abyla Ceuta: esta he a razão, porque os Autores chamão estes dous montes as columnas de Hercules.

O graõ Thebano. He Hercules chamado assim da Cidade de Thebas donde elle foy natural. A verdade he que Hercules terciodecimo Rey de Hespanha esta enterrado em Cadix, o qual foy Excellentissimo Rey: pelo que foy tido por Deos, assim dos Hespanhoes como dos Africanos. Depois deste houve muytos que à sua imitação se chamáraõ Hercules. O ultimo foy este de Thebas, de que o Poeta aqui fala, ao qual attribue a cavallaria, & esforço que este primeyro Hercules teve. Esta he a razão porque este estreyto se chama tambem Herculeo, o mais he fingimento Poetico, lea-se Garibai no seu Compendio lib. 4. c. 15.

Com as nações differentes se engrandece. Isto diz pelas differentes nações que tem Hespanha, como atrás fica dito.

19

Tem o Tarragonez, que se fez claro,
Sugeytando Partènope inquieta,
O Navarro as Asturias, que reparo
Já foraõ, contra a gente Mahometa:
Tem o Galego cauto, & o grande, & raro
Castelhano, a quem fez o seu Planeta
Restituidor de Espanha, & senhor della,
Bethis, Leaõ, Granada, com Castella.

Tem o Tarragonez, que se fez claro. De Tarragona se veja a nossa annotação neste canto, oytava 17. Aqui Tarragonez se entende sómente o morador do Reyno Aragão, pelo que aqui tratta: porque El-Rey Dom Affonso de Aragão sogeytou Napoles, a qual foy chamada antiguamente Partenope, como a chama aqui o nosso Luis de Camões. Os poetas contão que Partenope foy huma das Sereas, que não podendo com seu canto destruir a Ulysses, & sua armada, tomadas disso se lançàraõ de hum rochedo no mar aonde morrerão, & huma dellas chamada Partenope foy dar a huma parte aonde foy enterrada, & edificado ahi hum lugar que se chamou Partenope de seu nome. E porque estes fundadores de Partenope se hião esquecendo de sua natureza, & desemparavão a Cidade, & Comarca de Cumas, aonde elles alli vierão, por lhe contentar muyto aquelle sitio de terra, foy publicamente mandado, que a Cidade fosse destruida, & os que nella moravão se tornassem para Cumas. Mas socedeulhe mal este negocio, porque subitamente lhe sobreveyo grande peste, consultando o Oraculo respondeulhe, que tornassem a Cidade Partenope a seu primeyro estado, & que desta maneyra cessaria a peste, o que elles fizerão logo por se livrar de hum mal tão grande, & dahi foy chamada Napoles, que quer dizer nova Cidade, porque novamente foy edificada por mandado do Oraculo.

Sugeytando Partenope inquieta. Chama a Napoles inquieta pelas grandes revoltas que sobre ella houve, como conta Garibai no seu Compendio Historial lib. 32. c. 8. usque ad 18. no qual tratta como Dona Joanna Raynha de Napoles perfilhou a Dom Affonso Quinto, & ultimo deste nome dos Reys de Aragaõ de alcunha o Magnanimo, mas esta amizade durou pouco, & depois houve trabalhos atè que El-Rey Dom Fernando 19. de Aragão, & 20. de Castella a sogeytou até hoje.

O Navarro, as Asturias, que reparo lá foraõ contra a gente Mahometa. Das terras das Asturias, & Navarra, se tornou a recuperar Hespanha por hum Fidalgo chamado Pelayo, que pelo grande amor, & affeyção que lhe os povos Espanhoes, que entaõ havia, tiverão, levantàraõ por Rey, & chamàraõ por Dom. Palavra que até estes nossos tempos dura entre Reys, & outros senhores de Hespanha, a qual palavra, Dom, he dirivada da palavra Latina *Dominus*, que quer dizer, Senhor: & porque por conselho deste nobre Cavalheyro receberão os Espanhoes algum refrigerio, & se tornàraõ a alar, & cobrar esforço, & debayxo de sua bandeyra lhe fez Deos muytas merces, lhe puserão este tão amoroso, & honrado titulo de Dom, não se chamando antes mais que Pelayo.

Bethis, Leaõ, Granada, com Castella. Pela Descripção de Hespanha, que atrás pus, se entenderá este verso, que tratta de alguns Reynos de Castella, como he o de Andaluzia, que se entende por Bethis, porque assim chamão os Letinos ao rio Guadalquibir que por elle passa.

20

Eis aqui quasi cume da cabeça
De Europa toda, o Reyno Lusitano,
Onde a terra se acaba, & o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano:
Esta quiz o Ceo justo, que floreça
Nas armas, contra o torpe Mauritano,
Deytandoo de si fòra, & là na ardente
Africa, estar quieto o não consente.

Eis aqui quasi cume da cabeça De Europa todo o Reyno Lusitano. Aqui tratta de Portugal, cuja Descripção se póde ver atrás, oytava 17. aonde trattey do que agora he propriamente Portugal, pelos

mais

mais claros nomes que eu pude. Quanto â origem deste nome Portugal, todos os homens Doutos (principalmente os nossos Portuguezes, que procurârão tirar a limpo a verdade da origem da sua patria) concordão nisto, & he, que antiguamente houve na foz do rio Douro, em hum alto, que pende sobre o rio, hum lugarinho por nome Calé, no qual vivia alguma gente pobre, principalmente pescadores: & como estes vivessem trabalhosamente naquelle lugar por causa da ruim serventia que tinhão no hir, & vir do rio, onde principalmente trattavão: começáraõ de se recolher para a praya, a qual chamávaõ porto, & edificar alli algumas casas, para fugir do mao trattamento que em Calé passávaõ. Creceo a gente, & crecerão os edificios de maneyra, que se veyo a fazer Cidade, á qual chamáraõ porto de Calé, do nome do lugar Calé, & do porto que era na praya. E porque estas duas letras C. & G. em muytas Linguas se poem huma por outra muytas vezes: o que acontece em outras palavras, soccedeo nesta; que de Portocale se veyo chamar á Cidade Portogale: & porque o Porto era das mais antiguas Cidades, & de mayor concurso de todas, as que naquelle tempo havia no Reyno de seu nome Portogale se chamou o Reyno Portugal: & não por ser porto de Franceses, como alguns querem. Esta opiniao tem o nosso André de Resende, Osorio, Duarte Galvão, & outros, & que estivesse antiguamente o lugar Calé, de que falâmos no lugar acima dito, affirma Ortelio na sua Synonimia Geographica, na palavra Calé: aonde refere o Emperador Antonino, que a situa na mesma parte. Novamente o Padre Doutor Frey Bernardo de Britto na sua Descripção de Portugal, lib. 1. pag. 67. lhe dá outra etymologia, he livro que todos os curiosos devem ter, alli se póde ver.

Onde a terra acaba, & o mar começa. Este Reyno de Portugal está no fim da terra contra o Occidente, como he notorio, & aqui se estende o mar por todo o Universo.

E onde Phebo repousa no Oceano. Por estes termos mostra estar Portugal nas partes do Occidente.

21

Esta he a ditosa patria minha amada,
A qual, se o Ceo me dà q̃ eu sem perigo
Torne com esta empresa jâ acabada,
Acabe se esta luz alli comigo:
Esta foy Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Bacco antigo,
Filhos forão, parece, ou companheyros,
E nelle então os Incolas primeyros.

Acabese esta luz alli comigo. Termo Poetico, & muyto usado tomarse esta palavra luz entre os Latinos pela vida, como aqui toma o Poeta.

Esta foy Lusitania. No canto primeyro, oytava 37. & 56. disse como o nosso Portugal se chama entre os Latinos Lusitania, do nome Luso, & Lysa companheyros de Baccho, alli se póde ver, & o nosso Poeta o diz na oytava seguinte: outros querem, que se chamasse esta terra assim de Luso decimo nono Rey de Hespanha, vejase Garibai no seu compendio lib. 4. cap. 21.

22

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vè, q̃ de homem forte os feytos teve,
Cuja fama, ninguem virà, que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve:
Esta o velho, que os filhos propios come,
Por decreto do Ceo, ligeyro, & leve,
Veyo a fazer no mundo tanta parte,
Criando o Reyno illustre, & foy desta arte.

Desta o Pastor naceo. Como fica dito não tem agora o nosso Portugal todas as terras, que a Lusitania antigua tinha, & nos termos outras muytas novamente assinadas a Portugal, que não erão contadas na Lusitania. Entre outras Cidades que tinha a antigua Lusitania, huma era Samora, situada nas ribeyras do rio Douro, da qual dizem foy natural o grande Viriato, que foy Capitão General dos Lusitanos, outros o fazem natural da Beyra não lhe assignando lugar de sua natureza: huns, & outros procedem nesta materia muyto escuramente: pelo que a certeza que eu acho neste particular, he não haver outra se não a carga cerrada dizer, que foy Lusitano, como todos os Historiadores o fazem, pelo modo acima ditto. Antes deste Viriato settenta annos pouco mais, ou menos houve outro Varão illustre, a que alguns fazem Rey no tempo de Annibal, que o acompanhou a Italia, & morreo na guerra de Cannas como refere o nosso Resende lib. 3. onde declara hum lugar de Silio Italico a este proposito. Quatorze annos perseguio este Viriato (de que fallamos) os Romanos, & deu assâs em que entender, & déra mais, se o não matàraõ á treyção dous soldados seus, principaes de seu exercito: dos quaes se fiava, & se servia nas occasiões de importancia, induzidos, & subornados por Servilio Cepião Capitão dos Romanos, com que então Viriato trazia guerra, com o qual elles trattavão pazes por mandado de Viriato. Este diz o nosso Poeta que foy pastor, no que segue a Paulo Orosio, outros muytos o fazem salteador de caminhos, & aqui Capitão dos Lusitanos. Lucio Floro o faz primeyro caçador, & depois Capitão. Quanto a mim, pelo que entendo das Historias, Viriato devia ser salteador de Romanos, porque andava levantado contra elles em companhia de outros Lusitanos; cujo nome veyo em tanto crecimento (pelo estrago que nos Romanos fazia, o qual durou por muytos annos) que vendo os Lusitanos seu valor, & esforço, o fizerão Capitão General.

General. E não hâ paraque lhe chamem ladrão, pois não lemos que exercitasse tal officio, se não contra Romanos inimigos de sua Patria. E como os Romanos trattão delle em suas Historias, não he de espantar, daremlhe este nome, pois os trattava tão mal. Quer o nosso Poeta que se chame Viriato a *viribus*, ou a *virtute* por seu esforço, & cavallaria, no canto oytavo, oytava 6. tratta delle mais largamente, & a nossa annotação no canto primeyro, oytava 26.

Està o velho que os filhos come. Pelo velho que come os filhos se entende Saturno filho do Ceo, & Vesta como diz Lactancio. Este Saturno fingem os Poetas, que comia todos os filhos que Ope sua molher paria: pelo que o fazem figura do tempo, o qual gasta tudo, & daqui o pintão com huma fouce na mão, para dar a entender que tudo cega, & consome o tempo, & isto he o que quiz o Poeta aqui mostrar, que o tempo, que gasta todas as cousas, & faz de novo apparecer outras, que nunca forão: veyo a fazer de Portugal (que era huma muyto pequena parte de Hespanha) Reyno, & tão illustre, & conhecido como agora por experiencia vemos.

23

Hum Rey por nome Affõso, foy na Espanha,
q̃ fez aos Sarracenos tãta guerra, (nha,
Que por armas sanguineas, força, & manha,
A muytos fez perder a vida, & terra:
Voando deste Rey a fama estranha,
Do Herculano Calpe à Caspia serra,
Muytos (para na guerra esclarecerse)
Vinhaõ a elle, & á morte offerecerse.

Hum Rey por nome Affonso foy na Hespanha. Este foy El-Rey Dom Affonso o sexto de Hespanha Emperador eleyto, o qual no anno de mil & oytenta & tres tomou a Cidade de Toledo aos Mouros. No tempo deste Rey fazião os Mouros grandes insultos em Espanha, & elle fez tanto estrago nelles, que suas cousas erão sabidas pelo mundo. Pelo que de differentes partes da Christandade concorrião muytos Senhores Christãos em sua ajuda, zelosos da defensaõ, & augmento da Fè Catholica, como se conta nas Chronicas de Hespanha largamente.

Que fez aos Sarracenos tanta guerra. Sarracenos saõ moradores de Arabia chamada Petrea, ou de seu primeyro fundador Petreo filho de Curete neto de Cham, ou por ser (como alguns querem) terra muyto aspera, & pedregosa, como eu ouvi a pessoas, que a virão, & andàraõ. E he isto tanto assim, que os animaes da terra se sustentão do orvalho, que cae por cima das pedras, lambendoas com a lingua, provendoos a natureza deste remedio pela falta de herva, que não tem, & saõ fermosissimos de gordos. Esta Arabia Petrea confina com Judèa. Nesta forão os Ismaelitas, Agarenos, Moabitas, & Ammonitas, de que a Sagrada Escrittura faz menção. Aqui està o monte Sinay aonde està o corpo da Bemaventurada Santa Catherina. Nesta parte morou Esau neto de Abraham, & filho de Isaac. Daqui os Arabes, que chamamos Alarves corrupto o vocabulo se chamão Sarracenos, & se jactão muyto deste nome, dizendo, que procedem de Sara molher de Abraham, pelo que esta palavra se deve escrever com hum sò r. E porque no anno do Senhor de 999. passàraõ estes Arabes á Africa com suas casas, & familia, & andando ò tempo vierão a ser senhores de muyta parte della. Daqui chamàmos aos moradores de Africa Sarracenos, sendo nome proprio dos Alarves, dos quaes hoje em dia ha grande abundancia em Africa. Chamaõse tambem Agarenos de Agar escrava de Abraham, cujo filho Ismael foy Rey em Egypto, & senhor de muyta parte de Africa: pela qual rezão lhe chama o Poeta muytas vezes neste livro netos de Agar, & descendentes de Agar. Chamamos hoje a esta gente Mouros, palavra antiquissima, cuja origem quanto a mim he de Mauron, palavra Grega que significa cousa negra, porque elles o saõ todos pela mayor parte. Vejase Francisco del Marmol Caruajal na sua Africa 1. p. lib. 1. c. 18. & nòs trattámos atràs no canto 1. oytava. 8.

Do Herculano Calpe à Caspia serra. No anno de 712. como consta das Historias foy entrada Hespanha pelos Mouros de Africa, com ajuda de Julião Conde de Ceuta. E porque passàraõ em Gibaltar chamàraõ ao monte de Gibaltar Jobel perot, que quer dizer, monte de vittoria, porque dalli começàraõ a ganhar a terra. Este monte se chamava antes Calpe, & assim lhe chamão hoje os Historiadores, & Poetas. Tem por epitheto Herculano como fica dito oytava 18. Por este termo de falar entende desde o estreyto de Gibaltar, que he no fim de Hespanha, até a gente que mora ao longo da serra Caspia na Asia, como se dissera, que por todas as terras do mundo forão sabidas as cousas, que El-Rey Dom Affonso fazia em Hespanha contra os Mouros inimigos da nossa Santa Fé Catholica.

24

E Com amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Eraõ de varias terras conduzidos,
Deyxando a patria amada, & proprios lares:
Depois que em feytos altos, & subidos
Se mostràraõ nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes,
Levassem premio digno, & dões iguaes.

E com hum amor intrinseco. Lugar he este bem digno de consideração ver a volta, que o mundo tem dado, & a Metamorphosi, que se ha feyto na gente, em que principalmente florecia a Christandade, & que mais se assinalava, & esmerava no serviço

viço de Deos: que hoje por nossos peccados està em hum tão triste,& perdido estado:& que aquelles que com tanta lealdade,& zelo da Fé de Christo deyxávaõ suas patrias,amigos,& fazendas,tendo tudo o que ha na terra em pouco, & não lhe lembrando outra cousa,se não a honra de Deos,& augmento,& exaltação de sua Santissima Fé,hoje sejão os mayores inimigos que temos, & que trattem, & se ajudem daquelles, que sempre andáraõ com a espada na mão contra os Christãos.

25

DEstes, Henrique dizem, que segundo
Filho d'hũ Rey de Ungria exprimẽtado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Entaõ não era illustre, nem prezado:
E para mais sinal de amor profundo.
Quiz o Rey castelhano, que casado
Com Theresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Destes Henrique dizem. Sobre a patria, & origem do Excellentissimo Principe Dom Henrique Conde de Portugal,& primeyro fundador da casa Real destes Reynos ha entre os Autores differentes opiniões: porque huns o fazem do tronco dos Emperadores de Constantinopla,& a esta parte se inclinão mais os Castelhanos: outros dizem, que foy filho segundo de hum Rey de Ungria, os quaes segue aqui o nosso Camões, outros dizem proceder da casa de Lotharingia chamada agora Lorena,& esta opiniaõ pareceo melhor a Garibay no seu Compendio lib.34. c.2.no que segue a Vaseo,& outros que procuráraõ tirar isto a luz,& sabello de raiz. A mesma opinião tem o Autor da Chronica d'El-Rey Dom Manoel,4.p.c.72. Novamente imprimio o Doutor Duarte Nunes de Leaõ huma Genealogia dos Reys de Portugal, aonde o faz natural da Cidade Bezançon do Condado de Borgonha,filho de Guido Conde de Vernol. Eu em cousa tão duvidosa não tenho que affirmar, cada hum siga o que lhe parecer.

Portugal ouve em sorte. Este Conde Dom Henrique sahio de sua patria com proposito de servir a Deos contra infieis,em companhia de outros cavalheyros, o qual aportando a estas partes ajudou com tanto esforço, & fidelidade a El-Rey Dom Affonso o Sexto Emperador de Hespanha, em muytas occasiões que se offrecerão, & El-Rey o estimava muyto. Pelo que assim por suas partes tão excellentes, & cousas dignas de memoria que na guerra fez, como por ser de sangue tão illustre o casou com huma sua filha, por nome Dona Taresa, com a qual lhe deu em dote muytas terras em Galiza, & o que possuhia em Portugal,que era Coimbra, Lamego, Viseu, a Comarca da Beyra, o Porto, Braga, Guimarães, com as terras de entre Douro, & Minho: & aquella parte que os Portuguezes chamão Trás os Montes, & juntamente direyto para conquistar tudo o mais que os Mouros occupàvaõ da Lusitania. Garibay no lugar allegado poem tambem algumas condições,& obrigações que El-Rey Dom Affonso poz ao Conde Dom Henrique nas terras, & titulo, que lhe deu. Como este Conde Dom Henrique haja vindo a estas partes ha entre os Historiadores differentes opiniões, o que se conta por mais certo he, que passando elle em huma armada, que hia de Olanda, & Zelanda à Conquista de ultra mar, veyo ter a Corunha, & dalli ficou em Hespanha em serviço d'El-Rey Dom Affonso.

26

ESte depois que contra os descendentes
Da escrava Agar vitorias grãdes teve,
Ganhando muytas terras adejacentes,
Fazendo, o que a seu forte peyto deve:
Em premio destes feytos excellentes,
Deolhe o supremo Deos em tempo breve,
Hum filho, que illustrasse o nome ufano,
Do bellicoso Reyno Lusitano.

Contra os descendentes da Escrava Agar. Os decendentes de Agar saõ os Mouros, como fica dito atrás. Contra estes depois de ter o titulo de Conde de Portugal,& ser senhor delle,fez grandes cousas o nosso Conde Dom Henrique, & lhe tomou muytos lugares à força de armas, como aqui aponta o nosso Poeta.

Deulhe o Supremo Deos em tempo breve hum filho. Este foy o felicissimo Dom Affonso Henriques,primeyro Rey destes Reynos, o qual nasceo em Guimarães no anno de 1094. & bem se mostra pelo modo de seu nascimento,& do que Deos Nosso Senhor nelle obrou, as merces, que ao diante lhe determinava fazer. Contão os nossos Chronistas que foy o nascimento d'El-Rey Dom Affonso estranho,porque àlem de nascer muyto grande, nasceo com os pés ligados, & attados para trás,do que seus Pays ficáraõ muyto enfadados. Puseraõlhe na pia por nome Affonso, do nome de seu avó Dom Affonso Emperador de Hespanha,& do nome do pay Dom Henrique,o sobre nome Henriques. Acrecentão os nossos Historiadores, que pedindo continuamente a Deos os Condes desse saude a seu filho primogenito,& o sarasse daquella fealdade,tomando por intercessora a gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora, lhe foy revelado fosse a huma Igreja,que estava em hum lugar chamado Carquere ao longo do rio Douro que está duas leguas de Lamego, onde a mesma Senhora havia aparecido, & que levado o minino là no anno de 1099. sendo jà de idade de cinco annos(anno sinalado em que os Principes Occidentaes havião ganhado aos infieis a Sãta Casa de Jerusalem,& aclamado por Rey della a Gofredo de Bulhão)foy são

daquella

daquella sua fealdade, & indisposição,querendoo Nosso Senhor soltar, & dispor para exaltação, & augmento de sua Santa Fè. Os Condes agradecidos, & lembrados de huma tão grande merce, como Nossa Senhora lhe fizera em lhe dar saude a seu filho, mandáraõ logo que se acabasse de edificar aquella Casa, aonde a Senhora havia aparecido,porque não estava mais que começada. Depois se fez hum Mosteyro, onde estiverão Religiosos da Ordem do Bemaventurado Santo Agostinho,& hoje estão Padres da Companhia de Jesus.

27

JA' tinha vindo Henrique da conquista
Da Cidade Hiero so solyma sagrada,
E do Jordaõ a area tinha vista;
Que vio de Deos a carne em si lavada:
Que não tendo Gotfredo, a quem resista,
Depois de ter Judéa sobjugada,
Muytos, que nestas guerras o ajudàraõ
Para seus senhorios se tornàrão.

Iâ tinha vindo Henrique da Conquista Da Cidade Hierosolyma sagrada. Hierosolyma he a Cidade de Hierusalem a principal, não sómente de Judea, mas de todo o mundo,tão conhecida,& celebrada pelas Escritturas Sagradas.Senhora dos Gentios, Princesa de todas as outras, morada dos Patriarchas, Mãy dos Prophetas, & Apostolos,principio de nossa Fé,gloria do povo Christão,terra de promissaõ, a qual antiguamente deu com tanta abundancia todas as cousas a seus moradores, agora dá a todo o genero humano remedio para se poder salvar, & viver eternamente, pois nos ensina os Heroycos feytos, vida, & successos de nossa redempção. Os Turcos, & mais inimigos de nossa Santa Fé lhe chamão cods Baruch, que quer dizer lugar de benção, pela grande abundancia de todas as cousas,& excellencia da terra.Esta Cidade teve grandes combates,& foy por vezes destruhida. Primeyramente a destruhio Vespasiano Tito,no anno deChristo nosso Senhor de settenta & tres, depois no anno de cento & trinta & seis foy restaurada por Elio Emperador, & de seu nome chamada Elia Destruhiraõna depois os Sarracenos,& gente do Soldão do Egypto,os quaes nenhuma cousa deyxáraõ, salvo o Sepulchro de Christo Nosso Senhor, & este para com elle ganharem, & mercancearem com os Christãos. Os quaes visto isto fizerão liga entre si, ajuntando hum poderoso exercito de mais de quinhentos mil homens, no anno de 1097. de Francefes, Hespanhoes,& Escocezes,Inglezes, Flamengos,Olãdeses, & Lotharingios, entre os quaes repartidos os exercitos, & feytos Capitães, hum delles foy Gofredo (a que outros chamão Godufre de Bulhaõ) de que aqui o Poeta fala. Estes ganhàraõ a Hierusalem no anno de mil & noventa & nove, ainda que nesta conta ha variedade entre os Autores. Depois que se ganhou esta Cidade ficou Gofredo com titulo de Governador,como alguns dizem,não querendo aceytar o de Rey,como bom companheyro,& Capitão.No qual cargo não durou mais que hum anno, porque morreo de doença. Succedeolhe Baldovino seu irmão com titulo de Rey. Depois se perdeo,& a ganhou por vezes, & ultimamente a occupão os Turcos, os quaes a tomáraõ no anno do Senhor de mil quinhentos & dezasete. Esta hida de Hierusalem de que o Poeta aqui fala, que fez o nosso Conde Dom Henrique, foy no anno de mil cento & tres,assim com proposito de ajudar os Principes Catholicos Occidentaes na conquista do Oriente, como tambem por visitar os Santos Lugares da Terra Santa. Alem destas occasiões tinha outra, que era ver alguns parentes, & conhecidos seus, que naquellas partes andavão em continuas guerras com os infieis,para os ajudar nellas como bom parente, & Christão. O tempo que lá esteve, sempre se occupou em guerras contra infiéis, finalando-se muyto entre todos os outros Principes que lá estavão. Depois que visitou aquelles sagrados lugares, & alcançou muytas reliquias delles, despedido de seus parentes,& amigos,se tornou a Espanha,aonde adoeceo de hũa infirmidade de q̃ morreo, em Galiza na Cidade de Astorga, a qual Cidade tinha tomado a seu primo Dom Affonso de Castella, chamado Emperador. Foy seu corpo levado a Braga,& enterrado na Igreja mayor intitulada de Santa Maria.

E do Iordaõ a area tinha visto. O rio Jordão,como diz o Bemaventurado S.Hieronymo, ao qual todos seguem nisto,nace ao pé do monte Libano, de duas fontes,huma chamada Jor,& outra Dam,das quaes ambas juntas em hum corpo se faz o rio Jordão. Neste rio foy baptizado Christo Nosso Senhor, como diz a Escritura Sagrada em muytos lugares,& o nosso Poeta aqui.

28

QUando chegando ao fim de sua idade
O forte, & famoso Ungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tanta mocidade,
Em quem o pay deyxava seu treslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pay, tal filho se esperava.

Quando chegado ao fim de sua idade. Escrevem mais os nossos Chronistas deste felicissimo Conde Dom Henrique, que estando no fim de sua vida, & entendendo chegarse o tempo de sua morte,mandou fosse diante delle seu primogenito filho Dom Affonso Henriques, o qual estava em Guimarães. E como pay Catholico, & verdadeyro, lhe aconselhou, o que lhe importava para servir a Deos, & governar

governar bem seus subditos, encommendandolhe sobre tudo o augmento da Fé Catholica, & o bom trattamento dos seus, regendoos com justiça, & benignidade.

29

MAs o velho rumor naõ, sey se errado
(Que em tãta antiguidade naõ ha certeza)
Conta, q a mãy tomãdo todo o estado,
Do segundo Hymeneo naõ se despreza:
O filho orfaõ deyxava desherdado,
Dizendo, que das terras a grandeza,
E o senhorio todo sô seu era,
Porque para casar seu pay lhas dera.

Mas o velho rumor naõ sey se errado. Contaõ os nossos Chronistas, & alguns Castelhanos, como Garibay no seu Compendio, que a Condessa Dona Taresa molher do Conde Dom Henrique que se casou segunda vez depois da morte de seu marido com hum Fidalgo Castelhano, por nome Dom Fernando. O que foy causa para pretender desherdar a seu filho Dom Affonso Henriques, dizendo pretencerem as terras de Portugal a ella, & não a seu filho, pois lhas dera seu pay em dote, quando a casou com o Conde Dom Henrique. Esta opinião segue aqui o Poeta, mas com huma salva, que he dizer que póde ser mentira, por ser negocio tão antiguo, & nas cousas antiguas haver tanta incerteza, & duvida. Alguns Varões Doutos tem estas cousas que se dizem da Condessa Dona Tareza por fabulosas, & que nunca tal socedeo: nem Dona Tareza casarse segunda vez, nem seu filho Dom Affonso Henriques prendella, o que me a mim tambem parece conforme a razão, nem se pòde crer, que huma tal senhora, & que sempre fez o que devia, se desmanchasse tanto contra o decoro de sua pessoa, & virtude.

Do segundo Hymeneo. Himineo entre os Antigos era o Deos das bodas, & padrinho dos desposados: pelo que se toma entre os Poetas tambem pelas mesmas bodas, como o Poeta aqui o toma.

30

MAs o Principe Affonso, que desta arte
Se chama, do Avo tomando o nome,
Vendose em suas terras naõ ter parte,
Que a mãy, com seu marido as mãda, & come!
Fervendolhe no peito o duro Marte,
Imagina consigo como as tome,
Revolvidas as cousas no conceyto,
Ao proposito firme segue o effeyto.

Mas o Principe Affonso. Continua o Poeta com a ordem dos nossos Historiadores, contando o que succedeo entre o Principe Dom Affonso Henriques, & sua mãy dona Tareza, depois que se casou segunda vez, inda que (como fica dito) não tem estas cousas por certas. Eu tambem, ainda que sou de outro parecer, como disse na oytava passada, não posso escusar de declarar o que o Poeta vay contando, pois meu intento he declarar este livro. Este Dom Fernando com quem se casou (segundo dizem) a Condessa Dona Tareza era hum Senhor grande, & dos principaes de Castella, & a primeyra pessoa della depois d'El Rey, pelo que se levantou contra o Principe quasi todo o Reyno. O Principe vendo tão grande sem razão, poz se em armas, & tomou a sua mãy dous Castellos junto â Cidade do Porto, hum chamado da Feyra, & outro de Neiva; dos quaes fez tanta guerra a seu padrasto, que o lançou de todo o Reyno, & prendeo a mãy no campo de Guimarães, como largamente se conta na Historia do Principe Dom Affonso Henriques, & o nosso Poeta aqui, & Garibay no seu Compendio lib. 34. c. 8.

31

DE Guimarães o campo se tingia,
Co o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãy, que taõ pouco o parecia,
A seu filho negava o amor, & a terra:
Com elle posta em campo jà se via,
E naõ ve a soberba o muyto que erra,
Contra Deos, contra o maternal amor
Mas nella o sensual era mayor.

Mas nella o sensual era mayor. Não pode deyxar de me parecer mal, em cousa tão duvidosa trattar tanto de proposito, como aqui o Poeta tratta, & trattão outras Historias da honra de huma Senhora, tronco, & fonte dos Reys desta nossa terra. E pois o Poeta fala no principio desta materia como de cousa incerta, & muytos o tem por fabulosa. O milhor fora, ou dissimulalo de todo, ou falar por termos mais honestos.

32

O Progne crua, ó magica Medea,
Se em vossos proprios filhos vos vingais,
Da maldade dos pays, da culpa alhea,
Olhay que inda Theresa pecca mais:
Incontinencia má, cobiça fea,
Saõ as causas deste erro principais;
Scylla por huma mata o velho pay,
Esta por ambas, contra o filho vay.

O Progne crua, ó magica Medea. Compára o Poeta a Raynha Dona Tareza a duas molheres que os Poetas fingem crueis. Progne que matou seu filho, & o deu a comer a Tereo seu pay, & Medea que por amor de Yasõ matou seu irmão, & hindo fugindo de seu pay, lho hia lançando pelo cami-

nho

nho em pedaços, para que desta maneyra tivesse tempo para fugir. A fabula de Progne, & Medea se póde ver nas Metamorphoses de Ovidio liv. 6. & 7. Chama o Poeta à Medea magica, que quer dizer feyticeyra, porque o foy grandissima como a pintão todos os Poetas.

Scylla por huma mata o velho pay, esta por ambas contra o filho vay. Duas cousas diz o Poeta, moveraõ á Condessa hir contra seu filho Dom Affonso: sensualidade, & cobiça. Estes dous vicios a fizerão commetter huma falta tão grande, como era querer privar seu filho do Reyno, que por morte de seu pay lhe vinha por direyto. A qual Dona Tareza diz que foy ainda mais digna de culpa que Progne, que matou seu filho, & Medea que matou seu irmão. Progne tinha por si a sem razão, & afronta que Tereo fizera a sua irmã Philomela. Medea depois que se namorou de Yasõ, & lhe entregou o vello de ouro, via que achandoa seu pay a mataria, pelo que fez aquella crueldade de matar seu irmão, por escapar da morte: mas a Condessa nenhuma desculpa teve no seu erro. Scylla filha de Niso Rey dos Megarenses foy occasião da morte de seu pay por amor d'El-Rey Minos, a quem ella muyto queria. A esta cegou a incontinencia, & sensualidade, a Condessa além deste pecado tambem a cobiça, & desejo de reynar. A fabula de Scylla tratta Ovidio nas Metamorphoses lib. 8.

33

Mas já o Principe claro, o vencimento
Do padrasto, & da iniqua mãy levava,
Já lhe obedece a terra num momento,
Que primeyro contra elle pelejava:
Porèm vencido de ira o entendimento,
A mãy em ferros asperos atava,
Mas de Deos foy vingada em tempo breve,
Tanta veneraçaõ aos pays se deve.

Mas de Deos foy vingada em tempo breve. Contão as Historias que quando o Principe Dom Affonso prendeo a mãy, lhe lançou ella grandissimas maldições, pedindo a Deos que assim se visse com as suas pernas atadas, & quebradas como lhe elle atára as suas. O que dizem, que depois lhe aconteceo, que sendo já Rey sahindo por huma porta da Cidade de Badajoz na Estremadura, se lhe quebrou huma perna, & foy preso por El-Rey Dom Fernando de Aragão, como se tratta nas Historias do Reyno.

34

Eis se ajunta o soberbo Castelhano
Para vingar a injuria de Theresa,
Contra o taõ raro ingente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa:
Em batalha cruel o peyto humano,
Ajudado da Angelica defesa,
Naõ só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo afogenta.

Eis se ajunta o soberbo Castelhano. Vendo Dona Tareza como seu filho a tinha presa, & a não queria soltar, mandou secretamente avizar disto a El-Rey Dom Affonso de Castella chamado Emperador, a viesse livrar do poder de seu filho, & acodisse a tomar aquelle Reyno que era seu. Veyo El-Rey com grande poder, & ajuntàraõse em hum lugar, que se chama Valdevés, entre Monção, & Ponte de Lima, & foy o Emperador alli vencido, ficando ferido de duas lançadas: & vendo se neste estado se recolheo á Cidade de Toledo, temendo perdella com este desbarate. Forão presos nesta batalha sette Condes, & outros muytos Fidalgos, & Cavalleyros, & morreo muyta gente.

35

Naõ passa muyto tempo quando o forte
Principe em Guimarães está cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazerse o inimigo magoado:
Mas com se offerecer à dura morte,
O fiel Egas amo, foy livrado,
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Não passa muyto tempo. Estando El-Rey Dom Affonso de que atrás falámos em Toledo muyto sentido do desbarate que o Principe Dom Affonso Henriques lhe havia feyto, determinou fazerlhe guerra, & subitamente deu sobre elle em Guimarães, aonde o tomou desapercebido, & segundo as Historias dizem a pouco custo, o Principe, & a Villa se perderão se seu Ayo Egas Moniz o não remedeàra, o qual se sahio huma menhã ao arrayal d'El-Rey de Castella, só sem pessoa alguma, & depois de trattar muytas cousas se concertou com El-Rey, fazendo-lhe preyto, & omenagem de o cumprir, que o Principe o reconheceria por Senhor, & hiria âs suas Cortes, com que El-Rey ficou muyto satisfeyto, & levantou logo o cerco, como se conta na oytava seguinte.

36

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor naõ tinha resistencia,
Se vay ao Castelhano, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
D' Egas Moniz, mas naõ consente o peyto
Do moço illustre, a outrem ser sogeyto.

Do moço illustre, d-El-Rey Dom Affonso Henriques, o qual não tinha paciencia, quando soube parte do concerto, que seu Ayo Egas Moniz fizera com El-Rey de Castella, como conta o Poeta pelas oytavas seguintes.

37

CHegando tinha o praso prometido,
Em que o Rey Castelhano jà agradava,
Que o Princepe a seu mando sobmetido,
Lhe desse a obediencia, que esperava:
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuydava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal cumprida.

Chegado tinha o prazo. Quando o Principe vio o cerco levantado tão subitamente, ficou espantado, & sabida a causa por seu Ayo Egas Moniz, ficou muy triste, & soltou muytas palavras contra El-Rey de Castella. Vendo Egas Moniz a determinação do Principe, & que se chegava o prazo prometido, em que o Principe havia de hir dar sua obediencia a Castella: vendo-se afrontado, por o Principe não querer cumprir, o que elle ficàra com El-Rey, & como ficava tido em ruim conta entre os Castelhanos, foy-se diante d'El-Rey com sua molher, & filhos descalços, & despidos com baraços aos pescoços. Entràraõ desta maneyra pelos paços de Toledo, aonde estava El-Rey com muytos Fidalgos, & Cavalheyros, o qual o quisera logo mandar matar dizendo, que o enganàra, & fora causa de fazer o Principe Dom Affonso o que fazia: o que sem falta fizera, se os Fidalgos que estavão presentes o não desculpàraõ, & disserão a El-Rey, que Egas Moniz não tinha culpa, antes merecia favor, & era digno de louvor, em se vir daquelle modo diante de sua Alteza. Pelo que era razão serlhe levantada a omenagem que tinha dado pelo Principe, & desobrigalo da promessa que fizera. O que El-Rey logo fez pelo dito dos Fidalgos. Todas estas cousas tratta aqui o Poeta de modo, que se escusa ler as Chronicas do Reyno para este particular. Este Fidalgo Egas Moniz, de que o Poeta fala neste Canto, foy hum Fidalgo muyto esforçado, & de sangue nobilissimo, como se diz nas nossas Historias, & nós trattamos no canto primeyro oytava 12.

38

E Com seus filhos, & mulher se parte
Alevantar com elles a fiança,
Descalços, & despidos de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança:
Se pertendes, Rey alto, de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido
A te pagar co' a vida o prometido.

Atè pagar com a vida o promettido. O promettido era como atràs declarâmos, que o Principe reconheceria a El-Rey de Castella por Senhor, & seria obrigado hir as suas Cortes.

39

VEs aqui trago as vidas innocentes,
Dos filhos sem peccado, & da consorte,
Se a peytos generosos, & excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte:
Ves aqui as mãos, & a lingoa delinquentes,
Nellas sós exprimenta toda a sorte
De tromentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

De Scinis. Scinis contão os Poetas, que foy hum ladrão muyto forçoso, o qual costumava matar todos os seus hospedes desta maneyra: abayxava os ramos das arvores, & atavalhes os braços, & as pernas nelles, & desde que os tinha bem atados tornava a soltar os ramos, & desta maneyra os despedaçava. Deste ladrão tratta Ovidio nas Metamorphoses lib. 7. & na Epistola de Phyllis a Demophonte, & em outros lugares, & outros muytos Poetas.

E do touro de Perillo. Perillo foy hum homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual sabendo que Phalaris Rey de Sicilia folgava muyto com novas invenções de tormentos para matar os homens, a que era naturalmente inclinado, foy a Sicilia, & fezlhe hum touro de metal, com tal invenção, que os homens nelle bramião como touros. Phalaris folgou muyto com o touro, & gaveu muyto a Perillo aquella invenção, mas fez que elle a provasse primeyro. Veja-se a nossa annotação neste canto, oytava 94. Isto diz o Poeta que pedia Egas Moniz a El-Rey de Castella, que exercitasse nelle todo o genero de tormentos que lhe parecesse, alegandolhe os que Scinis, & Perillo tinhão inventado.

40

QVal diante do algoz o condenado,
Que jà na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta, & já entregado,
Espera pelo golpe tam temido;
Tal diante do Princepe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rey, vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.

ver nas Chronicas do Reyno,âs quaes remetto,os que mais de raiz quiserem saber estas cousas. E o Poeta as vay contando pelas oytavas seguintes.

41

O Gram fidelidade Portuguesa,
De vassallo, que a tanto se obrigava,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto, & narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro saõ prezára,
Que vinte Babilonias, que tomára.

Que mais o Persa fez naquella empresa. Tendo Dario Rey dos Persas Babylonia cercada, & não a podendo levar hum seu vassallo por nome Zopyro cortou as orelhas,narizes,& beyços, & deu por todo seu corpo muytas feridas: & desta maneyra se fingio lançado com os de Babylonia, queyxandose muyto da crueldade de Dario. Como os de Babylonia o viraõ daquella maneyra, deraõlhe credito a suas palavras,& cuydando que trabalharia por vingar a injuria que Dario lhe tinha feyto, & que pelejaria fielmente contra os Persas pois o trattáraõ tão mal,o fizeraõ Capitão da gente que tinhaõ contra Dario,& dizem os Autores,que dizia Dario depois de tomada Babylonia, que mais quizera o seu Zopyro saõ,que ganhar vinte Babylonias. E isto quiz dizer aqui o Poeta,que foy tão grande a lealdade de Egas Moniz, que passou pela de Zopyro, porque se offereceo com sua molher, & filhos diante d'El-Rey Dom Affonso, offerecido a tudo o que mandasse fazer delles: & Zopyro offereceo só sua pessoa,& além disto o que Egas Moniz fez não foy sómente em favor de seu Rey, & por favorecer sua patria, mas por sahir pela obrigação que tinha a sua pessoa. E Zopyro pretendeo fazer Dario Rey de Babylonia por qualquer modo que fosse: pelo que foy muyto mayor lealdade a de Egas Moniz,que a de Zopyro.

42

MAs já o Principe Affonso aparelhava
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro, que as terras habitava,
D'além do claro Tejo deleytoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arrayal soberbo, & bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força, & gente taõ pequeno.

Iá no Campo de Ourique. No anno do Senhor de 1109.no campo de Ourique em dia do Bemaventurado Santiago venceo El-Rey Dom Affonso Henriques cinco Reys Mouros, com muyta gente, sendo os Portuguezes muyto poucos. Aqui foy levantado por Rey á instancia de todos os seus, não o querendo elle aceytar, como se póde

43

EM nenhuma outra cousa confiado,
Senaõ no Sumo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que para hum só cem Mouros haveria;
Julga qualquer juizo sossegado
Por mais temeridade, que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleyro houvesse cento:

44

CInco Reys Mouros saõ os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança illustre fama:
Segue guerreyras damas seus amigos,
Imitando a fermosa, & forte dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudàrão,
E as que o Termodonte já gostàraõ.

Seguem guerreyras Damas. Contão as nossas Historias,que nesta batalha houve de companhia com os Mouros muytas molheres, que de mistura vinhaõ a pelejar contra os Christãos, como se soube depois muyto miudamente pelos Mouros que cattiváraõ. E galantea aqui o Poeta, que estas Mouras vieraõ em ajuda dos seus, como Penthesilea Raynha das Amazonas fora em favor de Priamo Rey de Troya,quando estava cercado do exercito dos Gregos.

E as que o Termodonde já gostàraõ. As Amazonas, que moravão antiguamente na Scythia, por onde o rio Termodonte passa.

45

A Matutina luz serena, & fria
As Estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Mostrandose a Affonso o animava:
Elle adorandoa,quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi,que creyo o que podeis.

A matutina luz. O Poeta nesta oytava,& na seguinte segue o que as Chronicas deste Reyno dizem sobre o aparecimento de Christo Nosso Senhor a El-Rey Dom Affonso Henriques. Assim na era,como na hora, & tempo em que isto soccedeo differem muyto de huma Relação, ou para melhor

melhor dizer, juramento que novamente se achou no Mosteyro de Alcobaça em hum pergaminho sellado com cinco sellos pendentes, & autenticado, & tido por certo, & verdadeyro nesta Cidade de Lisboa, o qual por ser muyto necessario para entendimento deste lugar, & para ficar memoria mais clara delle o tresladey aqui do Latim em que se achou escrito palavra por palavra na nossa lingua Portugueza, cujo teor he o seguinte. ¶ Eu Affonso Rey de Portugal, filho do illustre Conde Henrique, neto do Grande Rey Affonso, diante de vós bons Varões Bispo de Braga, & Bispo de Coimbra, & Theotonio, & outros principaes Officiaes vassallos do meu Reyno, postas minhas mãos nesta Cruz de metal, & neste livro dos Santissimos Evangelhos juro, que eu misero peccador ví com estes olhos indignos a Jesu Christo Deos, & Senhor Nosso posto na Cruz nesta fórma. Eu estava com a minha gente nas terras do Alentejo no campo de Ourique para dar batalha a Ismael, & a outros quatro Reys Mouros, os quaes tinhaõ comsigo infinitos milhares de homens. E a minha gente atemorizada com a multidão dos Mouros estava muyto afadigada, & triste em tanto, que muytos dizião ser temeridade cõmetter tal guerra. E eu triste, & malenconizado com isto, que houvia, comecey de trattar comigo o que faria. Tinha hum livro na minha tenda, no qual estava escritto o Testamento velho, & o Testamento de Jesu Christo, habriho, & lî a vitoria de Gedeaõ, & disse comigo: Vós Senhor Jesu Christo sabeis, que por amor de Vós tomey sobre mim esta guerra contra vossos inimigos, & na vossa maõ està darme forças a mim, & aos meus, paraque vençamos estes que blasfemaõ Vosso Nome. Ditas estas palavras adormeci sobre o livro, & ví hum velho, que se chegava a mim, & que dizia: Affonso tem confiança porque vencerás, & destruhirás estes Reys, & desfaras seu poder, & o Senhor se te mostrará a ti. Em quanto vejo estas cousas, chegou Joaõ Fernandes de Sousa meu Camareyro, & disse, levantayvos Senhor, que está aqui hum velho, que vos quer falar. Respondi eu, entre, se he fiel: & entrando donde eu estava, conheci ser aquelle, que tinha visto na visaõ, o qual me disse: Senhor tende bom animo, vencereis, vencereis, & naõ sereis vencido. Sois amado do Senhor: porque tem posto sobre vós, & sobre vossos descendentes os olhos de sua misericordia até sexta decima geraçaõ, a qual será menos acabada algum tanto, mas neste menos cabo a olhará com olhos de sua misericordia. Elle mesmo me manda, que diga, que quando houvirdes esta noyte seguinte a cãpainha da minha Hermida, sayais fóra do arrayal só sem pessoa alguma: porque vos quer mostrar sua muyta piedade. Obedeci, & posto por terra com reverencia fiz o devido acatamento ao mensageyro, & a quem o mandava. E estando eu posto em oraçaõ, esperando o som da campainha, na segunda vigilia da noyte a ouvi, & logo armado com espada, & rodella, sahi fòra do arrayal, & subitamente vi para a banda direyta contra o Oriente hum rayo resplandecente, cujo resplandor se fazia cada vez mayor. Tendo eu os olhos postos firmemente naquella parte, subitamente naquelle rayo mais claro que o Sol, vi o final da Cruz, & a Jesu Christo crucificado nelle, & de huma, & outra banda multidão de mancebos muy fermosos, os quaes creyo eu, que eraõ os Santos Anjos. Vista esta Visaõ tirada a espada, & rodella, & deyxado o vestido, & o calçado, me lancey de bruços na terra, & derramadas muytas lagrimas, comecey a rogar pelo esforço de meus vassallos, & sem nenhuma perturbação disse: Senhor paraque me apareceis a mim? Quereis augmentar a Fè a quem crè? melhor será que vos vejão os infieis, & creyão, que eu, que pela fonte do Bautismo vos reconheci, & reconheço por verdadeyro Deos Filho da Virgem, & do Padre Eterno. E a Cruz era muyto grande, & estava levantada do chaõ quasi dez covados. O Senhor com hum som de vós suave, que minhas orelhas indignas houviraõ me disse: Não te apareci desta maneyra por te acrecentar tua Fé, mas para fortificar teu coração neste conflitto, & estabelecer os principios do teu Reyno sobre pedra firme. Tem confiança, Affonso, porque não sómente vencerás esta batalha agora, mas todas as outras, nas quaes pelejares contra os inimigos da Cruz. Acharás tua gente alvoraçada, & esforçada para a guerra, & que te peça, que com nome de Rey entres nesta batalha, não lhe ponhas duvida, mas concedelhe livremente o que te pedirem. Porque eu sou Edificador, & Dissipador dos Imperios, & Reynos, & quero estabelecer Imperio para mim, em ti, & nos teus descendentes: paraque meu nome seja levado a gentes estranhas. E para que teus successores conheção quem lhe deu o Reyno, faràs o teu brazão de armas do preço, com que eu comprey o genero humano: & do preço, com que fuy comprado dos Judeos. E será Reyno para min Santificado, puro por Fé, & amado por piedade. Depois que estas cousas ouvi postrado por terra o adorey dizendo: porque merecimentos, Senhor, me fazeis tão grande merce. Tudo o que me mandais farey. Vós ponde os olhos benignos na minha geração, que prometteis, & tende em vossa guarda a gente Portugueza. E se contra elles algum mal aparelhardes, converteyo antes sobre mim, & sobre meus successores, & livray o povo que eu amo como filho unico. Concedendo o Senhor disse: não se apartara delles, nem de ti nunca a minha misericordia: por respeyto, & meyo delles aparelhey huma grande sementeyra, & escolhidos a elles por meus segadores em terras remotas. Ditas estas cousas desapareceo. Torney ao arrayal cheyo de confiança, & gosto: E eu Affonso juro pelos Santissimos Evangelos de Jesu Christo, em que ponho minhas mãos, que passa assim desta maneyra. Por tanto mando a meus successores, que ao diante haõ de ser, que tragaõ por brazão de armas cinco

cinco escudos feytos em Cruz, por amor da Cruz, & cinco Chagas de Jesu Christo, & em cada escudo trinta dinheyros, & em cima a Serpente de Moysés pela Figura de Christo. E este seja o nosso memorial em nossa geração, & se algum tomar outro seja maldito do Senhor, & atormentado, no inferno com Judas traydor. Em Coimbra aos 30. de Outubro de 1152. Nesta carta estava assinado o dito Rey Dom Affonso Henriques, dous Bispos, de que fala no principio, & outros Officiaes, & Procuradores do Reyno, cujos sellos pendentes eraõ das armas daquelles que estavaõ assinados na dita carta.

A matutina luz serena, & fria. Luz matutina, quer dizer, luz da manhã, porque á manhã chamao os Latinos *matuta*. Veja-se o que escrevemos no canto 2. oytava 92.

As estrellas do Polo já apartava. Que cousa seja Polo, & como se tome pelo Ceo fica dito no canto 1. oytava 24. Quer dizer aqui o Poeta, que a luz da manhã fazia com que se não vissem as estrellas, porque como tràs mayor claridade do que tem as estrellas, faz com que desapareção por todo o Ceo, & senaõ vejaõ.

46

COm tal milagre os animos da gente
Portugueza inflamados, levantavaõ
Por seu Rey natural este excellente
Principe, que do peyto tanto amavaõ:
E diante do exercito potente
Dos imigos gritando, o Ceo tocavaõ,
Dizendo em alta voz, Real Real,
Por Affonso Alto Rey de Portugal.

Com tal milagre. Neste lugar, & tempo visto hum taõ claro, & evidente milagre, todos os Portuguezes a huma voz levantaraõ ao Principe Dom Affonso por seu Rey, o que elle logo por saber ser assim vontade de Deos, & delle lhe vir este tão honrado titulo, como o mesmo Senhor lhe tinha dito quando lhe appareceo, o aceytou com muyta vontade, & gosto.

47

QVal cos gritos, & vozes incitado,
Pela montanha, o rabido molosso,
Contra o touro remete, que fiado
Na força està do corno temeroso:
Ora pêga na orelha, ora no lado
Latindo mais ligeyro que forçoso,
Até que em fim rompendolhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.

Pela montanha o rabido Molosso. Molosso he o caõ que em nossa lingua chamamos librèo, chamaõlhe os Latinos *Molosso*, por virem os melhores de Molosia, Provincia do Epyro, a que hoje chamamos Albania.

48

TAl do Rey novo o estamago acendido
Por Deos, & pelo povo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Com animoso exercito rompente:
Levantão nisto os perros o alarido,
Dos gritos, tocaõ arma, ferve a gente,
As lanças, & arcos tomão, tubas soaõ,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

49

BEm como quando a flama, que ateada
Foy nos aridos campos (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento o secco mato vay queymando:
A Pastoral companha, que deytada
Co doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, & foge para a aldea.

O sibilante Boreas. Boreas he o vento a que chamamos Nor nordeste. Chamalhe sibilante, que quer dizer que assovia: porque com seu sopro parece assoviar, por ser vento rijo, & que venta com grande furia.

50

DEsta arte o Mouro attonito, & turbado,
Toma sem tento as armas muy depressa,
Naõ foge mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peytos as lanças lhe atravessa,
Huns caem meyo mortos, & outros vaõ
A ajuda convocando do Alcorão.

A ajuda convocando do Alcoraõ. Alcorão he entre os Mouros o livro de sua seyta maldita, & onde elles tem posto sua esperança, & pelo qual se regem. Aqui se toma pelo maldito Mafoma seu autor.

51

ALli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno mostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andava acesa a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça, & malha,
Rompe, corta, desfaz, abolla, & talha.

E os animaes correndo furiosos, Que Neptuno mostrou

trou ferindo a terra. Contaõ as fabulas que havendo alteração entre Neptuno senhor do mar,& Pallas sua sobrinha, filha de seu irmão Jupiter, de cujo nome se havia a Cidade de Athenas nomear,a qual elles ambos havião fundado : como entre elles se naõ podesse determinar, & averiguar este negocio, fizeraõ os Deoses junta, na qual assentáraõ, que pusesse nome á Cidade, o que milhor cousa désse para serviço dos homens na terra. Neptuno ferio a terra com seu tridente, & sahio o cavallo, animal de tanto esforço,ligeyreza,& lealdade.Pallas fazendo o mesmo com a sua lança, deu a oliveyra insignia de paz:& logo por todos foy determinado,que Pallas fizera ventagem,& que ella devia por nome á Cidade, o que fez, chamandolhe Athenas, porque assim se chama Pallas na lingua Grega. Esta Cidade foy a mais excellente, & nomeada, não digo eu de Grecia, em cujo territorio ella está, mas de todo o mundo. Esta foy a inventora de todas as boas artes, mãy de todos os homens insignes,que no mundo houve em letras.Hoje he huma muyto triste aldea sem nome, & humas casinhas palhaças : boa injuria dos homens Doutos. E bem se vê que Barbaros possuem a terra. Chamaõlhe hoje os moradores Setinc, como quer Ortelio na sua Sinonymia Geographica. Alguns querem que haja nella hum estudo de Grammatica Grega, o qual sustenta o Turco em memoria do que a Cidade foy.

Rompe, corta,desfaz, a bola, & talha. A bola,aqui naõ he vestidura, como alguns commentaõ, que he bom desproposito para lugar, onde se tratta de cutiladas. He propriamente, abolar, amolgar, & desfazer, & nesta significaçaõ se poem aqui, & assim usaõ desta palavra os que entendem bem a lingua Portugueza.

52

CAbeças pelo campo vaõ saltando,
Braços,pernas sem dono,& sem sétido,
E doutros as entranhas palpitando,
Pallida a cor,& o gesto amortecido:
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios de sangue desparzido,
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornando Carmesi de branco, & verde.

Tornado carmesi de branco, & verde. Isto diz para encarecimento do muyto sangue, que havia, que a terra, & o campo estava todo em lugar de sua propria cor feyto carmesi, vermelho, naõ aparecendo outra cousa se naõ sangue.

53

JA' fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trofeos, & presa rica,
Desbaratado,& roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rey no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta vitoria certifica,
Cinco escudos azuis esclarecidos,
Em final destes cinco Reys vencidos,

O Mouro Hispano. Mouro morador em Hespanha. Depois de vencido Ismael com outros quatro Reys Mouros, ficou El-Rey Dom Affonso Henriques no campo tres dias, como he costume entre os vencedores, & logo poz no seu escudo, que lhe seu pay em branco deyxára,cinco escudos em cruz, por amor da Cruz de Christo Nosso Senhor, & das suas cinco Chagas, & em cada escudo os trinta dinheyros, porque os Judeos o compráraõ a Judas, como o mesmo Senhor lhe mandàra quando lhe apareceo.

54

E Nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheyros,porque Deos fora vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle, de quem foy favorecido:
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meyo
Dos sinco azuis, que em Cruz pintando veyo.

E nestes cinco escudos. O Poeta nesta ordem dos escudos, & dinheyros segue a ordem das Chronicas do Reyno, que o contaõ desta maneyra que elle aqui poem: que pos El-Rey Dom Affonso Henriques huma Cruz azul partida em cinco escudos, por amor da Cruz em que Christo Nosso Senhor apareceo crucificado no Ceo:& em memoria dos cinco Reys Mouros,que vencera, & trinta dinheyros repartidos pelos cinco escudos,em cada escudo cinco : o que tudo he contra a carta que atrás posemos d'El-Rey Dom Affonso,aonde estas cousas estaõ na verdade como fica dito. No tempo que o Poeta escreveo estes cantos, naõ se sabia a verdade,& certeza deste negocio,pelo que elle fala, conforme ao que as Chronicas dizem, que movidos por Relações naõ certas,naõ escreveraõ esta materia com a certeza necessaria.

55

PAssado jà algum tempo, que passada
Era esta gram vitoria, o Rey subido
A tomar vay Leyria, que tomada
Fora, muy pouco havia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foy juntamente, & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno
Tu claro Tejo regas taõ sereno.

Passado jà algum tempo. Depois daquella insigne vittoria

vittoria do Campo de Ourique, ficou o Mouro Ismael taõ enfadado, & tomado dos Christãos, que logo foy por cerco a Leyria, que El-Rey tinha dado ao Prior de Santa Cruz de Coimbra, a qual tomou: mas esteve pouco tempo debayxo de seu poder, porque El-Rey Dom Affonso lha tornou logo a tirar das mãos. No mesmo tempo foy o mesmo Prior de Santa Cruz com gente sobre a Villa de Arronches, que está na arraya de Castella, & a tomou aos Mouros. Com este successo se foy a El-Rey, & lhe disse, que sua Alteza fizesse de Leyria, & Arronches o que bem lhe parecesse. El-Rey poz em conselho com os principaes de sua Corte, o que faria neste caso, & assentouse, que no tocante ao espiritual fossem estes dous lugares sugeytos ao mosteyro de Santa Cruz, & no temporal aos Reys de Portugal.

E o sempre ennobrecido Scalebicastro Em dia do aparecimento do Bemaventurado S. Miguel, oyto dias do mez de Mayo de mil cento quarenta & sete, entrou este felicissimo Rey Dom Affonso Henriques na Villa de Santarem, chamada assim em nossos tempos, por ter em si o corpo da Bemaventurada Santa Erya, o qual lugar se chamava antiguamente Scalebicastro, como o nosso Poeta lhe aqui chama. Plinio lhe chama Scalabis, & Ptholomeo Scalabiscus, os Autores *Iulium præsidium*, o qual nome dão tambem a huma Cidade da Estremadura, sugeyta aos Reys de Castella, chamada vulgarmente Turgillo, nome corrupto do Latino, que antiguamente tinha, que era *Iulij turris*, torre de Julio Cesar, por ter neste lugar, & em Santarem, & em outros guarniçaõ de gente, para segurança da terra, que por esta razão se chamaõ *Præsidium Iulij*, guarniçaõ de Julio: como tambem Evora se chama *liberalitas Iulia*, pelas merces, & liberdades que este grande Capitaõ lhe fez sempre. Ennobrecido chama o nosso Poeta ao lugar Santarem, porque sempre foy muyto estimado, assim em tempo dos Romanos, como em nossos tempos. Do tempo dos Romanos nos consta pelo caso que se delle fazia em porem nelle gente de guarniçaõ como em lugar importante. Do nosso tempo não tenho mais que dizer, que ser hum dos melhores, & mais populosos lugares de Portugal, como he notorio.

Cujo campo ameno tu claro Tejo regas tão sereno. Isto diz porque o nosso Tejo passa ao longo de Santarem, & alguns annos faz em seus campos o officio do Nilo no Egypto, & outras vezes he taõ grande a enchente, que faz grande destruiçaõ nas terras, como tambem o Nilo costuma fazer.

56

A Estas nobres Villas sobmetidas,
Ajũta tambẽ Mafra empoucos espaço,
E nas serras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço:
Cintra, onde as Nayades escondidas
Nas fontes, vaõ fugindo aos doces laços,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

Ajunta tambem Mafra em pouco espaço. Mafra he huma Villa no termo de Cintra.

E nas serras da Lua conhecidas, Sojuga a fria Cintra o duro braço. A serra de Cintra chama Varraõ *monte Tagro*, como refere Ortelio na sua Sinonymia na palavra *Tagrum montem.* A este monte chamaõ outros a serra da Lua, como lhe chama aqui o nosso Camões. Desta serra sahe huma ponta para o mar, que se chama o Promontorio da Lua. A razaõ deste nome he, porque na praya ao longo do mar, dizem esteve antiguamente hum Templo consagrado ao Sol, & á Lua, como parece por huma pedra que se achou naquellas partes, com hum letreyro Romano que dizia.

Soli æterno, & Lunæ
Pro æternitate imperij,
Et salute imp. Cæs. Septimij Severi Aug. Pij, & Caij
Cæs. M. Aurelij Antonini
Aug. Pij
Aug. matris eius, Drusus
Valerius Cæcilianus.

O qual quer dizer em nossa linguagem. Druso Valerio Ceciliano dedicou este Templo ao Eterno Sol, & á Lua, pela eternidade do Imperio Romano, & pela saude do Emperador Cæsar Septimio Severo Augusto Pio, & de Cesar, & de Marco Aurelio Antonino Augusto Pio, & de Julia Augusta sua mãy. Outros lhe daõ este nome por ser esta terra de Cintra, a mais Occidental, & fresca terra de toda a Europa Occidental. E porque a qualidade deste Planeta he ser humido, & frio, daqui alguns lugares que tem as mesmas partes, se chamaõ com este sobre nome de Lua.

57

E Tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es Princesa,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste à força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte Armada,
Que das Boreaes partes foy mandada.

E tu nobre Lisboa. Estando El-Rey Dom Affonso em Cintra logo que a tomou aos Mouros, appareceo no mar huma armada de cento, & oytenta vellas de Alemanha, Inglaterra, & França, que vinhaõ daquellas partes sómente a pelejar com infieis. Vendo El-Rey Dom Affonso de cima do

Castello de Cintra aonde estava huma tão grande armada, mandou quatro homens principaes saber que gente era, & que buscava naquellas partes. Responderaõ os da armada, que eraõ Christãos, & que sua vinda naõ era com outro intento, salvo pelejar com os inimigos da Fé de Christo. ElRey folgou muyto com esta nova, & mandoulhe offerecer tudo o que ouvessem mister da terra. Deyxo á parte muytas cousas que passàraõ entre El-Rey, & estes Estrangeyros, em que lhe pedio que lhe ajudassem a tomar a Cidade de Lisboa, o que elles fizeraõ com muyta vontade. Durou o cerco cinco meses, & no fim delles a 25. de Outubro da dita era de mil cento quarenta & sete, em dia dos Bemaventurados Martyres Crispino, & Crispiniano foy entrada, & tomada aos Mouros, com muyto derramamento de sangue, como se póde ver mais largamente nas Chronicas do Reyno, & refere André de Resende na Descripção de Evora. E querendo El-Rey Dom Affonso fazer partilha na Cidade, como tinha concertado com os Estrangeyros: elles o naõ consentiraõ, & largáraõ todo o direyto que nella tinhaõ, & a deyxáraõ livremente a El-Rey: o qual deu aos que de sua vontade ficáraõ no Reyno, os lugares que elles quiseraõ para os povoarem, & viverem nelles izentos, sem obrigaçaõ alguma, os quaes foraõ á Touguia, Lourinhã, Arruda, Villa verde, Villa Franca, Azambuja, & Almada, de cuja progenie hoje em dia ha em Portugal gente muy conhecida, & principal, como he notorio a todos os Portuguezes. E aos que quiseraõ tornar para suas terras, fez El-Rey muytas merces, & honras, & assim huns, & outros foraõ muyto contentes, & satisfeytos do bom trattamento que lhes El-Rey fez.

Que edificada fosse do facundo. Chamão os Poetas a Ulysses facundo que quer dizer eloquente, porque o foy elle muyto. Este Ulysses foy grande parte para se tomar Troya, que os Gregos tiveraõ cercada dez annos, a qual o Poeta aqui chama Dardania, do nome de Dardano Rey della. Depois de queymada, & destruida, dizem os Autores, que aportou Ulysses a estas partes, & que edificou a Cidade de Lisboa, a qual querem que por este respeyto se chame Ulyssipo em Latim, *patria Ulyssis, mœnia Ulyssis*, & com outros nomes, que vem a dizer ser ella fundada por elle, como o tem o nosso Camões no canto 8. oytava 5. Os que o negam escrevem este nome muyto differentemente, Olyssipo fundados em letreyros antigos, onde o achaõ assim escrito, mas naõ lhe sabem atinar com a origem. He cousa muyto antiga, & como tal naõ ha quem acerte com sua verdadeyra Etymologia, cada hum siga o que melhor lhe parecer. De Ulysses se veja a nossa annotaçaõ no canto 1. oytava 3. & 2.

Que das Boreaes partes foy mandada. Por partes Boreaes se entendem as partes do Norte, ao qual os Gregos chamaõ Boreas. Esta he a gente de que falàmos atras oytava 45. que se ajuntou de Alemanha, Frãça, & Inglaterra, para vir a Hespanha ajudar os Christãos della contra os Mouros, de que estava cheya. E como estas gentes moraõ para as partes do Norte, usa o Poeta deste termo de falar, que das Boreaes partes foy mandada.

58

LA' do Germanico Albis, & do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muytos com tenção santa erão partidos:
Entrando a boca ja do Tejo ameno,
Com o arrayal do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos Ceos,
Foy posto cerco aos muros Ulisseos.

lá do Germanico Albis, & do Rheno. Albis, & Rheno saõ rios de Alemanha, dos quaes trattey neste canto oytava 11. & por esta razaõ lhe dá por Epitheto Germanico, por que Germania he Alemanha.

E da fria Bretanha cõduzidos. A ilha de Inglaterra, que os Antigos chamàraõ Albion por certos montes, & rochedos brancos, que tem ao longo do mar, se chamou, & chama hoje Britania, Bretanha: Ariosto a nomea de huma, & outra maneyra em huma parte dizendo: *Bretagna che fu poi detta Inghilterra*: & em outra parte onde *Inghilterra fu detta Albione.* A cerca da origem da palavra Bretanha ha differentes opiniões, huns querem que se chamasse assim de hum Brutto, filho de Silvio Posthumo Rey dos Romanos, que a sugeytou, & reynou nella. Outros de hum Britão Rey da mesma ilha. Hoje lhe chamaõ os Latinos *Anglia*, a que tambem se daõ differentes nomes, huns querem que de huma Angla Raynha dos Saxones, que foy Senhora desta ilha, outros de Anglo Rey antigo della, & outros de *angulus*, que he canto por ser hum canto, & cotovelo do mundo, ou por milhor dizer, outro mundo, como lhe chamão os Autores, & se póde ver em Ptolomeo no livro 2. no qual tratta desta ilha, aonde comprende debayxo da palavra Bretanha álem de Inglaterra, Irlanda, que he ilha apartada, as Orchadas, que saõ trinta ilhetas Thyle, & outras muytas, & claramente se vé que Ptolomeo no lugar allegado toma a Bretanha, naõ só por Inglaterra, mas por toda aquella Regiaõ, que os Poetas chamaõ outro mundo. O que por ventura quiz entender Virgilio quando disse: *Et penitus toto divisos orbe Britanos*, & os Britões divididos, & apartados de todo o mundo, quasi querendoos fazer distintos, & separados do nosso mundo, & que moravaõ em outro mundo por si. A Bretanha chama o Poeta aqui fria, por ser terra Septentrional, & por este respeyto muyto fria.

A destruir o povo Sarraceno. Por povo Sarraceno entende os Mouros, como fica ditto atrás oytava 23. aonde trattey da origem da palavra Sarraceno.

Foy

Foy posto cerco aos Muros Ulysseos. Muros Ulysseos, saõ os muros de Lisboa, chamados assim (como atràs fica dito) de seu primeyro fundador Ulysses, como quer o Poeta seguindo a opiniaõ dos Antigos.

59

Cinco vezes a Lua se escondêra,
E outras tantas mostrara cheo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto:
Foy a batalha tão sanguinea, & fera,
Quanto obrigava o firme presuposto,
De vencedores asperos, & ousados,
E de vencidos jà desesperados.

Cinco vezes a Lua se escondera. Declara por estes termos o tempo em que a Cidade de Lisboa esteve cercada por El-Rey Dom Affonso, & pelos Estrangeyros, que foraõ cinco mezes. Deste mesmo modo de falar usou Ovidio na Carta de Philis a Demophonte.

Luna quater latuit, toto quater orbe recrevit
Nec vehit Actæas Scythonis unda rates.

Quatro vezes, diz o Poeta, se escondeo a Lua, & outras quatro tornou a crecer em toda sua redondeza, que he o que Camões aqui diz, & outras tãtas mostrava cheyo o rosto.

De vencedores asperos, & ousados, & de vencidos jà desesperados. Destas mesmas palavras taõ sentenciosas usa Justino liv. 6. *Victoria animum vincentibus, virtutem quoque victis addit desperatio.* A vittoria dâ animo aos vencedores, & a desesperaçaõ esforço aos vencidos, & isto he o que diz Virgilio: *Una salus victis nullam sperare salutem.* A principal consolaçaõ, & remedio que tem os vencidos, he estar sem esperança de o poder ter: porque nenhuma cousa obriga mais aos vencidos a pelejar, que ver que nenhum outro remedio tem: donde veyo aquella sentença taõ celebre, & commum que dizem teve principio daquelle grande Capitaõ Themistocles. Ao inimigo ponte de prata. Depois de vencido Xerxes Rey dos Persas pelos Gregos, vendo que se punha em fugida, determinàraõ mandar alguma gente diante para o entreter, & estorvar que naõ tornasse â sua patria. Themistocles foy de contrario parecer, dizendo, que se a Xerxes lhe estorvavaõ o passo, seria occasiaõ por onde os seus convertendo a desesperaçaõ em virtude, abrissem caminho com as armas: pois de outra maneyra o naõ podiaõ fazer. E naõ contentando a todos os outros Capitães Gregos este parecer de Themistocles, elle mandou secretamente avisar a Xerxes por hum seu escravo Persiano, que caminhasse depressa, porque os Gregos he queriaõ impedir seu caminho, & desta maneyra desbaratou de todo a Xerxes. E isto he o que o Poeta diz, encarecendo esta batalha, que teve dous generos de gente vencedores asperos, & vencidos desesperados: porque a huns anima a vittoria, & a outros a desesperação faz pelejar animosamente, vendo que nenhum outro remedio tem.

60

Desta arte em fim tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos jà passados
A grande força nunca obedeceo,
Dos frios povos Scyticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrentados,
E em fim do Bethis tanto alguns puderão,
Que à terra de Vandalia nome derão.

Dos frios povos Scythicos ousados. Entende aqui os Vandalos, aos quaes Plinio, & Estrabo chamaõ Vandalicos, saõ povos de Alemanha, os quaes, como diz Volaterrano, alguns annos antes que os Gregos occupassem a Cidade de Roma, entraraõ em França, & Hespanha pelos montes Pyrineos, com cuja chegada os Hespanhoes ficàraõ muyto atemorizados: os quaes entende por estes rios Ibero, que he o que cõmummente se chama Ebro, Tejo, & Betis, taõ conhecidos. Estes Vandalos depois de terem feyto grandes estragos em algumas partes de Hespanha, fizeraõ assento na Provincia Betica, chamada assim do rio Betis, que hoje se chama Guadalquibir, que (como fica dito atrás oytava 17.) he palavra Arabiga, & quer dizer agoa grande. Esta Provincia Betica se chamou primeyramente Vandalicia do nome dos Vandalos, que a sugeytâraõ: & andando o tempo, & corrompendo-se o vocabulo, se veyo a chamar Andaluzia, como hoje se chama. Nesta oytava encarece o Poeta o esforço dos Portuguezes, mayormente dos moradores da Cidade de Lisboa, pois sogeytando os Vandalos Hespanha naõ puderaõ sugeytar Lisboa, & com tudo El-Rey Dom Affonso a tomou aos Mouros.

61

Que Cidade tão forte, por ventura
Haverà, que resista, se Lisboa
Não pode resistir à força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Jà lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas agoas entre as pedras
Que mormurando lava, & Torres-Vedras.

Obidos, Alenquer, & Torres-Vedras. Assás conhecidos

nhecidos Lugares da Eſtremadura.

Por onde ſoa o tom das freſcas agoas. Pela muyta freſcura da terra, & abundancia de rios que a regaõ.

62

E Vôs tambem, ó terras Tranſtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis às forças mais que humanas
Entregandolhe os muros, & os poderes:
E tu lavrador Mouro, que te enganas,
Se ſuſtentar a fertil terra queres,
Que Elvas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal eſtaõ rendidas.

E vôs tambem, ô terras Tranſtaganas. Terras Tranſtaganas, ſaõ terras do Alentejo, muyto abundantes de todas as couſas neceſſarias para a vida, & principalmente de trigo, o qual entende por eſtas palavras: *dom da flava Ceres,* porque dizem os Poetas, que Ceres filha de Saturno, & Ope foy a primeyra que enſinou aos homens como haviaõ de ſemear as terras, & beneficialas para ſe poderem ſuſtentar. E diz Cicero lib.2, de *Natura Deorum,* que ſe chama Ceres, quaſi *geres a gerando* pela grande abundancia que os homens na terra tem de mantimentos, por beneficio, & ordem ſua. Iſto he muyto trilhado, & ſabido dos que lem pelos Poetas. Moura, Serpa, & Alcacere Villas do Alentejo, & Elvas Cidade na arraya de Portugal.

63

E Is a nobre Cidade, certo aſſento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem ſuſtentar de longe a terra, & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento, & cento,
Nos ares ſe levantaõ nobremente,
Obedeceo por meyo, & ouſadia
De Giraldo, que medos naõ temia.

Eis a nobre Cidade certo aſſento, Do rebelde Sertorio antiguamente. Eſta he a Cidade de Evora, das principaes de Portugal, & muyto antigua, & tanto, que naõ me lembro ter lido, quem foſſe o primeyro fundador ſeu, nem ſe póde affirmar della mais, que ſer antiquiſſima, como diz o noſſo Reſende na ſua Deſcripçaõ, aonde tratta de ſeu nome, & o que pode alcançar, & ſaber de ſua antiguidade. O que ſabemos pelas Hiſtorias he, que já no tempo de Viriato era Evora, o qual Viriato ſe começou levantar com Luſitania, & depois com toda Heſpanha perto do anno de ſeiſcentos, & oyto da edificaçaõ de Roma, ſendo Conſules Gneo Cornelio Lentulo, & Lucio Mumio, como eſcreve Paulo Oroſio, que foraõ cento & quarenta annos antes do Nacimento de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto. Aſſim que neſte tempo já era Evora: mas quando começaſſe, ou quem foſſe o fundador naõ conſta. Neſta Cidade de Evora fez aſſento Sertorio Romano, por ſer de nobre, & grande povo, para o poder favorecer, & ajudar nos negocios de guerra contra os Romanos. E nella fez huma caſa que hoje ſe chama caſa de Sertorio, & mandou cercar a Cidade de cantaria lavrada, como ſe moſtra ainda por muytas partes, por onde eſtà a cerca velha. E aſſim fez trazer a agua da prata á Cidade para ornato, & provimento della, o que tudo ſe póde ver em Reſende, no lugar allegado. Chamalhe o noſſo Poeta rebelde, porque ſendo Italiano de naçaõ natural da Cidade de Nurſia, q̃ hoje ſe chama Nozza, vendo que Sylla era Senhor de Roma, vencido Mario, cujas partes ſeguira, ſe recolheo a Heſpanha, aonde o favoreceraõ tanto, que lhe deraõ gente com que ſugeytou muytas Cidades, & fez guerra aos Romanos, vencendolhe muytos Capitães, como conta Plutarco em ſua vida.

Onde hora as aguas de argento. Eſta he a agua da prata, a qual vem por cima de arcos à Cidade, & levada por differentes partes, a provè toda de maneyra, que naõ tem a gente neceſſidade de outra.

De Giraldo, que medos não temia. Giraldo foy hum Cavalleyro Portuguez de muyto esforço, & ſem medo algum, pelo que era chamado por alcunha Sem pavor. Eſte Cavalleyro foy em tempo d'El-Rey Dom Affonſo Henriques, o qual andando em deſgraça do ſeu Rey, por algum caſo, de que naõ ha memoria: vendo que naõ podia andar na Corte, lançouſe com os Mouros do Alentejo. E porque naquelle tempo tudo eraõ guerras, & revoltas, havia outros muytos homiziados, & encartados, que ſe chegavaõ ao Giraldo, & o acompanhavaõ, por elle ſer homem de peyto. O que tambem foy parte para os Mouros o favorecerem, & para Iſmael Rey Mouro, que fora vencido no campo de Ourique, lhe dar licença para ter ſua colheyta na ſerra de Monte muro em hum Caſtello que alli fez, que hoje naõ tem mais que o nome de Caſtello de Giraldo, que no mais he deſtruido. Tinha eſte Giraldo em ſua companhia muytos companheyros: pelo que vendo-ſe em deſgraça de Deos, & de ſeu Rey, & doendolhe o coraçaõ de trattar com barbaros, arrependido dos inſultos, & males, que tinha feyto contra os Chriſtãos, determinou de fazer algum ſerviço a El-Rey, com que lhe perdoaſſe o paſſado. E lançando o penſamento ao que faria, em nenhuma couſa lhe pareceo que poderia elle, & ſeus companheyros ſervir a El-Rey melhor, que em tomar Evora aos Mouros. Pelo que começou Giraldo muyto de propoſito a ſaber as entradas, & ſahidas da Cidade, & fazerſe mais familiar dos Mouros. E poſto que ſe naõ fiavaõ delle, & lhe dohia o cabello, vendo que em fim era Chriſtaõ: com tudo teve Giraldo ſeus meyos por onde effeytuou o que pretendia. Veyo huma noyte com ſua gente pela parte aonde hoje eſtá o Moſteyro do Bemaventurado S. Bento, no qual

lugar os Mouros tinhaõ huma Atalaya, & nella hum Mouro de vigia, o qual naõ tinha comsigo mais que huma moça filha sua. E deyxando seus companheyros em huma certa paragem escura, & aonde melhor, & mais secretamente podiaõ estar atè sua tornada, se foy sem medo algum contra a Atalaya, a descubrir o que passava: & levou logo humas estacas para meter por huns buracos que na torre da vigia estavaõ, para subir atè a janella, se acaso achasse occasiaõ para isso: porque à torre se naõ podia hir, se naõ por escada lançada de cima. Chegou á torre a horas de meya noyte, & a tempo que o Mouro, que até entaõ estivera em vigia, entregàra o cargo a sua filha para elle descançar hum pouco, a qual se descuydou, como moça, & se deyxou dormir no rebate da janela da torre. Como Giraldo vio taõ boa occasiaõ, trepou atè a janella, & lançando maõ á moça, deu com ella em bayxo, de modo que nunca mais falou, nem fez rumor algum. E entrando na torre, achou o Mouro dormindo seguramente, cortou a cabeça ao Mouro, & à moça, & levouas aos companheyros, & subindo nella deu sinal de fogo aos da Cidade, dando a entender que havia Christãos no campo, na outra parte da Cidade, aonde agora està hum Mosteyro de Hieronymos da invocaçaõ de Nossa Senhora do Espinheyro. E paraque sahissem os Mouros com mayor pressa, & vontade, fez que alguns de seus companheyros passassem por aquella parte, fazendo reboliço de modo, que fossem sentidos, & assim succedeo, porque sentindo os Mouros o tropel da gente, sahiraõ da Cidade, sem tento, nem ordem. Como Giraldo vio sahir os Mouros fóra da Cidade, & que tinha tempo para poder entrar, cometeo com os seus as portas, que os Mouros com pressa deyxàraõ abertas, & deraõ se tal manha dentro, que em pouco espaço naõ tiveraõ que fazer nella. Porque mattáraõ muytos, & poseraõ outros em estado, que naõ tiveraõ mais que fazer, sendo os Christãos muyto poucos. E desta maneyra foy tomada Evora por Giraldo sem pavor, no anno do Senhor de mil cento & sessenta & seis, havendo trinta & nove annos que El-Rey Dom Affonso Henriques senhoreava Portugal. Por esta razaõ, & em memoria deste Giraldo primeyro Capitaõ de Evora, tem a Cidade por divisa, & armas hum Cavalleyro armado a cavallo, com huma espada nua levantada, & duas cabeças cortadas, huma do homem, & a outra de huma moça, como diz o nosso Poeta no oytavo canto, oytava 21. Alguns por naõ saberem a Historia, vendo esta divisa em Evora, fingem mil invenções. Outros que lhe parece que acertaõ, dizem, que aquelle Cavalleyro he o Bemavẽturado Santiago, & aquellas cabeças de Mouros, que matou em favor dos Hespanhoes. A verdade, he o que fica ditto.

64

JA' na Cidade Beja vay tomar
Vingança de Trancoso destruida,
Affonso, que naõ sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Naõ se lhe pode muyto sustentar
A Cidade, mas sendo jà rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada,
Provando os fios vay da dura espada.

Iá na Cidade Beja vay tomar. Tendo El-Rey Dom Affonso Henriques cercada a Cidade de Beja, foraõ os Mouros cercar a Villa de Trancoso, a qual tomáraõ, & destruhiraõ, sem deyxar pessoa alguma viva. O que sabido por El-Rey, nem por isso deyxou o cerco de Beja, mas continuou com elle até a tomar, & passar todos os Mouros á espada, por estar sentido, & enfadado do que os Mouros tinhaõ feyto em Trancoso, como diz aqui o Poeta. Giraldo tomou Evora no anno de 1166. & Beja foy tomada no anno de 1162. em dia do Bemaventurado S. André, como se póde ver no nosso Resende, na descripçaõ da Cidade de Evora.

65

COm estas sobjugada foy Palmellà,
E a piscosa Cezimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio a Villa, & vio o senhor della,
Que a socorrella vinha diligente,
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

Com estas sojugada foy Palmella. Estando El Rey em Alcacere depois de feytas todas as cousas que atrás ficaõ ditas, ao qual lugar viera ter de Coimbra, andando visitando, & provendo suas terras, como era tempo de guerra: soube que Cizimbra estava sem gente, & que facilmente se podia tomar, o que o moveo a hir logo sobre ella, & assim a tomou sem trabalho. E deyxando sua gente em Cizimbra se foy sò com sessenta de cavallo, & alguns de pè a ver Palmella, & estando notando o sitio da terra, houve vista do Rey de Badajoz, que vinha soccorrer Cizimbra com quatro mil de cavallo, & sessenta mil de pé, sem ordem á gram pressa, o qual com aquella pouca gente que tinha o desbaratou, & poz em fugida. Fez isto tanto temor aos que estavaõ em Palmella, que logo lhe deraõ a Villa com condiçaõ que os deyxasse sahir em salvo, o que El-Rey fez de muyto boa vontade. Chama o Poeta a Cizimbra piscosa, por ser terra aonde se armaõ grandes pescarias, assim por parte d'El-Rey como da gente do lugar.

Do temeroso encontro inopinado. Isto dezia porque o Rey Mouro vinha descuydado, parecendolhe que El-Rey Dom Affonso estava no cerco de Cizimbra, & como elle tinha este pensamento, & seu intento naõ era outro se naõ soccorrer a Cizimbra, caminhava sem ordem. Pelo que visto por El-Rey Dom Affonso, foy subitamente salteado por elle, & acommettido com tanto esforço, que lhe pareceo que estava El-Rey Dom Affonso alli com todo seu exercito: o que foy causa de se por em fugida com todos os seus.

66

O Rey de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros piões, darmas, & de ouro
Guarnecidos, guerreiros, & lustrosos:
Mas qual no mez de Mayo o bravo touro
Cos ciumes das vacas receosos,
Sentindo gente, o bruto, & cego amante,
Saltea o descuydado caminhante.

Innumeros piões. Gente de pé sem conto. Atrás dissemos como trazia El-Rey de Badajoz quatro mil de cavallo, & sessenta mil de pé, que he o que o Poeta aqui diz.

67

Desta arte Affonso, subito mostrado,
Na gente da, que passa bem segura,
Fere, mata derriba denodado,
Foge o Rey Mouro, & só da vida cura:
De hum panico terror todo assombrado,
Só de seguillo o exercito procura,
Sendo estes que fizeraõ tanto abalo,
No mais, que sô sessenta de cavalo.

De hum panico terror todo assombrado. Panico terror chamaõ os Latinos hum medo grande: & vem de hum fingimento Poetico, o qual he, que Pan (que elles chamavaõ Deos dos pastores) era causador de todos os medos, & fantasmas. A este proposito se trattaõ muytas cousas nas Chiliadas no adagio *Panicus casus*, Angelo Policiano nas Miscelaneas, cap. 28.

68

Logo segue a vitoria sem tardança
O gram Rey incançavel ajuntando
Gentes de todo o Reyno, cuja usança;
Era andar sempre terras conquistando:
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo pelejando
Com tanto esforço, & arte, & valentia,
Que a fez fazer às outras companhia.

Logo segue a vittoria sem tardança. A vidas estas vittorias dos Mouros, poz cerco à Badajoz, que era da conquista de Leaõ, por estar de quebra com El-Rey Dom Fernando seu genro Rey de Leaõ, & a tomou facilmente.

Que a fez fazer as outras companhia. Diz que Badajoz fez companhia às outras, que tinha tomado aos Mouros.

69

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece,
Ou para que se emmende às vezes tarda,
Ou por segredo, que homem não conhece:
Se atè aqui o forte Rey resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece,
Agora lhe não deyxa ter defesa
Da maldiçaõ da mãy, que estava presa.

Agora lhe não deyxa ter defesa. Porque a Cidade de Badajoz lhe foy tornada a tomar por seu genro, & elle ao sahir pela porta contra seu genro, que a tinha cercada, quebrou huma perna no ferrolho da porta, com a pressa, & desatento que levava, como se conta nas Chronicas do Reyno, & o Poeta na oytava seguinte.

70

Que estando na Cidade, que cercàra,
Cercado nella foy dos Leoneses,
Porque a conquista delle lhe tomâra,
De Leaõ sendo, & naõ dos Portugueses:
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como a contece muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
A batalha, onde foy vencido, & preso,

Que estando na Cidade que cercâra. Esta he a Cidade de Badajoz.

71

O Famoso Pompeyo, naõ te pene
De teus feytos illuestres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti vitoria indina
Posto que o Rio Fasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Beotes gelado, & a linha ardente
Temessem o teu nome geralmente.

O famoso Pompeyo não te pene. Foy Pompeyo Romano de gente nobilissima. No tempo das guerras civis entre Sylla, & Mario, seguio as partes de Sylla. Fez taes cousas neste tempo, que mereceo o nome de Magno. Depois de grandes vittorias, & triumphos, & demandar Roma muytos annos,

&

& ser taõ conhecido, & temido no mundo, o venceo seu sogro Julio Cesar. E fugindo delle para o Egypto, Dionysio Ptolomeo senhor da terra, em quem elle cuydava ter muy certo valhacouto, o mandou matar, como conta Plutarco em sua vida. O que o Poeta aqui mostra, he a pouca segurança das cousas,& como em quanto dura a vida, ninguem está seguro dos contrastes della. Falla em Pompeyo, que foy hum Capitaõ valeroso: ao qual consola em sua ruina com a descaida do nosso Rey Dom Affonso Henriques. Refere as Provincias,& lugares que sugeytou ao povo Romano nesta oytava, & duas que se seguem à imitaçaõ de Lucano lib. 2. cujos versos ponho abayxo.

Nem ver, que a justa Nemesis ordene. A Nemesis, chamada por outro nome Rhamnusia, do lugar Rhamnunce em Asia, onde era venerada, fazem os Poetas filha do Oceano, & da noyte, grande inimiga dos maos, & amiga dos bons. Pinta-se com hum freyo na maõ dereyta, & hum covado na esquerda,para mostrar que devemos ser comedidos, & temperados,assim nas obras como nas palavras. Chamalhe o Poeta justa, por ser tida dos antigos por Deosa da justiça. E daqui lhe deraõ o nome Nemesis de,nemeo,que quer dizer destribuir,por ser seu officio dar a cada hum o seu. Attribuhiaõlhe tambem azas nos pés, para mostrar a obrigaçaõ, que os Ministros da Justiça tem na expediçaõ dos negocios. Alguns a fazem a fortuna: & porque Adrasto Rey dos Argivos lhe fez hum Templo sumptuoso,lhe chamaõ Adrastia.

Posto que o frio Phasis, ou Syene. Começa a recontar o grande poder que Pompeyo teve, & as grandes vittorias que alcançou em todas as partes do mundo,que tresladou de Lucano palavra por palavra,onde Pompeyo diz estas palavras.

Pars mundi mihi nulla vacat,sed tota tenetur
Terra meis,quocumque jacet sub sole,tropheis.
Hinc me victorem gelidas ad Phasidos undas
Arctos habet, calida medius mihi cognitus axis
Ægypto,atque umbras nunquam flectente Syene.

Nenhuma parte do mundo(diz Pompeyo)ha, que naõ sayba meu nome, antes toda a terra que o Sol toca està cheya de meus tropheos. O Norte me reconhece por vencedor, até as congeladas aguas do rio Phaso: & o meyo dia, que cae na quente Egypto:& Syene, que para nenhuma parte dobra as sombras. Com outros versos que no Poeta estão tresladados, como fica dito. Phasis he hum rio muyto grande: nace no monte Caucaso na parte do Norte,pelo que lhe chama frio. Passa por Colchos Provincia de Asia, que hoje se chama Mengullia,sugeyta ao Graõ Caõ Senhor dos Tartaros. Syene he Cidade do Egypto,da qual querem alguns que naõ haja mais hoje que o nome, no qual tambem vareaõ. He muyto celebrada pelos Escrittores, por huma particularidade sua, que os rayos do Sol em certo tempo do anno, a horas de meyo dia,saõ nella taõ direytos, que em nenhuma parte ha sombra, como diz aqui o nosso Poeta á imitaçaõ de Lucano. O qual se ha de entender, que sucede só huma vez no anno, quando tem o Sol por Zenith: que he quando està no primeyro ponto de Cancro: porque entaõ a sombra he perpendicular naquella parte. E assim o entendeo Lucano, ao qual Macrobio, & outros quiseraõ emendar sem razaõ alguma, pois Lucano naõ fez mais, que apontar a particularidade daquella Cidade, deyxando a pontualidade da declaraçaõ a quem se entende.

O Bootes gelado, & a linha ardente. Por Bootes gelado entende as partes do Norte, aonde està a constellaçaõ Boote, que he os Sette estrello. Por linha ardente, os moradores debayxo da Equinocial, que saõ varias Nações. Do Bootes se veja o que escrevemos no canto 1.oytava 21.

72

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
Eniocos, & Colchos, cuja fama
O véo dourado estende,& os Capadoces,
E Judea, que hum Deos adora,& ama:
E que os moles Sofenos,& os atroces
Cilicios, com a Armania, que derrama
As agoas dos dous rios,cuja fonte,
Està noutro mais alto,& santo monte.

Posto que a rica Arabia. Ptolomeo,& os Antigos dividem Arabia em Deserta, Felice, & Petrea. A Deserta tem este nome por ser terra herma, & esteril, os naturaes lhe chamaõ Beriará: & a Escrittura Sagrada Cedar. A Felice ou beata chamáraõ assim pela grande abundancia de cheyros, de que os homens se aproveytavaõ para suas delicias: os quaes como punhaõ sua bemaventurança nos deleytes, & bom trattamento do corpo, tinhaõ por bemaventurada a terra, que lho ajudava a ter mimoso, & regalado, como diz Plinio liv.12. cap.18. Os moradores lhe chamaõ hoje Mamotta, como quer Pinelo,& nas taboas modernas Aiman. A terceyra se chama Petrea, a que os Turcos hoje chamaõ Barraab. Veja-se a nossa Annotaçaõ neste mesmo canto, oytava 23.

E que os feroces Eniocos. Saõ Eniocos povos de Sarmacia Asiatica,que hoje chamamos Moscovia, que moraõ nas faldrás do mar, como diz Ptolomeo na segunda taboa de Asia, no fim. He gente fera, pelo que os Poetas lhe chamaõ feroces, como aqui o nosso Camões. Colchos saõ moradores de Colchis, de que trattámos atrás. Nesta Provincia foy Rey Eeta pay de Medea tão conhecida por feyticeyra. Aqui esteve o vello de ouro em hum Templo de Marte,taõ nomeado naquelle tempo, por huma das principaes venturas do mundo. Aonde diz aqui o Poeta: *E Colchos, cuja fama estende o vello de ouro.* Veja-se Ovidio nas Metamorphoses lib.7.

E os Capadoces. Saõ moradores de Capadocia, parte de Nathalia, que hoje chamamos Turquia.

Iudèa, que hum Deos adora, & ama. He Judéa parte da Palestina, que a Escrittura Sagrada chama *Pelestim Canaan*, ou Terra de promissaõ. Toda he sugeyta ao Turco. Nesta Provincia está a Cidade de Hierusalem, de que trattey atrás.

Os molles Sophenos. Saõ povos de Sopheno Provincia de Suria. Saõ gente molle, & affeminada, como lhe chama aqui Camões, ou por melhor dizer Lucano que elle imita.

E os atroces Cilicios. Os moradores de Cilicia, que hoje se chama Carmania. Foy Provincia do povo Romano, & muyto rica: & nella governou Marco Tullio. He gente cruel de natureza, pelo que o Poeta lhe chama atroces.

Armenia, que derrama. Ha duas Armenias, mayor, & menor. A mayor chama a Escrittura Aram, & nós Turcomania, sugeyta ao Turco. Nesta está o monte Gordico, aonde dizem estar a Arca de Noè. A menor chama a Escrittura Ararat, ou terra Us, como quer Arias Montano. Em vulgar Anaduole. Os moradores desta região saõ Christãos, mas guardaõ os ritos, & ceremonias differentes da Igreja Romana. Por Armenia mayor passaõ dous rios taõ nomeados Euphrates, & Tigris, que a Escrittura Sagrada diz que nacem no Parayso Terreal. A este lugar chama o Poeta aqui Monte alto, & Santo: pelo que diz o veneravel Beda, & outros Autores, que he taõ alto o lugar aonde esteve o Parayso da terra, que parece chegar ao Ceo da Lua. Aonde este Parayso fosse naõ ha certeza: pelo que alguns querem, que o naõ haja totalmente: & que com o diluvio se consumio. Outros, que Helias, & Enoch estão nelle, & que haõ de aparecer no tempo do Antichristo. Saõ segredos que Deos reservou para si, pelo que naõ ha que cansar nelles.

73

E Posto em fim, q desdo mar de Athlante,
Atê o Scythico Tauro, monte erguido,
Jà vencedor te vissem, naõ te espante,
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo, & ovante
Tudo render, & ser depois rendido,
Assi o quis o concelho alto, & celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

E posto em fim que des do mar de Atlante. Mar de Atlante he propriamente mar, que passa por Africa, aonde o monte Atlas està. Os Autores usaõ desta palavra mais largamente, & o tomaõ por todo o mar Oceano, como Cicero no sonho de Scipiaõ: *Omnem terram, quæ nobis colitur Atlantico mari, quem Oceanum appellamus, circumfundi.* Toda a terra que he habitada dos homens, he cercada do mar Atlantico, que chamamos Oceano.

Atè o Scythico Tauro, monte erguido. Os Antigos a todas as cousas grandes, & robustas nomeavão com este nome de Tauro. Esta he a razão que alguns dão para este monte se chamar Tauro, que he hum dos mayores do mundo: porque abraça toda a Asia, desde o Oceano Oriental, até o Septentrional, com differentes nomes, conforme as varias Nações por onde passa, como diz Solino cap. 51.

Se o campo Emathio só te vio vencido. Emathia região de Grecia se chama tambem Thessalia, & Emonia. Nesta Emathia junto a hum lugar chamado Phargalo, foy vencido Pompeyo de Julio Cesar seu sogro, como conta Apiano.

O genro a este. Pelo que fica dito, que Dom Fernando Rey de Leaõ, & genro d'El-Rey Dom Affonso Henriques o venceo em Badajoz.

74

TOrnado o Rey sublime finalmente,
Do divino Iuizo castigado,
Depois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado:
E depois que do Martyre Vicente
O santissimo corpo venerado,
Do sacro promontorio conhecido
Aa Cidade Vlyssea foy trazido.

Depois que em Santarem. Como os Mouros souberão do desastre d'El-Rey Dom Affonso Henriques, & como fora vencido em Badajoz por seu genro Dom Fernando Rey de Leaõ, tomáraõ ousadia para entrar por suas terras: & logo no anno de mil cento & settenta & hum sahio Alborague Rey de Sevilha por antre Tejo, & o Diana, destruindo tudo o que encontrava. Depois de ter feyto grande estrago na terra, & gente, poz cerco a El-Rey em Santarem. O qual não podendo sofrer tão grande atrevimento, sahio aos inimigos, & os desbaratou, sem querer esperar por El-Rey Dom Fernando seu genro que sabia abalara de Leão em seu favor. O qual sabendo do bom successo d'El-Rey, se tornou do caminho sem o ver, porque ainda não estavão correntes: & assim não faltava quem dissesse que vinha com outra tenção. Mas mandoulhe recados de amizade, & os parabens do successo.

Depois que do Martyre Vicente. Dous annos depois de levantado o cerco de Santarem, anno de mil cento settenta & tres, foy trazido a Lisboa o corpo do Martyr S. Vicente, & posto na Sé, como se póde ver na Chronica d'El-Rey Dom Affonso Henriques, aonde se mostra claramente ser aquelle o corpo do Bemaventurado Santo, que alguns sem razaõ quizerão contradizer.

Sacro Promontorio conhecido. Promontorio he palavra Latina, quer dizer, cousa que ameaça por cima, & porque os montes, & rochedos ao longo do mar saõ deste modo, daqui se chamàraõ promontorios, & em vulgar cabos, como este, que se

ſe chama hoje o cabo de S.Vicente, por reſpeyto do Santo.

75

POrque levaſſe avante ſeu deſejo,
Ao forte filho manda o laſſo velho,
Que ás terras ſe paſſaſſe de Alem Tejo,
Com gente, & com belligero aparelho:
Sancho de esforço, & animo ſobejo,
Avante paſſa, & faz correr vermelho
O Rio, que Sevilha vay regando,
Co ſangue Mouro, barbaro, & nefando.

Porque levaſſe avante ſeu deſejo. Havendo cinco annos, que Portugal eſtava em ocio, por humas treguas que El-Rey Dom Affonſo Henriques tinha feyto com El-Rey de Sevilha, enfadado elle, & os ſeus com a paz, vendo que os inimigos da Fé de Chriſto andavão á larga, & hiaõ em grande crecimento, couſa que elle muyto aborrecia: mandou ſeu filho Dom Sancho ás partes do Alentejo: O Infante partio de Coimbra no Mez de Julho de 1178. & fazendo pelo caminho (depois que chegou ás terras do Alentejo) grande eſtrago na gente, & terra dos Mouros, ſe foy na volta de Sevilha. Os Mouros de Andaluzia, não o podendo ſofrer, ſe ajuntáraõ todos, & ſahirão ao Infante perto de Sevilha, mas elle os poz em deſbarato, & dizem as Chronicas, que foraõ tantos os mortos, que o rio Guadalquibir, a que o Poeta chama rio de Sevilha tinha as aguas vermelhas com o ſangue delles. Havida eſta vittoria, o Infante ſe foy ao arrayal dos Mouros, aonde achou grande, & rico deſpojo de ouro, & prata, & outras couſas de preço, as quaes todas repartio pelos ſoldados, ſem lhe ficar couſa alguma para ſi.

76

E Com eſta vitoria cobiçoſo,
Ja não deſcança o moço, atê que veja
Outro eſtrago, como eſtá, temeroſo
No barbaro, que tem cercado Beja:
Naõ tarda muyto o Princepe ditoſo,
Sem ver o fim daquillo, que deſeja,
Aſſi eſtragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem ſua eſperança.

E com eſta vittoria cobiçoſo. Quando o Infante Dom Sancho paſſou por Alentejo, levou comſigo alguma gente dos lugares por onde paſſava, & de Beja, dizem as Chronicas, que o ſeguio muyta, pelo que ficou a terra algum tanto falta. Como os Mouros iſto ſouberaõ, foraõlhe por cerco, mas os que eſtavão dentro ainda que eraõ poucos) a defenderaõ com muyto esforço, atè que o Infante chegou, aos Mouros: largáraõ logo o cerco, & foraõ desbaratados, não indo com o Infante mais que mil & quatrocentos de cavallo, com os quaes acudio a Beja, deyxando atrás a mais gente, para que o ſeguiſſe, o mais depreſſa que pudeſſe, mas quando chegou, já o Infante tinha os Mouros deſbaratados. Iſto ſuccedeo a 18. de Abril de 1179.

77

JA' ſe juntaõ do monte, a quem Meduſa,
O corpo fez perder, que teve o Ceo,
Já vem do promontorio de Ampeluſa,
E do Tinge, que aſſento foy de Anteo:
O morador de Abila naõ ſe eſcuſa,
Que tambem com ſuas armas ſe moveo,
Ao ſom da Mauritana, & rouca tuba,
Todo o Reyno, que foy da nobre Juba.

Iá ſe ajuntaõ do Monte á quem Meduſa. Irados os Mouros, & eſtomagados contra os Chriſtãos, pelo grande eſtrago que nelles faziaõ, valeram-ſe de todos ſeus amigos. Pelo que Miralmuminim Rey de Marrocos Emperador dos Mouros paſſou a Portugal com hum poderoſo exercito: E ſendo neſtas partes ſe foy na volta de Santarem, aonde o Infante eſtava. Paſſou eſte Mouro o Tejo em hum dia de S.Joaõ de mil cento oytenta & quatro, com quarenta mil de cavallo, & quinhentos mil de pé, com a qual gente fez tão pouco, como contaõ as Hiſtorias: porque ſoccorrido o Infante por ſeu pay, ſahio com ſua pouca gente, & os venceo. Foraõ neſta batalha mortos, & feridos muytos, entre os quaes o Emperador morreo de huma ferida que houve na batalha. Eſtas couſas conta aqui o Poeta por algumas oytavas elegantemente: pelo que não farey mais que declarar alguns vocabulos eſcuros, para os que não ſaõ lidos.

Do monte a quem meduſa o corpo fez perder, que teve o Ceo. Contão as fabulas que Meduſa filha de Phorco, & Letho foy huma molher muyto fermoſa, mas muyto aſpera para a gente. Pelo que ſendo requeſtada de muytos a nenhum dava vento, antes os eſcandalizava. No numero deſtes entrava Neptuno ſenhor do mar. Vendo eſte, que nem promeſſas, nem rogos aproveytavão com Meduſa, determinou aproveytarſe della por qualquer modo que pudeſſe, & não podendo effeytuar o que pretendia, ſe não no Templo de Pallas, allí poz por obra ſeus deſejos, ficou Pallas affrontada, & irada com eſte caſo, pelo que converteo em cobras os cabellos de Meduſa, com que parecera bem a Neptuno, & deu a ſeus olhos tal qualidade, que tudo o que olhaſſem ſe tornaſſe em pedra. Eſtava já toda aquella terra cheya de pedras, & já não havia couſa que não foſſe pedra, pelo que acudio Perſeo filho de Jupiter a eſte mal, & matou eſte monſtro, & do ſangue que lhe cahio da cabeça, ſe levantáraõ muytas cobras, de que ficou toda aquella terra ſemeada, de modo que em nenhuma parte do mundo ha mais. Iſto toca o Poeta no canto 5. oytava 11. aonde falla de Meduſa. Paſſando

N depois

depois por Africa, aonde Atlas reynava, como lhe anoytecesse perto dos paços d'El-Rey, chegouse á porta, & pondolhe diante cujo filho era, lhe pedio pousada, ficou tão atemorizado Atlas com lhe dizer Perseo, que era filho de Jupiter (porque tinha ouvido do Oraculo, que hum filho de Jupiter havia de ser causa de sua destruição) que o não quiz agazalhar. Sentido Perseo disto, descobrio o rosto da Medusa, que tinha escondido, & pelo diante de Atlas, o qual em o vendo ficou feyto monte. Esta fabula conta Ovidio nas Metamorphoses lib. 4. Daqui levantão os Poetas outras semelhantes mentiras, que Atlas era hum homem grande de corpo, & muyto forçoso, pelo que tinha o Ceo às costas, & que este castigo lhe deu Jupiter por se levantar contra elle em companhia dos Gigantes, para o lançar do Ceo, a pedimento de sua mulher Juno, como conta Higinio. A verdade disto he, que Atlas foy grande Astrologo, & por esta razão fingirão os Poetas, que tinha o Ceo ás costas, porque continuamente estava com os olhos nelle, considerando o curso dos Planetas, & mais estrellas. De Atlas convertido em monte, & que monte seja se veja a nossa annotação no canto 1. oytava 2.

Lá vem do promontorio de Ampelusa. O Promontorio Ampelusa he entre Ceuta, & Tangere, chama se hoje a ponta de Alcacere. Dizse Ampelusa pelas muytas vinhas que tem, porque ampelos, he a vide. Ortelio, & outros lhe chamão cabo de Espartel. Olivario sobre Pomponio Mela, cabo Cantorio. Os Portuguezes ponta de Alcacere. A serra se chama hoje serra Ximera. As vinhas não se cultivão, por estarem entre Ceuta, & Tangere, aonde não vive gente, porque o lugar está de todo desabitado, por ser de pouco proveyto, com tudo pelas serras ha muytas parreyras, & cepas de vinhas feytas mortorio, aqui andaõ continuamente Mouros fazendo todo o mal que pódem por terra, & por mar.

E de Tinge que assento foy de Anteo. Tinge he a Cidade de Tangere, sugeyta aos Reys de Portugal, & da qual a Mauritania, que comprende os Reynos de Fez, & Marrochos, se chama Mauritania Tingitana. O primeyro seu fundador dizem que foy Anteo, como diz Solino, Plinio, & Pomponio Mela no lugar allegado.

O morador de Abila não se escusa. O morador de Abila he o morador de Ceuta. De Abila fica dito neste canto oytava 18.

Todo o Reyno que foy do nobre Iuba. Juba como diz Solino foy senhor das duas Mauritanias, Tingitana, & Cesariense, nas quaes se comprendem os Reynos de Fez, Marrocos, Tremessem, & outros, das quaes partes diz aqui o Poeta que foy muyta gente com o Miralmuminim.

78

Entrava com toda esta companhia,
O Miralmumine em Portugal,
Treze Reys Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o Ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porèm naõ lhe succede muyto bem.

Entrava com toda esta companhia. Miralmuminim se ha de ler, & escrever, he palavra Arabiga, quer dizer Princepe dos Scientes. Esta alcunha se poz hum Abedramon da geraçaõ dos Caliphas de Damasco por autorizar sua pessoa, & adquirir gentes, que o seguissem nestas partes de Berberia, aonde se recolheo com alguns parentes, & gente solta, que o seguio, fugindo da furia de Abedela novo Calipha. Os que lem Miramulim he corruptamente. Este Abedramon dizem que fundou a Cidade de Marrochos para Metropoli, & cabeça de seu estado, pelo que ficou Rey de Marrochos, & Emperador dos Mouros, o qual vendo o grande dano que El-Rey Dom Affonso Henriques fazia nos Mouros de Hespanha, & os queyxumes que cada dia hiaõ delles, porque o tinhaõ por seu Senhor, & amparo, determinou entrar em Portugal, & foy com gente sem conto, & com treze Reys Mouros comsigo, & depois de ter feyto grandes males na terra, foy cercar o Infante Dom Sancho em Santarem, do qual foy desbaratado, & morto, como fica ditto oytava 76.

79

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso,
Naõ lhe aproveyta ja trabuco horrẽdo
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, naõ perdendo
Nada do esforço, & acordo generoso,
Tudo prover com animo, & prudencia,
Que em toda a parte ha esforço, & resistencia:

Trabuco horrendo. He hum instrumento de guerra chamado pelos Latinos *balista*, de hum verbo Grego ballo, que quer dizer arremessar, porque tira pedras, cadeas de ferro, settas, & tudo o que lhe mettem dentro, como diz Vegicio, & Vitruvio.

Ariete forçoso. He vay, & vem, instrumento de guerra, chamado ariete, que quer dizer carneyro, porque a modo de carneyro marra com os muros para os derribar.

Mas

80

MAs o velho, a quem tinhão já obrigado
Os trabalhos os annos ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem do Mouro, povo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza com a idade.

Mas o velho. Este he El-Rey Dom Affonso Henriques, o qual estando em Coimbra por onde passa o rio Mondego, como soube do cerco do filho, acudio com presteza, cuja chegada foy causa da destruição dos Mouros, os quaes havia cinco dias tinhaõ posto ao Infante Dom Sancho em grandissimo aperto com combates continuos.

81

E Co' a famosa gente â guerra usada,
Vay soccorrer o filho, & assi juntados,
A portuguesa furia costumada,
Em breve os Mouros tem desbaratados:
A campina, que toda está qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seos senhores mortos, chea fica.

E co a famosa gente. Gente famosa, entende gente illustre, & digna de fama, & honra. No tempo de Tullio esta palavra *famosus* se tomava sempre em má parte, por cousa infame. Donde a huma pessoa perdida, & infame chamavão famosa, como estaõ cheyos os livros. No tempo de Plinio, & outros mais modernos se usou tambem em boa parte, como aqui o Poeta.

82

LOgo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida;
O Miralmumini só naõ fugio,
Porque antes de fugir, lhe foge a vida:
A quem lhe esta vitoria permitio,
Daõ louvores, & graças sem medida,
Que em casos taõ estranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente:

Porque antes de fugir lhe foge a vida. Isto diz porque antes de fugir foy morto pelos nossos, como dizem as Chronicas, & fica notado atrás.

83

DE tamanhas vitorias triunfava
O velho Affonso Princepe subido,
Quando, quem tudo em fim vencendo andava
Da larga, & muyta idade foy vencido:
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido,
E pagâraõ seus annos deste geyto,
Aa triste Libitina seu dereyto.

A pallida doença lhe tocava. O felicissimo Rey Dom Affonso Henriques Rey de Portugal, do qual por algumas oytavas deste canto terceyro havemos trattado, tocando sómente algumas cousas, que se naõ escusavaõ para entendimento do livro, viveo noventa & hum annos, dos quaes dezoyto esteve debayxo do poder de seu pay o Conde Dom Henrique, & vinte & sette teve o titulo de Princepe depois da morte do pay, até que venceo os cinco Reys Mouros no campo de Ourique: & antes de se dar a batalha foy levantado por Rey, no qual cargo viveo 46. annos. Falleceo aos seis dias do mez de Dezembro de mil cento oytenta & cinco annos, anno & meyo depois que o Miralmuminim cercou Santarem. Morreo este Santo Rey de sua natural doença, & de muyto velho, (como diz aqui o Poeta, usando de terminos Poeticos) em Coimbra, & foy enterrado no Mosteyro de Santa Cruz, em hum monumento de pedra chã, o qual Mosteyro elle novamente fundára, & dotára largamente, & ao qual tinha singular devoçaõ. A qual sepultura El-Rey Dom Manoel mandou tirar, & por em outro lugar mais conveniente a taõ alto original seu. Pallida se chama á doença, que quer dizer amarella, pelos effeytos que nos corpos faz, que he fazelos amarellos. Lybytina he a que por outro nome os Poetas chamaõ Proserpina, molher de Plutaõ senhor do Inferno: A esta triste casa tinhaõ por certo os Antigos todos os q hiaõ, mas que havia lugares de pena para os maos, & lugares de descanço, aonde moravaõ os que nesta vida viveraõ bem, ás quaes partes chamavaõ campos Elisios, por serem deleytosos, & fóra de enfadamentos, & trabalhos. Isto he aqui o que diz o Poeta, para dizer que falleceo o Bemaventurado Rey Dom Affonso Henriques, diz que pagou seu tributo à triste Libitina, fallando como Poeta. Considerada a liçaõ dos Poetas antigos, acho que Libitina era a mesma que os Poetas chamaõ Venus, senhora das graças, & galantarias, a qual assim como para os vivos lhe attribuhiaõ este dom, assim a pintavaõ presidente da morte, & que no seu templo se vendiaõ todas as cousas para as exequias dos defuntos: dando por estes rodeos a entender a fraqueza, & pouca dura da vida humana, pois a mesma que nos principios da vida ajudava, & favorecia aos homens, & era

causa de muytos gostos,& passatempos, lhe tinha prestes, & aparelhados os instrumentos, & petrechos necessarios para a segultura, como diz Celio Rodrig. nas suas lições antigas,liv.6.cap.18.

84

O Saltos promontorios o chorârão,
E dos rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagârão,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargàrão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reyno chamaraõ,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Os altos Promontorios o chorâraõ. He termo de fallar muyto usado dos Poetas, para encarecimento do que trattaõ, como fez Virgilio na primeyra Egloga, aonde introduz Melibeo pastor em nome dos Mantuanos, falando com Tytiro outro pastor, que se alli toma pelo mesmo Virgilio, mostrando o grande gosto,& contentamento que toda a gente de Roma tinha com a conversaçaõ de Virgilio,& como cõ sua ausencia estava tudo triste.

Tytirus hinc aberat,ipsæ te Tytire pinus,
Ipsi te fontes,ipsa hæc arbusta vocabant.

Tytiro diz Milibeo naõ estava Roma contente, nem mostrava ter gosto perfeyto, porq̃ lhe a voz faltaveis,os pinheyros,as fontes, & as arvores solluçavão, & choravaõ por vòs. Entende pelos pinheyros os principaes da terra,pelas fontes os Letrados,& Poetas,pelas arvores a mais gente. Assim o nosso Poeta aqui pelos Promontorios entende os principaes,assim de seu Reyno,como de outras partes,& pelos rios todas as mais gentes,que a modo de rios andaõ nesta vida,para huma parte, & outra.

Affonso, Affonso,os echos,mas em vaõ. Echo, he palavra Grega, que propriamente quer dizer vós de icheo,que significa soar. Entre nós propriamente se toma pelo retorno de nossa vós, o que succede da natureza do lugar aonde bradamos, que indo retumbando a vóz por entre outeyros, & valles, ferindo-se o ar com a vóz, torna a nòs a mesma vóz, & houvimos os ultimos assentos das palavras que dissemos. A fabula de Echo convertida em vóz, & depois de vôz em pedra, conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 3. & ha lugar aonde o echo da vóz responde sette vezes, como diz Plinio liv. 3. cap. 15. & Lucrecio Poeta antigo diz, que elle vio este lugar com seus olhos, aonde o echo a huma vóz sua respondia seis & sette vezes:

Sex etiam,ac septem loca vidi reddere voces
Unam cum taceres:ita colles collibus ipsis
Verba repulsantes iterabant dicta referri.

Eu vi(diz Lucrecio)lugares que respondiaõ a huma vóz seis & sete vezes, o que procedia dos outeyros, & concavidades da terra, que ferindo o ar nella, & naõ podendo passar adiante, tornavaõ atrás, confórme aos lugares, com que se encontravaõ,assim respondiaõ. Vejase Plinio no lugar allegado.

85

S Ancho fórte mancebo, que ficàra
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida jâ se exprimentára,
Quando o Bethis de sangue se tingia:
E o brabo poder desbaratara
Do Ismaeltia Rey de Andaluzia,
E mais quando,os que Beja em vão cercàraõ
Os golpes de seu braço em vão provàrão.

Quando Bethis de sangue se tingia. Isto diz pela batalha que Dom Sancho deu aos Mouros junto a Sevilha, aonde houe tanta mortandade, que o rio Bethis,que he o de Guadalquibir,tinha suas aguas vermelhas com o sangue dos muytos Mouros que nelle cahiraõ, como atràs fica dito neste mesmo canto. ¶ *E mais quando os que Beja em vaõ cercàraõ.* Isto fica trattado neste mesmo canto,oytava 75.

86

D Epois que foy por Rey alevantado,
Havendo poucos annos que reynava
A Cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foy das valentes gentes ajudado
Da Germania armada, que passava,
De armas fortes,& gente apercebida
A recobra Judea, jâ perdia.

A Cidade de Sylves tem cercado. A nove dias do mez de Dezembro de mil cento oytenta & cinco, tres dias depois da morte d'El-Rey Dom Affonso Henriques, foy seu filho o Infante Dom Sancho levantado por Rey na Cidade de Coimbra, por todos os nobres do Reyno, & com todas as ceremonias, & solemnidades costumadas, sendo de idade de 31.annos, porque naceo em Coimbra a onze de Novembro de 1154. Este Rey Dom Sancho cercou a Cidade de Sylves, vespera de Santa Maria Maglalena a 22.de Julho de 1190. a qual tomou com ajuda de huns Estrangeyros, que com cincoenta & tres velas aportáraõ a estas partes com huma grande tormenta que lhe deu,que para este Reyno naõ foy tormenta, se naõ huma grande misericordia do Senhor. As Chronicas andaõ erradas na era do Senhor, as quaes dizem que foy isto no anno de 1199. naõ sendo senaõ no de 1190. como fica dito. Estes Cavalleyros Estrangeyros hiaõ em companhia do Emperador Federico, chamado

mado por alcunha Barbaroxa, que por esta razaõ lhe chama o nosso Poeta na oytava seguinte Roxo Federico, a conquistar a Terra Santa, que Guido Lusigniano seu ultimo Rey perdera.

87

PAssavão a ajudar na santa empreza
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da Cidade, onde Christo padeceo:
Quando Guido co' a gente em sede acesa
Ao grande Saladino se rendeo,
No lugar onde aos Mouros sobejavão
As agoas, que os de Guido desejavão.

Quando Guido co' a gente em sede acesa. A Cidade de Hierusalem foy tomada aos Mouros no anno de 1099. havendo noventa que estava em poder de infieis, a qual se tomou por Princepes Christãos, que para este effeyto fizeraõ liga. Entre os quaes hia hum Capitaõ valerosissimo Duque de Lotharingia, a que os Latinos chamaõ Gotfredo, & os Hespanhoes Gudufre de Bulhaõ. Depois de ganhada a Terra, com tanta mortandade de infieis, que dizem os Autores que o sangue dava pelos artelhos, todos de commum consentimento levantáraõ por Rey a este Gudufre de Bulhaõ, por ser Varaõ excellentissimo, & fazendolhe em Bethlem suas ceremonias, & solemnidades, por nenhum caso quis consentir que lhe pusessem na cabeça huma coroa de ouro, dando por razaõ que naõ era decente ser elle coroado com ouro, aonde Christo fora coroado com espinhos. Depois deste Gudufre de Bulhaõ, houve oyto Reys: Balduino primeyro, Balduino segundo, Falcaõ Balduino terceyro, Almerico Balduino quarto, Balduino quinto o minino, a que chamáraõ assim os Autores, porque morreo menino, & Guido, que a perdeo, como contaremos. Tendo Saladino Soldaõ do Egypto posto cerco a Tyberiade, Cidade do Conde Raymundo, determinou Guido Lusigniano Rey de Hierusalem sahir a pelejar com Saladino, com ajuda de Boemundo Conde de Antiochia, & do Conde de Tripoli, & de outros Senhores. Como a nova da sahida destes Princepes chegou a Saladino, levantou logo o cerco á Cidade, & foy-se tambem em busca dos Christãos. E porque a Terra he de poucas aguas, tomou Guido o caminho muyto apressado com sua gente por se aproveytar de certo lugar que tinha agua, mas por mais pressa que se deu, jà os inimigos quando elle chegou tinhaõ ganhado o lugar, do qual nunca Guido os pode lançar fóra. E como a sua gente, & os cavallos hiaõ cansados do caminho, & muyto mal trattados da sede, a proveytouse Saladino desta occasiaõ, & dando batalha aos Christãos os venceo, & prendeo a El-Rey Guido, isto foy no anno de 1186. & logo no anno seguinte de oytenta & set- te lhe foy entregue Hierusalem a partido, havendo oytenta & oyto annos que estava em poder de Christãos. Esta he a sede de que aqui fala o Poeta. Com esta nova taõ triste para a Christandade o Emperador Federico, ainda que velho determinou ajuntar todo seu poder para cobrar a Hierusalem, & o mesmo fizeraõ os Reys de França, Inglaterra, & outros muyto Senhores, os quaes ainda que tomáraõ muytos lugares na Asia, & por muytas vezes destruhiraõ os inimigos, todavia a Terra Santa ficou em poder dos infieis, porque Federico que era a cabeça do exercito morreo afogado em hum rio, aonde se meteo para se lavar aos dez dias do mez de Junho de mil cento & noventa. Houve depois disto grandes dissenções entre El-Rey de França, & Inglaterra, que foy causa de isto naõ hir avante, como em muytas Historias se conta.

88

MAs a fermosa armada, que viera,
Por contraste de vento àquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Ja que em serviço vay do santo Marte:
Assi como a seu pay acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador destroe, & doma.

Santo Marte. Santa guerra, porque Marte, a que os Antigos tiveraõ por Deos da guerra, se toma muytas vezes pela mesma guerra. Chama-se guerra santa esta, que os Christãos emprendiaõ contra os possuidores da Terra Santa.

Assi como a seu pay acontecera. Atrás trattey neste canto, como com ajuda de huma armada de Alemanha, Inglaterra, & França foy cercada, & tomada Lisboa.

89

E Se tantos trofeos do Mahometa,
Alevantando vay, tambem do forte
Leonez, naõ consente estar quieta,
A terra usada aos casos de Mavorte:
Atê que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muytas Villas suas vizinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas:

E se tantos trophees. Da fugida dos inimigos que se chama em Grego tropi, se chama tropheo o final que se punha em algum lugar em memoria da sua fugida. Veja-se o que escrevemos non canto primeyro.

Tambem do forte Lionez. Isto diz porque El-Rey Dom Sancho tomou a El-Rey Dom Affonso de Leaõ a Cidade de Tui, Ponte vedra, & Sampayo, & outros lugares de Galiza, de que sempre foy senhor em quanto viveo.

Ma,

90

MAs entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeyro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rey terceyro:
No tempo deste aos Mouros foy tomado
Alcaçare do Sal por derradeyro,
Porque de antes os Mouros o tomărão,
Mas agora estruido o pagàrão.

Mas entre tantas palmas salteado. Palma toma aqui o Poeta pela vittoria, cousa muyto usada entre os Poetas. A causa porque a palma significa vittoria dá Aulo Gellio nas suas noytes Atticas liv. 3. cap. 6. dizendo que tem a palma huma particularidade, que diz muyto com a natureza, & condiçaõ dos homens esforçados: & he que por mayor pezo que ponhaõ sobre ella, & por mais que a apartem, sempre tira para cima, & que por nenhum caso se sabe sogeytar. Aristoteles nos Problemas lib. 7. & Plutarco nas questões continuaes lib. 8. Plinio liv. 16. c. 42. & Theophrasto lib. 5. dizem o mesmo. Falleceo El-Rey Dom Sancho depois de alcançadas grandes vittorias, & feytas grandes maravilhas em armas, em Coimbra de sua doença, sendo de idade de cincoenta & oyto annos, havendo vinte & seis que reynava no anno do Senhor de 1212.

Fica herdeyro hum filho seu. Este filho que succedeo no Reyno he El-Rey Dom Affonso segundo deste nome, & terceyro Rey de Portugal, o qual em vida de seu pay casou com a Raynha Dona Urraca, filha legitima d'El-Rey Dom Affonso o nono de Castella. Foy levantado por Rey de idade de vinte & cinco annos, havendo já quatro que era casado. Este tomou a Villa de Alcacere aos Mouros, com ajuda dos Estrangeyros, como aconteceo a seu pay Dom Sancho na tomada de Sylves. Foy entrada Alcacere, & tomada pelos nossos em dia do Bemaventurado S. Lucas, a dezoyto de Outubro de mil duzentos & dezassette, tendo primeyro desbaratados quatro Reys Mouros que a vinhaõ soccorrer com quinze mil de cavallo, & oytenta mil de pé, em dia dos Bemaventurados Martyres Protho, & Hiacintho em onze de Septembro do dito anno.

Porque d'antes os Mouros os tomàraõ. No tempo d'El-Rey Dom Sancho se perdeo Alcacere, & Sylves, não por descuydo, & fraqueza dos seus, se naõ pelos trabalhos do Reyno, porque houve grãdes pestes, fomes, & outros trabalhos, que estorvaraõ poderem ser soccorridas.

91

MOrto depois Affonso, lhe sucede
Sancho segundo, manço, & descuidado,
Que tanto em seus descuydos se desmede,
Que de outrem, que mandava, era mandado:
De governar o Reyno, que outro pede,
Por causa dos privados foy privado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seos vicios consentia.

Morto depois Affonso lhe succede Sancho. Falleceo El-Rey Dom Affonso no anno de mil duzentos & vinte & quatro, sendo de idade de trinta & sette, & havendo doze que reynava. Jaz em Alcobaça com a Raynha Dona Urraca sua molher, na Cappella grande, que elle em sua vida mandou fazer. Soccedeolhe no Reyno Dom Sancho o segundo, & quarto dos Reys de Portugal, chamado por alcunha o Capello, foy levantado por Rey em Coimbra, sendo de idade de dezasseis annos. Era muyto pusillanime, & desconcertado no governo do Reyno, & nas cousas da justiça de muyto fraco espiritu, & pelo conseguinte muyto lasso, pelo que naõ castigava os vicios, nem hia à maõ aos que commettiaõ quaesquer maldades, & insultos, o que foy causa de se ajuntarem os principaes do Reyno, & avisarem ao Summo Pontifice Innocencio III. para que provesse nestas cousas, & lhe désse quem os governasse. Entaõ foy acordado que fosse eleyto por Governador do Reyno hum irmaõ do dito Rey Dom Sancho, o qual era Conde de Bolonha. Elle o aceytou, & vindo a este Reyno Dom Sancho, & os da sua conserva lhe quizeraõ resistir, mas como naõ puderaõ Dom Sancho se sahio do Reyno, & se foy a Castella, aonde morreo no anno de mil duzentos & quarenta & sette, & jaz sepultado na Sé de Toledo. Viveo quarenta annos, dos quaes foy Rey vinte & quatro.

92

NAõ era Sancho, naõ taõ deshonesto,
Como Nero, que hum moço, recebia
Por mulher, & depois horendo incesto,
Com a mãy Agripina cometetia:
Nem taõ cruel ás gentes, & molesto
Que a Cidade queymasse, onde vivia,
Nem taõ mao, como foy Heliogabalo,
Nem como o molle Rey Sardanhapalo,

Naõ era Sancho naõ taõ deshonesto. El Rey Dom Sancho Capello naõ era homem inclinado a commetter vicios, & maldades, como se lé de outros Reys, que na vida foraõ muyto desenfreados nellas: foy privado do Reyno por ser pusillanime, & fraco de espiritu, & para muyto pouco, porque naõ sabia castigar, nem reprehender, & assim consentia, & dissimulava com os vicios dos homens, que he assàs grande mal. Nero sexto Emperador Romano (cujas crueldades, & injustiças passaraõ por todas as dos outros crueis, & pessimos Tyrannos) foy na

crueldade

crueldade taõ eſtremado, que para chamarmos a hum homem cruel,coſtumamos dizer:he hum Nero. Eſte perſeguio grandemente a Igreja de Deos. Padeceraõ em ſeu tempo os bemaventurados Apoſtolos S.Pedro, & S.Paulo, & outros muytos Santos,que ſeria largo contar: mandou pór fogo a ſua patria, como affirma Suetonio, Paulo Oroſio, & outros muytos. O qual fogo dizem que durou ſeis dias,& ſette noytes, & que em quanto ardia Roma, ſe poz em huma torre alta,donde eſtava vendo arder a Cidade, & com grande contentamento, & goſto contava huns verſos de Homero, que trattaõ da deſtruiçaõ, & incendio de Troya. Mattou ſua propria molher, mãy, & irmaõ.

Nem taõ mao como foy Heliogabalo. Eſte foy outro Emperador Romano tal como Nero,de que atràs fallamos, o mais vicioſo, & affeminado homem que no mundo houve. Nos gaſtos de ſua peſſoa,& na gula era taõ eſtragado, que dizem os Autores que delle eſcrevem, que nenhum Rey por muyto rico que fora ſe pudera ſuſtentar, gaſtando o que eſte gaſtava,& que valia a eſte ſer Senhor do mundo,& ter as rendas,& riquezas de todo elle,que de outra maneyra naõ pódem viver, taõ exceſſivos eraõ os gaſtos que fazia. E porque ſuas abominaçóes,& vicios ſaõ taes,que he melhor naõ as ſaber, nem ouvir, & eu me corro trattar dellas as naõ ponho aqui. Quem as quizer ler,veja Herodiano, Lampridio, Eutropio, & Pero Mexia em ſua vida.

Nem como o molle Rey Sardanapalo. Sardanapalo foy ultimo Rey dos Aſſirios taõ ſenſual, & luxurioſo,que naõ ſe corria andar entre as molheres de partido,veſtido de ſeu trajo,& fiando em roca entre ellas, & falando palavras deshoneſtas, & laſcivas, como ſe fora mulher publica. Mandou que lhe puzeſſem eſte Epitaphio na ſua ſepultura depois de ſua morte.

Ede,bibe,& lude,poſt mortem nulla voluptas.

Come, bebe, & folga, que com a morte tudo ſe acaba. Epitaphio, como diz Cicero nas Tuſculanas,mais para boy, que para Rey. Tomados os Aſſirios, & enojados por ter tal Rey, ou por melhor dizer de obedecer a huma molher,ſe levantáraõ contra elle para o matar, o que elle naõ eſperou, porque recolhendoſe aos paços da Cidade de Nino, cabeça, & metropoli de Aſſiria(que a Eſcrittura Sagrada chamada Ninive) mandou fazer huma fogueyra,& poſto nella todo o ouro,prata, & riquezas que tinha, ſe queymou juntamente com elle,como diz Ovidio no ibis.

Inque pyram tecum cariſſima corpora mittas
Quem finem vitæ Sardanapalus habet.

Eſcrevendo contra hum ſeu inimigo entre outras pragas que lhe roga he,que morra a morte de Sardanapalo, que ſe queymou por ſua livre vontade.

93

Nem era o povo ſeu tyranizado,
Como Sicilia foy de ſeus tyranos,
Nem tinha, como Falares, achado
Generos de tromentos inhumanos:
Mas o Reyno de altivo,& coſtumado
A ſenhores em tudo ſoberanos,
A Rey naõ obedece, nem conſente,
Que naõ for mais que todos excellente.

Naõ era o povo ſeu tyrannizado, como Cicilia foy de ſeus tyrannos. Cicilia, como diz Juſtino no livro 4. aonde tratta de ſeu ſitio, & fertilidade, foy mãy dos mayores tyrannos do mundo,& como os principaes da terra eraõ eſtes, a gente bayxa aprendia delles, pelo que era hum formigueyro de ladróes bayxos, donde veyo hum proverbio entre os Latinos,*Siculus omphacizat*,o Ciciliano faz furtos bayxos, como ſaõ uvas em agraço, que para pouco mais de nada preſtaõ. He terra muyto fertil, & abundante das couſas neceſſarias para a vida,aonde ſe atreveraõ muytos a lhe chamar *Romæ horreũ*, celleyro de Roma. E daqui fingiaõ os Poetas,que Ceres, & Bacco eraõ naturaes deſta ilha, por ſer taõ fertil,& abundante. He eſta ilha de fórma triangular,como Inglaterra,dizem que terà ſetecentas milhas de circuito. Foy antiguamente junta com Calabria,como alguns eſcrevem,& hum terremoto a dividio,& pos no meyo aquelle mar,que he de mil & cincoenta paſſos,& ſe chamá eſtreyto de Meſſina,o qual ainda que ſeja perigoſo em certos lugares,& tempos, naõ he tanto como os Poetas fingem, attribuindolhe Charybdis, & Scyllas taõ celebrados dos Eſcrittores Gregos, & Latinos. Entre outras muytas couſas que tem eſta ilha he aquelle taõ celebrado monte Ethna, do qual Petreo Bembo eſcreve hum livro particular, que anda impreſſo entre ſuas obras. A gente he valeroſa em armas, & letras, como ſe póde ver nas Hiſtorias antigas. Veja-ſe a noſſa annotaçaõ no canto 4.oytava 62.

Nem tinha como Phalaris achado generos de tormentos inhumanos. Eſte Phalaris foy tambem Ciciliano, & fez huma ventagem aos mais, que álem de tomar a fazenda aos ſeus, lhes tirava tambem as vidas, porque naõ gaſtava o tempo em outra couſa, ſe naõ em buſcar modos, & invençóes de tormentos com que os atormentaſſe. Como a fama deſta cruel curioſidade vieſſe âs orelhas de hum grande official por nome Perillo,ao qual Plinio, & outros chamaõ Perilao,fezlhe hum boy de metal,& com tal invençaõ que mettido hum homem dentro, poſto fogo debayxo, urrava como touro. Phalaris folgou muyto com a invençaõ, mas mandou ao meſtre que a fizera,que a provaſſe primeyro,& aſſim foy,& com muyta juſtiça, donde diz Ovidio na Arte lib.1.

Et Phalaris tauro violenti membra Perilli
Torruit, infelix imbuit author opus:
Iustus uterque fuit, neque enim lex iustior ulla est
Quàm necis artifices arte perire sua.

Phalaris fez provar primeyro a sua obra a Perillo, & com razaõ, porque he muyta justiça, que os que pretendẽ fazer mal o paguem. Phalaris tambẽ morreo da mesma maneyra, como diz Ovidio. No ibis.

Utque ferox Phalaris lingua prius ense resecta
More bovis Paphio clausus in ære gemas.

Porque naõ podendo os seus sofrer taõ grandes crueldades, lhe deraõ a morte, que elle a outros dava, & desta maneyra acabou como acabaõ mal, & cedo os que querem usar nesta vida de semelhantes obras. De Perillo, & Phalaris se veja a nossa annotaçaõ neste canto oytavo 39.

94

Por esta causa o Reyno governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rey, quando da vida se apartou
Seu irmaõ Sancho, sempre ao ocio dado
Este, que Affonso o Bravo se chamou,
E desque teve o Reyno segurado,
Em dilatalo, cuyda, que em terreno,
Naõ cabe altivo peyto taõ pequeno.

Por esta causa. Por El-Rey Dom Sancho ser hum homem para pouco, foy eleyto por Governador Dom Affonso Conde de Bolonha seu irmaõ, como atràs fica dito, o qual foy levantado por Rey, logo que o irmaõ morreo, & obedecido por tal no anno de mil duzentos & quarenta & sette. Este se casou segunda vez com huma Dona Beatris filha bastarda d'El-Rey Dom Affonso o decimo de Castella. Reynou 32. annos, falleceo em Lisboa no anno de 1279. a 20. de Março, & jaz em Alcobaça.

95

Dà terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada grande parte
Recupera co braço, & deyta fóra
O Mouro mal querido jà de Marte:
Esta de todo fez livre, & senhora
Lusitania com força, & bellica arte
E acabou de oprimir a naçaõ forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

Da terra dos Algarves. Com esta Dona Beatris lhe foraõ dados os Castellos, & Villas dos Algarves em casamento que El-Rey tinha, & a conquista dos mais. Pelo que elle foy o primeyro Rey de Portugal, que teve este titulo, & assim se ajuntaraõ logo ás armas de Portugal huns castellos dourados em campo vermelho por razaõ deste novo acrecentamento dos Algarves. Esta he a verdadeyra origem daquelles castellos, ainda que outros queyraõ dar outra. Este Rey sendo vi a a primeyra molher, se casou com a dita Dona Britis contra todo o direyto, & justiça. Pelo que houve neste Reyno muytos annos interdito, até que morreo a Condessa de Bolonha sua primeyra molher. Entaõ o Papa á petiçaõ dos Prelados, & nobres do Reyno dispensou com elle, & ligitimou seus filhos, como nas Chronicas se póde ver. No tempo deste Rey, Portugal, como diz aqui o Poeta, foy limpo de Mouros, aonde nunca mais puseraõ pè.

96

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre, & dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o Reyno prospero florece,
(Alcançada jà a paz aurea divina)
Em constituições, leys, & costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

Eis depois vem Diniz. Depois da morte deste Rey que foy em Lisboa a 20. de Março de 1279. sendo de idade de setenta annos, dos quaes reynou trinta & dous, & foy sepultado no mosteyro de S. Domingos que elle fez, socedeo no Reyno seu filho Dom Diniz, o qual logo foy levantado por Rey, sendo de idade de dezoyto annos, havendo nove mezes, que sem ser casado tinha sua casa, & vivia apartado de seu pay. Este Rey, dizem os Chronistas, que foy de muyta verdade, justiça, & liberalidade que o Poeta compara com a de Alexandre Magno, do qual saõ escrittas grandes cousas âcerca da liberalidade, & condiçaõ.

97

Fez primeyro em Coimbra exercitarse
O valeroso officio de Minerva
E de Helicona as Musas fez passarse,
A pesar do Mondego a fertil erva:
Quanto póde de Athenas desejarse,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva,
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, & do sempre verde Louro.

Fez primeyro em Coimbra exercitarse. Como este Princepe era perfeytissimo em tudo, quis que seus vassallos o fossem tambem, & que pois na milicia eraõ estremados, o fossem tambem nas letras, pelo que foy o primeyro que fez em Coimbra houvesse estudos, para os quaes buscou homens de todas as partes

partes eminentes, aos quaes fazia muytas honras, & merces.

Officio de Minerva. He o exercicio das letras, o qual se chama assim, porque os Antigos chamàraõ a Minerva, que por outro nome se chama Pallas, Deosa das sciencias. Veja-se o que notámos no segundo canto oytava 78.

E de Helicon as Musas fez passarse. Por termos Poeticos, & Rhetoricos diz, como El-Rey foy o primeyro que fez houvesse estudos em Portugal. Helicon he hum monte dedicado a Apollo ás Musas, padroeyras dos Poetas, que está em Phocis regiaõ de Grecia, naõ longe do monte Parnaso, como diz Estrabaõ lib. 9. Deste monte Helicon se chamaõ as Musas Heliconidas, como lhe chamou Perseo no prologo das suas satyras. Diz aqui o Poeta que deste monte Helicon, aonde as Musas tinhaõ sua morada, se vieraõ a Coimbra, por onde o rio Mondego passa.

Quanto pode de Athenas desejarse. Encarece os estudos de Coimbra, & na verdade elles daõ taes mostras de si, & produzem tal fruyto, que naõ sinto outros que lhe façaõ ventagem. E por o mundo saber assàs desta verdade naõ trattarey mais della. Quanto á Cidade de Athenas, de que aqui o Poeta fala, taõ celebrada pelos Escrittores, & taõ conhecida pela fama, hoje he huma triste aldea, como fica dito neste canto oytava 51.

Do Baccaro, & do sempre verde louro. Baccaro he huma herva, chama-se em vulgar montaõ, tem as folhas como borragens, & humas flores amarellas, como as da herva vaqueyra, ainda que mais pequenas, desta herva se coroavaõ os Poetas antigos, como diz Virgilio.

Baccare frontem.
Cingite, ne vati noceat mala lingua futuro.

A qual dizem que tinha virtude contra o mao olho, como alli sente Virgilio, & declara Servio. Pondelhe (diz Virgilio) huma cappella de herva baccaro, porque a má lingua naõ faça mal a este, que ha de ser Poeta. O olho mao, a que os Latinos chamaõ *fascinus*, dizem os Autores que succede de duas maneyras Plinio liv. 7. c. 2. diz que em Africa havia certa casta de gente, que com a lingua mattavaõ, porque tudo o que louvavaõ se perdia, seccavaõ-se as arvores, morriaõ os mininos. Na Esclavonia diz o mesmo Plinio que havia gente, que pondo os olhos fitos em alguma cousa a matavaõ, & que esta gente tinha em cada olho duas mininas. Na regiaõ do Ponto de Asia diz o mesmo Autor, q̃ havia outra casta de gente chamados Thebros, que tinhaõ a mesma particularidade, & desta maneyra de olhado entende Virgilio. Coroavaõ-se tambem os Poetas de louro por mandado de Apollo seu padroeyro, porque nelle se converteo Daphne filha do Rio Peneo, a que elle era muyto affeyçoado. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorphoses lib. 1.

98

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos muy seguros,
E quasi o Reyno todo reformou,
Com edificios grandes, & altos muros:
Mas depois, que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficoulhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte, & excellente.

Mas depois que a dura Atropos. Fingem os Poetas que ha tres Parcas, que fiaõ a vida dos homens, & que determinaõ della o que lhes parece. Das quaes Atropos cortava o fio, pelo qual se entende a vida do homem. O que aqui tambem diz o nosso Poeta, que depois que Atropos cortou o fio dos dias d'El-Rey Dom Diniz, que quer dizer, depois que El-Rey Dom Diniz falleceo. Quanto ás Parcas trattey dellas largamente no canto 1. oytava 24.

Ficoulhe o filho pouco obediente. Depois da morte d'El-Rey Dom Diniz, que foy a sete dias do mez de Janeyro, outros dizem a vinte do mesmo mez de 1325. O qual viveo sessenta & quatro annos, & delles reynou quarenta & seis, & esta sepultado no Mosteyro de Odivellas que elle mandou fazer, foy levantado por Rey em Santarem no mesmo mez, & anno atrás dito, seu filho Dom Affonso deste nome o quarto, & dos Reys de Portugal o setimo, o qual em vida de seu pay lhe foy muyto desobediente, & como contaõ as Chronicas, desejou por muytas vezes darlhe batalha, & succederaõ algumas cousas de memoria, que nas Chronicas do Reyno se pódem ver.

99

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Com peyto desprezou firme, & sereno,
Porque naõ he das forças Lusitanas
Temer poder mayor por mais pequeno:
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entràrão pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a soccorrella,

Este sempre as soberbas Castelhanas. Teve este Rey Dom Affonso grandes quebras, & desavenças com El-Rey Dom Affonso de Castella, o onzeno seu genro. Mas sempre levou a melhor, assim em obras, como em palavras como o nosso Poeta aqui diz, & trattaõ largamente as Chronicas do Reyno, com tudo sempre o favoreceo, & ajudou todas as vezes que foy sua ajuda necessaria, como fez, principalmente na batalha do Salado, quando El-Rey de Marrocos com os Reys de Tunes, Bugia, & Granada, & hum poderosissimo exercito quis ver se podia tomar Hespanha. A qual pressa acodio

O El-Rey

El-Rey Dom Affonso de Portugal a pedimento de Dona Maria sua filha Raynha de Castella, & junto com seu genro deraõ batalha aos Mouros, dos quaes, segundo algumas Chronicas dizem, morreraõ mais de quatrocentos mil,& dos Christãos vinte homens. As particularidades, & miudezas disto se pódem ver na Chronica, & o nosso Poeta o conta aqui por algumas oytavas.

Temer poder mayor por mais pequeno. Porque os Portuguezes aindaque sejaõ muyto menos em numero,naõ se acobardaõ a exercitos mayores.

Hesperico terreno. He a terra de Hespanha.

100

Nunca com Semiramis gente tanta
Veyo os campos Hydaspicos enchendo,
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos açoute horrendo:
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessivo de Granada,
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Nunca com Semiramis gente tanta. Foy Semiramis molher de Nino Rey dos Assyrios. Morto Nino,vendo Semiramis, que hum filho que lhe ficava de seu marido, & do mesmo nome do pay, pela pouca idade naõ podia ter a governança do Reyno: & vendo tambem que os Assyrios naõ queriaõ ser governados por molher, fingio-se ser seu filho,& desta maneyra se começou a metter na governança dos Assyrios., o que fez por muytos annos com muyto valor,como conta Justino liv.1. in principio. Foy taõ prudente,& varonil em suas cousas, & houve-se de tal maneyra no governo do Reyno, que se naõ contentou com conservar o que de seu marido lhe ficou, mas acrecentou outros muytos Reynos, & Provincias,& na India meteo grandes exercitos para a sujeytar, como diz aqui o Poeta. Por campos Hydaspicos se entende aqui campos da India,chamados assim do rio Hydaspes,que a rega.

Nem Attila, que Italia toda espanta. Attila que se intitulava Rey dos Hunnos, Godos, Medos, & Danos: medo, & espanto do mundo, açoute, & castigo de Deos: sahio de suas terras com quinhentos mil homens de peleja, com que poz espanto a toda Italia, fazendo grandes crueldades pelos lugares por onde passava. Atrás trattey de Attila neste canto,oytava 14. & assim no canto segundo oytava 97. pelo que aqui me naõ alargo mais.

Campos Tartesios. Saõ campos de Tarifa, Villa de Andaluzia assâs conhecida, chamada entre os Latinos Tartesia.

101

E Vendo o Rey sublime Castelhano,
A força inexpugnavel, grnade, & forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Jà perdido huma vez, que a propria morte:
Pedindo ajuda ao forte Lusitano
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, & filha amada,
Daquelle, a cujo Reyno foy mandada.

Jà perdido huma vez. No tempo d'El Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godos.

102

Entrava a fermosissima Maria,
Pelos paternaes paços sublimados
Lindo o gesto, mas fóra dealegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados,
Diante do Pay ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha.

Entrava a fermosissima Maria. Esta era a Raynha Dona Maria filha d'El Rey Dom Affonso de Portugal, casada com El-Rey Dom Affonso de Castella, como atrás fica declarado. Pintanos aqui o Poeta como entrou esta Senhora nos paços de seu pay, a pedir ajuda da parte de seu marido contra os Mouros, que determinávaõ destruir segunda vez Hespanha.

Eburneos hombros. Hombros de marfim, hombros fermosos, porque *ebur* he marfim.

103

Quantos povos a terra produzio,
De Africa toda, gente fera, & estranha,
O graõ Rey de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Espanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Traz tal ferocidade, & furor tanto,
Que a vivos medo, & a mortos faz espánto.

Salso mar. Mar salgado.

104

Aquelle, que me deste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' pequeno poder offerecido
Ao duro golpe esta da Maura espada:
E se não for contigo socorrido,
Vermehas delle, & do Reyno ser privada,
Viuva triste, & posta em vida escura,
Sem marido, sem Reyno, & sem ventura.

Aquelle

Aquelle que me deste por marido. Conta o Poeta a pratica que a Raynha Dona Maria de Castella teve com El-Rey Dom Affonso seu pay, persuadindoo fosse em soccorro d'El-Rey de Castella seu marido,contra os Mouros,que determinavaõ destruir Hespanha.

105

POr tanto, o Rey de quem com puro medo,
O corrente Moluca se congêla,
Rompe toda a tardança, acode sedo
A miseravel gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro,& ledo,
De Pay o verdadeyro amor assella,
Acode,& corre Pay, que se naõ corres,
Póde ser que naõ aches quem soccorres.

O corrente Molucha. Molucha he rio do Reyno de Fez, como quer Ptolomeo na primeyra taboa de Mauritania Tingitana liv. 4. Os Mouros lhe chamaõ hoje Munzemar , os Latinos Molucha, ou Mulucha , he rio grande , & que se vadea em muyto poucas partes.

106

NAõ de outa sorte a timida Maria
Fallando està, q̃ a triste Venus, quando
A Jupiter seu pay favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando:
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das mãos o rayo infando,
Tudo o Clemente Padre lhe concede,
Pezandolhe do pouco que lhe pede.

Não de outra sorte. Compara o Poeta aqui a Raynha Dona Maria nestas lastimas , que conta a seu pay , com Venus filha de Jupiter , & mãy de Eneas Troyano,a qual vendo seu filho perseguido de Juno , & em estado de se perder com toda sua armada , com muytas lagrimas lhe pede remedio para hum taõ grande mal. Conta isto Virgilio no livro primeyro da Eneida , naõ muyto longe do principio.

Rayo infando. As insignias com que Jupiter se arma,que saõ principalmente rayos.Infando rayo, pela crueldade que usa no matar , & destruir todas as cousas em que dá. E assim como Jupiter, por naõ fazer mal a Venus com seus rayos, os lançou de si : assim El-Rey Dom Affonso tirou de si todo o odio que contra El-Rey de Castella tinha, para favorecer a sua filha.

107

MAs jà cos esquadrões da gête armada,
Os Eborenses campos vaõ coalhados,
Lustra co Sol o arnés, a lança, a espada,
Vaõ rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeyrada,
Os corações à Paz acostumados,
Vay ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Os Eborences campos vaõ coalhados. Isto diz, porque ao tempo que a Raynha Dona Maria foy pedir este soccorro , estava El-Rey seu pay em Evora.

108

ENtre todos no meyo se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leva o collo levantado:
E sòmente co gosto esforça,& anima
A qualquer coraçaõ amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Raynha della.

109

JUntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estaõ defronte
Da grande multidaõ da cega gente,
Para quem saõ pequenos campo,& monte:
Naõ ha peyto tão alto,& tão potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça,& claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

Os dous Affonsos. Reys hum de Castella,& outro de Portugal.

110

EStão de Agar os netos quasi rindo,
Do poder dos Christãos,fraco,e pequeno,
As terras como suas repartindo
Ante maõ, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Sarraceno,
Assi tambem com falça conta,& nua,
A nobre terra alhea chamaõ sua.

Estaõ de Agar os netos. Netos de Agar , ou Agarenos se chamaõ os Mouros , que procedem de Ismael filho de Agar escrava de Abram. Daqui exercito Agareno , exercito dos Mouros.

Nome Sarraceno. Nome dos Mouros que tambem se chamaõ Sarracenos. Veja-se a nossa annotaçaõ neste canto oytava 23.

111

QVal o membrudo, & barbaro Gigante,
Do Rey Saul, com causa taõ temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, & esforço apercebido:
Com palavras soberbas arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais póde a fé, que a força, humana,

Qual o membrudo, & barbaro Gigante. Este he o Gigante Goliath, a que commummente chamamos Golias, que desafiou com palavras arrogantes, & soltas, a qualquer que do exercito de Saul se quizesse combater com elle, & que ficasse a vittoria com o exercito, que levasse a melhor, pondo cada hum de sua parte hum que pelejasse em sua defensaõ. E como houvesse já dias que este Goliath andava diante do exercito dos Hebreos armado, & soltando muytas palavras injuriosas. Achando-se ahi hum dia David pobre pastor, filho menor de Isay, como diz a Sagrada Escrittura liv. 1. Reg. cap. 17. sentido do que ouvia áquelle Gigante, determinou vir com elle a batalha, & fazendoo Saul armar, não pode sofrer as armas, pelo que se tornou a seu costume, que era funda, & cajado. Como o Gigante vio seu competidor, começou a zombar delle, mas tornouselhe a zombaria em choro, & morte porque lhe fez David hum tiro com a funda, com que lhe fez dar fim á batalha, cortandolhe a cabeça com a espada, como se conta mais largamente no livro dos Reys.

Pastor inerme. Pastor desarmado, porque como fica dito, naõ levou mais, que huma funda, com humas poucas de pedras em o surraõ.

112

DEsta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, & naõ entende,
Que està ajudado da alta Fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, & com destreza;
De Marrocos o Rey comete, & offende,
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reyno de Granada.

Se faz temer ao Reyno de Granada. Isto diz porque socedeo cairlhe este em sorte de peleja, como a El-Rey de Castella o de Marrocos, como aqui diz o Poeta, & depois que o teve vencido acudio a El-Rey Dom Affonso seu genro, que andava entre muytos Mouros, nos quaes fóra deraõ taõ boa manha, que em pouco espaço os destruhiraõ, matando grande multidaõ delles, como atrás fica dito, & o Poeta aqui conta.

113

EIs as lanças, & espadas reteniào
Por cima dos arneses, bravo estrago,
Chamão (segundo as leys que alli seguiaõ)
Huns Mafamede, & outros San-Tiago:
Os feridos com grita o Ceo ferirão,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meyo mortos se afogavão,
Quando do ferro as vidas escapavão.

Santiago. Padroeyro dos Hespanhoes, pelo que delle se escreve, que viveo nas Hespanhas, prégando nellas a Fé de Christo, pelo que sempre favoreceo aos Hespanhoes. E que Santiago haja prégado em Hespanha, & que por este respeyto seja padroeyro dos Hespanhoes, & os favoreça, & defenda nas batalhas: dilo o Bemaventurado S. Isydoro, & o Veneravel Beda, & outros muytos Autores, que com muyta diligencia ajuntou o illustrissimo Senhor Dom Joaõ de Vallasco Condestavel de Castella, em huns discursos, que fez sobre a vinda, & prégaçaõ deste bemaventurado Santo a estas partes.

114

COm esforço tamanho destrue, & mata
O Luso ao Granadil, q em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peyto de aço:
De alcançar tal vitoria tam barata,
Inda naõ bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando està co' Mauritano.

115

JA' se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, & inclinado
Para o ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande, horrendo
Foy pelos fortes Reys desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunqua no mundo vio taõ graõ vitoria.

Já se hia o Sol ardente recolhendo para a casa de Thetis. Descreve aqui o Poeta o tempo da tarde, com o qual se acabou a batalha, a qual se começou á hora da terça, que he ás nove horas do dia, no qual tempo houve tanta mortandade dos Mouros, que se affirma, que os mortos foraõ quatrocentos mil, & infinidade de cativos. Quanto a Thetis de que aqui fala o Poeta, vejase a nossa annotaçaõ no canto segundo, oytava 1.

Para o Ponente Vespero trazendo. Vespero ou Hespero

pero he o Planeta Venus,que nas partes Occidentaes aparece, em se pondo o Sol primeyro que todas as Estrellas, & Planetas, & assim antes que o Sol saya se vé no Ceo, depois de escondidas as outras Estrellas. Chamaõlhe Luzeyro, por ser mostrador da luz, porque fica no Ceo até a menhã clara,& parece que está mostrando o dia,& Estrella da alva pela mesma razaõ. Os lavradores lhe chamaõ Estrella boeyra, porque se regem por ella para saberem o tempo em que haõ de curar o seu gado. Naõ he a Aurora, como alguns cuydaõ, & escrevem (que he bom desproposito) porque a Aurora, como se diz neste livro por muytas vezes, naõ he Estrella, nem Planeta, senão aquella cor que no Ceo aparece,antes que o Sol saya,que he a claridade do dia.

116

Naõ matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrerão neste vencimento,
Quando as agoas co sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueyres tres de aneis dos mortos toma.

Naõ matou a quarta parte o forte Mario. Mario foy homem de bayxa sorte, viveo muytos annos no campo rustica, & pobremente, atè que movido de huma altivez de animo,que naturalmente tinha deyxada sua patria Arpino,se foy a Roma a ver se podia ter outra vida differente da que de seu pay herdàra. Como era homem de condiçaõ,& engenho,soube-se tambem negociar com os Romanos que o meteraõ no numero dos cidadãos, & como tinha grande espirito, veyo a ser taõ valeroso soldado, que entre todos os outros, que andavaõ nos exercitos Romanos sinaladamente fazia ventagem: em tanto que estando Scipiaõ Emiliano no cerco de Numancia a caso huma noyte na sua tenda se trattou quem lhe poderia soceder no cargo de Capitaõ morrendo elle, & pondo Scipiaõ os olhos em Mario estendeo a maõ, & a poz sobre hum hombro seu, mostrando que aquelle o merecia. Foy sete vezes Consul, venceo grandes batalhas,& houve grandes vittorias, entre as quaes foy esta de que o Poeta aqui faz mençaõ, & foy desta maneyra. Acabada a guerra de Africa,& preso El-Rey Jugurtha, sucedeo, que das partes Septentrionaes deceo huma Naçaõ de gente chamada Cymbros a Italia com suas molheres, & filhos, & juramentados de naõ largar Italia atè a destruir.E como alguns Capitães, que os Romanos mandàraõ,fossem vencidos por estes Cymbros,determinaraõ mandar Mario,o qual estando perto dos inimigos lhe dilatou a batalha com desenho, que os seus os fossem conhecendo pouco a pouco, para saber como se haviaõ de haver com elles, porque mostravaõ tanta ferocidade, que os Romanos os temiaõ. E porque no exercito de Mario havia falta de agua, & com esta dilaçaõ cada vez faltava mais, vendo-se Mario apertado dos soldados, que se queyxavaõ de sede, lhe mostrou hum regato de agua, mas que era necessario compraIa com sangue, os quaes rompendo com os inimigos remedearaõ o dano da sede, mas beberaõ de mistura muyto sangue, que no regato estava da grande mortandade que naquelle encontro houve. Foraõ vencidos nesta, & em outra batalha os Cymbros, na primeyra por sò Mario, & na segunda com ajuda do outro Consul chamado Catulo.

Nem o Peno asperrimo contrario do Romano poder de nacimento. Peno asperrimo, quer dizer Carthaginense muyto aspero. Chamaõ-se os Carthaginenses Penos, ou Punicos, porque tiveraõ sua origem de Phenicia, como dizem os Latinos, & tirada a aspiraçaõ lhe dizem Penos quasi Phenos. Aqui entende Annibal, que foy (como conta Titolivio no prologo da terceyra Decada, & Justino liv.29. & o nosso Poeta aqui) inimicissimo do Povo Romano de seu nacimento. Os quaes acrecentaõ,que postas as mãos sobre hum altar, aonde seu pay Amilcar estava fazendo sacrificio, andando em Hespanha em sua companhia, sendo minino fez juramento, que vindo á idade que pudesse tomar armas, trabalharia por extinguir o nome Romano. O qual entendido pelos Carthaginenses, o fizeraõ seu Capitaõ geral, sendo de idade de vinte & cinco annos. Desde o qual tempo começou a fazer guerra ao Povo Romano,contra o qual houve grandes vittorias,como foy esta, que aqui conta o Poeta, a qual foy em Apulha, junto de huma aldea chamada Canas, na qual morreraõ, como conta Titolivio liv.3. Decada 3.cap.3. vinte mil de pé, & dos nobres tantos, que se apanhàraõ, como diz aqui o nosso Camões, tres alqueyres de aneis, os quaes naõ podia trazer se não gente nobre. Esta foy a mayor perda que os Romanos tiveraõ em sua Monarchia. Donde Silio Italico chamou a Canas sepultura de Italia:& Plinio disse que aquella aldea era nobre, & insigne, pela perda que os Romanos nella receberaõ.

117

Fse tu tantas almas sò pudeste
Mandar ao Reyno escuro de Cocito,
Quando a santa Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permissaõ, & vingança foy celeste,
E naõ força de braço, ó nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E depois Por Jesus certificado.

Ao Reyno escuro de Cocyto. Cocyto he hum rio do inferno,chama-se assim, que quer dizer chorar, porque naquelle triste lugar sempre há choro.Havendo

vendo muytos annos que Roma andava tyrannizada, & destruhida por maos Emperadores, & vendo alguns homens de bem o estado taõ desestrado da terra, & como se hiaõ as cousas ao fundo, escarmentados, & enfadados muyto com os roubos dos Caligulas, Neros, Galbas, Ottones, Vitelios, & outros màos Emperadores como estes. Fizeraõ seu Emperador a hum homem, o qual ainda que por casta o naõ merecia, na milicia era excellente, & havia tido alguns cargos honrados em Roma, & em algumas Provincias sogeytas a ella. Este se chamava Vespasiano, cujo filho Tito no segundo anno do Imperio do pay, quarenta annos depois da morte de Christo Nosso Senhor, poz cerco á Cidade de Hierusalem, & a tomou por força, assolou, & queymou, naõ deyxando pedra sobre pedra, a oyto de Setembro, havendo cinco mezes que era cercada, no anno de setenta & tres, do Nacimento de Christo Nosso Senhor: na qual entrada diz Josepho, que morreraõ hum conto, & cem mil homens, & foraõ cativos, & se venderaõ noventa & sete mil. E segundo diz Eusebio, & Paulo Orosio, morreraõ seiscentos mil homens de peleja. Aconteceo este castigo taõ justo & santo por Divina promissaõ, contra aquelle pertinaz, & rebelde povo: sendo assim profetizado, & chorado pelos Prophetas, & pelo mesmo Christo Deos, & Senhor nosso dito, & declarado a seus Discipulos, encarecendolhe elles as grandezas da Cidade de Hierusalem, & a magnificencia dos Edificios do Templo, como o contaõ os Sagrados Evangelistas largamente, Matth. 24. Marc. 13. Luc. 21. E porque he materia larga remetto o leytor a Josepho liv. 5. que foy testemunha de vista, & que tratta muyto elegante, & verdadeyramente esta materia no lugar allegado. Egesippo liv. 21. & Cornelio Tacito, & Pedro Mexia na vida de Vespasiano.

118

Passada esta tão prospera vitoria,
Tornado Affonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera, & mesquinha,
Que despois de ser morta foy Raynha.

Passada esta taõ prospera vittoria. Começa aqui o Poeta a contar o caso desestrado de Dona Inez de Castro, huma Fidalga muyto principal, & de que o Infante Dom Pedro filho quinto d'El-Rey Dom Affonso o Quarto oytavo de Portugal, mas herdeyro, & sucessor destes Reynos, por serem os outros irmãos fallecidos, tinha já filhos, & dizem estava secretamente casado com ella, depois da morte de sua molher Dona Constança Manoel, que fora esposada com El-Rey Dom Affonso onzeno de Castella. Esta Dona Inez era parenta desta Senhora Dona Constança, pelo que viera com ella de Castella, & foy sua comadre do primeyro filho, que do Infante pario. E como ella era muyto fermosa, & avisada, morta Dona Constança, o Infante determinou casarse com ella, como dizem que o era secretamente: mas vivia com ella publicamente, com grande desgosto do pay, & escandalo da gente, naõ querendo por nenhum caso casar com molher alguma, de que todo o Reyno tinha grande desgosto: pelo que sendo o Infante ausente, El-Rey seu pay se foy a Coimbra, aonde ella estava nos paços velhos de Santa Clara, & alli a mandou matar, o que foy causa de El-Rey ter depois muytos enfadamentos, & desgostos com o Infante seu filho, que junto com os irmãos de Dona Inez, vieraõ de Castella a Portugal, & fizeraõ muyta guerra, & dano à gente, & terra, mas como o tempo cura tudo, tambem fez seu officio entre estes Senhores, que os aquietou. E ainda que o Infante depois de feyta a paz entre elle, & o pay, naõ mostrou publicamente o sentimento que na alma tinha, pela morte daquella Senhora, que elle tanto amava. Todavia como teve o leme do governo na maõ, & foy levantado por Rey, que foy em Lisboa no mez de Mayo de 1357. sendo já de idade de trinta & seis annos, & havendo doze que era viuvo da Infanta Dona Constança sua molher, deu ordem para haver à maõ os autores da morte de Dona Inez de Castro. E porque se haviaõ acolhido a Castella, temerosos do que lhe podia soceder, fez El-Rey Dom Pedro concerto com seu sobrinho, tambem do mesmo nome de alcunha o cruel, que lhos entregasse. Estes eraõ hum Alvaro Gonçalves, que fora Meyrinho mòr de seu pay, Pero Coelho, & Diogo Lopes Pacheco. Ao pero Coelho mandou El-Rey tirar o coraçaõ pelos peytos, & a Alvaro Gonçalves pelas costas, estando elle em Santarem, & depois os mandou queymar. Diogo Lopes Pacheco se salvou em Castella em habitos de Peregrino. Depois disto publicou por sua molher á dita Dona Inez, estando em Cantanhede, com Tabaliaõ, & testemunhas, como em vida de seu pay a recebera em Bragança, estando presente Dom Gil Bispo da Guarda, & outras muytas pessoas nobres, & honradas, de que fez o Escrivaõ hum auto publico, & todos os outros exames necessarios, para mostrar como fora sua molher, mostrando tambem a dispensaçaõ, que do Summo Pontifice houvera por ser comadre, & parenta, assim sua como de Dona Constança Manoel sua molher, como nas Chronicas largamente se tratta. Feytas estas cousas todas, mandou mudar o seu corpo de Santa Clara de Coimbra, aonde estava enterrado, para o Mosteyro de Alcobaça, com grande pompa, & aparato, acompanhada de Bispos, Clerigos, & Religiosos de todas as ordens, & molheres principaes, aonde foy posta em huma sepultura de alabastro muyto fermosa, & posto

seu retratto, com insignia, & Coroa de Raynha na cabeça. Quanto aos filhos que tinha da dita Dona Inez, mandou que fossem chamados Infantes, ainda que nunca pode haver de Roma legitimaçaõ para elles, como todas estas cousas se contehem largamente nas Chronicas do Reyno, & o nosso Poeta o tratta aqui larga,& distinctamente.

119

Tu só tu puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa à molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres aspero,& tyrano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Tu sò tu puro amor. Mostra nesta oytava o Poeta, como a morte de Dona Inez,& todo seu mal procedeo do amor, que teve ao Infante Dom Pedro, o qual se naõ fora, naõ viera áquelle estado. Do amor,& seu poder tratey largamente no segundo canto, oytava 34.

120

Estavas, linda Inez, posta em sossego,
De teus annos colhendo o doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo,& cego,
Que a Fortuna naõ deyxa durar muyto:
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando,& às ervinhas,
O nome, que no peyto escrito tinhas.

O nome que no peyto escritto tinhas. O nome do Infante Dom Pedro a quem muyto queria.

121

Do teu Principe alli te respondião
As lembrāças, q̄ na alma lhe moravão,
Que sempre ante seus olhos te traziaõ,
Quando dos teus fermosos se apartavão:
De noyte em doces sonhos, que mentião,
De dia em pensamentos, que voavão,
E quanto em fim cuydava,& quanto via,
Erão tudo memorias de alegria.

Eraõ tudo memorias de alegria. Os que amaõ por mais tormentas, & contrastes que haja, sempre andaõ alegres, porque de tudo fazem materia de alegria. Veja-se a nossa annotaçaõ no canto oytavo, oytava.86.

122

D'Outras bellas senhoras,& Princezas,
Os desejados thalamos engeyta,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gosto suave te sugeyta:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeyta,
O murmurar do povo,& fantasia
Do filho, que casarse não queria.

Os desejados thalamos engeyta. Como era casado encubertamente com Dona Inez de Castro naõ falava a proposito de casamento com o pay. Thalamos desejados, bodas desejadas. Porque como tinha sua affeyçaõ em outra parte, naõ dava orelhas aos casamentos, que lhe traziaõ.

123

Tirar Inez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso,
Crēdo cò o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse levantada,
Contra huma fraca dama delicada;

Tirar Inez ao mundo determina. O intento d'El-Rey Dom Affonso era matar Dona Inez, para desta maneyra ficar seu filho desembaraçado, & livre della.

Do furor Mauro. Da furia dos Mouros. Nota de doudice este feyto da morte de Dona Inez, pois hum Rey taõ Cavalleyro, & taõ costumado a matar infieis, & Mouros, usou de huma taõ grande crueldade, como he matar huma molher.

124

Traziãona os horriferos algozes
Ante o Rey, jâ movido a piedade,
Mas o povo com falsas, & ferozes
Razões, a morte crua o persuade:
Ella com triste,& piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, & saudade
Do seu Princepe, & filhos, que deyxava,
Que mais que a propia morte a magoava.

Ante o Rey jâ movido a piedade. Proprio he da gente nobre dobrarse da sua payxaõ, & por mais afrontas que lhe façaõ, ter misericordia,& piedade, o que he contrario em gente bayxa, que nunca esquecem os aggravos que lhe fazem. Isto he assàs sabido.

Horri-

Horrificos algozes. Crueis, & temerosos.

125

PAra o Ceo cristalino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigurozos:
E depois nos meninos atentando,
Que taõ queridos tinha, & taõ mimosos:
Cuja orfandade como mãy temia,
Para o avó cruel assi dizia.

Para o avó cruel. Chamalhe cruel, porque algumas cousas tinha deste mister, pelo que usou com seu pay, & irmaõ, & ultimamente com Dona Inez.

Os olhos, porque as mãos lhe estava atando. Esta repetiçaõ dos olhos he huma figura de rhetorica muy elegante. Da qual usaõ os Poetas, & oradores para mostrar algum effeyto, & payxaõ da alma, repetindo huma cousa duas vezes, & tres, ou mais, como aqui fez o Poeta, dizendo no verso antes: Com lagrimas os olhos piadosos: começa o outro verso, os olhos, a imitaçaõ de Virgilio liv. 2. Æneid. o qual trattando de Cassandra filha de Priamo Rey de Troya, diz assim.

Ecce trahebatur passis Priameia virgo
Crinibus a templo Cassandra, aditisque Minervæ:
Ad Cælum tendens ardentia lumina frustra,
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.

Eis aqui (diz Virgilio trattando da entrada dos Gregos nos paços de Priamo Rey de Troya) traziaõ do templo de Minerva a Cassandra filha de Priamo, com os olhos levantados para o Ceo: com os olhos, que as mãos hiaõ atadas de modo que as naõ podia ella bullir.

126

SEjâ nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento:
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento:
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tão piedoso sentimento,
Como co a mãy de Nino jâ mostràrão,
E cos irmãos, que Roma edificârão.

Como co a mãy de Nino. A mãy de Nino he Semiramis, da qual jà fica dito alguma cousa neste canto, oytava 99. Quanto ao proposito desta oytava se note, que esta Semiramis mãy de Nino Rey dos Assirios foy filha de huma Derceta, a que alguns chamaõ Atergate. Fingem os Poetas, que [illegible]bas a criàraõ, & porque em lingua Syriaca se chama a pomba Semiramis, daqui tem ella este nome. Isto dizem os Poetas de Semiramis, & isto quiz aqui mostrar o nosso Luis de Camões. O que tudo he fingido, porque nem Semiramis foy criada de pombas, nem a pomba se chama em Syriaco Semiramis, senaõ Osa. E quanto a mim, com mais razaõ se lhe podia dar o nome Semiramis de Samir, que quer dizer diamante, assim em Hebreo, como em Syriaco, pelo grande esforço que teve, da qual diz Beroso liv 4. estas palavras: *Quarto loco regnavit Semiramis Nini uxor, quæ rei militaris peritia, divitiis, & triumphis munia Monarchas omnes antecelluit.* No quarto lugar reynou Semiramis, a qual passou por todos os Monarchas, na milicia, riquezas, & triumphos. Ovidio nas Metámorphoses. & outros dizem, que depois de Semiramis ter feyto cousas sinaladas na guerra, & os muros de Babylonia acabados, vendo que seu filho Nino lhe armava trayçaõ para a matar, chamou os seus, & lhe fez huma pratica em que lhe encomendou muyto obedecessem com amor, & lealdade a seu filho, naõ se lembrando dos aggravos que lhe tinha feyto, & que passado isto, que desapareceo feyta pomba entre humas pombas que lhe entraraõ pela porta, & acrecentaõ que esta he a razaõ porque os moradores na Syria (que hoje chamamos Suria) naõ mataõ as pombas, antes lhe tem muyto respeyto, & reverencia, dizendo que Semiramis sua Raynha foy convertida em pomba. Foy Semiramis Senhora de toda a Asia, salvo a India, a qual nunca pode sogeytar, entrando muytas vezes nella com grandes exercitos, como fica dito. Viveo sessenta & dous annos, dos quaes reynou quarenta & dous, como dizem os que della falaõ.

E cos irmãos, que Roma edificâraõ. Estes saõ Romulo, & Remo, dos quaes conta Titolivio, que sendo lançados na praya do rio Tybre em huma lagoa por mandado do Rey da terra, por ver que eraõ filhos de huma virgem Vestal chamada Rhea, que contra a ordem, & ley de sua vida se havia misturado com homem, huma loba chegando ahi a caso obrigada da sede, & vendo os mininos lhe deu de mamar, & depois achandoos hum pastor chamado Faustulo, os levou a sua casa, & os entregou a sua molher chamada Laurencia para os criar.

127

O Tu, que tens de humano o gesto, & peyto
(Se de humano he matar hũa donzella
Fraca, & sem força sò por ter sugeyto
O coraçaõ, a quem soube vencella)
A estas criancinhas tem respeyto,
Pois o naõ tens á morte escura della,
Movate a piedade sua, & minha,
Pois te não move a culpa, que não tinha.

128

E Se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo, & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem para perdella não fez erro:
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poemme em perpetuo, & misero desterro
Na Scythia fria, ou lâ na Libia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente. Chama á terra de Scythia fria, por ser terra Septentrional, aonde pela falta do Sol, a terra he frigidissima. A Lybia quente, por ser regiaõ de Africa calidissima, & aqui a toma geralmente por Africa, como he costume entre os Poetas.

129

P Oemme onde se use toda a feridade,
Entre Leoês, & Tigres, & verey
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peytos humanos naõ achey:
Alli co' amor intrinseco, & vontade,
Naquelle, por quem morro, criarey
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejaõ da mãy triste.

Estas reliquias suas. Dizendo estas palavras mostrava seus filhos, que por reliquias entende.

130

Q Veria perdoarlhe o Rey benino,
Movido das palavras, que o magoão,
Mas o pertinaz povo, & seu destino,
(Que desta sorte o quiz) lhe naõ perdoão:
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feyto alli pregoão,
Contra huma dama, ó peytos carniceyros,
Ferozes vos mostraes, & cavalleyros?

Os que por bom tal feyto alli pregoaõ. Estes foraõ principalmente os tres nomeados atrás.

131

Q Val contra a linda moça Policena,
Consolação extrema da mãy velha,
Porque a sombra de Achiles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena
(Bem como paciente, & mansa ovelha)
Na misera mãy postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece.

Qual contra a linda moça Policena. Achilles filho de Thetis, & de Peleo, entrando a caso em Troya em tempo de treguas, vio a Policena filha d'El-Rey Priamo, & afeyçoouse tanto a ella, que a mandou pedir a seu pay, prometendolhe levantar o cerco de Troya, se lhe concedesse o que lhe pedia, & como depois da morte de Heytor succedesse matarem os Gregos tambem a Troylo seu irmão, depois de acabadas as tregoas enfadada Hecuba determinou buscar algum meyo, por onde vingasse a morte destes dous filhos, & foy que ella mandou recado a Achilles, que lhe queria dar sua filha Polycena por molher, que se fosse secretamente ver com ella, que fariaõ seus concertos. Achilles movido mais da affeyçaõ, que a Policena tinha, que da razão, & conselho que em tal caso era necessario, entrou em Troya com sò Antilocho filho de Nestor com suas capas, & espadas, & estando no Templo de Apollo, aonde elle cuydava que se havia de casar com Polycena, entrou Paris, & os matou a ambos, como conta Ovidio nas Metamorphoses, liv. 3. Estando morrendo Achilles encomendou a seu filho Pyrrho procurasse hauer Polycena à maõ, que fora causa de sua morte, & a enterrasse ao longo da sua sepultura, o que Pyrrho fez diante de sua mãy propria, como conta Virgilio na sua Eneida liv. 3. pag. 26. Higinio diz, que passando os Gregos por junto da sepultura de Achilles com toda a preza, que levavaõ de Troya, Achilles pedio sua parte, & que os Gregos trattando comsigo, o que lhe dariaõ lhe sacrificàraõ junto da sepultura Polycena, por cuja causa elle fora morto.

Porque a sombra de Achilles a condena. Os Poetas chamavaõ às almas dos mortos, umbras, que saõ sombras, como aqui usou o Poeta a imitação dos Antigos. Virgilio na Eneida liv. 6. falando do inferno: *Umbrarum hic locus est, somni, noctisque soporæ*, & em outras muytas partes, & outros muytos Poetas. Este lugar he das sombras, aqui mora o sono, & a escuridade, & diz que a sombra de Achilles condena a Polycena, pelo que fica dito, que havia encomendado a Pyrrho a matasse ao longo da sua sepultura, & lhe fizessem della sacrificio. Quanto âs sombras para mayor declaraçaõ se note, que os Antigos Philosophos, & Poetas diziaõ, que o homem tinha tres cousas, alma que em morrendo o homem caminhava para o Ceo, corpo que ficava na terra, & huma imagem do mesmo homem corporal, mas impalpavel, & como hum espirito, que hia ao inferno, & esta imagem he, a que elles chamavaõ sombra, como entende quem lé pelos Poetas Gentios. Isto saõ fabulas de gente cega, & torpe. Nós cremos firme, & verdadeyramente, que hà Parayso para os bons, inferno para os màos, & purgatorio para se purgarem as almas de algumas imperfeyções veniaes, ou das penas

dos mortaes,que se deve depois das culpas perdoadas,quando cá de todo não satisfizeraõ a ellas,porque não he licito nem decente, que vão diante daquelle Senhor perfeytissimo,que criou todas as cousas,se não muyto limpos,& purificados,& cremos firmemente que havemos todos de resuscitar, assim máos como bons em nossos corpos,para participarem com as almas da gloria, ou pena, conforme ao que cada hum obrou nesta vida.

132

TAes contra Inez os brutos matadores,
No collo de alabastro,que sostinha
As obras,com que amor matou de amores
A aquelle,que despois a fez Raynha:
As espadas banhando,& as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regados tinha,
Se encarniçavão fervidos,& irosos,
No futuro castigo naõ cuydosos.

Aquelle que despois a fez Raynha. Este he o Infante Dom Pedro, o qual levantado por Rey, publicou a Dona Inez de Castro,como fica dito,por sua molher.

133

BEm puaeras,ó Sol,da vista destes,
Teus Rayos apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia:
Vòs,ò concavos valles,que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria.
O nome do seu Pedro,que lhe ouvistes,
Por muyto grande espaço repetistes.

Como da seva mesa de Thyestes. Thyestes foy neto de Tantalo, taõ nomeado nos Poetas filho de Pelope, & Hippodamia, teve hum irmaõ por nome Atreu, com o qual nunca teve amizade: & como ambos eraõ máos (porque de outra maneyra póde ser, que não houvera tanto odio) cada hum procurou reconciliaçaõ para fazer mal ao outro. Feyta a fingida amizade Thyestes, commetteo adulterio com a molher do irmaõ, & Atreu lhe deu a elle a comer hum filho seu. Donde contão os Poetas, que passando o Sol por onde Thyestes estava comendo o filho,fugio por se não inficionar. Daqui se chama a sua meza torpe, & cruel, como lhe aqui chama o Poeta. Seneca faz huma tragedia particular disto.

134

ASsi como a bonina,que cortada
Antes do tempo foy,candida,& bella,
Sendo das mãos lascivas mal tratada,
Da menina,que a trouxe na capella:
O cheyro traz perdido,& a cor murchada,
Tal está morta a pallida donzella,
Secas do rosto as rosas,& perdida
A branca,& viva cor,co a doce vida.

Sendo das mãos lascivas mal tratada, da minina. Mãos lascivas neste lugar, não quer dizer, mãos deshonestas,como alguns calumniaõ ao Poeta, dizendo, que pois as mãos eraõ de minina, não podiaõ ser deshonestas. Porque, elle quiz aqui usar da palavra lascivas, mais propriamente do que costumaõ: tomandoa no seu proprio significado, que quer dizer, mãos brincadoras com appetite natural sem ordem, nem concerto: como saõ as das mininas em colher rosas: não attentando ao mimo,& resguardo com que ellas se querem colhidas: senaõ ao seu gosto guiado só do appetite natural indistincto,por não terem ainda uso de razaõ. Que em vez de as colherem sem lhe tocar nas suas mimosas,& delicadas folhas: essas saõ as primeyras, que nas mãos apertaõ, & desfazem: conforme áquillo de Quintiliano, *Ne recentis hujus lascivia flosculis capti, voluptate quadam prava deliniantur.* Como fizeraõ,diz o Poeta, os que mataraõ a Dona Inez de Castro, sem respeytarem ao mimo, & delicadeza de sua pessoa, & ao resguardo em que o amor do seu Principe a tinha, como rosa não tocada de outrem mais que do orvalho do Ceo; a que tão illustre amor não fica mal comparado.

A pallida donzella. Dona Inez de Castro, chamalhe pallida,que quer dizer amarella,porque tal fica hum corpo destemparado da alma: diz o Poeta nos ultimos versos desta oytava: perdida a branca, & viva cor com a doce vida: porque juntamente perdendo a vida perdeo a cor do rosto fermosa que em vida tinha.

Donzella. Alguns curiosos,ou demasiadamente escrupulosos, notáraõ aqui ao nosso Poeta, por grande impropriedade, chamar donzella a Dona Inez de Castro: sendo assim, que elle mesmo acabava de dizer na oytava precedente,que ella tinha ante si, quando a matáraõ, tres filhinhos, que parira do Infante Dom Pedro. Parecendolhe,que a palavra donzella não se podia attribuhir, senão a molher que fosse virgem: como parece a alguns, que vulgarmente se usa. E esta opiniaõ calumniosa lhe nasce de duas cousas: huma he não quererem acabar comsigo de confessar que o nosso Camões era homem Douto em varias artes, & sciencias em que elle fala: pois em todas ellas, mostra ser mais perito que muytos de seus professores,& principalmente em dar epitetos muy proprios, & trazer comparações muyto ao natural, leva ventagem aos famosos Poetas que o mundo celebra. E chamar elle donzella á molher que elle sabia, pois assim o escreveo, que parira já tres filhos: mostra não ter, a palavra donzella, por infallivel demostradora de molher virgem: porque de outra maneyra,não ha mais ser tão ignorante que assim o escrevesse. Mas como elle devia saber, que

a origem

a origem desta palavra he muy diversa do que os calumniadores entendem (que he a segunda cousa que elles não sabem) daqui lhe nasce usar della, neste lugar, em que elle queria dizer, que Dona Inez de Castro era Senhora muyto mimosa, muyto moça, & muyto fermosa, delicada, & tenrinha. Porque a todas estas partes se estende o nome donzella. O qual segundo Grammaticos famosos se deriva de *domicella*, como diz Antonio de Nebrixa: por ser diminutivo de *domina*, que quer dizer Senhora: como diz Joannes Jannensis: & que delle se diriva tambem *dominella*, que he o mesmo, que Senhora piquenina: donde diz elle, que *domicellus, & domicella etiam dicuntur pulchri juvenes magnatum, seu liberorum: sive sint servientes, sive non*: que he o mesmo que dizer, que *domicellus*, & *domicella*, donde vem donzel, & donzella: se chamaõ tambem aquelles moços, ou moças fermosas, que residem, ou servem em casa dos grandes. Como antigamente se usava na Corte de Hespanha, aonde a estes moços Fidalgos, que se criávaõ com o Princepe chamavão donzeles: & delles havia hum regedor, que se chamava Alcayde de los donzeles: sem se ter respeyto a serem virgens: & sómente o attribuhião a serem moços Fidalgos, prezados, & estimados, fermosos, &c. Como tambem era Dona Inez de Castro, que era nobilissima, moça muyto fermosa, & delicada, &c. E neste sentido o disse o Poeta: pois em outro, era disbarate, & absurdo grandissimo, que de tão grande, & tão bom cultivado entendimento em todas as boas artes, & sciencias, não se póde presumir.

Acrescenta-se a isto, querer o Poeta neste lugar mover a compayxão os ouvintes, da cruel morte que derão a Dona Inez de Castro, sendo tão moça, tão fermosa, tão delicada, tão mimosa, & tão illustre, & não tocada de outro algum homem: se não do seu Dom Pedro, que era Princepe de Portugal, que a tinha até aquella hora, tão guardada, resguardada, recolhida, tão mimosa, & estimada: como està huma fresca rosa entre as espinhas: que só do rocio do Ceo he tocada, como o mesmo Poeta aqui o declara na comparação da rosa de que usa, com muyta eloquencia, & brandura, & propriedade.

135

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memorárão,
E por memoria eterna em fonte pura,
As lagrimas choradas transformàraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Inez, que alli passarão,
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agoa, & o nome amores.

E por memoria eterna em fonte pura. Elegantemente finge aqui o Poeta a transformação das lagrimas de Dona Inez em huma fonte chamada, fonte dos amores, pelos, que alli teve com o Infante Dom Pedro. E como as Nymphas do Mondego choraraõ grandemente sua morte, & ausencia. Esta fonte nace em hum lugar chamado val de Inferno, & corre por bayxo de huma lapa muyto fresca, & dalli vay regar a horta de Santa Clara, & passa pelos paços da Raynha, aonde Dona Inez estava. E porque neste lugar trattàraõ elles seus amores, hoje em dia se chama a fonte dos amores por este respeyto.

136

Não correo muyto tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas,
Que em tomando do Reyno a governança
A tomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro, & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Do outro Pedro cruissimo os alcança. Atrás dissemos como El-Rey Dom Pedro de Portugal fez concerto com El-Rey seu sobrinho de Castella, chamado Dom Pedro o crú, que lhe entregasse os matadores de Dona Inez, que andavaõ em suas terras, & que elle lhe entregaria huns Fidalgos Castelhanos, que em Portugal andavão homiziados. E desta maneyra se vingáraõ destes homens, a que tinhão má vontade, porque naturalmente ambos eraõ inclinados á justiça.

Que com Lepido, & Antonio fez Augusto. Estes sendo inimigos Capitaes, fizerão huma liga, & concerto entre si, no qual não pretendião outra cousa mais, se não vingarse cada hum de seus inimigos, & para effeytuarem isto estiverão tres dias em huma ilheta que o rio Cavino faz entre Bolonha, & Perosa, nesta sua junta partirão primeyramente o Imperio Romano entre si, segundariamente trattarão o modo, que haviaõ de ter em se vingarem de seus inimigos, & para isso acertáraõ que cada hum havia de entregar, o que tivesse em seu exercito, ainda que fosse seu pay. Cousa certo, vergonhosa, pois pesava mais com elles o desejo da vingança, que a obrigação de suas pessoas. Nesta volta deu Marco Antonio hum seu tio irmão de seu pay: & Lepido hum seu irmão, & Octaviano a Marco Tulio Cicero, a que sempre chamára pay, & do qual fora trattado como filho, álem destes foraõ outros muytos, a que Plutarcho dá numero de Trezentos. Titolivio, & Floro trattando delles não sinalão numero.

137

Este castigador foy riguroso,
De latrocinios, mortes, & adulterios;

Fazer nos maos cruezas, fero, & iroso,
Erão os seus mais certos refrigerios:
As Cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

Este castigador foy rigurroso. Conta a Chronica deste Rey, que todos os vicios castigou muy rigurosamente, sem afeyção alguma, nem exceyção de pessoa por muyto principal que fosse, & que era tão contrario de ladrões, & malfeytores, que fazia o impossivel, sabendo de alguns, para os haver ás mãos, & ainda que estivesse sentado á meza, dandolhe nova que lhe trazião algum, se levantava logo para o mandar castigar. A este proposito se escrevem grandes cousas delle, que se podem ver na sua Chronica.

Que o vagabundo Alcides, ou Theseu. Compara El-Rey Dom Pedro no modo de desterrar, & destruir a ladrões com Hercules, & Theseu, que forão dous Cavalleyros Gregos do mesmo tempo, & parentes, dos quaes se escrevem grandes maravilhas. A Hercules chama Alcides, porque foy neto de Alceo. Deste Hercules trattey atrás neste Canto, oytava 18.c.2. & os livros dos Poetas, & Historiadores estão cheyos das cousas destes dous Cavalleyros. Vagabundo chamão os Poetas a Hercules, como aqui lhe chama Luis de Camões, porque correo o mundo buscando aventuras, & brigas. Theseu filho de Egeo Rey de Athenas matou tres ladrões (como conta Ovidio na carta Phedra a Hippolito, Scyron Procustes, & Scinis que fazião grandes males no mundo. Foy ao inferno com seu amigo Perithoo a furtar a molher de Plutão Rey, & Senhor daquelle triste, & escuro Reyno. Matou o Minotauro de Candia, & fez na vida outras cousas dignas de memoria, que se pódem ver em Plutarcho na sua vida.

138

Do justo, & duro Pedro, nasce o brando,
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, & sem cuydado algum Fernando
Que todo o Reyno poz em muyto aperto:
Que vindo o Castelhano devastando
As terras sem desesa, esteve perto
De destruirse o Reyno totalmente,
Que hum fraco Rey faz fraca a forte gente.

Do justo, & duro nasce o brando. Depois da morte d'El-Rey Dom Pedro, que foy em Estremoz, huma segunda feyra a 18. de Janeyro de 1367. sendo de idade de 47. annos, & nove mezes, dos quaes reynou dez annos, & oyto mezes, & está sepultado em Alcobaça, foy levantado por Rey seu filho Dom Fernando, sendo já de idade de 27. annos. Este foy remisso, & descuydado nas cousas do governo do seu Reyno, em tanto que deyxou entrar os Castelhanos até Lisboa, a qual destruhirão, & queymarão toda, & puserão em grande aperto todo o Reyno, se não viera de Roma hum Cardeal Legado a fazer as pazes entre elle, & El-Rey Dom Henrique de Castella.

Que hum fraco Rey faz fraca a fórte gente. Os Latinos trazem hum dito muyto uzado, o qual se refere nas Chiliadas, & pŏem entre os mais Proverbios: *Dux bonus bonum præstat comitem.* O bom Capitão faz o bom companheyro, & não diz soldado, senão companheyro: porque como o Capitão não trattar o soldado como companheyro, & o Rey naõ for pay do vassalo, & o Prelado irmão de seu subdito, tudo se perderá muyto depressa. E se o Capitão for fraco, forçozamente os soldados o haõ de ser, porque o bom Capitão faz a boa gente, como diz Plutarcho na vida de Licurgo, & daqui nasceo outro dito que alguns querem attribuhir àquelle grão Capitão Themistocles: *Melior est cervorum exercitus duce leone, quam leonum duce cervo.* Melhor he hum exercito de cervos com hum Capitão leaõ, que hum de leões com hum Capitão cervo.

139

Ou foy castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido
E casar se com ella, de enlevado
Num falso parecer, mal entendido:
Ou foy, que o coraçaõ sugeyto, & dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, & fraco & bem parece,
Que hum bayxo amor os fortes enfraquece.

De tirar Leanor a seu marido. Este Rey Dom Fernando estando contrattado com El-Rey Dom Henrique de Castella de casar com a Infanta Dona Leanor sua filha, parecendolhe melhor huma molher casada, & fidalga chamada Dona Leanor Telles de Menezes a tomou a seu marido Lourenço Vaz da Cunha, bom Fidalgo, & seu vassallo, & se casou com ella com grande vituperio seu, & contradição do povo, pelo que não lho quiz consentir, & assim se fizerão muytas juntas para lha tirar de casa, & como elle lhe não podesse resistir em Lisboa, recolheose fugindo da furia do povo á Cidade do Porto, aonde escapou.

Que hum bayxo amor, aos fórtes enfraquece. Como sabemos pela lição dos livros, & nos ensina a experiencia: gente muyto nobre, & scientifica, faz muytas cousas mal feytas forçada da affeyção, & amor, ao qual com muyta razão chama aqui o Poeta bayxo, pois faz aos homens fazer bayxezas: como Salamão, hum Rey tão Sabio, que se perdeo por amor de molheres, & hoje em dia não ha certeza de sua salvação. David que mandou matar a Urias seu Capitão por amor de sua molher. Os quaes bastão por exemplo, pois hum delles era o mais sabio

bio Rey q̃ nunca houve, o outro o principal Propheta de Deos:& com tudo iſto os derribou,& ſopeou a ſenſualidade.

140

DO peccado tiveraõ ſempre a pena
Muytos, que Deos o quiz, & premittio
Os que foraõ roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David ſanto ſe condena,
Ou quem o Tribu illuſtre deſtruio,
De Benjamin, bem claro no lo enſina,
Por Sarra Foraõ, Sichem por Dina.

Do peccado tiveraõ ſempre a pena. Moſtra por exemplos quãtos males faça a ſenſualidade. Troya foy deſtruhida por Pariz filho de Priamo Rey de Troya furtar Helena molher de Menelao Rey de Mycenas, na qual Virgilio, & Homero fallarão tão largamente liv. 3. ab 1. Livi. Appio Governador de Roma acabou mal preſo em ferros, por querer tomar huma Virginia a ſeu marido. Sexto Tarquino filho de Tarquino o ſoberbo de alcunha, foy cauſa de ſeu pay ſer privado do Reyno, & elle acabar mal fóra de Roma, por commetter adulterio com Lucrecia molher de Collatino, Liv. liv. 1. Dec. 1. cap. 2. A David, por cometer adulterio com Bethſabe molher de Urias, matou logo Deos o filho que della houve, & a elle houvera de deſtruhir ſe não fizera penitencia, & chorara ſeu peccado. No qual tempo compoz aquelle excellente Pſalmo *Miſerere mei Deus.* 2. Reg. cap. 12. Os moradores de Guibá do Tribu de Benjamin forão mortos, & a terra aſſolada, por forçarem huma molher do Tribu de Levi c. 19. & 20. Jud. A Pharaó Rey de Egypto caſtigou Deos ſò por mandar lhe levaſſem a caſa Sara molher de Abraham. Geneſ. cap. 1. Sychem filho de Hemor foy morto, & todos os ſeus, & a terra deſtruhida por tomar Diana a Jacob ſeu pay. Geneſ. cap. 3.

141

EPois ſe os peytos fortes enfraquece,
Hum inconceſſo amor deſatinado,
Bem no filho de Alcmena ſe parece,
Quando em Ofale andava transformado:
De Marco Antonio a fama ſe eſcurece,
Com ſer tanta a Cleopatra affeyçoado,
Tu tambem Peno proſpero o ſantiſte,
Depois que a moça vil na Apulia viſte.

Amor inconceſſo. Amor illicito, & não permittido. Filho de Almena he Hercules, do qual fica trattado neſte Canto, oytava 18. Eſte foy tão affeyçoado a Omphale Raynha de Lydia, que fez grandes eſtremos por ella te fiar, & lavrar como molher. Donde diſſe Propercio liv. 3. eleg. 1.

Omphale in tantum formæ proceſſit honorem
Lydia Cygeo tincta puella lacu,
Ut qui pacato ſtatuiſſe in orbe columnas,
Iam dura traheret mollia penſa manu.

A tanto chegou, diz Propercio, a fermoſura de Omphale, que aquelle grande Hercules, que no mundo havia feyto tão grandes maravilhas, eſquecido de ſi, & de quem era, fiou, & lavrou entre molheres.

De Marco Antonio. Cleopatra Raynha do Egypto foy cauſa da deſtruhição de Marco Antonio, como fica eſcritto no ſegundo canto.

Tu tambem Peno proſpero o ſentiſte. Entende Annibal Capitão valeroſiſſimo dos Carthaginenſes. Chamalhe proſpero pelas grandes vittorias que tinha havido dos Romanos. Delle, & da razão do nome, Peno, fica trattado neſte canto, oytava 115. O que o Poeta aqui diz he, que tambem Annibal ſentio os effeytos do amor. Porque depois daquella grande vittoria de Canas, ſe affeyçoou a huma moça de bayxa ſorte na Apulha de maneyra que foy cauſa de ſua perdição. Donde diſſe Petrarcha: *in triumpho amoris.*

L'altro èl figliuol d'Amilcar, & no'l piega
In tanti anni Italia tutta, & Roma:
Vil feminella in Puglia il prende, & lega.

142

MAs quem póde livrarſe por ventura
Dos laços, q̃ amor arma brandamente
Entre as roſas, & a neve humana, & pura,
O ouro, & o alabaſtro tranſparente?
Quem de huma peregrina fermoſura,
De hum vulto de Meduſa propriamente,
Que o coração converte, que tem preſo,
Em pedra não, mas em deſejo aceſo?

Entre roſas. Neſte verſo, & no ſeguinte tratta das cores da fermoſura.

De hũ vulto de Meduſa. Quẽ foy Meduſa fica dito neſte cãto, oytava 76.

143

QVẽ vio hũ olhar ſeguro, hum geſto brãdo
Hũa ſuave, & angelica excellencia,
Que em ſi eſtà ſẽpre as almas tràs formado,
Que tiviſſe contra ella reſiſtencia?
Deſculpado por certo eſtá Fernando
Para quem tem de mor experiencia
Mas antes tendo livre a fanteſia.
Por muyto mais culpado o julgaria.

Deſculpado por certo eſtá Fernando. Eſte he El-Rey Dom Fernando, o qual ſe caſou com huma molher caſada, tomandoa a ſeu marido, como eſcrevemos neſte canto. A linguagem do Poeta aqui em dizer que eſtá deſculpado El-Rey Dom Fernando, he mais galantear que verdade. E ſempre o noſſo Luis de Camões tem hum deſcuydo deſtes q̃ pudera eſcuſar.

OS

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Acclamado Joaõ de Pedro herdeyro,
Convoca Leonor ao Castelhano,
Oppoemse Nuno intrepido guerreyro,
Dase batalha, vence o Lusitano:
Quem a Aurora buscar tentou primeyro
Pellas tumidas ondas do Occeano,
E como ao Gama coube esta alta empresa,
Por assinar a gloria Portugueza.

CANTO QUARTO.

Neste canto tratta o Poeta da grande felicidade d'El-Rey Dom Joaõ o Primeyro nas cousas da guerra: dos grandes desejos que El-Rey Dom Joaõ o Segundo teve de descubrir a India, o que pos em effeyto El-Rey Dom Manoel, mandando a Vasco da Gama por Capitaõ mòr.

I

DEpois da procelosa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante vento,
Traz a menhãa serena claridade,
Esperança de porto, & salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento,
Assi no Reyno forte aconteceo,
Depois que o Rey Fernando falleceo.

Depois da procellosa tempestade. Em tal estado estavaõ as cousas dos Portuguezes, & tão arruinada, & perdida a terra com os descuydos, & mao governo d'El-Rey Dom Fernando, & eraõ tantas as revoltas, & dissensões no Reyno, que ficaraõ os Portuguezes com a nova successaõ d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro seu irmaõ, como ficaõ os que escapaõ de alguma grande tormenta, & tempestade.

Depois que Fernando falleceo. El-Rey Dom Fernando falleceo em Lisboa a 20. de Outubro de 1383. Depois de sua morte ficou o Reyno quieto, & em outro estado differente, por ter por Governador, & defensor a Dom Joaõ filho d'El-Rey Dom Pedro, & de huma Dona Taresa com que não foy casado, o qual depois de commum consentimento do povo foy levantado por Rey em Coimbra, a cinco dias do mez de Abril de mil trezentos

tos

tos oytenta & cinco ; ou segundo outros , em Agosto vespera de Nossa Senhora da Assumpçaõ, como se diz na oytava seguinte.

2

POrque se muyto os nossos desejàraõ,
quem os danos,& offensas vá vingando,
Naquelles, que tambem se aproveytàrão
Do descuydo remisso de Fernando:
Depois de pouco tempo o alcançàrão,
Joanne sempre illustre levantando
Por Rey como de Pedro unico herdeyro
(Ainda que bastardo) verdadeyro.

Naquelles que tambem se aproveytàraõ do descuydo remisso de Fernando. Estes saõ os Castelhanos os quaes em tempo d'El-Rey Dom Fernando fizerão muytos males,& perdas nas terras,& gente de Portugal,por não terem Rey que os deffendesse.

3

SEr isto ordenação dos Ceos divina,
Por sinaes muyto claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma minina
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em si que o Ceo destina,
No berço o corpo,& a voz alevantou,
Portugal,Porutgal,alçando a mão,
Disse,pelo Rey novo Dom João.

Quando em Evora a voz de huma minina. Conta a Chronica deste Rey,que huma minina de oyto meses filha de hum Estevão Anes de Evora,estando no berço se levantou,& disse levantando a voz com a mão alçada : Portugal, Portugal , Portugal por El-Rey Dom Joaõ. O qual foy notado,& tido por milagre, & certificado, quando foy levantado por Rey , porque os moços de Coimbra , & mais gente disseraõ , venha embora o nosso Rey prophetizado, & criado por Deos para isso.

4

ALteradas então do Reyno as gentes,
Com o odio, q́ occupado os peytos tinha,
Absolutas cruezas,& evidentes,
Faz do povo o furor por onde vinha:
Matando vão amigos,& parentes,
Do adultero Conde,& da Raynha,
Com quem sua incontinencia deshonesta,
Mais,depois de viuva,manifesta.

Do adultero Conde. Este he o Conde Joaõ Fernandes , com o qual a Raynha Dona Leanor estava infamada , & com tudo não queria deyxar de trattar , & conversar publicamente com elle , até que o Infante Dom Joaõ , que então era Mestre de Avis, o matou dentro nos paços que erão aonde agora he a cadea da corte. O que fez por sahir pela honra de seu irmão , & acudir a huma taõ grande , & publica infamia.

5

MAs elle em fim com causa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muytos na morte acompanhado,
que tudo o fogo erguido queyma,& corre
Quem como Astianaz precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens nem aras,nem respeyto,
Quem nú por ruas,& em pedaços feyto.

Quem como Astianaz precipitado. Astianaz foy filho de Heytor, & andromacha, o qual foy lançado de huma torre abayxo quando os Gregos entraraõ na Cidade de Troya. O mesmo diz aqui o Poeta, que aconteceo em Lisboa naquella revolta,quando o Mestre matou o Conde , porque lançàraõ da Sé abayxo o Bispo da Cidade , Castelhano de nação , & natural da Cidade de Samora , por nome Dom Martinho. Do qual as Chronicas dizem que era hum homem muyto virtuoso, honrado, & sem culpa alguma. Matàraõ tambem hum Clerigo, & hum Tabelião,que com o Bispo estavão,& outros, o que tudo nas Chronicas se pòde ver.

6

POdemse pòr em longo esquecimento
As cruezas mortaes,que Roma vio,
Feytas do feroz Mario,& do cruento
Scylla,quando o contrario lhe fugio
Por isso Leonor,que o sentimento
Do morto Conde, ao mundo descubrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeyra della.

Feytas do feroz Mario, & do cruento Scylla,quando o contrario lhe fugio. Scylla , & Mario forão dous Capitães valerosos entre os Romanos , mas taõ contrarios hum do outro,que se faziaõ todo o mal que podiaõ,& finaladamente se escreve de Scylla, que vindo da guerra contra Mytridathes Rey do Ponto , entrando em Roma mandou degolar seis mil pessoas , que seguião a parte de Mario , pela crueldade que para com os seus havia usado , em sua absencia,como conta Plutarcho, Appiano conta de Mario , que alem de não perdoar a pessoa que sentisse seguir as partes de Scylla,mandava arrastrar , despedaçar , & pór pelos lugares publicos as cabeças dos mortos , & lançalos aos cães , aves, & bestas feras , que os comessem , & usava outras

muytas crueldades, que os Historiadores contaõ principalmente Plutarcho em suas vidas. Morrerão como viverão, porque Mario se matou com suas proprias mãos por não vir âs de seu inimigo Scylla, o qual tambem morreo em hum lugar de Napoles por nome Pufol, de huma infirmidade muyto nojenta, & suja, cuberto, & comido de piolhos. Veja-se o que escrevemos no canto 3. oytava 116.

Faz contra Lusitania vir Castella. El-Rey Dom Fernando nomeou por sua morte a sua filha Dona Beatriz casada com El-Rey Dom Joaõ de Castella por herdeyra do Reyno de Portugal, o que moveo aos Portuguezes a logo levantar por Rey ao Mestre de Avis. Como El-Rey de Castella soube da morte do sogro, & foy avisado pela Raynha sua sogra acodio logo, mas foy desbaratado com ajuda do Condestavel Dom Nuno Alvares Pereyra.

7

Beatriz era a filha, que casada,
Co' o Castelhano está, que o Reyno pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede:
Com esta voz Castella levantada,
Dizendo, que esta filha ao pay succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regioens, de varias terras.

Se a corrompida fama lho concede. Pela fama que a Raynha tinha com o Conde.

8

Vem de toda a Provincia, q de hũ Brigo,
(Se foy) já teve o nome derivado,
Das terras, que Fernando, & que Rodrigo
Ganhàrão do tirano, & Mauro estado:
Não estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co' o duro arado,
Os campos Leonenses, cuja gente
Co' os Mouros foy nas armas excellente.

Vem de toda a Provincia que de hum Brigo. Este Brigo querem alguns fosse quarto Rey de Hespanha no anno antes do Nascimento de Christo de 1905. Outros dizem, que assim este, como Luso, Tago, & outros, que alguns nomeaõ por Reys destas partes, nunca estiveraõ nellas. E assim o Poeta nesta oytava falla de Brigo com esta salva, se foy, porque em cousas taõ antigas, & taõ desamparadas de memoria ha muy pouca certeza.

Das terras que Fernando, & que Rodrigo. Este he El-Rey Dom Fernando, filho d'El-Rey Dom Sancho o mayor Rey de Navarra, começou de reynar em Castella, & Liaõ no anno de 1017. O reyno de Castella houve por parte de sua māy, que foy filha do Conde Dom Sancho. E o de Liaõ por parte de sua molher Dona Sancha, irmã d'El-Rey Dom Bermudo. Foy este Rey muyto Cavalleyro, & affeyçoado a gente de espirito, pelo que todos os moços Fidalgos orphãos, & que ficavão sem pays, recolhia em sua casa, & mandava criar, & ensinar todas as boas artes. E entre outros foy hum Rodrigo de Bivar, que depois foy chamado Cid Ruy Dias, que foy muy valeroso nas armas, & ganhou muytas terras aos Mouros, havendo grandes vittorias delles. Estes saõ Fernando, & Rodrigo, de que aqui o Poeta tratta, & as Chronicas largamente.

Os cāpos Lionenses, cuja gente co' os Mouros foy nas armas excellente. Poem primeyro os Lionenses, porque estes saõ os verdadeyros Castelhanos: & assim os antiquissimos Reys de Hespanha se intitulavão Reys de Liaõ, porque esta foy a primeyra terra que foy tomada aos Mouros, depois da destruição de Hespanha, em tempo d'El-Rey Rodrigo ultimo dos Godos, & estes se houveraõ neste tempo muyto honradamente contra os Mouros.

9

Os vandalos na antiga valentia,
Ainda confiados, se ajuntavão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lavão,
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavão
Trazendo por insignias verdadeyras
As Herculeas colunnas nas bandeyras,

Os Vandalos na antigua valentia. Estes saõ os Andaluzes chamados assim por trazer sua origem dos Vandalos, como se tratta no canto terceyro.

A nobre ilha tambem se apercebia. Esta he a ilha Cadis, a qual antiguamente se chamou Erythreya. Fundou-a a gente de Tyro Cidade de Phenicia, pelo que lhe chamaõ os Poetas Tyria por epitheto, como Lucano, *Tyriis qui Gadibus hospes adjacet.* E os que se acharaõ em Cadis fundada pelos de Tyro. Estes, diz o Poeta, traziaõ por insignias nas bandeyras as columnas de Hercules, pelas duas columnas, que Hercules aqui pos, como se conta no terceyro canto.

10

Tambem vem lá do Reyno de Toledo,
Cidade nobre, & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suave, & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem naõ tolhe o medo,
O sordidos Gallegos, duro bando,
Que para resistirdes vos armastes,
A aquelles, cujos golpes já provastes.

Tam-

Tambem vem do Reyno de Toledo. O Reyno de Toledo se chama assim de huma Cidade principal, & metropoli sua, pela qual passa o Rio Tejo, como aqui diz o Poeta, cujo principio, & nacimento he nas Serras de Cuenca, Cidade de Castella a velha. He Rio assás conhecido, & nomeado em Hespanha, o qual entra no mar de Cascais quatro leguas de Lisboa.

Aquelles cujos golpes já provastes. Isto diz porque El-Rey Dom Sancho de Portugal entrou por Galiza, & tomou a Cidade de Tuy, Ponte Vedra, & outros Lugares, & fez grande destroço, & estrago na Terra.

11

Tambem move da guerra as negras furias,
A gente Bizcainha, que carece
De pollidas razões, & que as injurias,
Muyto mal dos estranhos compadece:
A terra de Guipuscua, & das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

A gente Biscainha, que carece de polidas razões &c. Diz como tambem deceraõ a Portugal em favor d'El-Rey de Castella seu Senhor gente de Biscayá, Guipuscua, & das Asturias.

Armou delles os soberbos matadores. Estes Reynos que aqui o Poeta nomea tem grandes minas de ferro, das quaes partes se prové toda Hespanha, pelo que diz: Armou delle os soberbos matadores. Armou deste ferro, os que vinhão de todas as partes de Hespanha, contra os Portuguezes. Chamalhe matadores, pelo que elles cuydavão, não pelo que fizeraõ.

12

Joane, a quem do peyto o esforço crece,
Como a San-Saõ Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Cos poucos de seu Reyno se aparelha:
E não porque conselho lhe falleçe,
Cos principais senhores se aconselha
Mas só por ver das gentes as sentenças
Que sempre ouve entre muytos differenças.

Ioanne aquem do peyto esforço crece, como a Sansaõ Hebreo da guedelha. Sansaõ foy Hebreo de naçaõ filho de Manue do Tribu de Dan. Foy milagrosamente dado por Deos a Manue sendo esteril sua molher, para destruição dos Philisteos inimigos do seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça. Em quanto este segredo de sua valentia se não soube, não havia cousa, que lhe resistisse: mas depois que se confiou de Dalida molher deshonesta, & ella lhe cortou os cabellos, ficou elle outro homem particular: pelo que logo foy vencido dos Philisteos, como se póde ver no livro dos Juizes, *à cap. 13. usque ad cap. 17.*

13

Naõ falta com razões, quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada, & mà deslealdade:
Podendo o temor mais gelado, inerte,
Que a propia, & natural fidelidade,
Negão o Rey, & a patria, & se convem
Negaràm (como Pedro) o Deos, que tem.

Negàraõ, como Pedro, o Deos que tem. Estando El-Rey Dom Joaõ em Abrantes com muyto pouca gente, & sabendo como El-Rey de Castella vinha com grande poder todos os principaes, que com elle estavão foraõ de parecer, que se recolhessem, & não esperassem a El-Rey de Castella, porque álem de trazer hum muyto poderoso exercito de Castelhanos, vinhaõ tambem de mistura muytos Portuguezes, que se haviaõ lançado da banda de Castella. Os nomes destes poem a Chronica, & diz, como aqui o Poeta, que por medo dos Castelhanos negaraõ sua patria, & a seu Rey, & se os apertàraõ mais, tem a pusillanimidade tal natureza, & faz tão grande impressaõ nos animos de quem ella toma posse, que negarão a Deos, como fez o Bemaventurado S. Pedro, que negou a seu Mestre, como he notorio, & se póde ver nos Sagrados Evangelistas. Matth. 26. Marc. 14. Luc. 22. Joan. 18.

Temor gelido, & inerte. Medo frio, & froxo, pelo effeyto que faz naquelles de que toma posse.

14

Mas nunca foy, que este erro se sentisse
No forte D. Nuno Alvares, mas antes,
Posto que em seus irmãos taõ claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes:
A aquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras, que elegantes,
A mão na espada irado, & naõ facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Mas nunca foy que este erro se sentisse. Ainda que dous irmãos do Conde Dom Nuno Alvares eraõ lançados com Castella, não foy parte para o Conde o fazer, & hir contra sua patria.

Com palavras mais duras que elegantes. O Poeta guarda aqui as regras da Rethorica, como aconselha Horacio na sua arte.

: honoratum si forte reponis Achillem,
Impiger, iracundus, inexorabilis, acer.
Iura neget sibi data nihil non arroget armis.

Tratando Horacio da obrigação que tem os homens que haõ de eſcrever as vidas, & coſtumes alheos, depois de deſcorrer por outros eſtados vindo a dar no do Capitão, & do ſoldado diz: quando fallardes em Achilles (que entende por qualquer ſoldado valeroſo) fazeo diligente, & colerico que não dé nada por rogos, aſpero, que não tenha conta com leys, & tudo leve pela eſpada. Por iſto diz neſta oytava o noſſo Poeta, fallando de Dom Nuno Alvares como Capitão valeroſo, que não era facundo, & que as ſuas palavras eraõ mais duras que elegantes, & que fallava com a mão na eſpada.

15

COmo, da gente illuſtre Portugueſa
Ha de haver, quem refute o patrio Marte;
como, deſta Provincia, que Princeſa
Foy das gentes na guerra em toda parte:
Ha de ſair, quem negue ter defeſa,
Quem negue a fè o amor, o esforço, & arte,
De Portuguez, & por nenhum reſpeyto,
O proprio Reyno queyra ver ſugeyto;

O patrio Marte. [Guerra em defenção de ſua patria.

16

COmo? não ſois vós inda os decendentes]
Daquelles, que debayxo da bandeyra,
Do grande Enriquez, feros, & valentes,
Venceſte eſta gente taõ guerreyra?
Quando tantas bandeyras, tantas gentes,
Puzeraõ em fugida de maneyra,
Que ſete illuſtres Condes lhe trouxeraõ
Preſos, a fóra a preſa, que tiveraõ.

Sete illuſtres Condes. Veja-ſe o canto terceyro, oytava 34.

17

COm quem foraõ contino ſopeados;
Eſtes, de quem o eſtais agora vòs,
Por Diniz, & ſeu filho ſublimados,
Senaõ cos voſſos fortes pays, & avos?
Pois ſe com ſeus deſcuydos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueſa aſſi vos pos,
Tornevos voſſas forças o Rey novo,
Se he certo, que co Rey ſe muda o povo.

Por Dinis. Eſte Dom Dinis foy o ſexto Rey de Portugal, & ſeu filho Dom Affonſo, o qual venceo aos Mouros do Salado, em ajuda d'El-Rey de Caſtella. *Fernando em tal fraqueſa aſſim vos pos.* Atrás trattey da fraqueza de Dom Fernando.

Rey novo. El-Rey Dom Joaõ o primeyro, de que himos trattando na oytava 1.

18

REy tendes tal, que ſe valor tiverdes,
Igual ao Rey, que agora levantaſtes,
Deſbaratareis tudo o que quiſerdes,
Quanto mais, a quem jà desbarataſtes:
E ſe com iſto em fim vos naõ moverdes,
Do penetrante medo, que tomaſtes,
Atay as mãos a voſſo vão receyo,
Que eu ſó reſiſtirey ao jugo alheyo.

Atay as mãos ao voſſo vão receyo. Deyxayvos ſopear, & vencer do medo, pondevos de parte, que eu ſó reſiſtirey ao inimigo, & vos livrarey do jugo, & cativeyro, em que vos quer por.

19

EU ſó com meus vaſſallos, & com eſta,
(E dizendo iſto arranca meya eſpada)
Defenderey da força dura, & infeſta,
A terra nunca de outrem ſojugada:
Em virtude do Rey, da patria meſta,
Da lealdade jà por vòs negada,
Vencerey, naõ ſó eſtes adverſarios,
Mas quantos a meu Rey forem contrarios.

Força infeſta. Força contraria.
Patria meſta. Patria triſte.

20

BEm como entre os mancebos recolhidos,
Em Canuſio, reliquias ſós de Canas,
Jà para ſe entregar, quaſi movidos,
A Fortuna das forças Africanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da ſua eſpada jurem, que as Romanas
Armas naõ deyxâram, em quanto a vida
Os naõ deyxar, ou nellas for perdida.

Bem como os mancebos recolhidos em Canuſia reli-quias ſôs de Canas. Conta Titolivio na terceyr[a] Decada liv. 2. cap. 8. que depois daquelle grand[e] eſtrago, que Annibal fez em Canas, alguma d[a] gente dos Romanos ſe recolheo a hum lugar chamado Canuſio, perto de Canas. E eſtando todo[s] deſcorçoados, & para ſe entregar a Anibal, Publio Cornelio Scipiaõ mancebo de pouca idad[e] arrancou da eſpada, & os fez jurar, que nunca de[s]empararião as bandeyras Romanas, & que po[r] ellas morreriaõ contra os Carthaginenſes, que fo[y] cauſa de ſe não acabar de perder o exercito. [O] que pelo meſmo modo aconteceo ao Conde Do[m] Nuno Alvares, como o noſſo Poeta aqui conta, [&] ſe póde ver mais largo nas Chronicas. Da bata-
lh

lha de Canas se veja a nossa annotação no terceyro canto, oytava 116.

21

DEsta arte a gẽte força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgão de Neptuno;
Brandindo, & volteando arremessões,
Vaõ correndo, & gritando a boca aberta,
Viva o famoso Rey, que nos liberta.

Nos animaes cavalgaõ de Neptuno. Os animaes de Neptuno, saõ os cavallos, porque Neptuno foy o primeyro que deu o cavallo, como fica dito no canto terceyro, oytava 51.

22

DAs gentes populares, huns approvão
A guerra, com que a patria se sostinha:
Huns as armas alimpão, & renovão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofão, peytos provão,
Armase cada hum como convinha:
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras, & tenções de seus amores.

Das gentes populares huns aprovaõ. Na gente popular nunca houve contradição, alguns Fidalgos contaõ as Chronicas, que lhe parecia mal a guerra, porque temiaõ perderse. Ou usa da palavra populares no rigor da lingua Latina, que he gente de toda a sorte alta, & bayxa.

23

COm toda esta lustrosa companhia,
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria,
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeyros armigeros regia,
Quem para reger era os muy possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

Os primeyros armigeros regia. O Condestavel Dom Nuno Alvares, como aponta na oytava seguinte.

Abrantes, que tambem da fonte fria do Tejo logra as agoas abundantes. Porque o Tejo passa junto à Villa de Abrantes.

Com que passava Xerxes *o Helesponto.* Xerxes foy filho de Dario o mais poderoso Rey que os Persas tiveraõ. Passou o Helesponto, que hoje chamamos o braço de S. Jorge, feyta nella huma ponte de barcos, com todo seu exercito, que era innumeravel, & tanto que dizem os Autores seriaõ hum conto & duzentos mil homens. Com toda esta gente foy vencido no passo Thermopylas por Leonîdes Capitão dos Lacedemonios, & depois no mar com a gente que lhe ficou de Themistocles Capitão dos Athenienses. E finalmente foy de todo perdido, & desbaratado, & escapou em huma triste barca. Ficou tão enfadado da guerra, que nunca mais tornou às armas.

24

DOm Nuno Alvarez digo, verdadeyro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foy primeyro,
Para Francezes, para Italianos:
Outro tambem famoso cavalleyro
Que a ala direyta tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, & regelos,
Mem Rodriguez, se diz, de Vasconcelos.

Como já o fero Huno o foy primeyro. Este he Atila Rey dos Hunos de que fica trattado no canto 3. oytava 14.

Que a ala direyta tem dos Lusitanos. Ala he propriamente a asa do passaro, a cuja semelhança se chama ala no exercito a gente de cavallo, que vay pela maõ direyta, & esquerda para amparo da gente de pé, que vay no meyo cuberta, & guardada como hum passaro cobre, & ampara com suas alas o corpo.

25

E Da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasquez de Almada he Capitão,
Que depois foy de Abranches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a sestra mão:
Logo na retaguarda naõ se esconde
Das quinas, & castellos o pendão,
Com Joanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vay de Marte.

Antaõ Vasquez de Almada. Este foy hum dos doze Cavalleyros, que forão a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reyno para as desagravar de certos Cavalleyros Ingleses, que as afrontáraõ publicamente, ao qual El-Rey de França, por seu esforço, & cavallaria deu o Condado de Abranches. O nosso Poeta tratta destes Cavalleyros no canto sexto, aonde eu escrevi delles, o que pude achar, porque não ha memoria perfeyta dos feytos destes Cavalleyros, pelo que alguns tem a Historia por fingida.

26

EStavaõ pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,

Rezando as mãys, irmãs, damas, & esposas,
Pormetendo jejum, & romarias:
Jà chegaõ as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

E todas grande duvida concebem. O que as Chronicas dizem, & parece conforme á razaõ he, que os Castelhanos cuydavaõ não ser possivel esperarem os Portuguezes à sua furia, com tudo, visto como continuavão na porfia de pelejar, ficàraõ algum tanto temerosos.

27

R Espondem âs trombetas mensageyras
Pifaros sibilantes, & atambores,
Os Alferes volteaõ as bandeyras,
Que variadas saõ de muytas cores:
Era no seco tempo, que nas eyras
Ceres o fruyto deyxa aos lavradores,
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto,
Baccho das uvas tira o doce mosto.

Era no seco tempo, que nas eyras Ceres o fruyto deyxa aos lavradores. Descreve o tempo, em que foy esta batalha. Os Antigos tinhaõ a Ceres por Deosa das sementeyras, & mais fruytos da terra: pelo que a pintavão sentada em cima de hum boy com huma enxada na mão direyta, & hum cesto na esquerda, & rodeada de lavradores com seus petrechos, & instrumentos de agricultura, dando por estes rodeos a entender, que ella fora a inventora, & senhora de todas as cousas, que a terra produz. Assim o nosso Poeta aqui mostra, que esta batalha foy no estio, em dizer: Era no seco tempo que nas eyras Ceres deyxa o fruyto aos lavradores. E abayxo declara o mez, que foy Agosto.

Baccho das uvas tira o doce mosto. As Chronicas particularizando mais o caso dizem o dia que foy a huma segunda feyra quatorze dias do mez de Agosto, vespera de Nossa Senhora da Assumpçaõ de 1385. De Ceres trattey no terceyro canto, oytava 62. Astrea, de que aqui falla o Poeta, foy filha de Titano, & Aurora. No tempo, que seu pay, & seus irmãos os Gigantes trabalharaõ lançar Jupiter do Ceo, ajuntando muytos montes altos, & pondo huns sobre outros. Dizem que Astrea sempre foy de contrario parecer, & que em tudo o que foy na sua mão ajudou, & favoreceo a Jupiter, pelo que depois que venceo os Gigantes a pós no Ceo, & fez della hum dos Signos do Zodiaco, o qual tem vinte & seis estrellas. Este he o Signo a que os Astronomos chamão virgem, no qual entra o Sol a vinte & tres dias do mez de Agosto, nem he inconveniente que o successo desta batalha fosse a quatorze de Agosto, & o Sol entre neste Signo a vinte & tres. Basta ser tudo no mesmo mez, & os Poetas tem esta licença, como dissemos em outra parte. *Baccho das uvas tira o doce mosto.* Não diz aqui o Poeta que no mez de Agosto se faz a vindima, se não quer mostrar que no mez de Agosto saõ já as uvas maduras.

28

D Eu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouvio o monte Attabro, & Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso,
Ouvio o Douro, & a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso
E as mãys, que o som terrivel escutàraõ,
Aos peytos os filhinhos apertàrão.

Ouvio o monte Artabro. A este monte Artabro chamaõ os Geographos por outro nome, *Magnum promontorium Ulyssiponense.* Cabo grande, cabo de Lisboa, por começar na sua Comarca. Hoje se chama Cabo de finis terræ. Guadiana a que os Latinos chamão *Anas*, nasce junto á Serra de Alcaraz, & junto a hum lugar chamado la puebla de Alcacer, se mete debayxo do chaõ, & vay sahir dalli a dez leguas.

Terra Transtagana. Terra do Alentejo.

29

Q Vantos rostos alli se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes o temor
He mayor muytas vezes, que o perigo:
E se o naõ he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz naõ sentir, que he perda grande, & rara,
Dos membros corporaes a vida cara.

30

C Omeçase a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeyra ala,
Huns leva a defensaõ da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereyra, em quem se encerra
Todo o valor, primeyro se assinala,
Derriba, encontra, & a terra em fim semea,
Dos que tanto a desejaõ, sendo alhea.

Começase a travar a incerta guerra. Chama á guerra incerta; porque seu fim he incerto, como disse Cicero: *Bellorum exitus incerti sunt.* O successo da guerra saõ incertos, como lemos nas Historias, que muytos grandes exercitos foraõ vencidos de outros muyto pequenos, pelo que nesta materia não ha certeza alguma.

Huns

Huns leva a defensaõ da propria terra. Estes eraõ os Portuguezes, que pelejavaõ pela defensaõ de sua Patria, a qual os Castelhanos muyto desejavaõ, não sendo sua, nem tendo direyto nella.

Logo o grande Pereyra. Este he Dom Nuno Alvares Pereyra: illustre fundamento da Casa Real de Bragança.

31

JA'pelo espesso ar os estridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão,
Debayxo dos pès duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soão:
Espedaçãose as lanças, & as frequentes
Quedas co as duras armas tudo atroão,
Recrecem os inimigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Gente do fero Nuno. Fero Nuno he Dom Nuno Alvares Pereyra, a que chamou na oytava atràs sómente Pereyra, & aqui Nuno, costume muyto usado entre os Poetas nomear as pessoas humas vezes pelos nomes proprios, outras pelos sobrenomes, & outras pelas alcunhas, que por algum acontecimento, ou de bem, ou de mal tem.

32

EIs alli seus irmãos contra elle vão
(Caso feo, & cruel) mas não se espanta,
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rey, & a patria se levanta:
Destes arrenegados muytos saõ,
No primeyro esquadrão, que se adianta,
Contra irmãos, & parentes, caso estranho,
Quaes nas guerras civis de Julio Magno.

Quaes nas guerras civis de Iulio Magno. Como aconteceo nas guerras civis entre Cesar, & Pompeyo, tão celebradas por todos os Escrittores, & sobre as quaes fez o Poeta Lucano a sua Pharsalia, & nós trattàmos no terceyro canto, oytava 70. Julio Magno he o grande Julio Cesar, de que trattàmos no canto primeyro.

33

OTu Sertorio, ò nobre Coriolano,
Catilina, & vosoutros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se là no Reyno escuro de Sumano,
Receberdes gravissimos castigos,
Dizeylhe, que tambem dos Portugueses,
Alguns traydores houve algumas vezes.

O tu Sertorio. Sertorio nas dissenções entre Scylla, & Mario, seguio as partes de Mario, que foy vencido de Scylla, vendo-se perdido recolheo-se a Hespanha, & nella foy Capitão dos Portuguezes, & outros Hespanhoes, & fez grande guerra aos Romanos. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro, oytava 93. Coriolano foy hum Varaõ de muyta autoridade entre os Romanos. Em humas dissenções foy lançado fóra de Roma, pelo que aggravado lhe fez muyta guerra, como conta Appiano, & Plutarcho em sua vida. Lucio Sergio Catelina com outros de sua parsialidade determinou apoderarse de Roma, o que fizera senão acodira Marco Tullio com sua prudencia, & atalhara sua determinaçaõ, matando muytos dos conjurados, como conta Sallustio.

Se lá no escuro Reyno de Sumano. Sumano he o mesmo, que Plutaõ a que os Antigos chamávaõ Deos dos infernos. Chamouse assim, *quasi summus manium*, o principe do inferno.

34

ROmpemse aqui dos nossos os primeyros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Està alli Nuno, qual pelos outeyros
De Ceyta està o fortissimo Leão:
Que cercado se vè dos cavalleyros,
Que os campos vaõ correr de Tutuaõ,
Perseguemno com lanças, & elle iroso,
Turbado hum pouco està, mas naõ medroso.

Qual pelos oyteyros de Ceuta. Ceuta he fronteyra de Africa, & porque em Africa ha muytos leões, chamalhe aqui leões de Ceuta: figura muyto usada entre os Poetas, que tomão a parte pelo todo, como aqui Ceuta por Africa, & assim se ha de declarar, & não porque em Ceuta haja leões.

Que os campos vaõ correr de Tutuão. Lugar de Africa fronteyro, ao qual correm os Portuguezes para escaramuçar, & pelejar com os Mouros.

35

COm torva vista os vé, mas a natura
Ferina, & a ira não lhe compadecem,
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal està o cavalleyro, que a verdura
Tinge co sangue alheyo; alli perecem
Alguns dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Que o animo valente perde a virtude contra tanta gente. Cousa sabida, & experimentada he os muytos ainda que sejaõ mais fracos, poderem mais que os poucos: donde veyo aquelle proverbio: *Neque Hercules contra duos*: Nem Hercules contra dous. Isto he commum, & regra geral: mas como todas

tem

tem ſua exceyção, tambem eſta a teve neſta batalha d'El-Rey Dom Joaõ o de Portugal contra os Caſtelhanos: porque com ſerem muyto mais, foraõ vencidos, ainda que com morte de alguns dos noſſos.

36

SEntio Joanne a afronta, que paſſava
Nuno, que como ſabio Capitão,
Tudo corria, & via, & a todos dava,
Com preſença, & palavras coração:
Qual pari da Leoa fera, & abrava,
Que os filhos, que no ninho ſós eſtão,
Sentio, que em quanto o paſto lhe buſcára,
O paſtor de Maſſilia lhos furtára.

O paſtor de Maſſilia lhos furtára. Maſſilia he, a que por outro nome chamamos Mauritania, & commummente Berberia. Pelo paſtor de Maſſilia, ſe entende o paſtor de Africa. E aſſim Virgilio na Eneida trattando da montaria de Eneas com Elyſa Dido diz: *Maſſilique ruunt equites, & odora canum vis*: Saem, diz Virgilio, os Cavalleyros Cartaginenſes com muytos ſabujos, & outros petrechos de caça.

37

COrre rayvoſa, & freme, com bramidos,
Os montes ſete irmãos atroa, & abala,
Tal Joanne, com outros eſcolhidos
Dos ſeus, correndo acode à primeyra ala:
O' fortes companheyros, ó ſubidos
Cavaleyros, a quem nenhum ſe iguala,
Defendey voſſas terras, que a eſperança
Da liberdade eſtá na voſſa lança.

Os montes ſette irmãos. Na Mauritania, que atrás chamey Maſſilia, eſtaõ ſete montes, dos quaes Pomponio Mella diz: *Ex his tamen, quæ commemorare non piget, montes ſunt alti, qui continentur, & quaſi de induſtria in ordinem expoſiti, ob numerum ſeptem, ob ſimilitudinem fratres vocantur.* Não he para paſſar, que ha neſta Mauritania huns montes altos: os quaes poſtos hum apos outro, & em tal ordem, como de induſtria, pelo numero ſe chamaõ ſette, & pela ſemelhança irmãos.

38

VEdeſme aqui Rey voſſo, & companheyro,
Que entre as lâças, & ſetas, & os arneſes
Dos inimigos corro, & vou primeyro,
Pelejay verdadeyros Portugueſes:
Iſto diſſe o magnanimo guerreyro,
E ſopeſando a lança quatro vezes,
Com força tira, & deſte unico tiro,
Muytos lançarão o ultimo ſuſpiro.

39

POrque eis os ſeus aceſos novamente
De hũa nobre vergonha, & honroſo fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerà do Marcio jogo,
Porfião tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeyro, & peytos logo,
Aſſi recebem junto, & dão feridas,
Como a quem jà não doe perder as vidas.

Marcio jogo. He a guerra, aſſim lhe chamaõ os Poetas, *ludus Martius*: jogo de Marte.

Fogo ardente. He o que acima chamou fogo honroſo, que he huma ira, & furia tomada, por ſe ver abatida huma peſſoa, & perder a opiniaõ que tinha. Diz que eſte fogo rompe malhas, porque eſta colera aguça as navalhas, & faz que o ferro uſe de ſeu officio. E os que poem ſangue ardente, danaõ a intenção do Poeta: porque aqui ſe aponta ſómente a furia do principio da batalha.

Tinge o ferro. Aquella colera vay na ponta da lança; & a encaminha para ſeu effeyto.

40

A Muytos mandão ver o Eſtigio lago,
Em cujo corpo a morte, & o ferro entrava,
O Meſtre morre alli de Sanctiago,
Que fortiſſimamente pelejava:
Morre tambem fazendo grande eſtrago
Outro Meſtre cruel de Calatrava,
Os Pereyras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, & os Fados.

A muytos mandão ver o Eſtygio lago. Os Antiguos tinhaõ por couſa certa, & ſem duvida hir todas as almas ao inferno, aonde fingiaõ hum Rey a que chamavaõ Plutão, com o qual diziaõ, que moravaõ em perpetua eſcuridade. Pintavaõ a eſte Plutaõ muyto triſte, & medonho, ſentado em huma cadeyra de enxofre, com hum ſceptro na mão direyta, & com huma alma na eſquerda, muyto apertada, & com o caõ Cerbero debayxo dos pès, & quatro rios, Letho, Cocyto, Phlegetonte, & Acheronte, que ſahiaõ debayxo da cadeyra, ao longo deſtes rios a lagoa Eſtygia, com outras mil fabulas que os Poetas poem, & ſe pódem ver em Alberico. Daqui diz o noſſo Camões. A muytos mandaõ ver o Eſtygio lago, que quer dizer, a muytos mataõ, termo Poetico, & galante. Como tambem na oytava ſeguinte para dizer que morreraõ muytos, diz, que foraõ mandados ao profundo, aonde eſtá o caõ Cerbero porteyro do Inferno.

Os Pereyras tambem arrenegados. Iſto diz por dous irmãos de Dom Nuno Alvarez Pereyra, q̃ ſe lançàraõ da parte de Caſtella: pelo q̃ o Poeta lhe chama arrenegados.

Muy-

41

MVytos tambem do vulgo vil sem nome
Vaõ, & tambem dos nobres ao profũdo,
Onde o Trifauce Caõ perpetua fome
Tem das almas, que passaõ deste mundo:
E porque mais aqui se amance, & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeyra Castelhana,
Foy derribada aos pès da Lusitana.

Onde o Trifauce caõ. Caõ trifauce, quer dizer, caõ de tres gargantas, qual pintaõ os Poetas o Cerbero, que guardava o Inferno.

A soberba do inimigo furibundo. A soberba dos Castelhanos, os quaes faziaõ muyto pouco caso dos Portuguezes, por serem muyto menos.

42

AQui a fera batalha se encruece
Com mortes, gritos, sangue, & cutiladas,
A multidaõ da gente, que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas:
Jâ as costas daõ, & as vidas: já falece
O furor, & sobejaõ as lançadas,
Jâ de Castella o Rey desbaratado
Se vè, & de seu proposito mudado.

Tem as flores da propria cor mudadas. Estaõ amarelos, & perdida a propria, & natural cor de seus rostos, por lhe faltar a alma que lha dava. Outros entendem este passo pelas flores do campo cubertas do sangue dos mortos.

43

O Campo vay deyxando ao vencedor,
Contente de lhe naõ deyxar a vida,
Seguem no os que ficârão, & o temor
Lhe dá não pês, mas azas à fugida:
Encobrem no profundo peyto a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, & triste nojo,
De ver outrem triunfar de seu despojo.

Lhe dà naõ pès, mas asas à fugida. Assim disse Virgilio, *Pedibus timor addidit alas.* O medo lhe poz asas nos pès. E daqui chamaõ os Latinos às cousas ligeyras timidas, porque o medo dá ligeyreza aos que fogem.

44

ALgũs vão maldizendo, & blasfemando
Do primeyro, que guerra fez no mundo,
Outros a sede dura vão culpando
Do peyto cobiçoso, & sitibundo:
Que por tomar o alheo, o miserando
Povo a ventura âs penas do profundo,
Deyxando tantas mãys, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos desditosas.

45

O Vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria,
Com offertas de pois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu vittoria:
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deyxar de si memoria
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

Os dias costumados no campo. O que se costuma entre gente de guerra havida alguma vittoria, he estar no campo do inimigo alguns dias recolhendo os despojos, que ficáraõ, & dando graças pela vittoria, que alcançáraõ, & mostrando que alli estaõ para tudo, o que a fortuna determinar, & que naõ tem medo algum do inimigo, estes dias costumados sohiaõ ser antiguamente tres, hoje mais, ou menos, conforme a desposiçaõ do Capitaõ, & pressa que se acha. Esta batalha que teve El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria, foy entre porto de Mós, & huma Aldea chamada Algibarrota, em hum campo muy chaõ, no qual lugar em muyto pouco espaço foraõ os Castelhanos vencidos dos Portuguezes, mortos muytos, & muytos cattivos.

Para as terras se passa Transtaganas. Alcançada esta tão grande vittoria se recolheo El-Rey a Santarem, aonde achou ainda muytos Castelhanos, aos quaes favoreceo, & mandou para sua terra livremente. Depois que descançou alguns dias, nos quaes trouxe à sua obediencia alguns lugares, que estavaõ por El-Rey de Castella, foy em romaria a Nossa Senhora da Oliveyra em Guimarães, 46. leguas de Santarem. Partio El-Rey a esta romaria, que tinha promettido. Dom Nuno Alvarez se partio para as partes do Alentejo, para entrar por Castella, para o que mandou dar rebate a todos os fronteyros para se aperceberem contra elle. Passou por Elvas, & Badajoz, & chegou a Valverde, aonde os Castelhanos estavaõ esperando, & os venceo com muyta honra dos Portuguezes, como contão as Chronicas.

46

AJudao seu destino de maneyra,
Que fez igual o effeyto ao pensamento,
Por que a terra dos Vandalos fronteyra,
Lhe concede o despojo, & o vencimento:

Jâ

Já de Sevilha à Bethica bandeyra,
E de varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pês, sem ter defesa,
Obrigados da força Portuguesa.

Porque a terra dos Vandalos fronteyra. Terra dos Vandalos he Andaluzia, como atrás fica dito no canto terceyro oytava 60.

Bethica bandeyra. A bandeyra de Sevilha, porque o rio Guadalquibir, chamado Bethis passa por ella.

47

DEstas, & outras vittorias longamente
Eraõ os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada jâ da gente,
Deraõ os vencedores aos vencidos:
Depois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reys inimigos por maridos,
As duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, fermosas, inclitas princezas.

As duas illustrissimas Inglezas. Dom Joaõ de Alencastre filho d'El-Rey Dom Duarte, o quarto de Inglaterra, teve da Duqueza sua molher duas filhas, Dona Isabel, que foy casada com Monsieur Joaõ Conde de Jelanda, & Dona Phelippa, que casou com El-Rey Dom Joaõ o primeyro de boa memoria, de que himos trattando. Depois da morte da Duqueza sua molher casou com huma senhora chamada Dona Constança, filha d'El-Rey Dom Pedro de Castella, à qual o Reyno pertencia por morte d'El-Rey: pelo que o Duque, fallecido El-Rey Dom Pedro, com ajuda d'El-Rey Dom Joaõ de Portugal, fez muyta guerra a Castella, tomou muytos lugares, & lhe fez muytos danos, atè que houve concertos, os quaes foraõ, que El-Rey casasse seu filho o Principe Dom Henrique herdeyro de Castella com Dona Catherina, filha do Duque, & de Dona Constança. Feytos estes concertos com algumas condiçoes, que as Chronicas trattão, cessaraõ as guerras.

48

NAõ sofre o peyto forte usado à guerra,
Naõ ter imigo jà a quem faça dano,
E assi naõ tendo, a quem vencer na terra,
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeyro Rey, que se desterra
Da patria, por fazer, que o Africano,
Conheça pelas armas, quando excede
A ley de Christo à ley de Mafamede.

Vay cometer as ondas do Oceano. Depois que cessaraõ as guerras de Castella, não podendo El-Rey estar ocioso, determinou passar em Africa contra os Mouros de àlem mar, aos quaes tomou aquella tão excellente, & importante Cidade de Ceuta, chave de toda Hespanha, huma vespera de Nossa Senhora de Agosto de 1414. Ou segundo outros querem a vinte & hũ do dito mez do anno de 1415. que he o mais certo.

49

EIs mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vaõ ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta:
O monte Abyla, & o nobre fundamento
De Ceyta toma, & o torpe Mahometa,
Deyta fóra, & segura toda Espanha,
Da Juliana mà, & desleal manha.

Eis mil nadantes aves pelo argento. Usa nesta oytava de algumas palavras metaphoricas, como he chamar as naos aves, & às aguas argento por serem brancas, como a prata, a que os Latinos chamão *argentum*. E às vellas das naos aias pandas, asas largas, & estendidas.

Da furiosa Thetis. Thetis he Deosa do mar, se toma aqui pelo mesmo mar.

Para onde Alcides poz a extrema meta. Alcides chamão os Poetas á Hercules de seu avó Alceo. *Extrema meta.* A derradeyra columna, a qual poz em Ceuta, para o qual lugar os Portuguezes encaminhárao sua armada. Das columnas de Hercules se veja a nossa annotaçaõ canto 3. oytava 18.

Da Iuliana mà, & desleal manha. Como Ceuta he fronteyra de Hespanha faziáo dalli os Meuros grandes danos nella, os quaes cessâraõ depois que El-Rey Dom Joaõ lha tomou. Diz que ficou segura da manha mà, & desleal, porque por Ceuta meteo os Mouros em Hespanha, aquelle mao, & desleal Hespanhol o Conde Dom Juliaõ, que foy causa de se perderem as Hespanhas em tempo d'El-Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godos, como dissemos atrás no canto terceyro.

50

NAõ consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do Ceo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensaõ dos Lusitanos,
Deyxou quem o levou, quem governasse,
E aumentasse a terra mais que d'antes,
Inclita geraçaõ, altos Infantes.

Heroe taõ ditoso. Heroe he palavra Grega, significa senhor excellente. Chámaõ heroes àquelles que ainda que vivão nas terras, merecem por suas partes estar nos Ceos.

Mas os coros soberanos do Ceo supremo. Falleceo este felicissimo Rey em Lisboa vespera de Nossa Se-

Senhora de Agosto, de mil quatrocentos & trinta & tres annos, & he para notar, que venceo a El-Rey de Castella vespera de Nossa Senhora da Assumpção a quatorze de Agosto, & em outro tal dia tomou Ceuta aos Mouros, & em outro tal falleceo, que parece a gloriosa, Virgem de quem elle era muyto devoto haver permittido, & querido lhe succedessem estas cousas em hum seu taõ sinalado, & glorioso dia. E affirma-se que no dia de sua morte foy o Sol ecclypsado.

Altos infantes. Porque teve quatro filhos legitimos, Dom Duarte, Dom Henrique, Dom Joaõ, Dom Fernando, & Dom Pedro Affonso bastardo.

51

Naõ foy do Rey Duarte taõ ditoso
O tempo, que ficou na summa alteza,
Que assi vay alternando o tempo irosо,
O bem co o mal o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleytoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste Reyno, & neste Rey,
Naõ usou ella tanto desta ley.

Não foy do Rey Duarte tão ditoso o tempo. Depois da morte d'El-Rey Dom Joaõ foy levantado por Rey seu filho mayor o Infante Dom Duarte, que foy o primeyro deste nome, & undecimo dos Reys de Portugal, em Lisboa, aos quinze dias de Agosto, de mil quatrocentos trinta & tres, & sendo de idade de quarenta & dous annos, reynou cinco somente, os quaes, como diz o Poeta, foraõ aguados com muytos trabalhos, & desgostos, porque neste Reyno houve grande peste, de que dizem El-Rey falleceo em Thomar a nove de Setembro, de mil quatrocentos & trinta & oyto.

52

Vio ser cativo o santo Irmão Fernando,
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando,
Cercado ao Sarraceno se entregava:
Só por amor da Patria està passando
A vida de senhora feyta escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceuta,
Mais o publico bem, que o seu respeyta.

Vio ser cattivo o santo irmão Fernando. Alem dos trabalhos do Reyno, de que fallámos atrás, sobreveyo outro mayor, que foy o desestrado successo do cerco de Tangere, o qual os Infantes Dom Fernando, & Dom Henrique quiseraõ fazer a pesar de todo Portugal. E assim lhe succedeo de modo que o Infante Dom Fernando ficou em Africa, porque retirados da Cidade de Tangere, que tinhaõ cercada, foraõ elles cercados pelos Mouros. E vendo o Infante Dom Fernando o perigo em que estavão, & que não era possivel escapar, se deu elle em refens, com condição de lhe dar Ceuta, & todos os Mouros que houvesse cattivos em Portugal, o que não pareceo bem a Portugal, nem o Infante o consentio, antes foy de contrario parecer, porque quiz antes morrer em hum tão vil, & bayxo estado de cattivo, que darse Ceuta aos Mouros, por ser a chave, & segurança de Hespanha.

53

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deyxou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a Patria não perdesse,
Quiz antes a liberdade ver perdida:
Este, porque se Espanha não temesse,
A cativeyro eterno se convida;
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeraõ tanto.

Codro porque o inimigo não vencesse. Trás alguns exemplos de antigos, que por salvar suas patrias perderaõ as vidas. Codro Rey dos Athenienses em huma guerra, que tinha com os Lacedemonios, sabendo dos oraculos, que aquelle exercito havia de vencer, cujo rey morresse na batalha, se vestio em trajo de particular, & desta maneyra metido entre os inimigos o mataraõ, & assim com sua morte ficou o seu exercito vencedor. Marco Attilio Regulo Consul Romano venceo muytas vezes os Carthaginenses, veyo depois a ser vencido delles, & estando em Carthago cattivo, foy mandado a Roma sobre que se dessem os cattivos Carthaginenses por elle. O qual foy de parecer que a tal troca se não fizesse, pelo que tornado a Carthago, foy cruelmente morto.

Porque a patria não perdesse. Porque Roma não ficasse com quebra, porque elle era velho, & os Carthaginenses cativos mancebos, & que serviáo para a guerra.

Nem Curcio ouvido por espanto. Escreve Titolivio na primeyra Decada, que ao tempo que os Romanos tinhaõ guerra com os Hernicos, appareceo subitamente na praça de Roma huma muyto grande abertura, a qual os Romanos nunca poderaõ serrar, antes quanto elles mais o procuravaõ tanto ella mais se abria. Consultado o Oraculo, respondeo, que aquella abertura queria dentro em si aquillo, com que Roma era mais poderosa. E como neste caso variassem os Romanos, & nenhum soubesse dar no entendimento da reposta. Curcio os reprendeo muyto asperamente, notando-os de fraco juizo, & dizendo que homens, & armas faziaõ a Republica Romana muy poderosa, & que assim se haviaõ de entender as palavras do Oraculo: pelo que se armou, & posto a cavallo, se lançou muyto alvoroçado dentro naquella abertura, a qual logo se serrou. E desta maneyra ficáraõ

os Romanos desassombrados do medo, que tinhaõ por huma tão grande novidade.

Nem os Decios leaes fizeraõ tanto. Foraõ dous, pay, & filho, estes se sacrificáraõ por sua patria. Este sacrificio se fazia em tempo de grande aperto, & trabalho, & erá desta maneyra: o que se havia de sacrificar se armava, & posto a cavallo dizia certas palavras, & fazia certas cerimonias, & acabado isto se metia pelejando valerosissimamente entre os inimigos, & desta maneyra acabava. Esta era entre os Romanos a mais honrada morte, que se podia haver; & aos que morriaõ desta maneyra se fazião todas as honras, & erão tidos por bemaventurados, & para delles haver perpetua memoria se lhe levantavão grandes estatuas.

54

Mas Affonso do Reyno unico herdeyro,
(Nome em armas ditoso em nossa Espe-
Que a soberba do barbaro fronteyro, ria)
Tornou em bayxa, & humillima miseria:
Fora por certo invito cavaleyro,
Senaõ quizera ir ver a terra Ibéria,
Mas Africa dirà ser impossivel,
Poder ninguem vencer o Rey terrivel.

Mas Affonso do Reyno unico herdeyro. Depois da morte d'El-Rey Dom Duarte foy levantado por Rey em Thomar seu filho Dom Affonso o quinto deste nome, & duodecimo dos Reys de Portugal. E por ser de seis annos, sómente ao tempo que o levantáraõ por Rey governou em seu lugar o Infante Dom Pedro seu tio. Foy este Rey muyto bem afortunado, como forão os mais do mesmo nome, pelo que lhe chama o Poeta nome em armas ditoso em nossa Hesperia. Hesperia he Hespanha. Vejase a nossa annotação no segundo canto, oytava 10.

Se não quisera ir ver a terra Iberia. Terra Iberia he o Reyno de Aragaõ, chamado assim do Rio Ibero, que vulgarmente se chama Hebro, que o rega. Toma-se por toda Hespanha.

55

Este póde colher as maçãs de ouro,
Que sómente o Thyrinthio colher pode;
Do jugo que elle poz ao bravo Mouro,
A cerviz inda agora naõ sacóde:
Na fronte a palma leva, & o verde louro
Das vittorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte Villa,
Tanger populosa, & o dura Arzilla.

Este póde colher as maçãs d'ouro, que sómente o Thyrintio colher pode. Thyrintio chamaõ os Poetas a Hercules por razaõ de Thyrintia sua patria em Grecia. Entre outras cousas nomeadas, que na vida Hercules fez, huma foy matar hum dragaõ, que as Hesperidas filhas d'El-Rey Hespero tinhaõ por guarda de huma horta, aonde o fruyto das arvores era de ouro. Esta horta dizem foy na Berberia, aonde El-Rey Dom Affonso tomou tres lugares aos Mouros, Alcacere, Arzilla, & Tangere: Arzilla, & Tangere em 24. de Agosto de mil quatrocentos & setenta & hum, Alcacere seguer em dezoyto de Outubro de quatrocentos cincoenta & oyto.

Na fronte a palma leva, & o verde louro. Por estes termos mostra, como El-Rey Dom Affonso andava vittorioso nas partes de Africa. Porque a palma, & o louro saõ insignias de vittoria.

56

Porém ellas em fim por força entradas;
Os muros abayxáraõ de diamante,
As Portuguezas forças costumadas,
A derrubar em quanto achão diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dignas elegante,
Fizéraõ cavaleyros nesta empresa,
Mais affinando a fama Portugueza.

Os muros abayxáraõ de diamante. Muros de diamante saõ muros fortes, qual he o diamante, termo de fallar, de que os Poetas usaõ para encarecimento de cousa muyto dura. Veja-se a nossa annotação no segundo canto, oytava 4.

57

Porém despois, tocado de ambição,
E gloria de mandar amára, & bella,
Vay cometer Fernando de Aragrão,
Sobre o potente Reyno de Castella:
Ajuntase a inimiga multidão
Das soberbas, & varias gentes della
Desde Cadiz ao alto Pirineo,
Que tudo ao Rey Fernando obedeceo.

Vay cometer Fernando de Aragaõ. Para se isto entender, he necessario escrever mais algumas regras, ainda que seja contra a brevidade promettida. El-Rey Dom Henrique o quarto deste nome de Castella foy casado primeyra vez com huma Dona Branca, filha d'El-Rey Dom Joaõ de Navarra seu tio: da qual Senhora, havendo já tres annos que eraõ casados, se apartou por authoridade do Papa Nicolao Quinto, por ser tida por esteril, & logo se casou com a Infante Dona Joanna filha do Infante Dom Duarte de Portugal, & irmã deste Rey Dom Affonso, de que himos trattando. Houve desta Senhora huma filha, a quem foy posto o mesmo nome de sua mãy, a qual lhe naceo

maceo havendo já cinco annos que eraõ casados. E porque havia praguentos, que fallávaõ neste caso contra a honra d'El-Rey Dom Henrique, dizendo que aquella Senhora não era sua filha, elle fez cortes, & perante todos os Senhores do Reyno declarou ser a Infante Dona Joanna sua filha legitima, herdeyra, & successora dos seus Reynos. E por tal a fez logo jurar: & assim o tornou a ratificar no seu testamento. Morto El-Rey Dom Henrique, Dom Fernando filho d'El-Rey Dom Joaõ de Aragaõ se casou com Dona Isabel tia da Infante Dona Joanna irmã de seu pay, & tomou posse do Reyno, dizendo que Dona Joanna não era legitima, o que foy causa de muytas guerras, & enfadamentos entre o nosso Rey Dom Affonso, & Dom Fernando de Aragão, como o nosso Poeta aqui aponta.

Desde Cadiz atè o alto Perineo. Nestas palavras comprehende o Poeta as partes aonde vieraõ em ajuda d'El-Rey Dom Fernando, que saõ as terras todas de Hespanha postas entre estes dous terminos: a Cidade de Cadiz no estreyto de Gibaltar, & os montes Perineos, que a dividem de França.

58

Aõ quiz ficar nos Reynos ocioso
O mancebo Joanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foy ajuda, não pequena:
Sahiose em fim do trance perigoso
Com fronte não turbada, mas serena,
Desbaratado o pay sanguinolento,
Mas ficou duvidoso o vencimento.

O mancebo Ioanne. O Principe Dom Joaõ filho d'El-Rey Dom Affonso, o qual acompanhou seu pay nesta jornada.

Desbaratado o pay. Porque em Crasto queymado houve grande batalha entre El-Rey Dom Affonso de Portugal, & Dom Fernando de Aragaõ na qual estes Reys foraõ cada hum para sua parte, & o Infante ficou no campo, como se diz na oytava segu inte. Chama a El-Rey Dom Affonso ambicioso, & sanguinolento, pela ambição de haver o Reyno, & por este respeyto haver tantas mortes.

59

Orque o filho sublime, & soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleyro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteyro:
Desta arte foy vencido Octaviano,
E Antonio vencedor seu companheyro;
Quando daquelles, que a Cesar matàraõ,
Nos Philipicos campos se vingàrão.

Desta arte foy vencido Octaviano. Compàra o successo desta guerra ao de Octaviano, & Marco Antonio contra os matadores de Julio Cesar, quando pelejando nos campos Philipicos foy Octavino vencido, ficando Marco Antonio de sua parte vencedor, como conta Appiano, aonde escreve a Cidade Philippos, em cujos campos foy aquella batalha entre Cesar, & Pompeyo tão celebrada entre os Escrittores, & esta entre Octaviano, & Marcio Antonio contra Bruto, Cassio, & outros conjurados. Donde diz Virgilio nas Georgicas liv. 1.

Ergo inter sese paribus concurrere telis
Romanas acies iterum videre Philippi.

Trattando da batalha, que houve entre Octaviano, & os que matáraõ a Julio Cesar: Assim que a Cidade de Philippos vio outra vez os exercitos Romanos encontrarse com as mesmas armas, & diz outra vez, pelo que antes tinha succedido entre Cesar, & Pompeyo.

60

Orèm despois que a escura noyte eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Princepe, que o Reyno então governa,
Foy Joanne segundo, & Rey trezeno:
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pôde homem terreno,
Tentou que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Porèm despois que a escura noyte eterna. Por falecimento d'El-Rey Dom Affonso foy levantado por Rey Dom Joaõ seu filho herdeyro destes Reynos, segundo deste nome, decimo terceyro de Portugal, sendo de idade de vinte & seis annos. Este desejoso de acrecentar, & ennobrecer o seu Reyno, proseguio o descobrimento da Conquista de Guiné, que seus antecessores tinhaõ começado, parecendolhe que por esta via descobriria as terras do Preste Joaõ, de que tinha fama, & que tanto desejava conhecer, para ver se por este meyo podia entrar na India, cujo descobrimento pretendia, como aqui diz o Poeta.

Os terminos da roxa aurora. Os terminos do Oriente, como muytas vezes temos declarado.

Que eu vou buscando agora. Isto diz o Poeta, porque o alvo a que elle neste livro tira he trattar das cousas da India.

61

Anda seis companheyros, que passarão
Espanha, França, Italia celebrada,
E lá no illustre porto se embarcárão,
Onde já foy Partenope enterrada:
Napoles, onde os fados se mostrárão,
Fazendo a varia gente sobjugada,

Para a illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclytos Hispanos.

Manda seus mensageyros, que passàraõ. Este descubrimento de que atràs fallámos, continuou por mandado d'El-Rey Dom Joaõ hum Bertholameu Dias, que fora Almoxarife dos Almazens de Lisboa, o qual descubrio aquelle grande, & espantoso cabo dos Antigos não conhecido, a que agora chamamos de boa Esperança, & passou avante cento & quarenta leguas, até o rio do Infante, aonde sem outra nova, nem conhecimento se tornou para Portugal. Depois de ter El-Rey mandado este Bertholameu Dias por mar, mandou por terra hum Religioso por nome Frey Antonio de Lisboa, com hum leygo em sua companhia, os quaes naõ passàraõ de Hierusalem. Depois destes mandou dous criados seus Affonso de Payva, & Pedro de Covilhã, com os quaes tinha cõfiança: o que entende nestas palavras: Manda seus mensageyros. Os quaes despachou em Santarem a sette de Mayo do anno de 1487. Estando presente El-Rey Dom Manoel, que naquelle tempo era Duque de Beja. Embarcaraõ-se dia de S. Joaõ Baptista do dito anno na Cidade de Napoles, chamada antiguamente Parthenope, como fica declarado no terceyro canto, oytava 19.

Fazendo a varias gentes sojugada. Isto diz, porque depois de Napoles conhecer muytos Senhores, & ser mandada de muytos, veyo no fim a ser de Hespanhoes, como trattàmos no lugar allegado.

62

PElo mar alto Siculo navegão,
Vãose às prayas de Rhodes arenosas,
E dalli às ribeyras altas chegão,
Que co a morte de Magno são famosas:
Vão a Memphis, & às terras, que se regão
Das enchentes Niloticas undosas,
Sobem a Ethiopia sobre Egypto,
Que de Christo lâ guarda o santo rito.

Pelo mar alto Siculo navegaõ. Mar Siculo, mar de Sicilia, chamado assim de Siculo Senhor della.

Vaõse às prayas de Rhodes arenosas. Rhodes he huma ilha do mar Carpathio, que terá cento & trinta milhas de circuito, como diz Plinio. Foy assento dos Cavalleyros de S. Joaõ. Hoje he possuhida dos Turcos, porque Solymão Graõ Turco a tomou no anno de mil quinhentos vinte & tres, no mez de Dezembro, havendo seis mezes que a tinha cercada. Pelo que o Collegio dos Cavalleyros de S. Joaõ reside hoje em Malta, que o Emperador Carlos quinto lhe deu.

E dalli às ribeyras altas chegaõ, que co' a morte de Magno saõ famosas. Estas saõ as Ribeyras de Alexandria, em cuja praya foy morto Pompeyo, como trattàmos no canto 3, oytava 71. pelo que diz se engrandecem com a morte de Pompeyo Magno.

Vão a Memphis. Memphis he hoje o Cayro. Alguns querem que Memphis estivesse da outra banda do rio defronte do lugar aonde agora he o Cayro, & que della não haja mais que o nome. O nosso Camões quer que seja Memphis o Cayro por ser opinião com muyto fundamento.

E às terras que se regaõ das enchentes Niloticas undosas. As terras de Egypto, que se regaõ com o crecimento do rio Nilo. Veja-se o q̃ escreveremos no canto decimo.

Sobem a Ethiopia sobre Egypto. Esta he a terra dos Abexins, sugeytos aõ Preste Joaõ, & Christãos, como aqui diz o Poeta.

63

PAssão tambem as ondas Erythrêas,
Que o povo de Israel sem nao passou,
Ficaõlhe atraz as serras Nabathêas,
Que o filho de Ismael com o nome ornou:
As costas odoriferas Sabêas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercaõ com toda Arabia descuberta
Feliz, deyxando a Petrea, & a Deserta.

Passão tambem as Ondas Erythreas. Ondas Erythreas saõ as aguas do mar roxo, o qual se chama Erythreo do nome de hum Rey, que governou aquellas partes. Da cor deste mar, & a razaõ porque as aguas parecem vermelhas, trattey no canto segundo, oytava 49. Por este mar roxo passou o povo de Israel a pè enxuto fugindo de Pharaó; o qual com toda sua gente se afogou, como se conta no Exodo. Sobre esta passagem dos filhos de Israel se veja a nossa annotaçaõ no canto decimo.

Odoriferas. Cheyrosas. O que o Poeta quer mostrar he, que estes dous Portuguezes chegàraõ a hum lugar chamado Toro, que està perto do monte Synai, no qual està sepultado o Corpo da Bemaventurada Santa Catherina, & que lhe ficava atrás a costa de Arabia Petrea: a que elle chama serras Nabatheas, como dissemos no primeyro canto oytava 84.

Que a mãy do bello Adonis tanto honrou. A mãy do bello Adonis foy Myrrha, a qual como conta Ovidio nas Metamorphoses foy convertida em arvore do seu nome, & por aqui haver muyta, & muyto encenso, chama a esta terra odorifera.

64

ENtaõ no Estreyto Persico onde dura,
Da confusa Babel, inda a memoria:
Alli co Tigre o Eufartes se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dalli vão em demanda da agoa pura,
Que causa ainda serà de larga historia,

Do Indo, pelas ondas do Occeano,
Onde naõ se atreveo passar Trajano.

Entrão no estreyto Persico onde dura da confusa Babel inda a memoria. Os Geographos chamaõ estreyto da Persia, ao que Plutarcho na vida de Licurgo chama mar de Babylonia, que he a razaõ porque o Poeta diz que dura ainda a memoria, da confusa Babel: porque se chama mar de Babylonia. He huma enseada entre Persia, & Arabia. Chamaõlhe os Latinos *Sinus Persicus fretum Persicum*, enseada da Persia, estreyto Persico: por ser aquella terra, que cae da banda de Arabia. Pelas taboas vemos que se chama hoje Eliatiph, & Meledim. Os nossos lhe chamaõ estreyto de Baçorâ.

Alli co Tygre o Eufrates se mistura, que as fontes onde nacem tem por gloria. Estes dous rios Tygris, & Eufrates saem do Parayso Terreal, como consta do Genesis, & o Poeta mostra, dizendo: que a fonte donde nacem tem por gloria, que se jactaõ, & presaõ do lugar donde procedem, que he o Parayso terreal: os quaes andando por differentes partes se vem ajuntar neste estreyto de Boçara, como diz aqui o Poeta.

D'alli vaõ em demanda da agua pura, que causa ainda será de larga historia. Deste estreyto diz o Poeta, que foraõ buscar a agua pura do rio Indo, que atravessa a India, o qual diz será causa da larga Historia, pelo descubrimento, & conquista dos Portuguezes naquellas partes. A verdade he, que estes dous homens foraõ ao Cayro, & dahi a Toro em companhia de Mouros de Tremessem, & Fez, que passáraõ a Adem, & daqui por ser tempo de navegaçaõ se apartáraõ. Affonso de Payva seguio a via de Ethiopia, & Pedro de Covilhã da India, dos quaes nenhum tornou a esta terra: porque Affonso de Payva morreo no Cayro, & Pedro de Covilhã na Corte do Preste.

Onde se não atreveo passar Trajano. Este Emperador sugeytou todas as Cidades que estaõ a quem, & álem dos rios Tygris, & Eufrates, & daqui navegando pelo mar Persico sahio ao Oceano conquistando atè a India, mas não entrou nella, como escrevemos no canto 1. oytava 3.

65

VIraõ gentes incognitas, & estranhas,
Da India, de Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada Regiaõ produz, & cria:
Mas de vias taõ asperas, tamanhas,
Tornarse facilmente naõ podia,
Lâ morrérão em fim, & lâ ficàraõ
Que â desejada patria naõ tornârão.

Viraõ gentes incognitas. Conta aqui o Poeta, como estes dous Portuguezes mandados por El-Rey Dom Joaõ buscar as terras do Preste, & da India, depois que viraõ muytas terras, & nellas grandes variedades, & differenças de gentes, & costumes, acabàraõ seus dias sem tornar a Portugal.

Da India, de Carmania, & Gedrosia. Por India entendem os Geographos propriamente a terra que jaz entre os dous illustres, & celebrados rios Indo, & Ganges. Ha nesta regiaõ muytas variedades de gentes, repartidas em differentes Reynos, & Estados, os quaes ainda que sejaõ todos, ou Idolatras Gentios, ou Mouros da seyta de Mafamede, tem entre si tanta variedade de ritos, & costumes, que seria largo contalos. Carmania, & Gedrosia saõ partes da India, hoje se chamão Narsinga, & Cambaya.

66

PArece, que guardava o claro Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua, que o moveo,
A subidos, & illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No Reyno, & nos altivos pensamentos:
Logo como tomou do Reyno o cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

Parece que guardava o claro Ceo. Fallecido El-Rey Dom Joaõ sem herdeyro, succedeo no Reyno Dom Manoel Duque de Beja seu primo com irmaõ, ao qual por direyto pertencia, & assim o deyxava declarado em seu testamento. Foy levantado por Rey em Alcacere do sal, a vinte & sete de Outubro do anno de 1495. sendo de vinte & seis annos, quatro mezes, & seis dias. E porque com estes Reynos herdava tambem o proseguimento de tão alta empresa, como seus antecessores tinhaõ começado, que era o descubrimento, & Conquista da India, que El-Rey Dom Joaõ em seu tempo tanto desejou, nunca cuydava, nem praticava em outra cousa, como o Poeta diz na oytava seguinte, consultando muytas vezes com os Principes de seu Reyno, dos quaes muytos eraõ de contrario parecer. Mas como elle o desejava muyto, & entendia ser obrigação sua, determinou pola em execuçaõ. Para o qual mandou Vasco da Gama por Capitão mór de huma armada de quatro velas, o qual partio de Lisboa hum Sabbado oyto de Julho do anno de mil quatrocentos noventa & sete.

67

O Qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficàra
De seus antepassados, cujo intento
Foy sempre acrescentar a terra cara,
Não deyxasse de ser hum só momento
Conquistado, no tempo, que â luz clara

Foge

Foge, & as estrellas nitidas, que saem,
A repouso convidão, quando caem.

No tempo que a luz clara foge. Finge o Poeta que estando El-Rey Dom Manoel em sua cama dormindo, lhe apparecêraõ entre sonhos aquelles dous taõ celebres, & nomeados rios Ganges, & Indo, avisandolhe mandasse logo pór em ordem o descubrimento da India, da qual sem falta seria Senhor, ainda que sua Conquista custaria muyto.

E as Estrellas nitidas que saem a repouso convidaõ, quando caem. Por estas palavras dá a entender, q̃ era alta noyte a imitação de Virgilio na Eneida liv. 11.

Et jam nox humida Cælo
Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos.

Quando Eneas, por dar gosto a Raynha Dido, ainda que contra o seu, determinou contarlhe, já alta noyte, a destruhição de Troya, & já a humida noyte, diz Eneas, cae do Ceo, & as Estrellas que caem obrigaõ a dormir, & ha se de entender, que era contra a madrugada, porque então o ar he mais humido, & as Estrellas parecem que se poem, não se pondo, nem caindo, mas chegando mais com seu curso para a parte do Poente. Mas o mais certo he, ser isto no principio da noyte: como o Poeta o diz claramente.

68

E Stando já deytado no aureo leyto,
Onde imiginações mais certas saõ,
Revolvendo contino no conceyto,
De seu officio, & sangue a obrigação:
Os olhos lhe occupou o sono aceyto,
Sem lhe desocupar o coração,
Porque tanto que lasso se adormesse,
Morfeo em varias formas lhe apparece.

Morpheo em varias fórmas lhe aparece. Morpheo, dizem os Poetas que he filho do sono, chamado assim de morphi palavra Grega, que quer dizer figura, pelas muytas que faz aparecer aos que dormem, como diz Ovidio nas Metamorphoses liv. 11.

69

A Qui se lhe apresenta, que subia
Tão alto, que tocava a prima Esfera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muyta gente estranha & fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Depois que os olhos longos estendera,
Vio d'antigos, longinquos, & altos montes
Nascerem duas claras, & altas fontes.

Aqui se lhe apresenta que subia. Parecialhe que chegava à primeyra esphera, que he o primeyro Ceo, aonde está a lua, & que daqui descubria grandes mundos, & varias Nações de gentes, &: que notadas estas cousas vio nas partes do Oriente duas fontes muyto claras, em huns muyto grandes, & desviados montes, donde nasciáo dous rios muyto grandes, Indo, & Ganges: os quaes ainda que arrebentem sobre a terra apartado hum do outro nos montes, a que Ptolomeo chama Imao, & os Habitadores delles Dalanquer, & Nangracot, saõ estes montes tão pegados hum com outro, que quasi querem esconder as fontes destes dous rios, & segundo dizem os Gentios comarcãos, parece que ambos nacem de hum mesmo lugar.

70

A Ves agrestes, feras alimarias,
Pelo monte selvatico habitavaõ
Mil arvores sylvestres, & hervas varias,
O passo, & o trato às gentes atalhavaõ:
Estas duras montanhas adversarias,
De mais conversaçaõ por si mostravaõ,
Que desque Adaõ peccou aos nossos annos,
Naõ as rompèraõ nunca pés humanos.

Aves agrestes. Descreve o sitio destes montes, & a gente de que saõ habitados, que saõ Aves Sylvestres, bestas feras, & grandes matos, que estorvaõ o tratto, & communicação dos homens nestas partes, os quaes estão de maneyra que desde que pecou Adam até nossos tempos não se enxerga haver entrado homem nelles.

71

D As agoas se lhe antolha, que sahiaõ,
Para elle os largos passos inclinando
Dous homens, que muy velhos pareciāo,
De aspeyto, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe cahiaõ
Gotas, que o corpo todo vaõ banhando,
A cor da pelle baça, & denegrida,
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Das aguas se lhe antolha que sayaõ. Prosegue o Poeta seu fingimento, dizendo, que se lhe antolha a El-Rey Dom Manoel, que daquellas duas fontes sayaõ dous homens velhos, & de aspecto venerando, ainda que pareciaõ homens de campo, que eraõ os dous rios Indo, & Ganges, os quaes pinta aqui o Poeta maravilhosamente.

Barba hirsuta. Barba crespa, intonsa, por tosquiar.

72

D E ambos de dous a fronte coroada,
Ramos não conhecidos, & hervas tinha,

Hum

Hum delles a presença traz cançada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua com impeto alterada,
Parecia, que de outra parte vinha,
Bem como Alfêo de Arcadia em Syracusa
Vay a buscar os abraços de Aretusa.

Hum delles a presença traz cansada, como quem de mais longe alli caminha. Dá por estas palavras a entender o Poeta que o verdadeyro nascimento do rio Ganges he no Parayso Terreal, como se diz no Genesis cap. 2.

Bem como Alpheo. Andando Arethusa companheyra de Diana pelos montes de Arcadia á caça cansada do trabalho, & apertada da calma chegou ao rio Alpheo da mesma Provincia, & lavando-se nelle assim se affeyçoou a ella, que não podendo Arethusa sofrer suas importunações, fugio para Sicilia, aonde foy convertida em fonte de seu nome. Mas nem isto lhe valeo, porque Alpheo se meteo por debayxo da terra, & foy arrebentar na Cidade de Syracusa de Cicilia, aonde está a fonte Arethusa, & assim ambos entrão no mar juntos. Com esta fabula de Alpheo compara o Poeta o nascimento do Ganges, dando a entender, que ainda que arrebenta sobre a terra naquella parte, seu nascimento, he em outro mais remoto, & secreto lugar.

73

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rey de longe brada:
O tu, a cujos Reynos, & Coroa,
Grande parte do mundo está guardada:
Nósoutros, cuja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunca foy domada,
Te avisamos, que he tempo, que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

74

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeyro,
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeyro:
Custarteemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeyro,
Com naõ vistas vittorias sem receyo,
A quantas gentes vès porás o freyo.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra celeste tenho o berço verdadeyro. Para mais affeyçoar a El-Rey, & o persuadir a tomar seu conselho lhe diz como seu primeyro nascimento he no Parayso Terreal, & que o Indo nacia naquelle monte, aonde se ambos lhe apresentáraõ.

Berço verdadeyro. Principio, & origem verdadeyra. Termo de fallar muyto usado entre os Latinos, os quaes ao principio chamão berço, como he notorio aos que tem qualquer conhecimento desta lingua, & fica dito no canto primeyro.

75

Naõ disse mais o rio illustre, & santo,
Mas ambos desparecem num momento,
Acorda Manoel co' hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Phebo o claro manto,
Pelo escuro Emisferio somnolento,
Veyo a manhã no Ceo pintando as cores
Da pudibunda rosa, & roxas flores.

Estendeo nisto Phebo o claro manto. Descrevenos aqui a manhã elegantissimamente. Phebo he o Sol, manto do Sol saõ os seus rayos, com que dá luz ás terras.

Escuro Hemispherio somnolento. He a noyte. Pelos quaes termos mostra que appareceo o Sol sobre o hemispherio, que pouco antes estivera occupado com a noyte mãy do somno.

Pudibunda rosa. Rosa vermelha. *E roxas flores.* Isto diz porque a manhã tem aquella cor rosada, & roxa, como cada dia vemos, antes de sahir o Sol na parte aonde elle começa a nascer.

76

Chama o Rey os senhores a conselho
E propoemlhe as figuras da visão
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente, que mandar, cortando os mares,
A buscar novos climas, novos ares.

Determinão o nautico aparelho. Aparelho nautico, saõ as cousas necessarias para aparelhar as naos.

A buscar novos climas novos ares. Veja-se a nossa annotação no canto primeyro, oytava 29.

77

Eu que bem mal cuydava, que em effeyto
Se puzesse, o que o peyto me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geyto,
Presago o coração me prometia:
Naõ sey porque razaõ, porque respeyto,
Ou porque bom sinal, que em mi se via,
Me poem o inclito Rey nas mãos a chave,
Deste cometimento grande, & grave.

Eu que bem mal cuydava. Saõ palavras de Vasco da

da Gama, o qual tratta como El-Rey o chamou para este descobrimento do Oriente, & o fez Capitão mór desta empresa.

Presago coração, que nunca mente. Coração presago, quer dizer, coraçaõ sabio, que adevinha. Veja-se a nossa annotação no canto primeyro, oytava 83.

78

E Com rogo, & palavras amorosas,
Que he hũ mando nos Reys q̃ mais obriga,
Me disse As cousas arduas, & lustrosas,
Se alcanção com trabalho, & com fadiga:
Faz as pessoas altas, & famosas
A vida, que se perde, & que periga,
Que quando ao medo infame naõ se rende
Entaõ, se menos dura, mais se estende.

Elegantissimos versos. Donde disse o Juris consulto *Preces Regum leges sunt.*

79

E U vos tenho entre todos escolhido
Para huma empresa, qual à vós se deve,
Trabalho illustre, duro, & esclarecido,
O que eu sey, que por mi vos será leve:
Naõ sofri mais, mas logo, ò Rey subido,
Aventurarme a ferro, a fogo, a neve,
He taõ pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

80

I Maginay tam grandes aventuras,
Quaes Euristeo a Alcides inventava,
O Leaõ Cleoneo, Harpias duras,
O porco de Erimantho, a Ydra brava
Decer em fim as sombras vans, & escuras,
Onde os campos de Dyte a Estige lava,
Porque a mayor perigo, a mór afronta,
Por vós ó Rey, o espríto, & carne he pronta.

Quaes Euristheo a Alcides inventava. Foy Euristheo hum tyranno de Mycenas, o qual por ordem de Juno perseguia a Hercules, & lhe inventava empresas arriscadas, para que desta maneyra acabasse mais depressa: por entender ser esta a võtade de Juno. O Poeta conta aqui algumas: o Liaõ Cleoneo, as Harpias, o porco de Erymanto, a serpente Hydra, & a sua ida ao inferno. O Liaõ matou Hercules na defesa Nemea entre Argos, & Corintho, junto a huma aldea chamada Cleone, pelo que o Poeta lhe chama aqui Cleoneo. Harpias eraõ aves de rapina com rostos de molheres, das quaes Virgilio tratta na Eneida liv. 3. filhas de Neptuno, & da terra. Pelo que assim no mar, como na terra fazião grandes males. Erymantho he hum monte em Arcadia, aonde Hercules matou hum porco, que destruhia toda aquella terra, & o levou às costas a Euristheo. Hydra era huma serpente na lagoa Lernea de muytas cabeças, das quaes se lhe cortavão alguma, lhe nasciaõ dobradas. A ida de Hercules ao inferno foy por amor de Theseo seu amigo, que o tinha Plutao preso.

81

C Om merces sumptuosas me agradece,
E com razão me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive, & crece,
E o louvor a altos casos persuade:
A acompanharme logo se offerece,
Obrigado de amor, & de amizade,
Naõ menos cobiçoso de honra, & fama,
O caro meu irmão Paulo da Gama.

Que a virtude louvada vive, & crece. Nenhuma cousa faz mais crecer as boas artes que haver quem as favoreça, aonde disse Ovidio:

Excitat auditor studium, laudataque virtus
Crescit, & immensum gloria calcar habet.

Os ouvintes despertão os mestres, & a virtude louvada crece. E Juvenal.

Quis enim virtutem amplectitur ipsam
Præmia si tollas.

Naõ ha quem sigua a virtude se faltão premios.

82

M Ais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos muy grande sofredor,
Ambos saõ de valia, & de conselho,
De experiencia em armas, & furor:
Jà de manceba gente me aparelho,
Em quem crece o desejo de valor,
Todos de grande esforço, & assi parece,
Quem a tamanhas cousas se offerece.

83

F Orão de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados,
Para quantos trabalhos succedessem:
Assi forão os Mynias ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem
Na fatidica nao, que ousou primeyra
Tentar o mar Euxino aventureyra.

Assi

Assi foraõ os Myniar. Mynias povos de Thessalia, que forão a Colchos à conquista do vello de ouro. E porque forão em huma nao chamada Argos, a qual se diz que foy a primeyra, que no mundo houve: daqui se chamarão Argonautas marinheyros da nao Argos, & por esta nao ser feyta por industria, & ordem de Pallas, & a madeyra que se fez cortada na defesa Nodonea, aonde se davão os Oraculos, daqui se chamou a nao fatidica, que quer dizer dadora de Fados, & Oraculos. Aonde os Poetas acrecentaõ, que a mesma nao fallava: *ipsaque vocem perdidit Argo.* Diz Seneca, a mesma nao perdeo a falla. E Claudiano: *Tabulas animasse loquaces*, fallando no trabalho, & diligencia, que Pallas poz no feytio daquella nao, diz que as taboas fallavaõ.

Tentar o mar Euxino. Mar Euxino, he o que os Italianos hoje chamão, Mar magiore, aonde està a grande Cidade de Constantinopla, cabeça que foy antiguamente do Imperio Romano, & hoje de Turcos, pela qual razaõ este mar se chama mar de Constantinopla.

84

E Jà no porto da inclita Ulyssea,
Co' hum alvoroço nobre, & cum desejo
(Onde o licor mistura a branca area,
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão, & não recea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, & a de Marte
Estão para seguirme a toda parte.

No porto da inclyta Ulyssea. Ulyssea he Lisboa. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro oytava 57.

Co' o salgado Neptuno o doce Tejo. Isto diz, porque o rio Tejo passa por longo de Lisboa, & quatro leguas da Cidade em hum lugar chamado Cascais, entra no mar Oceano. *Gente maritima.* He gente do mar. *Gente de marte.* Saõ os soldados, porque a Marte faziaõ os Antigos Deos da guerra.

85

P Elas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados,
Para buscar do mundo novas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados,
Ondeão os aerios estendartes,
Ellas prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrellas, como a d' Argos.

Aereos estendartes. Epitheto excellente chamar aos estendartes aereos de *aer*, que he o ar: por estarem sempre em lugar alto, aonde o ar os mova.

De ser no Olympo estrellas como a de Argos. A nao Argos, de que atrás fallámos, em que os Argonautas foraõ àquella aventura tão nomeada do vello de ouro, foy posta no Céo coroada de estrellas: porque foy a primeyra do mundo, que fez aquella viagem tão celebrada. Diz aqui o Poeta que as nossas naos Portuguezas, vendo-se no mar, & não se tendo em menos reputação, que a nao Argos, estão dando a entender de si, que haõ de levar o mesmo premio, que Argos levou.

86

D Epois de aparelhados desta sorte,
De quanto tal viagem pede, & manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos Nautas ante os olhos anda:
Para o summo poder, que a Eterea corte,
Sustenta sò co a vista veneranda,
Imploramos favor, que nos guiasse,
E que a nossos começos aspirasse.

Que sempre aos nautas ante os olhos anda. Assim disse Virgilio liv. 1. em huma tormenta, que passou Eneas no mar: *Præsentemque viris intentant omnia mortem.* Todas as cousas fazem aos navegãtes prezẽte a morte. Nautas saõ marinheyros. *Corte etherea.* Corte Celestial, de ether, que he o Ceo.

87

P Artimonos assi do santo templo,
Que nas prayas do mar està sentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Onde Deos foy em carne ao mundo dado:
Certificote, ó Rey, que se contemplo,
Como fuy destas prayas apartado
Cheyo dentro de duvida, & receyo,
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

Que o nome tem da terra para exemplo, donde Deos foy em carne ao mundo dado. Mostra que sahiraõ de Belem Mosteyro do Bemaventurado S. Hieronymo, que està na praya donde as armadas partem para differentes partes. Chamou-se assim aquelle Templo à imitação daquella excellentissima Cidade de Belem, aonde Christo nosso Senhor nasceo para remedio do genero humano. Este Templo de Belem, que hoje he hum dos sumptuosos, & principaes do mundo, de Religiosos do Bemaventurado S. Hieronymo, & que os Reys de Portugal escolheraõ para suas sepulturas, foy antiguamente huma muy pequena Hermida, que o Infante Dom Henrique filho d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro mandou fazer no principio destes descobrimentos, & navegações, no qual estavão alguns freyres do Convento de Thomar para administrarem os Sacramentos aos mareantes.

88

A Gente da Cidade aquelle dia
(Huns por amigos,& outros por parētes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista,& descontentes:
E nós co a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

De mil Religiosos diligentes. Estes Religiosos eraõ Freyres da Ordem de Christo, que estavão naquella hermida, de que atrás fallámos. E dizer aqui mil não he porque fossem tantos, mas he hum encarecimento de que os Poetas usaõ muytas vezes, pondo as cousas certas pelas incertas, & pelo contrario: ou da parte pelo todo, ou do todo pela parte.

89

EM tão longo caminho,& duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavão,
As mulheres com choro piedoso,
Os homens com suspiros, que arrancavão:
Mãys, esposas, irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavão
A desesperação,& frio medo
De jà nos não tornar a ver tão cedo.

Que o temeroso amor mais desconfia. Onde há amor alli reyna o medo, porque os que amaõ sempre andaõ temerosos, & sobresaltados sobre os que amaõ. Daqui disse Ovidio definindo o amor; *Res est solliciti plena timoris amor:* O amor he huma cousa cheya de temor sollicito. E por esta razaõ derivão alguns o amor de *amaror*, que he amargura, porque nunca falta aos que o seguem.

90

O Val vay dizendo: ó filho, a que eu tinha
Só para refrigerio,& doce amparo,
Desta cançada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso,& amaro:
Porque me deyxas misera,& mesquinha?
Porque de mim te vâs, ó filho caro
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peyxes mantimento?

A fazer o funereo enterramento. A morrer, de *funus*, que he a morte.

91

Q Ual em cabelo, ó doce,& amado esposo,
Sem quē naõ quiz amor, q viver possa,
Porque his aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha,& naõ he vossa?
Como por hum caminho duvidoso,
Vos esquece a affeyçaõ taõ doce nossa,
Nosso amor, nosso vaõ contentamento,
Quereis, que com as vellas, leve o vento?

Ao mar iroso. Assim lhe chamou Horacio: *Aut horret iratum mare.* Ou teme o mar iroso.

92

N Estas,& outras palavras, que diziaõ,
De amor,& de piedosa humanidade,
Os velhos,& os mininos os seguião,
Em quem menos esforço poem a idade
Os montes de mais perto respondião,
Quasi movidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhavão,
Que em multidaõ com ellas se igualavaõ.

Em quem menos esforço poem a idade. Allude o Poeta aqui em ajuntar os velhos com os mininos a hum proverbio assás sabido: *senex repuerascit.* O velho torna a ser moço, porque todos pela mayor parte no siso, condição forsas, & cuydados saõ meninos.

93

N O's outros sem a vista levantarmos,
Nem à mây, nem à esposa, neste estado,
Por nos naõ magoarmos, ou mudarmos,
Do proposito firme começado:
Determiney de asi nos embarcarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Que posto que he de amor usança boa. Bem póde ser costume bom, & não ser costume avisado. Como tambem he de homem de boa condição, & natureza fazer de tudo virtude, & he de homem avisado interpretar algumas cousas mal, & cuydar que o pódem ser. E assim o nosso Camões mostra aqui a obrigação, que temos os homens a ser homens de espiritu, & desapegados do parente, & amigo, & não estarmos tão grudados, & aferrados a elles que nos custe muyto caro deyxallos.

94

M As hum velho de aspeyto venerando,
Que ficava nas prayas, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente:
A voz pezada hum pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,

Co' hum

Co' hum saber só de experiencias feyto,
Taes palavras tirou do experto peyto.

95

O Gloria de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quẽ chamamos fama,
O fraudulento gosto, que se atiça
Co' huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, & que justiça
Fazes no peyto vão, que muyto te ama?
Que mortes? que perigos? que tormentas?
Que crueldades nelles experimentas?

O gloria de mandar. Finge aqui o Poeta como hum velho honrado, & de authoridade, vendo os nossos apostados a huma empresa de tanto perigo, & duvida, soltou algumas palavras, que o Poeta vay recontando. A verdade he, que a gente da armada, que seriaõ até cento & setenta pessoas sahiraõ da Hermida de Nossa Senhora de Belem, acompanhados dos Freyres, que alli estavão, & muyta gente da Cidade, aos quaes, como chegáraõ perto do mar, absolveo o Vigario, postos elles de joelhos, de todos os peccados por huma Bulla, que para este effeyto o Infante Dom Henrique houvera de Roma, para os que morressem neste descobrimento. Neste acto houve muytas lagrimas de huma, & de outra parte.

Gosto fraudulento. Gosto enganoso. *Aura popular.* Graça, & favor do povo.

96

Dura inquietação da alma, & da vida;
Fonte de desemparos, & adulterios;
Sagaz consumidora conhecida,
De fazendas, de Reynos, & de Imperios.
Chamãote illustre, chamãote subida,
Sendo digna de infames vituperios,
Chamãote fama, & gloria soberana;
Nomes com quem se o povo nescio engana.

97

A Que novos desastres determinas
De levar estes Reynos, & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debayxo de algum nome preeminente?
Que promessas de Reynos, & de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que Famas lhe prometes, que historias?
Que triunfos, que palmas, que vittorias?

98

Mas ó tu, geraçaõ daquelle insano,
Cujo peccado, & desobediencia,
Naõ sómente do Reyno soberano,
Te poz neste desterro, & triste ausencia:
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta, & da simples innocencia,
Idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro, & d'armas te deytou.

Mas, ó tu geração daquelle insano. Nesta oytava converte o velho sua pratica contra os homens, cujos apetites desenfreados saõ causa de tantos males, & trabalhos, quãtos ha na vida. E basta, como diz o Poeta, trazermos a origem daquelle desobediente Adam nosso primeyro pay, o qual sendo criado de Deos Nosso Senhor em tanto gosto, & posto por elle com tanto mimo, & regalo, em hum lugar chamado Parayso, por sua excellencia, por ser o mais fresco, & aprasivel lugar do mundo, foy taõ mal entendido, que desobedeceo a seu Criador, & Senhor, pelo que foy lançado do Parayso elle, & sua mulher, & ficou sujeyto a mil trabalhos, & enfadamento, como se póde ver no Genesis.

Idade d'ouro. Fazem os Poetas quatro idades, às quaes daõ differentes nomes, tomados dos metaes da terra, como ouro, prata, cobre, ferro. A idade de ouro attribuem todas as cousas de ouro, bondade na gente, fertilidade na terra, quietação, & paz no mundo, & hum veraõ perpetuo, & continuo, sem os homẽs saberem de outro tempo. Na de prata começáraõ os homens a ter frio, & calma, & a sentir outras cousas, que na idade de ouro não conheciaõ: porque já neste houve Veraõ, Inverno, Estio, & Outono. E para se defender da adversidade do tempo, começáraõ os homens a edificar casas, & fizeraõ outras cousas, que na idade de ouro se escusavaõ. Na terceyra, que foy de cobre, era a gente mais perversa que na de prata, mas não era de todo má. Na quarta, a que poem nome de ferro, entrou toda a maldade, & escoria do mundo, porque não houve vergonha, fé, nem verdade, mas tudo enganos, trayções, forças, & desejos de possuhir. Estas idades descreve Ovidio nas Metamorphoses liv. 1. O que o Poeta aqui diz, he que não sómente os homens pelo peccado do primeyro pay Adam foraõ privados de tanto bem quanto Deos lhe tinha aparelhado, se elle não peccára, mas que os privou da idade de ouro, na qual ainda havia algum bem, & os poz na de ferro aonde tudo saõ enganos, & malicias, que he esta em que agora estamos.

99

IA' que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantesia,

Jà que à bruta crueza, & feridade
Puseste nome, esforço, & valentia,
Jà que presas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que jà
Temeo tanto perdela, quem a dâ.

Gostosa vaidade. He a honra, & fama. Chamalhe gostosa vaidade, por ser cousa de que tão pouco proveyto vem a os homens, nem lhe serve de mais, que de os levar, & fazer commetter quaesquer cousas, por arduas, & difficultosas que sejaõ, com muyto gosto, & alegria.

Pois que jà temeo tanto perdela, quem a dâ. Isto diz, porque Christo Nosso Senhor estando na agonia da morte para nos mostrar como era verdadeyramente homem, & que o seu corpo era de carne, temeo a morte, como he natural a todo o homem temella. E assim disse naquella hora do seu transito, pedindo ao Padre Eterno que o livrasse daquelle trabalho: *Pater si possibile est transeat à me calix iste.* Padre meu se he possivel passe de mim este calix da morte.

100

Naõ tens junto contigo o Ismaelita,
Com quem sempre teràs guerras sobejas,
Naõ segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu pela de Christo sò pelejas?
Naõ tem Cidades mil, terra infinita,
Se terras, & riqueza mais desejas?
Naõ he elle por armas esforçado,
Se queres por vittorias ser louvado?

Naõ tens junto contigo o Esmaelita. Chama aos Mouros Ismaelitas, do nome de Ismael filho de Abram, & Agar, que foy rey naquellas partes, como fica dito no canto 1. oytava 8.

Naõ segue elle do Arabio a ley maldita. Esta do Arabio he a seyta maldita de Mafoma, o qual dizem os Escrittores, que foy filho de hum homem Arabio de naçaõ. Veja-se a nossa annotação no canto 1. oytava 8.

101

Deyxas criar âs portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tam longe,
Por quem se despovoe o Reyno antigo,
Se enfraqueça, & se vâ deytando a longe?
Buscas o incerto, & incognito perigo,
Porque a Fama te exalte, & te lisonge,
Chamandote senhor com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, & da Ethiopia?

102

O Maldito o primeyro, que no mundo,
Nas ondas vella poz em seco lenho,
Digno da eterna pena do profundo,
Se he justo à justa ley, que sigo, & tenho:
Nunca juizo algum alto, & profundo,
Nem cythara sonora, ou vivo engenho,
Te dè por isso Fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome, & gloria.

103

Trouxe o filho de Japeto do Ceo
O fogo, que ajuntou ao peyto humano,
Fogo, que o mundo em armas acendeo,
Em mortes, em deshonras, grande engano:
Quanto melhor nos fora, Prometeo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre naõ tivera
Fogo de altos desejos, que a movera?

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo. Filho de Japeto he Prometheo. Este contaõ os Poetas; que fazia homens de barro, com tanto engenho, que quem os via, os tinha por homens vivos. Entre outros que viraõ esta obra de Prometheo foy huma vez a caso Minerva, a qual maravilhada da obra, lhe deu ajuda para sobir ao Ceo, donde Prometheo trouxe fogo, que tirou dos carros do Sol, com o qual deu vida aos homens, que fazia de barro. Enojado Jupiter do atrevimento de Prometheo, o mandou amarrar no monte Caucaso com huma aguia junto com elle que lhe estivesse de contino comendo as entranhas. E para milhor castigar o atrevimento de Prometheo, fez que nas terras houvesse doenças, & trabalhos, que antes não havia. Esta fabula contaõ assim Ovidio, & outros muytos Poetas. Hesiodo na sua obra intitulada *Opera, & dies*, diz que Prometheo descobrio aos homens o uso do fogo, que Jupiter tinha escondido: pelo que Jupiter enojado fez que os homens dalli em diante vivessem com trabalhos, & aquelle modo de viver que tinhaõ facilmente, & quieto, se convertesse em inquietações, & enfadamentos. Outros contão de outra maneyra, mayormente os Gregos. A verdade do caso he que Prometheo foy hum homem muyto prudente, & dado ao estudo da Astrologia, & grande amigo de honra, & fama, ao que chama aqui o Poeta: fogo de altos desejos, que ensinava. A qual doutrina, diz o Poeta, fez mal aos homens, porque daqui lhe ficou a curiosidade, & cobiça de serem conhecidos, & honrados, que he a febre, que diz Horacio, que Jupiter mandou ao mundo, pela descortesia de Prometheo.

104

NAõ comettêra o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio,
O grande Architector co' o filho, dando
Hum nome ao mar, & outro fama ao rio:
Nenhum cometimento alto, & nefando,
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
Deyxa intentado a humana geração,
Misera sorte, estranha condição.

Não cometera. Mostra aqui o Poeta os trabalhos, & perigos a que se poem os homens por alcançar honra, & fama. E por exemplo trás Phaeton, Dedalo, & Icaro. De Phaeton se veja o canto primeyro, oytava 46.

O grande architector. Dedalo que foy hum dos mayores que houve no mundo: donde as obras de engenho de qualquer calidade que sejão chamaõ os Latinos, *Dædala opera*, obras de Dedalo, & assim os Gregos. Este foy Atheniense de nação, & por certo crime que cometeo foy degradado. Foy ter a creta, aonde foy preso por Minos Rey da terra, porque em sua ausencia deu ajuda a Pasiphe sua mulher, em huma cousa contra sua honra. Na cadea contão os Poetas que fez humas asas de cera com pennas, com que fugio elle, & hum seu filho por nome Icaro. Este como era moço quiz florear com as asas pelo ar, pelo que cahio no mar, aonde acabou, & o mar ficou com o seu nome. Dedalo foy dar a Sicilia, aonde morreo por ordem de Crocalo Rey da terra. Diz que hum deu nome ao mar, & outro fama ao rio; porque do nome de Icaro filho de Dedalo se chamou o mar Icaro, & com a queda de Phaeton que cahio no rio Eridano, que vulgarmente se chama o rio Pó, lhe ficou fama deste caso.

OS LUSIADAS DO GRANDE LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Relata o Gama illuſtre ao Rey potente
Sua viagem longa, & incerta via,
As eſtranhas nações de Africa ardente,
E de Fernaõ Velloſo a ouſadia:
Como Adamaſtor vio, gigante ingente,
Que hum dos filhos da Terra ſe dizia,
E as couſas, que paſſou atè ſeu porto,
Onde repouſo achou, & ſaõ conforto.

CANTO QUINTO.

Neſte Canto ſe poem o tempo em que os Portuguezes ſahiraõ do porto de Liſboa, & o que lhe aconteceo atè chegarem à India.

1

Estas ſentenças taes o velho honrado
Vociferando eſtava, quando abrimos
As azas ao ſereno, & ſoſſegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he jâ no mar coſtume uſado
A vella desfraldando o Ceo ferimos,
Dizendo, boa viagem, logo o vento,
Nos troncos fez o uſado movimento.

O velho honrado. De que ſe tratta no fim do canto quarto, que reprehendeo a navegação dos Portuguezes a taõ remotas partes.

Nos troncos fez o uſado movimento. Como tenho advertido muytas vezes coſtumão os Poetas pôr a materia de que ſe fazem as couſas pelas meſmas couſas, como aqui troncos pelas Naos, & em outra parte lhe chama lenhos, traves, & outros nomes deſta maneyra.

2

Entava neſte tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que co tempo ſe conſume,
Na ſexta idade andava enfermo, & lento:
Nella vê como tinha por coſtume
Curſos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa, & ſete, em que corria,
Quando no mar a armada ſe eſtendia.

Entrava neſte tempo o eterno lume. Neſta oytava tratta

tratta do tempo em que a armada partio do porto de Lisboa.

Eterno lume. He o Sol, chamalhe assim, porque he pay de todos os mais Planetas,& Estrellas,porque por todos reparte sua luz, & claridade como fica dito no canto segundo.

Animal Nemeo. He o Liaõ. Chama-se assim,porque o matou Hercules na desesa Nemea, como fica dito no canto quarto,oytava 1. E porque esta foy a primeyra cavallaria que Hercules fez, a Jupiter seu pay em memoria deste feyto poz o Leaõ no Ceo, & fez delle huma constellação muyto fermosa, à qual ficou seu antiguo nome de Leaõ, & segundo os Astronomos he o quinto Signo celeste em ordem natural. Tem a sua imagem vinte & sete estrellas, entra o Sol nelle em Julho, no qual mez sahiraõ os Portuguezes da barra de Belem no anno de 1497. Diz-se entrar o Sol em algum Signo quando està em igual proporção, porque o Sol caminha muyto desviado dos Signos. E para mayor declaração imaginay huma linha que saya do centro do mundo, & passe pelo centro do Sol, & chegue ao lugar aonde està o Signo. Quando o Sol concorre, & se encontra nesta proporçaõ com o Signo, se diz propriamente entrar nelle.

Na sexta idade andava enfermo,& lento. Como a vida do homem se divide em partes,que chamaõ idades, da mesma maneyra o curso do mundo. As idades do mundo saõ seis. A primeyra desde a criação do mundo atè o diluvio,a qual segundo a conta dos Hebreos, teve mil seiscentos cincoenta & seis annos, & segundo os setenta: dous mil duzentos & quarenta & dous. (A segunda desde o diluvio, atè o nacimento de Abraham, com duzentos & noventa & dous annos,conforme aos Hebreos, & novecentos & quarenta & dous annos, conforme aos Setenta. A terceyra atè o principio do Reyno de David, a qual teve segundo os Hebreos, novecentos quarenta & hum annos, & segundo os setenta, novecentos & quarenta. A quarta atè a destruhição de Hierusalem, & captiveyro dos filhos de Israel por Nabuchodonosor, esta teve conforme aos Hebreos, quatrocentos oytenta & quatro annos, & segundo os setenta, quatrocentos oytenta & cinco. A quinta atè o Nacimento felicissimo de Nosso Redemptor & Salvador Jesu Christo, & teve segundo a ordem que guardamos, quinhentos & noventa annos. A sexta começou do Nacimento de Christo Nosso Senhor, & acabarà quando elle for servido, cujo fim não sabe ninguem, & andar com altercações nesta materia he despropósito. Na conta destas idades ha grande variedade,o que aqui escrevi tenho por mais certo. Diz aqui o Poeta que o Capitão mór Vasco da Gama partio para a India na sexta idade, que he a em que agora estamos os que vivemos,que era no anno de mil quatrocentos noventa & sete, o qual se entende daquellas palavras: cursos do Sol quatorze vezes cento, que saõ mil & quatrocentos, com mais noventa & sete, que vem a ser os mil & quatrocentos noventa & sete que temos dito.

Andava enfermo, & lento. Diz isto, porque no mez de Julho, que he o tempo em que os nossos partiraõ, ha na terra sempre pela mayor parte grandes doenças,& desconcertos em todas as cousas, por ser o tempo seco, & destemperado, & contrario aos corpos humanos, o que causa a impressaõ que o Signo de Leaõ faz na terra,& os dias que chamamos Caniculares, que saõ neste mez. Ou quiz o Poeta por estas palavras chamar ao mundo velho, & por esta razaõ inutil, & cançado, o que a mim mais me contenta, porque neste nosso tempo assim no parecer dos homens, como no produzir da terra se mostra bem differente do que no lo pintaõ os Autores nas outras idades, & basta vivermos na de ferro, aonde o mundo està no estado que todos vemos.

3

JA' a vista pouco,& pouco se desterra
Daquelles patrios montes,que ficavaõ,
Ficava o caro Tejo,& a fresca serra
De Cintra,& nella os olhos se alongavaõ:
Ficavanos tambem na amada terra
O coraçaõ,que as magoas là deyxavaõ,
E jâ depois que toda se escondeo,
Naõ vimos mais em fim que Mar,& Ceo

A fresca serra de Cintra. Esta he a razaõ quanto a mim, porque a terra de Sintra se chama a terra da Lua, que he por ser terra muyto fresca, aonde há grandes orvalhadas, & rocios no meyo do Estio, estando no mesmo tempo lugares muyto perto della ardendo em fogo. Veja-se o que escrevemos atràs no canto terceyro, oytava 56.

4

ASsi fomos abrindo aquelles mares,
Que géraçaõ alguma naõ abrio
As novas Ilhas vendo,& os novos ares
Que o generoso Henrique descobrio:
De Mauritania os montes,& lugares,
Terra,que Antêo num tempo possuio
Deyxando à maõ esquerda,que â direyta,
Naõ ha certeza d'outra mas sospeyta.

Que o generoso Henrique descobrio. Este foy o Infante Dom Henrique, filho terceyro d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro da boa memoria. Foy este Infante Governador da Ordem da Cavallaria de Christo, que seu Avò El-Rey Dom Diniz sexto Rey de Portugal instituhio novamente, para a guerra que determinava fazer contra os Mouros, que tinhaõ occupado Hespanha, & quando seu

pay

pay tomou Ceuta se esforçou elle muyto mais para o proseguimento desta obrigação do sangue, & officio. E porque o negocio de Africa pertencia aos Reys de Portugal, quiz tomar empresa em que alcançasse gloria, & fama para si. Para o qual effeyto mudou a vontade, que tinha de conquistar, para parte mais remota, aonde os meritos de seus trabalhos ficassem postos na milicia de Christo, cujo Governador, & thesoureyro elle èra. E como andava com esta imaginação, todo seu cuydado era informarse de gente de differentes partes, & ler livros de Geographia, á qual era muyto dado para sahir com seu intento. E quando se ganhou Ceuta, fez grandes exames com os Mouros, informando-se dos moradores da terra a dentro: dos quaes, & de outros, com que outras vezes fallou soube muytas cousas, que ajudavão muyto sua pretenção. Com estas informações começou a por em execuçaõ seus desejos, & mandar gente a descobrir a costa, âlem do cabo de Nào, que era o termo da terra descuberta pelos Hespanhoes. Chamava-se este cabo de Não, porque os descobridores não se atreviaõ passar adiante.

Terra que Anteo num tempo possuhio. Anteo dizem os Poetas que foy hum Gigante, filho de Neptuno, & da terra, de quarenta covados de altura, & tão esforçado que não havia em seu tempo quem se atrevesse a vir cõ elle âs mãos; porque se acaso alguem o vencia por forças, & derribava em terra, com ajuda da mesma terra sua mây recebia novas forças, & se tornava a levantar, & desta maneyra era temido de todos. Hercules o venceo, porque sabendolhe esta manha o não deyxou chegar a terra, mas apertou-o comsigo de modo, que o matou entre as mãos, como dizem todos os Poetas. Diz o nosso Luis de Camões, que possuhio Anteo a Mauritania, que saõ os Reynos de Fez, & Marrocos, porque foy Rey desta parte, & elle fundou a Cidade de Tangere, & nella tinha seus paços, & principal habitação, como diz Solino no seu Polyhistorico. cap. 37. & Mela liv. 1. cap. 5.

Deyxando a maõ esquerda, que a direyta. Não ha certeza de outra mas suspeyta. Africa fica aos que navegaõ para a India à maõ esquerda, & na parte direyta ao tempo, que se descobrio a nossa India, naõ era cousa alguma descuberta, & neste sentido falla aqui o Poeta. Hoje temos a nova Hespanha florida, com todas as Ilhas adjacentes, que chamaõ Antilias, & toda a mais terra Occidental, qne se chama America, ou novo mundo.

5

Passamos a grande Ilha da Madeyra,
Que do muyto arvoredo assi se chama,
Das que nós poveamos a primeyra,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeyra
Se lhe avantajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecèra
De Cypro, Gnido, Pafos, & Cythéra.

Passàmos a grande Ilha da Madeyra. Esta Ilha foy descuberta por hum Joaõ Gonçalves, & Tristaõ Vaz, no anno de mil quatrocentos & vinte. Chamou-se Ilha da Madeyra, pelo muyto arvoredo, que tinha quando foy descuberta, que não podendo o dito Joaõ Gonçalvez, que era o Author do descubrimento, & a principal pessoa daquella viagem, darse a entender naquella terra, por estar toda cuberta com arvoredo, que se não via o chaõ, lhe mandou por o fogo, o qual assim tomou posse do mato, que dizem durou sete annos sem se apagar.

Das que nôs povoamos a primeyra. A Ilha da Madeyra foy a primeyra que os nossos Portuguezes povoàraõ, mas a segunda, que descubriraõ porque primeyro foy descuberta a Ilha do Porto Santo, a qual largáraõ os Portuguezes importunados da grande praga de Coelhos, que se criou de huma Coelha que alli levâraõ do Reyno, os quaes foraõ em tanta quantidade, que se não semeava, nem plantava cousa, que elles naõ destruissem. O mesmo que aconteceo aos Portuguezes com os coelhos na Ilha do Porto Santo, aconteceo aos que foraõ povoar a Ilha Carpatho, chamada hoje Scarpanso, como quer Sophiano, no mar de Rhodes, que levando lebres para criação, fizeraõ tal multiplicação, que largáraõ a Ilha, porque lhe destruhiaõ as lebres as fazendas. Aonde dizem os Latinos: *Carpathus odit leporem*, o morador da ilha Carpatho aborrece a lebre, o qual proverbio se accommoda a quem se arrepende de algum negocio que tem entre mãos.

Mais celebre por nome que por fama. Isto se ha de declarar desta maneyra: a Ilha da Madeyra he mais conhecida pelo nome que pela obra, porque sendo conhecida no mundo por este nome de Madeyra, huma das cousas de que tinha mayor falta ao tempo que o Poeta escreveo estes cantos, era a madeyra pelo fogo de que acima trattámos. Hoje sabemos por informação certa de pessoas da Ilha ter madeyra.

Mas nem por ser do mundo a derradeyra. Se lhe aventajão quantas Venus ama. Esta Ilha da Madeyra he assás conhecida pelo mundo por sua fertilidade, & abundancia, chama-a o Poeta aqui, do mundo a derradeyra, por ser a mais Occidental de todas, para mayor encarecimento de louvor a prefere a quantas Venus ama, das quaes poem aqui algumas.

De Cypro, Gnido, Paphos, & Cythera. Cypro he a Ilha Chipre no mar Mediterraneo, sugeyta hoje ao Graõ Turco, porque hum seu Capitaõ por nome Mustafá a tomou por força de armas, sendo dos Venezianos, o primeyro dia do mez de Agosto de 1571. com grande danno, & injuria da Christandade

cidade. Guido, ou Gnido que he huma maneyra, & outra se diz he Ilha do mar Capathio. Paphos he Cidade da mesma Ilha Chipre, de que fallámos acima. Cythera he Ilha no Peloponeso, chamada hoje Cetige.

6

Deyxamos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado as Azenegues pastam,
Gente, que as frescas agoas nunqua gosta,
Nem as ervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fruto em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Berberia de Ethiopia.

Deyxamos de Massilia a esteril costa. Massilia, como fica dito canto 4. oytava 36. he a Provincia de Africa, que por outro nome chamamos Mauritania. Pela esteril costa de Massilia, entende a triste, & esteril costa de Africa, aonde vivem os povos Azenegues, dos quaes se começa a terra de Guiné. He esta terra muyto falta de aguas, & mantimentos, porque tudo saõ desertos. E he tanta a pobreza, & miseria desta gente, que nem de hervas do campo se fartão. Vivem sempre nos campos fazendo vida agreste, & bruta. Hà nesta terra grandes animaes feros, & grandes Hemas, que digerem o ferro, saõ as Hemas animaes que tem azas como aves, mas não voaõ com ellas, sómente lhe servem de ajuda para correrem com mayor ligeyreza. Saõ do tamanho de hum cavallo, & mayores, tem o pescoço longo de sete palmos, & a cabeça como huma cidra meã com bico agudo. Poem ovos grandes, cujas cascas grandes vemos por em as alampadas furadas, não se lançaõ sobre elles, alguns dizem, que o goraõ com os olhos, outros com o bafo, & isto se tem por mais certo, dirigem ferro, o que lhe procede de quentura grande do estomago. Os machos saõ negros, & as femeas pardas, & brancas. Das pennas se fazem os penachos. Das negras ficaõ negros, & das outras cores se tingem, & fazem da maneyra que os cá vemos. Caçaõ-se estas aves a corço, a cavallo com lanças, ou armandolhe pelo caminho humas cordas com humas navalhas, com as quaes se cortaõ, & assim se tomaõ, porque em vendo sangue esmorecem, & demayaõ de modo, que não pódem dar mais passo. Estas cousas soube de quem as vio, & caçou por muytas vezes. Os Autores que dellas escreveraõ póde ser que nem as viraõ, nem tiveraõ tão certa relação. O natural destas Hemas he criarse em grandes desertos, quaes saõ estes dos Azenegues, pelo que naquellas partes ha muytas, que he nos confins de Berberia, & Ethiopia, como aqui diz o Poeta.

7

Passamos o limite, aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava, & rega
Do negro Sonagâ a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde,
Chamandosse dos nossos cabo Verde.

Passâmos o limite aonde chega, o Sol que para o Norte os carros guia. Os Poetas attribuem ao Sol carro com cavallos, em que dá luz ao mundo como diz Ovidio nas Metamorphoses aonde poem os nomes dos cavallos.

O filho de Climene a cor do dia. O filho de Climene he Phaeton o qual como fingem os Poetas, foy causa de os negros terem a cor que tem: sobre esta materia veja-se o que fica escrito atrás no primeyro canto oytava 46. & a razaõ porque os negros tenhaõ a cor negra fica tambem trattado em outro lugar no canto 2. oytava 105.

Do Negro Sanagâ a corrente fria. O rio Sanagâ divide a terra dos Mouros Azenegues, dos primeyros negros de Guinè, chamados Gelofos. Hieronymo Gyrava lhe chama Sonagà na sua Cosmographia, & Olinario sobre Pomponio Mella, Asnege, deste particular trattamos ao diante neste mesmo canto.

Onde o Cabo Arsinario o nome perde. Entre dous rios, Sanagá, de que atrás fizemos mençaõ, & Gambea, de que trattamos adiante, està hum pedaço de terra a que os Portuguezes chamaõ Cabo verde, & Ptholomeo, & outros Cosmographos, Cabo Arsinario. Deste Cabo, & dos rios que o cercaõ trattámos adiante. O que o Poeta diz nesta oytava, he que tinha a nossa armada passado o Tropico de Cancro, que he o limite, & baliza, que tem o Sol da banda do Norte: na qual paragem estão os povos Azenegues, & Gelofos. Veja-se o que escrevemos no canto 8.

8

Passadas tendo jâ as Canareas Ilhas,
Que tiveraõ por nome Fortunadas,
Entramos navegando pellas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras por onde novas maravilhas
Andàraõ vendo jâ nossas armadas,
Alli tomamos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

Passados tendo jâ as Canareas Ilhas. Estas Ilhas, que em nosso tempo se chamão Canareas, saõ chamadas por todos os Autores antiguos Fortunadas, que quer dizer bemaventuradas, por serem pela

mayor parte abundantes, & fertis,ainda que as esteriles o saõ demasiadamente: & saõ doze, a Graõ Canarea, Palma, Graciosa, Interno, Alegrança, Santa Clara, Roque. A dos Lobos, Lançarote, Forte ventura, Ferro, & Gomera. Das quaes Lançarote, Forte ventura, & Ferro descobrio hum Cavalleyro Francez, por nome Joaõ de Betancor, & a Gomera hum seu sobrinho chamado Maciot Betancor no tempo d'El-Rey Dom Henrique o terceyro de Castella. As outras foraõ descubertas por mandado do Infante Dom Henrique, filho d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Portugal. Depois que Maciot Betancor por concerto, que fez com o Infante, lhe largou o direyto que tinha nas quatro Ilhas descubertas, a troco de outras cousas, que lhe deu, com que viveo muyto honradamente. Estas Ilhas se chamaõ hoje todas geralmente as Canareas, pelos muytos cães que nellas se criaõ, principalmente na Graõ Canarea. A razaõ porque estas Ilhas saõ hoje da Coroa de Castella, se póde ver em Joaõ de Barros Decada 1.c. 12.

Entramos navegando pelas filhas, do velho Hesperio, Hesperidas chamadas. As Ilhas Hesperidas, chamadas assim de Hespero seu Rey, saõ as que chamamos do Cabo verde, sujeytas aos Reys de Portugal, segundo a melhor, & mais provavel opiniaõ dos que bem sentem. O que se collige de Ptholomeo, o qual descrevendo as Ilhas Gorgadas, a que outros chamaõ Dorcadas, que segundo o mesmo Ptholomeo, & os verdadeyros Cosmographos saõ as Ilhas de S. Thomé, & Principe junto a Manicongo. Diz que ao Poente destas estaõ as Hesperidas, que conforme à navegação dos Antiguos estaraõ os quarenta dias de jornada que Seboso diz allegado por Solino, & Plinio. E os que dizem o contrario, he por não olharem bem os Autores allegados, & outros antiguos, que desta materia fallaraõ, que segue aqui o nosso Poeta, o qual em todas as sciencias teve grande engenho, como neste livro se mostra, & hum juyzo muyto claro para determinar o melhor, como fez neste particular, no qual ha tanta revolta, que huns não se determinão, outros fogem ao couto dos que não querem briga, dizendo que as Hesperidas foraõ, mas que hoje as naõ ha, que o mar as devia de allagar, como tem feyto em outras muytas partes. Bem vejo que Gonçalo Fernandes de Oviedo na sua Chronica das Antilias, quer que ellas sejaõ as Hesperidas, dando para isso muytas razões, Affonso de Santa Cruz, que sejão as dos Açores: Antonio Galvão Portuguez, as Ilhas de S. Thomé, & Principe. E assim vejo como no Mappa mundi se poem as Dorcadas a balravento das Ilhas do Cabo verde, cousa de trinta legoas de distancia, que saõ humas Ilhas, aonde não há se não gado, & alguma pouca gente, que por parte de El-Rey se feytoriza: todas estas cousas, & outras muytas tenho notado, & considerado: o que tenho dito me parece conformar com os Antiguos, & com os que melhor sentem nesta materia, cada hum siga o que lhe parecer, que isto não he de fé: & temeridade seria affirmar por certo huma cousa em que há tanta incerteza: no canto segundo chama Luis de Camões a Mauritania Reyno, aonde viveraõ as Hesperidas, porque seria seu pay Hespero Senhor tambem daquella Região, que não he inconveniente, & teriaõ alli as hortas com fruyto de ouro, de que os Poetas fazem tanto alardo, pelo que naõ he isto encontrarse o Poeta, & quando se encontrar não he descredito, pois Platão tem por acertado nos Poetas desacertarem algumas vezes, & assim querem muytos que fizesse Virgilio Eglog. 6. Onde Virgilio poem Scylla filha de Nyso Rey dos Megarenses, que foy convertida em cotuvia, por Scylla filha de Forco, que foy convertida em pedra, que hoje he cachopo no estreyto de Messina, por nome Scyllo, como diz Fazello.

Terras por onde novas maravilhas, andáraõ vendo já nossas armadas. Isto diz o Poeta, porque estas partes de que himos trattando, foraõ as primeyras que os Portuguezes descubriraõ, como refere Joaõ de Barros.

Novas maravilhas. Quer dizer, grandes maravilhas, á imitação dos Latinos, os quaes a huma cousa grande, & espantosa chamaõ, nova, como he notorio aos que sabem algum Latim.

9

Aquella Ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreyro San-Tiago,
Santo, que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou,
Tornamos a cortar o immenso lago
Do salgado Occeano, & assi dyxamos
A terra, aonde o refresco doce achamos.

Aquella Ilha portámos, que tomou. O nome do guerreyro Santiago. Esta Ilha de Santiago, que o Poeta aqui nomea, he huma das do Cabo verde, a qual descobrio hum Fidalgo Genovez por nome Antonio de Nolle, no anno de mil quatrocentos & sessenta & hum, o qual veyo a estes Reynos por certos desgostos, que na patria teve, com duas naos, & hum barinel, trazendo em sua companhia Bartholameu de Nolle seu irmaõ, & Raphael de Nolle seu sobrinho, & porque o Infante Dom Henrique entendeo delles, serem pessoas de confiança lhe deu licença para poderem descobrir. Estes descobriraõ a Ilha de Mayo, & as Ilhas S. Philippe, & Santiago: de que aqui fallámos, às quaes puseraõ estes nomes, por respeyto do dia em que foraõ descubertas. Neste mesmo tempo eraõ ao mesmo descubrimento huns criados do Infante Dom Fernando, os quaes descubriraõ as outras, que por todas saõ dez, chamadas todas vulgarmente, do Cabo verde, por estarem ao Poente delle, por distancia de cem leguas.

Santo

Santo que os Hespanhoes tanto ajudou. Sabida cousa he ser o Bemaventurado Santiago Padroeyro dos Hespanhoes, & pelas Chronicas he assâs manifesto o grande favor, & ajuda que sempre deu a esta naçaõ, contra os Mouros inimigos da nossa santa Fé Catholica, por haver prégado nella a Fè de Christo Senhor nosso, o que he certissimo, como com muytas razóes o prova o Illustrissimo Condestavel.

D'aqui tanto que Boreas nos ventou. Boreas he o Norte, como atrás fica dito.

A terra onde o refresco doce achamos. Esta he a Ilha de Santiago, aonde estiveraõ alguns dias esperando por tempo.

10

POr aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jelofo, que reparte
Por diversas naçoens a negra gente:
A muy grande Mandinga por cuja arte
Logramos o metal rico, & luzente,
Que do Curvo Gambea as agoas bebe,
As quaes o largo Athlantico recebe.

Por aqui rodeando a mayor parte. De Africa que ficava ao Oriente. Nesta oytava tratta o Poeta como costeando os Portuguezes pela terra de Africa, passàraõ pela Provincia dos Gelofos, que saõ os primeyros negros de Guiné, a qual he muyto grande, & se estende por aquella costa de Guinè sobre o mar Oceano Occidental: jaz esta terra dos negros Gelofos entre dous grandes rios, & Sanagá, & Gambea, os quaes tem differentes nomes entre aquella gente, conforme aos lugares por onde passaõ. O Sanagá divide os Mouros Azenegues dos negros Gelofos: corre por muyta distancia de terras, até entrar no mar Oceano em altura de quinze graos, & meyo, vindo das fontes dos lagos, a que Ptolomeo chama Chelonides, Nuba, & Niger. Os Portuguezes lhe não sabem outros nomes, se não Sanagá, do nome de hum Senhor da terra, com que tiveraõ paz, & comercio no principio deste descobrimento, posto que o verdadeyro nome do rio he logo alli na entrada, Quedech, segundo a lingua dos Mouros, que alli moraõ. O Gambea he por onde os nossos vão ao resgate de Cantor, não tem tanta variação em nome, porque todo elle tem o resgate do ouro, aonde os nossos vão. Terá por linha direyta oytenta leguas, & caminhando por elle cento & oytenta, por razaõ das muytas voltas que faz: & em todo este espaço os negros da terra lhe chamaõ Gambú, & nós Gambéa. He rio mais caudal, & mais alto que o Sanagá, porque se metem nelle muytos rios, que nascem no sertaõ da terra chamada Mandinga, assàs nomeada, & conhecida dos nossos, de que o Poeta aqui falla. As principaes fontes deste rio saõ as do rio a que Ptolomeo chama Niger, & a lagoa Lybia, Pelo que dizem alguns que o Gambea, & Niger saõ o mesmo rio, & que assim o affirmaõ os naturaes da terra, como refere Luis del Marmol, na Descripção de Africa. A terra que jaz entre estes dous rios faz hum Cabo, que Ptolomeo chama promontorio Arssinario, & os Portuguezes Cabo verde, ao qual poz este nome hum Diniz Fernandes, criado d'El-Rey Dom Joaõ, & morador em Lisboa, que o descobrio. Chama o Poeta ao rio Gambéa Curvo, por ser seu curso em muytas voltas, principalmente do resgate atè entrar no mar em altura de treze graos & meyo ao Sueste do Cabo que chamamos Verde. Estas voltas, que faz, saõ causa de navegarem os nossos navios melhor por elle acima, por virem as aguas com menos impeto do que viераõ se seu curso fora direyto. Mandinga, he Provincia grandissima de negros, donde vem o ouro à Cidade de Tungubutú, que està tres leguas do rio Sanagá, da banda do Norte: á qual Cidade por este respeyto concorrem muytos moradores do Cayro, Tunes, Oraõ, Tremessem, Fez, Marrocos, & outros Reynos, & Senhorios de Mouros, & he boa graça haver quem diga, & commente, que Mandinga he rio.

E logramos o metal rico, & luzente. Metal rico, & luzente he o ouro, o qual vem em grande abundancia da terra Mandinga, como fica dito. A terra que hoje chamamos Guinè, que he toda a Região do rio Sanagà tomou nome de huma Cidade, que està nas correntes deste rio chamada Gena, a qual foy antiguamente muy frequentada, por razão do ouro, antes que viesse à Cidade Tungubutu. Os moradores da terra chamão a esta regiaõ Gena, ou Genij, nós commummente Guiné.

11

AS Dorcadas passamos povoadas
Das irmãs, q outro tempo alli viviaõ,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres de hum sò olho se serviaõ:
Tu sò, tu cujas tranças encrespadas,
Neptuno, là nas agoas acendiaõ,
Tornada jà de todas a mais fea,
De viboras enchesle a ardente area.

As Dorcadas passamos povoadas. Das irmãs que outro tempo alli viviaõ. Phorco Rey das Ilhas Corsega, & Sardenha, teve tres filhas, Euriale, Estheno, & Medusa, estas dizem os Poetas, que não tinhaõ todas tres mais que hum só olho de que se serviaõ, & que se chamavaõ Gorgones, por respeyto das Ilhas Gorgadas, ou Dorcadas, aonde habitavaõ das quaes fica trattado atrás neste mesmo canto, oytáva 8. *Tu sò tu cujas tranças encrespadas.* Esta he Medusa. Veja-se o que escrevemos no canto 3. oytava 76. Quanto a este fingimento destas tres irmás, que tinhaõ hum sò olho porque se serviaõ, he porque todas eraõ muyto fermosas, & convertiaõ em pe-

dras todos os que as olhavaõ, porque com sua vista,faziaõ que os homens se lhe affeyçoassem muyto.

A ardente area. He a terra de Africa,a qual chama area ardente, por haver nella grandes areaes, & muyto infestados da grande quentura do Sol.

Iornada jà de todas a mais fea. Pelo que nella fez Pallas,que lhe converteo os cabellos em cobras, & aos olhos deu propriedade de converter em pedra tudo o que olhassem. *De viboras encheste a ardente area.* Veja se o que fica escrito de Medusa no canto 3.na Descripçaõ de Africa oytava 2.

12

Sempre em fim para o Austro a aguda proa
No grandissimo golfaõ nos metemos,
Deyxando a serra asperrima Lioa,
Co Cabo, a quem das palmas nome dèmos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que alli temos,
Ficou, co a Ilha illustre, que tomou
O nome de hum, que o lado a Deos tocou,

Sempre em fim para o Austro a aguda proa. Continua o Poeta a navegação dos Portuguezes para a India,os quaes costeando a terra de Africa levavaõ sa proas para o Sul,buscando o Cabo de boa Esperança. *O Sul.* Nomea por esta palavra, Austro, que he vento que sopra daquella parte, a que os Gregos chamaõ,Noto, & nós em vulgar, Sul,ou Vendaval.

Por *Golfaõ grandissimo.* Entende o mar,termo de fallar muyto usado entre os Poetas, os quaes chamão ao mar gurges,stagnum, & lacus,que saõ palavras de pouco tomo, & significação, porque gurges, he a parte profunda de qualquer rio, stagnum tanque, & lacus a lagoa,& em termo vulgar, golfaõ he nome que se não pòde accommodar senão ao mar, ao qual os Latinos chamão *sinus*, como grande golfaõ de Africa, da Persia, o Gangetico, Adriatico, o de Marcelha, & outros:& quando o vocadulo fora improprio com o epitheto de grandissimo, ficava concertado como Virgilio na Eneida. *Apparent rari nantes in gurgite vasto.* & em outra parte: *Per stagna immensa,lacusque,* pelos tanques, & lagos grandes. Pus aqui isto,porque não falta quem reprehenda ao noso Camões, usar de golfaõ grandissimo pelo mar,sendo vocabulo,que a nenhuma outra cousa se pòde accõmodar. Diz logo o Poeta nesta oytava que hindo os Portuguezes ao longo da costa de Africa,se fizeraõ na volta do Sul, na qual viagem passáraõ a serra Lioa: o Cabo das Palmas, & o grande rio Zayre,que passa pelo Reyno de Congo,do qual trattaremos na oytava seguinte.

C'o a illustre Ilha que tomou, O nome de hum que o lado a Deos tocou. Esta Ilha he a de S.Thomé,a qual nomeya por estes rodeyos, porque como he assás sabido este Bemaventurado Santo, não se achando depois da Resurreyção de Christo Nosso Senhor com os mais irmãos,& companheyros,quando seu mestre lhe appareceo, dandolhe conta os outros Discipulos, como lhe apparecera seu Mestre, & o viraõ com as Chagas abertas, disse, que naõ havia de crer tal,se com seus proprios olhos o não visse, & com suas mãos lhe não palpasse as Chagas,o que Christo Nosso Redemptor fez com muyto gosto,chamandoo,& dandolhe licença que tocasse, & metesse a maõ no lado,& muyto de vagar se certificasse da verdade do caso,como se conta em o glorioso Apostolo, & Evangelista S. Joaõ para com a duvida deste Santo Apostolo ficar nossa Fé firme, & a esperança mais certa, com o exemplo da culpa do Discipulo, & da brandura,& misericordia tão usada do Mestre, & daqui diz o Bemaventurado S.Gregorio, que mais devemos à infidelidade, & duvida de S.Thomé, que a diligencia, & presteza com que os outros Discipulos creraõ. Quanto ao tempo em que esta Ilha se descobrisse,& quem fosse o Autor deste descobrimento não ha certeza, como tambem a não hà de outras muytas cousas que aconteceraõ no tempo d'El-Rey Dom Affonso o Quinto, ou por falta, & negligencia dos Chronistas daquelle tempo, ou por se perderem, & consumirem os papeis, & memorias daquella idade, fazendo o tempo nella seu officio, como em outras costuma.

13

Alli o muy grande Reyno està de Congo,
Por nòs jà convertido à Fè de Christo,
Por onde o Zayre passa claro, & longo,
Rio pelos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo,
Do conhecido Polo de Calisto,
Tendo o termino ardente jà passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

Alli o muy grande Reyno està de Congo. O Reyno de Congo foy descuberto por hum Diogo Cam Cavalleyro da Casa d'El-Rey no anno de quatrocentos oytenta, & quatro, o qual por ordem deste mesmo descubridor se começou a converter á Fé de Christo, como diz Joaõ de Barros na primeyra Decada liv.3.c.3.

Por onde o Zayre passa claro, & longo. Este rio descobrio o mesmo Diogo Cam que atrás nomeamos nesta sua viagem, em que descobrio o Reyno de Congo, o qual por muyto tempo foy chamado rio do Padraõ, por causa de hum que o seu descubridor ao longo delle poz, & como quem tomava posse por parte d'El-Rey,da Costa que atrás deyxava descuberta. Hoje se chama rio de Congo, por atravessar hum Reyno do mesmo nome, ainda que o seu nome entre os naturaes seja Zayre, mais notavel, & illustre por aguas, que por nome, por-

que

que no tempo em que naquellas partes he Inverno, entra tão furioso, & soberbo pelo mar, que a vinte leguas da Costa se achaõ as aguas doces. He rio muyto grande, tem suas fontes no sertão dentro no Reyno de Congo, em huma lagoa que tem certas ilhetas feytas della mesma, donde o Zayre começa, nas quaes vivem huns negros chamados Mudequetes, sujeytos ao Rey de Congo, ao qual os naturaes chamaõ Manicongo, porque Mani entre elles quer dizer senhor, & daqui Manicongo soa tanto como senhor de Congo. Diz o Poeta que este rio não foy conhecido dos Antigos, porque não tiveraõ noticia, nem conhecimento delle.

Do conhecido polo de Calysto. Polo de Calysto como fica dito he o Norte. *Tendo o termino ardente já passado.* Passada já a linha a que chamamos termino ardente, por onde o Sol faz seu curso commummente. Chamamos a esta linha Eclyptica, porque como he o caminho do Sol: os ecclypses do Sol, & Lua, as conjunções, opposições, & aspectos dos Planetas não se pódem fazer em outra parte do Zodiaco se não nesta.

Onde o meyo do mundo he limitado. Assim como a eclyptica parte pelo meyo o Ceo, assim outra linha que lhe corresponde a ella na terra, a parte, pelo que diz aqui o Poeta, que naquella paragem he o meyo do mundo. Destas linhas, ou zonas imaginadas no Ceo, se veja a nossa annotaçaõ no terceyro canto, oytava 6.

14

J A' descuberto tinhamos diante
Lâ no novo Emisferio nôva estrella,
Nam vista de outra gente, que ignorantes
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta de estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nam sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Lá no novo Hemispherio nova estrella. Como o mundo he redondo, daõlhe os Latinos, & Gregos nomes conforme a sua figura, porque os Latinos lhe chamão *Orbis*, que quer dizer redondez, & os Gregos Esphera, que significa o mesmo. Esta Esphera, ou mundo repartem em duas partes, que chamaõ Hemispherios, hum superior, & outro inferior. Hemispherio superior se chama a meya parte da redondez do mundo, como seria tudo aquillo, que estando nós em algum lugar chaõ, ou monte alto, vissemos ao derredor como mostra a figura A. Hemispherio inferior chamão áquella parte do mundo, que cae debayxo dos nossos pés, na qual moraõ os Antipodas, que saõ os que moraõ nas partes Austraes, como se vé na figura B. chama o Poeta aqui novo Hemispherio aquella parte, que cae além da linha, por ser aos que moramos na Europa, nova, & não vista. *Nova estrella.* Este Hemispherio da linha por diante, diz o Poeta, que foy alguns tempos incognito, & escondido aos moradores nestas partes da nossa Europa, o qual como sabemos por razão da Esphera, & pela experiencia não he parte tão acompanhada de Estrellas, nem tão clara, & resplandecente como o nosso Norte. Tem este Polo Antarctico, que he o Sul, de que himos fallando, quatro estrellas a modo de Cruz, em as quaes sempre anda huma nuvemzinha branca, que lhe apaga a claridade, & junto a estas quatro ha outras tres, que semelhaõ o nosso Norte. *Polo fixo.* He este Polo Antarctico, no canto primeyro, oytava 24. trattey dos Polos do mundo: chamãose fixos, porque naõ se movem, movendo-se o mundo todo sobre elles.

Que outra terra comece, ou mar acabe. Resoluta cousa he sem duvida alguma, ser toda a terra descuberta, & navegada do Leste a Oeste, quasi por onde o Sol anda: mas de Sul ao Norte, assim de huma parte como outra, ha muyta differença, & a mayor parte está por descobrir, que he o que o Poeta aqui diz, que da parte do Sul naõ há certeza de terra alguma, ainda que se suspeyta havela, por respeyto do estreyto de Magalhães.

15

A Ssi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous Invernos fazendo, & dous Verões,
Em quanto corre de hum a outro Polo:
Por calmas, por tormentas, & oppressões
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas a pesar de Juno,
Banharemse nas agoas de Neptuno.

Assi passando aquellas Regiões. Por onde duas vezes passa Apollo. Apollo he o Sol, chamado assim da particula A. privativa, que quer dizer sem, & poli, muytos porque só elle dá luz ás terras, & toda a que tem os outros Planetas, & estrellas a recebem delle. Estas Regiões por onde passa duas vezes fazendo dous Invernos, & dous verões, saõ as Ilhas de S. Thomé, Principe, & outras que estaõ debayxo da linha, nas quaes faz esta variedade quando caminha do Tropico de Cancro para o de Capricornio, que entaõ faz hum Inverno, & quando torna do Capricornio para o Cancro, outro como experimentão os que passeão aquelle Clima. E o Poeta dá a entender claramente, dizendo, que o Sol faz estes dous Invernos, & Verões, em quanto atravessando a linha passa de hum polo a outro.

Que sempre faz no mar o irado Eolo. Eolo como dizem os Poetas, tinhaõ os Antigos por Rey dos Ventos, & que elle os tinha, & soltava quando queria, como escreve Virgilio na Eneida. Veja-se a nossa annotação no canto 1. oytava 58.

Vimos

Vimos as Ursas a pezar de Iuno. Banharem-se nas aguas de Neptuno. Contaõ as fabulas, que depois que Arcas filho de Jupiter matou a sua mãy Calysto, que andava pelos matos convertida em Ursa, Jupiter os poz ambos no Ceo, & fez delles estrellas. Sentida muyto Juno disto, deu conta deste aggravo, que seu marido lhe fizera, a Thetys, & a Oceano, senhores do mar, os quaes lhe prometeraõ que estas estrellas não se banhariaõ nas suas aguas como as mais estrellas, & Planetas faziaõ. Estas Ursas estão como meyo grao do polo ao derredor do qual andão. Saõ as que chamamos guardas do Norte, não fazem seu curso como as mais estrellas. E porque sempre as vemos, & não se nos escondem como nas mais succede, dizem os Poetas que se não banhão no mar a petiçaõ de Juno que acabou com Tethys senhora do mar, que não entrassem nas suas aguas, & o que o Poeta aqui diz, que a pezar de Juno as viraõ banhar, he porque passada a linha fica o Norte encuberto, & parece que se mete no mar, & dalli por diante se governão pelo Sul.

Aguas de Neptuno. Saõ aguas do mar, como fica dito em muytas partes. Esta fabula de Arcas, & Calysto conta Ovidio nas Metamorphoses.

16

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, q̃ os homẽs naõ entendem
Subitas trovoadas temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo acendem:
Negros Chuveyros, noytes tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Nam menos he trabalho que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

Ainda que tivesse a voz de ferro. He termo Poetico, & muyto usado para encarecimento. A este modo Virgilio na sua Eneida. *Non mihi si linguæ centum sint, oraque centum, ferrea vox.* Ainda que tenha cem linguas, & cem bocas, & a voz de ferro.

17

Os casos vi, que os rudes marinheyros,
Que tem por mestra a longa experiencia
Contão por certos sempre, & verdadeyros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteyros,
Que só por puro engenho, & por sciencia
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgão por falsos, ou mal entendidos.

Os casos vi, que os rudos marinheyros. Que casos estes sejaõ, conta nas oytavas que se seguem.

18

VI claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, & vento esquivo,
De tempestade escura, & triste pranto:
Nam menos foy a todos excessivo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Vèr as nuves do mar com largo cano,
Sorver as altas agoas do Occeano.

Vi claramente visto o lume vivo. Que a maritima gente tem por santo. Começa o Poeta a trattar dos casos, que a gente do mar conta por certos. O primeyro he o lume santo, como lhe chamaõ os marinheyros, & commummente os Portuguezes S. Pedro Gonçalves, & os Castelhanos Sanctelmo, que tudo he hum, porque o Bemaventurado Santo se chamava Pedro Gonçalves Telmo, como se póde ver na sua vida que escreveo Frey Vicente Justiniano da Ordẽ dos Prègadores. Aparece ordinariamente em tempo de tormenta nos mastros das naos, piques dos soldados, & em outras partes. Mas como Deos Nosso Senhor para segurança do seu povo usou do arco, a que commummente chamamos da Velha, de que atrás fica trattado. E sendo cousa natural, quis mostrar por elle, que não haveria mais diluvio nas terras, assim se póde dizer, que este lume de que os Antiguos fallàraõ, com ser cousa natural, & sabida, usa Deos delle, & quer que o seu Bẽaventurado Santo S. Pedro Gonçalves por este meyo, & com este final ajude aos navegantes. Saõ segredos seus, & os que lerem a vida do Bemaventurado Sanctelmo, se affeyçoáraõ muyto a crer isto, pelo que os marinheyros saõ bem aconselhados continuar com sua devoçaõ.

Sorver às altas aguas do Oceano. Isto que o Poeta aqui diz das nuvens, que vio decer do Ceo, & receber agua em si, & lançada outra vez, elle mesmo me disse a mim, que o vira muytas vezes: & o mesmo me disseraõ outras pessoas que o viraõ, & que a agua que lançavaõ as nuvens era doce, como diz o Poeta neste canto. Saõ cousas do Ceo, & os homens estamos na terra da qual sabemos muyto pouco, quanto mais do que passa no Ceo. Muytas cousas succedem que saõ naturaes, outras sobrenaturaes, cujo segredo Deos guarda para si, & com tudo alguns atrevidos lhe querem dar sahida, naõ se entendendo a si.

19

EU o vi certamente, (& nam presumo
Que a vista me enganava) levantarse
No ar hum vaporsinho, & sutil fumo,
E do vento trazido rodearse:
De aqui levado hum cano ao Polo summo
Se via tam delgado, que enxergarse

Dos

Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuvẽs parecia.

Eu o vi certamente. Nesta oytava, & nas tres seguintes conta o Poeta o modo que tinhaõ aquellas nuvens, que sorviaõ a agua, & de que procediaõ. Vay em estilo taõ elegante, & palavras tão claras, que nenhuma necessidade tem de declaração.

20

H Iase pouco, & pouco acrescentando,
E mais q hũ largo masto se engrossava,
Aqui se estreyta, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupava:
Estavase co as ondas ondeando,
Em cima delle, huma nuvem se espessava,
Fazendose mayor, mais carregada,
Co a carga grande de agoa em si tomada.

Grandes golpes d'agua em si chupava. He termo Portuguez para dizer grandes pedaços, ou grande soma de alguma cousa, dizer grandes golpes, como aqui o Poeta.

21

Q Val roxa sanguesuga se vertia
Nos beyços da alimaria, que imprudente
Bebendo, a recolheo na fonte fria,
Fartar do sangue alheo a sede ardente:
Chupando mais, & mais se engrossa, & cria,
Alli se henche, & se alarga grandemente,
Tal a grande columna enchendo aumenta
A si, & á nuvem negra que sustenta.

Qual roxa Sanguesuga. Sanguesuga, he a que corruptamente chamamos sambexuga, bicho assas conhecido, assim elle como sua qualidade, que he chupar o sangue do lugar aonde se poem. Chama-se assim de duas palavras Latinas, *sanguis*, que he o sangue, & *sugo*, chupar, por esta ser sua natureza.

A si, & a nuvem negra, que sustenta. Porque parecia ter aquella nuvem sobre si, & sustentala, que não cahisse, ou pela agua que lhe deytava.

22

M As depois que de todo se fartou,
O pè, que tem no mar a si recolhe,
E pelo Ceo chovendo em fim voou,
Porque co agoa a jacente agoa molhe:
As ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejaõ agora os sabios na escritura,
Que segredos saõ estes de natura.

As ondas torna as ondas que tomou. Onda vem de *unda* no Latim, que quer dizer agua: diz aqui o Poeta, que aquella nuvem tornou as aguas ao mar, donde as tinha tiradas, mas com differente sabor, porque sendo as do mar, donde aquellas sahiraõ salgadas, caindo da nuvem que as recolheo, não traziaõ o tal sabor, cousa certa para notar, em a qual os homens daraõ tão boa sahida como daõ em outras, que presumptuosamente querem declarar, sendo cousas do Ceo, & reservadas á Divina Magestade, cujo conhecimento nos importa muyto pouco para nossa salvação.

23

S E os antigos Filosofos, que andàraõ
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passey, passàraõ,
A taõ diversos ventos dando as vellas:
Que grandes escrituras, que deyxàraõ!
Que influiçaõ de signos, & de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, sem mentir, puras verdades?

E tudo sem mentir. Porque os Antiguos disseraõ muytas cousas não muyto certas, porque não tiveraõ experiencia dellas.

24

M As jà o Planeta, que no Ceo primeyro,
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteyro
Mostràra, em quanto o mar cortava armada:
Quando da etherea gavea hum marinheyro,
Pronto co a vista, terra, terra brada,
Salta no bordo alvoraçada a gente,
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

Mas jà o Planeta, que no Ceo primeyro habita. O primeyro Planeta, & mais junto a nòs, he a Lua, por estes rodeos de fallar alias Poeticos, & de que os Latinos Poetas muyto usaõ. Diz que depois de passados cinco mezes, que sahiraõ da barra de Lisboa, houveraõ vista da terra, que foy hum Sabbado 4. dias do mez de Novembro, ás nove horas do dia, com que todos ficàraõ muyto alegres, & contentes; como contaõ os nossos Historiadores logo no principio deste descobrimento.

Quando da Etherea gavea hum marinheyro. Gavea Etherea, quer dizer, gavea alta, de Ether, que quer dizer o Ceo.

Cos olhos no Orizonte do Oriente. Orizonte he hum dos circulos mayores da Esphera, que divide o Ceo em duas partes iguaes, deyxando ametade sobre a terra, & a outra debayxo. Toma-se tambem por aquelle espaço, que com os olhos podemos ver, & nesta significação o tomou aqui o Poeta. Veja-se a nossa annotação no canto segundo oytava 13.

25

A Maneyra de nuves se começaõ
A descubrir os montes, que enxergamos
As ancoras pesadas se a dereçaõ,
As vellas ja chegados, amaynamos:
E para que mais certas se conheçaõ
As partes taõ remotas, onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invençaõ de subtil juizo, & sabio.

Pelo novo instrumento do Astrolabio. O modo de navegar por Astrolabio foy achado em tempo d'El-Rey Dom Joaõ o segundo, por dous medicos do mesmo Rey. Este instrumento foy logo no principio de pao, hoje se costuma de metal, muyto mais apurada, & concertadamente. Serve aos navegantes para tomar a altura do Sol, para saberem o lugar aonde estão. Quis Nosso Senhor acudir aos que navegaõ com este remedio, paraque o fizessem melhor, & mais seguramente. Porque antes de toda a navegação era ao lôgo da costa, levãdoa sempre por rumo, da qual tinhaõ suas noticias por sinaes de que faziaõ roteyros. Bastava isto nos principios para o negocio do descobrimento, o que he muyto differente, para quem se ha de engolfar no mar, & perder a terra de vista, que sem este instrumento houve mil perigos, & enganos.

26

D Esembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
De terra, que outro povo naõ pisou:
Porèm eu cos Pilotos na arenosa
Prayà, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compasar a universal pintura.

E compassar a universal pintura. Isto diz, porque alem de tomar a altura do Sol pelo Astrolabio, lançavaõ tambem suas medidas, & compassos na carta de marear, a qual aqui entende por universal pintura, o que faziaõ para saberem a distancia dos lugares, & o que tinhaõ caminhado.

27

A Chamos ter de todo jà passado
Do Semicapro peyxe a grande meta,
Estando entre elle, & o circulo gelado
Austral parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheyros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomàraõ por força, em quanto apanhà
De mel os doces favos na montanha.

Achâmos ter de todo jà passado. Do Semicapro peyxe a grande Meta. Diz que tomada a altura do Sol pelo Astrolabio acháraõ estar álem do Tropico de Capricornio hum dos doze Signos celestes, o qual aqui entende por Semicapro peyxe, que quer dizer peyxe meyo cabra, porque o Pintão os Poetas com figura de cabra, & rabo de peyxe, dando a entender, que quando o Sol entra na sua ultima parte, costúma haver muytas chuvas, & tempestades. Pelo que lhe chamão tambem os Poetas, humido, & gozero, bode humido. O que o Poeta aqui quer dizer, he que se achavaõ álem do Tropico de Capricornio, que he a meta, & baliza do Sol, da banda do Sul, & que estavão entre este Tropico, & o Circulo Antarctico, que he o Sul, a que chama o Circulo Austral, por ventar daquella parte o vento Austro, de que atràs fallámos, & gelado, porque com a ausencia do Sol estas duas partes do mundo Norte, & Sul, saõ muyto frias. Que cousa seja Tropico fica dito no canto 3. oytava 6.

28

T Orvado vem na vista, como aquelle,
Que naõ se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nôs, nem nòs a elle,
Salvàgem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente speciaria,
A nada disto o bruto se movia.

Torvado vem na vista. Conta o Poeta, como estando na praya tomando o Sol, & vendo a parajem em que estavão, houveraõ às mãos hum negro, que tomàraõ andando apanhando mel pelo mato, o qual diz que era mais bruto, & salvagem que o Polyphemo. Este Polyphemo foy hum Gigante, filho de Neptuno, & da Terra, do qual os Poetas contão grandes cousas entre outras, que tinha hum sò olho na testa, tão grande como huma grande rodela, & que morava em huma cova, em cuja entrada tinha huma pedra que vinte & dous carros a não podiaõ levar. Este olho lhe quebrou Ulysses, o modo que teve para lho quebrar, & a cova em que morava descreve Homero na Odissea, que he por ordem dos Latinos o livro nono no fim. Chamarlhe o Poeta aqui bruto, he pelo que os Poetas delle dizem, porque o pintaõ fero, cruel, matador, & comedor de carne humana.

Começolhe a mostrar de rica pelle. De Colchos o gentil metal supremo. Entende o ouro, & com o Poeta aqui o dizer tão claramente por estas palavras: O gentil metal supremo, não falta quem declare brocado, que he boa galantaria. Chama ao ouro pelle de Colchos, porque naquelle lugar em hum

Templo dedicado a Marte estava a pelle de hum carneyro com sua lam de ouro, a qual Phrixo filho d'El-Rey Athamante lhe offereceo em memoria do bom successo, que tivera em escapar das mãos de sua madrasta, que o queria matar. Este he o vello de ouro tão celebrado entre os Poetas, a cuja conquista hiaõ de todo o mundo. Sobre a qual faz Valerio Flacco hum livro a que intitulou Argonautas, por amor daquelles Fidalgos de Grecia, que foraõ na nao Argos a esta aventura deste vello, que estava em Colchos.

29

MAndo mostrarlhe peças muy somenos,
Contas de cristalino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinaes, & por acenos,
Que com isto se alegra grandemente,
Mandoo soltar com tudo, & assi caminha
Para a povoaçaõ, que perto tinha,

30

MAs logo ao outro dia seus parceyros
Todos nùs, & da cor da escura treva.
Decendo pelos asperos outeyros,
As peças vem buscar, que estoutro leva:
Domesticos jà tanto, & companheyros
Se nos mostraõ, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partirse com elles pelo mato.

As peças vem buscar, que estoutro leva. Estas peças eraõ cascaveis, & contas de cristal, que o negro que soltàraõ o dia antes havia levado, & foy tanta a familiaridade que tomàraõ com os negros, que foy causa de hum mancebo honrado por nome Fernão Velloso se atrever a ir pela terra dentro com elles, para saber o que lá passava.

31

HE Velloso no braço confiado,
E de arrogante crè, que vay seguro,
Mas sendo hum grande espaço jà passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuydado
No aventureyro, eis pelo monte duro
Apparece, & segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fora, vinha,

Mais apressado. Isto diz, porque entendeo que os negros lhe armavão cilada para o matar, pelo que procurou porse em cobro.

32

O Batel de Coelho foy depressa,
Pelo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque naõ se lhe escapasse:
Outro, & outro lhe saem, vesse em pressa
Velloso, sem que algum lhe alli ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descuberto.

Se mostra hum bando negro descuberto. A esta pressa de Fernão Velloso acudio Nicolao Coelho Capitão do navio Berrio, que era hum navio Mercante, mas os negros vinhão já taõ perto, que quasi o tomavão, & lhe houvera de custar caro a hida, se do mar naõ desviàraõ os negros com a artelharia, a qual remedeou muyto, porque os negros vinhaõ com arcos, & frechas tão apercebidos, que trattàraõ mal a alguns dos nossos, como diz aqui o Poeta, & contaõ os nossos Historiadores. Ethiope, quer dizer negro.

33

DA espessa nuvem setas, & pedradas,
Chovem sobre nòs outros sem medida,
E naõ foraõ ao vento em vaõ deytadas
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos taõ tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeyta,
Que a cor vermelha levaõ desta feyta.

Que a cor vermelha levão desta feyta. Dá a entender que foraõ muytos feridos da espingardaria, & artelharia que lhe atiràraõ da armada para os apartar, & impedir da tençaõ que traziaõ de fazer mal a Fernão Velloso.

34

E Sendo jà Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para armada,
Vendo a malicia fea, & rude intento
Da gente bestial, bruta, & malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della,
E assi torney a dar ao vento a vella.

Que estarmos inda muyto longe della. Porque como tinhaõ entendido por informação, & relações de muytos, não diziáo aquelles sinaes, que viaõ com o que sabiaõ por estoutro modo, pelo que entendiaõ estar ainda longe.

35

DIsse então a Velloso hum companheyro,
(Começandose todos a surrir)
Ou lâ, Velloso amigo aquelle outeyro
He melhor de decer, que de subir:
Si he, responde o ousado aventureyro,
Mas quando eu para cà vi tanto vir
Daquelles caès, de presa hum pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cà sem mim.

Ou lâ amigo Velloso. Esta graça conta Joaõ de Barros, que passou entre os soldados, & o Velloso, que assim de huma parte como da autra tem muyto engenho.

36

COntou então, que tanto que passârão
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o naõ deyxàraõ,
Querendo senaõ torna, alli matallo:
E tornandose logo, se emboscàraõ,
Porque saindo nós para tomallo,
Nos pudessem mandar ao Reyno escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Avante mais passar o não deyxàraõ. Alguns declaraõ aqui que fizeraõ os negros isto, porque queriaõ bem ao Velloso, que eraõ dos que hiaõ contentes do navio, & entendendo que os outros lhe fariaõ algum mal, lhe estorvaraõ passar avante. O que o Poeta quer dizer, & parece ser verdade, pelo que consta dos que escreveraõ esta Historia, he, que os negros determinârão armar cilada aos nossos para os roubar, & que não quiseraõ que Velloso passasse adiante, para que os nossos o fossem buscar, & assim se podessem aproveytar delles, o que lhe succedeo ao contrario, como aqui se conta, & se póde ver em Joaõ de Barros.

Nos podessem mandar ao Reyno escuro. Por Reyno escuro se entende o inferno, he termo de fallar Poetico, & muyto usado para trattar da morte, & he a imitação dos Antiguos, que tinhaõ por certo depois da morte hirse ao inferno, como he assàs notorio, & sabido dos que lem pelos Poetas.

37

POrém jâ cinco Soes eraõ passados,
Que dalli nos partimos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando huma noyte estando descuydados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuve, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Porèm jâ cinco Soes eraõ passados. Cinco Soes quer dizer cinco dias, à imitação dos Poetas Latinos, que usaõ desta palavra, *soles*, no plural, pelos dias. Virgilio liv. 3. Eneid.

Tres adeo incertos cæca caligine Soles
Erramus pelago.

Ha tres Soes que andamos perdidos pelo mar, como se dissera há tres dias. O que o Poeta diz nesta oytava he, que puseraõ cinco dias de viagem da Angra de Santa Helena aonde surgiraõ para fazer aguada, até haverem vista do Cabo de Boa Esperança.

Huma nuvem que os ares escurece. Sobre nossas cabeças aparece. Finge aqui o Poeta, que apareceo o Cabo de Boa Esperança aos Portuguezes, o qual descreve aqui, & juntamente huma pratica que o mesmo Cabo fez ao Capitão mór, com tanto artificio, que passa pelos antigos, & tem pouca necessidade de declaração.

38

TAm temerosa vinha, & carregada,
Que poz nos corações hum grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se desse em vaõ nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada,
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que mòr causa parece, que tormenta?

Taõ temerosa vinha. Para vir o Poeta á descripção do Cabo, conta como naquella paragem lhe apareceo huma nuvem muyto carregada, & temerosa, & que mostrava bem ser aquelle clima, & mar differente do que até alli tinhaõ navegado, & como a poz a nuvem viraõ huma figura grandissima, & disforme, que era o Cabo, como diz na seguinte oytava.

39

NAõ acabava, quando huma figura
Se nos mosta no ar, robusta, & valida,
De disforme, & grandissima estatura,
O rosto carregado, & a barba esqualida:
Os olhos encovados, & a postura
Medonha, & mâ, & a cor terrena, & palida,
Cheos de terra, & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Não acabava quando. Não tenho palavras para encarecer a linguagem, propriedade, & eloquencia desta oytava, que realmente faz este fingimento, & Metamorphose que vay trattando deste Cabo de Boa Esperança, ventagem às de Ovidio.

Taõ

40

Tam grande era de membros, que bẽ posso
Certificarte, que este era o segundo,
De Rhodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo:
Cum tom de voz nos falla horrendo, & grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo,
Arrepiãose as carnes, & o cabello,
A mi, & a todos só de ouvilo, & vello.

De Rodes estranhissimo Colosso. Colosso foy huma statua de metal em Rodes, consagrada ao Sol de muyto grande altura, & por este respeyto tida por huma das sete maravilhas do mundo.

41

E Disse: ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes, & tantas,
E por trabalhos vãos nunqua repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tẽpo ha já que guardo, & tenho
Nunqua arados de estranho, ou propio lenho.

Pois os vedados terminos quebrantas. Quebrantaõ os homens os terminos vedados entrando no mar, porque Nosso Senhor como se conta no Genesis, quando criou este mundo universo poz cada cousa em seu lugar, os homens na terra, as aves no ar, os peyxes nas aguas, & os animaes nos matos. E paraque declaremos o nosso Poeta com Poetas, veja-se Horacio liv. 1. Ode 2. aonde tratta com muyto engenho do atrevimento dos homens nesta materia de navegar, & Ovidio liv. 1. nas Metamorphoses, & outros muytos Poetas, & oradores.

Nunca arados d'estranho ou proprio lenho. Usa esta Metaphora, de arar, por navegar, á imitação dos Poetas Latinos. Virgilio na Eneida: *Ecce parata quies: nullum maris equor arandum.* Já estais em porto, não tendes mar q̃ arar. E Ovidio nos Tristes liv. 3.

Non ego divitias avidus sine fine parandi
Latum mutandis mercibus æquor aro.

Não lauro o largo mar para buscar riquezas, & outros muytos Poetas. Lenho toma pela nao, por huma figura a que os Grammaticos chamão Synedoche, que he quando usamos da materia de que se fazem as cousas pelas mesmas cousas. *Lenho estranho.* Saõ naos estrangeyras. Lenho proprio, naos, & embarcações da gente que mora na propria terra, aonde se aparelha a armada. Desta materia se veja a nossa annotação no primeyro canto oytava 1.

42

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, & pela terra,
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Pois vens ver. Continua o Cabo sua pratica, pondo diante aos nossos os trabalhos que se haõ de acrecentar nesta viagem da India, a que pelo descubrimento deste Cabo abrem porta, & como seu atrevimento ha de ser causa de muytos danos, & trabalhos. *Humido elemento.* He a agua. *A nenhum grande humano concedidos.* Encarece o Cabo aos Portuguezes aquella paragem, a qual diz, que nenhum Monarcha, nem Senhor do mundo por mais poderoso que fosse vio nem chegou, aonde elles chegáraõ, & de volta destes ameaços, & perigos, que lhe prophetiza, lhe mostra tambem, & declara os grandes tropheos, & vitorias que na India alcançáraõ.

43

Sabe, que quantas naos esta viagem
Que tu fazes fizerem de atrevidas,
Inimiga teràm esta paragem,
Com ventos, & tormentas desmedidas:
E da primeyra armada, que passagem
Fizer por estas ondas insufridas,
Eu farey de improviso tal castigo,
Que seja mór o dano, que o perigo.

Inimiga teraõ esta paragem. O mayor trabalho que hà na viagem da India, he dobrar este Cabo, & assim tem succedido, & succedem cada dia nelle muytos naufragios, & trabalhos, como he assás notorio.

E da primeyra armada. Porque o Capitão mór Vasco da Gama que dobrou primeyro este Cabo, teve nesta paragem muytos trabalhos, assim com os moradores delle, como com infermidades que lhe sobrevieraõ das quaes recebeo mais dano na gente, que perigo na armada, como diz aqui o Poeta, & conta Joaõ de Barros no livro quarto da primeyra Decada.

44

Aqui espero tomar (se naõ me engano)
De quẽ me descobrio summa vingança,
E naõ se acabarà só nisto o dano
De vossa pertinaz confiança:

Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

De quem me descobrio. Não particulariza aqui a Bartholomeu Dias seu primeyro descobridor, porque não tornou mais âquellas partes. Ou seja termo geral de quem o descobrio, dos Portuguezes, que me descobriraõ. E assim se ha de entender geralmente dos Portuguezes, que por alli passarem, porque elles o descobriraõ, contra esta nação, que o descobrio se mostra agravado.

45

E Do primeyro illustre, que a ventura,
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serey eterna, & nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porà da Turca armada dura
Os soberbos, & prosperos trofeos,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

E do primeyro illustre. Este he Dom Francisco de Almeyda filho de Dom Lopo de Almeyda primeyro Conde de Abrantes. O qual sahio deste Reyno a 25. de Março de 1505. com o titulo de Capitaõ mór, & Governador, & que fazendo tres fortalezas na India, em Cananor, Cochim, & Ceylaõ, se chamasse Viso-Rey, como foy. Este destruhio a Mir Abrahem o Governador que fora de Aufadail Rey de Quiloa, que tinha o Reyno tyrannicamente usurpado, & lhe entrou na Cidade em dia de Santiago do dito anno, & fez Rey a hum particular por nome Mahamed Anconij, que servira de Escrivão da fazenda de Quiloa, por ser ho mem bem quisto, & com que todos folgavaõ muyto, com condiçaõ que pagasse pareas a El-Rey de Portugal, & o reconhecesse por superior. De Quiloa, & Mombaça, se veja a nossa annotaçaõ no canto 1. oytava 54.

Aqui porà da Turca armada dura. Os soberbos, & prosperos Tropheos. Sentido muyto o Viso-Rey Dom Francisco de Almeyda da morte de seu filho Dom Lourenço de Almeyda, que os Rumes mataraõ, determinou destruhilos, como fez, porque não podendo colher a armada dos Turcos no mar, pelejou com ella no porto de Dio, sendo os inimigos mais de cem vellas, & estando em suas terras favorecidos de sua gente, & artelharia da fortaleza. Desbaratou desta vez a Mirocem Capitão mór da armada do Graõ Soldaõ do Egypto: & a armada d'El-Rey de Calecut: & Meliqueaz Capitaõ do Hidalcaõ. Estas, & outras cousas maravilhosas fez na India, & vindo para o Reyno foy morto pelos Cafres na Aguada de Saldanha, que he huma ribeyra muyto fresca, que entra no mar junto ao Cabo de Boa Esperança: & he bom desengano para os que se fiaõ no mundo, & em suas cousas, ver que aquelle, a quem nem bombardas, espingardas, frechas, & braços de gente esforçada poderaõ vencer, o matasse hum pao tostado, que saõ as armas daquelles barbaros, que moraõ naquella paragem do Cabo de Boa Esperança, vejase o que escreveremos no canto decimo.

46

O Utro tambem virà de honrada fama,
Liberal, cavalleyro, namorado,
E comsigo trarâ a fermosa dama,
Que amor por grande merce lhe terâ dado:
Triste ventura, & negro fado os chama,
Neste terreno meu, que duro & irado,
Os deyxarà de hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Outro tambem. Este foy Manoel de Sousa de Sepulveda, o qual partio de Cochim a tres de Fevereyro do anno de 1552. no Galeaõ grande S. Joaõ, o qual se perdeo na serra do Natal. Esta foy huma das lastimosas cousas, que aconteceraõ nesta viagem, depois que a India he descuberta. A fermosa dama em que aqui falla o Poeta, he sua molher Dona Leanor.

47

V Eraõ morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados, & nacidos,
Veraõ os Cafres asperos & avaros
Tirar â linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros, & perclaros,
A calma, ao frio ao ar veraõ despidos,
Depois de ter pisado longamente
Co's delicados pês a area ardente.

Veraõ morrer com fome os filhos caros. Os Cafres de que Manoel de Sousa se confiou, forçado de necessidade, fome, sede, & caminho de muytos dias, que jâ não podiaõ dar passo, & não havia dia que lhe não ficassem duas, & tres pessoas atrás, por não poderem caminhar: estes o despiraõ a elle molher, & filhos, & desta maneyra os lançáraõ a hum mato triste, & areal desaventurado, aonde nem herva havia: no qual morreo Dona Leonor com dous filhinhos seus, como o Poeta aqui aponta: & Manoel de Sousa vendo este caso lastimoso, pasmado, & como fóra de si, sem fallar palavra se meteo pelo mato dentro, deyxando sua mulher, & filhos enterrados, & nunca mais appareceo.

48

E Veraõ mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,

Os

Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida, & implacavel espessura:
Alli depois que as pedras abrandarem,
Com lagrimas de dor, de magoa pura,
Abraçados, as almas soltão,
Da fermosa, & miserrima prisaõ.

E veraõ mais os olhos que escaparem. Na desembarcação, por o mar andar trabalhoso os que punhaõ pé em terra se tinhão por bemaventurados, & não o eraõ, se não que Deos Nosso Senhor os guardava para mayores trabalhos, porque com a morte se acabára tudo, & não foraõ morrer com tanto vituperio, & deshonra, como morreraõ a mãos de gente barbara, & torpe, muytos morreraõ no mar, outros pelo caminho com fome, & cansasso, & outros se lançáraõ pelos matos nús, & entre estes, muytos Fidalgos, & gente de espirito. Alguns dos que escapáraõ, & ficaraõ com Manoel de Sousa, viraõ o triste successo deste nobre Capitão, & sua molher, & filhos. De toda a gente da nao não escapàraõ mais que oyto Portuguezes, & quatorze, ou quinze escravos, & tres escravas das que estavão com Dona Leanor ao tempo que faleceo, os quaes depois foraõ resgatados por hum navio de Portuguezes, que acaso alli foy fazer marfim, & custaria cada hum valia de dous vintens. Os nomes destes, & o successo na verdade, & com muytas circuustancias, que saõ dignas de saber para desengano da vida se póde ver em hum livro que deste caso anda impresso.

49

MAis hia por diante o monstro horrendo,
Dizendo nossos fados, quando alçado,
Lhe disse eu quem es tu, que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado?
A boca, & os olhos negros retrocendo,
E dando hum espantoso, & grande brado,
Me respondeo com voz pesada, & amara,
Como quem da pergunta lhe pezára.

Como quem da pregunta lhe pezára. Isto não he mais que encarecimento da figura do Cabo, que em todas suas cousas mostrava terror, & espanto, porque até em huma cousa que elle desejava, como era dizer aos Portuguezes seu acontecimento, & transformação, se mostrou triste, & pezaroso.

50

EU sou aquelle occulto & grande Cabo,
A quē chamais vósoutros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, estrabo,
Plinio, & quantos passáram fuy notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo,
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

Eu sou aquelle occulto, & grande Cabo. Tormentorio, ou tormentoso lhe poz Bartholomeu Dias seu primeyro descubridor, pelas tormentas, que naquella paragem achou De Boa Esperança. ElRey Dom Joaõ o segundo, por ver que se abria, porta para o que tanto desejava, & esperava, como era o descobrimento da India, que parece que aquelle Cabo descuberto lha estava prometendo, & mostrando. Deste famoso Cabo não tiveraõ noticia os Cosmographos Antiguos, como Ptolomeo, Pomponio, Mella, Estrabo, Plinio, & outros, como aqui diz o Poeta, inclinado para o Sul, que o Poeta aqui chama Polo Antarctico, como fica declarado por muytas vezes.

51

FUy dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano;
Chameyme Adamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Naõ que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occeano,
Fuy Capitaõ do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Fuy dos filhos asperrimos da terra. Continuando o Cabo sua pratica antes de vir a fallar de sua Metamorphosi, & transformação tratta de sua Genealogia, & nome, como era Gigante, filho da terra, irmão de Encelado Egeo, & Briareo, a que chama Centimano, que quer dizer de cem mãos, porque tantas dizem os Poetas que tinha este Gigante. Diz mais que seu nome antiguo foy Adamastor, & que ao tempo que seus irmãos os Gigantes combatiaõ a Jupiter por terra para o lançar do Ceo, elle fazia guerra por mar a seu irmão Neptuno.

O que vibra os rayos de Vulcano. He Jupiter, por quem fingem os Poetas que Vulcano filho de Jupiter, & seu Ferreyro, lhe fazia os rayos, como he muyto sabido a quem lé pelos Poetas.

52

AMores da alta esposa de Pelèo,
Me fizeraõ tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do Ceo,
Só por amar das agoas a Princesa:
Hum dia a vi co as filhas de Neréo
Sair nua na praya, & logo presa
A vontade senti de tal maneyra,
Que inda naõ sinto cousa, que mais queyra.

Amores

Amores da alta esposa de Peleo. Começa Adamastor a contar sua transformaçaõ naquelle taõ grande Cabo, a qual està com tanto engenho, & artificio, que lhe não fazem ventagem as de Ovidio. Esposa de Peleo, he Thetis senhora do mar, casada com Peleo Rey de Thessalia, filha de Nereo Principe do mar. Saõ as Nereidas Nymphas do mar, das quaes fica trattado atrás no Canto segundo, oytava 20.

53

Como fosse impossivel alcançalla,
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determiney por armas de tomalla,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa entaõ por mi lhe falla;
Mas ella cum fermoso riso honesto,
Respondeo, qual serà o amor bastante
De Nymfa, que sustenta o de hum Gigante.

E a Doris este caso manifesto. Doris dizem os Poetas que he molher de Nereo Senhor do mar, & mãy das Nereidas, de que na oytava atràs fallàmos: A qual deu Adamastor conta da affeyçaõ que tinha a Thetis, & o que determinava fazer, como aqui o Poeta conta.

54

Com tudo, por livrarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneyra,
Com que com minha honra escuse o dano,
Tal resposta me torna a mensageyra:
Eu que cayr naõ pude neste engano
(Que he grande dos amantes a cegueyra)
Encheraõme com grandes abundanças
O peyto de desejos, & esperanças.

Que he grande dos amantes a cegueyra. Os Antiguos pintavão a Cupido, que tinhaõ por Deos dos amores cego. A mensageyra he Doris que Adamastor tomou por terceyra para com Thetis.

55

Ja' nescio já da guerra desistindo,
Huma noyte de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beyjar, a face, & os cabellos.

56

O Que naõ sey de nojo como o conte,
Que crendo ter nos braços, quē amava,
Abraçado me achey co' hum duro monte,
De aspero mato, & de espessura brava:
Estando co' hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Naõ fiquey homem naõ, mas mudo e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

Que pelo rosto angelico apertava. Cuydando, que estava com Thetis a quem muyto amava.

57

O Ninfa a mais fermosa do Occeano,
Jà que minha presença naõ te agrada,
Que te custava terme neste engano
Ou fosse monte, nuve, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado, & quasi insano
Da magoa, & da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde naõ visse,
Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Quem de meu pranto. Achou-se o Cabo corrido do que lhe succedeo com Thetis, pelo que deyxou aquelle lugar, & se foy para outro remoto, aonde naõ fosse o seu caso sabido.

58

Eraõ jà neste tempo meus irmãos,
Vencidos, & em miseria extrema postos,
E por mais segurarse os Deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo naõ valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecey a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos o castigo.

Eraõ jà neste tempo. Conta Adamastor como quando lhe aconteceo a sua transformaçaõ, tambem seus irmãos eraõ mortos por mão de Jupiter, como conta aqui o Poeta, & mais largamente Ovidio nas Metamorphoses, lib. 1.

59

Converteoseme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeraõ,
Estes membros, que vès, & esta figura
Por estas longas agoas se estendèraõ:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo convertèraõ

Os

Os Deoses,& por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

Me anda Thetis. O mayor desgosto que o Ca-
bo tinha era ter sempre presente a Thetis, que fo-
ra causa de sua conversaõ em aquelle Cabo.

60

Assi contava,& com medonho choro,
Subito ante os olhos se apartou,
Desfezse a nuve negra,& com sonoro
Bramido,muyto longe o mar soou:
Eu levantando as mãos ao santo Coro
Dos Anjos,que tam longe nos guiou,
A Deos pedi,que removesse os duros
Casos,que Adamostor contou futuros.

Casos que Adamastor contou futuros. O que o Ca-
bo dizia haver de acontecer aos Portuguezes na-
quella paragem.

61

JA' Phlegon,& Pyrois vinhaõ tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy convertido o gram Gigante:
Ao longo desta costa,começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abayxo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos,

Iá Phlegon,& Pyrois. Ovidio nas Metamorpho-
ses liv.2. poem os nomes dos cavallos do carro do
Sol,que saõ Phlegon, Pyrois, Eoo, & Ethon. Isto
he por hum fingimento que os Poetas, fazem di-
zendo que Phebo, que he o Sol, dá luz ás terras
em hum carro de quatro cavallos. Por estes ro-
deyos de fallar nos dá a entender a que tempo se
descobrio o Cabo de Boa Esperança,que foy hum
dia sahindo o Sol,& caminhando ao longo da Cos-
ta, foraõ segunda vez tomar terra em huma Bahia
muyto grande, & abrigada de todos os ventos,
salvo do Norte;a qual se chama hoje pelos nossos
Aguada de S. Brás, que estará setenta leguas do
Cabo, & surgiraõ nella hum dia de S. Catherina,
em hum Domingo de mil quatrocentos noventa,
& sete.

62

A Gente,que esta terra possuhia,
Posto que todos Ethiopes eraõ,
Mais humana no trato parecia,
Qu eos outros,que taõ mal nos recebèraõ:
Com bayles,& com festas de alegria,
Pela praya arenosa,anòs vieraõ,
As mulheres comsigo,& o manso gado,
Que apacentavaõ gordo,& bem criado.

Posto que todos Ethiopes eraõ. Ethiopes he nome
geral, que comprehende a todo o genero de gen-
te negra. Chama-se assim de Etho,palavra Grega,
que quer dizer queymar, & rosto, por terem os
rostos negros, & queymados: outros querem que
seja nome sómente dos negros da Ethiopia, parte
de Africa, entre Egypto, Arabia, chamados assim
de Ethiope filho de Vulcano, que foy Rey na-
quella Regiaõ, como quer Plinio liv.6.c.30. Siga
cada hum o que quizer, & lhe parecer. A mim a
primeyra opiniaõ me parece melhor.

Os outros que taõ mal nos recebèraõ. Estes foraõ os
da Angra de Santa Helena, como atrás largamen-
te fica dito. Os desta Bahia de S. Brás vieraõ com
muytos bayles, & festas,com suas flautas, & com-
sigo suas molheres encima de boys muyto gordos,
albardados com suas albardas de taboa, a modo
das Castelhanas,& com huns paos,que fazem fey-
çaõ de andilhas, dos quaes boys muytos não tem
cornos.

63

AS mulheres queymadas vem em cima
Dos vagarosos bois,alli sentadas,
Animaes,que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris em prosa,ou rima,
Na sua lingoa cantaõ concertadas,
Co doce som das rusticas avenas,
Imitando de Titiro as Camenas.

As molheres: Atrás dissemos como traziaõ suas
molheres naquelles boys albardados,os quaes pre-
zaõ mais,que todo o outro gado por este respeyto.
Avenas. Saõ flautas como fica dito.

Imitando de Tytiro as Camenas. Imitando a mu-
sica,& cantigas de Tytiro Pastor,quer dizer aqui,
que vinhaõ estes negros com suas molheres can-
tando cantigas pastoris, quaes cantava Tytyro
pastor como diz Virgilio Eglog.1.

64

EStes como na vista prazenteyros
Fossem,humanamente nos tratàraõ,
Trazendonos galinhas,& carneyros,
A troco d'outras peças,que levàraõ:
Mas como nunca emfim meus companheyros
Palavra alguma sua lhe alcançàraõ,
Que dèsse algum sinal do que buscamos,
As vellas dando,as ancoras levamos.

As vellas dando as Ancoras levamos. Joaõ de Bar-
ros na primeyra Decada, diz que o Capitaõ mór
se mudou para outro povo perto daquelle, por-
que

que entre os nossos, & os negros começava haver revolta sobre o resgate do gado: mas que os Mouros foraõ a vista da nossa armada até que ancorou.

65

JA' aqui tinhamos dado hum graõ rodeyo
A costa negra de Africa, & tornava
A proa demandar o ardente meyo,
Do Ceo, & o Polo Antartico ficava:
Aquelle Ilheo deyxamos, onde veyo
Outra armada primeyra, que buscava,
O Tormontorio Cabo, & descuberto,
Naquelle Ilheo fez seu limite certo.

Aquelle Ilheo deyxàmos. Depois de ter rodeado a Costa de Africa, tornáraõ a demandar a linha, à qual chama ardente meyo, por ser o meyo do mundo, & ardente, com a vizinhança grande do Sol, desviando-se das terras do Sul, a que chama polo Antarctico, como fica declarado em muytos lugares. Quanto ao Ilheo de que aqui tratta, he o da Cruz, que Bartholomeu Dias descobrio, no qual poz o derradeyro Padraõ, como costumavaõ por alguns pela terra que deyxavaõ descuberta. Este Bartholomeu Dias passou álem do Cabo de Boa Esperança cento & quarenta leguas, até hum rio a que poz nome do Infante, porque o que nelle primeyro desembarcou tinha esta alcunha. E porque nessa viagem poz alguns Padrões, aqui falla o Poeta do derradeyro, que he este da Cruz que dissemos, o qual poz quinze leguas antes de chegar ao rio do Infante. E não havemos de entender aqui que o Capitaõ mór tomou terra nesta Ilha, porque nem o Poeta o diz, nem os nossos Historiadores, mas que houveraõ vista delle, & o não tomáraõ, pelo tempo lhe não dar lugar, mas tomàraõ outro porto chamado os Ilheos chãos, que estavaõ cinco leguas álem do da Cruz, como conta Joaõ de Barros na primeyra Decada. *Cabo Tormontorio.* He o Cabo da Boa Esperança, como já muytas vezes declarâmos.

66

DAqui fomos cortando muytos dias
(Entre tormentas tristes, & bonanças,)
O largo mar, fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co' o mar hum tempo andamos em profias,
Que como tudo nelle saõ mudanças,
Corrente nelle achamos taõ possante,
Que passar naõ deyxava por diante.

Que passar não deyxava por diante. Nesta paragem dos Ilheos chãos saõ tão grandes as correntes da agua, que não deyxavão navegar as nossas naos, até que com ajuda de Deos passàraõ, & chegàraõ á terra do Natal, á qual puzeraõ este nome por passarem por ella este dia. A força da corrente das aguas daquelle lugar aponta o Poeta na oytava seguinte, & pelo grande impeto com que dalli correm as aguas, se chama aquelle lugar o Cabo das Correntes.

67

ERa mayor a força em demasia
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que assoprva:
Injuriado Noto da profia,
Em que co o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Comque nos fez vencer a graõ corrente.

Injuriado Noto. Galante fingimento, em que dà a mão ao vento em passarem aquelle lugar das correntes, que foy necessario por o vento toda sua força nesta parte. Noto he propriamente o Sul.

68

TRazia o Solo dia celebrado,
Em que tres Reys das partes do Oriente,
Foraõ buscar hum Rey de pouco nado,
No qual Rey outros tres hà juntamente:
Neste dia outro porto foy tomado
Por nós, da mesma jà contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia, em que por elle nos metemos.

Trazia o Sol. Passada a Costa do Natal entráraõ em hum Rio a que puseraõ o nome dos Reys, porque em tal dia entràraõ nelle. A este Rio chamaõ outros do Cobre, pelo resgate delle em manilhas, marfim, em mantimentos, que os negros da terra com elle resgatâraõ, tendo tanta communicaçaõ com os nossos, que hum Martim Affonso marinheyro foy a huma Aldea, aonde foy do Senhor da terra bem agazalhado, & o mesmo Senhor veyo com muyta gente ver a nossa armada, mostrando muyta paz, & amizade: pelo que o Capitaõ mòr, vendo que em cinco dias que alli estiveraõ, nunca receberaõ desta gente mao trattamento algum, nem suspeyta disso, lhe puseraõ o nome, de Aguada de boa paz.

69

DEsta gente refresco algum tomamos,
E do rio fresca agoa, mas com tudo
Nenhum sinal aqui da India achamos
No povo, com nós outros quasi mudo:
Ora vê Rey quamanha terra andamos,
Sem sair nunca deste povo rudo,

Sem

Sem vermos nunca nova, nem sinal
Da desejada parte Oriental.

Desta gente refresco algum tomâmos. Isto diz pelo gazalhado, & communicação que com a gente desta parte tiveraõ.

Povo quasi mudo, porque não se entendiaõ com elle.

70

ORa imagina agora quam coytados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, & por mares naõ sabidos:
E do esperar comprido taõ cançados,
Quanto a desesperar jâ compellidos,
Por Ceos naõ naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

Por Ceos não naturaes. Terras, & Climas fòra de sua natureza, & tão apartados, & contrarios a ella. Das significações que tem a palavra Ceo, se veja o que escrevemos no canto 1. oytava 29. & 2. oytava 85.

71

COrrupto jâ, & danado o mantimento,
Danoso, & mao ao fraco corpo humano,
E alem disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crès tu que se este nosso ajuntamento,
De soldados naõ fora Lusitano,
Que durâra elle tanto obediente
Por ventura a seu Rey, & a seu Regente?

Por ventura a seu Rey, & a seu Regente? Encarece aqui a lealdade da Naçaõ Portugueza, da qual naõ lemos haverse levantado algum contra seu Rey, cousa em outras Nações muyto costumada.

72

CRes tu, que já naõ foraõ levantados
Contra seu Capitão, se os resistira,
Fazendose Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, & de ira?
Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portuguesa alta excellencia,
Da lealdade firme, & obediencia.

Pyratas. Saõ Cossarios do mar, & tem este nome segundo alguns querem de hum, que primeyro o inventou, & usou este officio chamado pyrata, outros querem (o que a mim mais contenta) que se chama o Cossario do mar, Pyrata de perao palavra Grega, que quer dizer, andar de huma parte para outra, por ser este seu costume.

73

DEyxando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deytando para o pégo toda armada:
Por que ventando Noto manso, & frio,
Não nos apanhase a agoa da enseada,
Que a costa faz alli da quella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Naõ nos apanhasse a agua da enseada. Esta enseada de que o Poeta aqui falla está sessenta legoas aquẽ de Moçambique, chama-se communmente o Parcel de Sofala, em que as aguas correm muyto para dentro por ser mais bayxo, de maneyra que há perigo grande, por se presumir que podem ir dar em bayxos que ahi há muytos.

Donde a rica Sofala o ouro manda. Sofala he huma povoaçaõ na costa de Moçambique, cousa de sessenta legoas della, aonde El-Rey nosso Senhor tem huma fortaleza, & o Rey da terra está á sua obediencia. A esta terra Sofala trazem os Gentios, & negros da terra dentro, por via de comercio, muyto ouro, por cujo respeyto os Mouros povoaraõ aquella terra, & pela mesma razaõ agora entre nòs he muyto frequentada.

74

EStá passada, logo o leve leme,
Emcomendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, & geme,
A proa inclina de huma, & de outra nao:
Quando indo o coraçaõ, que espera, & teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao,
Do que esperava jà desesperado,
Foy de huma novidade alvoraçado.

Encomendado ao Sacro Nicolao. O Bemaventurado S. Nicolao grande Advogado dos Estudantes, o he tambem dos que trattaõ no mar, & a razaõ de lhe ser consagrado o leme do navio, alem de outros milagres que neste particular fez, he porque em huma tormenta grande chamando huns marinheyros muyto rijamente por elle, lhes apareceo, & disse: Eys aqui Nicolao, por quem chamais, não temais, que eu vos livrarey deste trabalho, & tomado o leme, na mão, lhe encaminhou a nao de modo, que se salvou, andando muyto arriscada, como conta em sua vida Simaõ Metaphrastes.

75

E Foy, que estando jà da costa perto,
Onde as prayas, & valles bem se viaõ,

Num rio, que alli sae ao mar aberto,
Bateis à vella entravão, & sahião:
Alegria muy grande foy por certo,
Acharmos jà pessoas, que sabião
Navegar, porque entre ellas esperamos,
De achar novas algumas, como achamos.

76

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor cõmunicavão,
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que falavão:
E com pano delgado, que se tece
De algodam, as cabeças apertavão,
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Palavra alguma Arabia. Tiveraõ por bom final, ver que estes negros usávaõ de algumas palavras Arabias, tambem o tratto, & vestidos eraõ differentes da outra gente, que até então tinhaõ visto.

77

Pela Arabica lingua, que mal falão,
E que Fernão Martinz muy bẽ entende,
Dizem, que por naos, que em grãdeza igualão
As nossas, o seu mar se corta, & fende:
Mas que lá donde sae o Sol se abalão
Para onde a costa ao Sul se alarga, & estende,
E do Sul para o Sol, terra onde havia
Gente assi como nós da cor do dia.

Gente assi como nôs da cor do dia. Gente branca, porque o dia he claro, & branco, & a noyte negra, & escura.

78

Muy grandemente aqui nos alegramos,
Co a gente, & co as novas muyto mais?
Pelos sinaes, que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos bons sinaes:
Hum padrão nesta terra levantamos,
(Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns) o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Guiador de Thobias a Gabello. He o Archanjo S. Raphael. A historia he, que indo Thobias por mandado de seu pay arrecadar certo dinheyro de hum homem por nome Gabello, morador na Cidade de Rages dos Medos, arreceando cõmetter o caminho sem companheyro, appareceo o Anjo S. Raphael, & o acompanhou até o lugar aonde hia, como se póde ver em Thobias.

79

Aqui de limos, cascas, & de ostrinhos,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas, & imundas:
Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
Com mostras aprasiveis, & jucundas
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

Aqui de limos. Por se acharem bem nesta terrã com a communicação da gente, & alegria que tinhão, com as novas que acháraõ da India, mandou o Capitão mór dar pendor aos navios, por irem muyto sujos, & esteve neste lugar trinta & dous dias.

80

Mas não foy da esperãça grãde, e immẽsa
Que nesta terra houvemos limpa, & pura
A alegria, mas logo a recompensa
A Ramunsia com nova desventura:
Assi no Ceo sereno se dispensa,
Com esta condição pesada, & dura
Nacemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

Ramnusia. Chamada assim do nome de hum Lugar, aonde era venerada, he Nemesis Deosa da justiça, inimiga dos soberbos, & grande sopeadora da gente presunçosa, & altiva. Veja-se a nossa annotação no canto terceyro, oytava 71. O que o Poeta aqui diz he, que o grande gosto, & contentamento que naquella terra tinhaõ, por ver taõ claros sinaes da terra, que buscàvaõ, se lhe aguou com huma desaventura, que lhe succedeo de huma grande, & nojosa infermidade, da qual adiante vay trattando.

E o pezar terà firmeza. Faz a este proposito Alciato hum Emblema, que he o 30. em ordem, no qual pinta o mal, & o bem: o mal muyto ligeyro, & apressado: & o bem muyto vagaroso. Este Emblema fez á imitação de Homero, o qual na sua Iliada introduz Até filha de Jupiter perseguindo os homens, & fazendolhe mil males: & para os remediar manda outras filhas suas chamadas Litas, Velhas, Cegas, & Coxas, que nunca chegaõ a dar o remedio, & quanto para prova disto basta a experiencia, que bem claro nos mostra a verdade do caso.

81

E Foy, que de doença crua, & fea,
A mais, que eu nunca vi, desempararão
Muytos a vida, e em terra estranha, & alheya,
Os ossos para sempre sepultárão.

Quem haverà que sem o ver o creya?
Que tão disformemente aly lhe incharão
As gengivas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

As gengivas na boca. Conta Joaõ de Barros na primeyra Decada que naquelles dias, que estiveraõ dando pendor aos navios, parece que, ou do ar daquella terra, ou da corrupção dos mantimentos lhe sobreveyo hum trabalho com doença, de que morrerão alguns. A mayor parte foy de erisipelas, & juntamente lhe crecia tanto a carne das gengivas, que lhe não cabia na boca, & logo lhe apodrecia aquella carne de maneyra, que não havia quem soportasse o fedor da boca, & com estes males padeciaõ dores muy grandes, & morreraõ alguns como aqui diz o Poeta.

82

APodrecia co' hum fetido, & bruto
Chyro, que o ar visinho inficionava;
Não tinhamos alli Medico astuto,
Cirurgião sutil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne jâ podre assi cortava
Como se fora morta, & bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

Pois que morto ficava quem a tinha. Não quer dizer, que os que tinhaõ este mal estavaõ mortos com morte natural, mas que tinhaõ as qualidades que tem os mortos, porque não fallavão, & o seu cheyro era de gente jà defunta, & não tinhaõ sentido de homens vivos, pelo trabalho grande que tinhaõ com hum taõ grande mal, & dores excessivas.

83

EM fim, que nesta incognita espessura
Deyxamos para sẽpre os companheyros,
Que em tal caminho, em tanta desventura
Forão sempre comnosco aventureyros:
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeyros,
Estranhos assi mesmo, como aos nossos
Receberão de todo o illustre os ossos.

Quaõ facil he ao corpo a sepultura. Declara o Poeta nesta oytava a igualdade, que a morte tratta com todos, não fazendo differença nos estados, conforme aquelle dito de Horacio. *Pallida mors æquo pulsat pede, & Regum turres, pauperumque tabernas.* A morte a todos iguala, assim entra nas torres, & paços dos Reys, como nas tendas dos pobres officiaes, & como qualquer lugar serve de sepultura, assim do illustre, como dos que o não saõ, como a experiencia nos ensina.

84

ASsi que deste porto nos partimos
Com mayor esperança, & môr tristeza,
E pela costa abayxo o mar abrimos
Buscando algum sinal de mais firmeza:
Na dura Moçambique emfim surgimos,
De cuja falsidade, & mâ vileza
Jâ serâs sabedor, & dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

Com mayor esperança, & môr tristeza. Levávaõ a esperança pelos sinaes, que acháraõ, & novas da India, & tristeza pelo trabalho daquella tão triste, & nojenta doença. *Na dura Moçambique.* Aos 24. de Fevereyro de 1498. sahiraõ os nossos do rio dos Bons sinaes, & o primeyro de Março houveraõ vista de Moçambique, terra hoje assâs conhecida dos nossos, por ser muyto frequentada das nossas armadas, & terem os Reys de Portugal alli fortaleza. Chamalhe o Poeta aqui dura, porque sempre se deraõ mal os moradores desta terra com os nossos.

Dos povos de Mombaça pouco humanos. Os de Mombaça tambem fizeraõ roim gazalhado aos nossos, & determináraõ destrohilos, como fica dito em outros lugares.

85

ATè que aqui no teu seguro porto,
(Cuja brandura, & doce tratamento,
Darà saude a hum vivo, & vida a hum morto)
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repouso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos dèste, & vès aqui, se a tanto ouviste,
Te contey tudo quanto me pediste.

Atè que aqui. Estas cousas todas vay relatando o Capitão mór Dom Vasco da Gama a El-Rey de Melinde a petiçaõ sua, como se tratta no canto segundo aonde se começa a relatar esta Historia.

86

JUlga agora Rey, se houve no mundo
Gente, que taes caminhos cometessem?
Crès tu, que tanto Eneas, & o facundo
Vlysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo,
(Por mais versos, que delle se escrevessem,)
Do que eu vi, a poder de esforço, & arte,
E do que inda hey de ver, a oytava parte?

Crès que tanto Eneas. De Eneas, & Ulysses trattey no canto primeyro, & segundo.

87

Esse, que bebeo tanto da agoa aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhode, Smirna, & Colophonia,
Athenas, Yos Argo, & Salamina:
Essoutro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona, & divina
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co' o som se ensoberbece.

Esse que bebeo tanto da agua aonia. Agua aonia, he a agua da fonte Aganippe, da qual todos os que bebiaõ ficavaõ Poetas, & diz que bebeo muyta desta agua Homero, porque foy Poeta excellentissimo, & para encarecimento de sua doutrina, & erudição não ha mais, que trazer que o que delle diz Velleyo Paterculo no livro primeyro da Historia Romana, que sò merece nome de Poeta, aonde acrecenta, *in quo hoc maximum est, quod neque ante illum, quem ille imitaretur, neque post illum, qui eum imitari posset inventus est,* que nem antes delle houve quem elle imitasse, nem depois delle quem o pudesse imitar a elle. Não se póde mais dizer, & com verdade. Sobre o qual lugar de Velleyo diz Justo Lipsio muytas cousas, & dignas de seu entendimento, porque não há poder chegar a Homero, & por elle ser este depois de morto o pretenderaõ muytos por natural, sem atè hoje se saber a certeza donde fosse. O Poeta conta muytas Cidades de Grecia, que tinhaõ entre si grande contenda sobre Homero, he cousa sabida.

Essoutro que esclarece toda Ausonia. Ausonia he Italia, chamada assim de Ausonio seu Rey. Esta esclarece, & ennobrece muyto o Poeta Virgilio Italiano de nação, & natural da Cidade de Mantua, junto da qual passa o rio Mincio, de que aqui o Poeta faz mençaõ, & diz que o Mincio se adormece com seu som, & o Tibre se ensoberbece, porque o Mincio não teve de Virgilio outro interesse, se não o gosto delle ser seu natural, pelo que diz que se adormece pelo gosto, & contentamento que tem de ouvir tão boas novas de seu natural. E o Tibre se ensoberbece, porque em Roma fez este Poeta seu assento, & alli compoz os seus livros. E porque Roma gozava delle, & o tinha sempre comsigo, andava soberba, & levantada, & aindaque se chama Mantuano, elle não foy natural de Mantua, se não de huma Aldea muyto triste junto a Mantua, chamada Andes, aonde eu já estive espantado de ver a tristeza do lugar, & excellencia do Poeta, que alli naceo.

88

Cantẽ, louvem, & escrevaõ sẽpre estremos
Desses seus Semideoses, & encareçaõ,
Fingindo Magas, Circes Polyphemos,
Sirenas, que co' canto os adormeçaõ
Demlhe mais navegar á vella, & remos
Os Cicones, & a terra, onde se esqueçaõ
Os companheyros, em gostando o Loto,
Demlhe perder nas agoas o Pltoto.

Cantem, louvem. Diz isto porque Homero, & Virgilio, & os mais antigos tudo escreveraõ fabulas, & mentiras, como em suas obras se póde ver fingindo muytas patranhas, & contos fabulosos, como trattar de seus semideoses, que por outro nome se chamaõ Heroes, dos quaes fica trattado no canto 4. oytava 50. *Magas, Circes.* Maga he palavra de Persia, na qual lingua significa o que na Grega, Philosopho, & na nossa Sabio. E porque entre estes Sabios havia alguns, que tocavaõ de communicação com os demonios, como sempre se costumou entre os Egypcios, & hoje entre os Indios, & Ethiopicos: daqui Magia, que he a sciencia destes Magos se tomava em boa, & má parte, como hoje em dia se toma, porque a perfeyta Philosophia se chama Magia. *Magas Circes.* Aqui neste lugar por Circes, entende feyticeyras, tomando a palavra Magas em má parte com o epitheto de Circe, que o foy grande. Da qual conta Homero na Odissea K. que por ordem dos Latinos he o livro decimo, que converteo os Companheyros de Ulysses em porcos, & o mesmo diz Virgilio Eglog. 8. *Carminibus Circe socios mutavit Ulyssis.* Circes com suas encantações, & feytiçarias converteo os Companheyros de Ulysses em porcos, que he o que o Poeta neste lugar entende. *Polyphemos.* Polyphemo foy hum Gigante filho de Neptuno, do qual os Poetas contaõ grandes fabulas, entre outras, que tinha hum olho só na testa, tão grande como huma grande rodela, o qual Ulysses lhe quebrou, como diz Virgilio na Eneida, & Homero na Odissea.

Syrenas que co' canto os adormeçaõ. As Sereas, dizem os Poetas que foraõ filhas de Acheloo, & Calliope, huma das nove musas: outros lhe daõ outros pays. Moravão no mar de Sicilia; da cinta para cima molheres, & peyxes da cinta para bayxo, cujos nomes eraõ, Partenope, Ligia, & Leucosia, grandes musicas, & tangedoras: em tanto que com a doçura da voz entretinhaõ aos que passavão, & adormecidos com a suavidade da musica os lançávaõ no mar, como tratta Homero na Odissea M.

Demlhe mais navegar a vella, & remos: os Cycones. Esta diligencia de navegar dos Cycones povos de Thracia, & a briga que tiveraõ com a gente de Ulysses, pinta Homero na Odyssea liv. 13. cap. 17. *Gostando o loto.* A arvore loto, como diz Plinio, he do tamanho de huma Pereyra, o fruyto que dá he como huma fava, & nacem muytos juntos nos ramos como mortinhos. He taõ saboroso este fruyto, que vieraõ os Poetas daqui a alevantar, que os

que

ſue comiaõ delle, ſe eſqueciaõ de ſuas terras, molheres,& filhos, como Homero conta dos Companheyros de Ulyſſes no lugar allegado. Do nome eſta arvore ſe chamão os moradores deſta Provincia Lotophagos, que quer dizer,gente que come da arvore Loto. Ortelio na ſua Synonimia quer que ſejaõ os Gelves. Em Africa há muytas arvores deſtas,& em Italia,como diz o meſmo Plinio, tambem há algumas, mas o fruyto não he taõ bom. A fabula da Nympha Loto convertida neſta arvore conta Ovidio nas Metamorphoſes liv. 9. *Deulhe perder nas aguas o Piloto.* Como conta Virgilio na Eneida liv. quinto que aconteceo a Eneas, que lhe cahio Palinuro ſeu Piloto no mar, o que ele ſentio muyto.

89

Ventos ſoltos lhes finjaõ,& imaginem
Dos odres, & Calipſos, namoradas
Harpias, que o manjar lhe contaminem,
Decer âs ſombras nuas jà paſſadas:
Que por muyto,& muyto que ſe affinem
Neſtas fabulas vãs tambem ſonhadas,
A verdade, que eu conto nua, & pura,
Vence toda grandiloqua eſcritura.

Ventos ſoltos lhe finjaõ. Paſſando Ulyſſes pelas Ilhas Eolidas, aonde Eolo Rey dos ventos tinha ſua morada, conta Homero na Odiſſea, Eolo lhe meteo os ventos em hum odre, para que dalli os ſoltaſſe quando quizeſſe. Veja-ſe o que eſcrevemos no canto quarto, oytava 58.

E Calypſos namoradas. Calypſo grande eſperdiçada por Ulyſſes, filha de Thetis,& Oceano determinou não o largar toda a vida fazendolhe grandes promeſſas como diz Homero na Odyſſea, & como eu notey no ſegundo canto oytava 45.

Arpias que o manjar lhe contaminão. Contaõ as fabulas, que Phineo Rey de Thracia por conſelho de ſua ſegunda molher, tirou os olhos aos filhos da primeyra, pelo que enojados os Deoſes, lhe quebráraõ os ſeus,& lhe acrecêtáraõ outro tormento mayor, que tudo o que lhe punhaõ diante para comer lhe tiravão as Arpias, que eraõ humas aves muyto ſujas, & goloſas, & lhe ſujavão a meſa. Veja-ſe a noſſa annotação no canto quarto oytava 8.

Decer âs ſombras nuas jà paſſadas. Sombras jà paſſadas ſaõ almas idas deſta vida, falla á imitaçaõ dos Latinos, que por morrer dizem: *deſcendere ad umbras,* decer ao lugar aonde eſtaõ as almas, as quaes elles chamaõ ſombras. Veja-ſe a noſſa annotação no canto terceyro oytava 131. O que o Poeta neſtas oytavas atrás quiz moſtrar, foy, que todas as mentiras de Homero, com Ulyſſes, & de Virgilio com o ſeu Eneas, & aſſim de outros antigos Poetas, não ſaõ para ſe ouvirem comparação das verdades, que dos Portuguezes ſe trattão, porque nem ſerem fabulas taõ concertadas, & bem eſcritas, com eſtylo, & palavras tão elegantes, nem com todas eſtas particularidades, vem a conto de verdades, que ſó os Portuguezes trattão em ſuas hiſtorias.

90

Da boca do facundo Capitão,
Pendendo eſtavaõ todos embebidos;
Quando deu fim à longa narraçaõ
Dos altos feytos, grandes, & ſubidos:
Louva o Rey o ſublime coração
Dos Reys, em tantas guerras conhecidos;
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de animo,& nobreza.

Facundo Capitaõ. Entende o Capitaõ mór Vaſco da Gama, porque neſta narração, que fez ao Rey de Melinde ſe houve facunda,& eloquentemente.

91

Vay recontando o povo, que ſe admira,
O caſo cada qual, que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tam longos caminhos rodeou:
Mas já o mancebo Delio as redeas vira;
Que o irmaõ de Lampecia mal guiou,
Por vir a deſcanſar nos Tethicos braços
E elRey ſe vay do mar aos nobres paços.

Mas já o mancebo Delio as redeas vira. Neſtas palavras nos pinta o Poeta o tempo da tarde quando o Sol ſe queria por,& eſtá por tão galantes termos, que não póde mais ſer, mas muytas vezes por nos neſte livro declarados. Mancebo Delio he o Sol, chamado aſſim da Ilha Delos aonde naceo, como fica notado atrás. Diz, *que o Sol virava as redeas, que o irmão de Lampecia mal guiou*, porque ao Sol attribuem hum carro com quatro cavallos em que dà luz às terras, como notámos neſte canto oytava 46. O irmaõ de Lampecia he Phaeton filho do Sol, o qual dando hum dia luz ao mundo cahio como conta Ovidio largamente nas Metamorphoſes, & fica notado no canto primeyro, & quinto, oytava 7.

Por vir deſcançar aos Theticos braços. He pelo que muytas vezes fica notado, que o Sol à tarde ſe recolhe ao mar em caſa de Thetis, aonde eſtá atè que o outro dia ſe levanta a dar luz ás terras, o que tudo pinta Ovidio no lugar allegado, & he muyto ſabido,& por nós muytas vezes notado.

92

Quaõ doce he o louvor, & a juſta gloria
Dos proprios feytos, quando ſaõ ſoados;
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já paſſados:

As envejas da illustre, & alhea historia
Fazem mil vezes feytos sublimados;
Quem valerosas obras exercita
Louvor alheo muyto o esperta, & incita.

Quaõ doce he o louvor. O que eu pudèra aqui trazer para declaração desta oytava tratta o Poeta nas seguintes até o fim do livro com exemplos tão proprios, & tão conformes que me escusa a mim de por outros.

93

NAm tinha em tanto os feytos gloriosos
De Achiles Alexandre na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso sò louva, isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos
Temistocles despertão sò de enueja,
E diz, que nada tanto o deleytava,
Como a voz, que seus feytos celebraua.

Não tinha em tanto os feytos gloriosos. Conta Cicero na oração que fez em favor de Archias Poeta, que chegando a caso Alexandre ao lugar aonde Achilles estava sepultado disse estas palavras: *O fortunate adolescens, qui tuæ virtutis præconem inveneris Homerum.* O ditoso mancebo pois tiveste hum tão grande pregoeyro de tua cavalleria como foy Homero, & Plutarcho na vida de Alexandre o chama bemaventurado, porque teve na vida hum amigo leal, o qual se chamou Patroclo, & depois de sua morte hum taõ grande pregoeyro de suas obras como Homero. Este valeroso Capitaõ ainda que trabalhava por imitar as obras de Achilles, & lhe era muyto affeyçoado por sua cavalleria, todavia mais inveja tinha, como diz aqui o Poeta, á ditta de Achilles, em lhe caber por sorte ter a Homero por escritor de suas cousas, que á sua cavalleria, & prospera fortuna nas cousas da guerra.

Os Tropheos Melciades. Melciades, & Themistocles foraõ dous Capitães Athenienses de grande nome, entre outras cousas excellentes, que se contão de Melcides huma digna de memoria, & de que todos os Historiadores fazem muyto caso, foy que feyto elle Capitão general de hum pequeno exercito, para resistir ao poder grande de Date general de hum poderosissimo evercito de Dario Rey dos Persas, o qual vinha com proposito, & determinação de destruir toda Grecia, junto a hum pequeno lugar chamado Marathon se encontrou com Date, & lhe matou trezentos mil homens. De Themistocles se conta, que foy hum Capitão de grande conselho, & engenho, & de taõ grande memoria, que de cór sabia o nome de todos os Athenienses. A primeyra guerra que os Athenienses tiveraõ com os Persas, foy eleyto por general. Em huma batalha naval, que tiveraõ junto a Salamina desbaratou os Persas, & livrou sua patria de servidaõ. Entre outras cousas que dell[e] se escrevem he esta, de que o Poeta aqui faz men[-]çaõ, trazer sempre diante de seus olhos os Tro[-]pheos de Melciades, & huma enveja grandissim[a] de suas cavallerias, & que com nenhuma cous[a] sentia levar mayor gosto na vida, que em tratta[r] de suas cousas.

94

TRabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegaçoẽs, que o mundo cãta
Naõ merecẽ tamanha gloria, & fama,
Como a sua, que o Ceo, & a terra espanta:
Si mas aquelle Heroe, que estima, & ama
Com dões, mercès, favores, & honra tanta
A lira Mantuana faz, que soe
Eneas, & a Romana gloria voe.

Si mas aquelle Heroe. Que seja Heroe fica dito n[o] canto quarto oytava 50. O que o Poeta quer dize[r] he que os Portuguezes naõ favorecem nem fazem mercé alguma aos homens de engenho como fizeraõ os antigos, & esta he a razaõ porque Eneas, & outros Romanos excellentes foraõ conhecidos n[o] mundo por serem Mecenates, & Padroeyros dos Poetas. Lyra Mantuana he viola de Mantua, entende os versos de Virgilio, que tanto celebráraõ Eneas.

95

DA' a terra Lusitana Scipioẽs,
Cesares, Alexandres, & dâ Augustos,
Mas naõ lhe dá com tudo aquelles doens,
Cuja falta os faz duros, & robustos:
Octavio, entre as mayores opressões
Compunha versos doutos, & venustos,
Naõ dirà Fulvia certo, que he mentira,
Quando a deyxava Antonio por Glafira.

Dâ a terra Lusitana Scipiões. Mostra o Poeta nesta oytava como em Portugal se criaõ homens muyto esforçados, & Cavalleyros, & tanto, qu[e] nem os Romanos antigos de cujas façanhas hã tantos livros cheyos, lhe fizeraõ ventaje, como os Scipiões, Cesares, Augustos, & que destes não há hum Scipiaõ, se não muytos, muytos Cesares, & muytos Alexandres, mas tem os Portuguezes huma muyto grande tacha, que he não misturarem com as armas as letras, como os antigos faziaõ, como Octaviano, & Marco Antonio, de que o Poeta aqui faz menção, & outros muytos Principes de que os livros estaõ cheyos. Faz se isto hoje tanto ao revez, que antes se pragueja de quem sabe. Naõ tem este lugar necessidade de prova.

Não dirâ Fulvia não que he mentira. Marco Antonio como conta Plutarcho em sua vida foy muyto affeyçoado a letras, & poesia, em esta parte foy demasiado, porque deyxava sua molhe[r] Fulvia por ir ouvir chistes, & trovinhas de Glafira, & outras molheres.

96

V Ay Cesar sojugando toda França,
E as armas naõ lhe empedem a sciēcia,
Mas numa mão a pena,& noutra a lança
gualava de Cicero a eloquencia:
que de Scipiaõ se sabe,& alcança,
le nas comedias grande experiencia;
ia Alexandre a Homero de maneyra,
Que sempre se lhe sabe á cabeceyra.

Vay Cesar. Este he Julio Cesar, do qual havemos trattado algumas vezes nestas annotações, ntre outras cousas que se delle escrevem, huma e que o Poeta aqui aponta, que em huma maõ razia a penna, & na outra a espada, porque tudo que della lhe succedia na guerra, de noyte escre-ia com tanta diligencia, & fidelidade, que os seus commentarios que destas cousas compoz, foraõ pprovados, & tidos por verdadeyros por seus roprios adversarios,& inimigos.

O que de Scipiaõ se sabe. Publio Cornelio Scipiaõ hamado Africano pelas grandes cavallerias que m Africa fez, principalmente na destruição de Carthago, foy descendente da illustre casa dos Cornelios, & filho de Publio Scipiaõ, o qual se-undo se escreve foy o primeyro Capitão Ro-nano, que pelejou com Annibal. Foy muyto ado ao estudo das letras, & principalmente muyto affeyçoado a comedias, como aqui diz nosso Poeta, pelo que foy muyto amigo de Terentio, & com muytas mercês que lhe fez, cabou com elle tresladasse as comedias que ho-temos, cujos primeyros Autores foraõ Gregos.

Lia Alexandre a Homero de maneyra. O mayor osto que Alexandre tinha na vida, era ler pelo Poeta Homero, & tanto que de dia o trazia no eyo, & de noyte o tinha debayxo do travesseyro la sua cama.

97

E M fim naõ ouve forte Capitão,
Que naõ fosse tambem douto,& sciente,
Da Lacia,Grega,ou Barbara nação,
Senão da Portuguesa tão somente.
Sem vergonha o não digo,que a razão
De algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso,& rima,
Porque quem não sabe a arte não na estima.

Em fim naõ houve forte Capitaõ. Diz que todos os Capitães,q̃ houve no mundo de nome, quer Romanos, que entende pela nação Lacia,q̃ quer dizer Latina, quer Gregos, ou Barbaros, foraõ dados ao exercicio das letras, & q̃ só os Portuguezes as desprezão, & isto porq̃ as não entendem, porque não preza as cousas, senão quē as conhece,& q̃ por naõ haver quem faça caso da Poesia, não ha Poetas, havendo homēs de muyto engenho, & habilidade,& daqui vem q̃ naõ há Eneas nem Achilles: quero dizer q̃ não há homēs conhecidos pela fama, por mais excellentes q̃ na vida fossem, por falta de quem lhe escreva suas cousas. E o q̃ mais he de sentir, q̃ elles saõ taes,q̃ o não sentē como na oytava seguinte diz o Poeta.

98

P Or isso,& naõ por falta de Natura
Naõ ha tābem Virgilios, nem Homeros,
Nem averà, se esse costume dura,
Pios Eneas, nem Achiles feros:
Mas o peyor de tudo he, que a ventura
Tam asperos os fez,& tam Austèros,
Tam rudos,& de engenho tam remisso
Que a muytos lhe dá pouco, ou nada disso.

Que a muytos lhe dá pouco, ou nada disso. Poderase sofrer não lhe dár aos homēs de saberem letras,& sciencias, mas haver homēs q̃ tenhaõ em pouco os q̃ sabē, he barbaria fina.

99

A S Musas agradeça o nosso Gama
O muyto amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome,& fama,
De toda a illustre,& bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Caliope não tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deyxassem
As tellas douro fino,& que o cantassem.

As Musas agradeça. Nota aqui o Poeta aos Portuguezes pouco favorecedores dos Poetas, pelo q̃ esta empreza q̃ elle tomou de lhe escrever seus feytos, devéno â Patria, aonde elle naceo,q̃ o amor demasiado q̃ lhe tinha, o fez cantar os feytos dos seus naturaes,& não obrigação alguma q̃ tivesse. Caliope he hũa das Musas,& principal dellas. Filhas do Tejo saõ as Nymphas do Tejo, Padroeyras tambē dos Poetas, como fica dito no canto 1. oytava 4.

100

P Orque o amor fraterno,& puro gosto
De dar a todo o Lusitano feyto
Seu louvor, he somente o presuposto
Das Tagides gentis,& seu respeyto:
Porèm naõ deyxe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peyto,
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderà seu preço,& sua valia.

Das Tagides gentis. Tagides saõ as Nymphas do Tejo. Veja-se o q̃ escrevemos no primeyro canto. O q̃ nesta oytava diz o Poeta he q̃ o seu intēto neste livro he dar o devido louvor aos heroicos feytos dos Portuguezes, pela obrigação q̃ atrás tocamos de serē seus naturaes, & não por elles o merecerē, pois não favorecē aos homens q̃ nesta parte os podē fazer grādes,& excellentes cō seus escritos. Cō tudo acōselha se appliquē as obras de virtude, porq̃ nunca falta quem saya por ellas. OS

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Parte-ſe de Melinde o Illuſtre Gama,
Com Pilotos da terra, & mantimento,
Dece Lieo ao mar, Neptuno chama
Todos os Deoſes do humido elemento:
Conta Velloſo aos ſeus dando honra, & Fama
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a afligida armada,
E à India chega tanto dezejada.

CANTO SEXTO.

Neſte Canto ſe tratta como ſahio Vaſco da Gama de Melinde , & o que lhe aconteceo atè chegar a Calecut. Conta-ſe tambem a famoſa Hiſtoria dos doze de Inglaterra.

1

NAõ ſabia em que modo feſtejaſſe
O Rey pagaõ os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançaſſe
Do Rey Chriſtaõ, das gentes taõ poſſantes.
Peſalhe que taõ longe o apoſentaſſe
Das Europeas terras abundantes
Aventura, que naõ o fez vezinho
Donde Hercules ao mar abrio caminho.

O Rey Pagaõ. O Rey de Melinde, ao qual Vaſco da Gama relatou a Hiſtoria , que nos tres cantos atrás ouviſtes.

Europeas terras. São terras deſta noſſa Europa.
Donde Hercules ao mar abrio o caminho. Entende o eſtreyto de Gibaltar. Veja-ſe o que eſcrevemos no canto terceyro , oytava 93.

2

COm jogos, danças, & outras alegrias,
Segundo a policia Melindana,
Com uſadas, & ledas peſcarias
Com que Lageia a Antonio alegra, & engana:
Eſte famoſo Rey todos os dias
Feſteja a companhia Luſitana,
Com banquetes, manjares deſuſados,
Com frutas, aves, carnes, & peſcados.

Com

O

Com que a Lageia Antonio alegra, & engana. Lageia he Cleopatra Raynha do Egypto, chamada assim de Ptolomeo Lago Rey delle. Esta deu grandes banquetes a Marco Antonio. Veja-se o que escrevemos no canto segundo, oytava 53.

3

Mas vendo o Capitaõ que se detinha
Jâ mais do que devia & o fresco vento
O convida que parta,& tome asinha
Os Pilotos da terra,& o mantimento.
Não se quer mais deter,que ainda tinha
Muyto para cortar do salso argento:
Jâ do pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

Salso argento. Salso argento he o mar. Veja-se a nossa annotação no canto primeyro oytava 18. Benigno chama ao Rey de Melinde, pelo bom agazalhado, que nelle achàraõ os Portuguezes.

4

Pedelhe mais,que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado,
Que nenhum outro bem mayor deseja,
Que dar a taes baroẽs seu Reyno,& estado,
E que em quanto seu corpo o espirito reja
Estarà de contino aparelhado
A por a vida,& Reyno totalmente
Por tão bom Rey,por tão sublime gente.

5

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitaõ,& logo as vellas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha jâ que vay buscando:
No Piloto que leva naõ avia
Falsidade,mas antes vay mostrando
A navegaçaõ certa,& assi caminha
Jâ mais seguro do que dantes vinha.

Para as terras da Aurora se partia. Que cousa seja propriamente Aurora, fica dito no canto primeyro, oytava 14. & 112.

6

As ondas navegavaõ do Oriente
Jâ nos mares da India,& enxergavaõ
Os thalamos do Sol,que nace ardente,
Jâ quasi seus desejos se acabavaõ.
Mas o mao Thyoneo,que na alma sente
As venturas,que entaõ se aperelhavaõ
A agente Lusitana,dellas dina,
Arde,morre,blasfema,& desatina.

Thalamos do Sol. Saõ as partes aonde o Sol nace, os quaes na oytava atrás chamou partes da Aurora, que tudo he huma mesma cousa. Chamaõ os Poetas àquellas partes thalamos do Sol de *thalamus*, que quer dizer cama, ou estrado, porque fingem que dalli se levanta, & nace o Sol. *Thyoneo.* Baccho. Veja-se a nossa annotação no segundo canto, oytava 11.

7

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma,
Naõ o pode estorvar,que destinado,
Està de outro poder,que tudo doma
Do Olympo doce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca,& toma
Entra no humido Reyno,& vayse â corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

De fazer de Lisboa nova Roma. Pelas vittorias que havia de alcançar, com que se havia de parecer com os Romanos, que tanto dominàraõ.

Daquelle a quem o mar cahio em sorte. Este he Neptuno irmão de Jupiter, Plutão, & Juno, filhos de Saturno, os quaes lançando sortes sobre o que cabia a cada hum dos Reynos de seu pay Saturno, que era Senhor do universo, depois que foy lançado do Ceo. A Jupiter cahio em sorte o Ceo, a Juno o Ar, a Neptuno o Mar, a Plutão o inferno.

8

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas,onde o mar se esconde,
Lâ donde as ondas saem furibundas
Quando às iras do vento o mar responde:
Neptuno mora,& moraõ as jocundas
Nereydas,& outros Deoses do mar,onde
As aguas campo deyxaõ às Cidades,
Que habitão estas humidas deydades.

No mais interno fundo. Descreve aqui os aposentos, & passos de Neptuno, os quaes diz que saõ no fundo do mar.

Cavernas altas. Covas fundas.

Nereidas. Saõ as Nymphas do mar filhas de Nereo, de que já muytas vezes temos trattado. *Humidas deidades.* Saõ divindades do mar, gente nobre, & Senhores, que os Poetas fingiaõ morar no mar, & por este respeyto lhe atribuhiaõ poetica, & fabulosamente divindade, como consta da liçaõ dos Poetas.

9

DEscobre o fundo nunca descuberto
As areas aly de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina:
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina,
Se he christal o que vé se diamante,
Que assi se mostra claro, & radiante.

Fundo nunca descuberto. He aquella parte, aonde Neptuno habita por ser no mais fundo, & secreto lugar do mar, aonde nunca ninguem vay.

Torres altas. Estas torres altas de massa cristalina, saõ torres de agoa muyto clara, & radiante, como o Poeta nesta oytava encarece.

Se he cristal o que se vè se diamante. Para encarecimento da fermosura das aguas.

10

AS portas d'ouro fino, & marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace,
De escultura fermosa estaõ lavradas
Na qual do irado Bacco a vista pace:
E vè primeyro em Cores variadas,
Do velho Chaos a tam confusa face:
Vemse os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

Do rico aljofar, que nas conchas nace. O principal aljofar se pesca na Cidade de Barem, na costa da Arabia, sogeyta a El-Rey de Ormuz. Ha-o tambem em Ceylaõ, & em outras partes. Pesca-se no fundo do mar, tirando as ostras, & deytandoas ao Sol, as quaes despois de seccas se abrem, & dalli se tira.

Na qual do irado Bacco a vista pasce. Encarecimento grande he da fermosura do lugar, pois Baccho taõ colerico, & irado se deteve, & deleytou em ver aquellas cousas.

Do velho Chaos a tão confusa face. Entre outras cousas que estavão naquellas portas, huma era aquelle antigo, & confuso Chaos, de que os Poetas tanto fallaõ, que foy o primeyro lugar, segundo elles fingem, donde todas as cousas tiveraõ origem. Chaos he palavra Grega, & quer propriamente dizer confusaõ, porque naquelle Chaos estavão confusamente todas as cousas sem ordem nem concerto algum. Tratta deste Chaos Ovidio nas Metamorphoses, liv. 1. & chamalhe o Poeta velho por sua antiguidade. Veja-se o Proverbio *Chao antiquior.*

Vem se os quatro elementos. Dos quatro elementos, & razão deste nome trattey no segundo canto, oytava 33. & na oytava seguinte os pinta o Poeta excellentemente à imitação de Ovidio.

11

ALli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
De pois que Promethéo furtado o tinha:
Logo apos elle leve se sublima
O invencivel Ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deyxa no mundo estar vasio.

Alli o sublime fogo estava encima. Chama ao fogo sublime, ou pela nobreza, ou pelo lugar; aonde disse Ovidio:

Ignea convexi vis, & sine pondere Cæli
Emicuit, summaque locum sibi legit in arce.

O fogo tomou o mais alto lugar, porque està junto ao Ceo da Lua encima de outros elementos.

Que em nenhuma materia se sostinha. Porque não tem necessidade de lenha, nem de outras ajudas para se sustentar.

Depois que Promethco furtado o tinha. Veja-se a nossa annotação no canto quarto, oytava 103.

O invisivel Ar. Chama ao ar invisivel, porque naõ se detem a vista nelle por ser muyto raro, & sutil. Este Ar està logo junto ao fogo, & logo a agua, & no ultimo lugar a terra como mais pesada que os outros elementos. E ainda que o Poeta aqui à imitação de Ovidio descrevendo aos Elementos, poem a terra no terceyro lugar, & não he por ser mais leve que a agua, mas por ser assento della, & assim se ha de entender Ovidio, & o Poeta aqui. Nem he inconveniente estar muyta parte da terra descuberta de agoa, porque isto ordenou Deos Omnipotente, para habitação dos homens, por cujo respeyto criou todo o universo. A qual ordem, & preceyto de Deos se collige do primeyro capitulo do Genesis: *Congregentur aquæ quæ sub Cælo sunt in locum unum, & appareat arida.* Ajuntem-se as agoas que estão debayxo do Ceo em hum lugar, & appareça a terra. Pelo que havemos de entender, que se este preceyto de Deos não fora por ordem da natureza a agoa cobrira toda a terra, pois he regra Philosophica, que todos concedem, que qualquer elemento superior he dez vezes tanto mayor, que o inferior, mas Deos todo poderoso, mandou às agoas que se desviassem para huma parte, & deyxassem lugar desoccupado para habitação dos homens.

E nem por quente, ou frio. Isto he por aquella regra da Philosophia, *quod non datur vacuum in rerum natura*, que não hà lugar vasio no universo, mas tudo està occupado.

Estava

12

Estava a Terra em montes revestida,
De verdes ervas, & arvores floridas,
Dando pasto diverso, & dando vida,
As alimarias nella produzidas:
A clara forma alli estava esculpida,
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

13

N'Outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveraõ os Deoses co' os Gigantes;
Està Tipheo debayxo da alta serra
Do Etna, que as flamas lança crepitantes:
Esculpido se vé ferindo a terra
Neptuno, quando, as gentes ignorantes
Delle o cavalo houveram, & a primeyra
De Minerva pacifica Oliveyra.

N'outra parte esculpida estava a guerra. Veja-se o canto primeyro, oytava 51.

Està Typheo debayxo da alta serra de Ethna. Diz Pindaro Poeta Grego, ao qual segue Estrabo liv. 15. que o Gigante Typheo está preso no monte Ethna, & atormentado alli por mandado de Jupiter, por se achar na guerra dos outros Gigantes. Daqui chamão os Poetas aos rayos *tela Typhæa*, naõ por Typheo Gigante os fazer a Jupiter, como alguns querem, se não por serem de materia de fogo, o qual dizem os Poetas, que o monte Ethna de Sicilia o lança de si, aonde Thipheo está amarrado.

Esculpido se vè ferindo a terra Neptuno. Veja-se, o que escrevemos no canto terceyro, oytava 51.

14

Pouca tardança faz Lyèo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava jà aguardando.
A as portas o recebe, acompanhado,
Das Ninfas, que se estão maravilhando,
De ver, que cometendo tal caminho,
Entre no Reyno da goa o Rey do vinho.

Pouca tardança faz Lyeo irado. Entre outros nomes que os Poetas daõ a Baccho, hum he Lyeo, o qual conforma muyto com a natureza dos homens affeyçoados ao vinho, porque he de hum verbo Grego Lyo, que quer dizer soltar, ou livrar, porque esta gente he muyto livre, & apartada de cuydados, ou para milhor dizer muyto livre, & solta no fallar, & de pouco segredo. Esta me parece a mim a razaõ porque a gentilidade enganada costumava em seus sacrificios, & festas de Baccho levar cirandas, & joeyras, vasos que não sostém em si agoa, dando a entender nisto a natureza de Baccho, & dos que o seguiaõ: porque os que lhe faziaõ suas festas se presavão muyto de se tomarem do vinho, & fazer cousas que costumaõ fazer os que guardão suas regras. Donde diz Virgilio nas Georg. *Et mystica vanus Iacchi*, & a mystica ciranda de Baccho. Bem sey que lhe dão alli outras declarações, mas esta me parece a mim a propria, & assim respondi ao nosso Luis de Camões perguntandome a razaõ, & declaração daquelle verso, & lembrame que lhe contentou mais, que as que os comentos naquelle lugar tratão. Póde ser Baccho tambem Lieo de lio, que he prender, pelo officio do vinho, que he prender, & atar, a quem se dá a elle.

15

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Bacco nos teus Reynos receberes
Porque tambem co' os grandes, & possantes,
Mostra a Fortuna seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouvirme o mais quiseres
Verám da desventura grandes módos:
Ouçaõ todos o mal, que toca a todos.

16

Julgando jà Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão d'huma, & d'outra bãda:
Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rey, & da Salacia veneranda:
Era mancebo grande, negro, & feyo,
Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Tritaõ, que de ser filho se gloria do Rey, & de Salacia veneranda. Tritão foy filho de Neptuno, & da Nympha Salacia, correyo, & trombeta de seu pay, como aqui diz o Poeta.

17

Os Cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes da goa, & bem parecem,
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados nam fallecem
Os negros mexilhões, que alli se géram,
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma muy grande casca de lagosta.

Os cabellos da barba. Pintanos aqui o Poeta a Tritaõ trombeta de Neptuno seu pay à imitaçaõ de Ovidio liv. 1. Met.

18

O Corpo nû, & os membros genitaes,
Por naõ ter ao nadar impedimento
Mas porèm de pequenos animaes,
Do mar todos cubertos cento, & cento:
Camaroẽs, & Cangrejos, & outros mais,
Que recebem de Phebe crecimento,
Ostras, & Birbigoẽs do musgo sujos,
A's costas com a casca os Caramujos.

Que recebem de Phebe crecimento. Phebe, he a Lua. Diz que as ostras, & o mais marisco recebe crecimento da Lua, porque a sua principal influencia he frialdade, & humidade, que nestas cousas propriamente faz effeyto como em outras muytas desta qualidade.

19

NA maõ a grande concha retorcida,
Que trazia com força jà tocava,
A voz grande, & canora foy ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Jà toda a companhia apercebida
Dos Deoses para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos depois da Grega insania.

Na mão a grande concha retorcida. Concha retorcida era hum buzio, com que Tritaõ tangia, o qual era a sua trombeta, & chama ao buzio concha, como lhe chamão os Latinos, & assim lhe chamou Ovidio liv. 1. Met. *Conchaque sonanti inspirare jubet.* E manda lhe Neptuno tocar o seu buzio sonoro.

A voz grande canora. Voz canora he voz sonora de *cano* verbo Latino, que quer dizer cantar, ou soar.

Daquelle que fez os muros de Dardania. Entende Neptuno, a quem os Poetas, como fica por muytas vezes dito, chamaõ Deos do mar. Este em companhia de Apollo, que os Poetas chamaõ Deos da musica, & medicina, fez os muros de Troya a petiçāo de Laomedonte seu Rey, pela qual resaõ aos muros de Troya chamaõ os Poetas Mœnia Neptunia, ou Apollinea, muros de Neptuno, ou de Apollo. Chama aqui Luis de Camões a Troya Dardania de Dardano seu Rey, o que tudo he muyto sabido dos que lem pelos Poetas.

Destruhidos depois da Grega insania. Aponta aqui a destruhiçāo de Troya, da qual trattámos no canto terceyro.

20

VInha o Padre Occeano acompanhado
Dos filhos, & das filhas, que gerâra,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Ninfas povoàra:
O Propheta Prothèo deyxando o gado
Maritimo pacer pella agoa amàra,
Alli veyo tambem, mas jà sabia,
O que o Padre Lyêo no mar queria.

Vinha o Padre Oceano. Os antigos, como por muytas vezes fica dito, faziaõ Deoses a cada canto nos matos, rios, & mar tudo eraõ Deoses, & ao mesmo mar tinhaõ nesta conta, como o nosso Poeta aqui diz, fallando como Poeta, que acudio a este ajuntamento, que se fazia nos paços de Neptuno, senhor, & monarcha do mar. *Vem Nereo.* Este Nereo he outro Deos do mar, filho do Oceano, & Thetis. Este foy casado com Doris, & quanto ao que aqui diz, que Nereo povoàra todo o mar de Nymphas, he pelo que os Poetas fingem delle, que teve muytas filhas, a que chamão Nereidas, & alguns querem que fossem cincoenta. Seus nomes se pódē ver em Higinio, no principio do seu livro.

O Propheta Protheo. Protheo foy filho do Oceano, & Thetis pastor do gado de Neptuno como fica dito no canto primeyro foy grande propheta, segundo o q̃ delle fingē os Poetas, como aqui apōta o nosso Camões, & diz Virgilio nas Georgicas.

Novit namque omnia vates,
Quæ sint, quæ fuerint, quæ mox ventura trahantur.

Entende Protheo muyto bem, diz Virgilio, as cousas assim presentes como passadas, & por vir. Veja-se a nossa annotaçaõ no lugar allegado.

Lyeo. He Baccho. Veja-se o que escrevemos atràs neste canto, oytava 14.

21

VInha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo, & Vesta filha,
Grave, & leda no gesto, & taõ fermosa,
Que se amançava o mar de maravilha:
Vestida huma camisa perciosa,
Trazia de delgada baetilha,
Que o corpo cristalino deyxa verse,
Que tanto bem naõ he para esconderse.

Vinha por outra parte a linda esposa. Salacia molher de Neptuno, filha de Celo, & Vesta.

22

A Mfitrite fer mosa como as flores,
Neste caso naõ quiz que fallecesse

) Delfim traz comsigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou, que obedecesse:
o's olhos, que de tudo saõ senhores,
Qualquer parecerá, que o Sol vencesse,
mbas vem pella maõ; igual partido,
Pois ambas saõ esposas de hum marido.

Amphitrite fermosa como as flores. Esta Amphi-ite era tambem molher de Neptuno, como Sa-cia.

O Delphin tras comsigo. He o peyxe a que chama-os golfinho assás conhecido. Contão-se delle uytas cousas ácerca da affeyção que tem aos omens, & á musica. Huma digna de memoria onta Solino no Polyhistor, a qual diz Appiano, ue vio com seus olhos, & outros muytos com le: que hum golfinho tomou tão grande affey-aõ a hum moço, que lhe costumava deytar ao ongo da praya alguns bocados de paõ, que o le-ava pelo meyo do mar de Bayas até Puzzole por spaço de duzentos estadios, que he quasi legua meya, & o tornava a trazer com grande admi-ação da gente, & accrecenta que depois que fal-eceo o moço vinha todos os dias ao lugar donde ostumava levallo, & que vindo por muytas ve-es, & não o achando morrera de saudade.

23

A *Quella, que das furias de Athamante,*
Fugindo veyo a ter divino estado,
Comsigo traz o filho bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante,
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & às vezes pella area,
No colo a toma a bella Panopèa.

Aquella que das furias de Athamantè. Conta Ovi-dio que não se podendo Juno molher de Jupiter por si vingar de Ino molher de Athamante Rey de Thebas, á qual tinha odio por ter em pouco assim a ella, como a Jupiter seu marido, se ajudou das furias infernaes, huma das quaes foy logo a ca-sa de Athamante, & lha inficionou de maneyra, que Athamante com rayva, & furia matou hum filho seu por nome Learcho, & o mesmo fizera á molher se se lhe não escondera com outro chama-do Melicerta: os quaes tambem com a mesma fu-ria se lançàraõ no mar. Mas Neptuno por rogo de Venus os recolheo, & honrou no seu Reyno, mudandolhe os nomes a Ino chamando Leuco-thea, & a Melicerta Palæmon: ao qual os Latinos chamão Portuno, por ser senhor dos portos do mar. O que o Poeta aqui diz he que a este ajunta-mento, que Jupiter fazia sobre as cousas dos Por-tuguezes, foráo Leucothea, & Palemon, os quaes diz que vieraõ a ser Deoses do mar, fugindo das furias de Athamante, como fica dito, & que tam-bem foy Panopea Nympha do mar, filha de Ne-reo, & Doris. *O bello Infante.* He Melicerta fi-lho d'El-Rey de Athamante.

24

E *O Deos, que foy num tẽpo corpo humano,*
E por virtude da erva poderosa,
Foy convertido em peyxe, & deste dano
Lhe resultou Deydade gloriosa:
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circe tinha usado co a fermosa
Scylla, que elle ama, della sendo amado,
Que a mais obriga amor mal empregado.

E o Deos, que foy num tempo corpo humano. Este foy Glauco pescador do qual conta Ovidio, que ten-do muytos peyxes na praya em quanto se deteve no enxugar das redes se lhe foraõ muytos ao mar. Olhando Glauco a causa desta novidade, vio que os peyxes viviaõ tocando em huma herva que na praya estava. Provou Glauco aquella herva, & aconteceo-lhe o que acontecia aos peyxes. Este foy tido entre os antigos por Deos do mar, que he o que diz aqui o nosso Camões, que do danno de ser convertido de homem em peyxe por virtude de huma herva lhe resultou ser tido por Deos do mar. Este tambem foy a este ajuntamento, de que himos trattando, mas aggravado, & queyxoso de hum engano grande, que huma molher por nome Circe lhe fez, a qual como era grande feyticeyra, pedio a Glauco que lhe désse remedio para que Scylla, a quem elle queria muyto lhe désse algum favor, & o amasse o que a Circe fez de modo, que em lugar de fazer bem ao Glauco lhe fez mal, porque pertendia casarse com elle. Inficionou hu-ma fonte aonde Scylla se costumava ir lavar, de maneyra que entrando Scylla nella, assim se fez rayvosa, que lhe parecia que a rohiaõ, & comião os cães da cinta para bayxo, pelo que não se podendo sofrer se lançou no mar de Sicilia, aonde de conti-no está ladrando. Veja-se o que escrevemos no segundo canto oytava 46.

25

J *A' finalmente todos assentados*
Na grande sala nobre, & divinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeyras de cristal:
Foraõ todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento igual,
De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nace, & a Arabia em cheyro passa.

De fumo enche a casa a rica massa, que no mar nace. Esta massa que nace no mar, he o ambar: o qual a natureza

natureza cria, não geralmente em todas estas partes do mar, mas em algumas como lastro delle, por cujo respeyto as baleas em certos tempos arribaõ áquellas partes, por ser este o seu proprio manjar, & affirma-se que comem tanto até que se embebedaõ,& que o que saye à praya he,ou arrancado por ellas no fundo do mar, ou arrebeçado do que lhe sobeja quando comem. E que seja isto assim, he cousa manifesta, porque não há ambar se não em algumas paragens, & esta he a opiniaõ de Luis de Camões, como consta do seu verso, & feyta experiencia por alguns curiosos em baleas mortas acháraõ o ambar no bucho, & tripas ainda fresco, & indigesto, como me contou hum homem, que se achou nas partes aonde o hà. Pelo que nem se ha de dizer ser o esterco das baleas, nem o seu esperma, como querem muytos, porque se fora assim, acharse o ambar em todas as partes aonde há baleas. Há duas castas de ambar, hum pardo a que chamão Gris, que he muyto estimado em todo o mundo, outro preto que vale muyto pouco. Logo quando sahe este ambar he solto como sabaõ, mas dahi a poucos dias endurece, & fica com o cheyro que todos vemos, tendo muyto pouco, ou nenhum em massa. Diz que passa em cheyro a Arabia, porque em Arabia há muyto incenso, & outras cousas cheyrosas.

26

E Stando sossegado jà o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peyto occulto,
A causa o Tyonèo de seus tormentos:
Hum pouco carregandose no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Sò por dar aos de Luso triste morte,
Co' ferro alheyo fala desta sorte.

Thyoneo. He hum dos nomes de Baccho, como fica dito. *Vulto.* He o rosto chamado assim de *volo* palavra Latina, que quer dizer querer, porque o que temos na alma logo aparece no rosto.

Os de Luso. Saõ os Portuguezes chamados assim de Luso companheyro de Baccho, como fica dito muytas vezes.

Co' o ferro alheyo. Com forças alheyas porque não se atrevia Baccho por si a desviar os Portuguezes da empresa que tinhaõ entre mãos, pelo que procurava favor, & ajuda de Neptuno, para ver se por este meyo podia effectuar alguma cousa.

27

P Rincipe, que de juro senhoreas
De hum Polo, a outro Polo o mar irado
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que não passem o termo limitado:
E tu Padre Occeano, que rodeas
O mundo universal, & o tens cercado,
E com justo decreto assi permites,
Que dentro vivam so ae seus limites.

Princepe, que de juro senhoreas. Daqui começa Baccho a trattar sua causa diante de Neptuno, & outros senhores do mar, o que pretende he, persuadilos a que não consintão os Portuguezes no seu Reyno, antes os persiguaõ,& avexem, pois saõ taõ atrevidos que entraõ em Reynos alheyos sem licença, & vontade do Senhor delles. He esta petição à imitação de Virgilio liv. 1. Æneid. em huma oração que Juno molher de Jupiter fez a Eolo senhor dos ventos, pedindo-lhe destruisse a Eneas no mar, para que não chegasse a Italia, como Baccho aqui queria fazer, que os Portuguezes não entrassem na India. Contem esta petição todas as partes, que se requerem, as quaes saõ tres, primeyramente pedir a quem tem poder, segundariamente pedir cousa justa, ultimamente mostrarnos gratos da mercé que se nos fizer, ou mostrar que vay tambem muyto aos que haõ de ajudar, como aqui os Deoses do mar, cujo Reyno se perderia se não resistissem à entrada dos Portuguezes. Pede Baccho a quem póde, pois pede a Neptuno senhor do mar, que o favoreça nelle, & juntamente aos mais senhores do mesmo mar, como consta destas duas oytavas desde aquellas palavras: Princepe que de juro senhoreas. O que pede he justo, pelo grande atrevimento dos Portuguezes, pois não se contentando com suas terras se metem por Reynos alheyos, & atravessaõ os mares sem licença de Neptuno senhor delles. Por Princepe entende Neptuno.

De hum Polo a outro polo. De Norte a Sul, termo he, que muytas vezes declaramos em estas nossas annotações.

E tu padre Oceano. Este fazem os Poetas grande Senhor do mar, & segunda pessoa depois de Neptuno, como aqui o faz Luis de Camões. Do Oceano se veja o que fica dito atràs no canto primeyro oytava 19.

28

E Vòs Deoses do mar, que naõ sofreis,
Injuria alguma em vosso Reyno grande,
Que com castigo igual vos naõ vingueis
De quem quer, que por elle corra, & ande
Que descuydo foy este, em que viveis?
Quem póde ser, que tanto vos abrande,
Os peytos com razaõ endurecidos,
Contra os humanos fracos, & atrevidos?

E vòs Deoses do mar. Entende Nereo, Glauco Thetis, & outros.

Contra os humanos fracos, & atrevidos. O que Baccho tacha aos Portuguezes he serem atrevidos, que

que a mayor gloria,& honra que elles pódem ter, mayormente em cousas tão arduas , & difficultosas como elles commettiaõ. E por tão bom fim, porque como diz Plinio, *in magnis, audere magnum est* , em cousas grandes o atrevimento he cousa grande. E aquelle grande Tyrteo, ao qual Plataõ em muytos lugares chama Poeta divino, fallando a este proposito diz:

Non enim vir bonus existit in bello
Si non sustineat cædem videre cruentam,
Et propius hostes stare cupiat,
Hæc virtus est: hoc optimum inter homines præmium.

Não se póde ter por ruim soldado o que fizer rosto a cutiladas,& mortes:& que não folgar com inimigos perto.Isto he cavallaria. Aristoteles nas Ethicas poem o atrevimento, & medo por extremos da fortaleza. He materia esta larga, & que comprende muytas materias.Quanto a este lugar, & proposito o atrevimento he fortaleza , & em materias de cavallaria,& virtude foy sempre louvado, & o medo nenhuma descarga tem. Em outras cousas como he commetter vicios , & fazer contra o que pede a honra , & a razão , o medo, & cobardia tem lugar.

29

Vistes,que com grandissima ousadia,
Foram já cometer o Ceo supremo:
Vistes aquella insana fantasia,
De tentarem o mar com vella,& remo:
Vistes,& ainda vemos cada dia,
Soberbas,& insolencias taes,que temo,
Que do Mar,& do Ceo,em poucos annos,
Venhaõ Deoses a ser,& nós humanos.

Foraõ já cometer o Ceo supremo. Para confirmação da ousadia, & desenvoltura dos Portuguezes em a navegação de mares allega Baccho tambem outros excessos , que os homens fizeraõ contra os falsos Deoses, primeyramente os Gigantes filhos da terra , os quaes procuravão lançar Jupiter do Ceo,& destruir todos os mais Deoses,para desaggravar sua mãy a terra , a qual os criou para este effeyto , como conta Ovidio nas Metamorphoses, & Claudiano na sua Gigantomachia , & Macrobio nos Saturnaes , aonde moralisa esta fabula. *Vistes aquella insana fantesia de tentarem o mar com vela , & remo.* Este dito he geral contra todos os homens,que se atrevaõ a andar no mar, ainda que principalmente parece entender aqui os primeyros que o fizeraõ, como foraõ os Argonautas, dos quaes temos fallado muytas vezes neste livro.Chama aqui o Poeta ao navegar fantesia insana , que podemos, por termos mais claros)declarar doudice.Na verdade ella foy invenção de homẽs demasiadamẽte atrevidos.Dõde disse o Poeta Euripides:

Quisquis mare navigat,is aut insanit,
Aut mendicus est,aut mori cupit:ex his tribus
Non fieri potest,quin saltem unum verum sit.

O que navega tem hum de tres males , ou he doudo , ou pobre , ou amigo de morrer. Destas tres cousas não póde deyxar de ser huma.

30

Vedes agora a fraca geraçaõ,
Que de hum vassalo meu o nome toma,
Com soberbo,& altivo coração,
A vos,& a my,& o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso Reyno devassando,
Os vossos estatutos vaõ quebrando.

Vedes agora a fraca geração , que de hum vassallo meu o nome toma. Entende aos Portuguezes chamados Lusitanos de Luso companheyro de Baccho, ou como elle aqui quer, ser seu vassallo : os quaes diz que procediaõ no negocio da navegaçaõ com mais ousadia do que o fizeraõ os Romanos.

31

E vi q contra os Mynias,que primeyro
No vosso Reyno este caminho abriraõ,
Boreas injuriado,& o companheyro
Aquillo,& os outros todos resistiraõ:
Pois se do ajuntamento aventureyro
Os ventos esta injuria assi sentirão,
Vos,a quem mais compete esta vingança,
Que esperays:porque a pondes em tardança?

Eu vi que contra os Minias. Veja-se a nossa annotação no canto 4.oytava 83.

32

E Naõ consinto,Deoses,que cudeys,
Que por amor de vos do Ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que se me faz tambem ami.
Que aquellas grandes honras,que sabeys
Que no mundo ganhey,quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente,

33

Que o graõ senhor,& fados que destinão,
Como lhe bem parece,o bayxo mundo,
Famas

Famas mores, que nunca determinaõ
De dar a estes varoẽs no mar profundo:
Aqui vereys, ó Deoses, como en si naõ
O mal tambem a Deoses, que segundo
Se vè ninguem jà tem menos valia
Que quem com mais razaõ valer devia.

Que o graõ Senhor, & fados que destinaõ. Que cousa seja Fado, & em que sentido se possa tomar para se poder fallar delle fica trattado no canto primeyro, oytava 24.

Ninguem jà tem menos valia, que quem com mais razaõ valer devia. Moeda he que sempre correo no mundo, & que correrá em quanto elle durar, montar muyto pouco a gente de merecimentos, & pelo contrario ter grandes officios, & estados a que presta para pouco. He fruyta da terra, & taõ conhecida, que não tem necessidade de prova.

34

E Por isso do Olympo jà fogi,
Buscando algum remedio a meus pesares
Por ver se o preço que no Ceo perdi
Se por ventura acharey nos vossos mares.
Mais quiz dizer, & naõ passou d'aqui,
Porque as lagrimas jà correndo a pares
Lhe saltaraõ dos olhos, com que logo
Se ascendem as deydades dagua em fogo.

E por isso do Olympo jà fugi. Veja-se o canto primeyro oytava 17.

Se acendem as deidades da agua em fogo. Deidades da agoa saõ Deoses do mar, os quaes diz aqui o Poeta, que com a colera grande que tomáraõ pelas palavras que ouviraõ a Baccho contra os Portuguezes, aquella propriedade que tinhaõ de agoa, que he ser humida, & fria, se converteo em fogo, & furia, como na oytava seguinte se declara.

35

A Ira com que subito alterado
O coraçaõ dos Deoses foy num ponto,
Naõ sofreo mais conselho bem cuydado,
Nem dilaçaõ nem outro desconto.
Ao grande Eolo mandaõ jà recado
Da parte de Neptuno, que sem conto.
Solte as furias dos ventos repugnantes
Que naõ aja no mar mais navegantes,

Ao grande Eolo mandão já recado. De Eolo se veja o que escrevemos no canto 1. oytava 58.

36

B Em quisera primeyro aly Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia.
Porem tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
Neptuno sabe bem o que mandou.

De Protheo, & Thetis se veja o que escrevemos no canto primeyro, oytava 19. & 16.

37

J A' lá o soberbo Hypotades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava,
Contra os varoẽs audaces, & animosos
Subito o Ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começaõ novas forças a ir tomando,
Torres, montes, & casas derribando.

Hypotades. He Eolo filho de Jupiter, & Sergesta filha de Hypotas Troyano, pelo que do nome do avó lhe chamaõ os Poetas Hypotades, como o nosso Poeta aqui.

38

E M quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, & lassa frota
Com vento sossegado proseguia,
Pelo tranquilo mar a longa rota:
Era no tempo, quando a luz do dia
Do Eoo Emisferio está remota,
Os do quarto da prima se deytàvam
Para o segundo os outros despertavam.

Fundo aquoso. O mar. *Era no tempo quando a luz do dia do Eoo Hemisphério está remota.* Descreve o tempo em que Eolo por mandado de Neptuno soltou os ventos, que foraõ causa de se levantar huma grandissima tormenta. E para mostrar que era alta noyte, diz que era quando a luz do dia està apartada do Oriente, ao qual chama Hemisphério Eoo, de Eous, a, um, que quer dizer, cousa do Oriente. Que cousa seja Hemisphério fica dito no canto 1. oytava 38 & 5. oytava 14.

Os do quarto da prima se deytavão. Entre os soldados se reparte o tempo em vigias, para que todos ajudem a levar a carga. E de noyte hà esta ordem, que os primeyros que estaõ de guarda logo no principio da noyte, que he a primeyra vigia, estaõ quatro horas, & pelo conseguinte os outros atè amanhecer.

39

VEncidos vem do sono, & mal despertos,
Bocejando a meudo, se encostavaõ
Pelas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares, que assopravaõ:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando os membros estiravaõ,
Remedios contra o sono buscar querem,
Historias contam, casos mil referem,

40

COm que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam pesado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deyxe o sono carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?

Responde Leonardo. Este soldado se chamava Leonardo Ribeyro, segundo me disse Luis de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo desenvolto, dezidor, & grande namorado.

41

NAõ he, disse Velloso, cousa justa,
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Naõ sofre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida hade ser, segundo entendo,
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

Não he disse Velloso. Este era hum Fernão Velloso, criado d'El-Rey de que nas Chronicas se faz mençaõ.

42

COnsentem nisto todos, & encomendaõ
A Velloso, que conte isto, que aprova:
Contarey, disse, sem que me reprendaõ
De contar cousa fabulosa, ou nova:
E porque os que me ouvirem daqui aprendão
A fazer feytos grandes de alta prova,
Dos nacidos direy na nossa terra,
E estes sejão os doze de Inglaterra.

Dos nacidos direy na nossa terra: Determina Velloso contar huma historia de doze Portuguezes, os quaes porque em Inglaterra venceraõ doze Ingleses se chamàraõ os doze de Inglaterra. Esta historia ainda que o Poeta aqui a tratta de modo que baste para entendimento do livro, todavia para mayor claridade farey hum breve discurso sobre ella, & além disto declararey pelas oytavas as palavras que tiverem necessidade de declaração.

43

NO tempo, que do Reyno a redea leve
Joam filho de Pedro moderava:
Depois que sossegado, & livre o teve
Do visinho poder, que o molestava:
Là na grande Inglaterra, que de neve
Boreal sempre abunda, semeâva
A fera Erimnis dura, & mà cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

Joaõ filho de Pedro. Este Joaõ filho de Pedro que aqui o Poeta nomea, he El-Rey Dom Joaõ o primeyro, por alcunha chamado de Boa memoria, filho bastardo d'El-Rey Dom Pedro o crù, & neto d'El-Rey Dom Affonço o bravo. Conta-se que despois que El-Rey Dom Joaõ de Boa memoria deu batalha a El-Rey de Castella, andando cá o Duque Dalencastre, porque El-Rey de Portugal era casado com huma sua filha, a qual elle lhe trouxera á Cidade do Porto, & alli casara com ella. E despois de assim a batalha ser dada, se foy o Duque para Inglaterra, & estando alli em seu contentamento, pela bondade, & valentia que nos Portuguezes vira, dos quaes elle fez fazer huma Chronica em Inglaterra dos feytos de armas que lhes vira fazer nas guerras de Castella. Assim que estando elle hum dia com as Damas da Raynha de Inglaterra em grandes solazes, & prazeres, & muytos Senhores, & Fidalgos Ingleses com elle, vieraõ os Fidalgos Ingleses a dizer ás Damas, que eraõ muyto feas, & que não tinhaõ servidores que lho contradissessem, & que elles estavão prestes para se combaterem com quaesquer Cavalleyros que lho contradissessem por sua parte, & que se quisessem combater com elles: estes eraõ doze, & ellas outras doze, de que ellas foraõ muyto agastadas: & pediraõ ao Duque que se doesse de suas honras, & lhe désse Cavalleyros que por sua parte se combatessem com os que isto lhe diziaõ, & que ellas os aceytariâo por seus servidores, se elles vingassem os defeytos que ellas tinhaõ daquelles Cavalleyros, por assim as injuriarem. O Duque rogou a alguns dos seus que aceytassem aquella demanda pelas Damas, o que elles não quiseraõ fazer por todos serem naturaes, entaõ mandou o Duque buscar alguns Cavalleyros, & não se poderaõ achar. então disse ás Damas: eu em minha Corte não acho Cavalleyros que se queyraõ combater com estoutros, mas porèm darvos hey hum conselho, se vós quiserdes, & he tal. Quando andey em Portugal, vi nas batalhas que El-Rey meu genro

deu a El-Rey de Castella, muytos, & bons Cavalleyros em feytos de armas: se vós quiserdes, eu vos nomearey doze, & estes os melhores, os quaes eu conheço: & escreverey a El-Rey meu genro que lhes dê licença, se elles quiserem tomar esta empresa: & vós escrever-lheheis cada huma sua carta, & eu tambem; & querendo elles vir, sereis satisfeytas de vossa injuria. Disseraõ ellas então, que lhe beyjávaõ as mãos, & que eraõ contentes. Poz logo o Duque os nomes delles cada hum em seu papel, & os nomes dellas da mesma maneyra: & lançàraõ sortes, & aconteceo a cada Cavalleyro sua Dama: de maneyra que pelo nome sabia já cada Dama qual era o seu Cavalleyro pela sorte que lhe acontecera. Então cada huma enviou sua carta ao seu: & o Duque pelo semelhante enviou a cada hum sua carta, em que lhes rogava, & pedia quisessem assim pelo amor delle, como pelo que deviaõ á ordem da cavallaria, aceytar aquella empresa por cada huma daquellas Damas; pois em sua Corte não achava Cavalleyros que por parte dellas a quisessem aceytar. Chegado o Embayxador das Damas a este Reyno, foy recebido nelle com tanto alvoroço de alegria, que aquelle se tinha por mais ditoso, que vinha pelas Damas nomeado: por haver muytos outros que de boa vontade aceytariaõ a empresa. Mas os doze nomeados responderaõ, que pedida a licença a El-Rey de Portugal, elles seriaõ lá (prazendo a Deos) pela festa do Espirito Santo, que era o prazo que os outros tinhaõ posto para a batalha. A licença deu-lha logo El-Rey: & estes Cavalleyros se affirma que eraõ todos naturaes da Serra da Estrella, dos lugares que estaõ pelas faldras della, como Trancoso, Pinhel, & outros: entre os quaes era hum Alvaro Vaz de Almada, que despois foy Conde de Abranches em França, & outro Alvaro Gonçalves Coutinho, de Alcunha o Magriço, filho do primeyro Marichal Gonçalo Vazques Coutinho, & irmão de Dom Vasco Coutinho, primeyro Conde de Marialva. E outro dizem que se chamava Joaõ Pereyra Agostin, filho segundo de Gil Vazques da Cunha, senhor das terras de Basto, & Monte longo, & Alferes mór d'El-Rey Dom Joaõ de Boa memoria. Os outros hum delles se chamava Pacheco, & outro Pedro homem, & outros, que eraõ por todos doze, & todos muy esforçados, & valerosos Cavalleyros. Os quaes se foraõ á Cidade do Porto: & os onze delles se foraõ em huma nao que ahi tomàraõ caminho de Inglaterra. Alvaro Gonçalves Magriço quiz hir por terra, por ver mundo, promettendo a seus companheyros que se no caminho não morresse, seria com elles no tempo do prazo. Os da nao foraõ a salvamento, & aportàraõ em a Cidade de Lôdres, aonde foraõ bem recebidos: & estando ahi, não faltavão mais que dous dias do prazo em que se havia de dar a batalha. As Damas dos onze estavão em extremo contentes, porque tinhaõ alli seus Cavalleyros: & a Dama de Alvaro Gonçalves Magriço pelo contrario muyto agastada, tendo-se por mais mofina que todas, pois nella cahira a sorte do seu Cavalleyro não cumprir a palavra que tinha dado. A qual os onze consolavão dizendo, que se não agastasse, porque elle era tal Cavalleyro que cumpriria sua promessa, salvo se a morte lho estorvasse. E que se assim fosse que elles onze se combateriaõ com os doze Inglezes, & tomariaõ alli tambem sua fama, & honra. Estando elles nisto chegou o Alvaro Gonçalves Magriço, com que ella, & elles foraõ muyto ledos: & foraõ-se todos os doze então ao Duque, & disseraõ-lhe, que elles eraõ alli vindos a seu rogo, & mandado, & porque eraõ Cavalleyros estrangeyros, & os com que haviaõ de fazer batalha, naturaes, & grandes Senhores, & podia acontecer que dando-lhes Deos vitoria, os tratassem mal, que lhe pediaõ os segurasse. Entaõ o Duque chamou os doze Cavalleyros Inglezes, & lhes disse que elles eraõ os cometedores deste desafio, & que as Damas apresentavão por si aquelles Cavalleyros: & que se a caso fosse que os vencessem, que elles lhes não fizessem nenhum desaguizado por si, nem por seus parentes: & que elle os tomava sobre sua cabeça: & que soubessem que se alguma cousa se lhes fizesse que a elle era feyta, & que castigaria a tal culpa, assim como se contra a pessoa delle Duque fosse commettida. Ao que responderaõ que elles os seguravão, & que não houvessem receo de nada. Estando assim *já seguros* os Portuguezes, forão o dia da batalha ver as suas Damas, & receberaõ de cada huma seu joel, que traziaõ nos elmos, & com elles se foraõ todos armados a pé meter no campo: & os Juizes os meteraõ dentro, estando o Duque, & toda a Cidade de Londres em grandes cadafalsos, aonde tambem estavão as Damas. Assim que entràraõ na batalha. O motivo do desafio foy, o que atrás fica dito. ſ que as Damas eraõ muyto feas, & pouco para serem amadas, & taes que nenhum Cavalleyro ousaria por força de armas a lhe contradizer isto. Ao que os Portuguezes responderaõ, que as Senhoras eraõ muyto gentis molheres, & taes que Cavalleyros, & de terras tão remotas, como as suas eraõ, folgavão de as servir, & de se matarem em batalha com elles por amor dellas. & os Juizes lhe partiraõ o Sol. Então começàraõ de se combater, primeyro com massas de ferro, & despois com espadas: & foy a batalha muy cruel, & tão dura, que começàraõ pela manhã, & a horas de terça descançàraõ: & quando veyo a segunda batalha, meteraõ-se os Portuguezes tão apertadamente com elles, que finalmente feriraõ os oyto muyto mal, & os lançàraõ fóra do campo: no qual ficàraõ os Portuguezes vencedores, & com muyta honra tirados delle, & levados â pousada, que para isso estava ordenada, aonde os vieraõ visitar suas Damas, & o Duque. E ao tempo que se assentàraõ à mesa, as Damas lhes deraõ agua ás mãos cada huma ao seu: & quando a de Alvaro Gonçalves Magriço lha quiz dar, elle escondeo as suas, dizendo que não lhe havia de dar agua ás mãos molher, se não homem:

mem: & rogando-lhe ella, que lhe fizesse aquella mercé, elle não queria, tendo sempre as mãos detrás: mas a Dama apertou tanto com elle, dizendo que pois as outras lançàraõ agua ás mãos a seus Cavalleyros, que ella em toda a maneyra havia de fazer o mesmo, & assim se não podia escusar, & então disse: Senhora sabeis porque não quero que me lanceis agua ás mãos he, porque as tenho muyto cabelludas, & vendo-mas assim, temo que vos aborreça. E dizem que este Cavalleyro tinha em tanta quantidade os cabellos nas mãos, que quasi lhe cobriaõ as unhas. A Dama lhe respondeo, Senhor, antes ellas vossas mãos sou eu mais obrigada a lavar, & fazer-lhe todo o acatamento, pois que por ellas me livraste da deshonra, & infamia que aquelles Cavalleyros me queriaõ dar: & então lhe consentio que lhe désse agua às mãos.

Depois de estarem alguns dias na Corte, foraõ avisados que os Cavalleyros Inglezes determinavaõ de os matar, sentidos de os vencerem: pelo que pediraõ licença ao Duque para se tornarem para Portugal. E posto que o Duque se punha por elles, assegurando-os que não houvessem medo: elles não quiseraõ ficar, porque não se levantassem treyções no Reyno, & assim se foraõ. Aqui vos não saberey mais dizer, que de tres que ficàrão em aquellas partes: & os nove se tornàraõ para Portugal. O Conde de Abranches que ainda o não era, fez em França taes feytos em armas, que o fez El-Rey de França Conde daquelle lugar de Abranches. Este veyo depois a morrer na batalha da Alfarrobeyra, com o Infante Dom Pedro, como referem os Dialogos de Varia Historia Dialogo 4. cap. 2. E Alvaro Gonçalves Magriço, se foy tambem para Flandes, aonde estava a Infanta Dona Isabel, filha d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Portugal, casada com o famoso Philippe Conde de Flandes, Duque de Borgonha. Ao qual neste tempo chamava a Cortes El-Rey de França, porque todos os Condes de Flandes erão seus vassallos. Sabido pela Infanta disse ao Conde seu marido, que não fosse, porque ella queria hir áquellas Cortes. E assim o fez. E quando foy ao assentar no auto das Cortes, a Infanta mandou por a sua cadeyra junto, & igual com a d'El-Rey. E sendo-lhe isto estranhado pelos grandes de França: disse que ella merecia aquelle lugar, porque ella era filha de Rey: & mais que ella daria Cavalleyro que fizesse conhecer por força de armas, que o Condado de Flandes, não era tendo a vassallagem aos Reys de França. El-Rey assinou o dia para a batalha, & logo se nomeou hum valente Cavalleyro Francez para defender o contrario do que ella dizia. E ella deu por si a Alvaro Gonçalves Coutinho o Magriço, porque não achou Flamengo, que ousasse de entrar nesta batalha. O dia assinado, & o campo seguro, os Cavalleyros forão metidos nelle, & arremeterão hum ao outro, & dos encontros ambos forão em terra, vierão ás espadas, & andárão em sua batalha muyto espasso de tempo. E no fim o Francez foy morto, & vencido das mãos de Alvaro Gonçalves Coutinho, & desta maneyra por suas mãos, por servir a dita Infanta, ficou Flandes fóra da subgeyção de França. Esta Historia conta aqui Luis de Camões, mas porque no verso nunca se diz tão claramente que se escuse declaração, fiz aqui este breve discurso, & quando se offerecer no verso alguma cousa escura tambem o declararey.

Do vezinho poder que o molestava. Dos Castelhanos vezinhos.

Da neve boreal. Neve frigidissima. Boreal se chama de Boreas, que he o norte, por ser Inglaterra chegada a elle, & por este respeyto muyto fria. *Fera Erymnis.* Erymnis he nome Grego, & geralmente quer dizer qualquer furia, & desatino. Os Poetas pintão tres, as quaes são, Alecto, Thisiphone, & Megera: que são causa de todas as discordias que há no mundo: pelo que usa aqui o Poeta do nome geral dellas todas, que he Erymnis, dando a entender que todas se ajuntárão para semear esta cizania, & discordia entre as Damas, & Fidalgos Inglezes.

Que lustre fosse à nossa Lusitania. Da qual cizania, & contenda fosse Portugal illustrado. A differença que ha entre esta Relação, & os versos de Luis de Camões he, que na Relação se diz que a briga foy a pé com maças de ferro no principio, & depois com espadas. Luis de Camões diz que foy a cavallo. Mas não temos certeza por ser cousa sem memoria, em Inglaterra dizem que a há, & Luis de Camões faria esta differença para ornato de sua Poesia.

44

ENtre as damas gentis da Corte Ingleſa,
E nobres corteſaõs, a caſo hum dia
Se levantou diſcordia em ira aceſa
Ou foy opiniam, ou foy porfia:
Os Corteſaõs, a quem tam pouco peſa
Soltar palavras graves de ouſadia,
Dizem, que provaràm, q̃ honras, & famas,
Em taes damas nam ha para ſer damas,

Dizem que provàraõ. Este foy o motivo, que foy causa de haver a batalha, de que atrás fallámos entre os Portuguezes, & Inglezes.

45

E Que ſe houver alguẽ cõ lança, & eſpada,
Que queyra ſuſtentar a parte ſua,
Que elles em campo raſo, ou eſtacada,
Lhe daràm fea infamia, ou morte crùa;
A femenil fraqueza pouco uſada,
Ou nunqua a oprobrios taes vendoſe nùa
De forças naturaes convenientes,
Socorro pedem a amigos, & parentes,

A fementil fraqueza. As Damas molheres fracas.

46

MAs como fossem grandes, & possantes
No Reyno os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas fermosas, & bastantes
A fazer, que em socorro os Deoses levem
De todo o Ceo por rostos de alabastro,
Se vam todas ao Duque de Alencastro.

47

ERa este Inglez potente, & militára
Cos Portuguefes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheyros, & benigna estrella:
Naõ menos nesta terra exprimentára,
Namorados effeytos, quando nella
A filha vio, que tanto o peyto doma
Do forte Rey, que por mulher a toma.

Era este Ingles. Este Duque de Lencastre por morte de sua primeyra molher casou com Dona Constança filha mayor d'El-Rey Dom Pedro de Castella por alcunha o cruel, ao qual matou hum seu irmão por nome Dom Henrique, & se empossou do Reyno, por cuja morte ficou em seu lugar hum seu filho por nome Dom Joaõ, & como a mulher do Duque de Lécastre filha mayor d'El-Rey Dom Pedro o cruel de Castella sofresse mal estar o Reyno de Castella, que a ella lhe vinha por direyto, em poder de Dom Joaõ seu primo, vendo occasiaõ para se poder satisfazer nesta parte, que eraõ as guerras que havia entre Portugal, & Castella, acabou com seu marido o Duque quisesse vir a estas partes. O Duque escreveo a El-Rey Dom Joaõ de Portugal como elle determinava vir a estes Reynos com huma grossa armada, para tomar os Reynos de Castella, & Leaõ que estivesse prestes, & o ajudasse por terra. Veyo o Duque, & desembarcou na Corunha, & entrando por Galiza, & empossando-se de algũs lugares della, vio em os Portuguezes, que em sua companhia trazia fazer cousas de muyto esforço, & cavallaria, pelo que lhe era muyto affeyçoado, & os tinha na conta que elles mereciaõ.

A filha vio, que tanto o peyto doma do forte Rey. Esta foy Dona Philippa filha do Duque de Lencastre, á qual se affeyçoou tanto El-Rey Dom Joaõ, que se casou com ella. Este casamento foy feyto no Porto, em dia de Nossa Senhora da Purificação, a hum Sabbado, dous de Fevereyro de mil trezentos oytenta & sete.

48

ESte, que soccorerlhe não queria,
Por naõ causar discordias intestinas,
Lhe diz, quando o direyto pertendia
Do Reyno lá das terras Iberinas:
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes taõ divinas,
Que elles sòs poderião (se naõ erro)
Sustentar vossa parte a fogo, & ferro.

Este que socorrerlhe não queria. O Duque não queria dar favor ás Damas nesta sua desavença, que com os Fidalgos Inglefes tiveraõ, por não causar inimizades, o que succederia se entendessem os Fidalgos que era contra elles em favor das Damas. E assim o conselho que deu de mandar a Portugal a buscar Cavalheyros, que defendessem sua causa, foy em segredo, & da maneyra, que os Cavalheyros o não soubessem.

Discordias intestinas. Discordias, interiores, & grandes.

Terras Iberinas. Terras de Hespanha. Chamaõ se assim de Iberus, que he o rio Hebro, que por ellas passa.

49

E Se agravadas Damas, sois fervidas,
Por vòs lhes mandarey Embayxadores,
Que por cartas discretas, & polidas,
De vosso agravo os façaõ sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras de afagos, & de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo,
Que alli tereis soccorro, & forte esteyo.

Tambem por vossa parte. Escrevendo-lhe, & trattando-lhe da razão que tendes de sahir por vossa honra.

50

DEsta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhes nomea doze Fortes,
E porque cada Dama hum tenha certo,
Lhes manda, que sobre elles lancem sortes:
Que ellas sò doze saõ, & descuberto,
Qual a qual tem cahido dos consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

E todas a seu Rey. As Damas todas fizeraõ huma carta a El-Rey Dom Joaõ o primeyro deste nome de Portugal, pedindo-lhe lhe fizesse mercé dos Cavalheyros sinalados pelo Duque.

Consortes. Saõ companheyras, que todas o erão no paço de Inglaterra.

51

JA' chega a Portugal o mensageyro,
Toda a Corte alvoroça a novidade,
Quizera o Rey sublime ser primeyro,
Mas naõ lho sofre a Regia Magestade:
Qualquer dos Cortesaõs aventureyro
Deseja ser com fervida vontade,
E só fica por bem aventurado,
Quem jà vem pello Duque nomeado.

E só fica por bemaventurado. Costume daquella primeyra idade, & verdadeyramente de ouro da Nação Portugueza, que nenhum outro intento tinhão se não honrar sua patria, & alcançar nome della.

52

LA' na leal Cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De portugal, armar madeyro leve
Manda, o que tem o leme do governo:
Apercebemse os doze em tempo breve,
De armas, & roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeyras, letras, & primores,
Cavallos, & concertos de mil cores,

Là na leal Cidade. Esta he o Porto, donde o nosso Portugal tomou o nome. E ainda que Luis de Camões o diga com esta salva, como he fama, resoluto està entre os homens doutos ser esta sua origem: como affirma Andrè de Resende em huma carta sua para Bertholameu Quebedo. Duarte Galvão na Historia d'El-Rey Dom Affonso o primeyro, Osorio Bispo de Sylves na Historia d'El-Rey Dom Manoel. E novamente Duarte Nunes de Leão.

Madeyro leve. He nao, figura muyto usada entre os Poetas, por a materia de que ella se faz.

O que tem o leme do governo. El-Rey Dom João o primeyro de Boa memoria, que neste tempo governava o Reyno.

53

JA' do seu Rey tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foraõ do Duque Ingles exprimentado:
Naõ ha na compnhia differença
De cavalleyro, destro, ou esforçado,
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla à forte companhia.

Mas hum só, que Magriço. Este he Gonçalo Vaz Magriço, de q̃ fica trattado neste canto oytava 48.

54

FOrtissimos consocios, eu desejo
Ha muyto jà de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̃ a do Douro, & Tejo,
Varias gentes, & leys, & varias manhas:
Agora, que aparelho certo vejo
(Pois q̃ do mundo as cousas saõ tamanhas)
Quero se me deyxais ir só por terra,
Parque eu serey com vosco em Inglaterra.

Fortissimos consocios. Fortissimos companeyros.

55

E Quando caso for, que eu impedido,
Por quem das cousas he ultima linha,
Naõ for com vosco ao praso instituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por my fareis, o que he divido,
Mas se a verdade o esprito me adevinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enveja,
Naõ faraõ, que eu com vosco là não seja.

Por quem das cousas he ultima linha. A ultima linha de todas as cousas he a morte, por ser o remate, & fim dellas. Assim o disse Horacio liv. 1. Ep. 16. *Mors ultima linea rerum est*, a morte he ultima linha das cousas.

56

ASsi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte,
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhàra o patrio Marte:
Navarra, & os altissimos perigos
Do Pirinèo, que Espanha, & Gallia parte,
Vistas em fim de França as cousas grandes
No grande Imperio foy parar de Frandes.

Lugares que ganhàra o patrio Marte. No tempo d'El-Rey Dom João o primeyro. No qual os Portuguezes fizerão muytas entradas no Reyno de Castella; & lhe tomàraõ muytos lugares em Liaõ, & Galiza, como se pòde ver nas Chronicas.

Co's altos perigos do Pyrineo. Dos montes Pyrineos se veja a nossa annotação no primeyro canto oytava 16.

57

ALli chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar, se deteve muytos dias,
Mas dos onze a illustrissima companha,
Cortão do mar do Norte as ondas frias:

Chegados

Chegados de Inglaterra à costa estranha
Para Londres já fazem todos vias,
Do Duque são com festas agasalhados,
E das Damas servidos, & amimados.

Cortão do mar do Norte as ondas frias. Mar do Norte he o que passa pelas partes do Norte, como Inglaterra, & outras naquella paragem, que pendem para o Norte. Chama às aguas do mar do Norte frias, porque naquellas partes até o mar se congela com a grande frialdade.

58

Chegase o praso, & dia assinalado,
De entar ẽ campo já cos doze Ingleses,
Que pello Rey já tinhaõ seguraao,
Armãose d'elmos, grevas, & de arneses:
Já as Damas tem por sifulgente, & armado
O Mavorte feroz dos Portugueses,
Vestemse ellas de cores, & de sedas,
De ouro, & de joyas mil ricas, & ledas.

Que pelo Rey já tinhaõ segurado. Como os Portuguezes eraõ estrangeyros, não quiserão entrar em campo com os Ingleses sem o Duque lho segurar.

O Mavorte feroz dos Portuguezes. Mavorte, & Marte saõ nomes do Deos da guerra dos antigos, que tomavão pela mesma guerra, como aqui o nosso Poeta toma Mavorte pelo esquadrão dos Portuguezes, que estava já a pique para pelejar.

59

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha com tristeza
Se vèste, por não ter, quem nomeado
Seja seu cavalleyro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Serà o negocio assi na Corte Inglesa,
Que as Damas vencedoras se conheçaõ,
Postos, que dous, & tres dos seus falleçaõ.

Com tristeza se veste. Veste-se de vestiduras negras de tristeza.

60

Já num sublime, & publico theatro
Se assenta o Rey Inglez com toda a Corte,
Estavaõ tres, & tres, & quatro, & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Naõ são vistos do Sol do Tejo ao Batro
De força, esforço, & de animo mais forte
Outros doze sair, como os Ingleses
No campo contra os onze Portugueses.

Do Tejo ao Batro. Do Poente ao Oriente, termo de fallar; porque mostramos todo o mundo ainda que se finale somente o Poente, & Oriente, & assim o usaõ os Poetas. Do Tejo se veja o que fica dito no canto quarto, oytava 10. Batro he Rio da Regiaõ Batriana de Asia, que nace do Monte Tauro. Querem alguns que se chame hoje Bochara. E porque o Tejo he Rio do Occidente, & Batro do Oriente, por isso os poem aqui para o sentido que lhe démos.

61

Mastigaõ os cavallos escumando
Os aureos freos com feroz semblante,
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num, & noutro bando
Partido desigual, & dissonante,
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçarse geralmente.

Ou rigido diamante. Do diamante se veja a nossa annotação no segundo canto oytava 4.

62

Viraõ todos o rosto a onde havia
A causa principal do rebolico,
Eis entra hum cavaleyro, que trazia
Armas, cavalo ao bellico serviço:
Ao Rey, & às Damas fala, & logo se hia
Para os onze, que este era o gram Magriço;
Abraça os companheyros, como amigos,
A quem naõ falta certo nos perigos.

63

A Dama como ouvio, que este era aquelle,
q̃ vinha a defender seu nome, & fama,
Se alegra, & veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que a virtude ama:
Já dão sinal, & o som aa tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflama,
Picão de espòras, largão redeas logo,
Abayxão lanças, fere a terra fogo.

O animal de Helle. He de ouro. Veja-se o que escrevemos no terceyro canto oytava 12.

Que a gente bruta mais que a virtude ama. O ouro de sua natureza não he mao, nem faz mal antes com elle se póde fazer muyto bem. O que o nosso Poeta aqui diz, he pelo mao modo que alguns tem no uso delle, que he pór nelle toda sua felicidade, que com muyta razão merecem o nome de brutos, que o Poeta aqui lhe dá.

64

DOs cavalos o estrepito parece,
Que faz que o cham debayxo todo treme;
O coração no peyto, que estremece,
De quem os olhos se alvoroça, & teme:
Qual do cavalo voa, que não dece,
Qual co cavalo em terra dando geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

Dos cavallos. Com muyto artificio nos pinta aqui o Poeta a entrada, & principio desta batalha: o animo dos Cavalleyros, impetu, & furia dos cavallos, & o successo da demanda, & como em breve tempo esteve a vittoria pelos Portuguezes.

65

ALgum da lli tomou perpetuo sono,
E faz da vida ao fim breve intervalo,
Correndo algum cavallo vay sem dono,
E noutra parte o dono sem cavalo:
Cae a soberba Inglesa de seu trono,
Que dous, ou tres já fóra vão do valo;
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais achão já que arnês, escudo, & malha.

Algum d'alli tomou perpetuo sono. Chama á morte sono perpetuo como lhe chamão todos os Poetas. Horacio Od. 24. liv. 1. *Ergo Quinctilium perpetuus sopor urget*, hum perpetuo sono aperta Quintilio, para dizer he morto Quintilio. O mesmo Horacio Od. 12. liv. 3. lhe chama grande: *Ne longus tibi somnus unde non times detur*, porque vos não venha comprido sono, donde não cuydais. E Virgilio liv. 10. Æneid. sono de ferro: *Olli dura quies oculos, & ferreus urget somnus*, hum sono de ferro lhe aperta os olhos. E assim em outros muytos lugares. Homero liv. 14. Iliad. faz o sono irmão da morte. *Ubi somno obviavit fratri mortis.* Onde se encontrou com o sono irmão da morte.

66

GAstar palavras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendamos,
Que com finezas altas, & afamadas,
C'os nossos fica a palma da vitoria,
E as Damas vencedoras, & com gloria.

Gastadores maos do tempo. Homens que gastão o tempo em escrever fabulas, & fingimentos, dos quaes hâ abundancia na terra.

67

REcolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços com festas, & alegria,
Cozinheyros occupa, & caçadores
Das Damas a fermosa companhia:
Querem dar aos seus libertadores,
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Atè tornar á doce, & cara terra.

68

MAs dizem, q̃ com tudo o gram Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lâ se deyxou ficar, onde hum serviço,
Notavel à Condessa fez de Frandes:
E como quem não era jà noviço,
Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
Hum Francez mata em campo, que o destino
Là teve de Torcato, & de Corvino.

O graõ Magriço. Este Cavalleyro se chamava Alvaro Gonçalves Coutinho o Magriço, do que já falámos atrás na oytava 43. E álem de que já temos delle contado: dizem tambem que em Flandes livrou a Condessa Madama Leonor de hum aleyve que lhe levantou hum Alemão por nome Ranulpho de Colonia, ao qual matou em desafio na Cidade de Dunquerque: E em Orlians Cidade de França venceo em desafio Monsiur de Lansay diante d'El-Rey de França, & lhe tirou hum collar de ouro do pescoço, como Tito Manlio mancebo Fidalgo Romano, fez a outro Francez em desafio, como conta Tito Livio liv. 7. pag. 213. sub litera B. E. M. Valerio Tribuno, que por hum corvo que no desafio se lhe poz no capacete, se chamou de alcunha Corvino, como conta Tito Livio lib. 7. pag. mei libri. 222. sub littera G. pelo que o Poeta aqui diz que teve o destino de Torquato, & Corvino, que tiveraõ desafios cõtra Francezes, & os venceraõ como o nosso Magriço.

69

OUtro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, & teve hum fero desafio,
C'um Germano enganoso, que com manha
Naõ devida, o quiz pôr no extremo fio:
Contando assi Velloso, jà acompanha
Lhe pede, que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, & vencimento,
Nem deyxe o de Alemanha em esquecimento.

Outro tambem dos doze em Alemanha. Este Portuguez dos tres que ficáraõ, que se lançou em Alemanha,

manha, chamava-se Alvaro Vaz de Almada. Conta-se delle que foy á Cidade de Basilea em Alemanha, aonde teve hum desafio com hum Alemão. O concerto do desafio foy que levassem ambos as mesmas armas, & que fosse tido por aleyvoso, & traydor, o que fizesse o contrario. Entrarão em batalha, & a juizo de todos Alvaro Vaz de Almeyda hia de vencida. O Alemão posto em aperto, quiz-se aproveytar de huma arma secreta que levava escondida com hum gancho, com a qual aferrou em hum hombro de Alvaro Vaz de Almeyda de maneyra, que lhe rompeo o arnès, & o ferio na carne. Sentindo-se picado, & vendo o engano do Alemão, ferrou-se com elle, & lançando-lhe as mãos às guellas, de tal maneyra lhas apertou, que lhe fez deyxar alli o folego. O emperador, & todos os mais circunstantes julgarão o Almada por grãde Cavalleyro: & o Alemão por traydor, pois com aquelle engano o quizera matar. Contando Velloso estas cousas a seus companheyros, & ouvindo-as elles com muyto gosto, se levantou huma tormenta que o estorvou hir por diante.

Germano enganoso. Alemão enganoso, porque os Latinos chamão a Alemanha Germania, & aos Alemães Germanos.

70

MAs Neste passo assi prontos estando,
Eis o Mestre, q olhando os ares anda,
O apito toca, acordaõ despertando
Os marinheyros de huma, & de outra banda:
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaueas tomar manda:
Alerta, disse, estay, que o vento crece
Daquella nuve negra, que apparece.

Eis o mestre que olhando os ares anda. Pinta maravilhosamente a obrigação, & officio do mestre do navio, que he vigiar, & trazer o sentido no ar, para ver se hâ algum sinal de tempestade. Tal faz Virgilio liv. 5. Æneid. aquelle grande piloto de Eneas Palinuro, do qual diz estas palavras.

Talia dicta dabat, clavumque affixus, & hærens
Nusquam amittebat, oculos sub astra tenebat.

Nunca Palinuro, diz Virgilio, perdia ponto trazendo sempre os olhos no ar.

71

NAõ eraõ os traquetes bem tomados,
Quando dâ a grande, & subita procella,
Amaina, disse o Mestre a grandes brados,
Amayna, disse, amayna a grande vella:
Não esperaõ os ventos indinados,
Que amaynassem, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem com ruydo
Que o mundo pareceo ser destruido.

Não esperaõ os ventos indinados. O mesmo epithe[to] lhe deu Virgilio liv. 1. Æneid. *Illi indignantes magno cum murmure montis, Circum claustra fremunt.* Quando descreve o lugar, aonde Eolo seu Rey os tinha metidos. Elles, diz o Poeta, indignados fazem grande estrondo, & reboliço ao longo da sua cadea, aonde estão encerrados.

72

O Ceo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, & desacordo,
Que no romper da vella a não pendente,
Toma gram soma de agoa pello bordo:
Alli jà, disse o Mestre rijamente,
Alli jà tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar á bomba, não cessando,
A bomba, que nos himos alagando.

O Ceo fere com gritos. A imitação de Virgilio na Eneida liv. 5. *Ferit æthera clamor Nauticus.* A gente da nao fere o Ceo com gritos.

73

COrrem logo os soldados animosos
A dar à bomba, & tanto que chegàraõ,
Os balanços, que os mares temerosos
Derão à nao, num bordo os derribarão:
Tres marinheyros duros, & forçosos
A menear o leme não bastaraõ,
Talhas lhe punhão d'hũa, & d'outra parte,
Sem aproveytar dos homens força, & arte.

Talhas lhe punhaõ d'huma, & d'outra parte. Remedio he este que se usa algumas vezes em tempo de grande tormenta para indereytar a nao, & fazer que se não embalance, & penda para alguma part[e], rodeala de pipas, & talhas, amarrada primeyro com grandes calabres, & cordas, como diz o Poeta que aqui se fez. E conforme a isto se póde declarar aquelle passo dos actos dos Apostolos da tormenta que o Bemaventurado S. Paulo passou no mar indo preso para Roma, que para alguns he difficultoso. As palavras saõ estas: *Adjutorijs utebantur accingentes navim, timentes ne in Syrtim inciderent, submisso vase sic ferebantur.* Aproveytavaõ-se, diz a letra, de muytos remedios, & ajudas, cingindo a nao, temendo que fosse a dar em algum bayxo, & postos ao redor vasos, faziaõ seu caminho. Esta cingidura da nao se ha de entender, que hia com grandes calabres, & cordas grossas, para não fender, dando em algum bayxo, & para ir mais direyta, postas pipas, & talhas ao longo aferradas com as mesmas cordas. Nem he inconveniente dizer

a letra vaso por vasos,usando no numero singular por plural.

74

OS ventos erão taes,que não puderão
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vierão
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares,que crecérão,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante não,que mete espanto,
Vendo,que se sostem nas ondas tanto.

A fortissima torre de Babel. Para encarecimento da grande tormenta que havia no mar, poz aqui aquella tão celebrada torre,que os filhos de Adão fizeraõ na terra de Suria despois do diluvio:dizendo que não se conjuràraõ os montes com mayor furia se se ajuntàraõ para derribar a fortissima torre de Babylonia.Esta torre conta Josepho nas antiguidades liv.1. cap.9. que a fez edificar Nemrod filho de Cam, & Neto de Noè, homem soberbo, & de má consciencia, induzindo aos mais a fazer aquella obra, dizendo que não attribuissem a Deos verem na vida bens, que cada hum se fiasse de seu braço, & puzesse sua confiança em suas forças: & que para isto era necessario edificar se hum lugar alto,forte,& inexpugnavel,aonde não houvesse cousa,que lhe pudesse prejudicar. Contentou tanto este conselho de Nemrod aos Hebreos, que procurárão edificar huma torre, ou por melhor dizer Cidade aonde vivessem seguros, & sem ter necessidade de ajuda alguma. Esta he a opinião de Josepho no lugar allegado, & que quasi todos seguem. Alguns Varoens doutos,& muyto versados na escritura dizem, que isto não procedeo de Nemrod, se não que os mesmos Hebreos quizerão fazer huma Cidade com hum forte muyto alto para viverem alli todos juntos, por ser gente entre si muyto conforme, & amiga: & que isto significão aquellas palavras: *Erat autem terra labij unius, & sermonum eorundem.* Fallavão todos huma mesma linguagem, & as mesmas palavras, como se mais claro dissérão: erão muyto conformes, & muyto amigos entre si, & como eraõ estes determinàraõ buscar lugar, aonde vivessem juntos, & que não houvesse cousa, que os apartasse. Mas como a vontade de Deos fosse outra, & quizesse povoar o mundo não permittio fossem por diante com sua obra. Pelo que os apartou huns dos outros por differentes partes do mundo, ensinando-lhe differentes linguagens para desta maneyra viverem, entendendo se huns aos outros. Quanto ao que a escritura diz, que edificavão estes homens huma torre,que chegasse aos Ceos,saõ palavras de encarecimento,que usa a escritura para trattar de huma cousa muyto alta. Nem havemos de dizer que estes homens fazião esta torre para terem aonde se recolhessem, succedendo outro diluvio, para nella se livrarem da força das agoas,pois estava alli Noè, ao qual(como se conta no Genesis liv. 8.) Deos Nosso Senhor tinha promettido, que não haveria mais outro diluvio de agoa, & que Noé se achasse alli ninguem o contradiz, porque Noé viveo 950. annos, & no anno sexcentessimo de sua idade,foy o diluvio, como se diz no lugar allegado do Genesis, & a torre foy edificada cem annos depois do diluvio, como dizem os mais Doutos dos Hebreos: ainda que Alguns querem, que fosse duzentos & setenta. De qualquer modo que seja, he cousa certa, que nesta volta andava Noè com seus filhos, aos quaes Deos havia promettido segurança. Nem havemos de cuydar, que hum Varão tão pontual cahisse em huma falta tão grande, como era desconfiar do que Deos lhe tinha promettido, & da escrittura não se collige o contrario,antes se inclina a isto. E porque naquelle lugar, que edificavão succedeo aquella divisaõ, & confusaõ de linguas, que se não entendião huns aos outros, foy chamado Babel, que nós em vulgar chamamos Babylonia, palavra Hebraica, na qual lingua quer dizer confusaõ.

75

A Nao grande,em q̃ vay Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meyo,
Quasi toda alagada,a gente chama
Aquelle,que a salvar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama,
Toda a nao de Coelho com receyo,
Com quanto teve o Mestre tanto tento,
Que priméyro amainou,que désse o vento.

A nao em que vay Paulo da Gama. Este Paulo da Gama era irmão do Capitão mór Vasco da Gama, de que neste livro se faz particular menção, por ser o primeyro descobridor da India.

Aquelle que a salvar o mundo veyo. Diz que naquella tormenta chamavão por Jesu Christo nosso Salvador.

Toda a nao de Coelho. Este se chamava Nicolao Coelho Capitão de huma nao da mesma conserva de Vasco da Gama, de quem já fallâmos atrás no no canto.

76

AGora sobre as nuves os sobião,
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece,que desciaõ
A as intimas entranhas do profundo:
Noto,Austro,Boreas,Aquilo querião
Arruinar a machina do mundo,
A noyte negra,& fea se allumia
Cos rayos,em que o Polo todo ardia.

As ondas de Neptuno furibundo. Em estas annota-

ções fica dito como Neptuno era tido entre os antigos por Deos do mar: & que os Poetas o tomaõ muytas vezes pelo mesmo mar como o nosso Luis de Camões aqui faz, aonde ao mar furioso chama Neptuno furibundo.

As intimas entranhas do profundo. Humas vezes, diz o Poeta, os levantavão as aguas sobre as ondas altissimamente. Outras vezes os afundavão tanto que parecia dar com elles no fundo do mar, a que chama entranhas intimas do profundo.

Noto, Austro, Boreas, Aquilo. São nomes proprios de ventos dos quaes fica trattado por muytas vezes.

C'os rayos em que o Polo todo ardia. Rayo aqui se toma pelo relampago, & outros fogos, que em tempo de tormenta, & tempestade cursaõ no ar, entre as quaes cousas costuma sempre cahir algum rayo.

Polo. He o Ceo, como fica dito.

77

AS Alcioneas aves triste canto.
Junto da costa brava levantàrão,
Lembrandose de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhes causàrão:
Os Delfins namorados entre tanto
Lá nas covas maritimas entràrão,
Fugindo á tempestade, & ventos duros,
Que nem no fundo os deyxa estar seguros.

Alcionèas aves triste canto. Alcionéas aves saõ os Massaricos, que chamamos os Portuguezes, aves, que vivem no mar, & terra. Há duas castas dellas, humas mayores a que chamão reaes, outras mais pequenas. Na cor não differem cousa alguma. Estas aves tem as particularidades, que os Autores escrevem da ave Alcione. Aristoteles, & outros pintão a Alcione huma ave nunca vista, nem ouvida. Pelo que em quanto a outra se não acha firmemonos nesta. Diz que levantàraõ triste canto, lembrando-se do seu primeyro pranto, porque fingem os Poetas que Alcione filha de Eolo, sabendo do naufragio de seu marido Ceyce, se lançou no mar, & dalli foy convertida em ave, como conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 11. E daqui dizem, que quando ha de haver alguma tormenta no mar, estas aves a sentem primeyro, & a seu modo a significão cantando: a que o nosso Poeta, por esta razão chama triste canto.

Os Delfins. Dos Delfins fica trattado atràs neste canto, oytava 22.

78

NUnca tão vivos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreyro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremeçou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No gram diluvio, donde sós viveraõ
Os dous, que em gente as pedras converteraõ.

Nunca tão vivos rayos fabricou. Para encarecimento desta tormenta diz: que nem quando Jupiter destruhio os Gigantes, que procurarão lançalo do Ceo, como conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 1. usou de tantos rayos como havia nesta tormenta, nem do diluvio geral em o qual o mundo foy destruhido com agoa, & o genero humano alagado, & afogado nella, houve tantos relampagos, & fogo, como aqui.

O graõ Ferreyro sordido. Este Ferreyro que o Poeta aqui poem, que fabricou as armas de seu enteado, foy Vulcano, que fazia os rayos a Jupiter seu pay: & foy casado com Venus, da qual Anchises Troyano houve Eneas, que fica sendo enteado de Uulcano; de cuja vida, & feytos Virgilio escreveo a sua Eneida. Chama-lhe o Poeta sordido, que quer dizer sujo, porque os Ferreyros não pódem andar limpos. Este, como conta Virgilio, fez as armas de Eneas a petição de Venus, & fez tambem as de Achilles a petição de Thetis, como conta Homero.

Nem tanto o graõ tonante arremessou. O graõ tonante he Jupiter, o qual conta Ovidio no mesmo livro primeyro das Metamorphoses, que vendo a grande maldade dos homens, determinou de os destruhir com diluvio de agoa, temendo que se o quizesse fazer com fogo, se lhe queymaria o Ceo. Isto saõ fabulas, & fingimentos Poeticos. Quanto a esta dos Gigantes que aqui contamos, & a do diluvio. Ovidio devia de ler o Genesis, & a destruhição, que fez Deos Nosso Senhor na torre de Babel, de que fallámos na oytava passada: & a do mundo com o diluvio, o que tudo attribuhio a seus idolos. E a Noé poz o nome Deucalion, & a sua molher Pyrrha, acrecentando outra invenção, que estes dous, que ficàraõ sós no mundo depois daquelle diluvio por mandado de Themis, que dava os oraculos, renovàraõ o mundo de huma nova maneyra, que foy lançando pedras por detrás das costas, & as pedras que o homem lançava se faziaõ subitamente homens: & das que lançava a molher se levantavão molheres. E isto he o que o Poeta aqui diz: *Donde sós viveraõ os dous que em gente as pedras converteraõ.* Que sómente escapàrão do diluvio os dous que das pedras fizerão homens, & molheres: os quaes forão Pyrrha, & Deucalion, como fica dito.

79

QVantos montes então, que derribàrão
As ondas, que batião denodadas,
Quantas arvores velhas arrancàrão
Do vento bravo as furias indinadas:

As forçosas raizes não cuydarão,
Que nunca para o Ceo fossem viradas,
Nem as fundas areas, que pudessem
Tanto os mares, que encima as revolvessem.

Quantos montes. Prosegue o encarecimento da tormenta, em que os Portuguezes andavão, diz que se as ondas colherão diante de si grandes montes os derribàraõ: & grandes, & antiguas arvores viràraõ com as raizes para o ar, como faziaõ nas fundas areas do mar, que as trazião por cima da agua, que he final de grande revolta, & trabalho, como disse Virgilio na Eneida: *Furit æstus arenis,* as areas fervião com a tormenta.

80

VEndo Vasco da Gama, que tamperto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar atè o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo subia:
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio santo, & forte,
Que o impossivel póde desta sorte.

81

DIvina guarda, angelica celeste,
Que os Ceos, o Mar, & Terra senhoreas,
Tu, que a todo Israel refugio dèste,
Por metade das agoas Erithreas:
Tu, que livraste Paulo, & defendeste
Das Scyrtes arenosas, & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Povoador do alagado, & vacuo mundo!

Aguas Erythreas. Aguas do mar roxo, chamado assim d'El-Rey Erythro, que Senhoreava aquellas partes, como diz Solino, & Quinto Curcio. Do mar roxo se veja a nossa annotação no segundo canto oytava 49. Aonde se tratta a verdadeyra razão da còr daquella agua. Da tormenta que passou o Bemaventurado S. Paulo trattàmos atrás neste canto. O segundo povoador do mundo alagado, de que o Poeta aqui falla he Noè, o qual por mandado de Deos fez huma Arca em que escapou com seus filhos das aguas do diluvio, como se conta no Genesis. Syrtes propriamente saõ lugares no mar bayxos, & aparcellados, altos em huma parte, & bayxos em outra. Chamaõ-se Sirtes de sirin verbo Grego, que quer dizer attrahir: porque com tormenta os lugares fundos attrahem a si a area, de que os bayxos tem muyta abundancia. E ainda que fallando propriamente, qualquer lugar desta maneyra se chama sirte, entre os autores saõ nomeados dous, os quaes estão nos confins de Africa contra o Egypto, hum se chama Syrte mayor, & outro menor. Veja-se Plinio, & Solino. As sirtes saõ assim no mar, como na terra. A viagem por terra he em os areaes de Lybia, aonde estão estas sirtes, que he tanto, & mais perigosa esta, que a do mar. Conta Plutarcho no fim da vida de Alexandre, que caminhando este valeroso Capitão pelos areaes de Lybia, se levantou hum vento, que lhe afogou cincoenta mil homens. A principal sirte da terra he da Cidade Quitauga, que esta no fim da Provincia de Drá, atè a Cidade Tumbuqutum, aonde os de Africa vão buscar o ouro, o qual vem alli da grãde Provincia de Mandinga. Nesta Cidade Quintauga se ajuntão as recovas dos almocreves que elles chamão Cafilas, & partem com seus Camelos, & odres cheyos de agua, porque em aquella jornada, que será de tres mezes, caminhando de dia, & de noyte, não ha agua mais que em duas, ou tres partes. Governão-se pelo Norte, como no mar, com os mesmos instrumentos, & astrolabios, & hà neste caminho grandes montes de area, que andão de huma parte para outra, de modo que não hà quem se entenda por aquella triste terra. Os homens, que cursaõ estes caminhos, costumão criar camelos de pequenos esteytos a não beber, quinze, & vinte dias, & estes saõ muyto pezados: & quanto mais sofrem a sede, tanto mais valem. Dos corpos que morrem nestes areaes se faz a myrrha que se vende pelas boticas. Da qual se trazem cayxões daquellas partes. He como cera quando a apanhão, & se se aperta nas mãos se desfaz como area. Ouvi huma pessoa que vio estes areaes, & caminhou por elles alguns dias, que cursava alli certo vento, ás vezes, tão quente que secava a agua que levavão nos odres. Destes areaes hà tambem do Cayro para Meca por toda Arabia deserta, na qual há tanta falta de agua, que em cem legoas de terra não há fonte nem poço.

82

SE tenho novos medos perigosos,
D'outra Scylla, & Carybdis jà passados,
Outras Scyrtes, & bayxos arenosos,
Outros Acorceraunos infamados:
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparados;
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

D'outra Scylla, & Carybdis. Veja-se a Scylla, & Carybdis o segundo canto oytava 45. Das Syrtes na oytava passada.

Outros Acroceraunios infamados. Ceraunios, ou Acroceraunos (como lhe chamão os Autores) saõ huns montes de Epyro, a que hoje chamamos Albania, assás nomeados, & conhecidos: seu commum nome he montes de Chimara, ou Chimaristos, como quer Ortelio na sua Synonimia Geographica. Este epitheto de infames lhe dão os

Poetas pelos muytos naufragios que alli acontecem. Quanto a mim Acroceraunios (ou como lhe chama Virgilio) Ceraunios he nome geral, & que compete a qualquer serra alta, se olhamos a Etymologia da palavra, porque he monte, & ceraunos rayo, & porque os rayos sempre costumão dar em lugares asperos, & altos, daqui os taes se chamaõ Acroceraunios, ou Ceraunios.

83

O Ditosos aquelles, que puderão,
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiverão
A santa Fé, nas terras Mauritanas!
De quem feytos illustres se souberão,
De quem ficaõ memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honrras della.

De quem se ganha a vida com perdella. Os que morrem em defenção de sua patria, & serviço de Deos, & de seu Rey, não se dizem perder a vida, mas ganhala, porque com seus feytos illustres fizerão, que ficasse perpetua a sua memoria entre os homens: pelo que estes vivem para sempre: & pelo contrario os que gastão mal a vida de tal maneyra morrem, que juntamente com elles morre sua memoria, porque não fizerão cousa digna de a ter na terra, salvo por tal que com ella sejão perpetuamente deshonrados.

84

ASsi dizendo, os ventos, que lutavão,
Como touros indomitos bramando,
Mais, & mais a tromenta acrescentavão,
Pella miuda enxarcia assoviando:
Relampagos medonhos não cessavão,
Feros trovoẽs, que vem representando
Cahir o Ceo dos eyxos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

Cahir o Ceo dos eyxos sobre a terra. Que cousa seja eyxo do Ceo, se veja no canto primeyro, oytava 24. & dos elementos no segundo canto.

85

MAs já a amorosa Estrella centilava
Diante do Sol claro no Orizonte,
Mensageyra do dia, & visitava
A terra, & o largo mar com leda fronte:
A Deosa, que nos Ceos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte,
Tanto que o mar, & a cara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Mas já a amorosa estrella scintilava. Descreve aqui o Poeta o tempo da menhã por termos muyto usados entre os Poetas. Ovidio nas Metamorphoses: *Lucifer undecimus stellarum coegerat agmen.* Já o undecimo Luzeyro tinha junto as estrellas, *id est*, já havia onze dias, & nomeava os dias por Luzeyros, porque esta estrella aparece cada dia duas vezes, huma antes que o Sol appareça no Orizonte, & outra despois de posto. Esta estrella he, a que os Astrologos chamão *Venus.* Quando vem antes do Sol chama-se *Lucifer*, de duas palavras Latinas, *Lux*, *& fero*, porque he mensageyra da luz, como lhe chamou aqui o Poeta. Quando vem despois de recolhido o Sol, se chama *hesperus*, *vesper*, ou *vesperugo*, entre os Latinos quer dizer, á tarde, por aparecer naquelle tempo.

A Deosa que nos Ceos a governava, De quem foge o ensifero Orizonte. Orizonte he huma constellação junto ao Signo Tauro, a qual tem dezasete estrellas, diz o Poeta aqui, que foge de Venus, porque está na parte Occidental diante de Venus, & vay sempre diante della. Pode-se tambem dizer, que foge do Orizonte de Venus, porque quando esta constellação aparece no Ceo, que he na entrada de Outubro começa de haver chuvas, & tempestades, que he contrario á qualidade de Venus, que causa serenidade, & quietação no ar, & assim os Poetas todos lhe dão por epitheto: chuvoso, tempestuoso, contrario aos que navegão, & outros que mostrão sua natureza. A fabula de Orion leão os curiosos em Ovidio liv. 5.

86

EStas obras de Bacco saõ por certo,
Disse, mas naõ será, que avante leve
Tão danada tenção, que descuberta
Me será sempre o mal, a que se atreve:
Isto dizendo, doce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás Ninfas amorosas,
Grinaldas nas cabeças pôr de Rosas.

Estas obras de Baccho saõ por certo. Estas palavras disse Venus, quando vio os Portuguezes no mar tão apertados da tormenta, que o Poeta vay contando.

87

GRinaldas manda pôr de varias cores,
Sobre cabellos louros á profia,
Quem não dirá, que nacem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Ninfas bellas,
Que mais fermosas vinhaõ, que as estrellas

Grinaldas

Grinaldas manda por. Como Venus vio o mar revolto, & os ventos que com sua furia determinavaõ destruhir a armada dos Portuguezes; ajuntou Nymphas do mar,& levou-as comsigo muyto fermosas, & concertadas com suas grinaldas nas cabeças,para ver se com isto podia fazer que os ventos se abrandassem de sua furia. *Roxas flores.* He a affeyção,de que a cor roxa he final. *Ouro natural.* He a fermosura. Mostra aqui ser cousa natural parecer bem a fermosura.

88

ASsi foy porque tanto que chegàraõ
A vista dellas,logo lhes falecem
As forças,com que dantes pelejàrão,
E já como vendidos lhe obedecem:
Os pès,& mãos parece,que lhe atàraõ
Os cabellos,que os rayos escurecem,
A Boreas,que do peyto mais queria,
Assi disse a bellissima Orithia.

Assi disse a bellissima Orithia. Orithia he nome de huma das Nymphas do mar, a que quiz muyto o vento Boreas.

89

NAõ creas fero Boreas que te creyo,
Que me tiveste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo,
E não convem furor à firme amante:
Se jà naõ pões a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte,mas temerte,
Que amor contigo em medo se converte.

E não convem furor a firme amante. O amor quer brandura: furias, & aspereza saõ para gente barbara. Ovidio conta liv. 3. na Metamorphoses que logo que o Gigante Polyphemo se affeyçoou a Galatea,quebrou de sua má natureza,& condiçaõ aspera.

90

ASsim mesmo à fermosa Galatea,
Dizia ao fero Noto,que bem sabe,
Que dias ha,que em vela se recrea,
E bem crè,que com elle tudo acabe:
Naõ sabe o bravo tanto bem se o crea
Que o coraçaõ no peyto lhe não cabe,
De contente de ver,que a Dama o manda,
Pouco cuyda que faz,se logo abranda.

91

DEsta maneyra as outras amançavão,
Subitamente os outros amadores,
E logo à linda Venus se entregavão,
Amançadas as iras,& os furores:
Ella lhes prometeo,vendo que amavão
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem,
De lhe serem leaes esta viagem.

Desta maneyra as outras amançavão. A ordem que Orithia, & Galatea guardarão em abrandar os ventos, que não procedessem na sua furia importuna, & contumaz, a mesma guardarão as outras Nymphas com os mais ventos. Venus vendo-os condescender com o que lhe pediaõ, prometteo favorecelos sempre em seus amores, & lhe tomou a omenagem de favorecerem nesta viagem aos Portuguezes.

92

JA' a menhã clara dava nos outeyros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da excelsa gavea os marinheyros
Enxergàrão terra alta pella proa:
Já fóra de tormenta,& dos primeyros
Mares,o temor vão do peyto voa,
Disse alegre o Polito Melindano,
Terra he de Calecut,se naõ me engano.

Terra he de Calecut, se não me engano. Entre huma serra (a que os naturaes por nome commum chamão Gate) & o mar, jaz huma cinta de terra, que aonde he mais larga tem dez leguas, & por algumas partes seis; segundo as enseadas, & cotovelos da terra se encolhem, ou estendem: & de comprimento tem oytenta leguas. Esta he a terra do Malavar; na qual está situada a Cidade de Calecut em huma Costa braba, & com pequenos Edificios; sòmente as casas dos Idolos, & do Rey, & de alguns Mouros nobres prestão, & todas as outras saõ palhaças, & de pouca importancia, cubertas de hum certo genero de folhas de palha, a que elles chamão ola. Veja-se desta Cidade de Calecut a nossa annotação no segundo canto, oytava 52.

93

ESta he por certo a terra,que buscais
Da verdadeyra India,que aparece,
E se do mundo mais naõ desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece,

Sofrer

Sofrer aqui não póde o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os giolhos no chão, as mãos ao Ceo,
A mercè grande a Deos agradeceo.

Verdadeyra India. Veja-se o que escrevemos no segundo canto, oytava 52.

94

AS graças a Deos dava, & razaõ tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava:
Mas viase livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fervido, & medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Como quem despertou de horrendo sono. Termo de fallar, para mostrar a mudança repentina, & subita tormenta, em bonança, que foy como succede aos que dormem, & subitamente acordão de hum horrendo, & trabalhoso sonho, em que estavão muyto opprimidos, & afadigados: que sonhando que se faziaõ em pedaços, ou lhe acontecia algum mal grande acordão subitamente livres.

95

POr meyo destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, & temores,
Alcançaõ os que saõ de fama amigos
As honras im mortaes, & os graos mayores:
Naõ encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Naõ nos leytos dourados entre os finos
Animaes de Moscovia Zebellinos.

Animaes de Moscovia Zebellinos. Não saõ estes animaes propriamente Martas, ainda que alguns lhe chamão Martas Zebellinas: he outra casta por si, saõ brancos, tem sómente a pontinha do rabo preta, saõ tão limpos de sua natureza, que se lhe poem qualquer cousa suja á porta das covas aonde habitão, não entrão nellas, & assim os tomão. Destas há muyta abundancia em Polonia, & Moscovia, pelo que o Poeta lhe chama aqui animaes de Moscovia. Chama-se este animal Zebello, pelo que o Poeta lhe chama animal zebellino, & as pelles se chamavão zebellinas, & saõ muyto presadas para forrar vestidos, como as Martas.

96

NAõ cos manjares novos, & exquisitos,
Naõ cos passeos molles, & nojosos,
Não nos varios deleytes, & infinitos,
Que afeminão os peytos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem sempre taõ mimosos,
Que naõ sofre nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude.

Que não sofre a nenhum que o passo mude. A molicie, & deleytes da vida, não deyxão fazer os homens o que saõ obrigados, antes sempre os inclinão para o mal, apartando-os de toda a obra boa, & virtuosa. Donde dizia Socrates, que os homens que pretendião prestar para alguma cousa, devião fugir dos deleytes, como das Sereas: porque assim como as Sereas com sua musica matavão, assim os deleytes matão com suas branduras.

97

MAs com buscar co seu forçoso braço
As honras, q̃ elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades, & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & Regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado cum arduo sofrimento.

Mas com buscar. Estas saõ as cousas com que a verdadeyra nobreza se alcança.

No regaço do Sul, & regiões de abrigo nuas. Nomea aqui as partes do Sul, as quaes assim como as do Norte saõ muyto frias, por estarem apartadas do Sol: & nomea estas: por partes, por onde os nossos Portuguezes cursarão muyto em suas navegações.

Temperado com hum arduo sofrimento. A salsa dos trabalhos he a paciencia, aonde ella não anda não há cousa perfeyta, como diz o Bemaventurado Santiago na sua Canonica. *Patientia opus perfectum habet.* A paciencia aperfeyçoa as obras; E o Poeta Prudencio:

Omnibus una comes virtutibus associatur
Auxiliumque suum fortis patientia miscet.
Nulla anceps luctamen init virtute sine ista
Virtus, & vidua est, quam non patientia format.

Só a paciencia, diz Prudencio, acompanha todas as virtudes, nenhuma se atreve a trabalho, nem difficuldade sem ella: & a que a não tem he viuva, & desemparada.

98

E Com forçar o rosto, que se enfia,
Aparecer seguro, ledo, inteyro

Para o pilouro ardente, que assovia,
E leva a perna, ou braço ao companheyro:
Desta arte o peyto hum calo honroso cria,
Desprezador das honras, & dinheyro,
Das honras, & dinheyro, que a ventura
Forjou, & naõ virtude justa, & dura.

99

DEsta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O bayxo trato humano embaraçado:
Este onde tiver força o regimento
Direyto, & naõ de affeyto occupado,
Subirà (como deve) a illustre mando
Contra vontade sua, & naõ rogando.

Desta arte. Ensina-nos o Poeta nesta oytava como só a virtude faz subir os homens que a seguem a alto lugar, & montar muyto nesta vida, porque tem por guia a paciencia, a qual não temendo difficuldades, nem perigos os poem em lugar, do qual vem a seu salvo a erronea, & desatino em que vivem aquelles que engolfados em cousas bayxas, & vis da terra, se esquecem da virtude. Estes taes aonde houver governo direyto serão tidos em conta, favorecidos, & honrados: & alcançarão as honras, & cargos, que merecem, ainda que os não pretendão, como se fazia no tempo dos Romanos. Disse muyto bem Luis de Camões, *Onde tiver força o regimento direyto*: porque de outra maneyra correm os negocios differentemente, & muytas vezes quem merece, perece.

OS

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Dà fundo a frota a Calecut chegada,
Manda-ſe menſageyro ao Rey potente,
Chega Monçaide a ver a Luſa armada,
E da Provincia informa largamente:
Faz Gama ao Samori ſua embayxada,
E recebido bem da Indica gente,
C'o Regedor da terra ao mar ſe torna,
Que de toldos, & flamulas ſe adorna.

CANTO SETIMO.

Chega Vaſco da Gama a Calecut. Propoem ſua embayxada ao Rey da terra. Deſcreve-ſe o ſitio do Reyno de Malabar. Vay o Regedor da terra a viſitar a noſſa armada.

I

JA' ſe viaõ chegados junto á terra,
Que deſejada jà de tantos fora,
Que entre as corrẽtes Indicas ſe encerra,
E o Ganges, que no Ceo terreno mora:
Ora ſus gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Iá ſois chegados, jà tendes diante
A terra de riquezas abundante.

Iá ſe vião chegados. Conta aqui o Poeta, como os Portuguezes houverão viſta da terra da India, a qual diz, que foy deſejada de muytos, porque pelas hiſtorias ſabemos como Alexandre, Trajano, & outros a pertenderão, & nenhuns fizeraõ aſſento nella tão de raiz como os Portuguezes.

Que entre as correntes Indicas ſe encerra. Eſta he a terra do Malabar, poſta no meyo da verdadeyra India entre os dous rios Indo, & Ganges, como fica dito no ſexto canto, oytava 92. Correntes Indicas, ſaõ correntes do rio Indo. Diz que o Ganges mora no Ceo terreno, que he o Parayſo da terra pelo que diz a Eſcrittura, que do Parayſo da terra ſahião quatro rios. O Bemaventurado S. Jeronymo, & S. João Damaſceno, Hugo, & outros muytos dos antigos tiveraõ, que eſtes rios eraõ: Ganges, Nilo, Tigris, & Euphrates. Alguns modernos querem que o Nilo, & Ganges não ſayaõ

yão do Paraylo Terreal, mas outros dous rios que dizem ser recolhidos com o Tigris, & Euphrates, cujos braços erão. Como este lugar não he de apurar duvidas tão largas deyxo a questão para as escolas, advertindo porém ser materia em que há muyto pouca certeza. E ainda que hoje saybamos os lugares aonde estes rios sayem, não havemos de cuydar que esta he a verdadeyra fonte, porque não he possivel saberse, pois se não sabe o lugar aonde o Parayso da terra esteve. E assim quando se tratta no nacimento destes rios, entende-se do lugar donde elles arrebentão, & a nosso juizo parece que nacem.

Ora sus gente forte. São palavras do Poeta com as quaes toma occasião para trattar algumas cousas dos feytos valerosos dos Portuguezes, animandoos, & fazendo-lhe praça do que seus antepassados sempre na vida fizerão, assim em defensaõ da Fé Catholicá, como de seu Rey, & sua patria, & como ainda que poucos, & metidos em hum canto pequeno do mundo, daqui se deraõ a conhecer por todo elle. Por terra de riquezas abundantes, entende a India, aonde tinhão já chegado.

2

A Vós ô geraçaõ de Luso digo,
Que taõ pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo,
Curral, de quem governa o Ceo rotundo:
Vós, a quem naõ sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas em cobiça, ou pouca obediencia,
Da Madre, que nos Ceos está em essencia.

A vós ô geração de Luso digo. Continua sua pratica com os Portuguezes, aos quaes chama geração de Luso, pela razão que fica dada no canto primeyro, oytava 1. os quaes diz que saõ muyto poucos, & que esta pequena terra que possuem he no curral amigo de Christo, em hum canto da Christandade. Louva-os da fortaleza, & cavallaria, pois nenhuns perigos saõ bastantes para os estorvar da conquista da Mourama, a que chama povo immundo, que quer dizer povo sujo. Louva-os tambem do zelo que tem da Fé de Christo nosso Senhor, que não ha cousa que os desvie de sua obediencia.

A Madre, que nos Ceos está em essencia. He a Igreja triumphante, lugar dos Bemaventurados. Chama-se triumphante, porque os que estão nella, estaõ em porto seguro. Esta em q̃ vivemos se chama Igreja militante, porque em quanto andamos nella, temos guerra com tão crueis inimigos: Diabo, Mundo, & Carne.

3

VO's Portuguefes poucos, quãto fortes,
Que o fraco poder vosso naõ pezais,
Vós, que â custa de vossas varias mortes,
A ley da vida eterna dilatais;
Assi do Ceo deytadas saõ as sortes,
Que vós por muyto poucos que sejais,
Muyto façais na santa Christandade,
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade.

Que o fraco poder vosso não pezais. Em louvor dos Portuguezes entre outras cousas diz o Poeta, que quando succede alguma cousa de honra, em que hajão de mostrar seu valor, & esforço, não pezaõ seu fraco poder, porque poucos se atrevem contra muytos, & que não estimando morrer, na vida dilatão seu nome, & fama de maneyra, que vivem eternamente, & que isto he negocio do Ceo, querer Deos que os Portuguezes com ser tão poucos, fação tanto na Christandade.

4

VEde os Alemaens, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta,
Do Successor de Pedro rebelado
Novo pastor, & nova seyta inventa:
Vedeo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nâõ contenta,
Não contra o superbissimo Otomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vede-los Alemães. Serrou o Poeta a oytava passada com aquella tão excellente sentença, que Deos levanta aos humildes, & derriba aos soberbos. E que esta he a razão porque os Portuguezes em suas empresas vão por diante, & os Alemães ficão atrás. Por guerras feas entende as que saõ contra Christãos. Cego error saõ as heresias. *Não contra o soberbissimo Ottomano.* Ottomanos se chamão os Emperadores de Turquia, do nome de hum Ottomano de que trazem sua origem. Foy este Ottomano chegado á casa do Emperador dos Turcos, o qual vendo-se desfavorecido nella, se ajuntou com alguns perdidos, que nunca faltaõ, & começou a fazer guerra a alguns lugares com que se atrevia nos seus principios, dos quaes tão fracos veyo em pouco tempo a ser Senhor de tantas terras, & Provincias, como todos sabemos. O que o Poeta diz nesta oytava he, que melhor fora aos Alemães, & Inglefes tomar armas contra os Turcos, que andar envoltos em heresias, & invenções na Igreja de Deos.

5

VEdes o duro Ingles, que se nomea,
Rey da velha, & santissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quem vio honra taõ longe da verdade)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneyra faz de Christandade,
Para os de Christo tem a espada nua,
Naõ por tomar a terra, que era sua.

Vedes o duro Inglez. Entre os titulos que tem os Reys de Inglaterra, hum he Rey de Hierusalem, estando esta Cidade hoje sujeyta, (como he notorio) ao Turco, o qual entende por Ismaelita, porque assim se chamão os Turcos, & Mouros, como fica declarado por muytas vezes. *Entre as boreaes neves se recrea.* He boreas o vento Norte, por neves boreaes se entende aqui as partes do Norte, aonde tem sua habitação. Estes diz o Poeta que fazem nova maneyra de Christandade, levantando novos ritos contra a Igreja Romana, & seguindo differentes seytas, como se pòde ver na historia Ecclesiastica de Inglaterra. Desta Ilha se veja o que escrevemos no terceyro canto, oytava 58.

6

GUarda-lhe por em tanto hum falso Rey,
A Cidade Hyerosolima terreste,
Em quanto elle não guarda a santa Ley
Da Cidade Hyerosolima celeste:
Pois de ti, Gallo indino, que direy?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Naõ para defendelo, nem guardalo,
Mas para ser contra elle, & derribalo?

Guardalhe por em tanto. Mostra aqui o Poeta ser Divina permissaõ ter Turcos a terra de que os Inglezes se intitulão por Reys, que he a Santa Hierusalem, em quanto elles andão apartados da Fé de Christo.

Pois de ti Gallo indigno que direy? Nota tambem os Francezes de gente adversaria do nome Christão, do qual elles tem hum tão largo, & excellente titulo, como he chamarem-se Christianissimos, de cuja origem se lea a nossa annotação no primeyro canto, oytava 13. E porque os Francezes se chamão Gallos no terceyro canto, oytava 16.

7

ACHas, que tens direyto em senhorios
de Christãos, sẽdo o teu tão largo, & tãto
E naõ contra o Cynifio, & Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se haõ de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto;
De Carlos, de Luis o nome, & a terra
Herdaste, & as causas naõ da justa guerra.

E não contra o Cynifio, & Nilo rios. Continua com os Francezes, os quaes diz que fora melhor gastar o tempo em guerra contra os Turcos, & Mouros, que contra Christãos, pois se chamão Christianissimos. Pelo rio Cynifio se entende os Mouros de Africa por onde passa o rio Cynifio. Por Nilo os Turcos, porque o Turco he Senhor de Egypto, que o rio Nilo rega. Deste rio se veja o que escrevemos no canto decimo.

De Carlos, & Luis. Forão Reys de França valerosissimos, & Christianissimos. De Carlos trattámos no canto primeyro. Do Bemaventurado S. Luis baste dizer que foy canonizado por Santo, & que reza delle a Igreja de Deos.

8

POis que direy daquelles, que em dilicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, lograõ as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nacem da tyrania inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo Italia fallo, jà sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma adversa.

Pois que direy daquelles que em dilicias. Quanto mal fação as dilicias aos homens trattey no sexto canto, oytava 96. Nesta oytava torna o Poeta a repetir os males deste vicio, do qual diz que nacem grandes males, como he assàs notorio, & principalmente o torpissimo da sensualidade, o qual nace de ocio, & delicias da vida como diz o Bemaventurado S. Jeronymo: *Ventrem cibo distentum voluptas sequitur genitalium,* a sensualidade procede do muyto comer. E S. Chrysostomo sobre S. Mattheus: *Vitium libidinis facile ex vacantia, & ocio nascitur*: O vicio da sensualidade tem sua origem do ocio. E o Poeta Ovidio:

Otia si tollas perière Cupidinis arcus
Contemptæque manent, & sine luce faces.

Onde falta o ocio não hà reynar malicia, & a sensualidade està a hum canto.

9

O Miseros Christãos, pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se daõ a morte dura
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Naõ vedes a divina sepultura,
Possuida de cães, que sempre unidos,

Vos

os vem tomar a vossa antiga terra,
azendose famosos pella guerra?

O miseros Christãos. Com muyta razão se queyxa nosso Poeta dos Christãos,pois tendo obrigação ter entre si paz,& conformidade , pois he gente vernada por razão, & que segue huma ley, que m tanto rigor lhe manda tenha paz entre si, es tanto ao contrario de sua obrigação tem erra huns com os outros , & não se confundem r os barbaros unidos , & amigos de maneyra, e pouco a pouco vaõ sujeytando o mundo a si. *Pela ventura sois os dentes de Cadmo.* Cadmo foy ho de Agenor Rey de Phenicia. Foy mandado r seu pay a buscar Europa sua filha, que Jupiter figura de touro lhe havia furtado , & que não rnasse a casa sem ella. Cadmo consultou o Oralo de Apollo , vendo que naõ achando sua irmã iropa , naõ podia tornar diante do pay , que alhe lho mandava , para saber que faria , aonde se ,fazer sua habitaçaõ.O Oraculo lhe respondeo, e acharia no campo huma vaca , que a seguisse, que aonde ella parasse, alli edificasse. Querendo dmo por em effeyto o que o Oraculo lhe manva , achando o lugar aonde havia de edificar, iz primeyro fazer sacrificio a Jupiter,para o que ndou seus companheyros a certa fonte,que perestava. Succedeo estar hum dragaõ naquella rte aonde estava a fonte , o qual como houve ta daquelles homens,que hiaõ buscar agoa,cheu , & matou a todos. Cadmo vendo que seus mpanheyros tardavaõ muyto determinou hilos scar , mas achou-os mortos , & o dragaõ sobre es. Cadmo matou o dragaõ. Estando neste esta- Cadmo , chegou Pallas , que os antigos faziaõ cosa da guerra,& disse-lhe que semeasse na terra dentes daquelle dragaõ. Fez Cadmo o que Pal- lhe mandou, & logo dos dentes do dragaõ se lentaraõ homens armados,os quaes huns com ouos sendo todos irmãos se mataraõ. Conta esta bula Ovidio nas Metamorphoses liv. 3. in prin- pio. O nosso Poeta quer aqui mostrar como os hristãos são como os dentes do dragão , que admo semeou por mandado de Pallas , os quaes mataraõ huns aos outros , sendo todos irmãos: que fazem os Christãos , pois podendo ter guer- com gente inimiga, & contraria, a tem entre si ns contra outros. *Divina Sepultura.* He o Santo pulchro de Hierusalem , o qual tem os Turcos imigos nossos capitaes , como diz o Poeta na oyva seguinte.

10

V Edes que tem por uso,& por decreto
(Do qual saõ tão inteyros observantes)
iuntarem o exercito inquieto,
ontra os povos,que saõ de Christo amantes?
ntre vós nunca deyxa a fera Aleto,
e semear cizanias repugnantes?
Olhay se estais seguros de perigos,
Que elles,& vós sois vossos inmigos.

Entre vós nunca deyxa a fera Alecto. Entre outros fingimentos dos Poetas , ha este , que há tres furias, as quaes causaõ todas as discordias, & desavenças da vida. Estas se chamão Alecto, Tisiphone,Megera. Usa aqui o nosso Poeta de huma dellas , para confirmação do que vay dizendo , que entre os Christãos sempre há discordias, & inimizades : sendo tanto pelo contrario isto entre os infieis,que commummente andão unidos,& conformes , & se tem guerras he contra Christãos, o que nós houveramos de fazer ter guerra contra elles, & trabalhar pelos destruir de todo. Mas como a nossa inquietação he sempre contra nós mesmos: tem os dous inimigos huns os nossos,& outros a elles: elles por odio, que nos tem: nós por não termos paz,& conformidade huns com outros.

11

S E cobiça de grandes senhorios,
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Naõ vedes,que Pactolo,& Hermo rios,
Ambos volvem auriferas arèas?
Em Libia, Assiria,lavrão de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes veas,
Movavos jà se quer riqueza tanta,
Pois movervos naõ pòde a Casa santa.

Se cobiça. O intento do Poeta nesta oytava he induzir os Christãos a ter paz, & conformidade,& a guerra que trazem entre si a convertão contra os infieis inimigos de nossa santa Fé Catholica , & se cobiça os move a desejar conquista de terras alheyas,em nenhuma parte tem mais com que fartar sua cobiça, & vontade, que na Asia senhoreada pelo Turco , & na Africa possuhida dos Mouros.

Naõ vedes,que Pactolo,& Hermo rios. Saõ rios de Lydia Provincia de Asia menor,a que a Escrittura Sagrada chama Lud. Crerão os antigos ter estes rios muyto ouro , pelo que entre elles saõ muyto celebrados , como diz Solino no seu Polyhistor. cap. 13. Virgilio na Eneida do Pactolo liv. 10. *Ubi pinguia culta. Exercentque viri, Pactolusque irrigat auro.* Onde os homens fazem grandes lavouras, & as terras saõ regadas com ouro do rio Pactolo. E do Hermo nas Georgicas liv. 2. *Nec pulcher Ganges, atque auro turbidus Hermo.* Nem o fermoso Ganges, & o Hermo turvo com ouro. Assiria he Suria de que atrás fica trattado no canto primeyro,oytava 24. Nesta Provincia , & em outras de Asia menor há gente que fazem grandes delicadezas , assim de ouro,como de outras cousas de mão,com tanto artificio,& galantaria,que não há mais que ver. Pelo que o Poeta aqui diz , que nestas partes lavrão de ouro os fios. O que tambem notou Girava na sua Geographia, pag.173.liv.2.cap.11. aonde tratta da

Asia menor. Desta terra diz Solino no seu Polyhistor. liv.3. c.12. que tomàrão os Romanos principio para seus perfumes, & unguentos. O que tambem refere Floro liv. 13. cap. 3. porque esta gente usava muyto destas delicias. Do tempo em que isto foy se veja Plinio. He tambem muyto rica de ouro, & prata, pelo que o epitheto que os Poetas lhe daõ he chamarlhe rica, como encontrarão a cada passo os que por elles lerem.

12

AQuellas invenções feras, & novas,
De instromentos mortaes de artiharia,
Jà devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
Faz y que torne lâ às silvestres covas
Dos Caspios montes, & da Scythia fria,
A Turca gêração, que multiplica,
Na policia de vossa Europa rica.

Aquellas invenções feras, & novas. Chama á artelharia invenção nova, porque este exercicio, & artificio começou no anno do Nacimento do Senhor de 1382. Não se sabe quem foy o inventor, & foy bem esconderse, porque se se soubera seu nome todas as horas, & momentos fora maldito, & abominado como merecia, porque foy causa de não haver no mundo aquelle esforço, & cavallaria que antes havia nos homens. *Nos muros de Byzancio, & de Turquia.* Byzancio he Constantinopla, Cidade hoje a principal de todas as que o Turco senhorea, pois nella tem seu assento, & cadeyra real. Veja-se a nossa annotação no canto 3. oytava 12. *Fazey que torne lâ as silvestres covas.* Como disse atrás oytava 4. os Turcos que agora saõ senhores de huma grande parte do mundo, tiverão sua origem de hum soldado por nome Ottomano, homem de bayxa sorte, natural de Tartaria, o qual se levantou contra o Emperador dos Tartaros, & pouco a pouco veyo o negocio a dar no estado em que hora està. O principio foy na Tartaria, a que os Escrittores chamão Scythia, nesta estão os Caspios montes. O que o Poeta aqui quer mostrar he, que devião os Christãos lançar os Turcos fóra de Constantinopla, & outros muytos lugares da Europa, que tem tomado aos Christãos, & fazelos recolher aos montes Caspios de Scythia, donde vierão para estas partes. Destes montes se veja a nossa annotação no terceyro canto.

13

GRegos, Traces, Armenios, Georgianos,
Bradando vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceytos do Alcorão (duro tributo)
Em castigar os feytos inhumanos
Vos gloriay de peyto forte, & astuto,
E naõ queyraes louvores arrogantes,
De serdes contra os vossos muy possantes.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos. Reconta aqui o Poeta algumas Provincias de Christãos que hoje estaõ sugeytas ao Turco. Foy gente sempre a desta terra Catholica, & firme na Fè, a qual hoje em dia deve permanecer em algumas destas partes, mas como vivem entre aquella má canalha alguns devem ter alguma desordem. Nosso Senhor lhe acuda por sua misericordia. Armenia, & Georgiana chamada por outro nome Iberia, saõ Provincias da Asia mayor, a qual toda he sugeyta ao Turco.

Preceytos do Alcorão. Alcorão, quer dizer doutrina, he o livro em que está escritta a maldita leyta de Mafamede, entre outros preceytos tem hum de que o Poeta aqui faz menção, que todas as molheres destes Christãos destas partes que parem macho, se for hum só lho daraõ de tributo, & de dous hum, & de tres hum. & aonde não hà filho macho lhe daõ hum cruzado de tributo cada anno. Estes filhos os obriga a tomar sua ley, & os manda criar & ensinar às cousas da milicia, & esta he a gente de que se mais fia.

14

MAs em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana
Não faltaraõ Christãos atrevimentos
Nesta pequena Casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte nova os campos àra
E se mais mundo houvera, lâ chegára.

Mas em quanto. Louva o Poeta aqui o nosso Portugal, o qual não vay pela ordem das outras nações: antes em quanto os outros andão occupados em guerras injustas, elles as fazem a Mouros & infieis, & andaõ sugeytando novas nações em novas terras, que o Poeta aqui nomea.

De Africa tem maritimos assentos. As Cidades maritimas que o Poeta diz que tem os Reys de Portugal, saõ Ceuta, Tangere, Arzilla, & Mazagaõ. *He na Asia mais que toda soberba.* Isto diz pelo muyto que os Portuguezes tem feyto, & conquistado no Oriente, aonde tem muytas terras, & muytas Ilhas. *Quarta parte nova.* He America, ou novo mundo, da qual com as mais partes trattâmos no primeyro canto, oytava 2. Diz que tambem os Portuguezes tem pé nella pelo Brazil, que possuem, que he tambem huma parte desta America, como fica dito no lugar allegado: & como mais copiosamente o dizem os Dialogos de varia Historia, Dialog. 4. cap. 12. & 6. cap. 2. & Joaõ de Barros na sua Asia, Decad. 1. aonde esta elegante oytava està dignamente commentada.

15

E Vejamos em tanto o que acontece
A aquelles tam famosos navegantes,
Depois que a branda Venus enfraquece
O furor vaõ dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas profias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a Ley,
E dar novo costume, & novo Rey.

Vejamos em tanto. Torna o Poeta a trattar o que aconteceo aos Portuguezes despois que houveraõ vista da terra da India, acabada aquella tão trabalhosa tormenta que no fim do sexto canto contou.

Despois que a larga terra lhe aparece. Fim de suas porfias tão constantes. Esta terra larga de que houverão vista, foy a terra de Calecut, que era a que elles com tanta porfia, & constancia buscavão. E à verdade tudo, havia mister huma taõ comprida, & importuna viagem, que milagrosamente podemos crer hirem os homens a terras taõ remotas, offerecidos a tantos perigos, & trabalhos, que os de que os Poetas fazem tantos medos, como Scylla, & Carybdis, Acroceraunios, & outros saõ nada em comparaçaõ dos que hà nesta taõ larga, & enfadonha viagem da India.

16

T Anto que â nova terra se chegârað,
Leves embarcaçoens de pescadores
Achârað, que o caminho lhe mostrârað
De Calecut, onde eraõ moradores:
Para lá logo as proas se inclinârað,
Porque esta era a Cidade das milhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rey, que a terra toda possuia.

Tanto que â nova terra se chegârað. Hum Domingo vinte de Mayo de mil quatrocentos noventa & oyto houveraõ os Portuguezes visto a terra de Calecut, & surgiraõ defronte de hum lugar chamado Capocate, o qual o Piloto cuydou ser a mesma Calecut. Mas surta a nossa armada, acudiraõ logo quatro almadias de gente da terra a saber que naos eraõ aquellas, porque nunca as viraõ daquella invençaõ, nem hirem a tal tempo àquellas partes. Esta gente que acudio á nossa armada eraõ pescadores: aos quaes Vasco da Gama fez gazalhado, & mandou que lhe comprassem do pescado que traziaõ. Estes o levaraõ a Calecut. O Poeta nestas oytavas, que se seguem descreve a propria, & verdadeyra India, como eu atrás toquey no canto sexto, oytava 92.

17

A Lém do Indo jaz, & àquem do Gange,
Hũ terreno muy grãde, & assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso:
Jugo de Reys diversos o constrange
A varias leys, alguns o vicioso
Mafoma, alguns os Idolos adoraõ,
Alguns os animaes, que entre elles moraõ.

Alem do Indo jaz. Como atrás apontey no canto sexto, oytava 92. a terra que os Geographos chamaõ India, he a que está entre aquelles dous famosos rios Indo, & Ganges. Os naturaes, & vezinhos lhe chamaõ por nome proprio Indostan. Tem da parte do Norte por termino o monte Emodio, que he hum esgalho do monte Tauro, ao qual o Poeta aqui chama cavernoso, por ser muyto aspero, com muyta penedia, & quebradas, a que os Latinos chamaõ cavernas. Da parte do Sul tem o Oceano Indico. Do Poente o rio Indo: & do Oriente o Ganges, ainda que ambos sayem de huma paragem contra o Norte. A terra que está entre os dous rios, que dizem chamarse Indostan, a que nós chamamos India, tem differentes Reys, & nações, com differentes seytas, & torpezas, que seria largo contar, porque huns seguem a pestilencial seyta de Mafoma: outros adoraõ os Idolos: outros animaes: outros tem em si outras brutalidades indignas de se escreverem. *Alguns o vicioso Mafoma.* A perseguiçaõ de Mafoma foy no fim do Imperio de Heraclio no anno do Senhor de 676. ainda que nisto há variedade entre os Autores, que outros querem fosse no anno de 629. & que começasse em hum lugar chamado Saralo na Arabia Petrea, como apontámos atrás no primeyro canto, oytava 8. Quanto ao lugar de sua natureza dizem que foy Itarip, aldea pequena de Arabia, & que seu pay foy Gentio por nome Abdalá, & sua mãy Hebrea chamada Emina gente bayxa. E como era filho de pays differentes, querendo lhe hum ensinar huma cousa, & outro outra ficou confuso, & distrahido em sua vida. Despois da morte dos pays, naõ sabendo a qual das seytas se daria, se à do pay, que era Gentilica, se á da mãy, que era Hebrea. Sendo moço criou-se entre Christãos, vindo a idade em que entendia, como era mal inclinado, & perverso de natureza, ajudado de hum Sergio hereje Nestoriano, & de dous Judeus escudeyros. Fez das seytas de seus pays, & da ley Christã huma seyta diabolica, tomando de cada huma o que lhe parecia, para bem de sua pertençaõ, que era ser tido por santo, para por este meyo ter mando, & poder no mundo, como succedeo que em pouco tempo com voz de propheta conquistou muytas terras vezinhas. E como a sua seyta era huma sellada tirada de differentes partes, & que

que qualquer homem de juizo, & de razaõ entenderia facilmente que era erronea, largou-lhe a redea a todo o genero de vicios, & deu-lhe liberdade que fizessem o que quizessem, principalmente no vicio da sensualidade, que foy parte para adquirir a si em breve tempo meyo mundo. E esta he a razaõ porque o nosso Luis de Camões lhe chama vicioso. Tem lavrado tanto este mal pestilencial entre tantas, & taõ diversas nações, que em comparação da gente enganada com sua seyta, taõ muyto poucos os que seguem o caminho da verdade, que he nossa Santa Fé Catholica. O que facilmente se póde ver, pois não crè em Christo Nosso Senhor toda a Europa perfeytamente, & em Mafoma parte della, com toda a Asia, & Africa, pouco menos. E mandou no seu Alcoraõ, que ninguem ousasse trattar, nem disputar sobre a sua ley, pondo nisto grandes penas: no que bem mostrou como tudo eraõ enganos, & falsidades, & que lhe punha este barbilho, arreceando-se, que houvesse homens de juizo, andando o tempo, que cahissem em seu engano, & maldade. Deste maldito Mafoma, de sua torpe vida, & peyor seyta, se póde ver hum curioso capitulo nos Dialogos de varia Historia, Dialogo 3. cap. 3.

18

LA' bem no grande monte, que cortando,
Taõ larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes taõ diversos vay tomando,
Segundo as Regioẽs por onde corre:
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja graõ corrente morre
No mar Indico, & cercaõ todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

Là bem no grande monte. Este he o grande monte Tauro o mayor do mundo, como dizem todos os Geographos, chamado assim, como diz Dionysio Alexandrino, cap. 3. por discorrer por largas terras, levantada a cabeça como hum touro: ou como diz Eustachio, por sua grandeza, porque os antigos chamavão a todas às cousas grandes, touros. Este monte corta toda Asia, fazendo por todas as partes grandes entradas pelo mar, que parece ameaçalo, & quererlhe estorvar seu curso, tanta he sua soberba, & altivez desde o Oceano Oriental atè o mar Egeo. Tem differentes nomes conforme aos lugares, & nações por onde passa, como diz Solino no seu Polyhistor. De huns esgalhos deste monte Tauro, a que Ptolomeo chama Imao, & os moradores D'alanquet, & Nangracot, arrebentão os dous rios taõ celebrados dos Escrittores, Indo, & Ganges, mas distinctamente: ainda que os Gentios, comarcãos querem que seja toda huma vea de agoa, donde veyo a chamarem áquelle monte dos dous irmãos por lhe parecer que ambos sahiaõ de hum mesmo lugar. Apartaõ-se estes rios logo em seu nacimento, & correm do Norte ao Sul, desviados hum do outro de Levante ao Poente, por espasso de trezentas leguas pouco mais, ou menos, que he o espasso, que tem a terra chamada India. Acabão seu curso no cabo Camorij, defronte da Ilha Ceylão, mas desviados hum do outro, como diz o Poeta na oytava seguinte. O Ganges entra por duas bocas desviada huma da outra por espasso de oytenta legoas na enseada do Reyno de Bengala, que por este respeyto se chama entre os Cosmographos, *sinus Gangeticus*, seyo Gangetico, que quer dizer enseada do rio Ganges. O Indo entra na enseada de Cambaya, chamada assim do Reyno Cambaya, aonde está. Veja-se o que escrevemos no canto decimo, oytava 106. Da fonte destes rios até o cabo Comorij, aonde entrão no mar, haverá quatrocentas legoas de comprimento.

Cercão todo o tempo do terreno. Diz que cercão aquelles rios aquelle pedaço de terra, de que atrás fica trattado, que abraça, & rodea a India. Peso do terreno quer dizer aquelle espasso da terra.

Fazendo o Chersoneso. Que seja Chersoneso fica dito no canto segundo, oytava 54.

19

ENtre hũ, & outro rio, em grande espaço,
Sae da larga terra huma longa ponta,
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar, com Ceylaõ Insula confronta:
E junto donde nace o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta,
Que os visinhos da terra moradores,
Do cheyro se mantem das lindas flores.

Entre hum, & outro rio. Descreve a figura que faz a terra chamada India, rodeada daquelles tão illustres, & celebrados rios: Indo, & Ganges, & como ambos acabão seu curso defronte da Ilha de Ceylaõ.

Ponta pyramidal. Ponta aguda ao modo de pyramide, que he huma columna quadrada muyto larga no pé, a qual quanto mais vay subindo se vay adelgaçando de maneyra, que fica com huma ponta muyto aguda, & delgada a modo de fogo, que parece subir às nuvens. E assim se diz de, pirque he o fogo, porque no seu subir o imita. Estas pyramides costumavão antiguamente os Reys de Egypto, as quaes lhe servião de sepulturas. Eraõ huns Edificios muyto altos, & sumptuosos, que os ditos Reys fazião para mostra de sua grandeza, & poder: das quaes as que estavão na Cidade de Memphis erão de tanta grandeza, que saõ contadas entre as sete maravilhas do mundo.

Junto aonde nace o largo braço Gangetico, o rumor antigo conta. Isto mesmo diz Solino no seu Polyhistor. cap. 65. aonde acrecenta, que naõ sómente esta gente se sustenta em suas terras com o cheyro das flores, & frutas, mas que quando caminhão as levaõ comsigo, & desta maneyra vivem, & andaõ, & que em lhe faltando morrem.

Mas

20

MAs agora de nomes, & de usança,
Novos, & varios saõ os habitantes,
Os Delijs, os Patànes, que em possança
De terra, & gente saõ mais abundantes:
De canijs, Orìàs, que a esperança
Tem de sua salvaçaõ nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra naõ lhe iguala,

Os Delijs, os Patanes. Delijs saõ os moradores do Reyno Delij metido pelo sertão dentro: tem muytas Cidades, & muyto ricas, de muyto tratto, & concurso de mercadores. Foy antigamente este Reyno de Gentios: dos quaes alguns que ficàraõ em memoria de se verem privados de suas fazendas, & terra, andão pelo mundo como siganos, descalços, & despidos, & sem cousa alguma nas cabeças, cingidos com grandes cadeas de ferro, & cheyos de cinza, pedindo de porta em porta: saõ tidos dos outros Gentios por santos, & lhe fazem grandes esmolas. Este Reyno Deli he muyto grande, ainda que muyto menor hoje do que já foy, porque as terras do Hidalcaõ, & Cambaya foraõ tambem suas com as quaes se lhe levantarão alguns Capitães, nomeando-se Reys, como hoje se chamão. He gente bellicosa, tem muytos cavallos, & elles saõ homens de cavallo. Dos Patanes se escreve, que saõ tantos, que não tem numero. Traz-se por pratica na India, quando se ajuntaõ para algum feyto, e se poem ao longo de algum rio que o esgotaõ. He bom encarecimento. O Poeta mostra nesta oytava serem em gente, & terra poderosos, & muytos. Decanijs saõ os do Reyno do Hidalcaõ, a que os Indos chamão Decaõ. Tem Rey Mouro, mas os moradores saõ pela mayor parte Gentios. He Reyno grande pelo sertaõ dentro. Tem tambem bons portos, com grandes trattos, & mercadorias, que gastaõ em terra firme. Neste Reyno està Chaul, Dabul, Goa, & outros muytos lugares, que hoje conhecemos por fama. Orias saõ moradores ao longo do rio Ganges.

E a terra de Bengala. Este Reyno de Bengala he chamado assim do nome de huma Cidade principal do mesmo Reyno. Està este Reyno ao longo da costa do mar contra o Norte, passa por meyo delle o rio Ganges, he Reyno muyto abundante, & rico, & tem muytos, & muy grandes lugares. Nesta paragem de huma, & outra parte do Ganges he tudo povoado de Gentios idolatras, & que poem toda sua salvação nas aguas do Ganges, como fica dito.

21

O Reyno de Cambaya bellicoso
(Dizem que foy de Póro Rey potente)
O Reyno de Narsinga poderoso
Mais de ouro, & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga là do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malavar de forte muro,
Com que do Canarâ vive seguro.

O Reyno de Cambaya bellicoso. O Reyno de Guzarate he o que chamamos communmente Cambaya. He muyto grande, & cheyo de Mouros, & Gentios, tem muytas Cidades, & portos de mar de muyto tratto, & negocio. He a gente deste Reyno muyto bellicosa, pelo que muytos vivem sem se quererem sugeytar a Rey, nem a Senhor algum, antes fazem continuamente guerra aos Reys de Cambaya, os quaes não pódem levar a melhor delles, porque tem muytas Cidades, & lugares fortes, aonde se defendem, & offendem, porque saõ grandes homens de cavallo. Neste Reyno està a Cidade de Dio, sugeyta aos Reys de Portugal. He tão rico, & poderoso este Reyno, que tem El-Rey de Cambaya vassallos seus que tem mais de oytocentos mil cruzados de renda. E com todos elles foy vencido por poucos Portuguezes. Deste Reyno de Guzarate escreve Justino, que foy antigamente Rey Poro grande cavalleyro muyto esforçado, & bellicoso, como diz o nosso Luis de Camões.

O Reyno de Narsinga poderoso mais d'ouro, & pedras. O Reyno de Narsinga chamado por outro nome Bisnagá, da grandissima Cidade de Bisnaga cabeça, & Metropoli do Reyno, pelo concurso, & tratto da gente, & pela abundancia de todas as cousas necessarias, he muyto grande, & muyto rico de todas as cousas, principalmẽte d'ouro, & pedraria, que se vende na Cidade de Bisnaga, aonde vem de Pegú. E no proprio Reyno há huma grande mina de diamantes, & dizem que he huma terra muyto grande donde se tirão os melhores, & mais estimados do mundo. As molheres deste Reyno se saõ pobres despois que enviuvaõ saõ obrigadas a queymarse: & se saõ ricas, antes que se queymem, costumaõ a gastar todos seus bens em banquetes, & festas com seus parentes: & muyto vestidas, & concertadas se lanção no fogo, & a cinza se sepulta com a dos maridos. As que se naõ querem queymar lançaõ-as fôra da terra, rapando-lhe primeyro as cabeças à navalha, que he sinal que tem de naõ fazerem o que sua ley, & costume da terra manda. As que saõ moças, & bem parecidas, se se não queymaõ, costumaõ os parentes, por lhe fazerem favor, polas em certas casas de Idolos, que para isto tem jà deputadas, aonde estão ganhando com seu corpo para si, & para ajuda de concertar aquella casa dos Idolos. Estas gastaõ certas horas do dia em danças, musicas, & outros exercicios desta calidade, o tempo que resta destes bayles, & musicas, gastão na outra torpeza. Bem se mostra a grande bruteza, & ignorancia destes, pois gastaõ seu tempo desta maneyra, como saõ estes, he gente pouco bellicosa, como aqui diz o Poeta. Tem este

Reyno

Reyno differentes Senhores, que o governão de muyto pequenos estados; & como he gente de pouca fé, ja toda aterra fora sugeyta ao mais poderoso, se a natureza naõ atalhàra a cobiça dos homens com grandes rios, lagos, montes, & desertos habitados de muytas, & grandes feras, que empedem a passagem. E principalmente hum monte, de que o Poeta aqui faz menção, o qual por ser grandissimo, & muyto aspero, não tem nome proprio, mas chama-se Gate, que he o nome entre elles geral para dizer serra. Este monte corre do Norte ao Sul, pela costa do mar sempre á vista delle, até hir fenecer no Cabo Comorij, por espaço de duzentas legoas, pouco mais, ou menos. Entre esta serra de Gate, & o mar, està huma cinta de terra, que serà larga de dez legoas, tem algumas partes pouco mais, ou menos, a qual se chama Malabar, que terá de comprimento como oytenta legoas, aonde està situada a Cidade de Calecut. Este Gate serve aos moradores do Malabar de muro, & defensaõ contra os moradores do Reyno Bisnaga vezinhos.

22

DA terra os naturaes lhe chamão Gate,
Do pè do qual pequena quantidade,
Se estende huma fralda estreyta, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades sem debate
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitulla o senhor della,

Samorim se intitula o Senhor della. Samorij he o nome appellativo do Senhor do Reyno de Calecut, o qual nome soa tanto como Emperador, por elle ser o mayor Rey de toda aquella costa. A razão deste nome se veja no 2. canto, oytava 52.

23

CHegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rey gentio,
Da vinda sua a taõ remota parte:
Entrando o mansageyro pello rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A cor, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a velo todo o povo.

Hum Portuguez mandado logo parte. Diz Joaõ de Barros que mandou Vasco da Gama ao Piloto Mouro por lingoa com hum Portuguez.

24

ENtre a gente, que a velo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nacido
Fora na região de Berberia,
Lâ onde fora Anteo obedecido:
Ou pela visinhança jà teria
O Reyno Lusitano conhecido,
Ou foy jâ assinalado de seu ferro,
Fortuna o troxe a tão longo desterro.

Entre a gente, que a vello concorria. Entre outras pessoas, que concorriaõ a ver os Portuguezes que Vasco da Gama mandára. Succedeo vir hum Mouro, natural de Berberia, da qual foy Rey antigamente Anteo filho da terra, o primeyro fundador da Cidade de Tangere, como fica dito no canto terceyro, oytava 76. Este Mouro diz o Poeta, que conhecia os Portuguezes, ou por ser vezinho de Portugal, ou porque por ventura seria jà em alguma escaramuça, ou briga mal trattado dos Portuguezes pela continua guerra que tem com os Mouros.

25

EM vendo o mensageyro, com jucundo
Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana,
Lhe disse: quem te trouxe a estoutro mundo,
Taõ longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde o mar profundo,
Por onde nunca veyo gente humana,
Vimos buscar do Indo a graõ corrente,
Por onde a Ley divina se acresente.

26

ESpantado ficou da graõ viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressoẽs, que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem,
Sò para e Rey da terra relevava,
Lhe diz, que estava fòra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

27

E Que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se hum pouco recreasse
Com elle para a armada tornaria,
Que alegria naõ pòde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

E que em tanto que a nova lhe chegasse. Luis de Camões naõ conta isto tão pontualmente como Joaõ de Barros diz Decad. 1. liv. 4. c. 8. que Vasco da Gama mandou piloto seu mouro, & com elle hum

hum degradado Portuguez, os quaes não achando a El-Rey em Calecut, o foraõ buscar a hum lugar, que estava cinco legoas de Calecut, & que à volta veyo entre outros feytores, & arrecadadores da fazenda d'El-Rey, este Monçayde de Berberia, de que falla o Poeta. O qual por ter conhecimento do Piloto o agazalhou huma noyte em sua casa, juntamente com o Portuguez. Este Monçayde, segundo elle depois dizia era natural do Reyno de Tunes, & tivera já communicação com os Portuguezes na Cidade de Ouraõ, com os quaes tratou naquella parte. Pelo que como vio os Portuguezes, se alegrou, & desde o dia que entrou nos nossos navios ficou taõ familiar, & amigo dos nossos com tanta lealdade, que em tudo os favoreceo, & ajudou: & tanto se entregou em sua amizade, que se veyo com Vasco da Gama a Portugal, aonde recebeo a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo, & nella morreo.

28

O Portuguez aceyta de vontade,
O que o ledo Moncaide lhe offerece,
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come, & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornaõ logo da Cidade,
Para a frota, que o Mouro bem conhece,
Sóbem à Capitania, & toda a gente,
Monçaide recebeo benignamente.

O Portuguez aceyta de vontade. Parece que foy permissaõ Divina estar aquelle Mouro naquellas partes para proveyto nosso, & assim logo Nosso Senhor imprimio no animo dos Portuguezes hum amor, & confiança em suas palavras, que parecia haverse criado com elles. Elle foy tal com a nossa gente, que se elle não fora, por ventura acontecera á nossa armada algum desastre, como veremos pelo que adiante aconteceo.

29

O Capitaõ o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingoa de Castella,
Junto de si o assenta, & pronto, & quedo,
Pella terra pergunta, & cousas della:
Qual se ajuntava em Rhôdope o arvoredo
Só por ouvir o amante da donzella,
Euridice, tocando a lira de ouro,
Toda a gente se ajunta a ouvir o Mouro,

Qual se ajunta em Rhodope o arvoredo. Assim concorria a gente a ver, & ouvir o Mouro Monçayde, como se conta de Orpheo que com sua viola attrahia homens, pedras, arvores, & outras cousas insensatas. E que fazia, que os rios se detivessem a ouvir sua musica. Este Orpheo foy casado com huma molher por nome Eurydice, como aqui diz o Poeta, a qual depois de morta foy Orpheo buscar ao inferno. E contaõ delle os Poetas, que pode tanto sua musica com Plutaõ senhor do inferno, que lha restituhio: mas com condição, que em quanto fosse naquella paragem, não olhasse para trás. O que elle não podendo acabar comsigo, tornou a perder Euridice. Rhodope he hum monte de Thracia, donde o Poeta Orpheo era natural. Veja-se a nossa annotação no terceyro canto, oytava 12.

30

Elle começa, ô gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho
Que destino taõ grande, ou que ventura
Vos troxe a cometerdes tal caminho?
Não he sem causa naõ oculta, & escura,
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
Por mares nunca de outro lenho arados,
A Reynos tão remotos, & apartados.

Ninho paterno. A patria, & terra aonde cada hum nace. Tejo, & Minho saõ rios assás conhecidos nestas nossas partes. Lenho toma aqui pela nao, figura usada entre os Poetas.

Por mares nunca d'outro arados. Veja-se o que escrevemos no primeyro canto, oytava primeyra.

31

Deos por certo vos traz porque pertende
Algum serviço seu por vôs obrado;
Por isso só vos guia, & vos defende,
Dos imigos do mar do vento irado:
Sabey, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, & prosperado,
De ouro luzente, & fina pedraria,
Cheyro suave, ardente especiaria.

32

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malavar se chama
Do culto antigo os Idolos adora
Que cà por estas partes se derrama:
De diversos Reys he mas de hum só fora
Noutro tempo, & segundo antiga fama,
Seramâ Perimal foy derradeyro
Rey, que este Reyno teve unido, & inteyro.

Esta Provincia cujo porto agora. De Malavar tratamos largamente neste canto, & no canto, segundo, oytava 52. A razão porque sendo hum Rey só, se dividio em muytos, he, que sendo Saramâ Perymal Senhor universal desta Provincia, aconteceo que daquellas partes do mar roxo veyo hum Mouro ter a Calecut, o qual tomou grande familiaridade

dade com Perymal,& com palavras, de que devia ter abundancia,lhe persuadio fosse Mouro,& quizesse seguir a seyta de Mafoma.O Perimal enganado com as razões do Mouro, determinou deyxar tudo em vida, & ir morrer Santo, como o Poeta aqui diz, visitando a casa do falso propheta Mafoma. O Reyno dividio entre alguns parentes: fez Rey de Cananor a hum, de Ceylaõ outro, & a outros deu outros lugares, como conta Luis de Camões neste canto. Ainda que Joaõ de Barros diz: que o dividio somente em tres partes, & a hum sobrinho seu deu Calecut, com esta condição, que os outros lhe obedecessem, & este tivesse titulo de Samory,nome de estado, & dignidade, como entre nós o de Emperador. Estas cousas vay o Poeta contando pelas oytavas seguintes muyto claramente.

33

Porèm como a esta terra então viessem
De lâ do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiraõ meus parentes:
Succedeo,que prègando convertessem
O Perimal,de sabios,& eloquentes,
Fazemlhe a ley tomar com fervor tanto,
Que prosupoz de nella morrer santo.

De lâ do seyo Arabico. Seyo Arabico he o mar roxo, como lhe chamamos commummente os Hespanhoes. Chama-se seyo Arabico, por correr este mar ao longo da terra Arabica.Dos Mouros huns lhe chamaõ mar de Meca: porque perto delle tem a casa de abominação de Mafoma: outros lhe chamaõ Baharcorzum, que quer dizer, mar serrado. Veja-se a nossa annotação no canto segundo, oytava 49.

34

Naos arma,& nellas mete curioso
Mercadoria,que offereça rica,
Para ir nellas a ser Religioso,
Onde o Profeta jaz,que a ley publica:
Antes que parta,o Reyno poderoso
Cos seus reparte;porque não lhe fica
Erdeyro proprio,faz os mais aceytos,
Ricos de pobres,livres de sogeytos.

Onde o propheta jaz que a ley publica. Despois que Perymal repartio o seu Reyno pelas pessoas que quiz, se embarcou levando comsigo muytas naos carregadas de especiaria para offerecer na casa de Meca, mas antes que chegasse se perdeo a armada, & elle juntamente com ella com toda a riqueza que levava. Pelo propheta que a ley publica, entende Mafoma. Quanto a sua sepultura està em hum lugar chamado Medinathabi, distante do porto de Judà por espaço de doze legoas, terá este lugar trezentos vezinhos. As casas saõ,oũ de pedra,ou de ladrilho,mas de pouca importancia. O seu territorio não dá fruyto algum, nem tem arvore, nem cousa que preste. Parece ser castigo de Deos: somente estao humas poucas de palmeyras, cousa de meya legõa da Cidade,que daõ tamaras.Neste maldito, & triste lugar està o corpo de Mafoma, em huma Mesquita grande, com grande abobada, & columnas,& com mais de tres mil alampadas acesas continuamente. Escrevi isto aqui,porque Joaõ de Barros, & outros muytos tem para si que o corpo de Mafoma està sepultado em Meca.He erro, porque hum Loduvico Romano affirma como testemunha de vista isto que eu escrevo em hum trattado,que fez de huma comprida peregrinaçaõ, & assim o affirmaõ outros muytos. E o mesmo ouvi a hum Turco de naçaõ, que havia estado naquellas partes.O qual me affirmou,que em Meca não havia mais que huns poços de agua, aonde diziaõ que se costumava lavar Mafoma, & que os que hiaõ a Meca em romaria,não hiaõ mais que a lavarse, & a burrifarse com aquella agoa: com a qual cuydavão que ganhavão grandes bens, & que com este lavatorio ficavão livres de culpa, & pena. Ainda que não falta quem diga,que o seu maldito corpo o comeraõ os cães, na Cidade de Marrocos: & que delle naõ ficou mais que huma perna:que vulgarmente chamaõ çamartaõ de Mafoma. E como isto aconteceo se conta nos Dialogos de varia Historia Dialogo 3.cap.3.

35

A Hum Cochim,& a outro Cananor,
A qual Chalè,a qual Ilha da Pimenta,
A qual Coulam,a qual do Cranganor
E os mais,a quem o mais serve,& contenta:
Hum sò moço,a quem tinha muyto amor,
Depois que tuao deu se lhe apresenta
Para este Calecut somente fica,
Cidade jâ por trato nobre,& rica.

A hum Cochim. Destes lugares que aqui o Poeta nomea, & eu tenho jâ trattado,fez este Mouro repartiçaõ,& differença de estados, como aqui diz o Poeta. E a Cidade de Calecut deu a hum moço seu sobrinho,a quem tinha affeyçaõ, com titulo de Samorim,como fica dito atrás.

A qual a ilha da pimenta. A ilha da pimenta he junto a Cochim. Chama-se Reyno de pimenta, ou ilha de pimenta, por haver muyta nella ainda que em outras partes do Malavar a há tambem em abundancia.

34

Esta lhe dâ c'o o titulo excellente
De Emperador,q sobre os outros mãde
Isto feyto,se parte diligente
Para onde em sant a vida acabe,& ande:

E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, & grande,
Ao moço, & descendentes, donde vem
Este, que agora o Imperio manda, & tem.

37

A Ley, da gente toda rica, & pobre,
De fabulas compostas se imagina,
Andaõ nûs, & sòmente hum pano cobre,
As partes, que a cubrir natura ensina,
Dous modos ha da gente, porque a nobre
Nayres chamados saõ, & menos dina
Poleas tem por nome, a quem obriga
A ley não misturar a casta antiga.

A ley da gente toda. Mostra nesta oytava como os moradores de Calecut assim ricos, como pobres, saõ Gentios Idolatras, os quaes crem em mil fabulas, & invenções, muyto dados a agouros, & guiados por qualquer imaginação. *Nayres chamados saõ.* Neste Malavar diz o Poeta, que ha dous generos de gente, huns nobres chamados entre elles Nayres: & outros Poleas gente bayxa, & vil. Estes Nayres vivem do selario que lhe da El-Rey, & não lhe servem de outra cousa se não de sua defenção, & guarda, em tempo de guerra, para a qual elles saõ muyto atrevidos. Andão continuamente com suas espadas, & rodelas, & alguns trazem lanças, & outros arcos, & frechas, & as espadas núas. Estes acompanhão sempre os Reys, & saõ-lhe muyto leaes. Tem huma ceremonia entre si, a qual guardão muy pontualmente, & he nao consentirem ser tocados de algum Polleá. Pelo que costumão os Polleàs, quando vão pelas ruas hir bradando, para que os Nayres se desviem delles, & elles fogem em vendo hum Nayre, porque temem que o mate. Estes Nayres forçadamente haõ de ser de linhage, porque nem o seu Rey póde fazer Nayre. São homens muyto temperados no comer, porque com muyto pouco que lhe dà El-Rey se sustentaõ, & o servem de dia, & de noyte, não temendo trabalho nem perigo algum. Não pódem casar por ley do Reyno, por estarem prestes para qualquer successo do Rey, ou da guerra. E he muyto para notar, que quatro, ou cinco Nayres tem huma manceba com quem converção, sem haver entre elles briga, nem desavença, nem sinal de ciumes, mas concertão-se aos dias, & desta maneyra vivem, sem ninguem os ouvir. E todos elles mantem a manceba juntamente.

Poleàs tem por nome. Os Poleàs saõ homens lavradores, vivem em lugares apartados, aonde não anda gente. São pela mayor parte escravos dos Nayres, porque os servem, & lhe apanhão suas novidades, & quando fallão com elles para lhe mandar fazer algum serviço; chegando a suas casas se lavão, & vestem outro fato. Se alguma Nayra toca algum Poleá, he tida por danada, pelo que os Nayres a levão ao campo, & a matão ás cutiladas: & o Nayre que tratta com Poleá tem pena de morte. Este tocamento succede muytas vezes por travessura dos Poleàs, que em dous mezes que tem para andar por onde quiserem, fazem mil tocamentos destes. O Poleá nunca pòde medrar, nem ter mais, nem ter outro grao de honra. Isto quer dizer o Poeta no fim da oytava, que não pódem misturar a casta antiga. Como se dissera, não pódem ter outra vida, nem outro officio differente de seus antepassados, que mostra na oytava seguinte.

38

Porq os q usàraõ sepre hum mesmo officio
De outro naõ podem receber consorte,
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão de seus passados atè morte:
Para os Nayres he certo grande vicio,
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca porventura,
Com ceremonias mil se alimpa, & apura,

39

D Esta sorte o Judayco povo antigo
Naõ tocava na gente de Samaria;
Mais estranhezas inda, das que digo
Nesta terra vereis de usança varia:
Os Nayres sós saõ dados ao perigo
Das armas, sòs defendem da contraria
Banda o seu Rey, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, & na direyta a espada

Não tocava no povo de Samaria. Por serem Idolatras, como se conta no livro dos Reys, & Josepho nas antiguidades liv. 13. c. 7.

40

B Ramenes saõ os seus Religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Observão os preceytos tam famosos
De hum, que primeyro poz nome à sciencia;
Não matão cousa viva, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Sómente no venereo ajuntamento,
Tem mais licença, & menos regimento.

Bramenes saõ os seus religiosos. Os Malavares chamão aos religiosos Bramenes. E estes saõ os Governadores, & cozinheyros dos Reys da terra, & que tem cuydado das casas dos Idolos, nem pódem ter outro, salvo for da geração do mesmo Rey de que se possa fiar. Os que se crião para Bramenes, como saõ de idade de sete annos, trazem

hum tiracolo ao pescoço de correa de hum animal, a que elles chamão Chrisna Mergan, que he como hum asno sylvestre, a qual ha de ser larga de dous dedos, & crùa cõ pello. Despois que lhe lanção este tiracolo, lhe mandão, que dalli a sete annos não comão Betele. Como entrão em os quatorze annos, tirão-lhe a correa do Chrisna Morgan, & poem-lhe outra de linha dobrada de tres fios: & esta a tràs toda a vida. E quando lha lanção fazem-lhe muytas cerimonias, & ficão Bramenes, & dalli por diante pódem comer Betele. Estes Bramenes seguem a seyta do philosopho Pythagoras: o qual entende aqui o Poeta por aquellas palavras, de hum que primeyro pós nome à sciencia: porque este foy o primeyro que ensinou Philosophia em Italia. Pelo que foy tido naquellas partes por Deos, tão grande era a reverencia, & respeyto que todos lhe tinhão. Estes Bramenes não comem carne, nem pescado, nem matão cousa viva como aqui diz o Poeta. Só no peccado da sensualidade saõ desenfreados.

Venereo ajuntamento. A sensualidade chamada assim, de Venus, que os antigos tinhão por Deosa da luxuria. Do Betele, de que nesta annotação fiz menção, se veja o que escrevemos ao diante neste canto.

41

GEraes saõ as mulheres, mas sómente
Para os da gèração de seus maridos,
Ditosa condição, ditosa gente,
Que naõ são de cuymes offendidos:
Estes, & outros costumes variamente
São pelos Malavares admittidos,
A terra he grossa em trato, & tudo aquilo
Que as ondas podẽ dar da China ao Nilo.

Geraes saõ as molheres. Entre os Malavares naõ hà ciumes, porque huma molher he de tres, & quatro: os quaes a mantem, & andaõ aos dias sem nunca entre elles haver differença, nem desavença. Quando està algum dentro com sua manceba, tem a rodela, & espada à porta, por sinal de estar occupada a casa, o que basta para não haver quem falle palavra, nem procure entrar dentro. He terra de grande tratto, & de muytos mercadores, & muyto ricos, pelo que se acha em Calecut tudo em abundancia. O que o Poeta quiz mostrar por aquellas palavras. Em tudo aquillo, que as ondas pódem dar da China ao Nilo. Da China ás terras do Egypto, ou Africa, que pelo rio Nilo entende.

42

ASsi contava o Mouro, mas vagando
Andava a Fama jà pela Cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rey saber mandava da verdade:
Jà vinhão pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, & idade,
Os principaes, que o Rey buscar mandàra,
O Capitão da armada, que chegàra.

Rodeados de todo o sexo, & idade. Rodeados de homens, molheres, moços, & velhos.

43

MAs elle, que do Rey jà tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos panos adornado:
Das cores a fermosa differença,
A vista alegra ao povo alvoroçado,
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

Mas elle. Como o Capitão mór Vasco da Gama teve licença por recado do Samorim, que entrasse em Calecut, & se fosse ver com elle, sahio com doze pessoas em terra muy bem trattados todos: aonde o recebeo o Governador da terra (a que elles chamaõ Catual) acompanhado de duzentos homens, delles para levarem o fato dos nossos, & delles que serviaõ de espada, & adarga, como guarda de sua pessoa: & outros de o trazer aos hombros em hum andor, que he o serviço do Malavar. Que seja andor se veja na oytava seguinte.

O remo compassado fere frio, agora o mar, despois o fresco rio. Tratta nestes versos o modo que levavaõ quando se hiaõ a Calecut, que hiaõ remando com grande ordem, & compasso, & muyto de vagar: o que mostra naquellas palavras: Fere frio agora o mar, despois o fresco rio, que isto he ferir ó mar friamente, remar muyto manso, & devagar. Diz que o remo feria o mar, & o rio, por amor de hum rio que entra no mar ao longo de Calecut, como o nosso Tejo em Cascais.

44

NA praya hum Regedor do Reyno estava
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Nayres, que esperava
Com desusada festa ao nobre Gama:
Jà na terra nos braços o levava,
E num portatil leyto huma rica cama
Lhe offerece, em que và costume usado,
Que nos hombros dos homens he levado:

E num portatil leyto. Num andor, que assim se chamão huns leytos pequenos em que homens levaõ aos hombros os nobres do Malavar. Saõ os andores como leytos de andas, mas descubertos, & quasi rasos, taõ bayxas tem as guardas. Cada andor he levado por quatro homens. Os que vaõ nelles,

vaõ,

vaõ, ou assentados, ou deytados: & cubertos com sombreyros de pé, que lhe levão homens a que chamaõ boys, & desta maneyra vão amparados do Sol, & da chuva. Outros andores hà que levaõ dous homens, por serem mais leves. Este uso he por estado: porque assim aonde há bestas, como aonde as naõ há o uzaõ.

45

DEsta arte o Malavar, desta arte o Luso
Caminhaõ là para onde o Rey o espera,
Os outros Portuguefes vaõ ao uso,
Que infantaria segue esquadra fera:
O povo, que concorre vay confuso,
De ver a gente estranha, & bem quizera
Perguntar, mas no tempo jà passado,
Na torre de Babel lhe foy vedado,

Os outros Portuguezes. Os mais Portuguezes, tirado o Capitão mór hiaõ a pè, ao modo que a infantaria caminha. E conta Joaõ de Barros liv.4. 1.Decada, que caminhaõ estes Malavares com tanta pressa, que não ha pessoa que os ature, & assim estes Portuguezes da conserva de Vasco da Gama naõ o viraõ se não á noyte, porque nunca os pudéraõ alcançar no caminho.

O povo que concorre vay confuso. Era a gente tanta que sahia a ver os Portuguezes, que escreve Joaõ de Barros no lugar allegado, que andava huma por cima da outra, & que houve brigas por vezes de que sahiraõ muytos feridos, & hum morto. *Na torre de Babel lhe foy vedado.* Esta gente de Calecut desejava diz o Poeta, perguntar aos Portuguezes donde eraõ, que buscavaõ, & outras cousas que os homens naturalmente desejão saber de gente estranha: mas não lhe entendiaõ sua linguagem, por ser muyto differente, o que declara por estas palavras: *Na torre de Babel lhe foy vedado:* porque quando Nosso Senhor confundio aquelles que fazião a torre de Babel, ficàraõ não se entendendo huns aos outros, porque cada hum falava de sua maneyra. De Babylonia se veja a nossa annotação no sexto canto, oytava 75.

46

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia,
Monçayde entre elles vay interpretando
As palavras, que de ambos entendia:
Assi pella Cidade caminhando
Onde huma rica fabrica se erguia,
De hum suntuoso templo ja chegavaõ,
Pellas portas do qual juntos entravaõ.

Assi pela Cidade caminhando. Isto conta differente Joaõ de Barros, na primeyra Decada: & he que o segundo dia de caminho (porque primeyro que começáraõ a caminhar não puderaõ chegar aonde o Samorim estava por estar cinco legoas de Calecut) foraõ dar a hum grande Templo do Gentio da terra lavrado de cantaria, & muyto fermoso, no qual todos entráraõ: & porque havia nelle algumas imagens, todos os nossos cuydàraõ ser aquella gente convertida pelo Apostolo S. Thomè. Alguns se puseraõ de joelhos parecendolhe serem aquellas imagens verdadeyras, com o que os Gentios da terra folgaraõ muyto.

47

ALli estaõ das Deydades as figuras
Esculpidas em pao, & em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
E segundo o Demonio lhes fingia:
Vemse as abominaveis esculturas,
Qual a chimèra em membros se varia;
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em fórma humana, estão maravilhados.

Segundo o demonio lhe fingia. O Poeta diz verdade que aquellas imagens eraõ idolos daquelles Gentios feytas por ordem do demonio. Mas os Portuguezes enganados com a informação que tinhaõ de haver naquellas partes Christãos do tempo do Bemaventurado S.Thomè, á primeyra vista cuydaraõ ser assim, & que aquellas imagens eraõ de Santos, costumados, como diz o Poeta, a ver imagens de Christo Nosso Senhor, & de seus Santos, em figura humana como aquellas estavaõ: pelo que se espantaraõ, vendo naquellas partes uso de imagens, como em sua patria viaõ. *Qual a Chimera.* Chimera he hum monte em Lycia de que dizem sahia fogo pelo alto delle. Era no tempo passado muyto habitado de leões, cabras monteses, serpes, & outros bichos venenosos. Pelo que os antigos o fingiraõ ser hum monstro com tres cabeças: de leaõ, cabra, & dragaõ, & lançando fogo por ellas. Bellorophonte filho de Neptuno matou este mõstro, o que lhe attribuem, porque foy hum cavalleyro muyto avisado, & persuadio aos homens habitassem aquelle monte, para por esta via se alimpar daquelles animaes, & bichos, que faziaõ grande perda aos povos vezinhos.

48

HUm na cabeça cornos esculpidos,
Qual Iupiter Amon em Lybia estava,
Outros em hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Iano se pintava:
Outro com muytos braços divididos,
A Briarèo parece que imitava,
Outro fronte Canina tem de fóra,
Qual Anubis Memfitico se adora.

Hum

Hum na cabeça cornos esculpidos. Conta a variedade dos idolos que estavaõ naquelle Templo. *Qual Iupiter Amon em Lybia estava.* Huma figura diz o Poeta, que se parecia com Jupiter Amon de Lybia. Conta Pomponio Mella, Pausanias, & outros Geographos, que caminhando Baccho por Lybia regiaõ de Africa, muyto falta de agoa, apertado elle, & seu exercito da sede, pedio a seu pay Jupiter o favorecesse naquelle trabalho. Jupiter lhe appareceo em figura de carneyro, & subitamente viraõ naquelle lugar huma fonte de agoa, de que o exercito bebeo. Baccho fez logo alli hum Templo a seu pay, em figura de carneyro, & poz-lhe nome Jupiter Amon, que quer dizer area, porque naquella parte aonde estava aquella fonte, havia grandes areaes como há em toda Lybia.

Outro num corpo rostos tinha unidos. Bem como o antigo Iano se pintava. Diz que havia algumas figuras de differentes rostos, como pintaõ os Poetas à Jano. Deste Jano escrevem muytas cousas os Autores. Huns fingem que era porteyro do Ceo, & que continuamente estava à porta, pelo que nenhum rogo podia chegar lá sem ser registado por elle, peloque lhe chamavão Iano de Ianua, que he a porta: & daqui se costumava entre os Romanos não se fazer sacrificio algum sem ser primeyro invocado Iano, como conta largamente Macrobio nos Saturnaes. Outros diziaõ que Iano era o mesmo, que o Sol, & por isso o pintavão com dous rostos, dos quaes hum significava as partes do Oriente, & outro as do Occidente. Outros que era o mundo, peloque lhe assinavão quatro rostos, em que se denotava as quatro partes do mundo, ou as quatro partes do anno, Veraõ, Estio, Outono, & Inverno: & lhe faziaõ doze altares, que significavão os doze mezes do anno, ou os doze Signos do Zodiaco por onde o Sol caminha. Outros que era Chaos. Estas, & outras cousas de Iano se pódem ver em Macrobio no lugar allegado. Das quaes todas zomba, & com razaõ o Bemaventurado Santo Agostinho no Livro da Cidade de Deos.

Outro com muytos braços divididos a Briareo parece que imitava. Outras figuras diz que se pareciaõ com o Gigante Briareo filho da terra, & do Ceo: ao qual os Poetas pintão com cem braços. Donde disse Virgilio na Eneida: *Et centum geminus Briareus.* Briareo com cem braços. *Outro fronte canina tem de fóra qual Anubis Memphitico se adora.* Anubis era hum Idolo dos Egypcios com cabeça de caõ, donde Virgilio na Eneida lhe chamou ladrador. *Et latrator Anubis*, & o ladrador Anubis. Todas estas cousas poem aqui o Poeta para mostrar a barbaria, & desconcerto da gentilidade, os quaes enganados do demonio uzaõ destas invenções. Bem se mostra ser gente de pouca policia, & juizo, pois não cayem na verdade, & desengano de huma taõ grande cegueyra, & erronea, em que o demonio os trás atolados.

49

AQui feyta do barbaro Gentio
A superstíciosa adoraçaõ,
Direytos vão, sem outro algum desvio
Para onde estava o Rey do povo vão:
Engrossando se vay da gente o fio,
Cos que vem ver o estranho Capitão,
Estão pelos telhados, & janellas,
Velhos, & moços, donas, & donzellas.

Aqui feyta do barbaro Gentio. Conta Joaõ de Barros que alem do Templo no mesmo caminho antes de chegarem aos paços do Samorim, estava hum lugarinho, & nelle outro Templo muyto mayor, no qual estava outro Catual esperando a Vasco da Gama, o qual o sahio a receber com muyta gente de guerra, todos com adargas a seu modo, & com instrumentos de tanger, tão concertados segundo seu costume, que os nossos folgaraõ de os ver. Aqui lhe deraõ outro andor melhor, & mais concertado, & logo seguiraõ seu caminho para os paços d'El-Rey, o qual caminho os de pé não puderaõ aturar, assim pelos do andor andarem muyto depressa, como pela grande multidaõ de gente que os sahia a ver, que temeraõ os nossos que os afogassem.

50

IA' chegaõ perto, & não com passos lentos
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si escondem os Regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificão os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleytosos,
Assi vivem os Reys daquella gente,
No campo, & na Cidade juntamente.

Altos de torres não. Os paços do Samorim, que estão fóra da Cidade de Calecut, estaõ entre palmares, & com grandes jardins, que he costume de toda a India, & naõ saõ de grandes casarias, mas de casas fracas, qual era esta em que o Samorim estava cinco legoas de Calecut, entre huns palmares como aqui diz Luis de Camões.

51

PElos portaes da cerca a subtileza,
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiver noticia inteyra,
Pela sombra conhece a verdadayra.

Pel

Pelos portaes. Louva o Poeta a obra dos paços do Samorim poetica, & elegantemente: mostrando como pelos portaes da cerca dos paços havia muytas cousas feytas com tanto arteficio, que pareciaõ ser feytas pelo grande architecto Dedalo.

Dedalea facultade. Quer aqui dizer obra, & artificio de Dedalo, cujas obras na architectura eraõ taõ primorosas, que não sómente as que tocavaõ ao officio de architecto, mas quaesquer outras de engenho, se chamavão obras de Dedalo. Veja-se o Proverbio, *Dædala opera*: & a nossa annotação no canto quarto, oytava 104.

Pela sombra conhece a verdadeyra. Por sombra entende a pintura, que desta linguagem usamos vulgarmente, trattando de pinturas, dizer que tem sombras para mostrar a excellencia da obra.

52

Estava hum grande exercito, que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe lava,
Regeo hum Capitão de fronte lisa,
Que com frondentes Lyrios pelejava:
Por elle edificada estava Nisa,
Nas ribeyras do rio, que manava,
Tam proprio que se alli estiver Semelle,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

Regeo hum Capitão de fronte lisa. Entre outras cousas para ver que estavão naquella cerca pintadas, diz, que estava Baccho, de que já neste livro por muytas vezes temos fallado: o qual senhoreou a India, & nesta pintura estava por Capitaõ de hũ grande exercito, q̃ entrava pela terra Oriental que o Hydaspe lava, que he esta, pela qual este rio passa, do qual fica tratado no primeyro canto, oytava 55. Chama-lhe Capitão de fronte lisa, porque como Baccho he padroeyro dos homens dados a vinho, & os Poetas lhe chamão Deos destes, pinta-se mancebo sem barba, & algum tanto desenvolto, & alegre, que isto entende por fronte lisa: porque os Latinos quando querem significar gravidade em alguma pessoa, dizem que tem a testa arrugada, & quando o pintaõ alegre, & desenvolto em suas cousas, que a tem lisa, & desarrugada. E como a gente que tratta com vinho, he gente alegre, & desencalmada, & que lhe dá pouco do que vay, & vem: daqui se pinta Baccho, com a testa lisa. A lança, & armas que daõ a este Baccho he huma hasta chamada thyrso, cuberta toda de pampanos de vides, & ramos de era: para mostrar que a vide attrahe muyto a si, & a era pega, & faz firme o que se chega á bandeyra de Baccho. E por isto Baccho sojeytou a India, porque suas armas eraõ dadivas que pódem muyto, & principalmente dadivas de bom vinho. Nisa que diz estava naquella pintura edificada por Baccho, he huma Cidade na India, a qual diz Solino, que se chama agora Scytopolis, & da razão do nome, porque Baccho trouxe a Nisa gente de Scythia para a habitar, pelo que lhe foy posto o nome Scythopolis, que quer dizer Cidade dos Scythas. Veja-se Ortelio na sua Synonymia, na palavra Scythopolis. *Semele.* Mãy de Baccho.

53

Mais avante bebendo seca o rio
Muy grãde multidão da Assiria gente,
Sogeyta a femenino senhorio,
De huma tão bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

Mais avante bebendo seca o rio. Logo junto a Baccho estava a Raynha Semiramis com hum exercito grandissimo de Assyrios, para cujo encarecimento diz que juntos a hum rio o esgotavão, tantos eraõ, como contámos atrás dos Patanes.

Alli tem junto ao lado nunca frio, esculpido o feroz ginete ardente. Isto diz pelo que se conta de Semiramis, que foy tão sensual que a té com hum cavallo, & com seu proprio filho teve ajuntamento, que he assás brutalidade.

54

Daqui mais apartadas tremolavão
As bandeyras de Grecia gloriosas,
Terceyra Monarchia, & sobjugavão
Até as agoas Gangeticas undosas:
Dum Capitão mancebo se guiavão,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philipo, mas sem falta
De progenie de Iupiter se exalta.

Daqui mais apartadas tremolavaõ. Junto a Semiramis estava Alexandre Magno terceyro Monarcha, & Senhor do mundo, o qual não contente com sugeytar Europa, & Africa, entrou pela India, & a sugeytou.

De hum Capitão mancebo se guiavaõ. Demostenes (como refere Plutarcho) chamava commummente a Alexandre menino, porque de muyto pouca idade sugeytara o mundo: o que se mostra aqui por aquellas palavras: de palmas rodeado valerosas: porque a palma he insignia de vittoria.

Que já não de Philippo. Alexandre Magno que o mundo tinha por filho de Philippe Rey de Macedonia, dizia publicamente que era filho de Jupiter, & que assim lho descubrira sua mãy Olympias, como escreve Solino no seu Polyhistor.

Os

55

OS Portuguefes vendo eftas memorias
(Dizia o Catual ao Capitão)
Tempo cedo virá, que outras vittorias
Eftas que agora olhais, abaterão:
Aqui fe efcreverão novas hiftorias,
Por gentes eftrangeyras, que virão,
Que os noffos fabios Magos o alcançarão,
Quanddo o tempo futuro efpecularão.

Que os noffos fabios Magos o alcançaraõ. Relata aqui o Catual aos Portuguezes, como elles tinhaõ entre fi por coufa certa, que viria tempo que outra nação dominaria aquellas partes: & que em lugar daquellas hiftorias que alli eftavão efcrittas, & efculpidas, haveria outras novamente poftas: & que affim o tinhaõ dito muytos annos haviaõ os feus Magos. Efta palavra Magos he Perfica, & não Grega, como alguns querem. Significa propriamente homem verfado nas coufas divinas, & naturaes: como eraõ entre os Perfas os que tinhão efte nome. E quaes eraõ os que vieraõ a adorar a Chrifto Noffo Redemptor, como declaraõ os que melhor fentem. A hiftoria dos Reys Magos tratta na verdade Janfenio na concordia Evangelica liv. 9. O qual faz a palavra Magos Grega, não fendo affim. Leaõ os curiofos a Celio Rodiginio nas lições antigas liv. 3. cap. 9.

56

E Dizlhe mais a Magica fciencia,
Que para fe evitar força tamanha,
Não valerà dos homens refiftencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz da gente eftranha,
Serà tal, que ferà no mundo ouvido
O vencedor por gloria do vencido.

O vencedor por gloria do vencido. He huma grande prezumpção dos Portuguezes, que foraõ taes nas partes da India, (que ferá tal fua fama no mundo) que os vencidos fe prefaraõ muyto de ferem vencidos delles. A imitação de Ovidio, que naquella contenda que Aiax teve com Ulyffes fobre as armas de Achilles, diz eftas palavras:

Ipfe tulit pretium jam, nunc certaminis hujus,
Qui cum victus erit, mecum certaffe feretur.

Iá Ulyffes levou o premio defta contenda, o qual ainda que feja vencido bafta-lhe dizer, que competio comigo.

57

ASſi fallando entravão jà na fala,
Onde aquelle potente Emperador,
Numa camilha jaz, que não fe iguala
De outra alguma no preço, & no valor:
No recoftado gefto fe affinala
Hum venerando, & profpero fenhor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciofas gemas fe adereça.

No recoftado gefto fe affinala, hum venerando, & profpero fenhor. Conta Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 8. que tinha o Samorim tanta gravidade, & Mageftade naquella camilha em que eftava, que não fez mais movimento para Vafco da Gama, quando o recebeo, que levantar a cabeça de huma almofada em que a tinha encoftada, ainda que no rofto deu moftras de gofto, & prazer.

58

BEm junto delle hum velho reverente
Cos giolhos no chaõ de quãdo em quãndo,
Lhe dava a verde folha da erva ardente,
Que a feu coftume eftava ruminando:
Hum Bramene, peffoa preminente,
Para o Gama fe vem com paffo brando,
Para que ao grande Princepe o aprefente,
Que diante lhe acena, que fe affente.

Bem junto delle hum velho reverente. A huma ilharga do leyto em que o Samorim jazia encoftado eftava hum homem, que parecia no trajo, & officio dos principaes da terra, o qual tinha na mão hum prato de ouro, com folhas de Betele, que elles coftumão remoer, para lhe confortar o eftamago. O Betele he huma folha a modo de tanchagem, o qual fe colhe de huma arvore como hera. Deftas arvores ha muytas na cofta do Malavar ao longo de hum rio chamado Betele, tem eftas arvores ao modo de latadas muyto concertadas, não daõ fruyto, nem femẽte alguma, fómente lhe colhem as folhas, das quaes ufa todo o genero da gente daquellas partes, affim Gentios, como Mouros de noyte, & de dia. Não o engolem, nem comem, fómente lhe chupaõ o fumo, o qual dizem que he muyto bom para enxugar o eftamago, confervar o miolo, & lançar fóra a ventofidade. Tem outra propriedade que tira a fede. Chupaõ-no mifturado com cal de marifco, f. mexilhões, & oftras, para lhe abrandar a quentura, que tem muyta: pelo que o Poeta lhe chama ardente, & he tão prefado efte Betele naquellas partes, que he a principal renda que os Reys della tem, & delle mandão zambucos carregados para muytas partes. Os Perfas chamaõ a efta folha tambo: nós lhe chamamos folio Indico,

dico, que quer dizer folha da India. Este velho era hum Bramene, Veador, & Governador de sua casa,& pessoa, porque naquellas partes não se fiaõ de outros, como fica notado atrás neste mesmo canto.

59

Sentado o Gama junto ao rico leyto,
Os seus mais afastados, pronto em vista
Estava o Samori, no trajo, & geyto,
Da gente, nunca dantes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peyto,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rey, & do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo,

Sentado o Gama. O Gama se sentou por mandado do Samorim em huns degraos do estrado, em que estava o Catual, & os de sua companhia hum pouco desviados em outra parte, & despois que o Samorim por hum grande espaço notou as pessoas, & trajos dos nossos, lhe fallou o Gama algumas cousas, que o Poeta poem nas oytavas seguintes.

60

Hum grande Rey de lâ das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda,
Da terra a luz solar c'o a terra esconde,
Fingindo, a que deyxou de escura noda:
Ouvindo do rumor, que lâ responde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado està, & a Magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

Hum grande Rey. Tratta aqui o Capitão da terra sugeyta aos Reys de Portugal, a qual diz que he das partes do Occidente, o que mostra por hum termo de fallar muyto galante, dizendo que o seu Rey era daquellas partes, aonde o Ceo rodeando a terra com seu continuo movimento esconde a luz com a terra. Chama ao Cabo volubil, porque o decimo com huma volta que dá cada dia, leva depois de si todos os mais Ceos: & nesta volta esconde o Sol ámetade do mundo (a que os Astrologos chamão Hemispherio) encuberta sua luz com a terra que está no meyo: a qual fica escura com a absencia do Sol, que he o que o Poeta aqui diz.

O mundo do rumor, que lâ responde o echo. Echo he palavra Grega, quer dizer o retorno dobrado que se dá em algumas partes, o qual por respeyto dos valos, & bayxos aonde fallamos, ou dobramos torna a nòs. Veja-se o que notamos no terceyro canto oytava 84. Aqui quer o Poeta dizer, que ouvindo el-Rey de Portugal o rumor, & fama das cousas do Samorim. E vindo á sua noticia a fama de sua Magestade, & poder, pretendia ter comercio, & amizade com elle.

61

E Por longos rodeos a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de la ao Tejo ao Nilo:
E desde a fria plaga de Zelanda,
Atè bem aonde o Sol não muda o estilo
Nos dias sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu Reyno em grande copia.

E por longos rodeyos a ti manda. Despois que trattou da terra de Portugal, trata-lhe agora de sua riqueza, & abundancia de todas as cousas que hâ nestas partes da Europa, & juntamente de Africa, para mais o affeyçoar ao vinculo de amizade que com elle pretende. *Do Tejo ao Nilo.* De Hespanha por onde o Tejo passa até o Nilo, que rodeya toda a Ethiopia.

Da fria plaga de Zelanda atè bem onde o Sol não muda o estilo nos dias. Desde as terras do Norte, aonde Zelanda cae atè as de Ethiopia, que estão debayxo da linha: aonde o Sol não muda o estilo: porque os moradores debayxo da Equinocial tem sempre os dias iguaes com as noytes. Do Tejo se veja a nossa annotação no canto 4. oytava 10. Zelanda he nome moderno, & de que os antigos nenhuma noticia tiveraõ, porque esta ilha se chamou sempre Mattia, & os povos Mattiacos, que quer dizer companheyros, & ajudadores em todo o genero de negocio, contrato, amizade, & perigo, pela grande aliança, & amizade que esta gente tem entre si em seus negocios, & trattos de todas as cousas de que a ilha tem grande abundancia. Este nome lhe deraõ os Romanos quando a sogeytarão a seu poder, tomando do costume, & natureza dos naturaes, & não de algum lugar, Rey, Senhor, ou Capitão que a dominasse. E daqui Cesar liv. 4. belli Gallici chama aos Zelandezes Ambactos, nome que entre os Belgas mostra homens illustres, & poderosos, porque taes eraõ os moradores de Zelanda, que sendo vezinhos a Batavia, ou a Holanda de maneyra que se póde contar entre elles, porque só no nome differem, nas forças, diligencia, esforço, engenho, ardis, astucia, & arte de negociar, & outras cousas, que na vida saõ estimadas entre os homens, lhe fazem muyta ventagem. He Zelanda terra muyto larga, cercada toda de mar, pelo que lhe deraõ este nome, porque Zelanda quer dizer terra maritima. Tem dentro de si quinze Ilhas, ainda que de poucos annos a esta parte se allagaraõ terras, & lugares de Zelanda, & hoje em dia algumas dellas estão temerosas de lhe soceder o mesmo, pelo que andão em continuo trabalho, & guerra com o mar, para o desviar de fazer nellas o que tem feyto em outras da mesma Zelanda. He muyto abundante das cousas necessarias para a vida, no que faz ventagem a todas as ilhas vezinhas.

Tem muyto excellentes Cidades, & lugares, de muyto galantes,& sumptuosos edificios, & saõ os Zelandezes muyto concertados,& polidos em suas cousas, & no tratto de suas casas muyto limpos, & he isto tanto assim,que entrando na terra El-Rey Philippe se espantou do concerto, & limpeza desta gente,como conta Livino Lemnio Medico natural de Ziura Cidade da mesma Zelanda em hum trattado que fez de *ocultis naturæ miraculis*, liv.2. cap. 6. porque como foy natural desta terra trattou com muyta curiosidade , tudo o que os curiosos della quizerem saber disto , tratta tambem Adriano Balando na descripção da bayxa Alemanha.

62

E Se queres com pactos,& lianças
De paz,& de amizade sacra,& nua,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua,& tua:
Porque cerção as rendas,& bastanças,
Por quem a gente mais trabalha,& sua,
De vossos Reynos,serà certamente
De ti proveyto,& delle gloria ingente.

Por quem a gente mais trabalha,& sua, Huma das cousas que na vida mais inquieta os homens he o desejo de terem rendas , & serem abastados, & ricos. E para este effeyto muytas vezes fazem muytas cousas mal feytas : donde disse aquelle grande Poeta Virgilio na Eneida : *Auri sacra fames quid non mortalia pectora cogis?* Fome maldita de ouro a que não induzes,& forças os homens?E nesta materia sabem todos tanto que me escusarão trattar della.

63

E Sendo assi,que o nó desta amizade
Entre vòs firmemente permaneça,
Estarà pronto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reyno se offereça:
Com gente,armas,& naos de qualidade,
Que por irmão te tenha,& te conheça,
E dà voutade em ti sobre isto posta,
Me des a mim certissima reposta.

E sendo assi. Despois que trattou o Capitão môr diante do Samorim de Portugal, & a abundancia de todas as cousas committe comercio,& amizade, & que se quizer ser irmão em armas do Rey de Portugal , que em todo o caso o ajudarà com armas,gente , & navios , como na oytava diz largamente.

64

T Al embayxada dava o Capitaõ ,
A quem o Rey gentio respondia,
Que em ver Embayxadores de nação
Taõ remota,graõ gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tençaõ
Com os de seu conselho tomaria,
Informandose certo de quem era
O Rey,& a gente,& terra,que dissera.

A quem o Rey Gentio respondia. O que João de Barros conta a este proposito he, que despois que o Samorim por espaço grande esteve notando as pessoas, & trajos dos nossos, & praticando em palavras geraes com Vasco da Gama, recebidas delle duas cartas,que lhe mandava El-Rey Dom Manoel , huma escritta em Arabigo , & outra em lingua Portugueza,que era da mesma substancia,disse que elle as vira, & despois mais de vagar o veria & elle,que por em tanto se fosse repousar.

65

E Que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar,& em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rey reposta alegre leve:
Là nisto punha a noyte o usado atalho,
As humanas canceyras,porque ceve
Do doce sono os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

Là nisto punha a noyte o usado atalho. Jà anoytecia. Usa deste termo de fallar Poetico,& elegante,porque a noyte he para ajudar a levar a carga , & trabalhos do dia. Donde disse Valerio Flacco no livro quinto dos Argonautas:

Nox hominum genus, & duros miserata labores
Rettulerat fessis optata silentia rebus.

Doendo-se a noyte dos homens, & suas miserias, & trabalhos acudio para lhe remedear, & ajudar suas canseyras.

66

A Gasalhados foraõ juntamente
O Gama,& Portugueses no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com festas,& geral contentamento:
O Catual no cargo diligente,
De seu Rey,tinha jà por regimento
Saber da gente estranha,donde vinha,
Que costumes,que ley,que terra tinha.

Agazalhados foraõ juntamente. O Samorim despois que recebeo as cartas que lhe deu Vasco da Gama d'El Rey Dom Manoel , lhe perguntou com quem se queria agazalhar , se com Mouros ou Gentios , ao que elle respondeo , que entre Mouro

Mouros,& Christãos havia differenças por muytas vias,assim por respeyto da ley,que professavão, como de payxões,& odios particulares,que tinhão entre si,& que tambem não sabiaõ o tratto, & ordem,que tinhão os naturaes, que pedia a sua Real Senhoria,que os mandasse apolentar sem companhia alguma. O Samorim folgou de ouvir as razões de Vasco da Gama,& mandou ao Catual lhe fizesse a vontade,& o agazalhasse, só usando de palavras honrosas, em que mostrava ter ao Capitão mór por homem de espiritu, & prudencia grande.

67

Tanto que os igneos carros do fermoso
Mancebo Delio vio,que a luz renova,
Manda chamar Monçayde,desejoso
De poderse informar da gente nova:
Jà lhe pregunta pronto,& curioso,
Se tem noticia inteyra,& certa prova
Dos estranhos,quem saõ,que ouvido tinha
Que he gente de sua patria muy vizinha.

Tanto que os igneos carros do fermoso. Reconta como o Catual o outro dia seguinte em o Sol apontando mandou chamar o Mouro Monçayde,para se informar dos Portuguezes, porque tinha ouvido, que era gente vezinha à terra aonde elle nacera. *Carros igneos*,quer dizer carros de fogo. Taes pintão os Poetas os do Sol em que dà luz ao mundo, feytos por mão de Vulcano filho de Jupiter,& seu ferreyro. E os cavallos que levavão este carro tinhão fogo no peyto,& o lançavão pela boca,& narizes,como diz Ovidio nas Metamorphoses:

Nec tibi quadrupedes animosos ignibus illis,
Quos in pectore habent, quos ore,& naribus efflant
In promptu regere est.

Dissuadindo Apollo a Phaeton seu filho, que largasse a pretenção de governar os carros do Sol, entre outras difficuldades que lhe punha era esta, que tinhaõ fogo nos peytos, & que lançavão pelas ventas,& pela boca.

Mancebo Delio,que a luz renova. He o Sol. Chama-se Delio, & sua irmã a Lua Delia,porque naceraõ ambos de hum parto na ilha Delos. Disse renovar a luz o Sol por hum fingimento dos Poetas, que dizem que todas as manhans nace novamente.

68

Que particularmente alli lhe dèsse
Informaçaõ muy larga,pois fazia
Nisso serviço ao Rey porque soubesse
O que neste negoçio se faria:
Monçayde torna posto que eu quizesse
Dizerte disto mais,não saberia,
Sòmente sey,que he gente lâ de Espanha,
Onde he o meu ninho,& o Sol no mar se banha.

Onde he o meu ninho. Ninho toma pela patria, & a natureza de cada hum tomada a metaphora do ninho dos passaros.

O Sol no mar se banha. Aonde o Sol se poem,nas partes Occidentaes Monçayde disse ao Catual que esta gente era de Hespanha vezinha á sua patria nas partes do Occidente.

69

Tem a ley de hum Profeta,que gerado
Foy sem fazer na carne detrimento
Da Māy,tal que por bafo està approvado
Do Deos,que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles,he que o valor sanguinolento
Das armas,no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Tem a Ley de hum Propheta. Este he Christo Nosso Senhor, & Salvador, o qual naceo da Gloriosa Virgem Maria Nossa Senhora concebido pelo Espirito Santo,(o qual entende aqui por esta palavra bafo, que he o espirito.) Virgem antes do parto, & despois do parto, como temos por verdade Catholica,& resolutissima sem fallencia:

O que entre meus antigos he vulgado. O que he publico, & sabido entre os antigos, & velhos de minha patria, diz Monçayde, he que no negocio das armas saõ gente valerosa,& esforçada.

70

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deytàrão dos campos abundosos,
Do rico Tejo,& fresca Guadiana,
Com feytos memoraveis,& famosos:
E naõ contentes inda na Africana
Parte,cortando os mares porcelosos,
Nos naõ querem deyxar viver seguros,
Tomandonos Cidades,& altos muros.

E fresca Guadiana. Guadiana he rio que nace em Hespanha, junto á serra de Alcaraz, & perto de hum lugar por nome La puebla de Alcocer,se mete por debayxo da terra por espaço de dez legoas. He rio que passa pelas terras da Estremadura, Badajoz, Olivença, & outras. Não tem peyxe do mar,porque aonde entra nelle està hum altissimo penedo por onde a agoa cae, que os impossibilita para poderem sobir.

Tomandonos Cidades,& altos muros. Como Ceuta Tangere,Mazagão,& outros lugares que os Reys de Portugal largàraõ, por lhe não parecerem muyto importantes a este Reyno.

71

NAõ menos tẽ mostrado esforço, & manha
Em quaesquer outras guerras, q acõteçaõ:
Ou das gentes belligeras de Espanha,
Ou là de alguns, que do Pyrene deçaõ:
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem que por vencidos se conheçaõ,
Nem se sabe inda não, te afirmo, & assello,
Para estes Annibaes algum Marcello.

Ou das gentes belligeras de Hespanha. Isto diz pelas vittorias, que os Portuguezes houverão dos Hespanhoes.

Ou là de alguns que do Pyrene deçaõ. E porque em ajuda dos Reys de Castella veyo muyta gente de Catalunha, Biscaya, & Navarra, & outras gentes daquella paragem, diz, ou de algumas que do Pyrene deção, porque os montes Pyrineos dividem a Hespanha de França: pelo que os moradores daquellas partes saõ sogeytos aos Reys de Hespanha. Que sejão Pyrineos se veja na nossa annotação no canto terceyro, oytava 16.

Para estes Anibais algum Marcello. Marco Marcello Capitão Romano valerosissimo, o primeyro Capitão Romano, que venceo Anibal Capitão dos Carthaginenses, como escreve Titolivio na primeyra Decada. O que diz aqui o Poeta he, que nunca houve quem vencesse aos Portuguezes, aos quaes chama Anibais, porque Anibal foy hum dos mais esforçados Capitães do mundo.

72

E Se esta informação naõ for inteyra,
Tanto quanto convem, delles pertende
Informarte, que he gente verdadeyra,
A quem mais falsidade enoja, & ofende:
Vay verlhe a frota, as armas, & a maneyra
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaràs de veres a policia
Portuguesa, na paz, & na malicia.

E a maneyra do fundido metal. E o modo o concerto da artelharia, á qual chama metal fundido, & diz que rende tudo, porque despois que ouve artelharia, não ouve homem esforçado.

73

JA' com desejo o Idolatra ardia
De ver isto, que o Mouro lhe contava,
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos, em que o Gama navegava:
Ambos partem da praya, a quem seguia
A Nayra gèração, que o mar coalhava,
A Capitayna sobem forte, & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Iâ com desejos o Idolatra ardia. Isto que aqui vay contando o Poeta, he segundo às regras da Poesia, muyto galante, & artificioso, as quaes dão licença que se finga huma fabula como diz Horacio na Arte Poetica: *Qui splendeat unus, & alter assuitur pannus.* A licença que os Poetas tem he em suas obras meterem alguma fabula, & fingimento galante, & que pareça bem. E assim nisto não conforma, com o que os nossos Historiadores contão, porque não sómente não forão os Malavares aos navios, antes estando Vasco da Gama em terra, escreveo por Monçayde a seu irmão Paulo da Gama que estivesse com grande vigia, & que não se fiasse da gente da terra, nem os consentisse hir a bordo; porque tinha entendido delles lhe farião todo o mal que pudessem. O que se póde ver em João de Barros na primeyra Decada.

74

PUrpureos são os toldos, & as bandeyras
Do rico fio saõ, que o bicho gèra,
Nelles estão pintadas as guerreyras
Obras, que o forte braço jà fizera:
Batalhas tem campaes aventureyras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apacenta.

O rico fio que o bicho gera. He a seda, porqu[e] delles se faz como, he cousa sabida.

75

PElo que vè pergunta, mas o Gama
Lhe pedia primeyro, que se assente,
E que aquelle deleyte, que tanto ama
A Seyta Epicurèa, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrâra à gente:
Mas comer o Gentio não pertende,
Que a seyta, que seguia lho defende.

A seyta Epicurea. Epicuro (como alguns escre-vem) foy Atheniense, ainda que outros queres[m] que fosse de Samos, & levado a Athenas, vencid[o] Samos pelos Athenienses em tempo que Aristo-teles, & Xenocrates florecião. Foy de opiniã[o] que a nossa alma era mortal, & corruptivel, & qu[e] Deos não tinha cuydado das cousas do mund[o] mas que erão governadas por influencias dos Pl[a]netas, & estrellas do Ceo. Teve outra diabolic[a] que toda a felicidade da vida estava no content[a]mento, & deleytes della, & que não havia out[ro] bem se não comer, & beber, & levar boa vida. Pi[n]

ta-

taya a virtude ao pé dos vicios postrada diante delles, & servindoos. Isto diz aqui o Poeta, que o Capitão mòr pedia ao Catual, aceytasse o deleyte, que a seyta Epicurea tanto ama: pelo qual entende o comer, & beber, no qual os que seguirão a seyta do Philosopho Epicuro, punhão sua bemaventurança, & felicidade. *O licor que Noè mostrara à gente:* Este he o vinho, porque Noé despois do diluvio ensinou o modo que se havia de ter no plantar das vinhas, como se conta no Genesis.

Mas comer o Gentio não pertende. A seyta dos Gentios prohibelhe comer com gente de outra nação, pelo que não aceytárão os offerecimentos de Vasco da Gama.

76

A Trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
C'o o fogo o diabolico instrumento;
Se faz ouvir no fundo là dos mares:
Tudo o gentio nota, mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feytos dos homens, que em retrato breve,
A muda poesia alli descreve.

A trombeta, que tem paz no pensamento. Tratta o Poeta da festa que os nossos fizerão ao Catual na Capitania com trombetas, artelharia, & espingardaria. Diabolico instrumento chama á artelharia: Vejase o que escrevemos no canto setimo, oytava 32. *A muda poesia alli descreve.* O Gentio notava muytas cousas nos Portuguezes, principalmente se detinha com os olhos nos retrattos, & figuras que estavão pelas bandeyras, & outras partes do navio, as quaes chama poesia muda. Poesia muda he a pintura, como lhe chamão todos os Poetas. Taes são os emblemas, empresas, & pegmas de que os Poetas trattão em muytos lugares. De semelhante modo de escrever usavão os Egypcios, pintando aves, animaes, & outras cousas semelhantes, pelos quaes finaes mostravão o que querião, & a estes finaes chamavão Hieroglphica, que quer dizer letras sagradas, pela grande veneração, & respeyto que tinhão a este genero de escrever. Poesia que falla são os versos, pelo que Homero he chamado de muytos grande pintor, porque na descripção das cousas foy excellente, & pinta tanto ao natural, animaes, ferozes, ussos, leões, pardos, á grandeza do Sol, fermosura da Lua, a multidão de estrellas, differentes Cidades com differentes trattos, que espanta os que o lem.

77

A Lçase em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho d'outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aspeyto venerando.
Cujo nome não pode ser defunto
Em quanto houver no mundo tratto humano;
No trajo à Grega usança esta perfeyta,
Hum ramo por insignia na direyta.

Alçase em pè. Folgava tanto o Catual de ver as cousas dos Portuguezes, & principalmente os debuxos, & pinturas, que pela tapeçaria estavão, que se levantou em pe para melhor os poder ver. Os Gamas são; o Capitão mòr Vasco da Gama, & seu irmão Paulo da Gama, o Coelho era hum Nicolao Coelho Capitão de hum navio da armada. O Mauritano era Monçayde, que servia de lingua entre o Catual, & o Capitão mòr, porque como era Africano de nação, natural do Reyno de Tunes, pela communicação, que tivera com os Hespanhoes, sabia fallar a lingoa Castelhana, na qual declarava aos Portuguezes as cousas que lhe o Catual dizia.

De hum velho branco. Entre as figuras estava hum velho branco de aspecto grave, & venerando. Este velho era Luso companheyro de Baccho, o qual foy Senhor de Portugal, & do seu nome se chamarão os Portuguezes os Lusitanos, como fica dito nestas nossas annotações muyto largamente, & muytas vezes, & o diz o nosso Poeta no principio do canto oytavo.

Cujo nome não pòde ser defunto. Cuja fama se não perderá em quanto o mundo durar. *No trajo a Grega usança està perfeyta.* Mostra o modo do trajo que tinha Luso no seu retratto, que era ao costume, & uso dos Gregos, & com huma palma na mão, como o Poeta refere no principio do livro oytavo, aonde continua esta historia, que lhe pareceo não ser justo trattar dos primeyros fundamentos de Portugal, & de alguns que o conservarão, & augmentárão sem particular ajuda das Musas, como elle affirma na oytava seguinte.

78

H Um ramo na mão tinha. Mas ò cego
Eu, que cometo insano, & temerario,
Sem vòs Nymphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo, & vario?
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, ey grande medo
Que o meu fraco batel se allage cedo.

Mas ò cego eu. Boa digressão, & entre os Poetas muyto usada, que no meyo de suas obras, quando mais engolfados vão em alguma narração, peguem com as Musas, que os favoreção, & disto há tantos exemplos, & he cousa tão usada, que não he necessario alargarnos nesta materia.

79

OLhay, que hà tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, & novos danos:
Agora o mar, agora esprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Numa mão sempre a espada, & noutra a pena.

Perigos Mavorcios. Perigos de guerra, de Mavorte, que he o mesmo que Marte, que os antigos tinhaõ por Deos da guerra. *Qual Canace que à morte se condena.* Diz o Poeta que neste seu escrever as cousas dos Portuguezes, se houve como Canace, que em huma maõ tinha a penna, com que estava escrevendo a seu irmão Macareo, em outra a espada para se matar, pelos muytos perigos, trabalhos, & guerras que na India passava, quando escrevia estes cantos.

80

AGora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheos degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que de hum fio pendia tão delgado,
Que não menos milagre foy salvarse,
Que para o Rey Judaico acrecentarse.

Agora da esperança jà adquirida. Porque vendo-se algumas vezes com alguma esperança de remedio, muyto depressa se lhe hia das mãos. *Agora âs costas escapando a vida, que de hum fio pendia tão delgado.* Ainda que he termo geral para mostrar as muytas vezes que se vio perdido. Bem se póde aplicar este dito a hum naufragio que passou vindo da China. Veja-se o que escreveremos no cãto 10. Pender de fio, he termo muyto usado para fallar em cousa muyto arriscada, & parece teve origem daquella historia do tyranno Dionysio, que tinha na sua sala huma espada dependurada de hum fio, para mostrar o perigo a que estava sugeyto quem reynava. Vejase o Proverbio: *de filo pendet.*

Que para o Rey Iudayco acrecentarse. Por Rey Judayco se entende Ezechias, o qual estando jà sentenciado por Deos à morte, todavia milagrosamente por suas lagrimas foy remedeado, como se conta no livro dos Reys.

81

E Ainda Nymphas minhas, não bastava,
Que tamanhas miserias me cercassem;
Se não que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaraõ
Com que em tão duro estado me deytaraõ.

E inda Nymphas minhas. Nota o nosso Camões aos Portuguezes de gente ingrata, pois cantando elle, & celebrando seus feytos, em lugar de lhos agradecerem, & servirem: os mayores amigos, que tinha o mexericàraõ com o Viso Rey da India, como elle me disse, contando os enfadamentos, que na India tivera, que foy causa de o prenderem, & enfadarem.

82

VEde, Nymphas, q̃ engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as cousas em memoria;
Que merecem ter eterna gloria.

Vede Nymphas que engenhos de senhores. Isto hè huma figura, a que os Rhetoricos chamão Ironia, da qual usamos, quando nas palavras mostramos cousa differente do que sentimos, como aqui, que pelas palavras parece dizer bem dos Portuguezes, reprehendendoos, & tachandoos de homens pouco affeyçoados às letras, & aos que as entendem, & exercitão.

83

POis logo em tantos males he forçado
Que sò vosso favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feytos diversos engrandeça:
Daymo vôs sós, que eu tenho já jurado,
Que não o empregue em quem o não mereça;
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

Pois logo em tantos males. E pois de todas as partes me cercão males, favoreceyme vós Nymphas, mayormente neste lugar, aonde hey de trattar dos feytos dos nossos Portuguezes.

Sob pena de não ser agradecido. Sob pena de ficar tido entre vós Nymphas por ingrato, & que nao mereço mais ser favorecido, & ajudado de vós.

84

NEm creais, Nymphas, não, q̃ fama dèsse
A quem ao bem commum, & do seu Rey,

Anteposer seu proprio interesse,
Inimigo da Divina, & humana ley:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarey,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

Nem creais Nymphas. Muytos quiserão nesta parte tocar a Luis de Camões de homem affeyçoado, & aceytador de pessoas, porque com algumas dissimulou nestes seus cantos, que merecião louvor, & honra. Digo isto, porque lhe materia que vi já trattar entre Portuguezes.

85

NEnhum que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feos
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Protheo:
Nem, Camenas, tambem cuydey que cante,
Quem com habito honesto, & grave veo,
Por contentar ao Rey no officio novo,
A despir, & roubar o pobre povo.

Nenhum que use. Huma das cousas que se tem por cruel, & soberba, he fazerem os homens tudo o que podem. Donde disse Collumela: *Nec sanè vindicandum est nobis, quidquid licet.* Nem havemos de castigar tudo o que podemos, & entre os tyrannicos, & soberbos dittos do tyranno Dionysio se escreve, que então se tinha por senhor, quando fazia o que se lhe entojava: dito por certo digno de seu autor. Pelo que o Poeta diz aqui, que não cantará, nem celebrará homens que desenfreadamente fazem tudo o que podem, & exercitão sua vontade, & appetites, usando rigurosamente de seu poder.

E que por comprazer. Nem homens, que por estarem bem com o povo usaõ de invenções, mudandose em mil figuras, como se escreve de Protheo, andando sempre â vontade, & gosto dos que haõ mister, não lhe lembrando justiça, nem verdade. De Protheo se veja a nossa annotação no primeyro canto, oytava 19.

Nem Camenas. Nem cantares. Camenas he nome das Musas, ditas assim á *canendo* do canto. Vejase o que escrevemos no primeyro canto.

86

NEm quẽ acha q̃ he justo, & q̃ he direyto
Guardarse a Ley do Rey severamente,
E não acha que he justo, & bom respeyto,
Que se pague o suor da servil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peyto
Razões aprende, & cuyda que he prudente,
Para taxar com mão rapace, & escassa,
Os trabalhos alheyos, que não passa.

Nem quem acha que he justo. Acrecenta o Poeta que tambem não trattará de gente demasiadamente rigurosa na guarda das Leys dos Reys em parte, & não em todo. Homens há que saõ severissimos em guardar as Leys dos Reys, tanto que estão contrapontéando, & syllogizando nas palavras dellas, o qual he hum grande mal. Destes falsos interpretadores, & supersticiosos glosadores das Leys zomba Marco Tullio na oração pro Murena, em o livro dos officios, aonde refere aquelle dito tão celebrado de Terencio, & que todos sabem: *Ius summum, summa injuria:* muyta justiça, he muyta sem justiça. *Os trabalhos alheyos que não passa.* Mal saberá trattar de pagar trabalhos alheyos, quem nunca os passou. Daqui dizia Elisa Dido, quando vio os Troyanos no seu porto de Carthago perdidos, & desbaratados das tormentas, & naufragios do mar, como refere Virgilio na Eneida liv. 1.

Me quoque per multos similis fortuna labores
Iactatam hac demum voluit consistere terra,
Non ignara mali miseris succurrere disco.

A experiencia dos males me faz doerme, & ter compayxão de quem es passa. O que tacha aqui o nosso Camões, he haver quem governe sem ter experiencia, & quem tratte de guerra, sem haver arrancado espada, & que despachem outros sem ter conhecimento das cousas sobre o q̃ se há de fazer o despacho.

87

AQuelles sós direy, que aventuraraõ
Por seu Deos, por seu Rey, a amada vida
Onde perdendoa em fama a dilataraõ,
Tambem de suas obras merecida.
Apollo, & as Musas, que me acompanharaõ,
Me dobraraõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descançado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Vem-ſe de Luſitania os Fundadores,
E aquelles, que por feytos valeroſos
De alta memoria ſaõ merecedores,
De hymnos, & de verſos numeroſos:
Como de Calecut os Regedores,
Conſultão os Aruſpices famoſos,
E corruptos com dadivas poſſantes,
Trattaõ de deſtruhir os navegantes.

CANTO OYTAVO.

Vay o Regedor de Calecut à noſſa armada. Detem-ſe, vendo alguma tapeçaria: aonde eſtavaõ debuxados os primeyros fundadores de Portugal, & outros Cavalleyros. Arma deſpois trayção ao Capitão mòr Vaſco da Gama: da qual eſcapou por boa ordem.

1

Na primeyra figura ſe detinha
O Catual, que vira eſtar pintada,
Que por diviſa hum ramo na maõ tinha,
A barba branca, longa, & penteada:
Quem era, & porque cauſa lhe convinha
A diviſa, que tem na mão tomada,
Paulo reſponde, cuja voz diſcreta,
O Mauritano ſabio lhe interpreta.

O Mauritano ſabio lhe interpreta. Eſtando o Catual com os olhos poſtos na primeyra figura, que era hum velho com a barba branca, longa, & penteada, & com hum ramo na mão direyta: & não ſe ſabendo determinar quem ſeria, chegou-ſe a elle Paulo da Gama, & lhe declarou: cujas palavras interpretava Monçayde, de que atrás temos fallado, que eſtava por lingoa: ao qual chama Mauritano ſabio, que quer dizer Mouro ſabio.

2

Eſtas figuras todas, que apparecem,
Bravos em viſta, & feros nos aſpeytos

Mais

Mais bravos, & mais feros se conhecem
Pella fama, nas obras, & nos feytos:
Antigos saõ, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais presfeytos
Este, que vès he Luso, donde a fama
A nosso Reyno Lusitania chama.

Este que vès he Luso. No fim do canto passado disse, como o Catual de Calecut nunca foy à nossa armada, & que isto que o Poeta aqui tratta, & he hum fingimento poetico, & galante: donde toma occasião para trattar dos primeyros fundadores, & Reys de Portugal: dos quaes o primeyro diz, que foy Luso filho de Baccho, de cujo nome o nosso Portugal se chama Lusitania: Hoje em dia entre os Latinos, & os Portuguezes Lusitanos, como o Poeta diz largamente nas oytavas, que se seguem: & nós o notámos no primeyro canto, oytava 1.

3

Foy filho, ou companheyro do Thebano,
Que tam diversas partes conquistou,
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
Do Douro, & Guadiana o campo ufano,
Jà dito Elisio tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos jà cançados ossos,
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

Foy filho, & companheyro do Thebano. Prosegue agora sua narração sobre Luso, primeyro Rey destes Reynos de Lusitania, o qual diz que foy filho, & companheyro de Baccho grande Capitão: & que he presumção muyto provavel, segundo elle era dado ao exercicio das armas, que aportou a estas partes, a que chama ninho Hispano, continuando seu exercicio militar, & conquistando estas partes tambem, como tinha feyto em outras regiões. E que se contentou tanto do sitio desta terra, que se quiz aposentar nella, & acabar, o que lhe faltava de vida, como fica dito no canto primeyro, oytava 39. Thebano, quer dizer Baccho, chama-se assim, porque sua mãy Semele era natural de Thebas.

Do Douro, & Guadiana o campo ufano jà dito Elysio. De commum consentimento de todos os Cosmographos està assentado, ser europa a mais fermosa, & mais abundante parte do mundo: & assim o mostramos no principio destas annotações, no canto primeyro, oytava 2. aonde trattámos da divisaõ do mundo. E porque Hespanha faz ventagem a todas as de mais partes de Europa, & todas de Hespanha, na fertilidade, bondade de terra, & todas as mais cousas necessarias para a vida, a melhor, & mais excellente terra he Andaluzia, & Estremadura: daqui vierão os antigos a dizer, que nesta parte estavão os campos Elysios, aonde os Bemaventurados despois de passados desta vida, hiaõ repousar, & usar de perpetua felicidade: & assim disse Protheo de Menelao, que acabado sua vida se recolheria a Hespanha para gozar da felicidade, & gloria, que hum tão grande Capitão, & Rey merecia: como refere Celio Rodrigino nas suas lições antigas. Nesta materia dos Campos Elysios, dos quaes dizião os antigos se recolhião os homens, que nesta vida correraõ direytamente com suas obrigações, vareaõ os Autores: porque huns quizeraõ que fosse em Thebas, como Licophronta: Philostrato em Bretanha: Herodoto em Egypto: outros no concavo da Lua, & outros, & os mais em Hespanha, aonde dissérão que morava Plutão senhor das riquezas. Outros que estreytando mais o negocio dissérão, que nos campos de Andaluzia, como refere Guaribay no seu compendio liv. 3. pag. 6. Chamaõse Elysios como querem alguns de, e, preposição de ablativo, que quer dizer fóra: & *læsio* lesaõ, por estarem os que habitão nestes lugares fóra de todo o trabalho, & opressaõ. Mas quanto a mim vem de lyo, verbo Grego, que quer dizer soltar, & livrar, porque os que moravaõ nestes campos Elysios, erão livres de cuydado, & de desgostos: pela qual razão tambem Baccho se chama Lyeo; porque assim elle, como os que o seguem, tem muy poucos cuydados na vida que lhe dem pena. O que o nosso Camões quer aqui he, que vendo Luso os campos do Douro, & Guadiana, que no tempo antigo foraõ chamados Elysios, lhe contentàraõ tanto, que se deyxou ficar nelles.

4

O Ramo, que lhe vès para divisa,
O verde Tyrso foy de Bacco usado,
O qual à nossa idade mostra & avisa,
Que foy seu companheyro, ou filho amado:
Vês outro, que do Tejo a terra piza,
Depois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica?

O verde Thyrso foy. O ramo, que Luso tinha para divisa, era huma hasta rodeada de pampanos de vides, chamada Thyrso, como fica dito no setimo canto, oytava 52.

O qual a nossa idade. A gente deste nosso tempo porque por aquelles finaes, & divisas entendiaõ ser Luso da conserva, & companhia de Baccho.

Vès outro que do Tejo a terra piza. Este he Ulysses filho de Laertes Rey de Ithaca, que foy grande ardiloso nos negocios da guerra: pelo que se escreve delle que foy grande parte para se tomar Troya. E despois de ter andado por muytas partes, aportou neste lugar aonde agora està Lisboa: que diz o nosso Poeta na oytava seguinte que elle edificou.

5

VLysses he, o que fez a santa casa
A Deosa, que lhe dá lingua facunda,
Que se là na Asia Troya insigne abrasa,
Câ na Europa Lisboa ingente funda:
Quem será estoutro câ, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aguias nas bandeyras tem pintadas?

Ulysses he. Já fica dito como a segunda figura, que estava na tapeçaria, era Ulysses, o qual despois de haver passados muytos trabalhos pelo mar, aportou a este porto aonde agora he Lisboa, a qual o Poeta que elle edificou, & juntamente hum Templo a Pallas, que os antigos tinhão por Deosa da Sciencia. Destas cousas se veja a nossa annotação no canto terceyro, oytava 57. & no primeyro oytava 3. *Que se là na Asia.* Este Ulysses foy grande parte para se destruhir, & abrasar aquella insigne Cidade de Troya. Da qual Homero, & Virgilio trattão largamente em suas obras. Este diz o nosso Poeta que edificou Lisboa. Veja-se a nossa annotação no canto 3. oytava 57.

Quem será estoutro cá que o campo arrasa de mortos. O que estava no terceyro lugar era Viriato Capitão dos Lusitanos, & Lusitano de nação, natural de Portugal, que se comprehende tambem nas terras da antiga Lusitania, como fica trattado no canto primeyro, oytava 26.

Grandes batalhas tem desbaratadas, Que as aguias nas bandeyras tem pintadas. As insignias dos Romanos em suas bandeyras, erão Aguias. O que o Poeta aqui quer dizer he, que Viriato desbaratou grandes batalhas dos Romanos, os quaes trazem em suas bandeyras Aguias por insignias.

6

ASsi o Gentio diz, responde o Gama,
Este, que vès pastor já foy de gado,
Viriato sabemos, que se chama,
Destro na lança, mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencivel afamado,
Não tem com elle naõ, nem ter puderão
O primor, que com Pirrho já tiverão.

Viriato sabemos que se chama. De Viriato se veja a nossa annotação no primeyro canto, oytava 26. & no terceyro, oytava 22.

Não tem com elle não, nem ter puderaõ o primor, que cmo Pyrrho já tiveraõ. Em louvor de Viriato diz, que nunca os Romanos com elle tiveraõ paz, nem tregoas como se costuma entre gente que traz guerra entre si: porque nunca os deyxava repousar, antes sempre os trazia em roda viva. O primor que com Pyrrho tiverão, foy que andando os Romanos em guerra com Pyrrho Rey de Epyro, alcançáraõ delle tregoas, & outros primores, que entre os Principes, que trazem guerra entre si, se costumão. E foy taõ primoroso Pyrrho, que no tempo das tregoas lhe mandava presentes, como escreve Justino. Diz o mesmo Autor, que nunca houve no mundo Rey de mayor primor, esforço, bondade, & saber que este: ao qual Anibal, como refere Titolivio dava segundo lugar dos Capitães, pondose a si no primeyro. Que na verdade Annibal foy excellentissimo Capitão, & como homem sabio nesta arte, tinha a Pyrrho por grande official. Muytas cousas conta delle Plutarcho em sua vida. E he boa graça dizerem alguns, & imprimirem, que este Pyrrho, de que aqui falla Luis de Camões, era filho de Achilles.

7

COm força não, com manha vergonhosa
A vida lhe tirárão, que os espanta,
Que o grande aperto em gēte, inda q̃ honrosa,
As vezes leys magnanimas quebranta:
Outro está aqui, que contra a patria irosa,
Degradado comnosco se levanta,
Escolheo bem, com quem se levantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

Com força não. Vendo hum Servilio Scipião Capitão dos Romanos, que não podia haver a melhor de Viriato, & que havendo tantos annos que trazia guerra com elle, sempre levava a pior, & que era impossivel vencelo; determinou, já que por força não podia, vencelo por manha. E para sahir com seu intento, sobornou alguns amigos, & companheyros de Viriato, que o matassem á trayçaõ, como fizeraõ: vejase o que escrevemos no primeyro canto, oytava 20. & no terceyro canto, oytava 22.

Que o grande aperto em gente, inda que honrosa, As vezes leys magnanimas quebranta. Sentença he esta digna de se escrever com letras de ouro, porque o aperto, & necessidade, como a experiencia mostra, obriga a fazer muytas cousas contra primor, & honra. Donde disse o Poeta Menandro Grego, *præ necessitate multa faciens mala.* A necessidade nos obriga a fazer muytos males: & daqui nasceo aquelle celebrado Proverbio: *Necessitas ingens telum.* Muyto pode a necessidade. Trattando Titolivio de certa gente, que estava em aperto: *Necessitate quæ ultimum ac maximum telum est, superiores estis.* Animando hum Capitão aos seus soldados, o esforço que lhe dava, era dizer, que estavão em aperto, & necessidade, que he a ultima arma, & melhor de todas: porque neste estado como os homens não tem outro refugio, se não o de suas mãos, pelejão differentemente: Donde disse Virgilio:

gilio: *Una salus victis nullam sperare salutem.* O principal remedio que os vencidos tem, he não terem esperança de remedio. Davaõ os antigos tanta força à necessidade, que diziaõ, que nem os seus Deoses lhe podiaõ resistir, & como a tal lhe faziaõ grandes Templos, & tinhaõ em grande reputação, & honra. Vejase o Proverbio: *Necessitas ingens telum, & necessitati nec Dij quidem resistunt.* E não sómente nas cousas da guerra, mas no meneo, & tratto da vida, tem a necessidade grande poder, porque até aos brutos animaes ensina a nossa linguagem, aonde disse Persio no principio de suas Satyras.

Quis expedivit Psittaco suum,
Picasque docuit nostra verba conari?
Magister artis, ingenijque largitor
Venter negatas artifex sequi voces.

Outro está aqui que contra a patria irosa. No quarto lugar estava Sertorio, Italiano de nação, o qual degradado por sua vontade da sua terra, se veyo a esta nossa, & nella foy Capitão geral dos Lusitanos, & deu grande opressaõ aos Romanos. De Sertorio se veja a nossa annotaçaõ no canto primeyro, oytava 26. Chamarlhe o Poeta aqui degradado, entendese do degredo, que elle tomou por sua vontade, porque se sahio de Roma, vendo que lhe não succediaõ as cousas como elle pertendia. Na ley *c. ff. de interdictis, & relegatis*, se poem tres generos de degredo. Hum he quando se poem interdicto a alguma pessoa, que não entre em algum lugar. Outro quando se saye alguem de sua patria para outro lugar, por lhe haver acontecido algum desastre, como fez o nosso Sertorio. Outro quando degradaõ algum, & por algum crime que commette. Todas estas maneyras de degredo há: & conforme a esta ordem, de que os homens doutos usaõ, & se pratica em as leys, se chama tambem degradado o homem que por sua vontade muda o lugar.

Para que eternamente se illustrasse. Isto diz, porque alcançou tanto nome Sertorio nestas partes, sendo General dos Lusitanos, & Governador de toda a Provincia, que escreve Vallerio Paterculo delle, que por espaço de cinco annos pelejando contra os Romanos, havia duvida se ficaria Hespanha, se Roma, tão grande era o esforço, & valentia deste Capitão. E Apiano diz liv. 1. que nunca houve Capitão mais valeroso, nem mais bem afortunado, que Sertorio, pelo que era chamado de muytos Anibal. Este teve o fim que costumão ter os homens excellentes, porque nunca faltaõ traydores que façaõ seu officio, como fizeraõ tambem a Viriato. Hum seu particular amigo Romano, por nome Perpena o matou: & como escreve Paulo Orosio liv. 5. cap. 23. o que succedeo settenta, & hum annos antes do nacimento de Nosso Senhor Jesu Christo.

8

Vês com nosco tãbem vẽce as bandeyras
Dessas aves de Iupiter validas,
Que jà naquelle tempo as mais guerreyras
Gentes, de nôs souberaõ ser vencidas:
Olha tão subtis artes, & maneyras,
Para adquirir os povos tão fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa,
Elle he Sertorio, & ella a sua divisa.

Vês com nosco tambem vence as bandeyras. Dessas aves de Iupiter validas. As aves de Jupiter saõ as Aguias. Plinio diz que davão os antigos a Aguia a Jupiter por sua ave, porque os rayos do Sol lhe não fazião mal. Outros daõ outras razões. Estas aves trazião os Romanos por insignias nas suas bandeyras, como dizem todos os Poetas, & Historiadores, o Poeta aqui diz: que Quinto Sertorio vencia as bandeyras que tinhaõ as aves de Jupiter, que saõ as bandeyras Romanas que tinhaõ Aguias por insignias.

A fatidica Cerva. Contase que Hispano por nome, & Portuguez de nação, a caso tomou huma cerva pequena: & por ser muyto branca, & fermosa a deu de presente a Sertorio, o qual era tão ardiloso, & de tanta astucia, & saber, que persuadio aos Hespanhoes, que aquella Cerva adivinhava, & lhe dizia o que havia de fazer, como diz Plinio liv. 8. c. 52. Nas moedas que delle batião em Roma, o qual costume era muyto guardado entre os Romanos, de huma parte estava Sertorio com hum olho menos, que perdeo nas guerras civis de Roma, & da outra a Cerva, que segundo elle dizia lhe mandara Diana, a que os antigos tinhão por Deosa da caça. Chamalhe o Poeta fatidica, que quer dizer adevinha, porque fingia elle lhe adevinhava, o que lhe havia de acontecer. Donde conta Apiano liv. 1. que perdendose huma vez, se enfadou demasiadamente, tendo isto por muyto mao agouro, & final de algum mal grande. E assim não quiz dar batalha a seus inimigos em quanto não achou a cerva.

9

Olha estoutra bandeyra, & vè pintado
O grão Progenitor dos Reys primeyros;
Nos Ungaro o fazemos, porèm nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeyros:
Depois de ter os Mouros superado,
Galegos, & Leoneses cavalleyros,
A Casa santa passa o santo Henrique,
Porque o tronco dos Reys se santifique.

Olha estoutra bandeyra. No quinto lugar logo junto a Sertorio estava o retratto de Excellentissimo, & felicissimo Conde Dom Henrique, tronco

dos Reys de Portugal,de sua origem se veja o que escrevemos no terceyro canto,oytava 26. E desta jornada que aqui reconta o Poeta, que fez a Hierusalem,no mesmo canto, oytava 28.

10

QUem he, me dize estoutro q̃ me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadroens,que gente tanta,
Com tão pouca,tem roto,& destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dà nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pès derribadas,& estandares?

Quem he,me dize,estoutro. Tratta por muytas oytavas do grande Dom Affonso Henriques primeyro Rey de Portugal, filho do grande Conde Dom Henrique, de que trattàmos na oytava passada. Deste Rey felicissimo se tratta em muytos lugares deste livro. O nosso Poeta largamente no canto terceyro, oytava 29. até 54. E nòs notàmos em differentes lugares no terceyro canto, & primeyro,oytava 2.alli se póde ver.

11

ESte he o primeyro Affonso,disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zelozo,a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu Reyno abayxa os muros,
Nada deyxando jâ para os futuros.

Este he aquelle zeloso. Foy este Excellentissimo Rey muyto zeloso da honra, & serviço de Deos, pelo que todo seu cuydo,& diligencia poz em lançar de Portugal os Mouros inimigos cruelissimos da nossa santa Fé Catholica, & em lugar das suas Mesquitas,& templos de abominação,fundou outros novos para gloria, & honra de Deos, & seus Santos. E como era este, todas as cousas lhe succediaõ bem,& com muyto pouca gente, & desarmada, desbaratava grandes exercitos de inimigos, porque pelejava com o braço de Deos, como diz aqui o Poeta, & se póde ver mais largamente na Chronica de sua vida. E nós o notàmos tambem em muytas partes deste livro.

Por quem no Estygio lago jura a fama. Estigia he huma lagoa no inferno,segundo fingem os Poetas, Hesiodo na sua theogonia a faz filha do Oceano, & Thetis: outros Poetas lhe daõ outros pays, os quaes acrecentaõ, que teve Estygia huma filha, chamada Vitoria,& porque esta na guerra que Jupiter teve com os Gigantes o favoreceo, & ajudou muyto, em recompensa desta ajuda, & amizade lhe concedeo huma mercé, & foy que os Deoses jurando por a lagoa Estygia sua may, tivessem tanto respeyto a este juramento, que por nenhum modo se atrevessem a quebralo.O que tudo conta Servio,declarando aquelle verso de Virgilio. *Dij cujus jurare timent, & fallere numen.* Por cuja dignidade os Deoses temem jurar.& quebrantar o juramento.Outros dizem que Estygia he huma lagoa em Arcadia, de agoa peçonhentissima, em tanto, que todo o que bebe della morre logo, como diz Plinio, & que esta he a razão porque lhe chamão lagoa do inferno.

12

SE Cesar,se Alexandre Reys,tiverão
Tão pequeno poder,taõ pouca gente,
Contra tantos imigos,quantos erão,
Os que desbaratava este excellente:
Naõ creas,que seus nomes se estenderão
Com glorias immortaes tão largamente,
Mas deyxo os feytos seus inexplicaveis,
Vè,que os de seus Vassalos são notaveis.

Se Cesar,se Alexandre. Para engrandecimento da cavallaria, & esforço de El-Rey Dom Affonso Henriques faz aqui menção de dous Capitães muyto celebrados pelos Autores, Cesar, & Alexandre Magno, os quaes fizerão cousas dignas de memoria, mas foraõ differentes do nosso felicissimo Rey nisto, que todos seus feytos foraõ com grandes exercitos, & multidaõ de gente, & desta maneyra desbaratavaõ seus inimigos: El-Rey Dom Affonso fez grandes cousas, & tirou este Reyno da mão dos Mouros,que o possuhiaõ, com muyto fracas ajudas de homens, porque os seus eraõ muyto poucos,em tanto,que em muytas batalhas que deu aos Mouros havia para cada Christão cem Mouros, como se póde ver na Chronica de sua vida.

13

ESte,que vès olhar com gesto irado,
Para o rompido Alumno mal sofrido,
Dizendolhe,que o exercito espalhado
Recolha,& torne ao corpo defendido:
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido,
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes Vassalos claro espelho.

Este que vès olhar com gesto. Contaõ as Historias que teve o Principe Dom Affonso hum recontro com Dom Fernando hum Fidalgo Castelhano com o qual sua mãy se casou despois da morte do pay o Conde Dom Henrique,no qual Dom Fernando ficou vencedor. Nesta escaramuça não se

achou Dom Egas Moniz, Ayo d'El-Rey, mas como lhe veyo â noticia, foy a grande pressa em busca do Principe, & reprendendoo porque fizera tal sem elle, & o fez tornar atrás, & entrar outra vez em batalha. E desta maneyra desbaratou o padrasto, & prendeo a máy. Alumno he palavra Latina, que quer dizer criado. Rompido lhe chama, porque vinha já vencido: & o seu campo era roto, & desbaratado, o qual se restaurou com a chegada de Egas Moniz. Da causa desta desavença, & guerra entre o Principe Dom Affonso Henriques, & seu padrasto, trattámos no terceyro canto no lugar allegado.

14

Velo cá vay cos filhos a entregarse,
A córda ao côlo, nũ de seda, & pano,
Porque naõ quiz o moço sugeytarse,
Como elle promet èra ao Castelhano:
Fez com siso, & promessas levantarse
O cerco, que já estava soberano,
Os filhos, & mulher obriga à pena,
Para que o senhor salve, a si condena.

Velo cá vay. Contaõ as nossas Chronicas, que despois que o Principe Dom Affonso Henriques venceo a seu padrasto, & o lançou fóra de Portugal, & prendeo sua máy, que magoada, ella escreveo a El-Rey Dom Affonso de Castella seu sobrinho acudisse a tomar aquelle Reyno, que era seu. Veyo este Rey com grande poder, mas aproveytoulhe pouco, porque o Principe o desbaratou. Tornou segunda vez sobre elle, pozlhe cerco em Guimarães, por o Principe estar desapercebido. Vendo o leal vassallo Egas Moniz o pouco poder do Principe, & o muyto dos Castelhanos, sahiose secretamente ao arrayal dos inimigos, & contrattou com El-Rey Dom Affonso de Castella, que o Principe seu senhor lhe daria obediencia, & reconheceria superioridade, & iria a suas cortes, com o qual El-Rey de Castella ficou satisfeyto, & contente, & levantou logo o cerco. Todas estas cousas se pódem ver largamente no canto terceyro, ab oytava 34. usque ad 41.

15

Naõ fez o Consul tanto, que cercádo
Foy nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por bayxo foy forçado
Do Samnitico jugo triumfante:
Este pelo seu povo injuriado,
Asi se entrega só firme, & constante,
Estoutro assi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Não fez o Consul tanto. Conta Titolivio na primeyra Decada, que tendo os Romanos guerras com os Samnites, que hoje saõ os moradores do Abruzo regiaõ de Italia, entre Piceno, que hoje chamaõ Marca de Ancona Apulha, & Campania, desejando os Samnites paz com os Romanos, pretendendoa por todas as vias: nunca os Romanos lha quizeraõ conceder, nem deferir a suas embayxadas, pelo que criaraõ por Emperador a hum varaõ principal por nome Claudio Poncio. Este vendo que os Romanos lhe entravão por suas terras, & lhas destruhiaõ, & queymavaõ, despois de feyta huma pratica aos seus, em que os animou contra os Romanos: usou de huma manha, & foy que mandou dez soldados homens de saber, & de animo, cada hum por sua parte, em habito de pastores com gado, os quaes fazendose encontradiços com os Romanos pelos campos, por onde andavaõ a roubar, perguntados pelos Samnites, dissessem, que estavão em Apulha no cerco de Luceria. E com todos aquelles dez achados em differentes partes, & tempo, todos fallassem por huma boca. Moveraõ os Romanos seu exercito para soccorrer aos Lucerianos que eraõ seus amigos. O Capitão deste exercito era o Consul Espurio posthumo. Chegados os Romanos a hum certo lugar entre dous montes muyto estreytos, & cercado, o qual por este respeyto, & por estar perto de huma Aldea chamada Cauda, se chamava as forcas Caudinas, começando a entrar pelo poço, foraõ cercados dos Samnites, & alli como em rede forçados a comprir as condições, que lhe os Samnites puseraõ, entre os quaes huma muyto ignominiosa foy passarem por debayxo do jugo. O que o Poeta aqui mostra he, que este Consul Espurio Posthumo não passou tanta afronta neste lugar, aonde com grande menos cabo de sua pessoa, & abatimento de seu exercito passou elle com todos os seus debayxo do jugo dos Samnites, como passou Egas Moniz, porque este passou só, & contra vontade; Egas Moniz com seus filhos, & sua molher. Este passar por debayxo do jugo, era huma affronta, & injuria grandissima, que se fazia aos vencidos, & era desta maneyra. Armavão tres paos a modo de forca, & os vencidos vinhão alli todos em procissaõ, despidos, & desarmados, como quem vay à vergonha com baraço, & pregão, & chegando áquelle lugar aonde estava aquelle jugo, passavaõ por debayxo delle. Este he o jugo de que os Autores fallaõ, & naõ se tomão aqui forcas Caudinas por jugo, como alguns querem declarar por suas cabeças, não se regendo pelo que os livros dizem: que forcas Caudinas he nome do lugar, aonde os Romanos foraõ tomados pelos Samnites, o qual por ser aspero, estreyto, & alto, se chamava forca, & por ser perto da Aldea Cauda, forca Caudina, esta he a verdade. Hoje se chama o estreyto de Arpaya, como diz Ortelio na sua Synonimia na palavra *Caudinæ furcæ*, aonde lhe acrecenta outros nomes.

16

VEs este, que saindo da cilada,
Dá sobre o Rey, que cerca a villa forte
Lá o Rey tem preso, & a villa descercada
Illustre feyto digno de Mavorte?
Velo cà vay pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte
Tomandolhe as galés, levando a gloria
Da primeyra maritima vittoria:

Ves este que saindo da cilada. Conta Duarte Galvaõ na historia de El-Rey Dom Affonso Henriques, que estando Dom Fuas Roupinho Capitaõ mór do mar, no Castello do Porto de Moz lhe veyo nova, que Gami Mouro Rey de Cima Tejo, aonde hora he Caceres vinha com grande poder a tomar Portugal, por ver que El-Rey Dom Affonso andava occupado em outras guerras, pelo que logo poz no Castello huma pessoa de confiança, & elle com os mais, que pode se poz em cilada, & vendo que os Mouros combatião o Castello sem o largar, deu sobre elles hum dia de madrugada, estando os Mouros descuydados, & desbaratouos, & cativou o Rey. O que succedeo a vinte & dous de Mayo de mil cento & oytenta.

Velo cà vay pintado nesta armada. Despois da vittoria que houve Dom Fuas do Mouro Gomi, foyse a Coimbra, aonde El-Rey estava, & là foy nova que andavão Galès de Mouros pela costa fazendo dano, mandou logo El-Rey Dom Fuas Roupinho a esta empresa, o qual pelejou com as Galés, & as tomou todas, que eraõ nove, a dezaseis de Junho do dito anno.

17

HE Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo, que acendeo junto da serra
De Abila, nas galés da Maura gente:
Olha como então justa, & santa guerra
De acabar pelejando esta contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando nos Ceos com justa palma.

Co fogo que acendeo junto da serra. Alcançada a vittoria, que referimos na oytava passada, escreveo Dom Fuas a Coimbra a El-Rey como a gente por aquella vittoria que houvera estava alvoroçada, para hir na armada contra os Mouros, o que El-Rey lhe agradeceo muyto, & deu licença, para que fossem, como os Portuguezes naõ achassem no mar em que pegar, chegârão a Ceuta, que neste tempo era de Mouros, & tomaraõ, & queymáraõ quanto no porto havia. Sentidos, & enfadados os Mouros disto, derão aviso a todos os lugares maritimos, os quaes se ajuntarão, & armaraõ entre si cincoenta, & quatro Galès, com as quaes destruhiraõ a Dom Fuas Roupinho, o qual andava na costa sem saber desta armada, o que foy a dezasete de Outubro de mil cento & oytenta annos: & nesta volta morreo este grande Capitão, o que tudo aqui diz o Poeta. Serra de Abyla, he Ceuta, como fica dito no canto 3. oytava 77.

18

NÃo vès o ajuntamento de estrangeyro
Trajo, sahir da grande armada nóva,
Que ajuda a combater o Rey primeyro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique famoso cavalleyro,
A palma, que lhe nace junto a cóva,
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos são os Martyres de Christo.

Naõ ves hum ajuntamento. Isto diz pela armada de estrangeyros que aportou â vista de Cintra, estando El-Rey Dom Affonso Henriques nella, com cuja ajuda foy tomada Lisboa, como fica dito no cantó terceyro, oytava 57.

Olha Henrique famoso Cavalleyro. Este Henrique foy Alemão de nação, o qual morreo nesta Cidade de Lisboa, quando foy tomada aos Mouros, fazse delle menção particular na Chronica d'El-Rey Dom Affonso do cap. 39. & contase huma cousa maravilhosa, & he que ao longo da sepultura deste Santo Cavalleyro naceo huma palmeyra, como aqui diz o Poeta, a qual dava saude a todos os que a punhaõ ao pescoço alguma pequena della, ou moido algum pao lhe bebiaõ aquelle pò. O que tudo se póde ver no lugar da Chronica allegado. *Germanos.* Quer dizer Alemães.

19

HVm Sacerdote vè brandindo a espada,
Contra Arronches, q̃ toma por vingãça:
De Leyria, que de antes foy tomâda,
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio Prior, mas vè cercada
Santarem, & verás a segurança
Da figura nos muros, que primeyra
Subindo ergueo das Quinas a bandeyra.

Hum Sacerdote vè. Dom Theotonio Prior de Santa Cruz de Coimbra, ao qual El-Rey Dom Affonso tinha dado Leyria por sua, assim no governo espiritual, como no temporal. Os Mouros a cercáraõ, & tomáraõ: pelo que o Prior poz cerco a Arronches, lugar do Alentejo, & a tomou aos Mouros que era sua, El-Rey despois de alguns dias, tornou a tomar Leyria, & a restituhio ao Mosteyro de Santa Cruz de Coimbra, quanto ao espiritual

espiritual sômente: tomado algum tanto do succes-so de Leyria, suspeytando que houvera algum des-cuydo no Prior.

Por quem por Mafamede enresta a lança. Entende os Mouros que pelejavão pela seyta de Mafa-mede.

Mas ve cercada Santarem. Do cerco de Santa-rem, & como se entrou se veja o que notámos no canto terceyro, oytava 55.

E verás a segurança. Isto diz por hum Mem Mo-niz, filho de Egas Moniz, Ayo d'El-Rey Dom Af-fonso Henriques. Este Mem Moniz foy o primey-ro que poz pé nos muros de Santarem, arvoran-do em cima a bandeyra de Portugal, com muyto esforço, como se contem na Chronica de El-Rey Dom Affonso, cap. 32.

20

Velo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra
Os imigos rompendo o alferes mata,
E o Hispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz he, que em sy o valor retrata,
Que o sepulcro do pay cos ossos, cerra,
Dino destas bandeyras, pois sem falta
A contraria derriba, a sua exalta.

Velo cá donde Sancho desbarata. Continua com os feytos de Mem Moniz, o qual em companhia do Infante Dom Sancho, filho de El-Rey Dom Af-fonso Henriques, a que mandou o pay a pelejar com os Mouros nas terras de Andaluzia, lhe to-mou huma bandeyra junto á Cidade de Sevilha, que foy causa de todos se porem em fugida, como se conta na historia do dito Rey, c. 52. Vandalia he Andaluzia. A razão deste nome se veja no tercey-ro canto, oytava 60. Hispalico pendão, he pendaõ de Sevilha, porque Sevilha se chama em Latim *Hispalis*, como lhe chama Plinio no segundo livro cap. 97. da natural historia, & todos os mais.

21

Olha aquelle, que dece pela lança
Com asduas cabeças das vigias,
Onde cilada esconde com que alcança
A cidade por manhas, & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavaleyro, que as cabeças frias
Na mão levava; Feyto nunqua feyto,
Giraldo sem pavor he o forte peyto.

Olha aquelle que dece pela lança. Este he Giraldo sem pavor, como aqui diz o Poeta, vejase a nossa annotação no canto terceyro, oytava 63. Feyto nunca feyto, para encarecimento de hum feyto tão excellente, como este Giraldo usa deste termo de fallar, Feyto nũca feyto, como se dissera, & mais digno de memoria, que nunca se fez.

Ella por armas toma. Entende Evora, de todas as cousas de Giraldo, & de verdadeyra declaração desta oytava se veja a nossa annotaçaõ no lugar al-legado, aonde trattámos estas cousas de proposito, & na verdade.

22

Naõ vès hum Castelhano, que agravado
De Affonso novo Rey pelo odio antigo
Dos de Lara cos Mouros he deytado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis, que traz consigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, & o prende ousadamente.

Naõ ves hum Castelhano. No tempo de El-Rey Dom Sancho o primeyro deste nome, & segundo de Portugal, sendo Rey em Castella Dom Affonso o nono deste nome, filho de Dom Sancho o ter-ceyro por alcunha o desejado. Succedeo, que hum Dom Pero Fernandes de Castro que chamavaõ da guerra, homem principal em Castella se lançou com os Mouros, por ser desfavorecido do seu Rey, por amor dos Condes de Lara, a que El-Rey era muyto affeyçoado. O qual entrou por Portugal pela comarca de entre Tejo, & Odiana, & chegou a tomar Abrantes: & levando muytos Christãos cativos destes lugares, com grande despojo, & ten-do feyto muyto mal pela terra, indose recolhen-do lhe sahio ao encontro hum Fidalgo Portu-guez, por nome Martim Lopes, com pouca gente de cavallo, & de pé, & os desbaratou, & tomou o despojo que levavaõ, & prendeo o dito Pero Fer-nandes de Castro. O qual perdoado de El-Rey de Castella, se tornou a lançar com os Mouros, & lá acabou. Esta entrada fez este Castelhano no anno do Senhor de mil cento & noventa & nove, & foy preso pelo dito Martim Lopes em huma oytava de Pentecoste do dito anno, a causa das inimiza-des entre este Dom Pero Fernandes, & os de La-ra, se podem ver largamente na Chronica de El-Rey Dom Sancho o segundo Rey de Portugal.

23

Martim Lopes se chama o cavaleyro,
Que destes levar póde a palma, e o louro;
Mas olha hum Ecclesiastico guerreyro,
Que em lança de aço torna o bago d'ouro:
Velo entre os duvidosos tão inteyro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no Ceo, que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

Martim Lopes. Deste Martim Lopes fica trattado na oytava passada.

Mas

Mas olha hum Ecclesiastico guerreyro. Este foy Dom Mattheus Bispo de Lisboa, o qual com ajuda de estrangeyros, que aportáraõ a esta Cidade, no anno de mil duzentos & dezasete poz cerco a Alcacere do sal: & sendo todos de parecer que se levantasse o cerco, por haver nova certa que vinha grande soccorro aos Mouros, elle o naõ quiz fazer, antes estando quasi todos emfadados, & inconstantes, elle só perseverou com muyto animo: o que dá a entender o Poeta naquellas palavras: velo entre os duvidosos taõ inteyro.

Olha o sinal no Ceo, que lhe aparece. Estando o negocio neste estado fez o Bispo oraçaõ a Deos Nosso Senhor publicamente; pedindolhe sahisse por sua honra, & pela exaltaçaõ de sua Santa Fé Catholica, acompanhada com lagrimas de muytos. No qual tempo se diz que appareceo no Ceo hum sinal, o qual foy hum homem muyto velho, ou para melhor dizer grande, & muyto resplandecente, & alvo como a neve, com huma Cruz vermelha no peyto, com o qual ficáraõ todos muyto alegres, vendo que Deos se lembrava delles; o que foy parte para todos perderem o medo que tinhaõ, & tomarem novas forças contra seus inimigos. O que tudo se póde ver na Chronica de El-Rey Dom Affonso por alcunha o gordo, o segundo deste nome, & terceyro dos Reys de Portugal.

24

Ves vão os Reys de Cordova, & Sevilha
Rotos cos outros dous, & não de espaço
Rotos, mas antes mortos, maravilha
Feyta de Deos, que não de humano braço:
Vès já a villa de Alcaçere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a Coroa de palma alli coroa.

Ves vão os Reys de Cordova. No lugar acima allegado da Chronica se conta, como vieraõ em soccorro aos Mouros de Alcacere, quatros Reys Mouros: o de Cordova, Sevilha, Badajoz, & Jaem: aos quaes todos, o Bispo deu batalha, & venceo, sendo sua gente muyto menos, & os Reys todos quatro foraõ mortos, & muyta de sua gente. O que succedeo aos onze dias do mez de Setembro, de mil duzentos & dezasete: com tudo os Mouros que estavão no Castello, tiveraõ maõ, & se detendéraõ até mais não poder, porque naõ podendo resistir á furia dos nossos, lhe largáraõ o Castello a dezoyto de Outubro do dito anno em dia do Bemaventurado S. Lucas. *Com outros dous.* Por estoutros dous entende o de Badajoz, & o de Jaem.

25

Olha hum Mestre, que dece de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, & já nella
Naõ acha, quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, & com benigna estrella
Villas, castellos toma à escala vista;
Vès Tavilla tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

Olha hum Mestre. Este Mestre de que o Poeta falla, era Dom Payo Correa, Mestre da Ordem de Santiago em Castella. Foy grande cavalleyro, & perseguidor de infieis. Era Portuguez de naçaõ, mas vivia em Castella em tempo d'El Rey Dom Fernando o segundo: debayxo de cuja bandeyra fez muytas cousas sinaladas, como foy ajudar a ganhar Sevilha, & fazer muytas entradas pelos Mouros do Campo de Ourique, & dos Algarves, em serviço dos Reys de Castella. Depois se ajuntou com El-Rey Dom Affonso o terceyro de Portugal, & conquistaraõ todos os lugares do Algarve, como se tratta largamente na Chronica do dito Rey.

Ves Tavilla tomada aos moradores. Este successo que o Poeta aqui aponta dos sete Caçadores, se tratta na dita Chronica, aonde se referem muytas cousas, que o mestre Dom Payo Correa fez. E foy desta maneyra: Os Mouros de Tavilla, & de outros lugares do Algarve andavaõ muyto perseguidos, & atormentados do Mestre Dom Payo. Vendose no mez de Junho, no tempo em que lhe era necessario recolher suas novidades pediraõ treguas até dia do S. Miguel, que he a vinte, & nove de Setembro. O Mestre lhas concedeo de boa vontade, porque tambem lhe eraõ necessarias a elle, para os seus tomarem algum alivio, do continuo trabalho em que andavaõ. Neste tempo das tregoas Dom Pedro Pires Commendador de Santiago, & companheyro do Mestre, vendo, que havia pazes, determinou hirse folgar com certos Fidalgos amigos, a hum certo lugar alem de Tavilla chamado Antas, aonde havia muyta caça. Quando trattáraõ sobre esta sua ida com o Mestre, elle lha contrariou, dandolhe muytas razoens, por onde lhe não parecia a elle bem. Mas como elles estavaõ apetitosos, porfiáraõ tanto, que foy força do ao Mestre naõ lhe contradizer seu gosto. Nesta hida passáraõ por Tavilla: o que os Mouros tomáraõ em afronta, & desprezo seu. Pelo que foraõ ao lugar da caça, aonde matáraõ ao Commendador com seis companheyros mais, cujos nomes estaõ na Chronica. Fazendo elles primeyro em sua defensaõ as mais estranhas maravilhas de valor, & Christandade, que se nunca viraõ em semelhante acontecimento: como largamente conta a Chronica do dito Rey Dom Affonso cap. 3. Foy o Mestre avisado deste caso, o qual acudio logo, & depois de servir aos Mouros com muytas lançadas se foy a Tavilla, & a tomou aos Mouros com grande mortandade dos moradores a nove de Junho de mil duzentos, quarenta & dous.

Ves

26

VEs com bellica astucia ao Mouro ganha
Silves, q́ elle ganhou com força ingente
He Dom Payo Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente:
Mas noõ passes os tres, q́ em frãça, & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas, & torneos,
Nellas deyxando publicos trofeos.

Ves com bellicá astucia. Andando o Mestre Dom Payo Correa, nesta demanda dos Algarves succedeo, que os seus desmandados deraõ em hum lugar perto do Cabo de S. Vicente, chamado Estombar, & o tomáraõ, cuydando os Mouros que achariaõ o Mestre desapercebido sahiraõ a elle da Cidade de Silves: o Mestre sabido isto se foy ás portas da Cidade, & nellas houve huma crua batalha, porque o Rey por nome Aben Afan, era fóra, & querendo entrar: & os Mouros acudindo a huma porta para o recolher, foy huma taõ cruel briga sobre esta entrada, que o Rey ficou fóra, & os Portuguezes dentro. Como se conta na dita Chronica de El-Rey Dom Affonso o terceyro. *Mas não passes os tres.* Destes tres se veja a nossa annotaçaõ na oytava seguinte.

27

VElos co nome vem de aventureyros
A Castella, onde o preço sós levarão
De jogos de Bellona verdadeyros,
Que com dano de alguns se exercitârão:
Vè mortos os soberbos cavaleyros,
Que o principal dos tres desafiàraõ,
Que Gonçalo Ribeyro se nomea,
Que póde naõ temer a ley Lethea.

Velos co nome vem de aventureyros. Os tres que na oytava passada o Poeta notou, que fizeraõ grandes cousas em França, foraõ Gonçalo Rodrigues Ribeyro, Vasco Anes, colaço da Raynha Dona Maria de Castella: & Fernaõ Martins de Santarem. Estes despois de haverem andado tres annos em França como aventureyros, por ganharẽ honra, & fama por sua cavallaria, costume muyto usado naquelles tempos: vieraõ ter a Castella, aonde Gonçalo Rodrigues Ribeyro matou hum Castelhano em hum desafio. E em humas justas reaes que El-Rey de Castella fez a petiçaõ do dito Gonçalo Rodrigues Ribeyro, fizeraõ todos tres muytas ventagens: o que tudo se póde ver na Chronica d'El-Rey Dom Affonso o quarto de Portugal.

Que pode naõ temer a ley Lethea. Lethum, entre os Latinos he a morte: daqui ley Lethea, he a ley da morte: a qual vence, quem faz taes cousas nesta vida, que sua boa fama fica sempre viva.

28

ATenta num, que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta;
Não no vez tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerta, & lenta
Do povo, & faz, que tome o freyo,
De seu Rey natural, & naõ de alheo.

Attenta num. Este he o Conde Dom Nuno Alvares Pereyra, Condestavel deste Reyno, o qual vendo os Portuguezes inclinados a tomar Rey estrangeyro, & a principal Fidalguia rebellada, & recolhida a Castella: elle sò teve maõ no negocio: E fez que os Portuguezes perdessem o medo. O que tudo mais largamente se póde ver no canto quarto, oytava 14.

29

OLha por seu conselho, & ousadia
De Deos guiado só, & de santa Estrella
Só pode, o que impossivel parecia,
Vencer o povo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago, & vittoria clara, & bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tarteso, & Guadiana habita.

Que entre o Tarteso, & Guadiana habita. Despois de vencida aquella taõ nomeada, & celebre batalha de Algibarrota, contaõ as Chronicas que se recolheo o Condestavel Dom Nuno Alvares aos lugares de Alentejo, aonde era fronteyro. E dalli mandou dar aviso aos grandes de Castella, que se fizessem prestes, porque elle determinava entrarlhe por suas terras, & destruhilos a fogo, & a ferro. Com este recado se ajuntârão os principaes de Castella com muyta gente, & tanta que contaõ as Chronicas, que havia cincoenta Castelhanos para hum Portuguez: & a duas legoas de Merida em hum lugar por nome Valverde se encontraraõ, aonde os Castelhanos foraõ vencidos.

Tarteso. He Tariffa, Cidade de Andaluzia. O que o Poeta aqui quer dizer he, que Dom Nuno Alvares entrou pelos lugares de Castella da Estremadura, que estaõ entre Tariffa, & Guadiana, rio, que passa pelo estremo de Castella, o que tudo se póde ver largamente na segunda parte das Chronicas de El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria, cap. 59.

30

MAs não vès quasi jà desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia

Do Capitaõ devoto, que apartado
Orando invoca a Summa, & Trina Essencia?
Velo com pressa jâ dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, & que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas não vès quasi jâ desbaratado. Isto diz o Poeta, porque nesta batalha de Valverde, como os Portuguezes eraõ muyto menos que os Castelhanos, estavaõ em aperto, o que vendo Dom Nuno Alvares Pereyra sem dar conta a pessoa alguma, se foy a hum lugar apartado, levando consigo sò hum criado seu, & posto de joelhos fez oração a Deos Nosso Senhor, o ajudasse contra seus inimigos, & como elle era muyto querido de todos, & sobre quem todos estribavão, andavaõ todos pasmados como o naõ viaõ. E andandoo buscando por differentes partes, foy acaso dar com elle hum Cavalleyro por nome Ruy Gonçalves, o qual vendoo naquelle estado, não se attreveo a fallarlhe logo, mas entendendo ser necessario lhe disse o dano que os Castelhanos faziaõ nos Portuguezes. Neste tempo chegou outro Cavalleyro por nome Gonçaleanes de Castello de Vide, o qual lhe fallou mais solto, dizendo era muyta gente morta, & ferida: ao qual elle não respondeo outra cousa, se naõ que o deyxasse, que ainda não era tempo, como se diz na oytava seguinte.

31

M*As olha, comque santa confiança,*
Que ainda naõ era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da vittoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio ouvindo, que a possança
Dos imigos a terrâ lhe corria,
A quem lhe adura nova estava dando,
Pois eu (responde) estou sacrificando.

Assi Pompilio. Este foy segundo Rey dos Romanos: o qual depois de se aquietar com seus inimigos, se conta delle, que todo se deu ao culto dos falsos Deoses: & era tão supersticioso, & ceremoniatico, que conta delle Plutarcho na sua vida, que entrandolhe os inimigos pela sua terra, & destruindolha, avisado dos seus, respondeo, o que o Poeta aqui diz, estou sacrificando: porque estava fazendo sacrificio aos seus tristes, & falsos Deoses. Bom exemplo de Gentio, o qual dava a entender nesta reposta, que mais se refreava a furia dos inimigos, com o favor, & ajuda de Deos, que com poderosos exercitos. Assim o nosso Dom Nuno Alvares dizendolhe os seus o aperto em que estavaõ, respondeolhe, q̃ o deyxassem orar. E póde tanto esta sua oraçaõ com Deos que levantandose della, desbaratou com muyto pouca gente grande multidaõ de inimigos.

32

S*E quẽ com tãto esforço em Deos se atreve*
Ouvir quiseres como se nomea.
Portuguez Scipião chamar se deve;
Mas mais de Dõ Nuno Alvrez se arrea?
Ditosa Patria, que tal filho teve,
Mas antes Pay, que em quanto o Sol rodea,
Este globo de Ceres, & Neptuno,
Sempre suspirarâ por tal alumno.

Portuguez Scipiaõ chamarse deve. Em louvor deste excellente Capitaõ de que vay trattando nestas oytavas, & recontando, grandes excellencias sem o nomear, diz, que se devia chamar Scipiaõ Portuguez: mas que elle com ter este titulo de Scipiaõ taõ honroso, quer mais o seu de Nuno Alvares Pereyra, pelo qual era taõ conhecido, & nomeado naquelle tempo. Foy este Scipiaõ de que o Poeta aqui falla, dotado de muytas, & muy grandes virtudes Nas cousas da guerra espantoso, porque nella fez maravilhas. Sugeytou toda Hespanha ao povo Romano. Destruhio Anibal, & outros Capitães de Africa, pelo que lhe foy posto o cognome de Africano. Foy da gente illustre dos Cornelios em Roma, & o primeyro que dizem foy chamado Cesar, porque morta a mãy, que estava prenhe, vendo que lhe bulia a criança no ventre, foy por acordo dos Medicos mandado, que se abrisse, & tirasse a criança fóra. Estas, & outras muytas cousas deste varaõ excellente se poderà ver em Plutarcho na sua vida. Pois a este Scipiaõ taõ nomeado, & conhecido por seu esforço, & cavallaria, compára o Poeta o nosso Dom Nuno Alvares Pereyra, pelo qual diz que suspirarà Portugal em quanto o mundo durar.

Este globo de Ceres, & Neptuno. Por estas palavras entende todo o universo, porque globo, quer dizer bola, a cuja forma o mundo he feyto, por ser a figura redonda mais perfeyta que todas as outras. Pela qual razaõ diz Ovidio liv. 1. Metamorphoses que Deos fez o mundo redondo. *Magni speciem glomeravit in orbis.* Fizestes o mundo redondo para ornato, & fermosura sua. *Ceres.* Como dizem os Poetas, foy filha de Saturno, & Ope: era tida por Deosa dos mantimentos, & fruytos da terra, porque diziaõ que ella fora a primeyra que inventara o modo de lavrar, & semear a terra. E que por este respeyto se chamava Ceres, quasi *geres*, de *gero is*, que he trazer, porque criava, & dava todas as cousas aos homẽs como diz Tullio liv. 2. de natura Deorũ. Outros lhe davaõ outras Ethimologias, & fazem differentes Ceres. O Poeta toma aqui Ceres pela terra, como o fez Cicero l. 1. de natura Deorũ. *Neptuno.* Dizem os Poetas ser idolo do mar, irmão de Jupiter, & Plutaõ, tomase pelo mar, como aqui. *Alumno.* He criado, chamase assim de *alo alis*, palavra Latina, que quer dizer criar, & sustentar.

Na

33

N *A mesma guerra vê que presas ganha*
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vence, & o gado apanha,
Que levavão roubado ousadamente:
Outra vez, vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar c'o amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Na mesma guerra vè. Por morte de El-Rey Dom Fernando o nono, ficando este Reyno sem herdeyro tomou o povo por seu Governador, & defensor, contra El-Rey Dom Joaõ de Castella, que queria entrar em Portugal, a Dom Joaõ meyo irmaõ do dito Rey Dom Fernando, Mestre de Avis. Foy causa isto de haver entre Portuguezes, & Castelhanos grandes discordias, & guerras. Com El-Rey de Castella era lançada a principal fidalguia de Portugal, cuydando ser melhor partido, & que seguravaõ melhor suas fazendas. Entre outras cousas, que neste tempo aconteceraõ, huma foy esta, de que o Poeta aqui faz menção: & he que dous Commendadores Castelhanos, hum de Alcantara, outro de Calatrava, foraõ com muyta gente assim de cavallo como de pè correr o termo de Evora, & sua comarca. E como naõ há cousa por muyto secreta que seja, que se não sayba: ainda que elles hiaõ com todo segredo possivel, & de maneyra, que lhe parecia, que por nenhum modo seriaõ sentidos. Hum moço Portuguez por nome Rodrigo Valleyo, natural de Borba, pagem de hum Castelhano por nome Diogo Gonçalves Maldonado, foy dar aviso a Pedro Rodrigues Alcayde mór do Landroal, que naquelle tempo estava por Capitão daquellas partes, & que era muyto leal, & fiel ao serviço do Mestre, que he o de que aqui falla o Poeta. Este Pero Rodrigues sabido isto sahio com alguns de cavallo, & de pè, em alcance dos Castelhanos, & lhe tomou a presa que levavaõ, que eraõ cinco mil ovelhas, mil & quinhentas cabras, & sessenta homens & moços cativos. E assim mesmo derribaraõ dos cavallos os Commendadores, os quaes ficaraõ alli, se naõ foraõ soccorridos pelos seus, que lhe deraõ cavallos em que se puseraõ em salvo. O que tudo se póde ver mais largamente na primeyra parte das Chronicas de El-Rey Dom Joaõ o primeyro.

Outra vez ve que a lança em sangue banha. Neste tempo tudo eraõ guerras, & divisões, nem havia quem se entendesse: porque os Portuguezes, huns seguiaõ as partes do Mestre: outros se lançavaõ com El-Rey de Castella. Succedeo, que hum Vasco Porcalho, a quem o Mestre tinha encomendado o Castello de Villa Viçosa, foy sentido naõ ser leal ao seu senhor o Mestre, & que se carteava com hum Pero Rodrigues da Fonseca, que estava em Olivença por El-Rey de Castella. Pelo que, hum Cavalleyro natural de Villa Viçosa, por nome Alvaro Gonçalves Coytado, com outros a quem deu conta do caso, determinaraõ de o prender. E para este effeyto mandou recado a Pero Rodrigues do Landroal, de que himos fallando, o qual acudio logo, & feytos todos em hum corpo, se foraõ aos paços aonde estava Vasco Porcalho, & o lançaraõ fóra: elle se foy a Lisboa sanearse com o Mestre, o qual lhe tornou a dar o Castello. Como Vasco Porcalho se vio naquelle estado, poz por ordem o que antes desejava, que era dar aquella Villa aos Castelhanos. E como estava sentido do que lhe fizera Alvaro Gonçalves Coytado, determinou de o prender, como fez, & o meteu na torre da menagem, com molher, & filhos, & mandoulhe saquear tudo quanto tinha em sua casa, logo esta noyte meteo Vasco Porcalho no Castello duzentas lanças de Castelhanos. Os quaes como amanheceo levantàraõ bandeyra por El-Rey de Castella, dizendo a altas vozes, Castilha, Castilha. El-Rey de Castella mandou logo recado a Vasco Porcalho, que mandasse a Alvaro Gonçalves preso a Olivença, para ser ahi melhor guardado, & huma carta a Pero Rodrigues da Fonseca, que o tivesse a muyto bom recado até ver o que se havia de fazer delle. Como o Condestavel Dom Nuno Alvares soube desta prisaõ de Alvaro Gonçalves, ficou muyto pezaroso, & escreveo a Pero Rodrigues do Lãdroal trabalhasse por saber se o haviaõ de passar dalli para outra parte, elle lhe respondeo que sim: mas que naõ sabia quando, nem como. Dom Nuno Alvares lhe mandou logo alguma gente, que tivesse comsigo para o ajudar a tirar o Alvaro Gonçalves do poder dos Castelhanos, succedendo levalo a alguma parte. Dahi a poucos dias veyo huma espia que Pero Rodrigues do Landroal trazia em Villa Viçosa, & disselhe, como a noyte seguinte haviaõ de levar a Alvaro Gonçalves a Olivença. Pero Rodrigues sabendo isto consultou com os seus como faria este negocio: os quaes acordaraõ porse em cilada em certa paragem, por onde os Castelhanos haviaõ de passar. Pelo que sahio do Landroal hum dia já Sol posto, com trinta & hum de cavallo, & cincoenta de pé, fingindo ir caminho de Estremoz: & como foy noyte deraõ volta para o lugar aonde estavaõ concertados hirem: & sendo alta noyte foraõ avisados como vinhaõ muytos de cavallo, & pé, & alguns besteyros. Pelo que se fizeraõ prestes, & pelejaraõ com elles, & lhe tiraraõ o preso que levavaõ, & a elles trattáraõ muyto mal, o que o Poeta aqui aponta, & se póde ver nas Chronicas de El-Rey Dom Joaõ o primeyro no lugar allegado.

34

O *Lha este desleal o como paga*
O perjuro, que fez, & val engano,

Gil Fernandez he de Elvas, quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xeres rouba o campo, & quasi alaga
C'o sangue de seus donos Castelhano;
Mas olha Ruy Pereyra, que c'o o rosto
Faz escudo à galès, diante posto.

Olha este desleal. Contaõ as Chronicas, que escreveo o Mestre a Gil Fernandes de Elvas, que estava por Capitaõ da gente daquella terra, que fosse a Campo Mayor, & fallasse com Paes Rodrigues Marinho Alcayde mór de Campo Mayor, o qual estava por Castella, & o persuadisse tomasse sua voz, que lhe faria muytas merces, & honras. Gil Fernandes vista a carta do Mestre foyse a Campo Mayor, levando comsigo cincoenta de cavallo armados, como chegou perto do lugar, mandou recado a Paes Rodrigues quizesse sahir do Castello a verse com elle, sobre certo negocio, que a elle lhe importava. O Paes Rodrigues respondeo, que fosse o Gil Fernandes fallar com elle entre o muro, & a barreyra do Castello, & que podia levar dez homens de armas comsigo. Gil Fernandes aceytou o partido, mas com condiçaõ que fizessem pleyto, & omenagem, que fosse seguro hum do outro. Paes Rodrigues aceytou a condiçaõ, & passaraõse escritos de huma, & outra parte: o qual concerto naõ cumprio Paes Rodrigues, antes chegando Gil Fernandes o prendeo, com muyta gente que para este effeyto tinha prestes, da qual prisaõ se resgatou despois Gil Fernandes, por duas mil dobras, como as Chronicas contaõ. Succedeo despois encontrarse Gil Fernandes com o Paes Rodrigues em hum monte entre Elvas, & Campo Mayor, chamado Segovia, aonde o Paes Rodrigues foy preso, com outros alguns Cavalleyros da sua conserva, & morto, como tudo se póde ver mais largamente nas ditas Chronicas. O desleal perjuro, de que aqui falla o Poeta, he Paes Rodrigues, que quebrou a fé que tinha dada a Gil Fernandes, chamalhe desleal, porque sendo Portuguez seguia as partes de Castella. Ultimo dano he a morte, da qual Gil Fernandes foy causa, ainda que elle naõ o matou, antes lhe pesou de sua morte, como nas Chronicas se conta.

De Xerez rouba o campo. Este mesmo Gil Fernandes de Elvas ajuntou cem de cavallo, & quatrocentos de pè, & entrou por Castella até os Campos de Xerez, donde trouxe grande presa de vacas, & ovelhas, & cattivos. Vindo com esta presa, acudiraõ de Xerez, & outros lugares com trezentas lanças, & muyta gente de pé, & o alcançaraõ em hum lugar, que se chamava Serra das Porcas aonde Gil Fernandes, os desbaratou, matando, & ferindo muytos delles, como o Poeta aqui aponta. E dizem as Chronicas, que era tanto o gado, que Gil Gernandes levava, que cada hum tomava delle o que queria, porque naõ sabiaõ o q haviaõ de fazer delle.

Mas olha Ruy Pereyra. Este Ruy Pereyra era muyto esforçado Cavalleyro, o qual seguia as partes do Mestre. Neste tempo determinou El-Rey de Castella vir sobre Lisboa, & cercala por mar, & por terra, como o fez. Os Portuguezes puseraõ-se em defensaõ pelo melhor modo que puderaõ. A armada de Castella assim de naos como galès era muyto de ventagem da de Portugal. Entre outros Capitães do Mestre era Ruy Pereyra: este vendo que os Castelhanos, que estavaõ defronte de Almada, com quarenta naos grossas, & treze galés, quizeraõ dar sobre as nossas galés, que passavaõ por defronte delles, pozse de rosto com a sua nao, com outros dous Capitães Portuguezes, & elle aferrou com a Capitania dos Castelhanos, que hia de rosto sobre as nossas galès, sem a armada de Castella lhe fazer nojo. Mas o Ruy Pereyra morreo nesta volta, & foy muyto sentido, & chorado dos Portuguezes, porque foy hum esforçado Cavalleyro, & leal Portuguez. Isto he o que o Poeta aqui diz, que Ruy Pereyra fez escudo ás galès posto diante, porque se poz diante da armada de Castella, & fez escudo às galés de Portugal, que naõ recebessem dano das naos, & galès de Castella, que eraõ muytas mais.

35

Olha, que dezasete Lusitanos,
Neste outeyro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porèm logo sentirão com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem;
Digno feyto de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, & no moderno.

Olha que dezasete Lusitanos. Neste tempo estava Almada em grande aperto cercada por mar, & por terra de Castelhanos, & contase nas Chronicas, que passavaõ grande trabalho, mayormente de sede, por falta de agua, de maneyra que lhe morria muyta gente à sede, & alguns cavallos que dentro da Villa estavaõ, lançaraõnos por huma penedia abayxo ao mar, por naõ terem que lhe dar a beber, & outras cousas que nas Chronicas pódem ler os curiosos. Postos os Portuguezes neste estado determinaraõ hir buscar agoa ao longo do mar, para o qual hiaõ por huma penedia muyto grande, por hum caminho que elles para este effeyto fizeraõ. Como os Castelhanos souberaõ isto puseraõse em cilada escondidos muytos, & os Portuguezes que hiaõ pela agua naõ eraõ mais de dezasete, os quaes entre aquella penedia pelejaraõ com os Castelhanos taõ valerosamente, que mataraõ, & feriraõ muytos.

36

Sabese antigamente, que trezentos
Jà contra mil Romanos pelejàraõ

No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustrarão:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deyxàraõ,
Que os muytos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.

Sabese antigamente que trezentos. Este caso conta Paulo Orosio, & outros: & he que no tempo de Viriato despois da rotta de Nigidio recolhendose para Castella mil de cavallo, encontraraõ com trezentos Portuguezes da Beyra, os quaes hiaõ carregados de despojo da batalha, & querendo os de cavallo tomarlhe a presa, se puseraõ em som de batalha, & os fizeraõ fugir, ficando dos mil trezentos no campo mortos.

37

OLha cà dous Infãtes, Pedro, & Henrique
Progenie generosa de Joanne;
Aquelle faz, que Fama illustre fique
Delle em Germania, com q̃ a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descubridor, & desengane
De Ceyta a Maura tumida vaydade,
Primeyro entrando as portas da Cidade.

Olha cà dous infantes Pedro, & Henrique. Estes infantes foraõ filhos d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria. Foy o infante Dom Pedro Duque de Coimbra, & Governador destes Reynos, em tempo d'El-Rey Dom Affonso o quinto seu sobrinho, por ser o dito Dom Affonso de pouca idade, & por este respeito não ser para governar o Reyno, como se conta largamente na Chronica do dito Rey. Esteve o infante Dom Pedro em Alemanha, a qual o Poeta chama aqui Germania, como lhe chamaõ os Latinos, & naquellas partes fez cousas dignas de memoria, o que diz o Poeta por estes termos, com que a morte engane: porque aquelles se dizem enganar a morte, que fazem cousas na vida com que sua memoria despois da morte fica viva.

Este, que ella nos males o publique. Entende o infante Dom Henrique, era este Principe naturalmente inclinado a fazer guerra a infieis. A esta inclinaçaõ natural se ajuntou a obrigaçaõ de seu cargo, & officio de Governador da ordem da cavalleria de Nosso Senhor Jesu Christo, que El-Rey Dom Dinis tresavó instituhira para effeyto desta guerra contra infieis. E como naõ pudesse executar esta vontade, por estarem jà os Mouros lançados além do mar, & porque tambem lhe naõ seria bem contado por ser negocio tocante aos Reys de Portugal, o que se verificou muyto mais, despois que seu pay tomou Ceuta, que entaõ lhe ferrou de todo as portas á sua pretençaõ. Determinou entaõ largar as velas a seus desejos, & meterse pelo mar dentro, para fazer novas conquistas, & descobrimentos, aonde seu nome principalmente militasse: & os meritos da tal empresa fossem seus proprios, & se pudessem meter na ordem da cavallaria de Christo, de que elle era Governador, & de cujo thesouro podia despender. E tambem porque lhe ficasse nome de primeyro conquistador, & descubridor da gente idolatra, impresa que até seu tempo nenhum Principe tentàra.

De Ceuta a Maura tumida vaidade. Isto diz porque quando seu pay tomou Ceuta aos Mouros, elle foy o primeyro que entrou às portas como nas Chronicas se tratta liv. 1. cap. 2.

38

VEs o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia;
Vés outro Conde esta, que representa
Em terra Marte, em forças, & ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia,
Mas do seu Rey defende a cara vida,
Pondo por muro a sua alli perdida.

Ves o Conde Dom Pedro. Este Dom Pedro, a quẽ o Poeta aqui chama Conde, foy filho de Dom Joaõ Affonso de Meneses Conde de Viana: o qual no tempo d'El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria se lançou com os Castelhanos, & morreo na batalha de Algibarrota. Pelo que tornandose sua molher para Portugal com este filho Dom Pedro, ainda que El-Rey Dom Joaõ lhe fez muytas honras, & merces, nunca lhe quiz dar o titulo de Conde a este seu filho Dom Pedro, se naõ despois que por algum tempo regeo a capitania da Cidade de Ceuta em Africa, de que foy o primeyro Capitaõ, & Governador. Mas nomeavase Conde publicamente, como lhe chama aqui o Poeta, por ser filho do Conde Dom Joaõ, como fica dito, & por ser feyto Conde em Castella, como diz a sua Chronica cap. 3. Foy este Dom Pedro de Meneses excellentissimo varaõ, & primeyro Capitaõ de Ceuta, a qual defendeo de dous cercos de Mouros, a que acudio toda Berberia, & fez outras muytas cousas dignas de memoria nas partes de Africa, que se pódem ler em huma Chronica que ha de suas cousas de letra de maõ. Foy illustre fundamento da casa de Villa real: & mais de muytos, & muy valerosos Principes.

Ves outro Conde està. Este he o Conde Dom Duarte, filho naõ legitimo do dito Dom Pedro. Foy o primeyro Capitaõ de Alcacer ceguer: o qual defendeo de hum grande cerco, em que se achou o Xarife com todo seu poder, como diz aqui o Poeta.

Mas do seu Rey defende a cara vida. Contase na Chronica d'El-Rey Dom Affonso o quinto, que estando El-Rey em Ceuta lhe deraõ huns Mouros aviso,

so, como na serra de Benacofic havia muytas aldeas, & lugares, aonde podia fazer grande presa. Como El-Rey era affeyçoado a estas cousas, folgou com esta nova, & entre outros Fidalgos levou comsigo ao Conde Dom Duarte, que estava entaõ com elle em Ceuta. Succedeolhe o negocio de maneyra, que foy necessario recolherse El-Rey para a Cidade: o qual vendo que os Mouros carregavaõ muyto sobre elle, disse ao Conde Dom Duarte entretivesse aquelles Mouros, o que elle fez de maneyra, que por salvar a vida d'El-Rey, perdeo a sua, o que tudo se pôde ver largamente na Chronica allegada d'El-Rey Dom Affonso o quinto: & allego os lugares aonde os curiosos leaõ as cousas de que tratto, porque para commento basta assim.

39

OUtros muytos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariāo,
Mas faltalhes pincel, faltamlhes cores,
Honra, premio, favor, que as artes criāo:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneraõ certo, & se desviāo
Do lustre, & do valor dos seus passados
Em gostos, & vaydades atollados.

Outros muytos verias. Diz o Poeta que a causa de naõ estarem outros muytos em aquelles payneis, he porque de generaraõ seus antepassados, os quaes tambem jazem no mesmo esquecimento por falta de seus descendentes, que saõ taes que naõ estimaõ a virtude, nem fazem caso dos homens, que tem engenho, & partes com que os honrem, & ponhaõ os feytos excellentes de seus mayores no lugar, que merecem. O pincel, & cores que faltaõ aos pintores, pelos quaes aqui entendem os Poetas, homens de engenho saõ como elle mesmo diz nesta oytava: Honra, premio, favor, que as artes cria, assim o disse Cicero, *Honos alit artes.* O que parece tomou do Poeta Aristophanes, o qual vendo que se queyxavaõ muytos de haver fracos Medicos em Athenas havendo em outras sciencias varões eminentissimos, disse estas palavras. *Quemadmodum præmium, ita nec ars viget.* Faltaõ Medicos, porq̃ lhe faltaõ premios a isto alludio Marcial quando disse:

Sint Mæcenates, non deerunt flacce Marones
Virgiliumque tibi, vel tua rura dabunt.

Aja Mæcenates, haja homens que favoreçaõ, & naõ faltaraõ Poetas, & a cada canto achareis hum Virgilio, & quanto a mim a razaõ porque hoje faltaõ Homeros, & Virgilios, he porque naõ há quem faça caso dos homens que prestaõ. E vemos hoje os homens dados a letras humanas serem tidos em pouco, donde vem haver poucos que nellas se esmerem, salvo a natural inclinaçaõ de algum, o força a isso, como o foy o nosso Luis de Camões, como elle diz em algumas partes deste livro.

40

AQuelles Pays illustres, que já deraõ
Principio à geração, que a elles pende,
Pela virtude muyto entāo fizeraõ,
E por deyxar a casa, que descende:
Cegos, que dos trabalhos que tiverāo
(Se alta fama, & rumor delles se estende)
Escuros deyxão sempre seus menores,
Com lhes deyxar descansos corruptores.

Aquelles pays illustres. Nota o Poeta nesta oytava, & na seguinte o mao modo que tem alguns homens nobres no seu proceder, que he a causa porque se escreve sua geraçaõ, & se naõ tratta de seus feytos. Nesta primeyra diz, que há alguns que fizeraõ muyto pela virtude, & em quanto viveraõ se houveraõ muy honradamente com todas suas cousas, mas que em volta disto trattaraõ as cousas dos filhos, com tanta desordem, & descuydo, que foraõ causa de seus feytos se escurecerem de todo: porque todo seu cuydado, & vigilancia puseraõ em fazer grandes morgados aos filhos, naõ se lembrando quaõ differente negocio fora adestralos em outras cousas, que mais lhe importavaõ, & como os criaraõ com mimos, & desordens, & lhe deyxaraõ largo que gastar, vivem atollados em vicios, & sómente trattaõ do modo que teraõ em viver solta, & desenfreadamente, conforme a criaçaõ que tiveraõ, & desta maneyra se perde a memoria, assim de seus antepassados, como a sua, leaõ os curiosos a Horacio, que trata desta materia largamente, Od.24.liv.3.

41

OUtros tãbem ha grandes, & abastados,
Sem nenhũ tronco illustre dõde venhaõ;
Culpa de Reys, que às vezes a privados
Dam mais, q̃ a mil, q̃ esforço, e saber tenhão
Estes os seus não querem ver pintados
Crendo que cores vans lhes não convenhaõ
E como a seu contrario natural,
A pintura, que falla, querem mal.

Outros tambem. De passagem dá huma reprensaõ aos Principes, os quaes muytas vezes se affeyçoaõ demasiadamente a gente que naõ he digna da honra que lhes daõ.

E como a seu contrario natural. A pintura, que falla querem mal. Daqui vem que estes querem mal a historia, & poesia, a que aqui chama pintura, que falla, porque assim huns como outros naõ tem partes, por onde suas cousas sejaõ celebradas: & daqui querem mal aos homens que tem engenho. A razaõ porque a Poesia se chama pintura, q̃ falla, vejase a nossa annotaçaõ no canto 7. oytava 76.

Naõ

42

NAõ nego, que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, & casa rica,
Que com costumes altos, & excellentes,
Sustentão a nobreza, que lhes fica:
E se a luz dos antigos seus parentes,
Nelles mais o valor não clarifica,
Naõ falta ao menos, nem se faz escura,
Mas destes acha poucos a pintura.

Naõ nego. Louva nesta oytava o Poeta, os que procuraõ conservar a honra, que erdaraõ de seus mayores, os quaes ainda que naõ façaõ maravilhas, nem estremos em Cavallaria, & outras cousas dignas de memoria, nem se queyraõ avantejar de seus antepassados: conservaõ a honra que delles lhe ficou. E isto he cousa muyto digna de louvor, donde disse Ovidio:

Nom minor est virtus, quam quærere, parta tueri,
Casus inest illic, hic erit artis opus.

Naõ he menos virtude conservar o ganhado, que ganhalo, porque no ganhar governa a fortuna, no reter a prudencia. E como esta virtude de saber conservar o ganhado seja grande, há poucos que a tenhaõ, pelo que diz o Poeta, destes acha poucos a pintura, que destes achaõ os homẽs doutos muyto poucos de que escrever, & trattar em suas obras.

43

ASsi está declarando os grandes feytos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão taõ claros, taõ perfeytos
Do singular artifice alli pinta:
Os olhos tinha promptos, & direytos,
O Catual na historia bem distinta,
Mil vezes perguntava, & mil ouvia,
As gostosas batalhas, que alli via.

Que alli mostra a varia tinta. A diversidade da pintura que alli estava feyta por maõ do official excellente, na qual tapeçaria estavaõ pintados differentes acontecimentos, & batalhas, que os Portuguezes tiveraõ com differentes acontecimẽtos, & tudo cõ tanta claridade, & perfeyçaõ, q̃ naõ havia que desejar.

44

MAs já a luz se mostrava duvidosa,
Porq̃ a lampada grande se escondia
Debayxo do Orizonte, & luminosa
Levava aos antipodas o dia:
Quando o Gentio, & a gente generosa,
Dos Nayres da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descança
Os lassos animaes, na noyte mansa.

Mas já. Mostra o Poeta nesta oytava o tempo que o Catual, & gente principal de Calecut, que fora à nossa capitania, se recolhia, que era já quasi Sol posto, o que diz por estes termos. A lampada grande se escondia, debayxo do Horizonte, & luminosa levava aos antipodas o dia. A lampada grande he o Sol, como lhe chamaõ os Poetas Horizonte, he hum circulo da Esphera, que divide este universo em duas partes iguaes, deyxando huma ametade sobre a terra, & outra debayxo. Isto he o que o Poeta aqui diz: que o Sol se metia debayxo do Horizonte, como se dissera que se recolhia para a outra parte do Ceo, que está debayxo de nós, na qual moraõ os Antipodas. Antipodas he nome Grego, composto de duas palavras da preposiçaõ anti, que quer dizer contra, & pus, o pe, por serem homens que pizaõ o terra ao contrario de nossos pés. O Bemaventurado Santo Agostinho, como se póde ver no livro da Cidade de Deos liv. 16. c. 9. naõ se póde persuadir haver Antipodas, hoje he mais que certo que os há, & isto naõ sómente por razão da Esphera, mas por se haver andado tanta terra contra o Sul, que seguramente se póde dizer, que na terra contraria a esta nossa morão homens como nestas partes, & assim estes quanto a nós seráõ nossos antipodas, & nós da mesma maneyra quanto a elles, como diz Luis Vives, sobre o lugar allegado do Bemaventurado Santo, ao qual enganou Lactancio Firmiano, que foy desta opiniaõ. Do Horizonte, & mais circulos do Ceo vejase o que escrevemos no terceyro canto, oytava 6.

O repouso que descança. Repouso que descança, he o sono, assim lhe chama Virgilio: *Somne quies rerum.* O sono descanço das cousas, & outros Poetas. A força do sono, & a casa em que mora, pinta Ovidio nas Metamorphoses liv. 10.

45

ENtre tanto os Aruspices famosos,
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevèm sempre os casos duvidosos,
Por sinaes diabolicos, & indicios;
Mandados do Rey proprio, estudiosos
Exercitavão a arte, & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Espanha

Entre tanto os Aruspices famosos. Finge aqui o Poeta como em quanto o Catual estava embebido em ver os retrattos, & pinturas, de que atrás se fez mençaõ, o que tambem foy fingimento, mandou o Rey aos seus agoureyros, aos quaes os Latinos chamaõ *Aruspices*, como o Poeta lhe chama aqui, que lhe soubessem o intento dos Portuguezes, & que

que os movera a hir ás partes da India, para ver como se havia de haver com elles.

46

SInal lhe mostra o Demo verdadeyro,
De como a nova gente lhe faria
Jugo perpetuo, eterno cativeyro,
Destruiçaõ de gente, & de valia:
Vaise espantado o atonito, agoureyro,
Dizer ao Rey (segundo o que entendia)
Os finaes temerosos, que alcançára
Nas entranhas das victimas, que olhàra.

Nas entranhas das victimas. Victima he palavra Latina, quer dizer sacrificio, & era o que entre os Antigos se fazia por alguma vittoria alcançada pelo proprio vencedor: Donde disse no livro primeyro dos Fastos Ovidio: *Victima quæ cecidit dextra victrice vocatur.* Victima se chama o sacrificio, que se sacrificou pelo vencedor. Estas victimas eraõ animaes, os quaes matavão os Antigos a seus idolos, & pelas tripas, & entranhas delles conjecturavão o que haviaõ de fazer, como o Poeta aqui aponta, que estes agoureyros de El-Rey de Calecut conheceraõ das entranhas dos animaes, que sacrificavão sinaes de Calecut ser destruhida dos Portuguezes.

47

AIsto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da ley de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fè, que tudo excede:
Em forma do Profeta falso, & noto,
Que ao filho da escrava Agar procede,
Bacco o dioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se não dece.

A isto mais. Para o Mouro mais se certificar no que os seus agouros lhe diziáo, & aconselhavão, finge o Poeta que Baccho inimigo capital dos Portuguezes, tomou a forma do fallo propheta Mafamede, & induzio a El-Rey, que destruhisse os Portuguezes, que erão huns piratas, que andavaõ assolando o mundo. O propheta falso, que procede da escrava Agar, he Mafamede. Usa deste termo de fallar, porque como fica dito por muytas vezes, os Mouros procedem de Agar escrava de Abraham, da qual geração procedia Mafamede. Vejase a nossa annotação no canto 3, oytava 23.

48

EDizlhe assi; Guardayvos gente minha,
Do mal, que se aparelha pelo imigo,
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes, que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho, mas consigo
Cuyda, que não he mais, que sonho usado,
Torna a durmir quieto, & sossegado

E dizlhe assi. Reconta o Poeta aqui nesta oytava as cousas, que Baccho disse a El-Rey de Calecut, estando dormindo em figura do seu maldito. Mafamede, que se guardasse dos Portuguezes, os quaes não traziaõ outro intento se não destruhir a terra da India.

49

TOrna Bacco dizendo: Não conheces
O graõ legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceyto a que obedeces,
Sem o qual foreis muytos bautizados?
Eu por ti tudo vèllo, & tu adormeces?
Pois saberàs, que aquelles, que chegados
De novo são seraõ muy grande dano
Da ley, que eu dey ao nescio povo humano.

Torna Baccho. A primeyra vez que o Rey acordou espantado do sonho que sonhara, não se inquietou, porque lhe pareceo, que não era mais que sonho, como costumava outras vezes sonhar cousas semelhantes. Mas depois que vio o retorno de Baccho dizendolhe, quem era, & como o avisava do mal, que lhe estava aparelhado, tornou sobre si, como nas oytavas seguintes se verá. *O grande Legislador.* He o seu falso propheta Mafamede, que lhe deu a ley que seguem. *Eu por ti tudo velo.* Saõ palavras de Mafamede, com as quaes reprehende ao Rey chamandolhe rudo, pois andando inquieto, & velando pelo livrar, elle adormecia, descuydado do que lhe podia acontecer. *Da ley que eu dey ao necio povo humano.* Com muyta razão chama o Poeta aos Mouros povo necio, pois seguem huma taõ grande parvoice, & desatino, como he a torpe, & necia seyta de Mafamede.

50

EM quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae, facilmente
Se póde nelle pór a aguda vista:
Porem depois que sobe claro, & ardente,
Se a agudeza dos olhos o conquista
Tão cega fiqua, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe naõ tolheis.

Em quanto he fraca a força. Com huma comparação maravilhosa mostra Baccho a El-Rey de Calecut, como lhe importa muyto cortar as rahizes a este negocio, & entrada dos Portuguezes em Calecut, porque assim como o Sol em nacendo não

não faz nojo à vista, o que he pelo contrario na crecença do dia, que não hà quem o espere por sua quentura, & claridade, & assim nos principios tem as cousas remedio, o qual despois, que estaõ em crecimento não aproveyta: donde disse Ovidio.

Principijs obstat, sero medicina paratur,
Cum mala per longas convaluere moras.

Resiste aos principios, porque tarde, & mal se remedeaõ os males, quando tem tomada posse da caza.

51

Isto dito, elle, & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno:
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostràra rosto angelico, & sereno,
Convoca os principais da torpe seyta,
Aos quaes, do que sonhou dà conta estreyta.

Isto ditto. Mostra nesta oytava como El-Rey de Calecut ficou espantado, & medroso, com o que lhe disse Baccho em figura do seu falso propheta Mafamede, & como mandou logo em amanhecendo chamar os principaes da terra, & trattou com elles o que sonhara aquella noyte passada. Agareno he Mouro, como fica dito por muytas vezes, tomase pelo Rey de Calecut, ao qual chama Agareno, não por elle ser Mouro, se não porque era affeyçoado, & inclinado aos Mouros. *Nova luz que ao Sol precede.* Esta nova luz que precede ao Sol he o Luzeyro, & chamase luz nova, porque aparece ante manhã, como mensageyro da luz, & porteyro do Sol, desta estrella se veja o que notámos atrás no canto 6, oytava 85.

52

Diversos pareceres, & contrarios
Alli se dão, segundo o que entendião,
Astucias, traições, enganos varios.
Perfidias inventavão, & tecião:
Mas deyxando concelhos temerarios,
Destruição da gente pertendião,
Por manhas mais sutis, & ardis melhores,
Com peytas adquirindo os Regedores.

53

Com peytas, ouro, & dadivas secretas
Concilião da terra os principaes,
E com razoẽs notaveis, & discretas,
Mostrão ser perdiçaõ dos naturaes:
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem sò de piràticas rapinas,
Sem Rey, sem leys humanas, ou divinas.

Com peytas. Escreve Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 9. que os Mouros de Calecut peytárão grandemente ao Governador da terra, para que danasse o animo de El-Rey contra os Portuguezes, como fez. *Rapinas piraticas.* Saõ roubos de cossayros, porque os Latinos chamão ao Cossayro do mar pirata.

54

O Quanto deve o Rey, que bem governa,
De olhar, q̃ os conselheyros, ou privados
De consiencia, & de virtude interna,
E de sincero amor sejão dotados:
Porque como estè posto na superna
Cadeyra, pòde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteyra,
Do que lhe der a lingoa conselheyra

O quanto deve o Rey, que bem governa. O principal conselheyro de El-Rey que pertende governar seu povo recta, & justamente, deve ser Deos, a elle se deve chegar em suas duvidas, & com elle deve trattar suas cousas, como se escreve, que fazia David Reg. 2. Este he o verdadeyro conselheyro, & que não pôde errar: o segundo, logo gente zelosa da virtude, & que vive Christãmente, & não gente ambiciosa, & que pertende só seu interesse. Porquo os conselhos de gente de mà alma, não pódem ser bons, se não pestilenciaes, & como dizem os Latinos: *Ex ea officina, eæ sunt opes.* De tal tenda, tal ferramenta, Mâ arvore não póde dar bom fruyto. Queyxase Deos por Isaias cap. 30. dos Principes de Israel, porque se não aconselhavão com elle: porque via os desastres, & perdas que lhe acontecião por se fiar de si, & de outros que sabião tão pouco como elles. E pois os Reys necessariamente haõ de usar de homens, com que trattem suas cousas, que o contrario seria temeridade, deviaõ seguir o conselho do Sabio Ecclesiast. 8. em buscar gente de boa consciencia, & avisada. Porque esta como tratta em não deservir a Deos, tambem procura acertar nos negocios, que lhe commettem: porque cuydaõ o que haõ de fazer, o que não tem homem de má alma, que logo se precipita a fazer o que sua mâ inclinaçaõ pede, & com cor de justiça executa sua má inclinaçaõ.

55

Nem tão pouco direy, que tome tanto
Em grosso a consiencia limpa, & certa
Que se eleve em hũ pobre, & humilde manto,
Onde ambição acaso ande encuberta;

E quando hum bom em tudo he justo, & santo
Em negocios do mundo pouco acerta,
Que mal com elles poderâ ter conta
A quieta innocencia em só Deos prompta.

Nem tão pouco direy. Não quer o Poeta aqui mostrar cousa alguma contra, o que notámos na oytava passada, nem excluye do governo do Reyno, & ajuda, & conselho dos Reys os virtuosos: mas quer que os Religiosos, & recolhidos se naõ inquietem para os taes ministerios, mas que se busquem homens bons, avisados, amigos, & zelosos da virtude, aos quaes se dé semelhante cargo. E quando os Religiosos tivessem as partes necessarias, para semelhantes cargos, muyta ventagem fazem aos seculares, pois àlem das partes, que os seculares, tem outras muytas, que servem muyto para semelhantes obrigações, como he virtude, letras, & estar mais chegados a Deos, pois esta he sua obrigaçaõ, & officio.

56

Mas aquelles avaros Catuaes,
Que o Gentilico povo governâvão,
Induzidos das gentes infernaes,
Ao Portuguez despacho, dilatàvão:
Mas o Gama, que não pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenávão,
Que levar a seu Rey hum sinal certo,
Do mundo, que deyxava descuberto.

Mas aquelles avaros Catuaes. Os Governadores de Calecut, que jâ fica dito, que se chamaõ em lingoa do Malavar Catuaes, procuravaõ por todos os meyos destruhir a Vasco da Gama, & aos seus, & assim os mexericavaõ com El-Rey, movidos pelo dinheyro, & peytas, que os Mouros, por este respeyto lhe davão. E esta era a razaõ, porque lhe dilatavão a reposta, & despacho para tornar a Portugal a dar conta a El-Rey, do que tinhaõ descuberto da India.

57

Nisto trabalha sô, que bem sabia.
Que depois, que levasse esta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza:
Com que a seu Jugo, & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais, que hum diligente,
Descubridor das terras do Oriente:

Nisto trabalha sô. O que procurava Vasco da Gama era reposta d' El-Rey de Calecut, & sahirse della, para levar novas a El-Rey Dom Manoel do que tinha descuberto, pora prover com armada, & gente, com que sojugasse aquellas partes, que tinha descuberto.

58

Fallar ao Rey Gentio determina;
Por que com seu despacho se tornasse,
Que jâ sentia em tudo da maligna
Gente impedirse quanto desejasse:
O Rey, que da noticia falsa, & indina,
Não era de espantar, se espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.

Fallar ao Rey Gentio determina. Como Vasco da Gama entendeo a malicia dos Mouros, & atè a que ordiaõ, para por todos os meyos desviar os Portuguezes do comercio, & tratto que pertendiaõ nas partes da India: determinou fallar a El-Rey, & desta maneyra com bom, ou mao despacho sahirse de Calecut, & tornarse para o Reyno; porque entendia sua estada ser de pouco proveyto. E como o Rey estava sobornado do Catual, & mal informado delle, & de sua natureza era homem de pouco saber, & constancia, não acabava de dar ordem ao despacho de Vasco da Gama: antes estava de bordo de fazer mal aos Portuguezes, por comprazer aos Mouros, os quaes viaõ que se os Portuguezes tivessem comercio em aquellas partes, redundava em grande dano, & perda sua. E o que mais os atormentava era o dito de hum feyticeyro, o qual affirmava, que os Portuguezes haviaõ de ser total destruhição daquellas partes, como se póde ver em Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 4. c. 9.

59

Este temor lhe esfria o bayxo peyto,
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza està sogeyto,
Hum desejo immortal lhe acende, & atiça:
Que bem vè, que grandissimo proveyto
Farà, se com verdade, & com justiça
O contrato fazer por longos annos,
Que lhe comete o Rey dos Lusitanos.

Este temor lhe esfria o bayxo peyto. Duas cousas traziāo a El-Rey confuso, & o não deyxavão determinar como se haveria neste negocio dos Portuguezes, huma o medo, que lhe faziaõ os Mouros, dizendolhe, que os nossos erão cossarios, & vinhaõ destruhir aquella terra: a outra era a cobiça, que o apertava, porque naturalmente era avaro, & amigo de adquirir, como aqui diz o Poeta: & conta Joaõ de Barros, que o Mouro Monçayde o avisou assim a Vasco da Gama, & porque viaõ que aceytando este negocio dos Portuguezes, sendo verdade, o que lhe dizia o Capitão mór Vasco da Gama, teria grandes interesses, & proveytos: ainda que era combatido dos medos, que os Mouros lhe punhaõ

punhaõ, não se acabava de determinar no despacho de Vasco da Gama, como diz o Poeta na oytava seguinte.

60

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava muy contrarios pareceres
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheyro seus poderes;
O grande Capitam chamar mandava,
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessarme a verdade limpa, & nua
Perdão alcançaràs da culpa tua.

Executa o dinheyro seus poderes. Não acertava o Rey, no que devia fazer, acerca do despacho dos Portuguezes; porque os do seu conselho estavão peytados, & sobornados pelos Mouros: & isto he o que diz aqui o Poeta, que executa o dinheyro seus poderes; porque como diz o Proverbio: *Muneribus vel Dij capiuntur.* Até os Deoses se dobrão com dadivas, para encarecimento do muyto, q̃ o interesse póde. Vejase o nosso Poeta nas oytavas ultimas deste canto.

61

Eu sou bem informado, que a embayxada,
Que de teu Rey me dèste, que he fingida,
Porque nem tu tens Rey, nem patria amada,
Mas vagabundo vàs passando a vida:
Quem da Hesperia ultima alongada,
Rey, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos, & frotas,
Tam incertas viagens, & remotas?

Que quem da Hesperia ultima. Tinha por cousa tão extraordinaria o Samorim póder ir gente de Hespanha ás partes da India, que cuydava ser mentira tudo, o que Vasco da Gama lhe dizia. Hesperia ultima, ou minor, chamão os Latinos a Hespanha. Hesperia prima, ou mayor a Italia, a razão se veja na nossa annotação no segundo canto, oytava 108.

62

E Se de grandes Reynos poderosos
O teu Rey tem a regia Mageſtade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças, & doẽs altos suntuosos
Se lia dos Reys altos a amizade,
Que sinal, nem penhor, não he bastante,
As palavras de hum vago navegante.

Com peças, & doens altos. He este o costume daquellas partes da India não mandar Embayxador a outro Principe com as mãos vazias, pelo que o Mouro Monçayde como fica dito aconselhou a Vasco da Gama, que mandasse algum presente a El-Rey de Calecut, porque se costumava naquellas partes: & de outra maneyra não teria entrada em casa do Rey: o que Vasco da Gama guardou a risca, mas ainda o Rey não ficou satisfeyto, pelo q̃ remoqueou aqui ao Capitão mór, que não era possivel ser sua embayxada verdadeyra, pois não hia acompanhada com grandes presentes: & que não era razão dar credito ás palavras de hum navegante, que não tinha lugar certo, & que não podia dar outro fiador a suas promessas se não as palavras, de que usava.

63

Se por ventura vindes desterrados,
Como jà forão homens de alta sorte,
Em meu Reyno sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria para a sorte:
Ou se pirata sois, ao mar usados,
Dizeymo, sem temor de infamia, ou morte,
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Que toda a terra he patria para o forte. Os Gregos dizẽ *Omne solum forti patria est.* Toda a terra he patria para o forte aõde os homẽs se achaõ bẽ, alli he sua patria, & natureza. Perguntando o Philosopho Socrates dõde era natural, respondeo, q̃ do mũdo: dando a entender, que qualquer lugar aonde o homem vivia a seu gosto era sua natureza, & que era lugar de desterro, & desaventura aquelle aonde se achava mal. Vejase o proverbio: *Quævis terra patria*, aonde ajunta algumas cousas a este proposito.

A vital necessidade. A necessidade das cousas necessarias para a vida, a quanto a necessidade obrigue, & que cousas commettão os homens apertados deste mal, he cousa assás sabida. Donde veyo aquelle proverbio tão usado: *Necessitas telum durissimum*, a necessidade he arma durissima. Os antigos tinhaõ a necessidade por Deosa, a qual pintavão com hum tear posto no alto do ar, armado em grandes estacas, & muyto fortes, do qual lugar pescava tudo sem haver cousa que lhe resistisse. Assim o diz Platão em muytos lugares, & a isto tirou Horacio em hũa Oda do livro terceyro que começa:

Intactis opulentior
Thesauris Arabum, & divitis Indiæ,
Cæmentis licet occupes
Tyrrhenum omne tuis, & mare Apullicum:
Si figit adamantinos
Summis verticibus dira necessitas
Clavos: non animum metu,
Non mortis laqueis expedies caput.

Ainda que abarqueis o mundo com vossas rique-

zas, se a necessidade no seu alto armar sua rede não vos podereis livrar della, & assim se ha de declarar aquelle lugar.

64

Isto assi dito, o Gama, que jà tinha
Sospeytas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rey cuydava:
Com huma alta confiança, qual convinha
(Com que seguro credito alcansava)
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peyto abria.

Que Venus Acidalia lhe influya. Como fica notado, nestes cantos finge o Poeta os Portuguezes favorecidos sempre, & ajudados de Venus, a qual chama aqui Acidalia do nome de huma fonte em Boecia, chamada assim consagrada ás graças, as quaes os Poetas fazem filhas de Baccho, & Venus.

65

SE os antigos deleytes, que a malicia
(Açoute tão cruel da Christandade)
Humana cometeo na prisca idade,
Não causárão, que o vaso da naquicia
Viera por perpetua inimicicia,
Na gêração de Adam, co a falsidade,
O' poderoso Rey da torpe seyta,
Naõ conceberas tu tão má sospeyta.

Se os antigos. Esta suspeyta mà que El-Rey de Calecut tinha contra os Portuguezes attribuye o Poeta ao grande odio que os sequazes da maldita, & torpe seyta de Mafamede, a que chama aqui vaso de maldade, & açoute da Christandade tinhaõ aos Christãos: pelo que trabalhavaõ com El-Rey os lançasse de suas terras, metendolhe em cabeça que era gente, que vivia de roubos, & ladrohices, & que seu officio era assolar os lugares aonde chegavão.

66

MAs porq nenhum grande bem se alcãça
Sẽ grãdes opressoẽs, & em todo effeyto
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive semper de seu peyto:
Me mostras tu tão pouca confiança,
Desta minha verdade, sem respeyto
Das razoẽs em contrario, que acharias,
Senão cresses, a quem crer naõ divias.

Mas porque nenhum grande bem. Naõ parecia razaõ, que huma cousa tão excellente, & de tanta importancia, como era o descubrimento, & conquista do Oriente se fizessem âs mãos lavadas: pelo que o Poeta attribuye estes trabalhos, & opressões, que o Capitão mór, & sua gente padecia em parte aonde lhe parecia, que estava já seguro, à necessidade do caso: todas as cousas grandes custaõ muyto, donde disse Terenciõ. *Non fit sine periculo facinus magnum, & memorabile.* Naõ se alcanção sem perigo feytos grandes, & dignos de memoria. E assim parecia cousa extraordinaria, acabar os Portuguezes huma cousa tão grande, & hum feyto taõ excellente, como era o descubrimento de huma terra taõ desejada, como era a India, a tão pouco custo, pelo que foy necessario para perfeyção da obra, succeder estes novos trabalhos, & opressões no fim della. E assim diz Vasco da Gama, que se não espanta de lhe succeder no fim deste descubrimento este sobroço, porque he natural as cousas de importancia passar pelo escamel dos trabalhos. E a esta necessidade attribuye Vasco da Gama não lhe crer El-Rey suas palavras, & dar credito à gente falsa, & enganadora, & a quem naõ devia crer como saõ os Mouros; mas que succede isto, porque he necessario hum negocio de tanta importancia, como he o descubrimento da India custar muytos perigos, & enfadamentos: paraque assim se tenha em mayor estima: pois o que pouco custa, ordinariamente se não estima em muyto.

67

POrque se eu de rapinas só vivesse
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crès, que tam longe me viesse
Buscar assento incognito, & apartado:
Porque esperanças, ou porque interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, & os ardores,
Que sofrem do Carneyro os moradores?

Porque se eu de rapinas só vivera. Prova o Capitão mór Vasco da Gama com razões bastantes, como a suspeyta, que tinha delle El-Rey de Calecut era falsa, porque se se houvera de dar ao tal officio, não tinha necessidade de se desterrar pelo mundo, & ir a partes tão remotas, passando por tantos perigos, & trabalhos: tão excessivos frios, & calmas. *Frios antarcticos.* Saõ frias do Sul nas, quaes partes os há grandissimos, como nas partes do Norte, por serem partes afastadas do curso do Sol, assim humas como as outras. *Os ardores, que sofrem do Carneyro os moradores.* Os moradores do Carneyro saõ os que habitão na zona torrida aonde està a constellaçaõ Aries, que quer dizer o Carneyro: que he hum dos doze Signos Celestes. E porque os Astronomos fazem esta constellação na linha Equinocial entre os tropicos, que he o caminho do Sol, pelo que esta terra he mais sugeyta a calma. Daqui chama o Poeta àquelle lugar os ardores do Carneyro, pelas quaes palavras mostra os excessivos trabalhos dos Portuguezes nesta viagem.

Vejase

Vejase o que escrevemos no canto terceyro, oytava.6.

68

SE com grandes presentes de alta estima
O credito me pedes, do que digo,
Eu não vim mais, que achar o estranho cima
Onde a natura poz teu Reyno antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha patria, & Reyno antigo,
Então verás o dom soberbo, & rico,
Com que minha tornada certifico.

Se com grandes presentes. Como notamos neste canto, oytava 62. huma das cousas que movia a El-Rey de Calecut a lhe parecer, que a Embayxada de Vasco da Gama naõ era verdadeyra, & que a nossa gente não era de bom titulo, era ver que não lhe levavão algum grande presente: pelo que o Capitão mòr se desculpa aqui de não ter corrido com a obrigação dos Principes da terra: & a principal; porque aquella viagem não fora a outro fim, senão a descubrir, & como não tinha certeza, do que na viagem lhe aconteceria, fora assim desarmado áquellas partes, mas que tornando a ellas correspondería a perfeytissimamente com sua obrigaçaõ, & estylo da terra.

69

SE te parece inopinado feyto,
Que Rey da ultima Hesperia a ti me mãde
O coração sublime, o regio peyto,
Nenhum caso possivel tem por grande:
Bem parece, que o nobre, & grão conceyto,
Do Lusitano espirito demande
Mayor credito, & fè de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

Nenhum caso possivel tem por grande. De gente de bayxos espiritos he, espantarse de qualquer cousa, & fazer grandes escarceos, em qualquer novidade, pelo que o Poeta parece instar aqui o Rey de Calecut de pusillanime, pois não considera, que gente tão valerosa, como os Portuguezes podessem commetter huma cousa possivel.

70

SAbe, que ha muytos annos, que os antigos
Reys nossos firmemente propuzerão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que sempre a grandes causas se opuzeraõ:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanço pertendèrão
De saber, que fim tinhão, & onde estavão.
As derradeyras prayas, que lavavão.

Sabe que hà muytos annos. Mostra o Capitão mór Vasco da Gama como a razão de sua chegada a estas partes tão remotas, foy a inclinação natural dos Reys de Portugal, os quaes forão muyto affeyçoados sempre a conquistar Reynos estranhos, & descubrir mares nunca vistos, & quanto a esta materia de descobrir novos mares se deve muyto ao Infante Dom Henrique filho de El-Rey Dom Joaõ o primeyro de Boa memoria, o qual poz a primeyra pedra nesta obra, como fica dito, & se nota na oytava seguinte.

71

COnceyto digno foy de ramo claro,
Do venturoso Rey, que arou primeyro
O mar, por ir deytar do ninho caro
O morador de Abila derradeyro:
Este por sua industria, & engenho raro,
Num madeyro ajuntando outro madeyro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, & da Ara

Conceyto digno foy de ramo claro. O primeyro que inventou a navegação do Oceano nestes Reynos, & que poz hombros a este descobrimento foy o Infante Dom Henrque filho terceyro d'El-Rey Dom Joaõ o prime yro de Boa memoria, que tomou a Cidade de Ceuta aos Mouros. Isto diz o Poeta nesta oytava, ainda que por termos escuros para os que saõ pouco lidos, pelo que os declararey aqui. O Rey venturoso, que arou primeyro o mar, he El-Rey Dom João o primeyro, o qual para este effeyto de passar á Africa, foy o primeyro dos Reys de Portugal, que entrou no mar. O seu claro ramo, he seu filho o Infante Dom Henrique, que primeyro trattou destes descobrimentos como trattámos atrás, oytava 28. & 76. Abyla he a Cidade de Ceuta. A razão deste nome se veja no canto terceyro.

De Argos, da Idra a luz da lebre, & da ara. Por estas palavras mostra o Poeta como o Infante Dom Henrique foy o primeyro inventor destes descobrimentos, & como por sua ordem se descobrio aquella parte, que caye para o Sul, na qual estão estas constellações, que aqui poem Argos, Idra, Lebre, Ara: Destas, & quantas estrellas tenha cada hũa tratta Higinio no fim do livro terceyro liv.3. in fine alli se póde ver.

72

CRecendo cos successos bons primeyros
No peyto as ousadias descobrirão
Pouco, & pouco caminhos estrangeyros,
Que huns succedendo aos outros proseguirão.
De Africa os moradores derradeyros
Austraes, que nunca as sete flamas virão,

Foraõ

Forão vistos de nós, atraz deyxando
Quantos estaõ os Torpicos queymando.

De Africa os moradores derradeyros. Diz nesta oytava, que neste proseguimento dos descobrimentos, viraõ os nossos Portuguezes os derradeyros moradores de Africa, que caye ao Sul, como saõ os moradores do Cabo de Boa Esperança, & Moçambique, os quaes diz que não vem o Norte, que entendem pelas sete flammas, que he o sete estrello. E que deyxão atrás os queymados com os tropicos, que saõ os que moraõ na torrida Zona, por donde o Sol faz seu curso: quantos saõ os tropicos, & que gentes habitem a Zona torrida, lease o que escrevemos no canto 3. oytava 6.

73

Assi com firme peyto, & com tamanho
Proposito vencemos a fortuna,
Atè que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estranho,
Da tempestade horrifica, & importuna,
A ti chegamos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rey de ti levemos.

Viemos por a ultima columna. Como Vasco da Gama chegou a Calecut, determinou não passar adiante, nem descobrir mais terra, pois aquella era a verdadeyra terra da India, que buscava. Ultima columna diz aqui o Poeta, porque em todas as terras, que descobrirão, punhão huns padroens em memoria do descobrimento, que fazião, como se vé claramente pelos nossos Historiadores. E o derradeyro, que poz Vasco da Gama nesta sua jornada, foy em Calecut, ao qual o Poeta por este respeyto chama ultima columna. E assim lemos que fez Hercules, o qual poz dous padrões em Ceuta, & Gibraltar, dando a entender que alli se acabavão seus trabalhos, pelo que, se chamão aquelles lugares as columnas de Hercules.

Rompendo a força do liquido estagno. Liquido estagno, toma aqui o Poeta pelo mar, a imitação de Virgilio, & de outros Poetas.

74

Esta he a verdade, Rey, que não faria
Por tão incerto bem tão fraco premio
Qual não sendo isto assi esperar podia,
Tão longo, tão fingido, & vão proemio:
Mas antes descansar me deyxaria
No nunca descançado, & fero gremio
Da Madre Thetis, qual pirata iniquo
Dos trabalhos alheos feytos rico.

Esta he a verdade Rey que não faria. Mostra Vasco da Gama tudo o que elle diz ser verdade, & não ser cossario do mar, como os Mouros lhe punhão, porque se tal fora, tinha pouca necessidade de desembarcar em terra, & gastar tempo em palavras, cousa tão desacostumada de gente que anda a roubar, os quaes não gastão seu tempo, se não no meyo do mar, assolando, & destruindo tudo, o que achaõ.

Da madre Thetis. Thetis diziaõ os antigos ser Deosa do mar, & casada com o Oceano. Gremio do mar he o meyo delle, chamalhe o Poeta fero, & nunca descança pelas grandes inquietaçoens que nelle há continuamente.

75

Assi que ó Rey, se minha gram verdade
Tens porqual he, sincera, & não dobrada
Ajuntame ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão, que està provada,
Que com claro juizo póde verse,
Que facil he a verdade de entenderse.

Concluye Vasco da Gama sua pratica, dizendo ao Rey, que o despache logo, pois já tem entendido, que lhe falla verdade: pelo costume que ella tem de se dar a conhecer a qualquer claro entendimento: quanto mais ao delle Rey, que era tão superior a todos os homens: & por esta via procurou de o persuadir a lhe dar credito: como aconteceo.

76

A Tanto estava o Rey na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na authoridade gram valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corrutos mal julgados

77

Juntamente a cobiça do perveyto
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeyto
Co Capitão, & não co Mauro engano:
Em fim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vâ, & seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.

Iuntamente a cobiça. Como fica dito, este Rey era muyto cobiçoso, & grande amigo do interesse pel[o]

pelo que tambem lhe parecia bem, o que dizia o Capitão mór, porque a cobiça o affeyçoava a isso, vendo, que do comercio, & amizade dos nossos, lhe resultaria algum proveyto, assim que por huma parte o interesse, por outra a segurança das palavras do Capitão mór o persuadiaõ cuydasse dos nossos differente do que os Mouros lhe diziaõ.

78

QVe mande da fazenda em fim lhe mãda
Que nos Reynos Gangeticos faleça,
Se alguma traz idonea là da banda
Donde a terra se acaba, & o mar começa:
Já da real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcaçaõ, que a sua està de largo.

Que nos Reynos Gangeticos falleça. Movido El-Rey da cobiça determinou dar despacho a Vasco da Gama, & em principio mandoulhe que desembarcasse da fazenda que levava destas partes para lhe darem da terra. Reynos Gangeticos saõ Reynos da India, chamados assim do rio Ganges, que por elles passa.

Donde a terra se acaba, & o mar começa. Entende Portugal, a mais Occidental terra de toda Europa, onde começa o mar, & se acaba a terra, porque aqui he o fim da terra Occidental, como fica dito no primeyro canto, oytava 1.

79

EMbarcaçaõ, que o leve ás naos lhe pede
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, & embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços,
Onde, sem que seu Rey tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Lhe machinava. Machinar he palavra Latina, quer dizer ordenar, & tecer, o Catual sobornado pelos Mouros procurava destruir os Portuguezes, pelo que o entretinha, & naõ lhe queria dar embarcaçaõ para ir a armada, antes o importunava a mandasse chegar a terra, para desta maneyra fazer mais livremente o que desejava.

80

LA' bem longe, lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse,
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differice:
Jà com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na ma tenção dos mouros torpe, & fera,
O que delle atè li não entendera

O que delle atelli não entendera. Do modo, & dilações, com que o Catual trattava Vasco da Gama, veyo a entender delle, o que até então não presumira, que era querello destruir, por estar sobornado, & peytado grandemente dos Mouros.

81

ERa este Catual hum dos, que estavão
Corrutos pela Mahometana gente,
O principal, por quem se governavão
As Cidades do Samori potente:
Delle sómente os Mouros esperavão
Effeytos a seus enganos torpemente,
Elle, que no conceyto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

Samorim potente. Samorim, como fica dito, he o nome do Emperador do Reyno do Malavar.

Que no concerto vil conspira. Conspirar he palavra Latina, entre outras significações, que tem, quer dizer, fazer conjuração para fazer mal a alguem, como o Catual de Calecut trattava com os Mouros, que era destruir os Portuguezes. Gente Mahometana, he gente que segue a Mafoma, que saõ os Mouros.

De suas esperanças não delyra. Delirar he tambem vocabulo Latino, quer dizer desvariar, & perder o tino: aqui quer dizer desconfiar: como se dissera, que o Catual não desconfiava de alcançar o que esperava, que era a nossa destruiçaõ.

82

O Gama com instancia lhe requere
Que o mãda pòr nas naos, & não lhe val
E que assi lho mandàra, lhe refere,
O nobre successor de Pirimal:
Porque razão lhe impede, & lhe differe,
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo, que os Reys jâ tem mandado,
Não póde ser por outrem derogado.

O nobre successor do Perimal. Este Perimal como fica dito, foy o que dividio o Reyno de Malavar em tres partes, fazendo tres Reynos do Malavar, sendo antes hum só: & mandado que hum seu sobrinho a quem deu Calecut, se chamasse Samorim, para que os outros dous Reys. s. de Cananor, & Coulaõ lhe obedecessem. Successor de Perimal, he o Samorim Rey de Calecut.

83

POuco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano, diabolico, & estupendo:
Ou como banhar possa o ferro bruto,
No sangue aborrecido, estàva vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhuma à patria mais tornasse.

No sangue aborrecido. No sangue de Vasco da Gama, ao qual por muytas vezes pretendeo, & desejou matar, & não o effeytuou, porque lhe não bastou o animo, o que o Poeta vay contando muyto claramente por estas oytavas.

84

QVe nenhum torne â patria sô pertende
O conselho infernal dos Mahometanos
Porque não sabia nunqua onde se estende
A terra Eoa o Rey dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos,
Nem sem licença sua irse podia,
Que as almadias todas lhe tolhia;

A terra Eoa. Eoos he palavra Grega, quer dizer aurora, da qui terra Eoa, he terra Oriental.

85

AOs brados, & razoẽs do Capitão
Responde o idolatra, que mandasse
Chegar â terra as naos, que longe estão,
Porque melhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que là tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo, & fido amigo,
He não temer do seu nenhum perigo.

Responde o Idolatra. Por Idolatra entende aqui o Poeta o Catual Gentio pelos idolos, & invençoẽs, que esta gente adora. Este dizia a Vasco da Gama, que era costume dos que alli vinhão varar seus navios em terra, o que elle não fizera, antes os tinha tanto ao mar, que era final de pouca fidelidade, & amor: & que dalli colligia ser gente de rapina.

86

NEstas palavras o discreto Gama,
Enxerga bem, que as naos deseja, perto
O Catual, porque com ferro, & flama
Lhas assalte, por odio descuberto:
Em varios pensamentos se derrama,
Fantasiando està remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo emfim cuydava.

Tudo temia, tudo em fim cuydava. Como Capitão prudente, & amigo de sua armada, porque quem ama, vive em continuo medo, & cuydado. Donde disse Ovidio na carta de Penelope a Ulysses, definindo o amor. *Res est soliciti plena timoris amor.* O amor he hum medo continuo; quem ama, tudo teme. E Alciato: *Est nigro punica glans clypeo.* Alegria em campo negro pelos desgostos, & sobresaltos, que tem este pequeno gosto de amor. Mas nos trabalhos, & enfadamentos alegria, como fica notado no canto terceyro, oytava 120.

87

QVal o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de christal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vay ferir noutra parte luminoso:
E sendo da ociosa mão movido,
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo aqui, & alli dessossegado,

Qual o reflexo lume. Por esta comparaçao mostra o cuydado, & inquietação de animo em que estava o Capitão mór Vasco da Gama fantasiando, & revolvendo comsigo o que faria: como succede em hum espelho de aço, que ferido dos rayos do Sol, nunca seu lume aquieta.

88

TAl o vago juizo flutuàva
Do Gama preso, quando lhe lembràra
Coelho, se por caso o esperava
Na praya cos bateis, como ordenàra;
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deyxàra,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava dos feros Mahometanos.

Coelho. Este he Nicolao Coelho Capitão d[e] hum dos Navios da conserva dos de Vasco d[a] Gama, ao qual tinha mãdado o esperasse na pray[a] mas com este novo successo da determinaçaõ, q[ue] entendeo no Catual, o mandou secretamente av[i]sar se tornasse para a armada, como se pódem v[er] todas estas cousas em Joaõ de Barros na primey[ra] Decada liv. 4. c. 9. & 10.

89

TAlha de ser, quem quer co dom de Marte
Imitar os illustres, & iguallalos
(v)ar co pensamento a toda a parte,
Adevinhar perigos, & evitalos;
Com militar engano, & sutil arte,
Entender os imigos, & enganalos
Crer tudo em fim. Que nunqua louvarey
O Capitão, que diga não cuydey.

Dom de Marte. Dom de Marte he ser hum homem Cavalleyro, & nas cousas da guerra ardiloso, o qual fingem os Poetas, que foy Marte, pelo que os antigos o tinhaõ por Deos da guerra.

Que nunca louvarey. O homem avisado ha de cuydar, que tudo póde ser, & neste modo crer tudo: porque a mayor ignorancia, que hà no mundo, he dizer, não cuydey, não me pareceo. Donde disse Cicero: *Insipientis est dicere non putaram,* he de homem de pouco saber dizer, naõ cuydey. He tambem obrigação de homem prudente, acertar com muytas cousas: donde veyo aquelle dito excellente, & certo: *Sapiens divinat,* o Sabio adevinha.

90

INsiste o Malabar em telo preso,
Senão manda chegar à terra a armada,
Elle constante, & de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada,
Lhe andar armando, que por em ventura
A frota de seu Rey, que tem segura.

Que tem segura. Porque estava ao largo, aonde lhe naõ podiaõ os Mouros prejudicar.

91

AQuella noyte esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena,
De se tornar ao Rey, mas impedido
Foy da guarda, que tinha não pequena;
Cometelhe o gentio outro partido,
Temendo de seu Rey castigo, ou pena
Se sabe esta malicia, a qual asinha,
Saberà se mais tempo alli o detinha.

Mas empedido foy da guarda. O Catual entreteve a Vasco da Gama huma noyte, & hum dia, para ver se por este modo podia fazer, que chegasse a armada a terra, o que o Capitaõ mór nunca quiz, antes determinou queyxarse a El-Rey de Calecut, & darlhe conta do aggravo, que o Catual lhe fazia, o qual buscou logo remedio para naõ ser sentido, nem sabido de El-Rey, o que tinha feyto a Vasco da Gama, como se tratta na oytava seguinte.

92

DIzlhe, que mande vir toda a fazenda
Vendivel, que trazia para a terra,
Para que devagar se troque, & venda,
Que quem não quer comercio, busca guerra:
Posto que os maos propositos entenda
O Gama, que a danado peyto encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra cõ a fazenda a liberdade,

Que quem não quer comercios busca guerra. Todos os meyos buscou este Catual, para fazer mal aos nossos, mas nunca pode levar à sua a nos, porque a prudencia de Vasco da Gama era grande, & sabia trattar suas cousas de maneyra, que não perigassem.

93

COncertaõse, que o negro mande dar
Em barcaçoês idoneas, com que venha,
Que os seus bateis não quer a venturar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Ispana, que convenha,
Escreve a seu irmãos, que lhe mandasse,
A fazenda, com que se resgatasse.

94

VEm a fazenda â terra aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Com ella fica Alvaro, & Diogo,
Que a pudessem vender, pelo que val:
Se mais, que obrigação, que mando, & rogo,
No peyto vilo premio póde, & val,
Bem o mostra o Gentio, a quem o entenda
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Com ella ficaõ Alvaro, & Diogo. Estes eraõ Alvaro de Braga, & Diogo Dias, que ficaraõ em terra para effeyto de vender a fazenda, como feytores.

95

POr ella o solta, crendo que alli tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse mayor, do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse:
Elle vendo que já lhe não convinha
Tornar à terra porque naõ pudesse
Ser mais retido, sendo âs naos chegado,
Nellas estar se deyxa descançado.

96

NAs naos estar se deyxa vagaroso,
Atè ver o que o tempo lhe descobre,
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor corrompido, & pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso,
Quanto no rico, assi como no pobre
Pòde o vil interesse, & se de imiga
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro mata o Rey Threicio:
Sò por ficar senhor do gram thesouro,
Entra pelo fortissimo edificio,
Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
Pòde tanto em Tarpaya o avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, & louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Da qual quasi afogada em pago morre.

A Polydoro. Mostra com alguns exemplos, quãtos males o ouro faz fazer aos homens. Esta historia de Polidoro conta largamente Virgilio na sua Eneida liv. 3. com tudo a porey aqui brevemente para os que naõ sabem Latim. Estando Troya cercada dos Gregos, vendo Priamo seu Rey o aperto em que estava, & como segundo os fins da guerra saõ incertos, podia vir a dar em algum grande trabalho, sendo Troya tomada dos Gentios. Juntou huma grande quantidade de ouro, & com elle mandou hum filho seu por nome Polydoro a casa de Polimnestor Rey de Thracia seu grande amigo, para que por meyo deste moço sendo Troya destruhida viesse em algum tempo a poder dos Troyanos, & podessem as cousas ter algum remedio. Polymnestor como vio o successo de Troya com a cobiça do ouro, matou o moço Polydoro, & tomoulhe as riquezas, que seu pay lhe havia dado. Rey Treicio quer dizer Rey de Thracia. Naõ he nome proprio como alguns cuydaõ, & comentão. Mas he nome geral de *Threicius,a,um,* por causa de Thracia, daqui Rey Threicio Rey de Thracia. Digo isto porque li huma annotação sobre este lugar, em que fazia Threicio nome proprio. *Entra pelo fortissimo edificio com a filha de Acrisio a chuva de ouro.* Contão as fabulas que Acrisio Rey dos Argivos, querendo ter sua filha Danae recolhida, & guardada, a meteo em huma torre muyto forte, que querem alguns, que fosse de metal, mas nem isso lhe valeo. Ovidio conta esta fabula nas Metamorphoses liv. 4. *Pode tanto em Tarpea.* Tarpeia foy huma donzella filha de Tarpeio Romano, ao qual Romulo primeyro Rey dos Romanos, tendo guerra com os Sabinos fez Alcayde mòr da fortaleza de Roma, como conta Plutarcho na vida de Romulo. Esta Tarpeia com cobiça de humas manilhas de ouro, que os Sabinos lhe prometeraõ, deu ordem para entrarem no Castello. Mas sahiolhe ao revez do que ella esperava, porque em lugar de manilhas lhe deraõ a morte. E de seu nome se chama hoje em dia o Castello monte Tarpeyo, entre os Autores donde disse Propercio no seu livro das Elegias liv. 4. Elegia 4.

Tarpeium nemus, & Tarpeiæ turpe sepulchrum
Fabor, & antiqui limina capta Iovis.

Trattarey aqui do monte Tarpeio, & da infame sepultura de Tarpeia, & da casa do antigo Jupiter. Hoje se chama este monte em vulgar Campidoglio: todas as mais cousas destas oytavas sobre o interesse estaõ claras.

98

ESte rende munidas fortalezas,
Faz treydores, & falsos os amigos,
E entrega Capitaens aos inimigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra, ou fama alguns perigos,
Este deprava às vezes as sciencias,
Os juizos cegando, & as consciencias.

Este rende munidas fortalezas. Munidas vem de *munitus*, palavra Latina, que significa cousa forte, & guarnecida de todos os petrechos necessarios para sua segurança, & guarda.

99

ESte interpreta mais, que sutilmente
Os textos, este faz, & desfaz leys,
Este causa os prejurios entre a gente,
E mil vezes tiranos torna os Reys:
Atè os que só a Deos Omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, & illude,
Mas não sem cor com tudo de virtude.

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

Parte de Calecut o Luſitano,
Com as alegres novas do Oriente,
E no meyo do tumido Occeano,
Venus lhe moſtra huma Inſula excellente:
Aqui de todo bem ſofrido dano,
Acha repouſo aſſaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em feſtas paſſa, & jogos de alegria.

CANTO NONO.

Parte Vaſco da Gama com ſua armada de Calecut, informado por Monçayde da determinação dos Mouros. Leva-o Venus a huma Ilha, a qual o Poeta aqui finge muyto fertil, & aprazivel: aonde juntamente as Nymphas fizeraõ muyto gazalhado, & feſta aos Portuguezes.

1

Tiverão longamente na Cidade,
Sem venderſe a fazẽda, os dous feytores,
Que os infieis por manha, & falſidade,
Fazem, que naõ lha comprẽ mercadores:
Que todo ſeu propoſito, & vontade
Era de ter alli os deſcubridores
Da India, tanto tempo, que vieſſem
De Meca as naos, que as ſuas desfizeſſem.

2

Lá no ſeyo Eritreo, onde fundada
Arſinoe foy do Egycio Ptolomeu,
Do nome da irmãa ſua aſſi chamada,
Que depois em ſuez ſe converteu:
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que ſe engrandeceu
Com a ſupreſtiçaõ falſa, & profana,
Da religioſa agoa Mahometana.

Lá no seyo Erythreo. Nestas tres oytavas,que se seguem nos tratta o Poeta do porto donde sahiaõ as naos de Meca para Calecut.Seyo Erythreo he o que por outro nome chamaõ os Autores seyo Arabico,& vulgarmente Mar roxo. Os seyos do mar a que os Latinos chamaõ *sinus*, saõ as entradas, & sahidas, que o mar faz pela terra, as quaes muytas vezes saõ muyto grandes, como he o graõ seyo Persico, Gangetico, Adriatico, este Erythreo de que fallamos, & outros muytos. Chamouse assim este Erythreo, ou de hum Rey,que assim se chamava naquellas partes,filho de Perseo, & Andromeda, como diz Solino no seu Polyhistor: ou da cor da agua,daquella paragem, que parece roxa, que isto quer dizer a palavra no Grego. Chamase seyo Arabico,como fica dito, por estar na costa de Arabia deserta. O primeyro lugar desta costa na entrada do mar roxo he hum pequeno, de que aqui falla o Poeta,por nome Suez,posto em altura do Norte vinte & nove graos & tres quartos, habitado sómente de gente bayxa, & trabalhadores, os quaes estão alli para fazerem ao Turco as embarcaçoens necessarias para a India.Este Suez foy chamado antigamente Arsinoe, do nome de huma filha de Ptolomeo Rey do Egypto,que o fundou, ainda que,o Poeta quer aqui que fosse irmã.

Não longe o porto jaz. Perto deste lugar Suez na costa de Arabia está a Cidade de Judá,a que o Poeta aqui chama Gida, como lhe chamão outros muytos, a qual Judá he o porto da Cidade de Meca, distante della pelo sertaõ dentro por espaço de quinze legoas. He esta Cidade de Judá de grande tratto,& comercio,& a mais nobre povoaçaõ que há em toda aquella costa de Arabia dentro no estreyto,ainda que nos Edificios,he de pouca importancia. *Da religiosa agua.* Quer Joaõ de Barros,& outros,que o corpo de Mafamede esteja em Meca. A verdade he que está em hum lugar chamado Medinathalhabi,como fica dito,nem sua sepultura está no ar, rodeada de pedras de cevar, como outros querem. Os que escrevem estas cousas, souberaõ nas por alguma falsa enformação, porque nem Mafamede está em Meca, nem sepultado da maneyra,que elles cuydaõ, antes está em Medinathalhabi quasi enterrado no chaõ, como dizem muytos,que o viraõ, & se póde ver em Ludovico Romano na sua navegaçaõ.André,Corsalo,Duarte Barbosa Portuguez, & outros muytos, que estas cousas sabem de raiz, Affonso de Albuquerque. O que Meca tem em si, & a causa porque os Mouros concorrem a ella, he por amor de hum poço, que está em huma Mesquita da mesma Cidade, com cuja agua dizem,que se lavava Mafoma,& cuydaõ elles que só este lavatorio basta para se salvarem,pelo que de differentes partes,& muyto remotas vão alli lavarse com aquella agua, & a levaõ em arredomas, tendo nella a fé, que tenho dito.Isto he o que leva os Mouros a Meca, & assim o sente aqui o Poeta, & não estar aqui sepultado Mafoma. A Cidade de Meca,he huma grande,& fermosa povoação,a qual terá seis mil fogos. As casas como as melhores das nossas, porque há casas que valem tres & quatro mil cruzados cada huma, não he cercada, mas servemlhe de muros humas muyto altas, & asperas montanhas, que a rodeaõ por todas as partes. Dizem que lançou, nosso Senhor maldição a esta Cidade como a de Medinathalhabi, aonde está o corpo de Mafoma, porque não produzem os campos herva,nem tem arvore alguma, nem cousa boa, & tem tanta falta de agua, que não há pessoa que se farte della, & o que quizesse attentar isto lhe custaria muyto caro.Todo o necessario lhe vem de Arabia,& Ethiopia, terras vezinhas, porque ella de seu, não tem outra cousa senão aquelle maldito poço,com cuja agua se lavão os Mouros,que vão da India,Ethiopia,Africa,Egypto,& outras muytas partes.

3

Gidà se chama o porto,aonde o trato
De todo o roxo mar,mais florecia,
De que tinha proveyto o grande,& grato
O Soldaõ,que esse Reyno possuia:
Daqui aos Malabares,por contrato
Dos infieis,fermosa companhia
De grandes naos,pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

Giddá. Deste porto sahiaõ as naos de Meca para a India,& por estas esperavão os Mouros de Calecut, para com sua ajuda fazerem mal aos nossos, se puderaõ, como diz o Poeta na oytava que aqui se segue.

Soldaõ. Este he o titulo dos Reys do Egypto: quer dizer grão Senhor: hoje he tudo sugeyto ao Turco.

4

Por estas naos os Mouros esperavaõ
Que como fossem grandes,& possantes
Aquelles,que o comercio lhe tomavaõ,
Com flamas abrasassem crepitantes
Neste socorro tanto confiavão,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

Com flammas abrazassem crepitantes. Flammas crepitantes, fogos que estalaõ, & fazem rogido quando ardem. He epitheto proprio do fogo, quando dá em lenha verde,principalmēte em vita.

5

Mas o Governador dos Ceos,& gentes,
Que para quanto tem determinado,

De

De longe os meyos dâ convenientes,
Por onde vem a effeytos o fim fadado:
Influio piedosos accidentes,
De affeyção em Monçayde, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.

Mas o Governador. Como a vontade de Deos Omnipotente era vir ao effeyto á pretenção dos Portuguezes, para gloria, & honra sua, & extirpação de idolatrias dos Reys da India, não permittio, que houvesse cousa, que estorvasse huma obra tão heroyca, & importante, pelo que foy servido q se achava naquellas partes hum Mouro por nome Monçayde, que alli aportara dos Reynos de Fez, o qual se affeyçoou aos nossos, & lhe descubrio os intentos danados dos Mouros, como aqui conta o Poeta muyto claramente.

6

ESte, de quem se os Mouros não guardavão
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavão
A tenção lhe descobre torpe, & fera:
Muytas vezes às naos, que longe estavão,
Visita, & com piedade considera
O dano, & sem razão, que se lhe ordena
Pella maligna gente Sarracena.

Este de quem se os Mouros não guardavaõ. Os Mouros tinhaõ dado conta de sua determinação a Monçayde, de que acima trattámos, o qual descubrio tudo ao Capitão mór Vasco da Gama. Gente Sarracena saõ os Mouros, vejase o que notámos no canto primeyro, oytava 8.

7

INforma o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

Que da Arabica Meca. Chamase a Cidade de Meca Arabica, por estar na terra de Arabia deserta.

Trovões horrendos de Vulcano. Vulcano como fica dito em muytas partes destes cantos tinhão os Antigos por Deos do fogo: & diziaõ que era Ferreyro de Jupiter seu pay, & que lhe fazia os rayos. Pelo que tomase pelo mesmo fogo. Daqui trovões horrendos de Vulcano, são os tiros de artelharia.

8

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama
E que despacho jà não esperava
Melhor do Rey, que os Mahomtanos ama:
Aos feytores, que em terra estão, mandava,
Que se tornem âs naos, & porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhes manda, que a fizessem escondida.

Do Rey que os Mahometanos ama. Era o Samorim de Calecut amigo dos Mouros, pelas peytas, & presentes, que lhe mandavão, como fica dito por muytas vezes.

9

POrèm não tardou muyto, que voando
Hum rumor não fossem com verdade,
Que forão presos os feytores, quando
Forão sentidos virse da Cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represaria nuns, que às naos vierão
A vender pedraria, que troxerão.

Que foraõ presos os feytores. O Capitão mór Vasco da Gama tinha em terra, para feytorizar a fazenda que tinha em Calecut, dous feytores, Alvaro de Braga, Diogo Dias, & Fernão Martins lingua, com outros quatro homens para os servirem, & ajudarem, Os quaes como tivessem recado secreto do Capitão mór para se recolher para a armada, sendo sentido isto dos Mouros, lançaraõ maõ delles, & detiveraõnos: & lá ficaraõ para sempre, se Vasco da Gama não usara de hum ardil, o qual foy fazer represa em alguns homens de Calecut principaes, que foraõ negociar á armada, com os quaes fingio dar â vella, para lhe tornarem os sette, que lhe ficavaõ em terra, como lhôs tornaraõ logo.

10

ERaõ estes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, & conhecidos,
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foy, que estaõ no mar retidos;
Mas jà nas naos os bons trabalhadores
Volve o cabrestante, & repartidos
Pello trabalho, huns puxaõ pella amarra,
Outros quebraõ co peyto duro a barra.

11

OUtros pendem da verga, & jà desataõ
A vella, que com grita se soltava,

Quando

Quando com mayor grita ao Rey relatão
A pressa, com que a armada se levava:
As molheres, & filhos, que se matão
Daquelles, que vão presos, aonde estava
O Samori, se quexão, que perdidos
Huns tem os Pays, as outras os maridos

12

Manda logo os feytores Lusitanos,
Com toda sua fazenda livremente,
Apesar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Disculpas manda o Rey de seus enganos,
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as disculpas, & tomando
Alguns negros, se parte, as vellas dando.

13

Partese costa abayxo, porque entende
Que em vão co Rey gentio trabalhava,
Em querer delle paz, a qual pertende
Por tomar o comercio, que tratava:
Mas como aquella terra, que se estende
Pella Aurora sabida já deyxava;
Com estas novas torna â patria cara,
Certos sinaes levando, do que achàra.

Pela aurora jà sabida. Pelas partes do Oriente descubertas, porque aurora, quer dizer Oriente.

14

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samori mandàra
Quando os presos feytores lhe tornou,
Leva pimenta ardente, que comprâra:
A seca flor de Banda não ficou,
A Noz, & o negro Cravo, que faz clara
A nova Ilha Maluco, co a Canella,
Com que Ceylão he rica, illustre, & bella.

A seca flor de Banda não ficou. Debayxo deste nome Banda se encerraõ cinco Ilhas, chamadas Banda, habitadas de Mouros, & Gentios, entre a Jaoa, & Maluco: hà nestas Ilhas muyta noz moscada em humas arvores como louros. A fruyta destas arvores he a noz, & a massa que chamamos he como flor da mesma noz. Esta massa he huma das melhores drogas, que vem a este Reyno, he muyto presada, là, & cà, & da noz hà tanta quantidade, que se acendem o fogo com ella. *O negro cravo.* Além destas cinco Ilhas estão outras cinco mais contra o Norte, chamadas de Maluco, nestas Ilhas se dá o cravo em humas arvores como louros, as quaes tem as folhas como de Medronho. E o cravo nace em pinhas como flor de laranja, ou de madre sylva. Este cravo no principio he verde, depois se faz branco, & depois de muyto maduro vermelho muyto fino: como está maduro se colhe â maõ, então o poem a secar ao Sol, aonde se faz preto, como o cá vemos, vejase destas drogas Christoval da Costa no livro que fez dellas cap. 3. & 4. Há tanta abundancia delle nestas Ilhas, que não o pódem apanhar, nem despender.

Com a canella, com que Ceylaõ he rica illustre, & bella. De Ceylão fica trattado no canto 1. oytava 1. vejase o mesmo Christovaõ da Costa cap. 1. que melhor que todos os Escritores trattou estas cousas, como testemunha de vista, debuxandoas ao natural excellentemente.

15

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçayde fiel, que tambem leva,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva:
O ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou de escura treva,
E tam longe da patria achou maneyra
Para subir à patria verdadeyra.

De Monçayde fiel. Jà fica dito largamente a fidelidade, & amor com que Monçayde Mouro de Africa trattou os nossos, & como se embarcou com elles para este Reyno, & se baptizou, & viveo, & morreo, como muyto bom Christaõ, que he o que aqui o Poeta diz nesta oytava.

16

Apartadas assi da ardente cósta,
As venturosas naos levando a proa
Para onde a natureza tinha pósta
A meta Austrina da esperança bóa.
Levando alegres novas, & reposta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, & ledos.

Meta Austrina da esperança boa. Conta o Poeta como os Portuguezes deraõ á vella para Portugal, pondo a proa para o Cabo de Boa esperança, a que chama Meta Austrina, que quer dizer termino, & limite do Austro, que he o Sul, no qual termino, & fim jaz este tão nomeado Cabo. *Timidos, & ledos.* Os homens que navegaõ, tem as propriedades dos que amaõ, os quaes em seus trabalhos, & inquietações trazem hum alvoroço, & alegria, que lhe faz sofrer os perigos, & enfadamentos facilmente. Por esta razão diz aqui o Poeta, que os Portuguezes hiaõ medrosos, & ledos.

O

17

O Prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros,& parentes,
Para contar a peregrina,& rara
Navegação,os varios Ceos,& gentes:
Vir a lograr o premio,que ganhàra
Por tão longos trabalhos,& accidentes,
Cada hum o tem por gosto tão perfeyto,
Que o coração para elle he vaso estreyto.

A seus Penates caros. As suas casas amadas. Penates entre os antigos eraõ os principaes dos seus idolos,chamados assim, como diz Macrobio, porque por elles fingem que viviaõ , & possuhiaõ as forças do corpo , & alma : & por isto os tinhaõ dentro em casa:chamandolhe Penates, como quer Tullio liv. 2. de Natura Deorum , dizendo que se chama assim: *Quod penes nos nati sunt.* Vejão os curiosos Alexander ab Alexandro liv. 6. genial.dier.

18

P Orém a Deosa Cypria,que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno,& por bom genio dada,
Que sempre os guia jà de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava jà ordenando,& pertendia
Darlhe nos mares tristes,alegria.

Porèm a Deosa Cypria. Esta he Venus amiga dos Portuguezes,chamase assim de Cypro,Ilha, aonde era venerada.*E por bom genio dada.* Os antigos chamão Deoses geniaes, á agua, terra, fogo, & ar, & acrecentavão o Sol , & Lua, por serem os principios da geração das cousas : & a estes nos dias de seus nacimentos faziáo grandes festas. Empedocles disse, que em hum homem nacendo, lhe eraõ dados dous genios , hum bom, que o guardasse, & outro mao que o perseguisse. Donde alguns interpretaõ a boa , ou má fortuna, que tem cada hum, que he o que o Poeta aqui diz , que a Venus era dada do Ceo por bom genio , como se dissera para ajuda , & favor dos Portuguezes. Dos genios , & variedade dos antigos nesta parte, se veja Alexandre no lugar allegado na annotação acima.

19

D Epois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar,que navegàrão
Os trabalhos,que pelo Deos nacido,
Nas Anfitoneas Thebas,se causàrão:
Jà trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passàrão,
Buscarlhe algum deleyte,algum descanço
No Reyno de cristal liquido,& manço

Nas Amphioneas Thebas. Amphion Rey de Thebas foy grande musico,& tanto que se escreve delle,que tocando a sua viola, & cantando a ella se levantavão as cousas insensiveis, como pedras,paos, & outras semelhantes , & o seguiaõ , & que desta maneyra ajuntou a pedra,com que fez os muros a Thebas , a qual por esta razão se chama entre os Poetas Amphionea,como aqui lhe chama o Poeta. Esta Thebas he em Boecia Regiaõ de Grecia , & chamase hoje Estybres. Nesta Cidade he opiniaõ de muytos, que naceo Baccho, o qual tecia tantos enganos , & causava tantos trabalhos aos Portuguezes. *No Reyno de Cristal liquido, & manso.* Por Reyno de cristal liquido , entende o mar , ao qual chama manso, que ainda que de sua nutureza seja furioso,& bravo, havião os Portuguezes de achar descanço,& quietação nelle.

20

A Lgum repouso em fim,com que pudesse
Refucilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus,como interesse
Dos trabalhos,que incurta a brevidade:
Parecelhe razão,que conta désse
A seu filho,por cuja potestade
Os Deoses faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao Ceo sereno.

Refocillar. Recrear. *Do trabalho que encurta a breveidade.* Os trabalhos, & desgostos encurtão a vida : & pelo contrario os gostos , & passatempos, a estendem,& dilatão: pelo que os antigos pintavão a Apollo, que elles tinhaõ por Idolo da Musica, & a Baccho do vinho , ambos mancebos sem barba, como se póde ver nos Emblemas de Alciato, Emblema 99.

Parecelhe rezaõ que conta dèsse a seu filho. Como Venus determinou fazer algum gazalhado aos Portuguezes, & darlhe algum descanço, com que se repayrassem,& recreassem algum tanto dos trabalhos do mar,pareceolhe ser bem dar conta desta sua determinação a Cupido seu filho , & pois era poderoso no Ceo, & terra,como o Poeta aqui diz, & por este respeyto necessario para o gazalhado, que ella procurava fazer aos Portuguezes.

21

I Sto bem revolvido,determina
Deterlhe a parelhada là no meyo
Das agoas,alguma Insula divina,
Ornada de esmaltado,& verde arreyo:

Que

Que muytas tem no Reyno, que confina
Da mãy primeyra c'o o terreno seyo,
Afóra as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

Da primeyra c'o o terreno seyo. Assim fez Luis de Camões este verso, & não como anda impresso: da mãy primeyra c'o o terreno seyo: que foy acrecẽtamento da Syllaba mãy, por crerem, que faltava ao verso, o que naõ he. Nem a palavra mãy naquelle lugar quer dizer, cousa que satisfaça: quando as syllabas da palavra primeyra tem quatro, vogaes. E ainda que o ay seja diphtongo, & se tome por huma syllaba só, costumaõ os Poetas dividilos. E assim o ouvi a Luis de Camões: os que quiserem que errasse Luis de Camões, façao o verso desta maneyra: com o terreno seyo.

Das portas Herculanas. No mar Mediterraneo do estreyto de Gibraltar para dentro, como Papho, Guido, Chipre, Cythera, de cujos nomes se chama Paphia, Gnidia, Cypria, & Cytherea. Chamase este estreyto Portas de Hercules, ou columnas de Hercules, porque neste lugar poz duas, como fim de seus trabalhos, fingindo que partira pelo meyo dous montes, & fazendo que o mar passasse por alli, levando seu curso por outra parte, como fica dito no terceyro canto, oytava 8. & 76.

22

ALli quer, que as aquaticas donzellas
Esperem os forssimos varoens,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos coraçoens;
Com danças, & coreas, porque nellas
Influirà secretas affeyçoens,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se affeyçoarem.

Aquaticas donzellas. Nymphas, & donzellas moradoras nas águas, como as filhas de Nereo, a que os Poetas chamão Nereidas: & outras de que os Poetas trattão em suas fabulas.

23

TAl manha buscou jà, para que aquelle,
Que de Anchises pario, bem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço por sutil partido:
Seu filho vay buscar, porque sô nelle
Tem todo seu poder (fero Cupido)
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou jà, nestoutra a ajude, & siga.

Tal manha jà buscou. O modo que teve Venus para affeyçoar as Nymphas aos Portuguezes, foy o que teve paraque Elysa Dido Raynha de Carthago quizesse bem a seu filho Eneas, que foy mandar seu filho Cupido em habito, & figura de Ascaino, filho de Eneas, para desta maneyra affeyçoar Elysa Dido a Eneas, como conta Virgilio na sua Eneida liv. 1. in fine.

O Campo, que a bonina pelle tomou. He o campo da Cidade Carthago em Africa, contão as fabulas, que sendo casada Elysa Dido com Sicheo Rey de Phenicia, seu irmão Pigmaliaõ matou a Sycheo, com cobiça dos thesouros grandes, que tinha. Elysa Dido foy avisada por seu marido morto, que se fosse daquella terra, porque assim como Pigmaliaõ o matara a elle, a havia de matar a ella. Elysa ajuntou a mais riqueza, & gente que pode, & meteose em huma nao, na qual foy aportar a Africa, & alli se concertou com El-Rey Hyarbas lhe désse a terra que hum couro de boy feyto em tiras occupasse. Nesta terra edificou huma grande Cidade, a qual foy grande emula dos Romanos por muytos annos, como estao cheyas as historias. E isto he o que o Poeta aqui diz, que fez Venus, que Eneas fosse bem recebido no Campo, que tomou de espaço a pelle de boy, que he Carthago, & o que diz por sutil partido he porque foy aquella pelle feyta em tiras muyto delgadas, como conta Virgilio no lugar allegado.

24

NO Carro junta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas, em que jâ foy convertida,
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa jà partida,
No ar lascivos beijos se vão dando
Ella por onde passa o ar, & o vento
Sereno faz, com brando movimento,

No carro ajunta as aves. As aves, que fingem os Poetas levar o carro de Venus saõ Cisnes, & pombas. Os Cisnes entende aqui o Poeta por aves, que na vida celebrão as exequias da morte, porque fingem destas aves, que cantão muyto suavemente ao tempo de sua morte, vejase o que escrevemos no primeyro canto, oytava 4. Por pombas a ave em que foy convertida Peristera. Contão as fabulas, que andando Venus, & Cupido á porfia apanhando flores: huma donzella por nome Peristera vendo que Cupido apanhava mais, se poz da banda de Venus para a ajudar, pelo que irado Cupido, a converteo em pomba, que isto significa a palavra Peristera no Grego. E por este respeyto lhe queria muyto Venus, & a trazia em o seu carro, & lhe faziaõ sacrificio della, como diz Ovidio nos Faustos liv. 1.

25

JA' là sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frècheyro estava então,

Ajun

Ajuntando outros muytos, que pertende
azer huma famosa expedição.
ontra o mundo rebelde, porque entende
rros grandes, que ha dias nelle estão,
mando cousas, que nos foraõ dadas,
ão para ser amadas, mas usadas.

Là sobre os montes Idalios. Para effeytuar seu in-
nto se foy Venus ao monte Idalio em Chipre,
nde Cupido seu filho estava preparandose para
ta empresa: Chamase frecheyro, porque o pintaõ
s Poetas com arco, & frechas.

Amando cousas. Naõ queria Venus, que houves-
no mundo outro exercicio, se não o de sua obri-
açaõ, que era amor, & affeyção, & assim per-
adia ao filho se armasse, & fizesse guerra contra
mundo rebelde, pois gastava o tempo em outras
ousas, como jogos, caças, privanças, & grangea-
a de fazenda, & outras cousas semelhantes, que o
oeta vay recontando por algumas oytavas, que
ão as que o Poeta diz, que servem para se usar
ellas, & não para serem amadas.

26

VIa Acteon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que por seguir hum feo animal fero,
oge da gente, & bella forma humana:
E por castigo quer doce, & severo,
Mostralhe a fermosura de Diana,
E guardase não seja inda comido
Desses caẽs, que agora ama, & consumido.

Via Acteon. Andava Venus triste, & enfadada
de ver os homens dados a exercicios differentes,
esquecidos dos seus, que eraõ cassar, & namorar,
pelo que por ordem do filho determinou dester-
rar do mundo os taes exercicios, & o primeyro
em que executou sua colera, foy no Caçador
Acteon, o qual fez que fosse dar a huma fonte,
aonde Diana Deosa da caça, se estava pela sesta la-
vando com suas donzellas, paraque afrontada de
Acteon a ver naquella estado lhe fizesse algum jo-
guete, como fez, que foy convertelo em veado, o
qual seus proprios cães o despedaçaraõ, como con-
ta Ovidio nas Metamorphoses liv. 3.

De cego na alegria bruta insana. Alegria bruta, &
insana chama ao exercicio da caça, Xenophonte
lhe chama *stultum studium venationis.* O nescio exer-
cicio da caça, & outros a este som. Naõ sey com
que rezaõ todos os outores dizem mal da caça: o
que daqui se collige he, que não sabiaõ os provey-
tos, & gostos deste exercicio. E porque eu sou
suspeyto nesta materia, não me alargo nella, basta
que he exercicio de Reys, & senhores, & que não
he cousa a que gente de bayxos espiritos se affey-
çoe. Os Letrados como não gostão mais que dos
livros, tem licença de desprezar toda a outra vi-
da, & muytas vezes se enganão, fóra das cousas de
sua profissaõ.

27

EVe do mundo todos os principaes,
Que nenhum no bem publico imagina,
Vè nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sómente, & a quem Filaucia ensina:
Vè, que esses, que ferquentão os reaes
Paços por verdadeyra, & sãa doutrina,
Vendem adulação, que mal consente
Mondarse o novo trigo florecente.

A quem Philaucia ensina. Philaucia he palavra
Grega, quer dizer amor proprio. Adulação, he li-
sonja, vicios saõ estes, que reynão muyto em gente
poderosa, & que tratta com os Reys, & Senhores
grandes, como aqui diz o Poeta, & nos mostra a
experiencia. *Mondarse o novo trigo florescente.* Im-
possivel he faltar no Paço adulação, como he im-
possivel no novo trigo faltar herva, que tirar.

28

VE, que aquelles, que devem à pobreza
Amor divino, & ao povo charidade,
Amaõ sómente mandos, & riqueza,
Simulando justiça, & integridade:
Da fea tyrania, & de aspereza,
Fazem direyto, & vãa severidade,
Leys em favor do Rey se estabelecem,
As em favor do povo sò perecem.

Vè que aquelles. Como fica notado atrâs o nosso
Poeta naõ diz mal dos Religiosos, antes em suas
obras mostra serlhe muyto affeyçoado, & eu lho
ouvi muytas vezes. E em tanto he isto assim, que
no tempo, que eu com elle trattava, nunca sahia do
mosteyro do Bemaventurado S. Domingos, & me
dizia muytas vezes, que não havia mais honrada
conversação, & amizade, que a destes Religiosos.
Nota nos Religiosos quererem andar, & trattar
nos Paços com seculares, & isto he, o que quer di-
zer nas partes aonde delles tratta.

29

VE' emfim, que ninguem ama o que deve
Senão o que sómente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releve,
O castigo, que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes à peleja,
Que espera ter cõ a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

Seus ministros ajunta. Fez Cupido hum esquadraõ de ministros seus para pelejarem contra gente desmandada, & apartada de seus preceytos.

30

Muytos destes mininos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas se adelgaçando:
Trabalhando cantando estão de amores
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Muytos destes mininos voadores. A Cupido patraõ dos namorados pintaõ os Poetas com arco, & frechas, & com azas. Esta he a razão porque o Poeta chama aqui a outros substitutos de Cupido para o ajudarem nesta empreza, que tinha entre as mãos, meninos voadores.

31

Nas fragoas immortaes, onde forjavão
Para as setas as pontas penetrantes
Por lenha, coraçoens ardendo estavão,
Vivas entranhas inda plapitantes
As agoas onde os ferros temperavão,
Lagrimas são de miseros amantes,
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo he só, que queyma, & não consume

Desejo he. A lenha, que se queymava na fragoa aonde se forgavão os ferros das settas de Cupido eraõ corações, & entranhas: as aguas aonde se temperavão os ferros, eraõ lagrimas: o fogo era desejo, que queyma, & não mata: as cousas do amor, & os passos dos que amão saõ trabalhosos, mas nestes trabalhos hà huma alegria grande: assim que este desejo, como diz o Poeta, queyma, & não mata. Vejase o que notámos no canto oytavo, oytava 83.

32

Alguns exercitando a mão andavão
Nos duros coraçoens da plebe ruda,
Crebros suspiros pelo ar soavão,
Dos que feridos vão da seta aguda:
Fermosas Ninfas são, as que curavão
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sómente dà vida aos mal feridos,
Mas poem em vida os inda naõ nacidos.

Alguns. Diz que destes ajudadores de Cupido se occupavão alguns nos coraçoens de gente bayxa, porque o amor a ninguem perdoa, & em quanto elles estão nesta forja soavaõ pelo ar grandes ais, & suspiros dos que hiaõ feridos das settas destes meninos voadores. Pleberuba, gente bayxa. Crebros suspiros, continuos suspiros, & muytos.

Mas poem em vida os inda não nacidos. He dito de encarecimento para mostrar a grande mão das Nymphas, que aonde chegava ficava logo o remedio dado; porque não sómente para os feridos aproveytavaõ seus remedios, mas ainda aos por nacer, que em algum tempo havião de ter necessidade de ajuda, já tinhaõ este valhacouto.

33

Fermosas são algumas, & outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veas,
Curão-no âs vezes asperas triagas:
Alguns ficão ligados em cadeas,
Por palavras subtis de sabias Magas,
Isto acontece âs vezes, quando as setas
Acertão de levar ervas secretas.

Fermosas saõ algumas. Reconta o Poeta os grandes disbarates, & desaventuras que hà neste negocio de molheres, & os grandes casos que nesta materia acontecem, o que nos mostra bem claro a experiencia.

Sabias Magas. Sabias feyticeyras, o que tambem nesta materia não falta.

34

Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando
Nacem amores mil desconcertados,
Entre o povo ferido miserando:
E tambem nos heroes de altos estados,
Exemplos mil se vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli, & Cynirèa
Hum mancebo de Assiria, hũ de Judèa.

E tambem nos Heroes. Não sómente em gente bayxa, mas na gente principal faziaõ estes tiros de Cupido effeyto, & causavão desconcertos grandes, & torpes. Heroes, saõ Senhores grandes, & gente de titulo.

Qual o das moças Bibli. Esta Bibli conta Ovidio nos Metamorphoses liv. 9. que se embrulhou com Cauno irmão seu, & por elle se querer despedir della com muyto chorar, se converteo em fonte. O mesmo Ovidio diz nos livros de Arte amandi, que se enforcou.

Biblida quid referam vetito quæ fratris amore
Arsit, & est laqueo fortiter ultra nefas.

Que direy de Biblis? a qual ardeo com amor desenfreado, & prohibido de seu irmão, & com impaciencia

ciencia se enforcou. *E Cynirea.* Entende Mirra filha de Cyniras, a qual amou a seu pay deshonestamente, como conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 10. o que foy causa de se converter em arvore do seu nome.

Hum mancebo de Assyria, hum de Iudéa. O mancebo de Assyria, he Nino filho de Semiramis, do qual se escreve que cohabitava torpemente com sua mãy. Hum de Judéa. Rubem, o qual se misturou com Bilhah, concubina de seu pay Jacob, como se conta no Genesis. Outros entendem este mancebo de Judea por Amon, com sua meya irmã Thamar, filhos de David.

35

E Vós, ò poderosos, por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, & rudes vós, senhoras,
Tambem vos tomão nas Vulcaneas redes:
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados, & paredes,
Mas eu creo, que deste amor indino,
He mais culpa a da may, que a do minino.

E voz ò poderosos! Tratta o Poeta a desordem, que há no mundo no peccado da sensualidade, como homens muyto principaes se embaração com molheres muyto bayxas: & pelo contrario molheres muyto honradas, com homens de muyto bayxa sorte, o que declara o Poeta naquellas palavras. *Tomaõ nas Vulcaneas redes.* Contaõ as fabulas, que sentindo Vulcano, que sua molher Venus lhe fazia adulterio com Marte, fez huma rede muyto sutil de ferro, a qual armou em hum lugar aonde elles costumavaõ ter seus passatempos, & os prendeo nella: os quaes não soltou até que foraõ vistos, & sabido publicamente seu peccado. Daqui redes Vulcaneas, saõ as prisões em que os senhores namorados caem. *He mais culpa a da mãy que a do minino.* Quer aqui dizer o Poeta que esta desordem do mundo, he mais causada por propria torpeza dos homens, que de amor, & affeyção, porque se não movem a isto, se não por serem puramente torpes, & sensuaes.

36

M As já no verde prado o carro leve
Punhão os brancos Cisnes mançamente
E Dione, quer as rosas entre a neve,
No rosto traz, decia diligente:
O frecheyro, que contra o Ceo se atreve,
A recebela vem ledo, & contente,
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a maõ à Deosa dos amores.

Mas já no verde prado. Já Venus tinha chegado com seu carro ao lugar aonde queria fazer sua festa aos Portuguezes. O carro de Venus, como fica dito neste canto, oytava 28. era levado de Cisnes. Dione he Venus como fica dito no 1. canto, oytava 33. a qual gaba de fermosa dizendo, que traz rosas entre a neve, que he cor com alvura. O frecheyro, que contra o Ceo se atreve he Cupido, do qual dizem os Poetas, que a ninguem perdoa, porque tambem Jupiter, Apollo, Baccho, & outros, que elles tinhaõ por seus Deoses sugeytava Cupido, porque tinhaõ suas inquietações de amor. Deosa dos amores, he Venus de que fallámos.

37

E Lla porque naõ gaste o tempo em vaõ,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja maõ
Toda minha potencia está fundada:
Filho, em quem minhas forças sempre estaõ,
Tu, que as armas Tifeas tens em nada,
A socorrerme a tua potestade,
Me traz especial necessidade.

Tu que as armas Typhoeas tens em nada. Esta piedoza pratica de Venus com Cupido seu filho, he tirada de Virgilio na sua Eneida, naquelles versos. *liv. 1. quasi in fine.*

Nate meæ vires, mea magna potentia solus,
Nate, patris summi, quique tela Thyphoea temnis.
Ad te confugio, & supplex tua numina posco.

Filho, em o qual con[illegible] stem minhas forças, & todo meu poder, filho que [illegible]ens em nada as armas. Thyphoeas, apertada da n[illegible]cessidade me chego a ti. Engrandece o Poeta n[illegible]stas palavras o poder de Cupido, como atrás fica dito, o qual não sòmente na terra, mas no Ceo entrava com seu poder; pelo que Jupiter, que elles tinhaõ pelo principal de seus falsos Deoses se lhe sugeytava: o que daõ a entender aquellas palavras. Que as armas Thypheas tens, em pouco. Armas Thypheas saõ os rayos, de que Jupiter usava. Chamaõ assim, ou porque Jupiter com ellas matou o Gigante Thypheo filho da terra, como conta Ovidio no quinto das Metamorphoses, ou porque este Gigante estava soterrado debayxo do monte Etna de Sicilia, aonde os Cyclopas ferreyros, & obreyros de Vulcano fazião os rayos a Jupiter, como aponta Ovidio nos Fastos liv. 1. ainda que Homero, ao qual segue Lucano liv. 1. Phar. quer que o Gigante Thypheo esteja na Ilha Inarime chamada hoje Ischia no mar Tyrreno, saõ fabulas, & fingimentos de Poetas.

38

B Em vès as Lusitanicas f[illegible]digas,
Que eu já de muyto longe favoreço

 Porque

Porque das Parcas sey minhas amigas,
Que me hão de venerar, & ter em preço:
E porque tanto imitão as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhes dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

Bem ves as Lusitanicas fadigas. Continua o Poeta com a imitação de Virgilio no lugar allegado, aonde Venus procurava affeyçoar a Rainha Elisa Dido a Eneas seu filho, o qual tinha passado muytos trabalhos no mar, depois da destruição de Troya, por ordem de Juno molher de Jupiter, como està em Virgilio no lugar allegado: para o que se ajudou de seu filho Cupido, como atrás dissemos: o que aqui tambem finge o Poeta, attribuindo os trabalhos dos Portuguezes a Baccho seu inimigo grande. Peloque Venus assim como nos trabalhos do filho Eneas, causados por odio, & mal querença de Juno se aproveyta de Cupido, para por sua ordem dar algum descanço a Eneas, & assim aqui pela mesma via o dar aos Portuguezes, o que tudo na letra vay muyto claro. *Porque das Parcas sey minhas amigas.* Que cousas sejão Parcas se veja, o que escrevemos no canto primeyro oytava. 24.

39

E Porque das insidias do odioso
Bacco, forão na India molestados,
E das injurias sòs do mar undoso,
Poderão mais ser mortos, que cançados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foy, quero que sejão repousados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

Poderaõ mais, ser mortos, que cansados. Grande encarecimento da valentia dos Portuguezes, & sufrimento dos trabalhos, que só a morte os podia apartar de seu intento, não trabalhos, nem perigos alguns por grandes que fossem. *Do trabalho, que faz clara a memoria.* Não há na vida cousa que mais honre, nem levante os homens, que o trabalho, & diligencia, nem cousa, que mais os abata, & destrua, que o ocio. Vejase a nossa annotação no canto sexto, oytava 39.

40

E Para isso queria, que sofridas
As filhas de Nerèo, no ponto fundo,
Do amor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descubrir o novo mundo;
Todas numa Ilha juntas, & subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Occeano terey aparelhada,
De dões de Flora, & Zefiro adornada.

E para isso queria. Como a intenção de Venus era dar aos Portuguezes algum alivio dos trabalhos, & fazerlhe algum gazalhado, aonde os favorecesse, & désse a entender a affeyção, que lhe tinha: communicou, como atrás referimos, sua intençaõ com Cupido seu filho para ferir com suas settas as Nymphas do mar, para que encendidas com o amor dos Portuguezes, lhos ajudassem a festejar em huma Ilha, que novamente lhe havia de por no meyo do mar, só para este effeyto, á qual ilha havia de ser muyto fresca, o que mostra o Poeta por aquellas palavras. *De dons de Flora, & Zephyro adornada.* Porque Flora he entre os Poetas a Deosa das Flores, & Zephyro vento, que por outro nome chamamos Favonio, a viração que corre no veraõ, o qual fazem os Poetas casado com Flora, porque lhe favorece, & ajuda suas flores, vejase a nossa annotação neste mesmo canto oytava 62. & no decimo oytava 74. Quanto a esta Ilha se he a de Santa Helena, como alguns cuydaõ, & o que o Poeta aqui quiz mostrar, se veja o que escreveremos no canto decimo oytava 74. Ponto fundo he o mar alto, porque ao mar chamão os Latinos Ponto, dirivando esta palavra do Grego de pontiro, que he afogar, porque o sabe elle muyto bem fazer.

41

A Lli com mil refrescos, & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leytos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleytes não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Mil deleytes não vulgares. Deleytes extraordinarios, & desacostumados.

42

O Vero que haja no Reyno Neptunino
Onde eu naci, progenie forte, & bella
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebela:
Porque entendão, que muro adamantino,
Nem triste hypocresia val contra ella,
Mal haverà na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Onde eu naci. Dizem os Poetas, que Venus naceo da escuma do mar, pelo que lhe chamão Aphrodisia de Afros, que he a escuma. *Porque entendão que muro adamantino, nem triste hypocresia val contra ella.* Entende outras cousas, que teve Venus para fazer gazalhado aos Portuguezes no mar, huma foy tambem querer sahir pela honra de sua patria, que he

he o mar,porque dizem os Poetas que naceo nelle. Assim que por honrar o mar dando os Portuguezes por parentes das Nymphas,& paraque entendessem os reveis a seu filho Cupido , que nem os muyto esforçados , que entendo por muro adamantino , nem hypocritas tristes se podiaõ livrar delle,pois seu dominio, & poder se estendia sobre todos:que isto não era de espantar, pois o fogo do amor se atreva nas agoas.Pintão os Poetas Cupido, que os antigos tinhaõ por Deos dos mares , com hum ramo na mão direyta , & hum peyxe na esquerda , querendo mostrar que tinha poder no mar, & na terra , & que não hà no criado cousa que lhe não obedeça , como diz Alciato emblema 106.cap.10.

43

ASsi Venus propoz,& o filho iniquo,
Para lhe obedecer já se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de pontas de ouro embebe:
Com gosto ledo a Cypria,& impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe
A redea larga às aves,cujo canto,
A Faetontea morte chorou tanto.

Onde as setas de ponta de ouro embebe. Duas maneyras de setas atribuem os Poetas a Cupido humas com pontas de ouro muyto agudas , que fazião amar, & outras com pontas de chumbo botas que faziaõ desamar como: se póde ver em Ovidio nas Metamorphoses, liv.1. Destas settas com as pontas de ouro usou Cupido para fazer afeyçoar as Nymphas aos Portuguezes , arco eburneo he arco de marfim Cypria he Venus , chamada assim da Ilha Chipre, aonde era venerada. *A redea larga às aves, cujo canto.* O carro de Venus fingem os Poetas,que he levado de Cisnes, & pombas, como fica notado neste canto , oytava 24. Chama aqui ao Cisne ave que chorou muyto a morte de Phaeton , pelo que os Poetas delles contaõ , que quando Phaeton filho de Apollo, & Climene cahio do Ceo por não saber governar os carros de seu pav o Sol , sentio tanto sua cahida , & morte Cygno Rey de Liguria seu parente , & grande amigo , que os Deoses por compayxão que delle tiverão o converteraõ em Cisne, ave de seu nome , vendo que por nenhum modo aquietava em seu choro. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorphoses liv.2.

44

MAs,diz Cupido,que era necessaria
Huma fermosa,& celebre terceyra,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muytas tem por companheyra:
A Deosa Gigantea temeraria,
Jactante,mentirosa,& verdadeyra,
Que com cem olhos vè,& por onde voa,
O que vè com mil bocas apergoa.

A Deosa Gigantea. Esta terceyra que Venus queria he a fama para publicar o valor dos Portuguezes. Chama o Poeta á fama Deosa Gigantea, por ser irmã dos Gigantes, & filha da terra,gerada della para a vingar dos falsos Deoses. Virgilio na Eneida liv. 4. descreve excellentemente a fama, aonde diz que he hum monstro horrendo, & grande, com penas como ave , & que quantas pennas tem,tantos olhos, outras tantas lingoas , & outras tantas bocas. O mesmo diz aqui o Poeta:& em dizer que tem cem olhos,& mil bocas, he usar de numero certo por incerto , figura muyto usada em os Poetas.

45

VAõna buscar,& mandãona diante,
Que celebrando và com tuba clara:
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunqua os doutrem celebrára
Jâ murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhàra
Fala verdade,a vida por verdade,
Que junto â Deosa traz Credulidade.

Que junto à Deosa traz credulidade. A fama traz comsigo por companheyra á credulidade:& isto he tão certo,que não tem necessidade de prova , porque o que dizem muytos,facilmente se cré, & tem por certo. Donde naceo aquelle Proverbio tão sabido: *Non omnino temere est,quod vulgo dictitant:* não se levanta fumo sem haver fogo. Ao que alludio Hesiodo na sua obra,que intitulou liv.2. *Opera,& dies,*obras,& dias. *Nam non ulla quidem prorsum perit, irrita fama , per populos quæcumque volat , quia numen ipsa est.* Não há fama que de todo saya vã,porque a fama he Deosa, assim que o que muytos trazem na boca, não se póde ter por falso de todo,

46

OLouvor grande,o rumor excellente
No coração dos Deoses ,que indinados
Foraõ por Bacco contra a illustre gente
Mudando os fez hum pouco affeyçoados:
O peyto feminil,que levemente
Muda quaisquer propositos tomados,
Jà julga por mao zelo,& por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.

O peyto feminil que levemente. Muda quaesquer propositos tomados. Não somente os falsos Deoses que estavão de parte de Baccho contra os Portuguezes se mudaraõ de seu proposito,& se affeyçoaraõ aos Portuguezes, mas as molheres animal naturalmente inconstante,& leve,julgou por crueza desejar

sejar

sejar mal a gente tão esforçada. Naõ se póde negar haver molheres muyto honradas, & de grande constancia, & peso em suas cousas: mas destas hâ muyto poucas. Pela mayor parte saõ as molheres, as que o Poeta aqui diz á imitação de Virgilio. *Varium, & mutabile semper fœmina*, a molher he hum animal vario, & que nunca está em hum ser. Tudo o que se póde dizer das molheres disse huma Glosa do decreto.

Quid levius fumo? flamen quid flamine? ventus
Quid vento? mulier. Quid muliere? nihil.

Que cousa mais leve que o fumo? o sopro, que mais que o sopro, o vento, que mais que o vento, a molher, que mais que a molher nada.

47

Despede nisto o fero moço as setas,
Huma apoz outra, geme o mar cos tiros
Direytas pelas ondas inquietas
Algumas vão, & algumas fazem giros:
Caem as Ninfas, lançaõ das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros,
Cae qualquer sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista pòde a fama.

Que tanto como a vista pôde a fama. Cousa ordinaria he affeyçoarse humas pessoas a outras, sem ser conhecidas só pela fama, que tem de suas boas partes. Assim estas Nymphas, ainda que não tinhaõ noticia dos Portuguezes, só pela fama de suas excellentes partes lhe queriaõ bem. E do fundo do mar, aonde residião davão muytos suspiros com saudade delles, & sem ver a quem amavão lhe querião entranhavelmente, como se os tiverão presentes, tão grande he a fama da boa fama.

48

Os cornos ajuntou da eburnea lùa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis, quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva:
Jà não fica na aljava seta alguma,
Nem nos equoreos campos Ninfa viva,
E se feridas inda estão vivendo,
Serà para sentir, que vão morrendo.

Os cornos ajuntou da Eburnea Lua. Chama âs pontas da Lua cornos, pela semelhança que tem antes que esteja cheya, pelos quaes aqui se entende o arco que assim disse Ovidio liv. 1. *Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum*, dobrar fez à maneyra de Lua o arco. Chama á Lua Eburnea, de Ebur, que he o marfim, por ser sua cor branca. Campos equoreos, saõ campos do mar, de *equor*, que he o mar entre os Latinos.

49

Day lugar altas, & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, â flama femenina,
He forçado, que a pudicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Day lugar. Despois que Cupido com suas settas ferio as Nymphas do mar, deu ordem com que os Portuguezes acudissem áquellas partes para esseytuar o que pertendia. Ondas ceruleas saõ aguas do mar, chamãose ceruleas de ceruleus a, um, que significa a cor do mar. Agua Neptunina he agua do mar, chamase Neptunina, porque a Neptuno tinhão os antigos por seu idolo do mar, donde a agua Neptunina, quer dizer, agua de Neptuno, & por conseguinte do mar.

50

Jà todo o bello coro se aparelha
Das Nereydas, & juntos caminhava
Em coreas gentis, usança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava:
Alli a fermosa Deosa lhe aconselha,
O que ella fez mil vezes, quando amava,
Ellas, que vão do doce amor vencidas
Estão a seu conselho offerecidas.

Jà todo o bello coro. Como Cupido ferio com suas settas as Nymphas do mar, a que os Poetas chamão Nereidas, por serem filhas de Nereo senhor do mesmo mar, ellas tendo vista da armada dos Portuguezes, que pelo mar caminhavaõ, se aparelharaõ com muytas festas, & danças para os receberem. Coreas, saõ danças.

51

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Desejando proverse de agoa fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria
Houverão vista da Ilha namorada,
Rompendo pelo Ceo a mãy fermosa
De Memnonio suave, & de leytosa.

Rompendo pelo Ceo a mãy fermosa. A mãy fermosa de Memnonio, he a aurora, a qual dizem os Poetas, que houve este filho Alemnon de Titho-no. Mostra o Poeta nesta oytava que os Portu-guezes

guezes houverão vista da Ilha, que Venus lhe tinha aparelhada, hum dia em esclarecendo a menhã.

52

DE longe a Ilha virão fresca, & bella,
Que Venus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada se enxergava:
Que porque não passassem sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Para onde as naos navegão a movia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

De longe a Ilha virão. Muytos tem para si, que esta Ilha de que o Poeta aqui falla, seja a de Santa Helena, mas enganaõse, porque foy hum fingimento que o Poeta aqui fez, como claramente consta da letra, & se pôde ver na nossa annotaçaõ no canto decimo oytava 74. Acidalia, he Venus, vejase o que notámos no primeyro canto, oytava 33.

53

MAs firme a fez, & immovel, como vio,
q era dos Nautas vista, & demandada
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Febo, & a Deosa à caça usada:
Para là logo a proa o màr abrio;
Onde a costa fazia huma enceàda
Curva, & quieta, cuja branca aréa,
Pintou de ruyvas conchas Cytherêa.

Mas firme a fez. Usa aqui o Poeta de huma galantaria poetica no pintar desta Ilha, que Venus aparelhava para os Portuguezes terem alguma recreação, & descanço dos trabalhos do mar, & he que a faz movediça, & que andava à vista das naos dos Portuguezes, para que por nenhum modo deyxem de a ver, & entrar nella, esta Ilha diz o Poeta, que em os Portuguezes vendo, ficou firme, como se conta da Ilha Delos: a qual era movidiça, & andava de huma parte para a outra. Mas como Latona pario nella Apollo, & Diana ficou firme, & sem se mais mover. A Deosa à caça uzada, he Diana, irmã de Apollo, a que os antigos tinhão por Deosa dos caçadores. Cytherea, he Venus, chamada assim da Ilha Cytherea, donde era venerada.

54

TRes fermosos outeyros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornàvão,
Na fermosa Ilha alegre, & deleytosa:
Claras fontes, & liquidas manàvão
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva,
A sonoros lympha fugitiva.

Tres fermosos outeyros. Começa a descrever os lugares da Ilha antes, que venha a trattar do que aos Portuguezes aconteceo nella, & nesta descripção usa de todos os encarecimentos necessarios para ornato, & louvor desta Ilha, como pelas oytavas se mostra. Gramineo esmalte saõ as hervas. Lympha he a agua: sonora, & fugitiva, saõ epithetos muyto proprios, & accommodados â natureza da agua, que he soar, & correr.

55

NUm valle ameno, que os outeyros fende
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde huma mesa fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginarse:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto està para enfeytarse,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em fim o està pintando propriamente.

Onde huma mesa fazem. Diz que nesta Ilha fazem as agoas huma Lagoa muyto fermosa, a que chama aqui mesa rodeada de arvores de muytas maneyras, que lhe davaõ muyta graça, & que parecia estarse alli affeytando, presandose do lugar aonde estavão, que he grande louvor da agua, pois era a causa desta frescura, & fermosura, & os arvoredos concorriaõ para se ver a ella como em espelho crystalino, & muyto resplandecente.

56

MIl arvores estão ao Ceo subindo
Com pomos odiriferos, & bellos,
A larangeyra tem no fruyto lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que està cahindo
A cidreyra c'o os pesos amarellos,
Os fermosos limões, alli cheyrando,
Estão virgineas tetas imitando.

Com pomos odoriferos. Pomo entre os Latinos he toda a fruyta que tẽ a casca delgada, como peras, maçans, ameyxas, laranjas, pecegos, & outras desta qualidade: E as que tem a casca dura se chamão nuces, como castanhas, nozes, amendoas, avelans, & outras semelhantes. A cor que tinha Daphne nos cabellos, he a cor loura, qual tem as laranjas. Daphne fingem os Poetas, que foy filha do rio Peneo, a que Apollo foy muyto affeyçoado. Esta querendo hum dia Apollo usar com ella, o que ella não queria, fugiolhe, & indo fugindo, fingem os Poetas, que seu pay a converteo na arvore louro. Conta esta fabula Ovidio nas Metamorphoses liv. 1. Pesos amarelos, saõ as cidras.

As

57

AS arvores agrestes, que os outeyros
Tem com frondente Coma ennobrecidos
Alamos são de Alcides, & os Loureyros
Do louro Deos amados, & queridos:
Mirtos de Cytherèa cos pinheyros
De Cybele, por outro amor vencidos
Està apontando o agudo Cypariso
Para onde he posto o etereo Paraiso.

As arvores agrestes. Alèm das arvores de fruyto de todo o genero, havia tambem arvores agrestes, & que o não davão. Mas estas muyto fermosas, & aprazìveis à vista, como alemos, louros, myrtos, pinheyros, & ciprestes. Chama aos alemos arvores de Alcides, que he Hercules, chamado assim de seu avó Alceo, porque a gentilidade enganada entre outros erros, que tinha, era consagrar arvores a seus idolos: & assim passaros, attribuindo a cada hum o seu, conforme a opinião, que delle tinhão, como consta da lição dos Poetas: Apollo tinha por sua arvore o louro, porque nella foy convertida Daphne, como notàmos na oytava passada. Venus a mortinheyra, por ser muyto cheyrosa. Cybelles o pinho, porque Atys, a quem ella foy muyto affeyçoada, foy convertida nesta arvore, como conta Ovidio largamente nos fastos liv. 4. & nas Metamorphoses liv. 10. Diz aqui que o pinheyro foy de outro amor vencido, attribuindoo ao que se conta de Atrys, que encomendandolhe Cybelles que fosse honesto, & casto, & se désse ao exercicio da caça, elle se deu a amores torpes, & deshonestos, pelo que endoudeceo, & querendose matar, acudio Cybelles, & o converteo em pinho. Catulo trata largamente da furia, & doudice de Attys em huns versos, que começão: *Super alta vectus Attys*, o interprete de Nicandro Grego diz, que hum porco matou a Attys: como saõ fabulas tem mil enredos. Contão os Poetas que Apollo converteo em cipreste a hum moço chamado Cyparisso, por onde esta arvore se chama Cyparissus, ou Cupressus: esta fabula conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 10.

Ethereo parayso. Parayso Celestial, & alto: diz isto porque os ciprestes saõ arvores altas, & que caminhaõ para o Ceo com sua altura.

58

OS dons, que dà Pomona, alli natura,
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muyto melhores:
As cerejas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veyo,
Melhor tornado no terreno alheyo.

Os dons que dà Pomona. Pomona tinhaõ os antigos por Deosa da fruyta, o que aqui aponta o Poeta he, que naquella Ilha produzia a natureza fruytas excellentissimas, sem se enxertar as arvores, nem cultivar as terras.

As amoras, que o nome tem dos amantes. Conta Ovidio nas Metamorphoses liv. 4. que as amoras forão em principio brancas, & que se convertērão na cor negra, com o sangue de dous, que muyto se quiserão, que foraõ Pyramo, & Thisbe. *O pomo, que da patria Persia veyo.* Entende o Pecego. Quanto a esta fruyta galanteão os Poetas, como costumão em outras cousas, & tem metido em cabeça a algumas pessoas ser o pecego peçonhento na Persia, como disse Alciato Emblema 142. & contão, que tendo os Persas guerra com os Romanos, trouxerão a Italia muytos pecigueyros, para com o fruyto matar, como fazião na Persia, as quaes arvores em Italia derão fruyta excellentissima, qual vemos hoje por estas nossas partes muytas cousas a este proposito, & os Autores desta opinião, allega Claudio Minoe sobre Alciato Emblema allegado, Laguna sobre Dioscorides liv. 1. cap. 131. pag. 105. Zomba dos que dizem isto, & assim o sabemos hoje por experiencia, porque cada dia vemos pessoas daquellas partes, que dizem o contrario, & porque os antigos não sabiaõ tanto do mundo, como noz agora sabemos, levantaraõ estas fabulas para ter que dizer em seus escrittos, os quaes tinhaõ mais de elegancia, que de verdade.

59

ABre a Romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Roby teu preço perdes,
Entre os braços do ulmeyro està a jucunda
Vide c'o huns cachos roxos, & outros verdes:
E vòs se na vossa arvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregayvos ao dano, que c'os biços
Em vòs fazem os passaros inicos.

Entre os braços do ulmeyro. Vay discorrendo pela abundancia de arvores, & fruytas, que tinha aquella Ilha, que Venus aparelhava para os Portuguezes, primeyramente diz, que havia nella muytas vinhas, & parreyras por cima de grandes olmos, no que allude a hum costume de Italia, no qual todas as vinhas saõ a modo de latadas, armadas sobre arvores: o qual costume he muy proveytoso, porque semeaõ a terra, colhem uvas, & lenha para o fogo. E porque este costume he tão usado naquellas partes, & as parreyras cobrem com sua rama os ulmeyros por muyto velhos, & gastados que sejão. Daqui para sinal da amizade firme, & verdadeyra, pintão os Poetas hum ulmo muyto velho, podre,

odre, & carunchoso, cercado todo de parras, as
quaes lhe cobrem suas faltas na velhice, em recom-
pensa dos beneficios que delle tem recebido em as
sustentar, & ter sobre si todo o mais tempo. Ve-
ja-se Alciato nos Emblemas, Emblema 159.]

E voz se na vossa arvore fecunda, peras pyramidaes viver quiserdes. Chama ás peras pyramidaes, por te-
rem figura de pyramide, que he huma columna
feyta ao modo de huma pera, larga em bayxo, &
muyto delgada em cima. Vejase o que escrevemos
sobre as Pyramides no canto settimo oytava 29.
Quanto à declaração verdadeyra destes versos he
notar o Poeta a terra de grande fertilidade, que
não havia cousa que pudesse gastar o fruto della,
que huma comia à outra, de modo que para se po-
derem conservar, era necessario deyxarse comer
dos passaros, tão juntas, & amontoadas estavão. E
dizerem alguns que os passaros não comem se não
as maduras, & que desta maneyra as peras não vivi-
ão, pois se comem algumas, serião as que amadu-
recessem, & assim nunca virião em crecimento,
isto he fiar muyto delgado, basta que o Poeta dá a
entender por esta linguagem, que para as peras me-
lhorarem, & prestarem, era necessario desbaratarse,
tanta era a copia, & abundancia da fruyta. Que-
rem alguns que o Poeta nestes versos note certa
gente de intratavel, & duro servir, não há pera,
que o apontar, porque não he lugar accommoda-
do para isso, pois vay trattando da fertilidade da
Ilha, & eu em sua vida pratiquey isto com elle, &
não lhe enxerguey sinal de tal imaginação. E se
elle tal entendera, ou imaginara, mo descubrira,
segundo tinhamos estreyta amizade: mayormente
pedindome elle em sua vida por muytas vezes, lhe
quizesse glosar estes cantos: o que a mim por entaõ
me não pareceo bem, por certos respeytos.

60

Pois a tapeçaria bella, & fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno.
Alli a cabeça a flor Caphysia inclina,
Sobre o tanque lucido, & sereno,
Florece o filho, & neto de Cyniras,
Por quem tu, Deosa Paphia, inda suspiras.

Faz ser a de Achemenia menos dina. Depois que
trattou da abundancia das fruytas da Ilha, tratta da
suavidade das flores, & boninas: as quaes diz que
fazião ventagem á tapeçaria de Persia, que enten-
de por Achemenia região sua, aonde se fazem as
melhores alcatifas, & tapeçaria do mundo.

Alli a cabeça a flor Cephysia inclina. Flor Cephy-
sia, he huma especie de lirio, no qual Narciso fi-
lho da Nympha Liriope, & do rio Cephiso foy
convertido. Alguns querem que seja o lirio roxo:
Laguna, & os que entendem melhor esta materia
de hervas, o fazem differente, com huma flor bran-
ca, & açafroada. A fabula de Narciso conta Ovidio
nas Metamorphoses liv. 3. Em hum livro de mão
da letra de Luis de Camões, em lugar de flor ce-
phisia estava flor clicia, que he o Heliotropio, a
que vulgarmente chamamos Gyrasol, flor assàs
conhecida, cuja cabeça meya derribada sempre
acompanha o Sol, para qualquer parte, que cami-
nha, ainda que o Ceo esteja nublado, & o Sol não
appareça. Mas por estoutra letra andar em todos os
livros impressos a pus aqui, & declarey, adevirtin-
do porém ao Leytor de estoutra, para que não fi-
casse nunca lugar de duvida aos Curiosos.

Florece o filho, & neto de Cyniras, por quem tu Deosa Paphia inda suspiras. O filho, & neto de Cyniras, he
Adonis: chamaõlhe os Poetas, filho, & neto de Cy-
niras, porque o houve de huma sua filha chamada
Myrtha. A este era muyto affeyçoada Venus
Deosa dos amores. Contaõ os Poetas, que era muy-
to dado á caça, & daqui fingem que o matou hum
dia hum porco a caso, & que sentida muyto Venus,
o converteo em huma flor da cor de sangue, que
saõ os goyvos vermelhos. Os Latinos todos por
esta razão chamão aos lugares aonde hà goyvos,
& boninas, *Horti Adonidis*, Hortas de Adonis, pela
rezão acima dita. A metamorphosi de Adonis con-
ta Ovidio liv. 10. Metamorphoses, o que fingem os
Poetas de Adonis he sabido. Paphia he Venus,
chamada assim da Cidade Paphos, na Ilha Chypre,
que hoje he chamada Papho, aonde Venus era
muyto venerada entre os antigos. Diz o Poeta,
que ainda Venus suspira por Adonis, para encare-
cimento do bem, que lhe queria, & assim fingem
os Poetas, que quando elle morreo o sepultou Ve-
nus entre folhas de alfaces, dando a entender, que
sepultava com Adonis toda a affeyção, & amor,
que na vida podia ter: porque alface he frigidissima
de natureza, remedio promptissimo contra a sen-
sualidade. Vejase Alciato nos Emblemas. Emble-
ma 77. Parece alludir aquillo de Virgilio na copa
Syrisca: *Ambigeres, raperet ne rosis aurora ruborem, An daret, & flores tingeret orta dies.*

61

Para julgar dificil cousa fora,
No Ceo vêdo, & na terra as mesmas cores
Se dava âs flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dão a ella as bellas flores:
Pintando estava alli Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
O lirio roxo, a fresca rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

As violas da cor dos amadores. Entende todo o
genero de boninas de todas as cores, pelos quaes
os namorados trattão das invenções de seus amo-
res, & ociosidades, a verde para esperança, & ama-
rella desesperação, a branca lealdade, a roxa ciu-

mès,

mes, a vermelha firmeza, & outras, de que os senhores ociosos saberaõ dar milhor rezão, que eu, pelo que baste apontar o entendimento do verso: & he boa galantaria,commentar este lugar de Pyramo, & Thisbe. E diz que Flora, & Zephyro as pintavão, os quaes os Poetas fazem casados, & a Flora chamão a senhora das flores, & a Zephyro a viração do verão,com a qual as flores, & boninas do campo se melhorão muyto no cheyro, & frescura, & assim todas as mais cousas, porque este vento he amigo da natureza, criador de todas as cousas da terra, pelo que os Latinos lhe chamão *Favonio,* por ser favorecedor, & ajudador de todas as cousas, & alento, & refrigerio particular dellas, de Zephyro se veja a nossa annnotação.

62

A Candida Cecem das matutinas
Lagrimas rociada, & a Manjerona;
Vemse as letras nas flores Hyacintinas,
Tão queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, & boninas,
Que competia Cloris com Pomona;
Pois se as aves no ár cortando voão
Alegres animaes o chão povoão:

A candida cecem. He aquella flor branca assás conhecida, a que chamamos cebola cecem nestas partes de Portugal: os Latinos lhe chamão *lilium album,* ou *rosa Iunonis,* rosa de Juno, pelo que os Poetas della contão, que esta flor naceo do leyte de Juno. Chamase vulgarmente, cecem,palavra Arabiga, porque os Arabigos lhe chamaõ, çuçam, a qual palavra nos ficou como outras, do tempo,que os Mouros estiverão nestas partes.

Das matutinas lagrimas rociada. Lagrimas matutinas,he o rocio da manhã,de matuta, que he a aurora.

Vemse as letras nas flores Hyacinthinas. Contão as fabulas que Apollo, a que os antigos tinhão por Deos da medicina,era muyto amigo de hum mancebo por nome Hyacintho, como conta Ovidio liv.1.Metamorphoses,que se matou com hum Mancal:outros Poetas contão a fabula de outro modo. Apollo sentio muyto a sua morte, & vendo que a não podia remedear, o converteo em huma flor com humas letras a i que vem a dizer ay para mostra do ay, que Hyacintho deu quando cahio morto.O verdadeyro Hyacintho nace entre os trigos, & cevadas, florece desde o fim de Março, até meado de Abril, ao tempo, que há outras boninas do campo. Tem fòrma de lirio pequeno, & tem em suas folhas estas duas letras Gregas a y, & he a cor muyto vermelha, & huma flor só,como diz Laguna no livro quarto sobre Dioscorides,cap.64.pag. 413.aonde diz allegando com Pausanias, que a flor nacida do sangue de Aiax, não he o verdadeyro Hyacintho, ainda que se parece com elle nas letras,que tem nas folhas.

Bem se enxerga nos pomos, & boninas. Que competia Cloris com Pomona. Da abundancia dos pomos, que saõ as fruytas, & das boninas se enxergava, que Flora tinha competencia com Pomona,& que andavão em porfia sobre quem mais produziria naquella terra.Flora como fica dito era a Raynha das flores, a qual antes que se casasse com Zephyro se chamava Cloris, como diz Ovidio nos Fastos liv. 5. E Pomona era a da fruyta,como atrás notámos.

Pois se as aves no ar, &c. Acrecenta o Poeta para mayor louvor da Ilha, que alem das muytas,& varias fruytas, & boninas, que muyto ornavão a terra,o ar andava coalhado de passaros,que cantavão suavemente, & o campo de todo o genero de animaes,que o fazião muyto fermoso.

63

AO longo da agoa o niveo Cisne canta,
Respondelhe do ramo Filomella
Da sombra de seus cornos não se espanta,
Acteon n' agoa cristalina, & bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou temida Gazella,
Alli no bico trâz ao càro ninho,
O mantimento o leve passarinho.

Ao longo da agua o niveo Cisne canta. Vay pondo alguns nomes de passaros,& animaes, de que havia grande abundancia na Ilha. Chama ao Cisne niveo,que quer dizer branco,como he sabido,& notorio a todos, por ser ave muyto conhecida, dizer que canta, he seguir a opinião de alguns,que cuydão isto do Cisne, como saybamos hoje o contrario,como notàmos no canto primeyro oytava 4.

Respondelhe do ramo Philomela. Philomela, he o rouxinol. A fabula de Philomela convertida em rouxinol, & Progne em andorinha, conta Ovidio nas Metamorphoses liv.6.

Da sombra de seus cornos não se espanta. Acteon se toma aqui pelo Cervo, no qual animal Acteon mancebo caçador foy convertido, & depois morto, & despedaçado de seus proprios cães, como conta largamente Ovidio nas Metamorphoses liv. 5.Alciato nos Emblemas Emblema 52.

Ou timida gazela. Dá epithetos excellentissimos a estes animaes, de que vay trattando, chama á lebre fugace,que quer dizer ligeyra no fugir, como sabemos por experiencia,& a gazela timida,por ser muyto medrosa. He a gazela hum animal do modo, & tamanho de hum corço, cô os cornos muyto negros,da propria feytura,que os da cabra,mas redondos,& na ponta muyto agudos, corre muyto,& a carne he muyto boa para comer, mas muyto difficultosa de tomar,porque he animal muyto ligeyro,& acautelado.

64

NEsta frescura tal desembarcàvão
Jà das nâos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deyxàvão
Andar as bellas Deosas,como incautas:
Algumas doces Cytharas tocàvão,
Algumas arpas,& sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingião
Seguir os animaes,que não seguiaõ.

Jà das naos os segundos Argonautas. Os primeyros homens, que no mundo navegarão, se chamarão Argonautas, porque fizerão sua viagem na nao Argos, que foy a primeyra que no mundo houve: como dissemos na nossa annotação no canto primeyro,oytava 18.

65

ASsi lho aconselhàra a mestra experta,
Què andassem pelos campos espalhadas;
Que vistas dos varões a preza incerta,
Se fizessem primeyro dezejàdas:
Algumas,que na forma descuberta
Do bello corpo estavão confiàdas,
Deposta a artificiosa fermosura,
Nùas lavar se deyxão na agoa pura.

Assi lho aconselhara a mestra experta. A mestra experta he Venus, a qual aconselhou, & deu ardis às Nymphas do modo,que havião de ter neste encontro dos Portuguezes,como o Poeta o vay mostrando, por termos muyto avisados:os quaes todos se resolvião em que os Portuguezes entendessem dellas que fugião, & lhe pesava, & sentião muyto serem achadas naquelle lugar, para desta maneyra os affeyçoar mais a si: porque quanto as cousas se nos mais negaõ,tanto com mayor desejo, & appetite as procuramos:& isto he cousa natural.

66

MAs os fortes mancebos,que na praya
Punhaõ os pès da terra cobiçosos,
Que naõ hà nenhum delles,que naõ saya,
De acharem caça agreste desejosos:
Naõ cuydaõ,que sem laços,ou redes caya,
Caça na quelles montes deleytosos
Tão suave domestica,& benina,
Qual ferida lha tinha jà Ericina.

Qual ferida lha tinha jà Ericina. Ericina he Venus, chamada assim de hum monte em Sicilia chamado Erix, que hoje se chama em vulgar monte de São Julião, aonde Venus antigamente era venerada.

67

ALguns,q nas espingardas,& nas bèstas
Para ferir os Cervos se fiavão,
Pelos sombrios matos,& florestas,
Determinadamente se lançàvaõ:
Outros nas sombras,que das altas sestas
Defendem a verdura passeàvaõ,
Ao longo da agoa,que suave,& queda,
Por alvas pedras corre à praya leda.

Alguns que em espingardas. Mostra o Poeta como os Portuguezes aportados a esta Ilha, & vendo a frescura, & abundancia della, cada hum começou a exercitarse na arte á que era de natureza dado, como a letra mostra claramente.

68

COmeção de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos varias cores
Cores de quem a vista julga,& sente,
Que não eram das rosas,ou das flores:
Mas da lã fina,& seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendose por arte mais fermosas.

Começão de enxergar subitamente. Alguns dos Portuguezes affeyçoados á caça,meterãose pela terra dentro com suas espingardas, a ver se achavão a que atirar, & soccedeo, que por entre o arvoredo da Ilha derão com as Nymphas, muyto vestidas, & concertadas, como o Poeta conta.

69

DA'Veloso espantado hum grande grito,
Senhores,caça estranha,disse,he esta,
Se inda dura o Gentio antigo rito
A Deosa he sagrada esta floresta:
Mais descubrimos do que humano esprito
Desejou nunca,& bem se manifesta,
Que são grandes as cousas,& excellentes,
Que o mundo encobre aos homẽs imprudentes.

Dà Velloso espantado hum grande grito. Velloso, he sobre nome de hum soldado Portuguez, de que fallàmos no livro quinto, oytava 30. *Inda dura o Gentio antigo rito.* Como cõsta pela lição dos Autores, assim Poetas como historiadores, os antigos foraõ muy supersticiosos em sua religião falsa de seus idolos, & assim não havia mato,rio, nem fonte a que não dessem seus Deoses, & Deosas,nem o mar carecia dos seus, & isto he o que o Poeta aqui diz, que estas donzellas,que apareceraõ nesta Ilha

aos Portuguezes, eraõ Nymphas, & senhoras, a que era dedicada aquella Floresta, segundo o costume, & rito antigo pelos Poetas fingido. *Que o mundo encobre aos homens imprudentes.* Linguagem, & queyxa he esta dos homens, que virão mundo, temerem escrever o que virão, pelo pouco credito, que suspeytão poderem ter suas palavras. Trattando Dom Joaõ Bermudez Portuguez do que vio nas partes de Africa, na terra do Preste Joaõ senhor da Ethiopia, aonde elle era Patriarcha, das cousas que vio naquellas partes, gasta muytas palavras a este proposito. O mesmo faz Marco Polo Veneciano, do que vio na Tartaria, do Egypto, & outras partes por onde andou, & assim outros infinitos. E a verdade, que nunca sahio do seu lar, mal crerá as maravilhas, & mõstruosidades, que há no mundo de todo o genero de cousas. Esta materia remeto aos que lem, que creão algumas cousas das que acharem escrittas, por homens que virão, & passarão o mundo.

70

Sigamos estas Deosas, & vejamos,
Se fantasticas são, se verdadeyras,
Isto dito, velozes mais que gamos,
Selanção a correr pelas ribeyras
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos
Mas mais industriosas, que ligeyras,
Pouco, & pouco surrindose, & gritos dando,
Se deyxaõ hir dos galgos alcançando.

Mais industriosas que ligeyras. Isto diz, porque o seu desejo, era que os Portuguezes às alcançassem, & por isto fingião que lhe pesava, & assim a sua fugida era mais manha, & fingimento, que desejar de fugir.

71

De hũa os cabellos de ouro o vento leva
Corrẽdo, & da outra as fraldas delicadas
Acendese o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de indrustria cae, & já releva
Com mostras mais macias, que indinadas,
Que sobre ella empeçando tambem caya,
Quem a seguio pela arenosa praya.

Nesta oytava, & nas seguintes continua o Poeta com a descripção Poetica da Ilha de Santa Helena, aonde os Portuguezes depois de tantos trabalhos, & tão longa navegação aportaraõ, aonde finge que Venus lhe mandou dar gazalhado pelas Nymphas das aguas, sobre que ella tinha dominio, como nacida da escuma dellas: ainda que com figuras humanas representa este gazalhado, & recreação, tão necessaria a animos tão cansados, como elles vinhão. Toda via hase de entender por ellas as varias fontes, & ribeyras, que entre os bosques daquella Ilha os Portuguezes hião achando: sobre as quaes se lançavão a beber, & refrescarse, com o alvoroço, & deleytação, que costuma causar a vista de frescas aguas aos homens muyto sequiosos. E mais aquellas, que estavão cercadas, & cubertas de muyta variedade de plantas, & arvores, & boninas de varias cores que deu occasiaõ ao Poeta fingir aqui vestidas de varias sedas de cores alegres, com que à vista dos cansados Portuguezes se deleytava. Tanto como o Poeta aqui pinta: com o mais lindo artificio que os preceytos rethoricos ensinão. Fingindo que ainda, que lhes parecia que ellas lhe hião fugindo: nao era assim, pois quando elles imaginavão, que ellas lhe fugiaõ, as achavão paradas, aguardando, que com sua conversação se recreassem, bebendo, & refrescandose: em alguns remansos aonde a corrẽte de suas aguas parava. Mas diz que ellas fingião, que lhe fugião, & se paravão, para lhe acrescentarem mais o gosto de as seguir. Este he o sentido literal destas oytavas: & neste sentido ficão ellas sem nenhuma especie de deshonestidade, que alguns lhe quizeraõ attribuir: entendendoas contra a intenção do Poeta, como me consta que elle o dizia, & assim como aqui estão impressas as tinha emendadas, por conselho dos Religiosos de S. Domingos desta Cidade, com que tinha grande familiaridade.

72

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas, que se lavão
Ellas começão subito a gritar,
Como que assalto tal não esparavaõ:
Humas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavaõ
Nuas por entre o mato, aos olhos dando,
O que às mãos cobiçosas vaõ negando.

73

Outra coma acodindo mais depressa
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo na agoa, & outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra:
Tal dos mancebos ha que se arremessa,
Vestido assi, & calçado, que c'o a mora
De se despir há medo, que inda tarde,
A matar na agoa o fogo, que nelle arde.

A vergonha da Deosa caçadora. Esta he Diana, que os Gentios fingiaõ Deosa da caça. Da qual fingem, que estandose banhando em huma floresta, chegou Acteon Caçador, & a vio nua: que ella sentio tanto, & ficou tão vergonhosa, que por isso o converteo a elle em Cervo, tão naturalmente que seus proprios cães o comerão: que allegoricamente

mente se entendem, pelo atrevimento, que teve de chegar a ver nua huma Deosa tão respeytada por sua honestidade. E a esta vergonha, que ella então houve de a verem nua, allude aqui o Poeta: para dizer, que algumas daquellas fontes, de quando em quando se hião escondendo por entre as ervas, & bosques, & boninas, de que estavão cercadas, & cubertas.

A matar na agoa o fogo, que nelle arde. Este fogo he o calor, que lhe causava a sede que trazião de beber, & se refrescarem com aguas frescas daquellas fontes: que por entre aquelles bosques hião arcando, correndo, & assaltando para ellas de prazer: que tambem lhe acrecentava mais calor, & mais sede, que trazião, & com que nellas se refrescavão.

74

Qual cão de caçador, sagaz, & ardido,
Usado a tomar na agoa ave ferida,
Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
Para a Garcenha, ou Pata conhecida:
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta na agoa, & da preza naõ duvida,
Nadando vay, & latindo, assi o mancebo
Remete, a que não era irmãa de Febo.

Remete a que naõ era irmã do Phebo. A irmã de Phebo, he Diana, senhora, & Raynha dos Caçadores, & grande caçadora ella per si; pelo que o Poeta aqui diz, que remetterão os Portuguezes com aquellas Nymphas, as quaes não sendo caçadoras, fingião selo, como se diz nos ultimos versos da oytava sessenta & quatro deste canto: & dilo por estes termos, Remete a que não era irmã de Phebo, que remettião áquellas Nymphas, que na realidade não erão o que mostravão, mas fazião aquelle arroido feytiço para serem vistas, & requeridas dos Portuguezes. *Cano ferreo*, he cano da espingarda, que se chama assim por ser de ferro.

75

Leonardo soldado bem desposto
Manhoso cavaleyro, & namorado,
A quem amor não dèra hum sò desgosto,
Mas sempre fora delle maltratado:
E tinha jâ por firme persuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porêm não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.

A quem o amor não dera hum sò desgosto. Os versos que se seguem, declarão este, & quer dizer que o amor não lhe dera hum só desgosto a este soldado, mas muytos, & que sempre fora nesta materia de amar mal afortunado. Esta he a declaração, que a todos contenta, mas amim não me satisfaz, porque como Luis de Camões era muyto lido nas letras humanas, quaes aqui mostra a propriedade do amor, o qual tem os mayores trabalhos, & enfadamentos dà huma certa alegria aos namorados com que os sustenta. Daqui Alciato nos Emblemas 113. concluye o que quiz dizer do amor com estas palavras: *Iucundus labor est lasciva per otia: signum illius est nigro punica glans Clypeo.* O amor diz Alciato he hum trabalho gostoso, o qual se conserva, & acrecenta com o ocio, o seu brazaõ, & armas, he huma romã em campo negro, para mostrar que entre os trabalhos, & perseguições há gosto, & alegria continua, porque a romã he hum pomo muyto fermoso, & gostoso, & isto quer aqui dizer o Poeta, que o amor nunca lhe dera hum só desgosto, sendo delle perseguido, & maltrattado. Porque todos os seus descontos passava com alegria: & ainda que tinha alguns foros amargos, qual he a casca de romã: o interior era muyto gostoso qual he a romã por dentro. E que assim como a romã tem muytos bagos, assim o amor dava muytos gostos. Algumas cousas a este proposito ajunta sobre o Emblema allegado Francisco Sanches das Broças Cathedratico de Rhetorica, & Grego na Universidade de Salamanca, & Claudio Mivio Parisiense, ainda que declara os ultimos versos de Alciato de outra maneyra.

76

Quiz aqui sua ventura, que corria
Apoz Efire, exemplo de belleza.
Que mais caro, que as outras dar queria,
O que deo pera darse à natureza:
Jâ cansado correndo lhe dizia,
O fermosura indina de aspereza,
Pois desta vida te concede a palma,
Espera hum corpo de quem levas a alma.

Apos Ephyre. Ephyre he nome de huma Nympha, que Virgilio faz filha do Oceano, & Tethis.

77

Todas de correr canção, a Ninfa pura,
Rendendose à vontade do inimigo,
Tu só de mi só foges na espessura,
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito jà aquella ventura,
Que em toda parte sempre anda comigo,
O não na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Se to tem dito jà aquella ventura. Isto diz pela pouca ventura, que elle tinha neste negocio de amar como fica dito.

Não

78

NÃõ cances, que me canças, & se queres
Fugirme, porque não possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes,
Ella farà que não possa alcancarte:
Espera, quero ver, se tu quizeres,
Que subtil modo buscas de escaparte,
E notaràs no fim deste successo,
Tra la spica è la man, qual muro è messo.

Trala spica, & la man, qual muro he messo. Alguns tirão daqui este verso, querendoo interpretar fóra do que elle diz Lionardo, querendo mostrar quaõ pouco venturoso era na materia do amor, & como a fortuna lhe era adversa, usou deste verso, que tem bem differente sentido, do que lhe dão, & trala spica, & la man qual muro he messo: entre a espiga, & a fouce, que muro està posto. Como se dissera, que não era possivel ter effeyto seu intento, por quão pouco venturoso era em seus amores. Porque assim como entre a mão, & a espiga, que se quer cegar com a fouce, não há muro, que lo impida: assim se confessa elle tão desdichado em amores: que não esperava meyo algum para alcançar nelles algum favor, que lhe impida não ser cortado com infortunios: como se vé a espiga apertada da mão, & da fouce com que a querem cortar.

79

O Não me fujas, assi nunca o breve
Tempo fuja de tua fermosura,
Que sò com refrear o passo leve
Venceràs da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreve,
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejey, me vay seguindo,
O que tu só farâs não me fugindo?

O que tu sò farás não me fugindo. Realça aqui o poder desta Nympha, que segue dizendo, que não podendo nenhum Emperador, nem exercito por grande, que seja quebrantar a furia da fortuna: só ella não fugindo o poderá fazer, porque desta maneyra a vencerá, pois não pretendia outra cousa, se não enfadálo, & destruilo, & privalo de todos os gostos da vida, os quaes ella lhe podia dar esperãdo.

80

POemste da parte da desdita minha,
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente;
Levasme hum coração, que livre tinha,
Soltamo, & correrâs mais levemente:
Não te carrega essa alma taõ mesquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas, ou depois de preza
Lhe mudaste a ventura, & menos peza.

Que nesses fios de ouro. Os fios de ouro em, que hia atada a alma deste triste namorado erão os cabellos, chamalhe fios de ouro reluzente para encarecimento de sua fermosura.

Ou despois de presa lhe mudaste a ventura, & menos pesa. Tudo isto saõ encarecimentos de sua pouca ventura, & dirà, que sendo sua alma sempre carregada, despois, que fez assento em sua dama, mudou a natureza, & se fez leve de maneyra, que fazia, que sua dama o fosse muyto mais para não poder ser alcançada.

81

NEsta esperança só te vou seguindo,
Que, ou tu não sofreàs o peso della
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudarâs a triste, & dura estrella:
E se se lhe mudar, não vas fugindo,
Que amor te ferirà gentil donzella,
E tu me esperaràs, se amor te fere:
E se me esperas, não ha mais que espere.

82

JA' não fugia a bella Nympha, tanto,
Por se dar cara ao triste, que a seguia,
Como par ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia.
Volvendo o rosto jà sereno, & santo,
Toda banhada em riso, & alegria,
Cayr se deyxa aos pès do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.

83

O Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro, que suava,
Que affagos tão suaves, que ira honesta?
Que em risinhos alegres se tornava.
O que mais passão na manhã, & na sesta
Que Venus com prazeres inflammava,
Melhor he exprimentalo, que julgalo,
Mas julgueo, quem naõ pode exprimentalo.

Continuando o Poeta com sua ficção na descripção, que faz das recreações, & deleytes, que os Portuguezes receberaõ naquella Ilha, com as varias fontes, & varias arvores, & boninas, que hiaõ achando nella: fingem que eraõ varias Nymphas, que lhe apareciaõ, & lhe fugiaõ, para com mayor desejo, & gosto as seguirem, para se recrearem, & refrescarem com suas agoas, & com seus fruytos, & cheyros. Em especial nomea aqui o Poeta a Nympha Efire, & Virgilio diz, que era filha do Oceano,

Oceano,& de Tethys,Deoſes das aguas.Para moſtrar o goſto, & apetite com que eſte Portuguez Leonardo foy ſeguindo alguma freſca fonte, que mais lhe contentou:& deſpois que por hum eſpeſo boſque alcançou em algum remanſo em que ella o aguardou,a finge que lhe cahio aos pés a Nympha,que era a fonte: com cujas aguas ſe eſteve refreſcando,& recreando,& bebendo, & lavandoſe, & burrifandoſe: eſtes ſaõ os famintos beyjos, mimoſo choro afagos ſuaves,& riſinhos alegres,com que o Poeta o ſignifica neſta oytava,que ſaõ figuras mais accommodadas ao que por ellas ſignifica.

84

Deſta arte,em fim,cõformes já as fermoſas
Nymphas,co, os ſeus amados navegãtes
Os ornão de capellas deleytoſas,
De louro,& de ouro,& flores abundantes:
As mãos alvas lhe davaõ como eſpoſas;
Com palavras formaes,& eſtipulantes,
Se prometem eterna companhia,
Em vida,& morte de honra,& alegria.

Com palavras formaes, & eſtipulantes. Entende o contrario matrimonial,que ſe faz entre partes prometendo,& aceytando,que iſto he eſtipulação em direyto, & aſſim palavras eſtipulantes, ſaõ prometimentos aceytados, quaes finge ſe trattavaõ entre as Nymphas, & os Portuguezes: com os quaes quiz ſignificar o Poeta os agradecimentos, que lhe davão pelos goſtos,que com ſuas agoas,& fruytos receberaõ naquella Ilha.

85

Huma dellas mayor,a quem ſe humilha,
Todo o coro das Nymphas,& obedece,
Que dizem ſer de Celo,& Veſta filha,
O que no geſto bello ſe parece:
Enchendo a terra,& o mar de maravilha
O Capitaõ illuſtre,que o merece,
Recebe aly com pompa honeſtá,& regia,
Moſtrandoſe ſenhora grande,& egregia.

Huma dellas mayor. Entende Tethys ſenhora do mar, & ſenhora das Nymphas, a qual como principal, & mayor, que todas as outras, agazalha ao Capitão mór com grande pompa,& aparato,como pertencia a huma taõ grande ſenhora.

86

Que deſpois de lhe ter ditto quem era,
com hũ alto exordio de alta graça ornado
Dandolhe a entender,que aly viera
Por alta influiçaõ do immobil fado;
Para lhe deſcubrir da unida esfera,
Da terra immenſa,& mar naõ navegado,
Os ſegredos por alta profecia,
O que eſta ſua naçaõ ſó merecia.

Que deſpois de lhe ter dito quem era. Moſtra neſta oytava o Poeta o que Tethis diſſe ao Capitão mór, & como era alli vinda por ordem dos Fados, para lhe declarar os ſegredos do mar, & da terra, & o que deſta ſua navegação ſe lhe havia de ſeguir. E porque deſtas couſas havemos de trattar no canto decimo, deſde a oytava 6.largamente, o naõ faço aqui. Immobil fado, quer dizer fado, que ſe naõ muda. Dos Fados ſe veja o que fica notado atrás. Unida eſphera,quer dizer eſphera junta, qual he a do mar, & da terra, porque eſtes dous elementos ambos fazem hum corpo, que couſa ſeja eſphera, fica já dito largamente.

87

To mandoo pella maõ,o leva,& guia
Para o cume dum monte alto,& divino,
No qual huma rica fabrica ſe erguia
De criſtal toda,& de ouro puro,& fino:
A mayor parte aqui paſſaõ do dia
Em doces jogos,& em prazer contino,
Ella nos paços logra ſeus amores,
As outras pellas ſombras,entre as flores.

No qual huma rica fabrica ſe erguia. Eſta fabrica, eraõ os paços de Tethis ſenhora do mar, de que himos fallando, os quaes diz que eraõ de criſtal, & ouro puro, & fino,para moſtrar ſua excellencia, & riqueza, & maravilhoſamente nos pinta aqui eſtes Paços, aſſim pelo ſitio do lugar, que he o monte alto, como pelas partes de que erão fabricados, como criſtal, & ouro fino,pois pela Tethis ſe entende aqui a honra,& virtude,que não faz aſſento noutros lugares, como o Poeta diz abayxo. E nós diſſemos em outra parte deſte meſmo livro.

88

Aſſi a fermoſa,& a forte companhia,
O dia quaſi todo eſtaõ paſſando,
Numa alma,doce,incognita alegria,
Os trabalhos taõ longos compenſando.
Por que dos feytos grandes,da ouſadia,
Forte,& famoſa,o mundo eſtá guardado,
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande,& nome alto,& ſubido:

Porque dos feytos grandes da ouſadia. Como fica dito em algumas partes deſte livro os meyos ordinarios por onde os homens vem a medrar, & a montar muyto ſaõ os trabalhos honroſos. Os

quaes pagaõ muyto bem a quem delles na vida usa, como pelo contrario o ocio desbarata, & destroe tudo. Vejase a nossa annotaçaõ neste mesmo canto, oytava 85.

89

QVe as Ninfas do Occeano tam fermosas
Thetis, & a Ilha angelica pintada,
Outra cousa naõ he, que as deleytosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De Palma, & Louro, a gloria, & maravilha,
Estes sao os deleytes desta Ilha.

Estes saõ os deleytes desta Ilha. Declarava nesta oytava, & nas que se seguem, o que pintou poeticamente acerca desta Ilha, & da fertilidade, & abundancia della habitada de Nymphas tão fermosas, será honra, & premio, que os homens Cavalleyros, & amigos da virtude alcanção. E se o Poeta se naõ alargara em algumas oytavas, em palavras, que pudera escusar o fingimento, este he poetico, & excellente, como saõ todas suas cousas. Por isto se lhe emendaraõ, & declararaõ algumas oytavas deste canto, & com rezaõ, porque nenhuma cousa faz na vida mayor mal, nem prejudica mais à consciencia, que a lição de Autores depravados, & torpes. O que naõ taõ sómente a gente Catholica Christã, mas aos Gentios, que careciaõ de lume de fé, pareceo sempre muyto mal. Donde aquelle grande Satyrico Persio Satyra 1. reprehendendo a dessoluçaõ, & desenfreamento dos Romanos em os vicios, huma das cousas, que lhe mais tacha, he dar audiencia a obras obsenas, & a versos sensuaes nestas palavras.

Hic neque more probo videas, nec voce serena,
Ingentes trepidare Titos cum carmina lumbum:
Intrant, & tenero scalpuntur ubi intima versu.

Vereis, diz Persio estes, que haviaõ de dar exemplo aos outros, deleytarse muyto em ouvir torpezas, o qual queyxume foy de todos os Satyricos antigos, que bem sentiraõ como se póde ver em suas obras.

90

QVe as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Là no estellante Olimpo, a que subia
Sobre as azas inclitas da fama:
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto, & fragoso,
Mas no fim doce, alegre, & deleytoso.

Que as immortalidades que fingia. Os antigos amigos da virtude, & honra, engrandeceraõ tanto nesta vida os homens dados a ella, que lhe chamaraõ heroes, sendo homens de carne como nòs, movidos sómente por seus feytos illustres, & excellentes: dos quaes nomea alguns na oytava seguinte. Olympo estellante, he Ceo estrellado. Do Olympo se veja o que escrevemos no canto primeyro, oytava 17. 20.42. *Sobre as asas inclitas da fama.* Da fama, & como os Poetas a pintaõ com azas, se lea o que dissemos neste mesmo canto, oytava 44. *Pelo trabalho immenso.* O trabalho como fica notado atrâs, he caminho da virtude, pay da boa fama. O grande Pythagoras, compara o caminho da virtude a hum y Grego, para mostrar o bom, & o mao fim dos que nesta vida trattamos, & vivemos: os que entrão pelo estreyto deste y que he por trabalhos, & perigos, no fim vem dar no largo delle, aonde tudo saõ felicidades, & gostos. Pelo contrario os que começão pelo largo, que he dandose â boa vida, & ao ocio em sua mocidade, no fim muytos enfadamentos, & miserias, que he o estreyto do y de isto hâ hum Epigramma nos opusculos de Virgilio, o qual começa: *Littera Pythagora discrimine septabicorni.* O qual os curiosos poderão ler para declaração deste lugar.

91

NAõ eraõ senaõ premios, que reparte
Por feytos immortaes, & soberanos,
O mundo cos varões, que esforço, & arte
Divinos os fizeraõ, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Febo, & Marte,
Eneas, & Quirino, & dous Thebanos,
Ceres, Pallas, & Iuno, com Diana,
Todos foraõ de fraca carne humana.

Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte. Dos nomes destes falsos Deoses dos antigos temos trattado em muytas partes deste livro. Quirino he Romulo primeyro fundador da Cidade de Roma. Chamouse Quirino, ou de quiris, que he a lança entre os Sabinos, da qual Romulo muyto usava, porque era grande Cavalleyro, ou porque fez paz, & conformidade entre os Romanos, & Sabinos, chamado este dos querites, como diz Ovidio no no[...] Fastos naquelles versos.

Sive quod hasta quiris priscis est dicta Sabinis,
Bellicus à telo venit in astra Deus.
Sive suo Regi nomen posuère Quirites,
Seu quia Romanis junxerat ille Cures.

Os quaes versos ficão declarados acima. Os dous Thebanos saõ Hercules, & Baccho, excellentes Capitães, & ambos naturaes de Thebas, Cidade em Boecia, estes tiveraõ os antigos tambem por seus Deoses, como fica notado em muytas partes deste livro.

92

MAs a fama, trombeta de obras tais,
Lhes deu no mundo nomes taõ estranho[...]
D[...]

De Deoses, Semideoses immortais,
Indigetes, Heroicos, & de Magnos:
Por isso, ò vôs, que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertay jà do sono do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

A fama trombeta de obras taes. A fama não consente que obras excellentes sejão encubertas, donde diz o Proverbio: *Fama omnia prodit.* A fama tudo descobre. Da fama se veja a nossa annotação atrás neste canto, oytava 44.

De Deoses semideoses immortaes. Os antigos, como fica trattado no primeyro canto, como era gente cega, & errada no conhecimento do verdadeyro Deos, & Creador, & não acertava na verdade desta materia, dezia mil desvarios nella, & a cada canto levantavão hum Deos. Todos elles, & principalmente os Lacedemonios guardavão com grande observancia hum costume, que tinhaõ por ponto de honra, o qual era fazer grandes sacrificios depois da morte, chamar fallamente Deoses aos que na vida fizerão obras excellentes, & dignas de memoria procurando com suas forças augmentar a republica, & sahir pela honra de sua patria como Hercules, Eneas, Castor, Pollux, & outros de que estaõ cheyos os livros, & a estes chamavaõ *indigetes, quasi indijs agentes*, porque de homens subiaõ aquelle grao. A outros chamavão Magnos, que quer dizer grandes como Jupiter, Minerva, Marte, Mercurio, porque nesta mesma materia se havião aventejados outros. Os semideoses erão homens, que vivião ainda, & por algumas grandes obras lhe davaõ aquelle grande nome, estes se chamavão tambem Heroes, ainda que alguns fazem os Heroes moradores na regiaõ do ar, entre o Ceo, & a terra. De todos estes falsos Deoses, nomes, & valias, entre os antigos, tratta Alexandre ab Alexandro nos seus dias geniaes, liv. 6. c. 4. & Macorbio sobre o sonho de Scipiaõ, liv. 1. cap. 9. Ocio ignavo, quer dizer, ocio desasado, pelo effeyto, que faz nos homens, que se daõ a elle, vejase o que escrevemos neste mesmo canto, oytava 39.

93

E Ponde na cobiça hum freo duro,
E na ambição tambem, que indinamente
Tomais mil vezes, & no torpe, & escuro
Vicio da tyrania, infame, & urgente:
Por que estas horas vans, esse ouro puro,
Verdadeyro valor não dão à gente,
Melhor he merecellos sem os ter,
Que possuillos sem os merecer.

Melhor he merecellos sem os ter. Vay por estas oytavas o Poeta aconselhando aos, que governão as republicas, não sejaõ ambiciosos nem tyrannos, porque destas cousas não se alcaça se não infamia, & deshonra, & que naõ se fiem de honras, officios, & dinheyro, porque estas cousas não daõ valor, & estima á gente, nem por isso he mais honrada se lhe falta virtude, & que he muyto melhor ter hum homem partes porque mereça o ouro, que telo sem o merecer.

94

O U, day na paz as leys iguaes, costantes,
Que aos grãaes não dem o dos pequenos
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a ley dos imigos Sarracenos,
Fareis os Reynos grandes, & possantes,
E todos tereis mais, & nenhum menos,
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.

Que os grandes não dem o dos pequenos. Que he proprio da justiça distributiva, dar a cada hum o que he seu, o que faz bem o Governador, que tem o olho na justiça, & trabalha por comprir com a obrigação de seu cargo.

95

E Fareis claro o Rey, que tanto amaes
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortaes
Vos faraõ, como os vossos ja passados:
Impossibilidades naõ façaes,
Que quẽ quiz sempre pode, & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos:
E nesta Ilha de Venus recebidos.

Que quem quiz sempre pode. Dito comum he, & assàs sabido: *volenti omnia possibilia*, tudo pôde o que quer. Este dito se entende das cousas, que estão na mão do homem, & que pendem da sua vontade, como he ser hum homem letrado, cavalleyro, virtuoso, & honrado, a verdade não tem desculpa o que nestas materias se escusa, com dizer, que não póde, porque vemos homẽs de muyto fracas habilidades sahirem muyto grandes letrados, & outros muyto engenhosos sahirem muyto fracos por não quererem, o que succede tambem nas mais cousas, que apontey.

E nesta Ilha de Venus recebidos. Esta Ilha entẽde aqui o Poeta allegoricamẽte, pela remuneração, & galardão, q̃ não falta aos q̃ nesta vida obrão virtudes esclarecidas. Para os quaes Deos neste mundo, ou no outro tem guardados os bens, & honras, q̃ pelas recreações desta Ilha o Poeta quiz significar. De que fez merecedores, & possuhidores aquelles Portuguezes, q̃ por meyo de tantos trabalhos procuraraõ dar principio a amplificação da nossa Santa Fé, naquellas remotissimas Regiões. Querendo com esta conclusaõ mostrarnos, q̃ as recreações, que em effeyto os Portuguezes receberão nesta Ilha, q̃ elle pinta com ficções Poeticas, saõ os bẽs temporaes, q̃ nesta vida não faltão a quem em obras virtuosas, & grandes se aventaja dos outros, & com os q̃ agora concluye este canto, entende os bens espirituaes.

OS LUSIADAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES.

Commentados pelo Licenciado Manoel Correa.

ARGUMENTO.

As meſas de vivificos manjares
Com as Ninfas os Luſos valeroſos,
Ouvem de ſeus vindouros ſingulares,
Façanhas, em acentos numeroſos:
Moſtralhe Thetis tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodeam luminoſos,
A pequeno volume reduzido,
E torna a frota no tejo tam querido.

CANTO DECIMO.

Neſte Canto ultimo deſcreve o Poeta huma Ilha muyto freſca, à qual levou Venus os Portugueſes. Tratta dos Viſoreys, Governadores, Capitaens, que na India (Cujas partes tambem deſcreve) ſe ouverão valeroſamente.

1

Mas jà o claro amador da Lariſſea
Adultera, inclinava os animaes
Là para o grande Lago, que rodea
Temitiſtão, nos fins Occidentais.
O grande ardor do Sol Favonio enfrea,
C'o ſopro, que nos tanques naturais
Encreſpa a agua ſerena, & deſpertava
Os lirios, & jaſmins, que acalma agrava.

Mas jà o claro amador da Lariſſea. Deſcreve o Poeta o tempo da tarde por hum modo poetico, & elegante, de que os Poetas uſaõ, attribuindo ao Sol carro com cavallos, no qual dá luz à terras.

Amador da Lariſſea adultera. Apollo, o qual nome os antigos entre outros davão ao Sol *Lariſſea adultera.* Coronis, a qual por lhe commetter adulterio, matou Apollo, commo conta Ovidio nas Metamorphoſes liv. 2. Chamouſe Lariſſea, por ſer natural de Lariſſa, Cidade de Theſſalia. *Animaes.* Saõ os cavallos do carro do Sol: os quaes diz que guiava para o Occidente: & dilo por eſtas palavras: Inclinava os animaes là para o grande lago, que rodea.

Temitiſtão

Temitistão nos fins occidentaes. Temitistão he no-
ie da Cidade de Mexio na nova Hespanha: & del-
i se intitula a Provincia toda do mesmo nome.
Teve antiguamente este nome, hoje se chama
Mexico, que quer dizer manadeyro, por ter ao re-
or muytos olhos de agua, & fontes manantiais,
ue fazem hum lago de mais de trinta legoas, que
cerca. Todos os Geographos lhe chamão Temi-
stão: mas a verdadeyra origem desta palavra ti-
ada dos Annaes dos Mexicanos, he chamarse Te-
ostilan. E procedeo daqui, que alguns daquelles
ndios Occidentaes consultarão hũ idolo seu, on-
e queria lhe fizessem hum Templo, o qual res-
pondeo, que em huma lagoa, aonde estivesse hum
unal, que he figura em huma pedra, & hũa Aguea
m cima. Acharão estes sinaes neste lago aonde
oje he o Mexico, & edificarão alli, & chamarão ao
ugar Tenostitan, que quer dizer, figura em pe-
ra, como diz Joseph da Costa na historia das In-
ias, dirigida â Infanta Clara Eugenia. Este he o
ago de, que o Poeta aqui falla, o qual como a res-
peyto nosso he no Occidente, & os Poetas fingem,
que o Sol se recolhe nestas partes a descançar do
trabalho do dia, usa deste termo de fallar, que o
Sol se recolhia no Mexico, por serem do Occi-
dente.

O grande ardor do Sol Favonio enfrea. He Favo-
nio vento Occidental, brando, & amigo da natu-
reza, pelo que os Latinos lhe dão este nome, que
quer dizer favorecedor, pelos effeytos, que na ter-
ra faz. Os Gregos lhe chamão Zephiro, que quer
dizer, dador de vida. Esta he a rezão, porque os
Poetas o fazem casado com Flora Deosa das flo-
res, porque as defende, & desagrava das forças da
calma, como o Poeta aqui diz.

Tanques naturaes. São rios, & mares, porque as
agoas, que tem, naõ saõ emprestadas, mas proprias,
& naturaes, differentes dos tanques feytos per ar-
te, que as agoas, que tem não saõ suas. Assim cha-
mou os mares Virgilio: *Stagna immensa, lacusque.*
Tanques grandes, & lagos.

Encrespa a agua serena. Porque estando quieto, &
sereno o mar no tempo do Estio, & horas da tarde,
o Favonio encrespa as agoas, & parece, que as re-
crea, & desencalma com sua viração.

2

QVãdo as fermosas Nymphas cos amãtes
Pela mão jà conformes, & contentes,
Subiãa para os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas de altos manjares, excellentes,
Lhes tinha aparelhadas que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

Mandados da Raynha. Esta Raynha Thetis se-
nhora do mar, a qual fazia esta festa, & gazalhado
aos Portuguezes.

3

ALly em cadeyras ricas, chrystalynas,
Se assentão dous, & dous, amãte, & dama
Noutras à cabeceyra d'ouro finas,
Està com abella Deosa o claro Gama,
De iguarias suaves, & divinas,
A quem não chega a Egypcia antigua fama,
Se accumulão os pratos de fulvo ouro,
Trazidos là do Atlantico thesouro.

A que não chega à Egypcia fama. Pelos grandes, &
custosos banquetes, que Cleopatra Raynha do
Egypto deu a Marco Antonio.

Trazidos là do Atlantico thesouro. Do monte Atlas
em Africa trattey no canto sexto. E porque em
Africa há muyto ouro, como he notorio, & Atlas,
he em Africa, daqui diz, que os pratos erão de ou-
ro, trazido das minas de Africa, que por thesauro
Athlantico entende. E assim se ha de entender este
lugar geralmente, & não do ouro achado nos
montes Claros de Africa, que he o Atlas. Ainda
que Diogo de Torres na sua historia dos Xarifes
diga, que nestes montes há minas de ouro, mas que
os Reys de Africa não querem, que se bula nellas,
por não ser sua terra por este respeyto molestada,
& desejada de seus inimigos.

Ouro fulvo. Cor fulva, he cor de ouro, & por
isso se chama elle fulvo.

4

OS vinhos doriferos, que acima
Estão naõ sò do Italico falerno,
Mas da Ambrosia, que Iove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno.
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
Crespas escumas erguem, que no interno
Coracão movem subita alegria,
Saltando co a mistura da agua fria.

Os vinhos odoriferos. Tratta nesta oytava dos vi-
nhos que os Portuguezes beberão neste banquete
que Tethys lhe deu, os quaes diz, que faziaõ ven-
tagem, naõ sòmente aos do monte Falerno, mas á
Ambrosia de Jupiter. E isto quer dizer: *estão em
cima*, saõ muyto melhores. Vinhos odoriferos, quer
dizer vinhos de cheyro. Falerno he huma parte em
Campania, com hum monte do mesmo nome, a
qual se chamou antiguamente Minia, como diz
Macrobio nos Saturnaes liv. 14. cap. 16. aonde há
muytas vinhas, que daõ vinhos excellentes, & ce-
lebrados pelos Poetas, como aqui faz o nosso. E
Plinio na historia natural. Ambrosia, como fica
notado no primeyro canto, diziaõ os antigos, que
era o comer dos Deoses, & Nectar o beber. O
Poeta aqui usou de Ambrosia, pelo beber, como
fizeraõ

fizerão outros Poetas, usando destes vocabulos a seu gosto, tomando hum por outro. E não sómente nesta significação de comer, & beber, mas tambem por aguas de cheyro, & burritos. Vejase a nossa annotação no lugar allegado.

Que Iove tanto estima. Jove he Jupiter, diz que estima muyto a Ambrosia, por ser manjar seu. *Vasos onde em vão trabalha a lima.* Entende vasos de vidro, ou de cristal, os quaes se fazem sem ajuda de lima. E assim se deve declarar este lugar, porque o cristal he materia conveniente ao lugar, aonde se este banquete dava, & a quem o dava, que era Tethys Deosa do mar. *Crespas escumas erguem.* O nosso Poeta como entendido em todas as materias, tambem nesta falla a proposito. Porque os vinhos bons quando lhe mesturaõ agua, parece, que se encrespaõ, & fervem.

5

Mil praticas alegres se tocavão,
Risos doces sutis, & argutos dittos,
Que entre hum, & outro manjar se levãtavão
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavaõ,
Quaes no profundo Reyno, os nús espritos
Fizeraõ descançar da eterna pena
Com a voz d' huma angelica Syrena.

Quaes no profundo Reyno os nús espritos, Fizeraõ descançar da eterna pena. Para encarecimento da melodia, & instrumentos de musica, que as Nymphas tinhaõ para festejar os Portuguezes diz, que atè os danados do inferno puderão ter alivio da pena eterna, em que estavão, ouvindo esta musica, tal era a consonancia dos instrumentos, & voz de huma das Nymphas, que cantava, à qual pela excellencia da voz chama Serea. Esta era Tethys, & cantava o que Protheo lhe tinha dito sobre a viagem, & estada dos Portuguezes nas partes da India, o que tudo o Poeta aqui vay relatando. Das Sereas se veja a nossa annotaçaõ no canto 5. oytava 88.

6

Cantava a bella Musa, & c'o os acentos
Que pelos altos paços vaõ soando,
Em consonancia ygual, os instrumentos
Suaves vam a hum tempo conformando,
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando,
As aguas, & nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

Adormecer os brutos animaes. Era tanta a doçura da musica de Tethys, que fazia acalmar os ventos, deter as aguas, & adormecer os animaes em suas covas, & lapas, que saõ as casas, que a natureza lhe deu.

7

Com doce voz està subindo ao Ceo
Altos varões, q̃ estaõ por vir ao mundo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Num globo vaõ, Diaphano, & rotundo:
Que Jupiter em dom lho concedeo,
Em sonhos, & despois no Reyno fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Nympha a clara historia.

Com doce voz està subindo ao Ceo. Reconta o Poeta as cousas, que Tethys cantava em favor dos Portuguezes, ouvidas de Protheo, ao qual Jupiter as tinha dito antes, & mostrado os retrattos daquelles Portuguezes, que nas partes da India haviaõ de fazer cousas dignas de memoria, em huma esphera a modo de huma redoma transparente, aonde Jupiter lhos mostrava. Idéa he palavra Grega, quer dizer retratto. De Protheo se veja a nossa annotaçaõ no canto primeyro, oytava 19. Globo he esphera. Chamalhe vaõ, porque naõ tinha outra cousa se naõ aquelles Cavalleyros. Diaphano por ser transparente, & rotundo por ser redondo. Nympha, he Tethys, a qual diz o Poeta, que cantava diante dos Portuguezes as cousas que Protheo delles lhe havia dito. Do qual fingimento toma occasiaõ para trattar das cousas, que na India fizeraõ. Reyno fundo, he o mar, aonde Protheo habitava.

8

Materia he de Cothurno, & não de Sóco
A que a Nympha aprendeu no immẽso
Qual Iopas não soube, ou Demodico
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui minha Calliope te invoco,
Neste trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do que escrevo, & em vão pertende
O gosto de escrever, que vou perdendo.

Materia he de Cothurno, & não de Soco. Cothurno he calçado de homem, como o nosso borzeguim, trajo que usavaõ os senhores antigamente, & de que à sua imitaçaõ se calçavaõ os que representavaõ as tragedias, nas quaes propriamente se trattaõ cousas de importancia, & tocantes a Principes, & Senhores grandes, daqui Cothurno se toma por estillo alto, & subido. Soco he propriamente chapim, calçado de molheres, & porque nas Comedias se tratta de brigas, arroydos, & embrulhadas, de molheres, & de suas gritas, daqui se toma soco pela Comedia, & pelo estilo bayxo, qual he o que nas Comedias se tratta, como o toma aqui o Poeta.

Qual Iopas não soube, ou Demodoco. Yopas foy hum grande musico em Africa, & tangedor excellente. Demodoco outro, da Ilha dos Pheaces, que he a

que

que hoje chamamos Corfu , & outros Coreyra. Desta Ilha foy Rey Alcinoo,o qual como diz Homero na Odissea,que por ordem dos Latinos he o livro oytavo, aportando Ulysses a sua Ilha depois de ter passados grandes trabalhos o agazalhou, & em hum banquete,que lhe deu cantou Demodoco, como no que Elisa Dido deu a Eneas cantou Yopas. Assim que hum musico destes foy muyto afamado entre os Pheaces, & outro em Carthago, & diz aqui o Poeta para encarecimento da musica, & estancias, que Tethys cantava, que nunca Demodoco, nem Yopas virão semelhante letra.

Aqui minha Calliope, te invoco. Torna a invocar a Musa Calliope , como costumão os Poetas heroicos fazer pelo meyo de suas obras, todas as vezes, que entrão em nova materia, & difficultosa. Trabalho extremo chama o Poeta a este ultimo canto , ao qual dá este nome por razão da materia, que nelle ha de trattar.

9

VÃo os annos decendo,& jâ do estio
Hà pouco que passar até o outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual jâ não me jacto,nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento,& eterno sono:
Mas tu me dâ que cumpra,ô grão Rainha
Das Musas,c'o o que quero à naçaõ minha.

Vão os annos decendo. Entre os Varões doutos houve varias divisões das idades.Os Medicos as dividirão em quatro partes , conforme aos quatro tempos do anno,tendo tambem respeyto aos quatro intemperamentos do corpo humano. Hippocrates nos aphorismos em puericia , adolescencia, & velhice. Aonde Galleno seu commentador, & outros lhe acrecentão mais duas idades , a juventus , & a decrepita: pelas quaes dizem, que passou Hippocrates como cousa sabida. A puericia he atè os quatorze , dos quatorze até os vinte & cinco a adolescencia, de vinte & cinco atè trinta & cinco juventus , de trinta & cinco até os quareuta & oyto, cincoenta a consistencia, dos cincoenta até os sessenta a prima senectus , do sessenta por diante he a decrepita. Outros (que he a conta que hoje usamos (a dividem em sete partes infancia atè os sete annos, puericia até os quatorze, adolescencia até vinte & cinco,juventus atè os quarenta,consistencia até os cincoenta , prima senectus até os sessenta , & dahi por diante a decrepita até o fim da vida. Esta idade he conforme aos Astronomos,os quaes a dividirão em sete partes,conforme aos sete planetas do Ceo, aos quaes dizem estar sogeytas as idades,como a infancia â Lua,puericia a Mercurio adolescencia a Venus, a iuventud ao Sol, constancia a Marte,a prima senectus a Jupiter, a decrepita a Saturno. Outros a dividem de outra maneyra. Tambem Luis de Camões a divide em quatro partes neste lugar , conforme aos quatro tempos do anno , primeyra idade do verão he até os vinte & cinco , a segunda , que se compara ao estio até os cincoenta , à qual chamão consistencia , porque nella está hum homem em suas forças, a do outono,que he atè os setenta , na qual idade se colhe jà o fruyto da vida , & a do inverno , que he a que chamamos decrepita. O Poeta viase em idade de quarenta annos , & mais , & não muyto favorecido dos Principes, merecendoo elle tanto, cansado das armas , & enfadado com as letras , pelo que tinha necessidade de favor , para conseguir sua empresa,& por isso invoca a Musa Calliope, que lhe dè novas forças,& ajuda. Rio do esquecimento he o Letheo, como fica dito no canto primeyro, oytava 32.Os desgostos, & pouco favor o rebotavão, & fazião esquecer do que havia de dizer, como se fora morto. Raynha das Musas he Calliope, & como a tal invocão sempre os Poetas heroicos. Das Musas se veja a nossa annotação no primeyro canto,oytava 4.

10

CAntava a bella Deosa,que virião
Do tejo,pelo mar que o Gama abrira,
Armadas,que as ribeyras vencerião,
Por donde o Oceano Indico suspira:
E que os Gentios Reys,que não darião
A cerviz sua ao jugo,o ferro,& ira
Provarião do braço duro,& forte,
Atè renderse a elle,ou logo à morte.

Cantava a bella Deosa. O que Tethys cantava he, que irião do Tejo , que saõ as partes do Occidente, por onde o Tejo corre , pelo mar por onde o Gama fizera a primeyra viagem para as partes da India, armadas, que a conquistarião , o que entende por aquellas palavras. Por onde o Oceano Indico suspira , por onde o mar da India passa. E diz suspira pelo som , que as aguas fazem. Esta ida dos Portuguezes á India , muyto tempo antes estava denunciada pela Sibylla , segundo a opinião de alguns. E assim no anno de mil, quinhentos & cinco , seis annos depois do descobrimento da India,havendo treze,que reynava o felicissimo Rey Dom Manoel , aos nove dias do mez de Agosto na serra de Cintra ao longo do mar forão achadas tres columnas de pedra quadradas,com letreyros Romanos, ainda que duas se não poderão ler, por estar a letra gastada do tempo , & huma tinha huns versos Latinos , os quaes se lerão com trabalho, com hum titulo,que dizia:

Sibill. vaticinium occidijs decretum.

Prophecia de Sibilla , feyta para os moradores do Occidente eraõ os seguintes:

Volventur

Volventur ſaxa, literis, & ordine rectis
Cum videas Oriens Occidentis opes:
Ganges, Indus, Tagus (erit mirabile viſu)
Merces commutabit ſuas uterque ſibi.

Os verſos não eſtão muyto certos, & a cauſa he, porque ſe não poderão ler melhor, & alguns ficàrão por eſcrever, por ſe não poder ler a letra. A declaração he: Revolverſeaõ as pedras com as letras direytas, & em ordem, quando tu Oriente vires as riquezas do Occidente: o rio Ganges, Indo, & Tejo (ſerá couſa maravilhoſa) trocarão entre ſi ſuas mercadorias. Querem alguns, que eſtes verſos forão achados poucos dias antes, que Paulo Coelho chegaſſe a Cintra, como diz Caſtanheda: ſaõ muyto celebrados em Italia, & outras partes, aonde há gente, que ſe preza de ſaber: & em Portugal, a quem toca a honra deſta antiguidade, poucos há que tenhão noticia della. Affirmando Petro Appiano Mathematico, no ſeu livro, aõde tratta dos letreyros antigos da Europa, logo no principio, que elle vio as columnas com ſeus olhos, & leo os verſos, de que fazemos menção, eſcritos em caracteres Romanos. E com tudo iſto há Portuguezes, que movidos pelo ditto, não ſey de que Italiano, fazem pouco caſo deſta antigualha, & a tem por mentira: dizendo, que foy invenção do Senhor daquella terra, aonde ſe as columnas acharão. Dito, quanto a mim, que ſe poderá eſcuſar. Nem há homem tão ocioſo, nem os moradores da ſerra de Cintra ſaõ tam eſtudioſos, que podeſſem fazer couſa ſemelhante.

II

Cantava de hum, que tẽ nos Malabares
Do ſummo Sacerdocio a dignidade,
Que ſó por não quebrar c'os ſigulares
Barões, os nós que dera de amizade:
Sofrera ſuas cidades, & lugares,
Com ferro, incendios, ira, & crueldade
Ver deſtruyr do Samorim potente;
Que taes odios terá co, a nova gente:

Cantava de hum. Os Reys de Cochim, que he dezanove legoas de Calecut forão muyto amigos dos Portuguezes: o que foy cauſa de o Samorim Rey de Calecut ajuntar grande exercito, & entrar em Cochim, & deſtruhilo. Eſte Rey de Cochim de que o Poeta aqui falla, chamavaſe Triumpara. Diz, que tinha do ſummo Sacerdocio a dignidade, pelo coſtume daquella terra, que nenhum Rey pode ſubir a dignidade real ſem primeyro ſer Bramene, que he o nome dos Sacerdotes entre elles; & feyto Rey, fica ſumo Sacerdote, como diz Joaõ de Barros liv. 9, 1. Decad. c. 3.

21

E Canta como lá ſe embarcaria
Em Belem o remedio deſte dano,
Sem ſaber o que em ſy ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Luſitano:
O peſo ſentirão, quando entraria
O curvo lenho, em o fervido Oceano,
Quando mais na agua os troncos, que gemerem,
Contra ſua natureza ſe meterem.

E cánta como lá ſe embarcaria, em Belem, &c. A caſa de Noſſa Senhora de Belem, que hoje conhecemos por hum dos ſumptuoſos Templos, & excellentes Edificios do mundo, foy primeyro huma pobre Hermida, que o Infante Dom Henrique mandou fazer no principio deſtes deſcobrimentos, para os que houveſſem de navegar, & tomando a Virgem Noſſa Senhora por ſua ajudadora, & defenſora, intitulou eſta caſa de ſeu nome: na qual eſtavão ſómente quatro, ou cinco Religioſos da Ordem de Chriſto, de que elle era adminiſtrador, para ſacramentar aos navegantes, & lhe dizer Miſſa, ſe por cauſa do tempo ſe detiveſſem ali alguns dias. El-Rey Dom Manoel a ennobreceo depois, & a poz no eſtado, em que agora eſtá, depois que vio Vaſco da Gama em Portugal com boas novas do intento, que pretendia, que era o deſcobrimento da India. E porque o Infante Dom Henrique tinha dado eſta Hermida aos Religioſos de Chriſto com as terras, & propriedades adjacentes, dotadas ao Convento de Tomar, cabeça da dita Ordem. El-Rey Dom Manoel deu por autoridade Apoſtolica ao dito Convento á Conceyção de Lisboa, que havia tomado aos Judeos, que fora caſa de ſua Synagoga. E como eſta caſa de Noſſa Senhora de Belem eſtá ſita no lugar chamado antigamente Reſtello, donde partem todas as armadas para fóra. Diz aqui o Poeta, que em Belem ſe aparelhava o remedio contra o dano, que o Samorim havia feyto a El-Rey de Cochim, queymandolhe a terra, & lançandoo fóra della. O remedio foy o grande Duarte Pacheco Pereyra, o qual foy por Capitão de huma nao da conſerva de tres, que o grande Affonço de Albuquerque levava, & de que hia por Capitão mór.

Pacheco Achilles Luſitano. Foy Achilles hum Cavalleyro Grego muyto celebrado; em cujo louvor fez Homero a ſua Iliada, aſſim como Virgilio a Eneida em louvor de Eneas. E porque Duarte Pacheco foy muyto esforçado Cavalleyro; lhe chama aqui o Poeta Achilles Luſitano.

O peſo ſentirão, quando entraria. He encarecimento grande do valor, & Cavallaria de Duarte Pacheco, & mais Portuguezes, cujas forças, & valentia ſentirão logo os Malabares em ſe os Portuguezes embarcando, & o mar furioſo lhe conhecem ſuperioridade, vendo o peſo deſta gente fazer h[illegible]

s naos ao fundo, tanto contra vontade das agoas, natureza do pao, que he estar fóra da agoa.

13

M As já chegado aos fins Orientais
E deyxado em ajuda do Gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado, & curvo rio.
Desbaratarà os Nayres infernais
No passo Cambalão, tornando frio
D'espanto o ardor immenso do Oriente,
Que verà tanto obrar tam pouca gente.

Mas já chegado. Chegado Duarte Pacheco na onserva do grande Affonço de Albuquerque a ochim, de conselho de seu irmão Francisco de lbuquerque, que hia na mesma armada por Capio de outras tres naos, ficou em Cochim com hua nao, & duas caravelas, com noventa homens, guma artelharia, & munições, para defensaõ, & uda d'El-Rey de Cochim, contra o qual era cerhir o Samorim de Calecut cõ grande exercito. om esta pouca gente desbaratou Duarte Pacheo Samorim com muytos Reys, que o acompanarão nesta guerra, fazendo nelles grande estra, como se poderá ver em João de Barros na prieyra Decada liv. 4. do c. 5. até 7. aonde se relatão das as vitorias, que Duarte Pacheco houve cona El-Rey de Calecut. He Cochim huma Cidade Malabar dezanove legoas de Calecut, para a nda do Sul: está em nove graos da parte do Nor, situada ao longo de hum rio, o qual se mete no ar, com que a Cidade fica em Ilha, & muyto for, que não se póde entrar por certos passos: tem om porto, o qual se faz na foz deste rio, ao qual ama aqui o Poeta salgado, porque entra no mar.

Desbaratarà os Nayres infernais. Nayres he gente obre de Calecut, que sempre anda com o Rey, o servẽ em todas as guerras, & necessidades. Vese a nossa annotação no canto setimo.

No passo Cambalaõ. He Cambalo huma pequena ha junto a Cochim, na qual estava hum senhor imigo do Rey de Cochim, pela qual dava entraao Samorim contra elle, mas não lhe succedeo omo cuydàraõ, porque forão desbaratados tres zes, por Duarte Pacheco, sem lhe valer infinide de gente por mar, & terra.

14

C Hamarà o Samorim mais gente nova;
Virão Reys de Bipur, & de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão prometendo a seu senhor:
Farà que todo o Nayre em fim se mova,
Que entre Calecùt jaz, & Cananor,
D'ambas as leys imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pella terra.

Virão Reys de Bipur, & de Tanor. Bipur, & Tanor saõ lugares na costa do Malavar.

Das serras de Narsinga. El-Rey de Narsinga tem na costa do Malabar muytos portos: como Baticala, Bracelor, Mangalor, & Bacanor. Vejase Castanheda liv. 2. c. 1. aonde tratta largamente de Narsinga. Vejase tambem a nossa annotação no canto setimo, oytava 21. Tem Narsinga ao longo do mar muytas povoações, & ao longo de grandes montes, & serras, donde acudio muyta gente em favor do Samorim, como de Repelim, Curlor, Cotogam, & outros muytos lugares, que nomea Castanheda.

D'ambas as leys imigas. As leys duas inimigas da nossa, saõ a dos Gentios, & a dos Mouros, as quaes nacões ambas se ajuntàraõ por mar, & terra contra os nossos, como diz aqui o Poeta.

15

E Todos outra vez desbaratando,
Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado
A grande multidão que hira matando,
A todo o Malabar terà admirado:
Commeterà outra vez não dilatando
O Gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vaõ aos Deoses vãos, surdos, & immotos.

E todos outra vez desbaratando. Duarte Pacheco desbaratou sete vezes ao Samorim no passo Cambalão: a primeyra foy hum Domingo de Ramos a dezoyto de Abril de mil quinhentos & quatro. A segunda logo à sesta feyra seguinte. A terceyra dia de Paschoa de Flores. A quarta terça feyra seguinte, que foy a segunda oytava, as demais successivamente por aquelles dias seguintes, porque o não deyxavão descançar, o que era peyor para elles, que lhe destruhia as povoações. *Injuriando os seus* Isto diz, porque o Samorim trattava mal de palavra aos seus, lançandolhes em rosto o esforço dos Portuguezes, como conta Castanheda.

16

J A' não defenderà sòmente os passos,
Mas queymarlheha lugares, templos, casas
Aceso de ira o Cão, não vendo lassos,
Aquelles, que as cidades fazem razas:
Farà, que os seus de vida pouco escassos
Cometão o Pacheco, que tem asas,
Por dous passos num tempo, mas voando,
D'hum noutro, tudo irà desbaratando

Mas queymarlhe hà lugares. Não se contentava Duarte

Duarte Pacheco com ſe defender d'El-Rey de Calecut, mas o dia, que entendia não haver combate entrava pela terra dos inimigos, & deſtruhialhe as povoações. *Por dous paſſos.* Eſte combate foy em dia de Paſchoa, no qual cuydou o Samorim prender Duarte Pacheco, & iſto mandando ſetenta Paraos ſobre a ſua nao, para que occupado niſto, & indo acudir à nao ſe deſcuydaſſe do paſſo. Eſtes Paraos forão por hum eſteyro de mar ſem ſer viſtos de Duarte Pacheco, pelo qual eſteyro podera o Samorim entrar com menos reſiſtencia, mas não o fazia, porque havião por injuria entrar por outro paſſo, ſe não pelo de Cambalão, que Duarte Pacheco lhe defendia. Mas Duarte Pacheco deu tal manha, que acudio a huma, & outra parte com muyta diligencia, como diz aqui o Poeta, & desbaratou o Samorim.

17

Virà alli o Samorym, porque em peſſoa
Veja a batalha, e os ſeus esforce, e anime
Mas hum tiro, que com zonido voa
De ſangue, o tingirà no andor ſublime.
Jà não verà remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muyto eſtime,
Inventarà trayções, & vãos venenos,
Mas ſempre, o Ceo querendo, farà menos.

Virà o Samorim. Em hum dos combates, que foy à terça feyra ſegunda oytava da Paſchoa ſe achou preſente o Samorim, o qual os atiçava, & fazia pelejar, animandoos, & fazendolhes grandes promeſſas. Fizerão neſte combate os Portuguezes maravilhas, matarão muyta gente, & meterão no fundo vinte & dous Paraos. *Mas hum tiro.* Indo El Rey de Calecut deſeſperado fugindo ao longo de hum palmar, defronte das Caravelas. Pedro Raphael Capitão de huma, lhe mandou atirar com huma bombarda, que lhe matou treze, & hum delles tão perto d'El-Rey, que o ſalpicou com o ſangue. Pelo que El-Rey ſe baqueou do andor com grande medo, como refere Caſtanheda liv. 1. c. 75. *Inventarà traições.* Iſto, diz, porque quando o Samorim ſe deſenganou, que não podia fazer mal aos Portuguezes por força, & armas, determinou fazelo por manha, peytando alguns Nayres, que os mataſſem, lançandolhe peçonha no comer, & beber, & fez outras invenções diabolicas, que refere Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 7. cap. 6.

18

Que tornarà a vez ſettima cantava,
Pelejar c'o invicto, & forte Luſo,
A que nenhum trabalho peja, & agrava,
Mas com tudo eſte ſò o farà confuſo.
Trarà para a batalha horrenda, & brava,
Machinas de madeyros fora de uſo,
Para lhe abalroar as caravelas;
Que atè ly vãolhe fora cometelas.

Mas com tudo eſte ſò o farà confuſo. De todos os combates, que El-Rey de Calecut deu aos noſſos nenhum os confundio mais, que eſte, a que o noſſo Poeta chama o ſetimo, como a Tethys cantava. Fizerão oyto caſtellos de madeyra muyto alteroſos ſobre Paraos, & com muyta gente, & artelharia, que foy invenção de hum Mouro pratico, & engenhoſo, que ſe havia achado em muytas partes, por nome Cogealé. Eſta invenção foy para aferrar as naos caravelas, diante dos quaes hião grandes ballas de fogo ardendo ao pé de cento & de[z] Paraos cheyos de gente, & artelharia, & muyto[s] delles encadeados. E detrás deſta maquina cem Cattures pela meſma ordem, & oytenta Tones d[e] coxia larga, com muyta gente de peleja, & tiros. E por guarda deſta matinada os oyto caſtellos, tud[o] iſto venceo, & deſtruhio Duarte Pacheco, com [a] ajuda de Deos, em dia da Aſcenção de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto do dito anno. Os curioſos lea[m] eſtas couſas mais largamente em João de Barros liv. 7. cap. 7. & 8. & Caſtanheda liv. 1. cap. 66. até 9[8]

19

Pela agua levarà ſerras de fogo
Para abrazarlhe quanta armada tenha[,]
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farà ſer vã a braveza com que venha.
Nenhum claro varão no Marcio jogo,
Que nas aſas da fama ſe ſoſtenha,
Chega a eſte, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illuſtre Grecia, ou Roma.

Pela agoa levarà ſerras de fogo. Eſtas ſaõ as ball[as] de fogo de que o Poeta falla na oytava paſſad[a]. Jogo Marcio, he jogo de Marte, que ſaõ brigas, & guerras, como fica dito.

Chega a eſte. Eſte he o grande Duarte Pachec[o] de que vay fallando neſtas oytavas:

20

Porque tantas batalhas ſuſtentadas
Cam muyto pouco mais de cem ſoldados,
Com tantas manhas, & artes inventadas,
Tantos cães não imbelles profligados.
Ou parecerão fabulas ſonhadas,
Ou que os celeſtes coros invocados
Decerão a ajudalo, & lhe darão
Esforço, força, ardil, & coração.

Tantos cães não imbelles profligados. Chama a[os] Malavares cães, & com muyta razão. Não imbelles, quer dizer esforçados, & valentes, porque como hoje ſabemos por experiencia pelejão co[m]

muyt

muyto animo. Profligagos,quer dizer vencidos,& destruhidos.

21

AQuelle,que nos campos Marathonios
O grão poder de Dario destrue,& rende
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Termopilas defende:
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
Que com todo o poder Tusco contende
Em defensa da ponte,ou Quinto Fabio
Foy como este na guerra forte,& sabio.

Aquelle,que nos campos Marathonios. Este he Melciades valerosissimo Capitão dos Athenienses , o qual desbaratou nos campos Marathonios da região Attica de Grecia a Date Capitão de Dario Rey dos Persas, & lhe matou , como diz Valerio Maximo,liv.6.trezentos mil homens, & como dizem outros trezentos & seis mil,o qual Date com hum poderosissimo exercito destruhia ,& saqueava toda Grecia,como conta Herodoto, & Fulvio Lucino no seu livro dos Elogios dos Varões illustres logo no principio , aonde tratta muytas proezas deste Melciades.

Ou quem com quatro mil Lacedemonios. Em Macedonia região de Grecia està hum monte por nome Oeta muyto alto,o qual faz hum passo muyto estreyto , & trabalhoso aos que caminhão ao longo da praya para a Cidade Locros. Pelo que assim pela estreyteza do lugar , que entre os Gregos se chama Pyla,como por huns banhos de agua quente , que naquelle lugar estão , se chama Thermopyla,palavra cõposta de thermæ,thermarum,q̃ saõ os banhos , & Pylæ as estreytezas , & apertos de qualquer cousa. Hoje se chama este lugar de alguns terremoto,de outros boca de lobo,pela aspereza do passo,como se póde ver em Ortelio na sua Synonimia Geographica na palavra Thermopyla. Este passo defendeo Leonidas Rey de Lacedemonia,de hum grandissimo exercito de Xerxes Rey dos Persas, que levava mais de quinhentos mil homens,sómente com quatro mil Lacedemonios, como diz Justino.Este Leonidas foy o primeyro que disse hum dito tão celebrado, & que muytos lhe furtarão: *Malo cervorum agmen duce Leone,quam Leonum agmen duce cervo.* Mais quero hum exercito de cervos com hum Capitão Lião,que hum exercito de Liões com hum Capitão Cervo.

Nem o mancebo Cocles dos Ausonios, Que com todo o poder Tusco contende. Ausonia se chama Italia, entre outros muytos nomes, de hum Ausonio,que a governou. O mancebo Cocles de que aqui falla o Poeta, foy hum Horacio Cocles , o qual o anno, que os Romanos se isentarão dos Reys pela tyrannia,& maldade de Tarquino,veyo em favor de Tarquino Porsena Rey dos Thoscanos,o qual estando com todo o exercito para passar a ponte do rio Tybre, que passa por Roma, a qual era de madeyra,este mancebo deu grandes vozes,& brados aos Romanos , que hiaõ fogindo, que lhe acudissem,& ajudassem a derribar a ponte,dos quaes não vierão mais , que dous homens nobres , hum por nome Espurio Lucrecio, & outro Tito Heminio. Estando a ponte quasi derribada fez Horacio com seus companheyros, que se passassem , & se pusessem em salvo , ficando elle só. E depois que seus companheyros estiverão em lugar seguro , deu Horacio com a ponte no rio , lançandose nelle, o qual passou a nado,tirandolhe os inimigos muytos dardos,settas,& pedras,mas elle sahio salvo. Os da Cidade agradecidos de hum tão grande beneficio lhe fizerão grandes honras , & lhe levantarão huma estatua em memoria de tão grande feyto. O que tudo conta Titolivio na segunda Decada liv. 2.cap.3. Poder Tusco, he o poder de Porsena Rey de Toscana, a que os Latinos chamão Tuscia.

Ou Quinto Fabio. Este foy Quinto Fabio Maximo Dictador,o qual como conta Titolivio na terceyra Decada liv.2. c. 5.6. & 7. sem dar batalha a Annibal o trazia afslado , & morto , cansandoo , & detendoo com ardis , & cautelas , com a qual invenção o destruhio. Donde diz Propercio nas elegias: *victricesque moras Fabij*,as tardanças vencedoras de Fabio. Todos estes tão nomeados Capitães diz o Poeta,que se não haõ de comparar com este nosso Duarte Pacheco Pereyra.

22

MAs neste passo a Nympha o som canoro
Abaxando,fez rouco,& entristicido
Cantando em baxa voz emvolta em choro
O grande esforço mal agradecido.
O Belizario (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido,
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte.

Belizario disse,que no coro, &c. Este Belizario foy Capitão de Justiniano Emperador , cujos feytos conta Pedro Mexia na sua historia imperial , logo no primeyro capitulo. Faz o Poeta aqui memoria delle,para mostrar a pouca constancia dos homens, & a pouca fé,& lealdade,que tem,a quem os serve, & acompanha em suas necessidades , & morre por seu serviço, como foy este Belizario, o qual conquistou Africa em pouco mais de quatro mezes. Houve grandes vittorias em a Persia , & em Italia, & pagoulhe Justiniano com o prender , & desterrar.O que succedeo tambem ao nosso Duarte Pacheco , que havendo pouco tempo , que El-Rey Dom Manoel o levàra comsigo debayxo de hum palleo, em huma procissaõ da Sè atè S.Domingos, aonde se pregou publicamente o que fizera contra El-Rey de Calecut, dahi a poucos dias por enveja , & mexericos de alguns privados seus o mandou trazer da Mina,aonde estava por Capitão,pre-

so em ferros,com os quaes esteve muyto tempo na cadea, até se saber as culpas, que lhe punhão ser dellas falsas, & dellas taes, que em hum tão excellente Capitão não tinhaõ lugar. E depois de soito viveo em summa pobreza, & nella acabou, como conta Damião de Goes na primeyra parte da Chronica d'El-Rey Dom Manoel. O mesmo aconteceo ao grande Capitão Melciades, Themistocles, Viriato, & outros cem mil, de que os livros estão cheyos. Apenas houve grande Capitão, que não désse grande queda, isto não he culpa dos Reys, mas contrapeso do mundo,& ordem,que elle tem em gratificar os beneficios recebidos, paraque se escarmentem os homens,& olhem o que fazem.

23

A Qui tens companheyro assi nos feytos
Como no galardão injusto,& duro:
Em ti,& nelle veremos altos peytos,
A bayxo estado,humilde,& escuro.
Morrer nos hospitaes em pobres leytos
Os que ao Rey,& âley servem de muro;
Isto fazem os Reys,cuja vontade
Manda mais,que a justiça,& que a verdade

Morrer nos hospitaes em pobres leytos. Isto diz porque Belizario morreo desterrado fóra da graça do seu Rey, a que elle tinha servido tambem, & da mesma maneyra Duarte Pacheco. O qual dizem que veyo a dar em tanta pobreza depois de sua prizão, que adoecendo, foy necessario levalo ao hospital, aonde morreo miseravelmente, o que tem acontecido a outros muytos excellentes Varões de que os lidos nas historias sabem.

24

I Sto fazem os Reys,quando embibidos
Numa aparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiace merecidos
A lingua vã de Vlysses fraudulenta.
Mas vingome,que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apersenta,
Se não os dão a sabios Cavalleyros,
Dão os logo a auarentos linsongeyros.

Dão os premios de Ajace merecidos. Contaõ as fabulas,& nisto gasta Ovidio o livro 13.de suas transformações, que morto Achilles em Troya, como suas armas erão de muyta estima,que houve grande contenda entre dous Cavalleyros Gregos, sobre quem as havia de levar, & por derradeyro as levou Ulysses, por ter melhor linguagem, & ser mais brando nas palavras, & mais eloquente, & entremetido, que Aiax, porque Aiax tudo fazia âs punhadas, & Ulysses com a lingua, a qual foy causa, que os Gregos vencidos com sua rethorica lhe déssem as armas,& Aiax,que as merecia ficasse sem ellas. O que acontece hoje em dia, que se dão os premios, que outros merecem, a gente inutil, & que não presta para cousa alguma, ficando sem elles os que os merecem. *Mas vingome.* He o que diz Seneca: *Non potuit Deus magis concupita traducere, quàm ea immerentibus tradendo.* Não póde Deos dar mayor final do pouco preço das cousas,que os homens desejão, que entregalas a quem as não merece, que parece se quiz vingar dellas em as dar a gente indigna.

25

M As tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo,ó Rey nisto só inico
Se não es para darlhe honroso estado,
He elle para darte hum Reyno rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos rayos,eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre,& claro,
E tu nisto culpado por avaro.

O Rey nisto só iniquo. Parece notar bem a El-Rey de Avaro nesta parte: ainda que parece mais ser fruyta do mundo, o qual costuma sempre pagar deste modo,aos que o servem com tanta fidelidade.

Rayos Apollineos. São Rayos do Sol, de Apollo, que he o Sol.

26

M As eys outro,cantava,intitulado
Vem com nome real,& traz comsigo
O filho,que no mar serà illustrado
Tanto,como qualquer Romano antigo.
Ambos darão com braço forte,armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal,& humano,
Deytado fora o perfido tiranno.

Mas eys outros. Sabendo El-Rey Dom Manoel como os Reys de Cochim,Coulão, & Cananor estavão certos na amizade dos nossos, & vendo o que até alli lhe acontecera,determinou mandar huma grossa armada à India, parte para ficar nella de assento,& fazer fortalezas,aonde as naos déssem,& tomassem carga a fim de favorecer os Reys nossos amigos, & acudir a algumas necessidades da terra, & parte para tornar ao Reyno com carga. Foy por Capitão mór desta armada Dom Francisco de Almeyda, filho de Dom Pedro de Almeyda, Conde de Abrantes, com novo titulo de Viso Rey,para o qual nome levava gente, & fausto competente,como nas Chronicas se conta. Sahio Dom Francisco de Almeyda do porto de Belem a vinte & cinco de Março,de mil & quinhentos & cinco, levando comsigo hum filho por nome Dom Lourenço de Almeyda, o qual fez na India cousas notaveis,como se póde ver em Joaõ de Barros, Decada 1.liv.8.cap.3.

A Quiloa fertil aspero castigo. He Quiloa huma Cidade na costa de Melinde, cercada toda de mar, que a faz Ilha, tem muytas palmas, arvores de espinho, & hortaliças, como as de Hespanha: galinhas, pôbas, rolas, gado grosso, & miudo, & outras muytas aves, de que noz nestas partes não temos noticia. O mantimento da gente he milho, & arroz: as aguas não saõ boas, porque saõ de poços de terra alagadiça, por estar a Cidade situada ao longo do mar. As casas saõ de pedra, & cal com seus eyrados, & quintaes, com muytas arvores de fruyto, assim para tresquidão, como para proveyto. A descripçāo desta costa, a que os Persas, & Arabios chamão Panguebar, poem Joaõ de Barros na primeyra Decada. Vespera de Santiago do dito anno sahio Dom Francisco em terra, & não achando resistencia na Cidade se empossou della, & a mandou saquear, & fazer Rey della hum Mahamed Ancony amigo nosso, & desapossou hum tyranno, que a governava chamado Mirhabremo.

17

Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas, & edificios,
Co, o ferro, & fogo seu queymada, & fea,
Em pago dos passados maleficios.
Despois na costa da India andando chea
De lenhos inimigos, & artificios,
Contra os Lusos, com velas, & com remos,
O mancebo Lourenço farà estremos.

Tambem faraõ Mombaça. Depois que Dom Francisco de Almeyda proveo o necessario na Cidade de Quiloa, partiose para Mombaça a nove dias de Agosto, á qual chegou a treze do mesmo, & não querendo os Mouros obedecer ao recado do Capitão mór, mas usar de sua má inclinação, & costume contra os nossos, soltando palavras injuriosas, & pilouros de bombardas, que tinhão em hum baluarte novamente feyto, entrarão os nossos, & lhe queymarão, & saquearaõ a Cidade, não perdoando a cousa, que encontrassem. Esta Cidade de Mombaça está na mesma costa, metida dentro da terra firme, rodeada com outro estreyto de agua, a modo da Cidade de Quiloa, que terà como quatro leguas de redondo. He grande, & forte, tem bons Edificios de pedra, & cal, com muytos eyrados, & torres, com que fica muyto fermosa à vista, & temerosa, para os que a houverem de commeter. Tem Rey proprio. He lugar de muyto tratto, & abundancia de tudo o necessario para a vida, & juntamente de muyto boas aguas. Aqui tiverão os Portuguezes sempre roim gazalhado, pelo que diz aqui o Poeta, que Dom Francisco de Almeyda a destruhio, em pago dos maleficios passados. E com fogo seu, porque com hum tiro nosso se lhe acendeo fogo na sua polvora, que foy causa de largarem logo o baluarte, donde começou o seu disbarate.

Depois na costa da India. Dom Lourenço de Almeyda houve huma vittoria muyto grande contra o Samorim a vinte & seis de Março de 1506. Deuse esta batalha defronte de Cananor. Tinha a armada d'El-Rey de Calecut 208. velas a saber 84. naos grossas, & 124. Paraos, em que hião muytos Mouros, & Nayres de peleja sem conto. Os nossos não tinhaõ mais que onze velas, com oytocentos homens, com as quaes destruhirão toda esta armada, que levava muyta, & muy boa artelharia.

28

Das grandes Naos do Samorim potente
Que encherão todo o mar, cõ a ferrea pela
Que sae como trovão do cobre ardente,
Farà pedaços leme, masto, & vela.
Despois lançando arpeos ousadamente
Na Capitania imiga, dentro nella
Saltando, a farà sò com lança, & espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

Depois lançando arpeos ousadamente. Isto diz porque Dom Lourenço abalroou com duas naos a Capitania, & sotto Capitania, & não deyxou nellas homem vivo, como diz aqui o Poeta, & Castanheda liv.2.cap.827.

29

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella sò sabe o bem de que se serve
Oporà onde esforço, nem providencia
Poderà aver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, & resistencia
O mar todo com fogo, & ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saya
As armadas de Egypto, & de Cambaya.

Mas de Deos a escondida providencia. Vendo o Samorim o grande dano, & perda, que dos nossos recebia, & que não era poderoso para lhe resistir, mandou hum Embayxador Maymane Matar, por nome, Religioso de sua seyta, & homem que entre elles era tido por Santo, ao Soltão do Egypto, & outro a Cambaya pedir soccorro contra os Portuguezes, pondolhe diante o grande mal, que era estarem Portuguezes naquellas partes, & quanto lhe importava a todos lançalos fóra dellas. O Soltão mandou hum Cavalleyro por nome Mirhocem por Capitão de doze velas. Seis galiões, & seis galés, com ordem, que se fosse ver com Melique Az senhor de Diu, & que de seu conselho tomassem acordo sobre este lançamento dos Portuguezes fóra da India. Ajuntaraõse ambos, & sahirão em busca da nossa armada, Mirhocem com as velas acima ditas, & Melique Az com quarenta fustas, estando Dom Lourenço em Chaul, bem fóra de lhe parecer o que succedeo, que era haver esta

armada contra elle: porque avisado por seu pay Dom Francisco, & outras pessoas, nunca o quiz crer, por não haver pessoa, que com os olhos tivesse vista a armada, nem o pay o escrevia por cousa certa. Foy morto no rio de Chaul por hum desastre, que lhe aconteceo; que foy irselhe a nao ao fundo, & naõ poder por nenhum modo dar á vela. Pelo que foy entrada dos Mouros, & morto elle, & cativos alguns Portuguezes, com morte, & destruição de muytos Mouros. He Chaul huma Cidade no Reyno Adecão, a que corruptamente chamamos Daquem, situada por dentro da costa, ém hum rio de bom porto, distante da barra por espaço de duas leguas, he de muyto tratto, & o primeyro porto deste Reyno, o qual confina com Cambaya, & està da Cidade de Diu distancia de cincoenta legoas. Neste rio estava Dom Lourenço de Almeyda com a mais armada Portugueza, quando Mirhocem, & Melique Az o committerão, & aqui se embaraçou a nao em huma estacada, que estava posta pelos da terra, & por esta causa, & por fazer muyta agua, se perdeo Dom Lourenço, como fica dito.

As armadas do Egypto, & de Cambaya. Isto diz porque Mirhocem Capitão do Soltaõ do Egypto, & Melique Az senhor de Diu, que está no Reyno de Cambaya, & Capitaõ mór de El-Rey de Cambaya foraõ causa da perda de Dom Lourenço.

30

Ly o poder de muytos inimigos,
Que o grande esforço sò com força rende
Os ventos, que faltarão, & os perigos
Do mar, que sobejarão tudo o offende:
Aqui resurjão todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende;
Outro Sceva verão, que espedaçado
Naõ sabe ser rendido, nem domado.

Outro Sceva verão. Este foy Cassio Sceva Capitaõ de huma companhia de Cesar, o qual em huma batalha, que Pompeyo teve com Cesar em hum lugar junto à Cidade Durazzo na Macedonia; estando Cassio á porta da Villa, & sendo commettido por muytos inimigos, tendo já hum olho quebrado, & mal ferido em huma coxa, & hombro, & o escudo espedaçado, com muytas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render, como conta Suetonio na vida de Cesar liv. 2. & Appiano nas guerras civis. Compara o nosso Poeta aqui a Dom Lourenço de Almeyda a esta Sceva, o qual depois, que no rio de Chaul, naõ podendo sahir por se lhe ir a nao ao fundo, & lhe faltar o vento, & o entreter tambem huma estacada, que no dito rio havia, tendolhe huma bombarda levado huma coxa, naõ consentio, que os seus o tirassem da nao, antes mandou, que o encostassem ao perpao junto do masto do meyo assentado, para q̃ dalli já que não podia com obra, com palavra ajudasse aos seus soldados: ao qual estando assim veyo outra bombarda, que o acabou de matar, levandolhe todas as costas da parte direyta. Nem he para passar, o que hum Portuguez natural do Porto por nome André Fernandes grumete fez este dia, que sendo entrada a nao do Capitaõ mór, elle só na gavea se defendeo dous dias & meyo, sem o poderem entrar. Até que Melique Az vendo a valentia deste homem, mandou lhe naõ atirassem, & fazendolhe grandes promessas, & juramento de segurança da vida, se entregou, como conta João de Barros na segunda Decada liv. 2. cap. 8.

31

Om huma coxa fora que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passara,
Se serve ainda dos animosos braços,
E do graõ coração, que lhe ficàra:
Ate que outro pilouro quebra os laços
Com que co' a alma o corpo se liara.
Ella solta voou da prisaõ fora,
Onde subito se acha vencedora.

Onde subito se acha vencedora. Porque entrou nos ceos, aonde recebeo o premio de seu martyrio.

32

Ayte alma em paz da guerra turbulẽt[a]
Na qual tu merecèste paz serena,
Que ao corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança jà lhe ordena.
Que eu ouço retumbar a grão tromenta,
Que vem já dar a dura, & terna pena.
De esperas, basiliscos, & trabucos,
A Cambaycos crueys, & Mamelucos.

Quem o gerou. Este era Dom Francisco de Al[-]meyda filho de Dom Pedro de Almeyda, de qu[e] himos fallando, o qual tinha determinado castiga[r] a morte de seu filho, como fez.

A Cambaycos crueys, & Mamelucos. Cambayco[s] saõ os moradores do Reyno de Cambaya, aond[e] està a nossa fortaleza de Diu, da qual era senho[r] naquelle tempo Melique Az Capitaõ mór da ar[-]mada d'El-Rey de Cambaya. Mamelucos, Jani[-]zeros, & Rumes, saõ Turcos filhos de Christãos os quaes o Turco cria de pequenos, & delles se ser[-]ve para sua guarda, & milicia. Destes havia muy[-]tos nesta armada dos inimigos, como contaõ o[s] nossos historiadores.

33

Ys vem o pay com animo estupendo,
Trazendo furia, & magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe està movendo
Fogo no coração, agua nos olhos.

A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue farà dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: sentiloha o Nilo,
Podeloha o Indo ver, & o Gange ouvilo.

Eys vem o pay. Este era o Viso-Rey Dom Francisco de Almeyda, o qual depois da morte de seu filho, logo se fez prestes para a vingar. E depois de ter provido tudo o necessario, assim das naos, que haviaõ de vir com carga para o Reyno, como da guarda da costa: partio de Cochim a doze de Dezembro, de mil, quinhentos & oyto, com huma armada de dezanove velas, que podia levar mil & quinhentos Portuguezes, fóra alguns Malavares, & gente de serviço, com a qual destruhio a armada do Sultão, de que era Capitão mór Mirhocem, & a de Melique Az, & a d'El-Rey de Calecut.

Sentiloha o Nilo. Porque a gente, que morreo nesta batalha era do Cayro, & de outras partes do Egypto por onde o rio Nilo passa.

Podeloha o Indo ver, & o Gange ouvilo. Esta batalha foy em Diu, Cidade de Cambaya, por donde passa o rio Indo, por onde diz, que o poderá ouvir o rio Ganges, porque os Malavares, que não esperarão o fim da batalha, irião com a nova a El-Rey de Calecut, por onde o rio Ganges passa.

34

Qual o touro cioso, que se ensaya
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco de hum carvalho, ou alta faya,
E o ar ferindo as forças esprimenta.
Tal antes, que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxandolhe a tumida ousadia.

Cidade de Dabul. Era neste tempo, que Dom Francisco chegou a Dabul, huma das melhores povoações daquellas partes, assim pelo sitio, como pelo tratto dos mercadores, que a ella concorriaõ de differentes partes. Era do Sabayo senhor de Goa, por cuja ordem havia nella seis mil homens de peleja, com repayros, & baluartes de artelharia: Tinha edificios nobres, & casas de muyto aparato situada ao longo de hum rio muyto fermoso, largo, & navegavel, distante da barra por espaço de duas legoas. Neste lugar diz o Poeta, que deu o Viso Rey fio à sua espada, porque entrou à força de armas, saqueandoa, & queymandoa, sem ficar cousa em pè, nem pessoa viva.

Abayxandolhe a tumida ousadia. Isto diz, porque estavão os de Dabul tam confiados na gente, que tinhão, que mandou o Capitão da terra apregoar sob pena de morte, que ninguem se sahisse da Cidade, nem tirasse fato della, & elle para mais assegurar a gente da terra, trouxe sua molher de huma quinta, que tinha, a qual tambem morreo na volta.

Seyo de Cambaya. He a enseada de que escrevemos adiante, oytava. 106.

35

E Logo entrando fero na enseada
De Diu illustre em cercos, & batalhas
Fará espalhar a fraca, & grande armada
De calecut, que remos tem por malhas.
A de Melique az acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas
Fará ir ver o frio, & fundo assento,
Secreto leyto do humido elemento.

A de Melique az acautelada. Isto diz porque Melique az sempre andava com cautelas, & malicias. Foy este Melique az em o principio de sua vida cattivo de hum mercador, no qual tempo se chamava sómente az. Este mercador o deu em presente com outras cousas a Mahamud Rey de Cambaya, o qual pelo sentir bom servidor, & amigo fiel de suas cousas, álem da liberdade, lhe mandou, que se chamasse dalli por diante Melique Yaz, o qual nome, he como entre nós Dom, dandolhe este appellido pelo honrar, & álem destas cousas lhe deu tambem a povoação de Diu. Esta he a razão, porque Melique Yaz era senhor de Diu. A nao deste era muyto alterosa, & grande, pelo que não se podendo abalroar foy metida no fundo com artelharia, como aqui diz o Poeta. De Diu, & de seus cercos se veja a nossa annotação no canto segundo oytava. 50.

36

MAs a de Mirhocem, que abalroando
A furia esperarà dos vingadores,
Verà braços, & pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar de seus senhores.
Rayos de fogo irão representando
No cego ardor os bravos domadores.
Quanto aly sentirão olhos, & ouvidos,
He fumo, ferro, flammas, & alaridos.

No cego ardor os bravos domadores. Chama aos Portuguezes bravos domadores, pela braveza, & furia, com que acommettião os inimigos: os quaes naõ se atrevendo esperalos, se lançavaõ a nado, por fugir de sua furia.

37

MAs ah! que desta prospera vittoria,
Com que despois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarà a famosa gloria
Hum successo que triste, & negro vejo.

O

O cabo tormentorio, que a memoria
C'o os ossos guardarà, não terà pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tirarão toda a India, & Egyto.

O cabo tormentorio. Neste cabo de Boa Esperança, em hum lugar chamado a aguada do Saldanha, mataraõ os Cafres barbaros daquella triste terra ao VisoRey Dom Francisco de Almeyda com a melhor gente, que consigo trazia, vindo para Portugal, que foy huma das mais lastimosas desventuras, que tem acontecido nesta viagem, desde o tempo, que os Portuguezes navegaõ estes mares.

Que não tiraraõ toda a India, & Egypto. Porque não foy todo o poder da India, & Egypto poderoso para o destruir, antes elle os desbaratou, & destruio a todos, como atrás fica dito, & o Poeta vay recontando.

38

ALy Cafres salvagens poderão,
O que destros imigos não poderão;
E rudos paos tostados sós farão,
O que arcos, & pelouros não fizeraõ:
Occulto os juizos de Deos são
As gentes vans, que naõ os entenderão:
Chamãolhe fado mao, fortuna escura,
Sendo so providencia de Deos pura.

Chamaõlhe fado mao. Os antigos como não acertavão no caminho de sua salvação, punhão todas as cousas em mão de Fados, a que por outro nome chamavão Parcas: quando tinhaõ bom successo, era bom Fado, & quando mao, era mao fado. Inventarão tambem outra fabula, a qual era fazer outra Deosa, a que chamavão fortuna, não caindo na conta, que não se bolle huma palha, sem vontade de Deos, & que todas as cousas se governão por sua particular providencia, como temos os Christãos por fé certissima. Vejase a nossa annotação sobre a Fortuna no canto primeyro, oytava. 44. & dos Fados no mesmo canto, oytava 24.

39

MAs ó que luz tamanha, que abrir sinto
Dizia a Nympha, & avoz alevantava
Là no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo, de Oja, & Brava
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Serà seu nome, em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, & prayas, que se chamão
De são Lourenço, & em todo o Sul se afamão.

Das Cidades de Lamo, Oja, & Brava. Lamo, Oja, & Brava, saõ Cidades na costa de Melinde, chamada por outro nome costa de Moçambique, por estarem estes lugares nella pouco distantes hum do outro.

Pelo Cunha. Este foy Tristão da Cunha, o qual foy por Capitão mór á India com quatorze velas, na qual conserva hia o grande Affonço de Albuquerque no anno de 1506. Este destruio as ditas tres Cidades da costa de Melinde, como se póde ver em Joaõ de Barros na segunda Decada, liv. 1. cap. 3.

As Ilhas do Austro. São Ilhas, que caem ao Sul, porque Austro he hum vento, que sopra daquellas partes. Nesta paragem descobrio Tristão da Cunha humas Ilhas, que hoje em dia se chamão de seu nome. Entrou tambem na Ilha de S. Lourenço, como aqui diz o Poeta, & fez muytas cousas nestas partes, que se pódem ver na segunda Decada de Joaõ de Barros, liv. 1. cap. 1. que por evitar prolixidade não ponho aqui.

40

ESta luz he do fogo, & das luzentes
Armas, cõ q̃ Albuquerque irà amãsando
De Ormuz os Parscos, por seu mal valentes,
Que recusaõ o jugo honroso, & brando.
Aly verão as settas estridentes
Reciporcarse, a ponta no ar virando,
Contra quem as tirou, que Deos pelejá
Por quem estende a fè da madre Igreja.

De Ormuz os Parseos. Sobre este lugar se veja a nossa annotação no segundo canto.

As settas reciprocarse. Porque as settas, que os Mouros tirávão, tornavão para traz, & matavão os mesmos Mouros.

41

ALy de sal os montes naõ defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praya, & mar se estendem
De Gerum, de Mascate, & Calayate.
Atè que à força sò de braço aprendem
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
Obrigação de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.

Alli de sal os montes não defendem. Em Ormuz pelas paredes das casas hà gesso. O sal està em huma serra, que se chama de Gil Lobato, o qual he em tanta quantidade, que se faz delle o lastro para as naos.

De Gerum, de Mascate, & Calayate. São lugares, que estão de Socotorá para Ormuz. Gerúm he Ormuz. Vejase o que escrevemos no segundo canto, oytava 49.

Das perlas de Barem tributo rico. Barem he huma Ilha de Ormuz, onde se pesca aljofar, a que aqui o Poeta chama tributo rico.

42

QVe gloriosas palmas tecer vejo,
Com que vittoria a fronte lhe coroa,
uando sem sombra vãa de medo;ou pejo
oma a ilha illustrissima de Goa?
espois obedecendo ao duro ensejo,
deyxa,& occasião espera boa,
om que a torne a tomar;que esforço,& arte
encerão a fortuna,& o proprio Marte.

Toma a Illa illustrissima de Goa. De Goa, do seu
io, & tomada, & tudo o que pertence para en-
ndimento desta oytava, se veja o que escreve-
os no canto segundo, oytava 51.

43

E Ys jà sobre ella torna,& vay rompendo
Por muros,fogo,lanças,& pelouros,
brindo com a espada o espesso,& horrendo
squadrão de Gentios,& de Mouros.
ão soldados inclitos fazendo
ais que liões famelicos,& touros,
a luz,que sempre celebrada,& dina
erà da Egypcia santa Catherina.

Serà da Egypcia Santa Catherina. Isto diz,porque
oa foy tomada a ultima vez da qual ficou em
oder dos Portuguezes até hoje, em dia da bem-
enturada Santa Catherina, á qual chama Egy-
cia, porque foy natural de Alexandria Cidade
o Egypto.

44

N Em tu menos fugir poderàs deste,
Posto que rica,& posto que assentada
â no gremio da Aurora onde nasceste,
pulenta Malaca nomeada.
s setas venenosas,que fizeste,
s crises com que jâ te vejo armada,
alayos namorados Iaos valentes,
odos farâs ao Luso obedientes.

Opulenta Malaca. Malaca rica. Chamalhe assim
elo muyto ouro, que a ella vem de varias partes
or comercio. Do sitio de Malaca, & sua tomada
elos nossos trattey no segundo canto.

Os crises. São armas,de que usaõ os Malayos com
s cabos muyto galantes, ao modo de traçados, &
cados assim como os nossos leques,& servem en-
e elles como entre nós as adagas. Malayos saõ
aturaes da Ilha Malaca. Chamalhe namorados,
orque diz que o saõ elles muyto. Jaos valentes,
ó gentes de Jaoa, que vieraõ em soccorro a Ma-
ca contra os Portuguezes.

45

M Ais estanças cantarà esta Syrena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque
Mas lembroulhe huma ira,que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque.
O grande Capitão,que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque
Mais ha de ser hum brando companheyro
Para os seus,que juiz cruel,& inteyro

Mais estanças. Esta Syrena he Tethys senhora
do mar,que hia declarando aos Portuguezes o que
lhe havia de succeder nas partes da India, & não
proseguio os louvores de Affonço de Albuquer-
que por huma crueldade, que usou contra hum
soldado seu por nome Ruy Dias natural de Alen-
quer, o qual mandou enforcar por lhe entrar de
noyte na sua camara com huma escrava sua, que
cativára em Goa, como conta Castanheda, liv. 3.
cap.29.

Que com trabalhos. Nenhuma cousa boa se alcan-
ça na vida sem trabalhos:elles dão honra. Vejase o
que escrevemos no canto nono,oytava 39.

46

M As tem tempo que fomes,& asperezas
Doenças,frechas,& trouões ardentes
A sazão,& o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes.
Parece de selvaticas brutezas,
De peytos inhumanos,& insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade,& amor desculpa.

Que a fraca humanidade, & amor desculpa. Ne-
nhum pecado continuado tem desculpa, antes
merece muyto grande pena hum tão grande atre-
vimento, como este, que commetteo este soldado
ocioso, que foy entrar na casa do seu Capitão
mòr, & nella trattar com huma escrava sua. Pelo
que o nosso Poeta não devia nesta parte mostrar-
se tão rigoroso contra hum tão honrado, & Pon-
tual Capitão, & que tudo fazia tambem feyto an-
tes lhe houvera de parecer mal huma tão desen-
volta,& desenfreada maneyra de proceder em casa
aonde devia ter differente respeyto, & em tempo,
que melhor contado fora andar com o sentido em
Deos,que em sensualidades,& desenvolturas.

47

N Am serà a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura;
Nem menos adulterio deshonesto,
Mas com huma escrava vil,lasciva,escura.

Se

Se o peyto ou de cioso, ou de modesto
Ou de vsado a crueza fera, & dura,
C'o os seus huma ira insana não refrea.
Poem na fama alva noda negra, & fea.

Abominoso incesto. Este dito de Luis de Camões he de alguns homens, que desculpaõ seus vicios, & os tem por nada, vendo que se commettem outros mayores. Não se póde negar haver vicios torpissimos, & muyto mayores que outros, & dignos de castigo extraordinario. Nem por isso os que commettem os menores ficão disculpados, como este soldado aqui, o qual ainda que não commetteo nenhum dos vicios de que o Poeta aqui tratta, não deyxou de merecer o castigo, que o Capitão mór lhe deu por sua soltura, & desconcerto, como fica ditto. Incesto he peccado commettido com aquella, com que he prohibido casar: como mãy, irmã, filha, parenta muyto chegada, ou virgem consagrada a Deos. Chamase este vicio entre os Latinos *incestum*, quasi *incastum*, por ser contra o primor da castidade. Outros o dirivão do Grego, & dizem, que cesto era huma certa cinta, que as donzellas trazião, a qual seu primeyro esposo lhe tirava o dia de seu recebimento. Este attribuião a Venus, do qual usava sómente nos matrimonio licitos, para attrahir algum a amor. Daqui tudo o que era contra esta obrigação chamavão os Latinos *incesto.* Estupro he propriamente peccado commettido com molher donzella. Adulterio com molher casada.

48

Vio Alexandre a Apelles namorado
Da sua Cãpaspe, & deulha alegremente
Não sendo seu soldado exprimentado,
Nem vendose em hum cerco duro, & vrgente.
Sintio Cyro que andava já abrazado
Araspas de Panthea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, & promettia,
Que nenhum mao desejo o venceria.

Vio Alexandre Apelles namorado. Conta Plinio, que mandando Alexandre Magno retrattar huma molher por nome Campaspe a Apelles seu pintor, se afleyçoou tanto Apelles á Campaspe, que o veyo a sentir Alexandre. O qual não sómente, o não castigou por isso, ainda que elle tinha particular affeyção a Campaspe, mas lha deu por molher.

Sentio Cyro, que andava já abrazado. Entrando Cyro Rey dos Persas por Assiria á força de armas entre outras cousas, que houve do arrayal dos Assirios, foy huma molher casada com Abradaras Rey dos Susos, grande cavalleyro, & da parcialidade dos Assirios. Esta molher se chamava Panthea, como aqui a nomea o Poeta. Como Cyro andava em guerra, & de tantos, & tão asperos inimigos, não quiz ver a Panthea, por se não embaraçar com ella, porque lhe dizião que era muyto fermosa. Araspas que se havia criado de moço com Cyro, vendo o que usava com Panthea, & que se não fiava de si mesmo: pelo que não na via, lançando grandes barbatas, disse, que bem fóra estava o amor de poder mais que elle, & que se espantava muyto de Cyro ser para tão pouco, Cyro lhe entregou logo aquella molher para a ter em sua guarda. O qual se deu tal manha neste negocio, que se perdera por amor de Panthea, se Cyro o não remedeara: porque não sómente lhe perdoou a culpa, mas se servio delle em hum negocio de importancia, como diz aqui o Poeta, & refere Xenophonte na Pedia de Cyro.

49

Mas vendo o illustre Persa, que vencid[o]
Fora de amor, q̃ em fim não tem defens[a]
Levemente o perdoa, & foy servido
Deste num caso grande em recompensa.
Por força, de Iudita foy marido
O ferreo Balduino, mas dispensa
Carlos pay della posto em cousas grandes,
Que viva, & povoador seja de Frandes.

Por força de Iuditta. Este Baldovino povoado[r] da terra de Flandes, em tempo de Carlos segund[o] Emperador dos Romanos, foy muyto esforçad[o] cavalleyro, o que lhe deu atrevimento a furtar hu[]ma filha do dito Emperador, por nome Juditta. O Emperador sentio muyto esta afronta, mas di[s]simuloua, & passou por ella, por Baldovino ser ho[]mem de grande prudencia, & cavallaria: & não sómente dissimulou, mas deulhe a terra de Flandes, que naquelle tempo era deserta, & muyto di[f]ferente do que agora he, a qual elle aproveytou, & povoou, como refere a Chronica do mundo.

50

Mas proseguindo a Nympha o lõgo cãt[o]
De Soares cantava, que as bandeyras
Faria tremolar, & pòr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeyras.
Medina abominavel teme tanto,
Quanto Meca, & Gidà cõ as derradeyras
Prayas de Abassia: Barborà se teme
Do mal de que o Emporio Zeyla geme.

Mas proseguindo a Nympha. No anno de 15[] houve El-Rey Dom Manoel por seu serviço, qu[e] Affonço de Albuquerque se viesse para este Rey[]no pelo que mandou á India, com huma frotta d[e] treze naos, para ficar por Governador, a Lop[o] Soares de Albergaria. Este partio a sette de Abr[il] do dito anno, & a dous de Setembro do mesm[o] surgio na barra de Goa, estando Affonço de Al[]buquerqu[e]

buquerque em Ormuz. O qual partido para Goa, para se embarcar, & vir para o Reyno, morreo na sua barra hum Domingo antemanhã dezasseis de Dezembro de 1515.

Pelas roxas Arabicas ribeyras. Partio Lopo Soares de Goa para o estreyto do mar roxo na entrada de Fevereyro de 1517. com huma armada de trinta & seis velas, em que levava 3000. Portuguezes, com os quaes meteo em grande temor, & confusaõ todos os moradores daquellas partes, a que chama roxas Arabicas ribeyras, por aquelle mar estar na costa de Arabia, & mar Roxo.

Medina abominavel. Medina he hum pequeno lugar, que està do porto de Liumbo da costa de Arabia entre Gida, & Toro pelo sertão dentro como dous dias, de caminho. Não hà em este lugar senão huns Mouros tidos entre elles por Santos, com as unhas alfenadas, os quaes se mantem de esmolas, que lhe vem do Cayro, & de outras partes. Neste lugar estão os ossos do pestifero, & maldito Mafamede, em huma sepultura no meyo da casa, cercada de grades de ferro: Posto que Diogo do Couto Chronista da India tem averiguado, que não ha em meyo mais, que huns banhos, em que os Mouros romeyros se vão lavar, cuydando que assim ficão limpos de seus peccados. De Gida, & Meca se veja a nossa annotação no canto nono, aonde trattàmos largamente destas materias.

Prayas de Abassia. Para declaração deste lugar he necessario trattar alguma cousa do sitio do estreyto do mar roxo, para o qual se ha de notar, que este mar se divide em tres faxas, ou cintas: a do meyo, que entesta com a garganta do estreyto, a que commummente chamão portas por, entrar o mar por ellas, he mar limpo, & que se navega de dia, & noyte, & terá de largo trinta leguas. As outras duas faxas, que estão de huma, & outra banda das portas, he mar aparcellado, com muytas restingas, & bayxos, pelo que se não navega de noyte. As portas deste estreyto, a que chamão os moradores Babel Mandem, he hum passo estreyto como de Lisboa a Almada, posto entre Arabia, & Africa. Da banda de Arabia està o cabo Possidonio, do qual à outra fronteyra de Africa haverá distancia de seis leguas, no qual espaço estão sete Ilhas tão pegadas humas com outras, que vistas de longe dos que navegão, cuydão não haver alli mar, até que chegaõ muyto perto dellas. As seis estão junto á terra de Africa, & huma á de Arabia, a qual os Mouros chamão Mehum, atravessada na boca do estreyto, por entre a qual, & terra firme navegaõ as naos para differentes partes. Na costa de Arabia estão estes lugares: Camarão, Geza, Zidem, Gidá, Liumbo, Toro, do qual até o monte Sinay, aonde està o corpo da Bemaventurada Santa Catherina pelo sertão dentro haverá dezoyto legoas: & Suez, que he o ultimo lugar daquella costa. Hà outros alguns lugares, mas de muyto pouco nome. Os lugares da costa de Africa, começando da parte aonde caye Suez, saõ estes: Corondolo, Alcocer, Cuaquem, Macua, Arquiquo, que he do Preste Joaõ, Barbora, & Zeila, que estarà cinco leguas do estreyto. Chama a Zeila Emporio, por ser terra de muyto tratto, que isto he emporio na lingua Grega. He muyto bem arruada, & tem boas casas de pedra, & cal. Os moradores saõ Mouros, & pela mayor parte negros, mas trattaõse bem, & andaõ a cavallo. Deste lugar, & de Barbora, por serem muyto abundantes, vaõ muytos mantimentos aos lugares do estreyto do mar roxo. Diz aqui o Poeta, que Barbora se teme do mal, de que ainda Zeila geme, porque Ruy Galvaõ Capitão de hum navio queymou vinte naos, que estavão no porto, & logo no anno seguinte fez Antonio de Saldanha o mesmo em Barbora.

51

A Nobre ilha tambem da Taprobana,
Jà pelo nome antigo tam famosa,
Quanto agora soberba, & soberana
Pela cortiça calida cheyrosa.
Della darâ tributo à Lusitana
Bandeyra, quando excelsa, & golriosa
Vencendo se erguerà na torre erguida,
Em Columbo, dos proprios tão temida.

A nobre Ilha Taprobana. Taprobana he a Ilha de Ceylaõ sugeyta aos Reys de Portugal, como disse atrás no 1. Canto. Chamaõlhe os moradores Gelenaruz, que quer dizer terra viçosa, por ser a mais, que há na India. Os moradores saõ Gentios, ainda que nas partes do mar vivem alguns moradores Mouros, mas sugeytos ao Rey da terra, o qual he Gentio. Andavaõ entaõ todos nús da cinta para cima, & trazem as orelhas furadas de modo, que a pelle chega aos hombros, & nos dedos muytos aneis. Por esta terra ser muyto rica, & abundante de todas as cousas, se vaõ muytas gentes de outras partes a viver nella. Os matos saõ de larangeyras, & limoeyros, & de outras muytas arvores de fruyta da terra. De Bengala lhe vem mel, açucar, & manteyga, que naõ há na terra, & assim arroz de outras partes. Hâ nesta Ilha a melhor canela do mundo, & nace pelos matos em humas arvores, como louros: há tambem grandes elephantes, & muytos. O Governador Lopo Soares entrou nesta Ilha por força de armas no mez de Novembro de 1518. & fez nella fortaleza, & o Rey tributario, por naõ querer paz com os nossos por conselho dos Mouros de Calecut. Os moradores desta Ilha fallaõ a lingua do Malavar, & Charamandel. Alguns quizeraõ que Taprobana fosse Samatra, mas enganaõse, como tratta largamente Joaõ de Barros na 3. Decada liv. 2. cap. 2. Gaspar Barreyros no trattado de Ophyr, Masseo na sua historia, aonde diz que o vulgo dos Geographos lhe chama Samatra. A descripçaõ desta Ilha, & suas antiguidades conta bem Diogo do Couto na Decada 6. *Em Columbo.*

Columbo he hum lugar pequeno, mas o principal porto da Ilha de Ceylaõ. Os Reys da terra residem distancia de huma legua deste porto em hum lugar chamado Cotta. Neste porto Columbo fizeraõ os nossos â fortaleza por força de armas, como conta Joaõ de Barros na 3. Decada.

52

TAmbem Siqueyra, as ondas Erythreas
Dividindo abrirà novo caminho,
Para ti grande imperio, que te arreas
De seres de Candace, & Sabà ninho:
Maçuá com cisternas d'agua cheas
Vera, & o porto Arquico aly vizinho,
E fara descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.

Tambem Siqueyra. Este he Diogo Lopes de Siqueyra, que succedeo na governança da India a Lopo Soares de Albergaria. Partio de Lisboa a 27. de Março de 1518. Chegou a Goa a oyto de Setembro do mesmo anno. Depois de ter feytas algumas cousas necessarias para quietação da India se partio para o estreyto, como tinha por ordem, & provizão d'El-Rey Dom Manoel, a treze de Fevereyro de 1520. com huma frota de vinte & quatro vellas, em que levava até mil & oytocentos Portuguezes. E entrou pelas portas do estreyto a 17. de Março do dito anno. E porque a tenção d'El-Rey Dom Manoel era principalmente destruir os Rumes, que tinha por nova certa hirem áquelle estreyto para fazer fortaleza nelle, & tomar posse da terra: & segundariamente por levar hum Embayxador do Preste Joao, por nome Mattheus, que veyo a este Reyno com Embayxada d'El-Rey Dom Manoel, & saberem principalmente das cousas daquelle Principe, que El-Rey tanto procurava. Diz aqui, que Diogo Lopes nas ondas Erythreas, que saõ no estreyto do mar roxo, abriria caminho para o grande Imperio, que se arrea de ser morada de Candace, & Sabà, que he o grande imperio do Preste Joaõ na alta Ethiopia, na qual terra foraõ Raynhas Candace, & Sabá taõ nomeadas, & sabidas pela Escrittura Sagrada.

Macua com cisternas de agua chea. Por toda aquella costa do mar roxo, assim de Arabia, como de Africa há muyta falta de agua, por haver muyto poucos rios, & nenhuma fonte, pelo que a agua, que hâ de poços, he muyto roim. Quanto a Macuá, de que aqui falla o Poeta, & nós fallámos atrás he huma Ilha na costa de Africa. E conta Castanheda, que neste lugar achou Diogo Lopes de Siqueyra quarenta & nove cisternas fechadas, reservadas para o tempo da necessidade, & a muyto bom recado, por ser terra que tem mais falta de agoa, que de outra alguma cousa. O mesmo diz Joaõ de Barros na terceyra Decada liv. 3. cap. 10. aonde tratta do sitio desta Ilha, & outras particularidades suas.

53

VIra despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa que cà terá provado,
Castigarà de Ormuz soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem, tu Gama, em pago do desterro
Em que estâs, & serâs inda tornado,
C'os titulos de Conde, & honras nobres.
Viràs mandar a terra, que descobres.

Virà depois Menezes. Este foy Dom Duarte de Menezes filho herdeyro de Dom Joaõ de Menezes Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. Joaõ, & Capitão de Tangere em Africa, & Mordomo mór, que fora da casa d'El-Rey Dom Manoel, & seu Alferes mór, pessoa das notaveis deste Reyno; assim pelo sangue claro de sua linhage, como por sua cavallaria, & qualidades: & como era pessoa tão abalizada El-Rey Dom Manoel o mandou por Governador da India com mayor ordenado, do que teve, nem antes, nem depois algum outro. Sahio deste Reyno com huma frotta de doze velas a cinco de Abril, de 1521. Succedeo a Diogo Lopes de Siqueyra na governança da India. O qual lha entregou a dous de Janeyro de 1522. Diz o Poeta, que Dom Duarte de Menezes tinha provado seu ferro mais em Africa, que na India, porque esteve por Capitão mór em Tangere, & houve grandes vittorias de Mouros. E que castigará de Ormuz soberba o erro, porque quietou o Reyno de Ormuz, que estava levantado contra os nossos, & havia grandes trayções nelle.

Tambem tu Gama. Este he Dom Vasco da Gama Conde da Vidigueyra Almirante do mar da India, & o primeyro descubridor della. Partio deste Reyno por Viso-Rey a nove de Abril, de 1524. com quatorze velas. E porque não durou no governo da India mais que tres mezes & vinte dias, porque faleceo, não temos que trattar delle. O que fez neste tempo na India, & o que lhe succedeo no caminho se póde ver largamente em Joaõ de Barros, na terceyra Decada, liv. 9. cap. 1.

54

MAs aquella fatal necessidade,
De quẽ ninguem se exime dos humanos
Illustrado com a Regia dignidade,
Te tirarà do mundo, & seus enganos.
Outro Meneses logo, cuja idade
He mayor na prudencia que nos annos,
Governarà: & farão o dito Henrique,
Que perpetua memoria delle fique,

Outro Menezes logo. A Dom Vasco da Gama por seu

u falecimento succedeo Dom Henrique de Me-
ezes de Alcunha o roxo. O qual ainda que não
a velho de idade, era homem de muyta pruden-
a, & muyto cavalleyro, & assim fez maravilhas
ontra El-Rey de Calecut.

55

NAõ vencerà somente os Malabares,
Destruyndo Panane, com Coulete,
omettendo as bombardas, que nos ares
e vingão só do peyto que as comette.
Mas com virtudes certo singulares
ence os imigos d'alma todos sette,
De cobiça triumpha, & incontinencia;
Que em tal idade he summa excellencia.

Destruindo Panane com Coulete. He Panane huma
ovoação d'El-Rey de Calecut das principaes,
ue elle tem, situada ao longo de hum rio de agua
oce. Ao tempo, que Dom Henrique a accommet-
o, não era cercada de muro, mas tinhaõ os Mou-
s feyta huma defensaõ de madeyra com gran-
s entulhos, & terra, que fazião hum forte mu-
, aonde tinhão muyta artelharia, como o Poeta
z nesta oytava. Coulete he outro lugar na mes-
ã costa do Malavar seis leguas de Calecut situa-
o ao longo da praya, & sem muros, mas com ou-
o amparo, & defensaõ como a de Panane: aonde
avia muyta artelharia, & navios postos tambem
ara ajuda, & guarda da Cidade. Por entre todos
tes tiros, que erão infinitos, assim de espingardas,
omo de bombardas entrarão os nossos, & assolá-
io estes dous lugares, como conta Joaõ de Barros
ecada 3. liv. 10.

De cobiça triumpha. Não tinha Dom Henrique
sentido posto em interesses, nem era notado de
icio algum, sómente olhava o que importava ao
erviço de Deos, & do Rey.

*E incontinencia. Que em tal idade he summa excel-
encia.* Dom Henrique de Menezes ao tempo que
omou a goverança da India não era de 30. annos,
m esta idade não era dado a vicio algum, como
onta Joaõ de Barros na 3. Decada. Sòmente foy
lgum tanto desconfiado, como diz o dito Autor
ap. ult. que foy causa de ter desgostos com alguns
idalgos.

56

MAs despois q́ as estrellas o chamarem,
Succederas, ò forte Mascarenhas
E se iniustos o mando te tomarem,
Prometete, que fama eterna tenhas.
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

Succederàs ò forte Mascarenhas. Por falecimento
de Dom Henrique de Menezes succedia por se-
gunda via Pedro Mascarenhas Capitão de Malaca.
Mas porque não estava na India, nem podia acu-
dir a ella, se não dahi a onze mezes por amor das
monções, foy aberta a terceyra via, na qual hia
Lopo Vaz de Sampayo : o qual ainda que com
contradição de muytos, dissenções, & revoltas foy
Governador.

Mais de palmas coroado. Isto diz pelo que se trat-
ta na oytava seguinte do que fez em Bintão. O
que o Poeta aqui attribuye a injustiça, he em sua
ausencia darse a governança da India a Lopo Vaz
de Sampayo: destas eleyções, & discordias escreve
largamente Diogo de Couto na quarta Decada.

57

NO Reyno de Bintão, que tantos danos
Terà a Malaca muyto tempo feytos,
Num sò dia as injurias de mil annos
Vingaràs c'o valor de illustres peytos.
Trabalhos, & perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreytos,
Tranqueyras, balvartes, lanças settas
Tudo fico, que rompas, & somettas

No Reyno de Bintão. Sessenta leguas de Malaca
està a Ilha Bintão sugeyta aos Reys de Malaca
àlem do estreyto de Cyngapura, junto com a terra
firme, da qual a aparta hum pequeno rio, que entra
no mar naquella paragem. Não muyto longe da
foz deste rio està huma povoação grande por no-
me Bintão, que dá nome a toda a Ilha. He este lu-
gar povoado de Mouros Malayos, para a qual se
recolheraõ quando os Portuguezes os lançàraõ
de Malaça, & daqui lhe fazião guerra, & dano,
como diz o Poeta; & conta Joaõ de Barros na ter-
ceyra Decada liv. 3. cap. 5. Esta Ilha tomou, & des-
truhio Pedro Mascarenhas naquelle tempo, que
esteve sem poder aceytar a governança da India.
E havendo nella 300. peças de artelharia, & outros
muytos petrechos, & invenções de guerra, & hu-
ma armada d'El-Rey de Pam, genro do Rey de
Bintão, que mandava em soccorro de seu sogro.
Com todos estes apercebimentos não escapou a
Pedro Mascarenhas.

Abrolhos ferreos mil. Depois que El-Rey de Ma-
laca se recolheo a Bintão, com medo dos nossos,
fez em huma baya pequena em que o rio se mete,
que he o porto da Cidade, huma estacada que fazia
ficar hum passo tão estreyto, que huma Galé não
podia virar nelle. Era a estacada de paos muyto
grossos, metidos em grandes mós de pedra, os
quaes paos ficavão por cima da agua em boa altu-
ra. Havia tambem outros paos mais grossos a mo-
do de mastos de naos, & outras muytas invenções
para se defenderem, & enserrarem, que os nossos
os não podessem entrar. E em huma tranqueyra,

que cercava a povoação a modo de cava , havia tres ordens de estrepes com as pontas hervadas,& postos em revez , huns para estorvar a entrada, & outros para a sahida. Estes saõ os abrolhos ferreos, que o Poeta aqui poem.

58

MAs na India cobiça, & ambição,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, & justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil, & sem razão.
Com forças, & poder em que està posto,
Não vence; que a vittoria verdadeyra,
He saber ter justiça nua, & inteyra.

Vituperio nenhum, mas só desgosto. Era Pedro Mascarenhas muyto esforçado cavalleyro; & não havia cousa que lhe posesse nodoa na sua fama , & como isto era notorio a todos os da India, sómente teve desgostos por ter outro Governador em seu lugar, vindolhe a elle por ordem, & direyto das successões, como conta a 4. Decada.

59

MAs com tudo não nego que Sampayo
Serà no esforço illustre, & assinalado
Mostrandose no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verà coalhado.
Em Bacanor farà cruel ensayo
No Malabar, para que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiale, com quanta armada tenha:

Mas com tudo. Mostra como Lopo Vaz de Sampayo era muyto esforçado cavalleyro, & que não se póde negar ser para governar a India. O qual sendo eleyto em Governador da India pela ordem acima ditta foy em pessoa correr a costa do Malavar , na qual destruhio huma armada de muytos paraos, que estavão em Bacanor, os quaes erão d'El-Rey de Calecut. Pelo que lhos queymou com muyta pimenta, que tinhão. Mas ao lugar não fez nojo, por ser d'El-Rey de Narsinga, com quem os nossos tinhão paz, & amizade, & tomou nesta armada oytenta peças de artelharia, Cutiale era hum Mouro grande cavalleyro , que os outros tinhão por santo, porque havia pouco, que viera de Meca, a este Mouro, com 130. velas muyto bem artilhadas destruhio Sampayo com sós onze velas.

60

E Não menos de Diu a fera frotta
Que Chaul temerà de grande, & ousada
Farà co'a vista só perdida, & rotta,
Por Heytor da Silveyra, & destroçada.
Por Heytor Portuguez, de quem se nota
Que na costa Cambayça sempre armada,
Serà aos Guzarates tanto dano,
Quanto jà foy aos Gregos o Troyano.

Por Heytor da Sylveyra. A este Fidalgo deu o Governador a Capitania mór de todos os navios de remo. O qual desbaratou Halixa Capitão mór da armada de Diu, com sessenta, & quatro fustas, em huma das quaes fogio Halixa , & as outras todas forão tomadas, & tres queymadas. A nossa frotta estava em Chaul, & o Capitão della, que então era hum Francisco Pereyra de Berredo estava temeroso, que lha entrasse a de Diu , por estar mal provida de gente. Mas com a chegada de Heytor da Sylveyra, o Mouro foy desbaratado, & a fortaleza ficou quieta.

Quanto jà foy aos Gregos o Troyano. Diz que se houve Heytor da Sylveyra com os Guzarates, que são os moradores do Reyno de Cambaya , aonde está Diu, de cujo mar elle era Capitão mór, como Heytor Troyano com os Gregos, que por muytas vezes os vencera no cerco de Troya.

61

A Sampayo feroz succederà
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerà
Em quanto Diu illustre delle treme.
O forte Baçaim se lhe darà,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Meliqne, porque à força só d'espada
A tranqueyra soberba vè tomada.

Cunha. No anno de 1528. a 18. dias do mez de Abril partio Nuno da Cunha de Portugal, em huma armada de onze velas , por Governador da India, & sendo o officio de Governador de tres annos, Nuno da Cunha o teve dez, porque como El Rey desejava muyto a fortaleza em Diu, este Nuno da Cunha a houve: para conservação della , & por ser Nuno da Cunha homem de recado , quiz que estivesse todo este tempo na India: & isto diz aqui o Poeta , que teve longo tempo o leme, porque governou dez annos. Chale he hum lugar na costa de Calecut, aonde tem os Portuguezes huma fortaleza. Nuno da Cunha foy o primeyro , que começou este forte , & lhe lançou a primeyra pedra com muyto tanger de trombetas, & charamelas. Esta fortaleza he duas legoas de Calecut, feyta para sopear , & refrear os de Calecut , & estorvarlhe sua navegaçaõ hoje naõ he nossa, porque a largaraõ os Portuguezes. *Em quanto Diu illustre delle treme.* Fez Nuno da Cunha esta fortaleza em quanto não podè entrar em Diu , do que tremia Diu, porque

porque sentia o que se lhe aparelhava. *O forte Baçaim.* Baçaim he hum lugar entre Chaul, & Diu metido por hum rio, aonde pódem nadar Galés, do qual rio se faz hum estreyto, que o cerca da banda de Leste, & se vay meter no mar, & a terra fica em Ilha. Havia nos baluartes de Baçaim quatrocentas peças de artilharia. Com tudo foy tomado dos nossos em dia de S. Sebastião anno de 1533. aonde forão mortos muytos Mouros, & a artelharia tomada, & o forte derribado, & Melique senhor da terra fugio para huma serra, aonde se salvou. *A tranqueyra soberba vè tomada.* Esta tranqueyra de que o Poeta aqui falla, tinha Melique muyto bem fortalecida, & com muyta gente de guerra, mas nada lhe aproveytou, porque os nossos a entrarão por força de armas, como diz aqui o Poeta. O modo desta tranqueyra, seu tamanho, & força, se veja em Castanheda. E porque parece ficar aqui a historia escura sem se trattar de Diu, sobre sua tomada, & como a houverão os Portuguezes, se veja o que escrevemos atrás.

62

T Ras este vem Noronha, cujo Auspicio
De Diu os Rumes feros afugenta,
Diu que o peyto, & bellico exercicio
De Antonio da Silveyra bem sustenta.
Farà em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ò Gama se esprimenta
No governo do imperio: cujo zelo,
Com medo o roxo mar farà amarello.

Traz este vem Noronha. A Nuno da Cunha succedeo Dom Garcia de Noronha, o qual foy mandado por Viso-Rey no anno de 1538. por haver nova, que hião Rumes sobre a India.

De Antonio da Silveyra. Este Antonio da Silveyra neste tempo defendeo a fortaleza de Diu, de que era Capitão, de 65. velas de Turcos com doze mil homens, Capitão mór Solimão Baxá Rey do Cayro. Os quaes forão desbaratados, como refere Castanheda.

Quando hum teu ramo ó Gama. A este Dom Garcia de Noronha succedeo Dom Estevão da Gama filho de Dom Vasco da Gama no anno de 1542. Foy ao mar roxo, & esteve no porto de Maçuà, aonde deyxou a mayor parte de sua armada, & só com 16. vellas foy até o porto de Suez o ultimo daquella costa, com intenção de queymar a armada do Turco, que alli estava. Fez naquella costa grande terror, & medo em todos, tanto que se meterão pela terra dentro, mas não pode queymar a armada do Turco, por estar com grande recado, & vigia. Tornou ao porto de Maçuà, & dahi mandou seu Irmão Dom Christovão da Gama com 500. Portuguezes contra El-Rey de Zeilâ em favor do Preste.

63

D As mãos do teu Estevaõ vem tomar
As redeas, hum que serà illustrado
No Brasil, com vencer, & castigar
O pirata Francez ao mar usado.
Despois Capitão mòr do Indico mar
O muro de Damão soberbo, & armado,
Escala, & primeyro entra a porta aberta,
Que fogo, & frechas mil teraõ cuberta.

No Brasil. A Dom Estevão da Gama succedeo Martim Affonço de Sousa, Capitão valerosissimo, o qual temião tanto os Malavares, que trazião por rifaõ entre si: oxare Martim Affonço: guarda de Martim Affonço: & não sómente dos Malavares, mas de todos os mais Reys, & senhores da India foy muyto temido. Na costa do Brazil desbaratou huma armada de Francezes, como aqui diz o Poeta. Antes que fosse Governador da India foy Capitão mór do mar Indico, no tempo que governava Nuno da Cunha. E porque El-Rey de Cambaya por nome Sultão Badur o temia, & lhe era affeyçoado, por sua cavallaria, & esforço, lhe mandou pedir se visse com elle em Diu para communicar com elle algumas cousas tocantes a seu estado, & serviço de El-Rey de Portugal. Entre outras cousas, que trattarão entre si, huma dellas foy que havia de dar huma fortaleza em Diu, na parte aonde o Governador a escolhesse. Esta he a razão porque diz Camões na oytava seguinte, que El-Rey de Cambaya lhe deu fortaleza em Diu. O que succedeo sendo Governador Nuno da Cunha, porque não pareça, que nos encontramos com o que dizemos no canto segundo, oytava 50.

64

A Este o Rey Cambayco soberbissimo
Fortaleza darà na rica Diu;
Porque contra Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio.
Despois irà com peyto esforçadissimo
A tolher que não passe o Rey Gentio
De Calecut, que assim com quanto veyo
O farà retirar de sangue cheyo.

Porque contra o Mogor poderosissimo. Mogores saõ os que commummente chamamos Tartaros. O Rey destas gentes tinha determinado tomar o Reyno de Cambaya. O que sabendo o Rey, procurou amizade com os nossos para o favorecerem, & ajudarem contra os Mogores, & principalmente com Martim Affonço de Sousa, que era neste tempo Capitão mór do mar. Ao qual deu fortaleza em Diu, por o favorecer nesta empreza, o que Martim Affonço fez com parecer, & consentimento

mento do Governador Nuno da Cunha.

Depois irá. Querendo El-Rey de Calecut paſſar com grande poder de Cranganor para Repelim, lugares do Malavar ſete leguas de Cochim, eſtorvoulhe Martim Affonço o paſſo, & depois tomou o Repelim, & o queymou, por dar obediencia a El-Rey de Calecut, como diz na oytava ſeguinte.

65

DEſtroyrà a cidade Repelim,
Pondo o ſeu Rey com muytos em fogida
E deſpois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz eſclarecida.
A frotta principal do Samorim,
Que deſtroyr mundo não duvida,
Vencerà com o furor do ferro, & fogo;
Em ſy verà Beadâla o Marcio jogo.

E depois junto ao cabo Comorim. Eſte cabo he defronte da Ilha de Ceylaõ, chamaſe aſſim por ſer hum monte muyto grande, que iſto quer dizer a palavra Comorim. He na coſta do Badagas, aonde eſtá a Cidade Miliampur, lugar aonde padeceo, & eſtá ſepultado o Bemaventurado S. Thomé Apoſtolo, & Diſcipulo de Chriſto Noſſo Senhor. Neſta parage do cabo Comorim, entre elle, & Ceyláo venceo Martim Affonço Cutiale Capitão mòr do Samorim, junto á Cidade Bedeála, & deſtruhio a meſma Cidade, a qual eſtà junto ao cabo Comorim.

Marcio jogo. O jogo de Marte, Deos da guerra, que he a guerra.

66

TEndo aſſim limpa a India dos immigos,
Virà deſpois com ſceptro agovernala,
Sem que ache reſiſtencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhum fala.
Sò quiz provar aſperos caſtigos
Baticalà que vira jà Beadàla:
De ſangue, & corpos mortos ficou chea,
E de fogo, & trovões desfeyta, & fea.

Tendo aſſi limpa a India. Com eſta vittoria ficou El-Rey de Calecut ſem armada, & ſem artilharia, porque toda perdeo; & em eſtado, que não teve mais animo para ſe bolir, como diz aqui o Poeta.

Virá depois com ſceptro. Depois de Capitão mór do mar, foy Governador da India, depois de Dom Eſtevão da Gama. No qual tempo havia huma quietação grande no Oriente, porque Martim Affonço era muyto temido nelle. Só Baticala fortaleza na coſta do Malavar, como trinta leguas de Goa, não ſe quiz eſcarmentar com males, & trabalhos alheyos, porque tendo viſto o que paſſára, em Beadala, não quiz ſe não como necia eſprimentar em ſua propria cabeça.

67

ESte ſerâ Martinho, que de Marte
O nome tem cõ as obras derivado;
Tanto em armas illuſtre em toda a parte
Quanto em conſelho ſabio, & bem cuydado.
Succederlhe ha aly Caſtro, que o eſtendarte
Portuguez terà ſempre levantado
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido,
Que hum ergue Diu, outro o defende erguido

Succederlhebá alli Caſtro. A Martim Affonço de Souſa, ao qual o Poeta aqui deriva o nome de Martinho de Marte, que os antigos tivérão por Deos da guerra, porque foy hum excellentiſſimo Capitão, & ſabio Governador na India, como fica dito, ſuccedeo Dom Joaõ de Caſtro Varão excellentiſſimo tambem, & ſemelhante ao ſuccedido, aſſim na cavallaria, como no conſelho. Eſte Martim Affonço ergueo de principio a fortaleza de Diu, & Dom Joaõ de Caſtro a defendeo de hum grandiſſimo exercito de varias nações, como o Poeta diz por algumas oytavas.

68

PErſas feroces, Abaſſis, & Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes,
Que mil nações ao cerco feras vem.
Farão dos ceos ao mundo vãos queyxumes;
Porque huns poucos a terra lhe detem,
Em ſangue Portuguez juraõ deſridos
De banhar os bigodes retrocidos.

Perſas feroces. Reconta as gentes que forão neſte cerco de Diu, como Perſas, Abaſſis, & Rumes, nações differentes, que todos forão em ajuda d'El-Rey de Cambaya. Perſas ſaõ moradores de Perſia, Abaſſis de Abaſſia, terra de Africa. Rumes ſaõ os Turcos, chamados aſſim por virem da coſta dos Romanos, como aqui diz o Poeta. A verdade he chamaremſe Rumes, não por ſerem da coſta dos Romanos, ſenão porque vendoos os da India naquellas partes, lembrados do que ſe dizia da cavallaria dos Romanos, lhe chamarão Rumes, querendo entender Romanos: como tambem chamão Francos aos Portuguezes, pela fama que os Francos alcançárão na tomada de Hyeruſalem. Todas eſtas nações forão em ajuda d'El-Rey de Cambaya a eſte cerco de Diu, & outras muytas. Os Rumes ſaõ gente muyto arrogante: tem por coſtume trazer as barbas rapadas, com grandes bigodes, pelos quaes jurão quando lançaõ ſuas barbatas, de que elles ſaõ grandes homens.

Baſiliſcos

69

BAsiliscos medonhos, & liões,
Trabucos feros, minas encubertas,
Sustenta Mascarenhas com os barões,
Que taõ ledos as mortes tem por certas:
Atè que nas mayores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos se sacrifiquem.

Sustenta Mascarenhas: Este foy Dom Joaõ Mascarenhas Capitão de Diu no tempo de Dom Joaõ de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de 30. mil homens, & seis mil Turcos, com menos de seiscentos Portuguezes, seis mezes, atè que foy soccorrido pelo Governador: sustentando hum dos mais famosos cercos que no mundo se virão nunca: & alcançando tão grande vittoria em campal batalha, que se não póde crer sem grande admiração. Como referem os dialogos de varia historia dialogo 5. ann. 1547.

Das vidas de seus filhos. Estes eraõ Dom Fernando de Castro, & Dom Alvaro seu irmão. Dom Fernando foy morto em hum baluarte, que se chama de Gil Coutinho em huma mina, que os Mouros alli fizerão, na qual com a força do fogo voou pelo ar este Dom Fernando, com hum lanço do baluarte, como o Poeta conta na oytava seguinte. Quando levarão a nova ao Viso-Rey, que estava em Goa, sabendo que a fortaleza estava ainda por El-Rey de Portugal, se vestio de festa, & mostrou grande prazer, & fez que os Fidalgos jugassem canas.

70

FErnándo hũ delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo em ruido,
Em pedaços os muros no ar levanta,
Serà aly arrebatado, & ao ceo subido:
Alvaro quando o inverno o mundo espanta
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & despois os inimigos.

Alvaro. Este foy Dom Alvaro de Castro, o qual deyxou o pay em Goa, & partio no meyo do Inverno a soccorrer a Diu, que foy cousa, que espantou a India hir em tal tempo.

71

EYs vem despois o pay, que as ondas corta
C'o o restante da gente Lusitana;
E com força, & saber, que mais importa,
Batalha dá felice, & soberana.
Huns paredes subindo escusaõ porta,
Outros a abrem, na fera esquadra insana;
Feytos farão taõ dignos de memoria,
Que não caybaõ em verso, ou larga historeo.

Eis vem despois. Despois de partido o filho Dom Alvaro, se fez prestes seu pay Dom Joaõ de Castro, & chegou a Diu, estando em grande aperto, & despois que chegou, dalli a tres dias sahio ao campo contra o exercito d'El-Rey de Cambaya, & o desbaratou, matandolhe mais de cinco mil, & pondo em fugida todos os mais.

72

ESte despois em campo se apresenta
Vencedor forte, & intrepido ao possante
Rey de Cambaya, & à vista lhe amedrenta
Da fera multidão quadrupedante.
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcão do braço triumphante,
Que castigando vay Dabul na costa:
Nem lhe escapou Pondà no sertaõ posta:

Este despois. Duas batalhas campaes deu o Governador Dom João de Castro a El-Rey de Cambaya, huma no segundo cerco de Diu, que foy a onze de Junho de mil quinhentos quarenta & seis; & outra a oyto de Novembro de 1547. huma segunda feyra nos campos de Baroche, que saõ huns campos muyto grandes, aonde El-Rey de Cambaya tinha trinta mil de cavallo, & gente de pè sem numero, & muytos elephântes, onde o Governador lhe apresentou batalha campal, com tão valerosa resolução; que o Rey o não commetteo, atemorizado da valerosa ousadia dos Portuguezes, que contra tão poderoso exercito, que era de mais de cento & cincoenta mil homens, se atrevião esperar em campanha, & formar seus esquadrões.

O Hydalcão do braço triumphante. Estando o Governador em Diu, foylhe nova, como o Hydalcão tinha o passo de Sallette, que he perto de Goa, com grande exercito, com intenção de tomar a Cidade. Sabido isto de certeza mandou o Governador dar á vela, & foy a Baçaim, que será trinta legoas de Goa pouco mais. Neste lugar mandou dar pregão geral, que todos os de Baçaim se fizessem prestes para o acompanharem com sua frotta, & gente: & dahi foy a Chaul, que saõ doze legoas de Baçaim, aonde fez o mesmo. Nesta jornada destruhio no caminho Quelicia, Dabul, & outros muytos lugares do Hydalcão. Sem entrar em Goa se passou em terra firme, com pouco mais de tres mil Portuguezes, com os quaes desbaratou hum exercito do Hydalcão, com cinco Capitães seus, com mais de vinte mil homens de pé, & sete mil de cavallo, em dia de S. Thomè de 1547.

Nem lhe escapou Pondá no sertão posta. Pondá he huma

huma fortaleza do Hydalcão tres legoas de Goa pelo sertão dentro, esta queymou o proprio Governador com a soldadesca de Goa, a vinte & hum dias de Setembro, tres mezes antes, que lhe acontecesse este successo com o Hydalcão.

73

Estes, & outros Barões por varias partes
Dignos todos de fama, & maravilha,
Fazendose na terra bravos Martes
Virão lograr os gostos desta ilha.
Varrendo triumphantes estandartes
Pelas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharaõ estas Nymphas, & estas mesas,
Que glorias, & hõras saõ de arduas empresas.

Virão lograr os gostos desta Ilha. Neste fingimento desta Ilha com tantos favores, & gazalhado de Thetis princesa do mar, que os agazalhara, & servira, imita o Poeta a Marco Tullio. O qual nos seus livros de republica, que muytos virão, & lerão, de cuja relação sabemos, o que nelles trattava, & assim do mesmo Tullio em muytas partes, despois de ter debuxado o estado de huma perfeyta republica, & as partes que se requerem para o bom governo, & administração della, no fim destes livros fez hum breve discurso, a que podemos chamar taboa do naufragio, pois de todos os livros da republica de Cicero, não temos mais que este pequeno fragmento, a que chamamos communmente sonho de Scipião: perdido o principal todo, tanto á custa dos curiosos, ou escondido em alguma parte avara de no lo communicar. Em o qual sonho finge Tullio, que Publio Scipião Africano estando dormindo lhe apareceo seu verdadeyro pay Paulo Emilio, & Publio Scipião, que o perfilhou, & o grande Africano, & outros senhores Romanos já defuntos, os quaes despois que lhe contarão tudo o que na vida lhe havia de acontecer (como fez aqui Tethys aos Portuguezes) & as honras, & triumphos, que na vida havião de receber, que he o gazalhado, & suavidade desta Ilha, paraque com mayor alvoroço sofressem os trabalhos, se dispuzessem para os perigos, lhe mostrarão a fermosura dos Ceos, o curso, & ordem dos Planetas, & estrellas, dizendolhe, que aquelle lugar estava deputado para os que nesta vida corressem com suas obrigações, favorecendo, & governando direytamente as suas republicas, fazendolhe juntamente praça das cousas da terra, como tudo se póde ver no dito livro, que he assás conhecido. E quanto a mim isto quiz dizer aqui o nosso Poeta; que despois, que Tethis agazalhou Vasco da Gama, & aos mais Portuguezes, o levou a hum campo muyto fermoso, cheyo de rubis, & esmeraldas, que he o lugar aonde vão parar os que seguem a virtude, donde lhe mostrou o Ceo com todos seus Planetas, & estrellas, declarandolhe sua excellencia, mostrandolhe juntamente a terra, para que visse, que pelas cavallarias, & obras excellentes feytas nella, se alcançava aquelle fermoso lugar do Ceo, que este foy tambem o intento de Cicero nos seus livros de republica. E isto he o que os antigos Romanos mostravão em fazer, que ao Templo da honra se não pudesse entrar, se não pela porta do Templo da virtude. E assim fica o Poeta neste particular entendido.

74

Assi cõtava a Nympha, & as outras todas
Com sonoroso aplauso vozes davão;
Com que festejão as alegres vodas
Que com tanto prazer se celebravão.
Por mais que da fortuna andem as rodas
(Nũa consona voz todas soavão)
Naõ vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor, & fama gloriosa.

Por mais que da fortuna andem as rodas. Da fortuna se veja o que fica escrito no canto primeyro.

75

Despois que a corporal necessidade
Se satisfez do mantimento nobre,
E na armonia, & doce suavidade
Virão os altos feytos, que descobre,
Tethis de graça ornada, & gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre
As festas deste alegre, & claro dia
Para o felice Gama, assi dizia.

Para o felice Gama assim dizia. Chama o Poeta ao Gama felice, pois foy digno de hum tão ditoso gazalhado, como este, que Thetis lhe fez declarandolhe o successo felice, que suas cousas havião de ter no discurso daquella navegação.

76

Fazte merce barão, a Sapiencia
Suprema, de cõ os olhos corporais
Veres, o que naõ pode a vãa sciencia
Dos errados, & miseros mortais.
Sigueme firme, & forte com prudencia
Por este monte espesso com os mais,
Assi lhe diz: & o guia por hum matto
Arduo, difficil, duro a humano tratto.

Fazte merce barão, a Sapiencia. Começa Tethis a declarar ao Gama as merces, que Deos Omnipotente, que aqui entende por Sapiencia, tinha preparados para os que nesta vida fazem cousas excellentes, & dignas de memoria. *Sigueme firme.* O caminho da virtude he no principio aspero, & intrat-

tavel aos que o querem seguir, mas no fim he largo, & deleytoso, como o pinta o grande Philosopho Pythagoras, naquella sua obra excellente escritta em verso, a qual se intitula *carmina*, versos, por serem muyto sentenciosos. Pelo que alguns lhe chamão *carmina aurea*, versos de ouro, por serem elles, como fica dito, dignos de tal nome. E assim aonde se acha esta palavra *carmina*, sem mais addição, nem acrecentamento, se entendem estes versos de Pythagoras pela razão dita, como naquelle verso de Catao: *Si Deus est animus nobis, ut carmina dicunt:* aonde Catão por *carmina* entende os versos de ouro de Pythagoras, nos quaes tratta da excellencia da alma.

77

NAõ andão muyto, que no erguido cume
Se acharaõ donde hũ cãpo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, taes que presume
A vista, que divino chaõ pisava.
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetrava,
De modo, que o seu centro està evidente,
Como a sua superficie, claramente

Não andão muyto. A este lugar levou Tethys o Gama, ao qual pinta cheyo de esmeraldas, & rubis, pela fermosura delle. Este he o campo em que vão dar os que seguem a virtude, aonde tudo saõ gostos, & fermosura.

Aqui hum globo vem no ar. Finge aqui o Poeta com muyto artificio, como Tethys, despois que agasalhou, & festejou muyto aos Portuguezes, os levou a hum lugar apartado, muyto aprazivel à vista, do qual lhe mostrou esta machina do universo em huma figura redonda, que o Poeta aqui chama globo, tão clara, & fermosa, que todas as cousas que nella estavão se vião clarissimamente. E porque este globo, que lhe mostrou continha esta machina celeste, & elemental, que he o que commummente chamamos mundo, mostrandolhe todas as particularidades do Ceo, o gabou muyto, paraque vendo os Portuguezes a sua nobreza, & que para alcançar hum lugar tão excellente, era necessario fazer cousas, por onde o merecessem, se dispusessem com todo o cuydado, & animo a esta obra, & procurassem fazer cousas, por donde o alcançassem. Este globo he toda a região celeste juntamente com seu centro, que he o globo da terra, & agua, a que os Astronomos commummente chamão centro do mundo.

Està evidente. O centro com a superficie concava deste globo celeste, porque os que morão na terra penetrão com sua vista toda esta região elemental, & celeste. *Lume.* He a vista, como se uza entre os Poetas Latinos.

78

QVal a materia seja naõ se enxerga,
Mas enxergase bem, que està composto
De varios orbes, que a divina verga
Campos, & hum centro a todos só tem posto
Volvendo hora se abaxe, hora se erga
Nũca se ergue, ou se abaxa; & hũ mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda parte
Começa, & acaba: em fim por divina arte.

Qual a materia seja naõ se enxerga. Neste globo vio o Gama esta machina universal, & todas as cousas nella postas, & com ver tudo, & enxergar, & divisar suas particularidades, não pode entender, nem enxergar a materia, de que era composta.

De varios orbes. De varios circulos, & Ceos. Que cousa seja orbe, & como se tome pelo Ceo, se veja a nossa annotação no 2. canto.

E hum centro a todos só tem posto. Este centro he o globo da terra, & agua, porque todas as partes do Ceo estão delle apartadas igualmente. O qual centro em comparação do Ceo, he hum ponto muyto piqueno, como todos os Astronomos provão por suas demonstrações. Centro he palavra Grega, entre outras significações, que tem. Huma he significar hum ponto no amogo da terra, posto tão pontualmente no meyo, que todas as linhas lançadas para a superficie sejão iguaes, pela qual razão se chama centro do mundo, como se disesse o amogo, & meyo do mundo. Porque a terra com a agua estão no meyo da machina celestial, se chamão centro do Ceo.

Nunca se ergue. Esta machina do universo, que vemos, como he de figura circular, sempre anda em hum mesmo compaço, & distancia, & sempre tem hum rosto, & figura, porque nunca se altera, nem se muda, nem tem fim, nem principio finalado, que saõ condições proprias da figura redonda, & circular. Verga divina, quer dizer, vara de Deos, porque Deos todo poderoso foy autor desta machina do universo, como se conta no principio do Genesis.

79

VNiforme, perfeyto, em sy sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou.
Vendo o Gama este globo commovido
D'espanto, & de desejo aly ficou.
Dizlhe a Deosa. O trãsunto reduzido
Em pequeno valume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus; para que vejas
Por donde vas, & iras, & o que desejas.

Uniforme, perfeyto. Tratta da excellencia, & perfeyção deste globo, que he figura do mundo, no qual estava toda a machina do Ceo, & terra, cha-

malhe uniforme,por ser todo de huma mesma materia, & figura: perfeyto, por lhe não faltar cousa alguma, porque como a tal lhe foy dada a figura redonda,que de todas he a mais perfeyta, & fermosa. Donde Ovidio nas Metamorphoses liv. 1. para mostrar a fermosura do mundo,diz estas palavras. *Magni speciem glomeravit in orbis.* Fez Deos o mundo redondo, para ornato, & fermosura do grande mundo. *Em si sostido.* Não tem o universo fundamento, nem alicerce, obra de hum tão excellente Artifice como he Deos,sostido em si. Donde disse a Sagrada Escrittura da terra: *Qui fundasti terram super stabilitatem suam, non inclinabitur in sæculum sæculi.* Fundastes Senhor a terra sobre a sua propria firmeza,não se inclinará já mais.O que entendeo, & declarou aquelle grande Philosopho Ovidio na sua Metamorphose, quando disse da terra, que estava sustentada em seu proprio peso: *ponderibus librata suis*: pesada com seu proprio peso, que he a causa porque não caye, nem se move para huma parte, nem para a outra. *Qual em fim o Archetypo,que o criou.* Archetypo he palavra Grega,composta de duas, archi, principal, typos, figura,porque he o treslado, primeyra,ou principal fórma de qualquer cousa. Aqui o toma o Poeta por aquelle excellentissimo Official, & Criador de todas as cousas Deos Nosso Senhor: no qual eminentemente se contém todas. *O trasunto reduzido.* Trasunto he o treslado. Mostra Tethys neste globo a Vasco da Gama todo o universo, paraque entenda para onde vay, por onde ha de passar, & o que nesta viagem lhe ha de acontecer.

80

Ves aqui a grande machina do mundo
Etherea, & elemental, que fabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficie tão limada,
He Deos, mas o q̃ he Deos ninguem o entende
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Ves aqui a grande machina do mundo. Esta machina do universo, que vemos, se divide em duas partes em etherea, que he a Celestial, aonde estão as Estrelas,& Planetas,& elemental: que he tudo o que está debayxo do concavo da Lua até á terra, na qual parte estão os quatro elementos, fogo,ar,terra,& agua. Dos quaes se veja o que escrevemos no canto segundo, oytava 33. & cum sequentibus, & no sexto. Dos Ceos se tratta nas oytavas seguintes. De Deos se veja adiante na oytava seguinte.

Quem a cerca he Deos. Donde disse o Apostolo. *Ipse omnia circundat verbo virtutis suæ.*

81

Este orbe que primeyro vay cercando
Os outros mais pequenos, que em sy tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, & a mente vil tambem:
Empyreo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que elle só se entende, & alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

Este orbe, que primeyro vay cercando. Tratta nesta oytava do Ceo empyreo, de que os autores prophanos não trattão. Este he o assento da gloria, & Corte do Ceo. Neste reside principalmente Deos Nosso Senhor com os Bemaventurados. Da razão deste nome se veja o que escrevemos no canto segundo,oytava 33.

De quem não hà no mundo semelhança. Este he Deos Nosso Senhor,cujo ser,& Magestade não hà entendimento humano,que o comprehenda,como diz o Bemaventurado S.Thomàs 1.p. q.3. art.4.

82

Aqui só verdadeyros gloriosos
Divos estão; porque eu Saturno, & Iano
Jupiter, Iuno somos fabulosos,
Fingidos de mortal, & cego engano.
Só para fazer versos deleytosos
Servimos, & se mais o tratto humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas pôs o engenho vosso

Aqui só. No Ceo empyreo, como fica dito na oytava passada,residem sómente os Bemaventurados,& Santos em cõpanhia de seu Deos,& Senhor.

Porque eu. Mostra Tethys como ella Jupiter,Saturno,& outros infinitos, que a antiguidade cega, & errada teve por Deoses,forão falsos,& fingidos.

Nestas Estrellas pos o engenho vosso. Porque os Planetas nomearão os antigos destes falsos Deoses: como Saturno,Jupiter,Marte,Phebo,Venus,Mercurio,& a Lua.

83

E Tambem porque a sancta providencia,
Que em Iuppiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensinao a porphetica sciencia,
Em muytos dos exemplos, que apresenta;
Os que são bons, guiando favorecem.
Os maos em quanto podem nos empècem.

Que em Iupiter. Os antigos ainda q̃ cegos na verdade, & mal entendidos no verdadeyro conhecimento de Deos,todavia nestes nomes,que punhão a seus

a seus fallos Deoses representavão sua Mageſtade, & providencia, como em Jupiter, que elles chamavão, o principal de seus idolos, o qual nome he composto de duas palavras Latinas, de *juvo, as*, ajudar, & *pater*, pay, como se dissera, pay ajudador. A este Jupiter attribuhião o governo do mundo: & como nós temos por fé certa haver Anjos bons, que nos favorecem, & maos, que nos empecem: assim os antigos idolatras fingião o mesmo em seus falsos Deoses. Vejase Celio Rodigino nas suas lições antigas, liv. 1. cap. 24. cum sequentibus.

84

QVer logo aqui a pintura, que varia,
Agora deleytando, hora ensinando,
Darlhes nomes que a antigua poesia
A seus Deoses já dera fabulando:
Que os Anjos da celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando.
Nem nega que esse nome preminente
Tambem aos maos se dá mas falsamente.

Quer logo. Mostra o Poeta como o seu intento em usar algumas vezes dos nomes dos falsos Deoses, não he mais, que para ornato de seus versos. E por este meyo ensinar algumas cousas necessarias para a vida.

Pintura, que varia. He a Poesia, á qual poem este nome pela grande conformidade que ha entre estas duas artes. Vejase a nossa annotação no cãto setimo.

Que Anjos de Celeste companhia, Deoses o sacro verso está chamando. Dá o Poeta a entender como a sagrada Escrittura usa deste nome Deoses, humas vezes para reprovar os falsos Deoses dos antigos, outras para mostrar o favor, & mimo, q̃ Deos faz aos grandes da terra, & justos della, em lhe cõmunicar o seu proprio nome, como aquelle Psalmo. *Deus stetit in synagoga Deorum.* Deos esteve no ajuntamento dos Deoses. E no mesmo: *Ego dixi dij estis.* Eu disse, soys Deoses, & em outras partes. O qual nome dá tambem a escrittura aos Anjos bons, como consta de alguns lugares della, nos quaes o Chaldeo declara sempre a palavra Deoses por Anjos. E nos lugares, onde a Escritura diz, que Deos appareceo a Moysez, ou fallou a algum outro Propheta, como naquelles lugares do Exodo, & Deuteronomio, muytos Doutores declarão a palavra Deos por Anjo. E no lugar allegado do Exodo a letra Hebraica diz: Malach. que he anjo, & assim o declara a Glosa ordinaria.

Nem nega que este nome preminente. Nome preeminente he o nome de Deos, que se dá aos fallos Deoses, mas falsamente como sejão homés, & maos homens.

85

EM fim q̃ o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda.
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda.
Debaxo deste circulo, onde as mundas
Almas diuinas gozão, que naõ anda
Outro corre taõ leve, & tão ligeyro,
Que não se enxerga: he o mobile primeyro.

Em fim, que o summo Deos. Deos he a primeyra causa de todas as causas: fonte, & origem de todo o bem, & obra no mundo por segundas causas, que são ceos, estrellas, & todas as mais causas particulares. *Summo* aqui quer dizer alto, omnipotente, perfeytissimo, porque em Deos ha as perfeyções de todas as cousas, como diz o Bemventurado Santo Thomás.

Debaxo deste circulo. Este circulo he o ceo empyrio, de que atrás fallámos. Diz o Poeta, que este ceo não anda porque se não move: que he a rezão porque os autores prophanos naõ trattão delle. Debaxo deste ceo empyrio, diz que está outro taõ ligeyro, que escassamente se póde enxergar seu movimento. E que este he o ceo a que os Astronomos chamão primeyro mobile.

86

COm este rapto, & grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seyo:
Por obras deste, o Sol andando attento
O dia & noyte faz, com curso alheo.
Debaxo deste leve, anda outro lento,
Taõ lento, & sojugado a duro freyo,
Que em quanto Phebo, de luz, nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

Com este rapto. Entre os antiguos ouve differentes opiniões sobre o numero dos ceos. Huns poseraõ hum só, outros oyto, outros nove. Oje está resoluto serem dez: dos quaes o primeyro, & vltimo quãto a nòs, se chama primeyro mobile, porque he o primeyro, que se move, tendo os mais tambẽ seu movimento. He tão arrebatado o movimento deste primeyro mobile, que leva apos sy todos os outros ceos, & faz que em espasso de 24. horas, dem todos huma volta de Oriente, a Ponente, como diz aqui o Poeta.

Os que dentro tem no seyo. Todos os ceos estaõ debayxo deste ultimo encaxados, & postos huns juntos dos outros, como estão os cascos em huma cebola. Pelo que diz o Poeta, que os tem todos no seyo, porque os abraça, & tem em si.

Por obra deste o Sol. O que este primeyro mobil faz aos demais orbes, & ceos, que he fazerlhe dar huma volta em espaço de 24. horas, faz tambem ao orbe do Sol, que he a causa do dia, & noyte, que vemos. E diz que faz o Sol isto com curso alheyo: porque o seu he contrario do Occidente, para o Oriente, no qual gasta 365. dias, & seis horas.

Debayxo deste leve anda outro lento. Seguese depois o primeyro mobil nono ceo, o qual não he estrellado, mas muyto claro, & transparente, pelo que he chamado cristalino. Tem este ceo dous movimen-

tos, hum violento, que he o do primeyro movel em 24. horas: outro seu proprio: o qual he muy vagaroso. Pelo que lhe chama aqui o Poeta lento, & tãto, q̃ em duzentos annos, não dà mais, que hum passo, que he hum G. como diz o Poeta aqui. Faz este nono ceo o curso proprio em 49. annos. Os autores variaõ nisto, mas esta he a mais commum, & recebida opinião.

87

OLha esteoutro debaxo, que esmaltado
De corpos lisos anda, & radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes.
Bem ves como se veste, & faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estrelantes
Animaes doze traz affigurados:
Aposentos de Phebo limitados.

Olha esteoutro debayxo que esmaltado. Este he o oytavo ceo, chamado cõmummente firmamento, por ter em si as estrellas fixas. Pelo que diz aqui o Poeta que he esmaltado de corpos lisos, & resplandecentes, que saõ as estrellas. Tem este tres movimentos, hum de Oriente á Poente como o primeyro movel, outro de Occidente a Oriente cõ o nono Ceo, outro a que chamaõ de tripidaçaõ, ou accesso, & recesso, por se chegar humas vezes ao polo arctico, desviãdose do antarctico, & outras ao antarctico, desviandose do arctico, & isto sobre seus proprios polos, no qual gasta sette mil annos.

E nos seus axes. Isto diz, porque o oytavo ceo tem Eyxo particular, & polos differentes dos do mundo, que saõ os do Zodiaco.

Bem vês como se veste, & faz ornado. Co'o largo cinto d'ouro. Este cinto de ouro, he orbe dos Signos, chamado vulgarmente Zodiaco. O nosso Poeta lhe chama cinto de ouro, por ser huma paragem no oytavo ceo povoada das principaes estrellas delle, ás quaes poseraõ nomes de animaes, ou porq̃ as estrellas fixas que estaõ nos taes Signos, represẽtaõ a figura dos taes animaes: ou porque quando o Sol anda nestes Signos, conforme ao Signo em q̃ anda, assim causa em os animaes da terra algum accidente: ou porque as taes partes do ceo tem huma certa virtude, & influencia semelhante á natureza dos mesmos animaes. Estas, & outras razões daõ os autores. Tem este circulo (segundo Ptolomeo, & todos os modernos) cõmummente doze graos de largo, seis a cada parte, pelo meyo dos quaes passa a linha, ecclyptica, q̃ he o caminho do Sol, & chamase ecclyptica, porq̃ os ecclypses do Sol, & da Lua naõ se podem fazer em outra parte do Zodiaco, se naõ nesta. Esta he a razaõ porq̃ o Poeta chama aos Signos do Zodiaco aposentos de Phebo, que he o Sol, porq̃ sempre caminha por bayxo delle, sem se desviar para hũa nem para outra parte, differente dos mais Planetas, os quaes se desmandaõ mais, mas nũca de modo, que passem o espaço dos doze graos do Zodiaco, ainda q̃ Marte, & Venus o fazem algumas vezes.

88

OLha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo
Olha a carreta, attenta a Cynosura
Andromeda, & seu pay & o drago horrendo.
Ve de Cassiopea a fermosura;
E de Orionte o gesto turbulento,
Olha o cisne morrendo que suspira;
A lebre, os cães, a nao, & a doce Lyra.

Olha por outras partes a pintura. Alem das estrellas, q̃ occupaõ o Zodiaco, de que trattámos na annotaçaõ passada, há outras muytas espalhadas pelo oytavo Ceo. Das mais notaveis das quaes juntamente com as do Zodiaco fez Ptolomeo quarenta & oyto imagens, ou constellações, pondolhe nomes differentes, conforme a imagem, & figura, que pareciaõ ter no ceo, dando a humas nome de criaturas, como Andromeda, Cassiopea, Oriente: a outras de cousas inanimadas, como carreta, nao, lyra: a outras de aves, como cisne, aguea, a outras de animaes, como lebre, cão, dragão, & a outras outros, que naõ ponho, que se pódem ver largamente em Higinnio, & Gyrava, na sua Cosmographia. Isto he o q̃ o Poeta aqui diz, que alem das estrellas do Zodiaco havia outras muytas neste oytavo ceo espalhadas por elle, às quaes os autores davaõ differentes nomes.

89

DEbaxo deste grande firmamento
Ves o ceo de Saturno Deos antigo;
Juppiter logo faz o movimento,
E Marte abaxo bellico inimigo.
O claro olho do ceo no quarto assento
E Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaxo vay Diana.

Debayxo deste grande. Reconta o Poeta nesta oytava a ordem dos sete ceos que se seguem depois o firmamento em cada hum dos quaes não há mais q̃ huma só estrella chamada commummente Planeta, que quer dizer vago, & errante, porque os Planetas naõ saõ como as estrellas fixas do ceo oytavo, antes se movem differentemente, & de seus movimentos fazem os Astrologos seus juizos, como tambem das estrellas fixas. Os seus nomes saõ: Saturno, Jupiter, Marte, Sol, Venus, Mercurio, & a Lua. Dá o Poeta a estes Planetas epitetos conforme a opiniaõ q̃ delles os antigos tinhaõ. A Saturno chama Deos antigo, porque foy o primeyro homem a que os antigos deraõ este nome de Deos. A Marte bellico inimigo, porq̃ foy tido por Deos da guerra, Venus dos amores, & Mercurio da eloquencia, como he notorio aos q̃ lem pelos Poetas. *Com tres rostos debayxo vay Diana.* O mesmo disse Virgilio: *Tria virginis ora Dianæ*: tres rostos da virgem Diana. Isto dizem os Poetas, porq̃ davaõ á Lua tres poderes, & conforme a elles lhe

assinavaõ

ssinavaõ tres lugares,& nomes:Diana nos montes
,ua no ceo, Proserpina no inferno.

90

EM todos estes orbes differente
Curso veràs:nũs grave,& n'outros leve
Hora fogem do centro longamente,
Hora da terra estão caminho breve.
Bem como quis o Padre omnipotente
Que o fogo fez,& o ar o vento,& neve:
Os quaes veras,que jazem mais a dentro,
E tem c'o omar a terra por seu centro.

Em todos estes orbes differente, &c. Estes orbes dos
te Planetas,cujos nomes posemos na oytava pas-
da tem differentes movimentos,porq huns se mo-
em depressa,outros de vagar,Saturno dá a sua vol-
em 30.annos,Jupiter em doze,Marte em dous:o
l em trezentos sessenta & cinco dias, & hũ qua-
ante,que saõ horas,Venus,& Mercurio quasi no
esmo tempo,que o Sol:a Lua em 27.dias,& quasi
te horas.Esta he a razão porque diz o Poeta,que
ns tem o curso grave,& outros leve.

Hora fogem do centro longamente. No movimento,
curso dos Planetas considerão os Astrologos cer-
s pontos,conforme ao lugar em que estão,ou che-
dos à terra,ou afastados della:o ponto em que es-
o afastados da terra, se chama Auge , & entre os
regos apogio:o ponto do chegamẽto à terra cha-
ão opposito do auge,& os Gregos perigo: & diz
Poeta,que fogem do centro longamente, porque
ando estão no auge,estão mais afastados da ter-
, que he o centro do mundo , & quando estão no
posito do auge,estão mais chegados a ella.

Os quaes verás que jazem, &c. Entende o fogo, &
os quaes diz que jazem mais dentro,por estarem
ais chegados ao Ceo da Lua:& assim tem a terra,
a agua por centro.

91

NEste centro pousada dos humanos,
Que não somente,ousados,se contentão
De sofrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instavel esprimentão.
Veràs as varias partes,que os insanos
Mares diuidem,onde se aposentão
Varias nacões,que mandaõ varios Reys;
Varios costumes seus,& varias leys.

Neste centro pousada dos humanos. O centro do mũ-
he a terra,a qual he pousada,& morada dos ho-
ens,como aqui diz o Poeta,cujas partes determina
attar Tethys neste canto descrevendoas, & mos-
andoas ao Gama,paraque se affeyçoe a fazer nel-
cousas,paraque mereça alcançar estoutras mais
ccellentes,de que trattou,que he o Ceo morada,
aposento dos Bemaventurados, feyto por Deos
osso Senhor, para descanço dos que procurarem
guir nesta vida a virtude,& fazer cousas paraque
mereção aquella celestial,& bẽaventurada gloria.

Que não sômente ousados se contentão. Assim chama
Horacio aos homens nas suas odas: *Audax omnia per-
peti gens humana ruit per vetitum nefas.* Os homẽs ou-
sados, & atrevidos, não hà cousa,que não acõmet-
tão. Donde diz Ovidio no livro das suas transfor-
mações,que depois do diluvio se reformou o gene-
ro humano de pedras , para mostrar por este fingi-
mento,a dureza, & ousadia dos homens, aos quaes
não hà trabalhos,nem perigos, que cansem.

92

VEs Europa Christã mais alta,& clara,
Que as outras em policia,& fortaleza:
Ves Africa dos bens domundo auara
Inculta,& toda chea de bruteza:
C'o ocabo que atè aqui se vos negàra,
Que assentou para o Austro a natureza;
Olha essa terra toda,que se habita
Dessa gente sem ley quasi infinita.

Vès Europa. De Europa , & Africa se veja o que
escrevemos no canto primeyro , oytava segunda.

C'o cabo, que atè qui se vos negára. Este cabo he o
de boa esperança,de que os antigos nenhuma noti-
cia tiverão. Està este tão famoso, & tão conhecido
cabo em huma terra de Africa , à qual os Arabios,
& Persas chamão Záguebár , & os moradores Zá-
guy,& commummẽte Cafres,que quer dizer gen-
te sem ley, por ser muyto torpe,& barbara. Pós a
natureza este cabo tão temido hoje dos nossos,en-
tre o cabo Prasso,que he o de Moçambique, & os
Pangelingos sugeytos ao nosso Rey de Congo, a
qual terra està em altura de 5. graos da banda do
Sul. Do nome deste cabo se veja a nossa annota-
ção no 1.canto, oytava.2.

Olha essa terra. Falla em geral daquella larga
terra de Africa habitada de gente sem ley,& sem
Rey,barbara,& bruta,& logo na oytava começa
a trattar de algumas nações della.

93

VE do Menomotapa o grande Imperio
De selvatica gente,negra,& nua,
Onde Gonçalo morte,& vituperio
Padecerá pela fé sancta sua.
Nasce por este incognito Hemisphério
O metal,porque mais a gente sua;
Ve que do lago,donde se derrama
O Nilo,tambem vindo està Cuama,

Vè do Menomotapa. Menomotapa,ou Benomota-
pa(porque de huma,& outra maneyra se diz)he pa-
lavra que significa o que entre nós he Emperador
he nome do senhor do grande Reyno de Sofala.
He este Reyno cercado do mar por huma parte,&
de outra,com dous braços de hum grande rio,que
saye do mesmo lago, donde saye o Nilo , como diz
aqui

aqui o Poeta,& João de Barros na 1. Decada,pelo que fica feyto Ilha,a qual terá de circuito 750. leguas,& mais. Toda a gente desta grandissima provincia he negra,de cabelo retorcido,& muyta della, mayormente a que cae contra Moçambique, Quiloa,& Melinde,come carne humana,& bebe o sangue do gado vacum, & desta maneyra se mantem. Toda em geral he gente bruta,& barbara,como aqui lhe chama o Poeta. Há nesta terra grandes minas de ouro,que lhe colhem cavádo a terra, ou apanhão pelos remanços dos rios,ou por algũs lamaçaes. Este he o metal , porque diz o Poeta aqui,que a gente trabalha,& sua.

Onde Gonçalo morte,& vituperio. Este foy hũ Gonçalo Padre da Companhia, Varão de muyta prudencia,letras,& religião, o qual foy mandado destes Reynos pelo seu mayor com obediencia de hir a este Reyno de Menomotapa,o que fez depois de haver feytos muytos Christãos em outras partes, como elle conta em hũa carta que escreveo aos Padres da Companhia no anno de 1560.que anda entre outras cartas dos mesmos Padres. Mas estes barbaros o matarão prègando a Fé de Christo,pelo q̃ morreo Martyr,como diz aqui o Poeta.

Nace por este incognito Hemispherio. Chama a este Hemisphério incognito,por se não saber o que vay pela terra dentro,por ser gente de pouco tratto,& conversação.

Donde o Nilo se derrama. Este lago he hũ dos mais notaveis de toda a Africa,muyto desejado de se saber dos antigos escrittores,por ser a cabeça escódida do illustre Nilo. Do qual lago tambem procede o rio Zayre,q̃ rega o nosso Reyno de Congo. Este lago segundo a informação,que se té por via de Congo, & Sofala, he de mais de cem legoas de comprido. E porque do nascimento do Nilo fica trattado no canto 4. oytava 82. mais largamente, aqui o não farey. Outro rio q̃ sae deste lago,& vem contra Sofala,depois de ter andado muyta terra,se reparte em dous braços; hum delles vay dar alem do cabo das Corrétes,ao qual os nossos Portuguezes chamavão rio da alagoa, & agora se chama rio do Espirito Santo,o qual nome lhe poz hum Lourenço Marques seu descubridor. Outro braço saye 25. legoas por bayxo de Sofala, & chamase Cuáma cõmummente. Ainda que algumas gentes pelo sertão dentro lhe chamão Zembere. Este braço he mayor, & mais caudal, por ser navegavel mais de 250. leguas, o q̃ fazem seis rios notaveis,que se metem nelle: Pánames, Luamgoa, Arruya, Manjono, Inadire,& Ruenia,os quaes todos regaõ a terra do Menopotapa,& delles se tira o ouro.

94

O Lha as casas dos Negros,como estão
Sem portas,confiados em seus ninhos,
Na justiça real,& defensaõ,
E na fidelidade dos vizinhos.
Olha delles a bruta multidaõ,
Qual brando espaço,& negro de estorninhos.
Combaterà em Sofala a fortaleza,
Que defenderâ Nhya com destreza.

Olha as casas dos negros. Em toda a terra do Menomotâpa não se permitte a pessoa algũa ter portas nas casas,& quando o Rey o cócede he por fazer particular favor,& honra a algũ particular,qu[e] merece ser aventajado dos outros,& dà por razã[o] quando alguem lhe falla nesta materia,q̃ as porta[s] não se fizerão senaõ por medo dos ladrões,& ma[l]feytores. E pois elle tem á sua conta os pequeno[s] aos quaes ha de governar em justiça,que não te[m] que temer. E ter humas portas,he sinal de grand[e] dignidade, & preeminencia entre elles. O Rey d[a] terra he juiz,& elle condena,& absolve a quem lh[e] parece,sem appellação, nem aggravo,nem cadea[,] porque as causas se determinão logo com o dit[o] das testemunhas.

Que defenderâ Nhaya com destreza. Este foy hu[m] homem nobre Castelhano,a que chamavão Pedr[o] da Nhaya,mas casado em Portugal,& morador e[m] Santarem. Foy á India no anno de 1505.por Cap[i]tão mór de seis naos,cõ ordem de fazer huma fo[r]taleza em Sofala para o tratto,a qual elle fez,com[o] diz o Castanheda,liv.2.c.8.& 9.em breve tempo. [O] Rey da terra por nome Icuf, q̃ lhe deu licença p[a]ra fazer a fortaleza,depois se lhe arrependeo;& c[om] ajuda de outros senhores da terra a cerçou,mas P[e]dro da Nhaya a defendeo valerosamente,& mato[u] o Rey, como se póde ver em João de Barros na [1.] Decada,liv.10.c.1.2.& 3.

95

O Lha là as alagoas,donde o Nilo
Nasce,q̃ não souberaõ os antigos;
Velo rega,gerando o Crocodilo,
Os povos Abassis de Christo amigos,
Olha como sem muros(novo estilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vè Meroe,que ilha foy de antigua fama,
Que hora dos naturaes Nobà se chama.

Olha là as lagoas donde o Nilo. Do rio Nilo,& [seu] nascimẽto fica tratado largamente no cãto quar[to]

Velo rega gerando o Crocodilo. Crocodilo he hũ a[ni]mal de quinze covados,& mais de comprimento, [de] feyção de lagarto cõ grandes dentes,& unhas,co[m] as quaes mata, assim homẽs,como outros anima[es] da terra,de que he inimigo. Para tomar os home[ns] usa de hũa manha,& he,que chora,paraque hav[en]do cõpayxão delle,chegandose á parte aonde h[o]ve chorar,se apodere delle,& o mate. Donde ve[m] aquelle Proverbio tão antigo entre os Latin[os] *Crocodili lachrymæ:* Lagrimas de Crocodilo, o qu[e] se entende de gente que tem boas palavras,& m[ás] obras. Não tem lingua este animal,& sómente m[o]ve o queyxo de cima. Queré os autores,que se ch[a]me Crocodilo. Crocu, & dilu,açafraõ, & med[o] porq

›orque tem este contrario. Donde costumão os
Egypcios quando querem que os Crocodilos lhe
ião toquem em alguma cousa,porlhe junto algũ
çafraõ, paraque fujão. Contão os autores huma
ousa maravilhosa deste animal, q̃ sendo tão gran-
e como fica dito,se gera de ovos pouco mayores,
ue de pato,os quaes poem em lugar,aonde o Rio
Nilo com a enchente os não alcance,& q̃ de noyte
stà no rio,& de dia na terra para fazer mal.

Os povos Abassis de Christo amigos. Estes saõ os mo-
adores daquella parte de Africa,que confina com
rabia , os quaes dividem as portas do mar roxo.
aõ Christãos,& sugeytos ao Preste senhor da alta
thiopia. Estes em suas terras não costumão mu-
os nos lugares,como se costuma em outras partes:
a principal razão disto,he por ser terra de muy-
s serranias, & rochedos de pedra,que saõ os mais
expugnaveis muros do mũdo. E não he para dis-
mular,q̃ em Amara,&, Vedremũdo Provincias do
reste,& aonde elle costuma residir há Igrejas,que
zem os naturaes forão feytas por Anjos,& segun-
affirmão os q̃ viraõ as obras dellas,parece exce-
r o poder humano:porq̃ sendo tão grandes como
nossas, he cada hũa dellas feyta em hum penedo
m columnas,abobadas, & altares,sem mistura de
gũa outra pedra de fóra: & querendo os Mouros
r algũas vezes derribar estas Igrejas, nunca pu-
rão,nem cõ fogo,nem com picões. E defendese
ta gente melhor sem muros,porq̃ tem pelas serras
ços estreytos, & trabalhosos,de modo,q̃ se os da
rra,por poucos,q̃ sejão,não derẽ entrada,impossi-
l he passarjalguem.

96

N Esta remota terra,hum filho teu
Nas armas contra os Turcos serâ claro
Ia de ser dom Christovaõ o nome seu;
Mas contra o fim fatal naõ ha reparo.
Ve cá a costa do mar,onde te deu
Melinde hospicio gazalhoso,& caro:
O rapto rio nota,que o remance
Da terra chama Oby,entra em Quilmance.

Nesta remota terra. Este foy D.Christovaõ daGa-
a,o qual mandou Dom Estevão da Gama sendo
overnador da India em favor do Preste cõtra El-
ey de Zeilà,cõ que tinha guerra. Dom Christo-
ão com os Portuguezes, q̃ levava, que eraõ 500.
sbaratou duas vezes os Mouros, & na terceyra
atalha q̃ lhe deu,foy morto Dom Christovão, &
nossos postos em disbarato. Os q̃ ficarão torna-
dõse a reformar,& com outro Capitão,q̃ elegeraõ
ntre si,desbaratarão o exercito dos inimigos. Ma-
rão a El-Rey de Zeilà, o q̃ tudo se póde ver lar-
amente em hũa Relação,q̃ o Patriarcha Dom Jo-
o Bermudes fez destas cousas a El-Rey Dõ Joaõ
terceyro de Portugal, o qual não tratta de outra
ousa,& elle como testemunha de vista as conta na
erdade.

Vè cá a costa do mar. Esta costa do mar he a de Me-
linde,aonde está Moçambique,q̃ de huma,& de ou-
tra maneyra se chama,por estes lugares estarẽ nel-
la. E diz o Poeta q̃ Melinde deu a Dom Vasco hos-
picio gasalhoso, porq̃ sempre os nossos foraõ rece-
bidos,& gasalhados neste lugar com muyto amor,
como contaõ os nossos historiadores.

O rapto rio. Este rio rapto nace da terra do Pres-
te Joaõ,em hũ monte,a que os moradores chamaõ
Graro,& ao rio Obij,& Ptolomeo Rapto. Entra
no mar junto a hum lugar chamado Quilmance, o
qual lugar está situado na boca do rio Rapto,ao lõ-
go do mar,junto ao Reyno de Melinde. O que tu-
do diz aqui o Poeta , vejase Joaõ de Barros na pri-
meyra Decada.

97

O Cabo vè,jà Aromata chamado,
E agora Guardafù dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo,que do fundo toma as cores.
Este como limite estâ lançado
Que divide Asia de Africa,& as melhores
Povoações que parte Africa tem,
Maçuà,saõ,Arquiquo,& Suaquem.

O cabo vè jà Aromata chamado. O cabo Guardafù
tão conhecido hoje pelos nossos,a que Ptolomeo,&
outros antigos chamarão Aromata , he no fim da
terra de Africa , & no principio da Asia,por ser na
costa da Arabia na boca do mar roxo. Haverà de
costa até o promontorio Prasso, a q̃ vulgarmente
chamamos Moçãbique,550.legoas. Macuá he huma
Cidade chamada assim do nome de huma Ilha,aon-
de està situada, tão vezinha à terra firme, que serà
pouco mais de hũ tiro de espingarda. He sugeyta a
hũ Xeque senhor da Ilha Dalaca,aonde se pesca o
aljofar. E o mais vezinho porto que tem,he Arqui-
quo lugar do Preste João, de q̃ o Poeta aqui falla.
O qual Preste não tem outro porto em toda a costa.
Tem paz entre si,porque deste porto Arquico sayẽ
todos os mantimentos de q̃ se mantem a mayor par-
te da costa do mar roxo,por ter este Arquico muy-
ta abundancia delles. Haverà deste Maçuá ás por-
tas do estreyto 85.leguas. Suaquem he hũa Cidade,
& porto o melhor de todo o estreyto, cercada de
mar a modo de Ilha,a qual não occupa mais terra,
que a Cidade. Tem casas nobres de pedra,& cal,ao
modo da nossa Hespanha. E tem Rey per si,da qual
até Maçuá haverà setenta leguas.

98

V Es o extremo Suez,que antigamente
Dizem que foy dos Heroas a cidade,
Outros dizem que Arsinoe,& ao presente
Tem das frottas do Egypto a potestade.
Olha as agoas,nas quaes abrio patente
Estrada o grão Moyses na antigua idade.
Asia começa aqui que se apresenta
Em terras grande,em Reynos opulenta.

Vez,

Vez o extremo Suez. O ultimo lugar,& termo do eſtreyto do mar roxo he a povoação Suez poſta em altura do norte 29. graos, & tres quartos na qual Suez quer Dom Joaõ de Caſtro noſſo Portuguez,q̃ foy Governador,& Viſorey da India,em hum roteyro,que fez das couſas do eſtreyto do mar roxo, que foſſe ſituação dos da Cidade dos Heroas de q̃ falla Ptolomeo,ainda que Ptolomeo a ponha diſtãte do mar. O qual Dom Joaõ foy na arte de navegar,& nas couſas de Coſmographia muy eſtudioſo & douto,como delle certifica o noſſo Joaõ de Barros na ſegunda Decada. E por eſta razão eſpeculou todas as couſas do eſtreyto do mar roxo, & as cauſas da cor das agoas do dito mar,com muyta conſideração, como o meſmo autor affirma, o qual elle paſſeou,& vio muyto devagar: que deſta maneyra ſe ſabe a verdade de huma tão varia ſciencia,como he a Geographia, porque o tempo faz nos lugares ſeu officio como em todas as mais couſas do mũdo, que he levantar huns,& extinguir,& desfazer outros. Outros querem que foſſe a Cidade Arſinoe,de q̃ fallaõ todos os Geographos, aõde hora he Suez. He hoje eſte Suez hum triſte lugar,& eſteril, ſem agoa,nem outra couſa alguma,que preſte,mais que alguns officiaes,que reſidem nella para guarda,& cõcerto das armadas do Turco,para andar naquelles mares. Dizẽ os noſſos Portuguezes,& affirmão como teſtemunhas de viſta,q̃ há entre aquelles areaes,ruinas,& ſinaes de caſas, em que ſe moſtra,que em algum tempo houve alli edificios. O q̃ diz aqui o Poeta, que tem Suez a poteſtade das frotas do Egypto,he porque eſte lugar era do Soltão ſenhor do Egypto,no qual elle armava ſuas frottas,como agora faz o Turco, que jâ não hâ memoria de outro Rey naquellas partes.

Olha as agoas. Deſte lugar Suez até Toro poſto na meſma coſta de q̃ falla o Poeta na oytava ſeguinte, haverá quarenta legoas de diſtãcia. Entre os moradores deſte lugar há fama,q̃ por alli paſſou Moyſès com os filhos de Iſrael fugindo de Pharaó,porque aqui ſe vezinhão duas terras de Arabia, & de Egypto,por diſtancia de tres leguas,que dizem os mais foy o tranſito do mar. Outros querem q̃ foſſe eſta paſſagem por Corondolo,que he hum porto,q̃ eſtà entre Suez,& Toro. João de Barros na 1. Decada liv.8. cap.1. refere eſtas duas opiniões, & como da verdade diſto não conſta por eſcrittura certa,deyxa a reſolução para a ſua Geographia,q̃ atégora não ſahio a luz. Luis de Camões ſegue a primeyra opiniaõ, & eſta he a que ſe tem por verdadeyra entre os que melhor ſentem,& aſſim o parece ter Joaõ de Barros,que Moyſés paſſou os filhos de Iſrael por junto do lugar de Toro, donde começa a terra de Arabia na Aſia,como elle aqui diz. E pela eſcrittura vemos claramente a derrota que levou Moyſés com o povo de Iſrael, & que no monte Sinay lhe deu Deos a Ley, como ſe conta no Exodo, que he pelo certão dentro dezoyto leguas de Toro.

99

Olha o monte Sinay,que ſe ennobreçe
C'o ſepulchro de ſancta Catherina:
Olha Toro,& Gidà,que lhe fallece
Agua das fontes doce,& criſtalina
Olha as portas do eſtreyto,que fenece
No reyno da ſecca Adem,que confina
Com a ſerra de Arzire,pedra viva,
Onde chuva dos ceos ſe naõ deriva.

Olha o monte Sinay. Neſte monte Sinay deu Deo[s] Noſſo Senhor a Ley a Moyſés, como ſe conta n[o] Exodo, & em outros muytos lugares da Eſcrittu[ra]. Neſte monte eſtá hoje em dia hum Moſteyro d[e] Religioſos da vocação da Bemaventurada Virgem & Martyr Santa Catherina, por ella eſtar ſepulta[da] nelle:& outro da meſma vocação em Toro,qu[e] he huma povoação perto do mar, dezoyto legua[s] deſte monte,aonde tambem hâ muytos Chriſtão[s]. Pelo que a gente deſte lugar he differente no tra[to],& policia,de toda a outra da coſta de Arabia,aõ[de] eſte lugar eſtá, que he a materia q̃ o Poeta pe[r] eſtas oytavas vay trattando. Todo o maritimo d[a] coſta do mar roxo, aſſim na Arabia,como na Afr[i]ca,he terra eſteril,& de muyto pouca agua:& tam bem neſta parte faz Toro ventajem a todos os ou tros lugares, porque tem alguma agoa, & he terr[a] mais freſca, & differente das outras. De Gidá fic[a] trattado no canto nono.

Olha as portas do eſtreyto. O eſtreyto do mar roxo tão celebrado dos antigos, por razaõ da cor da[s] agoas,compàra o noſſo Joaõ de Barros na ſegund[a] Decada liv.7.c. (aſſim pela informaçaõ que temo[s] dos noſſos Portuguezes,que o viraõ,& paſſàraõ co[mo] mo por dito dos autores,q̃ delle trattaraõ) ao co[r]po de hum lagarto,porque parece fazer figura de[s]te animal. Ao colo deſte animal chamaõ portas d[o] eſtreyto,porque parece,que ſe fechaõ alli aquell[as] duas terras de Arabia, & Africa,entre as quaes eſ[te] eſtreyto jaz. A cabeça podemos chamar o lanç[a]mento das agoas fòra das portas, entre dous tã[o] nomeados,& conhecidos cabos Guardafú,& Ta[r]taque. O comprimento deſte mar das portas do e[ſ]treyto atè a povoação Suez ultimo termo ſeu, te[m] trezentas,& cincoẽta leguas. O mais largo he tri[n]ta & ſeis: o mais eſtreyto he tres,jũto ao lugar T[o]ro,por onde dizem paſſàraõ os filhos de Iſrael f[u]gindo de Pharaó. He eſte mar pelo meyo naveg[a]vel, por ter fundo que baſte,pelos lados, ao long[o] das coſtas de Arabia,& Africa he muyto perigo[ſo] por ter muytos bayxos, & reſtingas. E aſſim os [que] caminhão por elle, em vindo a noyte lanção a[n]cora,por lhe não acontecer algum deſaſtre. Eſta a Cidade Adem,de que o Poeta aqui falla,quare[n]ta legoas das portas a dentro na coſta de Arab[ia] Felix. He eſta Cidade Adem muyto fermoſa â v[iſ]ta, por ſer cercada de muytos bons muros, torr[es] edifici[os]

edificios,& casas altas de sobrados, & eyrados, em tanto,que diz Lodovico Romano na sua navegação,que està hoje a mais fermosa Cidade de toda a Arabia Felix,porque està situada ao pè de hũa serra, a que os naturaes chamão de Arzira, a qual he toda de hũa pedra viva sem arvore,nem herva alguma,que he a razão,porq̃ o Poeta lhe chama aqui seca. E passaõ logo dous,& tres annos q̃ não chove por aquella comarca toda,& se succede chover alguma agoa,he de trovoada,que passa muyto depressa.

100

OLha as Arabias tres,que tanta terra
Tomão,todas da gente vaga,& baça,
Donde vem os cavallos para a guerra
Ligeyros,& feroces de alta raça.
Olha a costa que corre atè que cerra
Outro estreyto de Persia,& faz atraça
O cabo,que c'o onome se appellida,
Da cidade Fartaque aly sabida,

Olha as Arabias tres. De Arabia se veja a nossa annotação no terceyro canto,oytava 71.

Olha a costa que corre. Entende a costa de Arabia Felix,a qual começa na Cidade Adem,de que fica trattado atrás, da qual Cidade ao cabo Fartaq̃ haverá cem legoas de costa:He este cabo assàs conhecido:o qual se chama assim de hũa Cidade chamada Fartaque,a principal do Reyno,por cujo respeyto o Rey se chama Rey de Fartaque,& os povos Fartaquijs.

101

OLha Dofar insigne,porque manda
O mais cheyroso encenso para as aras:
Mas attenta jà cà de estoutra banda
De Roçalgate,& prayas sempre avaras.
Começa o Reyno Ormuz,que todo se anda
Pelas ribeyras,que inda seraõ claras
Quando as galès do Turco,& fera armada,
Virem de Castelbranco nua a espada.

Olha Dofar insigne. Na costa de Arabia Felix estão dous insignes cabos Fartaque,de que fallámos na oytava passada,& Roçalgate,de q̃ o Poeta aqui falla,o qual he no principio da costa,aonde começa o Reyno de Ormuz, ao qual cabo chama Ptolomeo Syagro , & poem em 14. graos da parte do Norte , & os nossos Portuguezes o tem verificado em 22.graos & meyo.Nesta costa que terá de comprimento atè o cabo Roçalgate,duzentas & novẽta legoas,há muytos lugares,& Cidades,mas a principal he Dofar,por causa do muyto,& bom encenso que tem,pelo que o Poeta lhe chama insigne:

Prayas sempre avaras. Isto diz porque os moradores daquella costa até a Cidade Ormuz, tirando os da villa Calayate,que será deste cabo vinte legoas, que receberão os nossos,& quizeraõ paz com elles, todos os mais forão avaros para elles , & o que lhe derão sempre foy por força,custandolhe porẽ sempre caro, porque os nossos lhe queymavão as terras, & saquearão as fazẽdas, como tudo conta largamente Joaõ de Barros na primeyra Decada liv. 2.cap.1.De Ormuz se veja o que escrevemos no cãto segundo,oytavo 49.E dizer o Poeta que todo se anda pelas ribeyras,he porque todo este Reyno està ao longo da costa.E não tem cousa alguma pelo sertão.

Virem de Castelbranco nua a espada. Este foy Dom Pedro de Castelbranco,Capitão de Ormuz,o qual houve grandes vittorias dos Turcos neste mar de Ormuz.

102

OLha o cabo Asaboro,que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia,& Persia terras abundantes.
Attenta a ilha Barem,que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas,& imitantes
A cor da Aurora,& vè na agua salgada
Ter o Tygris,& Eufrates hũa entrada.

Olha o cabo Asaboro. Do cabo Roçalgate,donde começa a terra do Reyno de Ormuz,atè o cabo,q̃ Ptolomeu chama Asaboro,& os nossos Moçandão haverá 87.legoas de costa. Ptolomeu situa este cabo em 23.graos,& dous terços de altura do norte, & os nossos Portuguezes , aos quaes se ha de dar credito,porq̃ a pè quedo fizerão experiencia.Deste cabo Moçandão começa o seyo Persico,a que o Poeta aqui chama lago. Jaz entre duas terras,Arabia,& Persia.E tomou antes o nome de Persia,por ser aquella parte mais habitada;porque da de Arabia não tẽ mais que quatro tristes povoações: Camuzar,Gaçapo,Iulfar, & a Ilha Catife,que tem alguma melhoria,ainda que Ptolomeu lhe dé outras villas,& Cidades,q̃ devem estar debayxo das areas: porque em toda aquella costa não tem outra cousa,& bastalhe o nome q̃ tem de Arabia deserta,que quer dizer desemparada,porque nem mantimento tem para sustentar as aves do ceo,quãto mais a gente.Terà de comprimento 300.leguas,& de largo 25. E em partes tão estreyto,que não passa de quatro. Corre ao Noroeste da Ilha de Ormuz,& acaba jũto á Ilha Cargem , aonde entra no mar o rio Eufrates, a que os naturaes chamão Fiat, & nelle encorporado o rio Tigris,chamado por elles Digida. Pelo meyo deste estreyto hà algumas Ilhas habitadas de Mouros Arabios,os quaes se mantém de tamaras,por haver muytas,& de outros mantimentos pouco : pescaõ aljofar. A principal destas ilhas se chama Baharem, a melhor, & mais fresca de todo aquelle mar,aonde se pescão todo o anno perolas, as mais finas de todo o Oriente : ainda que não he esta pescaria tamanha como a da Ilha de Ceylão da India,& Aimam da China,nas quaes tres Ilhas hâ a principal criação daquellas ostras, donde se tira o aljofar,& perolas. Terá de circuito trinta legoas,

pouco mais,ou menos,& de comprido sete,distante de Ormus por espaço de cento & dez leguas. E pois trattámos aqui da pescaria do aljofar,razão será darmos relação della. Atão hum homem por bayxo dos braços com huma corda comprida, & poemlhe huma pedra nos pés para o levar depressa ao fundo. E paraque lhe não entre agoa nos narizes,poemlhe huma tala nelles, nas mãos leva hum balde,no qual deyta ostras,que acha,& muytas vezes vem acima sem ostras, & sem vida: porque puxa pela corda,paraque o alem arriba,acha os ministros descuydados,de modo, que quando tirão por elle o achão morto. São as ostras do tamanho da palma de huma mão,por fóra pretas,& por dentro reluzentes:abremse ao Sol,& lanção de si as perolas,& aljofar,que vemos.

Ter o Tygris,& Eufrates huma entrada. Entrão estes dous rios tão famosos Tygris, & Eufrates, em corpo junto à Ilha muyto pequena, que terá menos de huma legoa, chamada Cargem, no fim do estreyto de Persia,de que fallámos. Da qual se vay pelo rio acima à Cidade de Baçorá. A gente que aqui mora são pilotos, que servem de levar gente á Cidade Baçorá,que pelo rio acima estará quarenta & seis legoas desta Ilha. He taõ largo este rio nesta sua entrada, que não se vé terra de nenhuma das bandas,até que navegando por elle por espaço de meyo dia com bom vento,se descobre cõ muyto arvoredo de huma, & outra banda. Acrecentey isto aqui porque todos poem a Cidade Baçorà no fim deste estreyto, não sendo senão aquella triste Ilha Cárgem, como diz o Tenreyro no seu Roteyro.

103

O Lha da grande Persia o Imperio nobre
Sempre posto no campo,& nos cavallos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vè a ilha Gerum,como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuza,que aly esteve,
Ella o nome despois,& a gloria teve.

Olha da grande Persia. Depois que trattou da Arabia,entra nos costumes,& vida dos Persas,os quaes diz,que sempre estão postos no campo,porque folgaõ muyto de andar nelle, & assim o fazẽ pela mayor parte,ainda que pelos lugares tem muyto boas casas. Estes como vivem de gados, & saõ grandes homẽs de cavallo vivem por aduares com suas têdas no campo das quaes sayem em magotes a furtar,porque saõ elles muy refinados ladrões. Andaõ em bons cavallos,com arcos,& frechas, traçados, escudos de aço: das lanças usaõ, mas em tempo de grande aperto,& necessidade. Antes de entrarem os nossos Portuguezes na India naõ usavaõ artilharia,antes se injuriavaõ de a trazer confiados em seus cavallos:Hoje a usaõ como sabemos por informaçaõ verdadeyra,porque tem necessidade della, por andarẽ continuamẽte em guerra cõ o Turco.

Mas vè a Ilha Gerum. Esta Ilha Gerum he o lugar aonde hoje está situada a Cidade de Ormuz,de que fica trattado largamente no segundo canto, oytava 49. Era huma triste terra de hum Rey por nome MalecCaez,o qual residia em huma Ilha chamada Caes,que isto quer dizer Malec Caez,a qual Ilha está dentro no estreyto de Persia,cinco legoas da terra de Persia,junto do cabo Nabam. Era este Malec Caez senhor de tudo,o q̃ havia na Ilha Gerum até a Ilha Baharem,que serâõ cento & dez legoas de espaço.Tinha por visinho hum Gordunxa Rey da Provincia Magostão,o qual tinha muyto pouca necessidade della, porque lhe naõ servia de mais,que de colheyta de alguns pescadores daquelle estreyto,cuja terra confinava cõ a Ilha Gerum;pelo que procurou por todas as vias haver a Ilha, & assim a comprou. Fez tanto nella o Gordunxá,que se fez senhor do estado do que lha vendeo,& está hoje no estado que sabe o mundo,que he huma das melhores cousas da India.Na terra do Magostaõ vezinha de Ormuz aparecẽ hoje as ruynas da Cidade deOrmuz antiga,a qual Cidade chama Ptolomeo Armuza na sexta taboa de Asia,que se trespassou na Ilha Gerum,aonde hoje está a nossa Ormuz.E isto he o que o nosso Poeta aqui diz,q̃ está Ormuz agora, aonde foy Armuza,porq̃ o seu nome foy trespassado para alli,& naõ porque seja Ormuz,aonde foy Armuza,pois sabemos,que foy em outro lugar muyto differente,como fica dito, ainda que naõ muyto longe, como se pòde ver em Joaõ de Barros,na segunda Decada liv.2. c.2.

104

A Qui de dom Philippe de Meneses
Se mostrarà a virtude em armas clara,
Quando com muyto poucos Portugueses
Os muytos Parseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes,& revezes
De dom Pedro de Sousa,que provàra
Já seu braço em Ampaza,que deyxada
Terà por terra à força só da espada.

Os muytos Parseos vencerá de Lara. Lara, & Ampaza saõ Cidades na Persia nos confins de Ormuz, contra cuja gente Dõ Philippe de Meneses, & Dõ Pedro de SousaCapitães de Ormuz houveraõ grãdes vittorias,como aqui diz o Poeta.He commum opiniaõ, q̃ o grande Tamorlaõ foy natural da Cidade de Lara, o qual foy em seu principio recoveyro,& deste estado taõ bayxo veyo a ser senhor da Persia,& cativou o Graõ Turco.

105

M As deyxemos o estreyto,& o conhecido
Cabo de Iasque,dito jà Carpella,
Com todo o seu erreno mal querido
Da natureza,& dões vsados della;

Carmania

armania teve jà por apellido.
Mas ves o famoso Indo, que de aquella
Altura nace junto a qual tambem
De outra altura correndo o Gange vem.

Mas deyxemos. Depois q̃ trattou do estreyto de Persia, entra na descripçaõ da India, começando pelo cabo Iasque, que està fôra da garganta do estreyto Perseo, ao qual Ptolomeo chama Carpella, situado por elle em 22. graos & meyo, da banda do Norte, mas verificado pelos Portuguezes em 24. graos largos, cujo sertaõ he esteril, seco, & despovoado, ao qual os antigos chamaraõ Carmania, como diz aqui o Poeta.

Mas vez o fermoso Indo. O rio Indo, & o Ganges nacem ambos juntos em o monte Paropaniso, que he hum esgalho do monte Tauro, mas em differẽtes lugares. Pelo q̃ entre os naturaes he chamado o mõte dos dous irmãos. Vejase o que escrevemos no canto sexto, oytava 92.

106

Olha a terra de Ulcinde de fertilissima;
E de Iaquete a intima enseada;
Do mar a enchente subita, grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaya vè riquissima,
Onde do mar o seyo faz a entrada
Cidades outras mil, que vou passando,
A vòs outros aqui se estão guardando.

Olha a terra de Ulcinde. Com o Reyno de Ormuz confina o Reyno de Ulcinde, o qual està entre a Persia, & o Reyno de Cambaya. Tem Rey proprio, o qual he Mouro. Os moradores da terra saõ Mouros pela mayor parte, & alguns Gentios. O Reyno he muyto grande pelo sertaõ dentro, & muyto abundante de mantimentos. Tem trigo, & cevada, & muytas carnes. Saõ os moradores deste grande Reyno pouco affeyçoados ao mar, pelo q̃ na costa delle tem poucos portos. Saõ grandes pescadores, pelo que muytos tem por officio pescar, & tomaõ peyxes grandissimos, dos quaes muytos se gastaõ na terra, de outros salgados se carregão navios para levar a outras partes. E naõ sómente a gente come a este peyxe seco, mas delle mantem tambem os cavallos, & outros animaes, de q̃ na terra há muyta abundancia. Por meyo deste Reyno passa hũ rio grandissimo, que vem de Persia ao longo do qual estaõ muytos lugares de Mouros riquissimos, por ser a terra alli muyto grossa, & abundante de todas as cousas necessarias para a vida.

E de Iaquete a intima enseada. No Reyno de Cambaya ao lõgo da costa està hum lugar por nome Iaquete, que serà de Diu 50. legoas, ao longo do qual faz o mar huma enseada penetrante pela terra, na qual enche o mar, & vaza com tanta pressa, q̃ atrás torna todo o navio que naõ acha com a proa para a corrente de agoa, porque vay como huma setta. De cinco cousas dizẽ os Mouros, q̃ os livre Deos: da ira dos Frãques, da enseada de Jaquete, das correntes de Bẽgala, do golfaõ de Ceylaõ, & dos bayxos de Chilao, que saõ os perigos no mar da India, como os bancos de Flandes entre terra firme, & Inglaterra, & Scylla, & Charibdis no mar de Sicilia, entre Sicilia, & Napoles. Neste Reyno de Cambaya há muytas Cidades, & lugares muyto ricos. E diz, que terá mais de setenta & cinco mil povoações, entre Cidades, villas, & bons lugares, fóra aldeas pequenas, que saõ infinitas. He Reyno muyto rico, & abastado, & nelle entra o rio Indo na enseada, q̃ Ptolomeo chama Cantù, & outros Cãticolpus, hoje golfo de Cambaya.

107

Ves corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, atè o cabo comory
Já chamado Cori, que Tapobana
Que hora he Ceilão defronte tem de sy.
Por este mar a gente Lusitana
Que com armas virà despois de ty
Terà vittorias, terras, & cidades,
Nas quais haõ de viver muytas idades.

Vez corre a costa celebre Indiana. Passado o Reyno de Cambaya, q̃ serà cento & tres legoas de Iaquete, começa a costa da India, a qual vay correndo para o Sul, tem de cõprido atè o cabo Comori 29. legoas pouco mais ou menos: o qual Comori està defronte da Ilha Ceylaõ em sete graos da banda do Norte, ao qual Prolomeo chama Cori: neste espaço da terra jàs o principal da India, que os Portuguezes possuem.

180

As provincias, que entre hũ, & outro rio
Vès com varias nações, são infinitas:
Hum Reyno Mahometa, outro Gentio,
Aquem tem o demonio leys escriptas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas, & bendittas
Do corpo de Thome, Barão sagrado,
Que a Iesu Christo teve a mão no lado.

As Provincias. Acerca da declaraçaõ desta oytava se veja o que escrevemos no canto setimo.

Olha que de Narsinga. O Reyno de Narsinga he hũ dos mayores, & mais ricos da India. Tem muytas Cidades, & portos de mar muyto grandes, & muyto bons. Dividese em cinco Provincias muyto grãdes, em hũa das quaes a mais maritima de todas, chamada Choromandel, que terá de costa mais de cem legoas, esteve antigamente huma muyto grande, & fermosa Cidade chamada Mailapur por sua fermosura, que isto quer dizer a palavra na sua lingoa. Nesta Cidade, por ser de muyto concurso, & tratto de gente, esteve o Bẽaventurado S. Thomé Apostolo de nosso Senhor Jesu Christo, & nella padeceo martyrio, & nella està o seu corpo sepultado, como por todas estas oytavas vay trattã-

do o Poeta. De Narsinga se veja o q̃ escrevemos no cãto settimo, oytava 21.

109

AQui a cidade foy, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande, & rica;
Os Idolos antiguos adorava,
Como inda agora faz a gente inica.
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a fè, que no mundo se publica
Thome vinha pregando, & jà passara
Provincias mil do mundo, que ensinára.

Aqui a Cidade. Ao tempo q̃ este Bemaventurado Santo estava nesta Cidade de Maylapur, q̃ assim se ha de chamar, ainda q̃ alguns lhe chamão Meliapur estava ella doze legoas do mar. E dizem, q̃ prophetizàra o Bemaventurado Santo, q̃ havia de vir tempo, em q̃ o mar batesse na Cidade, & q̃ então havia de ir ter alli gente da parte do Occidente, a qual cria no Deos q̃ elle prégava. O q̃ aconteceo assim, porque como o tempo o mar foy gastando, & comẽdo a terra, atè chegar ao lugar aõde estava a Cidade, & assim se destruhio, & assolou sem ficar della mais q̃ huma casa cahida, aonde estavão enterrados os ossos do Bẽaventurado Santo, q̃ os nossos achárão a caso cavando na terra. Hoje há edificios novos, & a terra se chama S. Thomé, aonde vivẽ muytos Portuguezes.

110

CHegado aqui pregando, & junto dãdo
A doentes saude a mortos vida,
Acaso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andava edificando,
Fazer delle madeyra, & não duvida
Poder tiralo à terra com possantes
Forças de homens, de engenhos, de èlephantes.

Hum lenho de grandeza. Conta o Poeta nesta oytava hũ milagre, que fez nesta Cidade de Meliapor, q̃ chegou acaso àquella Cidade por cima da agoa, hũ madeyro tão grande, que era cousa de espanto, o qual sabido por El-Rey mandou ajũtar muyta gẽte, & elephantes para o trazerem a terra, o que não teve effeyto, porq̃ nunca o poderão abalar. Vendo isto o Bemaventurado S. Thomé, pedio ao Rey q̃ lho dèsse para fazer com elle hum Templo para o Deos q̃ prègava, se o dalli tirasse. El-Rey lho concedeo sorrindose. Tomou então o Santo o seu cordão, & atouo no pao, & feyto o final da Cruz, ollevou arrojões até o lugar aonde tinha determinado fazer a Igreja, como diz na oytava seguinte.

111

ERa tão grande o peso da madeyro,
Que sò para abalarse, nada basta;
Mas o Nuncio de Christo verdadeyro,
Menos trabalho em tal negocio gasta.
Ata o cordão, que traz por derradeyro
No tronco, & faclimente o leva, & arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Mas o nuncio de Christo. O Bẽaventurado S. Thomè, q̃ denunciava, & prégava a Fé de Jesu Christo Nosso Senhor.

112

SAbia bem que se com fè formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo à voz sagrada
Que assi lho ensinou Christo, & elle o prova.
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tem por causa nova;
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
Hão medo de perdera autoridade.

Que assi lho ensinou Christo. Como consta de S. Mattheus, em a sua historia Evangelica.

113

SAõ estes sacerdotes aos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a enveja
Buscão maneyras mil, buscão desvios
Com que Thome naõ se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peyto traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga naõ he tão dura, & fera,
Como a virtude falsa da syncera,

Saõ estes Sacerdotes. Os Bramenes saõ os Sacerdotes daquellas partes. Sobre seus costumes, & vida, se veja a nossa annotação no canto 7. oytava 40. aonde declaro, q̃ fios saõ estes, que trazem ao peyto, de que o Poeta falla nesta oytava.

114

HUm filho proprio mata, & logo acusa
De homicidio Thomè, que era innocẽte
Dà falsas testemunhas, como se usa,
Condenaraõno à morte brevemente.
O Sancto, que naõ vè melhor escusa,
Que appellar para o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

115

O Corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, & seja perguntado
Quem foy seu matador, & serà crido
Por testemunho o seu mays approvado.
Virão todos o moço vivo erguido
Em nome de Iesu crucificado:

Dà

Dà graças a Thome, que lhe deu vida,
E descobre seu pay ser o homicida.

E descobre seu pay. Outro milagre, q̃ o Poeta aqui conta do Bemaventurado S. Thomè, foy q̃ os Bramenes, vendo q̃ sua opiniaõ, & credito, que tinhão cõ o povo de Santos, & Religiosos, se lhe perdia, se o Bemaventurado S. Thomè alli permanecesse, determinàraõ levantarlhe algum testemunho, para o destruhirem, & hum delles, em quẽ a enveja se meteo mais, matou hum filho, & disse que o Santo lho matàra, o que lhe provou com outras testemunhas da mesma massa. Levando o Bẽaventurado S. Thomè diante do Rey da terra, para dar sentẽça sobre o caso: disse o Santo que lhe trouxessem o minino morto, q̃ elle diria quem o matàra. Trazido o minino, o Bemaventurado Santo o fez levantar vivo em virtude de Jesu Christo nosso Senhor, o qual disse em voz alta, q̃ seu pay o matàra. Fez tanto abalo este milagre na gente, que o Bramene foy desterrado. O que tudo conta o Poeta, larga, & claramente.

116

Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rey se banha logo na agua santa,
E muytos apos elle, hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thome canta.
Os Bramenes se encherão de odio tanto,
Com seu veneno os morde enveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinaõ matalo em fim de tudo.

Determinão matalo em fim de tudo. Vendo os Bramenes a virtude de Thomè, & como totalmẽte se perdia o seu credito, & quão mal lhe sahira o q̃ determinàraõ, q̃ era fazer morrer o Santo, por via de justiça, levantandolhe algũ testemunho, determinàraõ matalo elles por suas mãos. Estando elle hũ dia prègando, levantàraõ hum ruido, & fazendo q̃ tiravão huns contra os outros, matàraõ o Santo às pedradas, & hũ delles o passou com huma lança, cõ q̃ deu o espirito ao Senhor, q̃ lhe quiz dar a gloria, & levalo para si mais depressa por aquelle caminho, como diz aqui o Poeta, & se pòde ver tudo largamente no nosso Joaõ de Barros, na terceyra Decada liv. 7. cap. 11. E o Padre Lucena largamente.

117

Hum dia que prègando ao povo estava,
Fingirão entre a gente hum arroido;
Jà Christo neste tempo lhe ordenava
Que padecendo fosse ao Ceo subindo.
A multidaõ das pedras, que voava,
No sancto dà jà a tudo offerecido:
Hum dos maos, porfartarse mays depressa,
Com crua lança o peyto lhe atravessa.

118

Choraraõte Thome o Gange, & o Indo;
Choroute toda a terra, que pisaste;
Mais te choraõ as almas, que vestido
Se hião na sancta Fè, que lhe ensinaste.
Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo
Te recebem na gloria, que ganhaste,
Pedimoste, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças,

Choràraõte Thomè o Gange, & o Indo. Por Gange, & Indo entẽde as partes da India, por donde o Gãges, & o Indo rios passão, de que fica trattado em muytas partes.

119

E Vòs outros que os nomes usurpaes
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se soys mandados, como estays
Sem yrdes a prègar a sancta Fè?
Olhay que se soys sal, & vos danais
Na patria, onde Propheta ninguem he
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieys deyxo) tantas heresias.

E voz outros, que os nomes. Esta oytava, por não ser bẽ entendida atégora, foy interpretada, & calumniada por mordaz, & satirica, contra os Padres da Companhia. Mas enganàraõse todos. Pois o q̃ claramẽte o Poeta aqui quiz dizer: Foy lembrar, & persuadir aos Prègadores Apostolicos da ley Evangelica (q̃ saõ todos Sacerdotes, & Religiosos, principalmente letrados) q̃ atè o tempo em q̃ elle escrevia, não tinhão hido á India prègar a Fè, a obrigação q̃ tinhão de o fazer. Assim por razão de seu officio: como pelo perigo, q̃ em todos os homẽs causa o ocio, & silencio: quando elles são obrigados a publicar, & persuadir cõ todos os preceytos rethoricos, os mysterios de nossa santa Fè, aos infieis. O q̃ mal podião fazer dẽtro em Portugal: assim por nelle não haver jà infieis: como tambem, porq̃ com a priguiça, & descuydo se poderàõ danar em sua patria: como faz o sal (a q̃ o Evangelho sagrado os cõparou) o qual para aproveytar, se ha primeyro de desfazer em agoa. Porque os doutores entendem a palavra de Deos, & as obras penaes, & de virtude; com que ella melhor se cultiva, & planta.

Confirmase esta verdade, cõ sabermos de certo, q̃ o Camões escreveo este livro no anno de 70. tẽpo em que os Padres da Companhia havia mais de 30. annos q̃ trabalhavão naquellas partes na prègação da Fé admiravelmente: cõ muytas casas já edificadas por elles, & muytas Provincias cultivadas na doutrina Evangelica: ainda q̃ os Frades de S. Francisco, & de S. Domingos erão jà lâ muyto mais antigos.

E como o Camões era tão visto nas historias, & cousas, principalmente da India, aonde andâra tanto-

tos annos, & tão particularmente se informára de tantas meudezas, como se vè deste seu Poema. Não podia ignorar esta verdade, tão patente naquellas partes, & em todo o mundo. E assim se lhe deve restituir sua hóra nesta calumnia; indigna de hum tão grande entendimento, como foy o seu. Que como tão pratico nas cousas da India desejava q̃ todos os Prègadores Evangelicos se fossem occupar em tão santa obra. Pelo grande fruto que elle sabia, que os poucos, que então lá andavão, tinhão feyto: & pela grande disposição, que via nos moradores de receberem a Fé infinito numero: se houvesse copia de obreyros que lha ministrassem.

Que era cõmum dos Governadores, & Capitães daquelles tẽpos mandarem pedir ao seu Rey muytos Prègadores: pelas infinitas almas q̃ se perdião por falta delles. O que o Camões procurava persuadir, & não calumniar. E esta he a verdade.

120

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos à costa debuxada,
Jà com esta cidade taõ famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada.
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixà de roupas abastada;
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Jà com esta Cidade. Da Cidade de S. Thomé, que está hoje no lugar aonde foy a antiga Cidade de Maylapur, até o cabo Guardarij, q̃ está em 17. graos há algũas Cidades. Neste cabo Guardarij se acaba a terra de Narsinga, & começa o Reyno Orixà. Tẽ este Reyno poucos portos, por ser a costa brava. Acabase a terra do Reyno Orixà, no cabo Segogoza, q̃ está em 21. graos. Deste cabo atè a Cidade de Chatigão do Reyno de Bengala, de q̃ o Poeta falla na oytava seguinte, há cem legoas. Entre os quaes termos faz o mar huma enseada, na qual entra o rio Ganges no mar de mistura com outro rio, chamado Ganga, o qual atravessa todo o Reyno Orixá.

121

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejão grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, & dà pureza.
Vè Cathigaõ cidade das melhores
De Bengala provincia, que se preza
De abundante; mas olha, que està posta
Para o Austro de aqui virada a costa.

Mas olha que està posta para o Austro. Passado o Reyno de Narsinga vay a costa correndo direyta ao levante atè a Cidade Chatigam, & dalli torna a costa com outro rodeyo para o Sul. Pelo que os mareantes chamão a este lugar. Contra costa,

122

Olha o Reyno Arracão, olha o assento
De Pegù, que jà monstros povorão
Monstros filhos do feo ajuntamento
De huma molher, & hum cão, q́ sós se acharão.
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumão: o que usarão
Por manha da Raynha, que inventando
Tal uso deytou fora o error nefando.

Olha o Reyno Arracão. Com o Reyno de Bengala confina o Reyno de Arracão. O Rey, & os moradores deste Reyno todos saõ Gentios. He este Reyno muyto grande metido todo pelo sertão dẽtro: pelo q̃ não tem portos de mar. O Rey he muyto rico de dinheyro, & muyto poderoso de gẽte de guerra, a qual traz continuamente com seus vezinhos: & tem grandes paços por todas suas terras, cõ grandes tanques de agoa, jardins, & arvores de todo o genero. Usaõ de muytas molheres, não tem ordem nem ley algũa de matrimonio, he gẽte dada a muytas delicias, por ser a terra muyto rica, & abundante de todo o necessario.

De Pegù. Com o Reyno Arracão, de que fallámos acima, confina o Reyno de Pegú. Este Reyno he muyto rico pelo sertão dentro, por haver nelle muyto ouro, robijs, & outras pedras de muyto preço, & muyto, & muy fino lacre. He terra muyto sadia, & muyto abundãte de mantimentos, & fruytas. Tem alguns portos de mar, em os quaes morão muytos Mouros, & Gentios, grãdes mercadores. E alli concorrem de outras muytas partes homens de negocio, como de Samatra, Malaca, Cambaya, & outras partes da India.

Monstros filhos do feyo ajuntamento De huma molher, & hum caõ. Contase dos moradores deste Reyno de Pegú, como refere Joaõ de Barros na terceyra Decada, & o Poeta nesta oytava, q̃ procedem de huma molher, & de hum cão. O q̃ contão desta maneyra, q̃ vindo acaso huma embarcação da China aportar com tormenta á costa deste Reyno, que então era deshabitado, sómente escapou hũa molher, & hum cão, os quaes tẽdo copula entre si, houverão filhos, os quaes multiplicáraõ de maneyra, q̃ povoáraõ toda aquella terra, q̃ he muyto larga, & por não degenerarem dos costumes de seus pays, inventáraõ os cascaveis, de q́ o Poeta aqui falla, & nós trattámos na oytava seguinte, de q̃ usavão em suas partes vergonhosas para mostrar a dissolução, & desenfreamento, q̃ tinhão nesta materia da luxuria, & sẽsualidade, a q̃ por respeyto daquelle seu primeyro pay erão naturalmente inclinados. Outros querem q̃ huma Raynha da terra por nome Canàne, invẽtasse os cascaveis, por se evitar o peccado nefando, q̃ naquellas partes muyto se usava, os quaes segue aqui o nosso Ppeta. A este mesmo vicio da carne saõ muyto dados os moradores do grande Reyno de Syão, donde lhe ficou este mao costume. E porque

ue os homẽs destas partes saõ muyto mais feyos q̃ s molheres, dizem ellas, q̃ os homens sayem ao pri-neyro pay, & ella a sua primeyra mãy. Outras ra-ões no lugar allegado de João de Barros, alli as ódem ver os curiosos.

123

O Lha Tavay cidade, onde começa
De Syão o largo imperio taõ comprido
Tenessary, Quedà, que he sò cabeça
Das que pimenta aly tem produzido:
Mays avante sareys que se conheça
Malaca, por Emperio ennobrecido,
Onde toda a provincia domar grande,
uas mercadorias ricas mande.

Olha Tavay. Passado o Reyno de Pegû pela costa diante cõtra Malaca està o grãde Reyno de Syão: s moradores saõ Gentios, & o Rey tambem Gen-o: he muyto grande senhor pela terra dentro, por-ue começando desta costa de Pegû, vay confinar õ a China, na qual paragem tẽ muytos portos de nár, he muyto poderoso Rey, & tẽ muyta gente, ssim de cavallo, como de pè, & muytos elephãtes. lão consente q̃ Mouro algum traga armas no seu eyno. Há pela terra dentro muyto beyjoim, & uyto bom. A Cidade de Tavay, de q̃ o Poeta aqui lla, foy antigamente do Reyno de Syão, hoje he ultima do Reyno de Pegû. Passado Tavay està 'enassary. E Quedà Cidade do mesmo Reyno de yão, nas quaes se dá a melhor pimenta do mundo, omo diz aqui o Poeta. He gente assim esta de Pe-ú, como a de Syão muyto dada ao vicio da carne. elo q̃ para mais dilicia della costumão nos mem-ros genitaes trazer cascaveis, hũs de ouro, outros e prata, finalmente cada hũ conforme a sua possi-ilidade. E saõ tão dissolutos, & desentreados nesta arte, q̃ trazem nas mesmas partes diamãtes, & ou-ras pedras de grande preço, & andando pelas ruas ndão tinindo cõ os cascaveis. E o Rey costuma ter oo. molheres, & mais, & assim os mais da terra as q̃ uerẽ. Muytas cousas dignas de se saber deste Rey-o, & sua gẽte tratta Joaõ de Barros na 3. Decada v. 2. cap. 5.

Malaca. De Malaca se veja o que escrevemos no anto 2. oytava 54.

Onde toda a Provincia do mar grande, Suas mercade-ias ricas mande. Isto diz porq̃ de todas as partes do Oriente, q̃ entende por mar grande, pelas correr, & assar todas o grande mar Oceano, concorrem a es-a Cidade, por ser de grande tratto, & comercio.

124

D Izem que desta terra co as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que jà dantes
Iuntas ambas a gente antigua vio.
Chersoneso foy ditta, & das prestantes
Veas de ouro, que a terra produzio.
Aurea, por epitheo lhe ajuntarão;
Outros que fossem Ophyr imaginarão.

A nobre Ilha Samatra. He Samatra hũa Ilha muy-to grande, & muyto fermosa, q̃ terà de circuito se-tecẽtas legoas, posta debayxo da linha equinocial, he abundantissima de todas as cousas: tem muytos Reynos, nos quaes, hâ muyta pimenta, no de Pedir, que està defronte de Malaca, & no de Zunla, & em outros muyto ouro, como de Menomcabo, & Bar-roz, nos quaes se colhe, ou de grandes minas, ou ao longo da praya dos rios. Em todos os Reynos desta Ilha hâ muytas, & muy grandes Cidades: as que es-tão pelo sertão dentro, saõ habitadas de Gẽtios, & as da costa, de Mouros grandes mercadores. Dizem alguns, que esta Ilha Samatra foy antigamente hũa mesma cousa cõ a nossa Malaca, q̃ o tempo, que faz outras, & mayores mudanças, as dividio, & poz no estado em q̃ agora estão, como contão tambem da Ilha Sicilia cõ Italia: & porq̃ nesta comarca de Sa-matra hâ muyto ouro, acrecentão, q̃ esta he Ophyr de q̃ a Escrittura falla, assim o tem hum Portuguez nosso por nome Gaspar Barreyros, autor gravissi-mo, & grande antiquario, & que este põto trattou melhor q̃ todos os outros escrittores, & Abraham Ortelio o refere tambem na sua Synonimia, na pa-lavra Ophyr. E a isto se inclina o Padre Joseph da Costa no livro *de procuranda Indorum salute*, & esta opinião parece ter algũa cor, como se tratta no li-vro q̃ novamente imprimirão os Padres da Cõpa-nhia de Jesu do Collegio de Coimbra. Ainda que Luis de Camões a tenha por imaginada. O q̃ mais cer-to he q̃ ninguem sabe a certeza. Pelo q̃ em cousa de tanda duvida, não temos q̃ certificar. Esta Ilha Sa-matra tiverão os antigos por Chersoneso, porque cuydaõ não ser Ilha. Mas a experiencia nos mostra o contrario, & assim sabemos por informação ver-dadeyra dos nossos Portuguezes, q̃ a viraõ, & pas-searão toda. Vejase a nossa annotação no segundo canto.

125

M As na ponta da terra Gingapura (ta,
Veràs, onde o caminho às naos se estrey-
De aqui tornando a Costa à Cynosura
Se encurva, & para a Aurora se endereyta.
Vès Pam, Patàne, Reynos, & alongura
De Syão, que estes, & outros mays sogeyta.
Olha o rio Menaõ, que se derrama
Do grande lago, que Chiamay se chama.

Mas a ponta da terra Cingapura. He Cingapura hũ cabo de terra defrõte da Ilha Samatra, da qual dis-ta por espaço de 20. legoas. *As naos se estreyta.* Por ser estreytissima em terra firme de huma banda, & muytas Ilhas da outra. Deste estreyto soube Luis de Camões: & do novo não, q̃ novamente se desco-brio por hũ Joaõ Velho, do qual hoje se usa mais, & se navega para varias partes. E aquelle estreyto pri-meyro o he tanto, que vaõ as vergas das naos em muytas

muytas partes dando de hũa, & outra banda, & os dous estreytos ambos desembocão no mar de Bintão, q̃ he o estreyto, que o Poeta aqui diz. Foy antigamẽte neste lugar a Cidade Cingapura, aonde cõcorria toda a gente q̃ agora concorre a Malaca, q̃ estarà della 35. legoas, pouco mais ou menos. E porque seria cousa larga trattar da mudança desta terra, remetto os curiosos ao nosso João de Barros, o qual tratta esta materia largamente na segunda Decada cap. 1. Pintanos aqui o Poeta a traça desta costa. Como este cabo Cingapura està contra o Norte, que entẽde aqui por Cynosura, torna a virar, & fazer ponta para o Oriente, que entende pela Aurora. Na qual paragem hà muytos Reynos, como Pam, Patane, & outros sogeytos ao grande Reyno de Syão, do qual tambem antigamente foy Malaca, Samatra, & outras infinitas Ilhas q̃ hà naquelle cõtorno. *Olha o rio Menão.* Este rio Menão, q̃ na lingoa dos naturaes quer dizer, mãy das agoas, nasce em hũ lago por nome Chiamay, q̃ està em 30. graos de altura da parte do Norte, & sende de alto abayxo todo o Reyno de Syão, o qual por informação de gente que nelle esteve, tem de comprimento mais de trezentas & trinta legoas.

126

Ves neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra & numero potentes,
Auás, Bramâs, pòr serras tão compridas.
Vè nos remotos montes outras gentes
Que Gueos se chamão de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, usança crua.

Vè neste grão terreno. Tratta nesta oytava de algumas nações sugeytas ao Rey de Sião: os povos Laos Avás, Bramás, & Gueos, os quaes vivem por grandes serranias, como brutos animaes, tão feyos, & crueis, q̃ comem carne humana, & trazẽ continuamente guerra com os Reys de Syão, & se ferrão, & pintão por todo o corpo, cousa q̃ em todas aquellas regiões não sabemos, q̃ outra gente o faça. Destes Laos, & mais cousas de Syão, & assim do rio Mecõ, de que o Poeta tratta na oytava seguinte, se veja hum trattado da China, que fez hũ Religioso da ordem de S. Domingos, & João de Barros na 3. Decada liv. 2. c. 5.

127

Ves passa por Camboja Mecom rio,
Que Capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe de outro sò no estio,
Que alaga os campos largos & inquieta.
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
A gente delle crè, como indiscreta,
Que pena, & gloria tem despois da morte
Os brutos animaes de toda sorte.

Vès passa por Camboja Mecom rio. Camboja he hum Reyno maritimo, sugeyto ao Reyno de Siaõ, pel[o] qual corre hum grandissimo rio chamado Mecom q̃ quer dizer, Capitão das agoas: cujo nacimento h[e] na China. Ajuntãose a este rio tantos, que o fazem tão grande, que quando quer sahir ao mar retalh[a] a terra por tantas partes por se estender, q̃ faz hum lago mais de oytenta legoas de comprimento, co[m] o qual se dividem dous Reynos do estado de Syão o de Cambaya, & Champa. E dizem delle, que ter[á] o officio do Nilo, que he regar as terras por dond[e] passa. Mas dizem deste rio, que em tempo de che[n]yas se não póde andar por toda a terra de Cambay[a] senão em barcos.

A gente della crè. Os moradores ao longo deste ri[o] Mecom, entre outros erros da gentilidade, que te[m] hum, de que o Poeta aqui faz menção, he, q̃ hâ de[s]pois desta vida outra, & q̃ todos os animais nella [tem] pena, & gloria.

128

Este receberà placido, & brando
No seu regaço os cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procelosos baxos escapados.
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Serà o injusto mando executado
Naquelle cuja lyra sonorosa
Sera mais afamada que ditosa.

Este receberà. Mostra o Poeta como veyo ter a e[s]te Reyno de Cambaya, vindo da China, aonde este[v]e alguns dias tomando algum alento dos grãde[s] trabalhos, que naquella viagem da China passàra, [&] dos naufragios, & bayxos de que escapàra, de q̃ na[]quelles mares ha muytos, pela qual razão se na[õ] pòde chegar a algũas partes daquella regiaõ. Che[]gando á India foy preso por mandado do Gover[]nador Francisco Barreto, pela fazenda dos defun[]tos, que elle trazia á seu cargo, porque foy à Chi[]na por Provedor mór dos defuntos: & isto lhe fize[]raõ mexericado por alguns amigos, donde elle es[]perava favor. Diz que a sua lyra serâ mais afamad[a] que ditosa, porque sendo tão grande Poeta teve n[a] vida muyto pouco favor.

129

Ves corre a costa que Champà se chama
Cuja mata he do pao cheyroso ornada:
Vès Cochichina està de escura fama
E de Aynão a vè incognita enseada.
Aqui o soberbo Imperio, que se afama
Com terras, & riqueza naõ cuydada,
Da China corre, & occupa o senhorio
Desde o Tropico ardente ao cinto frio.

Vès corre a costa. Nos confins do Reyno de Cam[]baya está o de Champá, como atrâs dissemos, em cujas montanhas nasce o verdadeyro calambá, a q̃ nós chamamos calambuco. Com este confina outr[o]

.eyno chamado communmente Cochichina ,dos
ossos,& dos naturaes Cacho,o qual Reyno he de
ós menos sabido de todos os daquellas partes,por
er o seu mar de muytos bayxos,& restingas,& as-
in muyto tormentoso,& por este respeyto se per-
em muytas naos,mas as q̃ tornão,vem muyto ri-
as. Chama o Poeta a este Reyno de escura fama,
orq̃ no seu tempo havia pouca noticia delle,hoje
â muyta : & tambem por a gente dalli ser bayxa
e espiritos,& inhabil para a guerra.!

E de Aynam vè a incognita enseada. Esta Ilha Ay-
am està em hũa ponta da terra da China,na entra-
a da enseada Quauchinchina em dezanove graos
unto à terra da China,á qual o Poeta por estar em
te mar tão trabalhoso,& mal descuberto dos nos-
os no tẽpo do Poeta, chama incognita,como fica
to do Reyno Cauchichina,que confina com esta
ha.Nesta Ilha Aynam se pesca o aljofar,& perlas
omo nas Ilhas Baharem,& Ceylão,como fica no-
do atrás:

Aqui o soberbo Imperio,que se a fama. Este Imperio
e que aqui tratta o Poeta,he o da China,o qual he
uyto grande,em tanto q̃ diz aqui o Poeta,como
mbẽ dizem as pessoas que o sabem,& notárão de-
gar, que terâ de Norte a Sul setecentas & qua-
nta legoas.Porque o tropico de Cãcro, que he o
timo põto,aonde o Sol chega com seu curso na-
ıral està em vinte & quatro graos & meyo. O
orte, q̃ entende por cinto frio,em sessenta graos
meyo,o q̃ reduzido a legoas fazẽ as setecentas &
uarenta que ficão.

130

Olha o muro,& edificio nunca crido,
Que entre hũ Imperio,& outro edifica:
ertissimo sinal,& conhecido,
Da potencia Real,soberba,& rica
Estes,o Rey que tem naõ foy nacido
Principe,nem dos pays aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleyro sabio,& virtuoso.

Olha o muro. De hũa Cidade por nome Ochioy,
està situada entre duas serras muyto altas da par-
e do Poente, saye hũ muro contra o Oriente até
echar em outras grandes serras , q̃ chegão ao mar
o modo de cabo por espaço de mais de duzẽtas le-
oas,& na ponta deste cabo por onde hà cõmuni-
ação da Tartaria á China,fizerão os Chins para se
egurarem da sua terra,hũa ponte de ferro,com co-
unas de ferro, & vigas de ferro debayxo da agoa,
m que as colunas se sustentavão, aonde há conti-
ua escala entre Tartaros, & Chins.E na ponte hâ
igia de Chins com corpo de guarda,& a ponte he
uma das maravilhas do mundo,de que ninguem
az menção:& eu o soube de pessoa q̃ lá andou por
spaço de 14.annos: & dizẽ os naturaes, que os se-
nhores daquella região da China mandârão fazer
quelle muro,& se cercárão com elle cõtra os Tar-
aros seus vezinhos , com que andão em continua
guerra,& a quem tẽ tomado alguns lugares alem
do muro. E diz que este muro nunca foy crido. O
que tambem diz João de Barros na terceyra Deca-
da liv.2.cap.7.E certo he esta hũa das grãdes obras
feyta por mao dos homens, & final manifestissimo
de grãde poder,& riquezas destes Chins, & que se
póde ter por huma das maravilhas do mundo.En-
tre outras cousas que os Chins tem em seu tratto,
& governo,huma he,que morto o seu Rey não fi-
ca o filho por herdeyro do pay,mas elegem o que
na terra sentem mais cavalleyro , & mais para go-
vernar.Isto dos Reys não succedem por ordẽ,co-
mo diz Luis de Camões , foy mâ informação. A
verdade he,que succedem,como câ:tem hũa diffe-
rença que a parentella real nos Chins està em hũa
terra por nome Cansi:& alli não governão,nem fa-
zem mais, que estar em sua casa prestes para succe-
der no Reyno sendo necessario, por não se perder
o successor.E tambem por não perturbarẽ o Rey-
no. O que tudo com outras muytas particularida-
des desta grande terra se póde ver em hum tratado
que fez hum Religioso da ordem do Bemaventu-
rado S.Domingos, que andou por aquellas partes.
E Joaõ de Barros na 3.Decada.E o Poeta o aponta
aqui.

131

INda outra muyta terra se te esconde,
Atè que venha o tempo de mostrase.
Mas naõ deyxes no mar as ilhas,onde
A natureza quiz mais affamarse.
Està meya escondida,que responde
De longe à China,donde vem buscarse,
He Iapaõ,onde nace a prata fina,
Que illustrada serà com a ley divina.

Mas não deyxes no mar as Ilhas. Acabada a descrip-
ção de Asia tratta de algumas Ilhas do Oriente,&
a primeyra de que faz menção he o Japão, a qual
Ilha està ao Levãte da China em trinta & tres graos
da parte do Norte,diz que estâ meya escõdida,por
não ser ainda de todo andada , & descuberta dos
nossos , & segundo a informação que temos desta
terra dizem, que terá 600. legoas de comprido, &
trezentas de largo.He esta terra toda sugeyta a hũ
só Rey,ao qual elles chamão Voo. He gente poli-
tica, & de entendimento,hà entre elles muytos q̃
imitão em algumas cousas aos nossos Religiosos,
& Religiosas,que fazem profissaõ,& prometẽ obe-
diencia,pobreza, & castidade, & fazem entre si pe-
nitencias,jejuns, & se confeção publicamente, &
em voz alta. Pelo que como tem algumas cousas,
que conformaõ com nosco,& elles saõ homens de
bom juizo:tem os Padres da Cõpanhia feyto gran-
de proveyto nesta Ilha,acerca de nossa sãta Fè Ca-
tholica , & há nella muytos Christãos. He terra
abundante, aonde hâ prata muyto fina, & muyta,
como aqui diz o Poeta.Dizem que ha em hum mõ-
te desta Ilha cinco mil Religiosos muyto ricos,cõ
muytos servidores,boa casaria,& vestidos,os quaes

vivem com tanta castidade,que não póde estar do seu Mosteyro por espaço de huma legoa molher, nem cousa femea: Estas, & outras muytas cousas muy curiosas desta Ilha se pódem ver em Joaõ de Barros.

132

Olha ca pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas:
Vè Tidore,Ternate,c'o ofervente
Cume,que lança as flammas ondeadas,
As arvores verás do Cravo ardente,
Com sangue Portuguez inda compradas.
Aqui ha as aureas aves que não decem
Nunca a terra,& sô mortas apparecem

Olha cà pelos mares do Oriente. Por todo o mar do Oriente há muytas Ilhas,que o Poeta passa, porq̃ seria cousa infinita trattar dellas,trattando sómente de algumas mais nomeadas, & mais conhecidas dos nossos.

Vè Tidore,Ternate. As primeyras Ilhas de que tratta saõ as de Maluco, aonde se colhe o cravo,as demais saõ de muyto pouca importancia: saõ cinco, Ternate,Tidore,Moutel,Maguiem,Congu,&Bacham: cujo sitio he debayxo da linha equinocial, distantes da nossa Malaca, conforme a navegação dos nossos por espaço de trezentas legoas, pouco mais ou menos.Todas saõ muyto piquenas,porque a mayor não passa de seis legoas em roda.No cume de hũa dellas chamada Ternate,saye fogo principalmente em dous mezes do anno: Setembro,& Abril,por cursarem naquelle tempo alli huns ventos, que saõ causa de se ascender alli aquelle fogo natural. Destas,& outras muytas cousas desta Ilha se veja em João de Barros na terceyra Decada. As arvores em que se dâ o cravo, saõ como os nossos loureyros, nascem em pinhas como flor de larangeyra,ou madre sylva.Quando está de vez para se poder colher, he verde, depois de apanhado lançãono ao Sol,aonde anda atè que se faz roxo, depois o borrifaõ tanto com a agoa salgada,que fica preto,como o queremos. Hà tambem nestas Ilhas humas Aves,que dizem não pousarem nunca, por naõ terem pés, & quando se achão saõ mortas, de cujas pennas por serem muyto fermosas se fazem os penachos,& por este respeyto chama o Poeta a estas aves aureas por sua fermosura: & entre nós se chamão passaros celestes. E todo o passaro enteyro se traz por penacho,assim nestas partes,como na India.Isto he sabido,& eu tive nas mãos algũs.Nascelhe do bico hum como nervo delgado, de comprimento de dous palmos pouco mais, ou menos, com o qual daõ volta nos ramos das arvores, & se penduraõ dellas,para descançar,ou dormir,porque nunca pousaraõ em terra. Outros dizem que tem dous nervos de comprimento de tres palmos, taõ delgados como guitta de Flandes:com os quaes se ligaõ hum ao outro, quando poem os ovos, & os andaõ chocando: Porque a femea tem na barriga huma cavidade pequena,& o macho tem outra sobre as ancas:na qual ella poem os ovos,& posta sobre elles,os anda chocando, sempre voando no ar: & para naõ cahir se ligaõ hum ao outro cõ os dous nervinhos: & tambem lhe póde servir para se pendurarem nas arvores para dormir,ou descançar. O corpo desta ave he muyto pequeno, & de pouca carne: porque tudo saõ aquellas pennas douradas, & fermosissimas. Dizem que não comem cousa alguma, se naõ o orvalho do ceo: mas nem por isso deyxaõ de ser gordas.Os naturaes da terra lhe chamaõ passaro de Deos,& dizem que vem do Parayso Terreal. Assim o escrevem graves Autores, & nós o sabemos por experiencia de pessoas de credito,que os tiveraõ muytas vezes nas mãos,& por penachos, todo o passaro com toda sua pena serà do tamanho de pouco mais de hum palmo, tem a cabeça pequena,& o bico comprido.Outras muytas cousas notaveis conta desta ave Conrado Gesnero liv.3.de avibus, aonde està o seu retratto ao natural. Tambem Antonio Pigafetta cavalleyro de Rhodas,em hum roteyro que fez da jornada de Fernaõ de Magalhães ao estreyto de seu nome,no anno de 1519.em o numero 97. conta que chegando o resto da armada âs Ilhas Malucas, El-Rey de Ternate mandou ao Capitaõ Castelhano dous passaros mortos, fermosissimos, a que elles chamaõ passaros de Deos, & do Parayso:os quaes entre outras particularidades, conformes ao que temos dito, diz q̃ tem pernas muy delicadas: & sutilissimas, que devem ser os nervinhos que diziamos. Diz tãbem que naõ tem azas, naõ voaõ como os outros passaros, mas que naquellas pennas grandes se sustentaõ,& movem sem adejar. O mesmo diz tambẽ Conrado Gesnero,& Melchior Guilandino,& outros.

133

Olha do Bandá as ilhas,que se esmaltão
Da varia cor,que pinta o roxo fruto;
As aves variadas,que aly saltaõ,
Da verde Noz tomando seu tributo.
Olha tambem Borneo,onde naõ faltão
Lagrimas,no licor qualhado,& enxuto,
Das arvores,que Camphora he chamado
Com que da ilha o nome he celebrado.

Olha de Bãdá as Ilhas. As Ilhas de Bandâ saõ cinco, como as de Maluco. A principal das quaes se chama Bandà, debayxo do qual nome se comprehendem todas,tendo outros nomes differentes,como as de Maluco. Nestas cinco Ilhas nasce toda a noz, & massa, que se leva por todas as partes do mundo.A Ilha chamada Bandà he como hum jardim muyto fermoso, em cuja pintura a natureza se quiz esmerar. As arvores que daõ a noz, saõ como pereyras,com a folha como de nogueyra.O fruyto vemse a fazer da cor dos nossos pecegos, do tamanho,& feyçaõ da noz,calvos, com differẽtes cores muyto fermosas, que se parecẽ com o arco do ceo

chamado

chamado Iris. Quando este fruyto começa a madurecer, acodem da serra muytos passaros de differentes cores, como papagayos, & outros a comer deste fruyto. Terá esta Ilha de comprimento tres legoas, & de largura huma. He terra muyto fermosa, á qual concorrẽ todas as cousas das outras Ilhas postas ao redor, por terem alli bom expediente por causa dos mercadores que alli concorrem. A gente desta Ilha saõ Mouros da seyta de Mafamede. Naõ tem Rey, mas governase por velhos da terra. O fruyto destas arvores da noz não he propria, mas cõmum de todos, descoutase a seu tempo, como cá entre nós a bolota, & landre de carrasco: & quem mais apanha mayor proveyto faz.

Olha tambem Borneo. He huma Ilha muyto grãde, & muyto fertil, & abundante de todas as cousas, principalmente de Camfora, da qual a levão para outras partes. Tem esta Ilha Borneo huma Cidade do mesmo nome, que tem vinte mil casas. Os moradores desta grande Ilha saõ todos Gentios, os quaes adorão o Sol, & a Lua: he gente muyto cõtraria de guerra, pelo que quando o seu Rey a faz, o matão, pelo que todos os Reys procurão ser pacificos. E esta tem pela mayor honra, & gloria do mundo. Não hà entre estes ladrões, nem homicidas antes vivem em grande concordia, & paz. São estes os mayores inimigos de Castelhanos, que se sabem naquellas partes. Estas, & outras cousas dos moradores desta Ilha conta Maximiliano Transylvano, Secretario do Emperador Carlos Quinto, em huma epistola que escreveo ao Cardeal Sallesburgense, sobre a navegação, q̃ fizerão os Hespanhoes ás Malucas no anno de mil, quinhentos & dezanove: na armada em que Fernão de Magalhães descobrio o estreyto de seu nome.

134

ALy tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, & cheyroso.
OLha a Sunda taõ larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso.
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle sò sem outro vae
Converte em pedra o pao que nelle cae.

Alli tambem Timor. Esta Ilha Timor está tambẽ neste archipelago, aõde estão as Malucas, Borneo, & outras de q̃ se tratta nestas oytavas. Esta he tambem muyto grande do Levãte ao Poente. O principal fruto desta Ilha he o sandalo brãco. He morada de Gentios, & o seu Rey he Gentio. Tambem tem gingivre, arroz, & muytas frutas, & animaes da terra. Tem muyto ouro, com o qual fazem comercio cõ os mercadores, que alli aportaõ. O sandalo se colhe a certo tempo da Lua, porque de outra maneyra não he bom. He muyto prezado entre elles, porque costumão moer o pao, & com os pòs untar a cabeça. E dizem que lhe tira a dor.

Olha a Sunda. Esta Ilha Sunda está álem de Samatra contra a Jaoa mayor. Há nella muyta pimenta, & muyto boa. Contase desta Ilha huma cousa maravilhosa, & he, que tem hum rio, que não sofre sobre si cousa alguma, por muyto leve que seja, o q̃ quiz aqui mostrar o Poeta em dizer, q̃ os paos que se lançavão no rio se convertiaõ em pedra. Outros querem que realmente se converta em pedra: & que no nosso Alentejo junto a Aviz há hum rio que tem a mesma qualidade.

135

VE naquella que o tempo tornou ilha
Que tambem flammas tremulas vapòra
A fonte que oleo mana, & maravilha
Do cheyroso licor, que o tronco chora.
Cheyroso, mais que quanto estila a filha
De Cyniras, na Arabia onde ella mora
E vè que tendo quanto as outras tem
Branda seda, & fino ouro dà tambem.

Vè naquella. Entende a Ilha Samatra, a qual como atrás trattey, querem alguns que fosse antigamente huma mesma cousa com a nossa Malaca, mas que o tempo as dividio huma da outra, & as poz no estado em, que agora estão. Esta Ilha he muyto grande, como atrâs dissemos, & tem muytos Reynos, entre os quaes hum he o Reyno de Peder: no qual dizem os naturaes, que está huma fonte de oleo, chamado pelos Mouros Napta, que serve para muytas enfirmidades, principalmente para frialdades. Hà tambem nesta Ilha beyjoim, que o Poeta entende aqui pelo licor, que o tronco chora, porq̃ nasce como a resina nas ameyxieyras. E diz que he mais cheyroso que a mirrha, o que entende pela filha de Cyniras. E sendo esta Ilha tão abundante como as outras em tudo diz, que em ouro, & seda faz ventagem a todas as outras.

136

OLha em Ceylaõ, que o monte se alevãta
Tãto, q̃ as nuvẽs passa, ou a vista engana
Os naturaes tem por cousa sancta,
Por a pedra em que està a pègada humana.
Nas illhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das agoas soberana,
Cujo pomo contra o veneno vrgente
He tido por antidoto excellente.

Olha em Ceylão. Esta Ilha de Ceylão está hoje toda sogeyta aos Reys de Portugal, de modo que pòdem nella constituir hum grande Imperio, & tão pacifico, como esta terra que habitamos, & he taõ nomeada, & conhecida dos nossos, està situada defronte do cabo Comory, que he a parte mais austral de toda a India, q̃ jàs entre aquelles dous rios tão celebrados Indo, & Gange, terà de comprimẽto de Norte a Sul settenta & oyto legoas, & de largo

go quarenta & quatro. O qual pedaço de mar entre terra, & terra he tão temido dos que navegão por aquellas partes, por ter muytos bayxos, & restingas, que se diz deste mar o que os Poetas contão de Scylla, & Carybdis como fica dito. Està nesta Ilha hum monte muyto alto, no cume do qual està huma pedra, que tem huma pegada de homem, que dizem os naturaes ser de nosso primeyro Pay Adam, pelo que lhe chamão o monte Santo. He esta Ilha de muyto bons ares, sadia, fertil, & viçosa, & tem muyta canella a melhor de todo o Oriente. Outras cousas desta Ilha se vejão em João de Barros na 3. Decada, liv. 2. c. 1. E as nossas annotações, canto 1. oytava 1. canto 10. oytava 51. & agora copiosamente Diogo do Couto.

Nas Ilhas de Maldiva. Estas Ilhas de Maldiva estão defronte da costa da India, as mais chegadas à ella estarão da costa do Malavar quarenta legoas em altura de 12. graos & meyo da parte do Norte. As derradeyras destas Ilhas distarão 300. legoas da terra, & em sete graos da parte do Sul. No meyo desta faxa de Ilhas està a principal dellas chamada Maldiva aonde reside o Rey, que se intitula por senhor de todas ellas. E posto que este nome Maldiva seja nome proprio desta principal, a Ethymologia da palavra quer dizer mil Ilhas, porque tantas dizem haver em huma corda dellas. Começão estas Ilhas nos bayxos de Padua, na paragem do monte Dely, & vão entestar na terra Jaoa, & costa da Súda. O Rey destas Ilhas he Gentio, & os moradores Gentios, ainda que os Governadores da terra saõ Mouros. A situação destas Ilhas he estarem pela mayor parte muyto juntas humas com outras, pelo que a terra he toda retalhada com regueyros de agoa, que os naturaes passaõ a salto. E os canaes, q̃ se pódem navegar saõ tão estreytos, que as entenas das naos vão dando nas palmeyras, de que os canaes saõ cercados, os quaes debayxo da agoa tem as arvores, que dão os cocos, q̃ chamamos de Maldiva.

Antidoto. He remedio muyto proveytoso opposto ao veneno, como diz aqui o Poeta. E bem se mostra em estar tão juntas humas com outras, ser verdadeyra opinião, que os Malavares tem destas Ilhas que o mar mudou seu curso da terra do Malavar, por donde antes corria, para estas partes, deyxando a terra do Malavar descuberta, & cuberta estoutra, que se chama agora de Maldiva.

137

Verás defronte estar do roxo estreyto
Socotorà co'o amaro Aloe famosa
Outras ilhas no mar tambem sogeyto
A vos na costa de Africa arenosa:
Onde sae do cheyro mais perfeyto
A massa ao mundo occulta, & preciosa:
De Sam Lourenço ve a ilha afamada,
Que Madagascar he de alguns chamada.

Socotorà. Esta Ilha està entre o cabo de Fartaque, & o de Guardafú: he terra de muytas montanhas, & a gente della se chama Christã, mas heo no nome sómente, porque lhe falta o Baptismo, & Doutrina Christã. Disse que nesta Ilha moraraõ aquellas molheres a que chamamos cômummente Amazonas, o que se mostra em algumas cousas, porque os homens naõ prestaõ para nada, & as molheres trabalhaõ, & negoceaõ a vida. Nesta Ilha se dà o pao Aloe, que he como pao de Aguila muyto prezado, & não póde ninguem trattar nelle senaõ El-Rey, & he pena de morte trazelo.

Outras Ilhas no mar. Diz que em muytas Ilhas da costa de Africa de que fica trattado largamente, se acha muyto ambar, ao qual o Poeta aqui chama massa ao mundo occulta, & preciosa, por se naõ saber a certeza de q̃ se gere o ambar, porque se acha pelas prayas do mar, como cousa lançada delle: donde alguns querem que seja o lixo da balea, outros, que naice no fundo do mar, como lastro delle, como o coral: outros de humas grandes aves, que andaõ nestas Ilhas, & nas de Maldiva: outros daõ outras razões. O mais certo disto he, ser do fundo do mar.

De S. Lourenço a Ilha. Ao travez da costa de Africa ao mar defronte de Moçambique està a grande Ilha de S. Lourenço, chamada por alguns Madagascar. Chamalhe o Poeta aqui afamada, por ser muyto grande, & ter em si muytos Reynos, naõ saõ senhores della os Reys de Portugal, nem fazem della caso, porque he de pouco proveyto, como o souberaõ os Portuguezes, que a foraõ descubrir. Posto q̃ já agora se tem penetrado o interior della em que se achaõ muy grandes proveytos, que o descuydo tem alli sepultados nesta terra.

138

Eys aqui as novas partes do Oriente,
Que vòs outros ogora ao mundo days,
Abrindo a porta ao vasto mar patente
Que com taõ forte peyto navegays.
Mas he tambem razão, que no Ponẽte
De hum Lusitano hum feyto inda vejais,
Que de seu Rey mostrandose agravado
Caminho ha de fazer nunca cuydado.

Eys aqui as novas partes do Oriente. Despois que o Poeta trattou das terras, & mares do Oriente, entra a trartar de passagem as do Poente, aonde estão às Indias Occidentaes de Castella: se se lhe póde dar este nome de Indias, porque só as nossas o merecẽ, pois este nome lhe vem do rio Indo, que as rega. Este Lusitano de que o Poeta aqui falla, he hum Fernaõ de Magalhães Portuguez, o qual aggravado d'El-R. Dom Manoel. por lhe naõ accrecentar o foro, & moradia, se recolheo a Castella, & persuadio ao Emperador Dom Carlos o mandasse ás Ilhas do Maluco, dizendo que lhe pertenciaõ a elle, & não a Portugal. Do caminho que este Magalhães

lhães fez, & do estreyto que descobrio nesta viagem, trattey atrás, canto 2. oytava 55.

139

VEdes a grande terra que contina
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba fara a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo:
Castella vossa amiga serà dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias provincias tem de varias gentes
Em ritos, & costumes differentes.

Vedes a grande terra. Esta terra grande que corre de Norte a Sul, que entende aqui por estas palavras: de Calisto ao seu contrario Polo, como já por vezes declarámos, he a terra em que se comprehendem as Indias de Castella, possuydas pelos Reys della: na qual ha grãdes Reynos, & Provincias de tão estranhas gentes, & de costumes, & ceremonias tão differentes, que havia mister muyto tempo para trattar, não digo eu de tudo, mas de alguma parte dellas. Porque he este novo Imperio tão grande, que por este respeyto se chama novo mundo, como escrevemos no canto primeyro, oytava 2. Tem grandes minas de ouro, & prata, como aqui diz o Poeta, & sabemos por informações certas, & de experiencia? pois vemos todos os annos vir a estes reynos, & aos de Castella tantas naos carregadas, que he cousa de admiração. *O metal, que tem a cor do louro Apolo.* He o ouro.

140

MAs ca onde mays se alarga, aly tereys
Parte tambem c'o pao vermelho nota
De sancta Cruz o nome lhe poreys,
Descubrila hà a primeyra nossa frotta:
Ao longo desta costa que tereys,
Irà buscando a parte mays remota
O Magalhães, no feyto com verdade
Portuguez porèm não na lealdade.

Mas cà onde mais se alarga. Na demarcação que se fez do mundo para o descobrimento, entre os Reys de Portugal, & Castella, cahio os de Portugal em sorte a costa do Brazil, que será de mil & cincoenta legoas, pouco mais, ou menos a qual descobrio Pedro Alvarez Cabral, indo para a India com huma armada de treze velas, no anno de mil & quinhentos, & pozlhe nome Santa Cruz.

Ao longo desta costa. Isto diz, porque Fernão de Magalhães foy ao longo da costa do Brazil a descubrir novos mares, & climas: & com intento de hir às Ilhas do Maluco, para se vingar d'El-Rey Dom Manoel de Portugal. O qual diz que no feyto foy Portuguez, mas não na lealdade, porque o que fez, foy de grande animo, & em se lançar com El-Rey de Castella, & ser contra os Reys de Portugal, foy de pouca lealdade. De Fernão de Magalhães, se veja o que fica trattado atrás.

141

DEs que passar a via mays que mea
Que ao Antarctico polo vay da linha,
D'huma estatura quasi Gigantea
Homens verá da terra aly vezinha.
E mais avante o estreyto, que se arrea
C'o o nome delle agora o qual caminha
Para outro mar, & terra que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

Des que passar. Seguindo Fernão de Magalhães seu descobrimento, passada a costa do Brazil, chegou a hum rio a que poz nome de S. Juliaõ, que está em 50. graos, na qual paragem havia tantas tormentas, & frios, que os marinheyros naõ podiaõ menear as vellas, porque naquellas o frio he mayor, que nas partes do Norte. Pelo que determinou invernar alli os quatro mezes do inverno daquellas partes, que saõ Mayo, Junho, Julho, & Agosto. Estando neste lugar mandou alguns dos seus pela terra dentro descubrir, & tentar se havia alguma cousa digna de se saber, se houviaõ da outra parte algum tom do mar, fazendo grandes promessas a quem lhe trouxesse algũa boa nova. Nesta ida entráraõ os descubridores vinte legoas por terra dentro, & trouxeraõ comsigo huns homens da terra, cujos corpos passavaõ de doze palmos, q̃ he o que o Poeta aqui diz, que acharaõ homẽs como Gigantes.

E mais avante. Partido Fernaõ de Magalhães deste lugar donde invernou, foy costeando a terra até dar em o estreyto que chamou de seu nome: o qual está em altura de 52. graos, & 56. minutos. Este estreyto tem de comprimento 110. legoas, & o mais largo de duas. O qual estreyto descubrio Fernão de Magalhães para passar do mar do Poente, para o de Sul, o que diz aqui o Poeta por termos que já ficaõ declarados muytas vezes.

142

ATe aqui Portugueses Concedido
Vos he saberdes os futuros feytos
Que pelo mar que jà deyxays sabido,
Virão fazer Barões de fortes peytos.
Agora, pois, que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceytos
A as eternas esposas, & fermosas
Que coroas vos tecem gloriosas.

Atéqui Portuguezes. As cousas atrás escrittas disse Thetis aos Portuguezes, mostrandolhe como pela ordem que naquelle principio do descobrimento da India tiverão, segundo os perigos, & trabalhos que succediaõ, viriaõ a alcançar grande nome, & ser conhecidos por todo o mundo, como hoje vemos.

Po-

143

POdeyvos embarcar,que tendes vento
E mar trãquilo para a patria amada,
Assim lhe dice: E logo movimento,
Fazem da ilha alegre, & namorada.
Levão refresco,& nobre mantimento,
Levaõ a companhia desejada
Dos Nymphas,que hãde ter eternamente
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Levão a companhia desejada. Das Nymphas. Esta companhia das Nymphas que levavao, era a honra, & gloria que alcançàraõ no descubrimento da India,a qual nunca perderaõ em quanto o mundo durar,o qual diz por estes termos,*por mais tempo que o Sol o mundo aquente,* que quer dizer, por mais que o mundo dure,que he bom encarecimento.

144

ASsi foraõ cortando o mar sereno
Com vento sẽpre manso,& nunca irado,
Ate que ouverão vista do terreno
Em que naceraõ,sempre desejado.
Entraraõ pela foz do Tejo ameno
E a sua patria,& Rey temido,& amado
O premio,& gloria daõ,porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

Atè que houveraõ vista do terreno. Este terreno he a terra de Portugal, a qual chama sempre desejada, porque he cousa natural ter sempre as pessoas aonde quer que estão, & em qualquer estado, lembrança de sua patria. Donde disse Ovidio liv. 1. de Ponto, Elegia 4:

Nescio qua Natale solum dulcedine cunctos
Allicit immemores nec sinit esse sui.

145

NAõ mais Musã ao mais,que a lyra tenho
Destemperada,& a voz enrouquecida,
E não do Canto,mas de ver que venho
Cantar a gente surda,& endurecida:
O favor com que mais se acende o engenho
Não o dà a patria não,que estàmetida
No gosto da cubiça,& na dureza
D'huma austera,apagada,& vil tristeza.

Não o dã a patria não. Queyxase o Poeta cõ muyta razão dos nossos naturaes, cuja inclinação naõ he dada ao exercicio das letras,nem a favoreceer os homens que as sabem, doença trabalhosa, & que faz mal à sua naçaõ taõ excellente em todas as cousas: desta maneyra trattey em outra parte deste livro.

146

E Não sey porque influxo de destino
Não tẽ hum ledo orgulho,& geral gesto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto
Por isso vòs, ó Rey, que por divino
Conselho estays no Regio solio posto
Olhay que soys(& vede as outras gentes)
Senhor sò de vassallos excellentes.

A ter para os trabalhos ledo o rosto. Nota o Poeta nesta oytava os Portuguezes, de gente dada ao ocio, & inimiga do trabalho. O que não era assim nos principios desta Monarchia de Portugal,quando nenhuma cousa lembrava mais aos Portuguezes, que o serviço de Deos, & de seu Rey, pelo qual não temiaõ nenhum genero de perigo,nem trabalho.

147

OLhay que ledos vão,por varias vias
Quaes rompentes liões,bravos touros,
Dando os corpos a fomes,& avigias,
A ferro,a fogo,a setas,& a pelouros.
A quentes Regiões,a plagas frias;
A golpes de idolatras,& de Mouros;
A perigos incognitos do mundo;
A naufragios,apyxes,ao profundo.

Olhay que ledos vão por varias vias. Mostra o Poeta o gosto, & alegria com que os Portuguezes servem ao seu Rey oppondose por amor delle a todos os perigos,& trabalhos. *Quentes regioens.* Saõ estas partes de Africa, & outras debayxo da linha, por donde os nossos Portuguezes passaõ. Plagas frias, saõ as do Sul, por donde ordinariamente navegão.

148

POr vos servir a tudo aparelhados,
De vòs taõ lenge sempre obedientes
A quaesquer vossos asperos mandados
Sem dar reposta prontos,& contentes:
Sò com saber que saõ de vos olhados
Demonios infernaes,negros,& ardentes
Cometterão com vosco,& naõ duvido
Que vencedor vos fação,não vencido.

De vòs tão longe sempre obedientes. He materia de consideração, ver que estando os Portuguezes tantas mil legoas do seu Rey, & tendo tantas occasiões para lhe desobedecer, nunca atè hoje tem acontecido,o que em outras nações he muy differente, nas quaes ordinariamente há treydores levantados.

Fa-

149

FAvoreceyos, logo, & alegrayos
Com a presença, & leda humanidade,
De rigurosas leys desalivayos,
Que assi se abre o caminho â santidade:
Os mais experimentados levantayos,
Se com experiencia tem bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Com a prezença, & leda humanidade. Todas as nações do mundo saõ muy affeyçoados ao interesse. A Portugueza não quer outro, senaõ que o seu Rey a favoreça, & ame, como o Poeta diz muy elegantemente nestas oytavas: em as quaes lembra a El-Rey esta condiçaõ natural dos Portuguezes: contentaremse mais dos favores do seu Rey, que de grandes interesses. E tambem, como o Poeta era homem taõ douto, & taõ experimentado, & El-Rey Dom Sebastião, que Deos tem, com quem vay falando neste Poema, era inda moço, & havia pouco que tomâra o governo, & Septro: tratta de o aconselhar, & advertir o que mais lhe convinha para ser senhor dos corações de seus vassallos, & tambem para começar o seu governo, com as mais louvadas virtudes que os grandes Principes tiveraõ, que he o melhor fundamento que se póde dar ao principio de grandes Imperios, como todos desejavão neste seu Rey.

150

TOdos favocerey em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento:
Com jejuns, disciplinas pellos vicios
Comũs, toda ambição teraõ por vento;
Que o bom religioso verdadeyro.
Gloria vãa naõ pertende, nem dinheyro.

151

OS Cavalleyros tende em muyta estima
Pois com seu sãgue entrepido, & fervẽte
Estendem não somente a ley de sima,
Mas ainda vosso imperio pre eminente:
Pois aquelles, que a tão remoto clima
Vos vão servir com passo deligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos
E o que he mais os trabalhos excessivos.

Dous inimigos vencem, huns os vivos. E o que he mais os trabalhos excessivos. Por vivos entende os homens com que andaõ em guerra, como saõ esses Mouros da costa de Africa, & outros das partes da India. Por trabalhos excessivos, ás fomes, frios, sedes, & perigos que passaõ.

152

FAzey senhor, que nunca os admirados
Alemães, Gallos, Italos, & Inglezes
Possão dizer, que saõ para mandados
Mais que para mandar os Portugueses,
Tomay conselho sò de exprimentados,
Que virão largos annos, largos meses,
Que posto que em scientes muyto cabe,
Mais em particular o experto sabe.

Possaõ dizer, que saõ para mandados, mais, que para mandar os Portuguezes. Para encarecimento do valor dos Portuguezes, diz que saõ mais para mandar, & ser senhores dos Alemães, & mais nações, que no principio da oytava aponta do que elles saõ para ser mandados, que he hum grande louvor, & assim se ha de entender esta letra, que está escura.

153

DE Phormião Philosopho elegante
Vereys como Anibal escarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz trattava, & lia
A disciplina militar prestante,
Não se aprende senhor na fantasia.
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Se não vendo trattando, & pelejando.

De Formiaõ Philosopho elegante. Foy Phormiaõ Philosopho da seyta dos Peripateticos: do qual conta Cicero, que estando Annibal em Epheso, ao qual lugar se recolhera desterrado de Carthago, como fosse grande a fama deste Philosopho, determinou hilo ouvir hum dia. Como Phormião vio Annibal na sua escola, fez huma larga oração, em que trattou do officio do bom Capitão, & outras cousas tocantes ao uso, & exercicio da guerra. Todos os circunstantes ficàraõ admirados da eloquẽcia do Philosopho, dos quaes alguns se chegárão a Annibal, & lhe perguntàraõ que lhe parecia aquella lição, elle respondeo. Já vi muytos velhos doudos, mas nenhum mais que este. Outros tachão a Annibal de aspero, & cruel em trattar tão mal com esta reposta a hum homem, que só por agazalhar, & festejar na sua escola, deyxada a sua lição de Philosophia, quiz trattar de cousas de guerra, quem nunca se achára nella, & com tudo vemos, que seus livros saõ muyto estimados. E assim se pinta Cesar com hum livro em huma mão, & com a espada na outra, com huma letra que diz. *Ex utroque*, que quer dizer de ambos: como se dissera, que suas vittorias, & boas fortunas na guerra lhe havião procedido da lição dos livros, & da destreza de sua espada. Ao que se pòde tambem alludir o que escreve Homero na Iliada, que para Menelao, & Agamenão mandar espias ao campo dos Troyanos, consultàvão primeyro Nestor varão de grande experiencia, & conselho.

conſelho. E da meſma maneyra todas as vezes que Ulyſſes fazia alguma couſa ſinalada,levava em ſua companhia Diomedes, varão muyto esforçado. Vejaſe Alciato no Emblema 41.

154

Mas eu q̃ fallo humilde,baxo,& rudo,
De vos não conhecido,nem ſonhado?
Da boca dos pequenos ſey com tudo,
Que o louvor ſae às vezes acabado:
Nem me falta na vida honeſto eſtudo,
Com longa experiencia miſturado.
Nem engenho,que aqui verey preſente,
Couſas que juntas ſe achão raramente.

Nem me falta na vida honeſto eſtudo. O noſſo Poeta foy muyto deſtro nas letras humanas, como eſta, & outras obras ſuas o moſtrão. E ainda que ſe humilhe tanto,nem por iſſo deyxa de acreditar os cõſelhos que tem dado ao ſeu Rey: dizendo que nelle concorrem todas as partes de que póde ſahir hum bom conſelho,como he eſtudo honeſto, longa experiencia,& bom engenho, & ſobre tudo a vontade de ſervir o ſeu Rey,com o melhor do ſeu entendimento.

155

Para ſervirvos braço as armas feyto:
Para cantarvos mẽte as Muſas dada;
Sò me falece ſer a vos aceyto
De quem virtude deve ſer prezada:
Se iſto o Ceo me concede,& voſſo peyto
Digna empreſa tomar de ſer cantada,
Como apreſagamente vaticina,
Olhando à voſſa inclinação divina.

Para ſervirvos braço. Iſto diz porque foy muyto tempo ſoldado na India. E dizem peſſoas de credito que o conhecerão,das quaes ainda hoje vivem muytas, que foy homem de eſpiritu, & que em todas as occaſiões de guerra, que ſe achou, deu de ſi muyto boa conta. E por eſta via vay confirmando o credito que deſeja o ſeu Rey de a eſtes ſeus cõſelhos,dizendo que para o ſervir,tem valor militar: & facundia poetica, qualidades dignas de ſerem aceytas de qualquer grande Principe, que a grandes Monarchias aſpira: como o Poeta lhe vay anũciando: mayormente quando conſiderava a inclinação excellente d'El-Rey, a que chama divina, aſſim por modo de encarecimento, como tãbem por em ſua peſſoa concorrerem as mais altas virtudes, que por todos os grãdes Principes ſe virão eſpalhadas.

156

Ou fazendo que mais que a de Meduſa
A viſta voſſa tema o monte Atlante
Ou rompendo nos campos de Ampeluſa
Os Mouros de Marrocos,& Turdantes:
A minha jà eſtimada,& leda Muſa,
Fico,que em tudo o mundo de vos cante
De ſorte que Alexandre em vos ſe veja,
Sem à dita de Achilles ter enveja.

Ou fazendo que mais a de Meduſa. De Meduſa ſe veja o que eſcrevemos no Canto 3.& 5.Campos de Ampeluſa,ſão aqui campos de Africa:com ſer Ampeluſa hum lugar particular della,como fica notado no 3.Canto,oytava.76. Marrocos,& Turdante ſaõ lugares de hũa parte de Africa,chamada Berberia,ſaõ ambos cabeça de Reynos,de cujos nomes ſe intitulaõ.No Canto 1 onde tratey de Africa,naõ fiz menſaõ deſte lugar Trudante, por ſer annexo ao Reyno de Suz,& huma meſma couſa com elle. He hoje Trudante huma muyto populoſa cidade, a qual de hum pequeno lugar fizerão os Xarifes o que agora he,com deſenho de ſe apoderar de toda Berberia,como fizerão.*De ſorte que Alexandre.* A dita de Achilles foy ter a Homero por pregoeyro de ſuas obras:ao qual por eſte reſpeyto tinha Alexãdre Magno enveja,como fica eſcrito no Canto 1. O que o Poeta diz neſta oytava he,que viria tẽpo em que El-Rey Dom Sebaſtiam ſeria ſenhor de Africa,& que para ſe eſcrever ſeus feytos & cavalerias,ſó elle ſeria neceſſario,& lhe eſcreveria ſua hiſtoria, com aquella graça, & elegancia,com que Homero eſcreveo a de Achilles:& nella reſplãdeceriaõ ſuas obras excellentes, quaes foraõ as de Alexandre,ſem ſer neceſſario Homero,que as cãtaſſe.Iſto que o Poeta aqui diz de Africa:he pelo que na terra corria da jornada d'El Rey Dom Sebaſtiam.O noſſo Poeta ao tempo,em que ſuccedeo aquelle infeliſſicimo caſo,inda era vivo,mas muyto enfermo:pelo que viveo muyto tempo.Noſſo Senhor lhe tenha a alma na gloria Amen.

FIM.

RIMAS

RIMAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES
PRIMEYRA PARTE.

SONETO I.

EM quanto quiz Fortuna, que tivesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento,
Me fez, que seus effeytos escrevesse,
Porém temendo Amor, que aviso désse
Minha escritura a algum juizo izento,
Escureceome o engenho co tormento,
para que seus enganos nam dicesse.
O vós, qu'Amor obriga a ser sugeytos
A diversas vontades, quando lerdes
Num breve livro casos tam diversos;
Verdades puras saõ, & naõ defeytos,
E sabey, que segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

SONETO II.

EU cantarey d'amor tam docemente,
Por hũs termos em si tam concertados,
Que dous mil accidentes namorados,
Faça sentir ao peyto, que naõ sente.
Farey qu'amor a todos avivente,
Pintando mil segredos delicados,
Brandas iras, suspiros magoados,
Temerosa ousadia, & pena ausente.
Tambem, Senhora, do desprezo honesto
De vossa vista branda, & rigurosa,
Contentarm'hey dizendo a menos parte.
Porèm para cantar de vosso gesto,
A composiçaõ alta, & milagrosa,
Aqui falta saber, engenho, & arte.

SONETO III.

COm grandes esperanças já cantey,
Cõ q̃ os Deoses no Olimpo cõquistára
Depois vim a chorar, porque cantàra,
E agora choro já, porque chorey.
Se cuydo nas passadas, que já dey,
Custame esta lembrança só tam cara,
Qu'a dor de ver as magoas, que passára,
Tenho pela mòr magoa, que passey.
Pois logo, está claro, que hum tormento,
Dá causa que outro n'alma se acrecente,
Jà nunqua posso ter contentamento.
Mas esta fantasia se me mente?
Oh ocioso, & cego pensamento,
Ainda eu imagino em ser contente?

SONETO IV.

DEspois que quis Amor, q̃ eu só passasse
Quanto mal já por muytos repartio,
Entregoume á fortuna, porque vio,
Que naõ tinha mais mal, q̃ em mi mostrasse,
Ella porque do amor se avantejasse
No tormento, que o Ceo me permitio,
O que para ninguem se consentio,
Para mi só mandou que se inventasse.
Eisme aqui vou com vario som gritando
Copioso exemplario para a gente,
Que destes dous tyranos he sugeyta:
Desvarios em versos concertando,
Triste, quem seu descanço tanto estreyta,
Que deste tam pequeno està contente.

SONETO V.

EM prisoẽs bayxas fuy hũ tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros,
Inda agora arrojando levo os ferros,
Que amor á meu pesar tem jà quebrado.
Sacrifiquey a vida á meu cuydado,
Que amor naõ quer cordeyros, nẽ bezerros:
Vi magoas, vi miserias, vi desterros,
Pareceme que estava assi ordenado.
Contenteyme com pouco, conhecendo,
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por ver, que cousa era viver ledo,
Mas minha estrella, q̃ eu jà agora entẽdo,
A morte cega, & caso duvidoso,
Me fizerão de gostos haver medo.

SONETO VI.

ILlustre, & dino ramo dos Meneses,
Aos quaes o prudente, & largo Ceo,
(Que errar naõ sabe) em dote concedeo
Rompese os Mahometicos arneses.
Despresando a Fortuna, & seus reveses,
Ide para onde o Fado vos moveo,
Erguey flamas no mar alto Erithreo;
E sereis nova luz aos Portugueses.
Oprimi com tam firme, & forte peyto
O pirata insolente, que se espante,
E trema Taprobana, & Gedrosia,
Day nova causa à cor do Arabio estreyto,
Assi, que o roxo mar daqui em diante
O seja, só co sangue de Turquia.

SONETO VII.

NO tempo, que de amor viver sohia,
Nẽ sẽpre andava ao remo ferrolhado,
Antes agora livre, agora atado
Em varias flamas variamente ardia
Que ardesse num só fogo naõ queria.
O Ceo, porque tivesse exprimentado,
Que nem mudar as causas ao cuydado,
Mudança na ventura me faria.
E se algum pouco tempo andava izento,
Fuy como quem co peso descansou,
Por tornar a cansar com mais alento.
Louvado seja amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu tam cansado sofrimento.

SONETO VIII.

AMor, q̃ o gesto humano n'alma escreve
Vivas faiscas me mostrou hum dia,
Donde hum puro cristal se derretia
Por entre vivas rosas, & alva neve.
A vista que em si mesma naõ se atreve,
Por se certificar do que alli via,
Foy convertida em fonte, que fazia
A dor ao sofrimento doce, & leve,
Jura amor, que brandura de vontade,
Causa o primeyro effeyto, o pensamento
Endoudece, se cuida que he verdade:
Olhay como amor géra num momento,
De lagrimas de honesta piedade,
Lagrimas de immortal contentamento.

SONETO IX.

TAnto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremẽdo estou d'frio,
Sem causa juntamente choro,& rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto,
He tudo quanto sinto hum desconcerto,
D'alma hum fogo me sae, da vista hum rio,
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.
Estando em terra chego ao Ceo voando,
Num'hora acho mil annos, & de geyto.
Que em mil annos naõ posso achar hũ hora.
Se me pregunta alguem porque assi ando?
Respondo, que naõ sey, porèm suspeyto,
Que só porque vos vi, minha senhora.

SONETO X.

TRãsformase o amador na cousa amada,
Por virtude do muyto imaginar,
Naõ tenho logo mais, que desejar,
Pois em mi tenho a parte desejada.
Se nella està minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sómente pòde descansar,
Pois consigo tal alma está liada.
Mas esta linda, & pura semidéa,
Que como o accidente em seu sugeyto,
Assi com a alma minha se conforma:
Està no pensamento como idéa,
E o vivo,& puro amor, de que sou feyto,
Como materia simples busca a fórma.

SO-

SONETO XI.

PAsso por meus trabalhos taõ izento,
De sentimento grande, nem pequeno,
Que só pola vontade, com que peno,
Me fica amor devendo mais tormento,
Mas vayme amor matando taõ atento,
Temperando a triaga, co veneno,
Que do penar a ordem desornedo,
Porque naõ mo consente o sofrimento.
Porém se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Torname cõ prazer como ao Sol neve;
Mas se me vè cos males taõ contente,
Fazse aváro da pena, porque entende,
Que quanto mais me paga, mais me deve.

SONETO XII.

EM flor vos arrancou, de entaõ crescida,
Ah senhor Dom Antonio, a dura sorte,
Donde fazendo andava o braço forte,
A Fama dos antigos esquecida.
Hũa só razaõ tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo havia honrada morte,
Que naõ podieis ter mais larga vida.
Se meus humildes versos pòdem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis,
E celebrado em triste, & longo canto,
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes vivireis.

SONETO XIII.

NUm jardim adornado de verdura,
A que esmaltaõ por cima varias flores
Entrou hum dia a Deosa dos amores
Com a Deosa da caça, & da espessura,
Diana tomou logo hũa Rosa pura,
Venus hum roxo Lirio dos melhores,
Mas excediaõ muyto ás outras flores,
As Violas na graça, & fermosura,
Perguntaõ a Cupido, que alli estava,
Qual d'aquellas tres flores tomaria,
Por mais suave, pura, & mais fermosa?
Sorrindose o minino lhes tornava,
Todas fermosas saõ, mas eu queria
Viola antes, que Lirio, nem que Rosa.

SONETO XIV.

TOdo animal da calma repousava,
Sò Liso o ardor della naõ sentia,
Que o repouso do fogo, em que elle ardia,
Consistia na Ninfa, que buscava.
Os montes parecia, que abalava
O triste som das magoas, que dizia,
Mas nada o duro peyto commovia,
Que na vontade d'outrem posto estava.
Cansado jà de andar pola espessura,
No tronco de hũa faya, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza,
Nunqua ponha ninguem sua esperança,
Em peyto feminil, que de natura
Sòmente em ser mudavel tem firmeza.

SONETO XV.

BUsq̃ Amor novas artes, & novo engenho
Para matarme, & novas esquivanças,
Que naõ póde tirarme, as esperanças,
Pois mal me tirarà, o que eu naõ tenho.
Olhay de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças,
Que naõ temo constrastes, nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.
Mas cõ quanto naõ póde haver desgosto,
Onde esperança falta, lá mo esconde
Amor num mal, que mata, & naõ se vé,
Que dias ha que n'alma me tem posto,
Hum naõ sey que, que nasce, naõ sey donde,
Vem, naõ sey como, & doe, naõ sey porque,

SONETO XVI.

QUem vé, senhora, claro, & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Senaõ perde a vista só em vellos,
Já naõ paga, o que deve a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos,
Dey mais a vida, & alma por querellos,
Donde jà me fica mais de resto.
Assi que a vida, & alma, & esperança,
E tudo quanto tenho, tudo he vosso,
E o proveyto disso eu só o levo:
Porque he tamanha bemaventurança,
O darvos quanto tenho, & quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos devo.

SONETO XVII.

QUando da bella vista, & doce riso
Tomãdo estaõ meus olhos mãtimẽto,
Tao enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o paraizo.
Tanto do bem humano estou diviso,
Que quaquer outro bem julgo por vento,
Assi que em caso tal, segundo sento,
Assaz de pouco faz, quem perde o sizo.
Em vos louvar senhora, naõ me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente,
Sentirà que naõ póde conhecellas.
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he de estranhar, dama excelẽte,
Que, quem vos fez, fizesse Ceo, & Estrellas.

SONETO XVIII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou Foruna roubadora,
Deyxayme repousar em paz hũa hora
Que comigo ganhais pouca vitoria.
Impressa tenho n'alma larga historia
Desse passado bem, que nunqua fora,
Ou fora, & naõ passára mas já agora
Em mi naõ pòde haver mais que a memoria.
Vivo em lembrãças, morro de esquecido,
De quem sempre devera ser lembrado,
Se lhe lembràra estado taõ contente.
Oh quem tornar pudéra a ser nascido!
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO XIX.

ALma minha gentil, que te partiste
Tam cedo desta vida descontente,
Repousa là no Ceo eternamente,
E viva eu cà na terra sempre triste.
Se là no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Naõ te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que jà nos olhos meus taõ puro viste.
E se vires, que pòde merecerte
Algũa cousa a dor, que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte;
Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que taõ cedo de cà me leve a verte,
Quam cedo de meus olhos te levou.

SONETO XX.

NUm bosque, q̃ das Ninfas se habitava,
Sybila Ninfa linda andava hum dia;
E sobida n'uma arvore sombria,
As amarellas flores apanhava.
Cupido, que alli sempre costumava
A vir passar a sesta à sombra fria,
Num ramo o arco, & setas, que trazia,
Antes, qne adormecesse pendurava.
A Ninfa, como idoneo tempo vira,
Para tamanha empreza, naõ dilata,
Mas com as armas foge ao moço esquivo.
As setas traz nos olhos, com que tira,
Oh pastores fugi, que a todos mata,
Senaõ a mi, que de matarme vivo.

SONETO XXI.

OS Reynos, & os Imperios poderosos,
Que em grãdesa no mũdo mais crescèraõ,
Ou por valor de esforço florecèraõ,
Ou por varões nas letras espantosos.
Teve Grecia Themistocles famosos,
Os Scipiões a Roma engrandecèraõ,
Doze pares a França gloria deraõ,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tam differente de seu ser primeyro)
Os vossos deraõ honra, & liberdade.
E em vòs graõ sucessor, & novo erdeyro,
Do Bragançaõ estado ha mil estremos,
Iguais ao sangue, & mòres, que a idade.

SONETO XXII.

DE vós me aparto, ó vida, & em tal mu-
(dança,
Sinto vivo da morte o sentimento,
Naõ sey para que he ter contentamento,
Se mais ha de perder, quem mais alcança.
Mas douvos esta firme segurança,
Que posto que me mate meu tormento,
Polas agoas de eterno esquecimento,
Segura passarà minha lembrança.
Antes sem vós meus olhos se entristeçaõ,
Que com qualquer cousa outra se cõtentem,
Antes os esqueçais, que vos esqueção,
Antes nesta lembrança se atormentem,
Que com esquecimento desmereção
A gloria, que em sofrer tal pena sentem.

SONETO XXIII

C Ara minha inimiga em cuja maõ
Poz meus contentamentos a ventura,
altoute a ti na terra ſepultura,
orque me falte a mi conſolação.
Eternamente as agoas logrannaõ,
tua peregrina formoſura.
las em quanto me a mi a vida dura,
mpre viva em minh'alma te acharáõ,
E ſe meus rudos verſos pódem tanto,
ue poſſaõ prometerte longa hiſtoria,
aquelle amor taõ puro,& verdadeyro:
Celebrada ſerás ſempre em meu canto,
rq em quanto no mundo ouver memoria,
rá minha eſcritura teu letreyro.

SONETO XXIV.

A Quella triſte, & leda madrugada,
Chea toda de magoa, & de piedade,
n quanto ouver no mundo ſaudade
uero que ſeja ſempre celebrada,
Ella ſó quando amena,& marchetada
hia dando ao mundo claridade,
io apartarſe de hũa outra vontade,
ue nunca poderá verſe apartada.
Ella ſó vio as lagrimas em fio,
ue de huns, & de outros olhos dirivadas,
acreſcentaõ em grande, & largo rio,
Ella vio as palavras magoadas,
ue puderaõ tornar o fogo frio,
dar deſcanço ás almas condenadas.

SONETO XXV.

E quando vos perdi minha eſperança,
A memoria perdera juntamente,
o doce bem paſſado,& mal preſente,
ouco ſentira a dor,de tal mudança:
Mas amor, em quem tinha confiança,
le repreſenta muy miudamente,
uantas vezes me vi ledo, & contente,
or me tirar a vida eſta lembrança.
De couſas, de que naõ havia ſinal,
or as ter poſtas já em eſquecimento,
eſtas me vejo agora perſeguido,
Ah dura eſtrella minha!ah gram tormẽto!
Que mal póde ſer mór, que no meu mal
er lembrança do bem,que he já perdido?

SONETO XXVI.

E M fermoſa Lethea ſe confia,
Por onde a vaidade tanto alcança,
Que tornada em ſoberba a confiança,
Com os Deoſes celeſtes competia.
Porque naõ foſſe avante a ouſadia
(Que naſcem muytos erros da tardança)
Em effeyto puzeraõ a vingança,
Que tamanha doudice merecia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Naõ lhe ſofrendo amor, que ſoportaſſe
Caſtigo duro tanta fermoſura;
Quiz padecer em ſi a pena alhea,
Mas porque a morte o amor naõ apartaſſe,
Ambos tornados ſaõ em pedra dura.

SONETO XXVII.

M Ales, que contra mi vos conjuraſtes,
Quanto ha de durar taõ duro intẽto?
Se dura porque dura meu tormento?
Baſtevos quanto já me atormentaſtes.
Mas ſe aſſi porfiais, porque cuydaſtes
Derrubar meu taõ alto penſamento,
Mais póde a cauſa delle, em que o ſuſtento,
Que vós, que della meſma o ſer tomaſtes.
E pois voſſa tençaõ com minha morte,
Ha de acabar o mal deſtes amores,
Day já fim a tormento taõ comprido:
Porque de ambos contente ſeja a ſorte,
Vós, porque me acabaſtes, vencedores,
E eu, porque acabey de vós vencido.

SONETO XXVIII.

E Staſſe a Primavera trasladando
Em voſſa viſta deleytoſa, & honeſta,
Nas lindas faces, & olhos, boca, & teſta,
Boninas, Lirios, Roſas dibuxando.
De ſorte voſſo géſto matizando,
Natura quanto póde manifeſta,
Que o monte, o campo, o rio, & a floreſta,
Se eſtaõ de vós, ſenhora namorando.
Se agora naõ quereis, que quem vos ama,
Poſſa colher o fruyto deſtas flores,
Perderáõ toda a graça voſſos olhos:
Porque pouco aproveyta, linda dama,
Que ſemeaſſe amor em vós amores,
Se voſſa condiçaõ produze abrolhos.

SO-

SONETO XXIX.

SEte annos de Paſtor Jacob ſervia,
Labão, pay de Rachel, ſerrana bella,
Mas naõ ſervia ao pay, ſervia a ella,
que a ella ſó por premio pretendia,
Os dias na eſperança de hum ſó dia
Paſſava, contentandoſe com vella;
Porèm o pay uſando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe dava Lya.
Vendo o triſte Paſtor, que com enganos
Lhe fora aſſi negada ſua Paſtora,
Como ſe a naõ tivera merecida:
Começa de ſervir outros ſete annos,
Dizendo, mais ſervira, ſenão fora
Para taõ longo amor taõ curta a vida.

SONETO XXX.

EStà o laſcivo, & doce Paſſarinho,
Com o biquinho as penas ordenando,
O verſo ſem medida, alegre, & brando
Expedindo no ruſtico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem calado, & manſo, deſviando,
Na pronta viſta a ſeta endereytando,
Em morte lhe converte o caro ninho.
Deſta arte o coração, que livre andava
(Poſto que jà de longe deſtinado)
Onde menos temia, foy ferido.
Porque o frecheyro cego me eſperava,
Para que me tomaſſe deſcuydado,
Em voſſos claros olhos eſcondido.

SONETO XXXI.

PEde o deſejo, dama, que vos veja,
Naõ entende, o q̃ pede, eſtá enganado,
He eſte amor tam fino, & taõ delgado,
Que quem o tem, naõ ſabe, o que deſeja.
Naõ ha ahi couſa, a qual natural ſeja,
Que naõ queyra perpetuo ſeu eſtado,
Naõ quer logo o deſejo o deſejado,
Porque naõ falte nunqua onde ſobeja.
Mas eſte puro affecto em mi ſe dana,
Que como a grave pedra tem por arte,
O centro deſejar da natureza,
Aſſi o penſamento pela parte,
Que vay tomar de mi terreſte, & humana,
Foy, ſenhora, pedir eſta bayxeza.

SONETO XXXII.

POrque quereis, ſenhora, que offereça
A vida a tanto mal, como padeço?
Se vos naſce do pouco, que mereço,
Bem por naſcer eſtá, quem vos mereça,
Sabey em fim, por muyto, que vos peça,
Que poſſo merecer, quanto vos peço,
Que naõ conſente amor, q̃ em bayxo preço
Tam alto penſamento ſe conheça.
Aſſi que a paga igual de minhas dores,
Com nada ſe reſtaura, mas deveiſma,
Por ſer capaz de tantos disfavores.
E ſe o valor de voſſos ſervidores,
Houver de ſer igual com voſco meſma,
Vos ſó com voſco meſma anday de amores.

SONETO XXXIII.

SE tanta pena tenho merecida,
Em pago de ſofrer tantas durezas,
Provay, ſenhora, em mi voſſas cruezas,
Que aqui tendes hũa alma offerecida,
N ella eſperimentay, ſe ſois ſervida,
Deſprezos, disfavores, & aſperezas,
Que mores ſofrimentos, & firmezas
Suſtentarey na guerra deſta vida.
Mas contra voſſos olhos, quaes ſerão?
He forçado, que tudo ſe lhe renda,
Mas porey por eſcudo o coração:
Porque em taõ dura, & aſpera contenda
He bem, que pois naõ acho defenſaõ,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO XXXIV.

QUando o Sol encuberto vay moſtrãdo
Ao mundo a luz quieta, & duvidoſa
Ao longo de hũa praya deleytoſa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui avi os cabellos concertando,
Alli co a mão na face tão fermoſa,
Aqui fallando alegre, alli cuydoſa,
Agora eſtando queda, agora andando,
Aqui eſteve aſſentada, alli me vio,
Erguendo aquelles olhos tam izentos,
Aqui movida hum pouco, alli ſegura,
Aqui ſe entriſteceo, alli ſe rio,
Em fim neſtes canſados penſamentos,
Paſſo eſta vida vam, que ſempre dura.

SO

SONETO XXXV.

HUm mover de olhos brãdo, & piedoſo
Sem ver de q̃, hũ riſo brãdo, & honeſto,
Quaſi forçado, hum doce, & humilde geſto
De qualquer alegria duvidoſo.
Hum deſpejo quieto, & vergonhoſo,
Hum repouſo graviſſimo, & modeſto,
Hũa pura bondade, manifeſto
Indicio d'alma, limpo, & gracioſo.
Hum encolhido ouſar, hũa brandura,
Hum medo ſem ter culpa, hum ar ſereno,
Hum longo, & obediente ſofrimento:
Eſta foy a celeſte fermoſura
Da minha Circe, & o magico veneno,
Que póde transformar meu penſamento.

SONETO XXXVI.

TOmoume voſſa viſta ſoberana,
Adonde tinha as armas mais à maõ,
Por moſtrar, que quem buſca defenſaõ
Contra eſſes bellos olhos, que ſe engana.
Por ficar da vitoria mais ufana,
Deyxoume armar primeyro da razaõ:
Cuydey de me ſalvar, mas foy em vaõ,
Que contra o Ceo naõ val defenſa humana.
Mas porèm ſe vos tinha prometido
O voſſo alto deſtino eſta vitoria,
Servos tudo bem pouco eſtà ſabido:
Que poſto que eſtiveſſe apercebido,
Naõ levais de vencerme grande gloria,
Mayor a levo eu de ſer vencido.

SONETO XXXVII.

NAõ paſſes caminhãte, quẽ me chama?
Hũa memoria nova, & nunca ouvida,
De hum, que trocou finita, & humana vida
Por divina, infinita, & clara Fama.
Quem he, que taõ gentil louvor derrama?
Quem derramar ſeu ſangue naõ duvida,
Por ſeguir a bandeyra eſclarecida
De hum capitaõ de Chriſto, que mais ama.
Ditoſo fim, ditoſo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez, & ao mundo juntamente,
Apregoando direy taõ alta ſorte.
Mais poderás contar a toda a gente,
Que ſempre deo ſua vida claro indicio,
De vir a merecer taõ ſanta morte.

SONETO XXXVIII.

FErmoſos olhos, que na idade noſſa
Moſtrais do Ceo certiſſimos ſinais,
Se quereis conhecer quanto poſſais,
Olhayme a mi, que ſou feytura voſſa.
Vereis, que de viver me deſapoſſa
Aquelle riſo, com que a vida dais,
Vereis, como de amor naõ quero mais,
Por mais que o tempo corra, & o dano poſſa.
E ſe dentro neſta alma ver quiſerdes,
Como num claro eſpelho, alli vereis
Tambem a voſſa angelica, & ſerena:
Mas eu cuydo, que ſó por naõ me verdes,
Ver vos em mí, ſenhora, naõ quereis,
Tanto goſt o levais de minha pena.

SONETO XXXIX

O Fogo, que na branda cera ardia,
Vendo o roſto gentil, q̃ eu nalma vejo
Se acendeo de outro fogo do deſejo,
Por alcançar a luz, que vence o dia.
Como de dous ardores ſe encendia,
Da grande impaciencia fez deſpejo,
E remetendo com furor ſobejo,
Vos foy beyjar na parte onde ſe via.
Ditoſa aquella flama, que ſe atreve
Apagar ſeus ardores, & tormentos,
Na viſta, de que o mundo temer deve,
Namoraõſe, ſenhora, os elementos,
De vós, & queyma o fogo aquella neve,
Que queyma coraçóes, & penſamentos.

SONETO XL.

ALegres campos, verdes arvoredos,
Claras, & freſcas agoas de criſtal,
Que em vós os dibuxais ao natural,
Diſcorrendo da altura dos rochedos.
Silveſtres montes, aſperos penedos,
Compoſtos em concerto deſigual,
Sabey, que ſem licença de meu mal,
Jà não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me já não vedes como viſtes,
Não me alegrem verduras deleytoſas,
Nem agoas, que correndo alegres vem.
Semearey em vós lembranças triſtes,
Regandovos com lagrimas ſaudoſas,
E naſceráõ ſaudades de meu bem.

SO-

SONETO XLI.

QUantas vezes do fuſo ſe eſquecia
Daliana banhado o lindo ſeyo,
Tantas vezes de hum aſpero receyo,
Salteado Laurenio a cor perdia.
Ella, que a Silvio, mais que a ſi queria,
Para podelo ver não tinha meyo:
Ora como curará o mal alheyo,
Quem o ſeu mal taõ mal curar ſabia?
Elle, que vio taõ claro eſta verdade,
Com ſoluços dizia (que a eſpeſſura
Como via de magoa a piedade)
Como póde a deſordem da natura
Fazer taõ differentes na vontade,
A quem fez taõ conformes na ventura?

SONETO XLII.

LIndo ſutil trançado, que ficaſte
Em penhor do remedio, que mereço,
Se ſó contigo, vendote, endoudeço,
Que fora cos cabellos, que apertaſte?
Aquellas tranças de ouro, que ligaſte,
Que os rayos do Sol tem em pouco preço,
Naõ ſey, ſe para engano, do que peço,
Se ſó para me atar os deſataſte.
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por ſatisfaçaõ de minhas dores,
Como quem não tem outra, hey de tomarte,
E ſe naõ for contente meu deſejo,
Dirlhehey, que neſta regra dos amores,
Pelo todo tambem ſe toma a parte.

SONETO XLIII.

O Ciſne quando ſente ſer chegada
A hora, que poem termo a ſua vida,
Muſica com voz alta, & muy ſubida
Levanta pela praya inhabitada.
Deſeja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a deſpedida,
Com grande ſaudade da partida,
Celebra o triſte fim deſta jornada.
Aſſi, minha ſenhora, quando via
O triſte fim, que davaõ meus amores,
Eſtando poſto jà no eſtremo fio.
Com mais ſuave canto, & armonia
Deſcantey pelos voſſos disfavores,
La vueſtra falſa fé, y el amor mio.

SONETO XLIV.

PElos extremos raros, que moſtrou
Em ſaber Pallas, Venus em fermoſa,
Diana em caſta, Juno em animoſa;
Africa, Europa, & Aſia, as adorou.
Aquelle ſaber grande, que ajuntou
Eſprito, & corpo em liga generoſa,
Eſta mundana machina luſtroſa,
De ſó quatro Elementos fabricou.
Mas mór milagre fez a natureza
Em vós, ſenhoras, pondo em cada hũa,
O que por todas quatro repartio.
A vòs ſeu reſplandor deu Sol, & Lua,
A vós com viva luz, graça, & pureza,
Ar, Fogo, Terra, & Agoa vos ſervio.

SONETO XLV.

TOmava Deliana por vingança
Da culpa do paſtor, que tanto amava,
Caſar com Gil vaqueyro, & em ſi vingava
O erro alheyo, & perfida eſquivança.
A diſcrição ſegura, a confiança,
As roſas, que ſeu roſto dibuxava,
O deſcontentamento lhas ſecava,
Que tudo muda hũa aſpera mudança.
Gentil planta diſpoſta em ſeca terra,
Lindo fruyto de dura mam colhido,
Lembranças d'outro amor, & ſe perjura:
Tornáraõ verde prado em dura ſerra,
Intereſſe enganoſo, amor fingido,
Fizerão deſditoſa a fermoſura.

SONETO XLVI.

GRam tempo ha jâ q̃ ſoube da ventura,
A vida, que me tinha deſtinada,
Que a longa experiencia da paſſada,
Me dava claro indicio da futura.
Amor fero, cruel, Fortuna eſcura,
Bem tendes voſſa força exprimentada,
Aſſolay, deſtruy, naõ fique nada,
Vingayvos deſta vida, que inda dura.
Soube amor da ventura, que a naõ tinha,
E por que mais ſentiſſe a falta della.
De imagẽs impoſſiveis me mantinha.
Mas vós, ſenhora, pois q̃ minha eſtrella
Naõ foy melhor, vivey neſta alma minha,
Que naõ tem a Fortuna poder nella.

SO

SONETO XLVII.

SE algũa hora em vós apiedade,
De taõ longo tormento se sentira,
Naõ consentira amor, que me partira
De vossos olhos, minha saudade.
Aparteyme de vós, mas a vontade,
Que pelo natural n'alma vos tira,
Me faz crer, que esta ausencia he de mentira,
Mas ainda mal porèm, porque he verdade.
Irmehey, senhora, & neste apartamento,
Tomaràõ tristes lagrimas vingança
Nos olhos, de quem fostes mantimento:
E assi darey vida a meu tormento,
Que em fim me acharà minha lembrança
sepultado no vosso esquecimento.

SONETO XLVIII.

O Como se me alonga de anno em anno
A peregrinaçaõ cansada minha!
Como se encurta, & como ao fim caminha
Este meu breve, & vaõ discurso humano!
Vayse gastando a idade, & cresce o dano,
Perdeseme hum remedio, que inda tinha,
Se por experiencia se adivinha,
Qualquer grãde esperãça he grande engano.
Corro a poz este bem, que naõ se alcança,
No meyo do caminho me fallece,
Mil vezes cayo, & perco a confiança :
Quando elle foge, eu tardo, & na tardãça
Se os olhos ergo a ver se inda aparece,
Da vista se me perde, & da esperança.

SONETO XLIX.

TEmpo he jà que minha confiança
Se deça de hũa falsa opiniaõ,
Mas se amor naõ se rege por razaõ,
Naõ posso perder logo a esperança:
A vida si, que hũa aspera mudança
Naõ deyxa viver tanto hum coraçaõ,
E eu na morte tenho a salvaçaõ?
Si, mas quem a deseja naõ a alcança.
Forçado he logo, que eu espere, & viva,
Ah dura ley de amor, que naõ consente,
Quietaçaõ n'hũa alma, que he cativa,
Se hey de viver em fim forçadamente,
Para que quero a gloria fugitiva,
D'hũa esperança vãa, que me atormenta ?

SONETO L.

AMor, co a esperança já perdida,
Teu soberano templo visitey,
Por sinal do naufragio, que passey,
Em lugar dos vestidos puz a vida.
Que queres mais de mi, que destruhida
Me tens a gloria toda, que alcancey?
Naõ cuydes de forçarme, que naõ sey
Tornar a entrar onde naõ ha sahida.
Vés aqui alma, vida, & esperança,
Despojos doces de meu bem passado,
Em quanto quiz aquella, em quem eu mòro,
Nella pódes tomar de mi vingança,
E se inda naõ estás de mi vingado,
Contentate co as lagrimas, que choro.

SONETO LI.

APollo, & as nove Musas descantando,
Com a dourada lyra me influyam
Na suave armonia, que faziaõ,
Quando tomey a pena, começando:
Ditoso seja o dia, & hora quando
Tam delicados olhos me feriäo,
Ditosos os sentidos, que sentiaõ,
Estarse em seu desejo traspassando,
Assi cantava , quando amor virou
A roda á esperança, que corria,
Tam ligeyra, que quasi era invisivel.
Converteoseme em noyte o claro dia,
E se algũa esperança me ficou,
Serà de mayor mal, se for possivel.

SONETO LII.

LEmbranças saudosas, se cuydais
De acabar a vida neste estado,
Naõ vivo com meu mal tam enganado,
Que naõ espere delle muyto mais.
De muyto longe já me costumais
A viver de algum bem desesperado,
Jà tenho co a Fortuna concertado
De sofrer os trabalhos, que me dais,
Atada ao remo tenho a paciencia,
Para quantos desgostos dér a vida.
Cuyde em quanto quizer o pensamento,
Que pois não ha ahi outra resistencia,
Para tam certa quéda de subida,
Apararlhehey debayxo o sofrimento.

SONETO LIII.

A Partavaſe Niſe de Montano,
Em cuja alma partindoſe ficava,
Que o paſtor na memória a dibuxava,
Por poder ſuſtentarſe deſte engano.
Pelas prayas do Indico Occeano,
Sobre o curvo cajado ſe encoſtava,
E os olhos pelas agoas alongava,
Que pouco ſe dohiaõ de ſeu dano.
Pois com tamanha magoa, & ſaudade
(Dizia) quiz deyxarme a em que eu móro,
Por teſtemunhas tomo Ceo, & Eſtrellas:
Mas ſe em vós ondas mora piedade,
Levay tambem as lagrimas, que choro,
Pois aſſi me levais a cauſa dellas.

SONETO LIV.

Quando vejo, que meu deſtino ordena,
Que por me exprimẽtar d'vôs m'aparte,
Deyxando de meu bem taõ grande parte,
Que a meſma culpa fica grave pena.
O duro disfavor, que me condena,
Quando pela memoria ſe reparte,
Endurece os ſentidos de tal arte,
Que a dor d'auſencia fica mais pequena.
Pois como pòde ſer, que na mudança
D'aquillo, que mais quero, eſté taõ fóra,
De me naõ apartar tambem da vida,
Eu refrearey taõ aſpera eſquivança,
Porque mais ſentirey partir, ſenhora,
Sem ſentir muyto a pena da partida.

SONETO LV.

Depois de tantos dias mal gaſtados,
Depois de tãtas noytes mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos ſuſpiros vãos vãmente dados.
Como naõ ſois vòs já deſenganados,
Deſejos, que de couſas eſquecidas
Quereis remediar mortaes feridas,
Que amor fez ſem remedio, o tẽpo, os Fados?
Se naõ tivereis já experiencia
Das ſem razões de amor, a quem ſerviſtes,
Fraqueza fora em vós a reſiſtencia,
Mas pois por voſſo mal ſeus males viſtes,
Que tempo naõ curou, nem longa auſencia,
Que bem delle eſperais deſejos triſtes?

SONETO LVI.

Nayades vós, que os rios habitais,
Que os ſaudoſos campos vaõ regando,
De meus olhos vereis eſtar manando
Outros, que quaſi aos voſſos ſaõ iguais:
Driades, vós que as ſetas atirais,
Os fugitivos cervos derribando,
Outros olhos vereis, que triunfando,
Derribaõ corações, que valem mais,
Deyxay logo as aljavas, & agoas frias,
E vinde Ninfas minhas, ſe quereis
Saber como de hũs olhos naſcem magoas,
Vereis como ſe paſſaõ em vaõ, os dias
Mas naõ vireis em vaõ, que cà achareis,
Nos ſeus as ſetas, & nos meus as agoas.

SONETO LVII.

Mudaõſe os tẽpos, mudaõſe as võtades
Mudaſe o ſer, mudaſe a confiança,
Todo mundo he compoſto de mudança,
Tomando ſempre novas qualidades.
Continuamente vemos novidades,
Differentes em tudo da eſperança
Do mal, ficaõ as magoas da lembrança,
E do bem (ſe algum houve) as ſaudades.
O tempo cobre o chaõ de verde manto,
Que já cuberto foy de neve fria,
E em mi converte em choro o doce canto,
E a fóra eſte mudarſe cada dia,
Outra mudança faz de mór eſpanto,
Que naõ ſe muda já como ſohia.

SONETO LVIII.

Se as penas, cõ q̃ amor taõ mal me trata,
Quizer, que tanto tempo viva dellas,
Que veja eſcuro o lume das eſtrellas,
Em cuja viſta o meu ſe acende, & mata.
E ſe o tempo, que tudo desbarata,
Secar as freſcas roſas ſem colhellas,
Moſtrando a linda cor das tranças bellas,
Mudada de ouro fino em branca prata.
Vereis, ſenhora, entaõ tambem mudado
O penſamento, & aſpereza voſſa,
Quando naõ ſirva já ſua mudança,
Suſpirareis entaõ pelo paſſado,
Em tempo, quando executar ſe poſſa,
Em voſſo arrepender minha vingança.

SO-

SONETO LIX.

QUem jaz no gram ſepulcro, q̃ deſcreve
Tam illuſtres ſinais no forte eſcudo?
Ninguem, que niſſo em fim ſe torna tudo,
Mas foy, quem tudo pode, & tudo teve.
Foy Rey, fez tudo quanto a Rey ſe deve,
Poz na guerra, & na paz devido eſtudo,
Mas quaõ peſado foy ao Mouro rudo,
Tanto lhe ſeja agora a terra leve.
Alexandre ſerá, ninguem ſe engane,
Que ſuſtentar, mais que adquirir ſe eſtima;
Será Adriano gram ſenhor do mundo?
Mais obſervante foy da ley de cima.
He Numa? Numa naõ, mas he Joanne,
De Portugal Terceyro, ſem ſegundo.

SONETO LX.

QUem póde livre ſer, gentil ſenhora,
Vendovos com juizo ſoſſegado,
Se o minino, que de olhos he privado,
Nas mininas dos voſſos olhos mora?
Alli manda, alli reyna, alli namora,
Alli vive das gentes venerado,
Que o vivo lume, & o roſto delicado,
Imagẽs ſaõ de amor em tod'a hora.
Quem vé, q̃ em brãca neve nacem roſas,
Que fios creſpos de ouro vão cercando,
Se por entre eſta luz a viſta paſſa,
Hũs rayos de ouro vé, que as duvidoſas
Almas eſtaõ no peyto traſpaſſando,
Aſſi como hum criſtal o Sol traſpaſſa.

SONETO LXI.

COmo fizeſte, Porcia, tal ferida,
Foy voluntaria, ou foy por innocẽcia?
Mas foy fazer amor experiencia,
Se podia ſofrer tirarme a vida.
E com teu proprio ſangue te convida
A naõ pores à vida reſiſtencia?
Andome coſtumando á paciencia,
Porque o temor a morte naõ impida.
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te coſtumas? porque ordena
Amor, que morra, & pene juntamente.
E tens a dor do ferro por pequena?
Si, que a dor coſtumada naõ ſe ſente,
E eu não quero a morte ſem a pena.

SONETO LXII.

DE taõ divino acento, & voz humana,
De taõ doces palavras peregrinas,
Bem ſey, que minhas obras naõ ſaõ dinas
Que o rudo engenho meu me deſengana.
Mas de voſſos eſcritos corre, & mana
Licor, que vence as agoas Cabalinas,
E comvoſco do Tejo as flores finas,
Faràõ enveja à copia Mantuana.
E pois a vòs, de ſi não ſendo aváras,
As filhas de Muemoſine formoſa,
Partes dadas vos tem ao mundo cáras:
A minha Muſa, & a voſſa taõ famoſa,
Ambas poſſo chamar ao mundo raras,
A voſſa de alta, a minha de envejoſa.

SONETO LXIII.

DEbayxo deſta pedra eſtá metido,
Das ſanguinoſas armas deſcanſado,
O Capitaõ illuſtre aſſinalado,
Dom Fernando de Caſtro eſclarecido.
Por todo o Oriente taõ temido,
E da enveja da Fama taõ cantado,
Eſte pois ſó agora ſepultado,
Eſta aqui já em terra convertido.
Alegrate, ò guerreyra Luſitania,
Por eſte Viriato, que criaſte,
E chora o perdido eternamente.
Exemplo toma niſto de Dardania,
Que ſe a Roma com elle aniquilaſte,
Nem por iſſo Cartago eſtà contente.

SONETO LXIV.

QUe vençais no oriente tantos Reys,
Que de novo nos deis da India o eſtado,
Que eſcureçais a Fama, que ganhado
Tinhaõ, os que a ganhàraõ a infieis:
Que do tempo tenhais vencido as leys,
Que em tudo em fim vẽçais, co tẽpo armado,
Mais he vencer na patria deſarmado,
Os monſtruos, & as chimeras, que venceis:
E aſſi ſobre vencerdes tanto imigo,
E por armas fazer, que ſem ſegundo
Voſſo nome no mundo ouvido ſeja:
O que vos dà mais nome inda no mundo,
He vencerdes, ſenhor, no Reyno amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inveja.

SONETO LXV.

VOſſos olhos, ſenhora, que competem
Co Sol em fermoſura, & claridade,
Enchem os meus de tal ſuavidade,
Que em lagrimas de velos ſe derretem.
Meus ſentidos vencidos ſe ſometem,
Aſſi cegos a tanta mageſtade,
E da triſte priſaõ da eſcuridade,
Cheyos de medo por fugir remetem.
Mas ſe niſto me vedes por acerto
O aſpero deſprezo, com que olhais,
Torna a eſpertar a alma enfraquecida.
Oh gentil cura, & eſtranho deſconcerto,
Que fará o favor, que vos naõ dais,
Quando o voſſo deſprezo torna a vida?

SONETO LXVI.

FOrmoſura do Ceo, a nòs deſcida,
Que nenhum coração deyxas izento,
Satisfazendo a todo penſamento,
Sem ſeres de nenhum bem entendida.
Que lingua pòde haver taõ atrevida,
Que tenha de louvarte atrevimento,
Pois a parte mayor do entendimento,
No menos, que em ti ha, ſe vé perdida.
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo, que abre na terra hum paraiſo,
O engenho me falta, o eſprito mingua:
Mas o que mais me tolhe inda louvarte
He, que quando te vejo, perco a lingua,
E quando te naõ vejo, perco o ſiſo.

SONETO LXVII.

POis meus olhos naõ canſaõ de chorar
Triſtezas, que naõ canſaõ de canſarme:
Pois naõ abranda o fogo, em que abraſarme
Pòde, quem eu jà mais pude abrandar.
Naõ canſe o cego amor de me guiar,
A parte donde naõ ſayba tornarme,
Nem deyxe o mundo todo de eſcutarme,
Em quanto me a voz fraca naõ deyxar.
E ſe nos montes, rios, ou em vales,
Piedade móra, ou dentro móra amor,
Em feras aves prantas, pedras, agoas.
Ouçaõ a longa hiſtoria de meus males
Eſcutem ſua dor, com minha dor,
Que grandes magoas pòdem curar magoas.

SONETO LXVIII.

DAyme hũa ley, Senhora, de querervos,
Que aguarde ſopena de enojarvos,
Que a fé, que me obriga a tanto amarvos,
Fará, que fique em ley de obedecervos.
Tudo me defendey, ſenaõ ſó vervos,
E dentro na minh'alma contemplarvos,
Que ſe aſſi naõ chegar a contentarvos,
Ao menos que chegue aborrecervos.
E ſe eſſa condição cruel, & eſquiva,
Que me deis ley de vida naõ conſente,
Dayma, ſenhora jà, ſeja de morte:
Se nem eſſa me dais, he bem que viva,
Sem ſaber como vivo, triſtemente,
Mas contente porém de minha ſorte.

SONETO LXIX.

FErido ſem ter cura perecia
O forte, & duro Telepho temido,
Por aquelle, que na agoa foy metido,
A quem ferro nenhum cortar podia.
Ao Apollineo oraculo pedia,
Conſelho para ſer reſtituido;
Reſpondeo, que tornaſſe a ſer ferido,
Por quem o jà ferira, & ſararia.
Aſſi, ſenhora, quer minha ventura,
Que ferido de vervos claramente,
Com vos tornar a ver, amor me cura:
Mas he taõ doce voſſa fermoſura,
Que fico como hidropico doente,
Que co beber lhe creſce mòr ſecura.

SONETO LXX.

NA metade do Ceo ſubido ardia,
O claro Almo paſtor, quãdo deyxavão
O verde paſto as cabras, & buſcavão
A freſcura ſuave da agoa fria.
Com a folha das arvores ſombria,
Do rayo ardente as aves ſe amparàvaõ,
O modulo cantar, de que ceſſavaõ,
Sò nas roucas Cigarras ſe ſentia.
Quando Liſo paſtor, num campo verde,
Natercia crua Ninfa ſó buſcava,
Com mil ſuſpiros triſtes, que derrama,
Porque te vas, de quem por ti ſe perde,
Para quem pouco te ama? (ſuſpirava)
O Eco lhe reſponde, pouco te ama.

SO

SONETO LXXI.

JA a saudosa Aurora destoucava
Os seus cabellos de ouro delicados,
E as flores nos campos esmaltados,
Do cristalino orvalho borrifava:
Quando o fermoso gado se espalhava
De Silvio, & Laurente pelos prados,
Pastores ambos, & ambos apartados,
De quem o mesmo amor naõ se apartava.
Com verdadeyras lagrimas Laurente,
Naõ sey (dizia) ò Ninfa delicada,
Porque naõ morre jà, quem vive ausente,
Pois a vida sem ti, naõ presta nada?
Responde Silvio, amor naõ o consente,
Que offende as esperanças da tornada.

SONETO LXXII.

QUando de minhas magoas a comprida
Maginaçaõ, os olhos me adormece,
Em sonhos aquella alma me aparece
Que para mi foy sonho nesta vida.
Là n'uma soledade, onde estendida
A vista pelo campo desfalece,
Corro para ella, & ella entaõ parece,
Que mais de mi se alonga compelida.
Brado, naõ me fujais sombra benina,
Ella (os olhos em mi com brando pejo,
Como quem diz, que já naõ pòde ser)
Torna a fugirme, & eu gritando, Dina,
Antes que diga Mene, acórdo, & vejo,
Que nem hum breve engano posso ter.

SONETO LXXIII.

SUspiros inflamados, que cantais
A tristeza, com que eu vivi taõ ledo,
Eu morro, & naõ vos levo, porque ey medo
Que ao passar do Lethes vos percais.
Escritos para sempre jà ficais,
Onde vos mostraráõ todos co dedo,
Como exemplo de males, que eu concedo,
Que para aviso de outros estejais,
Em quem pois virdes falsas esperanças,
De Amor, & da Fortuna, cujos danos
Algũs teráõ por bemaventuranças;
Dizeylhe, que os servistes muytos annos,
E que em Fortuna tudo saõ mudanças,
E que em Amor, naõ ha senaõ enganos.

SONETO LXXIV.

AQuella féra humana, que enriquece
Sua presunptuosa tyrania,
Destas minhas entranhas, onde cria
Amor hum mal, que falta quando crece.
Se nella o Ceo mostrou (omo parece)
Quanto mostrar ao mundo pretendia,
Porque de minha vida se injuria?
Porque de minha morte se ennobrece?
Hora em fim sublimay vossa vitoria,
Senhora, com vencerme, & cativarme,
Fazey disto no mundo larga historia:
Que por mais que vos veja maltratarme,
Já me fico logrando desta gloria
De ver, que tendes tanta de matarme.

SONETO LXXV.

DItoso seja aquelle, que sómente
Se queyxa de amorosas esquivanças
Pois por ellas naõ perde as esperanças
De poder algum tempo ser contente:
Ditoso seja, quem estando ausente,
Naõ sente mais, que a pena das lembranças;
Porque inda que se tema de mudanças.
Menos se teme a dor, quando se sente.
Ditoso seja em fim qualquer estado,
Onde enganos, desprezos, & izenção,
Trazem o coraçaõ atormentado:
Mas triste, quem se sente magoado,
De erros, em que naõ póde haver perdaõ,
Sem ficar n'alma a magoa do peccado.

SONETO LXXVI

QUem fosse acompanhando juntamente,
Por esses verdes campos a avesinha,
Que despois de perder hum bem, que tinha,
Naõ sabe mais, que cousa he ser contente.
E Quem fosse apartandose da gente,
Ella por companheyra, & por vizinha,
Me ajudasse a chorar a pena minha,
Eu a ella o pezar, que tanto sente.
Ditosa ave, que ao menos se a natura
A seu primeyro bem naõ dà segundo,
Dalhe o ser triste a seu contentamento.
Mas triste, quem de longe quiz ventura,
Que para respirar lhe falte o vento
E para tudo, em fim, lhe falte o mundo.

SO-

SONETO LXXVII.

O Culto divinal se celebrava
No templo, donde toda a creatura,
Louva o Feytor divino, que a feytura,
Com seu sagrado sangue restaurava.
Alli amor, que a tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura
Nũa celeste, & angelica figura
A vista da razão me salteava.
Eu crendo, que o lugar me defendia
E seu livre costume naõ sabendo,
Que nenhum confiado lhe fugia.
Deyxeyme cativar, mas jà que entendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo, que fuy livre, me arrependo.

SONETO LXXVIII.

LEda serenidade deleytosa,
Que representa em terra hum paraysо,
Entre rubis, & perlas doce riso,
Debayxo de ouro, & neve, cor de rosa.
Presença moderada, & graciosa,
Onde ensinando estão despejo, & siso,
Que se pòde por arte, & por aviso,
Como por natureza ser fermosa.
Fala, de quem a morte, & vida pende,
Rara, suave, em fim, senhora, vossa,
Repouso nella alegre, & comedido,
Estas armas saõ, com que me rende,
E me cativa Amor, mas naõ que possa
Despojarme da gloria de rendido.

SONETO LXXIX.

BEm sey Amor, q̃ he certo, o que receo,
Mas tu porque cõ isso mais te apuras,
De manhoso mo negas, & mo juras,
Em teu dourado arco, & eu to creo,
A mão tenho metida no teu seo,
E naõ vejo meus danos ás escuras,
E tu com tudo tanto me asseguras,
Que me digo, que minto, & que me enleo,
Naõ somente consinto neste engano,
Mas inda to agradeço, & a mi me nego
Tudo, o que vejo, & sinto de meu dano,
Oh poderoso mal, a que me entrego,
Que no meyo do justo desengano,
Me possa inda cegar hum moço cego.

SONETO LXXX.

COmo quando do mar tempestuoso,
O marinheyro lasso, & trabalhado,
D'hum naufragio cruel jà salvo anado,
Sò ouvir falar nelle o faz medroso.
E jura, que em que veja bonançoso
O violento mar, & sossegado,
Naõ entre nelle mais, mas vay forçado,
Pelo muyto interesse cubiçoso.
Assi, senhora eu que da tormenta
De vossa vista fujo, por salvarme,
Jurando de naõ mais em outra verme:
Minh'alma, que de vòs nunca se ausenta,
Dame por preço vervos, faz tornarme,
Donde fugi tam perto de perderme.

SONETO LXXXI.

AMor he hum fogo, que arde sem se ver,
He ferida, que doe, & naõ se sente,
He hum contentamento descontente,
He dor, que desatina sem doer.
He hum naõ querer mais, que bem querer,
He hum andar solitario entre a gente,
He nunqua contentarse de contente,
He hum cuydar, que ganha em se perder.
He querer estar preso por vontade,
He servir a quem vence o vencedor,
He ter, com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pòde seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tam contrario a si he o mesmo amor?

SONETO LXXXII.

SE pena por amarvos se merece,
Quem della livre està, ou quem izento?
Que alma, que razão, que entendimento
Em vervos senaõ rende, & obedece?
Que mòr gloria na vida se offerece,
Que occuparse em vòs o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento,
Em vervos senaõ sente, mas esquece.
Mas se merece pena, quem amando
Contino vos està, se vos offende,
O mundo matarey, que todo he vosso.
Em mi podeis, senhora, ir começando,
Que claro se conhece, & bem se entende,
Amarvos quanto devo, & quanto posso.

SO-

SONETO LXXXIII.

QUe levas cruel morte? hum claro dia;
A que horas o tomaste? amanhecendo,
Entendes o que levas? naõ o entendo,
Pois quem to faz levar? quem o entendia.
Seu corpo quem o goza? a terra fría,
Como ficou sua luz? anoytecendo:
Lusitania, que diz? fica dizendo,
Em fim, naõ mereci dona Maria.
Mataste quem a vio já morta estava,
Que diz o cruel amor? falar naõ ousa,
E quem o faz calar? minha vontade.
Na corte, que ficou? saudade brava:
Que fica là que ver? nenhũa cousa,
Mas fica, que chorar sua beldade.

SONETO LXXXIV.

ONdados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos
Agora sobre as rosas estendidos,
Fazeis que sua belleza se acrescente.
Olhos, que vos moveis taõ docemente,
Em mil divinos rayos acendidos,
Se de cá me levais alma, & sentidos,
Que fora, se de vós naõ fora ausente?
Honesto riso, que entre a mór fineza,
De perlas, & coraes nasce, & perece,
Se n'alma em doces eccos naõ o ouvisse?
Se imaginando só tanta belleza,
De si, em nova gloria a alma se esquece,
Que serà quando a vir? ah quem a visse.

SONETO LXXXV.

FOy jà num tempo doce cousa amar,
Em quanto me enganava a esperança,
O coraçaõ com esta confiança,
Todo se desfazia em desejar;
Oh vaõ, caduco, & debil esperar,
Como se desengana hũa mudança!
Que quanto he mór a bemaventurança,
Tanto menos se crè, que ha de durar.
Quem jà se vio contente, & prosperado,
Vendose em breve tempo em pena tanta,
Razão tem de viver bem magoado.
Porèm quem tem o mundo exprimẽtado,
Naõ o magoa a pena, nem o espanta,
Que mal se estranharà o costumado.

SONETO LXXXVI.

DOs illustres antigos, que deyxaraõ.
Tal nome, q̃ igualou Fama á memoria;
Ficou por luz do tempo a larga historia
Dos feytos, em que mais se assinalàraõ.
Se se com cousas destes cotejáraõ
Mil vossas, cada hũa taõ notoria,
Vencerà a menor dellas a mór gloria,
Que elles em tantos annos alcançáraõ.
A gloria sua foy, ninguem lha tome,
Seguindo cada hum varios caminhos,
estatuas levantando no seu templo.
Vós honra Portugueza, & dos Coutinhos,
Illustre Dom Joaõ, com melhor nome,
A vòs encheis de gloria; & a nós de exemplo.

SONETO LXXXVII.

COnversaçaõ domestica affeyçoa,
Hora em forma de boa, & sã vontade,
Hora de hũa amorosa piedade,
Sem olhar qualidade de pessoa.
Se despois por ventura vos magoa
Com desamor, & pouca lealdade,
Logo vos faz mentira da verdade
O brando amor, que tudo em si perdoa;
Naõ saõ isto, que fallo, conjecturas,
Que o pensamento julga na aparencia,
Por fazer delicadas escrituras,
Metido tenho a maõ na consciencia,
E naõ fallo senaõ verdades puras,
Que me ensinou a viva experiencia.

SONETO LXXXVIII.

ESforço grande igual ao pensamento,
Pensamentos em obras divulgados,
E naõ em peyto timido encerrados,
E desfeytos despois em chuva, & vento:
Animo de cobiça bayxa izento,
Dino porisso só de altos estados,
Fero açoute dos nunqua bem domados
Povos do Malabar sanguinolento:
Gentileza de membros corporaes,
Ornados de pudica continencia,
Obra por certo rara de natura.
Estas virtudes, & outras muytas mais,
Dinas todas da Homerica eloquencia,
Jazem debayxo desta sepultura.

SO-

SONETO LXXXIX.

NO mundo quiz hũ tempo, q̃ se achasse
O bem, q̃ por acerto, ou sorte vinha,
E por exprimentar, que dita tinha,
Quiz que a Fortuna em mi se exprimẽtasse.
Mas porque meu destino me mostrasse,
Que nem ter esperanças me convinha,
Nunca nesta taõ longa vida minha,
Cousa me deyxou ver, que desejasse,
Mudando andey costume, terra, & estado,
Por ver se se mudava a sorte dura,
A vida puz nas mãos de hum leve lenho,
Mas segundo o q̃ o Ceo me tem mostrado,
Já sey, que deste meu buscar ventura,
Achado tenho já, que naõ a tenho.

SONETO XC.

A Perfeyçaõ, a graça, o doce geyto,
A Primavera chea de frescura,
Que sempre em vós florece, a que a ventura,
E a razaõ entregàraõ este peyto:
Aquelle cristalino, & puro aspeyto,
Que em si comprende toda a fermosura,
O resplandor dos olhos, & abrandura,
De que ámor a ninguem quiz ter respeyto:
Se isto, que em vós se vè, ver desejais,
Como dino de verse claramente,
Por mais, que vós de amor vos izentais.
Traduzido o vereis taõ bellamente,
No meyo deste espirito, onde estais,
Que vendovos sintais, o que elle sente.

SONETO XCI.

VOs, que de olhos suaves, & serenos,
Com justa causa a vida cativais,
E que os outros cuydados condenais,
Por insulsos, por bayxos, & pequenos.
Se inda do amor domesticos venenos,
Nunca porvastes, quero saybais,
Que he tanto mais o amor despois que amais,
Quanto saõ mais as causas de ser menos.
E naõ cuyde ninguem, q̃ algum defeyto,
Quando na causa amada se apresenta,
Possa diminuir o amor perfeyto;
Antes o dobra mais, & se atormenta.
Pouco, & pouco desculpa o brando peyto,
Que amor com seus contrarios se acrescenta.

SONETO XCII.

QUe poderey do mundo já querer,
Que naquillo, em q̃ puz tamanho amor,
Naõ vi senaõ desgosto, desamor,
E morte em fim, que mais naõ póde ser.
Pois vida me naõ farta de viver,
Pois já sey, que naõ mata grande dor,
Se cousa ha hi, que magoa dé mayor,
Eu a verey, que tudo posso ver.
A morte a meu pesar me assegurou,
De quanto mal me vinha, já perdi,
O que perder o medo me ensinou:
Na vida, desamor sómente vi,
Na morte, a grande dor, que me ficou,
Parece, que para isso só nasci.

SONETO XCIII.

PEnsamentos, que agora novamente
Cuydados vãos em mi resuscitais,
Dizeyme, ainda naõ vos contentais,
De terdes, quem vos tem taõ descontente?
Que fantasia he esta, que presente
Cada hora ante meus olhos me mostrais?
Com sonhos, & com sombras atentais,
Quem nem por sonhos pòde ser contente?
Vejovos pensamentos alterados,
E naõ quereis de esquivos declararme,
Que he isto, que vos traz taõ enleados.
Naõ me negueis, se andais para negarme,
Que se contra mi estais alevantados,
Eu vos ajudarey mesmo a matarme.

SONETO XCIV.

SE tomar minha pena em penitencia,
Do erro, em que cahio o pensamento,
Naõ abranda, mas dobra meu tormento,
A isto, & a mais obriga a paciencia.
E se hũa cor de morto na aparencia,
Hum espalhar suspiros vãos ao vento,
Em vós naõ faz, senhora, movimento,
Fique meu mal em vossa consciencia.
E se de qualquer aspera mudança,
Toda a vontade izenta amor castiga,
(Como eu vi bem no mal, q̃ me condena,)
E se em vòs naõ se entende aver vingança,
Sera forçado (pois amor me obriga)
Que eu só de vossa culpa pague a pena.

SO-

SONETO XCV.

AQuella, que de pura castidade,
De si mesma tomou cruel vingança,
Por hũa breve, & subita mudança,
Contraria à sua honra, & qualidade:
Venceo a fermosura a honestidade,
Venceo no fim da vida a esperança,
Porque ficasse viva tal lembrança,
Tal amor, tanta fé, tanta verdade.
De si, da gente, & do mundo esquecida,
Ferio com duro ferro o brando peyto,
Banhado em sangue a força do tyrano.
Oh estranha ousadia, estranho feyto,
Que dando morte breve ao corpo humano,
Tenha sua memoria larga vida!

SONETO XCVI.

OS vestidos Elisa revolvia,
Que lhe Eneas deyxára por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces, quando o seu Fado o consentia.
Entre elles a fermosa espada via,
Que o instrumento foy da triste historia,
E como quem de si tinha a vitoria,
Com ella assi falando, lhe dizia:
Fermosa, & nova espada, se ficaste,
Sò para executares os enganos,
De quem te quiz deyxar em minha vida:
Sabe, que tu comigo te enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobejame a tristeza da partida.

SONETO XCVII.

O Quaõ caro me custa o entenderte,
Molesto Amor, que só por alcançarte
De dor em dor me tés trazido a parte,
Onde em ti, odio, & ira se converte;
Cuydey, que para em tudo conhecerte,
Me naõ faltasse experiencia, & arte,
Agora vejo n'alma acrescentarte
Aquillo, que era causa de perderte.
Estavas taõ secreto, no meu peyto,
Que eu mesmo, que te tinha, naõ sabia,
Que me senhoreavas deste geyto:
Descubristete agora, & foy por via,
Que teu descobrimento, & meu defeyto,
Hum me envergonha, & outro me injuria.

SONETO XCVIII.

SE despois de esperança taõ perdida,
Amor pola ventura consentisse,
Que ainda algũa hora alegre visse,
De quantas tristes vio taõ longa vida:
Hũa alma já taõ fraca, & taõ cahida,
Por mais alto, que a sorte me subisse,
Naõ tenho para mi, que consentisse
Alegria taõ tarde consentida.
Naõ taõ sómente Amor, me naõ mostrou
Hum hora, em que vivesse alegremente,
De quantas nesta vida me negou:
Mas inda tanta pena me consente,
Que co contentamento me tirou
O gosto d'algum hora ser contente.

SONETO XCIX.

O Rayo cristalino se estendia
Pelo mundo, da Aurora marchetada;
Quando Nise pastora delicada,
Donde a vida deyxava se partia
Dos olhos, com que o Sol escurecia,
Levando a vista em lagrimas banhada,
De si, do Fado, & tempo magoada,
Pondo os olhos no Ceo, assi dizia:
Nasce sereno Sol, puro, & luzente,
Resplandece Fermosa, & roxa Aurora,
Qualquer alma alegrando descontente:
Que a minha, sabe tu, que desde agora,
Já mais na vida a pódes ver contente,
Nem taõ triste nenhũa outra pastora.

SONETO C.

NO mundo poucos annos, & cansados
Vivi, cheos de vil miseria dura,
Foyme taõ cedo a luz do dia escura,
Que naõ vi sinco lustros acabados,
Corri terras, & mares apartados,
Buscando à vida algum remedio, ou cura;
Mas aquillo, que em fim naõ quer ventura;
Naõ o alcançaõ trabalhos arriscados.
Crioume Portugal na verde, & cara
Patria minha Alam-quer, mas ar corruto,
Que neste meu terreno vaso tinha,
Me fez manjar de peyxes, em ti bruto
Mar, que bates na Abasia fera, & avara,
Tam longe da ditosa patria minha.

SONETO CI.

QUe me quereis perpetuas ſaudades,
Com que eſperança ainda me enganais?
Que o tempo, que ſe vay, não torna mais,
E ſe torna, não tornaõ as idades:
Razaõ he jà ò annos, que vos vades,
Porque eſtes taõ ligeyros, que paſſais,
Nem todos para hum goſto ſaõ iguais,
Nem ſempre ſaõ conformes as vontades:
Aquillo, a que já quiz, he tao mudado,
Que quaſi he outra couſa, porque os dias
Tem o primeyro goſto já danado.
Eſperanças de novas alegrias.
Naõ mas deyxa a Fortuna, & o tẽpo errado,
Que do contentamento ſaõ eſpias.

SONETO CII.

VErdade, amor, razaõ, merecimento,
Qualquer alma faráõ ſegura, & forte,
Porèm Fortuna, caſo, tempo, & ſorte,
Tem do confuſo mundo o regimento.
Effeytos mil revolve o penſamento,
E não ſabe, a que cauſa ſe reporte,
Mas ſabe, que o que he mais, q̃ vida, & morte,
Que não o alcança humano entendimento.
Doutos varões daráõ razões ſubidas,
Mas ſaõ experiencias mais provadas,
E por iſto he melhor ter muyto viſto.
Couſa ha hi, que paſſaõ ſem ſer cridas,
E couſas cridas ha, ſem ſer paſſadas,
Mas o melhor de tudo he crer em Chriſto.

SONETO CIII.

FIouſe o coração de muyto izento,
De ſi, cuydando mal, que tomaria
Taõ illicito amor, tal ouſadia,
Tal modo nunca viſto de tormento,
Mas os olhos pintáraõ tão atento,
Outros, que viſto tem na fantaſia.
Que a razaõ temeroſa, do que via,
Fugio, deyxando o campo ao penſamento.
O Hypolito caſto, que de geyto
De Fedra, tua madraſta foſte amado,
Que não ſabia ter nenhum reſpeyto:
Em mi vingou o Amor teu caſto peyto,
Mas eſtá deſſe agravo tão vingado,
Que ſe arrepende já, do que tem feyto.

SONETO CIV.

QUẽ quizer ver d'Amor hũa excellẽcia,
Onde ſua fineza mais ſe apura,
Atente onde me poem minha ventura,
Por ter de minha fé experiencia.
Onde lembranças matão a lõgà auſencia,
Em temeroſo mar, em guerra dura,
Alli a ſaudade eſtà ſegura,
Quando mór riſco corre a paciencia.
Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado
Em nojo, morte, dano, & perdição,
Ou em ſublime, & proſpera ventura: (do,
Ponhame em fim, em bayxo, ou alto eſta-
Que até na dura morte me acharàõ,
Na lingoa o nome, n'alma a viſta pura.

SONETO CV.

VOs Ninfas da Gangetica eſpeſſura,
Cantay ſuavemente em vos ſonora,
Hum grande Capitão, que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noyte eſcura.
Ajuntouſe a caterva negra, & dura,
Que na Aurea Cherſoneſo affouta móra,
Para lançar do caro ninho fóra
Aquelles, que mais pódem, que a ventura.
Mas hum forte Leão com pouca gente,
A multidaõ taõ fera, como necia,
Deſtruindo caſtiga, & torna fraca.
Pois, ò Ninfas, cantay, que claramente,
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

SONETO CVI.

DOce contentamento já paſſado,
Em que todo meu bem ſó conſiſtia,
Quem vos levou de minha companhia,
E me deyxou de vòs taõ apartado?
Quem cuydou, que ſe viſſe neſte eſtado,
Naquellas breves horas d'alegria,
Quando minha ventura conſentia,
Que de enganos viveſſe meu cuydado?
Fortuna minha foy cruel, & dura,
Aquella, que cauſou meu perdimento,
Com a qual ninguem pòde ter cautela,
Nem ſe engane nenhũa creatura,
Que naõ pòde nenhum impedimento,
Fugir do que lhe ordena ſua eſtrella.

SONETO CVII.

VOs, q̃ efcutais em Rimas derramado
Dos fufpiros o fom, que me alentava
Na juvenil idade, quando andava
Em outro em parte do que fou mudado:
Sabey, que bufca fó do jà cantado,
No tempo, em que ou temia, ou efperava
De quem o mal provou, q̃ eu tanto amava,
Piedade, & naõ perdaõ, o meu cuydado:
Pois vejo que tamanho fentimento
Sò me rendeo fer fabula da gente
(Do que comigo mefmo me envergonho)
Sirva de exemplo claro meu tormento,
Com que todos conheção claramente,
Que quanto ao mũdo apras he breve fonho.

SONETO CVIII.

DE amor efcrevo, de amor trato, & vivo,
De amor me nafce amar, fẽ fer amado:
De tudo fe defcuyda o meu cuydado,
Quanto naõ feja fer de Amor cativo.
De Amor, que a lugar alto voe altivo,
E funde a gloria fua em fer oufado;
Que fe veja melhor purificado
No immenfo refplandor de hũ rayo efquivo.
Mas ay, que tanto Amor fó pena alcança!
Mais conftante ella, & elle mais conftante,
De feu triunfo cada qual fó trata.
Nada enfim, me aproveyta; q̃ a efperança,
e anima algũa vez a hum trifte amante,
o perto vivifica, ao longe mata.

SONETO CIX.

SE da celebre Laura a fermofura
Hum numerofo Cifne ufano efcreve,
uma Angelica pena fe te deve,
ois o Ceo em formarte mais fe apura.
E fe voz menos alta te procura
celebrar, (ó Natercia!) em vaõ fe atreve;
e verte jà a Ventura Lifo teve,
as de cantarte faltalhe a ventura,
No Ceo nacefte, certo, & não na terra:
ra gloria do mundo cà decefte;
uem mais ifto negar, muyto mais erra.
E eu imagino que de là viefte
ra enmendar os vicios que elle encerra,
o os divinos poderes que trouxefte.

SONETO CX.

ESfes cabellos louros, & efcolhidos,
Que o fer ao aureo Sol eftaõ tirando:
Effe ar immenfo, adonde naufragando
Eftaõ continuamente os meus fentidos;
Effes furtados olhos taõ fingidos,
Que minha vida, & morte, eftaõ caufando:
Effa divina graça, que em falando,
Finge os meus penfamentos não fer cridos:
Effe compaffo certo, effa medida
Que faz dobrar no corpo a gentileza:
A divindade em terra, taõ fubida:
Moftrem jà piedade, & não crueza,
Que faõ laços que Amor tece na vida,
Sendo em mi fofrimento, em vòs dureza.

SONETO CXI.

QUem pudèra julgar de vòs, Senhora,
Que hũa tal fé pudeffe affi perdervos?
Se por amarvos chego a aborrecervos,
Deyxar não poffo o amarvos algum hora.
Deyxais a quem vos ama, ou vos adora,
Por ver a quem quiçá não fabe vervos?
Mas eu fou quem não foube merecervos,
E efta minha ignorancia entendo agora.
Nunca foube entender voffa vontade,
Nem a minha moftrarvos verdadeyra,
Inda que clara eftava efta verdade.
Efta, em quanto eu vos vir, vereis inteyra;
E fe em vaõ meu querer vos perfuade,
Mais voffo não querer faz que vos queyra.

SONETO CXII.

QUem, Senhora, prefume de louvarvos
Com difcurfo que baxe de divino,
De tanto mayor pena ferá dino,
Quanto vós fois mayor ao contemplarvos.
Naõ afpire algum canto a celebrarvos,
Por mais que feja raro, ou peregrino;
Pois de voffa belleza eu imagino
Que fó com vofco o Ceo quiz compararvos.
Ditofa efta alma voffa a que quifeftes
Pór em poffe de prenda taõ fubida,
Qual efta que begnina, enfim, me deftes.
Sempre ferá antepofta á mefma vida:
Efta eftimar em menos me fizeftes,
Se antes que effoutra a quero ver perdida.

SONETO CXIII.

MOradoras gentis, & delicadas,
Do claro, & aureo Tejo, que metidas
Estais em suas grutas escondidas
E com doce repouso sossegadas.
Agora esteis de amores inflamadas,
Nos cristalinos Paços entretidas;
Agora no exercicio embevecidas
Das telas de ouro puro matizadas.
Movey dos lindos rostos a luz pura
De vossos olhos bellos, consentindo
Que lagrimas derramem de tristura.
E assi com dor mais propia ireis ouvindo
As queyxas que derramo da Ventura
Que com penas de Amor me vay seguindo.

SONETO CXIV.

BRandas agoas do Tejo, que passando
Por estes verdes campos, que regais,
Plantas, ervas, & flores, & animais,
Pastores, Ninfas, ides alegrando;
Naõ sey (ah doces agoas!) naõ sey quãdo
Vos tornarey a ver; que magoas tais,
Vendo como vos deyxo, me causais.
Que de tornar já vou desconfiado.
O denou o Destino, desejoso
De converter meus gostos em pesares,
Partida que me vay custando tanto.
Saudoso de vòs, delle queyxoso,
Encherey de suspiros outros ares,
Turbarey outras agoas com meu pranto.

SONETO CXV.

NOvos casos de Amor, novos enganos,
Envoltos em lisonjas conhecidas;
Do bem promessas falsas, & escondidas,
Onde do mal se cumprem grandes danos.
Como não tomais já por desenganos,
Tantos ays, tantas lagrimas perdidas,
Pois que a vida não basta, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos annos?
Hum novo coração mister avia,
Com outros olhos menos agravados,
Para tornar a crer o que eu vos cria.
Andais comigo, Enganos, enganados;
E se o quiserdes ver cuyday hum dia
O que se diz dos bem acutilados.

SONETO CXVI.

ONde porey meus olhos que não veja
A causa de que nace o meu tormento?
A qual parte me irey co' o pensamento,
Que para descansar parte me seja?
Jà sey como se engana quem deseja
Em vaõ amor fiel contentamento;
De que nos gostos seus, que saõ de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda, sobre o claro desengano,
Assi me tras esta alma sojugada,
Que delle està pendendo o meu desejo.
E vou de dia em dia, de anno em anno,
A pos hum não sey que, apos hum nada,
Que quanto mais me chego menos vejo.

SONETO CXVII.

JA do Mondego as agoas aparecem
A meus olhos, não meus, antes alheos,
Que de outras differentes vindo cheos,
Na sua branda vista ainda mais crecem.
Parece que tambem forçadas decem,
Segundo se detem em seus rodeos,
Triste! Por quantos modos, quantos meos,
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a poem em termos que duvida
De conseguir o fim desta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vay da Alma acompanhada;
Que se deyxou ficar onde tem vida.

SONETO CXVIII.

QUe doudo pensamento he o que sigo?
Apos que vaõ cuydando vou correndo?
Sem ventura de mi! que não me entendo;
Nem o que callo sey, nem o que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pretendo?
Quem do meu propio mal me faz amigo?
Porque, se nasci livre, me cativo?
E pois o quero ser, porque o não quero?
Como me engano mais com desenganos?
Se já desesperey, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não vivo?
E se vivo, que acuso mortaes danos?

SO

SONETO CXIX.

HUm firme coração posto em ventura,
Hum desejar honesto, que se engeyte
De vossa condição, sem que respeyte
A meu taõ puro amor, a fé taõ pura:
Hum vervos, de piedade, & de brandura,
Sempre enemiga, fazme que sospeyte
Se alguma Hircana fera vos deu leyte,
Ou se nacestes de hũa pedra dura.
Ando buscando causa que desculpe
Crueza taõ estranha; porèm quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata.
Donde vem, q̃ não ha quem nos naõ culpe
A vòs porque matais quem vos quer tanto,
A mim por querer tanto a quem me mata.

SONETO CXX.

AR, que de meus suspiros vejo cheyo;
Terra, cansada jà com meu tormento;
Agoa, que com mil lagrimas sustento;
Fogo, que mais acendo no meu seyo.
Em paz estais em mim; & assi o creyo,
Sem esse ser o vosso propio intento;
Pois em dor, onde falta o sofrimento,
A vida se sostem por vosso meyo.
Ay imiga Fortuna! Ay vingativo
Amor! A que discursos por vòs venho,
Sem nunca vos mover com minha magoa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Fogo, Fortuna, Amor, Ar, Terra, & Agoa?

SONETO CXXI.

JA claro vejo bem, já bem conheço
Quanto aumentando vou o meu torméto,
Pois sey q̃ fũdo em agoa, escrevo em vẽto,
E que o cordeyro manso ao lobo peço.
Que Aracne sou, pois já com Palas teço;
Que a Tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar a hũ vaso intento,
Aspirando a esse Ceo que naõ mereço.
Quero achar paz em hum confuso inferno;
Na noyte do Sol puro a claridade;
E o suave Veraõ no duro Inverno.
Busco em luzente Olimpo escuridade;
E o desejado bem no mal eterno
Buscando Amor em vossa crueldade.

SONETO CXXII.

DE cá, donde sómente o imaginarvos
A rigurosa ausencia me consente,
Sobre as azas de Amor, ousadamente
O mal sofrido esprito vay buscarvos.
E senaõ receára de abrasarvos
Nas chamas, que por vossa causa sente,
Là ficàra com vosco, & vòs presente
Aprenderà de vós a contentarvos.
Mas pois que estar ausente lhe he forçado,
Por Senhora, de cá, vos reconhece,
Aos pés de imagens vossas inclinado.
E pois vedes a fé que vos offrece,
Ponde os olhos, de là, no seu cuydado,
E darlheeys inda mais do que merece.

SONETO CXXIII.

NAõ ha louvor que arribe à menor parte
De quanto em vós se ve, bella Senhora;
Vós sois vosso louvor; quem vos adora
Reduz sómente a este o engenho, & arte.
Quanto por muytas Damas se reparte
De bello, & de fermoso, em vòs agora
Se junta em modo tal, que pouco fora
Dizer que sois o todo, ellas a parte.
Culpa, logo, naõ he, se vou louvarvos,
Ver incapazes todos os louvores,
Pois tanto quiz o Ceo aventejarvos.
Seja a culpa de vossos resplandores;
E a que elles tem vos dou, só para darvos
O mòr louvor de todos os mayores.

SONETO CXXIV.

NAõ vàs ao Monte, Nise, com teu gado,
Que là vi que Cupido te buscava:
Por ti sómente a todos preguntava,
No gesto menos placido que irado.
Elle publica, enfim, que lhe has roubado
Os melhores farpoens da sua aljava;
E com hum dardo ardente assegurava
Traspassar esse peyto delicado.
Fuge de verte là nesta aventura,
Porque se contra ti o tens iroso,
Pode ser que te alcance com mão dura.
Mas ay! que em vaõ te advirto temeroso,
Se à tua incomparavel fermosura
Se rende o dardo seu mais poderoso!

SO-

SONETO CXXV.

A Violeta mais bella que amanhece
No valle por esmalte da verdura,
Com seu palido lustre, & fermosura,
Por mais bella, Violante, te obedece.
Preguntasme, porque? Porque aparece
Em ti seu nome, & sua cor mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.
O luminosa Flor! ò Sol mais claro!
Unico roubador de meu sentido,
Naõ permitas que Amor me seja avaro.
O penetrante Seta de Cupido!
Que queres? Que te peça por reparo
Ser neste Vale Eneas desta Dido?

SONETO CXXVI.

TOrnay essa brancura á alva açuçena,
E essa purpurea cor às puras rosas:
Tornay ao Sol as chamas luminosas
De essa vista que aroubos vos condena.
Tornay à suavissima, Sirena
De essa voz as cadencias deleytosas;
Tornay a graça às Graças, que queyxosas
Estaõ de a ter por vós menos serena.
Tornay á bella Venus a belleza;
A Minerva o saber, o engenho, & a arte;
E a pureza à castissima Diana.
Despojayvos de toda essa grandeza
De doens; & ficareis em toda parte
Com vosco só, que he só ser inhumana.

SONETO CXXVII.

DE mil sospeytas vans se me levantaõ
Trabalhos, & desgostos verdadeyros,
Ay! Que estes bens de Amor saõ feyticeyros,
Que com hũ naõ sey q̃ toda Alma encantaõ!
Como Sereas docemente cantaõ,
Para enganar os tristes marinheyros:
Os meus assi me atrahem lisongeyros,
E despois com horrores mil me espantaõ.
Quando cuydo que tomo porto, ou terra,
Tal vento se levanta em hum instante,
Que subito da vida desconfio.
Mas eu sou quem me faz a mayor guerra,
Pois conhecendo os riscos de hum Amante
Fiado a ondas de Amor, dellas me fio.

SONETO CXXVIII.

MIl vezes determino naõ vos ver,
Por ver se abranda mais o meu penar:
E se cuydo de assi me magoar,
Cuyday o que será, se ouver de ser.
Pouco me importa já muyto soffrer,
Despois que Amor me pos em tal lugar;
E o que inda me doe mais he só cuydar,
Que mal sem esta dor posso viver.
Assi naõ busco eu cura contra a dor,
Porque buscando alguma entendo bem
Que nesse mesmo ponto me perdi.
Quereis que viva, enfim, neste rigor;
Sòmente o querer vosso me convem
Assi quereis que seja? Seja assi.

SONETO CXXIX.

A Chaga que, Senhora, me fizestes,
Naõ foy para curar se em hum so dia;
Porque crecendo vay com tal porfia
Que bem descobre o intento que tivestes?
De causar tanta dor vos não doestes?
Mas a doervos, dor me naõ seria,
Pois já com esperança me veria
Do que vòs que em mi visse naõ quisestes.
Os olhos com que todo me roubastes
Foraõ causa do mal que vou passando,
E vós estais fingindo o naõ causastes.
Mas eu me vingarey. E sabeis quando?
Quando vos vir queyxar porque deyxastes
Irse a minha Alma nelles abrasando.

SONETO CXXX.

SE com desprezos, Ninfa, te parece
Que podes desviar do seu cuydado,
Hum coraçaõ constante que se offrece
A ter por gloria o ser atormentado.
Deyxa a tua porfia, & reconhece
Que mal sabes de amor desenganado,
Pois naõ sentes, nem vés q̃ em teu mal crece
Crecendo em mi de ti mais desamado.
O esquivo desamor com que me tratas,
Converte em piedade, senaõ queres
Que creça o meu querer, & o teu desgosto.
Vencerme com cruezas nunca esperes:
Bem me podes matar, & bem me matas,
Mas sempre hade viver meu prosuposto.

SO-

SONETO CXXXI.

SEnhora minha, ſe eu de vòs auſente
Me defendera de hum penar ſevero,
Soſpeyto que ofendera o que vos quero,
Eſquecido do bem de eſtar preſente.
Tras eſte logo ſinto outro accidente,
E he ver que ſe da vida deſeſpero,
Perco a gloria que vendo vos eſpero,
E aſſi eſtou em meus males differente.
E neſta differença meus ſentidos
Combatem com taõ aſpera porfia
Que julgo eſte meu mal por deshumano.
Entre ſi ſempre os vejo divididos,
E ſe a caſo concordaõ algum dia,
He ſó conjuraçaõ para meu dano.

SONETO CXXXII.

NO regaço da Mãy Amor eſtava
Dormindo taõ fermoſo que movia
O coraçaõ que mais iſento o via,
E a ſua propria Mãy de amor matava.
Ella co' os olhos nelle contemplava
A quanto eſtrago o Mundo reduzia:
Elle, porém, ſonhando lhe dizia
Que todo aquelle mal ella o cauſava.
Soliſo, que graduado em ſeus amores,
De ſaber de ambos mais teve a ventura,
Aſſi ſoltou a duvida aos paſtores:
Se bem me ferem ſempre ſem ter cura
Do Minino os ardentes paſſadores
Mais me fere da Mãy a fermoſura.

SONETO CXXXIII.

ESte terreſte Caos com ſeus vapores
Naõ pode condenſar as nuvens tanto,
Que o claro Sol naõ rompa o negro manto
Com ſuas bellas, & luzentes cores.
A ingratidaõ eſquiva de rigores
Opoſta nuvem he, que dura em quanto
Nos naõ converte o Ceo em triſte pranto
Suas vans eſperanças, ſeus favores.
Pòdeſe contrapor ao Ceo a Terra,
E eſtar o Sol por horas eclipſado,
Mas naõ pode ficar eſcurecido.
Pode prevalecer a voſſa guerra,
Mas a peſar das nuvens, declarado
Ha de ſer voſſo Sol, & obedecido.

SONETO CXXXIV.

HUma admiravel erva ſe conhece
Que vay ao Sol ſeguindo de hora em hora
Logo que elle do Eufrates ſe vè fora,
E quando eſtà mais alto, entaõ florece.
Mas quando ao Oceano o carro dece
Toda a ſua belleza perde Flora.
Porque ella ſe emmurchece, & ſe deſcora,
Tanto co' a Luz auſente ſe entriſtece.
Meu Sol, quando alegrais eſta Alma voſſa,
Moſtrandolhe eſſe roſto que dà vida,
Cria flores em ſeu contentamento.
Mas logo, em não vos vendo, entriſtecida
Se murcha, & ſe conſume em graõ tormẽto
Nem ha quem voſſa auſencia ſofrer poſſa.

SONETO CXXXV.

CRecey, deſejo meu, pois que a Ventura
Já vos tem nos ſeus braços levantado;
Que a bella cauſa de que ſois gerado,
O mais ditoſo fim vos aſegura.
Se aſpirais por ouſado a tanta altura,
Naõ vos eſpante aver ao Sol chegado:
Porque he Aguia Real voſſo cuydado,
Que quanto mais o ſofre mais ſe apura.
Animo, Coraçaõ; que o penſamento
Te pode inda fazer mais glorioſo,
Sem que reſpeyte a teu merecimento.
Que creças inda mais he jà forçoſo;
Porqne ſe foy de ouſado o teu intento,
Agora de atrevido he venturoſo.

SONETO CXXXVI.

HE o gozado bem em agua eſcrito;
Vive no deſejar, morre no effeyto:
O deſejado ſempre, he mais perfeyto,
Porque tem parte algũa de infinito.
Dar a hũa Alma immortal gozo preſcrito,
Em verdadeyro amor fora defeyto:
Por modo ſuperior, não imperfeyto,
Sois exceyçaõ de quanto aqui limito.
De hũa eſperança nunca conhecida,
Da fé do deſejar naõ alcançada,
Sereis mais deſejada poſſuida.
Naõ podeis da eſperança ſer amada:
Viſta podereis ſer, & entaõ mais crida:
Porèm, naõ ſem agravo comparada.

SONETO CXXXVII.

DE quantas graças tinha a Natureza
Fez hum bello,& riquissimo tesouro;
E com rubis,& rosas;neve,& ouro,
Formou sublime,& Angelica Belleza.
Pos na boca os rubis, & na pureza
Do bello rosto as rosas, por quem morro;
No cabello o valor do metal louro;
No peyto a neve, em q̃ a alma tenho acesa.
Mas nos olhos mostrou quanto podia,
E fez delles hum Sol, onde se apura
A luz mais clara que a do claro dia.
Enfim, Senhora, em vossa compostura,
Ella a apurar chegou quanto sabia
De ouro,Rosas,Rubis,neve, & luz pura.

SONETO CXXXVIII.

NUnca em Amor danou o atrevimento,
Favorece a Fortuna á ousadia:
Porque sempre a encolhida covardia
De pedra serve ao livre pensamento.
Quem se eleva ao sublime Firmamento,
A estrella nelle encontra que lhe he guia:
Que o bem que encerra em si a Fantasia
Saõ humas ilusões que leva o vento.
Abrir se devem passos à ventura:
Sem si propio ninguem serà ditoso:
Os principios sómente a Sorte os move.
Atreverse he valor,& não loucura.
Perderà por covarde o venturoso
Que vos vé se os temores naõ remove.

SONETO CXXXIX.

DOces,& claras agoas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, & perfida esperança
Longo tempo apos si me trouxe cego.
De vòs me aparto, si; porèm não nego
Que inda a longa memoria, q̃ me alcança,
Me não deyxa de vòs fazer mudança,
Mas quãto mais me alongo mais me achego.
Bem poderà a Fortuna este instromento
Da Alma levar por terra nova,& estranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.
Mas a Alma, que de cà vos acompanha,
Nas azas do ligeyro pensamento
Para vòs, Agoas, voa, & em vòs se banha.

SONETO CXL.

SEnhor Joaõ Lopes, o meu baxo estado
Hontem vi posto em grao taõ excelente,
Que sendo vòs enveja a toda a gente,
Sò por mi vos quisereis ver trocado.
O Gesto vi suave,& delicado,
Que jà vos fez contente, & descontente,
Lançar ao vento a vòz taõ docemente
Que fez o ar sereno, & sossegado.
Vilhe em poucas palavras dizer quanto
Ninguem diria em muytas: mas eu chego
A espirar só de ouvir a doce fala.
O' mal aja a Fortuna, & o moço Cego!
Elle, que os corações obriga a tanto;
Ella, porque os Estados desiguala.

SONETO CXLI.

A Morte que da vida o nò desata,
Os nòs que dà o Amor cortar quisera
Co' a ausencia que he sobr'elle espada fera
E co' o tempo que tudo desbarata.
Duas contrarias, que hũa a outra mata,
A morte contra Amor junta, & altera;
Hũa, Razaõ contra a Fortuna austera;
Outra, contra a Razaõ Fortuna ingrata.
Mas mostre a sua Imperial potencia
A Morte em apartar de hum corpo a Alma,
O Amor num corpo duas almas una.
Para que assi triunfante leve a palma
Da Morte Amor a graõ pesar da ausencia,
Do Tempo, da Razaõ, & da Fortuna.

SONETO CXLII.

ARvore, cujo pomo bello, & brando,
Natureza de leyte, & sangue pinta,
Onde a pureza, de vergonha tinta;
Està virgineas faces imitando.
Nunca do vento, & ira, que arrancando
Os troncos vaõ, o teu injuria sinta;
Nem por malicia de ar te seja extinta
A cor que está teu fruto debuxando.
E pois emprestas doce, & idoneo abrigo
A meu contentamento, & favoreces
Com teu suave cheyro a minha gloria.
Se eu naõ te celebrar como mereces,
Cantandote, se quer farey contigo
Doce nos casos tristes a memoria.

SONETO CXLIII.

O Filho de Latona esclarecido,
Que có seu rayo alegra a humana gête,
Matar pòde a Phitonica serpente
Que mortes mil avia produzido.
Ferio com arco, & de arco foy ferido.
Com ponta aguda de ouro reluzente:
Nas Thesalicas prayas docemente
Por a Ninfa Penea andou perdido.
Naõ lhe pode valer contra seu dano,
Saber, nem diligencias, nem respeyto
De quanto era celeste, & soberano.
Pois se hũ Deos nunca vio nem hũ engano
De quem era taõ pouco em seu respeyto,
Eu que espero de hũ ser q̃ he mais q̃ humano.

SONETO CXLIV.

PResença bella, Angelica figura,
Em quẽ quãto o Ceo tinha nos tẽ dado;
Gesto alegre de rosas semeado,
Entre as quaes se està rindo a Fermosura:
Olhos, onde tem feyto tal mistura
Em cristal puro o negro marchetado,
Que vemos jà no verde delicado,
Naõ esperança, mas enveja escura.
Brandura, aviso, & graça, que aumentãdo
A natural Belleza, cum despreso,
Com que mais desprezada mais se aumenta
Saõ as prisões de hum coraçaõ, que preso,
Seu mal ao som dos ferros vay cantando,
Como faz a Serea na tormenta.

SONETO CXLV.

POr cima destas agoas forte, & firme
Irey adonde os Fados o ordenàraõ
Pois por cima de quantas derramaraõ
Aquelles claros olhos pude virme.
Jà chegado era o fim de despedirme;
Jà mil impedimentos se acabàraõ,
Quando rios de Amor se atravessaraõ
A me impedir o passo de partirme.
Passeyos eu com animo obstinado,
Com que a morte forçada, & gloriosa,
Faz o vencido jà desesperado.
Em qual figura, ou gesto desusado,
Pode jà fazer medo a morte irosa,
A quem tem a seus pès rendido, & atado?

SONETO CXLVI.

TAl mostra de si dà vossa figura,
Sibela, clara luz da redondeza,
Que as forças, & o poder da Natureza,
Com sua claridade mais apura.
Quem confiança ha visto taõ segura,
Taõ singular esmalte da belleza
Que naõ padeça mal de mais graveza,
Se resistir a seu amor procura.
Eu, Pois, por escusar tal esquivança,
A razaõ sogeytey ao pensamento,
A quem logo os sentidos se entregàraõ.
Se vos offende o meu atrevimento,
Inda podeis tomar nova vingança
Nas reliquias da vida que ficàraõ.

SONETO CXLVII.

NA desesperaçaõ jà repousava
O peyto longamente magoado;
E com seu dano eterno concertado,
Jà naõ temia, jà naõ desejava.
Quando huma sombra vãa me asseguravа,
Que algum bem me podia estar guardado
Em taõ fermosa Imagem, que o traslado
Na Alma ficou, que nella se elevava.
Que credito que dà taõ facilmente
O coraçaõ a aquillo que deseja,
Quando lhe esquece o fero seu destino!
Ah! deyxem me enganar; q̃ eu sou contẽte:
Pois posto que mayor meu dano seja,
Ficame a gloria jà do que imagino.

SONETO CXLVIII.

DIversos dões reparte o Ceo benino;
E quer q̃ cada hũa Alma hũ só possua;
Por isso ornou de casto peyto a Lua,
Que o primeyro orbe illustra, cristalino.
De graça a Mãy fermosa do Minino,
Que nessa vista tem perdido a sua;
Pallas de ciencia naõ mayor que a tua;
Tem Juno da Nobreza o Imperio dino.
Mas junto agora o largo Ceo derrama
Em ti o mais que tinha, & foy o menos,
Em respeyto do Autor da Natureza.
Que a seu pesar te daõ, fermosa Dama,
Seu peyto a Lua, sua graça Venos,
Sua ciencia Pallas, Juno sua nobreza.

SONETO CXLIX.

GEntil Senhora, se a fortuna imiga,
Que contra mi cõ todo o Ceo conspira,
Os olhos meus de ver os vossos tira,
Porque em mais graves casos me persiga.
Comigo levo esta alma, que se obriga
Na mór pressa de mar, de fogo, & d'ira
A dar vos a memoria, que suspira,
Sò por fazer com vosco eterna liga.
Nesta alma, onde a Fortuna pode pouco,
Taõ viva vos terey, que frio, & fome,
Vos naõ possaõ tirar, nem mais perigos.
Antes com som de voz trèmulo, & rouco,
Por vòs chamando, sò com vosso nome
Farey fugir os ventos, & os imigos.

SONETO CL.

QUe modo taõ sutil da natureza
Para fugir ao Mundo, & seus enganos!
Permitte que se esconda em tenrros annos,
Debaxo de hum burel tanta belleza.
Mas naõ pode esconderse aquella alteza,
E gravidade de olhos soberanos,
A cujo resplandor entre os humanos,
Resistencia naõ sinto, ou fortaleza.
Quem quer livre ficar de dor, & pena,
Vendoa jà, jà trazendoa na memoria,
Na mesma razaõ sua se condena.
Porque quem mereceo ver tanta glória
Cativo ha de ficar; que Amor ordena,
Que de juro tenh'ella esta vitoria.

SONETO CLI.

QUando se vir com agoa o fogo arder,
Juntarse ao claro dia a noyte escura,
E a terra colocada là na altura
Em que se vem os Ceos prevalecer.
Quando Amor à Razaõ obedecer,
E em todos for igual huma ventura
Deyxarey eu de ver tal Fermosura,
E de a amar deyxarey depois de aver.
Porèm naõ sendo vista esta mudança
No mundo, porque, enfim, naõ pode verse
Ninguem mudar me queyra de querervos.
Que basta estar em vos minha esperança,
E o ganharse a minha alma, ou o perderse,
Para dos olhos meus nunca perdervos.

SONETO CLII.

QUãdo a suprema dor muyto me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
He força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.
Assi de erro taõ grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano, ou fingimento,
Dizer que em tal descanso mais se acerta.
Porque essa propria imagem, q̃ na mente
Me representa o bem de que careço,
Fazmo de hum certo modo ser presente,
Ditosa he, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa della em mi se sente
Hum bem que inda sem veryos reconheço.

SONETO CLIII.

NA margem de hum ribeyro que fendia
Com liquido cristal hum verde prado,
O triste Pastor Liso debruçado
Sobre o tronco de hum freyxo assi dizia.
Ah' Natercia cruel! Quem te desvia
Esse cuydado teu do meu cuydado?
Se tanto hey de penar desenganado,
Enganado de ti viver queria.
Que foy de aquella fé que tu me deste?
De aquelle puro amor que me mostraste?
Quem tudo trocar pode taõ asinha?
Quando esses olhos teus noutro puseste,
Como te naõ lembrou que me juraste
Por toda a sua luz, que eres sò minha?

SONETO CLIV.

SE me vem tanta gloria sò de olharte,
He pena desigual deyxar de verte
Se presumo com obras merecerte,
Graõ paga de hum engano he desejarte.
Se aspiro por quem es a celebrarte,
Sey certo por quem sou q̃ hey de offenderte;
Se mal me quero a mi por bem quererte,
Que premio querer posso mais que amarte?
Porque hũ taõ raro amor naõ me socorre?
Oh, humano tesouro! ò doce gloria!
Ditoso quem à morte por ti corre!
Sempre escrita estaràs nesta memoria;
E esta alma viverà, pois por ti morre;
Porque ao fim da batalha he a vitoria.

SONETO CLV.

SEmpre a Razaõ vencida foy de Amor;
Mas porque assi o pedia o coraçaõ,
Quis Amor ser vencido da Razaõ,
Ora que caso pòde aver mayor!
Novo modo de morte, & nova dor!
Estranheza de grande admiraçaõ,
Pois enfim, seu vigor perde a afeyçaõ,
Porque naõ perca a pena o seu vigor.
Fraqueza nunca a ouve no querer,
Mas antes muyto mais se esforça assim
Hum contrario com outro por vencer,
Mas a Razaõ que a luta vence, enfim,
Naõ creo que he Razaõ, mas deve ser
Inclinaçaõ que eu tenho contra mim.

SONETO CLVI.

COytado, q̃ em hum tempo choro & rio;
Espero, & temo; quero, & aborreço;
Juntamente me alegro, & me entristeço;
Confio de huma cousa, & desconfio.
Voo sem azas; estou cego & guio;
Alcanço menos no que mais mereço;
Entaõ falo melhor quando emmudeço;
Sem ter contradiçaõ sempre porfio.
Possivel se me faz todo o impossivel;
Intento com mudarme estarme quedo;
Usar de liberdade, & ser cativo.
Queria visto ser, ser invisivel;
Verme desenredado a mando o enredo,
Taes os estremos saõ com que hoje vivo.

SONETO CLVII.

JUlgame a gente toda por perdido,
Vendome, taõ entregue a meu cuydado,
Andar sempre dos homens apartado,
E de humanos comercios esquecido.
Mas eu que tenho o Mundo conhecido,
E quasi que sobre elle ando dobrado,
Tenho por baxo, rustico, & enganado,
Quem naõ he cõ meu mal engrandecido.
Và revolvendo a terra, o mar, & o vento,
Honras busque, & riquezas, & a outra gente,
Vencendo ferro, fogo, frio, & calma.
Que eu por Amor somente me contento
De trazer esculpido, eternamente,
Vosso fermoso gesto dentro da alma.

SONETO CLVIII.

OLhos, a donde o Ceo cõ luz mais pura
Quis dar de seu poder claros sinais,
Se quiserdes ver bem quanto possais,
Vedeme a mi que sou vossa feytura.
Em mi viva vereis vossa figura
Mais propria q̃ em purissimos cristais,
Porque nesta alma he certo que vejais
Melhor que'num cristal tal fermosura.
De meu naõ quero mais que o meu desejo,
Se acaso por querervos mais mereço,
Porque o vosso poder em mi se asselle.
Do mundo outra memoria em mi naõ vejo:
Com lembrarme de vòs, delle me esqueço
Com triunfardes de mi, triunfarey delle.

SONETO CLIX.

CRiou a Natureza Damas bellas
Que foraõ de altos plectros celebradas;
Dellas tomou as partes mais prezadas,
E a vòs, Senhora, fez do melhor dellas.
Ellas diante vòs saõ as Estrellas,
Que ficaõ com vos ver logo eclipsadas:
Mas se ellas tem por Sol essas rosadas
Luzes de Sol mayor, felices ellas!
Em perfeyçaõ, em graça, & gentileza,
Por hum modo entre humanos peregrino,
A todo bello excede essa Belleza.
Oh, quem tivera partes de divino
Para vos merecer! Mas se pureza
De Amor val ante vòs, de vòs sou dino.

SONETO CLX.

QUe esperais, Esperança? Desespero.
Quem disso a causa foy? Hũa mudança.
Vòs, Vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coraçaõ? Que muyto quero.
Que sentis, Alma, vòs? Que Amor he fero.
E, enfim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Huma lembrança.
E sò nella esperais? So nella espero.
Em que podeis parar? Nisto em q̃ estou.
E em que estais vòs? Em acabar a vida.
E tendelo por bem? Amor o quer.
Quem vos obriga assi? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo està rendida.
A quem rendida estais? A hum sò querer.

SONETO CLXI.

SE como em tudo o mais fostes perfeyta
Foreis de condiçaõ menos esquiva,
Fora a minha fortuna mais altiva,
Fora a sua altiveza mais sogeyta.
Mas quando a vida a vossos pés se deyta,
Porque naõ a aceytas, naõ quer que eu viva:
Ella propria de si já a mi me priva,
Que porq́ me engeytais, tambem me engeyta
Se nisso contradiz vossa vontade,
Mandaylhe vòs, Senhora, que dè fim
A minha profundissima tristeza.
Pois ella naõ mo dà porque piedade
Tenha deste meu mal, mas porque em mim
Possais assi fartar vossa crueza.

SONETO CLXII.

SE algum'hora essa vista mais suave
A caso a mi volveis, em hum momento
Me sinto com hum tal contentamento
Que naõ temo que dano algum me agrave.
Mas quãdo com desdem esquivo, & grave,
O bello rosto me mostrais isento,
Huma dor provo tal, hum tal tormento,
Que muyto vem a ser que naõ me acabe,
Assi està minha vida, ou minha morte,
No volver de esses olhos; pois podeis
Dar c'huma volta delles morte, ou vida.
Ditolo; eu, se o Ceo quer, ou minha sorte,
Que ou vida para darvola me deis,
Ou morte para aver morte querida.

SONETO CLXIII.

TAnto se foraõ, Ninfa, costumando
Meus olhos a chorar tua dureza,
Que vaõ passando jà por Natureza,
O que por Accidente hiaõ passando.
No que ao sono se deve estou velando,
E venho a velar só minha tristeza:
O choro não abranda esta aspereza,
E meus olhos estaõ sempre chorando.
Assi de dor em dor, de mágoa, em mágoa,
Consumindose vaõ inutilmente,
E esta vida tambem vaõ consumindo.
Sobre o fogo de Amor inutil agoa!
Pois eu em choro estou continuamente,
E do que vou chorando te vas rindo.
Assi nova corrente
Levas de choro em foro,
Porque de verte rir, de novo choro.

SONETO CLXIV.

EU me aparto de vòs, Ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida:
E se a minha alma vay entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que razaõ leva vencida,
Presto veraõ o fim á triste vida,
Se vos não torno a ver como desejo.
Nunca a noyte entretanto, nunca o dia,
Veraõ partir de mi vossa lembrança.
Amor, que vay comigo, o certefica.
Por mais que no tornar aja tardança,
Me faraõ sempre triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

SONETO CLXV.

VEncido está de Amor   Meu pensamento
O mais que pode ser,   Vencida a vida,
Sogeyta a vos servir, &   Instituida,
Offerecendo tudo   A vosso intẽto.
Contente deste bem   Louva o momẽto,
Ou hora em que se vio   Tambẽ perdida:
Mil vezes desejando   Assi ferida,
Outras mil renovar   Seu perdimento
Com esta pretensaõ   Està segura
A causa que me guia   Nesta empresa
Taõ sobrenatural,   Honrosa, & alta.
Jurando naõ querer   Outra ventura,
Votando só por vòs   Rara firmeza.
Ou ser no vosso amor   Achado em falta.

SONETO CLXVI.

DIvina Companhia, que nos prados
Do claro Eurotas, ou no Olimpo mõte,
Ou sobre as margens da Castalia fonte
Vossos Estudos tendes mais sagrados:
Pois por destino dos immoveis Fados
Quereis que em vosso numero me conte,
No eterno Templo de Belorofonte
Ponde em bronze estes versos entalhados.
Soliso (porque em seculos futuros
Se veja da Belleza o que merece
Quem de sabia doudice a Mente inflama)
Seus escritos, da Sorte já seguros,
A estas Aras em hũa maõ offrece,
E a Alma em outra á sua bella Dama.

SO

SONETO CLXVII.

A La margen del Tajo en claro dia,
Con rayado marfil peynando estava
Natercia sus cabellos, y quitava
Con sus ojos la luz al Sol que ardia.
Solifo, que qual Clicie la seguia,
Lexos de si, mas cerca della estava:
Al son de su zampoña celebrava
La causa de su ardor, y assi dezia.
Si tantas, como tu tienes cabellos,
Tuviera vidas yo, me las llevàras
Colgada cada qual del uno dellos.
De no tenerlas tu me consolàras,
Si tantas vezes mil como son ellos,
En ellos la que tengo me enredàras.

SONETO CLXVIII.

POr gloria tuve un tiempo el ser perdido;
Perdiame de puro bien ganado:
Gané quando perdi ser libertado;
Libre agora me veo màs vencido.
Venci quando de Nise fuy rendido;
Rendimi por no ser della dexado:
Dexòme en la memoria el bien passado;
Passo agora a llorar lo que he servido.
Servia al premio de la Luz que amava;
Amandola esperavale por cierto;
Incierto me salió quanto esperava.
La esperança se queda en desconcierto;
El concierto en el mal que no pensava;
El pensamiento con un fin incierto.

SONETO CLXIX.

REbuelvo en la incessable fantasia, (do,
Quãdo me he visto en màs dichoso esta-
Si agora de Amor vivo inflamado,
Si quando de su ardor libre vivia.
Entonces desta llama solo huia
Despreciando en mi vida su cuydado:
Agora, con dolor de lo passado,
Tengo por gloria aquello que temia.
Bien veo que era vida deleytosa
Aquella que lograva sin temores,
Quando gustos de Amor tuve por viento.
Mas viendo oy a Natercia tan hermosa,
Hallo en esta prision glorias mayores,
Y en perderlas por libre hallo tormento.

SONETO CLXX.

LAs peñas retumbavan al gemido
Del misero zagal, que lamentava
El dolor que a su alma lastimava,
De un obstinado desamor nacido.
El mar que las batia su bramido
Con los retumbos dellas ayuntava;
Confuso son el viento derramava,
En cavernosos valles repetido.
Responden a mi llanto duras peñas:
Ay de mi! (dixo) la mar brama, y gime;
Los ecos suenan de tristeza llenos.
Y tu, por quiẽ la muerte en mi se imprime
De oir las ansias mias te desdeñas;
Y quando lloro màs te ablando menos.

SONETO CLXXI.

EN una selva al dispuntar del dia
Estava Endimion triste, y lloroso,
Buelto al rayo del Sol, que presuroso
Por la falda de un monte descendia.
Mirando al turbador de su alegria,
Contrario de su bien, y su reposo,
Tras un suspiro, y otro, congoxoso,
Razones semejantes le dezia.
Luz clara, para mi la más escura.
Que con esse passeo apresurado,
Mi Sol con tu tiniebla escureciste;
Si allá pueden moverte en essa altura
Las quexas de un Pastor enamorado,
No tardes en bolver a dò saliste.

SONETO CLXXII.

ORfeo enamorado que tañia
Por la perdida Ninfa que buscava,
En el Orco implacable donde estava,
Con la arpa, y con la voz la enternecia.
La rueda del xion no se movia,
Ningun atormentado se quexava;
Las penas de los otros ablandava,
Y todas las de todos el sentia.
El son pudo obligar de tal manera,
Que en dulce galardon de lo cantado,
Los Infernales Reyes condolidos.
Le mandaron bolver su compañera,
Y bolviola a perder el desdichado,
Con que fueron entrambos los perdidos.

SONETO CLXXIII.

EU cantey jà, & agora vou chorando
O tempo que cantey taõ confiado:
Parece que no canto jà paſſado
Se eſtavaõ minhas lagrimas criando.
Cantey; mas ſe me alguẽ pergũta, quando?
Naõ ſey que tambem fuy niſſo enganado.
He taõ triſte eſte meu preſente eſtado,
Que o paſſado por ledo eſtou julgando.
Fizeramme cantar manhoſamente
Contentamentos naõ, mas confianças:
Cantava, mas jà era ao ſom dos ferros.
De quem me queyxarey, ſe tudo mente?
Porèm, que culpas ponho as eſperanças,
Onde a Fortuna injuſta he mais q̃ os erros?

SONETO CLXXIV.

AY, Amiga cruel! que apartamento
He eſte que fazeis da patria terra?
Ay! Quem do amado ninho vos deſterra,
Gloria dos olhos, bem do penſamento?
His tentar da Fortuna o movimento,
E dos ventos crueis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas? Feyto o mar em ſerra
Levantada de hum vento, & de outro vento?
Mas jà que vòs partis, ſem vos partirdes,
Parta com voſco o Ceo tanta ventura,
Que ſe aventaje a aquella que eſperardes.
E ſó deſta verdade ide ſegura,
Que fazeis mais ſaudades com vos irdes,
Do que levais deſejos por chegardes.

SONETO CLXXV.

CAmpo nas Syrtes deſte mar da vida,
Apos naufragios ſeus taboa ſegura:
Claras bonanças em tormenta eſcura,
Habitação da paz, de Amor guarida:
A ti fujo: & ſe vence tal fugida,
E quem mudou lugar mudou ventura,
Cantemos a vitoria; & na eſpeſſura
Triunfe a Honra da Ambição vencida.
Em flor, & fruto de Veraõ, & Outono
Utilmente murmuraõ claras agoas:
Alegre me acha aqui, me deyxa o dia.
Amantes roxinoes rompemme o ſono
Que ata o deſcanſo: aqui ſepulto magoas
Que jà foraõ ſepulcros de alegria.

SONETO CLXXVI.

AH, minha Dinamene, aſſi deyxaſte
Quem nũca deyxar pode de quererte.
Que já, Ninfa gentil, não poſſa verte?
Que taõ veloz a vida deſprezaſte?
Como por tempo eterno te apartaſte
De quem taõ longe andava de perderte?
Puderaõ eſſas agoas defenderte
Que naõ viſſes quem tanto magoaſte?
Nem ſómente falarte a dura Morte
Me deyxou, que apreſſada o negro manto
Lançar ſobre os teus olhos conſentiſte.
Oh mar! ò Ceo! ò minha eſcura ſorte!
Qual vida perderey que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triſte?

SONETO CLXXVII.

GUardando em mi a ſorte o ſeu dereyto,
Em verde me cortou minha alegria.
Oh quanto feneceo naquelle dia
Cuja triſte lembrança arde em meu peyto!
Quando mais o imagino bem ſoſpeyto
Que a tal bem tal deſconto ſe devia;
Por não dizer o Mundo que podia
Acharſe em ſeus enganos bem perfeyto.
Pois ſe a Fortuna o fez por deſcontarme
Eſſe deſgoſto em cujo ſentimento
A memoria naõ faz ſenão matarme;
Que culpas pode darme o penſamento,
Se a cauſa que elle tem de atormentarme,
Tenho eu de ſofre mal o ſeu tormento?

SONETO CLXXVIII.

CAntando eſtava hum dia bem ſeguro,
Quando paſſava Silvio, & me dezia;
(Silvio Paſtor antiguo que ſabia
Por o canto das aves o futuro.)
Liſo, quando quiſer o Fado eſcuro,
A oprimirte viràõ em hum ſó dia
Dous lobos; logo a voz, & a melodia,
Te fugiraõ, & o ſom ſuave, & puro.
Bem foy aſſi; porque hum me degolou
Quanto gado vacum paſtava & tinha,
De que grandes ſoldadas eſperava.
E por mais dano o outro me matou
A Cordeyra gentil, que eu tanto amava,
Perpetua ſaudade da Alma minha.

SONETO CLXXIX.

O Ceo, a terra, o vento ſoſſegado;
As ondas que ſe eſtendem por a area;
Os peyxes que no mar o ſono enfrea;
O nocturno ſilencio repouſado:
O peſcador Aonio, que deytado
Onde co'o vento a agoa ſe menea,
Chorando, o Nome amado em vaõ nomea,
Que naõ pode ſer mais que nomeado.
Ondas (dizia) antes que Amor me mate,
Tornayme a minha Ninfa, que taõ cedo
Me fizeſtes à morte eſtar ſogeyta.
Ninguem reſponde: o mar de longe bate;
Moveſe brandamente o arvoredo;
Levalhe o vento a voz que ao vento deyta.

SONETO CLXXX.

AH, Fortuna cruel! Ah, duros Fados!
Quaõ aſinha em meu dano vos mudaſtes!
Cõ os voſſos cuydados me canſaſtes,
E agora deſcançais co'os meus cuydados.
Fizeſteſme provar goſtos paſſados,
E voſſa condição nelles provaſtes:
Singelos em hum'hora mos levaſtes,
Deyxando em ſeu lugar males dobrados.
Quanto melhor me fora que não vira
Os doces bens de Amor? Ah, bens ſuaves!
Quem me deyxa ſem vòs, porque me deyxa?
De queyxarte, Alma minha, te retira:
Alma de alto caida em penas graves,
Pois tanto amaſte em vaõ, em vaõ te queyxa.

SONETO CLXXXI.

QUanto tẽpo, olhos meus, cõ tal lamento
Vos hey de ver taõ triſtes, & agravados?
Naõ baſtaõ meus ſuſpiros inflamados,
Que ſempre em mi renovaõ ſeu tormento?
Naõ baſta conſentir meu penſamento
Em magoas, em triſtezas, & em cuydados?
Senaõ que aveis de andar taõ maltratados,
Que lagrimas tenhais por mantimento?
Naõ ſey porque tomais eſta vingança,
Moſtrandovos na auſencia taõ ſaudoſos,
E ſabeis quanto pode hũa eſperança.
Olhos, naõ agraveis outros fermoſos,
Tornando hum puro amor em eſquivança,
Pois ficais por eſquivos deſdenhoſos.

SONETO CLXXXII.

LEmbrãças que lembrais o bem paſſado,
Para que ſinta mais o mal preſente;
Deyxayme, ſe quereis, viver contente,
Morrer naõ me deyxeis em tal eſtado.
Se de todo, com tudo, eſtà do Fado,
Que eu morra de viver taõ deſcontente,
Venhame todo o bem por accidente,
E todo o mal me venha por cuydado.
Que muyto melhor he perderſe a vida,
Perdendoſe as lembranças da memoria,
Pois fazem tanto dano ao penſamento.
Porque, enfim, nada perde quem perdida
A eſperança tem jà de aquella gloria
Que fazia ſuave o ſeu tormento.

SONETO CLXXXIII.

QUando os olhos emprégo no paſſado;
De quáto paſſey me acho arrepẽdido;
Vejo que tudo foy tempo perdido;
Que todo emprego foy mal empregado.
Sempre no mais danoſo mais cuydado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido
De deſenganos menos advertido
Fuy, quando de eſperanças mais fruſtrado.
Os Caſtellos que erguia o penſamento,
No ponto que mais altos os erguía,
Por eſſe chaõ os via em hum momento.
Que erradas contas faz a Fantaſia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento,
Triſte o que eſpera! triſte o que confia!

SONETO CLXXXIV.

JA cantey, já chorey a dura guerra
Por Amor ſuſtentada longos annos;
Vezes mil me vedou dizer ſeus danos,
Por naõ ver quem o ſegue o muyto q̃ erra.
Ninfas, por quẽ Caſtalia ſe abre, & cerra;
Vòs que fazeis à morte mil enganos,
Concedeyme já alentos ſoberanos,
Para que diga o mal que Amor encerra.
Para que aquelle, que o ſeguir ardente,
Veja em meus puros verſos hum exemplo
De quanto em glorias prometidas mente.
Que inda q̃ em triſte eſtado me cõtemplo,
Se neſte aſſunto me inſpirais, contente
Darey a minha lira ao voſſo templo.

SO-

SONETO CLXXXV.

OS meus alegres venturosos dias,
Passáraõ,como rayo brevemente;
Movemse os tristes mais pesadamente
Apos das fugitivas alegrias!
Ah falsas pretensões! Vans fantasias!
Que me podeis jà dar que me contente?
Jà de meu triste peyto a chama ardente.
O Tempo reduzio a cinzas frias.
Nellas revolvo agora erros passados,
Que outro fruto naõ deu a mocidade,
A quem vergonha, & dor minha alma deve.
Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuydados,
Para que leve tudo o Tempo leve.

SONETO CLXXXVI.

AS horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceo quando vos tinha,
Que vos visse mudadas taõ asinha
Em taõ compridos annos de tormento.
As altas torres,que fundey no vento,
Levou, enfim, o vento que as sostinha:
Do mal que me ficou a culpa he minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com brandas mostras aparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desaparece.
Estranho mal! Estranha desventura!
Por hum pequeno bem, que desfallece,
Hum bem aventurar que sempre dura!

SONETO CLXXXVII.

ONde acharey lugar taõ apartado,
E taõ isento em tudo da Ventura,
Que, não digo eu de humana criatura,
Mas nem de feras seja frequentado?
Algum bosque medonho. & carregado,
Ou selva solitaria, triste, & escura,
Sem fonte clara, ou placida verdura:
Enfim, lugar conforme a meu cuydado?
Porque alli nas entranhas dos penedos,
Em vida morto, sepultado em vida,
Me queyxe copiosa, & livremente.
Que pois a minha pena he sem medida,
Alli não serey triste em dias ledos;
E dias tristes me faraõ contente.

SONETO CLXXXVIII.

AQui de longos danos breve historia
Veráõ os que se jactaõ de amadores;
Reparo pode ser das suas dores
Naõ apartar as minhas da memoria.
Escrevi, naõ por fama, nem por gloria,
De que outros versos saõ merecedores;
Mas por mostrar seus triunfos, seus rigores,
A quem de mi logrou tanta vitoria.
Crecendo foy a dor co'o tempo tanto,
Que em numero me fez, alheo de arte,
Dizer do cego Amor que me venceo.
Se ao cãto dey a voz, dey a alma ao prãto;
E dando a pena á maõ, esta só parte
De minhas tristes penas escreveo.

SONETO CLXXXIX.

POr sua Ninfa Céfalo deyxava
A Aurora, que por elle se perdia,
Posto que dá principio ao claro dia,
Posto que as roxas flores imitava.
Elle, que a bella Procris tanto amava,
Que só por ella tudo engeytaria,
Deseja de tentar se lhe acharia
Taõ firme fé como ella nelle achava.
Mudado o trage, tece hũ duro engano:
Outro se finge; preço poem diante:
Quebrase a fè mudavel, & consente.
Oh futil invenção para seu dano!
Vede que manhas busca hum cego amante,
Para que sempre seja descontente!

SONETO CXC.

SEntindose alcançada a bella Esposa
De Céfalo no crime consentido,
Para os montes fugia do marido;
E não sey se de astuta, ou vergonhosa.
Porque elle, enfim, sofrendo a dor ciosa,
Da cegueyra obrigado de Cupido,
Apos ella se vay como perdido,
Jà perdoando a culpa criminosa.
Deytase aos pés da Ninfa endurecida;
Que do cioso engano está agravada;
Já lhe pede perdaõ, jà pede a vida.
Oh força de affeyção desatinada!
Que da culpa contr'elle cometida,
Perdaõ pedia á parte que he culpada!

SO

SONETO CXCI.

SEguia aquelle fogo que o guiava,
Leandro contra o mar, & contra o vento,
Quebravaõlhe ondas o animoſo alento,
Por mais & mais q̃ Amor lho renovava.
Com ſentir jà que quaſi lhe faltava,
Sem nada eſmorecer, no penſamento
(Naõ podendo falar) de ſeu intento
O fim ao ſurdo mar encomendava.
Oh mar (dezia o moço ſò conſigo)
Jà te não peço a vida; ſò queria
Que a de Ero me ſalvaſſes: não me veja.
Eſte defunto corpo là o deſvia
De aquella torre: ſeme niſto amigo,
Pois no meu mayor bem me ouveſte enveja.

SONETO CXCII.

OS olhos onde o Caſto Amor ardia,
Ledo de ſe ver nelles abraſado;
O roſto onde com luſtre deſuſado
Purpurea roſa ſobre neve ardia.
O cabello que enveja ao Sol fazia,
Porque fazia o ſeu menos dourado;
A branca maõ, o corpo bem talhado,
Tudo aqui ſe reduz a terra fria.
Perfeyta fermoſura em tenra idade,
Qual flor que antecipada foy colhida,
Murchada eſtà da maõ da morte dura.
Como não morre Amor de piedade?
Naõ della, que ſe foy à clara vida,
Mas de ſi, que ficou em noyte eſcura.

SONETO CXCIII.

DItoſa pena, como a maõ que a guia,
Com tantas perfeyções da ſutil Arte,
Que quãdo com razaõ venho a louvarte,
Em teus louvores perco a fantaſia.
Porém Amor, que effeytos varios cria,
De ti cantar me manda em toda parte,
Naõ em plectro belligero de Marte,
Mas em ſuave & branda melodia.
Teu nome Emmanuel, de hũ noutro Polo,
Voando ſe levanta, & te pregoa,
Agora que ninguem te le vantava.
E porque immortal ſejas; eys Apolo
Te offrece de flores a Coroa
Que jà de longo tempo te guardava.

SONETO CXCIV.

ESpanta crecer tanto o Crocodilo,
Sò por ſeu limitado nacimento;
Que ſe mayor nacera, mais iſento
Eſtivera de eſpanto o patrio Nilo.
Em vaõ levantarà meu baxo eſtilo
Voſſo Pontifical novo ornamento,
Pois no ventre o immortal merecimẽto
Volo talhou para deſpois veſtilo.
Tardou, mas veyo: q̃ a quẽ mais merece,
Vir o premio mais tarde he ſempre certo
Inda que vez alguma venha cedo.
os Ceos que do primeyro eſtaõ mais perto,
Mais de vagar ſe movem. Quem conhece
Sobre aquelle ſegredo, eſte ſegredo!

SONETO CXCV.

ORnou ſublime Esforço a o grãde Atlãte,
Com que a celeſte ma quina ſuſtenta,
Honrou a Homero o Engenho, cõ q̃ intẽta
Grecia do quarto Ceo paſſallo avante.
Coroou claro Amor de amor conſtante
A Orfeo, na paz firme, & na tormenta,
Inſpirou a Fortuna, em tudo iſenta,
A Ceſar de quem foy hũ tempo amante.
Exaltaſte tu, Fama, a gloria alta
De Alcides là no monte em que reſides,(ma,
Mas Caſtro, em quẽ o Ceo ſeus dões derra-
Mais orna, honra, coroa, inſpira, exalta,
q̃ Atlãte Homero, Orfeo, Ceſar, & Alcides,
Eſforço, Engenho, Amor, Fortuna, & Fama.

SONETO CXCVI.

DEſpois q̃ vio Cibele o corpo humano
Do fermoſo Atys ſeu verde pinheyro,
Em piedade o vaõ furor primeyro
Convertido, chorava o grave dano.
E à ſua dor fazendo illuſtre engano,
A Jupiter pedio que o verdadeyro
Preço da nobre Palma, & do Loureyro,
Ao ſeu Pinheyro dèſſe, ſoberano.
Mais lhe concede o Filho poderoſo,
Que crecendo as Eſtrellas tocar poſſa,
Vendo os ſegredos la do Ceo ſupremo.
Oh, ditoſo Pinheyro! ó mais ditoſo
Quem ſe vir coroar da rama voſſa,
Cantando á voſſa ſombra verſo eterno!

SONETO CXCVII.

POis torna por seu Rey, & juntamente
Por Christo, a governar aquella parte
Onde se tem mostrado hũ Numa, hũ Marte,
O famoso Luis, justo, & valente:
O Tejo espere ver de todo o Oriente,
Onde se taõ raros dões o Ceo reparte,
Render a tanto esforço, aviso, & arte,
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A quem pouco valeraõ lança, & escudo,
O renderse teràõ por bom partido.
O Eufrates temerá, seu nome ouvindo:
Que para delle ver vencido tudo,
Ja vio do braço seu tudo vencido.

SONETO CXCVIII.

AGora toma a espada, agora a pena,
Estacio nosso, em ambas celebrado,
Sendo, ou no salso mar de Marte amado;
Ou na agoa doce amante da Camena.
Cisne Sonoro por Ribeyra amena,
De mi para cantarte he cobiçado;
Porque naõ podes tu ser bem cantado
De ruda frauta, nem de agreste avena.
Se eu que a pena tomey, tomey a espada,
Para poder jugar licença tenho,
Desta alta influição de dous Planetas;
Com húa, & outra luz delles lograda,
Tu com pujante braço, ardente engenho,
Seràs Faro a Soldados, & a Poetas.

SONETO CXCIX.

ERros, meus, mà Fortuna, Amor ardẽte,
Em minha perdição se conjuráraõ:
Os erros, & a Fortuna sobejàraõ,
Que para mi bastava Amor sómente.
Tudo passey, mas tenho taõ presente
A grande dor das cousas que passaraõ
Que já as frequencias suas me ensinàraõ
A desejos deyxar de ser contente.
Errey todo o discurso de meus annos;
Dey causa a que Fortuna castigasse
As minhas mal fundadas esperanças.
De Amor naõ vi senaõ breves enganos,
O! quem tanto pudesse que fartasse
Este meu duro Genio de vinganças!

SONETO CC.

CA nesta Babilonia adonde mana
Materia a quanto mal o mundo cria:
Cà donde o puro Amor naõ tem valia,
Que a Māy, q̃ manda mais, tudo profana:
Cà donde o mal se afina, o bem se dana,
E póde mais que a honra a tirania:
Cà donde a errada, & cega Monarquia
Cuyda que hum nome vaõ a desengana:
Ca neste laberinto onde a Nobreza,
O Valor, & o Saber, pedindo vaõ
As portas da Cobiça, & da Vileza:
Cà neste escuro Caos de confusaõ,
Comprindo o curso estou da Natureza,
Vè se me esquecerey de ti, Siaõ!

SONETO CCI.

COrrem turbas as agoas deste rio,
Que as rapidas enchentes enturbaraõ:
Os florecidos campos se secàraõ;
Intratavel se fez o valle, & frio.
Passou, como o Veraõ, o ardente Estio;
Humas cousas por outras se trocàraõ:
Os fementidos Fados já deyxaráo
Do Mundo o regimento, ou desvario.
Já o Tempo a ordem sua tem sabida;
O Mundo não: mas anda taõ confuso,
Que parece que delle Deos se esquece.
Casos, opiniões, Natura, & uso,
Fazem que nos pareça desta vida
Que naõ ha nella mais do que parece.

SONETO CCII.

VOs outros que buscais repouso certo
Na vida, com diversos exercicios;
A quem, vendo do Mundo os beneficios,
O regimento seu fica encuberto.
Dedicay, se quereis, ao desconcerto
Novas honras, & cegos sacrificios;
Que por castigo igual de antigos vicios,
Quer Deos que andé as cousas por acerto.
Naõ cahio neste modo de castigo
Quẽ pos culpa á Fortuna; quem somente
Crè que acontecimientos ha no Mundo.
A grande experiencia he graõ perigo:
Mas o que a Deos he justo, & evidente,
Parece injusto aos homens, & profundo.

SO

SONETO CCIII.

PAra se namorar do que criou,
Te fez Deos, Sacra Fenix, Virgem pura,
Vede que tal seria esta Feytura
Que para si o seu Feytor guardou!
No seu alto conceyto te formou
Primeyro que a primeyra criatura;
Para que unica fosse a compostura
Que de taõ longo tempo se estudou.
Naõ sey se digo em tudo quanto baste
Para exprimir as raras calidades
Que quis criar em ti quem tu criaste.
Es Filha, Mãy & Esposa: & se alcançaste
Huma só, tres taõ altas dignidades,
Foy porq̃ a Tres de Hũ so tanto agradaste.

SONETO CCIV.

DEce do Ceo immenso Deos benino,
Para encarnar na Virgem Soberana.
Porque dece divino a cousa humana?
Para subir o humano a ser divino.
Pois como vem taõ pobre, & taõ Minino,
Rendendose ao poder da mão tirana?
Porque vem receber morte inhumana
Para pagar de Adaõ o desatino.
He possivel que os dous o fruto comem
Que de quem lhes deu tanto, foy vedado?
Si, porque o propio ser de Deoses tomem.
E por esta razaõ foy humanado?
Si, porque foy com causa decretado,
Se quiz o homẽ ser Deos, q̃ Deos fosse homẽ.

SONETO CCV.

DOs Ceos à terra dece a mór Belleza;
Unese à nossa carne, & a faz nobre;
E sendo a humanidade d'antes pobre,
Hoje subida fica à mór riqueza.
Busca o Senhor mais rico a mór pobreza;
Que como ao mũdo o seu amor descobre,
De palhas vis o corpo tenro cobre,
E por ellas o mesmo Ceo despreza.
Como? Deos em pobreza á terra dece?
O que he mais pobre tanto lhe contenta,
Que este sómente rico lhe parece.
Pobreza este Presepio representa;
Mas tanto por ser pobre já merece,
Que quanto mais o he, mais lhe contẽta

SONETO CCVI.

POrque a tamanhas penas se offrece
Por o peccado alheo, & erro insano,
O Trino Deos? Porque o sogeyto humano
Naõ pode co' o castigo que merece.
Quem padecerà as penas que padece?
Quem sofrerá deshonra, morte, & dano?
Quem será, senão for o Soberano
Que reyna, & servos manda, & obedece?
Foy a força do homem taõ pequena
Que naõ pode soster tanta aspereza,
Pois naõ sosteve a Ley que Deos ordena.
Mas sofrea aquella immensa Fortaleza
Por amor puro: que a mortal fraqueza
Foy para o erro, & naõ já para a pena.

SONETO CCVII.

DEpois de aver chorado os meus tormẽtos,
Quer Amor q̃ lhe cante as suas glorias,
Canto de huma Belleza os vencimentos,
De hũ longo padecer choro as memorias,
Porèm se as minhas penas saõ vitorias,
Por a causa, a meus altos pensamentos;
Dilatemse em larguissimas historias
Estes meus gloriosos rendimentos.
Movase em todo o mundo unico espanto;
De que he; por a Belleza que eu adoro,
Do que cantado tenho premio o pranto.
Contente o freço à Amor taõ triste foro;
Que se choro não ha como o meu canto,
Naõ sey canto melhor q̃ este meu choro.

SONETO CCVIII.

ONde mereci eu tal pensamento,
Nunca de ser humano merecido?
Onde mereci eu ficar vencido
De quẽ tanto me honrou co' o vencimẽto?
Em gloria se converte o meu tormento,
Quando vendome estou taõ bem perdido;
Pois naõ foy tanto mal ser atrevido,
Como foy gloria o mesmo atrevimento.
Vivo, Senhora só de contemplarvos;
E pois esta Alma tenho taõ rendida,
Em lagrimas desfeyto acabarey.
Porque naõ me faraõ deyxar de amarvos,
Receos de perder por vós a vida,
Que por vós vezes mil a perderey.

SONETO CCIX.

DE frescas belvederes rodeadas
Estaõ as puras agoas desta fonte:
Fermosas Ninfas lhe estaõ defronte,
A vencer,& a matar acostumadas.
Andaõ contra Cupido levantadas
As suas graças, que não ha quem conte:
De outro valle esquecidas, de outro monte,
A vida passaõ neste sossegadas.
O seu poder juntou, sua valia,
Amor jà não sofrendo este desprezo,
Sòmente por se ver dellas vingado.
Mas vendoas, entendeo que não podia
De ser morto livrarse, ou de ser preso,
E ficouse com ellas desarmado.

SONETO CCX.

NOs braços de hũ Silvano adormecendo
Se estava aquella Ninfa que eu adoro,
Pagando com a boca o doce foro,
Com que os meus olhos foy escurecendo
O bella Venus! Porque estás sofrendo
Que a mayor fermosura do teu Coro,
Em hum poder taõ vil perca o decoro
Que o merito mayor lhe está devendo?
Eu levarey de aqui por presuposto
Desta nova estranheza que fizeste,
Que em ti não pode aver cousa segura.
Que pois o claro lume, o bello rosto
A aquelle monstro taõ disforme deste,
Naõ creo que aja Amor, senão Ventura.

SONETO CCXI.

QUé diz q̃ Amor he falso,ou enganoso,
Ligeyro,ingrato,vaõ, desconhecido,
Sem falta lhe terá bem merecido
Que lhe seja cruel, ou riguroso.
Amor he brando,he doce,& he piadoso;
Quem o contrario diz,naõ seja crido:
Seja por cego, & apayxonado tido,
E aos homens,& inda aos Deoses odioso.
Se males faz Amor, em mim se vem;
Em mim mostrando todo o seu rigor,
Ao mundo quis mostrar quanto podia.
Mas todas suas iras saõ de amor;
Todos estes seus males saõ hum bem,
Que eu por todo outro bem não trocaria.

SONETO CCXII.

FErmosa Beatriz, tendes taes geytos
Num brando rebolver dos olhos bellos,
Que só no contemplallos, senão vellos,
Se inflamaõ coraçoes,& humanos peytos.
Em toda perfeyção saõ tão perfeytos,
Que o desengano daõ de merecellos:
Naõ pòde haver quem possa conhecellos
Sem nelle Amor fazer grandes effeytos.
Sentiraõ, por meu mal, taõ graves danos
Os meus, que com os ver cegos, & tristes
Ficáraõ sem prazer, co'a luz perdida.
Mas já que vòs com elles me feristes,
Tornayme a ver com elles mais humanos,
E deyxareis curada esta ferida.

SONETO CCXIII.

ALegres campos, verdes, deleytosos,
Suaves me seraõ vossas boninas,
Em quanto forem vistos das mininas
Dos olhos de Ines bella taõ fermosos.
Dos meus, que vos seraõ sempre envejosos
Por não verem estrellas taõ divinas,
Sereis regados de agoas peregrinas,
Soprados de suspiros amorosos.
E vós, douradas flores, por ventura
Se Ines quizer fazer de meus amores
Experiencias na folha derradeyra.
Mostraylhe, para ver minha fé pura,
O bem que sempre quis, fermosas flores,
Que entaõ não sentirey que mal me queyra.

SONETO CCXIV.

ONdados fios de ouro, onde enlazado
Continuamente tenho o pensamento;
Que quanto mais vos solta o fresco vento,
Mais preso fico entaõ de meu cuydado.
Amor, de hũs bellos olhos sempre armado,
Me combate co'as forças do tormento,
Provando da minha alma o sofrimento
Que à justa ley da Paz trago obrigado.
Assi que em vosso gesto mais, que humano
Amo a paz juntamente, & o perigo:
E em amar hum & outro não me engano.
Muytas vezes dizendo estou comigo,
Que pois he tal a causa de meu dano,
He justa a Guerra, he justa a Paz que sigo.

SONETO CCXV.

AMor q̃ em ſonhos vãos do penſamento
Paga o zelo mayor de ſeu cuydado,
Em toda condição, em todo eſtado,
Tributario me fez de ſeu tormento.
Eu ſirvo, eu canſo; & o graõ merecimento
De quanto tenho a Amor ſacrificado,
Nas mãos da ingratidaõ deſpedaçado
Por preſa vay do eterno eſquecimento.
Mas quãdo muyto, enfim, creça, o perigo
A que perpetuamente me condena
Amor, que Amor não he, màs enemigo.
Tenho hũ grãde deſcanſo em minha pena,
Que a gloria do querer, que tanto ſigo,
Naõ pode ſer co'os males mais pequena.

SONETO CCXVI.

NEm o tremendo eſtrepito da guerra
Com armas, com incendios eſpantoſos
Que deſpachaõ pelouros perigoſos,
Baſtantes a abalar hũa alta ſerra,
Podem por medo a quem nenhũ encerra,
Deſpois que vio os olhos taõ fermoſos,
Por quem o horror nos caſos pavoroſos,
De mim todo ſe aparta, & ſe deſterra.
A vida poſſo ao fogo & ferro dar,
E perdella em qualquer duro perigo,
E nelle, como Fenix, renovar.
Naõ pode mal aver para comigo,
De que eu já me não poſſa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

SONETO CCXVII.

FIouſe o coração, de muyto iſento,
De ſi; cuydando mal que tomaria
Taõ illicito amor, tal ouſadia,
Tal modo nunca viſto de tormento.
Mas os olhos pintáraõ taõ atento
Outros que viſtos tem na fantaſia;
Que a razaõ temeroſa do que via,
Fugio deyxando o campo ao penſamento.
O Hipolito caſto, que de geyto
De Fedra tua madraſta foſte amado,
Que naõ ſabia ter nenhum reſpeyto
Em mim vingou Amor teu caſto peyto;
Mas eſtà deſte agravo taõ vingado,
Que ſe arrepende já do que tem feyto.

SONETO CCXVIII.

QUẽ quizer ver de Amor hũa excellẽcia
Onde ſua fineza mais ſe apura,
Atente onde me poem minha ventura,
Porque de minha fé faça experiencia.
Onde lembranças mata a larga auſencia
Em temeroſo mar, em guera dura,
A ſaudade alli eſtá mais ſegura,
Quando riſco mayor corre a paciencia.
Mas ponhame a Fortuna, & o duro Fado,
Em morte, ou nojo, ou dano, ou perdiçaõ,
Ou em ſublime, & proſpera ventura.
Ponhame, enfim, em baxo, ou alto eſtado,
Que atè na dura morte me acharaõ
Na lingoa o nome, & na alma a viſta pura.

SONETO CCXIX.

LOs ojos que con blando movimiento
Al paſſar enternecen la Alma mia,
Si detener pudiera ſolo un dia,
Pudiera bien librarla de tormento.
Deſte tan amoroſo ſentimiento
El importuno mal ſe acabaria;
O tambien ſu accidente creceria
Para acabar la vida en un momento.
O ſi ya tu eſquivez me permitieſſe
Que al ver, ò Ninfa, tu ſemblãte hermoſo,
A manos de tus ojos yo murieſſe.
O ſi los detuvieras ¡ quan dichoſo.
Seria aquel momento en que me vieſſe
Vida en ellos cobrar, cobrar repoſo.

SONETO CCXX.

NO baſtava que Amor puro, y ardiente,
Por terminos la vida me buſcaſſe
Mas que la muerte aſſi ſe apreſuraſſe
Con un deshumaniſſimo accidente?
No pretendiò mi Alma, aun que lo ſiente,
Que el riguroſo curſo ſe atajaſſe
Porque nunca morir ſe exprimentaſſe
Deſamado el que amó tan dulcemente.
Mas vueſtra voluntad tan poderoſa
Con eſſas gracias vueſtras ordenaron
Crueldad aſſi impoſſible, o nunca oida.
Aquel frio deſden, y la amoroſa
Furia, de un golpe ſolo me quitaron
Con dós contrarias muertes una vida.

SONETO CCXXI.

AYudame, Señora, a ſer vengança
De tal ſelvatiquez, de tal rudeza,
Pues de mi poquedad, de mi baxeza,
Oſado a ti elevava la eſperança.
A eſſa tu perfecion, que no ſe alcança;
A eſſas ſublimes cumbres de belleza,
Donde una vez llegò Naturaleza,
Mas de bolver perdió la confiança.
Aquello que en ti miro contemplando,
Que a penas contemplarlo me conſiente,
Contemplandolo màs, menos lo eſpero.
Si gloria de mi pena en ti ſe ſiente,
Derrama en mi tus iras, deſamando;
Que al ofenderme màs yo màs te quiero.

SONETO CCXXII.

O Claras aguas deſte blando rio,
Que en vòs al natural eſtais pintando
El frondifero adorno con que alzando
Se và a los Cielos eſte boſque umbrio.
Aſſi las llubias, aſſi el Auſtro frio
Jà màs puedan veniros enturbiando,
Que os vais del ſeco Eſtio preſervando
Con ſocorreros deſte llanto mio.
Y quando en vós Marfiſa ſe mirare,
Mi figura, qual veis desfallecida,
Ante ſus claros ojos pueſta ſea.
Y ſi por mi de vós los apartare,
De verme alli moſtrandoſe offendida,
En pena de no verme no ſe vea.

SONETO CCXXIII.

MIl vezes entre ſueños tu figura,
Oh bella Ninfa, claramente veo:
Y quando màs la miro, mas deſeo
Gozar libre de ſueños ſu hermoſura.
En tanto que eſte dulce engaño dura,
Vivo en la vana gloria que poſſeo:
Mas quanto alli ſe eleva mi deſeo,
Viene a caer deſpierto em ſombra eſcura.
Dueleme el deſpertar por contemplarte;
Que ſi bien ſé te huelgas de no verme,
Huelgome de ſer ciego por mirarte.
Mas ſi quiero de engaños mantenerme,
Y tu quieres me pierda por amarte,
Sin gran ganancia no podré perderme.

SONETO CCXXIV.

MI Guſto, y tu Beldad ſe deſpoſaron;
Terceros por mi mal mis ojos fueron;
Su logro ha ſido tal, que, alfin, hizieron
Un hijo hermoſo a quien Amor llamaron.
Tan fuera de compaz le regalaron,
Que quando màs alegres eſtuvieron,
Sin entender el mal que produxeron,
Perdidos por amores ſe miraron.
La Beldad deſpoſada deſte ſuelo,
Vino a parir un monſtro con dos alas;
La Madre a la ſoberbia, es nido el zelo.
O Madre que a tu Hijo en todo igualas!
Quien mortal haze al immortal Abuelo,
Y al Padre mortal dà immortales ſalas?

SONETO CCXXV.

SI el fuego que me enciende, conſumido
De algũ màs ſuelto Aquario ſer pudieſſe;
Si el alto ſuſpirar me convertieſſe
En ayre por el ayre deſparzido.
Si un horrible rumor ſiendo ſentido,
La Alma a dexar el cuerpo reduxeſſe;
O por eſtos mis ojos al mar fueſſe
Eſte mi cuerpo en llanto convertido.
Nunca podria la Fortuna ayrada,
Con todos ſus horrores, ſus eſpantos,
Derrocar la Alma mia de ſu gloria
Porq̃ en vueſtra Beldad ya transformada;
Ni del Eſtigio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.

SONETO CCXXVI.

QUe me quereis perpetuas ſaudades?
Com que eſperãças inda me enganais?
O tempo que ſe vay naõ torna mais,
E ſe torna naõ tornaõ as idades.
Razaõ he já, ò annos, que vos vades,
Porque eſtes taõ ligeyros que paſſais,
Nem todos para hum goſto ſaõ iguais,
Nem ſempre ſaõ conformes as vontades.
Aquillo a que já quis he taõ mudado
Que quaſi he outra couſa; porque os dias
Tem o primeyro goſto já danado.
Eſperanças de novas alegrias,
Naõ mas deyxa a Fortuna, & o tempo irado;
Que do contentamento ſaõ eſpias.

SONETO CCXXVII.

OH rigorosa ausencia desejada
De mim sempre, mas nunca conhecida
Saudade noutro tempo taõ temida,
Como em meu dano agora exprimentada
Ja rigorosamente começada
Tendes vossa esperança em minha vida;
Mas tanto que jà temo que oprimida
Sejais com ella cedo, ou acabada.
Os dias mais alegres me entristecem;
As noytes com cuydados as desconto,
Em que sem vòs sem conto me parecem.
E desejando espero, & os annos conto;
Mas com a vida, enfim, elles fallecem;
Nẽ basta à carne enferma esprito pronto.

SONETO CCXXVIII.

AY! quien dará a mis ojos una fuente
De lagrimas que manen noche, y dia?
Respirára si quiera la Alma mia,
Llorando lo passado, y lo presente.
Quien mediera apartado de la gente,
De mi dolor siguiendo la porfia,
Con la triste memoria, y fantasia,
Del bien por quien mal tanto alli se siẽte!
Quien me dara palabras con que iguale
El duro agrabio q̃ el Amor me ha hecho,
Donde tan poco el sufrimiento vale?
Quien me abrirà porfundamente el pecho?
Do està escrito el secreto que no sale
Con tanto dolor mio a mi despecho?

SONETO CCXXIX.

COn razon os vays, aguas, fatigando
Por llegar do sereis bien recebidas;
Y en aquel mar immenso convertidas,
Que ya de tantos dias vays buscando,
Triste de aquel que siempre anda llorando
Las vanas esperanças ya perdidas;
Y con dolor las lagrimas vertidas
Nunca a fin pretendido van llegando.
Vosotras sin traer derecha via,
Al termino llegays tan deseado,
Por más que os embarace el gran rodeo.
Mas yo siempre afligido noche y dia,
Por un camino, que no llevo errado,
Jamás puedo llegar donde deseo.

SONETO CCXXX.

O Cesse ya, Señor, tu dura mano!
No llegues tanto al cabo con mi vida,
Baste el estar por ti tan consumida,
Que ya no se halla en ella lugar sano.
Ay, estraña Hermosura! Ay, deshumano
Hado a que nunca puedo hallar salida!
Si tu de tu piedad no eres movida,
Roto el hilo vital verás temprano.
Un blando desamor, un amor blando,
Bien basta para un hombre tan perdido,
Que de su mal ningun remedio espera.
Y si estimas en poco el ver qual ando?
Aqui me tienes ante ti rendido.
Viva tu gusto, mi esperança muera.

SONETO CCXXXI.

DUlces engaños de mis ojos tristes,
Quan vivo despertais mi pensamiento!
Aquello que pudiera dar contento,
En sombra de pintura lo bolvistes.
De blando sobresalto enternecistes,
Con vista arrebatada el sentimiento;
Mas no le assegurastes un momento
Aqueste vano bien que le ofrecistes.
Veo que la figura era fingida,
Y no aquella que en si mi Alma esconde,
Aunque en esta se llega al natural.
Alli escucha mi llanto, alli responde;
Alli se condolece de mi vida,
Como si fuera el proprio Original.

SONETO CCXXXII.

QUanto tiempo ha q̃ lloro un dia triste!
Como si alguno alegre yo esperara!
Como, ó Tajo! al passar esta tu clara
Agua, no la alteraste, y no me hundiste?
El passo me cerraste, el pecho abriste.
O mi Ventura de mi bien avara!
A Dios, montañas, de hermosura rara;
A Dios, mi corazon, que no partiste.
Si a donde quedas en dichosa suerte,
No bevieres las aguas del Olvido,
En tanto bien no quieras olvidarte.
Cantando mi dolor llora mi muerte;
Porque asta el hueco monte sin sentido,
Suelta su ronca vos por consolarme.

SONETO CCXXXIII.

LEvantay, minhas Tagides, a frente,
Deyxãdo o Tejo às ſombras nemoroſas:
Douray o valle umbroſo, as frecas roſas,
E o monte com as arvores frondente.
Fique de vós hũ pouco o Rio auſente;
Ceſſem agora as liras numeroſas:
Ceſſe voſſo louvor, Ninfas fermoſas;
Ceſſe da fonte voſſa a graõ corrente.
Vinde a ver a Teodoſio grande, & claro,
A quem eſtá ofrecendo mayor canto
Na citara dourada o louro Apolo.
Minerva, do ſaber dálhe o dom raro;
Palas lhe da o valor de mais eſpanto;
E a Fama o leva ja de Polo a Polo.

SONETO CCXXXIV.

VOs Ninfas da Gangetica eſpeſſura
Cantay ſuavemente em voz ſonora,
Hum grande Capitaõ que a roxa Aurora
Dos filhos defendeo da noyte eſcura.
Ajuntouſe a caterva negra, & dura,
Que na aurea Cherſoneſo afouta mora,
Para lançar do caro ninho fora
Aquelles q̃ mais podem que a Ventura.
Mas hum forte Leaõ, com pouca gente,
A multidaõ taõ fera como necia,
Deſtruindo caſtiga, & torna fraca.
O Ninfas, cantay, pois, que claramente
Mais do que Leonidas fez em Grecia,
O nobre Leonis fez em Malaca.

SONETO CCXXXV.

ALma gentil, que á firme Eternidade
Subiſte clara, & valeroſamente
Cá durará de ti perpetuamente
A Fama, a Gloria, o Nome, & a Saudade.
Naõ ſey ſe he mòr eſpanto em tal idade
Deyxar de teu valor enveja á gente;
Se hum peyto de diamante, ou de ſerpente,
Fizeres que ſe mova a piedade.
Envejoſa da tua acho mil ſortes,
E a minha mais que todas envejoſa,
Pois ao teu mal o meu tanto igualaſte.
Oh ditoſo morrer! ſorte ditoſa!
Pois o que não ſe alcança com mil mortes,
Tu com hũa ſó morte o alcançaſte.

SONETO CCXXXVI.

DEbaxo deſta pedra, ſepultada
Jaz do mũdo a mais nobre Fermoſura
A quem a Morte, ſo de enveja pura,
Sem tempo ſua vida tem roubada.
Sem ter reſpeyto a aquella alli eſtremada
Gentileza de luz que a noyte eſcura
Tornava em claro dia; cuja alvura
Do Sol a clara luz tinha eclipſada.
Do Sol peytada foſte, cruel Morte,
Para o livrar de quem o eſcurecia;
E da Lua, que ante ella luz não tinha.
Como de tal poder tiveſte ſorte?
E ſe a tiveſte, como taõ aſinha
Tornaſte a luz do mundo em terra fria?

SONETO CCXXXVII.

IMagens vãas me imprime a Fantaſia;
Diſcurſos novos acha o penſamento;
Com que daõ á minha Alma graõ tormento
Cuydados de cem annos num ſó dia.
Se fim grande tiveſſem, bem ſeria
Reſponder a eſperança ao fundamento;
Mas o Fado naõ corre taõ atento
Que reſerve à razaõ ſua valia.
Caſo, & Fortuna, podem acertar;
Mas ſe por accidente dão vitoria,
Sempre o favor da Fama he falſa hiſtoria.
Excede ao ſaber, determinar:
A a conſtancia ſe deve toda a gloria:
O animo livre he digno de memoria.

SONETO CCXXXVIII.

QUanta incerta eſperança, quãto engano
Quanto viver de falſos penſamentos!
Pois todos vam fazer ſeus fundamentos
Só no meſmo em q̃ eſtà ſeu proprio dano.
Na incerta vida eſtribam de hũ humano,
Daõ credito a palabras que ſaõ ventos;
Choraõ deſpois as horas, & os momentos
Que riram cõ mais goſto em todo o anno.
Naõ aja em aparencias confianças;
Entendey que o viver he de empreſtado;
Que o de q̃ vive o mundo ſam mudanças.
Muday, pois, o ſentido, & o cuydado,
Sómente amando aquellas eſperanças
Que duraõ para ſempre com o amado.

SO-

SONETO CCXXXIX.

MAl, q̃ de tẽpo em tempo vàs crecẽdo,
Quẽ te visse de hũ bem acõpanhado,
A vida passaria descansado,
Da morte naõ temera o rosto horrendo.
Se os vãos cuydados fora convertendo
Em suspiros que daõ outro cuydado,
Oh quaõ prudente! ó quaõ afortunado
A capella de louro irá tecendo!
Tempo he ja de esquecer contentamentos
Passados, co' a esperança que passou,
E de que triunfem novos pensamentos.
A fè, que viva na Alma me ficou,
Dé já fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condenou.

SONETO CCXL.

O Quanto melhor he o supremo dia
Da mansa morte, que o do nacimento!
O quanto melhor he hum só momento
Que livra de annos tantos de agonia!
De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo aplicado pensamento,
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.
O que do seu fez Deos seu despenseyro,
Tem mais estreyta conta que lhe dar:
Entaõ parece rico o ovelheyro.
Triste de quem no dia derradeyro,
Tem o suor alheo por pagar,
Pois a alma hade vender por o dinheyro!

SONETO CCXLI.

COmo podes (ò cego Peccador!)
Estar em teus errores taõ isento,
Sabendo que esta vida he hum momento,
Se comparada com a eterna for?
Naõ cuydes tu que o justo Julgador
Deyxarà tuas culpas sem tormento,
Nem que passando vay o tempo lento
Do dia de horrendissimo pavor.
Naõ gastes horas, dias, meses, annos,
Em seguir de teus danos a amisade
De que despois resultaõ mores danos.
E pois de teus enganos a verdade
Conheces, deyxa jà tantos enganos,
Pedindo a Deos perdaõ com humildade.

SONETO CCXLII.

DE Babel sobre os rios nos sentamos,
De nossa doce Patria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saudades de ti, Siaõ, choramos.
Os orgãos nos salgueyros penduramos,
Em outro tempo bem de nòs tocados:
Outro era elle, por certo; outros cuydados,
Mas por deyxar saudades os deyxamos.
Aquelles que cativos nos traziaõ,
Por cantigas alegres preguntavaõ.
Cantay (nos dizem) himnos de Siaõ.
Sobre tal pena, pena tal nos daõ.
Pois tiranicamente pretendiaõ
Que cantassem aquelles que choravaõ.

SONETO CCXLIII.

SObre os rios do Reyno escuro, quando
Tristes, quaes nossas culpas o ordenaraõ,
Lagrimas nossos olhos derramaraõ,
Por ti, Siaõ divina, suspirando:
Os que hiaõ nossas almas infestando,
De contino em error, as cativaraõ;
E em vaõ por nossos Salmos preguntaraõ,
Que tudo era silencio miserando.
Dizendo estamos: Como cantaremos
As aceytas canções a Deos benigno,
Quando a contrarios seus obedecemos?
Mas jà, Senhor só Santo, determino,
Deyxando viciosissimos estremos,
Os cantos prosiguir de Amor Divino.

SONETO CCXLIV.

EM Babilonía sobre os rios, quando
De ti, Siaõ Sagrada nos, lembramos,
Alli com graõ saudade nos sentamos,
O bem perdido, miseros, chorando.
Os instrumentos musicos deyxando,
Nos estranhos salgueyros penduramos.
Quando aos cantares, q̃ jà em ti cantamos,
Nos estavaõ imigos incitando.
As esquadras, dizemos, enemigas,
Como hemos de cantar em terra alhea,
As cantigas de Deos, sacras cantigas?
Se a lembrança eu perder que me recrea
Cà nestas penosissimas fadigas,
Oblivioni detur dextra mea

SONETO CCXLV.

APonta a bella Aurora, Luz primeyra,
Que a graõ nova nos deu do claro dia.
Vestivos corações já de alegria,
E recebey da vida a Mensageyra.
Da humana Redempção nace a Terceyra
Alegrate, divina Monarquia;
Da terra terás cedo a Companhia;
Do Ceo verás tambem a nossa Freyra.
De tal obra se espanta a Natureza,
Confuso fica de temor o Inferno,
Vendo a que nace isenta da defeza.
Ley geral era posta desde eterno:
Mas o Senhor da Ley, toda limpeza
Para o Sacrario seu guardadou, Materno.

SONETO CCXLVI.

POrque a Terra no Ceo agasalhasse,
O Ceo na Terra Deos agasalhou:
Là não cabendo, cà se acomodou,
Porque là de cá indo se alargasse.
Porqu'o homẽ a ser Deos por Deos chegas(se
Por o homem a ser Homem Deos chegou:
Seu divino poder tanto humanou,
Porqu' o humano em divino se tornasse.
Vede bem o que deu, & recebeo:
Naõ se perca hũ bem tanto da memoria:
Deunos a vida a morte padeceo.
Trocou por nossa pena a sua gloria:
Deunos o triunfo que elle mereceo:
Porque Amor foy Autor desta Vitoria.

SONETO CCXLVII.

QUe estila a Arvore sacra? Hũ licor santo.
Para quem? Para o genero he humano.
Que faz delle? Hum remedio soberano.
Para que? Para a culpa, & triste pranto.
E que obra? Reduzir Luzbel a espanto.
Porque? Porque cũ pomo fez graõ dano.
Que foy? A morte deu com hum engano.
Tanto pòde? Sem falta póde tanto.
Quem sobe a ella? Quem do Ceo deceo.
A que dece? A subir a Criatura.
Que quiz da terra? Só levalla ao Ceo.
He escada para ir là? E a mais segura.
Quem o obrigou? De Amor só se venceo.
Que amava este Feytor? Sua Feytura.

SONETO CCXLVIII.

OH! Arma, unicamente sò triunfante,
Propugnaculo sò de nossas vidas!
Por quem foraõ ganhadas as perdidas,
Com q̃ o Tartaro horrendo andava ovante,
Sigase esta Bandeyra militante,
Por quem saõ taes vitorias conseguidas,
Por quantas Almas, dellas divertidas,
No Ponente erraõ cà, là no Levante.
O Arvore sublime, & marchetada
De branco & carmesi, de ouro embutida,
Dos rubis mais preciosos esmaltada!
De Trofeos mais claros guarnecida;
A Vida a Morte vimos em ti dada,
Para que em ti se desse à Morte a Vida.

SONETO CCXLIX.

AOs homens hũ só Homem pos espãto,
E o pos a toda a humana Natureza,
Que de homẽ teve o ser, de Anjo a pureza,
Porque antes que nacesse era ja Santo.
Profeta foy na Mãy; & enfim, foy tanto
Que entre os nacidos ouve a mór alteza;
Que da Luz, sem aver, vio a Grandeza
Tendo por trompa o Verbo Sacrosanto.
Aquella Voz foy elle, sonorosa,
No concavo dos Orbes resonante,
E que a Carne inculpavel bautizou.
Quem do mór Pay ouvio a Voz ámante;
Quem a sutil pregunta, industriosa,
Com sincera reposta sossegou.

SONETO CCL.

VOs só podeis, Sagrado Evangelista,
Angelico abrasado Serafim,
E na ciencia mais alto Cherubim,
Do q̃ he mais sabio Amor ser coronista
Divina, & Real Aguia, cuja vista
Vio o q̃ he sem principio, o q̃ he sem fim;
De Jacob mais querido Benjamim,
Quem mais campea de Joseph na lista.
Apostolo, & Profeta, Patriarca;
Ao Principe dos Ceos o mais aceyto;
Que em seu seo dormindo entaõ mais via
A quem o mesmo Deos por Irmão marca,
Quem por Filho da Mãy unica feyto,
Em Corpo & Alma goza o claro Dia.

SO

SONETO CCLI.

COmo louvarey eu, Serafim Santo,
Tanta humildade, tanta penitencia,
Castidade, & pobreza, & paciencia,
Com este meu inculto, & rudo canto?
Argumento que às Musas poem espanto,
Que faz muda a grandiloqua eloquencia.
Oh imagem que a Divina Providencia
De si viva em vós fez para bem tanto!
Fostes de Santos hũa rara mina;
Almas de mil a mil ao Ceo mandastes
Do mundo que perdido reformastes.
E naõ roubaveis só com a doutrina
As vontades mortais, mas a divina,
Pois os seus rubis cinco lhe roubastes.

SONETO CCLII.

DItosas Almas, que ambas juntamente
Ao Ceo de Venus, & de Amor voastes,
Onde hum bem que taõ breve cà lograstes,
Estais logrando agora eternamente.
Aquelle estado vosso taõ contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente jà o trocastes,
Onde sem sobresalto o bem se sente.
Triste de quem cà vive taõ cercado
Na amorosa fineza, de hum tormento
Que a gloria lhe perturba mais crecida!
Triste, pois me naõ val o sofrimento,
E Amor para mais dano me tem dado
Para taõ duro mal taõ larga vida.

SONETO CCLIII.

COntente vivi jà, vendome isento
Deste mal de q̃ a muytos queyxar via:
Chamaõlhe Amor; mas eu lhe chamaria,
Discordia, & semrazaõ; guerra, & tormento.
Enganoume co'o nome o pensamento.
Quem com tal nome naõ se enganaria?
Agora tal estou que temo hum dia
Em que venha a faltarme o sofrimento.
Com desesperação, & com desejo,
Me paga o que por elle estou passando,
E inda està do meu mal mal satisfeyto.
Pois sobre tantos danos inda vejo
Para darme outros mil, hum olhar brando;
E para os não curar, hum duro peyto.

SONETO CCLIV.

DEyxa Apolo o correr taõ apressado,
Naõ sigas essa Ninfa taõ ufano;
Naõ te leva o Amor, levate o engano
Com sombras de algũ bem a mal dobrado.
E quando seja Amor serà forçado,
E se forçado for, serà teu dano:
Hum parecer naõ queyras mais q̃ humano,
Em hum Silvestre adorno ver tornado.
Naõ percas por hum vaõ contentamento
A vista que te faz viver contente:
Modéra em teu favor o pensamento,
Porque menos mal he tendoa presente,
Sofrer sua crueza, & teu tormento,
Que sentir sua ausencia eternamente.

SONETO CCLV.

NAs Cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos valles, & nos mõtes, teus louvores
Sempre te cantem musicos Pastores
Nas manhãas frias, nas ardentes sestas.
E neste Templo donde manifestas,
E repartes agora teus favores,
Com Salmos, hymnos, & com varias flores,
Sejaõ célebres sempre as tuas festas.
Estes te ofreçaõ pès essoutros mãos;
De aquelles pendaõ sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidaõ prisoens.
Que eu cuydados, enganos, & affeyções,
Muyto mayores monstros; & milhares
Te deyxo aqui de pensamentos vãos.

SONETO CCLVI.

VI queyxosos de Amor mil namorados,
E nenhũs inda vi com seus louvores!
E aquelle q̃ mais chora o mal de amores
Vejo menos fugir de seus cuydados.
Se das dores de Amor sois mal tratados,
Porque tanto buscais de Amor as dores?
E se tambem as tendes por favores,
Porque dellas falais como agravados?
Naõ queyrais alegria achar algũa
No Amor, porque he cõposto de tristeza;
Na Fortuna que acheis mais agradavel.
Nella, & nelle achey sẽpre a mesma Luma,
Em quem nunca se vio outra firmeza
Que naõ seja a de ser sempre mudavel.

SONETO CCLVII.

SE lagrimas choradas de verdade
O marmore abrandar podem mais duro,
Porque as minhas que nacem de amor puro
Hũ coraçaõ naõ rendem a piedade?
Por vós perdi, Senhora, a liberdade,
E nem da propria vida estou seguro.
Rompey de esse rigor o forte muro;
Naõ passe tanto avante a crueldade.
Ao prezar de desprezos day jà fim:
Naõ vos chamem cruel; nome devido
A quem se ri de quem suspira, & ama.
Abranday esse peyto endurecido,
Por o que toca a vós, jà naõ por mim:
Que eu aventuro a vida, & vòs a fama.

SONETO CCLVIII.

JÁ me fundey em vãos contentamentos
Quando delles vivi todo enganado
De hũ fantastico bem, & de hũ cuydado
De que só cuydão cegos pensamentos.
Passava dias, horas, & momentos
Deste enleo de amores taõ pagado
Que tinha só por bemaventurado
Quem só por elles mais bebia os ventos,
Mas agora, que já cahi na conta,
Desenganame quanto me enganava:
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.
O amor mais caudaloso menos monta;
Que he de gostos mais rico, eu ignorava,
Aquelle que de amores he mais pobre.

SONETO CCLIX.

EM hũa lapa toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre hũa maõ o rosto, vi que estava
Hũa Ninfa gentil, mas cuydadosa.
Igualmente que linda lastimosa,
Aljofar dos seus olhos destilava:
O mar os seus furores aplacava
Com ver cousa taõ triste, & taõ fermosa.
Algũa vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura
Bastante a desfazer sua dureza.
Com angelica voz, assi dezia.
Ah! Que falta mais vezes a ventura,
Donde sobeja mais a Natureza.

SONETO CCLX.

SE em mim (ó Alma!) vive mais lẽbrãça
Que aquella só da gloria de querervos,
Eu perca todo o bẽ que logrou em vervos,
E de vervos tambem toda a esperança.
Vejase em mim taõ rustica esquivança
Que possa indigno ser de conhecervos;
E quãdo em mór empenho de aprazervos,
Vos offenda, se em mim ouver mudança.
Confirmado estou já nesta certeza:
Examineme vossa crueldade;
Exprimentese em mim vossa dureza
Conhecey já de mim tanta verdade
Pois em penhor,& fé desta pureza
Tributo vos fiz ser o que he vontade.

SONETO CCLXI.

ILustre Gracia, nombre de una moça
Primera malhechora en este casso,
A Mondoñedo, a Palma, al coxo Trasso,
Sugeto digno de immortal coroça.
Si en medio de la Iglesia no reboça
El manto a vuestro rostro tan devasso,
Por vós dirán las gentes rezio, y passo;
Veis quien con el Demonio se retoça.
Puede mover los montes sin trabajo;
Con palavras el curso al agua enfrena;
Por las ondas hará camino enxuto.
A verguenza su Patria, y rico Tajo,
Que por ella hombres lleva más que arena
De que paga al Infierno gran tributo.

SONETO CCLXII.

QUal tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da acesa vella,
Dando vay voltas mil, atè que nella
Se queyma agora, agora se consume.
Tal eu correndo vou ao vivo lume
De esses olhos gentis, Aonia bella;
E abrasome, por mais que com cautella
Livrarme a parte racional presume.
Conheço o muyto a que se atreve a vista;
O quanto se levanta o pensamento;
O como vou morrendo claramente.
Porém naõ quer Amor que lhe resista,
Nẽ a minha alma o quer, q̃ em tal tormẽto
Qual em gloria mayor está contente.

SO-

SONETO CCLXIII.

LEmbrãças de meu bẽ, doces lembrãças,
Que tão vivas estais nesta alma minha,
Naõ querais mais de mi, se os bẽs q̃ tinha
Em poder vedes todos de mudanças.
Ay cego Amor! Ay mortas esperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deyxareis quem vos sostinha,
Acabaraõ co' a vida as confianças.
Co' a vida acabaràõ, pois a ventura
Me roubou num momento aquella gloria
Que quando taõ grande he, taõ pouco dura
Oh! se apos o prazer fora a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganharse com ella mais vitoria.

SONETO CCLXIV.

FErmosos olhos, que cuydado dais
A mesma luz do Sol mais clara, & pura;
Que sua esclarecida fermosura,
Com tanta gloria vossa atràs deyxais.
Se por serdes taõ bellos desprezais
A fineza de Amor que vos procura,
Pois tanto vedes, vede que naõ dura
O vosso resplandor quanto cuydais.
Colhey, colhey do tempo fugitivo,
E de vossa belleza o doce fruto,
Que em vaõ fóra de tempo he desejado.
E a mi, q̃ por vós morro, & por vós vivo,
Fazey pagar a Amor o seu tributo,
Contente de por vós lho aver pagado.

SONETO CCLXV.

PUes siempre sin cessar, mis ojos tristes,
En lagrimas tratais la noche, el dia,
Mirad si es lagrima esta que os embia
Aquel Sol por quien vós tantas vertistes.
Si vós me assegurais, pues ya lá vistes,
Que es lagrima, será ventura mia;
Por empleadas bien desde oy tendria
Las muchas que por ella sola distes.
Mas qualquier cosa mucho deseada,
Aunque viendo se estè nunca es creida;
Y menos esta nunca imaginada.
Pero della asseguro, si es fingida,
Que basta ser por lagrima embiada,
Para que sea por lagrima tenida.

SONETO CCLXVI.

TEm feyto os olhos neste apartamento
Hum mar de saudosa tempestade,
Que pode dar saudade à saudade,
Sentimentos ao proprio sentimento.
Em dor vay convertido o sofrimento,
Em pena convertida a piedade;
A razaõ taõ vencida da vontade,
Que escravo faz do mal o entendimento.
A lingoa naõ alcança o que a alma sente;
E assi, se alguem quiser em algum hora
Saber que cousa he dor naõ cõprehendida
Partase do seu bem, porque exprimente,
Que antes de se partir, melhor me fora
Partirse do viver para ter vida.

SONETO CCLXVII.

A Peregrinaçaõ de hũ pensamento
Que dos males fez habito, & costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto crece na causa do tormento.
Leva a dor de vencida ao sofrimento;
Mas a alma està de entregue taõ sem lume,
Que elevada no bem que a ver presume,
Naõ faz caso do mal que està de assento.
De longe receey, se me valera,
O perigo que tanto á porta vejo,
Quando naõ acho em mi cousa segura.
Mas jà conheço (ò nunca o conhecera!)
Que entendimentos presos do desejo,
Naõ tem remedio mais que o da ventura.

SONETO CCLXVIII.

AChome da Fortuna salteado,
O tempo vay fogindo presuroso,
Deyxandome da vida duvidoso,
E cada instante mais desesperado.
Trocouse o meu descuydo em tal cuydado
Que dõde a gloria he mais, he mais penoso
Nem vivo, de perderme, receoso;
Nem, de poder ganharme, confiado.
Qualquer ave nos montes mais agrestes,
Qualquer fera na cova repousando,
Tem horas de alegria; eu todas tristes.
Vòs, saudosos olhos, que o quisestes,
(Pois cõ tormento Amor me està pagãdo)
Choray, como o que vedes, o que vistes.

SO:

SONETO CCLXIX.

SE no que tenho dito vos offendo,
Naõ he a intençaõ minha de ofendervos;
Que inda que pretenda merecervos,
Naõ vos desmerecer sempre pretendo.
Mas he meu fado tal, segundo entendo,
Que por quanto ganhava entendervos,
Naõ me deyxa a té agora conhecervos,
Por a mi proprio me ir desconhecendo.
Os dias ajudados da ventura,
A cada qual de si daõ desenganos,
Ea outros soe dallo a desventura.
Qual destas sirva a mi, diràõ os danos,
Ou gostos que eu tiver, em quanto dura
Esta vida, taõ larga em poucos annos.

SONETO CCLXX.

SEmpre cruel senhora, receey,
Medindo vossa graõ desconfiança,
Que désse em desamor vossa tardança,
E que me perdesse eu, pois vos amey:
Percase em fim ja tudo o que esperey,
Pois noutro amor já tendes esperança,
Taõ potente será vossa mudança,
Quanto eu encobri sempre o que vos dey:
Deyvos a alma, a vida, & o sentido,
De tudo o que em mim ha vos fiz senhora,
Prometeis, & negais o mesmo amor:
Agora tal estou, que de perdido
Naõ sey por onde vou, mas algum hora
Vos dará tal lembrança grande dor.

SONETO CCLXXI.

FOrtuna em mim guardãdo seu direyto
Em verde derrubou minha alegria,
O quanto se acabou naquelle dia,
Cuja triste lembrança arde em meu peyto!
Quando contemplo tudo, bem sospeyto,
Que a tal bem, tal descanço se devia,
Por não dizer o mundo, que podia
Acharse em seu engano bem perfeyto:
Mas se a Fortuna o fez por descontarme
Tamanho gosto, em cujo sentimento
A memoria não faz senão matarme:
Que culpa póde darme o sofrimento,
Se a causa que elle tem de atormentarme,
Eu tenho de sofrer o seu tormento.

SONETO CCLXXII.

SE a fortuna inquieta, & mal olhada,
Que a justa Ley do Ceo consigo infama,
A vida quieta, que ella mais desama
Me concedera honesta, & repousada:
Pudera ser que a musa alevantada
Com luz de mais ardente, & viva flama
Fizera ao Tejo lá na patria cama
Adormecer co som da lyra amada:
Porèm, pois o destino trabalhoso,
Que me escurece a musa fraca, & laça
Louvor de tanto preço não sustenta:
A vossa de louvarme pouco escaça
Outro sogeyto busque valeroso,
Tal qual em vós ao mundo se apresenta.

SONETO CCLXXIII.

ESte amor, que vos tenho limpo, & puro
De pensamento vil nunca tocado,
Em minha tenra idade começado,
Telo dentro nesta alma sò procuro:
De haver nelle mudança estou seguro,
Sem temer nenhum caso, ou duro fado,
Nem o supremo bem, ou bayxo estado,
Nem o tempo presente, nem futuro:
A bonina, & a flor asinha passa,
Tudo por terra o Inverno, & Estio deyta,
Sò para meu amor he sempre Mayo:
Mas vervos para mim senhora escaça,
E que essa ingratidaõ tudo me engeyta,
Tras este meu amor sempre em desmayo.

SONETO CCLXXIV.

SE grande gloria me vem só de olharte,
He pena desigual deyxar de verte,
Se presumo com obras merecerte,
Grande paga do engano he desejarte.
Se quero por quem es tal vez louvarte,
Sey certo, por quem sou, que he offenderte
Se mal me quero a mim por bem quererte
Que premio quero eu mais que só o amarte
Estremos saõ de amor, os que padeço,
O humano thesouro, ò doce gloria,
E se cuydo que acabo entaõ começo.
Assi te trago sempre na memoria,
Nem sey se vivo, ou morro, mas conheço,
Que ao fim da batalha he a vitoria.

SONETO CCLXXV.

A Fermosura desta fresca serra,
E a sombra dos verdes castanheyros,
O manso caminhar destes ribeyros,
Donde toda a tristeza se desterra;
O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do Sol pellos outeyros,
O recolher dos gados derradeyros,
Das nuvens pello ar a branda guerra:
Em fim tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos ofrece,
Me está (se não te vejo) magoando:
Sem ti tudo me enoja, & me aborece,
Sem ti perpetuamente estou passando
Nas mòres alegrias, mòr tristeza.

SONETO CCLXXVI.

SOspechas, que en mi triste fantesia
Puestas hazeis la guerra a mi sentido,
Bolviendo, y rebolviendo el afligido
Pecho con dura mano noche, y dia:
Ya se acabó la resistencia mia,
Y la fuerça del alma ya rendido.
Vencer de vós me dexo arrepentido
De averos contrastado en tal porfia:
Llevadme a aquel lugar tan espantable,
Que por no ver mi muerte alli esculpido,
Cerrados hasta aqui tuve los ojos:
Las armas pongo ya, que concedida
No es tan larga defensa al miserable,
Colgad en vuestro carro mis despojos.

SONETO CCLXXVII.

SUstenta meu viver hũa esperança
Dirivada de hum bem taõ desejado,
Que quando nella estou mais confiado,
Mòr duvida me poem qualquer mudança:
E quando inda este bem na mòr pujança
De seus gostos me tem mais enlevado,
Me atormenta entaõ ver eu, que alcançado
Será, por quem de vòs naõ tem lembrança:
Assi, que nestas redes enlaçado,
A penas dou a vida, sustentando
Hũa nova materia a meu cuydado:
Suspiros dalma tristes arrancando,
Dos silvos de hũa pedra acompanhado,
Estou materias tristes lamentando.

SONETO CCLXXVIII.

JA naõ sinto, senhora, os desenganos,
Com q̃ minha affeyção sempre tratastes,
Nem ver o galardaõ, que me negastes,
Merecido por fé ha tantos annos:
A magoa choro só, sò choro os danos
De ver, por quem, Senhora, me trocastes,
Mas em tal caso vòs sò me vingastes
De vossa ingratidaõ, vossos enganos:
Dobrada gloria dà a qualquer vingança,
Que o offendido toma do culpado,
Quando se satisfaz com cousa justa:
Mas eu de vossos males, & esquivança,
De que agora me vejo bem vingado,
Naõ o quizera eu tanto á vossa custa.

SONETO CCLXXIX.

QUe póde já fazer minha ventura,
Que seja para meu contentamento?
Ou como fazer devo fundamento
De cousa, que o não tem, nem he segura?
Que pena póde ser tão certa, & dura,
Que possa ser mayor, que meu tormento?
Ou como receará meu pensamento
Os males, se com elles mais se apura?
Como quem se costuma de pequeno
Com peçonha criar por mão sciente,
Da qual o uso já o tem seguro:
Mas eu acostumado ao veneno,
E uso de sofrer meu mal presente
Me faz não sentir já nada o futuro.

SONETO CCLXXX.

QUando cuydo no tempo, q̃ contente
Vi as perolas, neve, rosa, & ouro,
Como quem vé por sonhos hum thesouro,
Parece tenho tudo aqui presente:
Mas tanto que se passa este accidente,
E vejo o quam distante de vòs mouro,
Temo quanto imagino por agouro,
Porque de imaginar tambem me ausente:
Já forão dias, em que porventura
Vos vi, senhora, se assi dizendo posso
Com o coraçaõ seguro estar sem medo:
Agora em tanto mal não mo assegura
A propria fantasia, & nojo vosso,
Eu não posso entender este segredo.

SO-

SONETO CCLXXXI.

QUando, senhora, quiz Amor q̃ amasse
Essa gram perfeyçaõ, & gentileza,
Logo deu por sentença, que a crueza
Em vosso peyto Amor acrecentasse:
Determinou que nada me apartasse,
Nem desfavor cruel, nem asperesa,
Mas que em minha rarissima firmeza
Vossa izençaõ cruel se executasse:
E pois tendes aqui offerecida
Esta alma vossa a vosso sacrificio,
Acabay de fartar vossa vontade:
Naõ lhe alargueis senhora mais avida,
Acabarà morrendo em seu officio,
Sua fé defendendo, & lealdade.

SONETO CCLXXXII.

EU vivia de lagrimas izento
Num engano tão doce, & deleytoso,
Que em q̃ outro amante fosse mais ditoso,
Não valiaõ mil glorias hum tormento:
Vendome possuir tal pensamento,
De nenhũa riqueza era invejoso,
Vivia bem, de nada receoso
Com doce amor, & doce sentimento:
Cobiçosa a fortuna, me tirou
Deste meu tão contente, & alegre estado,
E passouse este bem, que nunca fora:
Em troco do qual bem, só me deyxou
Lembranças, que me mataõ cada hora,
Trazendome a memoria o bem passado.

SONETO CCLXXXIII.

INndo o triste Pastor todo embebido
Na sombra de seu doce pensamento,
Taes queyxas espalhavà ao leve vento
Cum brando suspirar da alma sahido:
A quem me queyxarey, cego perdido!
Pois nas pedras naõ acho sentimento!
Com quem fallo! a quẽ digo meu tormento!
Que onde mais chamo, sou menos ouvido:
O bella Ninfa, porque não respondes?
Porque o olharme, tanto me encareces!
Porque queres que sempre me querelle?
Eu quanto mais te vejo, mais te escondes!
Quanto mais mal me ves, mais te endureces?
Assim que co mal cresce a causa delle.

SONETO CCLXXXIV.

DE hum taõ felice engenho, produzido
De outro, q̃ o claro Sol não vio mayor
He trazer cousas altas no sentido
Todas dignas de espanto, & de louvor:
Museo foy antiquissimo Escriptor,
Filosofo, & Poeta conhecido,
Discipulo do Musico amador,
Que co som teve o inferno suspendido:
Este pode abalar o monte mudo,
Cantando aquelle mal, que eu já passey
Do mancebo de Abydo mal sizudo:
Agora contaõ já (segundo achey)
Tasso, & o nosso Boscam, que disse tudo
Dos segredos, que move o cego Rey.

SONETO CCLXXXV.

DIzey, senhora, da belleza idea
Para fazerdes esse aureo crino,
Onde fostes buscar esse ouro fino,
De que escondida mina, ou de que vea?
Dos vossos olhos essa luz Phebea,
Esse respeyto de hum Imperio digno,
Se o alcançastes com saber divino,
Se com encantamentos de Medea?
De que escondidas conchas escolhestes
As perlas preciosas Orientaes.
Que fallando mostraes no doce riso?
Pois vos formastes tal, como quizestes,
Vigiayvos de vós, não vos vejaes,
Fugi das fontes, lembrevos Narciso.

SONETO CCLXXXVI.

NA ribeyra de Eufrates assentado,
Discorrendo me achey pela memoria
Aquelle breve bem, aquella gloria,
Que em ti doce Syaõ tinha passado:
Da causa de meus males perguntado
Me foy; como não cantas a historia
De teu passado bem, & da victoria,
Que sempre de teu mal has alcançado:
Naõ sabes, que a quẽ canta se lhe esquece
O mal, inda que grave, & rigoroso,
Canta pois, & não chores dessa sorte:
Respondi com suspiros: Quando crece
A muyta saudade, o piedoso
Remedio he não cantar, senão a morte.

SONETO CCLXXXVII.

EL vaſo reluſiente, y criſtalino,
De Angeles agua clara, y oloroſa,
De blanda ſeda ornado, y freſca roſa;
Ligado con cabellos de oro fino:
Bien claro parecia el don divino
Labrado por la mano artificioſa
De aquella blanca Ninfa gracioſa,
Màs el rubio luzero matutino:
Nel vaſo vueſtro cuerpo ſe afigura,
Raxado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua vueſtra anima pura:
La ſe da es la blancura, y los cabellos
Son las priſiones, y al ligadura
Con que mi libertad fue aſidda dellos.

SONETO CCLXXXVIII.

CHoray Ninfas os Fados poderoſos
Daquella ſoberana fermoſura,
Onde foraõ parar na ſepultura
Aquelles reaes olhos gracioſos?
Oh bens do mundo falſos, & enganoſos!
Que magoas para ouvir, que figura
Jaza ſem reſplendor na terra dura
Com tal roſtro, & cabellos tão fermoſos:
Das outras que ſerà! pois poder teve
A morte ſobre couſa tanto bella,
Que ella eclipſava a luz do claro dia:
Mas o mundo não era digno della,
Por iſſo mais na terra não eſteve,
Ao Ceo ſobio, que já ſe lhe devia.

SONETO CCLXXXIX.

SEnhora já deſta alma perdoay
De hum vencido de amor os deſatinos,
E ſejaõ voſſos olhos tão beninos,
Com eſte puro amor, que d'alma ſay:
A minha pura fee ſómente olhay,
E vede meus extremos ſe ſaõ finos,
E ſe de algũa pena forem dignos,
Em mim, ſenhora minha, vos vingay:
Não ſeja a dor, que abraſa o triſte peyto,
Cauſa por onde pene o coraçaõ,
Que tanto em firme amor vos he ſugeyto:
Guardayvos do que alguns, dama, diraõ,
Que ſendo raro em tudo voſſo objeito
Poſſa morar em vòs ingratidaõ.

SONETO CCXC.

QUem vos levou de mim, ſaudoſo eſtado,
Que tanta ſemrazam comigo uſaſtes?
Quem foy por quem taõ preſto me negaſtes
Eſquecido de todo o bem paſſado?
Torcaſteſme hũ deſcanço em hũ cuydado
Taõ duro, taõ cruel, qual me ordenaſtes,
A fee, que tinheis dado, me negaſtes,
Quando mais nella eſtava confiado:
Vivia ſem receo deſte mal,
Fortuna, que tem tudo a ſua merce,
Amor, com deſamor me revolveo:
Bem ſey que neſte caſo nada val,
Que quem naceo chorando juſto he,
Que pague com chorar o que perdeo.

SONETO CCXCI.

DIverſos caſos, varios penſamentos
Me trazem taõ confuſo o entendimẽto,
Que em nada vejo já contentamento,
Senão quando ſe vaõ contentamentos:
Em varios caſos varios ſentimentos
Succedem, por moſtrar ao fundamento,
Que he, o que ſe deſeja tudo vento,
Pois pinta haver deſcanço em vãos intentos:
Veſe em grandes diſcurſos o deſejo,
Quando as ocaſiões os tempos mudão,
Não ha couſa impoſſivel a hum cuydado:
O injuſto co juſto he já trocado:
Os duros montes ſeus aſſentos mudaõ,
Eu ſó não poſſo ver meu mal mudado.

SONETO CCXCII.

DOce ſonho, ſuave, & ſoberano,
Se por mais longo tempo me duràra,
Ah quem de ſonho, tal nunca acoadàra,
Pois havia de ver tal deſengano:
Ah deleytoſo bem, ah doce engano,
Se por mais largo eſpaço me enganàra,
Se entaõ a vida miſera acabàra,
De alegria, & prazer morrèra ufano:
Ditoſo, naõ eſtando em mim, pois tive
Dormindo o que acordado ter quizera.
Olhay com que me paga meu deſtino!
Em fim fóra de mim ditoſo eſtive,
Em mentiras ter dita razaõ era,
Pois ſempre nas verdades fuy mofino.

SONETO CCXCIII.

DIana prateada esclarecia
Com a luz, que do claro Phebo ardẽte,
Por ser de natureza transparente,
Em si, como em espelho reluzia:
Cem mil milhões de graças lhe influia,
Quando me appareceo o excellente
Rayo de vosso aspecto, differente
Em graça, & em amor do que sohia:
Eu vendome taõ cheyo de favores,
E taõ propinquo a ser de todo vosso,
Louvey a hora clara, & a noyte escura:
Pois nella destes cor a meus amores,
Donde colijo claro que não posso
De dia para vòs jà ter ventura.

SONETO CCXCIV.
Em lingoa Gallega.

ALì en Monte Rey, en Bal de Leça,
A Biolante bi beyra de hum rio,
Tam fermosa em berdà, que quedè frio
De ber alma inmortal em mortal maça:
De hum alto, & lindo copo a seda laça
A Pastora sacaba fio a fio,
Quando lhe disse, morro, corta o fio,
Bolveo, não cortarey, seguro passa:
E como passarey, se eu a cà quedo,
Se passar, respondi, não bou seguro,
Que este corpo sem alma morra cedo:
Com a minha, que lebas, te asseguro
Que não morras Pastor; Pastora ei medo,
O quedar me parece mais seguro.

SONETO CCXCV.

POrque me fiz Amor inda acà torto,
O mal te faga Deos desbergonçado,
Rapaz bil, descortez, que me has guiado
A ber a Biolante, que me ha morto:
Bila, por màs non berme tomar porto
En repouso ningun desbenturado,
Mas para chorar sempre que abado
As agoas dos meus olhos som conforto:
Bem vir ser tua madre Cypriana
Una mundana astrosa, deshonesta,
Cruel, falsa, sem ley, dura, & tirana:
Que a bòs ella ser outra, & não ser esta,
Não tiberas bontà tão deshumana,
Nem fora contra mim tão cruda besta.

SONETO CCXCVI.

EM quanto Phebo os montes acendia
Do Ceo com luminosa claridade,
Por evitar do ocio a castidade,
Na caça o tempo Delia despendia:
Venus, que entaõ do furto descendia,
Por cativar de Anchises a vontade,
Vendo Diana em tanta honestidade,
Quasi zombando della, lhe dizia:
Tu vàs com tuas redes na espessura
Os fugitivos cervos enredando,
Mas as minhas enredaõ o sentido:
Melhor he (respondia a Deosa pura)
Nas redes leves cervos ir tomando,
Que tomarte alli nelles teu marido.

SONETO CCXCVII.

SE de vosso fermoso, & lindo gesto
Nacéraõ lindas flores para os olhos,
Que para o peyto saõ duros abrolhos,
Em mim se vè muy claro, & manifesto:
Pois vossa fermosura, & vulto honesto
Em os ver, de boninas vi mil mòlhos,
Mas se meu coração tivera antolhos,
Não vira em vòs seu dano o mal funesto:
Hũ mal visto por bem, hũ bem tristonho,
Que me traz elevado o pensamento
Em mil, porèm diversas fantasias:
Nas quaes eu sẽpre ando, & sempre sonho
E vós não cuydaes mais q̃ em meu tormẽto
Em que fundaes as vossas alegrias.

SONETO CCXCVIII.

NUm raõ alto lugar de tanto preço
Este meu pensamento posto vejo,
Que desfallece nelle inda o desejo,
Vendo quanto por mim o desmereço:
Quãdo esta tal bayxeza em mim conheço
Acho que cuydar nelle he gram despejo,
E que morrer por elle me he sobejo,
E mòr bem para mim do que mereço:
O mais que natural merecimento
De quẽ me causa hum mal taõ duro, & forte
O faz que vá crescendo de hora em hora:
Mas eu não deyxarey meu pensamento,
Porque inda que este mal me causa a morte
Un bel morir tutta la vita honora.

SONETO CCXCIX.

QUantas penas Amor, quantos cuydados,
Quantas lagrimas tristes sem proveyto,
De que mil vezes olhos, rosto, & peyto
Por ti cego, me viste já banhados:
Quantos mortaes suspiros derramados
Do coração, por tanto a ti sogeyto,
Quantos males em fim tu me tens feyto,
Todos foraõ em mim bem empregados:
A tudo satisfaz [confessote isto]
Hũa sò vista branda, & amorosa,
De quem me cativou minha ventura:
O sempre para mim hora ditosa,
Que posso temer já, pois tenho visto
Com tanto gosto meu, tanta brandura?

SONETO CCC.

O Tempo acaba, o Anno, o Mez, & a Hora,
A Força, a Arte, a Manha, a Fortaleza,
O Tempo acaba a Fama, & a Riqueza,
O Tempo o mesmo Tempo de si chora:
O Tempo busca, & acaba o onde mora
Qualquer ingratidaõ, qualquer dureza,
Mas naõ pòde acabar minha tristeza,
Em quanto nāo quizerdes vòs senhora:
O Tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O Tempo a tempestade em graõ bonança:
Mas de abrandar o tempo estou seguro,
O Peyto de diamante, onde consiste
A pena, & o prazer desta esperança,

SONETO CCCI.

POsto me tem Fortuna em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido,
Naõ tenho que perder já de perdido,
Nem tenho que mudar já de mudado:
Todo bem para mim he acabado,
De aqui dou o viver já por vivido,
Que aonde o mal he taõ conhecido,
Tambem o viver mais será escusado:
Se me bastá querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convem,
E curarey hum mal com outro mal:
E pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal este só remedio tem,
Naõ me culpem em querer remedio tal.

SONETO CCCII.

JA naõ fere o Amor com arco forte,
As settas tem lançadas já por terra,
Como sohia já naõ nos faz guerra,
Porque a que nos faz he de outra sorte:
Com olhos pellos olhos nos dá morte,
E para acertar o que naõ erra,
Os vossos escolheo em quem se encerra
Mais bem do que ha do Sul ao Norte:
Concedevos o Amor taõ graõ poder,
Que vos sejaes do seu livre, & izenta:
Apagouse a candea no meyo da consoante,
Por isso Feliza se vos não contenta,
Naõ vades com o soneto por diante,
Que he sonho o que a fantesia representa.

CANTO I.

Da creaçaõ, & composiçaõ do Homem.

1

NA mais fresca, & aprazivel parte do (anno,
A Venus dos antigos dedicada,
Venus amor de Marte,& de Vulcano,
Clara estrella do mar, & terra amada:
Por cujo influxo amigo, doce, & humano,
Se mostra a Primavera namorada,
Guiando a destra mão da natureza,
O summo Creador da redondeza.

2

Quando a liberal terra guarnecida
Com a humidade do Ceo,& temperança,
De verde, & vario esmalte revestida
Mostra dos doces fructos a esperança;
Em toda a planta,& arvore florida;
Com coroa,& odorifera abundança,
Entaõ parece mais fermosa, & bella,
Co rigor brando da amorosa estrella.

3

Quando em sua liberdade as vagas aves,
Com ledo canto o ar sereno enchendo,
As manhãas graciosas mais suaves,
E apraziveis do fresco Abril fazendo;
Convidaõ a doce somno os corpos graves,
Em leves somnos vãos os entretendo,
Ajuda o rouco tom da clara fonte,
Que ao verde prado dece do alto monte.

4

Em hũa manhãa destas prompto,& esperto,
Me detinha hũ profundo,& graõ cuydado
Da estranha providencia, & alto concerto
Do Creador de tudo, o que he creado:
Como despois de dar numero certo,
E ordem ao mundo espherico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
Do alto artificio outro pequeno mundo.

5

Que assi como fez sò pela virtude
Da sua alta palavra là decima,
Naõ do fingido chaos disforme, & rude,
Nem da vazia,& vãa materia prima,
Com ordem certa,& tal, que não se mude,
Os Ceos de graõ vigor, virtude,& estima,
E os Elementos varios corruptivos,
Em suas qualidades compassivos.

6

E assi como delles num momento
Formou diversos corpos de mistura,
Varios na creaçaõ, & nacimento,
No ser, composição, & na figura:
As aves dando o ar por quasi assento,
Aos peyxes agua, aos brutos terra dura,
E das quatro compostas qualidades,
Tantas fez de animaes diversidades.

7

Como despois de tudo ultimamente
Num lugar deleytoso, fresco ameno,
Quis formar, & crear distinctamente,
Deste graõ mũdo estoutro mais pequeno
Assi em tudo nas partes diferente,
Numa dellas caduco, vaõ, terreno,
Noutra immortal espirito, alto,& divino
De razaõ, & do Ceo capaz, & digno.

8

Que como no Ceo quarto o illustre Pharo,
Aquelle olho do mundo luminoso,
De toda a luz visivel fonte, & emparo,
Corre como Gigante, & alegre esposo;
Assi o entendimẽto outro Sol claro,
Anda de hũa a outra parte presuroso,
Lustra na parte delle mais superna,
Discorre com sua luz, tudo governa

9

E quis que os animaes inferiores,
Seu apetite só brutal tomando,
Da terra bayxa, & vil habitadores:
Só os pastos attentos vaõ buscando,
E que os homẽs seus superiores,
A razaõ seus sentidos vaõ mandando;
Razaõ, que diffirir os faz da fera,
Que de espritual em bruto degenera:

10

Porque em que o fes do mais bayxo elemẽto,
Deolhe mil perfeyçoẽs em abastança,
Deolhe alma racional, entendimento,
E felo emfim á sua semelhança;

De todo outro animal de bayxo assento
Lhe deo o senhorio, & governança,
Tudo lhe sujeytou de bayxo os pès,
Deyxando sò sujeyto, a quem o fez.

11

Como este breve mundo, homem chamado,
Prevaricando nesta obediencia,
Do Parayso foy por Deos lançado,
Perdendo o bom estado da innocencia;
Mas da bondade immensa acompanhado,
De seu peccado fez sam penitencia,
Conhecendo o estado, que perdera,
E quam differente fora do que era.

12

Fazendose homem Deos omnipotente,
Immortal, infinito, & sem medida,
Amando o homem assi taõ altamente,
Que a sua vida deo por darlhe vida;
Humilde em fim mortal, pobre, paciente,
Sofreo pregado ser na Cruz erguida,
Com mil dores, tormentos, & deshonras,
Por dar comsigo ao homẽ eternas honras.

13

Mas dentre os mortos logo resurgindo,
Com glorioso corpo triunfante,
E ao Impyrio cos Santos seus subindo,
Na uniaõ da Igreja militante;
Deyxa o homem com seu sangue remido,
De suaves remedios abundante.
Com que vencendo sempre com victoria,
Podesse entrar na pura, & eterna Gloria.

14

Nesta imaginação assi passando
Estava eu a manhãa de hum fresco dia,
Quando me em liquor humido banhando,
O lento somno, jà me adormecia:
E daquillo, que estava imaginando,
As especies tomando a fantasia,
Sonhava hũ sonho assaz estranho, & doce,
Dado que verdadeyro, & certo fosse.

15

Porque quanto os sentidos inferiores,
Em sua figura assi me apresentavaõ,
Me parecia ser, que os exteriores
Em tudo claramente alli o tratavaõ,
Cousas maravilhosas, & mayores,
Que humano entendimẽto me mostravão,
Como aqui mostrarey, se copia tanta,
Me conceder, cantando, a Musa sancta.

16

Jà todos meus spiritos sensitivos,
Dos humidos vapores congelados,
No frio cerebro donde estavaõ vivos,
Pareciaõ de todo sepultados;
Impedindome as obras aos cativos
Membros, que todos tinha jà postrados
O somno vindo da cymeria cova,
Por me mostrar visaõ taõ doce, & nova.

17

Quando de hum alto spirito poderoso,
Arrebatado ser me parecia,
Elevado a hum graõ campo, & espaçoso,
Onde o seu corno a Copia diffundia;
Porque era fresco, verde, deleytoso,
De fruto, & flores cheo, & de alegria,
E assi o Ceo benigno o temperava,
Que hũ perpetuo Veraõ sempre mostrava.

18

Quatro rios fermosos, & caudaes,
Regavaõ este campo taõ florido,
De arvores, ervas, plantas, & animaes,
De toda especie ornado, & bastecido:
Pastava o manso gado sem curraes,
Do Lobo, ou do Leaõ pouco timido,
Viaõse as feras de mayor braveza,
Aqui com mansidaõ, domestiqueza.

19

Em tamanha abundancia, & variedade,
De individuos em perfeyção creados,
Tudo era paz, amor, tranquilidade,
Huns não sendo dos outros agravados;
Em conservação util, & amizade
Syncera, & pura, todos conformados,
Na terra, na agua, no ar, bruto, peyxe, ave,
Tinha vida pacifica, & suave.

20

Por este fresco, & bom jardim do mundo,
A vista derramando alegremente,
Hum edificio vi nobre, & jucundo,
De alta composição, & obra excellente;
E tal architectura, que segundo
O que se via de fóra, & mais presente,
O de dentro seria mais perfeyto,
E muyto mais para, quem fora feyto.

21

Mostrava ser no sitio, & bom assento,
Inexpugnavel, claro, alto, & puro,
Com justa proporção, arte, & ornamento
Cercado de lustroso, & forte muro;
Parecia com todo o pavimento
Por dentro, & fòra estar firme, & seguro,
E tudo vi, que a vista se estendia,
Em competente objecto, que a servia.

Ale-

22

Alevantarse ao modo de hum Castello
Sobre este campo, quasi senhor nelle,
Do qual vi, q̃ outro mais fermoso,& bello
Parecia nacer das costas delle,
E por poder melhor notalo,& vello,
Querendome eu então chegar para elle,
Muy prestes não sey como pareciaõ,
Que em chaõ subitamente ambos cahiaõ.

23

Desta infelice queda, triste sorte,
E subita mudança a mim me vinha.
Hum sentimento intrinseco,& taõ forte,
Como que neste mal grão parte tinha;
Cria, que me causava a mesma morte
Esta desaventura tanto minha,
E com grande pesar, que me cercava,
O fresco campo em lagrimas banhava.

24

Entaõ mais miseravel, dura, & estranha,
Me pareceo a nova fortaleza,
Daquella quando ao perto a vi tamanha,
Tão bem feyta, com tanta arte,& destreza;
E logo que por grande engano & manha,
E por trayçaõ mais que por natureza,
Caira este edificio hũa tal ruina,
Que erguello só podia a maõ Divina.

25

Este assento jà tam verde & taõ ameno.
Com prãto, & dór de tudo eu jà deyxãdo,
Jà me naõ parecendo o ar sereno,
Mas triste, escuro, & gravido aspirando;
Quando naõ teràs tu quinhaõ pequeno
Nesta perda taõ grande(ouvi brãdando)
Que o mal, que a todos toca geralmente,
Insensivel he bem. quem o naõ sente?

26

E verás, que o divino entendimento
Tem de longe remedio a percebido,
Que tudo vem de seu supremo assento,
Suavemente tudo tem provido:
E apos o erro o arrependimento,
He ter o mal em parte soccorrido,
Que o bem sẽ galardaõ, & o mal sẽ pena,
Naõ deyxa ao fim do bẽ,quẽ tudo ordena.

27

O Castello, que viste em gloria tanta,
Que com prosperidade & graõ potencia,
Senhoreava tanta terra, quanta
Ver naõ pòdes: a summa providencia
Ordenou, & dispos com ordem sancta,
Que estivesse à sua obediencia,
E della em qualquer tempo se saindo,
Perdesse, o que estivesse posuindo.

28

Que o Senhor a quẽ tem dado ao menagem
Deste Castello os dous Alcaydes mòres,
Felos com grande amor a sua imagem,
De perfeyções dotados, & primores;
Por o fructo comerem de hum pomagem
Vedado,ficando elles transgressores,
E offendendo o Senhor, pagáraõ o erro,
Com penas, & trabalhos, & em desterro.

29

Mas porque vejas, que ama piedade
Mais, que o rigor,este Senhor,que digo,
Como quem he toda a suma bondade,
Naõ quis ao fim chegar neste castigo:
Porque elle mesmo intenta adversidade,
Soccorrendo ao vassallo como amigo;
O remedio lhe deo,que não pudera
Outrẽ alguẽ darlho tal, se elle o naõ dera.

30

Consolate,que a bom Senhor servimos,
Que sempre quis,& quer q̃ o homem viva,
O bem do summo bem vir sempre vimos
Da sua perfeyção,& gloria altiva:
O mal, a quem o passa atribuimos,
E de sua mesma culpa se deriva,
E jà tem por não ser o homem desfeyto,
Por elle o Senhor delle satisfeyto.

31

Olha o novo edificio reformado,
Capaz de outra mayor,& eterna gloria,
Que aquella em que jà o viste situado,
Que emfim,pois teve fim, foy transitoria:
Mil vezes soccorrido,& visitado
Pelo Senhor, que lhe alcançou victoria
Do mao que com enganos conquistando
Se andava, em sua pena vangloriando.

32

Foy este em nossa etherea hierarchia
Dos principaes,mas ensoberbecendo,
Trocava gloria em pena, em noyte o dia;
E em seu mao zello não permanecendo,
Com isto a este edificio combatia,
Até que enganosamente o foy vencendo,
Foge a soberba, segue a humildade,
Com firme fé, esperança,& charidade.

33

Entaõ como eu já claramente visse,
Ser este o espirito bom,que me guiara,
O creatura Angelica, lhe disse,
Se tua luz me não acompanhara

Em

Em tanta escuridaõ, que não cahisse,
Nenhũa humana industria me livrara,
Pois para ver agora esta tamanha
Obra, & maravilhosa, me acompanha.

34

As bellas mostras vejo, & boa figura,
Da fortaleza, que antes vi fermosa,
Mas quero notar bem sua compostura,
Seu fundamento, & traça artificiosa:
E especular por dentro obra taõ pura,
Taõ polida, excellente, & sumptuosa,
Que mostra, sendo a obra em tãto estremo,
Ser della o Architector, alto, & supremo.

35

E como vires tudo, porque estejas
Mais prompto no que vires, & notares,
Me respondeo o spirito, pois desejas
Ver deste assento as mais particulares
Peças; convem que sem ninguem te vejas,
Mas se em parte sem mim algũa andares,
Tornarmeàs ver despois que o correres
Por dentro, & fòra, se o entender quiseres.

36

Isto disse, & de mim já se apartava,
Deyxandome entre confusaõ, & medo,
Mas como sobre tudo me apertava,
Desejo de saber este segredo;
Do Castello, que se me apresentava
Com quanto me pezou irse taõ cedo
O bom espirito, que me alli guiara,
Movi o passo a ver cousa taõ rara.

37

E como jà me achasse mais ao perto,
E do que visse me certificasse;
Maravilhoume o sitio, arte, & concerto
Deste sorte, & que assi se reformasse:
Estava posto em hum graõ campo aberto,
Como que dalli tudo senhoreasse;
Alto, grande, & fermoso, era em tal modo,
Que em duas columnas sobre estava todo.

38

Mais que d'alvo alabastro, & obra prima,
Eraõ lisas, pollidas, torneadas,
De sotil artificio, & grande estima,
Sobre dous pedestais bem assentadas;
Mais delgadas embayxo do que emsima,
Por artificio raro bem lavradas;
E os dous pedestais, quando se moviaõ,
Todo o pezo comsigo em si traziaõ.

39

Era tudo taõ primo, & taõ perfeyto,
Que alegremente a vista descansava,
No alto, bayxo, largo, & mais estreyto
Proporção ordenada se mostrava:
No chapitel tinha hum dourado teyto,
Que a todo este edificio mais ornava,
Do qual huns rayos de ouro dependiaõ,
Que ao longe mais q̃ o Sol resplandeciāo.

40

Nunca acabara assaz de obra taõ clara
Especular o engenho, arte, & bondade,
Se a vista então dalli me não cegara
Minha importuna, & vã curiosidade:
Porque senti, que entaõ se começara,
Deste edificio, quasi na metade
Dos seus materiaes, hũa fortaleza,
Da mesma compostura, & natureza.

41

Como nas linhas entendi, & traça,
Ser este semelhante ao outro assento,
E que viria a ter a mesma graça,
E forma, nelle os olhos puz atento;
E vi que da materia, & propria maça,
De que era feyto o primeyro aposento,
De tres grandes sobrados, que em si tinha,
No mais bayxo a fazer outro alli vinha.

42

Neste sobrado bayxo hũa casa avia,
De grande engenho, & artificio feyta,
Na qual com espantosa geometria,
A hũa parte quasi á mão direyta,
Hum sutil Mestre de obra esta fazia,
Muy regalada, certa, & muy perfeyta,
Sendo o Mestre para isto ardido, & quēte,
Esperto, vivo, & muyto deligente.

43

O qual, antes que nada começasse
De pòr em perfeyçaõ, & sua figura,
Os materiaes tomou, com que cerrasse
Hũa abobada assaz humida, & escura;
E deyxou sò por onde respirasse,
Hum pequeno buraco, & abertura,
E por onde viesse o mantimento,
A toda a obra, & seu sustentamento.

44

E como que não estava inda seguro,
Porque ficasse bem certificada,
Fez dous panos na abobada do muro,
Que assi de fóra a tinhaõ mais guardada;
E recolher o mais sobejo, & impuro,
Da immũdicia de toda a obra lãçada,
E tudo o que para ella era contrario,
Admitindo sómente o necessario.

45

Despois de isto assi ter nesta ordem posto,
O forte começou perfeyçoarse,
Tudo por tal saber, & arte composto,
Que pòde encarecerse, & naõ contarse;
Estando edificado, & jà disposto,
Para poder de novo povoarse,
Com seus quatro retretes, & aposentos,
Jànellas, atalayas, guarda ventos.

46

Em parte parecia inda com tudo
Faltar algũa cousa á fortaleza,
Como quem vé a statua de hũ membrudo
Corpo, a que falta o esperito, & a viveza;
Ou ve hum campo solitario, & mudo,
Sem cousa viva mais, que sua rudeza;
Era emfim este forte assi acabado,
Como hum corpo sem Alma afigurado,

47

E desejando eu ver, em que parava
Esta obra taõ estranha, & peregrina,
Hũa Donzela vi, que nella entrava,
Fermosa, clara pura, & emfim divina;
De improviso ella delle se apossava,
Como senhora mais que delle digna,
Aque logo no forte quanto avia,
Servindo alegremente, obedecia.

48

Taõ bem feyta vinha esta alta senhora
A fortaleza, & armava tambem nella,
Como que feyta nella entaõ só fora:
Para ornamento ser, & forma della;
Logo as partes de dentro, & as de fóra,
Se começaraõ a mover com ella,
E se vivificaraõ de tal sorte,
Que o forte se fez muyto mais forte.

49

Viase tudo ír já de dia, em dia,
Com taõ nova senhora em crecimento,
A fortaleza em perfeyçaõ crecia,
Em boa ordem, concerto, & regimento;
E já que não coubesse parecia
Naquelle bayxo, & humido aposento,
Onde fora composta, & bem traçada,
Pola mão de seu Mestre delicada.

50

A grande fortaleza, que em si tinha,
Estoutra já tambem se carregava
Com tanto impedimento, & mal sostinha
O grande peso, & pejo, que lhe dava;
Bem que quanto de fóra bom lhe vinha,
Para a fabrica della desejava,
E deste modo já de dia, em dia,
Soportava este pejo, & agonia.

51

Atè que vindo tempo conveniente,
E conjunçaõ para o effeyto disto,
Com força & com industria sufficiente,
E saber deste artifice previsto;
O forte quasi milagrosamente
Lançado fóra dali foy visto,
Ajudado porèm, & soccorrido
Da fortaleza, de que foy nacido.

52

E como do aposento fóra esteve,
Donde fundando foy desdo começo,
Logo outro parecer crecendo teve,
Outro ser, E figura de mais preço:
A fermosa Donzella, a que se deve,
Deste alto crecimento o bom successo,
E louvor muyto, estava satisfeyta,
De ter o mando em cousa taõ perfeyta,

53

Era de todos muyto obedecida,
Era em tudo servida, & venerada,
E com quanto em prisaõ quasi metida,
Estava em parte aqui nesta morada:
Naõ era erro por naõ ser entaõ tida
Por sua casa propria em quanto amada,
Mas porque nesta a sua origem vira,
Daquella antiga torre, que caira.

54

Porque as achegas, & materiaes,
De que era feyto este novo artificio,
Tinhaõ nas mesmas partes integraes
Do outro primeyro o rasto ainda do vicio;
Naõ só na geraçaõ, & maleficio,
Mas tambem na affeyçaõ, & tudo o mais,
E deste mal deyxaraõ por herança,
Em a terra a semente, & semelhança.

55

Daqui vinha que no discurso, & augmento
Da torre, que crecia sem detença,
A real Donzella em seu proprio apozento
Por vezes teve algũa dezavença:
Foy logo no principio o regimento
Sem algũa discordia, & differença,
Mas desque a torre em forças foy crecẽdo,
Mal foy a gente della obedecendo.

56

Com tudo a bella dama amava tanto,
Em que o o riginal mal aborrecia,
Que vezes mil dissimulava quanto,
Esta liberal gente lhe fazia:

Outra hora ameaçava com espanto,
Que a governança della deyxaria,
E que como ella della emfim se fosse,
Perderiaõ seu ser, figura, & posse:

57

Mas já pella uniaõ, & licença estreyta,
Que em casa tinha, consentia outra hora,
E da culpa em seu damno mesmo feyta,
Parecia ser della a causadora:
Porque os descobridores da sospeyta
Do mal, ou bem, que sentiaõ de fóra,
Muytas vezes o mal por bem traziaõ.
E a senhora, & os criados consentiaõ.

58

Outra hora resistia com prudencia,
Por ser de alto, & real entendimento,
E convinha a sua alta preminencia,
Naõ ter no mal nenhum consentimento:
Que para tudo tinha sufficiencia,
E do bem, & do mal conhecimento,
Mas jà da fortaleza parecia,
Que imperfeyções sofrer mais não podia.

59

Com toda a policia edificada,
De todos os primores abundante,
Em tudo parecia consumada,
E que em nada podia ir mais avante:
Toda de fóra se mostrava ornada
De hũa viveza, & graça triunfante,
Forte, nova, alta, fresca florecente,
Rica, servida bem, leda, contente.

60

E como por de fóra assi estivesse,
Com tanto lustro, graça, & fermosura,
Desejey ver se a isto respondesse
A fabrica de dentro, & compostura:
E porque nisto me satisfizesse,
Me pareceo com vista clara, & pura,
Que avia por de dentro, & com espanto,
Tudo como direy nestoutro Canto.

CANTO II.

1

ALtas obras soberbas, & arrogantes,
D' espantosa, & sutil Architectura,
Ouve em tempo passado, outras galantes
De pincel, perspectiva, & de esculptura:
Mil illustres Varões, como Tymanthes,
Prothogenes, Polides, na pintura,
Hũ Plydias, & hũ Chrisipo, & hũ Praxitéles,
Zeusis, Parrasio, & o celebrado Apelles.

2

Dedalo o laberintho embaraçado,
E Symiramis fez muro espantoso;
Fezse em Epheso o Templo celebrado,
E em Rhodes o colosso ao sol grandioso.
Fez ao marido seu Mausolo amado,
Arthimisa sepulchro, alto, & honroso,
E outras torres, & altos edificios,
E de maravilhosos artificios,

3

Mas como feytos saõ por maõ humana,
Naõ podem dilatarse em infinito,
Por terra jaz o Templo de Diana,
E jazem as pyramides de Egypto:
Mil columnas de antiga obra Romana,
Arcos, statuas de alto, & vivo spirito,
O tempo duro, que de tudo aferra,
Os tem desfeytos, & postos por terra.

4

Porém a cimetria compassada,
E sobrenatural proporção viva,
Em que naõ pode o tempo ter alçada,
Do corpo humano, & Architectura altiva;
De idade a idade a vemos propagada,
Para a fazer perpetua, & que reviva
A quella maõ Divina là de cima,
Que a fez de nada, & o ser lhe deo, & estima.

5

Os Philosophos grandes com sciencia
De incançavel industria, que alcançaraõ
Das cousas naturaes a propria essencia,
E todos altamente especularaõ;
Nenhũa de mais alta arte, & excellencia,
Entre todas, q̃ o corpo humano acharaõ.
De forma, & de materia hum só supposto,
Com tamanho primor feyto, & composto.

6

Mas tornando a meu sonho, que contente
Me tinha, desejando eu ver de perto
O mais da Fortaleza, alta & excellente,
Que por dẽtro me estava ainda encuberto:
Naõ sey como assi logo estranhamente
Me foy tudo mostrado, & tudo aberto,
Como parte por parte aqui contara,
Se me a fraca memoria naõ faltara.

7

Eftava a Fortaleza repartida,
Affi toda por dentro, em tres fobrados,
Ou tres principaes quartos, & cingida
Por de fora de muros bem lavrados:
Corriaõ fe eftes com certa medida,
E jufta proporçaõ bem compaffados,
E tinha cada hum delles feu mórdomo,
Ou Vèdor de grande cargo, & tomo.

8

E querendo olhar eu para o do meo,
Por lhe ver mais eftado, ricamente
De tudo ataviado, ornado & cheo,
Parecendo mancebo inda valente:
Maravilhoume ver hum bom meneo,
E movimento feu continuamente,
Com muyto ar fem força, nem defeyto,
Mas de feu natural hum dom perfeyto.

9

Davalhe grande authoridade, & brio
Hum tabardo de mangas, que veftia,
Com que moftrava mando, & fenhorio
Em toda a gente, que na terra avia:
E por feu apofento fer de eftio,
E muyto calurofo, fe fervia
De muytos pagẽs feus, que o banhavaõ,
E de ar fereno, & frio o refrefcavaõ,

10

Por eftar nũa eftufa muyto quente,
Movendofe continuo, & affi convinha,
Para o qual, como meftre diligente,
Hũs dous abanos junto de fi tinha:
Aos quais hum ar frio inceffantemente
Para feu refrigerio bem lhe vinha,
Por hũs canos de fóra admittindo,
O mais, & mais fumozo defpedindo.

11

Defta eftufa era fempre bem provida,
E fuftentada toda a Fortaleza,
Por feus canos lhe dando fpirito, & vida,
E de feu vivo fogo a tendo acceza:
Para efte fim hũa cafa alli efcondida
Com promptidaõ eftava, & com vivefa,
O fotil meftre da obra, que fervia
De acender efte fogo, & o partia.

12

E como efta graõ fabrica, & eftranha obra,
Toda em tres regiões fe devidia
Em partes principaes o meftre da obra
Em todo o edeficio, & companhia
Se via deligente a toda a hora,
Porque em eftas mais vivo refidia,
E em que nefte apofento mais morava,
Nos outros dous mudãdo o nome andava.

13

Porèm como o moverfe he com graõ calma,
O mòrdomo, que dice valerofo,
Sujeyto eftava aos accidentes d'alma,
Hora ledo, hora trifte, hora medrofo:
Outra hora a ira, q́ eftá fempre em calma,
Dominava, & outro hora vergonhofo,
Com efperanças, fem as ter outra hora,
Se alterava. & mudavafe cada hora.

14

E com conhecimento falfo, ou certo,
As coufas, que de fóra procediaõ,
Ao meftre da obra fempre vivo, & efperto,
Deffe feu apofento como viaõ,
Fazendoo eftar as triftes encuberto,
Por toda a torre as ledas o traziaõ,
Com tanta variaçaõ, que de tal verfe,
Eftava a rifco às vezes deperderfe,

15

Mas tinha mais, a fim de recrearfe
Efte rico mórdomo os dous abanos,
Em que bem delles foy aproveytarfe
Noutros ferviços feus por outros canos;
Porque no meyo delles vi formarfe
Hũa frauta cuberta de dous panos,
E atè o centro da torre hia direyta,
Fazendo varia mufica, & perfeyta.

16

Com hũa fotil porta eftava obrada,
No cabo della hũa cabeça, ou chave,
Que dos pagẽs, & outros bem tocada,
Caufava efta harmonia taõ fuave;
No fom, que elles querraõ temperada,
Soava, ou alto, ou bayxo, agudo, ou grave,
Com que gofto, & proveyto recebia
O veador, & toda a companhia.

17

Tinha fortificado efte apofento,
E repayrado em roda hum forte muro,
E da parte de fóra hum bom affento,
Duas fontes num quafi contra muro,
Que trazendo de dentro o nacimento,
O faziaõ de dentro mais feguro;
Mas eftas duas fontes pareciaõ,
Eftar fecas entaõ, & naõ corriaõ.

18

Depois de eu ter vifto parte, por parte,
Defta cafa do meyo, & forma della
A fabrica, concerto, a ordem, & arte,
A providencia, & bom ferviço della;

Como

Como se ali montava cada parte,
De toda a fortaleza, assi por ella
Repartindo com grande provimento,
Seu liquido, & aparado mantimento:

19

Daqui ao aposento mais de cima,
Me passey logo, ao mais alto sobrado,
E se o do meyo tive em muyta estima,
Deste inda fiquey mais maravilhado;
Por sua perfeyção, sua obra prima,
E o lugar, em que estava situado;
Sobre a entrada da Torre com fermosa,
E aprazivel vista, & espaçoza.

20

Procedia com muyta authoridade,
Deste quarto o mórdomo nobre,& antigo,
De hũa abobada forte, & na metade,
Por ser lugar muy aluo; & de perigo;
De hum siso era maduro, & gravidade,
Velho,branco,& das letras muyto amigo,
E assi gastar philosophando o tempo,
Avia por mór gosto, & passa tempo.

21

Vestida tinha hũa opa roçagante,
Que por todas as partes o cobria;
Nũa casa d' abobada galante,
E armada de gentil tapeçaria;
Atada por detraz, & por diante,
Por juntas, que a abobada fazia,
Noutro pano de fóra, que aguardava,
E para o mais servisso ali estava.

22

Alem deste graõ pano, que a cereava,
Por de fóra tinha outros dous em roda,
Com que provida, & mais fortificada,
E parecia estar cerrada toda; (nava,
Tambem de hũ musgo, & hervas se ador-
De fóra a superficie, & toda a roda;
Que estando alta assi, & do Sol lustrada,
Mostrava hũa fermosa cor dourada.

23

Em oyto partes era dividida,
Bem que continua, & junta na figura,
Esta abobada taõ cerrada, & unida,
Que naõ se devisava ter costura;
Mas pellas, em que estava repartida,
Servindose exhalava de mistura,
Todo o fumo sobejo, que lhe vinha
Dos sobrados de bayxo da cozinha.

24

Mas o Sabio ansiaõ, & bom mórdomo,
Que neste alto aposento residia,
Com graõ cuydado, & diligencia como
Esperto, & prompto, estava noyte, & dia,
Em sua esphera, como em celeste tomo,
Hora do mundo a grande Monarchia,
Comtemplava com grãde,& vario estudo,
Hora o desfazer dellas, & de tudo.

25

Para isto livraria de diversos
Authores tinha grande, & muy polida,
De varios casos, prosperos, & adversos,
Em tres camaras juntas repartida;
A primeyra, ou em prosa, ou doces versos,
Continha alegre fabula fingida,
Leys a segunda, & a Philosophia antiga,
A terceyra historia grave tinha.

26

E desta livraria de maneyra,
Compassadas estavaõ as estantes;
Que a camara segunda, & a primeyra
Tinhaõ livros mudaveis, & inconstanstes;
Mas os outros da camara terceyra
Estavaõ fixos quasi, & mais constantes,
E assi os que dos dous mais lhe aprazia,
Nesta terceyra sempre os recolhia.

27

Da sua condiçaõ, & natureza,
A par de si o sabio outro tinha,
Que a fabrica de toda a Fortaleza
Quasi em lugar do velho pay sostinha:
E a torre hora inclinada, outra hora teza
Fazia estar, segundo lhe convinha,
Por meyo de hum esteyo de artificio,
A que encostado estava este edificio.

28

E por detras da abobada decia
Esta coluna até o fim dos sobrados,
Pela parte de dentro oca, & vasia,
Mas com trinta canudos bem ligados;
E em que de dentro vãos, de cantaria
Eraõ firmes, direytos, torneados:
Ficando assi columna desta sorte,
Cuberta de dous pannos, & muy forte.

29

Por dentro da columna discorrendo,
Do velho a filha andava diligente,
Ella, & o pay nas mãos atadas tendo
Setenta, & finco cordas longamente:
As quais por toda a torre se estendendo,
Dispertavaõ para o serviço a gente,
Dando força, & vigor ao movimento,
Que necessario era, & ao sentimento.

30
Destas nervozas cordas sete partes,
O velho estudioso governando,
Com sinco pares dellas os lugares
Mais secretos da abobada ; & espertando
Os mais criados, & familiares
Da casa, & os dous mais hião liando ;
E os trinta pares repartidos tinha,
Por toda a torre a filha, onde convinha.

31
Mas porque dos trabalhos excessivos
Da torre os servidores, & exercicio,
Se pudesse fazer, & andar mais vivos,
E esforçados cada hum com seu officio:
Foy dado aos spirtos sensitivos,
E aos motivos, por grande beneficio,
Hum repouzo, & descanso conveniente,
A que chamamos somnos vulgarmente.

32
Delle era causa immediata, & certa,
O sotil mestre da obra, que habitava
No apozento do meyo, & tinha esperta
Da Fortaleza a gente, & alimentava ;
E quando ainda mais tinha encuberta
Sua virtude, & o fogo, a conservava,
Repousava da torre a companhia,
O velho, & a filha as cordas naõ movia,

33
Ajudava tambem, que as humildades,
E fumos, que exhalavão, & sobiaõ
Da cozinha, & das mais concavidades,
A esta virtude o caminho impediaõ :
E adormecendo os velhos, & os Alcaydes
Da Torre, os servidores naõ boliaõ,
Do movimento a causa assi cessando,
O sentimento entaõ nada operando.

34
Pela parte de fóra do artificio,
No sobrado mais alto, & luminoso,
Junto do chapitel, & frontespicio,
Hum molde de janelas vi fermoso :
Eraõ tres pares, cada par officio
Diverso tinha, & muyto proveytoso ;
As mais altas de estranha fermosura,
Varios no sitio, o fficio, & na figura.

35
Tinha cada hũa dellas sua espia,
E atalaya de grande vigilancia,
Que ao longe, & perto d'alto descubria
Tudo, o que parecia de importancia :
Aprezentando logo, o que sentia,
A hũa atalaya mór, que noutra estancia
Desta abobada estava apozentada,
Para este cargo dentro deputada.

36
Assentados estavaõ sobre fino
Marfim, duas janellas alterosas,
Com vidraças de hum puro cristalino,
Que as fazia mais claras, & lustrosas :
E para defenderse do ar maligno,
Ou doutra cousa má hũas fermosas
Cortinas de cadilhos se cerravão,
E quando era necessario abrir tornavaõ.

37
Por cima da cortina, & corridiças,
Cada janella tinha sua cimalha,
Para reparo, arcadas, & maciças,
Cubertas de hũa curta, & seca palha :
Eraõ como convinha movediças, (lha,
Ambas de hũ lavor mesmo, & de hũa igua-
E alem de reparar da chuva, & vento,
Davaõ graça as janellas, & vénto,

38
Logo em direyto estavaõ, & alem destas,
Duas de outro feytio, & de outra arte,
Discubertas ao vento, & manifestas,
Cada hũa a cada mão do baluarte :
E em caracol, & em voltas duas frestas
Tinhaõ feytas na mais ultima parte,
Das quais duas escuras de vigia,
Cada hũa dava aviso, do que ouvia.]

39
Abayxo destas quatro inda outras duas
Por cima do portal da Torre estavaõ,
Com grande engenho feytas, & com suas
Espias, que do cheyro só avisavão :
Dos dous sobrados altos duas ruas,
Aqui vinhaõ, por onde se purgavaõ
As superfluidades, que deciaõ,
E dentro o fresco alento recolhiaõ.

40
Destas janellas logo abayxo estava
O graõ portal da Torre, & serventia,
Nesta mais alta parte, em que mostrava
Estranha Architectura, & geometria:
Por aqui todo o necessario entrava,
De tudo quanto a Torre se servia,
E para isto poder ser sem trabalho,
Hũ grão remedio se ordenou, & trabalho.

41
Que sobre os dous sobrados derradeyros,
E mais bayxos cada hum à sua parte,
Estavaõ dous robustos carreteyros,
De muy grande serviço, engenho, & arte :

Que alèm de grandes ſerem, eraõ ligeyros,
Que chegavaõ corrẽdo a qualquer parte,
Acarretando tudo com preſteza
Para conſervaçaõ da Fortaleza.

42

Eſtes dóus carreteyros ſuſtentados
Eraõ por ſeu ſerviço, & provimento,
Da meſma Torre, em que foraõ criados,
Com todo neceſſario mantimento:
Tendo delles cada hum ſinco criados,
Que a tudo davaõ grande aviamento,
E porque em ſeu trabalho ſẽpre andavaõ,
As cabeças de bons caſos armavaõ.

43

Serviaõ com cuydado, & diligencia,
Eſtes criados dez continuamente,
Sendo o principal toque, & experiencia,
Do humido, do ſeco, frio, ou quente
Em qualquer mechanica arte, ou ſciencia,
Alem de obrarem neceſſariamente,
Com armas reſiſtiaõ á toda offenſa,
Da Torre, della ſendo a mór defenſa.

44

E defóra da entrada, & ſerventia
Da Torre, dous porteyros ſempre eſtavaõ
Luſtroſos, & veſtidos de alegria,
Que as portas cõ cuydado bem guardavaõ:
Tambem o ſom da frauta, & armonia,
Com movimento ſeu perfeyçoavaõ,
E aſſi dos tres mordomos dos ſobrados,
Eraõ por iſto em tudo alimentados.

45

Das portas para dentro logo entrando,
De grande fabrica hum moinho tinha,
O qual moendo eſtava, & preparando
Tudo, o que avia de ir para a cozinha:
Moido & brando dentro alli mandando
O mantimento, que de fóra vinha,
Com eſta proporção conveniente,
Se repartia, & hia a toda a gente:

46

Neſte moinho junto os dous porteyros,
Eſtando juntamente em ſeu officio,
Duros, & rijos trinta & dous moleyros,
De grande força, & util exercicio:
Daqui tirados fóra outros primeyros,
Foraõ por graõ fraqueza ſua, & vicio,
E os que agora mohiaõ com deſtreza,
Todos branco veſtiaõ por limpeza.

47

Tinha cada hum delles ſua morada,
Em dous lanços de penedo, que avia,
Entre elles hũa dona experimentada,
Eſperta andava & prompta noyte, & dia:
E della era approvada, ou reprovada
A farinha de quanto ſe mohia,
Provando ſe era ſaboroſa, & alva,
Porque era ella gentil meſtra de ſalva.

48

Em toda a Fortaleza era importante
O cargo deſta dona reverenda,
Sendo frauta, & interprete elegante
Em tudo, alem do mando, & da moenda:
Dava tambem ao ſom doce, & galante,
Da frauta, o ar, compaſſo, graça, emmẽda,
Toda a fabrica emfim deſta taõ clara
Torre, ſem eſta dona mal paſſara.

49

Mas por ſer ella femea, hum quaſi freo,
Por naõ hir longe, a tinha preza, & atada,
Bem que em nove criados de hum arreo,
E de hũa librè andava ella encoitada:
Que por ſer de tal graça, & bom meneo,
Servida era de todos, & acatada,
E por julgar os goſtos na verdade,
Cercada ſempre andava de humildade.

50

Mas porque quando em caſa repouſava,
Eſta humidade muyta a naõ enojaſſe,
Duas eſponjas tinha, em que tomava,
E recolhia o mais, que ſobejaſſe:
E tambem porque lá dentro importava
Todo o humido ſobejo, ou ar, que entraſſe,
Tinha logo alem mais hũa anteporta,
Que reſiſtia ao ſobejo ar da porta.

51

Alem deſta anteporta pareciaõ
Os dous principaes cannos deſta Torre,
Por hum delles os freſcos ares hiaõ,
Com que o Veador do meyo ſe ſoccorre:
Por outro canno tudo, o que mohiaõ
Os moleyros, & o que à cozinha corre,
E nella do primeyro cozimento,
Se preparava todo o mantimento.

52

Mas ao quarto do meyo eſta cozinha,
Huma groſſa parede dividia,
Porque aqui perto ſua morada tinha
O mordomo, que nelle preſidia:
O fogo, & fumo della, que lhe vinha,
Todo tomado tem por eſta via,
E cõ a parede ſalvo, & defendido,
Fica ſeu apozento dividido.

53
Cos tres cannos por onde era provida
Toda a fabrica, & gente, que aqui estava,
Estando esta parede interrompida,
Nella o quarto do meyo se acabava:
Em hũa graõ cozinha, & bem servida,
Onde o quarto de baixo começava,
Ou tambem logo nella comecando,
Tudo o que nella avia fuy notando.

54
Capaz era a cozinha, & suficiente
Para cozerse nella o mantimento,
Que pudesse bastar a toda a gente,
E de muyto artificio, & provimento:
Com vivo fogo estava sempre quente,
Para todo o serviço, & cozimento,
Num vaso de duas bocas, bem o brado,
Sendo tudo cozido, & preparado.

55
Pella boca mais alta se metia
O que vinha a cozerse, & digerirse,
Pella outra bayxa o mais se despedia,
Do que menos aviaõ de servirse:
E junto desta boca bayxa avia
Hũs quatro cannos para repatirse
Hum certo manjar branco, & imperfeyto,
Neste primeyro cozimento feyto.

56
E assi desta mesma obra outros mayores
Seis cannos juntamente procediáo,
Por onde da cozinha os servidores
As fezes, & superfluo despidiaõ:
Destes cannos tambem outros mayores,
Por mais apurar tudo, inda naciaõ,
Por hũa tea grossa derramados,
Com proveyto, & limpeza assi ordenados.

57
Destes seis em o bayxo taõ somente
Hũs tres moços avia de serviço,
Que por estar entre elles mais corrente,
Estavaõ nelle postos já para isso:
E no remate delle ultimamente
Estavaõ outros quatro tambem nisso,
Promptos em alimpar, cerrãdo, & abrin-
E cõ outros na Torre bem servindo. (do,

58
Presidindo neste ultimo sobrado,
E quarto, inda outro principal mòrdomo,
De graõ negociamento, venerado,
Muyto importante, & bem servindo como
Cada hum dos outros dous; alcatruzado
Hũ pouco, muyto grave, & homem de to-
[mo,
Tiste no parecer, mas no suposto,
Alegre no albernoz de grã bem posto.

59
Junto à cozinha tendo o apozento,
Mandava della vir por ordenança,
Sò da primeyra estancia, & cozimento,
De todo o manjar branco em abastança:
Fazia entaõ todo este mantimento
Outra vez recozer com temperança,
Que mais puro, & cada hum por sua via,
Entre todos na Torre se repartia.

60
E assi despois de jà ser bem cozido
Este manjar, que a todos sustentava,
Sendo em quatro licores convertido,
Diverso ser hum só na cor mostrava:
Mas destes, mal conforme, ou desmedido
Se algum muyto mingoava, ou sobejava,
Fòra de proporção, & saã concordia,
Em toda a Fortaleza avia discordia.

61
Pello contrario em justa cantidade,
Em liquido vermelho misturado,
Se este manjar se dà com suavidade,
Todo este assento está delle abastado:
Daqui deste apozento, por metade
Da Torre corre inda hũ, & outro sobrado;
E por cubertos cannos vay mandando,
A toda a gente della alimentando.

62
E com quanto assi leva sua mistura,
Por mais bastar a todos, em chegando
Ao apozento do meyo, ali se apura
Summamente, & se vay adelgassando:
E daqui o mòrdomo com mão pura,
Despois que bem o atina està mandando,
Purificando a toda a Fortaleza,
Por outros sotis cannos com destreza.

63
Mas tinha este mais bayxo em sua estancia
A par de si, por grande beneficio
Da torre, dous criados de importancia,
Providos cada qual com seu officio:
O primeyro com sua vigilancia,
Sentindo aver secura no edificio,
Por certos cannos, que para isso tinha,
Espertava graõ sede na cozinha.

64
Vestiase de hum verde sempre escuro,
Por estremo colerico, & agastado,
E taõ azedo, que por todo o muro
Se via andar às vezes de enojado:

Tambem causava ser manjar impuro,
Da cozinha o superfluo seu lançado
Por seis humidos cannos dalli fòra,
Quando para isso avia tempo, & hora.

65

O segundo criado era tristonho
No corpo, & no vestido, hũ homem basso,
Menenconizadissimo, & enfadonho,
De mà conversação, & pouco passo:
Era medrozo, & em si muyto medonho,
Morto de fome sempre, & muyto escasso,
Mas o comer pedia para a gente,
Nisto bem apurado, & diligente.

66

Abayxo logo destes, dous estavaõ
No apurado comer tambem servindo,
No corpo, traça, & idade conformavaõ,
Num mesmo officio não se dezavindo:
Toda a superflua agoa a si chamava,
Por seus cannos dos outros iguaes vindo,
Tendo na mão huns vazos coadores,
Que coavaõ esta agoa, & outros humores.

67

Em si retendo só a potagem boa,
Toda a outra agoa coada se metia
Por dous cannos sotis nũa alagoa,
Que de grande artificio dentro avia:
Esta agoa que he salgada, & aqui se coa,
Da Torre fóra emfim se despedia,
Por outro canno em voltas, & deste modo,
Vinha assim a sair fóra de todo.

68

Este apozento abayxo se cercava
Com paredes tambem, & com seu muro,
Com que emparado, & que onte assi ficava
Aos perigos de fòra, & mais seguro:
Onde era necessario brando estava
Em parte, em outras partes firme, & duro,
Finalmente de tudo muy provido,
De gente de serviço bem servido.

69

E porque esta taõ bella Fortaleza
Nunca o tempo de todo a desfizesse,
Ordenou da obra o mestre com destreza,
Que de fóra da Torre sempre ouvesse
Dous naturaes Irmãos, cuja viveza,
Outros materiaes spiritos desse,
Para se fazer o novo edificio,
Por delicados meyos, & artificio.

70

Todos tres apozentos, & sobrados,
Sobre duas columnas se assentavaõ;
E ao pè dellas entre elles gazalhados
Estes dous naturaes Irmãos estavaõ:
As columnas seus pedrestaes pegados
Nas mais delgadas partes ter mostravão,
E o mais grosso para cima tinha,
A outra Torre, de que esta nascer vinha.

71

Sendo pois como dice taõ fermoso
Este novo edificio, & taõ pollido,
Dentro, & fòra em estremo artificioso,
E tudo jà por mim visto, & corrido:
No Artifice cuydando poderoso,
Que de tudo o fizera taõ provido,
Estava eu contentando a vista nelle,
Sem de todo a poder apartar delle.

72

Quando enlevado assi me parecia,
Que com triste mudança estranha, & dura,
Este grande edificio decahia
De sua graça alegre, & fermosura:
A maquina total se desfazia,
Vindo abayxo de sua mòr altura,
Thè de todo cair por derradeyro,
Como no Canto cantarey terceyro.

CANTO III.

1

O Vida humana taõ caduca, & breve,
O falsa gloria della, & imperfeyta
A que mais dura fica a hum somno leve,
Ao tempo, ao fado, á morte emfim sujeita:
Qué mais cõta fez della, & em mais a teve,
Com mór dor, & tristeza a vio desfeyta,
Passa, & seu fim remata em pràto, & magoa,
Enchendo como fumo os olhos de agoa.

2

Em que parou da terra o mòr Tirano,
Com prospera fortuna, ou com adversa?
Em que parou o graõ ceptro Romano,
Em que o Grego, o Medo, o Cyro, o Persa?
De hũa hora incerta hũ certo dezengano,
Daquella hora final, dura, & perversa,
Triste odiosa a todos, tudo em terra,
Em muyto esquecimento, & pouca terra.

3

Na antiga idade douro, em que abundança
Saudavel da terra florecia,
Em que a saude, & util temperança,
Nos homés, & Elementos mais avia;
Dos innumeros annos a abastança,
A muytos pouca, & breve parecia,
Que o calado ladraõ a todos furta
A longa vida, & faz parecer curta.

4

Quem vive por viver só nesta vida
Docemente, no fim chorosa, & amarga,
Em que do Ceo lhe seja concedida,
Que a de Mathusalem muyto mais larga:
Que mais he que na misera partida,
Em q̃ ha de ir ter, levar muyta mais carga;
Mas quẽ somẽte aspira à eterna, & sancta,
Para ella alegre, & leve se levanta.

5

Levantase a alma leve à mór altura,
Do seu charo inimigo desatada,
Ou das obras levada clara, & pura,
Ou à prisaõ perpetua condemnada:
Toda inferior cousa, & creatura,
De materia, & de forma fabricada,
Por mais, que viva, emfim seu fim aspera,
Que assi o quis, quem fez a grande sphera.

6

Mas nunca a ninguem basta esta certeza,
Para que a dura parca inexoravel,
Espanto lhe não cause, dór tristeza,
Com seu golpe cruel, & irreparavel:
Assi vendo o da bella Fortaleza,
A miseravel queda em que duravel,
Sabia nacer nada: entristiceome,
E cousa estranha, & grave pareceome:

7

Naõ sonhava eu que avia desfazerse,
Com subita ruina, este edificio,
Mas que por tempo avia envelhecerse,
Cada parte cessando em seu officio:
E o governo, & economia perderse,
Com sua ordem certa, & exercicio,
Naõ servindo os vasallos à senhora,
Te que ella triste se sahia fora.

8

Triste se hia, por mal obedecida,
Para queyxarse, na lusida esphera,
Ao senhor, que a esta envelhecida
Casa sua a mandara, & vir fizera,
Triste se hia confusa, & arrependida
Do mao viver; mas mais viver quisera
Na sua antiga, & taõ chara morada,
Que só por terra jaz desemparada.

9

Fazendo mal os grandes, & os menores,
Cada qual seu devido regimento,
Naõ madãdo os mórdomos, & Veadores,
E naõ avendo em nada certo assento:
Veo o commum manjar com seos licores,
Todos quatro a hum tal corrompimento,
Que as partes principaes, & as outras logo,
Enfraquecião, & se esfriou o fogo.

10

Porque daqui naceo, que consumindo
Se foy o mestre da obra diligente,
E com elle de mal em peor indo,
Os Capitães da Torre, & outra gente:
E os servidores todos mal servindo,
Os de dentro, & os de fóra juntamente,
Em todos se enxergava hũa frieza,
De estranha forma, & misera fraqueza.

11

Os mais dos trinta & dous brãcos moleyros,
Que estavaõ no moinho, se faziaõ
Debilitados já, como os primeyros,
E sem poder moer fóra cahiaõ:
Outros, que em seu vigor, ainda q̃ inteyros
Ficavaõ, por fraqueza não serviaõ,
E por estarem ali mais arreygados
Ficavaõ com o velho apozentados.

12

Envelhecendo assi tanto o edificio,
De fóra a graça, & lustre hia mudando,
Atè no chapitel, & frontispicio,
Murchando as flores se hiaõ, & arrãcãdo;
Porque ja naõ lhes sendo taõ propicio
O calor, & alimento, como quando
Em seu vigor, & perfeyção estavaõ,
Em fria, & branca a cor d'ouro tornavaõ.

13

Aquelles dous robustos, & valentes
Carreteyros cansadamente andavaõ,
E já mais floxamente, & negligentes,
O necessario à Torre acarretavaõ:
Tambem os dez criados diligentes,
Como tolhidos mal se meneavaõ,
E já as columnas grossas, que traziaõ
O pezo sobre si, fracas tremiaõ,

14

Com tal fraqueza, & continuos temores,
Torre ameaçavaõ á final queda:
Estavaõ sem repouso os Veadores,
E toda a gente fraca, & pouco leda:

Da salva a mestra já deyxa os sabores,
E cada hum de seu cargo já se arreda;
Arruinando por mil partes o muro,
Abalado se mostra, & mal seguro.

15

Atonito com grande dor, & espanto,
Que alli ficava entaõ me parecia,
Por tam fero spectaculo, & com tanto
Estrondo lachrymoso, como avia:
Porque de fóra estar em alto pranto
Muyta gente funesta, & triste via,
A mortifera queda desta sorte,
Carpindo, & da sua gente a fera morte:

16

E o que mais me espanta, sobre tudo,
Da machina lançada alli por terra,
Que o material todo, & o campo mudo,
Hum vil panno de lenço dentro encerra,
E a quem estando em pé foy pouco tudo,
A cobria cahindo hũa pouca terra,
Estando eu nisto cuydadoso, & aflicto,
Tornava a parecerme aquelle spirito.

17

Aquelle spirito bom, fermoso, & puro,
Que ao entrar da Torre me deyxara,
Em cuja companhia eu muy seguro
Por arriscados passos já passara:
Tornouseme com elle o triste, & escuro
Tempo puro, & sereno, & a noyte clara,
E pondo eu leve, & ledo os olhos nelle,
Alli me começou de fallar elle.

18

Que fazes, fraco, aqui? que cuydas triste,
Mortal, terreno, cego, & descuydado?
Porque naõ te aproveytas, do que viste,
No mal doutrem por teu bẽ doutrinado?
Naõ he vaõ sonho naõ, o em que consiste
Perdereste, ou salvareste coytado;
Os olhos abre já esperto, & pronto,
Regúla a vida só por este ponto.

19

Quem te criou, & quem te fez de nada,
Dandote o ser, a forma intellectiva,
Te meteo nesta Torre encarcerada,
Naõ foy, para que nella sempre viva:
Mas para merecer nesta jornada,
Com suas obras a outra eterna, & altiva,
Com suas obras tingidas no purissimo
Sangue do bõ Cordeyro innocentissimo.

20

Para isto vive só, para isto estima
Qualquer bẽ tẽporal, q̃ este he seu preço;
O que naõ for para isso desestima,
E no fim o despreza, & no começo:
O bem perfeyto & firme lá esta em cima,
Sem falta lá seguro, & sem excesso,
Dasse immenso a cada hũ no claro assento,
Mas medido por seu merecimento.

21

Dasse penna a quem isto desmerece,
Tambem sem nenhum fim, & sem medida,
As quais por sua culpa só padece,
Propondo á vida eterna a breve vida:
Esta, que em torpes vicios envelhece,
Até lhe ser de todo consumida,
Da alma a satisfaçaõ lho verefica,
E o que da terra he na terra fica.

22

Isto he, o que tens visto, & o que notaste
No processo, & discurso deste forte,
Que naõ he mais, se o bem consideraste,
Que hũ vivo homẽ sujeyto á cõmũ morte:
Tu por dentro, & por fora especulaste,
E viste cada parte, de tal sorte,
Que ser hum corpo humano organizado,
Declararte a verey por escusado.

23

Fello Deos como a ty mortal, terreno,
Mas fello racional capaz do Ceo,
Fez o graõ mundo, & fez este pequeno,
E nelle por salvalo emfim deceo
A homem se fazer: com hum aceno,
E quem o ser ao Ceo, & á terra deo,
Em hũa Cruz quiz ser alevantado,
Para trazer a si todo o criado.

24

Remirte, ò homem, quiz Deos sempiterno,
Com resgate de amor maravilhoso,
Dando por si seu filho igual Coeterno,
O qual fazendose homem piedozo,
Por te livrar da morte, & escuro Inferno,
Deo sua vida, & sangue precioso;
Pois com que vidas tu pagarlhe entendes
Se com a que te deo tanto o offendes?

25

Será razaõ que deça de sua altura
A bayxa terra, só por darte vida,
A sua offerecendo santa, & pura,
Com tanto excesso, & tanta dor crecida,
Na Cruz a tanta injuria, à morte dura,
E que seja taõ mal agradecida,
Que elle morra sò para tu viveres,
E tu que vivas só para o offenderes?

26

Enganado, perdido, ingrato, & cego,
Como dormir, como viver, te atreves?
Como afogarte no profundo pègo
Naõ temes, carregado do que deves?
Emmenda a vida não cõ o mao emprego,
Em quanto tempo tẽs, que as horas leves
Se vão, sem esperar, como a figura,
Para isso a derradeyra, triste, & escura.

27

No diluvio cruel, & mar contrario,
De teus vicios, em que andas engolfado,
Buscar do bom Noé te he necessario
A santa arca, que em terra tem lavrado:
Naõ no monte de Armenia, mas Clavario,
No graõ Clavario monte celebrado,
Do Adão segundo busca a arvore sancta,
Que elle por te salvar no mundo pranta.

28

Colhe pois sem receo, & confiado,
Della o fructo divido, & tão jucundo,
Naõ o que a Adaõ primeyro foy vedado,
Mas o que deo a todos o segundo:
Do Ceo vindo, & na terra foy plantado,
Para que nella viva o morto mundo,
Dum puro Lirio nace hũa flor taõ pura,
No valle por subir tudo à altura.

29

Olha na sagrada arvore pendendo,
Do ventre virginal o fructo suave,
Para dar bẽs os braços estendendo,
Como posta lhe foy coroa grave;
Por te esperar se à vista o vas perdendo,
Pregados pès, & mãos tem na alta trave,
E para recolherte no deserto,
Perdida ovelha, o lado tem aberto.

30

O lado, fonte viva, donde mãna,
Com sangue, & agua assaz graça infinita,
Que gostandote bem a gente humana,
Que vive vida morta, resuscita:
Gloria fica da morte soberana,
Consola, & apura em fogo a alma aflicta,
Tu purifica fonte tudo regas,
E a quem te quer gostar nunca te negas.

31

De tua perenal clara corrente,
Nacem divinos Rios sem discordia,
Que essa Cidade regaõ refulgente
De Deos, q̃ tem a terra em sam concordia:
Quatro Rios de graça sufficiente,
De justiça, de amor, misericordia,
E todo o bom, que a seu Deos cõmunica,
Em ti, ó fonte santa purifica.

32

A ti, os que da vida sede trazem,
Tua agua salutifera buscando,
Quanto mais della em ti se satisfazem,
Tanto com gosto a estão mais dezejando:
De terrena jà pura ser a fazem,
Seu bom estado em graça renovando,
Os que te bebem, & teus Rios habitaõ,
E bayxo do guiaõ da Cruz militaõ.

33

Ataõ liquida vea, & fresca fonte,
Corre pois, peccador, lavarte nella,
Bayxos olhos levanta ao alto monte,
Aquelle monte sancto donde nace ella:
E vella ensangoentada naõ te afronte,
Que he mais fermosa assi, q̃ toda a Estrella,
Esse divino sangue, em que tingida
Vez a sancta agua, te he saude, & vida:

34

Faze tua morada nesta viva
Singular pedra onde a doce agua nace,
E donde mel, & leyte se deriva,
Que o Ceo, & a terra alegremente pace:
Por esta escada sobe á estranha altura,
Que o grãde Jacob vio, q̃ ao Ceo chegasse,
Por ella Anjos do Ceo à terra decem,
Sobem ladroẽs ao Ceo, que a reconhecem.

35

Vay banharte doente, & tão leproso,
Neste divino, & sacro Rio Jordão,
Passa o da lepra jà saõ, & fermoso,
Para na terra entrar de promissaõ:
Foge, & sayte do Egypto trabalhoso,
Donde te tem teus erros em prizaõ,
Passa do sangue & agua o mar vermelho,
Livre do captiveyro antigo & velho.

36

Olha a sagrada letra, que Ezechias,
Em Hierusalem vio impressa & escripta
Nas testas dos, que estavaõ de agonias,
E a alma tinhaõ triste, & muy aflicta;
Enche os coraçoẽs esta de alegrias
Perpetuas: & lhes dà graça infinita,
Agora cũ sinal nellas impresso,
Escripta bem com sangue alto sem preço:

37

De metal no deserto em Cruz erguida
Olha a medicinal mortal serpente,
Que só co a vista da saude, & vida,
Aos que feria co venenoso dente:

Re-

Reprefentava fer ferpe efculpida,
Serpe era no metal, ferpe aparente,
Affi pofto na Cruz como culpado,
Quem nunca o pode ter, terà o peccado.

38

Efta Arpa de David taõ branda, & fancta,
Com vozes taõ divinas, & acordadas,
Se tocaõ na Cruz poftas com dòr tanta,
Os nervos feus, & çordas delicadas:
Afugenta o Demonio mao, & efpanta,
Desfaz, & desbarata fuas ciladas;
Toca pois a fancta Arpa, adora, & ama,
Mil lagrimas d'amor nella derrama.

39

Com efperança, amor, & firme fé,
A teus taõ cegos olhos lava, & cura,
Na clariffima fonte Syloé,
Sahiras da cegueyra trifte, & efcura:
Veràs por onde pões o enfermo pé,
Ser tudo engano, & má dezaventura,
Da vil carne do mundo vem Pobrezas,
Do mao fempre malicias, & torpezas.

40

Gozate defta certa medicina,
Baftante a eftima á toda enfermidade,
Que o bom & univerfal Medico enfina,
Com taõ fincero amor, & boa vontade:
Entra nefta probatica pifcina,
E a tua paralitica maldade,
Convertida verás pela virtude,
Defta agua efficaciffima em faude.

41

De Deos com puro amor olha o Cordeyro,
Cujo fangue puriffimo innocente,
Derramado co amor taõ verdadeyro,
Do lobo te livrou percuciente:
Sangue tanto fem preço, & por dinheyro,
Por vil preço vendido injuftamente,
Mas affi ás más culpas livramento,
E ás obras boas deo merecimento.

42

As obras, que affi nelle refplandecem,
Como num taõ capaz, & claro efpelho:
E todas perfeyções fem fim parecem,
E os fantos Does do fpirito, & faõ cõfelho:
As virtudes que mais aqui florecem,
Tinha no fino efmalte, & bom vermelho,
Vete bem nefte efpelho, & o tempo goza,
Veràs toda a virtude aqui fermoza.

43

Se a fempre igual juftiça firme & forte,
Ver queres, vé que o homem condenado
Por fua mefma culpa à eterna morte,
Pagando Deos por elle, he perdoado:
Deos feffe homẽ mortal, & mata a morte,
Morre innocente, & mata ao mao peccado,
Com fuas chagas tira a antiga chaga,
Como Deos póde, & quer, como homẽ paga.

44

Effa mifericordia branda, & amiga,
Que mais fe póde ver, que a piedade
Com que ao filho do Eterno pay caftiga,
Por perdoar do mao fervo a maldade:
Olha a que eftado dece, & a que feobriga,
Se queres ver a altiffima humildade,
Se a fam modeftia vé, com que eftreyteza
Naceo, & viveo fempre com pobreza.

45

Vé, com que manfidaõ, com que innocencia
O Redemptor do mundo fe offerece
Ao fummo Sacrificio, & obediencia,
Até morte taõ crua, que padece:
Em tanta injuria, tanta paciencia,
Que por feus homicidios naõ fe efquece,
Por inimigos rogar affi os amando,
Tudo com alto amor bem rematando.

46

Amor lhe fez que á terra do Ceo deça,
Amor da terra fer em Cruz fubido,
Amor nos pés, & mãos, corpo, & cabeça,
Com cravos, lança, efpinhas, fer ferido:
Amor, que com tormentos mil pereça
Ser hũa chaga, & por leprofo avido,
Amor, que amaffe o ingrato mundo tanto,
Que nelle fiq̃ em carne, & em corpo fanto.

47

Deos fendo amor puriffimo perfeyto,
Quis pelo mefmo amor communicarfe,
Fazendofe de hũa alma, & humano peyto,
E nelle Deos, & homem agazalharfe:
E em lugar taõ eftreyto, mais fe alegra,
Que no efpaçofo, & largo impirio acharfe,
Que efte he fó corporal morada nua
Dalma, & efprito, & outro imagem fua.

48

Para efta uniaõ fanta, & amorofa,
A divina Euchariftia inftituindo,
Com difcreta invenção maravilhofa,
Dos Difcipulos feus fe defpedindo:
Naquella final Cea lachrymofa.
Debayxo das efpecies fe encobrindo,
De paõ, & vinho, em doce mantimento,
Se dá a comer nefte alto Sacramento.

49
Que como traſformado, & convertido,
Em quem o come o mantimento fica,
Aſſi a alma do homem a Deos unida,
Por amor ſe ſuſtenta, & vivifica:
Que eſte manjar divino recebido
Vida divina dá, & glorifica
A quem ſua carne come, & ſangue bebe,
E morre, indignamente quem o recebe.

50
Quem bẽ o come em Deos fica, & Deos nelle,
Fica em Deos como proprio mẽbro vivo,
E o ſummo Deos, como cabeça delle,
Hum ſer ſpiritual lhe dando altivo:
Faſſe aſſi hum corpo miſtico por elle,
Por eſte amor ſeu puro, & unitivo,
E o filho aſſi de Adaõ, & filho de ira,
Fica filho de Deos, & a Deos aſpira.

51
Contente vive amando, & perſevera,
Na fonte d'amor puro, alma embebida,
Abraça aquella amiga, & fiel hera,
Da ſaudavel Cruz arvore erguida:
Come o bom paõ da vida, & a vida fera
Perdendo irás, ganhando eterna vida,
Paõ ſobre ſubſtancial come, & de graça,
Que de terreno Angelico te faça.

52
Eſperta jà Chriſtaõ dormente, eſperta,
Para eſte paõ, que tanto te convida,
Que a ſatisfaçaõ tẽs taõ boa, & certa,
Cavando do Senhor ſempre na vinha:
Ao peccado, & chaga nalma aberta,
Applica eſta ſuave, & ſan mezinha,
Os bẽs do mundo tem por ſonho & rizo,
E o que me ouviſte em ſonhos por avizo.

53
Aſſi me eſtava o bom Anjo fallando,
Que ao doce ſom de ſua voz divina,
Dormia muy quieto repouſando,
Na viſaõ deleytoſa, & matutina:
E naõ crendo eu que foſſe iſto ſonhado,
Cũa vara de inſpiraçaõ divina,
No coraçaõ tocarme parecia,
E deſpertar do ſomno me fazia.

54
Taõ confuſo fiquey, taõ aſſombrado,
Jà de todo acordado, & ſó em meu leyto,
Daquelle ſpirito bom dezemparado,
De ſeu colloquio ſanto, & brãdo aſpeyto:
E do que ouvira, & vira inda lembrado,
Que impreſſo me ficou dẽtro em meu pey-
to,
Comecey a fazer contas comigo,
Quaes todo homem fazer deve conſigo:

55
Miſero peccador, mortal, terreno,
De pò, de cinza, & terra hum triſte caſo,
Quero abarcar hum bicho taõ pequeno,
A terra, & o Ceo, como outro Zodiaco,
Eu me engano, eu me perco, eu me cõdeno,
Culpado vou perdido, cego, & fraco,
Nacido em dor, em prãto, & em peccado,
E nelle em mil miſerias enterrado.

56
Que eſpero mais, que naõ me dezengano,
Com tanta inſpiraçaõ, tanta doctrina?
Que vou de dia em dia, de anno em anno?
A cura dilatando a eſta alma indigna?
Ah cruel a mim meſmo, & deshumano,
Que tão prezente, & ſanta medicina,
Qual ſe me offerecendo eſta tão certa,
Deyxo de pòr na mortal chaga aberta!

57
A viva fonte vejo permanente,
Sempre manancial, nunca eſcorrida,
De que manando eſtá perpetuamente,
E ſem ceſſar, ſaude, & luz de vida:
Vejome a mim mortal, cego, & doente,
Chegar não quero á cura offerecida;
Deyxome ir obſtinado ſempre, & duro,
Traz o tempo a beber no lago eſcuro,

58
A Fortaleza, que eu ſonhando via,
Florente edificarſe em tanto terſe,
Té que por tempo emfim me parecia,
Cahir por terra, & nella desfazerſe:
Donde a immortal ſenhora ſe ſahia,
E ſem para onde foſſe entaõ ſaberſe,
Era o meu triſte, & fragil corpo humano,
E que de todo não me dezengano?

59
Ah não ſeja aſſi, naõ, não dure tanto,
Minha vida no grave, & mao letargo,
Que eſquecido da eterna com eſpanto
A perca, & ſẽ fim morra em prãto amargo:
Daquella ſanta fonte, & Rio ſanto,
Sempre alto, copioſo, doce, & largo,
Là quero o paõ goſtar, & agua da vida,
Para que fique là comigo unida.

60
Por ti quero viver ò paõ divino,
Que dàs a vida, & es vida por eſſencia;
Por ti com tua graça eu fraco & indigo,
Quero, & poſſo fazer ſan penitencia:

E com ella mais limpo de contino
Quero amarte & gostar cõ mais frequẽcia,
A ti, que es amor puro, & bem supremo,
Por ti suspiro eu já, & por ti gemo.

61

Inda que eu merecer tanto naõ possa,
Nem por mim, ao que devo, satisfaça,
Teu purissimo amor a tudo adoça,
E tua misericordia a tudo abraça:
Tu queres sempre a conversação nossa
Amiga, se a tua graça nos dà graça; (de
Se o rico, ou pobre, ou alto, ou bayxo pò-
Chamarte, o teu poder logo lhe acode.

62

Tu usas sò Senhor de tal piedade,
Só o remedio nos pòdes dar seguro,
Tu altissimo Deos tanta humildade,
Que o servo cõmunicas bayxo escuro:
Tu que vestindo a nossa humanidade
No ventre virginal, & sangue puro,
Tu que por nòs na Cruz o teu derramas,
E te dar em comer, tanto nos amas.

63

Em tal extremo vendo a Fortaleza,
Vigilante, & solicita accodia
A todas partes a immortal princeza,
Sempre animando a toda a companhia;
Com quanto via já sua defeza,
Ser taõ fraça deyxala naõ queria,
Todo o remedio exquisito, & raro,
Busca emfim seu proveyto sem emparo.

64

Nesta ultima agonia assi estando,
A desconfortadissima senhora,
Eu tambem triste assaz via sonhando,
Disforme hum velho feo vir de fóra:
Sumida a carne os olhos sò mostrando,
De corcomido rosto os olhos fóra,
De espantosa, & terribel catadura,
Fraca a voz, mas soberba, & com soltura.

65

O qual as mãos lançando descarnadas,
E torpes sobre este edificio enfermo,
Deolhe hum medonho abalo, & alteradas,
Tremendo as partes nelle, fez graõ termo:
Traz isto com palavras muy pezadas,
A princesa fallando disse, o termo
Final, & triste, a tua hora he chegada,
Sayte já da caduca, & van morada,

66

Ficou sobresaltada, & temerosa
A princesa com voz tam grave, & horrẽda,
Mas ainda assi lhe respondeo chorosa,
Esperame algum tempo para emmenda
Minha: & desta morada perigosa,
E o prazo final mais se me estenda,
Darey ordem, que em taõ triste partida,
Naõ deyxe a casa toda destroida.

67

Graõ tempo ha já lhe replicou o velho,
Que nesta Torre vives, & o tiveste,
Para tudo ordenar com graõ conselho,
Sabias isto bem, mal o fizeste:
Se a casa tem remedio outrem delho,
E a ti o que nella estando mereceste;
Naõ posso esperar mais, & vemte comigo,
Mais tenho que fazer, que aqui contigo.

68

Isto disse, & pegando rijamente
Outra vez com mão dura, & com crueza,
Cahio toda por terra finalmente,
Com grande terremoto a Fortaleza,
Cahio com ella morta toda a gente,
E a graõ regente della, & alta princesa,
Desapareceo com o velho a essa hora,
Sem saber mais ninguem certo onde fora.

69

Pois se ha de aver desagradecimento,
De merce tal a mim, & a todos feyta,
Se nisto naõ se achar merecimento,
Dentro em minha alma seja sempre aceyta:
E se eu della tiver esquecimento,
De mim se esqueça a minha mão direyta,
E a lingoa se me apegue na garganta,
Se eu naõ louvar & amar merce taõ santa:

RIMAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES
SEGUNDA PARTE.

CANÇAM I.

Aqui decanta o P. o que lhe manda o grande amor da Formosura de sua Senhora.

MAndame amor, que cante docemẽte,
O q̃ elle já em minh'alma tẽ impresso,
Com presuposto de desabafarme,
E porque com meu mal seja contente,
Diz, que ser de tam lindos olhos preso,
Contallo bastaria a contentarme:
Este excellente modo de enganarme,
Tomara eu só de amor por interesse,
Senam se arrependesse
Com a pena o engenho escurecendo:
Porém a mais me atrevo,
Em virtude do gesto, de que escrevo,
E se he mais, o que canto, que o que entendo,
Invoco o lindo aspeyto,
Que póde mais, que amor, em meu defeyto,
Sem conhecer amor viver sohia,
Seu arco, & seus enganos desprezando,
Quando vivendo delles me mantinha:
O amor enganoso, que fingia
Mil vontades alheas, enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha,
No touro entrava Febo, & Porgne vinha,
O corno de Acheloo Flora entornava,
Quando o amor soltava
O fios de ouro, as tranças encrespadas,
Ao doce vento esquivas,
Os fios rutilando chamas vivas,
E as rosas entre a neve semeadas,
Co riso tam galante,
Que hum peyto desfizera de diamante,
Hum nam sey que suave respirando,
Causava hum admirado, & novo espanto
Que as cousas insensiveis o sentiaõ:
E as garrulas aves levantando
Vozes desordenadas em seu canto,
Como no meu desejo se encendiaõ;
As fontes cristalinas nam corriaõ,
Inflamadas da linda vista pura,
Florecia a verdura,
Que andando, cos divinos pés tocava,
Os ramos se abaxavaõ,
Ou de inveja das hervas, que pisavaõ,
Ou porque tudo ante ella se abayxava,
Naõ houve cousa em fim,
Que naõ pasmasse della, & eu de mim.
Porque quando vi dar entendimento
As cousas, que o naõ tinhaõ, o temor
Me fez cuydar, que effeyto em mi faria;
Conhecime naõ ter conhecimento,
E nisto só o tive, por amor
Mo deyxou, porque visse o que podia:
Tanta vingança amor de mi queria,
Que mudava a humana natureza,
Nos montes, & a dureza
Delles em mi por troca traspassava;
Oh que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Pello que num juizo humano estava:
Olhay que doce engano,
Tirar comum proveyto de meu dano.
Assi que indo perdendo o sentimento,
A parte racional me entristecia:
Vella a hum apetite sometida,

Mas

las dentro na alma o fim do penſamento,
or taõ ſublime cauſa me dizia,
Que era razaõ ſer a razaõ vencida:
mesma perdiçaõ a reſtaurava
em manſa paz eſtava,
Cada hum com ſeu contrario num ſugeyto:
Oh grande concerto eſte!
Quem ſera, que naõ julgue, por celeſte,
A cauſa, donde vem tamanho effeyto,
Que faz num coraçaõ,
Que venha o apetite a ſer razaõ?
Aqui ſenti de amor a mòr fineza,
Como foy ver ſentir o inſenſivel,
E o ver a mi de mi meſmo perderme,
Em fim ſenti negarſe a natureza,
Por onde cri, que tudo era poſſivel,
Aos lindos olhos ſeus, ſe naõ quererme,
Depois, que jà ſenti desfallecerme,
Em lugar do ſentido, que perdia,
Naõ ſey quem me eſcrevia,
Dentro n'alma co as letras da memoria,
O mais deſte proceſſo,
Co claro geſto juntamente impreſſo,
Que foy a cauſa de tam longa hiſtoria,
Se bem a declarey,
Eu naõ a eſcrevo, d'alma a traſladey.
Cançam, ſe quem te ler,
Naõ crer dos olhos lindos, o que dizes,
Pello que em ſi ſe eſconde:
Os ſentidos humanos lhe reſponde,
Naõ pòdem dos divinos ſer juizes,
Se naõ de hum penſamento,
Que a falta ſupra a fé do entendimento.

CANC, AM II.

Parece fala o P. em a auzencia que elle fez de Coimbra ficandolhe nella ſua querida Senhora.

VAõ as ſerenas agoas,
Do Mondego deſcendo,
Tam manſamente, que atè o mar naõ pàraõ,
Por onde minhas magoas,
Pouco a pouco creſcendo,
Para nunqua acabar ſe começàraõ,
Alli ſe me ajuntaraõ,
Neſte lugar ameno,
Aonde agora mouro,
Teſta de neve, & ouro,
Riſo brando, & ſuave, olhar ſereno,
Hum geſto delicado,
Que ſempre na alma me eſtarà pintado,
Neſta florida terra,
Leda, freſca, & ſerena.
Ledo, & contente para mi vivia:
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena,
Que de tam bellos olhos procedia,
Hum dia no outro dia,
O eſperar me enganava.
Longo tempo paſſey,
Com a vida folguey,
Só porque em bem tamanho me empregava:
Mas que me preſta jà,
Que tam fermoſos olhos naõ os ha?
Oh quem me alli diſſera,
Que de amor tam porfundo,
O fim pudeſſe ver inda algum hora!
Oh quem cuydar pudera,
Que houveſſe ahi no mundo,
Apartarme eu de vòs, minha ſenhora,
Para que deſde agora,
Perdeſſe a eſperança,
E o vaõ penſamento,
Desfeyto em hum momento,
Sem me poder ficar mais, que a lembrança
Que ſempre eſtarà firme
Até o derradeyro deſpedirme.
Mas a mòr alegria,
Que daqui levar poſſo,
Com a qual defenderme triſte eſpero,
He, que nunqua ſentia,
No tempo, que fuy voſſo,
Quererdeſme vòs, quanto vos eu quero,
Porque o tormento fero,
De voſſo apartamento,
Naõ vos darà tal pena,
Como à que me condena,
Que mais ſentirey voſſo ſentimento,
Que o que minha alma ſente:
Moura eu, ſenhora, & vòs ficay contente.
Cançam, tu eſtarás
Aqui acompanhado,
Eſtes campos, & eſtas claras agoas,
E por mi ficaràs,
Chorando, & ſuſpirando,
E ao mundo moſtrando tantas magoas,
Que de tam larga hiſtoria,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇAM III.

Fala o P. Na saudosa auzensia de hũa Senhora, que buscava, & sempre della se achava auzente.

Se este meu pensamento
Como he doce, & suave,
Da alma pudesse vir gritando fóra,
Mostrando seu tormento,
Cruel, aspero, & grave,
Diante de vós só, minha senhora,
Pudera ser, que agora
O vosso peyto duro,
Tornara manso, & brando,
E eu que sempre ando
Passaro solitario, humilde, obscuro,
Tornado hum Cisne puro,
Brando, & sonòro pelo ar voando,
Com canto manifesto,
Pintàra meu tormento, & vosso gésto.
Pintára os olhos bellos,
Que trazem nas mininas
O minino, que os seus nelle cegou:
E os dourados cabellos,
Em tranças de ouro finos,
A quem o Sol seus rayos abayxou:
A testa, que ordenou
Natura tam fermosa,
O bem proporcionado
Nariz lindo, afilado,
Que cada parte tem da fresca rosa,
A boca graciosa,
Que querella louvar he escusado.
Emfim he hum thesouro,
Perolas dentes, & palavras ouro.
Virase claramente,
O dama delicada,
Que em vós se esmerou mais a natureza,
E eu de gente, em gente
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza;
Sómente a aspereza
De vossa condiçaõ,
Senhora, naõ differa,
Porque senaõ soubera
Que em vós podia haver algum senaõ:
E se alguem com razaõ,
Porque morres, dissesse, respondera,
Mouro, porque he tam bella,
Que inda naõ sou para morrer por ella.
E se pela ventura,
Dama, vos offendesse
Escrevendo de vòs, o que naõ sento?
E vossa formosura
Tanto à terra descesse,
Que a alcançasse humilde entendimento,
Seria o fundamento
Daquillo, que cantasse,
Todo de puro amor
Porque vosso louvor
Em figura de magoas se mostrasse;
E onde se julgasse
A causa pelo effeyto, minha dor
Diria alli, sem medo,
Quem me sentir verá, de quem procedo.
Entaõ a mostraria,
Os olhos saudosos,
E o suspirar, que traz a alma consigo:
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,
O fallar, & esquecerme do que digo,
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acovardarme,
Em fim averiguarme,
Que o fim de tudo quanto estou fallando
Saõ lagrimas, & amores,
Saõ vossas izençóes, & minhas dores.
Mas quem terà, senhora,
Palavras, com que iguale
Com vossa fermosura minha pena,
Que em doce voz de fóra
Aquella gloria falle,
Que dentro na minh'alma amor ordena,
Naõ pòde tam pequena
Força de engenho humano,
Com carga tam pesada,
Senaõ for ajudada,
De hũ piedoso olhar, de hum doce engano,
Que fazendome o dano
Taõ deleytoso, & a dor taõ moderada,
Em fim se convertesse
Nos gostos dos louvores, que escrevesse.
Cançam, naõ digas mais, & se teus versos
A a pena vem pequenos,
Naõ queyrão de ti mais, que diras menos.

CANC, AM IV.

Toma o P. a penna, ou seja de escrever, ou de sentir o disfavor da Dama que pertendia.

TOmey a triste pena,
Ja de desesperado,
De vos lembrar as muytas, que padeço,
Vendo, que me condena
A ficar eu culpado,
O mal, que me tratais, & o que eu mereço,
Confesso, que conheço,
Que em parte a causa dey
Ao mal, em que me vejo,
Pois sempre meu desejo,
A tam largas promessas eutreguey:
Mas naõ tive suspeyta,
Que seguisseis tençaõ tam imperfeyta.
Se em vosso esquecimento,
Tam condenado estou,
Como os sinais demostraõ, que mostrais,
Vivo neste tormento,
Lembranças mais naõ dou,
Que as que de esta razaõ tomar queyrais:
Olhay que me tratais,
Assi de dia, em dia,
Com vossas esquivanças,
E as vossas esperanças,
De que vanmente eu já me enriquecia,
Renovaõ a memoria,
Pois com tella de vòs só tenho gloria.
E se isto conhecesseis
Ser a verdade pura,
Mais que de Arabia o ouro reluzente,
Inda que naõ quisesseis,
A condiçaõ taõ dura,
Mudareis noutra muyto differente;
E eu como innocente,
Que estou em este caso,
Isto em as mãos pusera,
De quem sentença, dera,
Que ficasse o direyto justo, & razo,
Quando naõ receára,
Que a vòs por mi, & a mi por vós matára.
Em vós escrita vi
Vossa grande dureza,
E na alma escrita está, que de vós vive;
Naõ que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano, que entaõ tive;
Porque antes que a dor prive
De todo meus sentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento,
Com dous fortes soldados, guarnecidos
De rica pedraria,
Que ficaõ sendo minha luz, & guia.
Destes acompanhado,
Estou posto sem medo
A tudo, o que o faltal destino ordene,
Pòde ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo.
Com pena de penarme me despene?
E quando me condene
(Que isto he que mais espero)
Inda a mayores dores,
Perdidos os temores,
Por mais, que venha, naõ direy naõ quero:
Com tudo estou taõ forte,
Que nem mudarme pòde a mesma morte.
Cançam, se já naõ queres
Ver tanta crueldade,
Là vay onde veras minha verdade.

CANC, AM V.

Descreve o P. o crepusculo da manhãa.

JA a roxa manhãa clara,
Do Oriente as portas vinha abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridaõ da luz avara:
O Sol, que nunqua para,
De sua alegre vista saudoso,
Tras ella pressuroso,
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiraõ nas ervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, & luminoso:
Os passaros voando,
De raminho, em raminho, vão saltando,
E com suave, & doce melodia,
O claro dia estaõ manifestando.
A manhãa bella, & amena,
Seu rosto descubrindo, a espessura
Se cobre de verdura,
Clara, suave, angelica, serena:
Oh deleytosa pena!
Oh effeyto de amor, alto, & potente!
Que permite, & consente,
Que onde quer, que me ache, & onde esteja,
Sempre o Serafim veja,
Por quem de viver triste sou contente:

Mas tu Aurora pura,
De tanto bem dá graças à ventura,
Pois a foy pór em ti taõ excellente,
Que representes tanta fermosura.
A luz suave, & leda,
A meus olhos me mostra, por quem mouro,
E nos cabellos de ouro,
Naõ iguala os que vi, mas arremeda;
Esta he a luz, que arreda,
A negra escuridaõ do sentimento,
Ao doce pensamento:
O orvalho das flores delicadas,
Saõ nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu choro co prazer de meu tormento:
Os passaros, que cantaõ,
Meus espiritos saõ, que a voz levantaõ,
Manifestando o gesto peregrino,
Com taõ divino som, que o mundo espãtaõ.
Assi como acontece,
A quem a cara vida està perdendo,
Que em quanto vay morrendo,
Algũa visaõ santa lhe aparece:
A mi, em quem fallece
A vida, que sois vòs, minha senhora,
A esta alma, que em vós mòra
(Em quanto da prisaõ se està apartando)
Vos estais juntamente apresentando,
Em fórma da fermosa, & roxa Aurora;
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta, & subida!
Se mo naõ impedir o meu desejo,
Porque o que vejo em fim, me torna a vida.
Porèm a natureza,
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta taõ asinha,
Quaõ asinha o Sol falta á redondeza:
Se ouvirdes, que he fraqueza,
Morrer em taõ penoso, & triste estàdo,
Amor serà culpado,
Ou vòs, onde elle vive taõ izento,
Que causastes taõ largo apartamento,
Porque perdesse a vida co cuydado;
Que se viver naõ posso,
Homem formado sou de carne, & osso,
Esta vida, que perco, amor ma deo,
Que naõ sou meu, se morro, o dano he vosso.
Cançam de Cisne, feyta em hora estrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deyxo em companhia
Do letreyro de minha sepultura,
Que a sombra escura jà me impede o dia.

CANC, AM VI.

Comtempla o P. em hum extaze a fermosura de huma Dama, que dezeja.

Fermosa, & gentil dama, quando vejo
A testa d'ouro, & neve, o lindo aspeyto,
A boca graciosa, o riso honesto!
O colo de cristal, o branco peyto,
De meu naõ quero mais, que meu desejo,
Nem mais de vós, que ver tam lindo gesto
Alli me manifesto
Por vosso a Deos, & ao mũdo; alli m'inflamo
Nas lagrimas, que choro,
E de mi, que vos amo,
Em ver, que soube amarvos, me namoro:
E fico por mi só perdido de arte,
Que ey ciumes de mi por vossa parte.
Se por ventura vivo descontente,
Por fraqueza de espirito padecendo
A doce pena, que entender naõ sey;
Fujo de mi, & acolhome correndo
A vossa vista, & fico taõ contente,
Que zombo dos tormentos, que passey,
De quem me queyxarey,
Se vós me dais a vida deste geyto,
Nos males, que padeço,
Senaõ de meu sogeyto,
Que naõ cabe com bem de tanto preço?
Mas inda isso de mi cuydar naõ posso,
De estar muyto soberbo com ser vosso.
Se por algum acerto amor vos erra,
Por parte do desejo cometendo
Algum nefando, & torpe desatino:
Se ainda mais, que ver em fim pretendo,
Fraquezas saõ do corpo, que he da terra,
Mas naõ do pensamento, que he divino:
Se taõ alto imagino,
Que de vista me perco, ou pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Porque se em fim resisto,
Contra taõ atrevido, & vaõ desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armome de vossa fermosura.
Das delicadas sobrancelhas pretas
Os arcos, com que tira, amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos:
E porque de vòs tudo lhe quadrou,
Dos rayos desses olhos fez as setas,
Com que fere, quem alça os seus a vellos,
Olhos, que saõ tam bellos,

Daõ

)aõ armas de ventagem ao amor,
Com que as almas deſtrue;
orém ſe he grande a dor,
Com a alteza do mal a reſtitue,
as armas, com que mata ſaõ de ſorte,
Que ainda lhe ficais de vendo a morte.
Lagrimas, & ſuſpiros, penſamentos,
Quem delles ſe queyxar, fermoſa dama,
Mimoſo eſtà do mal, que por vos ſente:
Que mayor bem deſeja, quem vos ama,
Que eſtar deſabafando ſeus tormentos,
Chorando, & imaginando docemente?
Quem vive deſcontente,
Naõ hade dar alivio a ſeu deſgoſto,
Porque ſe lhe agradeça:
Mas com alegre roſto,
olta ſeus males, para que os mereça:
Que quem do mal ſe queyxa, que padece,
Fallo, porque eſta gloria, naõ conhece.
De modo, que ſe cae o penſamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque eſte ſegredo naõ conheço:
Aſſi que com razões, naõ taõ ſómente
Deſculpo ao amor de meu tormento,
Mas inda a culpa ſua lhe agradeço:
Por eſta fé mereço,
A graça, que eſſes olhos acompanha,
O bem do doce riſo;
Mas porèm naõ ſe ganha,
Com hum paraiſo, outro paraiſo,
E aſſi de enleada a eſperança,
Se ſatisfaz co bem, que naõ alcança.
Se com razões eſcuſo meu remedio,
Sabe cançam, que he porque naõ vejo,
Engano com palavras o deſejo.

CANÇAM VII.

Aqui ſe lamenta o P. dezenganado do pouco fruto, que tira dos ſeus deſvellos.

A Inſtabilidade da Fortuna,
Os engános ſuaves de amor cego,
(Suaves ſe duràraõ longamente
Direy, por dar á vida algum ſoſſego:
Que pois a grave pena me importuna,
Importune meu canto a toda a gente,
E ſe o paſſado bem co mal preſente,
Me endurecer a voz no peyto frio,
O grande deſvario,
Darà da minha pena ſinal certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto:
E pois neſta verdade me confio
(Se verdade ſe achar no mal, que digo)
Sayba o mundo de amor o deſconcerto,
Que jà com a razão ſe fez amigo,
Sò por naõ deyxar culpa ſem caſtigo.
Jà amor fez leys, ſem ter comigo algũa,
Jà ſe tornou de cego arrazoado,
Só por uſar comigo ſem razões,
E ſe em algũa couſa o tenho errado,
Com ſiſo grande dor naõ vi nenhũa,
Nem elle deo ſem erros affeyções,
Mas por uſar de ſuas izenções,
Buſcou fingidas cauſas por matarme,
Que para derrubarme
Em o abiſmo infernal de meu tormento,
Naõ foy ſoberbo nunca o penſamento,
Nem pertende mais alto levantarme
Daquillo, que elle quiz, & ſe elle ordena,
Que eu pague ſeu ouſado atrevimento,
Sayba, que o meſmo amor, que me condena,
Me fez cahir na culpa, & mais na pena.
Os olhos, que eu adoro, aquelle dia,
Que deſcèraõ ao bayxo penſamento,
N'alma os apoſentey ſuavemente:
E pertendendo mais, como avarento,
O coraçaõ lhe dey por iguaria,
Que a meu mandado tinha obediente:
Porém como ante ſi lhe foy preſente,
Que entenderaõ o fim de meu deſejo,
Ou por outro deſpejo,
Que a lingoa deſcubrio por deſvario.
De ſede morto eſtou poſto num rio,
Onde de meu ſerviço o fruyto vejo,
Mas logo ſe alça, ſe a colhello venho,
E fogeme a agoa, ſe beber porfio,
Aſſi, que em fome, & ſede me mantenho,
Naõ tem Tantalo a pena, que eu ſoſtenho.
Deſpois q̃ aquella, em quẽ minh'alma vive
Quiz alcançar o bayxo atrevimento,
Debayxo deſte engano a alcancey:
A nuvem do contino penſamento,
Ma afigurou nos braços, & aſſi tive,
Sonhando, o que acordado deſejey,
E porque a meu deſejo me gabey,
De alcançar hum bem de tanto preço,
Alèm do que padeço,
Atado em huma roda eſtou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde ſe a algum bem ſubo, logo deço,
E aſſi ganho, & perco a confiança:
E aſſi de mi fugindo, tras mi ando,
E aſſi me tem atado huma vingança,

Como Ixiam, tam firme na mudança.
Quando a vista suave, & inhumana,
Meu humano desejo de atrevido,
Cometeo, sem saber, o que fazia,
Que de sua fermosura foy nascido.
O cego moço, que co a seta insana,
O peccado vingou desta ousadia:
E a fóra este mal, que eu merecia,
Me deo outra maneyra de tormento,
Que nunca o pensamento,
Que sempre voa de huma a outra parte,
Destas entranhas tristes bem se farte,
Imaginando, como o famulento,
Que come mais, & a fome vay crescendo,
Porque de atormentarme naõ se aparte,
Assi que para a pena estou vivendo;
Sou outro novo Ticio, & naõ me entendo.
De vontades alheas, que eu roubava,
E que enganosamente recolhia,
Em meu fingido peyto me mantinha
De maneyra o engano lhe fingia,
Que despois que a meu mando as sugigava,
Com amor as matava, que eu naõ tinha,
Porém logo o castigo, que convinha,
O vingativo amor me fez sentir,
Fazendome subir
Ao monte de aspereza, que em vós vejo,
Co pesado penedo do desejo,
Que do cume do bem me vay cahir,
Torno a subilo ao desejado assento,
Torna a cahirme, em balde em fim pelejo,
Sisifo, naõ te espantes deste alento,
Que às costas o subido sufrimento.
Desta arte o summo bem se me offerece
Ao faminto desejo, porque sinta,
A perda de perdello mais penosa,
Como o avaro, a quem o sonho pinta,
Achar thesouro grande, onde enriquece,
E farta sua sede cobiçosa;
E acordando com furia presurosa,
Vay cavar o lugar, onde sonhava:
Mas tudo, o que buscava,
Lhe converte em carvaõ a desventura,
Alli sua cobiça mais se apura,
Por lhe faltar aquillo, que esperava;
Desta arte amor me faz perder o siso,
Porque aquelles, que estaõ na noyte escura,
Nunqua sentiràõ tanto o triste abiso,
Se ignorarem o bem do paraiso.
Cançam, naõ mais, que jà naõ sey, q̃ digo,
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregaõ a causa desta morte.

CANÇAM VIII.

Mais que de nenhuma melhor flor se agrada aqui o P. de huma formozura, que exaggera.

NEm roxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, & da verdura,
Colhida entre outras mil
Foy nunca assi agradavel à donzella
Cortez, alegre, & bella,
De sua mão cuydado, & gloria pura,
Como a mi foy a inculta fermosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua esfera.
Natural fonte agreste,
Naõ lavrada de artifice excellente,
Nem por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Naõ fez jà mais taõ ledo
Cançado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuydado a mi me faz contente
De ver taõ descuydado,
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fruyta, que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto,
A quem pintada a vê de sangue, & leyte,
Naõ lhe darà o deleyte,
Que essa graça me dà sem compostura,
Ornamento da mesma fermosura,
E o toucado sem arte,
Que tornarà Pastor ao bravo Marte.
A menhãa graciosa,
Que derramando sae dentre os cabellos
A Flor, o Lyrio, a Rosa,
Sem ajudá de ornato, ou de artificio,
Não faz o beneficio,
Que faz a luz de vossos olhos bellos
A quem os vé taõ puros, & singellos,
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphryso.
Outeyros coroados
Das arvores, que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça taõ excessiva
Naõ tem na sua natural verdura,
Quanta na desses olhos clara, & pura
Deposita a esperança,
Com q̃ Amor gosto, a mãy tormento alcãça.

Dos

Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
De entre os verdes raminhos
Taõ suave naõ he, taõ deleytosa,
A quem na selva umbrosa
Com mente, ouvindoa está toda elevada,
Quanto a mim essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubaõ a Mercurio cetro, & siso.
De frescos rios agoa,
Que clara entre arvoredos se deriva,
Caindo de alta fragoa,
Esmaltando de perolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Naõ nos alegra quanto a graça esquiva
De essa luz soberana,
Que faz cortez a rustica Diana.
A tal luz (ò Cançam, que ousaste vella)
Vendo estàs jà postrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella,
E Mercurio, & Diana, & toda Estrella.

CANÇAM IX.

Encarece o P. o ameno, & agradavel de hum florido, & fructuozo Pomar.

O Pomar venturoso,
Onde com a natureza
A subtil arte tem demanda incerta
Que em sitio taõ fermoso
A mayor subtileza
De engenho, em ti nos mostra descuberta!
Nenhum juizo acerta
De cego, & de enlevado,
Se tem em ti mais parte
A natureza, ou a arte;
Se terra, ou Ceo de ti tem mais cuydado,
Pois em feliz terreno
Gozas de hum ar mais puro, & mais sereno,
De teu fermoso peso
Se mostra o monte ledo,
E o caudeloso Zezere te estranha,
Porque olhas com desprezo
Seu cristal puro, & quedo,
Que com Pera os teus pès rodea, & banha.
Em ti pintura estranha,
Que Apelles cedera,
Enigmas intricados,
E murtos animados,
Vemos, que o proprio Escopas não fizera:
Em ti co a paz interna
Tem o santo Prazer morada eterna.
Os jardins da famosa
Babel taõ nomeados,
Por maravilha o mundo naõ levante,
Inda que com gloriosa
Voz, que estaõ pendurados
Do instavel ar a Fama antiga cante?
Nem haja quem se espante
Dos famosos de Alcino,
Nem as mais doutas penas
Cantem os de Mecenas,
Cultor de todo engenho peregrino,
Mas onde quer que voe,
De ti so falle a Fama, & te pregoe.
Que se era antigamente
De pomos de ouro bellos
O jardim das Hesperidas ornado,
E a pesar da serpente,
Que os guardou sò colhellos
Pode o famoso Alcides de esforçado;
Tu mais avantejado,
Mostras a huma alma casta
Seguir o que dezeja,
Fugir da torpe inveja
[Pomos de ouro, que o tempo não cõtrasta]
Em fim cõ a charidade,
Vencer o Inferno, abrir a Eternidade,
Portanto da ventura,
Para ti reservada,
Te deyxa o Ceo gozar perpetuamente,
Porque sejas figura
Da gloria avantejada
Delle mesmo, & que em si se represente;
Porque em quanto sustente
O Ceo, o Mar, & a Terra
Seus feytos milagrosos,
Mysterios mais gloriosos,
Com que a morte das almas nos desterra;
Por onde em nossas almas
Cõ mais pompas triunfa, & cõ mais palmas.
Goza pois longamente
Teu venturoso Fado,
Da mãy do teu Author bem possuido,
Que em ti sempre contente
De seu sublime estado
A alma dos seus alegra, & o sentido,
Cada qual preferido
Nas grandes qualidades
Ao sabio Nestor seja.
Para que o mundo os veja

Exceder as longuissimas idades,
E com a longa vida
Seja sua memoria ennobrecida.
Cançam, pois mais famosa
Por ti naõ podem ser
Deste monte as estancias deleytosas,
Bem póde succeder,
Que aquelle que os teus numeros governa
Por querellas cantar te faça eterna.

CANC,AM X.

Mostra o P. que mais lhe ensinou a experiencia de amar que nenhuma Filosofia, ou Siencia de Athenas.

QUem com solido intento
Os segredos buscar da natureza,
Quanto de Athenas preza,
Entregue ao mar irado, ao leve vento;
Em forjar meu tormento
Nova Philosofia
De experiencias feyta Amor me ensina.
Das leys do antigo tempo bem declina,
Que Amor, & a natureza em mim varia,
Donde escolas de sabios nunca vio
Em natural sogeyto,
Quanto Amor em meu peyto descobrio.
As aves no ar sereno,
O gado de Protheo nas agoas pace,
Vive o homem, & nace
Neste mundo, qual mundo mais pequeno;
Eu tudo desordeno
Em todos dividido,
Na boca o ar, na terra o entendimento:
Dame esse Amor, dame esta o pensamento,
O coraçaõ no fogo he consumido:
Mas a agoa, que dos olhos sempre desce
Tem effeyto taõ vario,
Que em hum humor contrario o fogo cresce.
Da vista Amor sohia
Abrir ao coraçaõ segura entrada;
Ley he jà profanada,
Que quando a luz de huns olhos me feria,
Amando o que naõ via,
Qual de escopeta o lume,
Primeyro o querer vi, que a causa visse,
Quem o desejo com a esperança unisse
Cego iria apoz cego, & vil costume,
Que eu desta alma das leyes do mundo izẽto,
Morta a esperança vejo,
Onde sempre o desejo se sustenta.
Em vaõ se considera
Que hum semelhante a outro busca, & ama;
E que foge, & desama
Todo mortal a morte esquiva, & fera,
Seja huma linda fera
Que esconde em vista humana
Coraçaõ de diamante, & peyto de aço;
De meu sangue faminta, & satisfaço
Com cruel morte a sede deshumana:
Assi que sendo em tudo differente
Corro apoz minha sorte,
E se me entrego à morte estou contente.
Cae em mayor deffeyto
Quem cuyda ser sciencia clara, & certa,
Que a causa descuberta
Sempre produz assi conforme o effeyto:
Rendeome hum lindo objeito,
Que sendo neve pura
Vivo me abrasa, & o fogo interno aviva?
Que esta fermosa fera fugitiva,
Com ser neve de fogo se assegura:
Donde infiro por certo (& cesse a fama
Vãa, mentirosa, & leve)
Que não desfaz a neve ardente chama.
Bem no effeyto se sente
Cessar, cessando a causa donde pende;
Que o fogo mais se acende,
Estando à vista donde mais ausente;
Mas na alma vivamente
A trazem dibuxada,
De noyte Amor de dia o pensamẽto,
E quando Apollo deyxa o claro assento,
Por entre sombras vejo a Nimpha amada;
Pois se sem luz Amor os olhos ceva,
Cego, se naõ concede,
Que em nada Amor impede a escura treva.
Erra quem atrevido
Pregoa ser mayor que a parte o todo:
Amor me tem de modo,
Que estou numa alma minha convertido;
Desta gloria ha nacido
O temor de perdella,
E posto que o receo a muytos finge
Lá na imaginaçaõ Chymera, & Esfinge,
De mal futuro, que urde imiga estrella,
Vejo em mim, por incognito segredo,
Quando estou mais contente,
Que só do bem presente nasce o medo.
Temse por manifesto
Parecerse ao sogeyto o accidente,
Mas inda em mim se sente
O pensamento, a cor, o riso, o gesto,

Da

Da vida jà perdido
Neste tormento meu taõ duro, & esquivo,
E sendo morto já vive o sentido,
Porque sente que na alma despedida,
Póde em meu mal unirse
O ficar, & o partirse, a morte, & a vida.
Destas razões, cançam, infiro, & creo,
Que ou se mudou em tudo a fórma usada
Da natural firmeza,
Ou tenho a natureza em mi mudada.

CANC, AM XI.

Aqui descreve o P. a fermosura de hũa Dama naõ vista senaõ em sonhos.

QUe he isto? sonho? ou vejo a Ninfa pu-
Que sempre na alma vejo! (ra,
Ou me pinta o desejo
O bem, que em vão cada hora me assegura?
Mal póde a noyte escura
Amando a sombra fria,
Mandarme em sonho a luz fermosa, & bella,
Que senaõ torne em dia
De seus luzentes rayos inflamada.
O vista desejada
De graciosa Nimpha, & viva estrella!
Que ha tanto que por este mar navego,
(Sem ver meu claro Polo) escuro, & cego.
Nestes fermosos olhos de enlevado
Minha alma se escondeo,
Quando ordenava o Ceo,
Que vivesse comigo desterrado.
Vós a mais certa estrada
De ver a Summa Alteza,
Do effeyto a causa abris a esta alma minha,
Assi mortal belleza
Sò della nasce, & della se resume,
Assi celeste lume
Là dos Ceos se deriva, & là caminha,
Pois Como a Deos unirme a vista possa,
Porque a negaes, meu Sol, a esta alma vossa
Se me quereis prender a parte a parte
Cabello ondado, & louro,
Teceyme a rede de ouro,
Em que prẽdeo Vulcano a Cypria, & Marte,
Des que com gentil arte
Vestis de flores bellas
A terra, em que tocaes com a bella planta,
Quantas vezes com vellas,
Quiz numas dessas flores transformarme?
Porque vendo pisarme
De esse candido pé, que a neve espanta
Póde ser que na flor mudado fora,
Que deu a Iuno irada a linda Flora:
Mas onde te acolheste (ó doce vida)
Mais leve, & presurosa,
Do que na selva umbrosa,
Cerva de aguda setta vay ferida?
Se para tal partida
Meus olhos vos abristes,
Cerraravos o somno eternamente,
Antes que vervos tristes,
Perdendo taõ suave, & doce engano:
Agora, com meu dano,
Vedes, para mòr magoa, claramente,
Neste bem fugitivo, & somno leve,
Que mal naõ ha mais lógo, q̃ hũ bẽ breve?
Dirolo Endimião, que a Deosa cara,
Que a noyte vay guiando,
Teve em braços sonhando?
Ah, quem de sonho tal nunca acordàra!
Tu só, Aurora avara,
Quando os olhos feriste,
Me mataste, cruel, de inveja pura:
Mas se desta alma triste
A negra escuridaõ vencer quizeste;
Sabe, que em vão nasceste,
Que para desfazerse a nevoa escura
De meus olhos, importa estar presente
Outro Sol, outra Aurora, outro Oriente.
Se a luz de meu Planeta
Naõ me aviva, Cançam, branda, & quieta,
Qual flor de chuva em breve consumida
Veràs desfeyta em lagrimas a vida.

CANC, AM XII.

Louva o P. a frescura de huma Ribeyra que corre entre os rochedos de Buina, que naõ sabemos aonde he.

POr meyo de humas serras muy fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes agoas deleytosas:
Na ribeyra de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Que excede a qualquer outra mais fermosa.

As correntes se vem, que aceleradas,
As aves regalando, & as boninas,
Se vaõ a entrar nas agoas Neptuninas,
Por diversas ribeyras derivadas:
Com mil brancas conchinhas a aurea area,
Bem se arrea,
Voaõ aves,
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando
Com doce accento os ares abrandando.

O doce Roxyinol num ramo canta,
E do outro o Pintasirgo lhe responde,
A Perdiz, de entre a mata, em q se esconde,
O caçador sentindo, se levanta:
Voando vay ligeyra mais que o vento,
Outro assento
Vay buscando;
Porém quando
Vay fugindo
Retinindo,
Tras ella mais veloz a setta corre,
De que ferida logo cae, & morre.

Aqui Progne de hũ ramo em outro ramo,
Com o peyto ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho anda buscando,
A leda Codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano
Fazer dano
Aa coytada,
Que enganada
De huns esparzidos grãos do louro trigo,
Nas mãos vay a cair de seu imigo.

Aqui soa a Calhandra na parreyra,
A Rola geme, palra o Estorninho,
Sae a candida Pomba de seu ninho,
O Tordo pousa em cima da oliveyra:
Vaõ as doces a belhas sussurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco, & frio,
Por o prado
De erva ornado,
Com que o bravo licor fazem, que deu
A a humana gente a industria de Aristeu.

Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem,
As frodiferas arvores se ofrecem,
Com differentes fruytos carregadas:
Os peyxes na agoa clara andão saltando;
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jocundas
Ondas consigo trazem, crepitando
Por a praya alva com ruido brando.

Aqui por entre as selvas se levantaõ
Animaes calidonios, & os Veados
Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pès se espantaõ:
Sae o Coelho, a Lebre sae manhosa,
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Caõ ligeyro,
Mas primeyro,
Que ella ao contrario fervido se entregue,
A vezes deyxa em branco a quem a segue.

Luzem as brancas, & purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta,
O fermoso Iazinto alli naõ falta,
Lembrado dos antigos seus amores:
Inda na flor se mostraõ esculpidos
Os gemidos,
Aqui Flora
Sempre mora,
E com Rosas
Mais fermosas,
Com lirios, & boninas mil fragrantes
Alegra os seus amores inconstantes.

Aqui Narciso em liquido cristal
Se namora de sua fermosura,
Nelle os pendentes ramos da espessura,
Dibuxandose estaõ ao natural,
Adonis, com que a linda Cytherea
Se recrea,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,
Que Ericina
Por imagem deyxou de qual seria
Aquelle, por quem ella se perdia.

Lugar alegre, fresco, a comodado,
Para se deleytar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego Amor tivesse derribado:
E para memorar ao som das agoas
Suas magoas
A morosas,
As cheyrosas

Flo-

Flores vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por graõ penhor a Nymphas bellas.
Eu dellas, por penhor de meus amores,
Huma capella a a minha Deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem me queres entre tantas flores:
Porèm como se fora mal me queres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flores; naõ por minha,
Mas porque muytas mais ella em si tinha.

CANC, AM XIII.

Conta o P. em Goa as desgraças que lhe succederaõ na Arabia Feliz secca, & inabitavel vindo do mar Roxo.

JUnto de hum seco, duro, esteril monte,
Inutil, & despido, calvo, & informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave voa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou junto a a parte
Adonde hum braço de alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em q fundada jà foy Berenice,
Ficando a a parte donde
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde.
O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Aromata chamado:
Aromata outro tempo, que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apresurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo, & teve,
Minha fera ventura,
Aqui nesta remota, aspera, & dura
Parte do mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deyxasse hum breve espaço:
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
Aqui me achey gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, maos, & solitarios,
De trabalho, de dor, & de ira cheos:
Nam tendo, naõ, sómente por contrarios
A vida, o Sol ardente, as agoas frias,
Os ares grossos, fervidos, & feos,
Mas os meus pensamentos, que saõ meyos
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendome à memoria
Alguma jà passada, & breve gloria
Que eu jà no mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrarme que havia
No mundo muytas horas de alegria.
Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastãdo tempo, & vida; os quaes taõ alto
Me subiaõ nas azas, que cahia
(O, vede se seria leve o salto!)
De sonhados, & vãos contentamentos,
Em desesperaçaõ de ver hum dia.
O imaginar, aqui se convertia
E em provisos choros, & em suspiros
Que rompiaõ os ares.
Aqui a alma cativa
Chagada toda estava em carne viva,
De dores rodeada, & de pesares;
Desamparada, & descuberta aos tiros
Da soberba Fortuna;
Soberba, inexoravel, & importuna.
Nam tinha parte donde se deytasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era, & causa que padeça,
Mas que pereça naõ; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
O! que este irado mar gemendo amanso;
Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfreaõ:
Sómente o Ceo severo,
As estrellas, & o Fado sempre fero,
Com meu perpetuo dano se recreaõ:
Mostrandose potentes, & indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tam pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum hora
Lembrava a huns claros olhos que jà vi;
E se esta triste voz rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
De aquella em cuja vista jà vivi;

A qual tornãdo hum pouco sobre si,
Revolvendo na mente presurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males, & furores,
Por ella padecidos, & buscados;
E [posto que já tarde] piedosa,
Hũ pouco lhe pesasse,
E là entre si por dura se julgasse.
Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto afagaria o sofrimento.
Ah, senhora! Ah senhora! & que tam rica
Estais, que cà tam longe de alegria
Me sustentais cum doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho, & toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro, & forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntaõ esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas, & suaves.
Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiraõ
Da parte donde estais, por vòs, senhora:
A as aves que alli voaõ, se vos viraõ,
Que fazieis, & que estaveis praticando;
Onde, como, cõ quem, que dia, & qu'hora.
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A Fortuna, & trabalho,
Sò por tornar a vervos,
Sò por ir a servirvos, & querervos:
Dizme o tempo que a tudo darà talho;
Mas o desejo ardente, que detença
Nunqua sofreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao sofrimento.
Assi vivo; & se alguem te preguntasse,
Cançam, porque naõ mouro;
Podeslhe responder; que porque mouro.

CANÇAM XIV.

Em Goa sente o P. a ausencia, & esquiveza de sua querida.

COm força desusada
Aquenta o fogo eterno
Hũa Ilha là nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro Inverno
Os campos reverdece alegremente.
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas
Tem della o senhorio.
Cercada està de hum rio
De maritimas agoas saudosas.
Das ervas que aqui nascem,
Os gados juntamente, & os olhos pascem.
Aqui minha ventura
Quiz que huma grande parte
Da vida que naõ tinha se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, & de lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a troco desta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse, como historia,
Que de huns fermosos olhos fosse lida,
A vida, & alegria,
Por tam doce memoria trocaria.
Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Nam cuyde o pensamento
Que pòde achar na morte,
O que naõ pode achar tam longa vida.
Està jà tam perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas ó, que se algum dia
Desesperar pudesse, viviria!
De quanto tenho visto,
Jà agora naõ me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foy causa disto,
Pois eu nunca fuy tanto
Que causasse este fogo que me encende.
Se cuydaõ que me offende
Temor de esquecimento,
O xalà meu perigo
Me fora taõ amigo
Que algum temor deyxàra ao pensamento,
Quem vio tamanho enleo?
Que houvesse ahi esperãça sem receo!
Quem tem que perder possa
Se pòde recear.
Mas triste quem naõ pòde jà perder!
Senhora, a culpa he vossa,

Que

Que para me matar,
Bastàra hum, hora só de vos naõ ver.
Posesteme em poder
De fallas esperáças,
E do que mais me espanto,
Que nunqua valli tanto,
Que visse tanto bem como esquivanças;
Valia tam pequena,
Nam pode merecer tam doce pena,
Ouvese amor comigo
Tam brando, & pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece,
Que naõ ha mòr castigo,
Pera quem tem errado,
Que negarlhe o castigo, que merece,
E bem como acontece,
Que assi como ao doente,
Da cura despedido,
O medico sabido,
Tudo quanto deseja lhe consente;
Assi me consentia,
Esperança, desejo, & ousadia.
E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, & longa ausencias
Quem pòde imaginar,
Que houvesse em mi peccado,
Que mereça taõ grav epenitencia?
Olhay, que he consciencia,
Por hum tam pequeno erro,
Senhora, tanta pena:
Naõ vedes, que he onzena?
Mas se tam longo, & misero desterro,
Vos dà contentamento,
Nunqua me acabe nelle meu tormento,
Rio fermoso, & claro,
E vòs ò arvoredos,
Que os justos vencedores coroais,
E ao cultor avàro,
Continuamente ledos,
De hum tronco só diversos frutos dias:
Assi nunqua sintais,
Do tempo injuria alguma,
Que em vòs achem abrigo
As magoas, que aqui digo,
Em quanto dèr o Sol virtude à Lua;
Porque de gente, em gente,
Saybaõ, que jà naõ mata a vida ausente.
Cançam, neste desterro viviràs
Voz núa, & descuberta,
Atè que o tempo em ecco te converta.

CANÇAM XV.

Descreve o P. as queyxas de sua adversa fortuna entregandoas ao seu fiel secretario, que he o papel.

Vinde cà meu tam certo secretario,
Dos queyxumes, q̃ sẽpre ando fazẽdo,
Papel, com quem a pena desafogo:
As semrazões digamos, que vivendo
Me faz o inexoravel, & contrario
Destino, surdo a lagrimas, & a rogo:
Deytemos agoa pouca em muyto fogo,
Acendase com gritos hum tormento,
Que a todas as memorias seja estranho;
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mundo, à gẽte, & emfim ao vento,
A quem jà muytas vezes o contey,
Tanto de balde, como o conto agora:
Mas jà que para errores fuy nacido,
Vir este a ser hum delles naõ duvido,
Que pois jà de acertar estou tam fóra,
Naõ me culpem tambem se nisto errey:
Se quer este refugio só terey,
Fallar, & errar sem culpa livremente,
Triste quem de taõ pouco està contente.
Jà me desenganey, que de queyxarme,
Naõ se alcança remedio, mas quem pena,
Forçado lhe he gritar, se a dor he grande:
Gritarey, mas he debil, & pequena
A voz para poder desabafarme,
Porque nem com gritar a dor se abrande:
Quem me darà se quer, que fóra mande,
Lagrimas, & suspiros infinitos,
Iguais ao mal, que dentro n'alma mòra?
Mas quem pòde algum hora,
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Emfim direy aquillo, que me ensinaõ
A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
Que he outra dor por si mais dura, & firme,
Chegay desesperados para ouvirme,
E fujaõ os que vivem de esperança,
Ou aquelles, que nella se imaginaõ,
Porque Amor, & Fortuna determinaõ
De lhe darem poder para entenderem,
A medida dos males, que tiverem.
Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeraõ
Estrellas infelices obrigado:
Com ter livre alvedrio mo naõ deraõ,

Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, & o peor segui forçado,
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse,
Inda minino os olhos brandamente,
Mandaõ que diligente
Hum minino sem olhos me ferisse:
As lagrimas da infancia jà manavaõ,
Com huma saudade namorada:
O som dos gritos, que no berço dava,
Jà como de suspiros me soava,
Com a idade, & fado concertado,
Porque quando por caso me embalavaõ,
Se versos de amor tristes me cantavaõ,
Logo me adormecia a natureza,
Que tam conforme estava co a tristeza.

Foy minha ama hũa fera, que o destino
Naõ quiz, que mulher fosse, a que tivesse
Tal nome para mi, nem a haveria;
Assi criado fuy, porque bebesse
O veneno amoroso de minino,
Que na mayor idade beberia,
E por costume naõ me mataria:
Logo entaõ vi a imagem, & semelhança,
D'aquella humana fera tam fermosa,
Suave, & venenosa,
Que me criou aos peytos da esperança,
De quem eu vi despois o original;
Que de todos os grandes desatinos,
Fas a culpa soberba, & soberana:
Pareceme que tinha forma humana,
Mas cintillava espiritos divinos,
Hum meneo, & presença tinha tal,
Que se vangloriava todo o mal
Na vista della: a sombra, co a viveza,
Excedia o poder da natureza.

Que genero tam novo de tormento
Teve amor, que naõ fosse, naõ somente
Provado em mi, mas todo executado?
Implacaveis durezas, que o fervente
Desejo, que dá força ao pensamento,
Tinhaõ de seu proposito aballado;
E de se ver corrido, & injuriado,
Aqui sombras fantasticas, trazidas
De algũas temerarias esperanças,
As bemaventuranças,
Nellas tambem pintadas, & fingidas,
Mas a dor do desprezo recebido,
Que a fantasia me desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto:
Aqui o adevinhar, & ter por certo,
Que era verdade quanto adevinhava,
E logo o desdizerme de corrido,
Dar ás cousas, que via, outro sentido:
E para tudo em fim buscar razões,
Mas eraõ muytas mais as semrazões.

Naõ sey como sayba estar roubando
Cos rayos as entranhas, que fugiaõ
Por ella pellos olhos sutilmente:
Pouco a pouco invenciveis me sahiaõ,
Bem como do vèo o humido exalando
Està o sutil humor o Sol ardente;
Em fim o gesto puro, & transparente,
Para quem fica bayxo, & sem valia
Deste nome de bello, & de fermoso:
O doce, & piedoso,
Mover de olhos, que as almas suspendia,
Foraõ as hervas magicas, que o Ceo
Me fez beber, as quaes por longos annos,
Noutro ser me tiveraõ transformado:
E tam contente de me ver trocado,
Que as magoas enganava cos enganos,
E diante dos olhos punha o vèo,
Que me encobrisse o mal, que assi creceo,
Como quem com afagos se criava,
Daquelle, para quem crecido estava.

Pois quem pòde pintar a vida ausente,
Com hum descontentarme quanto via,
E aquelle estar tam longe donde estava;
O fallar, sem saber, o que dizia,
Andar, sem ver por onde, & juntamente
Suspirar, sem saber, que suspirava,
Pois quando aquelle mal me atormentava,
E aquella dor, que das Tartareas agoas,
Sahio ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes soe,
Duras iras tornar em brandas magoas,
Agora co furor da magoa irado,
Querer, & naõ querer deyxar de amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo privado de esperança,
Que tam mal se podia jà mudar;
Agora a saudade do passado
Tormento puro, doce, & magoado,
Fazia converter estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.

Que desculpas comigo só buscava,
Quando o suave amor me naõ sofria
Culpa na cousa amada, & tam amada?
Em fim eraõ remedios, que fingia
O medo do tormento, que ensinava
A vida sustentarse de enganada:
Nisto hũma parte della foy passada,
Na qual se tive algum contentamento,

Breve, imperfeyto, timido, indecente,
Naõ foy senaõ semente,
De hum cumprido, & amarissimo tormento,
Este curso contino de tristeza,
Estes passos tam vanmente espalhados,
Me forão a pagando o ardente gosto,
Que tam de siso n'alma tinha posto,
De aquelles pensamentos namorados,
Em que eu criey a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza,
Contra quem força humana naõ resiste,
Se converteo no gosto de ser triste.

Desta arte a vida noutra fuy trocando,
Eu naõ, mas o destino fero irado,
Que eu inda assi por outra a naõ trocàra:
Fesme deyxar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteve a vida cara;
Agora experimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quiz que logo
Visse, & tocasse o acerbo fruto seu,
E neste escudo meu,
A pintura veraõ do infesto fogo,
Agora peregrino, vago, & errante,
Vendo nações linguagẽs, & costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Só por seguir com passos diligentes,
A ti Fortuna injusta, que consumes
As idades, levandolhe diante
Hũa esperança em vista de diamante;
Mas quando das mãos cae se conhece,
Que he fragil vidro aquillo, que aparece.

A piedade humana me faltava,
A gente amiga jà contraria via,
No primeyro perigo, & no segundo:
Terra, em que pór os pès me fallecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltavame em fim o tempo, & o mundo;
Que segredo tam arduo, & tam profundo,
Nascer para viver, & para a vida,
Faltarme quanto o mundo tem para ella,
E naõ poder perdella,
Estando tantas vezes jà perdida!
Em fim naõ houve trance da Fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos
Injustiças daquelles, que o confuso
Regimento do mundo antigo abuso
Faz sobre os outros homẽs poderosos:)
Que eu naõ passasse atado à fiel coluna
Do sofrimento meu, que a importuna
Perseguiçaõ de males em pedaços
Mil vezes fez à força de seus braços.

Naõ conto tantos males, como aquelle,
Que despois, da tormenta procellosa,
Os casos della conta em tempo ledo,
Que inda agora a Fortuna fluctuosa,
A tamanhas miserias me compelle,
Que de dar hum só passo tenho medo;
Jà de mal, que me venha, naõ me arredo,
Nem bem, que me falleça, jà pretendo,
Que para mi naõ val astucia humana,
De força soberana,
Da providencia em fim divina pendo;
Isto que cuydo, & vejo às vezes tomo,
Para consolaçaõ de tantos danos,
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre, & não alcança,
Se naõ memoria dos passados annos;
As agoas que entaõ bebo, & o paõ que como,
Lagrimas tristes saõ, que eu nunqua domo;
Senaõ com fabricar na fantasia,
Fantasticas pinturas de alegria.

Que se possivel fosse, que tornasse
O tempo para tras, como a memoria,
Pellos vestigios da primeyra idade;
E de novo tecendo a antiga historia,
De meus errores me levasse
Pellas flores, que vi da mocidade:
E a lembrança da longa saudade,
Entaõ fosse mayor contentamento,
Vendo a conversaçaõ lèda, & suave,
Onde hũa, & outra chave,
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidaõ, a cortesia,
A singella amizade, que desvia
Toda a bayxa tenção, terrena impura,
Como a qual outra alguma naõ vi mais,
Ah vãs memorias onde me levais
O fraco coraçaõ, que inda naõ posso
Do mar este tam vaõ desejo vosso?

Não mais Cãçaõ não mais, q̃ irey fallãdo,
Sem o sentir mil annos, & se acaso
Te culparem de larga, & de pesada,
Naõ póde ser [lhe dize] limitada
A agoa do mar em tam pequeno vaso;
Nem eu delicadezas vou cantando,
Co gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades jà por mi passadas,
Oxalà foraõ fabulas sonhadas.

CANC, AM XVI.

Ainda que esta Cançam pareça repetida naõ he assim, porque esta faz o P. ditada do que alma sente privada do gozo de hũa Deydad à que elle aspirava.

MAmdame Amor,q̃ cãte, o q̃ alma sẽte,
Caso,que nunca em verso foy cãtado,
Nem d'antes entre gente acontecido;
Pagame assi em parte o meu cuydado,
Pois que quer, que me louve, & represente
Quaõ bem soube no mundo ser perdido.
Sou parte, & naõ serey da gente crido,
Mas he tamanho o gosto de louvarme,
E de manifestarme,
Por cativo de gesto taõ fermoso,
Que todo impedimento
Rompe, & desfaz a gloria do tormento:
Peregrino, suave, & deleytoso,
Que bem sey que, o que canto,
Ha d'achar menos credito, que espanto.
Eu vivia do cego Amor izento
Porém tam inclinado a viver preso,
Que medava desgosto a liberdade:
Hum natural desejo tinha acceso
D'algum ditoso, & doce pensamento,
Que me illustrasse a insana mocidade:
Tornava do anno jà a primeyra idade,
A revestida terra se alegrava,
Quando Amor me mostrava
Em fios douro humas tranças desatadas
Ao doce vento estivo,
Os olhos rutilando em lume vivo,
As rosas entre a neve semeadas,
O gosto grave, & ledo
Que juntos move em mim desejo, & medo.

Este ramo està quasi todo, na q̃ està impressa.

Hum naõ sey que suave respirando,
Causava hum desusado, & novo espanto,
Que as cousas insensiveis o sentiaõ:
Porque as garrulas aves entre tanto,
Vozes desordenadas levantando,
Como eu em meu desejo se acendiaõ.
As fontes cristalinas naõ corriaõ,
Inflamadas na vista clara, & pura,
Florecia a verdura,
Que andando cos ditosos pés tocava.
Os ramos se abayxavaõ,
Ou denveja das hervas, que pizavaõ,
Ou porque tudo ante elles se abayxava;
O ar, o vento, o dia
Espiritos continuos influhia.
E quando vi, que dava entendimento
A cousas fora delle, imaginey,
Que milagres faria em mim, que o tinha?
Vi, que me desatou da minha ley,
Privandome de todo sentimento,
E n'outras transformando a vida minha.
Com tamanhos poderes do Amor vinha
Que o uso dos sentidos me tirava,
E naõ sey como o dava
Contra o poder, & ordem de Natura
As arvores, aos montes,
A rudeza das hervas, & das fontes,
Que conheceraõ logo a vista pura,
Fiquey eu só tornado,
Quasi n'um rudo tronco de admirado.
Despois de ter perdido o sentimento
De humano, hum só desejo me ficava,
Em que toda a razaõ se convertia;
Mas naõ sey quem no peyto me bradava,
Que por taõ alto, & doce pensamento,
Com razaõ a razaõ se me perdia:
Assi que quando mais perdida a via
Na sua mesma perda se ganhava;
Em doce paz estava
Com seu contrario proprio num sogeyto;
O caso estranho, & novo,
Por alta certamente, & grande approvo
A causa, donde vem tamanho effeyto,
Que faz num coraçaõ
Que hum desejo sem ser, seja razaõ.
Depois de jà entregue a meu desejo,
Ou quasi todo nelle convertido,
Solitario, silvestre, & inhumano,
Taõ contente fiquey de ser perdido,
Que me parece tudo, quanto vejo,
Escusado, se naõ meu proprio dano;
Bebendo esteve suave, & doce engano,
A troco do sentido, que perdia,
Vi, que Amor me insculpia
Dentro nalma a figura honesta, & bella,
A gravidade, o siso,
A mansidaõ, a graça, o doce riso,
E porque naõ cabia dentro nella,
De bẽs tamanhos tanto,
Sae pela boca convertido em canto.
Cançam, se te naõ crerem
Daquelle claro gesto quanto dizes,
Pelo que em si lhe esconde:

Os

Os sentidos humanos [lhe responde]	Se naõ hum pensamento,
Naõ podem do divino ser juizes,	Que a falta supra a fé do entendimento.

ODE I.

Descreve o P. a fermosura do objecto de seus desvelos debayxo da metafora de Lua, por se acharem ambos em Cintra, ou Cinthea, que em latim significa a Lua.

DEtem hũ pouco, Musa, o largo pranto,
Que amor te abre do peyto,
E vestida de rico, & ledo manto,
Demos honra, & respeyto,
Aquella, cujo objeito,
Todo o mundo alumia
Trocando a noyte escura em claro dia,

Oh Delia, que a pesar da nevoa grossa,
Cos teus rayos de prata,
A noyte escura fazes, que naõ possa
Encontrar, o que trata,
E o que n'alma retrata,
Amor, por teu divino
Rayo, porque endoudeço, & desatino,

Tu, que de fermosissimas estrellas,
Coroas, & rodeas
Tua candida fronte, & faces bellas;
E os campos fermoseas
Co'as rosas que semeas,
Co'as boninas que gèra
O teu celeste humor na primavera:

Pois, Delia, do teu ceo vendo estàs quãtos
Furtos de puridades,
Suspiros, magoas, ays, musicas, prantos,
As conformes vontades,
Humas por saudades,
Outras por crus indicios
Fazem das propias vidas sacrificios:

Jà veo Endimiaõ por estes montes
O Ceo suspenso olhando;
E teu nome, co'os olhos feytos fontes,
Em vaõ sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercès a a tua beldade,
Sem que ache em ti hum'hora piedade.

Por ti feyto pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias
De todo amor contrarias,
Mas naõ como ti duras,
Onde lamenta, & chora desventuras.

Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio,
Suas sombras fermosas:
Para ti no Erimanto o lindo Epilio
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheyrosas
De este nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.

De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,
As asperas entranhas
Naõ temeraõ teu fero, & agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas, & estranhas,
Ligeyra atravessavas,
Tam fermosa que a Amor de amor matavas.

Das castas virgẽs sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovandolhe as forças, & os espritos:
Mas os de aquelle triste,
Jà nunca consentiste
Ouvi-los hum momento,
Para ser menos grave o seu tormẽtõ.

Naõ fujas, não, de mim; ah! Naõ te escõdas
De hum tam fiel amante!
Olha como suspiraõ estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente
Ouvindo a minha voz fraca, & doente.

Triste de mim! Que alcãço por queyxar-
Pois minhas queyxas digo (me,
A quem jà ergueo a maõ para matarme
Como a cruel imigo?
Mas eu meu Fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pertende, & só me ensina.

Oh! quãto ha jà que o Ceo me desengana,
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teyma insana.
Tendo livre alvedrio
Naõ fujo o desvario;
Porque este em que me vejo
Engana co'a esperança o meu desejo,

Oh quanto melhor fora que dormissem
Hum sono perenal
Estes meus olhos tristes, & naõ vissem
A causa de seu mal
Fugir, a hum tempo tal,
Mais, que de antes proterva,
Mais cruel, que Ursa, mais fugaz, que Cerva.
Ay de mi, que me abraso em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando morro mais, entaõ mais vivo:
Porque tem ordenado
Meu infelice estado,
Que quando me convida
A morte para a morte tenha vida.
Secreta noyte amiga, a que obedeço,
Estas rosas (por quanto
Meus queyxumes me ouviste) te offereço;
E este fresco amaranto
Humido inda do pranto,
E lagrimas da Esposa
Do cioso Titaõ branca, & fermosa.

ODE II.

Aqui descreve o P. a fermosura de sua amada, & se queyxa de que se mostra muyto esquiva para elle.

TAm suave, tam fresca, & tam fermosa
Nunca no Ceo sahio
A Aurora no principio do veraõ,
A as flores dando a graça costumada,
Como a fermosa mansa fera, quando
Hum pensamento vivo me inspirou,
Por quem me desconheço.
Bonina pudibunda, ou fresca rosa
Nunca no campo abrio,
Quando os rayos do Sol no Touro estaõ,
De cores differentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando,
O sofrimento triste costumou
A a pena que padeço.
Ligeyra, bella Ninfa, linda, irosa,
Naõ creo, que seguio
Satyro, cujo brando coraçaõ
De amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, donde amor mostrou
Tam prospero começo.
Nunqua em fim cousa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que iguale aquella forma, & condiçaõ,
Que as dores, em que vivo, estima em nada:
Mas com tam doce gesto, irado, & brando,
O sentimento, & a vida me elevou,
Que a pena lhe agradeço.
Bem cudey de exaltar em verso, ou prosa
Aquillo, que a alma vio,
Entre a doce dureza, & mansidaõ,
Primores de belleza desusada,
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento, & engenho me cegou,
Luz de taõ alto preço.
Naquella alta pureza deleytosa,
Que ao mundo se encubrio,
E nos olhos angelicos, que saõ
Senhores desta vida destinada,
E naquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento, a vida me enredou,
Me alegro, & me entristeço.
Saudade, & suspeyta perigosa,
Que amor constituhio,
Por castigo de aquelles, que se vaõ:
Temores, penas da alma desprezada,
Fera esquivança, que me vay tirando
O mantimento, que me sustenstou,
A tudo me offereço.
Amor isento a huns olhos me entregou,
Nos quays a Deos conheço.

ODE III.

Esta fez o P. depois das experiencias de amor, & fortuna, que sendo contrarios o tinhaõ reduzido a naõ poder cantar com a suavidade costumada.

SE de meu pensamento,
Tanta razaõ tivera de alegrarme,
Quanto de meu tormento
A tenho de queyxarme,
Poderas triste Lyra consolarme.
E minha voz cansada,
Que em outro tempo foy alegre, & pura,
Nam fora assi tornada,
Com tanta desventura,
Tam rouca, taõ pesada, nem tam dura.
A ser como sohia,
Pudera levantar vossos louvores,
Vòs minha Hierarchia
Ouvireis meus amores,
Que exemplo saõ ao mundo jà de dores.
Alegres meus cuydados,
Contentes dias, horas, & momentos,

Oh quanto bem lembrados
Sois de meus pensamentos,
Reynando agora em mi duros tormentos!
Ay, gostos fugitivos!
Ay, gloria já acabada, & consumida!
Ay, males taõ esquivos!
Qual me deyxais a vida!
Quam chea de pesar! Quaõ destruida!
Mas como naõ he morta
Já esta vida! Como tanto dura?
Como naõ abre a porta
A tanta desventura,
Que em vaõ cõ seu poder o tempo cura?
Mas para padecella,
Se esforça o meu sugeyto, & convalece,
Que sò para dizella,
A força me falece,
E de todo me cansa, & me enfraquece.
Oh! bem afortunado,
Tu, que alcançaste com lira toante,
Orfeo, ser escutado
Do fero Rhadamante,
E co'os teus olhos ver a doce amante!
As infernaes figuras
Moveste com teu canto docemente:
As tres furias escuras,
Implacaveis a a gente,
Aplacadas se viraõ de repente.
Ficou como pasmado
Todo o Stygio Reyno co' o teu canto;
E quasi descansado,
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisifo o grave canto.
A ordem se mudava
Das penas, que regendo està Plutaõ;
Em descanso se achava
A roda de Ixiaõ;
E em gloria quantas penas alli saõ.
De todo já admirada
A Rainha infernal, & commovida,
Te deo a desejada
Esposa, que, perdida,
De tantos dias já tivera a vida.
Pois minha desventura
Como jà naõ abranda hũa alma humana,
Que he contra mi mais dura,
E inda mais deshumana
Que o furor de Calirroe profana?
Oh! crua, esquiva, & fera,
Duro peyto, cruel, & empedernido,
De alguma tigre fera
Là na Hyrcania nascido,
Ou de entre as duras rochas produzido!
Mas que digo coytado,
E de quem fio em vaõ minhas querellas?
Sò vòs (ò do salgado
Humido Reyno!) bellas
E claras Ninfas, condoeyvos dellas.
E de ouro guarnecidas
Vossas louras cabeças levantando,
Sobre as ondas erguidas
As tranças gotejando
Sahindo todas vinde a ver qual ando.
Sahi em companhia,
E cantando, & colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia;
Ouvireis meus amores:
Assentareis meus prantos, meus clamores.
Vereis o mais perdido,
E mais infeliz corpo, que ha gerado;
Que està já convertido
Em choro, & neste estado
Sómente vive nelle o seu cuydado.

O D E IV.

A huma Dama de Lisboa por quem parece se desvelou algum tempo o P.

Ermosa fera humana,
Em cujo coraçaõ soberbo, & rudo,
A força soberana
Do vingativo Amor, que vence tudo,
As pontas amoladas
De quantas setas tinha tem quebradas:
Amada Circe minha,
Posto que minha naõ, com tudo amada;
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguey,
E se mais tenho mais entregarey.
Pois natureza irosa,
Da razaõ te deu partes tam contrarias,
Que sendo tam fermosa,
Folgues de te queymar em flamas varias,
Sem arder em nenhuma
Mais que, em quanto alumia o mundo a Lua:
Pois triunfando vàs
Com diversos despojos de perdidos,
Que tu privando estàs
De razaõ, de juizo, & de sentidos;
E quasi a todos dando
Aquelle bem, que a todos vàs negando:
Pois tanto te contenta

Ver o nocturno moço em ferro envolto,
Debayxo da tormenta
De Jupiter em agoa, & vento solto,
A a porta, que impedido
Lhe tem seu bem, de magoa adormecido.
Porque naõ tens receo
Que tantas insolencias, & esquivanças,
A Deosa que poem freo
A soberbas, & doudas esperanças,
Castigue com rigor,
E contra ti se acenda o fero Amor!
Olha a fermosa Flora
De despojos de mil suspiros rica,
Por o Capitaõ chora,
Que là em Tesalia, enfim, vencido fica:
E foy sublime tanto
Que altares lhe deu Roma, & nome santo.
Olha em Lesbos aquella
No seu Salteyro insigne conhecida;
Dos muytos que por ella
Se perdéraõ, perdeo a cara vida
Na rocha que se infama
Com ser remedio extremo de quem ama.
Por o moço escolhido,
Onde mais se mostràraõ as tres Graças;
Que Venus escondido
Para si teve hum tempo entre as alfaças,
Pagou co'a morte fria
A má vida, que a muytos jà daria.
E vendose deyxa ia
De aquelle por quem tantos jà dexàra,
Se foy, desesperada,
Precipitar da infame rocha cara:
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.
Tomayme, bravos mares,
Vòs me tomay, pois outrem me deyxou,
Disse: &, dos altos ares
Pendendo, com furor se arremeçou.
Acude tu, suave,
Acude, poderosa, & divina Ave.
Toma-a nas azaz tuas,
Menino pio, ilesa, & sem perigo;
Antes que nestas cruas
Agoas caindo apague o fogo antiguo.
He digno amor tamanho
De viver, & ser tido por estranho.
Naõ: que he razaõ que seja
Para as Lobas izentas, que Amor vendem,
Exemplo, onde se veja
Que tambem ficaõ prezas as que prendem.
Assi o deu por sentença
Nemesis, que Amor quiz que tudo vença.

ODE V.

Obriga o P. a huma Dama discreta para ficar delle prenaada.

Nunca manhãa suave
Estendendo seus rayos por o mundo,
Despois de noyte grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que já no fundo
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara à mi dos olhos vossos.
Aquella fermosura,
Que só no virar delles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, & o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se entristece,
Ella, & sua viveza,
Me desfazem a nuvem da tristeza.
O meu peyto, onde estais,
He para tanto bem pequeno vaso:
Quando a caso virais
Os olhos que de mi naõ fazem caso;
Todo, gentil senhora, entaõ me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.
Se mil almas tivera
Que a tam fermosos olhos entregára,
Todas quantas pudera
Por as pestanas delles pendurára;
E elevadas na vista pura, & clara,
(Posto que disso indinas)
Se andáraõ sempre vendo nas meninas.
E vòs, que descuydada
Agora vivireis de tais querellas,
De almas minhas cercada
Naõ pudesseis tirar os olhos dellas,
Naõ pòde ser que vendo a vossa entr'ellas,
A dor que lhe mostrassem
Tantas, huma alma só naõ abrandassem.
Mas pois o peyto ardente
Huma só pòde ter, fermosa Dama,
Basta que esta somente,
Como se fossem mil & mil vos ama;
Para que a dor de sua ardente flama
Comvosco tanto possa
Que naõ queyrais ver cinza hum'alma vossa.

ODE VI.

Em huma ausencia, em que o P. teve grandes desejos de ver a sua querida senhora, & as imaginações amorosas lhe representárão em figuras quasi divinas.

PÓde hum desejo immenso
Arder no peyto tanto,
Que a brãda, & a viva alma, o fogo intẽso,
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o espirito
Com olhos immortais,
Que faz que lea mais do que vê escrito.
Que a flama que se acende
Alto, tanto alumia
Que se o nobre desejo ao bem se estende
Que nunca vio o sente claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A grça, a viva cor,
Noutra especie melhor que a corporal.
Pois vós, ò claro exemplo
De viva fermosura,
Que de taõ longe cà noto, & contemplo
Na alma, que este desejo sobe, & apura;
Naõ creais que naõ vejo aquella imagem,
Que as gentes nunca vem,
Se de humanos naõ tem muyta ventagem.
Que se os olhos ausentes
Naõ vem a compassada
Proporção, que das cores excellentes
De pureza, & vergonha he variada,
Da qual a Poesia que cantou
Atè aqui só pinturas
Com mortais fermosuras igualou:
Se naõ vem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se naõ vem os claros olhos bellos,
De quem cantaõ, que saõ do Sol tesouro;
E se naõ vem do rosto as excellencias,
A quem diraõ, que deve
Rosa, & cristal, & neve as aparencias:
Vem logo a graça pura,
A luz alta, & severa,
Que he rayo da divina Fermosura,
Que na alma imprime, & fora reverbera;
Assi como cristal do Sol ferido,
Que por fora derrama
A recebida flama esclarecido.
E vem a gravidade
Com a viva alegria
Que misturada tem de qualidade
Que huma da outra nunca se desvia;
Nem deyxa de ser huma receada
Por leda, & por suave,
Nem outra por ser grave muyto amada.
E vem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co'o doce, & ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores:
As palavras discretas, & suaves,
Das quais o movimento
Fará deter o vento, & as altas aves.
Dos olhos o virar,
Que torna tudo raso,
Do qual naõ sabe o engenho divisar,
Se foy por artificio, ou feyto a caso:
Da presença os meneos, & a postura,
O andar, & o moverse,
Donde póde aprenderse fermosura.
Aquelle naõ sey que,
Que aspira não sey como;
Que invisivel saindo, a vista o vè,
Mas para o cõprẽder naõ lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Febo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via;
Em vòs a nossa idade,
Senhora, o póde ver,
Se engenho, se ciencia, & habilidade,
Iguais a vossa Farmosura der,
Qual a vio meu longo apartamento;
Qual em ausencia a vejo.
Tais asas dà o Desejo ao Pensamento.
Pois se o desejo afina
Hum'alma acesa tanto
Que por vòs use as partes da divina;
Por vòs levantarey naõ visto canto,
Que o Betis me ouça, & o Tibre me levante;
Que o nosso claro Tejo,
Envolto hum pouco o vejo, & dissonante.
O campo naõ o esmaltaõ
Flores, mas só abrolhos
O fazem feo; & cuydo que lhe faltaõ
Ouvidos para mi, para vòs olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o Sol que em vòs està,
Na escuridaõ darà mais claro lume.

ODE VII.

A D. Manoel de Portugal, a quem louva as partes de excelente P. real sangue, & Mecenas seu muyto amado.

A quem daràõ de Pindo as Moradoras,
Taõ doutas como bellas,
Florentes capellas
Do triunfante louro, ou mirto verde;
Da gloriosa palma, que naõ perde
A presunçaõ subilme,
Nem por força de peso algum se oprime?
Aquem traráõ nas faldas delicadas,
Rosas a roxa Cloris,
Conchas a branca Doris;
Estas, flores do mar; da terra aquellas,
Argenteas, ruyvas; brancas, & amarellas,
Com danças, & coreas
De fermosas Nereydas, & Napeas?
Aquem foraõ os Himnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphiom,
Em Lebos Ariom,
Senaõ á Vos, por quem restituida
Se vè da Posia já perdida
A honra, & gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
Imitando os espritos já passados,
Gentis, altos, Reais,
Honra benigna dais
A meu taõ bayxo, quam zeloso Engenho.
Por Mecenas a Vos celebro, & tenho;
E sacro o Nome vosso
Farey, se alguma cousa em verso posso.
O rudo canto meu, que resucita
As honras sepultadas,
As palmas já passadas
Dos belicosos nossos Lusitanos,
Para tesouro dos futuros annos,
Com vosco se defende
Da Ley Letea, à a qual tudo se rende.
Na vossa Arvore ornada de honrra, & glo-
Achou Tronco excelente [ria;
A Hera florecente,
Para a minha até aqui de baxa estima:
Nella para trepar, se encosta, & arrima;
E nella subireis
Taõ alto quanto os ramos estendeis.
Sempre foraõ Eengenhos peregrinos
Da Fortuna envejados;
Que quanto levantados
Por hum braço nas asas saõ da Fama;
Tanto por outro aquella que os desama,
Co' o peso, & gravidade,
Os oprime, da vil necessidade.
Mas altos corações dignos de Imperio,
Que vencem a Fortuna,
Foraõ sempre Coluna
Da Ciencia gentil: Otaviano,
Scipiam, Alexandre, & Graciano,
Que vemos immortais;
E Vòs que o nosso Seculo dourais.
Pois, logo, em quanto a citara so norá
Se estimar por o mundo,
Com som douto, & jocundo;
E em quanto produzir o Tejo, & o Douro;
Peytos de Marte & Febo, crespo, & louro,
Tereis gloria immortal
Senhor Dom Manoel de Portugal.

ODE VIII.

Pede o P. ao Conde de Redondo, entaõ Vise-Rey da India o privilegio para a impressaõ do livro de Garcia de Horta.

Aquelle unico Exemplo
De Fortaleza heroyca, & Ousadia,
Que mereceo no templo
Da Fama eterna ter perpetuo dia;
O gram Filho de Thetis, que dez annos
Flagelo foy dos miseros Troianos:
Naõ menos ensinado
Foy nas ervas, & medica policia,
Que destro, & costumado
No soberbo exercicio da milicia:
Assi que as mãos que a tantos morte deraõ,
Tambem a muytos vida dar puderaõ.
E naõ se desprezou
Aquelle fero, & indomito Mancebo,
Das artes, que ensinou
Para o languido corpo o intonso Febo;
Que se o remedio Heytor matar podia,
Tambem chagas mortais curar sabia.
Tais artes aprendeo
Do semiviro Mestre, & douto velho,
Onde tanto creceo
Em virtude, & em ciencia, & em conselho;
Que Telefo por elle vulnerado,
Só delle pode ser despois curado.
Pois vos, ò excellente,
E illustrissimo Conde, do Ceo dado,
Para fazer periente

De altos Herores o Seculo passado;
E em quẽ bem trasladada està a memoria
De vossos Ascendentes, a honra, & gloria:
Posto que o pensamento
Ocupado tenhais na guerra infesta,
Ou co' o sanguinolento
Tapobrano, ou Achem, q̃ o mar molesta;
Ou co' o Cambayco oculto imigo nosso;
Que qualquer delles teme o Nome vosso:
Favorecey a antigua
Ciencia, que jà Aquilles estimou:
Olhay que vos obriga
O ver, que em vosso tempo rebentou
O furto de aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, q̃ os doutos naõ conhecẽ.
Olhay que em vossos annos
Huma Orta produz varias ervas
Nos campos Indianos,
As quais aquellas doutas, & portervas
Medea, & Circe, nunca conhecèraõ,
Posto que a ley da magica excedèraõ.
E vede carregado
De annos, & tras a varia experiencia,
Hum velho, que ensinado
Das Gangeticas Musas na ciencia,
Podaliria sutil, & arte silvestre,
Vence ao velho Chiron, d'Aquilles Mestre.
O qual està pedindo
Vosso favor, & amparo, ao graõ volume,
Que impresso à luz saindo
Darà da medicina hum vivo lume;
E descubrirnos ha segredos certos,
A todos os antigos encubertos.
Assi que naõ podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que se muyto valeis
Na sanguinosa guerra Turca, & Maura,
Ajuda quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte.

ODE IX.

Continua o P. pedindo a D. Francisco Coutinho o mesmo patrocinio para o Medico Horta.

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores sombrias;
As verdes ervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.
Zefiro brando espira;
Suas setas Amor afia agora;
Progne triste suspira,
E Filomela chora;
O Ceo da fresca terra se namora.
Jà a linda Cithera
Vem, do Coro das Ninfas rodeada;
A branca Pasitea
Despida, & delicada,
Com as duas irmans acompanhada.
Em quanto as Officinas
Dos Ciclopas Vulcano està queymando;
Vaõ colhendo boninas
As Ninfas, & cantando;
A terra com o ligeyro pè tocando.
Dece do aspero monte
Diana jà cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura
Perdeo Actéo a natural figura.
Assi se vay passando
A verde Primavera, & o secco Estio:
O Outono vem entrando;
E logo o Inverno frio,
Que tambem passarà por certo fio.
Irseha embranquecendo
Com a frigida neve o seco monte;
E Jupiter chovendo
Turbarà a clara fonte,
Temerà o marinheyro a Orionte.
Porque, enfim, tudo passa;
Naõ sabe o Tempo ter firmeza em nada:
E a nossa vida escassa
Foge tam apressada,
Que quando se começa he acabada.
Que se fez dos Troyanos
Heytor remedio, Eneas piadoso?
Consumiramte os annos,
O Cresso tam famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.
Todo o contentamento
Crias que estava em ter tesouro ufano!
O falso pensamento,
Que à a custa de teu dano
Do Sabio Solon creste o desengano!
O bem que aqui se alcança,
Naõ dura por possante, nem por forte;
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
Porque, enfim, nada basta
Contra o terrivel fim da noyte eterna;
Nem póde a Deosa casta

Tornarà a luz superna
Hipolito da escura sombra Averna.
Nem Teseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa,
Livrar pode o ousado
Peritoo da espantosa
Prisam Letea escura, & tenebrosa.

ODE X.

O assumpto desta Ode, he estar o P. enamorado de hũa sua escrava, & negra desculpando sua fraqueza; porque emfim o P. era homem.

Aquelle Moço fero
Nas Peletronias covas doutrinado
Do Centauro severo;
Cujo peyto esforçado
Com tutanos de tigres foy criado:
Na agoa fatal, menino
O lava a mãy, presaga do futuro;
Para que ferro fino
Naõ passe o peyto duro
Que de si mesmo a si se tem por muro.
A carne lhe endurece,
Porque naõ seja de armas ofendida.
Cega! pois naõ conhece
Que pòde aver ferida
Na alma, & que menos doe perder a vida.
Que donde o braço irado,
Dos Troyanos passava arnes, & escudo,
Alli se vio passado
De aquelle ferro agudo
Do menino, que em todos pòde tudo.
Alli se vio cativo
Da cativa gentil que serve, & adora;
Alli se vio que vivo
Em vivo fogo mora;
Porque de seu Senhor avé Senhora.
Jà toma a branda lira
Na mão que a dura Pelias meneára;
Alli canta, & suspira,
Naõ como lhe ensinàra
O Velho, mas o Moço que o cegàra.
Pois, logo, quem culpado
Serà, se de pequeno offerecido
Foy todo a seu cuydado;
No berço instituido
A naõ poder deyxar de ser ferido?
Quem logo fraco infante,
De outro mais poderoso foy sogeyto;
E para cego amante
Desde o principio feyto,
Com lagrimas banhando o tenro peyto?
Se agora foy ferido
Da penetrante ponta, & força de erva;
E se Amor he servido
Que sirva á linda serva,
Para quem minha Estrella me reserva?
O gesto bem talhado;
O ayroso meneo, & a postura;
O rosto delicado,
Que na vista figura
Que se ensina por arte a Fermosura:
Como póde deyxar
De render a quem tenha entendimento?
Que quem naõ penetrar
Hum doce gesto atento,
Naõ lhe he nenhum louvor viver isento.
Aquelles cujos peytos
Ornou de altas ciencias o Destino
Se viram mais sogeytos
Ao cego, & vaõ Menino,
Arrebatados do furor divino.
O Rey famoso Hebreo,
Que mais que todos soube, mais amou;
Tanto, que a Deos alheo
Falso sacrificou.
Se muyto soube, & teve, muyto errou.
E o gram sabio, que ensina,
Passeando, os segredos da Sophia,
A a bayxa concubina
Do vil Eunuco Hermia,
Aras ergueo, que aos Deoses só devia.
Aras ergue a quem ama
O Filosofo insigne namorado
Dòe-se a perpetua Fama,
E grita que culpado
Da lesa divindade he acusado.
Jà foge donde habita;
Jà paga a culpa enorme com desterro.
Mas, ò grande desdita!
Bem mostra tamanho erro.
Que doutos corações naõ saõ de ferro.
Antes na altiva mente,
No sutil sángue, & engenho mais perfeyto,
Ha mais conveniente,
E conforme sogeyto,
Onde se imprima o brádo, & doce effeyto.

ODE

ODE XI.

O argumento desta; saõ os amores de Peleo com Thetys, & como ella se lhe rendeo, & tiveraõ o forte Achilles.

Naquelle tempo brando
Emque se vè do mundo a fermosura,
Que Thetis descansando
De seu trabalho està, fermosa, & pura,
Cansava Amor o peyto
Do mancebo Peleo, de hum duro affeyto.
Com impeto forçoso
Lhe avia já fugido a bella Ninfa,
Quando no tempo aquoso
Noto irado rebolve a clara linfa,
Serras no mar erguendo
Que os cumes das da terra vaõ lambendo.
Esperava o mancebo,
Com a profunda dor que na alma sente,
Hum dia, em que já Febo
Começava a mostrarse ao mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz seu tesouro.
Era no mez, que Apolo
Entre os irmãos celestes passa o tempo:
O vento enfrea Eolo,
Para que o deleytoso passatempo
Seja quieto, & mudo;
Que a tudo Amor obriga, & vence tudo.
O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
A a cega idolatria
Que ao peyto mais contenta, & maiç agrava;
Onde o cego Menino
Faz que os humanos cream que he divino:
Quando a fermosa Ninfa,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na cristalina linfa
O corpo cristalino està lavando;
O qual nas agoas vendo,
Nelle, alegre de o ver se està revendo.
O peyto diamantino
Em cuja branca teta Amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noyte em dia;
A graciosa bocca
Que a Amor com seus amores mais provoca.
Os rubis graciosos;
As perolas que escondem vivas rosas
Dos jardins deleytosos
Que o Ceo plantou em faces taõ fermosas;
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apolo.
O sutil movimento
Dos olhos, cuja vista a Amor cegou;
A Amor, que com tormento
Glorioso, nunca delles se apartou,
Pois elles de contino
Nas meninas o trazem por menino.
Os fios derramados
De aquelle ouro, q o peyto mais cobiça,
Donde Amor enredados
Os corações humanos traz, & atiça;
E donde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo.
O Mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na Terra o Ceo
Em tam bella figura trasladado,
Mudo hum pouco ficou,
Porque Amor logo a falla lhe tirou.
Enfim querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foy perder,
Porque de puro amor amor naõ via:
Viose assi cego, & mudo,
Por a força de Amor, que pòde tudo.
Agora se aparelha
Para a batalha, agora remetendo;
Agora se aconselha,
Agora vay, agora està tremendo,
Quando já de Cupido
Com nova seta o peyto vio ferido.
Remete o moço logo
Para onde estava a chaga sem sossego:
E co'o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, entaõ mais cego:
E cego, & c'hum suspiro,
Na fermosa Donzella emprega o tiro.
Vingado assi Peleo,
Nacco deste amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruiçaõ do Frigio pensamento,
Que por naõ ser ferido
Foy nas agoas Estigias sommergido.

ODE XII.

Queyxa-se o P. de que havendo variedade nos tempos, naõ via nenhuma no disfavor, que sempre experimentava de sua querida

JA a calma nos deyxou
Sem flores as ribeyras deleytosas;
Jà de todo secou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.
Menea os altos freyxos
A branda viraçaõ, de quando em quando;
E de entre varios seyxos
O liquido cristal sae murmurando:
As gotas que das alvas pedras saltam,
O prado, como perolas, esmaltaõ,
Da caça já cansada
Busca a casta Titanica a espessura;
Onde á a sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura:
E sobre o seu cabello ondado, & louro,
Deyxe cair o bosque o seu tesouro.
O Ceo desempedido
Mostrava o Lume eterno das Estrellas;
E de flores vestido
O campo, brancas, roxas, & amarellas.
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
Porèm como o menino
Que a Jupiter por a Aguia foy levado,
No cerco cristalino
For do Amante de Clicie visitado,
O bosque chorarà, chorarà a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.
O mar, que agora brando
He das Nereydas candidas cortado,
Logo se irà mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O soberbo furor do negro vento
Farà por toda parte movimento.
Ley he da Natureza
Mudarse desta sorte o tempo leve:
Suceder á a belleza
Da Primavera o fruto; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outono, Inverno, Primavera, Estio.
Tudo, enfim, faz mudança,
Quanto o claro Sol vè, quanto alumia;
Nam se acha segurança
Em tudo, quanto alegra o bello dia:
Mudamse as condições, mudase a idade,
A bonança, os estados, & a vontade.
Sòmente a minha imiga
A dura condiçam nunca mudou;
Para que o mundo diga
Que nella ley tam certa se quebrou:
Em naõ verme ella só sempre está firme,
Ou por fugir de Amor, ou por fugirme.
Mas jà sofrivel fora
Que em matarme ella só mostre firmeza,
Senaõ achára agora
Tambem em mi mudada a natureza:
Pois sempre o coraçam tenho turbado,
Sempre de escuras nuvens rodeado.
Sempre exprimento os fios
Que em contino receo Amor me manda;
Sempre os dous caudais rios
Que em meus olhos abrio quẽ nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Veraõ brãdo,
Que tamanha aspereza và mudando,
O Sol sereno, & puro,
Que no fermoso rosto resplandece,
Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, naõ parece;
Deyxando em triste noyte a triste vida,
Que nunca de luz nova he socorida.
Porém, seja o que for;
Mudese por meu dano a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A Fortuna inconstante ache firmeza:
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarey no que emprendi.

SEXTINA I.

Posto jà o P. no ultimo de sua vida, desenganado canta a sua desgraça, lembrado ainda de naõ ver aquelles olhos, de que sempre desejava ser visto.

Fogeme pouco a pouco a curta vida,
Se por caso he verdade que inda vivo.
Vayseme o breve tempo d'ante os olhos;
Choro por o passado; & em quanto fallo
Se me passam os dias passo a passo.
Vayseme, enfim, a idade, & fica a pena.

Que maneyra tam aspera de pena!
Pois nunca hum'hora vio tam longa vida
Em que do mal mover se visse hum passo.
Que mais me monta ser morto que vivo?
Para que choro, enfim? Para que fallo,
Se lograrme naõ pude de meus olhos?

O! fermosos, gentis, & claros olhos,
Cuja ausencia me move a tanta pena,
Quanta se naõ cõprende em quãto fallo!
Se no fim de tam longa, & curta vida,
De vós me inflamasse inda o rayo vivo,
Por bem teria todo o mal, que passo.

Mas bẽ sey que primeyro o estremo passo
Me hade vir a cerrar os tristes olhos,
Que Amor me mostre aquelles por quẽ vivo.
Testemunhas seraõ a tinta, & pena,
Que escrevéram de taõ molesta vida
O menos que passey, & o mais que fallo.

O! que naõ sey que escrevo, nem q̃ fallo!
Pois se de hũ pensamẽto em outro passo,
Vejo tam triste genero de vida,
Que se lhe naõ valerem tantos olhos,
Naõ posso imaginar qual seja a pena
Que esta pena traslade com que vivo.

Na alma tenho contino hum fogo vivo,
Que se naõ respirasse no que fallo,
Estaria jà feyta cinza a pena.
Mas sobre a mayor dor q̃ sofro, & passo;
O tempéram com lagrimas os olhos,
Comque, se foge, naõ se acaba a vida.

Morrẽdo estou na vida, & em morte vivo;
Vejo sem olhos, & sem lingoa fallo;
E juntamente passo gloria, & pena.

SEXTINA II.

Queyxa se o P. do agrado dos olhos de sua querida, que foraõ a causa de elle perder a vista, ou inteyreza dos seus.

A culpa de meu mal só tem meus olhos,
Pois q̃ dèraõ à Amor entrada na alma,
Para que perdesse eu a liberdade.
Mas quem póde fugir a huma brandura,
Que despois de vos pòr em tantos males
Dà por bens o perder por ella a vida?

Assaz de pouco faz quem perde a vida
Por condiçaõ taõ dura, & brandos olhos.
Pois de tal calidade sam meus males
Que o mais pequeno delles toca na alma,
Nam se engane com mostras de brandura
Quem quizer conservar a liberdade.

Roubadora he de toda a liberdade,
(E oxalà perdoasse á a triste vida!)
Esta que o falso Amor chama brandura.
Ay, meus antes imigos, que meus olhos
Que mal vos tinha feyto esta vossa alma,
Para vòs lhe fazerdes tantos males?

Creçaõ de dia em dia embora os males;
Percase embora a antigua liberdade;
Transformese em Amor esta triste alma;
Padeça embora esta innocénte vida;
Que bẽ me pagaõ tudo estes meus olhos
Quando de outros, se os vẽ, vem a brandura.

Mas como nelles póde aver brandura,
Se causadores saõ de tantos males?
Engano foy de Amor, porque meus olhos
Dessem por bem perdida a liberdade:
Jà naõ tenho que dar senaõ a vida,
Se a vida ja naõ deu, quem jà deu a alma.

Que póde já esperar quem a sua alma
Cativa eterna fez de huma brandura
Que quando vos dà morte diz q̃ he vida?
Forçado me he gritar nestes meus males,
Olhos meus: pois por vòs a liberdade
Perdi, de vòs me queyxarey, meus olhos.

Choray, meus olhos, sẽpre os danos da alma
Pois dais a liberdade a tal brandura
Que para dar mais males dà mais vida.

SEXTINA III.

Lamenta o P. a duração de sua vida, sem a vista de sua querida.

O! triste, ó tenebroso, ó cruel dia,
Amanhecido só para meu dano!
Pudesteme apartar de aquella vista
Por quem vivia com meu mal contente?
Ah! se o supremo foras desta vida!
Que em ti se começàra a minha gloria.
Mas como eu naõ naçi para ter gloria,
Senaõ pena que creça cada dia,
O Ceo me está negando o fim da vida,
Por que naõ tenha fim com ella o dano:
Para que nunca possa ser contente
Da vista me tirou aquella vista.
Suave, deleytosa, alegre vista
Donde pendia toda a minha gloria,
Por quem na mór tristeza fuy contente;
Quando serà que veja aquelle dia
Em que deyxe de ver taõ grave dano;
E em que me deyxe taõ penosa vida?
Como desejarey humana vida
Ausente de huma mais que humana vista,
Que taõ glorioso me fazia o dano!
Vejo o meu dano sem a sua gloria;
A a minha noyte falta já seu dia:
Triste tudo se vé, nada contente.
Pois sem ti já naõ posso ser contente,
Mal posso desejar sem ti a vida:
Sem ti jà ver naõ posso claro dia:
Naõ posso sem te ver desejar vista:
Na tua vista só se via a gloria:
Naõ ver a gloria tua he ver meu dano.
Nam via mayor gloria que meu dano
Quando do dano meu eras contente:
Agora me he tormento a mayor gloria
Que póde pormeterme Amor na vida,
Pois tornarte naõ póde à a minha vista,
Que só na tua achava a luz do dia.
E pois de dia em dia crece o dano,
Nem posso sem tal vista ser contente,
Só com perder a vida acharey gloria.

SEXTINA IV.

Queixa-se o P. de que a vida tanto lhe dure, em esta penosa ausencia da vista do objecto de seu amor.

Sempre me queyxarey desta crueza
Que Amor usou comigo, quando o tépo,
A pesar de meu duro, & triste Fado,
A meus males queria dar remedio,
Em apartar de mim aquella vista
Por quem me contentava a triste vida.
Levárame, oxalá, tras ella a vida,
Para que naõ sentira esta crueza
De me ver apartado de tal vista.
E praza á Deos naõ veja o proprio tempo
Em mi, sem esperança de remedio,
A desesperaçaõ de hum triste Fado.
Porém já acabe o triste, & duro Fado,
Acabe o tempo já taõ triste vida
Que em sua morte só tem seu remedio.
O deyxarme viver he mór crueza
Pois desespero já de em algum tempo
Tornar a ver aquella doce vista.
Duro Amor, se pagava só tal vista
Todo o mal que por ti me fez meu Fado,
Porque quizeste que a levasse o tempo?
E tambem se o quizeste, porque a vida
Me deyxas para ver tanta crueza,
Quando em naõ vella so vejo o remedio?
Tu só de minha dor eras remedio,
Suave, deleytosa, & bella vista.
Sem ti, que posso eu ver senão crueza?
Sem ti, qual bem me póde dar o fado
Se naõ he consentir que acabe a vida?
Mas elle della me dilata o tempo.
Asas para voar vejo no Tempo
Que com voar a muytos foy remedio;
E só naõ voa para a minha vida.
Para que a quero eu sem tua vista?
Para que quer tambem o triste Fado
Que naõ acabe o Tempo tal crueza?
Naõ poderáõ fazer crueza, ou tempo,
Força de Fado, ou falta de remedio,
Que essa vista me sequeça em toda a vida.

ELEGIA I.

Compara áqui o P. a sua fortuna à de Ovidio; porque ambos foraõ desterrados por causa de duas Senhoras Palacianas.

O Sulmonense Ovidio desterrado
Na asperesa do Ponto, imaginando
Verse de seus Penates apartado:
Sua cara molher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento;
De sua Patria os olhos apartando:
Naõ podendo encubrir o sentimento,
Aos montes jà, já aos rios se queyxava
De seu escuro, & triste nacimento.
O curso das Estrellas contemplava,
Ea quella ordem com que discurria
O Ceo, & o Ar, & a terrra donde estava.
Os peyxes por o mar nadando via,
As feras por o monte, procedendo
Como o seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nacendo
Os saudosos rios de cristal,
A a sua natureza obedecendo.
Assi só de seu propio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor naõ acha igual.
Sò sua doce Musa o acompanha,
Nos soydosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
Desta arte me figura a fantasia.
A vida com que morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.
Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente dibuxado.
Aqui vejo a caduca, & debil gloria
Desenganar meu erro co'amudança
Que faz a fragil vida transitoria.
Aqui me representa esta lembrança
Quaõ pouca culpa tenho, & me entristece
Ver sem razaõ a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento della;
Mas muyto doe a que se naõ merece.
Quando a roxa manhãa, dourada, & bella,
Abre as portas ao Sol, & cae o orvalho,
E torna a seus queyxumes Filomela;
Este cuydado que co' o sono atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.
E despois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado;
Que pouco acordo logra hũ descontente]
De aqui me vou, com passo carregado,
A hũ outeyro erguido, & alli me assento,
Soltando toda a redea a meu cuydado.
Despois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
A a parte donde tinha o pensamento.
Naõ vejo senaõ montes pedregosos,
E sem graça, & sem flor, os campos vejo,
Que já floridos vira, & graciosos.
Vejo o puro, suave, & rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vaõ pondo em doce effeyto o seu desejo.
Humas com brando vento navegando;
Outras com leves remos brandamente
As cristalinas aguas apartando.
De alli fallo com a agua que naõ sente,
Com cujo sentimento esta alma say
Em lagrimas desfeyta claramente.
O! fugitivas ondas, esperay!
Que pois me naõ levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levay.
Atè que venha aquelle alegre dia
Que eu và onde vòs ides, livre & ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Naõ póde tanto bem chegar taõ cedo:
Porque primeyro a vida acabarà,
Que se acabe taõ aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
Se em taõ conrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente a donde irà?
Que se á as portas Trataricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lete lhe passasse.
Que se a Tantalo, & Ticio for notoria
A pena com que vay, & que a atormenta,
A pena que lá tem teraõ por gloria.
Esta imaginaçaõ, enfim, me aumenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que Pois de todo vive consumida,

Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
Atè que a noyte eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a Fortuna faça o que costuma:
Se nella ha hi mudarse hum triste estado.

ELEGIA II.

A D. Antonio de Noronha estando o P. desterrado em Ceuta, escreve as tristezas que no dito desterro exprimentava.

Aquella que de amor descomedido
Por o fermoso moço se perdeo,
Que só por si de amores foy perdido:
Despois que a Deosa em pedra a converteo
De seu humano gesto verdadeyro,
A ultima voz só lhe concedeo.
Assi meu mal do propio ser primeyro,
Outra cousa nenhuma me consente,
Que este canto, que escreveo derradeyro.
E se huma pouca vida estando ausente
Me deyxa Amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem de estar presente.
Senhor, se vos espanta o sofrimento,
Que tenho em tanto mal para escrevelo,
Furto este breve espaço a meu tormento.
Porque quem tem poder para sofrelo,
Sem se acabar a vida, com o cuydado,
Tambem terà poder para dizelo.
Nem eu escrevo hum mal já acostumado,
Mas na alma minha triste, & saudosa,
A saudade escreve, & eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,
E esparzindo a continua soidade
Ao longo de huma praya soidosa.
Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na mayor concavidade.
De furibundas ondas poderoso,
Na terra, a seu pesar, está tomando
Lugar em que se estenda cavernoso.
Ella, como mais fraca, lhe está dando
As concavas entranhas onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.
A todas estas cousas tenho enveja
Tamanha, que naõ sey determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal desesprarme,
Naõ posso, porque Amor, & saudade,
Nem licença me daõ para matarme.
A vezes cuydo em mi, se a novidade,
E estranheza das cousas, com a mudança,
Poderiaõ mudar huma vontade.
E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeyra progenie, a estranha usança.
Subome ao monte, que Hercules Tebano
Do altissimo Calpe divedio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
De alli estou tanteando adonde vio
O pomar das Hesperidas matando
A Serpe, que a seu passo resistio.
Estoume em outra parte figurando
O poderoso Anteo, que derribado
Mais força se lhe vinha acrecentando.
Porèm do Herculeo braço sojugado,
No ar deyxando a vida, naõ podendo
Dos socorros da mãy ser ajudado.
Mas nem com isto, enfim, q̃ estou dizẽdo,
Nem com as armas taõ continuadas,
De amorosas lembranças me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeyro naõ consente
Que estejaõ de firmeza acompanhadas.
Vi já que a Primavera de contente,
Em variadas cores revestia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi já das altas aves a armonia
Que atè duros penedos convidava
A algum suave modo de alegria,
Vi já, que tudo, enfim, me contentava.
E que, de muyto cheo de firmeza,
Hum mal por mil prazeres naõ trocava.
Tal me tem a mudança, & estranheza,
Que se vou por os prados, a verdura
Parece que se seca, de tristeza.
Mas isto he já costume da ventura;
Porque aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhe figura.
O! graves, & insofriveys accidentes
De Foruna, & de Amor! Que penitencia
Taõ grave dais aos peytos inocentes!
Naõ basta examinarme a paciencia
Com temores, & falsas esperanças,
Sem que tambẽ me tente o mal de ausencia?
Trazeys hũ brando espirito em mudãças;
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros, & lembranças.
E se estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal naõ consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.
Já quieto me achava com a tristeza,

E a lli naõ me faltava hum brando engano,
Que tiraſſe deſejos da fraqueza.
Mas vendome enganado eſtar ufano,
Deu à a roda a Fortuna, & deu commigo
Onde de novo choro o novo dano.
Jà deve de baſtar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que callo,
A quem jà vio taõ aſpero perigo.
E ſe nos brandos peytos faz aballo
Hum peyto magoado, & deſcontente,
Que obriga a quem o ouve a conſolallo;
Naõ quero mais ſenaõ que largamente,
Senhor me mandeys novas deſſa terra,
Que alguma dellas me farà contente.
Porque ſe o duro Fado me deſterra
Tanto tempo do bem, que ò fraco eſprito
Deſampare a priſam onde ſe encerra
Ao ſom das negras aguas de Cocito,
Ao pè dos carregados arvoredos,
Cantarey o que na alma tenho eſcrito
E por entre eſſes horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos aſperos, & medos;
Com a tremula voz, canſada, & fria,
Celebrarey o geſto claro, & puro,
Que nunca perderey da fantaſia.
O Muſico de Tracia jà ſeguro
De perder ſua Euridice, tangendo
Me ajudarà ferindo o ar eſcuro.
As namoradas ſombras revolvendo
Memorias do paſſado, me ouviráõ;
E com ſeu choro o rio irá crecendo,
Em Salmonèo as penas faltaráõ,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vaſos ſe encheràm.
Que ſe Amor naõ ſe perde em vida auſẽte,
Menos ſe perderá por morte eſcura:
Porque, enfim, a alma vive eternamente;
E Amor he effeyto da alma, & ſempre dura.

ELEGIA III.

Em Goa eſcreveo o P. eſta Elegia, contando nella os ſentimentos da partida de Portugal, & ſua viage, & de huma tromenta que lhe ſobreveyo no mar.

O Poeta Simonides fallando
Co' o Capitaõ Temiſtocles hum dia,
Em couſas de ciencia praticando;
Hum'arte ſingular lhe prometia,
Que entaõ compunha, com que lhe enſinaſſe
A lembrarſe de tudo o que fazia.
Onde taõ ſutis regras lhe moſtraſſe,
Que nunca lhe paſſaſſem da memoria;
Em nenhum tempo as couſas que paſſaſſe.
Bem merecia, certo, fama, & gloria,
Quem dava regra contra o eſquecimento
Que ſepulta qualquer antigua hiſtoria.
Mas o Capitaõ claro, cujo intento
Bem differente eſtava, porque avia,
Do paſſado as lembranças, por tormento;
O! iluſtre Simonides [dezia]
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que moſtras á a memoria nova via;
Se me deſſes hum'arte, que em meus dias
Me naõ lembraſſe nada do paſſado,
O quanto melhor obra me farias!
Se eſte excellente dito ponderado
Foſſe por quem ſe viſſe eſtar auſente
Em longas eſperanças degradado;
O como bràdaria juſtamente,
Simonides inventa novas artes,
Naõ midas o paſſado co' o preſente!
Que ſe he forçado andar por varias partes
Buſcando a avida algũ deſcanſo honeſto,
Que tu, Fortuna injuſta, mal repartes;
E ſe o duro trabalho, he maniſeſto
Que por grave que ſeja ha de paſſarſe
Com animoſo eſprito, & ledo geſto;
De que ſerve à as peſſoas o lembrarſe
Do que ſe paſſou já, pois tudo paſſa,
Senaõ de entriſtecerſe, & magoarſe?
Se em outro corpo hum'alma ſe traſpaſſa;
Naõ como quiz Pitagoras na morte,
Mas como o quer Amor na vida eſcaſſa;
E ſe eſte amor no mundo eſtà de ſorte,
Que na virtude ſó de hum lindo objecto
Tem hum corpo ſem alma vivo, & forte;
Onde eſte objecto falta, que he defecto
Tamanho para a vida que já nella
Me eſtá chamando à a pena a dura Alecto;
Porque me naõ criàra a minha Eſtrella
Selvàtico no mundo, & habitante
Na dura Scitia, & no mais duro della?
Ou no Càucaſo horendo fraco Infante,
Criado ao peyto de huma tigre Hircana,
Homem fora formado de diamante.
Porque acerviz ferina, & inhumana
Naõ ſometéra ao jugo, & dura ley
De aquelle que dà vida quando engana.
Ou em pago das aguas que eſtiley,
As que paſſey do mar, foraõ do Lete,
Para que me eſquecéra o que paſſey.

Por-

Porque o bẽ que a esperança vãa promete,
Ou a morte o estrova, ou a mudança,
Que he mal q̃ hum'alma em larimas derrete.
Jà, Senhor, cairá como a lembrança
No mal do bem passado he triste, & dura,
Pois nace adonde morre a esperança.
E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, naõ se enfade
De ler taõ longa, & misera escritura.
Soltava Eolo a redea, & liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já solta à a saudade.
Neptuno tinha posto o seu Tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O Coro das Nereydas nos seguia;
Os Ventos, namorada Galatea
Consigo sossegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andava por o mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligea.
Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agua sossegada,
E a agua sem sossego nos meus olhos.
A bemaventurança já passada,
Diante de mi tinha taõ presente,
Como senaõ mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, & descontente,
C'hum suspiro profundo, & mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente;
Dezia: ó claras Ninfas! se o sentido
Em puro amor tivestes, & inda agora
Da memoria o naõ tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o graõ Tejo a dar tributo
A Thetys, que vós tendes por Senhora;
Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher outro rutilante,
Das Tagicas areas rico fruto;
Nellas, em verso eroico, & elegante,
Escrevey com huma cõcha o q̃ em mi vistes;
Pòde ser que algum peyto se quebrante.
E contando de mi memorias tristes,
Os Pastores do Tejo, que me ouviaõ,
Ouçaõ de vós as magoas que me ouvistes.
Ellas, que já no gesto me entendiaõ,
Nos meneos das ondas me mostravaõ
Que em quanto lhes pedia consentiaõ.
Estas lembranças que me acompanhavaõ
Por a tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deyxavaõ.
Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa, & aspera mudança:
De bayxo estando jà da Estrella nova,
Que no novo Hemisferio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noyte com nuvens se escurece;
Do Ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano se embravece.
A maquina do mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero, & Noto horrendo
Sonoras tempestades levantavaõ,
Das naos as vellas concavas rompendo.
As cordas co'o ruido assuviavaõ;
Os marinheyros, já desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar qualhavaõ.
Os rayos por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero, & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrandose possante,
E que por algum medo naõ fugia,
Mas quãto mais trabalho mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dezia;
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passey me lembraria.
Enfim, nunca ouve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco de aquelle
Em quem alguma vez de si so entrasse.
Huma cousa, Senhor, por certa assellе,
Que nunca Amor se afina, nem se apura
Em quanto està presente a causa delle.
Desta arte me chegou minha ventura
A esta desejada, & longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos propios quam pouca; contra quem
Foy logo necessario termos guerra.
Huma ilha que o Rey de Porcà tem,
E que o Rey da Pimenta lhe tomàra,
Fomos tomarlha, & sucedeonos bem.
Com huma grossa armada, que juntára
O Viso-Rey, de Goa nos partimos
Com toda a gente de armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com mortes, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Enfim, outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos sós dous dias,
Que foraõ para alguns os derradeyros,

Pois

Pois passàraõ de de Estige as ondas frias.
Que estes saõ os remedios verdadeyros
Que para a vida estaõ aparelhados
Aos que a querem ter por cavalleyros.
O! lavradores bemaventurados,
Se conhecem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!
Dàlhes a justa terra o mantimento;
Dàlhes a fonte clara da agua pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Naõ vem o mar irado a noyte escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Naõ temem o furor da guerra dura.
Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o sono repousado
A gram cobiça de ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor de Assiria tinto,
E dos torçays Atalicos lavrado:
Se naõ tem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltaõ,
O piropo, a esmeralda, & o jacinto:
Se suas casas de ouro naõ se esmaltaõ,
Esmaltaselhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltaõ.
Alli lhe mostra o campo varias cores;
Vêse os ramos pêder com co' o fruto ameno;
Alli se afina o canto dos Pastores.
Alli cantàra Titiro, & Sileno:
Enfim, por estas partes caminhou
A sãa justiça para o Ceo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas, que criou.
Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturays de toda cousa;
Como se gèra a chuva, & neve fria.
Os trabalhos do Sol, que naõ repousa;
E porque nos dà a Lua a luz alhea
Se tolhernos de Febo os rayos ousa.
E como taõ depressa o Ceo rodea;
E como hum só os outros traz consigo;
E se he benigna, ou dura Citerea.
Bem mal pòde entender isto que digo,
Quê ha de andar seguindo o fero Marte,
Que sempre os olhos traz em seu perigo.
Porèm seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois posto que a Fortuna possa tanto
Que taõ longe de todo o bem me aparte;
Naõ poderá apartar meu duro canto
Desta obrigaçaõ sua, em quanto a Morte
Me naõ entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha taõ leda sorte.

E L E G I A IV.

A D. Leonis Pereyra Governador de Malaca, pertende o P. que aceyte hum livro, que Pedro de Magalhaes Gandabo lhe dedica da historia do Brasil.

DEpois que Magalhães teve tecida
A breve Historia sua, que illustrasse
A terra Santa Cruz, pouco sabida:
Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu Livro de algum Zoylo que ladrasse:
Tendo nisto ocupada a fantasia,
Lhe sobreveyo hum sono repousado,
Antes que o Sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe aparece todo armado
Marte, brandindo a lança furiosa,
Com que fez quem o vio todo enfiado,
Dizendo, em voz pesada, & temerosa;
Naõ he justo que a outrem se offereça
Obra alguma que possa ser famosa,
Senaõ a quem por armas resplandeça
No largo mundo com tal nome, & fama,
Que louvor immortal sempre mereça.
Disse assi; quando Apolo, que da flamma
Celeste guia os carros, de outra parte
Se lhe presenta, & por seu nome o chama,
Dizendo: Magalhães, posto que Marte
Com seu terror te espante, todavia
Comigo deves só de aconselharte.
Hum Varaõ sapiente, em quem Thalia
Poz seus tesouros, & eu minha ciencia,
Defender tuas obras poderia.
He justo que a Escritura na Purdencia
Ache so defensaõ; porque a dureza
Das armas he contraria da eloquencia.
Assi disse; & tocando com destreza
A citara dourada, começou
A mitigar de Marte a fortaleza.
Mas Mercurio, que sempre costumou
Pacificar porfias duvidosas,
Com o Coduceo na mão, que sempre usou,
Determina compor as perigosas
Opiniões dos Deoses inimigos
Com suaves razões, & ponderosas.
E disse: Bem sabemos dos antigos
Heroes, & dos modernos, que provàraõ
De Belona os gravissimos perigos;
Como tambem mil vezes concordàraõ

As armas com as letras, porque as Musas
A muytos na milicia acompanhárao
Nunca Alexandre, ou Cesar nas confusas
Guerras o estudo deyxaõ grande espaço;
Que as armas já mais delle saõ escusas.
Numa mão livros, noutra ferro, & aço;
Aquella rege, & ensina; estoutra fere:
Mais co' o saber se vence, que co' o braço.
Pois, logo, hum Varaõ grande se requere,
Que com teus doens (Apolo) illustre seja;
E de ti [Marte] palma, & gloria espere.
Este vos darey eu, em quem se veja
Saber, & esforço, no sereno peyto:
Que he hum Leonis que faz ao mũdo enveja.
Deste as Irmáas em vendo o bom sogeyto,
Todas nove nos braços o tomàraõ,
Criando-o com o seu leyte no seu leyto.
As artes, & as ciencias lhe ensináraõ,
Inclinaçaõ divina lhe influiraõ
A as virtudes morais que logo o ornáraõ.
De aqui nos exercicios o seguiraõ
Das armas no Oriente, onde primeyro
Hum soldado gentil instituiraõ.
Alli tays provas fez de cavaleyro,
Que, de Christo magnaimo, & seguro,
Assi mesmo venceo por derradeyro.
Despois, já Capitaõ forte, & maduro,
Governando toda a Aurea Chersoneso
Lhe defendeo com o braço o debil muro
Porque vindo acercala todo o peso
Do poder dos Achens, que se sustenta
De alheo sangue, em furia todo aceso;
Este só que a ti, Marte, representa,
O castigou de sorte, que vencido,
De ter quem vivo fique se contenta.
E logo que este Reyno defendido
Deyxou; segunda vez, com mayor gloria,
Para ir governar foy elegido.
Mas naõ perdendo ainda da memoria,
Os amigos o seu governo brando,
Os imigos o dano da vitoria.
Huns com amor intrinseco esperando
Estaõ por elle; & os outros congelados
O estaõ com frio medo receando.
Vede, pois, se seriaõ debelados
Por seu claro valor, se lá tornasse,
E dos Indicos mares degradados.
Porque he justo que nunca lhe negasse
O concelho do Olimpio alto, & subido,
Favor, & ajuda com que pelejasse.
Aqui só póde ser bem dirigido
De Magalhàes o estudo: este só deve
Ser de vos claros Deoses, escolhido.
Assi Mercurio disse; & em termo breve
Conformados se vem Apolo, & Marte;
E voou juntamente o sono leve.
Acorda Magalhães, & já se parte
A offrecervos, senhor claro, & famoso,
Tudo o que nelle poz sciencia, & arte.
Tem claro estilo, & engenho curioso,
Para poder de vos ser recebido
Com mão benigna de animo amoroso.
Pois se só de naõ ser favorecido
Hum alto esprito, fica baxo, & escuro
Este seja com vosco defendido;
Como o foy de Malaca o debil muro.

ELEGIA V.

Suspira aqui o P. pela vista de sua querida; ainda com todos os desdens, que ella fazia delle.

AQuelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do cristalino rosto transparente:
Aquelle gesto immoto, & repousado,
Que estando na alma propriamente escrito;
Naõ póde ser em verso trasladado:
Aquelle parecer, que he infinito
Para se comprender de engenho humano,
O qual ostende em quanto tenho dito:
Tanto a inflamarme vê de hũ doce engano,
E tanto a engrandecerme a fantasia,
Que naõ vi mayor gloria que meu dano.
O! bemaventurado seja o dia
Em que tomey taõ doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia
E bemaventurado o sofrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foy da causa o entendimento.
Façame quem me mata, o mal que ordena,
Trateme com enganos, desamores;
Que entaõ me salva quando me condena.
E se de taõ suaves disfavores,
Penando vive huma alma consumida,
O que doce penar! que doces dores!
E se huma condiçaõ endurecida,
Tambem me nega a morte por meu dano,
O que doce morrer! que doce vida!
E se me mostra hum gesto lindo humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
O que doce mentir! que doce engano!
E se em quererlhe tanto ponho tacha,

Mos-

Mostrando refrear o pensamento,
O que doce fingir! que doce cacha!
Assi que ponho já no sofrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo tormento.
Se finto tanto bem só co' a memoria
De vervos, linda Dama, vencedora;
Que quero eu mais que ser vossa vitoria?
Se tanto a vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para merecervos;
Que quero eu mais q̃ tervos por senhora?
Se procede este bem de conhecervos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais, senhora, q̃ querervos
Se em meu proveyto faz qualquer partido,
Sò na vista de huns olhos taõ serenos,
Que quero eu mais ganhar que ser perdido?
Se, enfim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer naõ chegaõ seu tormento,
Que quero eu mais, q̃ o mais naõ seja menos?
A causa, pois, me esforça o sofrimento;
Porque, a pesar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento.
Que a razaõ faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA VI.

Descreve o P. o fresco, & agradavel bosquè aonde vive o Amor, & conclue com a fabula de Narciso.

Entre rusticas serras, & fragosas,
Compostas de asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
Onde gritando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca, & fria,
Brotando estam de si mil arvoredos;
Huma floresta fez verde, & sombria
A Natureza experta, que rodea
Como elevado muro a serrania.
Neste fermoso sitio se recrea
O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre hũ brando Zephiro menea.
Da candida cecem, das clavellinas,
Da salva, manjerona, & das mosquestas,
Das rubicundas flores Jacintinas;
Muytas capelas tece, que de setas
Lhe servem contra peytos de donzellas
A quem de enveja traz sempre inquietas.
Naõ saõ de huma só cor as flores bellas,
Que humas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crecendo as amarellas.
Dos agrestes loureyros rodeado
Faz o Valle huma sombra deleytosa,
Quando aparece o Sol mais levantado.
E por cima da relva bem graciosa
As gotas de cristal quasi imitando
Estam do aljofar puro a luz fermosa.
As cristalinas fontes, que brotando
Por entre alvos seyxinhos se derivam,
Das arvores os troncos vam banhando.
Entre as limpidas aguas, q̃ inda esquivam
O fermoso Pastor, que se perdeo
Preso das falsas mostras que o cativaõ,
Crece a por cuja causa se esqueceo
A linda Citherea de Vulcano,
Quando presa de amor se lhe rendeo.
Na brancura do rosto soberano,
Inda as crueis feridas aparecem
Do javali cerdoso, & deshumano.
As rosas que de sangue resplandecem
Nas candidas boninas marchetadas,
Qual roxo esmalte à a vista bẽ se offrecem.
Do matutino orvalho rociadas
As flores rutilantes, & cheyrosas,
Estam como por cima prateadas.
Os humedos botoens abrindo as rosas,
Que os agudos espinhos vam cercando,
No prado se vem rindo deliciosas.
A melifera Abelha susurrando
Por cima das boninas, que rodea,
Està co' o som das aguas concertando.
Do trémulo regato abranda area
De jacintos se cobre, & de vieyras
Que encrespaõ da corrente a branca vea.
Os alamos se abraçam co'as videyras
De sorte, que se enxerga escassamente
Se saõ os cachos seus, se das parreyras.
E pendendo por cima da corrente,
Outro fermoso bosque dibuxando
Estam no fundo della brandamente.
Ouvese o Roxinol aqui lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Magoas em melodias transformando.
A solitaria Rola com soidade
Desfaz o rouco peyto ja cansada
De que nam move a morte a piedade.
A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Filomena profanada.
De competir co' o Merlo naõ descança
O gárrulo Calhandro, que enroquece
Por nam perder callado a confiança.
Em quanto o pobre ninho ajunta, & tece

O sonoro Canario, modulando
Engana a grave pena, que padece
Alguns versos se escuta derramando
O vario Pintasirgo, taõ saudaveis,
Que produzẽ memorias de amor brando.
Por os direytos troncos ha notaveis
Epigramas; alguns de antigua historia,
Que contra o duro tempo saõ duraveis.
Huns de cruel tormento, outros de gloria
Conforme à a libardade do que escreve,
Estranhos casos mostraõ á a memoria.
O que neste lugar contente esteve,
Contente declarou seu pensamento,
E os prazeres tambem que nelle teve.
Mas outros declarando o sentimento
Que dos olhos destila tristes aguas
Deyxàraõ mil lembranças de tormento.
Abrasandose alguns en vivas fraguas,
Escrevèraõ, do bosque em muytas partes,
Gostos de amor agora, agora magoas.
Porque, cruel Menino, o premio partes,
A quem serás Tirano se lho negas;
E injusto, & desigual, se lho repartes?
Porque enganas as almas que taõ cegas
Arrastras a pos ti, de error cativas?
Porque a crueis rigores as entregas?
Para que cõtra hum peyto assi tẽ esquivas,
Que humilde se sogeyta a teu cuydado,
Com enganos de sombras fugitivas?
Levas como a menino hum pobre a nado,
Numa aparencia falsa embevecido,
Quando co' os braços corta o mar inchado.
Querendo-se tornar, vese perdido,
Jà grita que se afoga, & tu zombando
Da praya entre os penedos escondido.
O triste, que conhece irse afogando,
No meyo da arriscada zombaria
Por divino soccorro está clamando.
Mas eu de que me espanto, se dezia
Hum sabio, que de enganos se temesse
O que tomasse a hum cego tal por guia.
Nunca nelle a firmeza permanece;
Se nos dà gosto algum, mudase logo;
Jà chora, já se ri, jà se enfurece.
Anda co' os corações sempre em hũ jogo;
Humas vezes os faz de pedra fria,
Outras os faz de neve, outras de fogo.
Tornando ao bosque meu, que descrevia,
Despois de ter contado da frescura
Que nelle taõ pomposa aparecia;
Referir quero agora huma aventura
Que nelle ao vaõ Narciso aconteceo,
Digna de se chorar com magoa pura.
Castigo foy que o moço mereceo
Por se mostrar esquivo com aquella
Que em viva pedra Juno converteo.
Ardia em fogo da alma a vãa donzella,
Sofrendo hum duro peyto; que a Narciso
Quando ella mais se abrasa, mais cõgella.
E quando a fraca Ninfa mais de siso
Mostrava hum final certo de firmeza,
Entaõ se provocava o moço a riso.
Jà de huma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consumia.
Como diz disfavor mal com belleza!
O gelado Pastor folgava, & ria;
Mas vendoa de seu gosto andar contente,
Por naõ a contentar se entristecia.
He tal o seu rigor que naõ consente
Que seja o gosto proprio festejado,
Antes disso se mostra descontente.
Mas o cego Cupido, de afrontado,
Em vingança da fé, que desprezou,
Fez que fosse de si mesmo enganado.
Casualmente hum dia se chegou
A beber numa fonte cristalina,
Que de si nova sede lhe causou.
Vendo a sua figura peregrina,
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeo por imagem taõ divina.
Como jà, de elevado, naõ cuydava
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o fermoso rosto, suspirava.
Por as avaras aguas se metia,
E quanto mais molhava os tenros braços,
Entaõ mais vivamente o fogo ardia.
Vendose assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando fora de si ao vento abraços.
Embevecido todo na aparencia,
Sem saber do cuydado o que sentia,
Naõ fez ao doce engano resistencia.
Ao verse longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; & se chegava,
Entaõ para mais longe lhe fugia.
Vendo, enfim, como em tudo o remedava,
Cahio no torpe engano que tivera,
A tempo que de si jà preso estava.
A Belleza, que a tantas morte dera,
De si mesma se abrasa, & se cativa.
Quam longe entaõ de si verse quizera!
Ella se abranda propria: ella se esquiva;
E sendo ella somente a que se amava;
Ella se chama ingrata, & fugitiva.

A fermosura, pois, que namorava,
Com tal difilculdade era seguida,
Que estando dentro em si muy longe estava.
A solitaria Ninfa, que escondida
Jà nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouvio foy cómovida.
Das namoradas magoas, que dizia
O namorado moço, ella somente
Os ultimos acentos repetia.
Elle vendose estar alli presente,
As cristalinas aguas acusava
De que ellas o faziaõ descontente.
Outras vezes à afonte quando olhava
Jà cego, & sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.
Mas vendo que ella em nada se dola
De seu grave tormento, grita, & chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!
Jà lhe pede que saya para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que nelle proprio mora.
Despois que longo espaço se deteve
Nestes queyxumes seus taõ lastimosos,
Que com taõ lógo ser julgou por breve;
Com os olhos, bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede, & da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.
Entregue na vontade da Ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.
Desta arte feneceo em tenros annos
Narciso, dando exempo à a Fermosura;
De que tema, se he tal, tambem seus danos.
Sentimento mostrou da sorte dura
O Namorado Jupiter, mudando
O moço em flor purpurea, que inda dura.
Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeo,
Està despois da morte acompanhando
Tanto no seu engano procedeo,
Que naõ sabe na morte inda apartarse
Dos erros que na vida cometeo.
Bem póde o coraçaõ desenganarse,
Que o fogo de hũ querer na alma inflamado,
Naõ costuma na morte resfriarse.
Porque despois do corpo sepultado,
Prisaõ onde se encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuydado.
E das escuras aguas de Cocito
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto na alma escrito.
Lá se està co' os favores recreando:
E se foy desprezado, là padece,
As duras esquivanças lamentando.
Nem dos avaros olhos là se esquece,
Que de fermoso verde a terra esmaltaõ,
Por naõ ver os do triste que endoudece.
Assi que os disfavores nunca faltaõ
A tè despois da morte perseguindo
Hum triste coraçaõ que desbarataõ,
Triste de quem em vaõ lhe vay fuguindo.

ELEGIA VII.

Elegantemente pinta aqui o P. o Jardim do Amor com a descripçaõ das arvores que o fazem deleytoso.

A Opè de huma alta faya vi sentado,
Num valle deleytoso, & bem florido,
A Almeno Pastor triste, & namorado.
Outro no mundo pòde aver nacido
Taõ queyxoso de Amor; poré naõ tanto
Como este Amante por amar perdido.
Jà Venus hia recolhendo o manto
Escuro, com que a terra se mostrava,
Para ajudar de Almeno o triste pranto
Apolo sobre os montes derramava
Seus dourados cabellos, que faziaõ
Ao triste inda mais triste do que estava.
As flores por o prado se estendiaõ,
E das que finas mais eraõ as cores,
As brancas roxas Ninfas mais colhiaõ
Jà guiavaõ seus gados os pastores,
Que deyxando-os no campo deleytoso,
Com ellas praticavaõ sò de amores.
Mas era esta alegria hum perigoso
Estado para Almeno entristecido,
E por isso a deyxava presuroso.
Buscando outro lugar, contra Cupido
Claramente exclamava, & o arguia
De contrario, de astuto, & fementido.
De quando em quando a frauta que tangia
Numeros dava ao ar taõ docemente,
Que as aves provoca a melodia.
Cego assi desta dor, deste accidente,
Com os olhos em lagrimas banhados
Postos no Ceo, dezia tristemente:
Se, Amor, eu te offendi cõ meus cuydados,
Porque mos déste tu para offenderte,
Quando livre vivia nestes prados?
Naõ ves quanto me negas merecerte
O bem que me mostravas, se deyxasse
Ferir meu coraçaõ para sofrerte?

Qual bẽ me has dado, Amor, q̃ me durasse?
Ou qual me has prometido q̃ hajas dado?
Ou qual déste que muyto naõ custasse?
Mostrame quem puzeste em tal estado,
Que pudesse viver de ti contente;
Ou quem de ti naõ fosse lastimado?
Inimigo cruel de toda a gente,
Jà naõ quero teu bem, só meu mal quero;
Se de ti nem meu mal se me consente.
Inda que de teus bens jà desespero,
Naõ desprezo dos males o tormento,
Antes o prézo mais quãdo he mais fero.
Arrebatado deste pensamento
Hia o triste Pastor com hum contino
Pranto que lhe avivava o sentimento.
Quando entrou nũ Vergel de esmalte fino,
Que era de Amor plantado; & parecendo
Lhe està menos humano, que divino.
Nelle a dor sua esteve suspendendo:
Porèm naõ como cervo està ferido
Reparo ao mal, que leva pertendendo.
Aparecia o sitio taõ florido
Que provocava a naõ vulgar espanto,
Entre huns altos ulmeytos escondido.
De hum cristalino orvalho tinha o manto,
Quando entrou nelle o misero Pastor,
E as tençoens explicou neste seu canto.
O! bellas Rosas, vòs que soys Amor!
He, por dita humildade, ou he bayxeza
O ter apar de vòs Murta que he dor?
Papoulas conversais, que saõ tristeza?
Naõ desprezais o cardo, q̃ he tormento?
Admitis a Ortelãa, sendo crueza?
Dos goyvos longe vejo o sentimento;
Dos jasmins perto estou vendo o perigo;
Do malmequeres vejo o sofrimento.
Deste me temerey como enemigo;
Mas traz por armas salva, que he razaõ:
Com ella acabarà tambem comigo.
As minhas vem a ser huma affeyçaõ,
Que saõ os puros cravos misturados
Co'a vontade sogeyta, que he limaõ.
Ay! mosquetas, q̃ soys de Amor cuydados!
Ay! crespa manjerona, que es prazer!
Vòs sós devieis adornar os prados.
Naõ podem dos opostos juntos ser,
Onde se opoem giesta, que he lembrança,
Junto do rosmaninho, que he crecer.
Bem pela do leve alamo a mudança;
Do roxo goyvo anima o pensamento;
Do cipreste odorifero a esperança.
O trevo, que he sentido apartamento
Cerca o mangericaõ, que se interpreta
Memoria a quem offende o esquecimẽto.
Mays importuna que o jardim de Certa,
A ameyxieyra a flor està soltando:
A segurelha vejo, que he discreta.
As ervas que de aqui irey tomando,
Saõ a pura cecem, que he saudade;
Cravos, medo de ver qual de amorando.
E, de ter muy perdida a liberdade;
Tomarey madresilva entendimento;
Legacaõ tomarey, porque he verdade.
Marmeleyro me dá arrependimento:
Por a salva, que he gosto, tomarey
Coentro oposto ao meu contentamento.
Conhecimento firme nunca achey,
Que violetas saõ; &, quando o ouvera,
Qual meu dano entaõ fora bem o sey.
O! quem, ervacideyra! ò quem pudera
Vervos aqui menor, pois soys vitoria
Que de mim alcançou chama severa!
Mas se quereys que tenha alguma gloria,
Por galardaõ de amar, & ser sogeyto,
Perderey de tormentos a memoria.
Porèm, pois mo negais, de todo engeyto
A palma, que he ventura; & na parreyra,
Que he esperança perdida, me deleyto.
Entretanto co' a flor da larangeyra,
Que he desafio duro, & arriscado,
Posso arguir da hora derradeyra.
Jà naõ sequer de ter o meu cuydado
Com a romãa descanso; a brevidade
Das maravilhas só tem desejado.
E vòs, ovelhas minhas, sem piedade
Vos apartay de mim, se algum desejo
Tendes de ter do pasto mais vontade.
Se muyta de me verdes em vós vejo,
Toda a minha de vervos hey perdido
A a força do poder de amor sobejo.
Logray do Tejo o placido ruido;
Sòs logray estas veygas florecidas,
Pois se perde o Pastor vosso querido:
Naõ gosteys de com elle ser perdidas.

ELEGIA VIII.

Contrapõem o P. o fino do seu Amor ao duro da esquivança de sua querida; cuja pena deseja acabar com a morte.

Belisa, unico bem desta alma triste,
Descanso singular de minha vida;
Trono donde o poder de Amor consiste:

Fer-

Fermosa fera, a quem està rendida
De amor a que he mais livre liberdade
Ganhada mais, se mais por ti perdida:
Quam contrario parece na beldade,
Que os corações cativa com brandura
Alguma nodoa aver de crueldade!
Quam contrario parece em fermosura,
Que deyxa muyto atraz quanto he humano,
Esquiva condiçaõ, ou alma dura!
Quam mal parece, em que só c'hũ engano
Pòde dar vida ao coraçaõ sogeyto,
Darlhe em lugar de vida hũ mortal dano!
Quam mal parece que hum amor perfeyto
Naõ seja de outro igual remunerado,
Inda que seja, acaso, contrafeyto!
Quam mal parece estar desesperado
Quem tanto por ti sofre, & tem sofrido,
Devendo estar de penas aliviado!
Porèm peor parece quem rendido
Naõ for a hum parecer que tudo rende,
Por mais q̃ em seu rigor viva offendido.
E inda peor parece quem defende
O ser essa belleza sempre amada,
Por mais que em vaõ se canse o q̃ a pertende.
Se quem te mostra amor te desagrada,
Sò pòdes pertender o naõ ser vista,
Mas naõ despois de vista o ser deyxada.
Quam mal sabe o valor de tua vista
Quem cuyda que o q̃ della acaso alcança
Pòde achar coraçaõ que lhe resista!
Quam bem pareceria huma esperança
Jà concedida a meu amor ardente
Naõ sempre hũa mortal desconfiança!
Se hum padecer por ti constantemente
Pudesse ser reparo a quem mais te ama,
Inda esperar pudera o ser contente.
Mas eu temo que aquella immensa chama
Com que a teu bello imperio me levaste,
Te enfria tanto a ti quanto me inflama.
Se a Olimpica Belleza assi imitaste,
Que brandamente move hũ amor puro,
Porque taõ dura condiçaõ tomaste?
Qual elevado? qual soberbo muro,
Este mal, que me ocupa o pensamento
Contado, naõ tornàra menos duro?
Tu, que es a causa só de meu tormento,
Tu, que sómente pòdes gloriarme,
Queres q̃ as minhas queyxas leve o vento?
Tu, que me pagarias com matarme,
Inda a morte me negas vezes tantas?
Ay, que me deras vida a morte darme!
Usa piedade, tu, que o mundo espantas
Co's bellos olhos com q̃ o douras tanto,
Se acaso a velo brandos os levantas.
Estendese na terra o negro manto,
E à noyte dá alegria a luz alhea,
Mas nos meus olhos triste dura o prãto.
Torna a manhãa despois alegre, & chea
Da luz q̃ o choro enxuga à a bella Aurora,
Mas do meu choro nunca enxuga a vea.
Lagrimas jà naõ saõ, que esta alma chora,
Mas Amor he vital que dentro arde,
E por a luz dos olhos salta fòra.
Como inda a morte quer q̃ mais aguarde?
Naõ tarde já, mas corra a mal taõ fero,
Mas jà por mais que corra virà tarde.
Nem no supremo transe de ti espero
Que inda cõ ver o estado em q̃ me has posto
Queyras, crua, entender quanto te quero.
Ay! se volvesses esse bello rosto
Ao lugar triste em que morrer me vires
Naõ por desgosto teu, mas por teu gosto!
Naõ quero de ti, naõ, que alli suspires,
Nem que de darme a morte te arrepẽdas,
Mas que os olhos de verme entaõ naõ tires.
Assi nunca Pastor a quem te rendas,
Te faça conhecer o que me fazes,
Para que com teu mal meu mal entẽdas.
Como já agora naõ te satisfazes
Das penas deste amor, que por quererte,
De teu merecinemto saõ capazes?
Pois quem com outro merito renderte
Presume (ò raro monstro de belleza!)
Muyto mais longe está de merecerte.
Este si, que merece agraõ crueza
Com que tu de acabarme a vida tratas,
Pois diante de ti, de si se preza.
Se cuydas que com isto disbaratas
O meu constante amor, porque naõ viva,
Elle mais vive quando mais me matas.
Se o darme morte tens por gloria altiva:
Eu me inclino a que mates: tu te inclina
A matar mais de branda, que de esquiva.
Se esta alma tua julgas por indigna
De aquelle grande bem q̃ em ti se escõde,
Do descuberto mal a faze digna. de,
Onde [ay!] vez acharey q̃ baste (ay!) on-
A poder reduzirte a ser piedosa?
Ou me acaba de todo, ou me responde.
Mas por mais que te mostres rigorosa,
Deyxar meu pensamento me he impossivel,
Igualmente que a ti naõ ser fermosa.
E por mais que esta dor seja terrivel,
Sómente o contemplar a causa della,

Inda

Inda que a faz mayor, a faz sofrivel.
Porèm chegando a naõ poder sofrela
Perdendo a vida, quando a morte chame,
Naõ perderey o gosto de perdela
He justo que eu por ti mil mortes ame:
Mas vé tu se te illustra, quando offensa
Minha mortal o teu valor se chame.
Bem ves que huma beldade taõ immensa
De vencerme tem gloria bem pequena,
Pois só renderme tomo por defensa.
Mas jà que amor taõ puro me condena,
Contente fico assaz desta vitoria:
Que naõ me daõ meus males tanta pena.
Quanto o serem por ti me dà de gloria.

ELEGIA IX.

Em o principio de seus amores, entre os 17. & 18. annos de sua idade, mostra o P. com muyta sezudeza o Amor casto com que amava a sua Senhora.

A Vida me aborece, a morte quero;
Serà eterno o meu mal, segũdo entendo,
Pois na mòr esperança desespero.
Sem viver vivo por morrer vivendo;
Por naõ verdes, Senhora, como eu vejo,
Quãto de mi por vòs me ando esquecendo.
Seja me agradecido este desejo!
Ingrata naõ sejais a quem vos ama
Com puro, & honestissimo despejo.
A culpa, que me pondes, ponde à a Fama
Que pregoa de vòs celeste vida
Que os corações de amor divino inflama.
Humana, quando naõ agradecida,
Vos mostray ao mal meu q̃ me faz vosso,
Antes que alma do corpo se despida.
Mas que posso eu fazer pois jà naõ posso
Hum tormento do mar taõ forte, & duro,
Homem formado só de carne, & de osso?
Em minha fé segura me asseguro;
Porq̃ esta, quando he grande, já mais erra,
Se resulta de Amor sincero, & puro.
Essa Beldade santa me faz guerra;
Por ella hey de morrer, inda que veja
Tornar o brando rio em dura serra.
Que cousa tenho eu jà que minha seja?
Quem naõ deseja a vossa fermosura.
Naõ póde assegurar que o Ceo deseja.
De que eu sempre o deseje estay segura:
Neste desejo meu nunca mudança
Haõ de ver as mudanças da ventura.
A vida tenho posta na balança
Da gloria singular do dano esquivo:
Que o perdela por vòs he mòr bonança.
Se vos o sende cuydo que naõ vivo:
Olhay se muyto mais, que de offendervos
Das esperanças do viver me privo.
O que temo sòmente he só perdervos;
O que quero sòmente he só adorarvos;
O que sòmente adoro he só querervos.
Querervos sem deyxar de venerarvos;
Desejarvos sòmente por servirvos;
Por servir a amor vil naõ desejarvos.
Sòmente vervos, & sòmente ouvirvos
Pertendo, & pois sòmente isto pertendo,
Deveis a estes sentidos permitirvos.
Isto sòmente, ò cego! estou dizendo?
Como se fora pouco, isto sòmente?
Que mais q̃ ouvirvos ha? q̃ estarvos vẽdo?
Se o naõ merece o meu amor decente;
Se morte por amarvos se merece,
Morra eu, Senhora; & vòs ficay contente.
Se vos agrava quem por vòs padece;
Se vos vê a offender quem vos quer tãto;
Quem desta sorte errou naõ desmerece.
Que quando os olhos da razaõ levanto
Ao Ceo de essa rarissima Belleza,
De naõ morrer por ella sò me espanto.
Deyxayme contentar desta tristeza,
E fazer de meus olhos largo rio,
Se algum pòde abrandar vossa dureza.
Correndo sempre as lagrimas em fio,
Farey crecer as ervas por os prados,
Pois jà de outra alegria desconfio.
No monte darey pasto a meus cuydados,
E seraõ de mi sempre entre Pastores
Esses divinos olhos celebrados.
Aprenderáõ de mim os Amadores
Aquillo que se chama Amor sublime,
Ouvindo o rigor vosso, & minhas dores.
E nenhum averà que a pena estime
Mais soberana por a causa della,
Que a que teve a té entaõ naõ desestime
E que enveja naõ mostre à a minha estrella.

ELEGIA X.

Esta Elegia fez o P. à morte de D. Miguel de Menezes na India filho de D. Henrique de Menezes VI. Governador da India em tempo delRey D. Joaõ o III.

QUe tristes novas, ou que novo dano?
Que inopinado mal incerto soa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo as prayas humidas de Goa
Ferver com gente atonita, & turbada,
Do rumor, que de boca em boca voa?
He morto D. Miguel, [ah crua espada!]
E parte da lustrosa Companhia
Que alegre se embarcou na triste Armada.
E de espingarda ardente, & lança fria,
Passado por o torpe, & iniquo braço,
Que nossas altas Famas injuria.
Naõ lhe valeo estudo, ou peyto de aço,
Naõ animo de Avòs claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
Naõ verse em derredor todo cercado
De irados Inimigos que exalavaõ
A negra alma do corpo traspassado.
Naõ as fortes palavras que voavaõ
A animar os incertos companheyros,
Que timidos as costas lhe mostravaõ.
Mas jà postos nos termos derradeyros
Rotos por partes mil, traspassados
Os membros, no valor sómente inteyros;
Os olhos (de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentaõ
Dos duros inimigos espantados;]
Postos no Ceo, parece que presentaõ
A Alma pura á a Suprema Eternidade
Por quem os Ceos, & a Terra se sustentaõ.
E pedindo, dos erros que na idade
Immatura, & inocente, jà fizera,
Perdaõ á a pia, & justa Magestade;
As rosas apartou da neve fria;
E como debil flama a quem fallece
O radical humor, de que vivia;
Nas mãos do Coro Angelico, que dece,
Se entrega, & vay lograr a vida eterna,
Que com morte taõ justa se merece.
Vayte, Alma em paz á a gloria sempiterna:
Vay: que quem por a Ley sacra, & divina,
A solta, a aquelle a dá, que o Ceo governa.
Mas se de tal valor foy morte digna,
A ausencia que do gosto nos saltea,
A perpetua saudade nos inclina.
Deyxa, pois, tu fermosa Cithera,
Do gentil filho, & neto de Cimras,
O pranto por a morte horrida, & fea;
E tu, dourado Apolo, que suspiras
Por o crespo Jacinto, moço caro,
Por quem a clara luz ao mundo tiras;
Vinde, & choray hum moço em tudo raro,
Naõ de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sogeyto á algum reparo:
Mas só de ferro imigo traspassado,
Que sem duvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, Moço Idalio, assiste quedo,
Deyxa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste, & ledo:
Pois os fermosos olhos de Miguel,
Jà cubertos se vem do escuro manto
Da ley géral, a todos mais cruel.
E vòs, filhas de Thespis, que com canto
Podeis bem mitigar a dor immensa
Dos Irmãos generosos, & alto pranto;
Naõ consintais que façaõ larga offensa
A a grande integridade, a que se devem
Aguas naõ só, do dano a recompensa.
Que já diante os olhos me descrevem
Quando as bocas da Fama voadora,
Ao patrio, & claro Tejo as novas levem;
A profunda tristeza que em hum' hora,
Tal posse tomará dos altos peytos,
Que delles o discurso lance fóra.
Alli de dor os coraçóes sogeytos
Haõ de lançar de si toda a memoria
De exemplos claros, sólidos respeytos.
Mas, porém, se igualais á vida á a gloria
O claro Dom Felipe, & pertendeis
Deyxarnos de acções vossas larga historia;
Eu naõ vos persuado a que estreyteis
O coraçaõ na Estoyca disciplina,
Onde livre de affectos vos mostreis.
Que mal á Natureza determina
Medo, esperanças, dores, & alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.
Immanidade estupida (dizia
O Sulmonense canto) & vil rudeza,
He naõ sentir affectos que alma cria.
Porém se o sentir nada for bruteza,
E se payxaõ devida se consente,
Tambem o sentir muyto he jà fraqueza.
Em vós hum sofrer alto se exprimente,
Qual nos fortes Varoens foy conhecido,
Como em estranha, em Lusitana gente.

Bem

Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre Tumulo carece,
Será de brutas feras consumido.
Mas consolame, enfim, que se parece
Ao grande Bisavô, que por a vida
Real a sua à a Maura lança offrece.
Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deyxa; & com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.
Facil he a perda aqui da sepultura;
Diogenes prudente, & Teodoro,
Pouco sentem do corpo essa jactura.
Assi fermoso, & inteyro; assi decoro
Adora quem o tem, como o tomou
Quando se ouvir o extremo som canoro.
Mas ay! Qual temor subito ocupou
O vosso claro peyto? ò Portuguezes!
Qual pàvido temor vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revézes
Vos fizeraõ fazer tamanha injuria
Aos fortes Lusitanios arneses?
Ou jà de Capitaõ sobeja incuria,
Ou fraqueza? Naõ: que elle sustentava
Com seu peyto, dos Barbaros a furia.
Ou jâ do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroaõ mar, & terra,
E os corações ardentes congelava?
Ah! Quem vos fez q̃ os impetus da guerra
Naõ sustentasseis com valor cusado,
Desprezando o furor, que a vida encerra?
A vida por a Patria, & por o Estado,
Pondo vossos Avòs, a nòs deyxáraõ
Em terra, & mar exemplo sublimado.
Elles a desprezar nos ensináraõ
Todo temor. Pois, como agora os Netos
Subitamente assi degeneráraõ?
Naõ pòdem, certo, naõ, viver quietos
Com fea infamia Peytos generosos,
Jà em publicos lugares, jà em secretos.
Mortos de Esparta os Heroes valerosos,
Da fera multidaõ, fazendo extremos,
Tais Epitafios tinhaõ gloriosos:
Diràs. Hospede, tu; que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
Aas santas leys da Patria obedecemos.
Fogindo os Persas vaõ com frio espanto,
Mas achaõ as molheres no caminho
Mostrandolhes o ventre em terror tanto
Pois do dano fugis, vendo-o vesinho,
Fracos, vinde a escondervos (lhes diziaõ)
Outra vez no materno, & escuro ninho.
Vede quais com mais gloria ficariaõ,
Se aquelles que morrèraõ por o Estado,
Se estes a quem molheres injuriaõ?
Mas tu, claro Miguel, que jà acordado
Deste sonho taõ breve, estàs naquella
Torre do Ceo, seguro, & repousado;
Onde com Deos unida a sorte, & bella
Alma, com teus Mayores, reluzindo
Trocaste cada chaga em clara Estrella:
Co' os pés o cristalino Ceo medindo,
Nada de essas altissimas Esferas,
Nem da terreste aos olhos encubrindo;
Agora hum curso, & outro consideras,
Agora a vaidade dos Mortais,
Que tu tambem passáras se viveras, &c.

ELEGIA XI.

Aqui devoto o P. sacrafica esta Elegia à Payxaõ de Christo N. S. seguindo a Sanazario Departu Virginis.

SE quando contemplamos as secretas
Causas porque este mundo se sustenta,
E o revolver dos Ceos, & dos Planetas;
E se quando á a memoria se presenta
Este curso do Sol, taõ bem medido
Que hũ ponto só naõ mingua, nem se auméta;
Aquelle effeyto tarde conhecido
Da Lua na mudança taõ costante,
Que mingoar, & crecer he seu partido;
Aquella natureza taõ possante
Dos Ceos, q̃ taõ conformes, & contrarios,
Caminhaõ sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios
A que responde o Tempo, que naõ mente,
Co' os effeytos da Terra necessarios;
Se quando, enfim, revolve sutilmente
Tantas cousas a leve Fantasia
Sagaz escrutadora, & diligente;
Bem vè, se da razaõ se naõ desvia,
Aquelle unico Ser, alto, & divino,
Que tudo póde, manda, móve, & cria.
Sem fim, & sem principio hum ser cõtino,
Hũ Padre grande a quẽ tudo he possivel,
Por mais que o dificulte humano atino.
Hum saber infinito, incomprehensivel;
Huma verdade, que nas cousas anda,
Que mora no visivel, & invisivel.
Esta potencia, enfim, que tudo manda;
Esta Causa das causas, revestida
Foy desta nossa carne miseranda.
Do Amor, & da Justiça, compelida

Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos naõ fosse) deyxa a vida.
O! Christaõ descuydado, & negligente!
Pondera-o com discurso repousado;
E vertehas advertido facilmente.
Olha aquelle Deos alto, & increado
Senhor das cousas todas, que fundou
O Ceo, a Terra, o Fogo, o Mar irado:
Naõ do confuso Caos, como cuydou
A falsa Theologia, & povo escuro
Que nesta só verdade tanto errou.
Naõ dos atomos leves de Epicuro;
Naõ do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto, & puro.
Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estilo de morte, novos males
Olha que o Sol no Olimpo se escurece,
Naõ por opposiçaõ de outro Planeta,
Mas só porque virtude lhe falece.
Naõ vés que a grande máquina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E naõ por causa natural secreta?
Naõ vés como se perde a Natureza?
O Ar se turba; o Mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza.
Naõ vés que cae o monte, a terra treme
E que là na remota, & grande Athenas
O douto Areopagita exclama, & teme?
O! Summo Deos, tu mesmo te condenas,
Por o mal em que eu só sou o culpado,
A tamanhas afrontas, tantas penas?
Por mi, Senhor, no mundo reputado
Por falso, & violador da Sacra Ley,
A fama a ti se poem do meu pecado?
Eu, Senhor, sou ladraõ, tu justo Rey.
Pois como entre ladrões eu naõ padeço?
A pena a ti se dá do que eu errey?
Eu servo sem valor, tu immenso preço
Em preço vil te poens, por me tirares
Do cativeyro eterno que mereço?
Eu por perderte, & tu por me ganhares
Te dás aos soltos homens, que te vendẽ,
Só para os homens presos resgatares?
A ti, que as almas soltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te acusaõ por o error dos que te offendem?
Chamamte malfeytor, naõ contradizes,
Sendo tu dos Profetas a certeza,
Dizem que quem te fere profetizes.
Rimse de ti, tu choras a crueza
Que sobre elles virá: a gente dura
Por quem tu vens ao mundo te despreza.
O teu rosto, de cuja fermosura
Se veste o Ceo, & o Sol resplandecente,
Diante quem pasmada està a Natura;
Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue està banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente.
Aquelle corpo tenro, & delicado,
Sobre todos os Santos Sacrosanto,
A açoutes rigurosos desangrado.
Despois cuberto mal de hum pobre mãto;
Que se pegava á as carnes magoadas
Para dobrarlhe as dores outro tanto.
Magoavamno as chagas naõ curadas,
Hum tormento causandolhe excessivo,
Ao despir por as mãos crueis, & iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo,
De resplandor ornadas, se arrancavaõ
Para desempenhar Adam cativo.
Com cordas por as ruas o levavaõ,
Levando sobre os hombros o Trofeo
Da vitoria que as almas alcançavaõ.
O! tu, que passas, homem Cyrenèo,
Ajuda hũ pouco a este homem verdadeyro,
Que agora, como humano enfraqueceo.
Olha que o corpo afflicto do marteyro,
E dos longos jejuns debilitado,
Naõ póde jà co' o peso do Madeyro.
O! nam enfraqueçais, Deos Encarnado!
Essas quedas, que tanto vos magoam,
Soportay, Cavalleyro sublimado.
Aquellas altas vozes que là soam,
Dos Padres saõ que o Limbo tem, escuro,
E jà de louvor, & palma vos coroam.
Todos vos bradaõ que subays o muro
Da cidade infernal, & que arvoreys
Encima essa Vandeyra muy seguro.
O! Santos Padres, naõ vos apresseis;
Pois muyto mais a Deos q̃ a vós custáraõ
Essas duras prisões em que jazeis!
Aquellas mãos que o mundo edificàraõ;
Aquelles pés que pisaõ as estrellas,
Com durissimos pregos se encravaõ.
Mas qual será o humano que as querelas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor, & magoa dellas?
E que dos olhos seus naõ destilasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreyras no rosto sinalasse?
O! quem lhe vira os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, & regando
Aquellas faces bellas, & excellentes!

Quem a ouvira com vozes ir tocando
As Estrellas, a quem responde o Ceo
Co' os acentos dos Anjos retumbando!
Quem vira quando o puro rosto ergueo
A ver o Filho que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeo!
Que magoas taõ chorosas, que diria?
Que palavras taõ miseras, & tristes,
Para o Ceo, para a gente espalharia?
Pois, que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, & com vinagre amaro,
Matar a sede ao Filho que paristes?
Naõ era este o licor suave, & claro,
Que para o confortar entaõ darieys
A quem vos era, mais que a vida, caro.
Como, Virgem Senhora, naõ corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeyro
Que padecer na Cruz com sede vieys?
Naõ era só, naõ, esse o verdadeyro
Posto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o Mundo em hum madeyro.
Mas era a salvaçaõ, que alli ganhava
Para o misero Adam, que alli bebia
Na fonte que do peyto lhe manava.
Pois, ô pura, & Santissima Maria,
Que, enfim, sentistes esta magoa quanto
A grave causa della o requeria;
De essa Fonte sagrada, & peyto santo,
Me alcançay huma gota, com que lave
A culpa que me aggrava, & pesa tanto.
Do licor salutifero, & suave
Me abrangey, com que mate a sede dura
Deste mundo taõ cego, torpe, & grave.
Assi, Senhora, toda criatura
Que vive, & vivirá, & que naõ conhece
A Ley de vosso Filho a abrace pura.
O falsissimo herege que carece
Da graça, & com danado, & falso esprito
Perturba a Santa Igreja, que florece.
O povo pertinaz no antigo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz que he pena igual ao seu delito.
O torpe Ismaelita, que mistura
As Leys, & com preceytos taõ viciosos
Na terra estende a ceyta falsa, & impura.
Os Idolatras máos, superstíciosos,
Varios de opiniões, & de costumes,
Levados de conceytos fabulosos.
As mais remotas gentes onde o lume
Da nossa Fé naõ chega, nem que tenham
Religiam alguma se presume.
Assi todos, enfim, Senhora, venhaõ
A confessar hum Deos crucificado,
E por nenhum respeyto se detenhaõ.
E de hum, & de outro vicio já deyxado;
O seu Nome, co' o vosso neste dia,
Seja por todo o mundo celebrado:
E respondaõ os Ceos JESUS MARIA.

ELEGIA XII.

Traduz o P. os versos da Sybilla Eritrea em o vaticinio tocante a Christo no juizo final escritos com a ley de Acrosticon.

JUizo extremo, horrifico, & tremendo,
E Juiz sempiterno, alto, & celeste,
Significará a Terra humedecendo.
Verseha nella hum suor que manifeste
Como em carne vem Deos, para que o veja
Homem toda esta maquina terreste.
Rey justo, que dos corpos, & almas seja
Juiz; & quando o mundo cego, & inculto
Sobre espinhos crueis deytado seja;
Todo vaõ simulacro, & gentil culto
Ousará engeytar a gente; & guerra
Fará co' o mar o fogo, & crù tumulto.
Immensa Luz, que as carnes desenterra
Lançará fora as portas vans do Averno,
Hum justo, & outro, alçando á a santa Terra,
Outros, que saõ os máos, no fogo eterno
Deytará, descobrindose os segredos,
E sendo claro todo feyto interno.
Desfeytos seraõ montes, & penedos;
E será tudo pranto, & estridor duro;
Obras de grande dor, & tristes medos.
Será tornado o Sol de todo escuro;
E destruida a maquina do mundo;
Sem luz as luzes todas do Orbe puro.
Altos seraõ os valles, & em profundo
Lugar se abateráõ os altos montes,
Vibrará mares Vento furibundo.
Averá só de chamas vivas fontes:
De trombeta tremenda som terrivel
Ouvido, fará palidas as frontes.
Responderá dos maos gemido horrivel.

ELEGIA XIII.

Louva o P. a singular fermozura de D. Maria de Figeyroa filha do D. Mestre Belchior a quem offerece este Poema, na India em Damão.

SE obrigações de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez mayor espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, & triumpho hoje tem gloria;
Se a perfeyçaõ de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, & hoje crece;
E se aquella cruel Troyana espada,
Deu com a morte vida à fermosura
De Dido, por Virgilio celebrada:
E se Venus fermosa, hoje segura
Se aprezenta em mil versos, & Diana
Com as nove Irmás d'Apollo tem ventura,
Que fará a fermosura soberana,
De Figueyroa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, & Mantuana?
Mas se me ella naõ falta, della espero
Cantar, naõ destas já, que jà acabàraõ;
Destas cante Virgilio, cante Homero:
Que se outras com seus versos celebraraõ,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) naõ na alcançaraõ.
Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada là em Damaõ, porque nacendo,
Perder fizesse às outras gloria, & fama.
E em quanto alegre declarar pertendo;
Vos Pay de tal thesouro, daime ouvidos,
Para delle dizer, mais do que entendo.
Naõ reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes daylhe louvor, para que sejaõ
De tal dama, & de vós favorecidos:
Que milagres d'amor, farey que vejaõ?
Direy os olhos bellos, boca, & rizo,
Mil partes, que outras damas ter desejaõ.
Cabellos d'ouro, emfim seu grande avizo,
Sua arte, perfeyçaõ, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso?
Que mais? o grave aspeyto, & a brandura,
A boca de Rubis, chea de perlas,
Das christalinas mãos a neve pura?
Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vós sois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas sois, qual Sol entre as Estrellas.
Por vòs Damão, Senhora, hoje florece,
Por vós as Musas jà do sacro monte,
Donde contino o Louro verde crece,
Vos vem aprezentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
As pegaseas flores de Eliconte,
A vòs se vem cantando rodeadas
Das Nimphas, que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.
E com seu suave canto, & melodia,
Chegadas a vòs já dizem cantando,
Esta he por quem Apollo emmudecia.
Esta he, por quem Veturno desprezando
Pomona, de contino se abrasava,
Na menos parte sua imaginando.
Esta he por quem em fonte se tornava
O avò de Phaetonte, & porque Orpheo
As furias infernais aquebrantava;
Esta he, por quem só Troya se perdeo,
Esta he, a quem Paris deo a maçãa d'ouro,
E esta por quem Orlando endoudeceo.
Esta he, quem desdo Ganges atè o Douro,
Sò sem falta compoz a natureza,
Do Indico Oriental todo o thesouro;
Esta he, quem trouxe a luz toda à nobreza
Dos de Liaõ Fajardos, que descende
Do Real tronco Ingrez, na mòr alteza.
Esta he a flor do Lago, que se estende,
E em quem de novo nace a Real pranta,
Esta he, a quem o mesmo Amor se rende;
Esta he, por quem a Aurora se levanta,
Na parte Oriental mais clara, & pura,
Esta he, por quem morrendo o Cisne canta;
Esta he, por quem nos dotou só a ventura,
De mil primores chea colocada,
Em rara perfeyçaõ de fermosura.
Esta será de nòs sempre cantada,
E dos novos Poetas mil louvores
Terá com fama eterna, & soblimada.
Na festa de Deos Pam cem mil pastores
Desta felice terra a ti cantando,
Mil ramos levaraõ cheos de flores.
A ti as suas lutas dedicando,
Seus jogos pastoris de cem mil partes,
Com versos te estaraõ sempre louvando.
E tu, que de teu ser nunca te partes
Com fermosura, & graça de contino,
Com que por fama ao mundo te repartes,
Com rosto branco, alegre, & peregrino
Aceytaràs seus versos, coroada
De rosas, & de louro a ti só dino.

Dali do nosso choro venerada
Teras cargo da selva de Diana,
E entre nos tu serás, mais estimada.
Dali, ò alta Dea, & soberana
Governaràs o Indico Oriente,
E todo estado alèm da Taprobana.
Dali correndo irà de gente em gente
Tua fama, fazendo esquecida
A das antigas Damas do Occidente,
Ganhando teu louvor immortal vida.

ELEGIA XIV.

Desesperado o P. de conseguir o objecto dos seus disvellos dezeja acabar com a morte o seu tormento.

NAõ porque de algũ bẽ tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado,
Que sey, que em vòs fará pouca mudança.
Mas jà perdido, triste, & magoado
Para remedio tomo escrever dores,
Esperar de vòs outro he escusado.
O que naõ faz Amor em meus amores,
O que lagrimas tristes naõ fizeraõ.
Bem menos o faraõ causas menores.
Pois onde as mais tègora se perdéraõ,
Percaõse estas palavras de meu ser,
Que pouco me doem jà, jà me doeraõ.
Sempre deste meu mal tive sospeyta,
Naõ que de todo em todo mo faltasse
Hũa esperança váa em fim desfeyta.
Faziame o desejo que esperasse,
A razaõ doutra parte, que temesse,
E de esperanças vãas naõ confiasse.
Que olhasse, que por ellas naõ perdesse
A doce liberdade, o riso, o canto,
De que depois em vaõ me arrependesse,
Amor, que tudo pòde, pode tanto,
Que para ver o mal, em que me vejo,
Me naõ deu olhos mais que para pranto.
Naõ curey a razaõ, segui o desejo,
Outras cousas segui, de qualidade,
Que choro, & callo, por naõ ser sobejo.
Pela vossa neguey minha vontade,
Logo como vos vi, no mesmo ponto
Vos entregou a vida a liberdade.
O que passou depois, naõ vo lo conto,
De que serve contar cousas sobejas,
A quem lhe soube dar hum tal desconto.
Ah esperanças minhas, jà perdidas,
Agora, para mais ter que contar,
Soube que fostes vãas, fostes fingidas.
Em que posso, ou que devo hoje esperar,
Onde acharey de novo outros enganos,
Que possaõ desenganos enganar.
Mas he vento cuydar enganar danos,
O triste, que nem na alma tem alento?
Tem seu remedio só no fim dos annos.
Jà naõ espero ver contentamento,
Perdi quanto esperey numa só hora,
E naõ perdi em muytas o tormento.
E sobre tantas perdas, inda agora,
Que esperava de vòs a vòs queyxarme,
Naõ mo consente Amor, que na alma mora.
Poemse diante, a fim so de estorvarme,
Que vos offenderey, mostrando aqui,
Que tanta fé pagaes com maltratarme.
E entaõ este temor deyxame assi,
Alèm de magoado, frio, & mudo,
Arrependido de quanto escrevi.
Cousas de vosso gosto ainda cudo,
Como senaõ cuydasse, o que naõ creo,
Naõ perder isto, como perdi tudo.
Mas vasse o medo já, pois que já veo
O desengano, sem se ter sabida,
Que a certeza podia ter receo.
Agora naõ me dà perder a vida,
Nem a deve recear quem a despreza,
Matayme, se de mim sois offendida.
Senaõ mateme já minha tristeza,
Que este só bem me fica, este me val,
Se mo naõ estorvar vossa crueza.
Quem se naõ espantará, vendome tal!
Temer, que o triste fim, que me ordenastes,
Mo negueis por remedio de meu mal.
Entre silvestres feras vos criastes,
Pois dais por galardaõ do que esperava
Cruezas desusadas do que usastes.
Quantas lagrimas triste derramava,
Quantos suspiros dava noyte, & dia,
Se vos naõ via, & em quanto vos olhava.
Tremia diante vós, ausente ardia,
Abrandava este mal ter para mim,
Que sentia meu fogo essa alma fria.
Mas muyto differente foy o fim
De tudo o que cuydava no começo,
Por onde de hum mal noutro, a tantos vim.
Vida para tal vida naõ vos peço,
Morte para tal morte qual me mata
Me podeis dar, que bem vo lo mereço.
Porque com a dor a lingoa se delata,
E com gritos vos chama, & com razam
Sem fé, desamoravel, cruel, ingrata.

Por

Por isso acabay já vossa tenção,
Fartay, senhora, já vossas cruezas
No sangue desse triste coração.
Acabay de acabar tantas tristezas,
Pois acabastes já vãas esperanças,
Acabem já tambem minhas firmezas.
Acabe a vida, acabarão lembranças,
Mas tudo está por vòs tão acabado,
Como muytas em mim as confianças,
Que tanto me trouxerão enganado.

ELEGIA XV.

Queyxa-se o P. da sua fortuna em lhe conceder a dita de ver huma fermozura, de quem sempre ficou captivo sem resgate.

Foyme alegre o viver, já me he pezado,
Que do contentamento que sentia
A minha custa estou desenganado,
Ao regaço da morte a dor me guia,
Porèm, porque com vida mais me mata,
Dilatandoma vay de dia em dia,
Mandame Amor fugir da morte ingrata,
Pois não sofre limite em vòs amor,
Que elle os laços ordena, elle os desata.
Lancey contentamentos a voar,
Tarde os espero ver, que he seu costume
Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.
O pensamento posto em alto cume,
Para sacrificarse à vossa vista,
No coração me guarda eterno lume.
Com o pensamento os olhos tẽ conquista,
Pois sempre em vòs está, porque os não leva,
Que elle muro não tem, que lhe resista.
Ainda que minha alma em vòs se enleva,
Em todo tempo não deyxa de arder,
Quãdo o mõte arde em calma, ou quãdo neva.
Vivey cuydados em quanto eu viver,
Ou porque em sombras vossas sempre viva,
Ou porque me apresseis para morrer.
Vontade minha, sempre sois cativa,
Meu pensamento, nunca sois mudado,
Flamma de amor, sereis sempre em mi viva.
Suave cativeyro, doce estado,
Brando fogo de Amor, que em vós guardaes
A fim de meu desejo retratado.
Nunca nesta alma minha, aonde estaes,
Falteis, porque então falta a esperança,
Sem quem me falta a vida muyto mais.
Senhora, em cujo peyto odio, & mudança
Lanção fora o Amor, & sua firmeza,
Que dais esquecimento por lembrança.
Armada dos espinhos da crueza,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto, a qual o peyto pouco preza.
Mostroume hum leve bem minha ventura,
Pagueyo logo com longo tormento,
Que o gosto foge sempre, & a pena dura.
A tanta dor hum leve sentimento;
Nunca em vòs pude ver, quãto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o dais ao vento.
No principio meu Fado me foy amigo,
Naveguey pelo mar deste desejo,
Que leva de hum perigo a outro perigo.
Em vòs he pouco o amor, em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vòs, & de maneyra,
Que de quanto em vòs vi, já nada vejo.
Mostrouseme o tormento na primeyra
Com rosto alegre, para que o seguisse,
E lanceyme ao seguir nesta cegueyra.
Fortuna, porque quiz, que eu o sentisse,
Mostrase, por mostrar qual dentro era,
Eu choro meu engano, & ella risse.
Quem em contentamentos vãos espera,
Espere cedo desenganarse,
Querem breves limites sua espera.
Porém quem ha, que mais queyra livrarse
De tão doce prisão, ou quem deseja
Dos nòs desses cabellos desatarse.
Os olhos, a quem as luzes tem inveja,
Que em vòs o Amor de amor tendes vencido,
Quem ha que vos não ame, & vos não veja.
Rosto fermoso, em quem está esculpido
O mòr bem, que se pòde ver na terra,
Quem ha não queyra ser por vòs perdido.
Olhay, senhora, as horas apressadas,
Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
De neve, & torna as rosas descóradas.
Ireis ver ao cristal os olhos bellos,
E já os não vereis quais dantes erão,
Pois quaes então serão, não queyraes vellos.
Usay dos bens, que vão como nascérão,
Olhay, que tudo desce de alto estado,
Que tambem os prazeres meus deceram,
Mas não descerá nunca meu cuydado.

ELEGIA XVI.

Esta Elegia parece feyta em o desterro do P. & nella se queyxa da desigualdade do amor, muyto da sua parte, & nenhum della.

NUnca hum apetite mostra o dano
Antes de ser de todo effeytuado,
Mas no fim vem mostrar o desengano.
Dureza a causa, & eu desesperado,
Pello que imaginou o pensamento,
Ando por esta serra desterrado,
Espalhando a voz ao leve vento,
Delle só consolado, delle ouvido,
O faço sabedor de meu tormento.
Que monte ha, que naõ tenha jà movido,
Que aspera montanha, ou roca dura,
A força de meu mal naõ merecido.
Nas duras pedras achase brandura,
Falta nesse cruel humano peyto,
Quem vio nunca mayor desaventura!
Pouco pòde em ti amor perfeyto,
Quando de hum movimento vive indigno,
Que já mais se negou a hum sogeyto.
Da ventura, de vòs, de meu destino,
Pois todos contra mim saõ conjurados,
Este valle farey de meu mal digno.
Co elle a noyte, & o dia meus cuydados
Passarey em acerba, & longa vida
Em queyxas, & em suspiros desusados.
Porque sey que seràs disso servida,
Naõ deyxarey dos montes a dureza,
Até tua vontade ser movida.
Aqui me sobirey na mòr alteza
Da serra, onde logo contemplada
Serà tua perfeyçaõ, tua crueza.
A alma em ti só prompta, & occupada
Estando de tormento esquivo, & duro,
Oprimida será de ti levada.
Discorrendo hum passo, & outro escuro,
De mal em mal, de hum em outro dano,
A paga tal verá de hum Amor puro.
E vendo aqui taõ claro o desengano,
Cos olhos feytos fontes mudará
Lugar taõ infelice, & deshumano.
E o que mòr tormento lhe dará
A lembrança de alguu contentamento,
Que inda que pequeno, magoará.
Fará por divertir o pensamento
Desta parte tristissima mudando
Huma lembrança chea de tormento,
Alli algum espaço porfiando,
Tendo por impossivel esquecerte,
Ficará ao vento vozes dando.
Alli se queyxará de conhecerte,
Alli dura, cruel despiedosa
Dirá: Dize, que podes já moverte.
Mais que Venus [dirà] dize, fermosa,
Quando nessa belleza pura, & rara
Se verá huma hora piedosa.
Alli dirà, cruel, & quem cuydàra
De hum espirito taõ resplandecente
Taõ fera condiçaõ, & taõ avara.
Alli vivera triste, alli ausente,
O costumado mal por si sofrendo,
De o quereres tu tanto contente,
Como o mundo està jà conhecendo.

ELEGIA XVII.

Representa o P. os vagarosos passos, em que se intertinha aliviando-se com a representaçaõ imaginaria de sua querida Senhora.

LA sierra fatigando de contino
Los passos vagarosos voy movendo,
Perdiendo de la vida todo el tino,
De mis suspiros tristes no pudiendo
El alma apartar, y el pensamento
De aquella por quien yo estoy muriendo:
Que aunque la ausencia es grave tormento
Que te olvide en ello es impossible,
Que con amor no puede apartamiento.
Veote con spirito invisible
En el muy vivo tengo aquel meneo
Tan fiero para mi, y tan terrible.
Todo lo màs alegre triste veo,
El fresco valle, el monte, la espessura,
La clara fuente enoja aun el deseo.
El dia se me buelve en noche escura,
No puede amanecer de dò ausente
Tus claros ojos son, de tu hermosura.
Permitte ya, señora, que presente,
Do quiera que tu luz es detenida
Sean el alma, y vida juntamente.
En tu servicio alli prompta la vida
Porné en alma sola en contemplarte,
Aunque me seas siempre endurecida.
El mal que hazes dulce en toda parte,
Sabroso es el tormiento, yo lo quiero,
Pues es tu voluntad no ablandarte.

Que quãdo una hora vẽga, que no espero,
Piedosa, y blanda màs que las passadas,
Y me quieras oir, viendo que muero.
Las tristes no seran de mi dexadas,
Que no sabré vivir sin el estado
De penas, tanto tiempo ya provadas.
Hablo como furioso, y transportado,
Pido lo que me es màs enojoso,
Holgando de me ver tan olvidado.
Quien fatigado es, no dà reposo,
Que sufras con paciencia te conviene,
Las quexas del, que a si se es odioso.
Al tiempo que bolando ya màs viene
Mis desusadas bozes encomienda,
Que assi la triste voz en ti detiene.
La fuerça del dolor ninguna emienda
Puede tomar en mi, que satisfaga
Lo menos que la quexa en mi te ofienda.
Incurable parece una gala,
Y lo es, que reciba de tu mano,
No quiera Amor, que yo jamás deshaga
Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XVIII.

Continua o P. a saudade, & reprezentaçaõ da fermosura, a que està prendado.

De peña en peña muevo las passadas,
La tristissima voz al ayre dando
Voy cantando mis quexas desusadas:
Incierto en el camino, que pisando
De un monte esquivo; al otro me encamina,
En medio dél estoy en ti pensando,
O rigoroso passo, y quan indigna
El alma veo aqui de sola una hora
Poder en ti pensar cosa tan digna.
Si el alma aun no es merecedora
Purissima, y perfecta, y que me puede
De esperança quedar en ti, señora?
Mas que puedo querer, Fortuna ruede,
Llevandome de un triste en otro estado,
Y si es tu voluntad un bien no quede.
En mi no vive ya, es tranformado
En ti, el triste esprito, que tenia
De ti sola se quiere ver mirado.
Que aunque en fatigas passe noche, y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.
Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiesse ya mostrar un nuevo hecho.
Adò me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al valle, al monte empedernido.
Dò no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, o nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.
Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nò, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.
Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas vozes no oyera.
Mas no quiere Amor, que la usada
Quexa, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.
Ni tu querràs que yo dexe la vida,
Para me dar tormiento aun màs fiero,
Ni con tan longa usança interrompida.
Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea màs duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.
Pruevase este amor perfecto, y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.
Excedes à las fieras en dureza,
Quando se ha visto en esta pura, y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.
De los bienes que puedes dar avara
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensàra,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XIX.

Panegyrico do P. a Pedro da Sylva descendente dos Sylvios, & de Æneas Sylvio, que mossos fundàraõ o Imperio Romano.

Illustre, & nobre Sylva descendido
Do gram filho de Anchises valeroso,
Por armas, & por sangue esclarecido.
Que como forte, ousado, & piedoso
A as costas salvou o pay de longos annos,
E o filho pela mão tenro, & mimoso.
Eos Penares, que tinhaõ os Troyanos,
Tirou no mòr conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeraõ tantos danos.
Crescendo foy de hũa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, & bondade.
Atè chegar à nossa tam ditosa,

Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais fermosa.
Aonde o inclito Rey de motu seu,
Movido pello Spirito, que o guia
A mayores procelas, que a Theseo.
Pellas partes, que em ti jà conhecia,
Ou decreto de cima te escolheo
Por começo do fim que pertendia.
De Capitaõ de Tanger te proveo
Em tempo que o Maluco assaz valente
O grande Imperio de Africa venceo.
E sendo esta eleyçaõ do Rey valente,
Da cega inveja foste murmurado,
Porque ninguem escapou ao maldizente.
Naõ te negàraõ seres esforçado,
Mas diziaõ, que á guerra em tal idade
Servia Capitaõ exprimentado.
E que em tempo de tal necessidade
Convinha velho amparo, & forte escudo,
Em quem naõ possa haver temeridade.
Mas bem ao contrario se vio tudo,
Pois prudencia, & esforço juntamente
Em ti exprimentou o Mouro rudo.
Quando cõ graõ conselho, & pouca gente
Atravessaste os campos Africanos,
Como gram Capitaõ, velho, valente.
E foste a parte onde os mauritanos
Naõ tinhaõ visto lança de Christãos
Havia longos tempos, longos annos.
Tomaste descuydado hum Capitaõ
No tempo, & assi na guerra exprimentado,
Em quem se confiava Tetuaõ.
Alafe, irmaõ de Alafe, nomeado,
Que naõ só o seu campo defendia,
Mas entrava no nosso confiado.
Este, que toda a grande Berberia
Tinha, por muy prudente, & animoso,
Agora o tens na tua estrebaria.
Que póde aqui dizer pois o envejoso,
Onde taõ claro vè, que nessa idade
Supre o nobre sangue generoso.
Naõ te dirá, que foy temeridade
Para feyto como este taõ valente,
Com ter seguro o campo, & a cidade,
Nem te pòde negar seres prudente,
Pois tempo, & conjunçaõ foste escolher
Em que naõ arriscaste a tua gente.
Mas assi te soubeste recolher
Com gram despojo feyto, denso dano,
Sem hum dos que levaste se perder.
O felice Varaõ, Sylva Troyano,
Quem te pòde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o anno
O mayor feyto em Africa fizeste.

ELEGIA XX.

O argumento desta Elegia he o mais proprio do Metro, de quantas o P. compoz: chora a morte de D. Tello, a quem mataraõ na India.

Sayaõ desta alma triste, & magoada
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao mundo a causa declarada.
Saya do peyto a voz, com que a graveza
Sogiga, doma, & as gentes move tanto,
Por mais, & mais que tenhaõ de dureza.
E vòs meus olhos tristes entre tanto
Em lagrimas esta alma derretida
Choray, que amargo choro he o meu canto.
Quanto de mim a causa foy sentida,
Seja de vòs chorada, & junta mente
Choremos huma morte, & huma vida.
A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pela acerba morte
Nos foy arrebatada dentre a gente.
E aquella immensa dor, & dura sorte
Da magoada mãy, cuja alma triste
Tambem cortada foy com agudo corte.
O espirito gentil, que ao Ceo subiste,
Porque engeytaste a minha companhia,
E acompanharte eu naõ consentiste.
Este he o canto heroyco, & de alegria,
Que eu jà em teu louvor aparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia.
Esta he a esperança, que nos dava
De ti, tua tenra, & alegre mocidade,
De quem taõ grandes cousas se esperava.
O Hymineo, que em maes perfeyta idade
Com honras mil te andava aparelhando
A mãy, de quem naõ ouveste piedade.
Que agora, como Hecuba, anda bramãdo,
Buscando em vam a casa em toda a parte
Amado Filho meu, por ti bradando.
Quem me vedou os olhos teus serrarte,
Que em tam amarga, & triste despedida
Pudera esta alma minha acompanharte.
Quem te privou da chara, & doce vida,
Meu filho taõ fermoso, & mal logrado
Dous corações passou huma só ferida.
Em terra de desterro, ay filho amado,
Deyxandome sem ti desemparada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.

Se hias para fazer taõ graõ jornada,
Naõ levarás em tua companhia
Esta misera mãy desconsolada:
Quiçaes que algum soccorro te seria,
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu ite a visaria.
Ou recebéra o golpe nesta vida,
Metendome no meyo, & tu viveras,
Fartára de meu sangue esse homicida.
Ay filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanço
A meu viver cançado dar puderas.
E tu serás tambem quem manço a manço
Me acabarás a vida, que eu queria
Sem ti ver acabada de hum só lanço.
E vòs tambem mulheres, que paristes
Ajudayme a chorar, porque em mal tanto
Naõ satisfazem só meus olhos tristes.
Assi com grave dor de canto a canto
Atè nos coraçoes de mór dureza
Soa huma voz confusa, hum amargo pranto.
O tu, honra, & primor da natureza,
Illustre, & fermosissima Maria,
Naõ trates mal, senhora, tal belleza.
Pois só custodia es, donde alegria
Defunta, & tal chorada em dia amargo
Resurgirà em outro alegre dia.
Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegres a mãy chorosa, & triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Posto que a dor do irmão muyto sentiste
Naõ destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso naõ consiste.
Naõ trates mal as niditas estrellas
Dos olhos tens com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplendor que todas ellas.
Naõ offendas as faces refulgentes,
Obra de Deos, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes.
Mas vay com doce voz, brãda, & amorosa
Consola a triste mãy desconsolada
Com tua vista alegre, & taõ fermosa.
Prometelhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos taõ sentida, & taõ chorada.
Pois teu remedio esta só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Naõ dè tanto lugar â dor crecida.
Bem se permitte a fraca humanidade
Por filho tal, & tanto tempo ausente
Hum moderado pranto, huma saudade.
Mas taõ continua dor, que espãte a gente,
E poem em tal estremo a vida amada,
Nẽ o mũdo o quer, nem Deos naõ o cõsente.
Naõ foy a morte de Heytor sẽpre chorada
Da triste mãy, que alem de filho amado,
Era por elle só Troya amparada.
Mas jà despois de morto, & arrastado
Com Grego applauso, vozes, & alarido,
O corpo houve às mãos desconjuntado.
Perdida a cor, o collo recaydo,
Naõ parecia Heytor, que dantes era,
De pó, de sangue, & de suor tingido.
Com seus olhos lavoulhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava
Sem alma, & sangue, jà de cor de cera.
Mas vẽdo em fim quaõ pouco aproveytava
Seu choro, & nẽ por mais q̃ em vaõ bradádo
Chamava Heytor, Heytor resuscitava.
De lagrimas os olhos enxugando.
Desenganada jà do Filho amado
Se foy com a amada filha consolando.
Nem sempre o fero Achiles foy chorado
De Thetis sua mãy, do branco coro,
Princepe Grego taõ assinalado.
Tambem pagou à morte o antigo foro,
E à Deosa naõ valeo ser prevenida,
Nem suspiros valèraõ, nem seu choro.
Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meyo immortal, & filho amado
Da Deosa de Nereo taõ querida.
Nas agoas de Acheronte foy banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro naõ pudesse ser cortado.
Mas a agua naõ chegou áquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,
Que contra ella naõ val engenho, & arte.
Choráraõ as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, & Delphins tambem chorâraõ,
Chorou do gram Nereo toda a corte.
Tantas lagrimas tristes derramáraõ,
Tanto chorou a mãy, que muyto o amava,
Que a Xanto, & o Simois acrescentárão.
Mas vendo que o chorar naõ aproveytava,
E que era dor perdida, & desatino,
Os seus fermosos olhos alimpava.
E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do Reyno cristalino.
Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
Tornando a vista atraz de quãdo em quando.
De Pausilipe, & Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, & de Melento,

Se foy para Nereo consolada.
Deyxay pois jà, senhora, o amargo pranto,
A pena, a dôr, o mal, que tanto crece,
E day lugar ao meu inculto canto.
Com graõ difficuldade se offerece
A grandes desventuras taes como esta,
A darlhe iguaes palavras, quaes merece.
Por tanto eu senhora, agora nesta
Naõ as hey de buscar por consolarte,
Que aos tristes consolar só a razaõ presta.
Tambem seraõ perdidas nesta parte
Consolações, que em choro de amargura
Força naõ tem, por mais que tenhaõ d'arte.
Se as lagrimas naõ vence a razaõ pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta,
Guardete Deos de mòr desaventura.
Naõ digo, que a alma esté de magoa izéta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Naõ sofrer o que Deos nos apresenta.
Naõ he este mundo a nossa natureza,
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar à Summa Alteza.
Neste caminho hũ passo estreyto achamos,
Morte se chama horrenda, & desabrida,
Divida, que Adam fez, & nós pagamos.
A todos he commum esta partida,
Quem morre, naõ morreo, partio primeyro,
E o que hà depois da morte he eterna vida.
Todo animal, que nace està foreyro
A passar este passo estreyto tanto,
Todos là havemos de ir por derradeyro.
Deyxa, senhora, deyxa o amargo pranto,
Teu filho està no Ceo resplandecente,
Jà entre os Cidadaõs do Coro santo,
Nossas memorias tristes naõ as sente,
Jà livre, & de theatro està olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
Da Visaõ Beatifica gozando,
Sem medo, ou sobresalto de perdella
O mundo, & seus afagos desprezando.
Dalli contẽpla de hũa, & de outra estrella,
Ou fixa, & errante, o curso, & movimento,
Tendo, sem se mover, os pès sobre ella.
Veloz, qual o ligeyro pensamento,
Passa de pólo a pólo, & o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
E porq̃ o mar continuo mingoa, & crece,
Cõprẽde, & a quinta essencia pura, & neta,
E com que luz a Lua resplandece.
Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum, & de outro signo,
Por onde faz seu curso o graõ Planeta.
Hum Anjo novo tens, santo, & benino,
Vive senhora alegre, & consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
O alma pura em alto alevantada,
Que là estàs nesse Ceo luzente, & claro,
Desta mortal prisaõ jà desatada.
O senhor meu Dom Telo, amigo charo,
Que do terreno Sol, onde viveste,
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
Se ao passar do Lethe naõ perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste.
Com attençaõ escuta o meu reclamo,
Naõ despreses de ouvir là dessa altura
A bayxa, & rouca voz, com que te chamo.
Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Naõ borrarà o teu nome a fama escura.
Em tanto as bayxas Rimas te offereço
Em penhor da vontade, & amor profundo,
Até cumprir o que hora aqui profeço.
Que entaõ te cantarà por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occuparà teu nome sem segundo
Do patrio Tejo alem da Taprobana.

ELEGIA XXI.

Pede o P. encarecidamente a huma Senhora, que supponho foy todo o objecto de seus disvellos, que se compadessa do tormento, em que o tem posto sua vista.

NAõ me julgueis, senhora a atrevimẽto
O que me faz fazer hũ mal tão forte,
Que naõ me basta nelle o sofrimento.
Que tal me traz jà agora minha sorte,
Que me faz buscar vossa crueldade,
Donde só por remedio espero a morte.
Naõ vos pude callar esta verdade,
Porque força naõ tem poder humano
Contra outro, que naõ tem humanidade.
Amor, que tudo faz para mór dano
Me deu o mal, levoume o sofrimento,
Ah duro Amor, cruel, & deshumano.
Naõ vos lembre, senhora, meu tormento,
Que este bem o merece a ousadia
De eu empregar em vós meu pensamento.
Lembrovos hum amor, que cadadia
Em mim taõ verdadeyro, & firme crece,
Que alheo me traz do que sohia.
Naõ peço que o pagueis, como merece,

Que naõ mereço eu tanto, mas só peço,
Que por mim naõ cuydeis, que desmerece.
Porque se só por si he de tal preço,
Que a suprir basta seu merecimento
Quanto eu de minha parte desmereço.
Bem vejo que em tomar o sofrimento
Para viver, melhor remedio fora,
Que hum taõ desordenado atrevimento.
Mas eu, que do viver menos, jà agora
Que de todo a livro, pois crescendo
Vaõ com a vida os males cada hora.
Vos quiz manifestar meu mal, sabendo
A quanta desventura se aventura,
Quem pertende fazer o que eu pertendo.
Quizesse, ó oxalá, minha ventura,
Que castigasseis vòs esta ousadia
Com huma cruel morte triste, & dura.
Que naõ seria morte, mas seria
Hum suave remedio doce, & brando
Deste mal, que me mata cada dia.
Até quando, senhora, & até quando
Terà lugar em vòs vossa crueza,
E a morte naõ em mim, q̃ a estou chamãdo?
Abrande meu amor vossa dureza,
Que esta alma em si trãsforma com tal cura,
Que já naõ he amor, mas natureza.
Abrande jà huma vida, em que só dura
A alma, porque veja, & exprimente,
Que naõ tem fim a graõ desaventura.
Abrande já huma dor, que juntamente
A vida penetrou, & a alma triste,
E lhe roubou o estado seu contente.
Mostrayvos poderosa em quem resiste
Em desobedecer, ou enojarvos,
E naõ jà contra quem vos naõ resiste.
Em quem cuydar, q́ digno foy de amarvos,
Mostray vosso poder, pois o merece,
Em mim naõ, q̃ o naõ sou taõ só de olharvos.
Attentay por huma alma, que se esquece
De si, porque em vòs poz sua lembrança,
E tal, que em nenhum tempo desfalece.
Nem sospeyto que possa aver mudança,
Num coraçaõ, que mais que a si vos ama,
Daylhe já morte, ou vida, ou esperança,
Que tudo será gloria por tal dama.

OCTAVA I.

Esta Oytava fez o P. estando desterrado em Ceuta em vinte & dous, ou vinte & tres annos de sua idade, & a dedicou a D. Antonio de Noronha. O argumento todo he sobre o desconcerto do mundo.

QUem póde ser no mundo taõ quieto?
Ou quem terá taõ livre o pensamento?
Quem taõ exprimẽtado, ou taõ discreto?
Taõ fóra, enfim, de humano entẽdimento,
Que ou com publico effeyto, ou cõ secreto,
Lhe naõ revolva, & espante o sentimento,
Deyxandolhe o juizo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem he que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes, & adulterios;
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios;
Se a Fortuna em contrario o leva, & guia,
Mostrando, enfim, que tudo saõ misterios
Em alteza de Estados triunfante,
Que por livre que seja naõ se espante?

Quem ha, que veja aquelle que tam clara
Teve a vida, que em tudo por perfeyto
O proprio Momo à as gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peyto;
Se a má Fortuna ao bem sómente avaro,
O reprime, & lhe nega seu direyto,
Que lhe naõ fique o peyto congelado,
Por mais, & mais, que seja exprimẽtado?

Democrito dos deoses proferia
Que eraõ sós dous; a Pena, & Beneficio.
Segredo algum serà da Fantasia,
De que eu achar naõ posso claro indicio.
Que se ambos vem por naõ cuydada via
Aquem os naõ merece, he grande vicio
Em Deoses sem justiça, & sem razaõ
Mas Demòcrito o disse, & Paulo nam.

Dirmeheis, que se este estranho descõcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre, que fosse, & muy experto,
Naõ era de espantar se me espantasse.
Mas que seja de Socrates foy certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto; (ou de prudente, ou de cõstante)
Exemplo tome delle, & naõ me espante.

Parece a razaõ boa; mas eu digo
Deste uso da Fortuna taõ danado,
Que quanto he mais usado, & mais antigo,
Tanto he mais estranhado, & blasfemado.
Por que se o Ceo, das gentes taõ amigo,
Naõ dà à Fortuna tempo limitado,
Bem he para causar hum grande espanto,
Que mal tam mal olhado dure tanto.

Outro espanto mayor aqui me enlea;
Que com quanto Fortuna tam profana
Com estes desconcertos senhorea,
A nenhuma pessoa desengana.
Naõ ha ninguem que assente, nem que crea
Este discurso vaõ da vida humana,
Por mais q̃ filosofe, nem que entenda,
Que algũ pouco do mũdo naõ pertenda.

Diogenes pisava de Plataõ
Com seus sórdidos pés o rico estrado;
Mostrando outra mais alta presunçaõ
Em desprezar o fausto tam prezado.
Diogenes, naõ ves, que estremos sam
Esses que segues de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prezas muyto,
Jà pertendes do mundo fama, & fruto.

Deyxo agora Reys grandes, cujo estudo
He fartar esta sede cobiçosa
De querer dominar, & mandar tudo
Com fama larga, & pompa sumtuosa.
Deyxo aquelles que tomaõ por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,
E naõ cuydaõ de si que saõ peores.

Aquelle deyxo a quem do sono esperta
O graõ favor do Rey q̃ serve, & adora,
E se mantem desta aura falsa, & incerta,
Que de corações tantos he senhora.
Deyxo aquelles q̃ estaõ co' a boca aberta
Por se encher de tesouros de hora em hora;
Doentes desta falsa hidropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deyxo outras obras vans do vulgo errado,
A que jà naõ ha alguem que contradiga;
Nem de outra cousa alguma he governado
Que de huma opiniaõ, & usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Plataõ divino, que me diga,

Este

Este das muytas terras em que andou,
Aquelle de vencelas, que alcançou?
Cesar dirà; Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios, & esforçados:
Fuy Monarca do mundo. & larga historia
Ficarà de meus feytos sublimados.
He verdade: mas esse mando, & gloria
Lograste-o muyto tempo? Os conjurados
Bruto, & Cassio diràõ, que se venceste,
Enfim, enfim a mãos dos teus morreste,
Dirà Plataõ: Por ver o Etna, & o Nilo,
Fuy a Cecilia, a Egipto, & outras partes,
Sò por ver, & escrever em alto estilo
Da natural ciencia em muytas artes.
O tempo he breve, & queres consumilo,
Plataõ, todo em trabalhos; & repartes
Taõ mal de teu estudo as breves horas,
Que, enfim, do falso Febo o filho adoras?
Pois, quando desque vive jà apartada
A Alma desta prisaõ terreste, & escura,
Està em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada
O Cinico dirà se por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os caens, ou as aves enxotava.
Quem taõ bayxa tivesse á fantasia,
Que nunca em mores cousas a merece
Que em só levar seu gado á a fonte fria,
E mungirlhe do leyte que bebesse!
Quam bem aventurado que seria!
Que por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria mayor pena,
Que pesarlhe de a vida ser pequena.
Veria erguer do Sol a roxa face;
Veria correr sempre a clara fonte;
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz oculta no Orizonte:
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as ervas do alto monte:
Em Deos creria simples, & quieto,
Sem mays especular algum secreto.
De hum certo Trasilao se lè, & escreve,
Entre as cousas da velha Antiguidade,
Que perdido gram tempo o siso teve
Por causa de huma grave enfermidade:
E em quanto de si fòra doudo esteve,
Tinha por teyma, & cria por verdade,
Que eraõ suas, das naos que navegavaõ,
Quantas no porto Pireo ancoravaõ.
Por hum senhor muy grande se teria
(Alem da vida alegre que passava)
Pois nas qne se perdiaõ naõ perdia,
E das que vinhaõ salvas se alegrava.
Naõ tardou muyto tempo, quãdo hum dia
Huncrito, seu irmaõ, que ausente estava,
Chegãdo à a patria, quãdo o vio perdido,
Do fraternal amor foy commovido.
Aos medicos o entrega, & com aviso
O faz estar á cura recusada.
Triste! que por tornarlhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada!
As ervas Apolineas de improviso
O tornaõ à a saude jà passada.
Sesudo Trasilao, ao caro irmaõ
Agradece a vontade, a obra naõ
Porque despois de verse no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava;
E despois de naõ ver o estado antigo,
Que a louca presunçaõ lhe presentava:
O! inimigo irmaõ, com cor de amigo!
Para que me tiraste [suspirava]
Da mais quieta vida, & livre em tudo,
Que nunca pode ter algum sesudo?
Por qual Senhor algum eu me trocàra,
Ou por qual algum Rey de mais grandeza?
Que me dava, que o mundo se acabàra,
Ou que a ordem mudasse a Natureza?
Agora me he penosa a vida chara:
Sey que cousa he trabalho, & que tristeza,
Torname a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.
Vedes aqui, Senhor, bem claramente
Como a Fortuna em todos tem poder,
Senaõ só no que menos sabe, & sente,
Em quem nenhum desejo pòde aver:
Este se pòde rir da cega gente;
Neste naõ pòde nada acontecer;
Nem estarà suspenso na balança
Do temor mao da perfida esperança.
Mas se o sereno Ceo me concedéra
Qualquer quieto, humilde, & doce estado
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem verme em terra alhea degradado;
E alli outrem ninguem me conhecéra,
Nem conhecèra eu outro mais honrado,
Senaõ a vòs, tambem, como eu, contente,
Que bem sey que o serieis facilmente:
E ao longo de huma clara, & pura fonte,
Que em borbulhas nacendo convidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse:
Despois, cubrindo a neve o verde monte,
Ao agasalhado o frio nos levasse,

Avi-

Avivando o juizo ao doce estudo,
Mays certo májar da alma, enfim, q̃ tudo:
Cantáranos aquelle que taõ claro
O fez o fogo da Aurore Febea,
A qual elle em estilo grande, & raro,
Louvando, o critalina Sorga enfrea.
Tangeranos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a area.
Passara celebrando o Tejo ufano
O brando, & doce Lasso Castelhanho.
E comnosco tambem se achàra aquella
Cuja Lembrança, & cujo claro gesto
Na alma sómente vejo, porque nella
Està em essencia puro, & manifesto;
Por alta influiçaõ de minha estrella
Mitigando o rigor do peyto honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o Sol em vellos.
E em quanto por Veraõ flores colhesse,
Ou por Inverno a fogo acomodado,
O que de mi sentira nos dissesse,
De puro amor o peyto salteado;
Naõ pedira entaõ eu, que Amor me desse
Do insano Trasilao o doudo estado,
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.
Mas por onde me leva a fantasia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se taõ longe a Fortuna me desvia,
Que inda me naõ consente as esperanças?
Se hum novo pensamento Amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquivanças
Do bem, me fazem taõ desamparado,
Que naõ pòde ser mais que imaginado?
Fortuna, enfim, co' Amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoase:
Amor a hum vaõ desejo me obrigou,
Sò para que a Fortuna mo negasse:
O Tempo a tal estado me chegou,
E nelle quiz, que a vida se acabasse:
Se ha em mi acabarse, o que eu naõ creo;
Que atè da muyta vida me receo.

OCTAVA II.

Consóla aqui o P. a D. Costantino Vice-Rey da India animando-o contra a inveja, & murmuraçaõ dos Portuguezes.

COmo nos vossos ombros taõ constantes
[Principe illustre, & raro] sustenteis
Tantos negocios arduos, & importantes,
Dignos do largo Imperio que regeys;
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar, & a terra segureis
Do Pirata insolente, & do tirano
Jugo do potentissimo Otomano:
E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juizo alheo,
A a desordem do vulgo temeraria,
Na santa paz ponhays o duro freo;
Se com minha escritura longa, & varia,
Vos ocupasse o tempo, certo o creo
Que com vagante, & ociosa fantasia
Contra o commum proveyto pecaria
E naõ menos seria reputado
Por doce adulador, sagaz, & agudo,
Que contra meu taõ bayxo, & triste estado
Busco favor em vòs, que podeys tudo;
Se contra a opiniaõ do vulgo errado
Vos celebrasse em verso humilde, & rudo
Diràõ, que com lisonja ajuda peço
Contra a miseria injusta que padeço.
Porèm, porque a verdade pòde tanto
No livre arbitrio (como disse bem
Ao gram Dario, o moço sabio, & santo,
Que foy reedificar Hierusalem)
Esta me obriga a qu'em humilde canto,
Contra a tençaõ que a plebe ignara tem,
Vos faça claro a quem vos naõ alcança;
E naõ de premio algum vil esperança
Romulo, Bacco, & outros que alcançáraõ
Nomes de Semideoses soberanos,
Em quanto por o mundo exercitáraõ
Altos feytos, & quasi mais que humanos;
Com justissima causa se queyxáraõ
Que naõ lhes respondéraõ os mundanos
Favores do rumor justos, & iguais,
A seus merecimentos immortais.
Aquelle que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antéo,
E a quem os seus trabalhos taõ famosos
Fizeràõ Cidadaõ do claro Ceo;
Achou, que a mà tençaõ dos envejosos
Naõ se doma senaõ despois que o véo
Se rompe corporal: porque na vida
Ninguem alcança a gloria merecida
Com tudo, se varões taõ excellentes
Foraõ do bayxo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudas gentes,
He louvor dos Reays, & sublimados.
Quem no lume dos vossos Ascendentes
Podera pór os olhos, que abalados
Lhes naõ fiquem da luz, vendo os mayores
Vossos Passados, Reys, & Emperadores?

Quem verà àquelle Pay da Patria sua,
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo só, co'a espada nua
Removeo do pescoço Lusitano;
Que naõ diga: ò gram Nuno! a eterna tua
Memoria causarà, senaõ me engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunca possa ser senaõ sublime.

Nisto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me bayxa o engenho:
Mas pois a dizer tudo me offereço,
(E dias ha que no desejo o tenho)
Sendo vòs de taõ alto, & illustre preço,
A vida fostes pòr num fraco lenho,
Por largo mar, & undosa tempestade,
Sò por servir à Regia Magestade,

E despois de tomar a redea dura
Na mão, do povo imdomito, que estava
Costumado à a largueza, & á a soltura
Do pesado governo que acabava;
Quem não terá por santa, & justa cura,
Qual de vosso conceyto se esperava,
A tão desenfreada enfermidade
Applicarlhe contraria qualidade?

Não he muyto, Senhor, se o moderado
Governo se blasfema, & se desama
Porque o povo a larguezas costumado,
A a ley serena, & justa dura chama.
Pois o zelo em virtude só fundado
De salvar Almas da Tartarea flamma,
Com a agoa salutifera de Christo,
Poderà por ventura ser malquisto?

Quem quizesse negar tam gram verdade,
Qual he o seu effeyto santo, & pio;
Negue tambem ao Sol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Se o sucesso he contrario da vontade
A as obras que saõ boas, & o desvio;
Està nas mãos dos homens cometelas,
E nas de Deos està o sucesso dellas,

Sey eu, & sabem todos, que os futuros
Veràm por Vòs o Estado acrecentado:
Seraõ memoria vossa os fortes muros
Do Cambayco Damaõ bem sustentado:
Da ruina mortal seràm seguros
Tendo todo o licerce seu fundado
Sobre Orfans amparadas com maridos;
E pagos os serviços bem devidos.

Quãto de infamia ao Principe he perderse
Pouco do Estado seu que inteyro herdou,
Tanto por gloria grande pòde terse
Se acrecentado, & prospero o deyxou.
Nunca consentio Roma ennobrecerse
Com triunfos alguem, senaõ ganhou
Provincia com q̃ o Imperio se augmentasse,
Por mayores victorias que alcançasse.

Pòde tornar o vosso Nome digno
Damaõ, por honra sua clara, & pura,
Como jà do primeyro Constantino
Tomou Bizancio aquelle que inda dura.
E tu, Rey, que no Reyno Neptunino,
Lâ no seyo Gangetico a Natura
Te aposentou; de ser tam inimigo
Deste Estado, naõ ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes aves
Cortar a espumosa agoa nevegando;
Ouviste o som das tubas não suaves,
Mas com temor horrifero soando:
Sentiste os golpes asperos, & graves
Do Lusitano braço nunca brando;
Naõ sofreste o gram brado penetrante
Que os torvoens imitava do Tonante.

Mas antes dando as costas, & a vitoria
A a Bragancès ventura não corrido,
Dèste bem a entender quam grande gloria
He de tal Vencedor o ser vencido.
Quem faz obras tam dignas de memoria
Sempre será famoso, & conhecido
Onde os altos juizos se estimarem:
Que estes sós tem poder de fama darem.

Náo vos temais, Senhor, do povo ignaro,
Tam ingrato a quem tanto faz por elle:
Mas sabey que he sinal de serdes claro,
O ser agora tam malquisto delle.
Temistocles da Patria sua amparo;
O forte, & liberal Cimon; & aquelle
Que leys ao povo deu de Esparta antigo,
Testemunhas seràm de quanto digo.

Pois ao justo Aristides, hum robusto
Votando no Ostracismo costumado,
Lhe disse claro assi; porque era justo
Desejava que fosse desterrado.
Pachitas por fugir do povo injusto
Calumnioso, dando no Senado
Conta de Lesbos, que elle jà mandàra,
Se tirou co'o seu ferro a vida chara.

Demosthenes lançado das tormentas,
Populares, a Pallas foy dizendo,
Que de tres monstros grandes te contentas,
Do Drago, & Moucho, & do vil Povo horrẽdo?
Que glorias immortais houve que izentas
Do veneno vulgar fossem vivendo?
Pois mil exemplos deyxo de Romanos;
E vòs tambem sois hum dos Lusitanos.

OCTA-

OCTAVA III.

Esta oytava escreveo o P. sobre a setta, que o Papa Gregorio XIII da Igreja de Deos mandou por occasiaõ deste Rey nascer em dia de S. Sebastiaõ a 20. de Janeyro anno 1575.

MUy alto Rey, a quẽ os Ceos em sorte
Deraõ o nome Augusto,& sublimado,
De aquelle Cavalleyro que na morte,
Por Christo, foy de setas mil passado;
Pois delle o fiel peyto,casto, & forte,
Co'o Nome Imperial tendes tomado,
Tomay tambem a Setta veneranda
Que a Vòs o Sucessor de Pedro manda.
  Já por ordem do Ceo, que o consentio,
Tendes o braço seu, reliquia chara,
Defensor contra o gladio que ferio
O Povo que David contar mandàra.
E pois que tudo em Vòs se permittio,
Presagio temos,& esperança clara,
Que sereis braço forte, & soberano,
Contra o soberbo gladio Mauritano.
  E o que hum presagio tal agora encerra,
Nos faz ter por mais certo,& verdadeyro
A Setta,que vos dâ quem he na terra
Dos celestes Tesouros Dispenseyro.
Que as vossas settas sam na justa guerra
Agudas, & entraràm por derradeyro,
Caindo a vossos pès povo sem ley,
Nos peytos,que inimigos saõ do Rey.
  Quando vossas bandeytas despregava
Albuquerque fortissimo, com gloria,
Por as prayas de Persia,& alcançava
De Naçoens tam remotas a vitoria;
As settas embebidas, que tirava
O arco Armusiano, he larga historia,
Nos ares, Deos querendo, se viravam,
Pregando-se nos peytos que as tiravam.
  O! querido Deos, por quem peleja
O ar tambem,& o vento conjurado!
Ao tambor acode, porque veja
Que o q̃ a Deos ama, he de Deos amado.
Os contrarios reveis à a Madre Igreja
Atroàram co'o tom do Ceo irado,
Que assi deu já favor mayor que humano,
A Josué Hebreo, a Teodosio Hispano.
  Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si só nocivas sam,
Que faram, Rey, as vossas que tem liga
Com a que já tocou Sebastiam?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A levantar a Deos o coraçam,
Crendo bem que as que vòs despidereis
No sangue Sarraceno as tingireis.
  Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rey do Imperio, despois tam conhecido,
De Roma,& só reliquia do Troyano;
Vingou com setta, & animo atrevido,
As soberbas palavras de Numano,
E logo foy de alli remunerado,
Com louvores de Apollo celebrado.
  Assi vòs, Rey, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bens certissima esperança,
Nos costumes, & aspecto que mostrais;
Concebemos segura confiança,
Que Deos a quem servis, & venerais,
Vos fará vingador dos seus reveis,
E os premios vos dará que mereceis.
  Estes humildes versos, que pregaõ
Sam destes vossos Reynos com verdade,
Recebey com benigna, & Real maõ,
Pois he devido a Reys benignidade.
Tenham (senão merecem galardaõ)
Favor se quer da Regia Magestade:
Assi tenhais de quem já tendes tanto,
Com o Nome, & Reliquia, favor santo.

OCTAVA IV.

Estas oytavas, & as que se seguem se achàraõ em alguns manoscritos. Nesta glosa o P. hum Soneto seu XIV. que começa Todo o animal da calma repousava.

DEspois q̃ a clara Aurora a noyte escura
Com novo resplandor foy desfazendo,
E Febo por os montes, & espessura,
Os seus dourados rayos estendendo;
Se buscava nos valles a verdura
O manso gado a luz serena vendo;
Quando a fervida sésta ja abrasava,
Todo animal da calma repousava.
  Já por fugir do Sol o fogo ardente,
As sombras os rebanhos vam buscando:
Os tenros cabritinhos juntamente
A poz as mansas mãys hiam saltando:
Tangendo as suas frautas docemente
Os Pastores, estavam enganando

A gram

A gram chama solar que entam ardia;
Sò Liso o ardor della nam sentia.

Tristes lembranças tanto o traspassavam,
Que a dura sésta nellas sò passava:
O tempo que em prazer outros gastavam,
Em celebrar seu mal elle o gostava:
As festas que com jogos celebravam,
Elle com suspirar as celebrava:
Nada buscava mays,mays nam queria
Que o repouso do fogo em que elle ardia.

Os repetidos jogos dos pastores,
As lutas entre a rama repetidas,
Mas antes na alegria as vé crecidas.
Em nada lhe divertem suas dores,
Como o repouso roubam os amores
A as almas que para elles sam nacidas,
Delle,todo o repouso que esperava,
Consistia na Ninfa que buscava.

Com o choro,que já corria em fio
Por o palido rosto aumenta as fontes.
Que levam agua estranha ao claro rio
Que os valles vay regando entre altos mótes.
Com suspiros a quem o Eco pio
Responde de apartados Orizontes,
Os ventos parecia que en freava,
Os montes parecia que abalava.

Que as queyxas de seus doces pésamétos
Se movessem os montes mays constantes,
Se parassem os mays veloces ventos,
Que estavaõ ,que corrião cricunstantes;
Bem se devia a dor de seus tromentos,
E inda que fosse em peyto de diamantes;
Que hum peyto de diamante abrandaria
O triste som das magoas que dizia.

Porém elle as dizia a outro peyto.
Mays,que diamante inexpugnavel,duro
A fe lhe encarecia,a que sogeyto
O tinha em pena eterna o amor puro:
Mostravalhe este na alma mays perfeyto,
Quanto mays offendido mais seguro
A Ninfa mais segura tudo ouvia,
Mas nada o duro peyto commovia.

As lastimas aqui tanto crecèram
Que se em montes de Hircania se escutàram
Tigres nos seyos seus mover pudèram,
E pedras nos seus cumes abrandàram.
Mas se no peyto as tristes vozes déram
De aquella Fera humana que buscàram,
Elle de as admitir se retirava;
Que na vontade de outro posto estava.

Desenganado jà da triste sorte,
De que mal fino amor se desengana,
Com a espe aoça sò de sua morte
Aquellas penas ultimas engana.
Deyxando na espessura o claro Norte,
Para elle de outra luz mays soberana,
A hum valle aberto então sair procura,
Cansado jà de andar por a espessura.

Deyxando as suas cabras que pacessem
Na quelle verde prado as frescas flores;
Porque os Satiros leves o soubessem,
Ou os silvestres Faunos amadores;
Tambem porq̃ os Pastores o entendessem,
Todo o processo,& fim de seus amores
Escreveo (sem em nada aver mudança)
No tronco de huma faya por lembrança.

Por lembrança no tronco de huma faya
Que vay saindo ao Ceo de pura altiva,
Na verde,prateada,& aurea praya,
Por donde o claro Tejo se deriva;
Porque tambem ao Ceo sua dor saya,
Sobre aquella corrente fugitiva,
Escrita no papel da Natureza,
Escreve estas palavras de tristeza.

Na tercia Ninfa bella por quem vivo
Em tal tormento,tempo algum me olhou;
Mas des que em mi sentio que era cativo
De aquelle brando olhar que me enganou,
O amor tornava em desamor esquivo,
E de hum tormento tal a outro passou.
Em cousas tam sogeytas a mudança
Nunca ponha ninguem sua esperança.

Para dar proveytosos desenganos
Dos enganos que sam de amor effeytos,
E dos dous sexos publicar humanos,
A origem das mudanças de seus peytos;
Estas letras aqui por longos annos
Digam,(a coraçoens a amar sogeytos)
Em peyto varonil,que de Ventura;
Em peyto feminil,que de Natura.

Faltoulhe aqui o alento,& jà cançado
Cahio ao pé da faya em que escrevia,
Nam podendo seguir o começado,
Porque a alma já do corpo lhe saia.
Tres vezes,com acento mal formado,
Para exemplo futuro repetia;
Amantes,entendey que a mór Belleza
Sòmente em ser mudavel tem firmeza.

Cà nesta Babilonia adonde mana
Hipocresia,engano,& falsidade;
Cá donde ousada toda carne humana
A todo arbitrio vive de vontade:
Cá donde enrouqueceo da lusitana
Musa o furor heroico,& suavidade;

Cá donde se produz por cega via
Materia a quanto mal o mundo cria:
Cà donde o puro Amor nam tem valia,
Porque Bacco o tem hoje desterrado;
Cá donde a frecha de ouro nam feria
Senam cabello preto,& alsenado:
Cà donde a loura trança nam servia,
Nem o rosto de sangue matizado;
Cà donde nada val à agloria humana
Que a May, que manda mays, tudo profana.
Cà donde o mal se afina, o bem se dana,
Se algum a terra em si quer produzir;
Cá donde a falsa gente Mahometana
A gloria toda funda em adquerir:
Cà donde multiplica a mão tirana
Professa em mays crecer,matar,mentir
Cá donde o fazer bem he villania,
E pòde mays que a honra a tirania:
Cà donde a errada,& cega Monarquia
De fabulosas leys està vivendo,
E à aforça de hum amor engrandecia
O nefando Alcoram,em que està crendo:
Cà donde nada val á aPoesia,
E se està da ley della escarnecendo;
Cà donde a fidalguia Maometana
Cuyda com nome vaõ que aDeos engana.
Cà nesta Babilonia onde a Nobreza
Da Lusitana gente se perdeo;
E do gram Sabastiam toda agrandeza
Irreparavelmente se abateo:
Cà donde algum mentir nam he bayxeza,
E os meritos esmola(assi creceo)
Da cobiça mortal a semrazaõ)
Com esforço,& saber,pedindo vam:
A as portas da cobiça,& da villeza
Estes netos de Agar estam sentados,
Em bancos de torpissima riqueza,
Todos de tirania marchetados.
He do feo Alcoram summa a largueza
Que tem para que sejam perdoados
De quantos erros cometendo estam]
Câ neste escuro Caos de confusam.
Cumprindo o curso estou da Natureza,
Illustre Dama,neste laberinto;
Mas quem usa comigo mays crueza,
He tua condiçaõ,que na alma sinto
Acabase algum dia tal tristeza,
E este sentido mal,que em versos pinto:
E poys na alma he sentido,& coraçam,
Vè se me esquecerey de ti,Siam!
Senhora,se encubrir por algum'arte
Pudera esta ocasião de meu tormento,
Não creas que chegàra a declararte
Este meu perigoso pensamento:
Mas por mays,que te offenda,não sou parte
No crime de tamanho atrevimento
E sle he de Amor,& delle foy forçado
A que te declarasse o meu cuydado.
Se merece castigo a confiança,
Com que descubro agora o que padeço,
Aqui pronto me tens,toma a vingança
Que por tão grave culpa te mereço,
Bem mepodes negar toda esperança,
Mas eu não desistir deste começo;
Porque Tempo,& Fortuna,naõ são parte
Para deyxar hum'hora sò de amarte.
Ja que verte os meus olhos alcançárão
Descansem neste bem com alegria,
Poys jà Com ver os teus, tanto ganhàram,
Quanto estando sem velos,se perdia
Que gloria querem mays,se a ver chegàram,
Aquella pura luz,que vence ao dia?
Qual mor bem ha no mundo que quererte,
Senaõ ha mays que ver despoys de verte?
Minhas dores mortays,bella senhora,
Tiràrão a virtude ao sofrimento;
E fazendose mays em qualquer hora,
Levando vão tràs ti meu pensamento:
Porém soberbos vejo desde agora,
Por a causa gentil de seu tormento,
Minha alma,meu desejo,meu sentido,
Porque á tua belleza se haõ rendido.
Apar de tua rara Fermosura
Se desconhece o mór Merecimento:
A tua claridade torna escura
Do Sol a clara luz em hum momento.
Se Zeusis ao formar bella figura,
A vista em ti pudera por atento,
Mays alto original ouvera achado
Para admirar o mundo co'o traslado.
Aquelles, que escrevèraõ mil louvores
De fermosura, graça,& gentilleza,
Todos forão,Senhora,huns borradores
De tua perfeytissima belleza.
Agora se vè claro em teus primores
Que em ti se esmerou mais a Natureza;
E que eraõ os seus cantos profecias
Do que avias de ser em nossos dias.
Vé,poys,se vinha a ser culpavel falta
Em mim o naõ renderte amante a vida,
E se a deyxar de amar gloria tão alta
Era digno da pena mais crecida.
Enfim,eu te amarey:que Amor me exalta
Co'o castigo de culpa assi atrevida:

E quando della caya, mayor gloria
Terà o Tejo que o Pò com sua historia.

OYTAVAS VII.

Do Grande Luis de Camões feytas a Santa Vrsula, & suas Companheyras as quaes Bernardes falsamente attribuye a si.

DE huma fermosa Virgem desposada,
Que de outras onze mil, tãbẽ fermosas,
Entrou no claro Olympo acompanhada,
Com coroas de lirios, & de rosas;
De Christo Esposo seu tão namorada
Que delle as quiz fazer todas Esposas,
Amor, Vida, & Martyrio cantar quero,
Fiado no favor, que della espero.

Alcança, Ursula bella, (que diante
De tão bello esquadrão foste por guia)
Do teu suave Amor, que de ti cante
O seu amor que no teu peyto ardia.
Meu verso para ti mays se levante,
O Christifera! ó Heroica companhia!
Tanto se mostre aqui mays soberano,
Quanto o divino Amor excede o humano.

E Vós, unica Mãy, & Virgem pura,
Poys soys das que tal Ordem escolhérão,
Que fostes, soys, sereys Guarda segura
Da Pureza que a Deos offerecérão,
Neste canto me day melhor ventura
Do que atègora as Musas vans me dérão;
Vossas servas serão de mim servidas,
Cantadas suas mortes, suas vidas.

Serenissima Infante, produzida
Do gram Tronco Real, sublime Planta;
No Titulo, nas Obras, & na Vida,
Retrato natural de Ursula Santa;
Desta Virgem tambem de Reys nacida,
Ouvi com ledo rosto o que se canta:
Day o sentido hum pouco a tal Sogeyto;
Nam lhe tire seu preço o meu defeyto.

No tempo que Ciriaco se sentava
Na Cadeyra de Pedro Pescador;
De que com saã doutrina apacentava
As Ovelhas de Christo Bom Pastor;
Teve Bretanha hum Rey que professava
A Ley que deu no mundo o Redentor,
Justo, & temente ao Ceo, pio, & devoto,
Chamado Mauro de huns, & de outros Noto.

De virtudes, hum novo exemplo, & raro,
Em idade, & belleza, florecia
Ursula, por quem Noto era mais claro
Que por todo o poder que possuia:
Com quem em nada o Ceo quiz ser avaro,
Com quem todas as graças repartia;
Prudente, honesta, & douta, a maravilha;
De tão ditoso Pay ditosa Filha.

Aquella que por o ar com ligeyreza
As penas de mil azas abre, & cerra;
E que com velocissima presteza
Com outros tantos pès corre por terra:
Aquella, que de sua natureza
Não cuyda em quanto diz se acerta, ou erra;
E de huma em outra boca se derrama:
Aquella, enfim, a quem chamamos Fama:

Hia por todo o mundo divulgando
Estremos desta Virgem soberana,
Aquella fermosura celebrando
Com que Amor cego a tanta vista engana:
Mays hia a da alma sua publicando,
Porque era mays divina do que humana:
Jà de huma, & de outra jà, dizia tanto,
Que em huns criava amor, noutros espanto.

Ouvidos seus louvores, muytas vezes
Desejou desta Virgem fazer Nora
Hum Rey que o Cetro tinha dos Inglezes,
Idolatras então, cegos agora.
O! Povo cego, & leve as torpes fezes
Aparta do ouro puro, & lança fòra.
Tornate ao teu Pastor perdido Gado;
Olha que vas sem elle mal guiado.

Hum filho deste Rey (de quem dizia
Que ser de Ursula sogro desejava)
Movido do rumor que della ouvia,
Jà dentro no seu peyto a namorava
Alli seu amor, delle, lhe offrecia;
Alli por amor, della, suspirava.
Suspira elle por ella; ella suspira
Tambem por outro amor que nunca vira.

Mandou o Rey Inglez Embayxadores
Com pompa Regia, & lustre suntuosa
(Do grande Reyno seu grandes Senhores)
A Noto, Rey não tanto poderoso.
Pediolhe a bella Filha [que em amores]
Ardia toda do celeste Esposo]
Para Esposa do Filho, que sabia
Que jà de amores della todo ardia.

O Rey Bretam se achava descontente
Com a nova Embayxada de Inglaterra:
Recea que se nella não consente,
O Gentio lhe mova cruel guerra:
Porque sendo mays rico, & mais potente,
Assi no largo mar, como na terra,

Quando desprezos visse de seu rogo,
Pedia por Bretanha a ferro,& fogo.
Sobre este não errado pensamento
Do medo de perder seu Senhorio,
Novo discurso tinha,& novo intento
Com que se achava mais medroso,& frio
Estranhava o fazer ajuntamento
Da Catholica Filha c'hum Gentio;
Pois nem a Ley de Christo o permitia,
Nem Ursula fiel o admitiria.
Estando o Pay em tal angustia posto,
Divinamente a Filha já inspirada,
Lhe assegurava com sereno rosto,
Que consentir podia na Embayxada:
Dizendo,que se o Inglés levava gosto
De ella com seu Herdeyro ser casada,
Primeyro lhe mandasse dez donzellas,
Do Reyno as mais illustres,as mays bellas.
Que mil daria a cada Virgem destas,
E que a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro sangue,& em vida honestas:
Desta arte a conta de onze mil fazia.
Que por tres annos dilaçaõ nas festas,
Além do já pedido,lhe pedia;
E naos,& mantimentos,porque todas
Fossem com ella a Roma antes das bodas.
Alli sua pureza,& virgindade
Queria com solene,& sacro voto
Consagrar á a divina Potestade,
Que o Ceo,& a terra fez de proprio moto.
E que deyxasse a vãa Gentilidade
Seu Filho,para genro ser de Noto,
Para que neste espaço doutrinado
Fosse na Fé de Christo,& bautizado.
Com estas condiçoens Ursula disse
Ao charo Pay,que,a ser dellas contente,
Podia responder;& despidisse
A proposta de aquelle Rey potente:
Ou porque ouvindoas elle desistisse,
Podendose aceytar difficilmente;
Ou porque, quando as Virgens concedesse,
Comsigo a seu Senhor onze mil désse.
O!divino saber,quam soberano
Conselho he sempre o teu ! quam remontado!
O!quanto o mór saber te cede, humano,
Por mays que de razões vá mays ornado!
Já dos Idoles deyxa o cego engano
O Principe da Virgem namorado:
Já tento pede ao Pay quanto ella pede;
Já o Pay quanto lhe roga lhe concede.
Já para Ti,ó Virgem bella,& branda,
Com huma singular velocidade,
Juntar se via de huma , & de outra banda,
De feminil nobreza tenra idade.
As naos aparelhar o Rey já manda,
Ja nellas se recolhe a Virgindade:
Já dão para Bretanha ao vento vellas:
O coração do Noyvo vay com ellas.
Já vem a tomar porto onde esperava
Ursula alvoroçada em gram maneyra;
Que para as receber alli se achava,
Como Senhora não,mas companheyra.
Quaõ falsa era a ley dellas lhes mostrava,
A de Christo quão pura,& verdadeyra.
Já se bautiza huma,& outra Dama;
Damas Ursula já,do Ceo,lhes chama.
A Fama,que não sabe repousar,
Voou de Reyno em Reyno d'Ilha em Ilha;
A gente,que concorre não tem par,
Por ver a nunca vista maravilha.
Outros vem por servir,& acompanhar
A Virgem de Rey Nora,de Rey Filha.
Movemse muytos Bispos de Bretanha;
Pantolo em vida,& morte os acompanha.
Por Ti,deyxando o Reyno co'a familia,
E quatro filhas suas,se embarcou
[Juliana,Vitoria,Aurea,Babilias:
Hum filho tinha mays que mais levou]
Gerasina Raynha de Sicilia,
E com devido amor te acompanhou:
Que he justo,que contigo vão Raynhas
Quando tu para o Rey dos Reys caminhas.
Já se partem as bellas Peregrinas·
As mãos ao claro Empyrio levantadas:
Já rompem,já,por ondas cristalinas
As naos da Frmosura carregadas:
Quando, dizey,(ó Aguas Neptuninas!)
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, despois que a terra descubristes,
A tal Frota por vós caminho abristes.
Com vento sempre igual, có mar bonáça;
Sem perigos alguns,sem algum pejo,
Cicla forão tomar porto de França,
Onde pouca demora fazer vejo.
O coração da Virgem não desçança,
Saudosa do fim de seu desejo;
Manda que levem ferro,soltem linho,
Que leve por o mar o negro pinho.
O vento nova posse vay tomando
Das Virgens que lhe são encomendadas:
Com tal prosperidade vão voando,
Que já deyxão atraz ondas salgadas:
Já nas doces do Reno estão entrando,
Onde tem suas vidas limitadas:

Huma cidade vem à a lingua da agoa,
Que de velas morrer não teve magoa.
Ah! Colonia cruel, que não te encobres
A tão fermosos olhos, que seguros
As altas torres viaõ, que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros!
Permite o largo Ceo que fama cobres
De ser tão dura may de peytos duros?
Duros peytos, que a tantos, limpos de erro,
Viraõ abrir sem dor com impio ferro.
Estando neste porto a bella Armada,
Tomando o necessario mantimento,
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceyra vez o treu ao vento;
Sendo parte da noyte jà passada,
A Virgem là no seu retraimento,
Quando estava dormindo toda a Frota,
A Christo orou assi, branda, & devota.
Amor, divino Amor, Amor suave,
Amor, que amando vou toda rendida;
Com quem não há na vida pena grave,
Sem quem gloria real não ha na vida:
Amor, que do meu peyto tens a chave,
Amor, de cujo Amor ando ferida,
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que de amor cheo, & de brandura,
De amor enches esta Alma saudosa:
Amor, sem cujo amor, & fermosura,
Não pòde nunca aver cousa fermosa:
Amor, com cujo amor anda segura
Huma vida tão fraca, & duvidosa,
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que por amor te dispuzeste
A restaurar o mundo errado, & triste:
Amor, que por amor do Ceo desceste;
Amor, que por amor à Cruz subiste:
Amor, que por amor a vida deste;
Amor, que por amor a gloria abriste;
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que mays, & mais sempre te aumētas
No coração, que la contigo trazes:
Amor, que de amor puro te sustentas
No fogo em que tu mesmo arder me fazes:
Amor, que sem amor não te contentas,
De tudo com amor te satisfazes;
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Amor, que com amor me cativaste,
[Se livre pòde ser quem não cativas]
Amor, que em tays prisoens me asseguraste
As esperanças de antes fugitivas:
Amor, que suspirando me ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas,
Quando verey, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que não vejo?
Quando verey hum dia em que offereça
Por Ti ao cruel ferro o peyto forte,
E cercada de Virgens appareça
Na tua soberana, & eterna Corte?
Onde là cada huma te mereça,
Cà passando comigo a propria morte;
E todas dando o sangue juntas, todas
Celebremos contigo eternas bodas.
Fazeme já, Senhor, esta vontade
Que tenho de te ver, que sempre vive;
Des que me deu lugar a tenra idade,
E lume de razão nesta alma vive.
Naõ queyras, meu Amor, que a saudade
Sem tal bem a mim só da vida prive;
Que se muyto se alarga este desterro,
Por ella irey a Ti, naõ por o ferro.
Desata o meu espirito saudoso
Do nó mortal, em que se vay detendo,
Primeyro que tres vezes presuroso
O Sol os doze Signos vá correndo.
Espaço he, que tomey, meu doce Esposo,
Para outro Esposo meu ir entretendo:
Mas a meu amor crendo, de Ti creo
Que acabes com a vida o meu receo.
Inda neste fervente, & justo rogo
Ursula suspirando procedia,
Quando de hum resplandor como de fogo,
Divina voz ouvio, que assi dizia.
O! Virgem, que soubeste fazer jogo
Do que no mundo tem mayor valia!
Entende que da volta que fizestes,
Aqui quero que seja o que tu queres.
Tanto que tal resposta do Ceo teve,
Não quiz do que esperava perder hora:
Já lhe parece larga a noyte breve,
E que já tarda muyto a bella Aurora.
Em descubrindo Apolo o carro leve,
Do porto de Colonia sahio fòra:
Já Basilea em breve tempo toma:
E a pé de alli partirão para Roma.
O Pastor summo, Ciriaco santo,
As sae a receber, & as acompanha
Com gozo espiritual, com grande espanto
De ver em tal idade fé tamanha.
Dizer se pòde mal, mal cuydar quanto
Se goza o Real sangue de Bretanha,

Os veneraveis Templos visitando
De Aquelles que tambem foy imitando.
Na propria noyte deste proprio dia
Que Roma ver as Virgens mereceo,
A quem de Pedro a Barca então regia,
Revelou o que rege a Terra,& Ceo;
Que martyrio tambem receberia
Onde Ursula co'as mais o recebeo:
Deyxa contente o gram Pontificado,
Desejoso de ser martyrizado.
Por mays que todo o Clero sofre mal
Moverse por aquellas Estrangeyras,
Movido da vontade divinal
O bom Pastor se vay com as Cordeyras.
Hum Arcebispo leva,hum Cardeal:
Tres Bispos deyxaõ vagas tres Cadeyras,
De Luca,Ravicana,& de Ravena:
Mauricio me ficava jà na pena.
Despois de na agua entrar donde sahirão,
Com taõ fermoso Sol tantas Estrellas,
Jà as ancoras debayxo acima tirão,
E de cima já abayxo soltaõ velas.
Estas naos là adiante outras naos viraõ
Que fazendose vem na volta dellas:
Conheceraõse logo as duas Frotas:
Ambas de hum Reyno saõ,ambas devotas.
Alli(já Rey erguido de Inglaterra)
Vinha de Ursula bella o bello Esposo,
Que reynar naõ queria já naterra,
Do Ceo já namorado,& saudoso.
Do seu primeyro amor venceo a guerra,
A força de outro Amor mays poderoso:
Amando já em seu Deos a Esposa bella,
Para o poder achar buscava a ella.
A mãy,jà convertida,traz consigo;
O pay já christão feyto fallecèra,
Com que soube evitar o grão castigo
Que morrendo Gentio não soubera.
Amor celeste,como aqui não digo
O teu sublime obrar? Ah! quem pudera!
Por meyo de huma Virgem foste meyo
Com que gente copiosa a Christo veyo.
Vinha mais nesta nova Companhia
Florencia,irmãa do Rey,da mãy cuydado;
Florencia,que em beleza florecia,
Como flor em jardim bem cultivado
Tambem a Frota Bispos dous trazia,
Hum Marcelo,Clemente outro chamado:
O primeyro já em Grecia bago teve;
Do segundo o Bispado não se escreve
Outra Virgem viuva alli mays vinha,
Que desposada sendo em tanta idade,
Antes das bodas inviuvada tinha
E prometida a Christo a castidade.
Esta do mesmo Rey era sobrinha,
Filha da Emperatriz da gram cidade,
Onde por culpa nossa,ou pouca dita
Seu Trono agora tem o fero Scita.
Estes que advertem repetida Historia
Deyxaraõ só por Deos altos estados,
Com outros de que he menos a memoria,
Forão divinamente a moestados;
Que todos [para entrar juntos na gloria]
Ao Coro Virginal fossem juntados,
Com quem na terra Martyres serião,
E no Ceo para sempre reynarião.
Seria estranho o gozo que sentirão
Aquellas bem nacidas Almas santas,
Quando juntas alli todas se virão
De partes tão remotas,& de tantas.
Sem estorvos,que de antes o impediraõ,
As duas mays que todas bellas Plantas,
Alli abraços se daõ sem algum pejo,
Ambas conformes já num só desejo.
Alli faria o Rey acatamento
A quem deyxou da Barca o Graõ governo,
E Elle,conforme a seu merecimento,
Responderia com amor paterno.
Naõ faltaria em tal recebimento
Prazer exterior,praser interno;
Inda que nos Estados differentes,
Todos serião huns em ser contentes,
O vento as brancas vellas nam enchia
Corria o frio Reno entam mays quedo;
Antes para Colonia nam corria,
Porque as Virgens nam fossem lá taõ cedo.
Parece que já claro conhecia
(ò Coro Virginal,sereno,& ledo)
Que lá vos esperava a impia Morte
Agora,òMusa,conta de que sorte.
Aquelle que na forma de Serpente
Deyxou aos dous primeyros enganados,
Envejoso de ver que tanta gente,
Se convertia à Ley dos Baptisados
No coracaõ entrou manhosamente,
De dous Gentios Principes danados,
Da soberba Roma a Cavallaria,
Por encurtar a Fè que se estendia.
A Fama os assegura com certesa
Que a Virgem a Colonia jà voltava,
Com toda a casta juvenil Belleza
Que por amor do Ceo peregrinava.
Fizeraõ avisar com graõ presteza
A hum parente que Juliaõ se chamava,

Soberbo Capitaõ dos Hunos feros;
Que todos para todos foraõ Neros.
Eys logo o cego Principe gentio,
Com gente innumeravel de seu mando,
A praya a tomar vem do mesmo rio
Por onde as Virgens vinhaõ navegando
Jà descobre aquelle,este navio,
Os que estaõ do mays alto atalayando:
A as armas veloz corre o bruto povo,
Por de novo as tingir no sangue novo.
Vindo a Frota a surgir junto do muro
Onde lhe parecia estar segura,
(ó Virgens que buscays lugar seguro
Adonde vos espera a sepultura!)
Entra com maõ armado o povo duro,
Por esta peregrina fermosura:
Já começa a provar os aços fortes;
Eys tudo sangue já, já eys tudo mortes!
Já nú todas as Virgens offereciaõ
O delicado collo, o tenro peyto:
Era para caber quantas cahiaõ,
Todo largo lugar lugar estreyto.
Do puro sangue os rios, que corriaõ,
Outro vermelho mar já tinhaõ feyto.
Tu só, Còrdula, à a morte te escondeste;
Mas despoys a buscaste, & recebeste.
Ciriaco o primeyro, bem cõstante,
A vida ao ferro offrece sem espanto:
O moço Rey Ingles cahio diante
De aquelles castos olhos, que amou tanto
Espera, brando Esposo hum breve instante;
Espera a tua doce Esposa em tanto
Que outro Amor outro golpe lhe perpara;
E juntos entr areys na Patria chara.
Em qual terra, oh crueys! em qual cidade?
Entre quaes gentes mays a furor dadas,
Se não usou de amor, & de piedade
Com fermosas Donzellas desarmadas?
Como Belleza tanta, & tal idade
Vos deyxou arrancar vossas espadas?
Ah! lobos carniceyros, tigres bravos,
Filhos de crueldade, de ira escravos!
De quantos animaes sustenta a terra,
Nunca tanta crueza foy usada;
Inda que tenhão huns com outros guerra,
Nunca do macho a femea he lastimada:
Anda a cerva co'o cervo por a serra,
A novilha do touro acompanhada
A aleonesa o Leaõ defender preza
Vós sós quebrays as leys da Natureza
Puderaõ outros olhos por ventura
De lagrimas divinas escusarse,
Vendo, cuberta já de nevoa escura
A luz de tantos bellos apagarse?
Vendo a purpurea rosa, á cecem pura,
Em taõ fermosas faces descorarse?
As tranças de ouro vendo, espedeçadas,
Por debayxo dos pès andar pisads;
Na força desta furia accesa, & brava.
O Tirano cruel a vista ergueo
A a Virgem, que invencivel animava
As Almas que juntára para o Ceo
Assi já envolta em sangue como andava
Da sua fermosura se venceo;
E com doces razoens, que Amor ensina,
A vencela de amor se determina.
Fingindose arrepende do passado,
(E de fingillo se arrepende azinha)
Sua vida lhe offrece, & seu estado
Sem ver que Estado, & vida a perder vinha.
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor, que dado a seu Deos tinha:
Pedelhe o seu amor, antes não seu,
Porque já dado o avia a quem lho deu.
Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por conseguir o seu desejo bruto.
A flor logra (dizia) de teus annos;
Colhe de essa Belleza o doce fruto;
Não dés materia nova a novos danos,
Naõ pagues verde á morte o seu tributo:
Olha que tens em mim (naõ sam cautelas)
Outro Reyno, outro Esposo, outras donzellas
Naõ faças mentirosa a Natureza,
Que dá de amor em ti grande esperança.
Que só pode alcançar d'essa Belleza,
Se jà piedade della naõ se alcança?
Aos Tigres, aos Leões, deyxa a braveza,
E deyxa aos meus soldados a vingança,
Se por verme cruel queres ser crua,
Já te vingas de mim em cousa tua.
Volve esses olhos jà com mays brandura;
Esses olhos, de Amor doce morada:
Delles naõ faça em mim a fermosura,
O que em tanto ja fez a minha espada.
Se queres derribar minha ventura
Que delles estar vejo pendurada,
Acabarey de ver quam pouca tenho
Poys donde a matar vim a morrer venho.
Como do rogo meu naõ te aproveytas,
Quando o teu risco a me rogar te obriga?
Ou naõ conheces bem a quem engeytas,
Ou me engeytas, por mays que seja, & diga.
Em quem cuydas, Senhora? ou que sospeytas?
Mays proprio era chamarte dura imiga.

Mas naõ consente Amor nome taõ duro,
Em parecer tão brando,& tam seguro.
Os rayos desses olhos já serenos
Enxuguem desse rosto as puras rosas:
O triste suspirar já soe menos
Nestas concavidades saudosas.
Naõ façam grande mal males pequenos;
Que naõ sofre esperanças vagarosas
Quem anda costumado em seus amores
A medir por seu gosto seus favores.
Que gosto podes ter de maltratarme,
Vendome do passado arrependido?
Attenta que mays ganhas em ganharme,
Do que neste destroço tens perdido
Se queres insistir em desprezarme,
Vermehas,sobre amoroso,enfurecido.
Naõ me declaro mays,porque naõ quero
Que o medo faça o que de amor espero.
Ah! perfido amador!deyxa o teu erro.
Naõ ves quanto enganado,& cego andas?
Aquella a quem naõ vence o duro ferro,
Como a podem vencer palavras brandas?
Manda a sua alma jà deste desterro,
Com essas que a seu doce Espozo mandas.
Naõ a detenhas mays em teus amores,
Se dobrarlhe não queres suas dores.
Vendo o cruel,enfim,que o que dizia,
Tomava a bella Virgem por afronta;
E que quanto de amor mays se acendia,
Ella delle fazia menos conta;
No concavò arco que na maõ trazia,
Huma seta embebeo de aguda ponta,
E o peyto lhe passou de banda a banda,
Assi rendeo o Esprito a Virgem branda.
Vayte,Esprito Gentil,desta bayxeza;
As asas abre já,jà a luz derrama:
Voa com desusada ligeyreza,
Onde o teu bem te espera,onde te chama.
Veràs bayxado o mundo á mór alteza:
Verás que engana mays a quem mays ama:
E lá do teu Amor,cà suspirado,
O fruto colheràs tão desejado.
Em paz te vay,ò Alma pura,& bella,
Mays bella inda no sangue que verteste;
Vayte alegre a gozar,vay,jà de aquella
Fermosa Região,alta,& celeste.
Coroada de Gloria,immortal nella
Com Christo lograràs,a quem te déste
Com tantas,& tambem nacidas Almas,
[Fermosura do Ceo]Onze mil Palmas.

EGLOGA

EGLOGA I.

INTERLOCUTORES

VMBRANO, FRONDELIO, AONIA.

Nesta Egloga primeyra lamenta o P. a morte de D. Antonio de Noronha, que morreo pelejando em Africa, & a do Principe D. Ioaõ filho de El-Rey, D. Ioaõ o III. Pay de El-Rey D. Sebastião. Debayxo da pessoa de Frondelio se deve entender o Poeta.

QUe grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas varias, & insperadas!
Hum dia a outro dia vay trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas:
Mas quam conformes saõ na quantidade,
Tão differentes saõ na calidade.

Eu vi já deste campo as varias flores
A as Estrellas do Ceo fazendo enveja:
Adornados andar vi os Pastores
De quanto por o mundo se deseja:
E vi co'o campo competir nas cores
Os trajes de obra tanta, & tão sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mays rica sobejava.

E vi perder seu preço à as brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia
Diante de humas mostras perigosas
Que Venus mays que nunca engrandecia.
As Pastoras, enfim, vi tão fermosas
Que o Amor de si mesmo se temia:
Mas mays temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo està tão differente,
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada já de o mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo, & descontente,
As aves deyxão seu suave canto:
E o gado, inda que a erva lhe fallece,
Mais que da falta della se emmagrece.

FRONDELIO.

Umbrano irmão, decreto he da Natura,
Inviolavel, fixo, & sempiterno,
Que a todo o bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noyte escura,
Ao suave Verão o duro Inverno:
E se hà cousa que sayba ter firmeza,
He sómente a ley da Natureza.

Toda alegria grande, & suntuosa,
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se hum hora vejo alegre, & deleytosa,
Temendo a estou do mal aparelhado.
Não ves que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco, & verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento,
Que mays instavel he que o pensamento!

E praza a Deos que o triste, & duro Fado
De tamanhos desastres se contente;
Que sempre hum grande mal inopinado
He mays do que o espera a incauta gente.
Que vejo este Carvalho que queymado
Tão gravemente foy do rayo ardente.
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro Cultor meus campos are.

UMBRANO.

Em quanto do seguro Azambugeyro
Nos Pastores de Luso ouver cajados,
Com o valor antigo, que primeyro
Os fez no mundo tão assinalados;
Não temas tu, Frondelio companheyro,
Que em algum tempo sejão sojugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.

E posto que a soberba se levante
De inimigos a torto, & a direyto,
Não creas tu que a força repugnante
Do fero, & nunca jà vencido peyto;

Que desde quem possue o monte Atlante,
Adonde bebe o Hidalpe tem sogeyto,
O possa nunca ser de força alhea,
Em quanto o Sol a Terra,& o Ceo rodea.

FRONDELIO.

Umbrano a temeraria segurança
Que em força,ou em razão não se assegura,
He falsa,& vãa,que a grande confiança
Não he sempre ajudada da Ventura.
Que là junto das aras da Esperança,
Nemesis namorada,justa,& dura,
Hum freo lhe está pondo,& ley terrivel,
Que os limites não passe do possivel.
E se atentares bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freo tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia.
Tu não ves como os Lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matão os caens do gado guardadores,
E não somente os caens,mas os Pastores?
Poys o grande curral,seguro,& forte,
Do alto monte Atlas,não ouviste,
Que com sanguinolenta,& fera morte,
Despovoado foy por caso triste?
O! triste caso! ò desastrada sorte!
Contra quem força humana não resiste:
Que alli tambem da vida foy privado
O meu Tionio,ainda em flor cortado!

UMBRANO.

Em lagrimas me banha rosto,& peyto
De esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quam sabio, & quam perfeyto,
E quam merecedor de longa historia
Era esse teu Pastor,que sem direyto
Deu á as Parcas a vida transitoria:
Mas não ha'hi quem de erva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.
Porém,se te não for muyto pesado
[Já que esta triste morte me lembraste]
Cantame desse caso desterrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem recolhendo o manso gado,
De nosoutros Pastores te apartaste:
Que eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO.

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal,tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes saõ he falsa cura.
Mas pois te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio triste,& escura,
Eu porey teu desejo em doce effeyto,
Se a dor me não congela a voz no peyto.

UMBRANO.

Canta agora,Pastor,que o gado pace
Entre as humidas ervas sossegado;
E là nas altas serras onde nace
O sacro Tejo à asombra recostado,
Co'os seus olhos no chão,a mão na face,
Esta para te ouvir aparelhado;
E com silencio triste estaõ as Ninfas
Dos olhos destilando claras linfas.
O prado as flores brancas,& vermelhas
Està suavemente presentando;
As doces,& solicitas abelhas
Com susurro agradavel vaõ voando:
As candídas,pacificas ovelhas,
Das ervas esquecidas,inclinando
As cabeças estaõ ao som divino
Que faz passando o Tejo cristalino.
O vento de entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio:
Nas sombras a ave garrula suspira,
Sua magoa espalhando ao vento frio.
Toca,Frondelio,toca a doce lira;
Que de aquelle verde alamo sombrio
A branda Filomela intristecida
Ao mays saudoso canto te convida.

FRONDELIO

Aquelle dia as aguas não gostàram
As mimosas ovelhas,& os cordeyros
O campo enchèraõ de amorosos gritos.
E naõ se penduràraõ dos salgueyros
As cabras de tristeza,mas negarão
O pasto a si,& o leyte aos cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia.
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste,
E tu tambem [ó corvo!] o descubriste

Quando

Quando da mão direyta em voz escura,
Voando,repetiste
A tiranica ley da morte dura.
Tionio meu,o Téjo cristalino,
E as arvores que jà desemparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna.
Naõ sey porque taõ cedo nos deyxaste?
Mas foy consentimento do Destino,
Por quem o mar,& a terra se governa.
A noyte sempiterna,
Que tu taõ cedo viste
Cruel,acerba,& triste,
Se quer de tua idade não te dera
Que logràras a fresca primavera?
Naõ usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
Os Faunos,certa guarda dos Pastores,
Jà naõ seguem as Ninfas na espessura
Nem as Ninfas aos cervos dão trabalho.
Tudo,qual ves,he cheo de tristura:
A as abelhas o campo nega as flores,
Como as flores a Aurora nega o orvalho
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia?
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vay de tristeza enrouquecendo?
Que tudo vejo triste neste monte:
E tu tambem correndo)
Manas envolta,& triste(ó clara Fonte!)
As Tagidas no rio,& na aspereza
Do monte as Oreadas,conhecendo
Quem te obrigou ao duro,& fero Marte?
Como em géral sentença vão dizendo,
Que não pòde no mundo aver tristeza
Em cuja causa Amor naõ tenha parte.
Porque elle,enfim,desta arte,
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto que Amor com fantasia
Da pallida viòla lhe tingia,
A todos de si dava sinal certo
Do fogo que trazia.
Que nunca soube Amor ser encuberto.
Jà diante dos olhos lhe voavão
Imagens,& fantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamenro.
Jà por as solitarias espessuras,
Entre os penedos sós,que naõ fallavão,
Fallava,& descubria seu tormento
Em longo esquecimento
De si todo embebido
Andava tão perdido
Que quando algum Pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava?
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo,lhe tornava;
Se naõ vivesse triste morreria.
Mas como este tormento o sinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo o jà bem o Pay sesudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,
Porque,enfim longa ausencia acaba tudo
O!falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que donde o generoso
Peyto resucitava em tanta gloria
De seus antecessores a memoria,
Alli,fero & cruel,lhe destruiste,
Por injusta vitoria,
Primeyro que o cuydado a vida triste.
Pareceme,Tionio,que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
Na quelle infido sangue Mauritano,
No Hispanico ginete belicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropelar por terra ao Tingitano
O!confiado engano!
O!encurtada vida!
Que a virtude oprimida
Da multidaõ forçosa do inimigo
Não pòde defenderse do perigo:
Porque assi o Destino o primitio;
E assi levou consigo
O mays gentil Pastor que o Tejo vio.
Qual o mancebo Eurialo enredado
Entre o poder dos Rutulos,fartando
As iras da soberba,& dura guerra,
Do cristalino rosto a cor mudando,
Cujo purpureo sangue derramado
Por as alvas espaldas tinge a serra;
Que como flor,que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido,& cansado,
Tal te pinto ò Tionio!dando o esprito
A quem to tinha dodo;
Que este he sòmente eterno,& infinito.
Da congelada boca a alma pura,
Co'o nome juntamente da inimiga,
E excellente Marfida derramava.

E tu gentil Senhora, naõ te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sòmente a vida amava?
Por ti aos Ecos dava
Acentos numerosos:
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte.
E tu ingrata o amor já noutra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, enfim, enfim, desta arte
Se muda o feminino pensamento.
Pastores deste Vale ameno & frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereys nas altas serras que se conte;
Hum tumulo de flores adornado
Lhe adificay ao longo deste rio,
Que a vela enfrea ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha magoa,
Arrase os olhos de agua,
Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi *Memoria sou, que grito:*
Para dar testemunho em toda parte
Do mays gentil Esprito
Que tiràraõ do mundo Amor, & Marte.

UMBRANO.

Qual o quieto sono aos cansados
Debaxo de algum'arvore sombria,
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante, & a fonte fria;
Tays me foraõ teus versos delicados,
Teu numeroso canto, & melodia:
E ainda agora o tom suave, & brando,
Os ouvidos me fica adormentando.
Em quanto os peyxes humidos tiverem
As areosas covas deste rio;
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antiguo Senhorio;
E em quanto estas ervinhas pasto derem
A as petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o Pastor que tanto amaste.
Mas jà que pouco a pouco o Sol nos falta
E dos montes as sombras se acrecentão,
De flores mil o claro Ceo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se presentão;
Levemos por o pé desta serra alta
Os gados, que já agora se contão
Do que comido tem, Frondelio amigo;
Anda, que atè o outeyro irey contigo.

FRONDELIO.

Antes por este valle, amigo Umbrano,
Se te aprouver, levemos as ovelhas:
Porque se eu por acerto não me engano,
De là me soa hum Eco nas orelhas.
O doce acento não parece humano:
E, se em contrario tu naõ me aconselhas,
Eu quero descubrir que cousa seja;
Que o tom me espãta, & a voz ma faz enveja.

UMBRANO.

Contigo vou, que quanto mays me chego
Mays gentil me parece a voz que ouviste;
Peregrina, excellente; & não te nego
Que me faz cà no peyto a alma triste
Ves como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro voa, mas parece
Que do canto vencido lhe obebece.
Porém, irmaõ, melhor me parecia
Que não fossemos lá, que estrovaremos:
Mas subidos nesta arvore sombria,
Todo o valle de aqui descubriremos.
Os çurroens, & cajados, todavia,
Neste comprido tronco penduremos:
Para subir fica homem mays ligeyro.
Deyxame tu, Frondelio ir primeyro.

FRONDELIO.

Espera assi, dart'hey de pé, se queres;
Subiràs sem trabalho, & sem ruido;
E despois que subido là estiveres,
Darm'has a mão de cima, que he partido
Mas primeyro me dize, se o puderes
Ver, donde nace o canto nunca ouvido:
Quem lança o doce acento delicado.
Falla, que jà te vejo estar pasmado.

UMBRANO.

Cousas naõ costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora,
Fermosas Ninfas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o Ceo namora.
Huma de desusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulcro, não cessando,
Està perlas dos olhos destilando.

De

De todas estas altas Semideas
Que em turno estaõ do corpo sepultado,
Humas,regando as humidas areas,
De flores tem o Tumulo adornado:
Outras,queymando lagrimas Sabeas,
Enchem o ar de cheyro sublimado:
Outras em ricos panos,mais avante,
Envovel brandamente hum novo Infante.

Huma,que de entre as outras se apartou,
Com gritos,que a montanha entristeceram,
Diz,que despoys que a Morte a Flor cortou
Que as Estrellas sòmente mereceraõ;
Este penhor charissimo ficou
De aquelle,a cujo Imperio obedeceram
Douro,Mondego,Tejó,& Guadiana,
Atè o remoto mar da Taprobana.

Diz mais;que se encontrar este Menino
A noyte imtempestiva,amanhecendo,
O Tejo agora claro,& cristalino,
Tornarà a fera Alecto em vulto horrendo:
Mas que a ser conservado do Destino,
As benignas Estrellas prometendo;
Lhe estam o largo pasto de Ampelusa,
Co'o Monte,que em maõ ponto vio Medusa

Este prodigio grande a Ninfa bella
Com abundantes lagrimas recita.
Porém,qual a eclipsada clara estrella,
Que entre as outras o ceo primeyro habita
Tal cuberta de negro vejo aquella,
A quem sò na alma toca a gram desdita,
Dá cá frondelio,a mão;& sobe a ver
Tudo o mays que eu de dor naõ sey dizer

FRONDELIO

O triste Morte,esquiva,& mal olhada
Que a tantas Fermosuras injurias.
A aquella Deosa bella,& delicada,
Sequer algum respeyto ter divias.
Esta he,por certo,Aonia filha amada
De aquelle gram Pastor,que em nossos dias
Danubio enfrea;manda o claro Ibero;
E espanta o Morador do Euxino fero.

Morreonos o excellente,& poderoso
(Que a isto està sogeyta a vida humana)
Doce Aonio,de Aonia charo Esposo.
Ah! ley dos Fados,aspera,& tirana!
Mas o som peregrino,& piadoso,
Com que a fermosa Ninfa a dor engana,
Escuta hum pouco Nota,& vé,Umbrano,
Quam bem que soa o verso Castelhano.

AONIA.

Alma,y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso,en cuja vida
La mia oltuvo en quanto Dios queria
Sombra gentil de su prision salida,
Que del mundo a la Patria te bolviste,
Donde fuiste engendrada y procedida!
Recibe allà este sacrificio triste,
Que te offrecen los ojos que ti vieron
Si la memoria dellos no perdiste.

Que pues los altos cielos permitieron,
Que no te acompañasse en tal jornada,
Y para ornarse sòlo a ti quisieron;
Nunca permitirán,que acompanãda
De mi no sea esta Memoria tuya,
Que està de teus despojos adornada.
Ni dexaràn,por mas que el tiempo huja,
De estar en mi con sempiterno llanto,
Asta que vida,y alma se destruya.

Mas tu,gentil Espiritu,entretanto
Que otros campos,y flores vàn pisando,
Y otras zamponãs oyes,y outro canto;.
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empyreo aquella Idea,
Que el mũdo enfrena,y rige con su mãdo:
Agora te possuya Citherea
En el tercero assiento,o porque amaste,
O porque nueva amante allà te sea:
Agora el Sol te admire,si miraste
Como và porlos Signos encendido
Las tierras alumbrando,que deyxaste:

Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mi,o fue en tu mano
No passar por las aguas del Olvido
Buelve un poco los ojos a este llano,
Veràs una.Que a ti con triste lloro
Sobre este marmol sordo llama en vano.

Pero si entraren en los Signos de oro,
Legrimas,y gimidos amorosos,
Que muevan el supremo,y santo Coro;

La lumbre de teus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto;y poder verte
Que a pesar de los Hados enojosos
Tambien para los tristes ubo muerte.

EGLOGA II.

INTERLOCUTORES,

ALMENO, Y AGRARIO.

Em esta Egloga debayxo do nome de Almeno se consola o P. com o Pastor Agrario semelhante no sujjeço de seus amores.

AO longo do sereno
Tejo suave,& brando,
Num valle de altas arvores sombrio;
Estava o triste Almeno,
Suspiros espalhando
Ao vento,& doces lagrimas ao rio.
No derradeyro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentàra vida tantos annos
Numa amorosa,& branda confiança,
Que quem tanto queria,
Parece,que nam erra,se confia.
A noyte escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura:
O valle triste estava
C'huns ramos carregados,
Que inda a noyte faziam mays escura
Offrecia a espessura
Hum temeroso espanto:
As roucas rans soavam
Num choro de agoa negra,& ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto:
O Tejo com som grave
Corria mays medonho que suave.
Como toda atristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo:
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder sofrella,
Estar imaginando a causa della:
Que em tanto mal he cura bem pequena:
Mayor o he o tormento,
Que toma por alivio hum pensamento.
Ao rio se queyxava
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas creciam outro tanto:
Seu doce canto dava
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto
Ao sonoroso pranto,
Que as agoas enfreava
Responde o valle umbroso:
De tanta voz o acento temeroso
Na outra parte do rio retumbava
Quando da fantesia
O silencio rompendo,assi dizia.
Corre suave,& brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos,doce Tejo;
Fè de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejam castigo igual de meu desejo:
Que poys em mi nam vejo
Remedio,nem o espero;
E a Morte se despreza
De me matar,deyxandome á crueza
De aquella por quem meu tormento quero;
Sayba o mundo meu dano,
Porque se desengane em meu engano
Jà que minha ventura,
Ou a causa que a ordena,
Quer que em pago da dor tome o sofrella
Serà mays certa cura
Para tamanha pena
Desesperar de avér jà cura nella.
Porque se minha estrellas
Causou tal esquivança,
Consinta meu cuydado,
Que me farte de ser desesperado
Para desenganar minha esperança:
Poys sòmente naci
Para viver na morte,& ella em mi.
Nam cesse meu tormento
De fazer seu officio,
Poys aqui tem hum'alma ao jugo atada:
Nem falte o sofrimento,
Porque parece vicio
Para tam doce mal faltarme nada.
O!Ninfa delicada!
Honra da Natureza!
Como póde isto ser
Que de tam peregrino parecer
Pudesse proceder tanta crueza?
Nam vem de nenhum geyto
De causa divinal contrario effeyto.
Poys Como pena tanta

He contra a causa della?
Fóra he de natural minha taisteza.
Mas a mi que me espanta?
Nam basta(ó Ninfa bella!)
Que podes preverter a Naturaza?
Nam he gentileza
De teu gesto celeste
Fora do natural?
Nam póde a Natureza fazer tal.
Tu mesma(ò bella Ninfa)te fizeste.
Porém,porque tomaste
Tam dura cundiçam,se teformaste?
Por ti o alegre prado
Me he penoso,& duro;
A brolhos me parécem suas flores,
Por ti do manso gado,
Como de mim nam curo,
Por nam fazer offensa a teus amorec.
Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente:
E sou já do que fuy tam differente,
Que quãdo por meu nome alguẽ me chama
Palmo,porque conheço,
Que inda comigo proprio me pareço.
O gado,que apacento,
Sam na alma os meus cuydados;
As flores,que no campo sempre vejo,
Sam no meu pensamento
Teus olhos dibuxados,
Com que estou enganando o meu desejo.
Do frio,& doce Tejo
As agoas se tornàram
Ardentes,& salgadas,
Despoys que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturáram;
Como quando mistura
Hyppanis co'o Exampéo su'agoa pura.
Se ahi no mundo ouvesse
Ouvirelme algum,hora
Assentados na praya deste rio;
E de arte te dissesse
O mal que passo agora,
Que pudesse moverte o peyto frio.
O!quanto desvario,
Que estou imaginando!
Já agora,meu tormento
Nam póde pedir mais ao pensamento,
Que este fantisiar,donde penando
A vida me reserva.
Querer mais de meu mal serà soberba.
Mas já a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra,que as montanhas encubria.
Descansa,frauta,agora,
Poys meu escuro canto
Nam merece,que veja o claro dia.
Nam canse a fantasia
De estar em si pintando
O gesto delicado,
Em quanto tras ao pasto o manso gado,
Esse pastor,que là só vem falando.
Calar meey sómente;
Que o meu mal nem ouvirse me cósente

AGRARIO.

Fermosa manhaã clara,& deleytosa,
Que como fresca rosa na verdura
Te mostras bella,& pura marchetando;
As Ninfas espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos;tu só fazes
Quando a sombra desfazes triste,& escura,
Fermosa á espessura,& a clara fonte,
Fermoso o alto monte,& o rochedo,
Fermoso o arvoredo,& deleytoso,
E,enfim tudo fermoso co'o teu rosto
De ouro,& rosas composto,& claridade.
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando em hum momento o roxo dia,
Com a doce armonia nos cantares
Dos passaros a pares,que voando
Seu pasto andam buscando nos raminhos
Para os amados ninhos,que mantem
O!grande,& summo bem da Natureza!
Estranha sutileza de pintora,
Que matiza em hum'hora de mil cores
O Ceo,a terra,as flores,monte,& prado.
O!tempo jà passado!quam presente
Te vejo abertamente na vontade!
Quam grande saudade tenho agora
Do tempo,que a pastora minha amava,
E de quanto prezava a minha dor!
Entam tinha o Amor mayor poder,
Quando em hum só querer nos igualava:
Porque quando hum amava a quem queria
Logo Eco respondia de affeyçam
No brando coraçam da doce imiga.
Nesta amorosa liga concertavam
Os tempos,que passavam com prazeres
Mostrava a flava Ceres por as eyras
Das brancas sementeyras ledo fruto,
Pagando seu tributo aos lavradores:
E enchia aos Pastores todo o prado,

Pale

Pales do manſo gado guardadora
Hiá Zéfiro,& Flora paſſeando,
Os campos eſmaltando de boninas.
Nas fontes criſtalinas triſte eſtava
Narciſo,que inda olhava na agoa pura
Sua linda figura,& delicada:
Mas Eco namorada de tal geſto,
Com pranto manifeſto,ſeu tormento
No derradeyro acento lamentava.
Alli tambem ſe achava o ſangue tinto
Do purpureo Jacinto;& o deſtroço
De Adonis bello moço,morte fea,
Da bella Citherea tam chorada.
Toda a terra eſmaltada deſtas roſas.
Hiam Ninfas fermoſas por os prados;
E os faunos namorados apòz ellas,
Moſtrandolhes capellas de mil cores,
Ordenadas das flores,que colhiam:
As Ninfas lhes fugiam eſpantadas,
As faldas levantadas por os montes.
Viaſe a agoa das fontes eſpalharſe;
Vertuno transformarſe alli ſe via;
Pomona,que trazia os doces fruitos:
Alli Paſtores muytos,que tangiam
Gaytas,que bem ſe ouviam,& cantando
Eſtavam enganando as ſuas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.
Ouviaſe Salicio lamentarſe;
Da mudança queyxarſe crua,& fea,
Da dura Galatea,tam fermoſa:
E damorte envejoſa Nemoroſo
Ao monte cavernoſo,ſe querella
Que a ſua Eliſa bella em pouco eſpaço
Cortou inda em agraço Ah dura ſorte!
O!immatura Morte!que a ninguem
De quantos vida tem ja mais perdoas!
Mas tu Tempo,que voas apreſſado
Hum deleytoſo eſtado!quam aſinha
Neſta vida mezquinha transfiguras
Em mil deſaventuras,& a lembrança
Nos deyxas por herança do que levas!
Aſſi que ſe nos cevas com prazeres,
He para nos comeres no melhor.
Cada vez em peor te vas mudando:
Quanto vens inventando,que hoje aprovas
Logo a amenhaã reprovas com inſtācia
O!perverſa incoſtancia,& tam profana
De toda cauſa humana,enferior
A quem o cego error ſempre anda annexo!
Mas eu de que me queyxo?ou eu,que digo?
Vive o tempo comigo? ou elle tem
Culpa no mal,que vem da cega gente?
Por ventura elle ſente,ou elle entende
Aquillo,que defende o ſer divino?
Elle uſa de contino ſeu officio,
Que já por exercicio lhe he divido
Dános fruto colhido na ſazão
Do fermoſo Veraõ;& no Inverno,
Com ſeu humor eterno congelado
Do vapor levantado co'a quentura
Do Sol,a terra dura lhe dà alento,
Para que o mantimento produzindo
Eſte ſempre comprindo ſeu coſtume:
Aſſi que nam conſume de ſi nada,
Nem muda da paſſada vida hum dedo:
Antes ſempre eſtá quedo no devido,
Porque eſte he ſeu partido;& ſua uſança
E nelle eſta mudança he mais firmeza.
Mas quem a ley deſpreza,& pouco eſtima
De quem de là de ſima eſtà movendo
O Ceo ſublime,& horrendo,o mundo puro
Eſte muda o ſeguro,& firme eſtado
Do Tempo nam mudado da verdade
Nam foy naquella idade de ouro claro,
O firme tempo charo,& excellente?
Vivia entam a gente moderada;
Sem ſer a terra arada dava paõ
Sem ſer cavado o chaõ as frutas dava?
Nem agoas deſejava,nem quentura;
Supria entam Natura o neceſſario.
Poys,quem foy tam contrario a eſta vida?
Saturno, que perdida a luz ſerena,
Cauſou,que em dura pena deſterrado,
Foſſe do Ceo lançado,onde vivia;
Porque os filhos comia,que gerava
Por iſſo ſe mudava o tempo igual
Em mais baxo metal:& aſſi decendo
Nos veyo,em fim trazendo a eſte eſtado.
Mas eu,deſatinado,adonde vou?
Para onde me levou a fantaſia?
Que eſtou gaſtando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao Tejo claro,& brando;porque achar
No mundo que emendar,nam he de agora.
Baſta que a vida fóra delle tenho;
Com meu gado me avenho,& eſtou contente
Porém,ſe me nam mente a viſta,eu vejo
Neſta praya do Tejo eſtar deytado
Almeno,que elevado em penſamentos,
As horas,& os momentos vay gaſtando:
Voume a elle chegando,ſó por ver
Se poderey fazer,que o mal,que ſente
Hum pouco,ſe lhe auſente da memoria

AL.

ALMENO

O! doce pensamento! ò doce gloria!
Sam estes, por ventura, os olhos bellos,
Que tem de meus sentidos a vitoria?
Sam estas (Ninfa) as tranças dos cabellos
Que fazem de seu preço o ouro alheo,
Como a mi de mi mesmo só com vellos
He esta a alva coluna, o lindo esteo,
Sustentador das obras mais que humanas
Que eu nestes braços tenho, & nam o creo?
Ah! falso pensamento, que me enganas!
Fazesme pòr a boca, onde não devo,
Com palavras de doudo, ou quasi insanas?
Como a alçarte tão alto assi me atrevo?
Taes asas doutas eu, ou tu mas dás?
Levasme tu a mim, ou eu te levo?
Naõ poderey eu ir, onde tu vas?
Porém, pois ir não posso, onde tu fores,
Quando fores, não tornes onde estas.

AGRARIO.

O! que triste sucesso foy de amores,
O que a este Pastor aconteceo,
Segundo ouvi contar a outros Pastores!
Tanto, enfim, por seu danno se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tromento,
Em desatino Amor lho converteo
O! forçoso vigor do pensamento
Que pòde em outra cousa estar mudando
A fórma, a vida o siso, o entendimento
Està se un triste amante transformando
Na vontade de aquella, que tanto ama,
De si a propia essencia transportando.
E nenhuma outra cousa mais desama
Que a si, se vé, que em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano nam se inflama.
Almeno, que a qui está tam influido
No fantastico sonho, que o cuydado
Lhe tras sempre ante os olhos esculpido
Estàselhe pintando de elevado,
Que tem jà da fantastica Pastora
O peyto diamantino mitigado.
Em este doce engano estava agora
Fallando como em sonho, mas achando
Ser vento, o que sonhava, grita, & chora.
Desta arte andavam sonhos enganando
O Pastor somnolento, que a Diana
Andava entre as ovelhas celebrando.
Desta arte a nuvē falsa em fòrma humana
O vão Pay dos Centauros enganava.
Que Amor quando contenta, sempre engana
Como este, que comsigo só fallava
Cuidando que fallava, de enleado,
Com quem lhe o pensamento figurava.
Nam pòde quem quer muyto ser culpado
Em nenhum erro, quando vem a ser
Este amor em doudice transformado
Amor nam será Amor, se nam vier
Com doudices, deshonras, discençoens
Pazes, guerras, prazer, & desprazer,
Perigos, linguas màs, murmuràçoens
Ciumes, arroidos, compitencias,
Temores, nojos, mortes, perdiçoens.
Estas sam verdadeyras penitencias,
De quem poem o desejo, onde nam deve
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem o Amor, que nam se escreve
Senam donde he illicito, & custoso
E donde he mais o risco mais se atreve
Passava o tempo alegre, & deleitoso,
O Troyano Pastor, emquanto andava
Sem ter alto desejo, & perigoso
Seus furiosos touros coroava,
E nos alamos altos escrevia
Teu nome (Enone) quando a ti sò amava.
Os alamos creciam, & crecia
O amor, que elle te tinha: sem perigo
E sem temor, contente te servia.
Mas despoys que deyxou entrar consigo
Ilicito desejo, & pensamento,
De sua quietaçam tam inimigo;
A toda a Patria poz em detrimento,
Com mortes de parentes, & de irmãos;
Com cru incendio, & grande perdimento
Nisto fenecem pensamentos vãos;
Tristes serviços mal galardoados,
Cuja gloria se passa de entre as mãos
Lagrimas, & suspiros arrancados
Da alma, todos se pagam com enganos:
E oxalá foram muitos enganados
Andam com seu tromento tam ufanos
Que gastam na doçura de hum cuydado,
Apoz huma esperança muitos annos.
E tal ha tam perdido namorado
Tam contente co'o pouco, que daria
Por hum só volver de olhos todo o gado.
Em todo povoado, & companhia
Sendo ausentes de si se vem presentes

Com quem lhes pinta sempre a fantasia
C'hũ certo nam sey que, andam contentes;
E logo hum nada os torna ao contrario;
De todo ser humano differentes.
O! tiranico Amor! ò caso vario!
Que obrigas a hum querer, que sempre seja
De si continuo, & aspero adversario!
E que outr'hora nenhuma alegre esteja,
Senam quando do seu despojo amado
Sua inimiga estar triunfando veja.
Quero fallar com este, que enredado
Nesta cegueyra està sem nenhum tento.
Acorda ja, Pastor desacordado.

ALMENO.

O! Porque me tiraste hum pensamento,
Que agora estava os olhos dibuxando,
De quem aos meus foy doce mantimento?

AGRARIO.

Nesta imaginação estàs gastando
O tempo, & vida, Almeno? Perda grande!
Nam ves quam mal os dias vas passando?

ALMENO.

Fermosos olhos, ande a gente, & ande;
Que nunca vos ireys desta alma minha;
Por mais que o tempo corra, a morte o mãde.

AGRARIO.

Quem poderá cuydar, que tam asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direyta, & justa linha?
Que sejas tam perdido por teu dano,
Almeno meu, nam he, por certo, aviso;
He só doudice grande, grande engano.

ALMENO.

O! Agrario meu: que vendo o doce riso,
E o rosto tam fermoso, como esquivo,
O menos que perdi foy todo o siso.
E nam entendo, desque sou cativo,
Outra cousa de mi, senam que morro:
Nem isto entende bem poys inda vivo
A asombra deste umbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas
Ora em louvores dos cabellos de ouro.
Se preguntares porque sam choradas
Ou porque tanta pena me consume,
Revolvendo memorias magoadas;
Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & causa della
Não choro por razam, mas por costume.
Já mais pude co'o fado ter cautella;
Nem ouve nunca en mi contentamento,
Que nam fosse tocado em dura estrella.
Que bem livre vivia, & bem isento,
Sem que ao jugo me vise sometido
De nenhum amoroso pensamento.
Lembrame, amigo Agrario, que o sentido
Tam fòra de Amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores sempre me vestia;
De boninas a fonte coroava;
Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba entam nas faces me apontava;
Na luta na carreyra, em qualquer manha
Sempre a palma entre todos alcançava.
Da minha idade tenra, em tudo estranha,
Vendo (como acontece) afeyçoadas
Muytas Ninfas do Rio, & da Montanha:
Com palavras mimosas, & forjadas
Da solta liberdade, & livre peyto,
As trezia contentes, & engadas
Mas nam querendo Amor, que deste geyto
Dos coraçoens andasse triunfando,
Em quem elle criou tam puro effeyto;
Pouco a pouco me foy de mi levando
Dissimuladamente ás mãos, de quem
Toda esta injuria agora està vingando.

AGRARIO.

Deste teu caso Almeno, eu sey muy bem
O principio, & o fim, que Nemoroso
Contado tudo isso, & mais, me tem
Mas (quer ote dizer) se este enganoso
Amor he tam usado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso:
Já que nelles estes casos sam tam certos
Porque os estranhas tanto, que de magoa
Te choram valles, montes, & desertos?
Vejote estar gastando em viva fragoa,
E juntamente em lagrimas; vencendo
Agram Sicilia em fogo, o Nilo em agoa
Vejo, que as tuas cabras, nam querendo
Gostar as verdes ervas, se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos, que co'o tempo reverdecem

Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo,parece,se entristecem.
De todos teus amigos,& parentes,
Que là da serra vem por consolarte
Sentindo na alma a pena,que tu sentes;
Se querem de teus males apartarte,
Deyxando a choça,& gado,vas fugiudo,
Como cervo ferido,a outra patte.
Nam vés que Amor,as vidas consumido
Vive sò de vontades elevadas
No falso parecer de hum gesto lindo?
Nem as ervas das agoas desejadas
Se fartam,nem de flores as abelhas;
Nem este amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes,perdido entre as ovelhas,
Chorou Febo de Daphne as esquivanças,
Regando as flores brancas,& vermelhas?
Quantas vezes as asperas mudanças
Ou amorado Gallo tem chorado,
De quem o tinha envolto em esperança
Estava o triste amante recostado,
Chorádo ao pé de hum freyxo o triste caso
Que o falso Amor lhe tinha destinado.
Por elle o sacro Pindo,& o gram Parnaso
Na fonte de Aganipe destinando
Se faziam de lagrimas hum vaso.
O intonso Apollo o vinha alli culpando,
A sobeja tristeza perigosa
Com asperas palavras reprovando.
Gallo,porque endoudece?que a fermosa
Ninfa,que tanto amaste descubrindo
Por falsa a fé,que dava,& mentirosa;
Por as Alpinas neves vay seguindo,
Outro bem outro amor,outro desejo,
Como enemiga,enfim de ti fugindo.
Mas o misero Amante,que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fé vergonha,ou pejo;
Da falsifica Ninfa nam sentia,
Senam que o frio do gelado Reno
Os delicados pés lhe offenderia.
Ora se tu ves claro,amigo Almeno,
Que de Amor os desastres sam de sorte,
Que para matar basta o mais pequeno;
Porque nam poens hũ freo a mal tão forte
Que em estado te poem,que sendo vivo
Já nam se estende em ti,vida,nem morte?

ALMENO.

Agrario;se do gesto fugitivo,
Por caso de Fortuna desastrado,
Algum'hora deyxar de ser cativo;
Ou sendo para as Ursas degradado,
Adonde Borreas tem o Oceano
Co'os frios Hyperboreos congelado:
Ou donde o Filho de Climene insano,
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras a partou do trato humano;
Ou se já por qualquer outro accidente,
Deyxar este cuydado tam ditoso,
Por quem sou de ser triste tam contente;
Este rio,que passa deleytoso,
Tornando para tràs,irá negando
A a Natureza o curso presuroso.
As cabras por o mar iram buscando
Seu pasto;& andarseàm por a espessura
Das ervas os Delfins apacentando.
Ora se tu ves, na alma quam segura
Deste amor tenho a fé,para que insistes
Nesse conselho,& pratica tam dura?
Se de tua porfia nam desistes,
Vay repastar teu gado a outra parte;
Que he dura a companhia para os tristes.
Huma sò cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo,em fim,de mi te aparte
Que se esta fera,q̃ anda em traje humano
Por a montanha vires ir vagando
De meu despojo rica,& de meu dano,
Com os vivos espritos inflamando
O ar,o monte,& a serra,que comsigo
Continuamente leva namorando:
Se queres contentarme,como amigo,
Passando,lhe diràs:Gentil Pastora,
Nam ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em duro marmore nam fora
A fera Anexarete,se amoroso
Mostràra o rosto Angelico algum'hora
Foy bem justo o castigo rigoroso:
Porém quem te ama(Ninfa)nam queria
Nodoa tam fea em gesto tam fermoso.
Tudo farey,Almeno,& mais faria,
Por algum dia verte descansado,
Se se acabam trabalhos algum dia.
Mas bem vés,como Febo já empinado
Me manda,que da calma iniqua,& crua,
Recolha em algum valle o manso gado.
Tu nessa fantasia falsa,& nua,
Para engano mayor de teu perigo,
Nam queres mais que a sua.
Voume de aqui,& fique Deos comtigo
E ficaràs melhor acompanhado.

ALMENO.

Elle comtigo và,como comigo
Me fica acompanhando o meu cuydado.

E G L O G A III.

INTERLOCUTORES,

ALMENO, E BELISA.

Debayxo da pessoa de Almeno descreve o P a huma Donzela, ou Ninfa, que por não offender a Castidade se converteo em arvore como de Daphne Ovidio Metham.

PAssado jà algum tempo, que os amores
De Almeno por seu mal eram passados,
Porque nunca Amor cumpre, o que promete
Entre huns verdes ulmeyros apartado,
Regando por o campo as brancas flores,
Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda Pastora, que compete
Co'o monte em aspereza,
Com o prado em gentileza,
Por quem o Pastor triste endoudecia,
Por a praya do Tejo discurria
A lavar a beatilha, & o trançado:
O Sol jà consentia,
Que saisse da sombra o manso gado.
Já acordado de aquelle pensamento,
Que tam desacordado sempre o teve,
Vio por acerto o bem, que incerto tinha.
E porque donde Amor a mais se atreve,
Alli mais enfraquece o entendimento,
Nam lhe soube dizer, o que convinha.
Como homem que a aprazada briga vinha,
A quem de fóra engana
A confiança humana,
E despoys vendo o rosto, aquem resiste,
Treme, & teme o perigo, & nam insiste;
Já se arrepende, a audacia lhe falece,
Desta arte o Pastor triste
Ousa, recea, esforça, & enfraquece.
E tendo assi já atonito o sentido,
Cometeo com furor desatinado,
E tirou da fraqueza coraçam,
Cometimento foy desesperado:
Que huma sò salvaçaõ tem hum perdido
Perder toda a esperança à salvaçam
As magoas, que passàram, se diram:
Mas as que Ella dizia,
Lembrandolhe, que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vòs, ò Tagides Camenas;
Que eu, de magoa, nam posso dizer tanto:
Porque em tamanhas penas
Me cansa a pena, & a dor me impede o canto

B E L I S A.

Que alegre campo, & praya deleytosa!
Quam saudosa faz esta espessura
A fermosura angelica, & serena
Da tarde amena! Quam saudosamente
A sesta ardente abranda, suspirando
De quando em quãdo o vento alegre, & frio
No fundo rio os mudos peyxes saltam;
Os Ceos se esmaltam todos de ouro, & verde
E Febo perde a força da quentura.
Por a espessura levam passeando
O gado brando ao som das zanfoninas,
Pisando as finas, & fermosas flores
Os guardadores, que cantando o gesto
Fermoso, & honesto, das Pastoras que amam.
Por o ar derramam mil suspiros vãos
Hũ louva as mãos, louva outro os rayos belos
Outro os cabellos de ouro, em som suave
E amorosa ave leva o contraponto.
Mas ó que conto, & saudosa historia,
Que na memoria aqui se me afferece!
Se nam me esquece jà, deste lugar
Ouvi soar os valles algum dia
E respondia o Eco o nome em vão
Num coraçam; Belisa retumbando.
Estou cuidando, como o tempo passa
E quam escassa he toda alegre vida:
E quam comprida, quando he triste, & dura
Nesta espessura longo tempo amey;
Se me enganey com quem do peyto amava
Nam me pesava de ser enganada.
Fuy salteada, en fim, de hum pensamento,
Que hum movimento tinha casto, & são:
Conversaçam foy fonte deste engano,
Que por meu dano entrou com afalsa cor
Porque o amor na Ninfa, que he segura
Entra em figura de vontade honesta.
Mas que me presta agora dar desculpa?
Poys se ouve culpa, foy do firme Amor
Sò num Pastor, que nunca Sol, nem Lua
Ou terra alguma, desde o Ibero ao Indo,
Outro tam lindo viram, tam manhoso.
Neste amoroso estado, & fé que tinha
Nesta alma minha tam secretamente,
Vive contente, amando, & encubrindo
Elle fingindo mentirosos danos,

Que

Que ſam enganos,que nam cuſtam nada;
Tendo alcançada jà no entendimento
A fe,& intento meu ſò nelle poſto;
(Que logo o roſto moſtra os coraçoens
E as affeyçoens co'os olhos ſe praticam,
Que mais publicam muyto,que palavras)
Com ſuas cabras ſempre à parte vinha,
Onde eu mantinha os olhos do deſejo.
Tu manſo Tejo,& tu florido prado
Do mais paſſado,enfim,que aqui nam digo,
Sereys,me obrigo,teſtemunho certo
Poys deſcuberto vos foy tudo,& claro.
O!tempo avaro!ò ſorte nunca igual
Quam grande mal quereys à humana gente
Porque hum contente eſtado aſſi trocaſte
Vòs me tiraſte do meu peyto iſento
O penſamento honeſto,& repouſado
Ja dedicado ao Coro de Diana:
Vòs numa ufana vida me puſeſtes,
E alli quiſeſte,que gozaſſe o dano
Do doce engano,que ſe chama Amor,
Com cujo error paſſava o tempo ledo:
E vòs tam cedo me tiraes hum bem
Que Amor jà tem impreſſo na alma minha
Deſpoys que a tinha envolta em eſperanças
E com lembranças triſtes me deyxays.
Mal me pagays a fé,que ſempre tive
Mas aſſi vive quem ſem dita naſce.
Mas jà a face alegre o Sol eſconde,
E nam reſponde alguem a tantas magoas,
Se nam as agoas,que dos olhos ſaem:
As ſombras caem;vamſe as alimarias,
Fartas das varias ervas,ſeu caminho;
Buſcam ſeu ninho os paſſaros ſem dono;
Jà por o ſono eſquecem o comer;
Quero eſquecer tambem tam doce hiſtoria
Poys he memoria,que tras mor cuydado
Iſto he paſſado;& ſe me deu payxam,
Os dias vam gaſtando o mal,& obem;
E nam convem quererme magoar
Doque emendar nam poſſo jà com magoas
Nas claras agoas deſte rio brando,
Que vam regando o valle matizado,
Eſte traçado lavar quero,enfim
Que jà de mim me eſqueço co'a lembrança
Deſta mudança,que eſquecer nam ſey:
Bem que eu verey mudar a opiniam,
Poys homens ſam a quem o eſquecimento
Depreſſa faz mudar o penſamento

ALMENO.

Se a viſta nam me engana a fantaſia
Como jà me enganou mil vezes,quando
Minha ventura enganos me ſofria;
Pareceme,que vejo eſtar lavando
Huma Ninfa algum vèo no claro Tejo,
Que ſe me eſtá Beliſa figurando.
Nam pòde ſer verdade iſto,que vejo:
Que facilmente aos olhos ſe figura
Aquillo,que ſe pinta no deſejo.
O!acontecimento!que a ventura
Me dá para mór dano!Eſta he,certo:
Que nam he de outrem tanta fermoſura.
Se poderey falarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha.Nam póde ſer?que orio
Para acolà nam tem caminho aberto.
O!temor grande!ògrande deſvario!
Que a voz me impede,& a lingua negligente
Aſſi me eſtà tornando o peyto frio!
De quanto me ſobeja eſtando auſente,
Que para lhe falar ſempre imagino,
Tudo me falta,quando eſtou preſente.
O!aſpeyto ſuave,& peregrino!
Poys como?Tam aſinha aſſi ſe eſquece
Huma fé verdadeyra,hum amor fino?

BELISA.

O altas Semideas!Poys padece
Em voſſo rio a honra delicada
De quem tamanha força nam merece
Ou ſeja por vòs,Ninfas,reſervada;
Ou em arvore alguma,ou pedra dura,
Me deyxay velozmente teansformada.

ALMENO.

Ah!Ninfa,nam te mudes a figura:
Nem vòs,Deoſas queyrays,que eu ſeja parte
De ſe mudar tam rara Fermoſura.
Porque a quem falta a vós para falarte,
E aquem falta o deſpejo da ouſadia,
Tambem faltaràm mãos para tocarte
Que me queres,Almeno?ou que porfia
Foy a tua tam aſpera comigo?
Minha vontade nam;to merecia.
Se com amor o fazes,eu te digo,
Que amor,que tanto mal me faz em tudo
Nam pòde ſer amor,mas inimigo.
Nam es tu de ſaber tam falto,& rudo,
Que tam ſem ſiſo amaſſes,como amaſte

AL-

A L M E N O.

Onde viste tu, Ninfa amor sesudo?
Porque já nam te lembra, que folgaste
Com meus tormentos tristes, & alguma hora
Com teus fermosos olhos já me olhaste?
Como te esquece já) gentil Pastora)
Que folgavas de ler nos freyxos verdes,
O que de ti escrevia cada hora?
Por que a memoria tam á pressa perdes
Do amor, que mostravas, que eu nam digo,
Se vós, ó altos montes, nam differdes?
E como te nam lembras do perigo,
A que so por me ouvir te aventuravas,
Buscando horas de sesta, horas de abrigo?
Co'a maçaã da discordia me tirava?
Que a venus, que a ganhou por fermosura,
Tu, como mais fermosa, lha ganhavas.
E escondendote logo na espessura,
Hias fug ndo, como vergonhosa,
Da namorada, & doce travessura
Nam era esta a maçaã de ouro fermosa
Com que encuberta assi de astucia tanta
Cedipe se enganou por cubiçosa
Nem a que o curso teve de Atalanta
Mas era aquella com que Galatea
O pastor cativou, como elle canta
Se más tençoens puseram nodoa fea
Em nosso firme amor de enveja pura
Porque pagarey eu a culpa alhea?
Quem desta fé, quem deste amor nam cura
Nunca teve sogeyto o coraçam:
Que o firme amor com a alma eterna dura

B E L I S A

Mal conheces, Almeno, huma afeyçam;
Que se eu desse amor tenho esquecimento
Meus olhos magoados to diram.
Mas teu sobejo, & livre atrevimento,
E teu pouco segredo, descuydando,
Foy causa deste longo apartamento,
Vés as Ninfas do Tejo, que mudando
Me vam já pouco a pouco, o claro gesto
Noutra mais dura fórma traspassando.
Hum só segredo meu te manifesto;
Que te quis muyto emquanto Deos queria;
Mas de pura effeyçam, de amor honesto
E Poys de tens descuydos, & ousadia,
Naceo tam dura, & aspera mudança
Folgo que muytas vezes to dezia.
Ficate embora, & perde a confiança
De verme nunca mais, como já viste:
Que assi se desengana hum' esperança

A L M E N O.

O! duro apartamento! o vida triste!
O! nunca acontecida desventura!
Poys, como? Ninfa; assi te despediste?
Assi se ha de ir tornando[ah! sorte dura!]
Nesta silvestre, & aspera rudeza
Tam branda, & excellente Fermosura?
Tua nunca entendida Gentileza,
E teus membros assi se transformàram
Negandoselhe a propria natureza?
Desta arte os teus cabellos se tornàram?
[Deyxando já seu preço ao ouro fino]
Em folhas, que a cor tem do que negàraó?
Se este consentimento foy divino,
Consintame tambem, que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Poys se a fortuna sempre embravecida
Em meu tormento tanto se desmede,
Nam viva mais huma alma tam perdida.
E vòs feras do monte, poys vos pede
Minha pena o remedio derradeyro,
Fartay já de meu sangue vossa sede
E vós, Pastores deste rudo outeyro,
Porque a todos, enfim, se manifeste,
Que cousa he amor puro, & verdadeyro
Aa sombra deste funebre cipreste
Me fareys hum Sepulcro sem arreo
De boninas, que o prado ameno veste,
As desusadas musicas de Orfeo
Aqui me cantareys; & desta sorte
Nam averey enveja ao Mausoleo.
E porque a minha cinza se conforte,
Em vossos metros doces, & suaves,
As exequias direys de minha morte.
Alli responderám as altas aves,
Nam mòdulas no canto, nem lascivas
Mas, de dor, ora roucas, ora graves.
Nam correrám as agoas fugitivas,
Alegres por aqui mas saudosas
Que pareça que vem dos olhos vivas
Nacerám por as prayas deleytosas
Os asperos abrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas rosas.
Nam trarám as ovelhas a pastar
Derredor do sepulcro os guardadores;
Poys nada comeriam de pesar
Virám os Faunos, guarda dos Pastores,

Se morri por amores perguntando;
Respondèram os Ecos: Por amores.
Dos que por aqui forem caminhando,
Hum Epitafio triste se lerá,
Que esteja minha morte declarando,
No tronco de alguma arvore estarà,
Numa rude cortiça, pendurado,
Escrito c'huma fouce, & assi dirà.
Almeno fuy, Pastor de manso gado,
Em quanto o consentio minha ventura,
De Ninfas, & Pastores celebrado.
Se algum dia, por caso na espessura
Se perder o Amor, & affeyção,
Tirem a pedra desta Sepultura,
E em figura de cinza os acharám.

EGLOGA IV.

INTERLOCUTORES,

FRONDOSO, E DURIANO.

Nesta Egloga 4. escrita em os primeyros annos do P. invoca à sua querida como unica Muza para sair bem deste Poema.

CAntando por hum valle docemente
Desciam dous Pastores, quando Febo
No Reyno Neptunino se escondia:
De idade cada qual era mancebo,
Mas velho no cuydado, & descontente
Do que lhe elle cansava parecia.
O que cada hum dizia,
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Nam seu eu tam ousado,
Que o pertenda cantar sem vossa ajuda:
Porque se a minha ruda
Frauta, deste favor vosso for dina,
Posso escusar a fonte Caballina.
Em vòs tenho Helicon, tenho Pegaso;
Em vòs tenho Caliope, & Thalia;
E as outras sete irmaãs do fero Marte:
Em vós deyxou Minerva o que valia;
Em vós estam os sonhos de Parnaso;
Das Pieridas em vòs se encerra a arte
Com qualquer pouca parte,
Senhora, que me deys da ajuda vosso
Podeys fazer que eu possa
Escurecer ao Sol resplandecente:
Podes fazer, que a gente
Em mi do gram poder vosso se espantes
E que vossos louvores sempre cante.
Podeys fazer, que creça de hora em hora
O nome Lusitano, & faça enveja
A Esmirna, q̃ de Homero se engrandece,
Podeys fazer tambẽ, que o mundo veja
Soar na ruda frauta, o que a sonora
Citara Mantuana só merece.
Já agora me parece,
Que podem começar os meus Pastores
A cantar seus amores;
Porque inda que presentes nam estejam
As que elles ver desejam
Mudança do lugar menos de estado
Nam muda hum coraçam do seu cuydado
Já deyxava dos montes a altura,
E nas salgadas ondas se escondia
O Sol, quando Frondoso, & Duriano
Ao longo de hum ribeyro, que corria
Por a mais fresca parte da verdura,
Claro, suave, & manso, todo o anno,
Lamentando seu dano,
Vinham jà recolhendo o manso gado:
Hum estava callado,
Emquanto hum pouco o outro se queyxava
Apoz elle tornava
A dizer de seu mal o que sentia;
E em quanto este falava, aquelle ouvia.
Vinhamse assì queyxando aos penedos
Aos silvestres montes, & á aspereza,
Que quasi de seus males se doiam
Alli as pedras perdiam a dureza;
Alli correntes rios estar quedos,
Prontos ás suas queyxas pareciam.
Sòmente as que pòdiam
Estes malles curar, poys os causavam,
O ouvido lhes negavam,
Por perderem de todo a esperança:
Mas elles, que mudança
De amor com tantos danos nam faziam.
Com ellas falando inda, assi diziam,

FRONDOSO.

Isto he o que aquella verdadeyra
Fé, com que te amey sempre, merecia,
Sem nunca te deyxar hum sò momento?
Como (cruel Belisa) te esqueccia
Hum mal, cuja esperança derradeyra
Em ti só tinha posto o seu assento?
Nam vias meu tormento?
Nam vias tu a fè, com que te amava?
Porque nam te abrandava

Este amor,que, me tu tam mal pagaste?
Mas poys já me deyxaste
Co'a esperança de ti toda perdida
Perca quem te perdeo,tambem a vida.

DURIANO.

Se os males,que por ti tenho sofrido
[ó Silvana,em meus males tam constante!]
Quisesses,que algum'hora te dissera,
Inda que qual durissimo diamante
Fora o teu cruel peyto endurecido,
Creo ,que a piedade te movèra.
Jâ agora em branda fera
Os montes sam tornados,& os penedos;
E os rios,que estam quedos,
Sentiram meus suspiros,minhas queyxas.
Tu sò,cruel,me deyxas,
Que es mais que montes,& penedos,dura
E fugitiva mais,que a fonte pura.

FRONDOSO

Onde está aquella fala,que soia
Sò com seu doce tom,que me chegava,
Avivarme os espiritos cansados?
Onde està o olhar brando,que cegava
O Sol resplandecente ao meyo dia?
Onde estam os cabellos delicados
Que ao vento espalhados
Escureciam o ouro,ami matavam
E a quantos os olhavam,
Causavam tambem novos acidentes?
Porque,cruel,consentes,
Que outro goze da gloria a mi divida?
Perca,quem te perdeo,tambem a vida.

DURIANO.

Nenhum bem vejo, que a meu mal espere,
Se nam fosse esperar,que morte dura,
Me venha,enfim,a dar a saudade.
Vejo faltarme a tua fermosura,
A vontade me diz,que desespere
Contradizme a razam esta vontade
Diz,que em huma beldade,
Em quem mostrou o cabo a Natureza,
Nam ha tanta crueza,
Que hũ tam constante amor desprezar queira
E se tam verdadeyra:
Mas tu que de razam jà mais curaste,
Porque era darme a vida ma tiraste.

FRONDOSO.

A quem,Belisa ingrata,te entregaste?
A quem dèste,cruel,a fermosura
Que a meu tormento sò,só se devia?
Porque huma fè deyxastes,firme,& pura?
Porque tam sem respeyto me trocaste,
Porquem sò nem olharte merecia?
O bem,que te eu queria,
E que nam perderey,se nam por morte
Nam he de mayor sorte,
Que quanto a cega gente estima & preza?
Só a tua crueza
Foy nisto contra mi endurecida.
Perca,quem te perdeo,tambem a vida.

DURIANO.

Levasteme o meu bem num só moménto?
Levasteme com elle juntamente
De cobrallo já mais a confiança:
Deyxasteme em lugar delle somente
Huma continua dor,hum gram tormento,
Hum mal,de que nam póde a ver mudança
Tu,que eras a esperan ça
Dos males,que,cruel,tu me causaste
De todo te trocaste
Com amor conjurada em minha morte.
Porém se a minha sorre
Consente,que por ti seja causada,
Morte nam foy mais bemaventurada.

FRONDOSO.

Nam naceste de alguma pedra dura;
Nam te gerou alguma Tigre Hircana;
Nam te criaste,nam ,entre a rudeza
A quem,cruel,saiste deshumana?
No Ceo formada foy tal fermosura
Onde a mesma brandura he natureza.
Poys,logo,essa dureza
Donde teve principio,ou a tomaste?
Porque,dura engeytaste
De hum verdadeyro amor,que tu bem vias,
A fè,que conhecias,
Por outra de ti nunca conhecida?
Perca,quem te perdeo,tambem a vida.

DURIANO.

Vayse co'o seu pastor o manso gado,
Porque de amor entende aquella parte,
Que

Que a natureza irracional lhe ensina:
O rustico leam sem algum'arte,
Do natural instinto sò ensinado
A donde sente amor, logo se enclina.
E tu, que de divina
Nam tens menos que Venus, & Cupido,
Porque se quer co'o ouvido
Hum amor verdadeyro nam socorres
Ah! porque te nam corres
De que o leam te vença em piedade,
Se nam te vençe Venus na beldade?

FRONDOSO.

Ami nam me faltava, o que se preza
Entre os celestes Deoses, que formáram
A tu a mais que humana fermosura.
Em mim os voluntarios ceos faltàram;
Em mi se preverteo a Natureza
De huma cruel fermosa criatura
Mas, poys, Belisa dura,
Que do mais alto ceo a nòs vieste
Em teu peyto celeste
Hum tal contrario pode a posentarse,
Nam he contrario acharse
Tamanha fé, tam mal agradecida.
Perca, quem, te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Por ti a noyte escura me contenta;
Por ti o claro dia me aborrece;
Abrolhos me parecem frescas flores:
A doce Filomela me entristece,
Todo contentamento me atormenta
Com acontemplaçam de teus amores;
As festas dos Pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza.
Em mi tua crueza
Faz, que o mal cada hora và dobrando.
O, cruel! até quando
Ha de durar em ti tal pensamento,
E a vida em mi, que sofre tal tormento?

FRONDOSO.

Fugiste de hum amor tam conhecido;
Fugiste de huma fé tem clara, & firme;
E seguiste a quem nunca conheceste;
Nam por fugir de amor, mas por fugirme:
Poys bem vés quanto eu tinha merecido
Esse amor, que tu a outro concedeste.
A mi nam me fizeste
Alguma semrazam; que bem conheço,
Que tanto nam mereço:
Fizeste a aquelle bem firme, & sincéro
Que sabes, que te quero,
Em lhe tirar a gloria merecida.
Perca, quem te perdeo, tambem a vida

DURIANO.

Crece cad'hora em mi mais o cuydado
E vejo, que em ti crece juntamente
Cad'hora mais de mi o esquecimento.
O! Silvana cruel! porque consente
Esse peyto fermoso, & dilicado,
Que te esqueça hum tam aspero tormento?
Tal aborrecimento
Merece hum capital teu inimigo;
Nam eu, que sò comigo
Estou contente, & nada mais desejo;
Se algum'hora te vejo.
Tu es hum sò meu bem, huma só gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

FRONDOSO.

Olhos, que viram tua fermosura;
Vida, que sò de verte se sostinha;
Vontade, que em ti estava transformada;
Alma, que essa alma tua em si só tinha,
Tam unida comsigo, quanto a pura
Alma co'o debil corpo està liada;
E que agora apartada
Te vé desi com tal apartamento;
Qual serà seu tormento?
Qual serà aquelle mal, que tem presente?
Mayor he, que o que sente
O triste corpo em ultima partida.
perca quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Regendo em outro tempo o manso gado,
Tangendo a minha frauta nestes vales,
Passava a doce vida alegremente:
Nam! sentia o tormento destes males;
Menos sentia o mal deste cuydado;
Que tudo entam em mim era contente.
Agora nam sòmente
Desta vida suave me apartaste;
Mas outra me deyxaste,
Que ao duro mal, que sinto cà no peyto,

Me tem jà tam affeyto
Que sinto jà por gloria a minha pena:
Por natureza o mal, que me condena.

FRONDOSO.

Juntamente viver compridos annos,
Os Fados te concedam, que quiseram
Ajuntarte com tal contentamento.
Poys os bens para ti todos naceram,
Naceram para mi todos os danos,
Logra tu tua gloria, eu meu tormento.
Nenhum apartamento,
Belisa, me farà deyxar de amarte;
Porque em nenhuma parte
Poderàs nunca estar sem mi hum'hora.
Consente, poys agora,
Que em pago desta fè tam conhecida,
Perca quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Vejate eu, crua, amar quem te desame
Porque saybas, o que he ser amada
De quem tanto aborreces, & desprezas
Vejate eu ser inda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas:
Sintas tuas durezas,
E quanto pòde o seu cruel effeyto
Num coraçam sogeyto:
Porque em sentindo o mal, que sinto agora
Espero, que algum'hora
Faça o teu propio mal de mi lembrarte,
Já que nam pode o meu nunca abrandarte.

FRONDOSO.

Mil annos de tormento me parece
Cad'hora, que sem ti, sem esperança
Vivo de poder mais tornar a verte.
A vida sò me dà tua lembrança;
A vida sobre tudo me entristece;
A vida antes perdera, que perderte!
Mas eu se por quererte,
Hum bem que em ti sò tem seu firme assento,
Padeço tal tormento,
Que esperarà de ti, quem te desama,
Ou quem ao menos te ama
Com algum falso amor, ou fé fingida?
Perca, quem te perdeo tambem a vida.

DURIANO.

Entam, cruel, veràs, se te merece
Com tamanho desprezo ser tratada
Hum'alma, que de amarte sò se preza
Mas como poderàs ser desprezada
Se o menos que em ti for se aparece,
Pòde abrandar dos montes a aspereza?
Porque se a Natureza
Em ti o remate poz da farmosura
Qual serà a pedra dura;
Que a teu valor resista brandamente?
Que fará a fraca gente,
Se a humano parecer naõ se defende;
E a mesma Venus Deosa ao teu se rende?

FRONDOSO.

E poys fé verdadeyra, amor perfeyto,
Tormento desigual, & vida triste,
Junta com hum continuo sofrimento,
E hum mal, em que o mal todo, en fim cósiste
Nam puderam mover teu duro peyto,
Amostra se quer contentamento
De ver o meu tormento,
Antes tudo, soberba, desprezaste
E a outrem te entregaste,
Por nada me ficar, em que esperace,
Senam quando acabasse
A vida a pesar meu já tam comprida,
Perca, quem te perdeo, tambem a vida.

DURIANO.

Longo curso de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração, que vive entregue,
Nam podem apartar de seu intento.
Porque foges, cruel, a quem te segue?
Porque segues em vaõ esse cuydado,
Poys nunca estás sem mim algum momento
Nenhum apartamento,
Inda que a alma do corpo se me aparte,
Poderàs já ausentarte
Desta alma triste, que continuamente
Em si te, tem presente.
Torna, cruel; nam fujas a quem te ama;
Vem a dar vida, ou morte, a quem te chama

A noyte escura, triste, & tenebrosa,
Que jà tinha estendido o negro manto
De escuridade a terra toda enchendo,
Fez pòr a estes Pastores fim ao canto,

Que ao longo da ribeyra deleytosa
Vinham seu manso gado recolhendo.
Se aquillo, que eu pertendo
Deste trabalho aver, que he todo vosso,
Senhora, alcançar posso;
Nam será muyto aver tambem a gloria,
E o louro de vitoria,
Que Virgilio procura, & aver pertende,
Poys o mesmo Virgilio a vòs se rende.

EGLOGA V.

PASTOR SOLO.

Nesta Egloga, ou Soliloquio entreduz o P. hum Pastor sò namorado, & queyxozo dos rigores de sua amada.

A! Quem darey queyxumes namorados
Do meu Pastor queyxoso, & namorado?
Abranda voz, suspiros mogoados,
A causa porque na alma he magoado,
De quem serám seus males consolados?
Quem lhe farà devido gasalhado?
Sò vos, Senhor famoso, & excellente,
Especial em graças entre a gente.

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquey na terra Estrella, que guiasse
Meu rudo verso, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente, & clara, como a luz do dia,
Que o rudo engenho meu me alumiasse;
E em vossas perfeyçoens, gram Senhor, vejo
Ainda àlem comprido o meu desejo.

A vós se dam a quem, junto se ha dado
Brandura, mansidam, engenho, & arte
De hum esprito divino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda parte.
Em vòs as Graças todas se ham juntado;
De vós em outras partes se reparte.
Soy claro rayo, soys ardente châma;
Gloria, & louvor do Tempo: asas da Fama

Em quanto eu aparelho hum novo esprito
E voz de Cisne tal o mundo espante;
Com que de vòs, Senhor, em alto grito
Louvores mil em toda parte cante:
Ouvi o canto agreste em tronco escrito,
Entre vacas, & gado petulante:
Que quando tempo for em melhor modo
Ha de me ouvir por vòs o mundo todo.

As vaãs querellas, brandas, & amorosas,
Sejam de vòs tratadas brandamente:
Verdades da alma pouco venturosas,
Saidas com suspiros vivo, & ardente.
Em vossas mãos se entreguam, valerosas,
Porque ao futuro vivam entre a gente;
Chorando sempre a antigua crueldade
Para mover as almas a piedade.

Já declinava o Sol contra o Oriente;
E o mais do roxo dia era passado.
Quando o Pastor co'o grave mal, que sente
Por dar alivio em parte a seu cuydado;
Se queyxa da Pastora docemente,
Cuydando de ninguem ser escutado:
Eu, que escutey, num'arvore escrevia
As mogoas, que cantou; & assi dezia.

Ou tu do monte Pindaso es nacida,
Ou marmor te pario fermosa, & dura:
Nam póde ser, que fosse concebida
Dureza tal de humana criatura:
Ou quiça, que es em pedra convertida;
Ou tens da natureza tal ventura:
Porèm nam fez em ti boa impressam
Só de mamor tornarte o coraçam.

Jà, jà com minha vos rouca, & chorosa
A gente mais austéra moveria;
E com esta corrente lagrimosa
Os tigres em Hircania amansaria.
Se nam fosses cruel, quanto fermosa,
Meu longo suspirar te abrandaria
Mas suspirar por ti, mas bem quererre,
Que farám Mais, q̃ mais endurecerte?

Se deyxàras vencer a crueldade
De tua tam perfeyta fermosura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras a fé minha, limpa, & pura.
Por ventura, que ouveras já piedade
E tivera eu quiçà melhor ventura
Mas nunca achou igual tua belleza
Senam se foy em ti tua dureza.

Hum bronze jà abrandára, que nam sente,
Este meu grave mal, segundo he forte
Se decera do Inferno ao Polo aodente,
A piedade movera a propia Morte.
Poys, se huma gota de agoa brandamente
Torna brando hum penedo, duro, & forte,
Tantas lagrimas minhas nam faràm
Hum pequeno sinal num coraçam?

Na testa fonte viva tenho de agua,
Que por meus olhos tristes se derrama:
E no peyto de fogo viva fragoa,
Que tudo em si converte, tudo inflama:
Amor em derrador, por mayor magoa,

Voando mais acende a ardente chama.
Se queres ver, se ardentes sam seus tiros
Olha, se sam ardentes meus suspiros.
Quando grita, & rumor grande se sente
Porque fogo se atea em casa, ou torre,
De pura compayxam vay toda a gente,
Agua ao fogo gritando; & cadahum corre.
Desta arte anda o meu peyto ẽ chama ardẽte
E com a agua dos olhos se socorre:
Que quem me abrasa, outra agua me defẽde
Porque com esta o fogo mais se acende.
Quando vemos, que sae là no Oriente
O Sol, seu curso antiguo começando,
Fermoso, intenso, puro, refulgente,
O monte, o campo, o mar, tudo alegrando,
Quando de nós se esconde no Ponente,
E em outras terras sae alumiando,
Sẽpre, em quanto vay dando ao mundo giro
Choram por ti meus olhos, & eu suspiro
Caminha o dia todo o caminhante,
E, enfim, lhe chega a noyte, em que descança:
Taobalha na tormenta o navegante,
Trazlhe a clara manhaã feliz bonança.
Recobra o fruto fertil, & abundante,
Da terra o lavrador, se nella cança:
Mas eu de meu cuydado, & mal tam forte,
Tormento espero só, sò crua morte.
De ouvir meu danno as rosas matutinas,
Condoidas se cerram se em urchecem:
Com meu suspiro ardente as cores finas
Perdem o cravo, o lirio, & nam florecem.
Co'a roxa Aurora as pallidas boninas,
Em lugar de alegrarse, se entristecem:
Deyxam seu canto Progne, & Filomena;
Que mais lhes doe, que a sua, a minha pena.
Responde o monte concavo a meus ays,
E tu, como aspid, cerraslhe o ouvido:
Os indomitos feros animays,
Sem humano sentir, mostram sentido:
Mas em ti minhas dores desiguaes
Nunca movem o peyto endurecido:
Por muyto que te chame, nam respondes
E quanto mais te busco, mais te escondes
Naquella parte donde costumavas
Apacentar meus olhos, & teu gado
Alli donde mil vezes me mostravas
Que era o Pastor de ti mais desejado,
Vezes mil te busquey, por ver se davas
Algum breve descanso, a meu cuydado:
Buscote em vaõ no valle, em vão no monte;
Qual o ferido cervo busca a fonte,
Este lugar de ti desamparado
Com cujas sombras frias já folgaste;
Agora triste, escuro, he já tornado,
Que todo o bem com tigo nos levaste
Eras tu nosso Sol mais dessejado:
Nam temos luz, despoys, que nos deyxaste
Torna, meu claro Sol; torna meu bem!
Qual he o Jesué, que te detem?
Despoys que deste valle te apartaste,
Nam pace já algum gado com secura
Secouse o campo des que lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura.
Secouse a fonte, donde jà te olhaste,
Quando menos, que agora aspera, & dura:
Nega sem ti a terra, ouvindo gritos,
A as cabras pasto, & leyte aos cabritos.
Sem ti doce cruel minha enemiga,
A clara luz escura me parece:
Este ribeyro, quando a dor me obriga,
Com meu chorar por ti contino crece.
Nam ha fera, a que a fome nam persiga;
Algum prado sem ti jà nam florece:
Cegos estam meus olhos; nada vem,
Porque nam podem ver seu claro bem.
O campo como de antes nam se esmalta
De boninas azues, branças, vermelhas:
Falta agua ao pasto, & sentem da agua a falta
As candidas pacificas ovelhas:
Bem conhecem tambem, que o ceo lhes falta
As doces, & solicitas abelhas:
Com lagrimas, que manam dos meus olhos
A terra nos produz duros abrolhos.
Torna, poys, já Pastora, ao nosso prado
Se restituir lhe queres a alegria:
Alegrarás o valle, o campo, o gado,
E aquelle espelho teu da fonte fria.
Torna, torna, meu Sol tam desejado
Farás a noyte escura claro dia;
E alegra jà esta vida mogoada,
Em que só tua ausencia he Parca irada.
Vem como quando o rayo transparente
Deste nosso Orizonte que escondido
Deyxa hum certo temor à mortal gente
Causado de ver o Orbe escurecido:
E quando tornà a vir claro, & luzente,
Alegra o mundo todo entristecido:
Que assi he para mi tua luz pura
Claro Sol, como a ausencia noyte escura.
Mas tu esquecida já do bem passado,
E do primeyro amor, que me mostrate,
Teu coraçam de mim tens apartado,
Nam menos que do valle te apartaste.
Nam te quero eu a ti mais, que a meu gado?

Nam sou eu mesmo aquelle,que tu amaste?
Onde o meu erro viste,ou desvario,
Que pòde merecerte hum tal desvio?
Bem vés,que por Amor se move tudo,
E que delle nam ha quem seja isento;
O mais simples animal,mais baxo,& rudo,
O de mais levantado pensamento:
Debaxo da agua fria o peyxe mudo
Tambem lá tem de ardor seu movimento:
Poys as aves,que no ar cantando voam,
Nam menos humas de outras se affeyçoam.
A musica do leve passarinho,
Que sem concerto algum solta,& derrama
De hum raminho saltando a outro raminho,
Mostra,que por amor suspira,& chama:
Em quanto no secreto amado ninho
Nam acha aquelle,q̃ sò busca,& ama,
No canto a nós alegre triste chora,
Porque teme perder aquem namora.
A fera,,que mais fera,& o leam,
Sempre acha outro leam,sempre outra fera,
Em quem possa empregar huma affeycão,
Que o conversar no peyto seu lhe gera.
Tambem sabe sentir sua payxam,
Tambem suspira,morre,desespera,
Acena,salta,bradà,ferve,& geme;
E nam temendo a nada,a Amor sò teme
O cervo,que escondido,& emboscado,
Temendo o cobiçoso caçador,
Està na selva,monte,bosque,ou prado
Alli donde anda,& vive,vive Amor:
De temor,& de amor acompanhado,
Com justa causa amor tem,& temor:
Temor a quem para ferillo vinha;
Amor a quem jà,jà,ferido o tinha.
Poys,se afera insensivel,que nam sente
Tambem sente de amor afrecha dura,
Porque a ti nam te abranda hum fogo ardẽte
Que procede da tua fermosura?
Porque escondes a luz do Sol à gente
Que nesses olhos trazes bella,& pura?
Mais pura,mais suave,mais fermosa,
Que lirio,que jazmim,que cravo,& rosa.
Pòde ser,se me visses,que sentiras
Ver liquidar hum peyto em triste pranto;
E bem pouco fizeras,se me viras,
Poys eu só por te ver suspiro tanto:
As magoas,os suspiros,que me ouviras
Te puderam mover a grande espanto,
A dor,a piedade,a sentimento,
Ea mais,que para mais he meu tormento.
Os pensamentos vaõs,que o vento leve;
O suspirar em vaõ tambem ao vento;
Hum esperar á calma,à chuva,á neve,
E nunca poder verte hum só momento
Tormento he,que sòmente a ti se deve:
Ese pòde inda a ver mayor tormento,
Quem te vio,& se vé de tiausente,
Muyto mais passarà mais levemente.
Faz móssa apedra dura em sua dureza,
Com a agua,que lhe toca brandamente:
Abranda o ferro forte a fortaleza,
Se lhe toca tambem o fogo ardente
Em ti sò desconheço a Natureza,
Que a ser de pedra,ou ferro totalmente,
Já teu peyto cruel fora desfeyto
Das agoas,& das chamas do meu peyto.
Quando a fermosa Aurora mostra a fronte
Alegra toda a terra vendo o dia:
Quando Febo aparece no Orizonte,
Manifesta tambem grande alegria:
Contente pace ogado ao pé do monte,
Contente a beber vay na fonte fria:
Está tudo contente,alegre tudo;
Eu só,sò pensativo,triste,& mudo.
Se jà da alma,& do corpo tens a palma;
E do corpo sem alma nam teys dó;
Ha dò do corpo só,que esta sem alma,
Poys sem alma nam vive o corpo sò.
Nas chamas,& no ardor;no fogo,& calma;
Na affeyçam,no querer,eu sou hum só:
Nam acharàs vontade tam cativa;
Nem outra como a tua tam esquiva.
Se te apartas por nam ouvir meu rogo,
Onde estiveres t'hey de impertunar;
Posto que vàs por agua,ferro,ou fogo,
Comtigo em toda parte me has de achar:
Que o fogo,é q̃ ardo,&a agua em q̃ me afogo
Em quanto eu vivo for,ham de durar
Poys o nó,que me enlaça,he de tal sorte,
Que nam se ha de soltar em vida,ou morte.
Neste meu coraçam sempre estaràs,
Em quanto a alma estiver com elle unida:
Tambem o meu esprito possuiràs,
Depoys q̃ a alma do corpo for partida:
Por mais,& mais que faças,naõ faràs,
Que deyxe o amarte nesta,& essoutra vida
Impossivel serà'que eternamente
Ausente estés de mim estando ausente,
Cà me acompanharà vossa memoria
Se o rio,que se diz do esquecimento,
Daminha naõ borrar tam longa historia
Tam grave mal,tam duro apartamento.
Até quando vos veja entrar na gloria

Vivirey num continuo sentimento
E ainda entaõ vereys [se isto ser possa]
Esta minha alma là servia a vossa.
Aqui com grave dor, com triste acento
Deu o triste Pastor fim a seu canto:
Com rosto baxo, & alto pensamento,
Seus olhos começàraõ novo pranto.
Mil vezes parar fez no ar o vento,
E apidou no Ceo o Coro santo:
As circunstantes silvas se inclináraõ,
Condoidas das magoas que escutàraõ
Com huma maõ na face, reclinado,
Tam elevado em sua dor estava,
Que como em grave sono sepultado
Nam via, que jà o Sol no mar entrava.
Berrando andava em roda o manso gado,
Que o seguro curral já desejava:
Nas covas as raposas, & em seus ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.
Jà sobre hum seco ramo estava posto
O moucho com funesto, & triste canto:
Ao som delle o Pastor ergueo o rosto,
E vio a terra envolta em negro manto.
Quebrando entaõ o fio de seu gosto,
E ofio naõ quebrando de seu pranto,
Por naõ se descuidar de seu cuydado,
Levou para os curraes o manso gado.

EGLOGA VI.

AGRARIO PASTOR, ALICUTO Pescador.

Nesta Egloga chamada contenda entroduz o P. a hum Pastor, & a hum Pescador argumentando qual seja a milhor muzica se a dos Pastores, ou a dos Pescadores.

A Rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques das areas,
De seus rudos cultores modulada;
A cujo som atonita, & alheas,
Do monte as brancas vacas estiveram,
E do rio as saxatiles lampreas:
Desejo de cantar Que se moveram
Os troncos às avenas das Pastores,
E jà silvestres brutos suspenderaõ;
Naõ menos o cantar dos Pescadores
As ondas amansou do fundo pégo,
E fez ouvir os mudos nadadores.
E se Por sustentarse o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama
O que he mais propio no ocio, & no sossego;
Mais maravilhas donde a voz da Fama,
No mesmo mar undoso, & vento frio,
Brásas roxas acende a roxa flama.
Vós, ó Ramo de hum tronco alto, & sóbrio
Cuja frondente coma jà cubrio
De Luso todo o gado, & Senhorio;
E cujo saõ madeyro jà saio
A lançar a forçosa, & larga rede,
No mais remoto mar, que o mundo vio;
E vós, cujo valor em tanto excede,
Qua a cantalo com voz alta, & divina
A fonte do Parnaso move a sede.
Ouvi da minha humilde çanfonina,
A armonia, que Vòs já levantays
Tanto, que de Vós mesmo a fazeys dina.
Mas se agora, que afabil me escutays,
Nam ouvirdes cantar com alta tuba,
O que vos deve o mundo, que dourays;
E se os Reys Avòs vossos, que de Juba
Os Reynos debellaram, naõ ouvis
Que nas asas do excelso verso suba;
Se naõ sabem as frautas postoris
Pintar de toro os campos semeados
De armas, & corpos, fortes, & gentis;
Por hum moço animoso sustantados,
Contra o indomito Pay, de toda Espanha,
Contra a Fortuna vaã, & injustos Fados;
Hũ moço, Cujo esforço, brio, & manha
Do Olimpo fez decer o duro Matte,
E darlhe a quinta Esfera, que acompanha
Se naõ sabem cantar a menor parte
Do sapiente peyto, & graõ conselho.
Que póde (ó Reyno illustre!) descansarte;
Peito, que ao duro Apollo faz vermelho
Deyxar o sacro Monte, & as nove Irmaas,
Porque a elle se affeytẽ como a espelho;
Saberàm bem cantar, en nada vaãs
De Alicuto as contendas, & de Agrario;
Hum de escamas cuberto, outro de laás
Vereys (Duque Sereno) o estilo vario
A nòs novo, mas noutro mar cantando
De hum, q̃ sò foy das Musas Secretario.
O Pescador Sincéro, que amansado
Tem o pégo de Prochita co'o canto,
Por as sonoras ondas compassado.
Deste seguindo o som, que pòde tanto,
E misturando o antiguo Mautuano,
Façamos novo estilo novo espanto.
Partirase do mòte Agrario insano,

Par,

Para onde a força sò do pensamento
Lhe encaminhava o lasso peso humano
Embebido em hum longo esquecimento
De si, já naõ já sò de pobre fato,
Apos hum doce sonho,& fingimento
Rompendo as silvas horridas do mato,
Vay por sima de outeyros,& penedos,
Fugindo,enfim,de todo humano trato.
Ante os seus olhos leva os olhos ledos
Da branca Dinamene,que enverdece
Sò co'o meneo valles,& rochedos.
Ora se ri comsigo,quando tece
Na fantasia algum prazer fingido;
Ora falla;ora mudo se entristece.
Qual a tenra novilha,que corrido
Tem montanhas fragoas,& espessuras,
Por buscar o conigero marido;
E cansada nas humidas verduras
Cair se deyxa ao longo do ribeyro,
Já quando as sombras vē caindo escuras;
E nem co'a noyte ao valle seu primeyro
Se lembra de tornar como soia,
Perdida por o bruto companheyro;
Tal Agrario chegado,en fim,se via
Onde o gram pégo horrisono suspira.
Numa praya arenosa,humida,& fria.
Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si,de longe ouvio tocarse
De douta mão,nam vista'& nova lira.
Fezlhe o som desusado desviarse,
Para onde mais soava,desejando
De ouvir,& conversar,& de provarse.
Muyto naõ tinha proseguido,quando
Em a concavidade de hum penedo,
Que pouco a pouco fora o mar cavádo;
Topou hum Pescador,q̃ pronto,& quedo
Numa pedra assentado,brandamente
Tangendo,fez o mar sereno,& ledo.
Mancebo era de idade florecente
Pescador grande do alto,conhecido
Por o nome de toda humida gente.
Alicuto se chama,que perdido
Era por a fermosa Lemnoria,
Ninfa que tem o mar ennobrecido.
Por ella as redes lança noyte,& dia
Por ella as ondas tumidas despreza;
Por ella sofre o Sol,& a chuva fria.
Co'o seu nome mil vezes a braveza
De irados ventos amansou co'o verso
Que remove das rochas a dureza.
E agora em som de voz suave,& terso
Està seu nome,aos Ecos ensinando
Por estilo do Agreste som diverso
Ouvindo Agrario atonito,afroyxando
Da fantasia hum pouco seu cuydado,
Suspenso teve os numeros notando.
Mas Alicuto vendose estorvado
Por hum Pastor,da musica divina,
O rosto levantou bem sossegado.
E disse assi: Vaqueyro da campina,
Que vem buscar ás arenosas prayas,
Onde a bella Amphitrite só domina?
Que razam ha Pastor,para que sayas
A este nosso escamoso,& vil terreno,
Dos teus floridos mirthos,& altas fayas?
Poys se agora o mar vès brando,& sereno
E estenderse estas ondas por a àrea
Amansadas das magoas com que peno;
Logo verás o como desentrea
Eolo o vento por o mar undoso,
De sorte que Neptuno se recea.
Responde Agrario: O! musico,& amoroso
Pescador! Eu naõ venho a ver o lago
Bravo,& quieto,ou vento brando,& iroso
Mas o meu pensamento,com que apago
As flamas ao desejo,me trazia
Sem ouvir,& sem ver,suspenso,& vago
Até que a tua angelica armonia
Me acordou,vendo o som,com q̃ aqui cantas
A tua perigosa Lemnoria.
Mas se de verme cà no mar te espantras,
Eu me espanto tambem do estilo novo,
Com que as ondas horrisonas quebrantas.
Porém se com verdade o louvo,& aprovo
Desejo de o aprovar contra o silvestre
Antigo pastoril,que eu mal renovo
E tu,que no tocar pareces mestre,
Bem julgaràs,se ha clara differença
Entre o canto maritimo,& o compestre.
Naõ ha (disse Alicuto) em mi detença;
Alvoroço antes ha,por mais que veja,
Que a tua confiança sò me vença.
Mas porque saybas,que nenhuma enveja
Os Pescadores temos aos Pastores,
Do som,que no parnaso se deseja;
Toma a lira na mão,que os moradores
Do virte o fundo vēdo estou juntarse
Para ouvir nossos rusticos amores.
Bem vès por essa praya presentarse
Nas conchas varia cor à vista humana;
E o mar vir por entre ellas,& tornarse.
Sossegada do vento a furia insana,
Encrespa brandamente o ameno rio,
Que seu licor aqui mistura,& dana.

Este penedo concavo,& sombrio,
Que de cangrejos vès estar cuberto,
Nos dá abrigo do Sol,quieto,& frio.
Tudo nos mostra,enfim,repouso certo.
E nos convida ao canto,com que os mudos
Peyxes saem ouvindo ao ar aberto.
Assi se desafiam estes rudos
Poetas,nos officios discrepantes,
Nos engenhos,porem,sutis,& agudos.
Eys já mil companheyros circunstantes
Estavam para ouvir,& aparelhavam
Ao Vencedor os primeyros semelhantes.
As bem sonantes lyras se tocavam:
Agrario começava,& de armonia
Os Pescadores todos se admiravam:
E desta arte Alicuto respondia.

AGRARIO.

Vòs semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longevos,Satiros,Sivanos;
E vós Deosas do bosque,& clara Fonte,
E dos troncos,que vivem largos annos:
Se tendes pronta hum pouco a sacra fonte
A nossos versos rusticos,& humanos,
Ou me day já a capella de loureyro,
Ou penda a minha lira de hum pinheyro

ALICUTO.

Vós humidas Deydades deste pégo,
Tritoens ceruleos,Protèo,com Palemo
Vós Nereydas do sal,em que navego,
Por quem do vento as furias pouco temo:
Se às vossas sacras Aras nunca nego
O congro nadador na pà do remo,
Nam consintays,que a musica marinha
Vencida seja aqui na lira minha.

AGRARIO.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do Sol as carretas move,& guia:
Ouvio o rio Amphriso a lira de ouro,
Que o seu claro inventor alli tangia
Io foy vaca; Jupiter foy touro
Mansas ovelhas junto da agua fria
Guardou fermoso Adonis;& tornado
Em bezerro Nepruno foy já achado

ALICUTO.

Pescador já foy Glauco,& Deos agora
He do mar;& Protéo Focas guarda.
Naceo no pégo a Deosa,que he Sennora
Do amoroso prazer,que sempre tarda.
Se foy bezerro o Deos,que cá se adora
Tambem já foy Delfim.Se se resguarda,
Vnese,que os moços pescadores eram
Que o escuro enigma ao primo Vate deram.

AGRARIO.

Fermosa Dinamente,se dos ninhos
Os implumes penhores já furtey
Aa doce Filomela;& dos murtinhos
Para ti (fera)as flores apanhey:
E se os crespos madronhos nos raminhos
Com tanto gosto jà te presentey
Porque nam dàs a Agrario desditoso
Hum sò revolver de olhos piadoso?

ALICUTO.

Para quem trago de agua em vaso cavo
Os curvos camaroens vivos saltando?
Para quem as conchinhas ruyvas cavo,
Na praya os brancos buzios apanhando?
Para quem de margulho no mar bravo
Os ramos de coral vou arrancando,
Senaõ para a fermosa Lemnoria,
Que c'hum sò riso a vida me daria?

AGRARIO,

Quem vio desgrenhado,& crespo Inverno
De altas nuves vestido,horrido,& feo,
Enegrecendo a vista o Ceo supreno
Quando os troncos arranca o rio cheo?
Rayos,chuvas,trovoens,hum triste Inverno,
Que ao mundo mostra hum pallido receo;
Tal o Amor he cioso,a quem suspira
Que outrem de seus trabalhos se aproveyta

ALICUTO.

Se alguem vé,se alguem ouve,o sibilante
Furor,lançando flamas,& bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante
Horrido aos olhos;horrido aos ouvidos,
A braços derribando o já nutante

Mundo,co'os Elementos deſtruidos:
Aſſi me repreſenta a Fantaſia
A deſeſparaçam de ver hum dia

AGRARIO.

Minha alva Dinamente,a Primavera,
Que os deleytoſos campos pinta,& veſte,
E rindoſe huma cor aos olhos gera,
Que em terra lhes faz ver o ArcoCeleſte
As aves,as boninas,a verde hera,
E toda a fermoſura amena agreſte,
Naõ he para os meus olhos tam fermoſa
Como a tua,que abate o lirio,& roſa

ALICUTO.

As conchinhas da praya,que preſentaõ
A cor das nuvens,quando nace o dia;
O canto das Sirenas,que adormentaõ:
A tinta,que no Murice ſe cria:
O navegar por ondas,que ſe aſſentaõ
Co'o brando bafo,com que o Sol ſe enfria
Naõ podé,Ninfa minha,aſſi aprazerme,
Como o verte,ſe em tanto chego a vreme.

AGRARIO.

A Deoſa,que na Libica lagoa
Em fórma virginal apareceo,
Cujo nome tomou,que tanto ſoa
Os olhos bellos tem da cor do Ceo:
Garços os tem: mas huma,que a coroa
Das fermoſas do campo mereceo,
Da cor do campo os moſtras gracioſos,
Quem diz,que naõ ſaõ eſtes os fermoſos?

ALICUTO.

Perdoemme as Deydades;mas tu Diva,
Que no liquido marmore es gerada,
A luz dos olhos teus celeſte,& viva,
Tens por vicio amoroſo atraveſſada
Nós petos lhes chamamos;mas quem priva
De luz o dia baxa,& ſoſſegada,
Traz a dos ſeus nos meus,que eu o naõ nego
E com toda eſta luz ſempre eſtou ceho.

Aſſi cantavam ambos cultores
Do monte & praya;quando os talhâram
A hum Paſtores,a outro Peſcadores.
E quaeſquer a ſeu Vate coroáram
De capellas idoneas,& fermoſas,
Que as Ninfas lhes tecéram, & ordenàram
A Agrario de murtinhos,& de roſas;
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios,& conchas ruyvas,& luſtroſas.
Eſtavam na agua os peyxes embebidos
Com as cabeças fóra,& quaſi em terra
Os muſicoe delfins eſtam perdidos.
Julgavam os Paſtores,que na ſerra
O cume,& preço eſtà do antigo canto;
Que quem o nega contra as Muſas erra.
Dizem os Peſcadores,que outro tanto
Tem da ſònora frauta,quanto teve
O monte paſtoril da antigua Manto.
Mas já o Paſtor de Adméto o carro leve
Molhava na agua amara,& compelia
A recolher a roxa tarde,& breve.
E foy fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII.

INTERLOCUTORES

SATIRO I. SATIRO II.

Neſta Egloga chamada Faunos offerece o P. a Dona Antonia de Noronha, em que conta os amores delles com as Nimfas fugitivas.

As doces cantilenas,que cantavam
Os ſemicapros Deoſes amadores
Das Napéas,que os montes habitavam;
Cantando eſcreverey:que ſe os amores
A ſilveſtres Deydades maltratàram
Jà ficam deſculpados os Paſtores.
Vós,Senhor Dom Antonio,em quẽ acharaõ
O claro Apolo,& marte,hum ſer prefeyto
E ſuas altas montes aſſinaram;
Se o meu engenho he rudo,ou imperfeyto
Bem ſabe onde ſe ſalva,poys pertende
Levantar com a cauſa o baxo effeyto.
Em vòs minha fraqneza ſe defende;
Em vòs inſtilla a Fonte de Pegaſol
O que meu canto por o mundo eſtende.
Vedes,que as altas Muſas do Parnaſo
Cantando vos eſtam na doce lira,
Tomandome das mãos taõ alto caſo,
Vedes o louro Apollo,que me tira
De louvar voſſa eſtripe,& eſcurece,
O que a voſſo louvor meu canto aſpira.
Ou por me aver enveja me falece,
Ou por naõ ver ſoar na frauta ruda,
O que a ſonòra citara merece.

Pois

Poys sey dizer, Senhor, que a lingua muda
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmaã co'o pranto ajuda
E emquanto Galatéa ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Titiro nas sombras faz assento;
E emquanto flor aos campos naõ faleça,
(Se naõ recebeys isto por a fronta)
Fará, que o Douro, & o Ganges vos conheça.
E já que a lingua nisto fica pronta.
Consenti, que a minha Egloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas causas conta.
No cume do Parnaso, duro monte
De silvestre arvoredo rodeado,
Nace huma cristalina, & clara fonte
Donde hum manso Ribeyro dirivado
por sima de alvas pedras mansamente
Vay correndo suave, & sossegado.
O murmurar das ondas excellente,
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.
Tam claras vam as aguas caminhando.
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem, huma, & huma estar contando.
Naõ se veram em derredor pisadas
De fera, ou de pastor, que alli chegasse,
Porque do espesso monte saõ vedadas
Herva se naõ verá, que alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,
Senaõ que lá no centro as igualasse.
O roxo lirio a par da branca rosa,
A cecem pura a flor, que dos amantes
A cor tem magoada, & saudosa.
Alli se vem os mirtos circunstantes,
Que a cristalina Venus en cubriam,
Escondendoa dos Faunos petulantes.
Hortalaã, mangerona, alli respiram.
Onde nem frio Inverno, ou quente Estio
As murchàram já mais, ou secas viram.
Desta arte vay seguindo o curso o rio
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.
Aqui huma linda Ninfa, por acerto
Perdida da frágueyra companhia,
A quem este lugar era encuberto:
Cansada já da caça vindo hum dia
Quiz descançar à sombra da espessura
E tirar nas mãos alvas da agua fria.
A novidade vendo manifesta
Do sitio, & como as arvores com o vento
As calmas defendiam da alta sesta;
Das ayes o lascivo movimento
Que em seus módulos versos ocupadas
As asas dam ao doce pensamento
Tendo notado tudo, já passadas
As horas da graã sesta, se torvou
A buscar as irmaãs no centro amadas
Despoys que largamente lhes contou
Do naõ visto lugar, que perto estava,
E tanto por estremo a namorou;
Que ao outro dia fossem, lhes rogava
A lavarse em aquelle fonte amena
Que tam fermosas agues destilava
Já tinha dado hum giro a luz serena
Do gram Pastor de Adméro, & já nacia
Aos ditos amantes nova pena:
Quando as fermosas Ninfas em profia
Para o lugar do monte caminhavam
Rompendo a manhaã roxa, alegre, & fria
De huma os louros cabellos se espalhavaõ
Por o fermeso collo sem concerto,
E com mil nòs suaves se enlaçavam.
Outra levando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atàra,
Avendo por pesado o desconcerto.
Dinamente, Efire, a quem topàra
Nuas Febo em hum rio, & encubriram
Seus delicados corpos na agua clara.
Sirene, & Nise, que das mãos fugiram
Do Tégeo Pan; Amanța, & mais Elisa
Destras nos arcos mais q̃ quantai tiram,
A linda Daliana, com Belisa
Ambas vindas do Tejo; que como ellas
Nenhuma tam fermosa as ervas pisa
Todas estas Angelicas Donzellas
Por o viçoso monte alegres hiam,
Quaes no Ceo largo as nitidas Estrellas.
Mas dous silvestres Deoses, que traziaõ
O pensamento em duas ocupado,
A quem de longe mais que asi queriam:
Nam lhes ficava monte, valle, ou prado,
Nem arvore, por onde quer q̃ andavam
Que naõ soubesse delles seu cuydado.
Quantes vezes os rios, que passavam,
Detiveraõ seu curso, ouvindo os dannos,
Que aos propios duros montes magoavam!
Quantas vezes Amor de tantos annos
Abrandára qualquer vontade isenta,
Se em Ninfas coraçoens ouvesse humanos!
Mas quem de seu cuydado se contenta,
Offereça de longe a paciencia
Que Amor de alegres magoas se sustenta.
Que o moço Idalio quiz nesta ciencia,
Que se compadessecem dous contrarios.

Digao

Digaõ quem tiver delle experiencia.
Indo os Deoses, enfim, por montes varios
Exercitando os olhos saudosos,
Ao cristelino rio tributarios:
Topáraõ dos pés alvos, & mimosos,
As pisadas na terra conhecidas,
As quaes foraõ seguindo presurosos.
Mas encontrando as Ninfas, que despidas
Na clara fonte estavaõ, naõ cuydando,
Que de alguem fossem vistas, ou sentidas;
Deyxaraõse estar quedos, comtemplando
As feyçoens nunca vistas, demaneyra,
Que vissem sem ser vistos; espreytando.
Porém a aspessura mata mansageyra
Dacilada dos dous, com o rugido
Dos raminhos de huma asperra a valeyra;
Manifestando claro o escondido;
Todas huma tal grita levantàraõ,
Que o monte parecéo ser destruido.
Assi despidas logo se lançàraõ
Por a espessura tam ligeyamente
Que mais que o proprio vento entam voarão
Qual o bando das pombas quando sente
A rapida Aguia, cuja vista pura
Naõ obedeceo ao Sol resplandecente;
Emprestalhe o temor da morte dura
Nas asas novo alento, naõ parando,
Veloz rompendo o ar fugir procura;
Desta arte as Deosas timidas, deyxando
De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por antre as silvas vam voando.
Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar, enfim, se viam
Nada dos pés caprinos ajudados;
Com amorosos brados as seguiam
Hum sò [que o outro ainda naõ tomava
Folego algum da pressa, que traziaõ]
Desta sorte sentido se queyxava.

SATIRO PRIMEYRO.

A! Ninfas fugitivas,
Que só por naõ usar humanidade,
Os perigos dos matos naõ temeys!
Para que soys esquivas?
Que inda de nós naõ peço piedade,
Mas dessas alvas carnes, que offendeys,
A! Ninfas; naõ vereys,
Que Euridice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, & naõ da fera morte?
Tambem assi Epirie foy mordida
Dabivora escondida.
Olhay a serpe oculta na herva verde.
Quem o rigor naõ perde, perde a vida.
Qne tigre, ou que leam,
Que peçonhenta fera venenosa
Ou que enemigo, em fim, vos vay seguindo?
De hum brando coraçam,
Que preso dessa vista rigurosa
De si para vòs foge andays fugindo?
Olhay, que em gesto lindo
Naõ se consente peyto taõ disforme,
Se naõ quereys, que tudo se conforme.
Posto que bellas na agua vos vejays,
A a fonte naõ creays,
Que vos traz enganadas por vingança
Desta nossa esperança, que enganays.
Mas ah! que naõ consinto,
Que nem pelavra minha vos offende.
Posto que me desculpe a magoa pura.
Digo, Niufas, que minto:
Poys mal pòde aver nunca, quẽ pertenda
Negarvos essa rara fermosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tam pouco bem merece,
Nam estranheys, minha alma se endoudece:
Que se doudices falla de improviso,
Sem tento, & sem aviso,
Queyra Deos, que dureza tam crecida
Me naõ prive da vida àlem do siso.
Cousas grandes, & estranhas
Por o mundo tem feyto, & faz Natura,
Que a quẽ vos naõ vio, Ninfas, muyto espãtaõ
Nas Libicas montanhas
As Scitales sam feras de pintura
Tam singular, q̃ só co'a vista encantam.
As Hienas levantam
A voz tam natural à voz humana,
Que a quem as ouve, facilmente engana.
E vós (ógentis feras!) cujo aspeyto
O mundo tem sogeyto,
Tendes de natureza juntamente
A vista, & voz de gente, & fero o peyto
Das amorosas leys,
Com que liga Natura os caraçoens,
Andays fugindo (ò Ninfas!) na espessura?
Como? E nam vos correys
De aver em vòs tam duras condiçoens
Que possam mais que a provida Natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, nam he forçado
Que assi tenha tambem o peyto irado:
Antes ao puro Amor, em cuja maõ
Os coraçoens estaõ,

Por vossa gentileza taõ fermosa,
Lhes deveys amorosa condiçaõ.
Amor he hum brando affecto,
Que Deos no mundo poz, & a Natureza
Para aumentar as causas, que criou.
De Amor está sujeyto,
Tudo quanto possue a redondeza:
Nada sem este affecto se gerou.
Por elle conservou
A causa principal o mundo amado,
Donde o Pay famulento foy deytado.
As causas elle as ata, & as conforma
Com o mundo, & reforma
A materia Quem ha, que naõ o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fòrma
Entre as plantas do prado
Naõ ha machos, & femeas conhecidas,
Que junto huma da outra permenece?
Naõ estam carregados
Os ulmeyros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Naõ vedes, que padece
Tanta tristeza *a rola por a morte*
Da sua amada, *& unica consorte?*
Poys là no Olimpo, a quantos cativou
Cupido, & maltratou?
Melhor, que eu o dirá a sutil Donzella,
Que jà na sua tella o dibuxou.
Ah! caso grande, & grave!
Ah! peytos de diamante fabricados
E das leys, absolutas, naturays!
Aquelle Amor suave;
Aquelle poder alto, que forçados
Os Deoses obedecem, desprezais
Poys quero, que saybays,
Qua contra o fero Amor nunca ouve escudo.
Costume he seu tomar vingança em tudo.
Eu vos verey lançar em hum momento
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas, triste pranto, & nova dor,
Por quem tenha outro amor no pensamanto.
Mais quisera dizer
O desditoso Amante, que ajudado
Se via entaõ da magoa, & da tristeza:
Mas foylho defender
O outro companheyro, como irado,
Com taõ disforme, & aspera dureza.
Aquillo, que a rudeza
De huma ciencia agreste lhe ensinàra,
Disse, qual se em tal ponto despertàra
De horrendo sonho com pesado grito.
O mais que alli foy dito,
Vòs Montes, o direys; & vòs, Penedos;
Que em vossos arvoredos anda escrito.

SATIRO SEGUNDO.

Nem vòs na cidas soys de gente humana,
Nem foy humano o leyte, que mamastes,
Mas de alguma disforme fera Hircana;
Là no Caucaso horrendo vos criastes:
De aqui trouxestes a aspereza insana;
De aqui os calidos peytos congelastes.
Soys Esphinges nos gestos naturays,
Que de humanas os rostos sò mostrays.
Se vòs fostes criadas na espessura,
Onde naõ ouve cousa, que se achasse,
Agua, pedra, arbor flor, ave, alma dura,
Que em seu passado tempo naõ amasse;
Nem a quem a affeyçam suave, & pura,
Nessa persente fòrma naõ mudasse;
Porque naõ deyxareys tambem memoria
De vòs em namorada, & longa historia?
Olhay, como na Arcadia soterrando
O namorado Alphèo sua agua clara,
Lâ na ardente Sicilia vay buscando
Por de baxo do mar a Ninfa chara.
Assi tambem vereys passar nadando
Acis, que Galatéa tanto amara,
Por onde do Ciclope a grande magua
Converteo do mancebo o sangue em agua.
Viray os olhos, Ninfas, à Ericina
Espessura; vereys alli mudarse
Egeria, & em fonte clara, & cristalina
Por a morte de Numa destilarse.
Olhay, que a triste Biblis vos ensina,
Com perderse de todo, & transformarse
Em lagrimas, que enfim, puderam tanto,
Que acrecentàram sempre o verde mâto
E se entre as claras aguas ouve amores,
Os pendos tambem foraõ perdidos.
Olhay os dous conformes amadores
Lá no Monte Ida em pedra convertidos.
Letéa, por cair em vaos errores
De sua fermosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por escusar a pena a quem amava.
Tomay exẽplo, & vede em Cipro aquella
Por quem Iphis no laço poz a vida.
Tambem vereys em pedra a Ninfa bella,
Cuja voz foy por Juno consumida;
E se queyxarse quer de sua estrella
A voz extrema sò lhe he concedida
E tu tambem [ó Daphnis!] que trouxeste
Primeyro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho

Tamanho amor lhe tinha a branda amiga
Que em inimiga, enfim, se foy tornando:
Porque outra Ninfa estranha já o fogiga,
Suas magicas hervas vay buscando.
Olhay a quanto a crua dor obriga!
Por vingarse assi irada, transformando
O foy em pedra Oh dura confusaõ!
Despoys lhe pesaria; mas em vaõ
Olhay (Ninfas) as arvores alçadas,
A cuja sombra andays colhendo flores,
Como em seu tempo foram namoradas,
Do que inda agora o tronco sente as dores.
Vereys entre as de fruto matizadas:
Como a cor das amoras he de amores:
O sangue dos amantes na verdura
Testimunha de Tisbe a sepultura.
E já por ao dorifera Sabéa,
Nam vedes, que de lagrimas de aquella,
Que com seu Pay se junta, & se recrea,
Arabia se enriquece, & vive della?
Lembrayvos da verde arvore Penea,
Que foy já noutro tempo Ninfa bella:
E Cipariso angelico mancebo;
Ambos verdes com lagrimas de Febo.
De Frigia vede o moço delicado,
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado;
Galardam de seus erros merecido:
Poys da alta Biricintia sendo amado
Por huma Ninfa baxa foy perdido:
E a Deosa, a quem perdeo do pensamento,
Quiz, que tambem perdesse o entendimento.
O subito furor lhe figurava,
Que as arvores, & os montes se cahiam:
Já dos pudicos membros se privava,
Que os horrores a tanto o constragiam.
Já no endignado monte se lançava:
De sua morte as teras se doiam.
Desta arte perdéo Atys na espessura,
Despoys de tantas perdas, a figura.
Lembrevos, quando as gentes celebravaõ
Em Grecia as grandes festas de Liéo,
Onde as fermosas Ninfas se juntavam,
E os sacros moradores do Licéo.
Todos em doce sono se ocupavam
Por o monte, despoys que anoyteceo:
Mas o Deos do Helespôto nam dormia;
Que hum novo amor o sono lhe impedia
Mas ella, enfim os braços estendendo,
Em ramos se lhe foram transformando;
Em raizes os pés se vam torcendo,
E o nome Loto só lhe vay ficando,
Vede, Napéas, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Assi tambem de aquella, a quem seguia
O Sacro Pan, a forma se perdia.
Que vos direy de Felis, poys perdida
Dá saudosa dor, com que vivia,
A desesperaçam, enfim, trazida
Do comprido esperar de dia em dia?
Por desatar do corpo a triste vida,
Atava ao collo a cinta, que trazia:
Mas o tronco sem folha, por o monte
Ródope, abraça o lento Demofonte.
Nas boninas tambem vereys Jacinto,
Porque Febo de si se queyxa em vaõ;
Vereys o Monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu Pay, da Mãy Irmaõ.
Chora Venus a dor do moço extinto;
Maldiz o Ceo, & a terra, com razaõ:
A terra, porque logo nam se abrio;
O Ceo, porque tal morte permitio.
E tu, constante Clicie, aquem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti se esquece
Se esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece,
Que sam do mundo os gostos mentirosos;
E à tua clara luz, porquem suspiras,
Ainda agora em herva a folha viras.
Tragovos estas cousas á lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver, que a criaçam, & longa usança
Vos naõ perverte, & muda a natureza.
Dou as lagrimas minhas em fiança,
Que em tudo quanto está na redondeza,
Cousa de Amor isenta, se atentays,
Em quanto vos nam virdes, nam vejais.
Já disse, que de Amor sempre tiveram
As cousas insensiveys pena, & gloria:
Vede as sensiveys como se perderam
E dirvoshey das aves larga historia.
As penas, que em sua alma se sofreram,
Nas azas lhes ficaram por memoria:
E aquelle altivo, & leve movimento,
Lhes ficou do voar do pensamento.
O doce roxinol, & a andorinha,
Donde lhes veyo o irse transformando,
Se não do puro amor, q̃ o Tracio tinha,
Que em Poupa ainda a amada vay chamãdo?
Clama sem culpa a misera a vezinha,
Que na area de Phasis habitando,
Do rio toma o nome; & quando clama,
Cruel à Mãy, ao Pay injusto chama.

Vede a que engeytou Pallas por fallar,
Que dos amores he mayor defeyto;
E aquella, que succede em seu lugar,
Ambas aves de Amor usado effeyto.
Huma, porque fugi ao Deos do mar;
Outra, porque tentára o patrio leyto:
E Scylla, que o seu Pay poz em perigo,
Só por ser muyto amiga do inimigo.

E Pico, a quem ficàram inda as cores
Da purpura Real, que antes vestia.
Esáco, que o seguir de seus amores
O trouxe a ver taõ cedo o estremo dia.
Ou vede os dous tam firmes amadores.
Que Amor aves tornou na praya fria:
Do Rey dos ventos era genro o triste:
Mas contra o Fado, en fim, nada resiste.

Estava a triste Alcione esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os ventos indomitos soprando,
Nas aguas o afogaram tristemente:
Em sonhos se lhe está representando;
Que o coraçam presago nunca mente:
Sò do bem as suspeytas mentiràm,
Mas as do mal futuró certas sam.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya;
Buscando o mar com elles hia, & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya.
Sem alma o corpo achou que na alma tinha
O! Nereydas do Egéo, consolaya,
Poys este pio officio vos convinha.
Consolaya; sahi das vossas aguas,
Se consolaçam ha em grandes magoas.

Mas, ò necio de mi! Que estou fallando
Das avizinhas mansas, & amorosas,
Poys tambem teve Amor natural mando
Entre as feras montesas venenosas.
O leam, & a Leoa, como, ou quando
Taes fórmas alcançaram temerosas?
Sàbeo da Deosa Dindimene o Tamplo;
E a que a Adonis o dava por exemplo.

Quem fosse a mansa vaca dilohia,
Mas o gram Nilo o diga, poys a adora
Que fòrma teve a Ursa, saberlehia
Do Pôlo Boreal, onde ella mora.
O caso de Actéon tambem diria
Em cervo transformado; & melhor fora
Se dos olhos perdèra a vista pura,
Que em seus galgos achar a sepultura.

Tudo isto Actéon vio na fonte clara
Onde a si de improviso em cervo vio:
Que quem assi desta arte alli o topàra,
Que se mudasse em cervo permitio.

Mas como o triste Principe em si achára
A desusada fòrma, se partio
Os seus, desconhecendoo, o vam chamando,
E rondoo alli presente, o vam buscando.

Co'os olhos, & co'o gesto lhes fallava;
Que a voz humana jà perdida tinha.
Qualquer delles porelle entam chamava,
E a multidaõ dos caens contra elle vinha.
Hum cervo acude a ver (qualquer gritava)
Actéon, donde estàs? Acude asinha.
Que tardar tanto he este? (repetia)
He este; he este; o Ecco respódia.

Quantas cousas em vaõ estou fallando
(Oh Napeas esquivas!) sem que veja
O peyto de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto só deseja.
Poys pormais que de mi meandeys tirando
E pormais longa, enfim, que a vida seja,
Nunca em mi se verà tamanha dor,
Que Amor a nam converta em mais amor.

Aqui (fermosas Ninfas) vos pintey
Todo de amores hum jardim suave,
De aguas, de pedras, de arvores contey
De flores, de almas feras, de huma, outra ave.
Se este amor, que no peyto aposentey,
Que dos contentamentos tem achave,
Por dita em tempo algum determinasse,
Que de tam longos dannos vos pesasse:

Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga historia, & nam alhea;
E com quanta mais agua regaria,
Que o rio, de contente, a branca area
Novo contentamento me seria,
Formar de meu cuydado a nova idéa
E vós gostando deste estado ufano,
Zombarieys entam de vosso engano.

Mas com quem fallo jà Que estou gritãdo
Pois nam ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz, & a vida, a dor me está tirando
E o tempo nam me tira o pensamento.
Direy, em fim, ás duras esquivanças,
Que sò na morte tenho as esperanças.

Aqui sentido o Satiro, acabou
Com huns soluços, que a alma lhe arrancavaõ
Os montes insensiveys, que aballou,
Nas ultimas respostas o ajudavam
Entam Febo nas aguas se encerrou
Co'os animaes, q̃ o mundo alumiavam;
E co'o luzente gado appareceo
A candida Pastora por o Ceo.

EGLOGA VIII.

PISCATORIA.

SERENO SOLO.

Nesta Egloga descreve o ardente affecto com que adora, & dezeja ver a Ninfa Galathea.

ARde por Galatéa branca,& loura,
Sereno Pescador pobre,forçado
De huma estrella,que quer à mingoa moura.
Os outros Pescadores tem lançado
No Tejo as redes;elle só fazia
Este queyxume ao vento descuydado.
Quando virà(fermosa Ninfa)hum dia,
Em que te possa dar a conta estreyta
Desta doudice triste,& vaã porfia?
Naõ vés,q̃ me foge a alma,& q̃ me enjeyta
Buscando em hum sò riso de ella boca,
Nos teus olhos azues mansa colheyta?
Se ao teu esprito alguma magoa toca,
Se de amor fica nelle huma pégada,
Que te vay,Galatéa,nesta troca?
Dartehey minha alma:lá me tens roubada
Nam ta demandarey:dâme por ella
Huma sò volta de olhos descuydada
Se muyto te parece,& minha estrella
Nam consentir ventura tam ditosa,
Doute as asas do Amor perdidas nella.
Que mais te posso dar,Ninfa fermosa,
Inda que o mar de aljofar me cubrira,
Toda esta praya leda,& graciosa
Amansamse ondas,quebra o vento aira;
Minha tormenta só nunca sossega:
O meu peyto arde em vam,em vam suspira.
Anda no romper da alva a ne voa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos
Em quanto o Solar rayo lhes naõ chega
Eu vendo aparacer outros fermosos
Rayos,q̃ a graça,& cor ao Ceo roubàraõ
Se os olhos cegos vi,vejo saudosos.
Quantas vezes as ondas se en crespáram
Com meus suspiros!Quantas com meu prãto
As fiz parar de magoa,& me escutàram!
Se na força dador a voz levanto
E ao som do remo,q̃ agua vay ferindo
Por ante a Lua meu cuydado canto;
Os maviosos delfins me estam ouvindo;
A noyte sossegada;o mar callado:
Tu só foges de ouvirme,& te vás rindo.
Estranhas,por ventura,o mar cercado
Da fraca rede;a barca ao vento solta;
E hum pobre Pescador aqui lançado.
Antes que o Sol no Ceo cerre huma volta,
Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede na agoa envolta.
Igual preço nam he da fermosura
De ouro o area,que o rico Tejo espraya,
Mas hum Amor,que para sempre dura.
Vejam teus olhos(bella Ninfa)a praya;
Verás teu Nome na mimosa area,
Nunca sobre elle o mor com furia saya!
Vento algum até agora o nam saltea:
Tres dias ha,que escrito aqui o deyxou
Amor,& o véda a toda força alhea.
Elle com suas maõs propio ajudou
A escolher estas conchas,affirmando,
Que o Sol para ti só as matizou
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe désse,parecia
O que de tua boca estou cuydando.
Ditoso se o soubesse inda algum dia!

RIMAS
DO GRANDE
LUIS DE CAMÕES
TERCEYRA PARTE.

Tercetos a El-Rey Dom Sebastiam.

REY bemaventurado, em quem parece
Aquella alta esperança jà comprida,
De quanto o Ceo, & a terra te offerece,
De Deos fermosa planta, concedida
A lagrimas de Amor, & lealdade,
Bem nosso sò, de nossa vida, vida.
Em quanto esta innocente, & brãda idade
Por Deos crescendo vay felicemente,
Té o mundo encher de nova claridade,
Em quanto este teu Povo, & do Oriente
Novo acrescentamento por ti esperaõ,
De outros Reys, doutras terras, doutra gente.
Taes promessas os Ceos de ti nos deraõ
No teu taõ milagroso nascimento,
E esprito igual em ti a ellas puzeraõ.
Eu levado de amor, de santo intento
(Quem ante essa brandura tèmeria)
Deterte com meu verso hum pouco espero
Depois virá hum taõ ditoso dia,
Que as tuas Reaes Quinas desplegadas
Na multidaõ de toda a Berberia,)
As vitoriosas frotas carregadas
Das cativas Coroas, & bandeyras,
De outro esprito mayor sejaõ cantadas,
Agora ouve, Senhor, as verdadeyras
Musas, que levaõ os Reys a esta alta gloria,
Tendo por armas sò vèlas ligeyras.
Quantas armadas conta a antigua historia,
Quantos grandes exercitos perdidos,
Deyxàraõ aos mais pequenos a victoria,
Esses tanto no muudo conhecidos,
Cujos nomes vencèraõ tantos annos,
Não foraõ sò por força obedecidos,
Não se subjigaõ coraçoens humanos
De boa vontade, a força hum peyto aberto
Os vence de bom amor, sem arte, & enganos
Nesta sombra, onde tudo anda encuberto,
Quem da verdade vè mais que a figura
Quem seu passo direyto leva, & certo!
Huns falsos longes de huma vãa pintura
Com sua cor, ao parecer lustrosa,
Quantos detem com falsa fermosura!
Naõ tem cores, nem dobras a fermosa
Verdade, que buscaes, ó gente cega,
Humilde, & nua està, naõ taõ custosa:
Não he hum sò Cupido, que almas cega, e
Mais ha no mundo que huns sós vãos amor.
Que he tudo o que à vontade mal se entrega
Aquelles, que do Amor foraõ pintores,
Que os olhos lhe tiràrão, & o descubrirão,
Pintarão para Reys, & Emperadores.
Altos engenhos, que em figura viraõ
As forças deste proprio amor imigo,
Que moço, & cego, & nu, & cruel fingiraõ.
Cada hum traz em si mesmo seu perigo,
Herdado desta natural fraqueza,
Que tanto fazem homem de si amigo.
Iguaes somos, Senhor, na natureza,
Assi entramos na vida, assi sahimos,
O entendimento he nossa fortaleza.

Igualmente

Igualmente de hum só principio vimos,
Igualmente a hum fim todos corremos,
E huma estrada commum igual seguimos.
Na terra a morte, a vida nos Ceos temos,
Quanto esta terra mais que os Ceos olhamos,
Tanto caminho do bom fim perdemos.
Cegos de nós, que nos taõ mal trocamos,
Que a parte vil, & bayxa senhorea,
E o mais alto ao mais bayxo cativamos,
Força cruel, que dentro em nòs guerrea,
Vemos a cega vontade, a razão clara,
E leva assi de nòs victoria fea.
Aquelle lume, que a alma illustra, & aclara
Apagado por nós, nelle he perdido,
Como mortos nos deyxa, & desampara,.
Deu o remedio Deos, eis hum erguido
Por elle em poder alto, do que o povo
He jà por bem levado, ou constrangido.
Não he nome de Rey titulo novo,
Co elle começou o mundo, & dura,
Por fabulas antigas naõ me movo.
Depois que da quella alta fermosura
Veyo o primeyro homem, & atriste sorte
O envolveo nesta sombra grossa, & escura.
Fugio a luz, entrou armada, a morte,
Cumprio nova vigia, & guarda, & ley,
Que o cego mostre a luz, & o brigue o forte.
Elegeo Deos Pastor a sua Grey,
Vio tambem a razaõ necessidade,
Eis aqui eleyto hum Rey, eis outro Rey.
Conforme, & junto o povo numa vontade
Num sò por bem commum todos poderes,
Prometendo obediencia, & fieldade,
Obrigaraõ suas vidas, seus averes,
Prometeo o bom Rey justiça, & paz,
E remedio, & soccorro a seus misteres.
Dalli sogeyto ao Rey o povo jaz,
Dalli sogeyto o Rey à boa razaõ,
Da mesma luz, que em si esta força traz.
A quem todos seus bens, & vidas daõ
Por oslivrar da injuria, & violencia
Se lhas elle fizer, a quem se iraõ?
Sera juiz a justa consciencia
E aquelle santo, & natural preceyte
Deve á ley o que a fez obediencia.
Quem o caminho ha de mostrar direyto,
Se troce delle, & segue a falsa estrada,
Como terá seu povo á ley sogeyto?
Poz Deos na mão do Rey a vara alçada
Para guia do povo errado, & cego,
Mas naõ foy só ao seu desejo dada.
Como destro Piloto no alto pego
Co leme guia a nao, hora a huma parte,
Hora a outra a desvia do vao cego.
Naõ valem alli forças, vál sò arte,
Arte vence do mar a ira espantosa,
Arte sem ferro vence o fero Marte
Hydra de mil cabeças enganosa,
Pégo de tantos ventos revolvido,
Não se vence, senhor, com mão forçosa.
Em duas iguaes partes repartido
Te deu Deos teu poder em premio, em pena
Desse a cada hum o que lhe for devido.
Aquelle que à sua vontade ordena
Todas as cousas, olha com que amor
Paga o bem logo, & de vagar condena.
Naõ se acha alli respeyto, nem favor,
Tanto val cada hum, quanto merece,
Iguaes ante elle são servo, & senhor
Olhate bem, gram Rey, & a ti conhece,
Nacido sò para reger a tantos,
E dessa grande Alteza o teu fim dece.
Vertehas igual na humanidade a quantos
Mandas, veràs o fim taõ duvidoso,
Como quem tãbem morre, & nace em prãtos
Que presta ser na terra poderoso,
Se o alto fim do Ceo se poem em sorte,
Que até ao Filho de Deos foy taõ custoso.
Corte o bom Rey primeyro porsi, corte,
Mais vence o exemplo bõ, q̃ o ferro, & o fogo
Não pode errar quem contra si he forte
Nem a propria affeyção, nem brandorogo
Tire a força à razão, ou à igualdade,
Nem se lhe faça sempre falso jogo,
Sómente em Deos razão he a vontade,
Absoluto poder não o ha na terra
Antes fora injustiça, & crueldade,
Que vontade mortal, senhor naõ erra,
Se a justa ley, & razão a não enfrea,
De que nasce a injustiça, & cruel guerra
Cada hum pinta em seu peyto aquella idea
A qual ou mal, ou bem, se se affeyçoa,
Assi lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.
A boa guia he a inclinaçáo boa,
A qual nasce do claro entendimento,
E com facil discurso ao melhor voa.
Tanto val, tanto póde o santo intento,
Que sò por si a honra, & louvor crece
E a obra que val dez, faz valer cento.
E quando humanamante erro acontece,
(Quem pòde acertar sempre) a culpa he leve
E todo o bem juizo a compadece.
Que injustiça será, que não releve
Não sahir á vontade a obra igual,

Pois pelo intento só julgar se deve.
No livre peyto,& coração real
Està o bem commum sempre fundado
Não pòde de tal fonte manar mal.
Ama o povo o bõ Rey,& he delle amado,
Ledo,& facil em crer,& julgar bem,
Imigo de todo o animo dobrado.
Sempre a mão larga,sempre aberto tem
O generoso peyto ao premio justo,
E triste,& vagaroso à pena vem.
Este he chamado Bõ,& Grande,Augusto
Da Patria Pay,Prazer,& Amor do mundo
Mortal imigo do tyrano injusto.
Este lago de hum alto,& de hum fecundo
Engenho até as Estrellas bem cantado,
Voando vay na terra sem segundo
Tal nos crece,gram Rey,por Deos já dado
Inda mayor que as nossas esperanças,
Mayor que sua Estrella,& alto Fado.
Cedo teu esprito vencerá as tardanças
Do tempo,& idade,& cedo renovando
Irás dos santos Reys altas lembranças.
Começate já agora ir costumando
A pòr em nos teus olhos Reaes serenos,
O mansissimo Avò teu imitando (nos.
Inteyro,& humano aos grãdes,& aos peque-

Petiçam feyta ao Regedor de huma nobre moça,presa no limoeyro da Cidade de Lisboa, por se dizer,que fizera adulterio a seu marido que era na India; feyta por Luis de Camões.

SPrito valeroso,cujo estado
O alto Deos prospere,& acrescente,
Regendo o fiel Reyno descansado,
Com vida felicissima,& contente:
A vòs,em quem o humil necessitado
Acha sempre favor,& amor ardente,
Peço queyrais ouvir,que na verdade,
Zelo,& amor de Deos me persuade.
Naõ vos seja pesado o atreverme
A querer emprender sujeyto alheyo
Porque fizeraõ lagrimas moverme
Vir ante vós ousado,& sem receo.
E se por tal quiserdes conhecerme,
Servindovos de mim,por algum meyo,
O nome,o braço,a Musa,& quanto posso,
Ha já muyto,senhor,que tudo he vosso.
Quem vos isto offerece dirá quanto
Desejo muyto ha já servos aceyto,
Porque com vosso zelo,o favor tanto,
Faça meu rude verso algum proveyto:
Que cobrindome vós com vosso manto,
A eu ser nobre tendo algum respeyto,
Sey que posso ganhar,o que não tenho,
Pois me naõ faltaõ forças,nem engenho.
Porem isto,senhor,deyxando a parte,
Que razaõ he de vida,a que me guia,
A vòs venho com força,engenho,& arte,
Por influxo do Ceo que a vòs me envia:
A vòs aquem tem dado Apolo,& Marte,
De sens thesouros parte,& melhoria,
Venho cantar com voz rouca,& chorosa,
Por huma encarcerada desditosa.
A vós venho,senhor,na confiança
Do vosso nome pondo meu sentido
Que quem em vòs confia,tudo alcança,
Sendo cousa,de que Deos he servido;
E pois elle vos deo justa balança,
Para pezar justiça,& dar ouvido,
Ouvi a petição da miseravel,
Com quem Fortuna foy taõ pouco affavel.
Ouvi da pobre Dona Catherina
O grande desemparo inopinado,
A quem nenhum remedio determina,
Ou permite seu duro,& cruel fado;
Que se na tenra idade foy mofina
Sua vida entregando ao vaõ cuydado,
Aja nosso càstigo com brandura,
Porque o medo a farà viver segura.
Aja,senhor cuydar,que he moça pobre
Que pobreza não tem nenhum respeyto,
E mais não tendo idade,que lhe sobre,
Para saber fugir do que he mal feyto:
Aja tambem cuydar,que he sangue nobre,
E ao jugo da Igreja inda sugeyto.
E que pódem nascer de tal processo
Hum grande,& cruelissimo sucesso.
Certo,que com razão urgente,& clara
Tem alguma razão a infelice,
Que se ninguem recolhe,nem ampara
A triste orfaã na flor da meninice,
A Fortuna cruel,em tudo avara,
Para lhe acarretar triste velhice
Lhe entrega a honra,& pure castidade
Nas mãos de huma vital necessidade.
Bem sey,que de ter culpa naõ carece,
Só por não ser do sangue seu lembrada,
Mas deselhe o castigo,que merece,
E não para taõ longe desterrada:
Que se para là for,bem se conhece,
Quaõ vilmente serà vituperada,
Dando motivo ao rude marinheyro,

Quo

Que se ja incotinente carniceyro,
Vede, senhor, o risco, aque se obriga
A desditosa, & fragil mocidade,
Senhora não vay buscar, ou parte imiga,
Que lhe defenda sua honestidade
Naõ queyrais naõ senhor, que o mundo diga
Ah, que grande rigor, & crueldade!
Como já vay dizendo, & murmurando,
Sua grande ignorancia disculpando.
Eu certo naõ duvido, que o Piloto,
O Mestre, o Marinheyro, Capitão
U sem do costumado vicio roto
Com todas, as que em seus poderes vaõ;
Dayme vòs, senhor, hum, que esté remoto
De tal dilicia, nesta ocasiaõ;
E eu direy falso, o que vos digo,
Tomando sobre mim todo o castigo.
Jà naõ ha hi João posto em deserto,
Que seja ao Ceo, por castor, taõ aceyto
Nem ha, quem naõ cometa desconcerto,
Nessa torpeza bruta, & vil sugeyto:
Já naõ ha hi Hieronymo taõ certo,
Que, com pedra na mão ferindo o peyto,
Da carne estimulado, assi lhe diga,
Não te chegues a mim, carne inimiga,
A culpa he dos parentes descuydados,
Que vendoa sem amparo, & sem abrigo
Em tempo, que os mais ricos, & esforçados
Temendo a Deos, fugiaõ seu castigo:
Huns para seus jardins determinados
Outrós por onde o Ceo lhes fosse amigo,
A deyxarão tão, sò nesta Cidade,
Batalhando co a vil necessidade.
Pois, quem ouvera ahi, que não cahira
Vendose em tal estremo, em tal miseria,
Qual Arthemisa aqui não consentira
Qual Romana Sofaronia, ou qual Valeria?
E qual Lucrecia fora, que isto vira,
Que não rendera o jugo à vil materia?
Qual Thebana Thimochia, ou linda Sara,
Ou qual mulher de Ulisses se negara?
Qual fora, aque se vira em tão infesta
Batalha, turbulenta, & espantosa,
Exercitando a morte rija, & mesta,
Seu duro officio, brava, & rigurosa.
Que Nympha ouvera ahi, que Deosa Vesta
Em virginal estado poderosa,
Que não rendera a tudo o casto nome,
Pornão morrer nas mãos dadura fome?
Ah valeroso esprito, caso he isto,
Para se dar perdão à fraca ovelha,
Não seja o perdão seu, seja de Christo,
Pois elle a perdoar nos aconselha:
Assi nos altos Ceos sejais bem quisto,
E vos incline Deos attenta orelha,
Que vos lembre, senhor, seu desemparo,
Pois sois dos póbres pay & amigo claro
Por isso olhay, senhor, o quanto importa
Cortar occasiões com fio agudo,
Porque não se cortando, abrese porta
Do lascivo desejo ao Nauta rudo.
E, se, como vos digo, esta se corta,
Olhando bem as leys do claro estudo,
Será grandeza vossa muy sobida,
Dessa real prosapia produzida.
Olhay, que tem, senhor, huma minina
Do ausente consorte, & filha sua,
Muyto desemparada, & pequenina,
Fóra do natural, despida, & nua.
Sede vòs, senhor, agoa da Piscina
A vosso zelo tudo se atribua,
Que, movendovos elle, não duvido,
Que tudo a ella seja concedido.

Epistola de Luis de Camões.

DUvidosa esperança, certo medo
Senhora de me não ouvir meus danos,
Fizerão que não fiz isto mais cedo.
Mil remedios busquey busquey enganos
Por incobrir o mal que me causais,
Temendo outra mór dor dos desenganos
Mas tudo quanto fiz, fiz pordemais
Amor que como quer de mim ordena,
Não sofre que tal dor encubra mais.
A ser vosso, senhora me condena
Nisto merce me faz se a vós offende
A culpa ao amor day, amim a pena;
Não cuydeis, que minha alma se defende
De cousa, de que vós fordes contente
Porque sò isso busca, & isso pretende.
Ditosa dor, a que por vós se sente,
Ditoso, pois conheço esta verdade,
Pera não ser das minhas descontente.
Com tudo, a não poder huma vontade
Tam pura, & tanto a medo offerecida,
Movervos de meu mal a piedade:
Não quero mais viver, não quero vida,
Milhor me será morte, que desgosto,
A quem tanto desejo ver ser vida.
Banhem pois minhas lagrimas meu rosto,
Sospire o coração, que treme, & arde,
Chorar, & suspirar seja o meu gosto.
Não queyrão os meus fados, que me guarde

De sentir nova dor, novo tormento,
Que sinto muyto mais sentillo tarde,
Quisera des que tive entendimento,
Por ver, se com firmeza vos movia,
Não ter em outra cousa o pensamento,
Em vòs cuydar a noyte, em vòs o dia,
Por vòs sentir prazer, por vós tristeza,
Sem vós, ter para mim, que não vivia.
Mas nem por isso haja inda em vós crueza,
Sofrese mal num peyto delicado,
Parece cousa contra a natureza.
Olhay, que em vivas chamas abrasado,
Por remedio, senhora, ante vós venho,
Buscalo noutra parte he escusado.
Porque não val saber, força, ou engenho,
Pedras, palavras, ervas de virtude,
Contra o golpe d'amor, que n'alma tenho.
Se vossos olhos podem dar saude,
Se neste grave mal me não soccorrem,
Deixeme morrer jà, ninguem me ajude.
Ditosos são os tristes, quando morrem
No começo dos dannos, que não sentem,
Quão vagarosas as tristezas correm.
Porem se as esperanças me não mentem,
Espero deste conto inda ser fóra
Que cruezas em vós nao se consentem.
Emfim a fim de tudo isto he, senhora,
Que se me não valeis, tinhais percerto,
Que cedo virey a derradeyra hora,
Jà que meu mal vos tenho descuberto,
Avey de mim dó não seja isto em fim
(Como dizem) dar vozes em deserto
Valeyme, que por vós me perco a mim,

REDONDILHAS.

Sobolos rios, que vão
Por Babylonia me achey
Onde sentado chorey
As lembranças de Syão,
E quanto nella passey.
Alli o rio corrente
De meus olhos foy manado,
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.
Alli lembranças contentes,
N'alma se representàrão,
E minhas cousas ausentes,
Se fizerão tam presentes,
Como se nunqua passàrão.
Alli despois de acordado,
Co rosto banhado em agoa,
Deste sonho imaginando,
Vi que todo o bem passado,
Nam he gosto, mas he magoa.
E vi, que todos os danos
Se causavão das mudanças,
E as mudanças dos annos,
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o mayor bem,
Quão pouco espaço, que dura,
O mal quão depressa vem,
E quão triste estado tem,
Quem se fia da ventura.
Vi aquillo, que mais val,
Que então se entende melhor,
Quando mais perdido for;
Vi o bem succeder mal,
E o mal muyto peor.
E vi com muyto trabalho,
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejome ami, que espalho
Tristes palavras ao vento.
Bem são rios estas agoas,
Com que banho este papel,
Bem parece ser cruel,
Variedade de magoas,
E confusão de Babel,
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Despois que a guerra deyxou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:
Assi despois que assentey,
Que tudo o tempo gastava
Da tristeza, que tomey,
Nos salgueyros pendurey
Os orgãos, com que cantava.
Aquelle instromento lèdo,
Deyxey da vida passada,
Dizendo, musica amada,
Deyxovos neste arvoredo
Aa memoria consagrada.
Frauta minha, que tangendo
Os montes fazeis vir,
Para onde estaveis, correndo,
E as agoas, que hião decendo
Tornavão logo a subir,
Jà mais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavão,
E as ovelhas, que pastavão

Das ervas se fartarão,
Que por vos ouvir deyxavão.
Já nem sareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeyra florecente,
Nem poreis freo à corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
Nem podereis jà trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois nam pudeste mover
Desconcertos da ventura.
Ficareis offerecida
Aa Fama, que sempre vella,
Frauta de mim tam querida,
Porque mudandose a vida,
Se mudão os gostos della,
Acha a tenra mocidade
Prazeres acomodados,
E logo a mayor idade
Jà sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
Hum gosto, que hoje se alcança,
Aa manhãa já o nam vejo,
Alli nos traz a mudança
De esperança em esperançe,
E de desejo em desejo,
Mas em vida tam escassa,
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Està recitando a morte,
Mas deyxar nesta espessura
O canto da mocidade,
Naõ cuyde a gente futura
Que será obra da idade,
O que he força da ventura.
Que a ideda, tempo, & espanto
De ver quão ligeyro passe,
Nunqua em mi pudérão tanto,
Que posto que deyxo o canto,
A causa delle deyxasse.
Mas em tristezas, & nojos
Em gosto, & contentamento,
Por Sol por neve, por vento,
Teràm presente a los ojos,
Por quien muero tan contento
Orgãos, & frauta deyxava,
Despojo meu tam querido,
No salgueyro, que alli estava,
Que para trofeo ficava,
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da affeyção,
Que alli cativo me tinha,
Me perguntàraõ entaõ,
Que era da musica minha
Que eu cantava em Syão:
Que foy daquelle cantar,
Das gentes tam celebrado,
Porque o deyxava de usar,
Pois sempre ajuda a passar,
Qualquer trabalho passado?
Canta o caminhante lédo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espeço arvoredo,
E de noyte temeroso
Cantando refrea o medo.
Canta o prezo docemente,
Os duros grilhões tocando,
Canta o segador contente,
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.
Eu que estas cousas senti
N'alma de magoas tam chea,
Como dirà, respondi,
Quem tam alheo está de sy,
Doce canto em terra alhea?
Como poderà cantar
Quem em choro banha o peyto?
Porque se quem trabalhar,
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeyto,
Que nam parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a payxaõ,
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Syaõ.
Que quando a muyta graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandala cante.
Que se o fino pensamento,
Sò na tristeza consiste,
Naõ tenho medo ao tormento,
Que morrer de puro triste,
Que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarey
O que passo, & passey jà,
Nem menos o escreverey,
Porque a pena cansarà,
E eu nam descansarey.
Que se vida tam pequena,
Se acrecenta em terra estranha,

E se amor assi ordena,
Razaõ he que canse a pena,
De escrever pena tamanha:
Porém se para assentar,
O que sente o coraçaõ,
A pena jà me cansar,
Nam canse para voar
A memoria em Syaõ.
Terra bemaventurada,
Se por algum movimento
Da alma me fores tirada,
Minha pena seja dada
A perpetuo esquecimento
A pena deste destero,
Que eu mais desejo esculpida,
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunqua seja ouvida,
Em castigo de meu erro.
E se eu cantar quiser,
Em Babylonia sugeyto,
Hierusalem sem tever.
A voz quando a mover
Se me congele no peyto:
A minha lingua se apegue
A as fauces pois te perdi
Se emquanto tiver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti,
Mas ó tu terra de gloria,
Se eu nunqua vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia,
Não me lembras na memoria,
Se nem na reminiscencia:
Que a alma he taboa raza
Que com a escrita doutrina
Celeste, tanto imagina,
Que voa da propria casa,
E sobe à patria divina.
Nam he logo a saudade
Das terras, onde naceo,
A carne, mas he do Ceo,
Daquella santa cidade,
Donde esta alma descendeo:
E aquella humana figura,
Que cà me pode alterar,
Nam, he quem se ha de buscar,
He rayo da fermosura,
Que sò se deve de amar.
Que os olhos, & a luz, que atea
O fogo, que cá sugeyta
Nam do Sol, mas da candea,
He sombra da quella idéa,
Que em Deos està mais perfeyta:
E os qne cà me cativaram,
São poderosos effeytos,
Que os coraçoẽs tem sugeytos,
Sofistas, que ma ensináraõ
Maos caminhos por direytos.
Destes o mundo tyrano,
Me obriga com desatino,
A cantar ao som do dano,
Cantares de amor profano,
Por versos de amor divino:
Mas eu lustrado co santo
Rayo na terra de dor,
De confusoẽs, & de espanto,
Como hey de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?
Tanto póde o beneficio
Da graça, que dá saude,
Que ordena, que a vida mude,
E o que eu tomey por vicio,
Me faz grao para a virtude,
E faz, que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza,
Para a beleza gèral.
Fique logo pendurada
A frauta, com que tangi
Oh Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada,
Para só cantar de ti,
Nam cativo, & ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá desta a ti levado,
Patria minha natural.
E se eu mais déra cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyranos, & urgentes,
Risquese quanto já fez
Do grão livro dos viventes,
E tomando jà na mão
A lyra santa, & capaz
Doutra mais alta invenção,
Calese esta confusão,
Cantese a visaõ de paz.
Ouçame o pastor, & o Rey,
Retumbe este acento santo,
Movase no mundo espanto,
Que do que jà mal cantey,
A Palinodia jà canto.
A vós só me quero ir,

Senhor,& grão Capitão
Da alta torre de Syaõ,
Aa qual nam posso subir,
Se me vòs nam daisa mao.
N ograõ dia singular,
Que na lira o douto som,
Hierusalem celebrar,
Lembrayvos de castigar
Os ruins filhos de Edom,
Aquelles,que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co poder vaõ,
Arrazalos igualmente.
Conheçaõ,que humanos saõ
Ea quelle poder tam duro
Dos affeytos,com que venho,
Que encendem alma,& engenho
Que jà me entràraõ o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes,que tem furiosos
Gritando vem a escalarme,
Maos espiritos danosos,
Que querem como forçosos,
Do alicerse derribarme.
Derribayos,fiquem sòs,
De forças fracos,imbelles,
Porque nam podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tiranos delles:
Nam basta minha fraqueza,
Para medar defensaõ,
Se vòs santo Capitaõ,
Nesta minha fortaleza,
Nam puzerdes guarniçaõ
E tu ócarne,que encantas
Filha de Babel tam fea,
Toda de miseria chea
Que mil vezes te levantas.
Contra quem te senhorea:
Beato sò póde ser,
Quem com a ajuda celeste
Que contra ti pervalecer,
E te vier a fazer
O mal,que lhe tu fizeste.
Quem com disciplina crua
Se fere mais,que huma vez,
Cuja alma de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne nalma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos rezentes,
E em nascendo os afogar,
Por nam virem a parar
Em vicios graves,& urgentes,
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na pedra,que veo a ser
Em fim cabeça do canto:
Quem logo quando imagina
Nos vicios da carne mà,
Os pensamentos declina,
A aquella carne divina,
Que na Cruz esteve já.
Quem do vil contentamento
Cá deste mundo visivel,
Quanto ao homem for possivel,
Passar logo o entendimento
Para o mundo intelligivel;
Alli achará alegria
Em tudo perfeyta,& chea
De tam suave armonia,
Que nem por pouca recrea,
Nem por sobeja en fastia.
Alli verà tam profundo
Misterio na summa alteza;
Que,vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por mayor bayxeza.
Oh tu divino a posenro,
Minha patria singular,
Se sò com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?
Ditoso quem se parti
Para ti,terra excellente,
Tam justo,& tam penitente,
Que despois de ati subir
Lâ descanse eternamente.

Carta a huma Dama.

Querendo escrever hum dia
O mal,que tanto estimey,
Cuydando,no que poria,
Vi Amor,que me dizia,
Escreve,que eu notarey.
E como para se ler
Nam hera historia pequena,
A que de mi quiz fazer,
Das asas tirou a pena
Com que me fez escrever,
E logo como a tirou,
Me disse,aviva os espritos,

Que pois em teu favor sou,
Esta pena, que te dou,
Farâ voar teus escritos,
E dandome a padecer
Tudo, o que quiz, que puzesse,
Pude em fim delle dizer
Que me deo com que escrevesse,
O que me deo a escrever.
Eu que este engano entendi
Disselhe, que escreverey?
Respondeo, dizendo assi:
Altos effeytos de ti,
E da quella a quem te dey.
E já que te manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prezas,
Milagre de hum claro gésto,
E de quem ouvio tristezas.
Ah senhora, em quem se apnra
A fé de meu pensamemento.
Escutay, & estay atento,
Que com vossa fermosura,
Igual a amor meu tormento;
E posto que tam remota
Estejais de me escutar,
Por me nam remediar,
Ouvi, que pois Amor nota,
Milagres são de notar.
Escrevem varios authores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheyro das flores,
Que nacem naquelle monte,
Se os sentidos pódem dar
Mantimento ao viver,
Nam he logo de espantar,
Se estes vivem de cheyrar,
Que viva eu só de vos ver.
Huma arvore se conhece,
Que na géral alegria.
Ella tanto se entristece,
Que como he noyte florece,
E perde as flores de dia.
Eu que em vervos sinto o preço,
Que em vossa vista consiste,
Em avendome entristeço,
Porque sey, que nam mereço
A gloria de verme triste.
Hum Rey de grande poder,
Com veneno foy creado,
Porque sendo costumado,
Nam lhe pudesse em pecer,
Se despois lhe fosse dado.
Eu, que criey de pequena
A vista a quanto padece,
Desta sorte me acontece,
Que nam me faz mal a pena,
Senàm quando me fallece,
Quem da doença Real,
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural.
Fica saõ vendo sómente
Hum volatil animal,
Do mal, que Amor em mi cria,
Quando aquella Finix veyo,
Saõ de todo ficaria,
Mas ficame hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo,
Dabibora he verdadeyro,
Se a consorte vay buscar,
Que em se querendo juntar,
Deyxa a peçonha primeyro,
Porque lhe impede o gerar:
Assi quando me apresento
A vossa vista inhumana,
A peçonha do tormento
Deyxo a parte, porque dana
Tamanho contentamento.
Querendo amor sustentarse,
Fez huma vontade esquiva,
De huma estatua namorarse
Despois por manifestarse.
Converteoa em mulher viva.
De quem me irey queyxando
Ou quem direy, que me engana,
Se vou figindo, & buscando
Huma imagem, que de humana
Em pedra se vay tornando?
De huma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se fallidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós que minha liberdade,
Senhora tyranizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos nam possa ver mais.
Da palma se escreve, & canta
Ser tam dura, & tam forçosa,
Que peso nam a quebranta,
Mas antes de presunçosa,
Com ella mais se levanta,
Co pezo do mal, que dais,

A constancia, que em mi vejo,
Nam somente ma dobrais,
Mas dobrase meu desejo,
Com que entam vos quero mais.
Se alguem os olhos quizer
As andorinhas quebrar,
Logo a mãy, sem se deter.
Huma erva lhe vay buscar,
Que lhes faz outros nacer,
Eu que os olhos tenho atento
Nos vossos, que estrellas são,
Cegaõse os do entendimento,
Mas nacemme os da razão,
De folgar com meu tormento.
Lâ para onde o Sol sae,
Descubrimos navegando
Hum novo rio admirando,
Que o lenho que nelle cae,
Em pedra se vay tornando,
Nam se espantem disto as gentes:
Mais razão será, que espante
Hum coração tam possante,
Que com lagrimas ardentes,
Se converte em diamante.
Póde hum mudo nadador
Na linha, & cana influir
Tam venenoso vigor,
Que faz mais nam se bulir
O braço do pescador.
Se começão de beber
Deste veneno excellente,
Meus olhos sem se deter
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente,
Isto saõ claros sinais
Do muyto que em mi podeis;
Nem podeis desejar mais,
Que se ver vos desejais,
Em mi claro vos vereis,
E quereis ver, a que fim,
Em mi tanto bem se poz,
Porque quiz amor assim,
Que por vos verdes a vós
Tambem me visseis a mim.
Dos males, que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabey se mos escutais,
Que já não sey dizer mais,
Nem vós podeis saber menos,
Mas jà que a tanto tormento,
Não se acha, quem resista
Eu senhora me contento,
Deterdes meu sofrimento,
Por alvo de vossa vista.
Quantos contrarios consente
Amor por mais padecer,
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tam triste ser.
Mas dou este entendimeno
Ao mal, que tanto me offende,
Como na vella se entende,
Que se se apaga co vento,
Co mesmo vento se acende.
Experimentouse algum hora,
D'ave, que chamão Camão,
Que se da casa, onde móra,
Vé adultera a senhora,
Morre de pura payxão.
A dor he tam sem medida,
Que remedio lhe não val;
Mas ó ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vé tamanho mal!
Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Senam fora salteado
Das lembranças de temer,
Ser por outrem desamado.
Estas suspeytas tam frias,
Com que o pensamento sonha,
São assi como as Harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha,
Fazme este mal infinito,
Nam poder já mais dizer,
Por não vir a corromper
Os gostos, que tenho escrito,
Cos males que hey de escrever,
Não quero, que se apregoe
Mal tanto para encubrir,
Porque em quanto aqui se ouvir,
Nenhuma outra cousa soe,
Que a gloria de vos servir

Outras.

Dama de estranho primor,
Se vos for
Pesada minha firmeza,
Olhay não me deis tristeza,
Porque a converto em amor,
E se cuydais,
De me matar, quando usais

De esquivança,
Irey tomar por vingança
Amarvos cada vez mais.
Porém vosso pensamento
Como izento,
Seguirà sua tenção
Crendo, que em tanta affeyção
Naõ aja acrecentamento.
Não creais,
Que desta arte vos façais
Invencivel,
Que amor sobre o impossivel,
Amostra, que pòde mais.
Mas jà da tenção, que sigo,
Me desdigo,
Que se ha tanto poder nelle
Tambem vòs podeis mais que elle
Neste mal, que usais comigo.
Mas se for
O vosso poder mayor,
Antre nós,
Quem poderà mais que vós,
Se vós podeis mais que Amor?
Despois que dama vos vi,
Entendi,
Que perdera Amor seu preço,
Pois o favor, que lhe eu peço,
Vos pede elle para si.
Nem duvido,
Que não pòde de sentido
Resistir,
Pois em vez de vos ferir,
Ficou de vos ver ferido.
Mas pois vossa vista he tal
Em meu mal,
Que posso de vós querer?
Que mal poderey valer,
Onde o mesmo mal Amor não val
Se atentar,
Nenhum bem posso esperar,
E oxalà,
Que vos alembrasse jà,
Se quer para me matar.
Mas nem com isto creais,
Que façais
Meus serviços mais pequenos;
Porque eu quando espero menos,
Saby, que entam quero mais
Nada espero,
Mas de mi, crede este fero,
Que em ser vosso,
Vos quero tudo, o que posso,
E não posso quanto quero.
Só por esta fantasia
Merecia
De meus males algum fruto,
E não era certo muyto
Para o muyto, que queria
De maneyra,
Que nam he na derradeyra
Grande espanto,
Que quem, dama vos quer tanto,
Que outro tanto de vòs queria.

A humas suspeytas.

Suspeytas, que me quereis
Que eu vos quero dar lugar,
Que de certas me mateis,
Se a causa, de que naceis,
Vos quizesse confessar.
Que de nam lhe achar disculpa,
A grande magoa passada,
Me tem a alma tam cansada
Que se me confessa a culpa,
Telahey por desculpada,
Ora vede que perigos
Tem cercado o coração,
Que no meyo da opressaõ,
A seus proprios inimigos
Vay pedir a defensão.
Que suspeytas eu bem sey,
Como se claro vos visse,
Que he certo, o que já cuydey,
Que nunqua mal suspeytey,
Que certo me nam sahisse
Mas queria esta certeza
Daquella, que me atormenta,
Porque em tamanha estreyteza
Ver que disso se contenta,
He descanso da tristeza.
Porque se esta só verdade
Me confessa limpa & nua,
De cautela, & falsidade,
Nam pode a minha vontade
Disconforme ser da sua.
Por segredo namorado
He certo estar conhecido,
Que o mal de ser engeytado,
Mais atormenta sabido,
Mil vezes, que suspeytado.
Mas eu só, em quem se ordena
Novo modo de querella
De modo da dor pequena,

Venho

Venho a achar na mayor pena
O refrigerio para ella.
Jà nas iras me inflamey,
Nas vinganças, nos furores.
Que já doudo imaginey,
E já mais doudo jurey
Dearrancar, d'alma os amores,
Jà determiney mudarme
Para outra parte com ira,
Despois vim a concertarme,
Que era bom certificarme,
No que mostrava a mentira.
Mas despois jà de cansadas
As furias do imaginar,
Vinha em fim arebentar
Em lagrimas magoadas,
E bem para magoar,
E deyxandose vencer
Os meus fingidós enganos,
De tam claros desenganos,
Nam posso menos fazer,
Que contentarme cos danos,
E pedir, que me tirassem,
Este mal de suspeytar,
Que me vejo atormentar,
Inda que me confessassem,
Quanto me póde matar.
Olhay bem se me trazeis,
Senhora posto no fim
Pois neste estado, a que vim,
Para que vôs confesseis,
Se daõ os tratos a mim,
Mas para que tudo possa
Amor, que tudo encaminha,
Tal justiça lhe convinha,
Porque da culpa, que he vossa
Venha a ser a morte minha.
Justiça tão mal olhada,
Olhay, com que cor se doura,
Que quero ao fim da jornada,
Que vòs sejais confessada,
Para que eu seja, o que moura,
Pois confessarvos jà agora,
Inda que tenho temor,
Que nem nesta ultima hora
Me ha de perdoar Amor,
Vossos pecados, senhora.
E assi vou desesperado,
Porque estes saõ os costumes
D'amor, que he mal empregado
Do qual vou já condenado
Ao inferno de ciumes.

Laberinto queyxandose do mundo.

Corre sem vella, & sem leme
O tempo desordenado,
De hum grande vento levado,
O que perigo não teme,
He de pouco exprimentado,
As redeas trazem na mão,
Os que redeas nam tiverão,
Vendo quanto mal fizerão
A cobiça, & ambição,
Disfraçados se acolhérão.
A nao, que se vay perder,
Destrue mil esperanças,
Vejo o mao, que vem a ter,
Vejo perigos correr,
Quem não cuyda, que ha mudanças.
Os que nunqua em sella andàrão,
Na sella pôstos se vem,
De fazer mal não deyxàrão,
De demonio habito tem,
Os que o justo profanàraõ:
Que poderà vir a ser
O mal nunqua refreado,
Anda por certo, enganado
Aquelle, que quer valer,
Levando o caminho errado.
He para os bons confusaõ,
Ver que os maos pervalecéraõ,
Que posto se detiverão
Com esta simulação,
Sempre castigos tivérão,
Não porque governe o leme
Em mar envolto, & turbado,
Que tem seu rumo mudado,
Se perece grita, & geme,
Em tempo desordenado,
Terem justo galardão,
E dor dos que merecerão,
Sempre castigos tivérão
Sem nenhuma redempção,
Posto que se detiveraõ.
Na tormenta se vier
Desespere na bonança,
Quem manhas nam sabe ter,
Sem que lhe valha gemer,
Verá fallar a balança.
Os que nunqua trabalhàraõ,
Tendo o que lhe não convem,
Se ao innocente enganàrão,
Perdérão o eterno bem
Se do mal não se apartárão.

CONVITE QUE FEZ NA INDIA a certos Fidalgos.

A primeyra iguaria foy posta a Vasco de Ataide, & dizia.

Se nam quereis padecer,
Huma, ou duas horas tristes
Sabeis que haveis de fazer?
Bolveros por doven stes,
Que aqui nam ha que comer
E posto que aqui leais,
Trovinha, que vos enlea
Corrido nam estejais,
Porque porque mais, corrais,
Não eis de alcançar a cea.

A segunda a D. Francisco d' Almeyda.

Heliogabalo zombava
Das pessoas convidadas,
E de sorte as enganava,
Que as iguarias, que dava
Vinhão nos pratos pintadas
Não temais tal travessura,
Pois já não póde ser nova,
Porque a cea está segura
De vos nam vir em pintura,
Mas hade vir toda em trova.

A terceyra a Eytor da Silveyra.

Cea, não a papareis,
Com tudo, porque nam minta,
Para beber achareis,
Não Caparica, mas tinta
E mil cousas, que papeis;
E vós torceis o focinho
Com esta amfibologia?
Pois sabey, que a poesia
Vos dà aqui tinta po vinho,
E papeis por iguaria.

A quarta a João Lopes Leytão, a quem o Autor fez hum mote, que vay adiante, sobre huma peça de cacha, que deo a huma Dama.

Porque os que vos convidàrão
Vosso estamago não danem,
Por justa causa ordenárão,
Se trovas vos enganárão,
Que trovas vos desenganem.
Vós tereis isto por tacha,
Converter tudo em trovar,
Pois se me virdes zombar,
Nam cuydeis, senhor, que he cacha,
Que aqui nam ha que cachar.

Responde Jaão Lopes.

Pesar ora nam de sam,
Eu juro pelo Ceo bento,
Se de de comer nam me daõ,
Que eu nam sou Cameleão?
Que me hey de manter no vento.

Responde o Autor.

Senhor, nam vos agasteis,
Porque Deos vos proverá,
E se mais saber quereis,
Nas costas deste lereis,
As iguarias, que ha.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhuma de molho,
E nada feyto em empada,
E vento de tigelada,
Picar no dente em remolho:
De fumo tendes tassalhos,
Ave da pena, que sente
Quem da fome anda doente
Bocejar de vinho, & dalhos,
Manjar em branco excellente.

A derradeyra a Francisco de Mello.

De hum homem, que teve o cetro
Da vea maravilhosa,
Não foy cousa duvidosa,
Que se lhe tornava em metro,
O que hia a dizer em prosa.
De mi vos quero affirmar
Que faça cousas mais novas,
De quanto podeis cuydar,
E esta cea, que he manjar,
Vos faça na boca em trovas.

Na India ao Visorey, com o mote adiante.

Conde, cujo illustre peyto
Merece nome de Rey,
Do qual muyto certo sey,
Que lhe fica sendo estreyto
O cargo de Visorrey.
Servirdesvos de ocuparme
Tanto contra meu planeta,
Não foy senaõ azas darme,
Com as quaes vou a queymarme,
Como o faz a borboleta
E se eu a pena tomar,
Que tam mal cortada tenho,
Serà para celebrar
Vosso valor singular,
Dino de mais alto engenho,
Que se o meu vos celebrasse
Necessario me seria,
Que os olhos d'Aguia tomasse,
Sò para que nam cegasse
No sol de vossa valia.
Vossos feytos sublimados,
Nas armas dignos de gloria,
São no mundo tam soados,
Que em vós de vossos passados,
Se resuscita a memoria.
Pois aquelle animo estranho,
Pronto para todo effeyto,
Espanta todo o conceyto,
Como coração tamanho
Vos pòde caber no peyto?
A clemencia, que asserena
Coração tam singular,
Se eu nisso puzesse a pena,
Seria encerrar o mar
Em cova muyto pequena.
Bem basta, senhor, que agora
Vos sirvais de me ocupar,
Que assi fareis aparar
A pena, com que algum hora,
Vòs vereis ao Ceo voar.
Assi vos irey louvando,
Vòs a mi do chaõ erguendo,
Ambos o mundo espantando,
Vòs com a espada cortando,
Eu com a pena escrevendo.

Mote, que lhe mandou o Visorrey, para lhe fazer humas Voltas.

Muyto sou meu inimigo,
Pois que não tiro de mi
Cuydados, com que naci,
Que poem a vida em perigo,
Oxalá, que fora assi.

O Autor.

Viver eu sendo mortal
De cuydados rodeado,
Parece meu natural,
Que a peçonha nam faz mal,
A quem foy nella criado,
Tanto sou meu inimigo
Que por não tirar de mi
Cuydados com que naci
Porey a vida em perigo,
Oxalá que fora assi
Tanto vim acrecentar
Cuydados, que nunqua amansaõ,
Em quanto a vida durar,
Que canso jà de cuydar,
Como cuydados nam cansaõ.
Se estes cuydados, que digo,
Déssem fim ami, & asi,
Farião pazes comigo,
Que pòr a vida em perigo,
O bom fora para mi.

A huma dama, que lhe mandou pedir algumas obras suas.

Senhora, se eu alcançasse
No tempo, que ler quereis,
Que a dita dos meus papeis,
Pela minha se trocasse,
E por ver
Tudo o que posso escrever,
Em mais breve relação,
Indo eu aonde elles vão,
Pormi só quizesseis ler.
Despois de ver hum cuydado
Tam contente de seu mal,
Vereis o natural,
Do que aqui vedes pintado,
Que o prefeyto
Amor, de que sou sogeyto,
Vereis aspero, & cruel,

Aqui com tinta,& papel,
Em mi com sangue no peyto.
Que hum continuo imaginar
Naquillo,que Amor ordena,
He pena,que emfim por pena
Senam póde declarar;
Que se eu levo
Dentro n'alma quanto devo
De tresladar em papeis,
Vede,que melhor lereis,
Se a mi,se aquillo que escrevo?

A huma senhora, a quem derão hum pedaço de sitim amarello.

Se derivais da verdade
Esta palavra, *Sitim*,
Achareis sem falsidade,
Que apos o fim tem o tim
Que tine em toda a cidade.
Bem vejo,que me entendeis,
Mas porque nam falle em vão,
Sabey,que a esta nação,
Tanto que o si concedeis,
O tim logo está na mão.
E quem da Fama se arreda,
Que tudo vay descubrir,
Deve sempre de fugir
De sitins,porque da seda
Seu natural he rugir.
Mas pano fino,& delgado,
Qual arax,& outros assi,
Dura,aquenta,& he callado,
Amoroso,& dà de si,
Mais que sitim,nem brocado.
Mas estes,que sedas saõ,
Com que se enganão mil damas,
Mais usa tomaõ,do que dão,
Prometem,mas nam darão,
Senam nodas para as Famas,
E se nam me quereis crer,
Ou tomais outro caminho,
Por exemplo o podeis ver,
Quando lá virdes arder
A casa d'algum vizinho.
Oh feminina simpreza,
Donde estão culpas a pares,
Que por hum dom de nobreza,
Deyxão dões da natureza,
Mais altos,& singulares:
Hum dom,que anda enxertado
No nome,& nas obras nam,
Fallo como exprimentado,
Que sitim desta feyção,
Eu tenho muyto cortado.
Dizeymme,que era amarelo,
E quem assi o quiz dar,
Só para me Deos vingar,
Se vem á maõ amarelo,
O que eu nam posso cuydar,
Porque quem sabe viver
Por estas artes manhosas,
Isto bem pòde nam ser
Dà a mininas fermosas,
Sómente pelas fazer.
Quem vos isto diz,senhora,
Servio nas vossas armadas
Muyto,mas anda jà fora,
E póde ser que inda agora
Tras abertas as frechadas,
E posto que disfavores
O tirão de servidor,
Quervos ventura melhor,
Que dos antigos amores,
Inda lhe fica este amor.

A hũa senhora rezando por humas contas.

Peçovos,que me digais
As orações,que rezastes,
Se são pelos,que matastes,
Se por vós,que essi matais?
Se saõ por vos,saõ perdidas,
Que qual será ao raçaõ,
Que seja satisfaçaõ,
Senhora,de tantas vidas?
Que se vedes quanto vem
A só vida vos pedir
Como vos hà Deos de ouvir,
Se vós nam ouvis ninguem?
Nam podeis ser perdoada
Com mãos a matar tam prontas,
Que se numa trazeis contas,
Na outra trazeis espada.
Se dezeis,que encomendando
Os que matastes andais,
Se rezais,por quem matais,
Para que matais rezando?
Que se na força do orar
Levantais as mãos aos Ceos,
Nam as ergueis para Deos,
Ergueylas para matar,
E quando os olhos cerrais,
Toda enlevada na fé,

Cerraõse os de quem vosvê,
Para nunqua verem mais
Pois se assi forem tratados
Os que vos vem quando orais,
Essas horas, que rezais,
Saõ as horas dos finados.
Pois logo se sois servida,
Que tantos mortos nam sejão,
Nam rezeis onde vos vejão,
Ou vede para dar vida.
Ou se quereis escusar
Estes males, que causastes,
Resucitay, quem matastes
Nam tereis, por quem rezar,

A huma Dama que lhe deo huma pena.

Se n'alma, & no pensamento
Por vosso me manifesto,
Nam me pesa do que sento,
Que senam sofrer tormento,
Faço offensa a vosso gesto.
E pois quanto Amor ordena,
E quanto esta alma deseja,
Tudo á morte me condena,
Nam quero senam que seja
Tudo pena, pena, pena.

A huma Dama, que lhe chamou cara sem olhos.

Sem olhos vio mal claro,
Que dos olhos se seguio:
Pois cara sem olhos vio
Olhos, que lhe custão caro,
De olhos nam faço menção,
Pois quereis que olhos nam sejão,
Vendovos olhos sobejão,
Nam vos vendo olhos nam saõ

Disparates na India.

Este mundo es el camino,
Adoay duzientos vács,
O por onde bõs, & maos,
Todos somos del merino,
Mas os maos saõ de teor,
Que, desque mudaõ a cor,
Chamaõ logo a ElRey compadre,
E emfim dexaldos mi madre,
Que sempre tem hum sabor,
De quem torto nace, tarde se endireyta

Deyxay a hum, que se abone,
Diz logo de muyto sengo,
Villas, ycastillos tengo,
Todos a mi mandar sone,
Entaõ eu, que estou de molho
Com alagrima no olho,
Pelo virar do envès
Digolhe, tu ex illis es,
E porisso nam te olho,
Pois honra, & proveyto naõ cabem num saco
Vereis huns, que no seu seyo,
Cuydaõ, que trazem Paris,
E querem comdous ceytis,
Vender anca pelomeyo,
Vereis mancebinho de arte
Com espada em talabarte,
Nam hamais Italiano:
A este direis, meu mano,
Vós sois galante, que farte,
Mas pan, y vino anda el camino, que no moço garrido.
Outros em cada teatro,
Por officio lhe ouvireis,
Que se mataràn con tres,
Y lo mismo haran con quatro:
Prezaõse de dar repostas,
Com palavras bem compostas,
Mas se lhe meteis a mão,
Na paz mostraõ coraçaõ,
Na guera mostraõ as costas,
Porque aqui torce a porca o rabo.
Outros vejo por ahi,
A que se acha mal o fundo,
Que andaõ emmendando o mundo,
E nam se emmendaõ asi;
Estes respondem a quem
Delles nam entende bem,
El dolor, que està secreto,
Mas porèm quem for discreto,
Responderlheha muyto bem,
Assi entrou o mundo, assi hade sahir
Achareis rafeyro velho,
Que se quer vender por galgo,
Diz que o dinheyro he fidalgo,
Que o sangue todo he vermelho,
Se elle mais alto o dissera,
Este pelote puzera,
Que o seu echo lhe responda,
Que su padre era de Ronda,
Y su madre de Antequera,
E quer cubrir o Ceo cuma joeyra.
Fraldas largas, grave aspeyto

Para senador Romano,
Oh que grandissimo engano,
Que Momo lhe abrisse o peyto.
Conciencia,que sobeja,
Siso,com que o mundo reja
Mansidão outro que si
Mas que lobo està em ti,
Metido em pele de oveja,
E sabemno poucos.
Guardayvos de huns meus senhores
Que ainda comprão,& vendem,
Huns,que he certo,qua descendem
Da geração de pastores:
Mostraõ se vos bõs amigos
Mas se vos vem em perigos,
Escarrãovos nas paredes,
Que de fóra dormiredes,
Irmão,que he tempo de figos,
Porque de rabo de porco uunqua bõ virote
Que direis de huns,que as entranhas
Lhe estaõ ardendo em cobiça,
E se tem mando,justiça
Fazem de teas de aranhas:
Com suas hypocresias,
Que saõ de vossas espias:
Para os pequenos huns Neros,
Para os grandes tudo feros:
Pois tu ,parvo,nam sabias,
Que là vaõ leys onde querem cruzados?
Mas tornando a huns enfadonhos,
Cujas cousas saõ notorias,
Huns,que contaõ mil historias,
Mais desmanchadas,que sonhos,
Huns mais parvos,que zamboas,
Que estudaõ palavras boas,
A que ignorancia os atiça,
Estes paguem por justiça,
Que tem morto mil pessoas,
Por vida de quanto quero.
Aonde tienen las mentes
Huns secretos trovadores,
Que fazem cartas de amores,
De que ficaõ muy contentes,
Nam querem sahir á praça
Trazem trova por negaça,
E selhe gabais,que he boa,
Diz,que he de certa pessoa:
Hora que quereis que faça,
Se nam irme por esse mundo?
O tu,como me atarracas,
Escudeyro de Solia,
Com bocais de fidalguia,
Trazido quasi com vacas,
Importuno a importunar,
Morto por desenterrar
Parentes,que cheyraõ jà,
Voto a tal,que me farà
Hum destes nunqua fallar
Mais com viva alma.
Huns,qne fallaõ,muyto vi,
De que quizera fugir,
Huns,que enfim sem se sentir,
Andaõ fallando entre si:
Porfiosos sem razão,
E desque tomaõ amaõ,
Fallaõ sem necessidade,
E se algum hora he verdade,
Deve ser na confissaõ,
Porque quem nam mente,
Jà me entendeis.
Oh vós,quem quer,que me lerdes
Que haveis de ser avisado,
Que dizeis ao namorado,
Que caça vento com redes?
Jura por vida da dama,
Falla comsigo na cama,
Passea de noyte,& escarra,
Por falsete na guitarra
Poem sempre,viva quem ama;
Porque calça a seu proposito.
Mas deyxemos,se quizerdes,
Por hum pouco as travessuras,
Porque entre quatro maduras
Leveis tambem cinco verdes.
Deytemonos mais ao mar,
E se algum se recear,
Passe tres,ou quatro trovas,
E vós tomais cores nòvas?
Mas nam he para espantar,
Que quem porcos ha menos,
Em cada mouta lhe roncão.
Oh vòs,que sois secretarios
Das conciencias Reais,
Que entre os homens estais
Por senhores ordinarios:
Porque nam pondes hum freo
Ao roubar , que vay sem meo,
Debayxo de bom governo?
Pois hum pedaço de inferno,
Por pouco dinheyro alheo,
Se vende a Mouro,& a Judeu
Porque amante affeyçoada
Sempre à Real dinidade,
Vos faz julgar por bondade

A malicia desculpada?
Move a presença Real
Huma affeyção natural,
Que logo inclina ao Juiz
A seu favor, & nam diz
Hum rifaõ muyto géral,
Que o Abbade donde canta, dahi janta.
E vòs baylais a esse som,
Por isso gentis pastores,
Vos chama a vòs mercadores,
Hum, que só foy pastor bom

A João Lopes Leytão, sobre huma peça de cacha, que mandou a huma Dama, que se lhe fazia donzella.

Mote.

Se vossa dama vos dá,
Tudo quanto vós quizestes,
Dizey, para que lhe déstes,
O que vos ella fez já?
Sendo os restos envidados,
E vòs de cachas mil contos,
Sabeis com quaõ poucos pontos,
Que olhos achastes quebrados:
Se o que tem isso vos dá,
Vós muy bem lho merecestes,
Porque se a cacha lhe déstes
Tinhavola feyta jà.

A Dona Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar esta regra.

Mas porèm a que cuydados.
Tanto mayores tormentos
Foraõ sempre, osque sofri,
Daquillo, que cabe em mi,
Que nam sey, que pensamentos,
São os para que naci.
Quando vejo este meu peyto
A perigos arriscados.
Inclinado, bem suspeyto,
Que a cuydados sou sugeyto.
Mas porém a que cuydados?

Ao mesmo.

Que vindes em mim buscar,
Cuydados, que sou cativo?
Eu nam tenho, que vòs dar,
Se vindis a me matar,
Já ha muyto, que nam vivo:
Se vindes, porque me dais
Tormentos desesperados,
Eu, que sempre sofri mais,
Nam digo, que nam venhais,
Mas porém a que cuydados?

Ao mesmo.

Se as penas, que amor me deu,
Vem por tam suaves meos,
Nam ha que temer receos,
Que val hum cuydado meu,
Por mil descansos alheos.
Ter nũs olhos tam fermosos
Os sentidos enlevados,
Bem sey que em bayxos estados,
São cuydados perigosos,
Mas porém a que cuydados.

Carta com a glosa acima.

DEyxe-me enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he servida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe, que huma vida trabalhosa, he menos de agradecer, que huma morte descansada. Mas se esta vida, que agora de novo me dà, for para ma tornar a tomar, servindose della, nam me fica mais, que desejar, que poder acertar com este mote de v. m. ao qual dey tres entendimẽtos, segundo as palavras delle pudéraõ sofrer, se forem bons, he mote de v. m. se maos, saõ as glosas minhas.

Mote alheo.

Campos bemaventurados
Tornayvos agora tristes,
Que os días, em que me vistes
Alegres, já saõ passados

Glosa.

Campos cheos de prazer
Vós, que estais reverdecendo,
Jà me alegrey com vos ver,
Agora venho a temer,
Que entristeçais em me vendo,
E pois a vista alegrais
Dos olhos desesperados,
Nam quero, que me vejais,

Para que sempre sejais,
Campos bemaventurados.
Porém se por accidente
Vos pesar de meu tormento,
Sabereis, que amor consente,
Que tudo me descontente,
Senam descontentamento.
Por isso vós, arvoredos
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias, que medos,
Se mos quereis fazer ledos,
Tornayvos agora tristes,
Jà me vistes lédo ser,
Mas despois que o falso Amor
Tam triste me fez viver,
Lédos folgo de vòs ver
Porque me drobeis a dor.
E se este gosto sobejo
De minha dor me sentistes,
Julgay quanto mais desejo
As horas, que vos não vejo,
Que os dias, em que me vistes.
O tempo, que he desigual,
De secos, verdes vos tem,
Porque em vosso natural,
Se muda o mal para o bem,
Mas o meu para mór mal.
Se perguntais, verdes prados,
Pelos tempos differentes,
Que de amor me forão dados
Tristes, aqui saõ presentes,
Alegres, já saõ passados.

Mote alheo.

Trabalhos descansariaõ,
Se para vòs trabalhasse
Tempos tristes passariaõ,
Se alguma hora vos e mbrasse.

Glosa.

Nunqua o prazer se conhece,
Senam despois da tormenta,
Tam pouco o bem permanece,
Que se o descanso florece,
Logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bens se lograrião,
Mas os males tudo atalhão,
Porém já que assi porfião,
Onde descansos trabalhão,
Trabalhos descansarião.

Qualquer trabalho me fora
Por vòs graõ contentamento,
Nada sentira, senhora,
Se vira disto algum hora,
Em vòs hum conhecimento,
Por mal, que o mal me tratasse
Tudo por bem tomaria,
Posto que o corpo cançasse,
A alma descansaria,
Se para vòs trabalhasse.
Quem vossas cruezas jà
Sofreo, a tudo se poz,
Costumado ficarà
E muyto melhor serà,
Se trabalhar para vòs.
Tristezas esquecerião,
Posto que mal me tratáraõ,
Annos nam me lembrariaõ,
Que como estoutros passàraõ,
Tempos tristes passariaõ.
Se fosse galardoado
Este trabalho tam duro,
Nam vivera magoado,
Mas nam o foy o passado,
Como o serà o futuro?
De cansar nam cansaria,
Se quizereis, que cansasse,
Cavar, morrer, salohia,
Tudo, em fim esqueceria
Se algum hora voslembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
Pois quer vossa condição,
Que os males, que dais por pena,
Me fiquem por galardaõ.

Glosa.

Despois de sempre sofrer
Senhora, vossas cruezas,
A pesar de meu querer,
Mequereis satisfazer
Meus serviços com tristezas,
Mas pois em balde resiste,
Quem vossa vista condena,
Prestes estou para a pena,
Que de galardão tam triste,
Triste vida se meordena
De contente do mal meu
A tam grande estremo vim,

Que

Que consinto em minha fim,
Assi que vós,& mais eu,
Ambos somos contra mim.
Mas que sofra meu tormento,
Sem querer mais galardão,
Nam he fòra de razaõ,
Que queira meu sofrimento
Pois quer vossa condição,
O mal,que vós dais por bem,
Esse,senhora,he mortal,
Que o mal,que dais como mal
Em muyto menos se tem,
Por costume natural,
Mas porém nesta vitoria,
Que comigo he bem pequena
A mayor dor me condena,
A pena,que dais por gloria,
Que os males,que dais por pena.
Que mór bem me possa vir,
Que servirvos nam o sey,
Pois que mais quero eu pedir,
Se quanto mais vos servir;
Tanto mais vos deverey?
Se vossos merecimentos
De tam alta estima saõ,
Assaz de favor me daõ,
Em querer,que meus tormentos
Me fiquem por galardaõ.

Mote alheo.

Jâ nam posso ser contente,
Tenho a esperança perdida.
Ando perdido entre a gente
Nem morro,nem tenho vida.

Glosa.

Despois que meu cruel Fado
Destruio huma esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquey sem mudança,
E do bem desesperado:
O coração, que isto sente,
A sua dor nam resiste,
Porque vé muy claramente,
Que pois naci para triste,
Já nam posso ser contente.
Por isso contentamentos
Fugi de quem vos despreza,
Já fiz outros fundamentos,
Jà fiz senhora a tristeza
De todos meus pensamentos
O menos,que lhe entreguey,
Foy esta cansada vida,
Cuydo,que nisto acertey,
Porque de quanto esperey,
Tenho a esperança perdida.
Acabar de me perder
Fora jà muyto melhor,
Tivera fim esta dor
Que nam podendo mór ser,
Cada vez a sinto mór:
De vòs desejo esconderme,
E de mi principalmente,
Onde ninguem possa verme,
Que pois me ganho em perderme
Ando perdido entre a gente.
Gostos de mudanças cheos
Nam me busqueis,nam vos quero,
Tenhovos por tam alheos,
Que do bem,que naõ espero,
Inda me ficaõ receos.
Em pena tam sem medida,
Em tormento tam esquivo,
Que moura,ninguem duvida,
Mas eu se morro,ou se vivo,
Nem morro,nem tenho vida.

Mote a huma Dama.

A morte,pois que sou vosso,
Nam na quero,mas se vem,
Hade ser todo meu bem.

Glosa.

Amor,que em meu pensamento
Com tanta fé se fundou,
Me tem dado hum regimento,
Que quando vir meu tormento.
Me salve com cujo sou,
E com esta defensão,
Com que tudo vencer posso,
Diz a causa ao coração,
Nam tem em mi jurdição,
A morte,pois que sou vosso.
Por exprimentar hum dia
Amor,se me achava forte,
Nesta fé,como dizia,
Me convidou com a morte,
Sò por ver se a tomaria.
E com ella seja a cousa,
Onde està todo meu bem,

 Respondilhe

Respondihe, como quem
Quer dizer mais, & nam ousa,
Nam a quero, mas se vem.
Nam disse mais, porque então
Entendeo quanto me toca,
E se tinha dito o nam,
Muytas vezes diz a boca,
O que nega o coração.
Toda a cousa defendida,
Em mais estima se tem,
Por isso he couza sabida,
Que perder por vòs a vida,
Ha de ser todo meu bem.

Mote a huma Dama que se chamava Anna.

Vejo nalma pintada,
Quando me pede o desejo,
A natural, que nam vejo.

Glosa.

Se só de ver puramente,
Metransformey no que vi,
De vista tam excellente,
Mal poderey ser ausente,
Em quanto o nam for de mi.
Porque a alma namorada
A traz tambem debuxada,
E a memoria tanto voa,
Que se a nam vejo em pessoa,
Vejoa na alma pintada.
O desejo, que se estende
Ao que menos se concede,
Sobre vòs pede, & pertende
Como o doente, que pede,
O que mais se lhe defende:
Eu, que em ausencia nam vejo,
Tenho piedade, & pejo,
De me ver tam pobre estar,
Que então nam tenho, que dar,
Quando me pede o desejo
Como aquelle, que cegou,
He cousa vista, & notoria,
Que a natureza ordenou,
Que se lhe dobre em memoria,
O que em vista lhe faltou,
Assi a mim, que nam vejo
Os olhos, ao que desejo,
Na memoria, & na firmeza
Me concede a natureza
A natural, que nam vejo.

Mote alheo.

Sem, vòs, & com meu cuydado,
Olhay com quem, & sem quem

Glosa.

Vendo amor, que com vos ver
Mais levemente sofria
Os males, que me fazia,
Nam me pode isto sofrer:
Conjurouse com meu Fado,
Hum novo mal me ordenou,
Ambos me levão forçado,
Nam sey onde, pois, que vou
Sem vós, & com meu cuydado.
Nam sey qual he mais estranho,
Destes dous males, que sigo,
Se nam vos ver, se comigo
Levar imigo tamanho.
O que fica, & o que vem,
Hum me mata, outro desejo
Com tal mal, & sem tal bem,
Em tais estremos me vejo,
Olhay com quem, & sem quem?

Ao mesmo.

Amor, cuja providencia
Foy sempre, que nam errasse
Porque n,alma vos levasse
Respeytando o mal de ausencia,
Quiz que em vós me transformasse
E vendome ir maltratado,
Eu, & meu cuydado sòs
Proveo nisso de attentado,
Por nam me ausentar de vòs,
Sem vos, & com meu cuydado.
Mas est'alma, que eu trazia,
Porque vós nella morais,
Deyxame cego, & sem guia,
Que ha por melhor companhia,
Ficar onde vòs ficais.
Assi me vou de meu bem,
Onde quer a sorte estrella,
Sem alma, que em si vos tem,
Co mal de viver sem ella,
Olhay com quem, & sem quem?

Mote alheo.

Sem ventura he por demais

Glosa.

Todo o'trabalhado bem,
Promete gostoso fruito.
Mas os trabalhos,que vem,
Para quem dita nam tem,
Valem pouco,& custão muyto.
Rompe em toda a pedra dura,
Faz os homens immortais
O trabalho quando a tura
Mas querer achar ventura
Sem ventura,he por demais.

Mote alheo.

Minh'alma lembrayvos della.

Glosa.

Pois o vervos tenho em mais,
Que mil vidas,que medeis,
Assi como,aque me dais,
Meu bem,jà que mo negais
Meus olhos,nam mo negueis.
E se a tal estado vim,
Guiado de minha estrella,
Quando houverdes dó de mim,
Minha vida,daylhe a fim,
Minh' alma lembrayvos della.

Mote alheo.

Tudo póde huma affeyção.

Glosa.

Tem tal jurdição amor,
N'alma donde se aposenta,
E de que se faz senhor,
Que a liberta,& izenta
De todo humano temor,
E com muy justa razão,
Como senhor soberano,
E pois me sofre tenção,
Gritarey por desengano,
Tudo póde huma affeyção.

Trovas de Boscão.

Justa fue mi perdicion,
De mis males soi contento
Ya no espero galardon,
Pues vuestro merecimiento
Satisfizo a mi passion,

Glosa.

Despues que amor meformó
Todo de mor,qual me veo,
En las leyes,que medió,
El mirar me consintiò,
Y de fendiòme el desseo.
Mas el alma como injusta,
En viendo tal perfecion,
Diò al desseo ocasion,
Y pues quebrè ley tan justa,
Justa fue mi perdicion.
Mostrandoseme el amor,
Más benigno,que cruel,
Sobre tyrano traydor,
Dezelos de mi dolor,
Quiso tomar parte en él.
Yo,que tan dulce tormento
No quiero dallo,aunque peco
Resisto,y no lo consiento;
Mas si me lo toma atrueco,
De mis males soy contento.
Señora,ved lo que ordena
Este amor tan falso nuestro,
Por pagar a costa agena,
Manda que de un mirar vuestro
Haga el premio de mi pena.
Mas vós,para que veais
Tan engañosa intencion,
Aunque muerto me fintais,
No mireis,que si mirais,
Yá no espero galardon.
Pues que premio,me direis,
Esperas,que será bueno?
Sabed,sino lo sabeis,
Que es lo más de lo que peno
Lo menos,que mereceis.
Quien haze al mal tan ufano,
Y tan libre al sentimiento,
El desseo?No,que es vano,
El amor?No,que es tyranno,
Pues?Vuestro merecimiento.
No pudiendo amor robarme

De

De mis tan caros despojos.
Aunque fue por más honrarme
Vos sola para matarme
Le prestastes vuestros ojos.
Mataranme ambos a dos,
Mas a vòs con más razon
Deve élla satisfacion,
Que a mi por él,& por vós,
Satisfizo mi passion.

Mote.

Menina fermosa,& crua,
Bem sey eu,
Quem deyxarà de ser seu,
Se vòs quizereis ser sua.

Voltas.

Menina mais que naidade,
Se,para me querer bem,
Vos nam vejo ter vontade,
He,porque outrem vola tem,
Tem vola,& fazvola crua
Porém eu
Já tomàra nam ser meu,
Se vós nam foreis tam sua.
Nos olhos,& na affeyção
Vos vi,quando vos olhava,
Tanta graça,que vos dava
De graça este coração:
Nam no quizestes de crua,
Por ser meu,
Se outrem vos déra o seu,
Póde ser foreis mais sua.
Menina tende maneyra,
Que ainda nam venha a ser,
Pois nam quereis,quem vos quer,
Que queyrais,quem vos naõ queyra
Olhay nam me sejais crua,
Que pois eu
Quero ser vosso,& nam meu,
Sede vós minha,& nam sua.

A huma Dama doente.

Da doença,em que hora ardeis
Eu fora vossa mézinha
Só com vós serdes a minha.
He muyto para notar,
Cura tambem acertada,
Que podereis ser curada
Sómente com me curar.
Se quereis,dama trocar,
Ambos temos a mézinha,
Eu a vossa,& vós a minha
Olhay,que nem quer Amor,
Porque fiquemos iguaes,
Pois meu ardor naõ curais,
Que se cure vosso ardor:
Eu cà sinto vossa dor,
E se vòs sentis a minha.
Day,& tomay a mézinha.

Outro.

Deo,senhora,por sentença
Amor,que fosseis doente,
Para fazerdes á gente
Doce,& fermosa a doença.
Não sabendo amor curar,
Foy a doença fazer
Fermosa pera se ver,
Doce para se passar
Então vendo a differença,
Que ha de vòs a toda a gente
Mandou,que fosseis doente,
Para gloria da doença.
E digovos de verdade,
Que a saude anda envejosa,
Por ver estar tam fermosa
Em vós essa enfermidade,
Naõ façais logo detença
Senhora,em estar doente,
Porque adoecerà a gente,
Com desejos da doença.
Que eu por ter,fermosa dama
A doença,que em vòs vejo
Vos confesso,que desejo
De cahir com vosco em cama.
Se consentis,que me vença
Deste mal,naõ houve gente
Da saude taõ contente
Como eu serey da doença.

Ao mesmo.

Olhay,que dura sentença
Foy amor dar contra mi,
Que porque em vós me perdi,
Em vós me busque a doença.
Claro está,
Que em vòs sô me acharà,
Que em mi se me vem buscar,
Nam poderá mais achar,

Que a fórma, do que foy já.
Que se em vós Amor se poz,
Senhora, he forçado assi
Que o mal, que me busca ami,
Que vos faça mal avós,
Sem mentir,
Amor me quiz destruir,
Por modo nunqua cuydado,
Pois ha de ser já forçado,
Pesarvos de vos servir
Mas sois tam desconhecida,
E são meus males de sorte,
Que vos ameaça a morte,
Porque me negais avida;
Se por boa
Tal justiça, se pregoa,
Quando desta sorte for,
Havey vós perdaõ de amor,
Que a parte já vos perdoa.
Mas, o que mais temo emfim,
He que nesta differença,
Que se naõ torne a doença
Se me não tornais a mim.
De verdade,
Que já vossa humanida
De que se queyxe não tem,
Pois para as almas tambem
Fez Amor enfermidade.

Mote a huma Dama vestida de dò

De atormentado, & perdido,
Já vos não peço, senão,
Que tenhais no coração
O que tendes no vestido.

Voltas.

Se de dó vistida andais,
Por quem já vida naõ tem,
Porque nam no haveis, de quem
Vós tantas vezes matais?
Que brado sem ser ouvido,
E nunqua vejo, senão
Cruezas no coração,
E grande dó no vestido.

A Dona Guiomar de Blasfé, queymandose Com huma vella no rosto.

Mote.

Amor, que todos offende
Teve, senhora, por gosto,
Que sentisse o vosso rosto,
O que nas almas acende.

Volta.

Aquelle rosto, que traz
O mundo todo abrazado,
Se foy de flamma tocado,
Foy porque sinta, o que faz.
Bem sey que amor se vos rende,
Porèm o seu presuposto,
Foy sentir o vosso rosto
O que nas almas acende.

A huma mulher açoutada por hum homem, que chamavão Coresma.

Naõ estejais agravada,
Senaõ se for de vós mesma,
Porque a mulher, que he errada,
Com razaõ pola Coresma,
Deve ser disciplinada,

Volta.

Quererdes profano Amor
Em Coresma, he conciencia;
Açoutes, & penitencia
Vos està muyto melhor.
Naõ fiqueis disto afrontada,
Pois a culpa he vossa mesma,
Que mulher, que he taõ malvada,
He bem, que pela Coresma
Seja bem disciplinada.
Se a penitencia vos val,
Muy bem açoutada estais,
Pois por Coresma pagais,
Vossos vicios do carnal.
Naõ torneis a ser errada,
Nem condeneis a vòs mesma;
Pois estais jà emmendada,
E naõ sereis por Coresma
Outra vez disciplinada.

A hum fidalgo, que lhe tardava com huma camiza, que lhe prometeo.

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Para mais se engrandecer,
Hade trazer sempre odar
Nas ancas do prometer.

E

E já que vossa mercé,
Largueza tem por diviza,
Como o mundo todo vé,
Ha mister, que tanto dé,
Que venha a dar a camiza.

A huma Dama, que lhe chamou diabo, por nome Joam dos Anjos.

Mote.

Senhora, pois me chamais
Tam sem razão tam mao nome,
Inda o diabo vos tome.

Volta.

Quem quer que vio, ou que leo,
Terà por novo, & moderno,
Ter quem vive no inferno,
O pensamento no Ceo.
Mas se avós vos pareceo,
Que me estava bem tal nome,
Esse diabo vos tome.
Perdido mais, que ninguem.
Confesso, senhora, ser;
Mas o diabo naõ quer
Aos Anjos tamanho bem:
Pois Anjo naõ me convem,
Ou se me convem tal nome,
Será para que vos tome.
Se vos benzeis com cautela,
Como de Anjo, & não de luz,
Mal pode fugir da Cruz,
Quem vós tendes posto nella,
Mas já que foy minha estrella,
Ser diabo, & ter tal nome,
Guardayvos, que vos naõ tome.
Já que chegais tanto ao cabo,
Com as mãos póstas aos Ceos,
Vou sempre pedindo a Deos,
Que vos leve este diabo.
Eu, senhora, naõ me gabo,
Mas pois que me dais tal nome,
Tomoo para que vos tome.

A hum amigo, que naõ podia encontrar.

Mote.

Qual terá culpa de nós
Neste mal, que todo he meu?
Quando vindes não vou eu
Quando vou naõ vindes vós
Reynando amor em dous peytos,
Tece tantas falsidades,
Que de conformes vontades
Faz desconformes effeytos.
Igualmente vive em nós,
Mas por desconcerto seu
Vos leva se venho eu,
Me leva se vindes vós.

Mote seu.

Descalsa vay pela neve,
Assi faz, quem amor serve.

Voltas.

Os privilegios, que os Reys
Naõ pódem dar, póde Amor,
Que faz qualquer amador
Livre das humanas leys,
Mortes, & guerras crueis,
Ferro, frio, fogo, & neve
Tudo sofre, quem o serve
Moça fermosa despreza
Todo o frio, & toda a dor,
Olhay quanto póde Amor,
Mais que a propria natureza,
Medo, nem delicadeza
Lhe impede, que passe a neve,
Assi faz quem amor serve.
Por mais trabalhos, que leve,
A tudo se offerecería
Passa pela neve fria,
Mais alva, que a propria neve,
Com todo frio se atreve
Vede em que fogo ferve
O triste, que amor serve.

Outro alheo.

A dor, que a minha alma sente
Nam na sabe toda a gente,

Voltas.

Que estranho caso de amor,
Que desejado tormento,
Que venho a ser avarento
Das dores de minha dor.
Por me nam tratar peor,

Se

Se se sabe,ou se sente,
Naõ na digo a toda a gente.
Minha dor,& causa della,
De ninguem ouso fiar,
Que seria aventurar
A perderme,ou a perdela;
E pois sò com padecela,
A minha alma està contente,
Naõ quero,que o sayba a gente.
Ande no peyto escondida
Dentro n'alma sepultada
Demi só seja chorada,
De ninguem seja sentida,
Ou me mate,ou medé vida,
Ou viva triste,ou contente
Naõ ma sayba toda a gente

Outro seu.

D'alma,& de quanto tiver
Quero,que me despojeis,
Com tanto,que medeyxeis
Os olhos para vos ver.

Volta.

Cousa este corpo naõ tem,
Que jâ naõ tenhais rendida,
Despois de tirarlhe a vida,
Tiraylhe a morte tambem:
Se mais tenho,que perder,
Mais quero,que me leveis,
Com tanto,que me deyxeis
Os olhos para vos ver,

Mote alheo.

Amores de huma casada,
Que eu vi pelo meu mal

Voltas.

Numa casada fui pór
Os olhos desi senhores,
Cuydey, que fossem amores,
Elles fizeraõse amor.
Fazse o desejo mayor
Donde o remedio nam val,
Em perigo de meu mal.
Nam me pareceo,que Amor
Pudesse tanto comigo,
Que donde entra por amigo
Se levante por senhor:
Levame de dor em dor,
E definal em final,
Cada vez para mór mal.

Outro seu.

Enforquey minha esperança,
Mas Amor foy taõ madraso,
Que lhe cortou o baraço.

Voltas.

Foy a esperança julgada
Porsentença da ventura,
Que pois me teve á pendura,
Que fosse de pendurada.
Vem Cupido com a espada,
Cortalhe cerce o baraço
Cupido,foste madraço.

Outro seu.

Puz o coração nos olhos,
E os olhos puz no chão,
Por vingar o coração

Voltas.

O coração envejoso
Como dos olhos andava,
Sempre remoques me dava,
Que naõ era o meu mimoso,
Venho eu de piedoso,
Do senhor meu coração,
E boto os olhos no chão,

Outro seu.

Puz meus olhos numa funda,
E fiz hum tiro com ella
Aas grades de huma janella.

Voltas.

Huma dama de malvada,
Tomou seus olhos na mão,
E tiroume huma pedrada
Com elles ao coração.
Armey minha funda então,
E puz os meus olhos nella,
Trape,quebreylhe a janella.

Alheo.

De pequena tomey amor,
Porque o nam entendi,
Agora, que o conheci,
Matame com disfavor.

Voltas.

Vio moço, & pequenino,
E a mesma idade ensina,
Que se incline huma minina,
Aas amostras de hum minino:
Ouvilhe chamar Amor,
Pelo nome me venci,
Nunqua tal engano vi,
Nem tamanho desamor.
Creceome de dia em dia,
Com a idade a affeyção,
Porque amor de criação,
Nalma, & na vida se cria
Crioule em mi este amor,
E senhoreouse de mi,
Agora que o conheci,
Matame com disfavor.
Asflores me torna abrolhos,
A morte me determina,
Quem eu trouxe de minina,
Nas mininas de meus olhos.
Desta magoa, & destrdor,
Tenho sabido, que em fim
Por amor me perco amim,
Porquem de mi perde amor.
Parece ser caso estranho,
O que amor em mim ordena
Que em idade taõ pequena
Haja tormento tamanho.
Sejaõ milagres de amor,
Heyos de sofrer assi,
Até que haja dó de mi,
Quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartaraõse os meus olhos
De mi tão longe,
Falsos amores,
Falsos maos enganadores.

Voltas.

Trataraóme com cautella,
Por me enganar mais azinha,
Deylhe posse d'alma minha,
Foraóme fugir com ella
Nem ha vellos, nem ha vella
De mi taõ longe,
Falsos amores,
Falsos maos enganadores.
Entregueylhe a liberdade,
E em fim da vida o melhor,
Foraõse, & do desamor,
Fizeraõ necessidade,
Quem teve a sua vontade,
De mi tam longe,
Falsos amores,
E oxalá enganadores.

Outra.

Falso cavaleyro ingrato,
Enganaisme,
Vós dizeis, que eu vos mato,
E vós mataisme.

Voltas.

Costumadas artes são
Para enganar innocencias,
Piedosas aparencias,
Sobre izento coração:
Eu vos amo, & vòs ingrato
Magoaisme,
Dizendo, que eu vos mato,
Evós mataisme.
Vede agora qual de nòs,
Anda mais perto do fim,
Que a justiça fazse em mim,
E o perdão diz, que sois vós.
Quando mais verdade trato
Levantaisme,
Que vos desamo, & vos mato,
E vòs mataisme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
He porque para vós vejo
Em todo o mundo desejo,
E em ninguem merecimento.

Voltas.

Voltas.

Para quem vos ſoube olhar
Tam impoſſivel foy ſer,
O podervos merecer,
Como o naõ vos deſejar.
Pois logo a meu penſamento
Nenhum remedio lhe vejo,
Se naõ ſe dér o deſejo,
Azas ao merecimento.

A alheo.

Vós ſenhora tudo tendes.
Senaõ que tendes os olhos verdes.

Voltas.

Dotou em vós natureza
O ſummo da perfeyção,
Que o que em vós he ſenam,
He em outras gentileza:
O verde nam ſe deſpreza,
Que agora que vòs o tendes,
Saõ bellos os olhos verdes.
Ouro,& azul he a melhor
Cor, porque a gente ſe perde,
Mas agraça deſſe verde,
Tira a graça a toda cor.
Fica agora ſendo a flor
A cor, que nos olhos tendes,
Porque ſão voſſos,& verdes.

Alheo.

Para que me dan tormento,
Aprovechando tan pouco,
Perdido, mas no tan loco,
Que deſcubra lo que ſiento.

Voltas.

Tiempo perdido es aquel,
Que ſe paſſa en darme afan,
Pues qusnto màs melo dan,
Tanto menos ſiento dél.
Que deſcubra lo que ſiento?
No lo haré, que no es tan poco,
Que no puede ſer tan loco,
Quien tiene tal penſamiento,
Se pan que memanda Amor,
Que de tan dulce querella,
A nadie dé parte della,
Porque la ſienta mayor.
Es tan dulce mi tormento,
Que aun ſe me antoja poco,
Y ſi es mucho quede loco
De guſto de lo que ſiento.

Alheo.

De vueſtros ojos centellas,
Quien encienden pechos de yelo,
Suben por el ayre al cielo,
Y en llegando ſon eſtrellas

Voltas.

Falſos loores os dan,
Que eſſas centellas tan raras,
No ſon nel cielo màs claras,
Que en los ojos donde eſtan.
Porque quando miro en ellas
El como alumbran al ſuelo,
No ſé que ſeran nel cielo
Mas ſe que acá ſon eſtrellas.
Ni ſe puede preſumir,
Que al cielo ſuban, ſeñora,
Que la lumbre, que en vòs móra
No tiene màs, que ſubir,
Mas pienſo, que dan querellas
A Dios nel octavo cielo,
Porque ſon acà en el ſuelo
Dos tan hermoſas eſtrellas.

Alheo.

De dentro tengo mi mal,
Que de fuera no ay ſeñal.

Voltas.

Mi nueva, y duce querella
Es inviſible ala gente,
El alma ſolo la ſiente,
Que el cuerpo no es dino della,
Como la viva centella
Se encubre en el pedernal,
De dentro tengo mi mal.

Alheo.

Amor loco, amor loco,
Yo por vós, y vòs por otro.

Voltas.

Diòme Amor tormentos dos,
Para que pene doblado,
Uno es verme desamado,
Otro es manzilla de vòs,
Ved que ordena Amor en nós?
Porque, vòs hazeisme loco,
Que seais loca por otro.
Tratais amor de manera,
Que porque assi me tratais,
Quiere que pues no me amais,
Que ameis outro, que no es quiera,
Mas con todo sino os viera
De todo loca por otro,
Con más razon fuera loco.
Y tan contrario viviendo,
Alfin, alfin, conformamos,
Pues ambos a dos buscamos,
Lo que más nos vá huyendo
Voy tras vós siempre siguiendo,
Y vòs huyendo por otro,
Andais loca, y me hazeis loco

Alheo.

Todo es poco possible.

Glosa.

Ved, que engaño señorea,
Nuestro juizo tan loco,
Que por mucho que se crea,
Todo el bien, que se dessea,
Alcançado, queda poco.
Un bien de qualquiera grado,
Si de averse es impossible,
Queda mucho de sseado?
Mas para mucho alcançado?
Todo es poco lo possible.

Outra.

Possible es a mi cuydado,
Poderme hazer satisfecho,
Si fuera possible al hado
Hazer no hecho lo hecho
Y futuro lo passado.
Si olvido pudiera haver,
Fuera remedio sufrible:
Mas ya que no puede ser,
Para contento me hazer,
Todo es poco lo possible.

Alhea.

Vede bem se nos meus dias
Os desgostos vi sobejos,
Pois tenho medo a desejos,
E quero mal a alegrias.

Voltas.

Se desejos fuy jà ter,
Serviraõ de atormentarme,
Se algum bem pode alegrarme,
Quizme antes entristecer.
Passey annos, passey dias,
Em desgostos tam sobejos,
Que só por nam ter desejos,
Perderey mil alegrias.

Proprio.

Pois he mais vosso, que meu,
Senhora, meu coração,
Eu vosso captivo sam,
Meus olhos, lembrevos eu.

Volta.

Lembrevos minha tristeza,
Que já mais nunqua me deyxa,
Lembrevos com quanta queyxa,
Se queyxa minha firmeza:
Lembrevos que nam he meu
Este triste coração,
E pois ha tanta razão,
Meus olhos, lembrevos eu,

Outro.

Senhora, pois minha vida
Tendes em vosso poder,
Porserdes della servida.
Nam queyrais, que destruida
Possa ser.

Voltas.

Isto nam por me pesar
De morrer, se vòs quizerdes,
Que melhor me he acabar

Mil

Mil vezes, que soportar
Os males, que me fizerdes,
Mas só por serdes servida
De mim, em quanto viver,
Vos peço que minha vida,
Nam queyrais, que destruida
Possa ser.

Outro.

Pois dano me faz olharvos,
Nam quero, por nam querervos,
Que ninguem me veja, vervos

Volta.

De vervos a nam vos ver,
Ha dous estremos mortaes,
E saõ elles em si taes,
Que hum por hum me faz morrer:
Mas antes quero escolher,
Que possa viver sem vervos,
Minh'alma por nam perdervos.
Deste tamanho perigo,
Que remedio posso ter?
Se vivo sò com vosver,
Se vos nam vejo, perigo,
Mas quero acabar comigo,
Que ninguem me veja vervos,
Senhora, por nam perdervos.

A tres Damas, que lhe diziāo, que o amavāo.

Nam sey se me engana Helena,
Se Maria, se Joanna,
Nam sey, qual dellas me engana

Volta.

Huma diz, que me quer bem,
Outra jura, que mo quer,
Mas em jura de mulher,
Quem crerà se ellas nam crem?
Nam psso nam crer a Helena,
A Maria, nem Joanna,
Mas naõ sey, qual mais me engana.
Huma fazme juramentos,
Que sò meu amor estima,
A outra diz, que se fina,
Joanna, que bebe os ventos.
Se cuydo, que mente Helena,
Tambem mentirá Joana,
Mas quem mente naõ me engana.

A huma Dama mal empregada.

Minina, naõ sey dizer,
Vendovos taõ acabada,
Quaõ triste estou por vos ver,
Fermosa, & mal empregada.

Voltas.

Quem taõ mal vos empregou,
Pouco de mim se dohia,
Pois naõ vio o quanto me hia,
Em tirarme, o que tirou;
Obriga o primor, que tem
Lindeza taõ estremada,
Que digaõ quantos a vem,
Fermosa, & mal empregada,
Tomastes da fermosura,
Quanto della desejastes,
E com ella me guardastes
Para tam triste ventura.
Ma taveis sendo solteyra,
Matais agora em casada,
Matais de toda a maneyra,
Fermosa, & mal empregada.

A huma Foã Gonçalves.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora, cativo tendes,
Este meu coração Mendes.

Voltas.

Eu sou boa testemunha,
Que amor tem por cousa mà,
Que olhos, que saõ homens jà,
Se nomeem sem alcunha,
Pois o coração apunha,
E diz olhos pois vos tendes,
Chamayme coração Mendes.

Outro.

De que me serve fugir
De morte, dor, & perigo,
Se me eu levo comigo?

Voltas.

Voltas.

Tenhome persuadido,
Por razão conveniente,
Que naõ posso ser contente,
Pois que pude ser nacido.
Anda sempre tão unido
O meu tormento comigo,
Que eu mesmo sou meu perigo,
E se de mi me livrasse,
Nenhum gosto me sería:
Quem senaõ eu nam teria
Mal, que esse bem me tirasse
Força he logo que assi passe,
Ou com desgosto comigo,
Ou sem gosto, & sem perigo.

A huma Dama, que jurava pelos seus olhos.

Quando me quer enganar,
A minha bella perjura,
Para mais me confirmar,
O que quer certificar
Pelos seus olhos me jura.
Como meu contentamento
Todo se rege por elles,
Imagina o pensamento,
Que se faz agravo a elles,
Não crer taõ graõ juramento.
Porém como em casos taes
Anda jà visto, & corrente
Sem outros certos finaes,
Quanto me ella jura mais,
Tanto mais cuydo, que mente.
Entaõ vendolhe offender
Huns taes olhos como aquelles,
Deyxome antes tudo crer
Só pela naõ constranger,
A jurar falso por elles.

Alheo.

Vòs teneis mi coraçon,

Glosa.

Mi coraçon me han robado,
Y Amor viendo mis enojos
Me dixo, fuete llevado
Por los màs hermosos ojos,
Que desque vivo he mirado.
Gracias sobrenaturales
Te lo tienen en prision,
Y si amor tiene razon,
Señora, por las señales,
Vos teneis mi coraçon.

Alheo.

Ha hum bem, que chega, & foge,
E chamase este bem tal,
Ter bem para sentir mal.

Volta.

Quem viveo sempre num ser
Inda que seja em pobreza
Naõ vio o bem da riqueza
Nem o mal de em pobrecer,
Nam ganhou para perder,
Mas ganhou com vida igual,
Naõ ter bem, nem sentir mal.

A huma Dama, que lhe virou o rosto

Olhos nam vos mereci,
Que tenhais tal condição
Tam liberais para o chão,
Tam irosos para mi.

Voltas.

Bayxos, & honestos andais,
Por vos negardes, a quem
Nam quer mais, que aquelle bem,
Que vós no chaõ espalhais,
Se pouco vos mereci,
Nam me estimeis mais que o chaõ
A quem vós o galardão,
Dais, & mo negais a mi,

Proprio.

Venceome amor, nam o nego,
Tem mais força que eu assaz,
Que como he cego, & rapaz,
Dame porrada de cego.

Volta.

Só porque he rapaz ruim,
Deylhe hum bofete zombandò,

Dizme,

Dizme,ómao,eſtaiſme dando,
Porque ſois mayor que mim.
Pois ſe eu vos deſcarrego,
E em dizendo iſto chaz,
Torname outra,tà rapaz,
Que dàs porrada de cego.

Ao deſconcerto do mundo.

Os bós vi ſempre paſſar
No mundo graves tormentos,
E para mais me eſpantar,
Os maos vi ſempre andar,
Em mar de contentamentos.
Cuydando alcançar aſſi
O bem taõ mal ordenado,
Fuy mao, mas fuy caſtigado;
Aſſi,que ſô para mi,
Anda o mundo concertado.

A huma Dama, perguntandolhe quem o amava.

Mote.

Perguntaiſme,quem me mata,
Nam quero reſponder nada,
Por vos naõ fazer culpada.

Voltas.

E ſe a pena não me atiça,
A dizer pena taõ forte,
Querome entregar à morte,
Antes que avòs à juſtiça.
Porém ſe tendes cobiça
De vos verdes tam culpada,
Dizey,que naõ ſinto nada.

Mote.

Eſconjurote Domingas,
Pois me dás tanto cuydado,
Que me digas ſe te vingas,
Vivirey menos penado.

Voltas.

Juravaſme,que outras cabras
Folgavas de apecentar,
Eu por naõ me magoar,
Fingia,que eraõ palavras.
Agora de arte te vingas,
De algum meu doudo pecado
Que inda que queira Domingas,
Não poſſo ſer enganado.
Qualquer couſa buſca o ſeu,
A fonte vay para o Tejo,
E tu para o teu deſejo,
Por tevingardes do meu,
De mi te eſqueces Domingas,
Como eu faço do meu gado:
Praza a Deos,que ſe tevingas,
Que morra deſeſperado.
Na fantaſia te pinto,
Falote,reſponde o monte,
Buſco o rio,buſco a fonte,
Endoudeço,& nam o ſinto:
Domingas no valle brâdo,
Reſponde o ecco,Domingas,
E tu inda te naõ vingas
De me ver doudo tornado.

Alheo.

Se a alma ver ſe naõ pòde
Onde penſamentos ferem,
Que farey para me crerem?

Voltas.

Se n'alma huma ſô ferida
Faz na vida mil finais
Tanto ſe deſcobre mais,
Quanto he mais eſcondida:
Se eſta dor tão conhecida
Me nam vem,porque naõ querem
Que farey para ma crerem?
Se ſe pudeſſe bem ver,
Quanto callo,& quanto ſento
Deſpois de tanto tormento
Cuydaria alegre ſer:
Mas ſenaõ me querem crer
Olhos,que taõ mal me ferem,
Que farey para me crerem?

Alheo.

Voſſo bem quer,ſenhora,
Voſſo mal melhor me fora.

Voltas.

Jà agora certo conheço,
Ser melhor todo o tormento,

Onde o arrependimento,
Se compra por justo preço:
Enganoume hum bom começo,
Mas o fim me diz,agora,
Que o mal melhor me fora.
  Quando hum bem he tão danoso,
Que sendo bem dá cuydado,
O dano fica obrigado
A ser menos perigoso,
Mas se amim por desditoso,
Co bem me foy mal senhora,
Co vosso mal bem me fora.

Alheo.

Se medesta terra for,
Eu vos levarey Amor,

Voltas.

Se me for,& vos deyxar,
(Ponho por caso,que possa)
Est'alme minha,que he vossa,
Com vosco me ha de ficar:
Assi que sò porlevar
Aminh'alma se me for
Vos levarey meu amor.
  Que mal póde maltratarme
Que com vosco seja mal,
Ou que bem póde ser tal,
Que sem vós possa alegrarme?
O mal não pode enojarme,
O bem me sera mayor
Se vos levar meu amor.

Alheo,

Pequenos contentamentos,
Hi buscar,quem contereis,
Que a mim,naõ me conheceis.

Voltas.

Os gostos,que tantas dores
Fizeraõ jà valer menos,
Nam os aceyta pequenos,
Quem nnnqua teve mayores:
Bem parecem vãos favores.
Pois tam tarde me quereis
Que inda me nam conheceis.
  Offereceisme alegria,
Tendome já cego,& mouco,
He bayxeza aceytar pouco,
Quem tanto vos merecia:
Idevos por outra via,
Pois o bem,que me deveis,
Nunqua no satisfareis.

Alheo.

Perdigão perdeo a pena,
Nam ha mal,que lhe nam venha

Voltas.

Perdigaõ,que o pensamento
Subio em alto lugar,
Perde a pena do voar,
Ganha a pena do tormento:
Nam tem no ar,nem no vento,
Azas,com que se sostenha,
Naõ ha mal,que lhe naõ venha.
  Quiz voar a huma alta torre,
Mas achouse desazado,
E vendose despenado,,
De puro penado morre.
Se aqueyxumes se socorre,
Lança no fogo mais lenha,
Nam ha mal,que lhe nam venha.

A humas senhoras,que haviaõ de ser terceyras para com huma Dama.

Pois a tantas perdições,
Senhoras,quereis dar vida,
Ditosa seja a ferida,
Que tem tais cirurgiões,
Pois ventura
Me subio a tanta altura,
Que me sejais valedoras,
Ditosa seja a tristura,
Que se cura
Por vossos rogos,senhora,
  Ser minha pena mortal,
Jà que entendeis, que he assi,
Nam quero fallar por mi,
Que por mi falla meu mal,
Sois fermosas,
Haveis de ser piedosas,
Por ser tudo de huma cor:
Que pois Amor vos fez rosas
Milagrosas,
Fazey milagres de amor.
  Pedi a quem vós sabeis,

Que

Que sayba de meu trabalho,
Naõ pelo, que eu nisso valho,
Mas pelo, que vòs valeis,
Que o valer
De vosso alto merecer,
Com lho pedir de geolhos,
Farâ, que em meu padecer
Possa ver
O poder, que tem seus olhos.
Vossa muyta fermosura
Com a sua tanto val,
Que me rio de meu mal,
Quando cuydo, em quem, me cura,
A meus ays
Peçovos, que lhe valhais,
Damas de Amor tam validas,
Que nunqua tal dor sintais,
Que queyrais,
Onde naõ sejais queridas.

Endechas a Barbora escrava.

AQuella cativa,
Que me tem cativo,
Porque nella vivo,
Já nam quer, que viva.
Eu nunqua vi rosa
Em suaves molhos,
Que para meus olhos,
Fosse mais fermosa.
Nem no campo flores
Nem no Ceo estrellas
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos sossegados,
Pretos, & cansados,
Mas nam de matar.
Huma graça viva,
Que nelles lhe mòra
Para ser senhora
De quem he cativa.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão,
Perde opinião,
Que louros são bellos.
Pretidaõ de amor,
Tam doce a figura,
Que a neve lhe jura
Que trocàra a cor
Léda mansidão,
Que o siso acompanha
Bem parece estranha,
Mas Barbara naõ,
Presença serena,
Que a tormenta amansa
Nella em fim descansa
Toda minha pena.
Esta he a cativa
Que me tem cativo,
E pois nella vivo,
He força, que viva.

Outra.

Quem ora soubesse,
Onde o amor nace,
Que o semeasse,

Voltas.

D'amor, & seus danos
Me fiz lavrador,
Semeava amor,
E colhia enganos;
Não vi em meus annos
Homem, qne apanhasse,
O que semeasse.
Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos
Duros para a vida,
Mas a res perdida,
Que tal herva pasce
Em forte hora nace.
Com quanto perdi
Trabalhava am vão
Se semeey graõ,
Grande dor colhi,
Amor nunqua vi,
Que muyto durasse,
Que naõ magoasse.

Alhea.

Se me levão agoas,
Nos olhos as levo.

Proprias.

Se de saudade
Morrerey, ou naõ,
Meus olhos diraõ,
De mim a verdade.

Por elles me atrevo
A lançar as agoas,
Que mostrem as magoas,
Que nesta alma levo.
As agoas, que em vão
Me fazem chorar,
Se ellas saõ domar
Estas de amar saõ,
Por ellas relevo
Todas minhas magoas
Que se força de agoas,
Me leva, eu as levo.
Todas me entristecem
Todas saõ salgadas;
Porém as choradas,
Doces me parecem.
Correy doces agoas
Que se em vòs me enlevo
Não doem as magoas,
Que no peyto levo.

Alheo.

Minina dos olhos verdes
Porque me naõ vedes.

Voltas proprias.

Elles verdes são,
E tem por usança,
Na cor esperança,
E nas obras nam:
Vossa condição
Naõ he d'olhos verdes
Porque me não vedes.
Isenções a molhos,
Que elles dizem terdes,
Naõ saõ d'olhos verdes,
Nem de verdes olhos.
Sirvo de giolhos,
E vós naõ me crédes,
Porque me naõ vedes.
Haviaõ de ser,
Porque possa vellos,
Que huns olhos taõ bellos
Naõ se hão de esconder;
Mas fazeysme crer,
Que já nam são verdes,
Porque me naõ vedes.
Verdes nam o saõ,
No que alcanço delles,
Verdes saõ aquelles
Que esperança daõ.
Se na condiçaõ
Está serem verdes,
Porque me não vedes?

Alheo.

Trocay o cuydado,
Senhora comigo,
Vereis o perigo,
Que he ser desamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
O amor entre nós,
He para que em vòs
Vejais, o que vejo.
E sendo trocado,
Este amor comigo,
Servosha castigo,
Terdes meu cuydado
Tendes o sentido
D'amor livre, & izento,
E cuydais, que he vento,
Ser taõ mal querido.
Nam seja o cuydado,
Tam vosso inimigo,
Que queyra o perigo
De ser desamado
Mas nunqua foy tal
Este meu querer,
Que quem tanto quer,
Queyra tanto mal.
Seja eu maltratado,
E nunca o castigo
Vos mostre o perigo,
Que he ser desamado.

Atenção de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
Dever outro dia,
Quem o acabaria?

Voltas.

A lindeza vossa,
Dama, quem a vé,
Impossivel he,
Que guardar se possa.
Se faz tanta mossa,

Vervos hum ſó dia
Quem ſe guardaria?
Melhor deve ſer
Neſte aventurar,
Ver,& não gvardar,
Que guardar,& ver,
Ver,& defender
Muyto bem ſeria,
Mas quem poderia?

Mote.

Irme quiero madre
A aquella galera,
Conel marinero,
A ſer marinera.

Voltas proprias.

Madre ſi me fuere,
Do quiera que vó,
No lo quiero yo,
Que el amor lo quiere:
Aquel niño fiero,
Haze que me mueva
Por un marinero
A ſer marinera,
El que todo puede
Madre,no podrà,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo ſe quede,
Con él porque muere
Voy,porque no muera,
Que ſi es marinero,
Seré marinera.
Es tyrana ley,
Del niño ſeñor,
Que por un amor
Se deſeche un Rey,
Quiere,irme quiero
Por un marinero
A ſer marinera.
Dizid ondas,quando
Viſtes vòs donzella,
Siendo tierna,y bella
Andar navegando?
Mas que no ſe eſpera,
De aquel niño fiero,
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

Outra.

Saudade minha,
Quando vos veria?

Voltas proprias.

Eſte tempo vaõ,
Eſta vida eſcaſſa,
Para todos paſſa,
Sò para mim nam.
Os dias ſe vaõ
Sem ver eſte dia,
Quando vos veria?
Vede eſta mudança
Se eſtà bem perdida,
Em tam curta vida,
Tam longa eſperança.
Se eſte bem ſe alcança,
Tudo ſofreria,
Quando vos veria.
Saudoſa dor,
Eu bem vos entendo:
Mas naõ me defendo,
Porque ofendo Amor.
Se foſſeis mayor,
Em mayor valia.
Vos eſtimaria.
Minha ſaudade,
Caro penhor meu,
A quem direy eu
Tamanha verdade?
Na minha vontade
De noyte,& de dia,
Sempre vos teria.

Outra.

Vida da minha alma
Naõ vos poſſo ver,
Iſto naõ he vida
Para ſe ſofrer,

Voltas proprias.

Quando vos eu via,
Eſſe bem lograva,
A vida eſtimava
Mas então vivia.
Porque vos ſervia
Só para vos ver,

Ja que vos naõ vejo
Para que he viver?
Vivo sem razão,
Porque em minha dor,
Nam a poz amor,
Que inimigos saõ
Muy grande treyção
M ob iga a fazer,
Que viva senhora,
Sem vos poder ver.
Nam me atrevo jà,
Minha tam querida,
A chamarvos vida,
Porque a tenho mà.
Ninguem cuydarà,
Que isto póde ser,
Sendome vós vida,
Naõ poder viver.

Outra.

Coyfa de beyrame,
Namorou Joanne.

Voltas proprias.

Por cousa tam pouca
Andas namorado?
Amas o toucado,
E nam, quem o touca?
Ando cega, & louca
Porti meu Joanne,
Tu pelo beyrame,
Amas o vestido,
Es falso amador,
Tu nam vés, que amor
Se pinta despido?
Cego, & muy perdido
Andas por beyrame,
E eu por ti Joanne.
Atodos encanta
Tua parvoice,
De tua doudice
Gonsalo se espanta,
E zombando canta,
Coyfa de beyrame,
Namorou Joanne.
Eu nam sey, que viste
Neste meu toucado,
Que taõ namorado
Delle te sentiste,
Nam teveja triste
Amame Joanne,
E deyxa o beyrame?
Joanne gemia
Maria chorava,
Assi lamentava
O mal que sentia,
Os olhos feria,
E nam o beyrame,
Que matou Joanne:
Nam sey do que vem
Amares vestido,
Que o mesmo Cupido,
Vestido nam tem.
Sabes, de que vem
Amores beyrame,
Vem de ser Joanne.

Mote.

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

Voltas.

A verdura amena,
Gados, que paceis,
Sabey, que adeveis
Aos olhos de Helena,
Os ventos serena,
Faz flores d'abrolhos
O ar de seus olhos,
Faz serras floridas,
Faz claras as fontes
S'isto faz nosmontes
Que farà nas vidas:
Tralas suspendidas,
Como ervas em molhos.
Na luz de seus olhos
Os corações prende
Com graça inhumana,
De cada pestana
Huma alma lhe prende,
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

Alheo.

Verdes saõ os campos
De cor de limão,
Assi saõ os olhos
Do meu coração.

Voltas.

Campo, que te estendes,
Com verdura bella
Ovelhas, que nella
Vosso pasto tendes:
De ervas vos mantenndes
Que traz o veraõ,
E eu das lembranças
Do meu coração.
Gados, que paceis,
Com contentamento,
Vosso mantimento
Nam no entendeis.
Isso, que comeis,
Nam saõ ervas, nam
Saõ graça dos olhos
Do meu coração.

Alheo.

Verdes saõ as ortas
Com rosas, & flores
Moças, que as regão
Mataõme d'amores.

Voltas suas.

Entre estes penedos
Que daqui parecem
Verdes ervas crecem,
Altos arvoredos,
Vay destes rochedos
Agoa, com que as flores,
Doutras são regadas,
Que matão de amores.
Com agoa, que cae
Daquella espessura
Outra se mestura,
Que dos olhos sae:
Toda junta vae
Regar brancas flores
Onde ha outros olhos,
Que matão de amores,
Celestes jardins,
As flores estrellas,
Horteloas dellas,
São huns serafins:
Rosas, & jasmins
De diversas cores,
Anjos, que as regaõ
Mataôme d'amores.

Alheo.

Minina fermosa,
Dizey, de que vem,
Serdes rigurosa,
A quem vos quer bem?

Voltas suas.

Nam sey quem assella,
Vossa fermosura,
Que quem he tam dura
Nam pode ser bella.
Vós sereis fermosa,
Mas a razão tem,
Que quem he irosa,
Nam parece bem.
Amostra he de bella,
As obras são cruas:
Pois qual destas duas
Ficará na sella?
Se ficar irosa,
Nam vos està bem,
Fique antes fermosa
Que mais força tem,
O amor fermoso
Se pinta, & se chama
Se he amor ama,
Se ama he piedoso:
Diz agora a glosa,
Que este texto tem,
Que quem he fermosa
Ha de querer bem.
Havey dó minina
Dessa fermosura,
Que se aterra he dura
Secase a bonina,
Se de piedosa,
Nam veja ninguem
Que por rigurosa
Percais tanto bem.

Alheo.

Tendeme mão nelle,
Que hum real me deve.

Voltas suas.

Cum real de amor
Dous de confiança,

E tres de esperança
Me foge o trédor.
Falso desamor,
Se encerra naquelle
Que hum real me deve.
Pediome em prestado,
Nam lhe quiz penhor,
He mao pagador,
Tendomo a ferrado
Cum cordel atado,
Ao tronco se leve,
Que hnm real me deve.
Por esta travessa
Se vay acolhendo,
E ylo vay correndo
Fugindo agrão pressa.
Nesta mao,& nessa
O falso se atreve,
Que hum real me deve.
Com proume o amor,
Sem lhe fazer preço,
Eu nam lhe mereço
Darme disfavor.
Dame tanta dor,
Que ando apos elle,
Pelo que me deve.
Eu de cá bradando,
Elle vay fugindo,
Elle sempre rindo
Eu sempre chorando.
E de quando em quando
No amor se atreve,
Como que não deve.
A fallar verdade
Elle já pagou,
Mas inda ficou
Devendo ametade.
Minha liberdade
He a que me deve
Só nella se atreve.

REDONDILHAS DO MESMO.

Cantigas alheas.

NA fonte está Leonor
Lavando atalha,& chorando
As amigas perguntando,
Vistes lá o meu amor?

Voltas do Camões.

Posto o pensamento nelle,
Porque a tudo o Amor a obriga
Cantava,mas a cantiga
Eraõ suspiros por elle.
Nisto estava Leonor
O seu desejo enganando
As amigas perguntando
Vistes lá o meu amor?
O rosto sobre huma mão,
Os olhos nochaõ pregados,
Que do chorar já cansados,
Algum descanso lhe dão.
Desta sorte Leonor
Suspende de quando em quando,
Sua dor,em si tornando,
Mais pesada sente a dor.
Naõ deyta dos olhos agua,
Que não quer que a dor se abrande
Amor,porque em magua grande
Seca as lagrimas a magua.
Que despois de seu amor
Soube novas perguntando,
Dem porviso,a vi chorando,
Olhay,que estremos de dor?

Estas trovas mandou o Author da cadea,em que o tinha embargado por huã divida,Miguel Roiz, Fios Secos d'Alcunha,que se embarcava para fòra,ao Conde do Redondo D. Francisco Coutinho Viso-Rey, pedindolhe o fizesse desembargar.

Que diabo he taõ danado,
Que não tema a cutilada
Dos fios secos da espada
Do fero Miguel armado?
Pois se tanto hum golpe seu
Soa na infernal cadea,
Do que o demonio arrecea,
Como naõ fugirey eu?
Com razão lhe fugiria,
Se cont'elle,& contra tudo,
Naõ tivesse hum forte escudo
Sò em vossa senhoria.
Portanto senhor porveja,
Pois me tem ao remo atado,
Que antes que seja embarcado,
Eu desembargado seja.

Estas

Estas trovas mandou Heytor da Silveyra ao mesmo Conde, envernando em a Goa.

Vossa senhoria crea
Que naõ apura o engenho
Fome, se he como, a que tenho,
Mas afraca & corta a vea.
E quem o contrario sente
Está farto em toda ahora,
Como estou faminto agora,
Mas Marta se está contente
Dalhe pouco de quem chora.
Depois vossa senhoria
Em géral a tudo acode,
Acuda amim, que só póde
Darme no engenho valia,
Esperte esta musa minha,
Que o tempo traz sonorenta,
Valhalhe nesta tormenta,
Com essa doce mezinha,
Que só dá vida, & contenta.
Acuda com provisão
Naõ de papel mas provida
D'ouro, & prata: que esta vida
Naõ sustentaõ papeis, não.
De feytor a thesoureyro
Sermehia trabalho grande,
Vossa Senhoria mande
Algum remedio, primeyro
Com que a morte o ferro abrande.

Ajuda de Luis de Camões.

Nos livros doutos se trata,
Que o grande Achiles insano
Deu a morte a Heytor Troyano.
Mas agora a fome mata
O nosso Heytor Lusitano.
Sô ella o póde acabar,
Se essa vossa condição
Liberal, & singular,
Naõ mete entre elles bastão,
Bastante para o fartar.

A HUMA SENHORA, QUE LHE chamou diabo.

Esparsa.

Naõ posso chegar ao cabo
De tamanho desarranjo,
Que sendo vós Senhora, Anjo,
Vos queyra tanto o diabo.
Dais manifesto final,
De minha muyta firmeză,
Que os diabos querem mal
Aos Anjos, por natureza.

Em a primeyra Parte fica hum Mote com suas voltas à mesma Senhora.

Cantiga

Vy chorar huns claros olhos,
Quando d'lles me partia;
O que magoa, ô que alegria!

Voltas.

Polo meu apartamento
Se arrazarão todos d'agoa,
Quem cuydou, que em tanta magoa
Achasse contentamento?
Julgue todo entendimento
Qual mais sentir se devia
Se esta dór, se est'alegria.
Quando mais perdido estive,
Então deo a est'alma minha
O mayor gosto, que tive.
Assi se minh' alma vive
Foy, porque me defendia
D'esta dor, esta alegria.
O bem, que Amor me não deu
No tempo, que desejey,
Quando d'elle me apartey
Me confessou, que era meu.
Se a fortuna me desvia,
De lograr esta alegria?
Não sey se foy enganado,
Pois me tinha defendido
Das iras de mal querido,
No mal de ser apartado?
Agora peno dobrado,
Achando no fim do dia
O principio d'alegria.

Mote al Rey.

Dó la my ventura
Que no ver alguna

Volta.

Sepa, quien padece,
Que en la sepultura

Se esconde ventura,
De quien la merece.
Allà me parece,
Que quiere Fortuna,
Que yo halle alguna.
Naciendo mesquino,
Dolor fué mi cama,
Tristeza fué el ama,
Cuydado el padrino;
Vestiose el destino
Negra vestidura,
Huyò la ventura.
No se halló tormento,
Que ally no se hallasse,
Ni bien, que passasse,
Sino como viento.
Oh que nacimiento,
Que luego en la cuna
Me siguio Fortuna!
esta dicha mia,
Que siempre busqué,
Buscandola, hallé,
Que no la hallaria;
Que quien nace en dia
D'estrella tan dura,
Nunca halla ventura.
No puso mi estrella
Más ventura em mim,
Ansi vive em fim
Quien nace sin ella:
Nome quexo della,
Quexome, que atura
Vida tan escura.

Vilancete pastoril.

Deos te salve Vasco amigo,
Não me fallas? como assi?
Bofé Gil, não estava aqui.

Volta.

Pois onde te hão de fallar,
Se naõ estàs onde apareces?
Se Madanela conheces,
Nella me pòdes achar.
E como te hão d'ir buscar,
Aonde fogem de ti?
Pois nem eu estou em mim.
Porque te não acharey
Em ti, como Em Madanela
Porque me fuy perder nella
O dia, que me ganhey.
Quem tão bem falla, não sey
Como anda fóra de si?
Ella falla dentro em mi.
Como estás aqui presente,
Se lá tens a alma, & a vida?
Porque he d'huma alma perdida
Aparecer sempre à gente.
Se es morto, bem se consente
Que todos fujão de ti?
Eu tambem fujo de mi.

Outro pastoril.

Porque no miras Giraldo
Misampoña con o suena?
Porque no me mira Elena.

Voltas.

Buelve a cá, no estés pasmado,
Mira, que gentil sonar?
Como te podrá mirar
Quien no puede ser mirado?
Y que bueno enamorado?
No dirás, si es mala o buena?
No, que me hizo mudo Elena.
Mira tan dulce armonia,
Dexate d'estos enojos;
Tengo clavado los ojos,
Con que mirar te podia.
Ansi Dios te dé alegria,
No ves quan dulce que suena?
No, porque no veo Elena.

Outro pastoril.

Crecen Camilla os abrolhos
De chorares por Cincero:
Naõ he muyto, que lhe quero,
Belisa, mais, que meus olhos.

Voltas,

Sempre os teus olhos estão
Camilla, d'agoas banhados:
De se verem desamados,
Póde ser, que chorarão;
Si, mas crecem os abrolhos,
E tu cegas por Cincero;
Se eu não vejo, quem mais quero,
Para que quero mais olhos?

Se

Se se foy ha mais de hum mes,
Teus olhos não cantarão?
Naõ, que apoz elle se vão
Estas lagrimas, que ves.
Fazem logo estes abrolhos
O mato espinhoso, & fero:
Pois eu não vejo a Cincero,
Isso só veraõ meus olhos.
Chorando queres morrer?
Mais quero viver chorando:
Tu não ves, que vàs cegando?
Se cego, como, ey de ver?
Poem na vista outros antolhos:
Nao posso nem menos quero
Outra para outro Cincero,
Antes não quero ter olhos.

A huma mulher, que se chamava Gracia de Morais.

Olhos, em que estão mil flores,
E com tanta graça olhais,
Que parece, que os amores,
Morão, onde vós morais.

Volta.

Vemse rosas, & boninas
Olhos nesse vosso ver,
Vemse mil almas arder
No fogo d'essas mininas.
E dilohão minhas dores,
Meus suspiros, & meus ais.
E dirão mais, que os amores
Morão, onde vos morais,

Do Mote,

Vida de minh' alma.

Volta.

Dous tormentos vejo
Grandes por estremo:
Se vos vejo, temo
E se não, desejo.
Quando me despejo,
E venho a escolher,
Temendo o desejo,
Desejo temer.

Cantiga alhea.

Pastora da serra,
Da serra da estrella,
Percome por ella.

Volta.

Nos seus olhos bellos
Tanto Amor se atreve,
Que abraza entre a neve
Quantos ousaõ velos:
Não solta os cabellos
Aurora mais bella,
Percome por ella.
Naõ teve esta serra
No meyo d'altura,
Mais que a fermosura,
Que nella se encerra.
Bem ceo fica a terra,
Que tem tal estrella;
Percome por ella.
Sendo entre Pastores
Causa de mil males,
Naõ se ouvem nos valles
Se não seus louvores.
Eu só por amores
Naõ sey fallar nella,
Sey morrer por ella.
De alguns, que sentindo
Seu mal vão mostrando,
Se rim, não cuydando,
Que inda paga rindo.
Eu triste encobrindo
Só meus males della,
Percome por ella.
Se flores deseja
Por ventura bellas,
Das que colhe dellas,
Mil morrem de enveja:
Não ha quem não veja
Todo o milhor nella;
Percome por ella
Se na agoa corrente
Seus olhos inclina,
Faz a luz divina
Parar a corrente.
Tal se vé, que sente
Por verse a agoa nella;
Percome por ella.

Mote.

Que veré, que me contente?

Glosa de Luis de Camões.

Desque una vez yo miré
Senhora vuestra beldad
Iamas por mi voluntad
Los ojos de vós quiré.
Pues si en vós plazer no siente
Mi vida, ni lo dessea,
Si no quereis, que yo os vea,
Que veré, que me contente?

Mote.

De Luis de Camões.

Quem se confia em huns olhos
Nas mininas delles vè,
Que mininas não tem fé.

Voltas suas.

Quem poem suas confianças
Em mininas sem assento,
Offereça o sofrimento
A duzentas mil mudanças:
Mostrão no ar esperanças
Mas em seus olhos se vé
Como não tem nalma fé.
Enganaõ ao parecer
Porque no caso d'amar,
Saõ mulheres no matar,
E mininas no querer;
Quem em seus olhos se crer
Cem mil graças nelles vé,
Vellas sim, mas não ter fè
Amostraõvos num momento
Favores assi a molhos,
Mas na mudança dosolhos
Se lhe muda o pensamento.
Em nada jà tem assento,
Eo que mais nelles se vé
He fermosura sem fe.

Cantiga velha.

Sois fermosa, & tudo tendes
Se naõ que tendes os olhos verdes
Ninguem vos pòde tirar
Serdes tam bem assombrada
Mas eisme de perdoar,
Que os olhos não valem nada:
Foites mal aconselhada
Em querer, que fossem verdes,
Trabalhay de os esconderdes.
A vossa testa he jardim,
Aonde amor se desenfada
He tam branca, & bem talhada,
Que parece de Marfim.
Assi he, & quanto a mim,
Isso vos nasce de a terdes
Tão perto dos olhos verdes.
Os cabellos desatados
O mesmo Sol escurecem,
Se não, que por serem ondados,
Algum tanto desmerecem:
Mas afè, que se parecem
A furto dos olhos verdes
Naõ vos pese não de os terdes.
As pestanas tem mostrado
Ser rayos, que abrazaõ vidas,
Se não foram tam compridas
Tudo o mais era pintado;
Ellas me tinhão levado
A alma sem o vós saberdes,
Se naõ foraõ os olhos verdes.
O mimo desse caraõ
Nem porlhe os olhos consente,
E ser liso, & transparente,
Rouba todo o coração:
Inda assim achareys nação,
Que lhe não pese de os verdes.
Mas naõ seja cos olhos verdes.
Esse riso que he composto
De quantas graças nacerão,
Se não que alguns me disserão
Vos faz covinhas no rosto:
Na vontade tenho posto
Dar vos a alma, se quiserdes,
A troco dos olhos verdes.
Nunca se vio, nem se escreve
Boca cuma graça igual,
Se naõ fora de coral,
E os dentes da cor da neve.
Doume eu a Deos, que me leve,
Sofrerey quanto teverdes,
Naõ me tenhais ólhos verdes
Essa garganta merece
Outras palavras naõ minhas,
Se naõ que feyta em rosquinha

Dalfenin,o que parece.
Eu ſey bem quem ſe offerece
A tomar tudo o que tendes,
E tambem os olhos verdes
Eſſas mãos ſaõ ferropeas,
Só o vellas enfeytiça,
E naõ que ſão alvas cheas,
E tem afeyção roliça:
Com que apellais por juſtiça,
Pera com ellas prenderdes
Os que vem voſſos olhos verdes.
A voſſa galantaria
Matará a quem falardes,
Tendes huns deſdés, & tardes
Que eu logo vos roubaria?
Oh doume a Santa Maria,
Sou cujo,de quanto tendes,
E tambem deſſes olhos verdes.

Outro Mote ſemelhante està na primeyra Parte,com Suas voltas.

Outras ſuas ao meſmo.

Tudo tendes ſingular,
Com que os corações rendeis
Se não que rindo,fazeis
Covinhas para enterrar;
E para reſuſcitar
Tem força a graça,que tendes
Se não que tendes os olhos verdes.
Tudo ſenhora alcançais
Quanto o ſer fermoſa alcança,
Se não,que dais eſperança
Dos olhos,com que matais:
Se acaſo os alevantais,
He para as almas renderdes,
Se naõ,que tendes os olhos verdes.

DOM ANTONIO, SENHOR de Caſquais,prometeo a Luis de Camões ſeis galinhas recheadas por hũa Copla, que lhe fizera, & mãdandolhe por principio da pagua mea galinha recheada.

Elle lhe mandou eſta Copla

Cinco galinhas & mea
Deve o ſenhor de Caſquais,
E a mea vinha chea
De apetite para as mais.

A. B. C. *Feyto em mottes.*

ANna quizeſtes que foſſe
O voſſo nome da pia
Para mòr minha agonia.
Apelles ſe fora vivo,
E avervos alcancàra,
Por vòs retratos tirára.
Achilles morreo no templo
Contemplando de giolhos
Eu quando vejo eſſes olhos.
Artemiſa ſepultou
A ſeu irmão,& marido;
Vòs a mim, & ameu ſentido.

B

BEm vejo que ſois ſenhora
Eſtremo da fermoſura,
Para minha ſepultura.

C. C.

CLeopatra ſe matou,
Vendo morto a ſeu amante,
E eu por vòs em ſer conſtante.
Caſſandra diſſe de Troya,
Que havia ſer deſtruida,
E eu por vós d'alma,& da vida.

D. D.

DIdo morreo por Eneas
E vòs matais quem vos ama,
Julgay ſe ſois cruel dama.
Dianira innocente
Da má morte cauſadora,
Vós da minha ſabedora.

E.

EUridice foy a cauſa
De orpheo hir ao inferno,
Vòs de ſer meu mal eterno

F. F.

FEdra ſó de puro amor
Morreo por ſeu enteado,
Eu morro de deſamado,
Febo vay eſcurecendo

Ante voſſa claridade,
E eu ſem ter liberdade

G. G.

GAlatea ſois ſenhora,
Da fermoſura eſtremo,
E eu perdido Polyphemo.
Genebra, que foy Rainha
Se perdeo por Lançarote,
E vos por me dar a morte,

H. H.

HErcules, huma camiſa
De chamas, o conſumio,
Minha alma deſque vos vio
Hebis, & Dido morrérão
Com o rigor da mudança,
Eu vendo voſſa eſquivança.

I. I.

IUdith, que o duro Holofernes
Degoiou, ſe viva fora,
Mate lhe dereis ſenhora.
Julio Ceſar conquiſtou
O mundo com fortaleza,
Vós a mim com gentileza.

L. L.

LEandro ſe afogou,
E foy ſua cauſa Hero,
E a mim o que vos quero.
Leandro ſe afogou
No mar de ſua bonança,
Eu no de voſſa eſperança,

M, M.

MInerva dizem que foy,
E pellas Deoſas da guerra,
E vós, ſenhora, da terra.
Medéa foy muy cruel,
Mas não chegou a metade
De voſſa gram crueldade.

N. N.

NArciſo o ſiſo perdeo
Em vendo a ſua figura,
Eu por voſſa fermoſura.
Nimphas enganão mil Faunos
Com ſeu ar, & fermoſura,
E a mim voſſa figura.

O. O.

OS olhos chorão o dano,
Que em vos verem ſentirão,
Mas eu pago o que elles virão.
Orpheo com a doce Arpa
Venceo o reyno de Pultão,
Vós a mim com perfeyção.

P. P.

PAris a Helena roubou,
Porque Troya foy perdida,
E vós a mim alma, & vida.
Pyrrho matou Policena
Per feyta em todos ſinaes,
E vós a mim me mataes.

Q. Q.

QVanto mais deſejo ver vos,
Menos vos vejo ſenhora,
Naõ vos ver melhor me fora.
Querendo ver a Diana,
Acteon perdeo a vida,
Que eu por vós trago perdida.

R. R.

REmedio nenhum não vejo,
Que remedee meu mal;
Nem crueza á voſſa igual.
Roma o mundo ſogeyta
Com armas, ſaber, temor,
Vós a mim ſó por amor.

S.

SErena na mór Fortuna
Com enganos vay cantando
E vós ſempre a mim matando.

T. T.

THisbe morreo por Pyramo,
A ambos matou o Amor,
A mim voſſo disfavor,

Thisbe

Thisbe pello seu amante
Morreo com amor sobejo,
Mas eu mais morto me vejo,

V. V.

VEnus, que por mais fermosa,
Lhe deu Paris a maçãa,
Naõ foy quanto vòs louçãa.
Venus levou a maçãa,
Por vós naõ serdes senhora
Nacida na quella hora.

X. X.

XPõ vos acabe em graça,
E vos faça piedosa,
Tanto, quanto sois fermosa.
Xantopea tornou atraz
Por Aponio a invocar,
Ev os não a meu chamar.

J. J.

JUlio Cesar se livrou
Dos imigos com abrolhos,
Eu naõ posso delles olhos.
Jaziase o Minotauro
Preso no seu laberinto,
Mas eu mais preso me sinto.

ESTANCAS.

Na medida antiga, que tem duas contrarie-dades, louvando, & deslouvando huma Dama.

SOis huma dama
Das feas do mundo
De toda amá fama
Sois cabo profundo.
A vossa figura
Naõ he para ver
Em vosso poder
Naõ ha fermosura,
Fostes dotada
De toda a maldade,
Perfeyta beldade
De vós he tirada
Sois muyto acabada
De tacha, & de glosa
Pois quanto a fermosa
Em vós naõ ha nada
De graõ merecer,
Sois bem a partada
Andaes alongada
Do bem parecer.
Bem claro mostrais
Em vôs fealdade,
Naõ ha hi maldade,
Que naõ precedaes,
De fresco caraõ,
Vos vejo ausente,
Em vós he presente
Amá condiçaõ.
Em ter perfeyçaõ
Muy alhea estaes,
Muy muyto alcançaes
De pouca razão.

MOTTE.

Catherina bem promete,
Ora mà, como ella mente.

1 CAtherina he mais fermosa
Para mi, que a luz do dia,
Mas mais fermosa seria
Se naõ fosse mentirosa:
Heje a vejo piedosa,
A menhãa taõ differente,
Que sempre cuydo que mente,
2 Prometeome ontem de vir,
Nunca mais appareceo
Creo que naõ prometeo,
Senaõ sò por me mentir:
Fazme em fim chorar & rir,
Rio, quando me promete,
Mas choro quando me mente.
3 Juroume aquella cadella
De vir pela alma, que tinha,
Enganoume, & tinha a minha,
Deulhe pouco de perdella:
A vida gastoapoz ella,
Porque ma dâ, se promete,
Mas tirama, quando mente.
4 Mà, mentirosa, malvada,
Dizey, porque me mentis,
Prometeis, & entaõ fugis,
Pois sem tornar, tudo he nada:
Naõ sois bem aconselhada,
Que quem promete, se mente,
O que perde naõ o sente.
5 Tudo vos consentiria

Quanto

Quanto quizesseis fazer,
Se este vosso prometer,
Fosse por meter hum dia;
Todo entaõ me desfaria
Com gosto,& vós de contente,
Zombarieis de quem mente.

6 Mas pois folgaes dementir
Prometendo de me ver,
Eu vos deyxo o prometer,
Deyxame vós o servir;
Haveis entaõ de seniir
Quanto a minha vida sente
O servir a quem lhe mente.

7 Catherina me mintio
Muytas vezes,sem ter ley,
E todas lhe perdoey
Por huma só que cumprio:
Se como me consentio
Fallarlhe,o mais me consente,
Nunca mais direy que mente.

MOTTE.

Sem vòs,& com meu cuydado.

GLOSA.

QUerendo Amor escondervos,
Em parte que vos não visse,
Com estremo,de querervos,
Cegoume os olhos com vervos
Levouos,sem que os visse.
Eu cego,mas atinado,
Quando vi que vos nam via,
Do mesmo Amor indignado,
Já vedes qual ficaria
Sem vòs,& com meu cuydado,

MOTTE.

A alma,que està ofrecida
A tudo,nada lhe he forte,
Assi passa o bem da vida,
Como passa o mal da morte.

GLOSA.

DEmaneyra me succede,
O que temo,& o que desejo,
Que sempre o que temo,vejo
Nunca o que a vontade pede.
Tenho tam offerecida
Alma,& vida á toda a sorte,
Que isso me dera da morte,
Como já me dá da vida.

MOTTE.

Ferro,fogo,frio,& calma,
Todo o mundo acabaraõ,
Mas nunca vos tiraraõ
Alma minha da minha alma.

GLOSA.

NAõ vos guardey quando vinha
Em torre,força,ou engenho
Que mais guardada vos tenho
Em vòs,que sois alma minha.
A lli nem frio,nem calma,
Nam podem ter jurdiçaõ,
Na vida sim,perém naõ
Em vòs,que tenho por alma.

MOTTE.

Esperey,jà naõ espero
De mais vos servir senhora,
Pois me fazeis cada hora
Tanto mal,que desespero

GLOSA.

POis sey certo que folgaes,
Quando mais mal me fazeis,
E que nunca descançaes,
Se naõ quando me mostraes
Quaõ pouco bem me quereis.
Servirvos mais não espero,
Pois meu viver empeora,
Com me fazerdes,senhora,
Tanto mal,que desespero.

MOTTE.

Descalça vay para a fonte.
Leonor pela verdura,
Vay fermosa,& naõ segura.

VOLTA.

LEva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,

Sainho

Sainho de chamalote:
Traz a vesquinha de cote,
Mais branca que a neve pura,
Vay fermosa, & naõ segura.
Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro o trançado,
Fita de cor de encarnado,
Taõ linda, que o mundo espanta:
Chove nella graça tanta,
Que dà graça à fermosura,
Vay fermosa, & naõ segura

MOTTE.

Quem disser que a barca pende,
Dirlhehey mana que mente.

VOLTA.

SE vos quereis embarcar,
E para isso estaes no caes,
Entray logo; que tardaes?
Olhay que està preamar:
E se ouvrem, por vos fretar;
Vos disser que esta que pende,
Dirlhehey, mana, que mente.
Esta barca he de carreyra,
Tem seus aparelhos novos,
Naõ ha como ella outra em Povos,
Boa de leme, & velleyra:
Mas se por ser a primeyra,
Vos disser alguem que pende,
Dirlhehey, mana, que mente.

MOTTE.

Com razão queyxarme posso
De vós, que mal vos queyxais,
Pois, senhora, vos sangrais,
Que seja num corpo vosso.

VOLTAS.

EU para levar a palma,
Com que ser vosso mereça,
Quero que o corpo padeça
Por vòs, que delle sois alma:
Vos do corpo vos queyxais,
Eu queyxarme de vós posso,
Porque tendo hum corpo vosso,
Na minha alma vos sangrais.
E sem fazer differença,
No que de mim possuis,
Pello pouco, que sentis,
Dais á minha alma doença.
Pois que dous aventuraes,
Oh naõ seja o dano nosso,
Sangrese este corpo vosso,
Porque minha alma vivaes.
E inda, se atentardes bem,
Seguis medicina errada,
Porque para ser sangrada
Huma alma sangue naõ tem:
E pois em mim sarar posso
Males, que à minha alma dais,
Se inda outra vez vos sangrais
Seja neste corpo vosso.

MOTTE.

Retrato vòs naõ sois meu
Retrataràovos muy mal,
Que a sereis meu natural
Foreis mofino como eu.

INda que em vós a arte vença,
O que o natural tem dado,
Naõ fostes bem retratado,
Que ha em vôs mais differença,
Que no vivo do pintado:
Se o lugar se considera
Do alto estado, que vos deu
A sorte, que eu mais quizera,
Se he que eu sou quem dantes era,
Retrato vós naõ sois meu.
Vós na minha gloria posto,
Eu na vossa sepultura,
Vós com bens, eu com desgosto,
Pareceisvos ao meu rosto,
E nàaja à minha ventura.
E pois nella, & vòs erràrão,
O que em mim he principal,
Muyto em ambos se enganàraõ,
Se por mim vos retratàraõ,
Retratarãovos muy mal.
Mas se esse rosto fingido,
Quizereis representar,
Ouvera por bom partido,
Darlho a alma do sentido,
Para a gloria do lugar.
Vireis posta nessa alteza,
Que vós naõ ha couza igual,
E que nem a mayor mal
Podeis vir, nem mór bayxeza,

Que serdes meu natural.
Por isso naõ confesseis
Serdes, meu, que he desatino,
Com que o lugar perdereis,
Se conservarvos quereis,
Blasonay, qee sois divino.
Que se nesta occasiaõ
Conhecessem que ereis meu,
Por meu vos deraõ de maõ,
Foreis mo fino, como eu.

MOTTE.

Foyse gastando a esperança,
Fuy entendendo os enganos,
Do mal ficàraõ meus danos,
E do bem só alembrança.

GLOSA.

NUnca em prazeres passados
Tive firmeza segura,
Antes taõ arrebatados,
Que inda naõ eraõ chegados,
Quando mos levou ventura.
E como quem desconfia,
Ter em tal sorte mudança,
No meyo desta porfia,
De quanto bem pertendia,
Foyse gastando a esperança
Naõ tive por desatino
A occasiáo de perdella,
Mas foy culpa do destino,
Que ninguem como mais dino
Amor pudera sostella.
Deylhe tudo o que era seu
Naõ receando taes danos
Deste, a quem alma lhe deu,
Quando já naõ era meu,
Fuy entendendo os enganos.
Fiquey deste mal sobejo,
A quem a causa com pete,
Dizerlhe tudo o que vejo;
Que Amor aceyta o desejo,
Mas mente no que promete.
Que se a mim se meobrigou
A darme bens soberanos,
Foy engano, que ordenou,
Que do bem tudo levou,
Do mal ficáraõ meus danos.
E se dor tão desigual
Sofro em mim com padecellos,
Quero de novo sofrellos,
Que por a causa ser tal,
Naõ determino offendellos.
Dobrese o mal, falte a vida,
Creça a fé, falte a esperança,
Pois foy mal agradecida,
Fique a dor nalma imprimida,
E do bem sò a lembrança.

MOTTE.

Ojos, herido me haveis,
Acabad ya de matarme,
Mas muerto bolvè a mirarme,
Porque me resusciteis.

VOLTA.

PUes me distes tal herida,
Con gana de darme muerte,
El morir me es dulce suerte,
Pues con morir me dais vida.
Ojos, que os deteneis?
Acabad ya de matarme,
Mas muerto, bolvè a mirarme,
Porque me resuscìteis.
La llaga cierto ya es mia,
Aunque, ojos, vòs no querrais,
Mas si la muerte me dais,
El morir me es alegria.
Y assi digo, que acabeis,
Ojos, de resucitarme,
Mas muerto, bolvè a mirarme,
Porque me resuscìteis

CARTA I.

Escrita da India a hum amigo.

DEsejey huma vossa, cuydo, que pela desejar a nam vi; porque este he o mais certo costume da Fortuna, consentir, que mais se deseje, o que mais presto se ha de negar Mas porque outras Naos me nam fação tamanha offensa, como he fazeremme suspeytar, que vos nam lembro: determiney de vos obrigar agora com esta, na qual pouco mais, ou menos vereis, o que quero, que me escrevais dessa terra; em pago do qual dante mão vos pago com novas desta, que nam serão más no fundo de huma arca, para aviso de alguns aventureyros, que cuydão, que todo o mato he ouregãos, & nam sabem, que cá, & là, más fadas ha.

Despois que dessa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandey enforcar a quantas esperanças déra de comer até então, com pregaõ publico, por falsificadoras de moeda. E desenganey esses pensamentos, que por casa trazia, porque em mim nam ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que me nam via, se nam por entre lusco, & fusco, as derradeyras palavras, que na Nao disse, foraõ as de Scipião Africano. *Ingrata patria, Non possidebis ossa mea.* Porque quando cuydo, que sem peccado, me obrigasse a tres dias de Purgatorio, passey tres mil de más lingoas, peores tenções danadas võtades, & nascidas de pura enveja, de verem su amada yedra de si arrancada, y en otro muro asida, da qual tambem amizades mais brandas, que cera, se acendiaõ em odios, que desesperavão, & lume, que me deytava mais pingos na Fama, que nos couros de hum leytaõ. Entaõ ajuntouse a isto acharemme sempre na pelle a virtude de Achilles, q̃ nam podia ser cortado senaõ pelas sollas dos pés, as quaes de mas nam verem nunqua, me fez ver as de muytos, & nam engeytar conversações da mesma impressaõ, a quem fracos punhaõ mao nome, vingando com a lingoa, o que nam podiam cum o braço. Em fim senhor, eu nam sey com que me pague saber tambem fugir a quantos laços nessa terra me armávaõ os acontencimentos, se nam com me vir para esta onde vivo mais venerado, que os touros de Merciana, & mais quieto, que a cella de hum frade prègador. Da terra vos sey dizer, que he mãy dos vilões ruins, & madrasta de homens honrados. Porque os que se ca lanção a buscar dinheyro, sempre se sustentaõ sobre agoa como bexigas, mas os que sua opiniaõ deyta a las armas Mouriscote, como maré corpos mortos à praya, sabey que antes que amadureção, se secão. Jà estes, que tomâvao esta opiniaõ de valentes ás costas, crede, que nunqua riberas de Duero arriba cavalgaron C'amoranos, que roncas de tal soberbia entre si fuessen hablando; & quando vem ao effeyto da obra, salvãose com dizer, que se nam pòdem fazer tamanhas duas cousas como he prometer, & dar Informado disso veyo a esta térra João Toscano, que como se achava em algum magusto de rufiões verdadeyramente, que alli era comer las carnes crudas, su beber la viva sangre. Calisto de Siqueira se veyo cà mais humanamente, porque assi o prometeo em huma tormenta grande, em que se vio Mas hum Manoel Serraõ, que ficut & nos, manqueyja de hum olho, se tem cà provado arrezoadamente, porque fuy tomado por juiz de certas palavras, de que elle fez desdizer a hum soldado, o qual pela postura de sua pessoa era cà tido em boa conta. Se das damas da terra quereis novas, as quaes saõ obrigatorias a huma carta, como marinheyros a festa de Sam Frey Pero Gonçalves sabey, que os Portuguezas todas caem de maduras, que nam he cabo que lhe tenha os pontos, se lhe quizerem lançar pedaço. Pois as que a terra dà, alem de serem de rala, fazeyme mercé, que lhe falleis alguns amores de Petrarca, ou de Boscão, respondemvos huma linguagem meada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança agoa na fervura da mór quentura do mundo. Hora julgay, senhor, o que sentirá hum

hum estamago costumado a resistir às falsidades de hum rostinho de tauxia de huma dama Li bonense, q̃ chia como pucarinho novo com agoa, vendose agora entre esta carcarne de selé, que nenhum amor dà de si, como nam chorarâlas memorias de in illo tempore? por amor de mim, que às mulheres dessa terra digais da minha parte, que se querem absolutamente ter alçada com baraço & pergaõ, que nâo receem seis meses dem à vida por mar, que eu as espero com procissão, & paleo, revestido em pontifical, adonde estoutras senhoras lhe iraõ entregar as chaves da cidade, & reconhecerâm toda ao bediecia, a que por sua muyta idade saõ jà obrigadas. Por agora nam mais, senaõ, que este Soneto, q̃ aqui vay, que fiz à morte de Dom Antonio de Noronha, vos mando em sinal de quanto della me pesou. Huma Egloga fiz sobre a mesma materia, a qual tambem trata alguma cousa da morte do Principe, que me parece melhor, que quantas fiz. Tambem vola mandára para a mostrardes lâ a Miguel Dias, que pela muyta amizada de Dom Antonio, folgaria de aver, mas ocupação de escrever muytas cartas para o Reyno, me nam deo lugar. Tambem lâ escrevo a Luis de Lemos, em reposta doutra, que vi sua, se lhe nam deràõ sayba, que he culpa da viagem, na qual tudo se perde.

Vale

O Seneto que aqui diz, fica entre os outros, & he o 12.

CARTA II.

Esta vay com a candea na maõ, morer nas de v.m. & se dahi passar seja em cinza, porque nam quero, que do meu pouco comaõ muytos. E se todavia quizer meter mais mãos na escudella, mandelhe lavar o nome, & valha sem cunhos.

La mar en medio, y tierras he dexado,
Y quanto bien coytado yo tenia:
Quão vano imaginar, quaõ claro engaño,
Es darme yo a entender, que con partirme
De mi se ha de partir un mal tamaño.

Quaõ mal està no caso, quem cuyda, que a mudança do lugar muda a dor do sentimento. E senaõ digaõ quien dixo, que lâ ausencia causa olvido. Porque em fim en la tierra queda, & o mais a alma acompanha. Ao alvo destes cuydados, jogaõ meus pensamentos â barreyra, tendome jà pelo costume tam contente de triste, que triste me faria ser contente, porque o longo uso dos annos se converte em natureza. Pois o que he para mór mal, tenho eu para mòr bem. Ainda que para viver no mundo, me debruo doutro pano, por nam parecer curuja entre pardais, fazendome hum para ser outro, sen do outro para ser hum; mas a dor dissimulada darâ seu fruyto, que a tristeza no coração, he como a traça no pano, & por tam triste me tenho, que se sentisse alegria de triste nam viviria.

Porque a tal sorte vim,
Que nam vejo bem algum
Em quanto vejo,
Que nam nasceo para mi
E por nam sentir nenhum,
Nenhum desejo.

Porque cousas impossiveis, he melhor esquecellas que desejallas. E por isso

Só tristeza ver queria
Pois minha ventura quer,
Que só ella
Conheça por alegria:
E que se outra quiser
Morra por ella.

Pouco sabe da tristeza quem (sem remedio para ella) diz ao triste que se alegre. Pois nam vem, que alheos contentamentos a hum coração descontente, nam lhe remediando o que sente, lhe drobão, o que padece. Vós, se bem à mão esperais de mim palavrinhas jueyradas, enforcadas de bons propositos, pois desenganayvos, que desque professey tristeza, nunqua mais soube jogar a outro fito. E porque nam digais, que nam sou gente fòra do meu bayro, vedes vay huma volta feyta a este mote, que escolhi na manada dos engeytados, & cuido, que nam he tam dedo queymado, que nam seja dos que El-Rey mandou chamar, o qual falla assi.

Nam quero, nam quero
Jubão amarelo.

Se de negro for,
Tambem me p rece,
Quanto me aborece
Toda a alegre cor:
Cor que mostra dor,
Quero, & nam quero
Jubão amarelo.

Parecévos que se póde dizer mais? nam me respondais, quem gabará a noyva? porque assentay, que foy comendo, & fazendo, ou assoprando, que nam he tam pequena habilidade. E porque vos nam pareça, que foy mais acertar, que querelo fazer; vedes vay outra do mesmo jaez, com tanto que se nam vá a pasmar.

Perdigaõ perdeo a pena,
Nam ha mal, que lhe nam venha,
Em hum mal outro comença
Que nunqua vem sò nenhum;
E o triste, que tem hum
A sofrer outro se ofreça:
E só pelo ver conheça,
Que basta hum só que tenha,
Para que outro lhe venha

Que graça será esperardes de mim 'proposito em cousas que os nam tem para comigo? pois ainda que queyra, nam posso o que quero, que hum sentido remontado de nam pór pé em ramo verde, tudo lhe sucede assi, & cada hum acode, ao que lhe mais doe, & mais eu, que o que mais me entristece he ter contentamento, pois fujo delle, que minha alma o aborrece; porque lhe lembra que he virtude viver sem elle. Que jà sebeis que magoa he, velhas, & nam o paparás. Por fugi destes inconeuientes.

Toda a cousa descontente,
Contentarme só convinha
De meu gosto,
Que o mal, de que sou doente,
Sua mais certa mèsinha,
He desgosto.

Jà ouvireis dizer, Mouro, o que nam pódes havér dáo pola tua alma. O mal sem remedio, o mais certo que tem, he fazer da necessidade virtude: quanto mais, se tudo taõ pouco dura, como o passado prazer, porque em fim Allegados son igales, los que vienen por sus manos, & c. A este proposito, pouco mais, ou menos, se fizerão hnmas voltas a hum mote denchemão, que diz por sua arte zambando, mais que nam de sizo (que toda a galantaria he tirala donde se nam espera) o qual crede, que tem mais que roer do que hum praguento. Por tanto recuerde el alma adormida, & mande escumar o entendimento, que doutra maneyra, Defuera dormiredes pastrozico. E o meu senhor diz assi

Davalhe o vento no chapeyraõ
Quer lhe dé quer nam.
Bem o pode revolver,
Que o vento nam traz mais fruyto,
E mais vento he sentir muyto,
O que em fim fim ha de ter;
O melhor, he melhor ser,
Que o vento no chapeyrão,
Quer lhe dé quer nam.

Huma cousa sabey de mim, que queria antes o bem do mal, q̃ o mal do bem, porq̃ muyto mais se sente o por vir, q̃ o passado, & a morte até matar mata. Nam sey se sereis marca de voar tam alto, porque para tomar a palha a esta materia, saõ necessarias azas de Nebir? Mas vós sois homem de prol, & desculpame a conta, em que vos tenho. E a que de mi vos sey dar he,

Que esperança me despede,
Tristeza nam me falece,
E tudo mais me aborrece,
Já que mais nam mereceo
Minha estrella,
Só a tristeza conheço,
Pois que pera mim nasceo,
E eu para ella.

No mundo nam tem boa sorte, se nam, quem tem por boa a que tem. E da qui me vem contentarme de triste, mas olhay de que maneyra:

Vivo assi ao revés,
Tomando por certa vida
Certa morte,
Com que folgo em que me pés;
Pois minha sorte he servida,
De tal sorte.

Huma cousa sabey, que o mal inda que ás vezes o vejais louvar, nam ha quem o louve com a boca, que, o nam tache com o coração.

Ajudame a sofrer
Vida tam sem sofrimento,
E tam sem vida:
Ver que em fim, fim haõ de ter
Desgosto, & contentamento
Huma medida.

Atentay que nam saõ maos confeytos de enforcado, para, os que estaõ com o baraço na garganta, cuydar, que o bem, & o mal, ainda que sejaõ differentes na vida, saõ conformes na morte, porque vemos.

Que nam ha tam alta sorte,
Nem ventura tam subida,
Ou desestrada,
A quem nam assopre a morte,
Nam sopre o fogo da vida,

A seu fim todas cousas vão correndo, nem ha cousa, que o tempo nam consuma, nem vida, que de si tanto presuma,

Que se nam veja nada, em se vendo,
Que o mais certo, que temos,
He nam termos nada certo,
Cà na terra
Pois para seus nam nascemos,
Se o seu nos dà inceto
Nada erra.

Querovos dar conta de hum Soneto sem pernas, que se fez a hum certo recontro, que se teve com este destruidor de propositos, & naõ se acabou, porque se teve por mal empregada a obra: cujo teor he o seguinte.

Forçoume amor hum dia, que jugasse,
Deo as cartas, & de ouros levantou:
E sem respeytar maõ, logo triunfou,
Cuydando, q̃ o metal, q̃ me enganasse
Dizendo, pois triunfou, que triunfasse
A huma Sota de ouros, que jugou:
Eu entaõ por burlar, quem me burlou,
Tres paos juguey, & dice, que ganhasse.

Princepes de condição, ainda que o sejão de sangue, saõ mais enfadonhos que a pobreza, fazem com sua fidalguia, com q̃ lhe cá vemos fidalguias de seus avós: onde nam ha trigo taõ joeyrado, que naõ tenha alguma ervilhaca. Já sabeis, que basta hum frade ruim, para dar que fallar a hum Convento. Tres cousas naõ sofrem sem discordia; companhia, namorar mandar vilão ruim, sobre cousa de seu interesse. Naõ se pòde ter paciencia, com quem quer, q̃ lhe fação, o q̃ nam faz. Desagradecimentos de boas obras destruem a võtade para naõ fazellas á amigo, que tem mais cõta com o interesse, que com amizade, rezay delle, que he dos cá nomeados.

Grande trabalho he querer fazer alegre rosto, quando o coração está triste, pano he, que nam toma nunqua bem esta tinta, que a Lúa recebe a claridade do Sol, & o rosto do coração. Nada dá quem naõ dá honra, no que dá. Não tem, que agradecer, quem, no que recebe, a nam recebe, porque bem comprado vay, o que com ella se compra. Nada se dá de graça, o que se pede muyto. Està certo, que quem nam tem huma vida, tem muytas. Onde a razão se governa pela vontade, ha muyto que praguejar, & pouco, que louvar. Nenhuma cousa homezia os homens tanto consigo, como males, de que se não guardárão podendo. Não ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio, a que chamais honra, donde muytas vezes os homens cuydão, que ganhão, ahi a perdem. Onde ha inveja, naõ ha amizade nem a pòde haver em desigual conversação. Bem mereceo o engano, quẽ cré mais, o que lhe dizem, que o que vè. Agora, ou se ha de viver no mundo sem verdade, ou com verdade sem mundo. E para muyto pontual, perguntaylhe donde vem? Que algo tiene en el cuerpo, que le duele. Hora temperayme là esta gayta, que nem assi, nem assi achareis meyo real de descanso nestavida, ella nos trata sómente, como elheos de si, & com razão.

Pois sómente nos he dada,
Para que ganhemos nella
O que sabemos,
Se se gasta mal gastada,
Junta mente com perdella,
Nos perdemos.

Em fim esta minha senhora, sendo a cousa

porque mais fazemos, he a mais fraca alfaya, de que nos servimos. E se queremos ver quão breve he,

Ponderemos, & vejamos
Que ganhamos em viver
Os que nacemos:
Veremos, que naõ ganhamos,
Se não algum bem fazer
Se o fazemos.

Nunqua vi cousa mais para lembrar, & menos lembrada, que a morte, sendo mais aborrecida, que a verdade, temse em menos conta, que a virtude. Mas com tudo com seu pensamento, quando lhe vem à vontade acarrèta mil pensamentos vãos, que tudo para com ella he hum lume de palhas. Nenhuma cousa me enche tanto as medidas para com estes, que vivem na mór bonança, como ella; porque quando lhe menos lembra, então lhes arranca as amarras, dando com os corpos a costa, & se vem á mão, com as almas no inferno, que he bem ruim gasalhado.

E pois todos isto temos,
Nam nos engane a riqueza,
Porque tanto esmorecemos,
Tras que vamos,
Já que temos por certeza,
Que quando mais a queremos,
A deyxamos.
Gastamos em alcançalla
A vida & quando queremos
Usar della,
Nos tira a morte lograla,
Assi que a Deos perdemos,
E a ella.

Porque já ouvireis dizer, Ninho feyto, Pega morta. Que me dizeis ao contentamento do mundo, que toda a dura delle està em quanto se alcançou. Porque acabado de passar, acabado de esquecer. E com razão, porque acabado de alcançar he passado, & mayor saudade deyxa, do que he o contentamento, que deo. Esperay por me fazer mercé, que lhe quero dar humas palavrinhas de proposito.

Mundo se te conhecemos,
Porque tanto desejamos,
Teus enganos?
E se assi te requeremos,
Muy sem causa nos queyxamos
De teus danos.
Tu nam enganas ninguem
Pois a quem te desejar,
Vemos, que danas,
Se te querem qual te vem,
Se se querem enganar,
Ninguem enganas.
Vejãose os bens que tiverão,
Os que mais em alcançarte
Se esmerarão.
Que huns vivendo, não viverão,
E outros só com deyxarte
Descansarão.
Se esta tam clara fé
Ao mundo de teus enganos,
Desengana,
Sobejamente mal vè,
Que com tantos desenganos
Se engana.
Mas como tu te acomodes
No engano, em que andamos,
E que vemos,
Naõ crémos, o que tu pódes,
Senão, o que desejamos,
E queremos.
Nada te pòde estimar,
Quem bem quizer
Resguardarte,
E conhecerte,
Que em te perder, ou ganhar:
O mais seguro ganharte
He o perderte.
E quem em ti determina
Descanço poder achar,
Sayba, que erra
Que sendo a alma divina,
Não a póde descançar
Nada da terra.
Nascemos para morrer,
Morremos para ter vida,
Em ti morrendo,
O mais certo he merecer
A vida mal conhecida
Cá vivendo.
Em fim mundo, es estalagem,
Em que pousão nossas vidas

De corrida?
De ti levão de passagem
Ser bem, ou mal recebidas
Na outra vida.

A fuera, a fuera Rodrigo, que eu se muyto for por este caminho, darey enfadonho, de que me parece me não livrará, nem ainda privilegio de cidadão do Porto. E pois me vendo a vós, sofreyme com meus encargos; & porque não digais, que sou herege do amor, & que lhe não sey orações, vedes vay huma: Di Juan, de que muriò Blas? Com hum pé á Portugueza, & outro à Castelhana: & não vos espanteis da librè, que eu em qualquer palmo desta materia perco o norte, & os suplicantes dizem assi?

Di, Juan de que muriò Blas,
Tan niño, y tan mal logrado?
Gil, muriò de desamado.
Dime, Juan, quien le engañó,
Que con amor le enganasse?
Pensando, que el bien hallasse,
Adonde el mal cierto halló
Despues que el engaño vio,
Que hizo desengañado?
Gil, muriò de desamado.
Travou com elle pendença,
Em ter razão confiado.
Mas Amor, como he letrado
Houve contra elle a sentença:
E co aquella differença,
Disse entre si o coytado,
Gil, morreo de desamado.
Quem tem razaõ tam cerrada,
Que nam sayba sendo rudo,
E sem respeyto,
Que sem Deos he tudo nada,
E nada com elle tudo,
Sem defeyto.
E sendo isto assi tam certo,
Como todos confessamos,
E sabemos,
Nam troquemos pelo incerto,
O em que tam certo estamos,
Pois o vemos.

A tudo isto podeis responder, que todos morremos do mal de Phaetam, porque del dicho al hecho, vá gran trecho. E de saber as cousas, & passar porellas, ha mais differença, que de consolar a ser consolado: mas assi entrou o mundo, & assi ha de sahir; muytos a reprendelo, & poucos a emendalo. E com isso amaino, beijando essas poderosas mãos huma quatrinqua de vezes, cuja vida, & reverendissima pessoa nosso Senhor, &c.

Finge que em Goa nas festas, que se fizeraõ à successaõ de hum Governador, sairão a jogar canas certos homens, a que nam sabia mal o vinho, & outros notados de alguns vicios, com divisas nas bandeyras, & letras conformes suas tenções, & inclinações.

Dum que bebia excessivamente tirou por divisa hum Morcego, ave em que foy convertida Alcithóe com as irmáas, por desprezarem os sacrificios de Bacco. E como aquelle, que se em tal erro cahisse, nam queria ser convertido em taõ bayxo animal, & tam nojoso, dizia a sua letra assi em castelhano.

Si yo desobedeciere
A tu deydad santa, y pura,
En almudes mi figura.

Alguns praguentos quizerão dizer, que esta letra era maliciosa, & que não queria dizer tanto desejar este galante de ser mudado em al, como desejava almudes deste licor. Mas he muyto grande falsidade que sendo a letra assim feyta acaso, acertou de sahir aquella palavra, com que molhava as suas, quem tirava a divisa. Do que o innocente autor despois ficou para se enforcar. Mas outro galante, que de fino bebado já passava os limites de bom, & costumado beber, tirou por divisa huma palmeyra, arvore, que entre os antigos significava vitoria, & ao pè della alguns ramos de vides, & de parreyras pisadas, & dizia a letra assi.

Ficay vencidas sem gloria
Vós vides, & vós parreyras;
Porque os ramos das palmeyras
Sáo, os que tem a vitoria.

Tambem aqui naõ faltárão praguentos, que quizerão dizer, que este devoto deyxando

já atraz Portugal, cometia com valeroſo animo Orraças, & Fullas, tendo em pouco Caparicas, & Seixaes. Mas quem ha que fuja de màs lingoas, ou de mal coſtumadas gargantas?

Outro galante, a quem fazia mal ao eſtamago beber o vinho agoado, tirou por diviſa huma peça de chamalote ſem agoas, que lhe apreſentava Bacco, & dizia a letra como por parte do meſmo Bacco.

Sem agoas ſenhor levayo
Se for bom,
Que las agoas de Moncayo
Frias ſon.

Aqui não tiverão praguentos, que dizer, por ſer o pinião de fiſica, ſerem melhores os mantimentos ſimples, que os compoſtos.

Outro, que no beber lançava a barra inda mais além que os aſſima eſcritos, tirou por diviſa huma Salamandra, paſſeando por cima de humas braſas de fogo, & a letra dizia.

En el fuego vivo yo.

Mas o pintor errando as letras acertou de pòr: De fuego la bebo yo. Donde os praguentos quizerão adevinhar, que eſte galante bebia Orraca de fogo. O demonio foy fazer tal erro, para delle ſahir tamanho acerto.

Outro devoto, que deſque eſtava quente, dizia dos companheyros, quaeſquer que foſſem, o que de cada hum ſabia, ſem reſpeyto: tirou por diviſa hum demoninhado, lançando os olhos em alvo, eſcumando, & apontando com o dedo para hum fraſco de vinho, & dizia a letra.

Se fallar demaſiado,
Nam mo tachem, porque em fim
Aquella alma falla em mi.

Sendo atèqui introduzidos os religioſos de Bacco, pedirão dous doutra religião, que tambem os deyxaſſem jogar as canas, & que elles tirarião tal diviſa, com que ſe tiraſſe alimpo ſua habilidade, & ſendo entrados ambos juntos por certa conformidade, que havia entre ambos, trouxerão pintados nas bandeyras cada hum ſeu par de pombas, & dizia a letra:

Se como vòs há ahi par,
Vós o podereis julgar.

Certo, que atéqui chegou a malicia dos homens, porque tão ſutilmente quizerão interpretar a innocencia deſta letra, que tomarão a derradeyra ſyllaba da primeyra regra, & ajuntaraõna com a primeyra da derradeyra, que vem dizer parvos, & diſſerão que juntos ſignificavão iſſo aquelles dous innocentes. Mal pecado, tão errada anda a maldade humana, que logo tem por parvos aos que ſabem pouco.

Outro homem entrou tambam por aderencia nas canas, o qual dizem, que tinha partes maravilhoſas; porque era tão perfeyto em ſuas couſas, que o ſeu comer havia de ſer o melhor temperado, & mais ſuave do mundo, & os ſeus veſtidos erão ſempre dos mais finos panos, & ſitins, que ſe pudeſſem deſcobrir, & eſta perfeyçãp atè nos amores, & amizades ſe lhe eſtendia: porque com os amigos ſempre tinha ſutilezas de converſação, & com as amigas hum fingir, que queria, o que não queria. E em fim atè no jogar uſava da quellas manhas todas, as que para ganhar erão neceſſarias. E tinha mais hum revés da Fortuna recebido, que ſe lhe eſtendia deſde a ponta do nariz, até huma orelha. Eſte ſenhor tirou por diviſa huma camiza toda lavrada de pontinhos, lavor antigo, & a letra dizia aſſi.

Pontos de honrado, & ſendo
Sempre na vida quiz ter,
Apontado no viver,
Apontado mais que tudo
Em meu veſtir, & comer;
Pontos ſutis no meu goſto,
Meis ſutis no converſar,
Tanto me vim a apontar,
Que apontado trago o roſto
E as cartas para jogar.

Muytos outros homen illuſtres quizerão ſer admitidos neſtas feſtas, & canas, & que ſe fizera memoria delles, conforme ſuas calidades, mas infinita eſcriptura fora, ſegundo todos os homens da India ſão aſſinalados, & por iſto eſtes baſtem para ſervirem de amoſtra do que ha nos mais.

CO-

COMEDIA

D'EL-REY SELEVCO.

Composta por Luis de Camões.

Diz logo o Mordomo,ou dono da casa.

EIs,senhores,o Autor,por me honrar nesta festivel noyte, me quiz reprelentar huma farça, & diz, que por não se encontrar com outras já feytas, buscou huns novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrezoado satisfazer. E diz que quem se della naõ contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vâ aos soalheyros dos Escudeyros da Castanheyra, ou de Alhos Vedros, & Barreyro, ou converse na rua nova em casa do Boticario, & naõ lhe faltarâ que comer: Porém diz o Autor, que usou nesta obra da maneyra de Ilopete. Hora quanto a obra se naõ Parece bam a todos: o Autor diz, que entende della menos que todos, os que lha puderem emmendar. Todavia isto he para praguentos, aos quaes diz, que responde com hum dito de hum Philosopho, que diz, Vós outros estudante para praguejar, & eu para desprelar praguentos, & com tudo quero saber da farça, em que ponto vay.

Moço, Lançarote.

Moç. Senhor.

Escud. São jâ chegadas as figuras?

Moç. Chegadas saõ ellas quasi ao fim de sua vida.

Escud. Como assi?

Moç. Porque foy a gente tanta, que nam ficou capa com friza, nem talão de çapato, que nam sahisse fóra do couce. Hora vierão huns embuçadetes, & quizerão entrar por força, eylo arrancamento na mão: derão huma pedrada na cabeça ao Anjo, & rasgárão huma meya calça ao Ermitão, & agora diz o Anjo, que nam ha de entrar, atè lhe não darem huma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não porem huma estopada na calça. Este pantoso se perdeo alli, mandeo v. m. Domingo apregoar nos pulpitos, que não quero nada do alheo

Escud. Se ella fora outra peça de mais valia, tu botàras a conciencia pela porta fóra, para o meteres em tua casa.

Moç. O se o elle fora, mais conciencia seria tornalo a seu dono, quem o havia mister para si

Escud. Hora vem cá, vay da qui a casa de Martim Chinchorro, & dizelhe, que temos cà auto, com grande fogueyra, que se venha sua mercè para cá, & que traga consigo o senhor Romaõ de Alvarenga, para que sobre o canto cham botemos nosso contraponto de zombaria. Ouves Lançarote? irlhehas abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuydaõ de entrar por força.

Indose o Moço diz.

Chichello de Judeu, assi como foste pantufo, que te custava ser huma bolça com hum par de reales, que saõ bons para hum escudeyro hipocrita que saõ muyto, & valem pouco.

Escud. Moço, que estás fazendo que nam vâs?

Moç. Senhor estou tardando, & porèm estou cuydando, que se agora fora aquelle tempo, em que corrião as moedas dos sambarcos, sempre deste tiria para humas palmilhas. Mas já que assi he, digame v.m. que farey deste?

Escud. O fideputa bragante, esperay, que estoutro vo lo dirá.

Faz que lhe tira com outro pantufo, vayse o Moço, & diz o Escudeyro.

Naõ ha mais mao conselho, que ter hum villão destes mimoso, porque logo passão o pé alem da maõ, zombaõ assi da gravidade de seu amo. Mas tornâdo ao que importa, vossas mercès he necessario, que se cheguem huns para os outros, para darem lugar aos outros senhores, que haõ de vir, que doutra maneyra, se todo o corro se hade gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade, & mais, que me hão de fazer mercé, que se hão de desembuçar, porque eu não sey quē me quer bem, nem quem me quer mal: este sô desgosto tem hum auto, que he como officio de Alcayde, ou haveis deyxar entrar a todos, ou vos haõ de ter por villaõ ruim.

Entra Martim Cinchorro, fallando com outro Escudeyro por nome Ambrosio, & diz Martim Chinchorro.

Entre v.m.

Ambros. Dias ha, senhor, que ando de quebras com cortesias, & por isso vou diante. Beijo as mãos de v.m. A verdade he esta, passear com casa juncada, fogueyra com castanhas, mesa pósta com alcatifa, & cartas; alem disto auto pára esgaravatar os dentes, esta he a vida, de que se hade fazer conciencia

Escud. Senhor, o descanso dizem la, que se hade ter em quanto homem puder, porque os trabalhos

em os chamarem de seu se vem por seu pè, que seu
ome he.
Mart. Hora pois, senhor, o auto dizem, que he tal?
orque hum auto enfadonho traz mais sono consi-
o que huma prègaçaõ comprida.
Escud. Senhor, por bom mo venderaõ, & eu o to-
ney à calla de sua boa fama, & se tal he, eu acho, q
or outra parte, nam ha tal vida, como ouvir hum
illão, que arranca a falla da garganta, mais sem sa-
or, que huma pera pão, & huma donzella, que
em mais podre de amor, fallando como Apostolo,
nais piedosa que huma lamentação.
Mart. Para estes taes he grande peça rapaz traves
o com molho de junco, porque naõ andem mais
o coscorraõ, mais roucos, que huma cigarra, tra-
endo de si enfadamento.
Moç. Oulâ, senhores, pedem as figuras alfinetes
ara toucarem hum escudeyro, hora sus áhi quem
é mais? que ainda vos veja todas a mim âs rebati-
has; ora sus venhão de mano em mano, ou de ma-
a em mana.
Escud. Moço falla bem ensinado.
Moç. Senhor, naõ faz ao caso, que os erros por-
mores tem privilegio de moedeyro.
Ambros. Oh rapaz, naõ me entendes, perguntote
: tardarão muyto por entrar?
Moç. Pareceme, senhor, que antes que amanheça
omeçaraõ.
Ambros. Oh que salgado moço, zombas de mim?
Vem cá, donde es natural?
Moç. Donde quer, que meacho.
Ambros. Perguntote onde nacestes?
Moç. Nas mãos das parteyras.
Ambros. Em que terra?
Moç. Toda a terra he huma, & mais eu nasci em
ala assobradada, barrida daquella hora, que naõ
avia palmo de terra nella.
Mart. Bem barrido de vergonha, que metu pare-
es, Dize, cujõ filho es? He paraver com que dispa-
ate respondes.
Moç. A fallar verdade, pareceme a mim, que eu sou
lho de hum meu tio.
Mart. Vem cá, de teu tio, & isso como?
Moç. Como isto senhor he adivinhação, quê vos-
s mercés naõ entendem. Meu pay era Clerigo,
: os Clerigos sempre chamaõ aos filhos sobrinhos,
: daqui me ficou amim ser filho de meu tio.
Mart. Hora te digo que es gracioso. Senhor donde
ouvestes este?
Escud. Aqui me veyo às mãos sem piòs, nem nada,
: eu por graciosо o tomey. & mais tem outra cousa
ue huma trova falla tambem como vós, sou como
u, ou como o Chiado.
Ambr. Naõ quanta disso nós havemoslhe de ver
zer alguma cousa, em quanto se vestem as figu-
is, ainda que para que mais auto, que vermos a
te.
Escud. Vem cà moço, dize aquella trova, que
zeste á moça Briolanja, por amor de mim.
Moç. Senhor, si direy, mas a quella trova, não he
se naõ para quem entender.
Mart. Como, taõ escura he ella?
Moç. Senhor assi a sey eu escrever, & a fiz na memo-
ria, porque eu naõ sey escrever, se nam com carvão,
& porem diz assi,

> Poramor de vós Briolanja,
> Ando eu morto.
> Pesar de meu avó torto.

Mart. Oh como he galante, que descuydo tam
gracioso, mais vem cá, que culpa te tem teu avò
nos disfavóres, que te tua dama dá?
Moç. Pois senhor, se eu houve de pesar de alguem,
não pesarey eu antes dos meus parentes, que dos
alheos;
Escud. Pois oução vossas mercès a volta, que he
mais chea de gavetas, que trombeta de serenissimo
de la Valla.
Moç. A volta senhores, he muy funda, & pareceme
senhores, que nem de mergulho a entenderão, &
porisso mandem affoar os engenhos, & metão mais
huma sardinha no entendimẽto, & póde ser q̃ com
esta servilha lhe calçara melhor, & todavia palrar
assi.

> Vossos olhos tam daninhos,
> Me tratâraõ de feyçaõ,
> Que naõ ha em meu coração,
> Em que atem dous reis de cominhos,
> Meu bem anda sem fucinhos
> Por vós morto
> Pesar de meu avó torto

Mart. Hora bem, que de ver os cominhos com o co-
ração?
Moç. Pois, senhores, coracão, bofes, baço, & toda
a outra mais cabedella, naõ se pódem comer senão
com cominhos, & mais senhores, minha dama era
tindeyra, & este he o verdadeyro entendimento,
Mart. Eaquella regra, que diz, meu bem anda sem
fucinhos, me dá tu a entender, que ella naõ dá
nada de si.
Moç. Nunca vossas mercés ouviraõ dizer, meu
bem, & meu mal lutáraõ hum dia, meu bem era tal
que meo mal o vencia, pois desta luta foy tamanha
a quèda, que meu bem deu entre huma pedra, que
quebrou os focinhos, & por ficarem taõ esfarra-
pados, porque lhe naõ podiaõ deytar pedaço, por
conselho dos fisicos lhos cortárão por lhe nelles
nam saltarem erpes, & da qui ficou meu bem anda
sem fucinhos, como diz o texto.
Ambros. Tu fazes jâ melhores argumentos, que
moços de estudo por dia de S. Nicalao.
Mart. Senhor, aquillo tudo he bom engenho este
moço he natural para logico.
Moç. Que, senhor, natural para logea? si mas nam
tam saia como vossas mercés.
Escud. Pareceme, senhor, que entra a primeyra
figura, Moço, metete aqui por bayxo desta mesa,
& ouçamos este Representador, que vem mais
amar-

amarlotados dos encontros, que hum capuz roxo de piloto, que ſae em terra, & o tira da arca de cedro.

Mart. Senhor elle parece que aprende à cirurgiaõ.

Ambroſ. Mais parece ourinol capado, que anda de amores com aminina dos olhos verdes.

Eſcud. Emfim parece figura de auto em verdade

Entra o Repreſentador.

He ley de direyto aſſaz verdadeyra, julgar por ſi meſmo aquillo, que vem porque eu cuydo, que eu zombo de alguem, & cuydo, que zombo da meſma maneyra, & ſe aqualquer parece que eſtá mais dobrado, ſem nenhum conhecer ſeu proprio engano, por grande que ſeja. Hora, ſenhores, amim me eſquece o dito todo de ponto claro, mas naõ ſou de culpar, porque naõ ha mais que tres dias, que moderaõ, mas em breves palavras direy a voſſas mercès a ſumma da obra, ella he toda de rir do cabo atè a ponta. Entrarâ o logo primeyramente quinze donzellas, que vaõ fugidas de caſa de ſeus pays, & vaõ com cabazes apanhar azeytona, & traz ellas vem logo oyto mundanos, metidos em hum covão cantando, quem os amores tem em Sintra, & deſpois de cantarem faráõ huma dança de eſpadas, couſa muyto para ver, entra mais El-Rey Dom Sancho baylando os machatins, & entra logo Caterina Real com huns poucos de parvos numa joeyra, & ſemealosha pela caſa, de que naſcerá muyto mantimento ao riſo, & niſto fenecerá o auto, com muſica de chocalho, & boſinas, que Cupido vem dar a huma alfeloeyra aquem quer bem, & ir ſe-hão voſſas mercés cada hum para ſuas pouzadas, ou conſoaràõ câ comnoſco diſſo, que ahi houver. Pareceme que nenhum diz, que nam. Hora pois ficareis em vano laboraverunt, porque atègora zombey de vós, por me forrar do erro da repreſentação como quem diz, digoto antes que mo digas.

Ambroſ. Hora vos digo ſenhores, que ſe as figuras ſão todas taes, que acertarião em errar os ditos, ainda que me parece que eſte o naõ fez, ſenaõ a ſer mais galante. Mas ſe aſſi he ella he a melhor invenção, que eu vi: porque jà agora repreſentações, todas he darem por praguentos, & ſão tam certas que he melhor errallas, que acertalas.

Eſcud. Pareceme que entrão as figuras de ſiſo, vejamos ſe ſaõ tam galantes na pratica, como nos veſtidos.

Entra El-Rey Seleuco, com a Rainha Eſtratonica.

Rey. Senhora, deſque a ventura
Me quiz darvos por mulher,
Me ſinto emmeninecer,
Porque em voſſa fermoſura,
Perde a velhice ſeu ſer.
Hum homem velho, canſado,
Não tem força nem vigor,
Para em ſi ſentir amor,
Senaõ he, que eſtou mudado,
Com ſer voſſo noutra cor.
Muyto grande dita tem
A mulher, que he fermoſa.

Rainha. Senhor grande, mas porém
Se a tal he virtuoſa,
Querlhe a ventura mór bem.

Rey. Si, mas porém nunqua vemos
A natureza eſmerar,
Donde haja, que tachar,
Que quando ella faz eſtremos,
Em tudo quer ſe eſtremar.
Eu fallo como quem ſente
Em vós eſta calidade,
Pelo que vejo preſente,
E ſe me eſta moſtra mente,
Menteme a meſma verdade.
Huma ſó triſteza tenho
Que naõ tem a menenice,
Que no mòr contentamento
O trabalho da velhice
Me embaraça o ſentimento.

Rainh. Senhor, novidades taes
Farmehaõ crer de verdade,

Rey. Novidades lhe chamais
Folgo, ſenhora, que achais
Na velhice novidades.

Rainh. Senhor, dias ha que ſento
Em o Principe Antiocho
Certo deſcontentamento,
Dèra alguma couſa a troco
Por ſaber ſeu ſentimento.
Vejolhe amarelo o roſto,
Ou de triſte ou de doente,
Ou elle anda mal diſpoſto,
Ou lá tem certo deſgoſto
Que o naõ deyxa ſer contente:
Mande ſenhor voſſa alteza
Achamallo por alguem,
Saberemos que mal tem,
Se he doença de triſteza,
De que nace, ou de que vem.

Rey. Certo que eu me maravilho
Do que vos ouço dizer,
Que mal pode nelle haver?
Ide dizer a meu filho,
Que me venha logo ver,

Rainha. Se curar naõ ſe procura
Huma couſa deſtes tais,
Vem deſpois a crecer mais
Quanda ſe naõ acha cura,
Toda a cura he por demais.

Entra o Principe Antiocho, com ſeu pagem por nome Leocadeo

Princ. Leocadeo ſe es aviſado,
E não te falta ſaber,
Sabermehas dar a entender
Quem ama deſeſperado,

Que

Que fim espera de a ver?
Pag. Senhor,naõ,
Mas porém porque razão
Lhe avem ia bello,ou de que?
Princ. Perguntote a conclusaõ,
Não me perguntes porque,
Porque he minha pena tal,
E de taõ estranho ser,
Que me eyde deyxar morrer,
E por naõ cuydar no mal
O não ouzo inda dizer.
Que maneyra de tormento
Tam estranho,& evidente,
Que nem cuydar se consente,
Porque o mesmo pensamento
Ha medo do mal que sente!
Pag. Não entendo a vossa Alteza:
Princ. Assi importa a minha dor.
Pag. E porque razão,senhor?
Princ. Para que seja a tristeza
Castigo de meu temor,
Porque ordena
O amor,que me condena,
Que seajão de sentir
E sem dizer,nem ouvir
Bemaventurada a pena
Que se pòde descubrir,
O caso grande,& medonho,
O duro tormento fero,
Verdade he isto,que eu quero?
Não he verdade,mas sonho
De que acordar naõ espero.
Querome chegar a el-Rey
Meu,pay,que já me está vendo,
Mas onde vou?naõ entendo
Com que olhos eu olharey
Hum pay,a quem tanto ofendo?
Que novo modo de antolhos,
Porque neste etrevimento
Devera meu sentimento,
Para elle naõ ter olhos,
Nem para ella pensamento.

Chega aonde está el-Rey,& diz El-Rey.

Rey. Filho,como andais assi
Que tanto desgosto tomo
De vos ver como vos vi?
Princ. Naõ sey eu tanto demim,
Que possa saber o como.
Dias ha já,senhor,que ando
Mal disposto,sem saber
Este mal,que possa ser,
Que se nelle estou cuydando,
Quasi me vejo morrer.
Rey. Pois filho será razão,
Que meus fisicos vos vejão,
Princ. Os fisicos,senhor,não,
Que os males,que em mim estão,
Naõ curas,que me sobejão.

Rainha. Deytese,que na verdade
Hum corpo deytado,& manso
Descansa á sua vontade.
Princ. Senhora,esta enfermidade,
Não se cura com descanso.
Rainha. Todavia bom será
Que lhe fação huma cama.
Princ. Hum coxim abastará,
Que assi não descansará
O repouso de quem ama.
Rey. Vamos filho,para dentro,
Em quanto a cama se faz,
Repousey como capaz,
Que a mim me dá cá no centro
A pena,que assi vos traz.

Vaõse,& vem huma moça a fazer a cama,& diz.

Mimos de grandes senhores,
E suas estremidades
Me hão de matar de amores,
Porque de meros dulçores
Adoecem.
Entaõ logo lhes parecem
Aos outros que são mamados,
E os que saõ mais privados,
Sobre elles estremecem.
Certo & assi Deos me ajude
Que são muyto graciosos,
Porque de meros viçosos,
Não podem com a saude.
Mas deyxalos,
Porque elles darão nos vallos,
Donde mais naõ se erguerão,
Inda que lhe dem a mão
Os seus privados vassallos.

Entra hum Porteyro de cana, & bate primeyro, & diz.

Port. Traz,traz,traz?
Moç. Jesu,quem está ahi.
Port. Já vós,mana,ereis mamada,
Para vos levar furtada:
Nunca tal ensejo vi
E vós estais descuydada,
Moç. E meus descuydos,que fazem?
Port. Vossos descuydos,cadella:
A minha alma,sois taõ bella,
Que esses descuydos me trazem
Dous mil cuydados à vella.
Pois sou vosso ha tantos annos,
Mana,tiray os antolhos,
E vereis meus tristes dannos.
Moça. Não tenhais esses enganos.
Port. Nem vós tenhais esses olhos;
Que de vossos olhos vem
Esta minha pena fera.
Moça. De meus olhos,assim era.
Port. Moça,que taes olhos tem
Nenhuns o lhos ver devera.

Moç. E pòrque?
Port. Porque cegais
A quantos olhos olhais,
Posto que por vós padecem:
Olhos,que tambem parecem,
Porque não nos castigais?
Moç. Deos dè siso,pois de vós
Tirou ao que aos outros deu.
Port. Desatayme lâ esses nós,
E que mais siso quero eu,
Que não ter siso por vôs?
Moç. Fallais darte,eu vos prometo
Que a reposta vem á vella,
Isso he olho de panella:
Quanto ha já que sois discreto?
Port. Quanto ha já que vós sois bella?
Moç. Daysme logo a entender
Que eu sou fea a meu ver:
Port. E isso porque o entendeis?
Moç. Porque,porque me dizeis,
Que só de meu parecer
Vos procede o que sabeis.
Port. He verdade.
Moç. Pois infero.
Que o vosso saber he vento.
Fica a cousa declarada,
Meu parecer não ser nada.
Port. Olhay aquelle argumento.
Alem de bella avisada:
Oh nem tanto,nem tão pouco,
Vede vós o que fallais?
Moç. Cego no saber andais.
Port. No siso,mas não tão louco
Como vós,mana,cuydais:
Hora dizey duma mà,
Que não amais,quem vos ama?
Moç. Ouvistes vós cantar jâ,
Velho malo,em minha cama,
Jà me entendereis:
Port. Ha,ha
Senhora,estais enganada,
Que com huma capa,& espada,
E com este capuz fóra.
Moç. Hora bem, tirayo hora,
E fazey huma levada.
Port. Não,se me eu hoje alvoroço
Acharmeheis doutra feyção.

Aqui tira o capuz, & diz.

Port. Tenho má disposição?
Estas obras saõ de moço,
Se as mostras de velho saõ.
Moç. Tendes muy gentis meneos:
Port. Não senhora, faço estremos:
Moç. Passeay hora,veremos
Se tendes tão bons passeos:
Port. Tudo senhora,faremos:
Moç. Viray hora a essoutra mão:
Port. Esta disposição vedea,
Que tenho gentil feyção:
Moç. Tendes vòs muy boa rèdea,
Sofreis ancas?
Port. Isso não,
Moç. Por certo,que tendes graça.
Em tudo quanto fizerdes,
Fazey mais,o que souberdes.
Por. Naõ sey cousa,que não faça,
Senhora,por me quererdes.
Moç. Tendes vós muyto bom ar.
Port. Mais que isto faz,quem quer bem,
Moç. Hivos asinha,que vem
O Principe a se deytar.
Port. Nunqua huma pessoa tem
Huma hora para fallar.

Entran o Principe com o seu Pagem, Leocadeo, & diz.

Princ. Seja a morte apercebida,
Porque já o amor ordena
A dar a meu mal sahida,
Porque o fim da minha vida
O seja da minha pena:
Não tarde para tomar
Vingança de meu querer,
Pois não se póde dizer,
Que não tem jâ que esperar,
Nem com que satisfazer,
Os fisicos,vem,& vão,
Sem saberem minhas magoas,
Nem o pulso me acharaõ,
E se o querem ver nas agoas,
As dos olhos lho diràõ,
Se com sangrias tambem
Procurão verme curado,
O temor de meu cuydado
O mais do sangue me tem
Nas veas todo coalhado.
Querome aqui encostar,
Que já o esprito me cay,
Leocadeo,vayme chamar
Os musicos de meu pay,
Folgarey de ouvir cantar.

Aqui se deyta,como que repousa, & falla dizendo asim.

Princ. Senhora,qual desatino
Me trouxe a tanta tristura,
Foy,senhora,por ventura
A força,de meu destino,
Como vossa fermosura?
Bem conheço,que não posso
Ter tão alto pensamento,
Mas disto só me contento,
Que se paga com ser vosso
O mór mal de meu tormento.

Entrão os musicos, & diz Alexandre da Fonseca hũ delle[s]

Alex. Senhor,de que se acha mal

O Principe,ou que mal sente,
Pag. Senhor,sei que está doente,
Mas sua doença he tal,
Que entender se não consente;
Os fisicos vem,& vão,
Huns,& outros a meude,
Sem o poderem dar são.
Quanto mais cura lhe daõ
Então tem menos saude.
O pay anda em sacrificios
Aos Deoses,que lhe dem
A saude,que convem:
Dizendo,que por seus vicios,
O mal a seu filho vem.
Eu suspeyto que isto saõ
Alguns novos amorinhos,
Que terá no coração.
Alex. Amores,com quem serão,
Que lha não dem de focinhos?
Port. Senhores,que lhe parece
Da doença de Antioco?
Alex. Digalha,quem lha conhece:
Pag. Que toma morrer a troco
De calar, o que padece.
Port. Isso he estar emperrado
Na doença,que he peor;
Temno os fisicos curado?
Alex. Oh que de mal del amor,
No ha señor sanador,
Port. Fallais como experimentado,
Que eu cuydo,que esta fadiga,
Que o faz com que desespere,
Y por más tormento quiere,
Que se sienta,y no se diga.
Alex. Pois,senhor meu,isso asselle,
Porque a pena,que sabeis,
Que eu cuydo,que está nelle,
Darlheha penas crueis.
Pues no ay quien la consuele:
Port. Folgo porque me entendeis:
Pag. Hemonos senhores de hir,
Porque nos está esperando.
Port. Pois eu tambem hey de hir,
Que não me posso espedir
Donde vejo estar cantando:
Princ. Cantay por amor de mi
Alguma cantiga triste,
Que todo meu mal consiste
Na tristeza em que me vi.
Port. Mandelhe cantar hum chiste:
Alex. Chiste não,que he desonesto,
E naõ tem esses estremos,
Outro canto mais modesto:
Porém não sei que diremos;
Pag. Gãoleaõ o dirá presto.
Port. Dá licencia V. Alteza,
Que diga minha tenção:
Princ. Dizey,seja em canto chaõ,
Port. Pois crede,que he sutileza,
Que os Anjos a comeraõ:
Digaõ esta.
Enforquey minha esperança,
E o amor foy taõ madraço,
Que lhe cortou o baraço.
Alex. Não me parece essa boa.
Port. Haja eu perdão,
Porque não a entenderáõ,
Entender,bofa,que he boa,
Naõ lhe cahis na feyção?
Alex. Dizey hora outra melhor
Com que nos atarraqueis.
Port. Hora esperay,& ouvireis,
Se a esta não dais louvor,
Quero que me degoleis.

Cantiga.

Com vossos olhos Gonçalves,
Senhora,cativo tendes
Este meu coração Mendes.
Alex. Essa parece muy taibo,
Porque mostra bom indicio.
Port. Vós cuydareis,que eu que rayvo.
Alex. Toda via tem mao saybo,
Hora mal lhe corre o officio.
Princ. Tá naõ vá mais por diante
A zombaria,que he má,
Cantay qualquer dellas já,
Que esse porteyro he galante,
Ninguem o contentara.

Aqui cantam, & em acabando diz o Pagem,

Pag. Parece que adormeceo.
Port. Pois será bom,que nos vamos.
Alex. Senhor,quer que nos vejamos?
Port. Senhor,virmehá do Ceo,
Relevame que o façamos.

Entra a Raynha com huma sua criada por nome Frolalta, & diz a Raynha,

Raynh Frolalta,como ficava
Antioco em te tu vindo?
Moç. Ficavase despedindo
Da vida,que então levava,
E assi seus dias cumprindo.
Raynh. Oh grave caso de amor,
Desesperada affeyção,
Oh amor sem redempçaõ,
Que alli te fazes mayor:
No mais alto,& fundo pégo
Alli tens mayor porfia:
Razão de ti não se fia,
Quem te a ti chamou cêgo
Muy bem soube o que dizia.
Por ventura hia chorando?
Frol. Chorando hia,& chamando
Ao amor,amor cruel,
E em,senhora,se deytando

Lhe

Lhe cahio efte papel:
Rayn. Que papel?
Frol. Efte, fenhora.
Rayn. Amoftra, que quero lello,
Agora acabo de crello,
Que ao que moftra por fóra
Aqui lhe lançou o fello.

Aqui lê o papel, & diz.

Raynh. Oh eftranha pena fera,
Defditofa vida cara,
Oh quem nunqua cà viera,
E com feu pay não cafára,
Ou em calando morrera.
Frol. Ainda que eu pefa faõ,
Senhora tudo bem vejo,
Atente, que na eleyção
O que lhe pede o defejo
Não confente o coração.
Raynh. Frolalta, pois que es difcreta
Nada te poffo encobrir,
Porque fe queres fentir,
A huma mulher difcreta
Tudo fe ha de defcubrir.
O dia, que entrey aqui,
Que a Seleuco recebi,
Logo neffe mefmo dia
No Principe filho vi
Os olhos, com que me via:
Efte principio fofrilho,
Para ver fe fe mudava,
Antes mais fe acrecentava,
Eu amavao como filho,
E elle d'outra arte me amava.
Agora vejoo no fim
Por fe me não declarar,
Pois que ja a ifto vim,
A morte, que o levar
Me leve tambem a mim:
Porque já que minha forte
Foy taõ crua, & defabrida,
Que me não quer dar fahida,
Sejamos juntos na morte,
Pois o naõ fomos na vida.
Oh quem me mandou cazar
Para ver tal crueldade,
Ninguem venda a liberdade,
Pois não póde refgatar
Onde não tem a vontade.
Que não ha mòr defvario,
Que o forçado cafamento
Por alcançar alto affento.
Que em fim todo o fenhorio
Eftá no contentamento.
Não fey fe o vá ver agora
Se ferá tempo conforme,
Ou fe himos a deshora.
Moç. Depois iremos fenhora,
Que agora dizem, que dorme.

Entra o fifico a tomarlhe o pulſo, & tomandoo diz.

Fiſ. Su madrafta oy nombrar,
Y el pulfo fe le alteró,
Efto no entiendo yo,
Porque para le alterar
El coraçon le obligò:
Pues que el coraçon fe altere,
Y porque en un momento
Algun nuevo vencimiento
De afficion terrible le hiere,
Que caufa tal movimiento:
Pues que afficion cabe affi,
Con madrafta? digo yo,
Dos razones ay aqui;
La una dize, que fi,
La otra dize, que no.
Empero yo determino
De exprimentar la verdad:
Y hazer una habilidad,
Que declare es agua, ó vino,
Efta fu enfermedad.
Porque toda efta mañana
Tengo eftudiado fu mal,
Sin ver caufa effetual
De fu dolencia inhumana,
Ni otra de fu metal.
Llamar quiero efte afnejon,
Mas aun deve de dormir
Segun que es dormilon:
Sancho, ô Sancho?
San. A feñor, á feñor:
Fiſ. Ea aun eftás dormiendo?
San. Eftoyme, feñor, veftiendo.
Fiſ. Pues vellaco, & fin fabor
No me refpondes dormiendo?
Veftios prefto ladron:
Oh que moço, y que ventura,
San. Mas que amo, y cararon;
Embieme el ropon,
Que no allo mi veftidura.
Fiſ. Que embie el ropon acà,
Parece, que os defmandais.
San. Que vaya, fenhor, ha, ha,
Que buenos dias ayais.

Entra o moço embrulhado em huma manta, & diz o Fiſico.

Fiſ. Di como vienes affi
Con la manta, y para que?
San. Yo fenhor fe lo diré:
Por venir prefto vefti
Lo que mâs prefto me allè,
Porque viendo, que el me llama,
Dormiendo yo fin afan,
Saltè prefto de la cama,
Que parefco un gavilan
Hermofo como una dama.

Fis. Mas es tu bovedad tanta,
Que vienes desta fecion.
San. De mi vestido se espanta,
De noche sirve de manta,
Y de dia de ropon.
Fis. Embiòme el Rey a llamar
Otra vez.
San. Y a mi.
Fis. Y a ti.
San. Y él que presta allà sin mi?
Fis. Que puedes tu aprovechar?
San. Yo se lo dirè de aqui,
Si por la ventura quiere
Para que le dè consejo
Quando doliente estuviere,
Digo, coma, si pudiere,
Y beba buen vino anejo,
Porque este es el licor
Que da fuerça, y es sabroso,
Que segun dizen, señor,
Vino letificat cor
Hominis, & le es provechoso.
Fis. Ya sabes la medicina,
Que Avicena nos refiere.
San. Pues señor, porque es divina,
Pero el Rey que le quiere,
Que manda, ó que determina.
Fis. El Principe està doliente.
San. Oh mesquino, & que mal ha?
Fis. Y a ti necio, que te vá.
San. Oh señor, que es mi pariente.
Fis. Gracioso el bovo està,
Y pues dime por tu fé,
Llorarâs si se muriere?
San. No llorarè,
Empero, señor, haré
La peor cara, que pudiere.
Fis. Ea bovo vé corriendo,
Y ensilla la mula ayna.
San. Vengala ensillar mejor.
Fis. Oh vellaco, y sin sabor.
San. Yo por cierto no lo entiendo,
Pero una melecina
Le ede pedir, Dios queriendo,
Porque ando atribulado,
Y no sè parte de mi
Com este nuvevo cuydado,
Para un sayo esfarrapado,
Que me dizen ay alli.
Fis. Hora ensilla, y nunqua biva,
Pues sufro tus desatinos.
San. Señor passion no reciva,
Ya cavalga Calaynos
A la sombra de una oliva.

Aqui sae bolindo com a almofaça, & acorda o Principe, & diz.

Princ. Oh bella vista, & humana
Por quem tanto mal sostenho,
Oh Princeza soberana
Como nos braços vos tenho,
Ou este sonho me engana:
Pois como sonho tambem
Me queres vir magoar,
E para me atormentar
Mostraime a sombra do bem
Para assi mais me enganar.
Assi que com quanto canso
Já naõ posso achar atalho,
Pois que o sono quieto, & manso,
Que os outros tem por descanso
Me vem à mim por trabalho:
Pois ha hi tantos enganos,
Que condenão minha sorte,
Naõ o tenho já por sorte,
Se á volta de tantos danos
Viesse tambem a morte.

Aqui entra El-Rey com o Fisico, diz El-Rey.

Rey. Anday, & vede se achais
O rasto deste segredo,
Que me dizem, que alcançais,
Ainda que tenho medo,
Que lhe seja por demais.
Fis. Plega a Dios que aqueste sea,
Para salud, y remedio
Desta dolencia tan fea:
Yo buscaré todo el medio,
Que presto sano se vea.

Aqui lhe toma o Fisico o pulso, & diz.

Fis. Afloxen, señor, sus ays,
Como se alla en su penar?
Princ. Como me acho perguntais?
E como se póde achar
Quem sempre se perde mais?
Fis. La respuesta abre el camino,
Imagina de contino.
Princ. Naõ tenho outro mantimento,
Nem outro contentamento
Se não o em que imagino.

Aqui entra a Raynha, & diz.

Raynh. Como se sente, señor,
Tem a febre mais pequena?
Princ. Respondalhe minha pena?
Fis. Conocido es su dolor,
Hora sea en ora buena,
Tomada està la tristeza
A las manos, que sentió:
Uzaré de sutileza.

Diz contra El-Rey.

Cumpleme que solo yo
Platique con vuestra Alteza:

Rey.

Rey. Cheguemonos para cà.
Raynh. Naõ deve deſeſperar,
Que em fim ſe bem atentar,
Para tudo o tempo dá
Tempo para ſe curar.
Princ. Que cura poderá ter,
Quem tem a cura,ſenhora,
No impoſſivel haver.
Raynh. Ficayvos,ſeñor,embora,
Que vos naõ ſey reſponder.

Vayſe a Raynha,& diz El-Rey.

Rey. Neſte mal,que não comprendo,
Que meyo dais de conſelho?
Fiſ. Señor,nada entiendo dello,
Y ſupueſto que lo entiendo,
Yo quiziera no entendello.
Rey. Porque?
Fiſ. Porque he entendido
Lo màs malo de entender,
Para lo que puede ſer,
Porque anda,ſeñor,perdido
De amores por mi muger.
Rey. Santo Deos,que tal amor
Lhe dá doença tam fera!
Que remedio achais melhor?
Fiſ. Forçado ſerá,que muera,
Porque no muera mi honor:
Rey Pois como a hum ſó herdeyro
Deſte Reyno,não dareis
Voſſa mulher,pois podeis,
Que tudo faz o dinheyro:
Pois eſte não o engeyteis,
Daylha,porque eu eſpero
De vos dar dinheyro,& honra,
Quanto eu para elle quero:
Fiſ. No tira el mucho dinero
La mancha de la deshonra.
Rey. Ora bem pouco defeyto,
He pequice conhecida,
Quando deyxa de ſer feyto,
Porque com elle dais vida
A quem vos dará proveyto:
Fiſ. Quan facilmente aporfia
Quien en tal nunqua ſe vió
Del conſejo,que me dió,
Vueſtra Alteza,que haria
Si agora fueſſe yo?
Rey: A mulher,que eu tiveſſe
Darlhahia,oxalá,
Que elle a Raynha quizeſſe.
Fiſ. Pues dela,ſi le parece,
Que por ella muerto eſtá:
Rey. Que me dizeis:
Fiſ. La verdad:
Rey. Sem duvida tal ſentiſtes?
Fiſ. Sin duda,ſin falſedad,
Pues,ſeñor,aora tomad
Los conſejos,que me diſtes!

Rey. Certamente,que eu o via
Em tudo quanto fallava,
Como o viſtes?porque via?
Fiſ. Nel pulſo,que ſe alterava
Si la via,ó ſi la oia.
Rey. Que maneyra ha de haver,
Que eu certo me maravilho,
Poſſa mais o amor do filho,
Do que póde o da mulher:
Finalmente eilha de dar,
Que a ambos conheco o centro,
Queroo ir levantar,
E iremos para dentro
Neſte caſo praticar.

Diz contra o Principe.

Levantayvos filho d'hi
O melhor,que vós puderdes,
E vindevos para aqui,
Porque em fim,o que quizerdes
Tudo havereis de mi.
Pag. Ha ſenhores,ou lâ,ou?
Port. Vieſtes em conjunção
A melhor,que pòde ſer.
Haveis aqui de fazer
A troſquia a hum rifaõ.
Pag. Deyxayme,ſeñor,dizer,
Haveis iſto de acabar,
Coração hi bugiar,
No eſteis preſo en cadenas,
Que pois o amor vos deu penas,
Que vos lanceis a voar:
Port. Por certo,que bem comprou.
Pag. Hora ſabeis o que vay,
Antioco, que caſou
Com a molher de ſeu pay,
E o meſmo pay o ordenou?
Port. Iſſo como?
Pag. Não o ſey,
Porque dizem,que a amava,
E que ſó por ella andava
Para morrer,& El-Rey
Deoa a quem a deſejava:
Port. Se o caza por querer bem
Com a moça,a quem elle ama,
Direy que a mim me inflama,
O amor mais que a ninguem:
Pag. Pois pedilhe a noſſa dama:
Port. Por Sam Gil,que eilos cá vem,
Elle pela mão com ella.

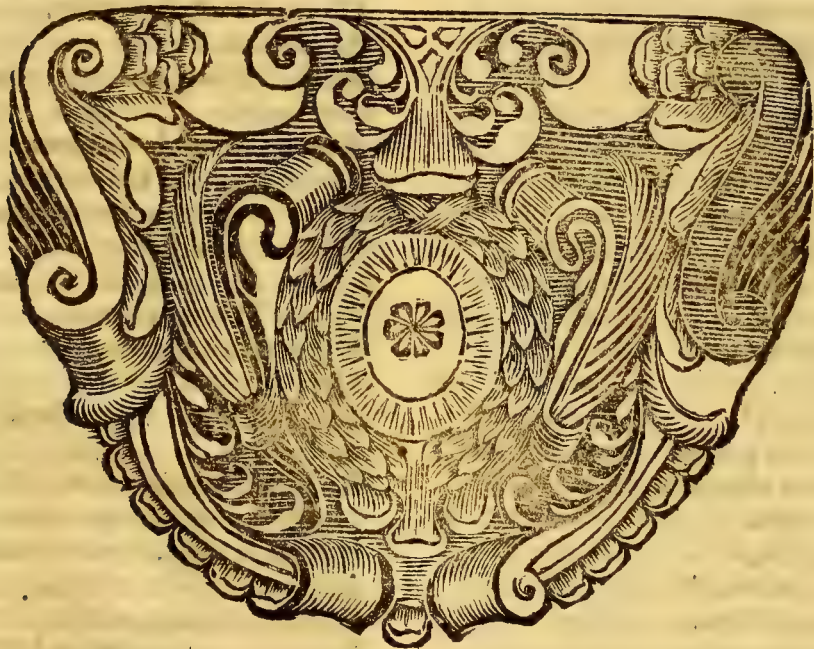
Entra El-Rey, & Antioco com a Raynha pela mão,& diz El-Rey.

Rey. Que mais ha,que eſperar
Olhay,que eſtranheza vay
O muyto amor ordenar,
Hirſe o filho namorar
De huma mulher de ſeu pay,

Querer bem foy sua dor,
Negarlha será crueldade,
Assi que jâ foy bondade
Uzar eu de tal amor,
E de tal humanidade.
Ella deyxou de reynar
Como fazia primeyro
Por se com elle casar,
E por amor verdadeyro
Tudo se póde deyxar.
Eu que nella tinha posto
Todo o bem de meu cuydado,
Deyxey mais, que ella há deyxado,
Que mais se deyxa no gosto,
Que no poderozo estado:
Mas já que tudo isto vemos,
Hajam festas de prazer,
As que melhor possaõ ser,
Porque em tão grandes estremos,
Estremos se haõ de fazer.
Hajão cantos para ouvir,
Jogos, prazeres sem fundo,
Porque se quereis sentir
Deste modo entrou o mundo,
E assim ha de sahir,

Aqui vem os musicos, & cantam, & depois de cantã rem saemse todas as figuras, & diz Martim Chinchorro.

Hora, senhor, tomemos tambem nosso pandeyro, & vamos festejar os os noyvos, ou vamos consoar com as figuras, porque me parece, que esta he a mór festa, que póde ser. Mas espere v. m. ouviremos cantar, & na volta das figuras nos acolheremos. Moço acende esse mólho de cavacos, porque faz escuro, não vamos dar com nosco em algum atoleyro, onde nos fique o ruço, & as canastras.

Estacio da Fonseca. Não senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tições na mão, & perdoem o mao agasalhado, mas daqui em diante sirvaõse desta pousada, & não tenham isto por palavras, porque essas, & plumas o vento as leva.

COMEDIA
DOS ANFITRIÕES.

Composta por Luis de Camões.

EM A QUAL ENTRAM AS FIGURAS SEGUINTES.

Anfitriaõ.
Almena sua mulher.
Sosea seu moço.
Bromia sua criada.
Belferraõ Patraõ.
Aurelio primo della com seu moço.
Jupiter.
Mercurio.

Entra logo Almena saudosa do marido, que he na guerra, & diz.

Almena. HA Señor Anfitrião,
Onde está todo meu bem,
Pois meus olhos vos naõ vem,
Falarey com coração
Que dentro nalma vos tem,
Ausentes duas vontades,
Qual corre mores perigos,
Qual sofre mais crueldades,
Se vòs entre os inimigos.
Se eu entre as saudades.
Que a ventura, que vos traz
Tam longe de vossa terra,
Tantos desconcertos faz,
Que se vos levou â guerra.
Nam me quis leyxar em paz;
Bromia, quem com vida ter
Da vida jâ desespera.
Que lhe poderàs dizer?
Brom. Que nunca se vio prazer.
Se nam quando nam se espera.
E por tanto nam devia
De ter triste a fantesia,
Por que vossa merce crea.
Que o prazer sempre saltea,
Quem delle mais desconfia
En tenho no coração,
Do señor Anfitriaõ
Venha hoje alguma nova;
Naõ receba alteração,
Que a verdadeyra affeyção
Na longa ausencia se prova.
Alm. Dizey logo a Feliseo,
Que chegue muyto apressado
Ao cais, & busque meyo
De saber se algum recado
Do porto Persico veyo,
& mais lhe aveis de dizer,
Isto vos dou por officio,
Dalguma nova saber,
Em quanto eu vou fazer
Aos deoses o sacrificio.

Vayse Almena, & diz Bromia

Brom. Saudades de minha ama,
Chorinhos, & devações,
Sacrificios, & orações
Me haõ de lançar numa cama.
Certamente
Nós molheres de semente
Somos sedenho tam tosco,
Que com qualquer vento, que vente
Queremos forçadamente,
Que os deoses vivaõ com nosco.
Quero Feliseo chamar,
E dizerlhe aonde hade ir
Mas elle como me vir
Logo hade querer rinchar,
de travesso
Eu que de zombar nam cesso
Por ficar com elle em salvo.
Lançolhe, hum, & outro remesso,
Aos seus furtolhe o alvo,
E antão elle fica avesso.
Porque o melhor destas danças
Com huns vindiços assi,
He trazelos por aqui
O cheyro das esperanças,
Por viver
Ha os homens de trazer
Nos amores assi mornos,
Sò pare ter que fazer,
E depois ao remeter
Lançalhe a capa nos cornos.
Feliseo, se estais à mão,
Chegay câ; vem como hum gamo,
Bem sey, que naõ chamo em vão.

Vem Felifeo.

Fel. Chamaifme tambem vos chamo,
Porèm eu ouço,& vós não,
Senhora,que me matais,
Se vós jà nunca me ouvis,
Ou me ouvis,& vós falais,
Dizey porque me chamais
Se me vós a mim fogis?
Brom. Eu vos fujo?
Fel. Fogis digo
De dar a meus males cabo.
Brom. Sabey que defle perigo
Naõ fujo como de imigo,
Fujo como do diabo.
Fel. Day ao demo efla tenção,
Ufay antes de cortès,
Cay vós nefta razaõ.
Brom. Do perigo fogem os pés,
Do diabo o coraçaõ.
Fel. Dizeyfme,que neffa briga
Do meu coração fogis?
Brom. Ainda,que eu iflo diga.
Fel. A minha doce inimiga,
Bem finto,que me fintis,
Mas para que me chamais?
Brom. Mandavos minha fenora
Que chegueis daqui ao cais,
E algumas novas faybais
D'Anfitriaõ neffa ora.
Fel. Quem as não fabe de fi.
Doutrem como as faberá?
Brom. Não nas fabeis vós de mi?
Fel. Má trama venha por ti,
Duna feyticeyra má,
Porque não me olhas direyto,
Cadela,que affi me cortas.
Brom. Porque vos quero dar portas,
Que f'eu olhar doutro geyto,
Trarey cem mil vidas mortas.
Fel. E pois para que me andais
Enganando ha cem mil annos?
Brom. Douvos vida com enganos.
Fel. Nefles enganinhos taes
Acho crueis defenganos.
Brom. Quanta efles vos quero eu dar,
Vós cuydais,que eftais na fela,
Pois podeis vos decer della,
Q'ueu nunca vos pude olhar,
Fel. Jugais comigo á panela?
Tendesme ha tanto cativo,
E defenganayfme agora?
Tudo iflo he o que privo
Affi,que he iflo fenhora,
Dochelo morto,dochelo vivo?
Se me vós defenganais
No cabo de tantos annos,
Direy,fe licença dais,
Daifme vida com enganos,
Defenganos jà chegais
Mas fe iflo havia de fer
Dizey,má defconhecida,
Defterro de meu viver,
Que vos cuftava dizer
Amor bufca tua vida?
Brom. Zombais falaifme coprinhas?
Fel. Rirvoseis fe vem á maõ:
Copras não,mas ifto faõ
Anfias, y paffiones minhas
Dos bofes,& coração.
Brom. Ilvos fazendo duns fengos.
Fel. Perdoneme Dios fi peco.
Brom. Nefles dentinhos framengos
Conheço,que fois hum peco,
De todos quatro avoengos.
Fel. Tudo vos levo em capelo,
Jà qu'eftais tanto em agraço,
Porém falando fingelo,
A furto deffa mao zelo,
Quereifme dar hum abraço?
Brom. Ora digo que não poflo
Ufar com vofco de fero,
Tomayo.
Fel. Jà o não quero,
Porque efle abraço voflo
Sabey,que he engano mero.
Brom. O vós fois duns fenfabores
Abraço pedis affim
S'eu remango dum chapim?
Fel. Tudo iflo faõ favores
Zombay,vingayvos de mim.
Brom. Vós de furiofo touro
As garrochas não fentis.
Fel. Vedes com iflo fó mouro,
Quando cuydo que fois ouro,
Achovos toda ceytis.
Brom. Em fim fanha de vilão
Vos fez perder hum bom dia.
Fel. Jâ agora o eu tomaria,
Quereifmo dar.
Brom. Hora não,
Coceyvos eu toda via.
Fel. Pois,fenora,a quem vos ama,
Sois tam defarrazoada,
Quero tomar outra dama,
Que nam digam os d'Alfama,
Que nam tenho namorada.
Brom. Deyxayme.
Fel. Vòs me deyxais.
Brom. Deyxayme.
Fel. Zombais de mi?
Brom. Deyxayme,pois me engeytais
Eu me aufentarey daqui,
Onde me mais não vejais:
Fel. Boa eftâ a zombaria.
Brom. Naõ faõ effas minhas manhas,
Fel. Porém isvos todavia?
Brom. Voyme a las tierras eftrañas,
A do ventura me guia.

Vayse Bromia, & diz Feliseo.

Fel. Fantesias de donzellas,
Não ha, quem como eu as quebre,
Porque certo cuydam ellas,
Que com palavrinhas bellas
Vos vendem gato por lebre.
Esta tem lá para si
Qu'eu sou por ella finado,
E cre que zomba de mi,
E eu digolhe, que si,
Sou por ella esperdiçado.
Prezase de humas figuras,
E eu não quero mais Frandes,
Doulhe trela ás travessuras,
Porque destas cossaduras
Se fazem as chagas grandes.
Qu'estas, que andam sempre á vela,
Estas vos digo eu, que cosso,
Porque de firmes na sella,
Crem, que falsaõ a costella,
E ficão pelo pescosso,
Que quando estas damas tais
Me cachão então recacho,
Mas disto agora no mais,
Querome ir daqui ao cais
Ver se algumas novas acho.

Vayse Feliseo, & vem Iupiter, & Mercurio, & diz Iupiter.

Iup. O grande, & alto destino,
O potencia tam profana,
Que a seta d'um minino
Faça, que meu ser divino
Se perca por causa humana!
Que me aproveytam os ceos,
Onde minha essencia mora,
Com tanto poder, se agora,
A quem me adora por Deos,
Sirvo eu como a señora?
O que estranha afeyçáo
Quem em bayxa couza vay pór
A vontade, & o coração,
Sabe tam pouco d'amor,
Quaõ pouco amor de razão,
Mas que remedio ey de ter
Contra molher tam terribel,
Que senão póde vencer?
Merc. Alto senhor teu poder,
O deficil faz possivel.
Iup. Tu nam ves qu'esta mulher
Se preza de virtuosa?
Merc. Senhor, tudo póde ser,
Que para quem muyto quer,
Sempre a feyçaõ he manhosa,
Seu marido está ausente
Na guerra longe daqui,
Tu, que es Jupiter potente,
Tomarás sua fórma em ti,
Que o farás muy facilmente.
E eu me transformarey
Na de Sosea criado seu,
E ao arrayal me irey,
Onde logo saberey
Como se a batalha deu,
E assi poderás entrar,
Em lugar de seu marido,
E para que sejas crido,
Poderás tambem contar,
Quanto eu là tiver sabido.
Iup. Quem arde em tamanho fogo
Tiralhe a virtude a cor
De sotil, & sabedor,
E quem fóra está do jogo
Enxerga o lanço melhor,
Mas tu, que dos sabedores
Tanto avante sempre estás,
Se Deos es dos mercadores,
Seloás dos amadores,
Pois tal remedio me dás.
Ponhase logo em effeyto,
Que não sofre dilaçam,
Quem o fogo tem no peyto,
E tu vay logo direyto
Aonde anda Anfitriaõ,

Vãose, & vem Feliseo, & Calisto, & diz Feliseo.

Fel. A do bueno por aqui,
Tam longe do costumado?
Cal. Mais longe vou eu de mi,
D'ir perto de meu cuydado.
Fel. No andar vos conheci.
Cal. E vós onde vos lançais,
Com vossa contemplaçam?
Fel. Eu chego daqui ao cais
A saber de Anfitrião,
Nam sey se vou por demais.
Cal. Porque, por demais dizeis?
Fel. Porque nada alli he certo.
Cal. Novas là nam nas busqueis,
Porque aqui as tendes mais perto.
Fel. Pois daymas já, se as sabeis.
Cal. Hum navio he já chegado
A barra, que vem de là,
Traz de Anfitriaõ recado,
Diz, que o deyxa embarcado,
Para se vir para cá.
Tem vencido aquelle Rey,
E diz, segundo lhe ouvi,
Que esta noyte será aqui.
Fel. Essas novas levarey
A Almena, que torne em si,
Porque ella tem mayor guerra,
Cos temores de perdelo,
Que elle co Rey dessa terra.
Cal. Onde amor lançar o selo,
Nenhuma cousa o desterra,

Porque

Porque inda que o pensamento
Vos fique,senor,em calma.
Por morte,ou apartamento,
Sempre vos lá ficaõ nalma
As pègadas do tormento.
Fel. Isso he hum segredo mero
A que o amor nos obriga,
Por isso em caso tam fero,
Senor,nunca ninguem diga,
Já lho quis,& nam lho quero
Eu quiz bem a huma molher
Que vòs conhecestе bem,
E com muyto lhe querer,
Casoule.
Cal. O,& com quem,
Que inda o nam posso crer?
Fel. Com hum mercador, que veyo
Agora do Egypto rico.
Cal. Isso traz agoa no bico
Esse homem he parvo,ou feyo.
*Fel.*Pos vedes?disso me pico,
E em pago desta treyção
A fôra outro mil descontos,
Que tras consigo a afeyção,
Sempre os sinaes destes pontos
Trarey no meu coração.
Cal. Vistela mais?
Fel. Señor vi,
Na janelinha da grade,
Passey,& dislelhe assi;
Casada sem piedade,
Porque naõ na aveis de mim?
Cal. Que vos disse?
*Fel.*Lá no centro
Lhe enxerguey pouca alegria,
E como quem lhe doya,
Metendose para dentro
disse jà passo,solia
Calisto. Ah má sem conhecimento,
Quem lhe desse mil chofradas!
Fel. Señor,como saõ casadas
Casãose co esquecimento
Das cousas,que saõ passadas.
Cal. Lembranças de vosdeyxar
Picarvoshão como tojos.
*Fel.*Señor aveis de assentar,
Que onde amor vosquer matar,
Sempre alha miran ojos.
Hum motete lhe mandey
Hum dia estando com febre,
Só da payxão,que tomey.
Cal. Pois vejamos,quem tem lebre
Fel. Señor eu volo direy

Mote.

Vós por outrem eu por vòs,
Vós contente,& eu penado,
Vós casada,e eu cansado
Polos santos de minha dona.

Cal. Señor vós só o fizeste?
Fel. Si,ninguem me ajudou.
Cal. Se vós só o compuseste
Crede,que estremo disfestes,
Nunca Orlando tal falou,
Señor,fizestelhe pé?
*Fel.*Señor,si todo hum anno
Vôs zombais se naõ m'engano.
Cal. Naõ,mas douvos minha fé
Que nunca vi tam bom pano.
Fel. Ora olhe vossa merce.

Volta.

Olhay em quaõ fundos vaos
Por vossa causa me afogo,
Que outro me ganha o jogo,
E eu triste pago os paos,
Olhos travessos,& maos
Inda eu veja o meuc uydado
Por esse vosso trocado.
Cal. No mais,que isso me degola,
Señor,eu aja perdaõ:
Fizestes esse rifão
Em algum jogo de bola,
E foylhe elle ter â mão?
Fel. Digovos que o vio,& lho leo
Hum moçozinho de escola.
Cal. Està isso ossi do Ceo:
Sabe ella jogar abola
Fel. Naõ.
Cal. Pois naõ vos entendeo
Ora eu já cheguey a ler
Petrarca,& crede de mi
Que nunca tal cousa vi
Onde mora o bom saber,
Logo dâ sinal de si
Onde casada posestes,
Dizey porque naõ dissestes,
Lâ que yo vi por mi mal?
*Fel.*Renunciava,o metal,
Que em rifões zinhos como estes,
Hasede pór tal com tal.
Que a trova trigo tremes
Hade ser toda dum pano,
Que parece muyto Ingres
Num pelote Portugues
Todo hum quarto castelhano.
Ouvi outra tambem minha,
Que fiz a certa tenção
Clara,leve bonitinha
de feyção,que esta trovinha,
He trovinha de feyção.
Como eu hum dia me visse
Morto,& amaõ na candea,
E ella naõ me acodisse,
Fizlhe esta,porque sentisse
Que dava os fios á tea:
E oproposito he
Andar eu hum dia só

E para que ouvesse dó
De mim,& de minha fé
Lamenteylhe como Jò
Cal. Andastes,señor,muy bem
Fel. Ora señor,atentay,
E vede o sabio,que tem,
Se he para a ver algum,
Cal. Ora dizey.
Fel. Eyla vay

Trova.

Coração de carne crua,
Velo teu amor aqu ,
Que esmorecido porti
Jaz no meyo desta rua.
Cal. Na rua señor jazia,
E era em tempo de lama?
Fel. Señor quem fala a quem ama
De si mesmo se naõ fia,
Aveis de mentir â dama
Cal. Volta disso?
Fel. Singular,
Se não que he muyto sentidâ,
Farvosha,señor chorar.
Cal. O diga por sua vida.
Fel. Farey,o que me mandar.

Volta.

Porque não ás delle magoa
O dura mais que ninguem,
Que anda o triste,que naõ tem
Quem lhe dé huma vez de agoa;
Nam lhe negues teu querer
Pois te naõ custa dinheyro,
Que em fim por derradeyro
A terra te hade comer.
Cal. Tal trova nunca se vio
Agorentastela já?
Fel. Señor nam,ainda està
Como a sua mãy pario
E não està muyto ma.
Cal. He trova,que tem por leis
Naõ na posso mais gabar;
Mas pois tal couza fazeis,
Señor,nam me ensinareis
Donde vém tambem trovar?
Fel. Naõ he a cousa taõ pequena
Como,señor,afizestes,
Esta,que agora dissestes.
Mas porem vou dar a Almena,
Estas novas,que me destes
Depois,señor,nos veremos
ficay jà roendo esse osso
Cal. O roer,señor,he vosso.
Fel. Pois eu por mais,ózobemos
Ey de ser vosso,& revosso,
Cal. Oh escusay vos d'estremos
Que isso,señor,me atarraca.
Mas nós nos encontraremos,
E sobre isso envidaremos
Dous reales mais de saca.

Vaõse ambos,& vem Iupiter,& Mercurio transformados,Iupiter na forma de Anfitriaõ, Mercuriano de Sósea escravo,& diz Iupiter.

Iup. Mercurio pois sou mudado
Nesta forma natural,
Olha,& nota com cuydado,
Se està em mim o pintado
A parente co real?
Mer. Quem tam proprio se transforma,
Tenho por opiniaõ,
Que na tal transformação
Lhe prestou natura a forma,
Com que fez Anfitrião.
Iup. Pois tu no gesto,& na cor
Estás Sosea escravo seu
Merc. Munto mais farás,señor.
Iup. Nam no faz senão o amor,
Que nisto póde mais que eu
Merc. Já,señor,te fiz menção
Como deo Anfitrião
A el-Rey Terela a morte,
Que na guerrra igual a sorte
Póde mais,que o coração
E de pois de ser tomada
Toda a Cidade com gloria
D'Anfitriaõ bem ganhada,
Como em final de victoria.
Esta copa lhe foy dada.
Porella bebia el-Rey
Em quanto a vida queria,
E eu porque te compria,
A seu escravo a furtey,
Que numa caxa a trazia.
Esta poderás levar
A Almena,por lhe mostrar
Verdadeyro,o que he fingido,
E desta arte serás crido,
Sem mais outro ardilbuscar.
Iup. Pois tudo tens ordenado
Por tam nova,& sotil arte,
Como me vires entrado,
Irás dar este recado
A Febo de minha parte.
Que faça mais de vagar
Seu curso neste Emisphério,
Que o que soe acostumar,
Que esta noyte ey de ordenar
Hum caso de alto mysterio,
E à Espera mais alta
Mandaras,que fixa esteja,
Porque a noyte mayor seja
Por que sempre o tempo falta
Onde alegria he sobeja.
E teras tamanho tento,
Que como isto se ordenar

Venhas

Venhas a qui vigiar,
Porque meu contentamento,
ninguem mo possa estrovar
Merc. Seja feyto sem debate
Tudo como te convem.
Iup. Pois nam parece ninguem
Como homem de casa bate,
E muda a falla tambem.

Bate Mercurio à porta.

Merc. O de la casa, en buena hora
Dar mean de cenar aqui?
Brom. Sosea parece, qne ouvi,
Alviçaras, minha senhora,
Que na fala o conheci.

Entra Almena, & Bromia.

Al. Zombais Bromia, por ventura?
Brom. Señora, nam zombo, nam.
Alm. Vejo eu Anfitriaõ,
Ou a vista me afigura,
O que está no coração?.
Iup. Olhos di ante dos quais
Desejey mais este dia,
Que nenhuma outra alegria
Señora, nunca creais
Que lhe minta afentesia.
Alm. Oh presença mais querida
Que quantas formou amor,
Isto he verdade, señor?
A cabese aqui a vida,
Por nam ver prazer mayor
Iup. Pois esta ora de vos ver
Alcançar, señora, pude,
Para mais contente ser,
Conforme co este prazer
Novas de vossa saude.
Alm. Vida foy pesada, & crua
A saude que eu sostinha
Que em quanto, señor, a tinha,
Temer perigo na sua
me fez descuydar da minha.
Merc. Y pues mi señora Almena
Pesia al demonio malvado,
No dirá aun su criado,
Vengaes Sosea nora buena?
Alm. Sejais, Sosea, bem chegado.
Brom. Bem mal cri eu, que pudesse
Verte, Sosea, hoje aqui.
Merc. Pues tambien yo no crey,
Que en mi vida te viesse,
Segun las muertes, que vi
Alm. Muyto señor folgarey
Com novas de vencimento
Iup. De tudo quanto passey
Porvosdar contentamento,
Em suma vos contarey,
Trago, señora, a victoria
Da quelle Rey tam temido,
Com fama clara & notoria,
Porem mayor foy a gloria
De me ver de vós vencido.
Sem me terem resistencia,
Os grandes me obedecerão
Como El-Rey morto tiverão,
Em final de obediencia
Esta copa me trouxerão
El-Rey por ella bebia,
Ella, & tudo o mais he nosso
Poronde claro se via,
Qne tudo me obedecia,
Puis tinha nome de vosso.
Merc. Si, mas luego de rondon
Là Fortuna dió la buelta.
Alm. Cómo?
Merc. Fue gran perdicion:
Porque en aquella rebuelta,
Me hurtaron mi jubon
Pero bien melo pagaron,
Quando comigo riñeron
Que aunque me despojaron,
Si uno de seda llevaron
Otro de açotes me dieron.
Alm. Sañor, nam posso gostar
De gosto, que he tam immenso,
Senaõ muyto de vagar,
Façame merce d'entrar,
E contarmoa por estenço

Vãose. & fica Mercurio,

Merc. Yo tambien te contaria,
Bromia, se quedas atras,
Que una noche, enojarteas?
Brom. Que?
Merc. Soñava, que te tinia;
Brom. Dize.
Merc. Par dies no dirè,
Soñava.
Brom Bem que sonhavas?
Merc. Que quando en la cama estavas
Que yo en fin recordé.
Brom. Pois tudo isso receavas?
Merc. Sabe Dios, que yo acà siento,
Sola una alma vive en dos,
La qual anda dentro en vós
Brom E qne quer ella cà dentro?
Merc. Tambien esso sabe Dros.

Vayse Bromia, & diz Mercurio

Merc. Bem se poderá enganar
Bromia, segundo ora esteu
Como Almena se enganou,
Mas cumpreme ir ordenar,
O que meu pay me mandou
E porque seja guardada,
Esta porta, & vigiada
De toda a gente nacida,
Me será cousa forçada,
Ser tam depressa a tornada,
Quão prestes faço a partida

Vayse

Vayse Mercurio, & vem Sosea corecado de Anfitrião

Sos. Anfitrião esforçado,
Bravo và por la batalla
Siete cabeças llevava
De las mejores, que ha hallado
Fal. Quien viene de tierra agena,
y de la muerte escapó,
La razon le permitio,
Que cante como sirena,
Como agora hago yo,
Y pues canto tan gentil
Fuera llanto si muriera
Quiero cantar como quiera,
una, y outra, y màs de mil,
Que digan desta manera.
Cant. Don golondron com Don golondrera,
Por el camino de otera
Rosas coge en la rosera
Don golondron con don golondrera.
Fal. Quando yo vengo a pensar
Que uno matarme quisiera,
No hago sino temblar
Porque creo si muriera,
No pudiera más cantar,
Porque estando a un rincon
De la casa, a do quedé,
Senti muy grande ronron
Y mirando, què, miré
Vi que era un gran raton,
Empero yo nunca sigo
Sino consejos muy sanos,
Que en estos casos livianos,
Quien desprecia el inimigo,
mil vezes muere a sus manos,
Pero mi señor alli
Mató al Rey de los gilpazos
Yo como muerto le vi
Iuro ami fé, que ledi
Más de dós mil cuchalozos
Y por melibrar de afan,
Me voy siempre a cosa hecha,
Provar mi mano derecha,
Que aquel es boen capitan,
Que del tiempo se aprovecha;
Que quien hade pelear,
Hade buscar tiempo, y ora,
Pero quiero caminar,
Que me muero por cantar
Todo aquesto ami señora.

Vem Mercurio, & diz.

Mil vezes comigo vejo.
Paraque meu pay se afoute,
Pois em tam pequeno ensejo
Lhe man dey talhar a noute,
A medida do desejo,
E pois que como possante,
A mi tudo se reporta,
Chego agora neste instante
A estrovar, que este bargante
Me nam chegue a esta porta:
Sos. No se que miedo, ó lucura
Neste pecho se me cria,
Por Dios, que seme afigura
Que ha mucho, que es noche escura
Sin que venga el claro dia:
Mas sabed, que pienso yo
Que el Sol, que no se acordó
De con el dia venir
Que a noche quando cenó
Algun buen vino bebió,
Que le haze tanto dormir.
Merc. Jâ sintes comprida a noute
Que eu assi mandey fazer
Pois mais te quero dizer,
Que sintiras muyto açoute,
Se cà quiseres vir ter.
Porem pois este bargante
Tem medroso coração
Querome fingir ladrão
Ou fantasma, & pordiante
Nam irà, se vem à maõ
E com tudo se passar,
A falla quero mudar,
Na sua de tal feyçao,
Que couces, & persiar
Lhe fação hoje assentar,
Que eu sou Sosea, elle nam

Fala Castelhano.

No veo passar ninguno,
En quien yo me pueda hartar.
Sos. A quien oygo aqui hablar?
Mande Dios no sea alguno
Que me quiera aporrear.
Merc. La carne de algun humano
Me seria muy sabrosa.
Sos. Oh que boz tam temerosa!
Hombres comes, ó mi hermano,
No es mejor otra cosa?
Carne humana es muy mezquina
O no comas desso no,
Antes carne de gallina;
Pero se màs se avezina,
Que más gallina, que yô?
Merc. Una boz de hombre aora
A la oreja me boló.
Sos. Pesate quien me parió
La boz traygo bolàdora?
Ella quisiera ser yo,
Pues mi boz pudo bolar,
Do la pudiesses oyr,
Por contigo no reñir,
Me divieras de prestar
Las alas para huir.
Merc. Que buscas cabe essa puerta,
Hombre? se queres ladron.

Sof. Ay que el alma tengo muerta
O Jupiter me convierta
Las tripas en coraçon.
Merc. Quiem eres?quieres hablar?
Sof. Soy quien mi voluntad quiere.
Merc. Pienças,que puedes burlar?
Sof. E tu puedes me quitar,
Que yo sea quien quisiere?

Mercurio.

Osas hablar tan osado,
D'un velhaco bovarron?
Di quien eres.
Sof. Hum criado
Del señor Anfitrion
Por nombre Sosea llamado.

Mercurio.

Pienso qu'el seso perdiste;
Como te llamas mal hombre?
Sof. Sosea soy,sino me oyste.

Mercurio.

Como en presona tan triste,
Osas dençuziar mi nombre?
Estos puños llevarás
Pues tener mi nombre quieres;
Quieresme dizer quien eres?
Sof. Oh señor nome des mâs,
Que yo seré,quien tu quisieres;
Merc. Con tan nueva falsidad
Andais por esta ciudad,
Delante de quien os mira?
Pues si sois Sosea,tomad.
Sof. Si me dás por laverdad,
Que me harás por la mentira?

Mercurio.

Y que verdad es la tuya?
Que te quiero dar castigo
Sof. Sino soy Sosea,que digo
Que Jupiter me destruya
Merc. Mirad el falso inimigo,
Tomad este bofeton,
Que yo soy Sosea y no vos;
Sof. Tu Sosea?
Merc. Sosea por Dios.
Escravo d'Anfitrion
Sof. De modo que tiene dos?
Merc. No tendrâ,aûnque tu quieres
Que ami solo conoció.
Sof. Pues luego de quien soy yo?
Merc. Si tu no sabes,quien eres
Quieres que yo lo sepa?
Sof. En fin as me de hazer creer
Que yo no soy,quien ser solia.
Merc. Quien solias tu de ser?
Sof. Tregoas me as de prometer
Dirte lo he sin porfia
Merc. Prometo.
Sof. No me darás?
Merc No sino fuere razon.
Sof. Pues hermano, tu sabrás
Que mi amo Anfitrion
Merc. Tu amo?pues llevarâs:
Mi amo es,que tuyo no.
Sof. Ay que un braço me quebrô!
Merc. Mas que luego te matasse
Sof. Oxalâ Dios ordenasse
Que tu aora fuesses yo
Y yo que te desmembrasse.
Merc. Essa tu tema tan loca
Puños te la han de quitar,
Dime di verguença poca,
Que hablas?
Sof. Que puedo hablar.
Si me as quebrado la boca?
Merc Diquien eres,sin fatiga.
Sof. Soy un hombre,em quien tudâs.
Merc. Dime pues,que nombre as.
Sof. Como quieres tu,que diga,
Para que no me des más,

Mercurio.

No me as de hablar contrahecho
Sof. Toda mi vida passada
Sosea fuy,y con despecho
Aora soy que?no nada,
Que tus manos me an desecho.
Merc. Cuyo eres,pues las sientes,
Dexando consejos vanos:
La verdad,que si me mientes,
Dâs con la lengua en los diantes,
Y yo doyte con las manos.
Sof. No conoces Anfitrion?
Merc. Hombre sin seso te llamo,
Tan fuera estâs de razon:
Piensas de mi,bovarron,
Que no conozco ami amo?
Sof. En su casa conociste
Uno que es Sosea,llamado,
Hombre despreciado y triste?
Merc. Dessa suerte lo dixiste
Yo soy triste y despiciado?
Pues sabe que te allegó
A la muerte tu Fortuna.
Sof. Pues luego si yo no soy yo
A unque nadie me mató,
Soy luego cosa ninguna,
O dioses,que desconcierto
Yo por ventura soy muerto,
O muriome la razon
Yo no soy de Anfitrion?
El no me mandó del puerto?
Yo no se que no estoy loco,

De mi madre no naci
No ando, no hablo aqui?
Merc. Pues sossiega aora un poco
Que yo tambien diré de mi;
Yo no se que yo soy yo
Yo no te di con mis manos
Mi señor no me llevó,
A la guerra a do mató,
A quel Rey de los Thebanos?
Sos. Yo esso muy bien lo se,
Empero tu, que hazias
Quando la batalla vias?
Merc. Escucha yo lo diré,
Y cessaran tus porfias:
Quando mi señor andava
Peleando, y derramava
La sangre de algun mesquino,
Con una bota de vino
Yo el mio acrescentava.
Sos. Dize lo que yo hazia:
Con todo saber queria
Sola una cosa, si puedo,
Tu pecho Anton, que sentia
Merc. Del beber grande alegria,
Y del pelear gran miedo.
Sos. Y despues.
Merc. Muy repozado
A dormir me eche de gordo
Desdel Sol hasta la Luna
Sos. Todo lo tiene contádo,
En fiu tengo averiguado
Que yo no soy cosa ninguna.
Pues de todo en un instante,
Me as echado de mi fuera,
A consejame si quiera,
Quien serè da qui adelante
Pues no soy quien d'antes era.
Merc. Quando yo no ser quisiere
Esse, que tu ser desseas,
Despues, que ya Sosea no fuere,
Dartehe, si te pluguiere,
Licencia, que todo seas.
Y acogete luego amigo
A buscar tu nombre digo
Pues Dios vida te dexó,
Que el Sosea queda comigo,
Sos. Pues contigo quedo yo
Dios quede hermano contigo,
Aora quiero yr allá,
A do mi señora està,
Contarte, como es venido
Mi señor, mas ò perdido,
Si otro yo tiene allà
Todo lo tendrà sabido.
Merc. A hombre.
Sos. Mi voz sonò.
Merc. Aonde bueIves aora
Sos. Por Dios no sé onde vó,
Porque si yo no soy yo,
Ni Almena es mi señora
Merc. Adonde vâs?
Sos. Con mensaje
Del señor Anfitrion,
Para Almena.
Merc. A do salvaje,
Pues quebraste la omenaje.
Ahi veràs tu perdicion.
Yo doyte consejos sanos,
Y porfias otra vez?
Sos. Altos Dioses soberanos,
Pues me novalenlas manos
Foge A qui me valgan los pies:
Merc. Desta arte enseñan aqui,
Ahurtar el nombre ageno.

Vayse, & torna Sosea, & diz.

Sos. Ay Dios como me acogi
O Jupiter alto, y bueno,
Que cerca la muerte vi?
Quierome yr a mi señor
Contarle quanto he passado,
Y el me dirà de grado,
Si yo soy su servidor,
En que cosa me he tornado.

Vayse Sosea, & vem Iupiter, & Almena, & diz Iupiter.

Iup. Toda a pessoa discreta
Terá, señora, assentado,
Que hum bem muyto desejado
Se hade alcançar por dieta,
Para ser sempre estimado.
E quem alcançado tem
Tamanho contentamento,
Por conservalo convem,
Que tome por mantimento
A fome de tanto bem,
E por isso ey de tomar
Este tempo tam ditoso,
Para a frota visitar
E depois, quando tornar,
Tornarey mais desejoso.
Que pois taõ bom cativeyro
Me tem presa a liberdade,
Eu lhe prometo em verdade,
Que torne ainda primeyro,
Que mo peça a saudade
Alm. Ainda que se possa ir
Mais asinha do que creyo
Como ey de eu consintir,
Que se aja de partir
Na mesma noyte, que veyo?
Iup. Forçada he minha tornada
Mas muyto cedo virey
Porque desque foy chegada
A este porto a armada
Ainda a nam visitey
Al. Pois, señor, taõ pouco estais

Com quem vistes inda agora,
Façase como mandais.
Iup. Vós me vereis cà senora
Primeyro do que cuydais.

Vaõse, & vem Anfitriaõ, & Sosea, & diz Anfitriaõ.

Anf. Em fim tu, que estás aqui,
Estavas já lâ primeyro
Sos. Señor, crea que es ansi
Anf. Eu nunca entendi de ti
Que eras tambem chocarreyro.
Sos. Señor yo que estoy presente,
No soy Sosea su criado?
Anf. Creo que nam certamente,
Porque Sosea era avisado,
E tu es muy diferente.
Sos. Pues señor en mi se ve,
Que no soy quien d'antes era
Buelvome
Anf. Y para que?
Sos. Verse a dicha me quedé
Durmiendo por la galera
Anf. Pois me queres fazer crer
Huma doudice tam raza,
Mais quero de ti saber,
Como nam entraste em casa
De Almena minha molher?
Sos. Aunque Sosea quisiesse
Lá verdad no negará;
Aquel yo que allâ está
No quiso, que a casa fuesse
Estotro yo, que iva allá;
Y con furia tan crecida
A mi se vino aquel hombre,
Que yo me puse en huyda,
Y ansi le dexé mi nombre,
Por me dexar el la vida.
Anf. Quem seriá tam ousado,
Que tanto mal te fizesse?
Sos. Yo mismo Sosea llamado
Que a casa era ya llegado,
Antes que de acá partiesse.
Anf. Tu chegaste antes de ti?
Este he gentil desbarate.
Sos. Pues más le digo de aqui
Que vengo huyendo de mi
Porquo yo mismo no me mate
Anf. Erão dous, ou era hum só,
Quem te fez assi fogir?
Sos. Pesete quien me parió;
Digo, que era un solo yo,
Mil vezes lo he de dezir?
Puede ser, qne naceria
Daquel hombre otro alguno,
Como aquel de mi nacia,
Porque aunque fuesse el uno,
Por más de quatro tenia.
El tenia mi aparencia
Empero yo nunca vi
Tal fuerça'ni tal potencia
Esta sola differencia
Le tengo hallado de mi.
Anf. Pudeste delle saber
Cujo era?
Sos. Quien aquel yo?
Tuyo señor dixo ser.
Anf. Nunca eu tive mais, que hum só
E esse nam quisera ter.
Sos. Pues señor si el bien doblado
Te lo muestra agora Dios,
Deve ser de ti alabado,
Pues de un solo criado
Te ha hecho agora dos
Anf. Antes para que conheças,
Que cousa he mao servidor,
Me pesará se assi for
Que de tam ruins cabeças
Quantas mais tanto pior.
E já que saõ tam incertos
Teus ditos para se crer,
Muyto melhor deve ser,
Que deyxe teus desconcertos,
E vá ver minha molher.

Vaõse, & entra Almena, & diz.

Alm. Que fado que nacimento
De gente humana nacida,
Que d'escasso, & avarento
Nunca consentio na vida
Perfeyto contentamento,
Anfitrião, que mostrou
hum prazer tam desejado,
A quem tanto o desejou
Na noyte, que foy chegado,
Nessa mesma se tornou?
De se tornar tam asinha
Sinto tanto entristecer
O sentido, & alma minha,
Que certo, que me adivinha
Algum novo desprazer
Mas parece este que vem,
Se nam estou enganada:
Se elle he, venha com bem
Pois que com sua tornada
Taõ tras tornada me tem

Entra Anfitriaõ, & Sosea, & diz Anfitriaõ

Anf. Com que palavras, señora
Podereis engrandecer
Tam soblimado prazer
Como he ver chegada a hora
Em que vos pudesse ver.
Certo graõ contentamento
Tive de meu vencimento,
Mas mayor o ey de mim
De me ver posto no fim
De tam longo apartamento.

Alm. Já eu disse o que sentia
De vinda tam desejada
Mas digame todavia,
Como nam foy ver a armada,
Que me disse oje este dia?
Anf. Della venho eu inda agora
Desejoso de vosver
Muyto mais, que de vencer
Mas que me dezeis señora,
Que oje me ouvistes dizer?
Alm. Senam estava remota
Certamente, que lhe ouvi.
Quando oje partio daqui,
Que tornava a ver a frota,
Porque era forçado assi.
Anf. Socea.
Sof. Señor, a qui estoy yo
Anf. Tu ouves tal desconcerto?
Sof. Grandes orejas ganó,
Pues estando en casa oyó,
Quien estava allà nel puerto.
Anf. Quando dizeis, que me ouvistes?
Alm. Oje quando vos partistes,
Auf. Donde?
Alm. Da qui de mever.
Anf. Nunca vi grande prazer,
Que nam tenha os cabos tristes.
Quantos males d'improviso,
Que causaõ grandes mudanças,
Que molher de tanto a viso,
Agora minhas lembranças
A tem fóra de juizo
Alm. Quereisme fazer cuydar,
Que poderia sonhar,
O que pellos olhos vi?
Nunca vos eu mereci
Quererdesme experimentar.
Anf. Posto que he para pasmar
Ver hum caso tam estranho,
Todavia ey de atentar
Se poderey concertar
Hum desconcerto tamanho
Quando dizeis que vim cá?
Alm. Esta noyte, que passou
An. Dayme alguem, que a qui seachou
Que me visse.
Alm. Este, que ahi está
Sosea, que com vosco andou.
Anf. Sosea podeste lembrar,
Que ontem me viste aqui?
Sof. Nunca yo supe de mi,
Que me pudiesse acordar
Daquello, que nunca vi
Alm. Ora eu creo, & he assi
Que ambos vindes conjurados,
Para zombardes de mim
Mas eu darey hoje aqui
Sinais que sejão provados.
Alm. Que sinais póde ahi aver
De mentira tam notoria,
Que nem foy, nem póde ser?
Alm. Donde vim eu a saber
Novas de vossa victoria?
Anf. Que novas?
Alm. Dirvolasey,
Assi como mas contastes,
Que na batalha matastes
A quelle soberbo Rey,
E tudo desbaratastes.
Nam fazendo resistencia
N'uma batalha tam crua,
Dandovos obediencia
Vos derão huma copa sua
Lavrada por excelencia.
Anf. Sosea he culpado, só
Nestes acontecimentos.
Sof. Son encantamientos
Porque aquel hombre, que es yo
Le contaria estos cuentos.
Anf Quem he esse, que vos deu
Tais novas saber queria.
Alm. Quem mo pergunta?
Anf. Quem? eu.
Quereisme fazer sandeu?
Alm. Mas vós me fazeis sandia.
Anf. Ora quero perguntar,
Que fiz sendo aqui chegado?
Alm. Pusemonos acear,
Anf. E despois de ter ceado?
Alm. Fomonos ambos deytar.
Anf. Nuuca queyra Deos, que possa
Acharse na minha honra
Nenhuma falta, nem mossa,
Seja isto doudice vossa,
Antes que minha deshonra.
Sof. Bienlo supe yo entender,
Que era esto encantaciones,
Y aora me aurá de crer,
Que dos Soseas puede aver,
Pues ay dos Anfitriones.
Alm. Com me quererdes tentar
Tam trovada me fizestes,
Que me nam póde lembrar
Que vos mandasse mostrar
A copa, que me ontem déstes.
Anf. Eu copa? se isso ahi ha
Que estou doudo cuydarey.
Sof. Señor, bien guardada está
Alm. Bromea.
Brom. Señora,
Alm. Day cá
A copa, que ontem vos dey.
Sof. Pues yo pari otro yo,
Y vos otro Anfitrion,
No es mucha admiracion,
Si la copa otra parió,
Ni a un fuera de razon,

Entrá

Entra Bromia com a copa,& diz.

Eis aqui a copa vem,
Testemunho da verdade.
Anf. O estranha novidade!
Alm. Podermeá dezir alguem
Que o que digo he falsidade?
Anf. Sosea,quando ontem cá vinhas,
Podermeas negar,ladraõ
Que lhe deste as novas minhas,
E mais a copa,que tinhas
Guardada na tua mão?
Sos. Señor,que no pude no,
Ver a mi señora Almena,
Si aquel esso acà ordenó
No lleve este yo la pena
Del mal,que hizo el otro yo.
Anf. O ra eu não sey entender
Tal caso,nem lhe acho fundo,
Com tudo venho a dizer,
Que ha tantas cousas no mundo
Que tudo se pòde crer,
Se vos trouxer,quem vos diga,
Como esta noyte dormi,
Na nao crereis,que he assi?
Alm. Nenhuma cousa me obriga,
A que naõ crea,o que vi.
Anf. Se o patrão aqui vier,
Que he homem de autoridade,
Crereis,o que vos disser?
Alm. Sim,que ninguem póde aver
Que me negue esta verdade:
Anf. Eu estou em concrusaõ
D'oje desembaraçar
Tam enleada questaõ,
A náo me quero tornar
A trazer cá Belferraõ.
Sosea,até minha tornada
Fica nesta casa em vela,
Que eu armarey tal silada,
A quem ma mim tem armada,
Que venha hoje a cair nella.

Vayse,& diz Almena.

Alm. Oh mulher triste,& suspensa
Da mais alta confusaõ,
Que nunca vio coração
Em que mereces a offensa,
Que te faz Anfitriaõ?
Sempre de mim foy amado,
Tanto quanto em mi se sente,
Co coração tam liado,
Que se de mim era ausente,
Nelle o via figurado,
E pois molher que comprisse
Milhor que eu fidelidade,
Nam na vi,nem quem me visse,
Que dos limites sahisse
Hum pouco da honestidade
Pois porque he tam maltratada
Innocencia tam singela
Que a pena mais apertada,
He a culpa levantada
Ao coração livre della?
Mas já que minha alma està
Sem culpa,do que padeço,
Sejá o que for,que eu conheço,
Que a verdade me porá
No que eu pola ter mereço.

Bromia.

Brom. Señora.
Alm. Hi mandar
A Feliseo,que vâ
Meu primo Aurelio chamar,
Que lhe quero perguntar,
Que conselho ma dará?
E pois que Anfitrião
Vay buscar somente,quem
Lhe ajude a sua tençaõ,
Quero eu ter aqui tambem,
Qnem me defenda a razaõ.

Vayse Bromia , & vem Iupiter , & diz Iupiter.

Iup. Grão desconcerto tem feyto
Anfitrião com Almena,
Qualquer delles tem direyto,
Eu sou o que venço o preyto,
E ambos pagão a pena
Querome ir lá desfazer
Tam trabalhosa demanda,
Por nos tornarmos a ver,
Porque em fim,quem muyto quer,
Com qualquer desculpa abranda.
E pois que a afeyção
Hade mudar tam asinha,
Quero ir alcançar perdaõ
Da culpa,que sendo minha,
Parece de Anfitrião.
Alm. Perece que torna cà
Anfitrião,que já se hia:
Nam sey a que tornará,
Senam selhe peza jà
Dos enganos,que tecia.
Iup. Señora nam aja error
Que tantos males me faça,
Porque se o contrario for,
Pequeno será o amor,
Que manencoria desfaça,
E pois com tanta alegria
De tantos perigos vim,
Pesarmea sa achar no fim,
Que huma leve zombaria
Vos possa agravar de mim.
Alm. Com palavras de deshonra

Nam se hade tratar quem ama,
Nem zombaria se chama,
Por exprimentar a honra
Pór em tal perigo a fama,
Bem tive eu para mim
Que era aquillo experiencia
Iup. Errey,no que cometi,
Bem me basta a penitencia,
De quanto me arrependi.
E se fiz algum error.
Com que vosso amor se mude,
De qnem volo tem mayor,
Nam exprementey virtude,
Mas exprementey amor
Que se com caso tam vario
Folguey de vos agastar,
Foy amor acrescentar
Por que âs vezes hum contrario
Faz seu contrario avisar,
Da qui vem,que a leve magoa
Firmeza,& afeyçoes augmenta,
Como bem se vè na fragoa,
Onde o fogo se acresenta,
Borrifandoo com pouca ogoa,
Se hum mal grande se levanta
Num coração,que maltrata,
A âfeyção desbarata
Porque onde a agoa he tanta
O fogo d'amor se mata.
E pois tive tal tenção,
Perdoay,senhora,a culpa
Deste vosso coração.
Alm. Nam se alcança assi perdão
D'erro,que nam tem desculpa.
Iup. Ora pois assi tratais,
Quem em tanto risco pos
O amor,que vòs negais,
Eu m'ausentarey de vòs,
Onde mais me nam vejais.
Que pois desculpa nam tem
Coração que tanto quer,
Voume,que naõ serâ bem
Que quem vós nam podeis ver,
Que possa mais ver ninguem.
Se alguma ora meu cuydado
Vos der dor,em que pequena,
Peçovos pois fuy culpado,
Que vos nam pese da pena,
De quem vos foy tam pesado.
E despois,que a desventura
Puser neste coração
Debayxo da se pultura,
As letras na pedra dura
Vossa dureza dirão
Isto vos ey dizer,
Que me ensinou minha dor,
Se quiserdes leda ser
Nunca expirementeis amor,
Em quem volo nam tiver.
Deyxayme ir nam me ten hai
Alm. Anfitriāo nam choreis.
Anfitriāo.
Iup. Que quereis,
Ou para que nomeais
homem,que ver nam podeis?
Alm. Anfitriāo se eu causey
Commanencoria pequena
Cousa,com que omagoey,
Eu quero cair na pena
Dessa culpa que lhe dey.
Iup. Sempre serey magoado,
Se vossa mâ condição
Me nam perdoa o passado
Alm. Perdoo,& peço perdão
De lhe naõ ter perdoado.
Sos. Noleperdone,señora,
Hasta que con devocion
Tambien me pida perdon,
Que bien se meacuerda aora
Que me ha llamado ladron.
Inp. Sosea.
Sos. Señor.
Iup Vay buscar
O Piloto Belferrão
Dirlhas se desembarcar,
Que me parece razão,
Que venha hoje câ cear
Sos. Si señor,voy a la ora
Iup. De nenhuma calidade
Cures de fazer demora;
E nós vamonos,senhora,
Confirmar nossa amizade.

Vãose,& vem Mercurio,& diz.

Grandes revoltas vão lâ,
Grandes acontecimentos,
Cumpreme,que esteja câ
Em quanto meu pay estâ
Em seus desenfadamentos,
Porque vio Anfitriāo
Vir da nao muy apressado,
E tendo corrido,& andado
Nam pode achar Belferrão
Que lhe era bem escusado
Pareceme,que virà
Ver se lhe abre a qui alguem,
Mas porem se chega cà,
já pode ser que se vá
Mais confuso, do que vem.

Entra Anfitriāo,& diz.

Anf. Quisnos nossa natureza
Com tal condição fazer
Que jâ temos por certeza
Nam aver grande prazer,
Sem mestura de tristeza.
Este decreto espantoso,
Que instituyo nossa sorte.

He tal,& tam rigurofo
Que ninguem antes da morte
Se póde chamar ditofo,
Com efta jufta balança
O fado grande,& profundo
Nos refrea a efperança,
Porque ninguem nefte mundo
Bufque bemaventurança.
Eu que cuydey de viver
Sempre contente de mi
Com tamanho Rey vencer
Venho achar minha molher,
De todo fóra de fi,
Mas doutra parte,que digo,
Que fè verdade,o que vi,
E o que ella diz he affi,
Virey a cuydar comigo,
Que eu fou a fóra de mi
Quero ver fe acho já
Fóra de tam fecos nós
Ou de cafa

Merc. O de alla
Quien fois?

Anf. Abre.

Merc. Santo Dios
Pues no os conocen a cá?

Anf. O que gentil defvario,
Abrime ora fe quiferdes.

Merc. No harè,que en mi confio,
Que da fuera dormiredes,
Que no comigo amor mio.
Que cancion para oyr.

Anf. A Sofea zombas de mi?
Ora querome fingir
Que inda o nam conheci,
Por ver feme quer abrir;
A feñor,nam abrireis?

Merc. Que quereis hombre por Dios?

Anf. Duas palavras de vós.

Merc. Tengo dicho màs de feis,
E aora me pedis dos?
De fuera podeis dormir,
Que entrar no podeis acá.

Anf. Ora acabay abri lá.

Merc. Digo,que no quiero abrir,
Dixe dos palabras ya.

Anf. Ora fus bargante abri

Merc. Si note buelves de aqui,
A gran peligro te ofreces.

Anf. Velhaco,nam me conheces,
Ou eftás fòra de ti?

Merc. Bonico venis amor
Quien fois,que hablais tanofado?

Anf. Abre que fou teu feñor.

Merc. Buelvafe defotro lado,
Y conocerlee mejor.

Anf. Sofea moço,

Merc. Affi me llamo
Huelgome que lo fepais,
Empero digo,que os vays,
Que Anfitrion es mi amo,
Vós hi bufcar,quien feays.

Anf. Pois quero faber de ti
Eu qnem fou.

Merc. Y quien fois vós?
Como os llaman?

Anf. Abri.

Merc. A vós os llaman abri?
Pues abri,andad con Dios.

Anf. Quem ha,que poffa fofrer
Em fua honra tal deftroço,
Que para me endoudecer
Me tem nagado a mulher,
E agora me nega o moço?

Merc. Mira el encantador
Como fe laftima y llora
Y fuefle tomar aora
La forma de mi feñor,
Para engañar mi feñora,
Pues efperá y no os vays,
Per un efpacio pequeño
Verna,quien reprefentais,
Y el os hará,qua bolvais
El falfo gefto a fu dueño.

Anf. Vay velhaco,& chama cá
Effe falfo feyticeyro,
Que fe elle dentro eftá
Efta efpada julgarà
Qual de nós he o verdadeyro.

Vayfe Mercurio,& vem fofea,& Belferrão,& diz Belferrão.

Belf. Ora ninguem prefumira,
Que tinhas tam pouco fifo,
Pois vas achar d'emprovifo
Tambem forjada mentira,
Que me faz caìr de rifo,
Hum moço,que alevantou
Tal graça nunca naceo,
Porque vos jura,que achou,
Que ou elle em dous fe perdeo,
Ou de hum dous tornou.

Sof. Patron,que no burlo no;
En uno fon dos unidos,
Y en dos cuerpos repartido,
Yo foy el,y el es yo
De un padre, y madre nacidos.

Bel E fe tu que la eftâs
Tam velhaco he como ti.

Sof. Mas aun pienfo,que es màs,
Por delante,y por detras
Todo fe parece ami.
Y fue gran merced de Dios
Aiuntar a mi màs uno
Que peor fuera de nós,
Si Dios me hiziera ninguno,
Que no de uno hazer dos.

Bel. Affi que fe te perdefte
Viefte a cobrar mais hum,

Muy gentil conta fizeste,
Pois que perdido soubeste
Que eras dous, sendo nenhum.
Sos. Pues teneis por abusion
Verdad tan clara, y tan rasa
Aunque pone admiracion,
Quiera Dios, que allâ en casa
No halleis otro patron?
Anf. O patrão, que fuy buscar
Parece que vejo vir
Nam sey quem o foy chamar:
Mas que me áde aproveytar
Nam me quererem abrir

A Belferrão.

Belf. A señor
Já sinto, que fuy culpado,
Porque quem he convidado,
Se tam vagarozo for
Merece nam ser chamado.
Anf. A vòs, quẽ vos convidou?
Belf. Sosea, por mandado seu.
Anf. Disso Patrão nam sey eu,
Que Sosea jà me negou,
E jâ senam dá pormeu.
E se algum vos foy dizer,
Que eu vos chamo a minha mesa
Mal vos darà de comer,
Quem de toda lhe he defesa
A casa, & mais a molher.
Belf Quem he esse taõ ousado,
Que vos isso fez señor?
Anf. Sosea creyo, que enganado,
Por algum encantador,
Que a honra me tem roubado.

Belferraõ.

Se elle aqui comigo vem,
Isso como pode ser?
Anf. Ha, que ira que vou ter
Tam cega a vista me tem
Que mo nam deyxava ver,
Porque razão, cavaleyro,
Naõ me abris quando vos mando?
Vós fazeisvos chocarreyro?
Sos. Yo señor, y como, y quando?
Anf. Quereislo saber primeyro.
Esperay dirvoloha,
Mas serâ por outro som.
Sos. Ah señor Anfitrion,
Porque matandome està,
Sin delito y sin razon?
Anf. A gora, que vos eu dou:
Me chamais Anfitrião
E para me abrirdes nam?
Belf Este moço, em que pecou
Porque pena sem razão
No mais por amor demi.
Anf. Não, que naõ sou seu señor
Eu sou hum encantador,
Nam no dizeis vós assi,
Ladraõ, perro, enganador?
Sos. Porque fuy presto a llamar
Por su mandado al Patron,
Me quiere aora matar?
Anf. Quem volo mandou buscar.
Sos. Sino ay otro Anfitrion,
Vuestra merce sin dudar
Anf. Eu te mandey?
Sos. Si señor,
Si otro no.
Anf. Otro â qui,
Por quem tu zombas de mi?
Pois só desse encantador
Me quero vingar de ti.
Sos. Oh Iupiter a quien bramo
Por su bondad que me vala.
Pues porque Sosea mellamo,
Yo mismo, y despues miamo
Me dieron venida mala.

Entra Iupiter, & diz

Iup. Quem he o tam atervido,
Que a qui ousa de fazer
Tam revoltoso arroydo,
Com meus moços sem temer,
Qne fuy sempre tam temido?
Quem aqui faz uniaõ
Toma muy grande despejo.
Bel. Oh que grande admiração!
Vejo eu outro Anfitrião,
Ou he sonho isto, que vejo?
Sos. No mirais la encantacion,
Qne aquel hizo a mi señor?
El que sale, Belferron,
Es el cierto Anfitrion,
Que estotro es encantador.
Iup Sosea.
Sos. Mi señor ya vò.
Iup. Patraõ só por vós espero.
Sos. No os lo dizia yo,
Que este era el verdadeyro,
Y esse que allâ queda no?

Anfitriaõ.

Bargante adonde te vâs?
Fazes teu señor sandeo?
Pois espera, & levarás
Iup. Oula tornay por detràs
Nam deis no moço, que he meu.
Anf Vosso?
Iup. Meu.
Anf. Pode isto aver,
Que outrem minhas cousas tome?
Vòs galante aveis de ser,
O que me tomeis o nome,

Casa,

Casa moços,& mu[illegible]
Eu vos farey conhecer,
Com quem tendes esse trato.
Iup. Sosea.
Sos. Señor.
Iup. Vay dizer,
Que aparelhem de comer,
Em quanto este doudo mato.
Belf. Oh señor,nam seja assim.
Haja em vòs concerto algum,
E senam,pois aqui vim,
Farey que sô tome em mim
Os golpes de cada hum.
Iup. Patrão vossa boa estrela
Me fara deyxar com vida,
Quem me nam merece tella.
Anf. Não na tenho eu merecida
Pois que vos deyxo com ella.
Belf. O homem que for sesudo
N'uma tam grande questão,
Hade tomar por escudo
A justiça,& arazão,
Que estas armas vencem tudo;
E pois essa natureza
Muytos homens faz iguais
Dé qualquer de vós finais
De quem he para certeza
Da forma,que ambos mostrais.
Iup. Sou contente de mostrar
Pelos finais,que vos dou
Que saõ estes sem faltar
Anf. Que finais podeis vós dar,
Paraque sejais quem sou?
Iup. estes,que logo vereis
Se saõ vãos,se de rais:
Patrão vós sede juiz,
Que vós logo enxergareis
Qual mais verdade vos diz.
Belf. Eu nam sinto onde consista
A cura desta doença.
Que ha tam pouca differença,
Que aquelle em que ponho avista
Por esse dou a sentença.
Mas señor vós,que ordenastes,
Que o juiz disto fosse eu,
Quando se abatalha deu
Dizey que me encomendastes,
Que ficasse a cargo meu.
Iup. Deyvos cargo que estivesse
Toda armada a bom recado,
E se mal vos succedesse,
Que para os vivos ouvesse
O refugio aparelhado.
Belf. Ora vós quantos dobrões
Esse dia m'entregastes?
Anf. Tres mil,& vós os contastes,

Belferrão.

Ambos sois Anfitrioens
Pelos finais,que mostrastes;
Iup. Para ser mais conhecida
A tenção deste sandeu,
Vede estoutro final meu,
Que neste braço a ferida,
Que me el-Rey Terela deu
Belf. Mostray vós señor tambem
Anf. Aqui o podeis olhar.
Belf. Oh cousa para espantar!
Que ambos a ferida tem
Dum tamanho,em hum lugar!

Vem Sosea.

Sos. Dize mi señora Almena,
Que no seha de assi d'estar
Con un bovo a razonar,
Que se le enfria la cena.
Iup. Belfarrão vamos cear.
Anf. Belferão naõ me deyxeis
Como tambem me negais?
Iup. Anday nam vos detenhais,
Vamos comer se quereis,
Nam ouçais hum doudo mais.
Anf. Ah maos assi me ordenais
O ffensa tam mal olhada,
Eu farey se me esperays
Com que todos conheçais
Os fios da minha espada
Iup. As portas prestes fechemos,
Nam entre este doudo cà,
Sos. De fuera se dormirá
Entretanto,que cenemos,
Puede passearse allâ.

Vaõse dentro,& fica Anfitrião sô,& diz.

Anf. Oh ira para se naõ crer
Em que minh'alma se abrasa,
Que me faz endoudecer,
E nam me ajuda a romper
As paredes desta casa,
E porque? nam tenho eu
Forças que tudo destrua,
Pois que tanto a salvo seu,
Outrem acho que possua
A milhor parte do meu?
Eu irey ôje buscar,
Quem me ajude a vir queymar
Toda esta casa sem pena,
Donde veja arder Almena
Com quem a vejo enganar.

Sae Anfitriam por huma porta, & entra por outra, vem Aurelio,& hum seu moço, & diz.

Aur. No hallo a mis males culpa
Para que merezca pena
La causa qne me condena.
Moç. Essa está gentil desculpa,
Para oje dar a Almena

Temno mandado chamar,
E elle está tam descuydado,

Aurelio.

Moço, queresme matar?
Que desculpa posso dar
Melhor que este meu cuydado?
Moç. E naõ ha mais, que fazer,
Com isso a boca me tapa
Para mais nada dizer?
Aur Ora dame câ essa capa,
E vamos ver, o que quer.
Nam trates de mais razão,
Pois nam ha quem te resiste,
Que veyo outra novação.
Moç. Que he?
Aur. Ou memente a vista
Ou eu vejo Anfitriam,
Moço Eu ouvi a Feliseo,
Quando cá trouxe o recado,
Como elle era chegado,
E quisme dizer, que veyo
Dosiso desconcertado.
Aur. Isso quero eu ri saber,
Pois que tal cousa se soa;
Señor podese dizer
Que a vinda seja muy boa,
Anf. Essa nam póde ella ser.
Aur. Porque nam?
Anf. Porque he roubada
Minha honra sem temor,
E minha casa tomada,
E vossa prima enganada
Por hum grande encantador.
Aur. Isso he certo?
Anf. E manifesto,
E tudo tem jà porseu
Adultero, & deshonesto,
Tem me tomado o meu gesto,
E fazlhe crer, que saõ eu.
Aur. Contais hum caso d'espanto,
E pois nam podes entrar,
Defendeyme por em tanto,
Que ey de là de chegar
Para ver, quem póde tanto.

Vayse Aurelio dentro, & diz Anfitrião.

Anf. Se ver deshonra tão clara
Me nam tivera o sentido,
Totalmente endoudecido,
Que gravemente chorara.
Ver tam grande amor perdido?
E quando vejo a verdade
Do nosso amor, & amizade
Desfeyto com tanta magoa,
Enchemseme os olhos de agoa,
E a alma de saudade.
Assi que quis minha estrella
Para nunca ser con[illegible]
Que agora estando presente
Viva mais saudoso della,
Que quando della era ausente,
Esta porta vejo abrir
Com impeto de masiado,
Que podereis presumir?
Que vejo Aurelio sair,
Como homem desatinado.

Vem Aurelio, & Belferrão, & Sosea, & diz Aurelio.

Aur. Oh estranha novidade,
O causa para nam crer.
Belf. venho cego de verdade,
Que não poderão sofrer
Meus olhos a claridade
Sos. Oh triste que vengo ciego
Con rayos, y con visiones,
Y destas encantaciones
Si nuestra casa arde en fuego,
Han se de arder mis colchones.

Aurelio.

Vamos a Anfitrião
Contarlhe cousas tamanhas.
Anf Que vay là que cousas vão?
Aur, Maravilhas tam estranhas
Que me treme o coração,
Porque aquelle homem, que assi
Tantos enganos teceo,
Como era cousa do Ceo
Tanto que eu apareci
Logo desapareceo.
E em desaparecendo
Com ruydo grande, & horrendo
Toda a casa alumiou,
E de arte nos inflamou,
Que nos viemos acolhendo,
Do rayo que nos cegou,
estes acontecimentos
Nam sam de humana pessoa
Vos ouvis a voz que soa
Escutay, estay atento
Vejamos, o que pregoa

Voz de Iupiter de dentro.

Anfitrião, que em teus dias
Ves tamanhas estranhezas,
Nam te espantem fantesias.
Que ás vezes grandes tristezas
Parem grandes alegrias.
Iupiter saõ manifesto
Nas obras de admiração,
Que por mi causadas saõ
Quisme vestir em teu gesto,
Por honrar tua geração.

Tu

Tua molher parirâ
Hum filho de mim [illegible]ado,
Que Hercules ſe chamarà,
O mais valente,& esforçado,
Que no mundo ſe acharâ
Com eſte teus ſucceſſores
Se honraráõ de ſerem teus,
E darlhehão os eſcriptores
Por doze trabalhos ſeus,
Doze milhões de louvores.
E deſſa iluſtre ſadiga
Colherás muy rico fruyto,
Em fim a razão me obriga,
Que tam pouca della diga,
Porque o tempo dirà muyto.

PROTESTAÇAM DA FE.

Aquella ſancta barca, que ſe emprega
Segura no alto mar com bom governo,
Que ao pobre peſcador firme ſe entrega,
Por mão do univerſal Senhor Eterno:
Que pois vê claro o porto, a que navega,
Sempre ondas vencerà do eſcuro Inferno,
A' Catholica Mãy Romana Igreja,
Quanto digo, & diſſer, ſugeyto ſeja.

LAVS DEO.